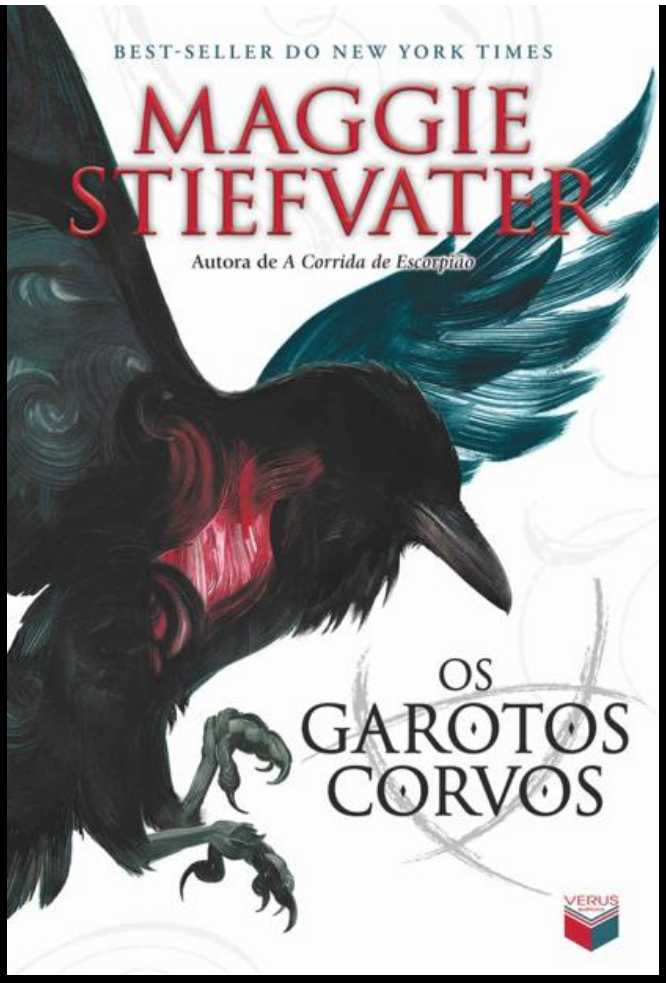

A
SAGA
DOS
CORVOS


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
MAGGIE STIEFVATER
Autora de A Corrida de Escorpião
OS GAROTOS CORVOS
VERUS

MAGGIE STIEFVATER



OS GAROTOS CORVOS

Tradução
Jorge Ritter

VERUS editora

Editora: Raïssa Castro **Coordenadora Editorial:** Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier **Revisão:** Cleide Salme Ferreira **Capa:** Christopher Stengel **Projeto gráfico:** André S. Tavares da Silva **Título original:** *The Raven Boys* ISBN: 978-85-7686-305-2

Copyright © Maggie Stiefvater, 2012
Todos os direitos reservados.
Edição publicada mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY, 10012, EUA.
Direitos de tradução acordados por Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona – www.uklitag.com.

Ilustração da capa © Adam S. Doyle, 2012

Tradução © Verus Editora, 2013
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S874g

Stiefvater, Maggie, 1981—
Os garotos corvos [recurso eletrônico] / Maggie Stiefvater; tradução Jorge Ritter. - Campinas, SP: Verus, 2013.
recurso digital: il.

Tradução de: The Raven Boys Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-305-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título.

13-04313

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Brenna,
que é boa em procurar coisas

Perscrutando a escuridão, ali me quedei, imaginando, temendo, Duvidando, sonhando sonhos que nenhum mortal jamais ousou sonhar...
— Edgard Allan Poe

Um sonhador é aquele que só consegue encontrar seu caminho à luz do luar, e sua punição é ver o amanhecer antes do resto do mundo.
— Oscar Wilde

SUMÁRIO

Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

AGRADECIMENTOS

A essa altura, tenho a sensação de que agradeço sempre aos mesmos suspeitos. Mas devo isso a eles, realmente. Agradeço a todos na Scholastic, particularmente a meu editor, David Levithan, pela paciência durante a gestação prolongada deste romance. A Dick e Ellie, por continuarem acreditando em mim. A Rachel C., Tracy e Stacy, pelo entusiasmo ilimitado, não importa quão bizarra seja minha ideia. A Becky, pela bebida que não bebi, mas que Gansey bebeu. Licor de cacau.

Um viva especial vai para o pessoal da Scholastic UK: Alyx, Alex, Hannah e Catherine, por trabalharem duro para me deixar por dentro das linhas ley.

Obrigada à minha agente, Laura Rennert, que me deixa correr com tesouras, e a minhas incansáveis parceiras de crítica, Tessa "Mortinha da Silva" Gratton e Brenna "Que Interessante" Yovanoff.

Também sou grata a todos que leram para mim: Jackson Pearce, tão brilhante; Carrie, que realmente faz um ótimo guacamole; Kate, a primeira e última leitora; meu pai, pelas armas perigosas; e minha mãe, pelos círculos neolíticos de pedra. Obrigada também a

Natalie, que não leu o livro, mas me passou umas músicas horríveis que me ajudaram muito.

E, como não poderia deixar de ser, agradeço ao meu marido, Ed, que sempre faz a magia parecer óbvia.

PRÓLOGO

Blue Sargent havia esquecido quantas vezes lhe disseram que ela mataria o seu verdadeiro amor.

Sua família vendia previsões. Previsões que tendiam, no entanto, para o lado das generalidades. Coisas como: “Algo terrível acontecerá com você hoje. Pode envolver o número seis”. Ou: “Está vindo dinheiro. Abra a mão para recebê-lo”. Ou: “Você tem uma grande decisão a tomar e ela não vai se resolver sozinha”.

As pessoas que iam à pequena casa azul-clara na Rua Fox, 300, não se importavam com a natureza imprecisa das leituras. Tornava-se um jogo, um desafio, perceber o momento exato em que as previsões se realizavam. Quando uma caminhonete com seis pessoas bateu no carro de um cliente duas horas após sua leitura paranormal, ele pôde assentir para si mesmo com um sentimento de realização e libertação. Quando um vizinho se ofereceu para

comprar o velho cortador de grama de outra cliente, caso ela estivesse precisando de uma grana extra, ela pôde se lembrar da promessa do dinheiro que viria e vendeu o cortador com o sentimento de que a transação havia sido prevista. Ou quando um terceiro cliente ouviu sua esposa dizer: "É uma decisão que precisa ser tomada", ele pôde se lembrar das mesmas palavras sendo ditas por Maura Sargent diante das cartas de tarô sobre a mesa e então partir, decidido, para a ação.

Mas a imprecisão das leituras roubava parte de seu poder. As previsões podiam ser julgadas como coincidências ou palpites. Eram uma risadinha no estacionamento do Walmart quando você encontrava acidentalmente um velho amigo, como havia sido previsto. Um arrepio quando o número dezessete aparecia em uma conta de luz. Uma compreensão de que, ainda que você tivesse descoberto o futuro, seu modo de viver o presente não mudaria em nada. Elas eram verdadeiras, mas não eram toda a verdade.

— Devo avisar — Maura sempre dizia aos novos clientes — que essa leitura será precisa, mas não específica.

Era mais fácil assim.

Mas não era isso o que diziam a Blue. Em todas as ocasiões, abriam-lhe bem os dedos e examinavam-

lhe a palma da mão, tiravam cartas de baralhos aveludados e as espalhavam sobre o tapete da sala de um amigo da família. Pressionavam-lhe o polegar contra o terceiro olho, místico e invisível, que dizem se encontrar entre as sobrancelhas de todos. Lançavam-se runas e interpretavam-se sonhos. Analisavam-se minuciosamente folhas de chá e conduziam-se sessões.

Todas as mulheres chegavam à mesma conclusão, direta e inexplicavelmente precisa. Todas elas concordavam num ponto, entre as muitas linguagens de clarividência diferentes:

Se Blue beijasse seu verdadeiro amor, ele morreria.

Por muito tempo, isso a incomodou. O aviso era específico, por certo, mas saído de um conto de fadas. Não dizia como seu verdadeiro amor morreria. Não dizia por quanto tempo após o beijo ele sobreviveria. Teria de ser um beijo nos lábios? Um beijinho ingênuo no dorso da mão seria igualmente mortal?

Até os onze anos, Blue esteve convencida de que contrairia sem saber uma doença infecciosa. Uma pressão nos lábios de sua hipotética alma gêmea e ele também morreria em uma batalha devastadora, intratável pela medicina moderna. Quando fez treze anos, achou que, em vez disso, o ciúme o mataria —

um ex-namorado surgiria no momento daquele primeiro beijo, portando uma arma e um coração cheio de dor.

Aos quinze anos, Blue concluiu que as cartas de tarô de sua mãe eram apenas cartas de jogar e que os sonhos dela e das outras mulheres clarividentes eram movidos por coquetéis e não por visões de outro mundo. Assim, a previsão não importava.

Mas ela sabia que não era assim. As previsões que saíam da Rua Fox, 300, eram pouco específicas, mas inegavelmente verdadeiras. A mãe de Blue havia sonhado com o pulso quebrado da filha no primeiro dia na escola. Sua tia Jimi previra a devolução de impostos de Maura com uma margem de erro de dez dólares. Sua prima mais velha, Orla, sempre começava a cantarolar sua canção favorita alguns minutos antes de ela tocar no rádio.

Ninguém na casa jamais chegara a duvidar de que Blue estava destinada a matar seu verdadeiro amor com um beijo. Era uma ameaça, entretanto, que estivera à sua volta por tanto tempo que perdera a força. Pensar em Blue, aos seis anos, apaixonada era uma coisa tão distante a ponto de ser imaginária.

E, aos dezesseis anos, ela decidira que nunca se apaixonaria, então não havia por que se importar.

Mas essa crença mudou quando a meia-irmã de sua mãe, Neeve, chegou à cidadezinha de Henrietta, onde elas moravam. Neeve ficara famosa fazendo com estardalhaço o que a mãe de Blue fazia em silêncio. As leituras de Maura eram feitas na sala de estar, quase sempre para moradores de Henrietta e do vale que contornava a cidade. Neeve, por sua vez, fazia leituras na televisão, às cinco horas da manhã. Tinha um site que trazia antigas fotografias dela em foco suave, encarando diretamente o visitante. Quatro livros a respeito do sobrenatural traziam seu nome na capa.

Blue nunca havia encontrado Neeve, portanto sabia mais sobre sua meia-tia por pesquisas na rede do que por experiência pessoal. Também não tinha certeza do motivo pelo qual Neeve vinha visitá-las, mas sabia que sua chegada iminente incitara uma legião de conversas sussurradas entre Maura e suas duas melhores amigas, Persephone e Calla — o tipo de conversa que se extinguia em goles de café e batidas de caneta na mesa quando Blue entrava na sala. Mas a garota não estava muito preocupada com a chegada da tia; o que era uma mulher a mais em uma casa cheia delas?

Neeve finalmente apareceu em uma noite de primavera, quando as longas sombras das montanhas a

oeste pareciam ainda mais extensas que de costume. Quando Blue abriu a porta para Neeve, pensou por um momento que se tratava de uma senhora desconhecida, mas então seus olhos se acostumaram à luz escarlate que se alastrava vinda do meio das árvores e ela percebeu que Neeve era apenas um pouco mais velha que Maura, o que não era ser muito velha, afinal.

Na rua, ao longe, os cães de caça latiam. Blue já estava acostumada com suas vozes; a cada outono, o Clube de Caça de Aglionby saía com seus cavalos e cães para a caça à raposa, quase todos os fins de semana. Blue sabia o que aqueles uivos frenéticos significavam naquele momento. Eles estavam em perseguição.

— Você é a filha de Maura — disse Neeve e, antes que Blue pudesse responder, acrescentou: — Este é o ano em que você se apaixonará.



O tempo estava congelante no adro da igreja, mesmo antes de os mortos chegarem.

Todos os anos, Blue e sua mãe, Maura, iam ao mesmo lugar, e todos os anos fazia frio. Mas aquele ano, sem Maura ali com ela, parecia pior.

Era 24 de abril, véspera do Dia de São Marcos. Para a maioria das pessoas, o Dia de São Marcos ia e vinha sem que o notassem. Não era feriado escolar. Não se trocavam presentes. Não havia fantasias ou festivais. Não havia promoções do Dia de São Marcos, não havia cartões do Dia de São Marcos nas prateleiras das lojas, nenhum programa de televisão especial que fosse ao ar apenas uma vez no ano. Ninguém marcava o dia 25 de abril no calendário. Na realidade, a maioria das pessoas vivas nem sabia que são Marcos tinha um dia em sua homenagem.

Mas os mortos se lembravam.

Enquanto Blue tremia, sentada sobre o muro de pedra, pensou que *pelo menos* não estava chovendo naquele ano.

Era para aquele lugar que Maura e Blue iam em todas as vésperas do Dia de São Marcos: uma igreja isolada tão velha que seu nome havia sido esquecido. A ruína estava envolta pela densa vegetação das colinas, nas cercanias de Henrietta, distante ainda vários quilômetros das montanhas propriamente ditas. Apenas as paredes exteriores permaneciam; o teto e o piso haviam desabado há muito tempo. O que não havia apodrecido estava escondido debaixo de trepadeiras ávidas e árvores jovens de cheiro rançoso. A igreja era cercada por um muro de pedra, interrompido apenas por um portão coberto, largo o suficiente para um caixão e seus condutores. Um caminho teimoso que parecia impermeável a ervas daninhas levava até a velha porta da igreja.

— Ah — sibilou Neeve, gorducha, mas estranhamente elegante, ao se sentar ao lado de Blue sobre o muro. Blue se impressionou outra vez, como no momento em que a conhecera, com suas mãos peculiarmente atraentes. Punhos roliços levavam a palmas suaves como as de uma criança e a dedos delgados com unhas ovais.

— Ah — murmurou Neeve novamente. — Esta é uma daquelas noites.

Foi assim que ela disse: "Esta é uma *daquelas* noites", e nesse momento Blue sentiu a pele se arrepiar um pouco. Ela havia ficado de vigília com a mãe pelas últimas dez vésperas de são Marcos, mas aquela noite parecia diferente.

Era uma *daquelas* noites.

Naquele ano, pela primeira vez, e por razões que Blue não compreendia, Maura havia mandado Neeve para fazer a vigília na igreja em seu lugar. Havia perguntado a Blue se ela iria, como de costume, mas não foi bem uma pergunta. Blue sempre fora; iria dessa vez também. Não era como se tivesse feito planos para a véspera de são Marcos. Mas tinha de ser consultada. Maura havia decidido em algum momento, antes do nascimento de Blue, que era desumano dar ordens às crianças, e assim a garota havia crescido cercada por pontos de interrogação imperativos.

Blue abriu e fechou as mãos geladas. As bordas das luvas sem dedos estavam puídas. Ela as havia tricotado, muito mal, no ano passado, mas mesmo assim elas mantinham certa elegância ordinária. Se Blue não fosse tão vaidosa, poderia usar as luvas sem graça, mas funcionais, que ganhara no Natal. Mas ela

era vaidosa, por isso usava as luvas sem dedos e puídas, infinitamente mais legais, embora não tão quentes, e não havia ninguém para vê-las, a não ser Neeve e os mortos.

Os dias de abril em Henrietta eram com frequência belos e suaves, induzindo árvores preguiçosas a florescer e joaninhas apaixonadas a bater contra as vidraças. Mas não naquela noite. Parecia inverno.

Blue consultou o relógio. Faltavam poucos minutos para as onze horas. As lendas antigas recomendavam que a vigília na igreja fosse feita à meia-noite, mas os mortos não eram pontuais, em especial quando não havia lua.

Diferentemente de Blue, que não tendia à paciência, Neeve era uma estátua majestosa sobre o muro da velha igreja: mãos sobrepostas, tornozelos cruzados por baixo da longa saia de lã. Blue, encolhida, mais baixa e mais magra, era uma gárgula agitada e cega. Não era uma noite para seus olhos comuns. Era uma noite para videntes e paranormais, bruxas e médiuns.

Em outras palavras, o resto de sua família.

Em meio ao silêncio, Neeve perguntou:

— Está ouvindo algo? — Seus olhos brilhavam na escuridão.

— Não — respondeu Blue, pois não ouvia nada. Então ela se perguntou se Neeve perguntara isso porque *ela* sim ouvira algo.

Neeve a encarava com o mesmo olhar que usava em todas as suas fotos no site — um olhar fixo e sobrenatural, deliberadamente enervante, que durava vários segundos a mais do que seria confortável. Alguns dias após a chegada de Neeve, Blue ficara perturbada o suficiente para mencionar isso para Maura. As duas estavam apinhadas no único banheiro, Blue se aprontando para a escola e Maura para o trabalho.

Enquanto tentava prender todas as partes do cabelo escuro em um rabo de cavalo rudimentar, a garota perguntou:

— Ela precisa encarar as pessoas daquele jeito?

No chuveiro, sua mãe desenhava formas no boxe de vidro coberto de vapor. Ela parou para rir, um lampejo da pele visível através das linhas longas e cruzadas que ela havia desenhado.

— É a marca registrada dela.

Blue pensou que talvez houvesse coisas melhores pelas quais ser conhecida.

No adro, Neeve disse enigmaticamente:

— Há muito para ouvir.

A questão era que não havia. No verão, os contrafortes estavam vivos com insetos zunindo, tordos assobiando para lá e para cá, corvos ralhando com os carros. Mas aquela noite estava fria demais para qualquer coisa ainda estar acordada.

— Eu não ouço coisas assim — disse Blue, um pouco surpresa de que Neeve ainda não soubesse disso. Na família acentuadamente clarividente de Blue, ela era uma casualidade, uma estranha às conversas vibrantes que sua mãe, tias e primas mantinham com o mundo escondido para a maioria das pessoas. A única coisa especial sobre ela era algo que ela mesma não conseguia experimentar. — Eu ouço tanto dessas conversas quanto o telefone. Eu só torno as coisas mais intensas para os outros.

Neeve ainda a encarava.

— Então é por isso que a Maura estava tão ansiosa para que você viesse comigo. Ela chama você para todas as leituras também?

O pensamento fez Blue estremecer. Um número considerável de clientes que entravam na casa da Rua Fox, 300, era de mulheres infelizes, esperando que Maura visse amor e dinheiro em seu futuro. A ideia de se ver presa em casa com isso o dia inteiro era torturante. Blue sabia que com certeza era tentador para sua mãe tê-la presente, para tornar seus poderes

paranormais mais fortes. Quando era mais jovem, a garota nunca havia entendido que Maura a chamasse tão poucas vezes para se juntar a ela em uma leitura, mas, agora que compreendia quanto aprimorava o talento das outras pessoas, ela ficava impressionada com a moderação de Maura.

— Não, a não ser que seja uma leitura muito importante — ela respondeu.

O olhar de Neeve havia passado da linha sutil entre o desconcertante e o horripilante. Então ela disse:

— Isso é algo de que você devia se orgulhar, sabia? Tornar mais forte o dom paranormal de outra pessoa é algo raro e valioso.

— *Pfff* — exclamou Blue, não de forma cruel, mas tentando ser engraçada. Ela tivera dezesseis anos para se acostumar à ideia de que não tinha intimidade com o sobrenatural e não queria que Neeve pensasse que ela estava experimentando uma crise de identidade a respeito. Blue puxou um fio da luva.

— E você tem muito tempo para desenvolver seus próprios talentos intuitivos — acrescentou Neeve, com um olhar parecendo faminto.

Blue não respondeu. Ela não estava interessada em ler o futuro de outras pessoas. Estava interessada em correr atrás do próprio futuro.

Neeve finalmente baixou o olhar. Traçando um dedo preguiçoso pela terra sobre as pedras entre elas, disse:

— Eu passei por uma escola a caminho da cidade. Academia Aglionby. É lá que você estuda?

Os olhos de Blue se abriram com humor. Mas é claro que a tia, uma pessoa de fora, não poderia saber. Mesmo assim, ela podia ter deduzido, pelo saguão enorme de pedra e o estacionamento cheio de carros que falavam alemão, que aquele não era o tipo de escola que ela e a mãe podiam pagar.

— É uma escola só para garotos. Para filhos de políticos, de barões do petróleo e... — Blue se esforçou para pensar em quem mais seria rico o suficiente para mandar seus filhos para Aglionby — para os filhos de amantes que vivem de suborno.

Neeve elevou uma sobrancelha sem voltar os olhos.

— Não, sério, eles são horríveis — disse Blue.

Abril era uma época difícil para os garotos da Aglionby; à medida que esquentava, os conversíveis apareciam, trazendo garotos em bermudas tão ridículas que só os ricos teriam coragem de usar. Durante a semana escolar, todos vestiam o uniforme da Aglionby: calça cáqui e um blusão com gola em v

com o emblema de um corvo. Era uma maneira fácil de identificar o exército que avançava. Garotos corvos.

Blue continuou:

— Eles acham que são melhores que a gente e que todas nós somos malucas por eles. E bebem até cair todos os fins de semana e picham as placas de saída de Henrietta.

A Academia Aglionby era a razão número um pela qual Blue havia desenvolvido suas duas regras: primeira, fique longe dos garotos, porque eles trazem problemas. E segunda, fique longe dos garotos da Aglionby, porque eles são uns canalhas.

— Você parece ser uma adolescente muito sensata — disse Neeve, o que incomodou Blue, pois ela já sabia que era uma adolescente muito sensata. Quando você tinha tão pouco dinheiro como os Sargent, a sensatez em relação a todas as questões era entranhada desde cedo.

Na luz ambiente da lua quase cheia, Blue percebeu o que Neeve havia desenhado na terra. E perguntou:

— O que é isso? Minha mãe já fez esse desenho.

— É mesmo? — perguntou Neeve. Elas estudaram as formas. Eram três linhas curvas que se cruzavam, formando uma espécie de triângulo longo. — Ela disse o que era?

— Ela estava desenhando isso no boxe do chuveiro, mas não perguntei.

— Eu sonhei com isso — disse Neeve, em um tom de voz baixo que enviou um arrepio desagradável pela nuca de Blue. — Eu queria ver como ficava desenhado.

Ela esfregou a palma sobre o desenho, então abruptamente ergueu uma bela mão e disse:

— Acho que eles estão vindo.

Era por isso que Blue e Neeve estavam ali. Todos os anos, Maura se sentava no muro, com os joelhos puxados até o queixo, olhava para o vazio e recitava nomes para Blue. Para ela, o adro seguia vazio, mas, para Maura, ele estava cheio de mortos. Não de pessoas que já estavam mortas, mas dos espíritos daqueles que morreriam nos próximos doze meses. Para Blue, aquilo sempre fora como ouvir metade de uma conversa. Às vezes sua mãe reconhecia os espíritos, mas frequentemente tinha de se inclinar para frente para perguntar o nome deles. Maura lhe explicara certa vez que, se a filha não estivesse ali, ela não poderia convencê-los a lhe responder — os mortos não conseguiriam ver Maura sem a presença de Blue.

Blue nunca se cansava de se sentir particularmente necessária, mas às vezes ela gostaria que *necessária*

parecesse menos com um sinônimo de *útil*.

A vigília na igreja era crucial para um dos serviços mais incomuns de Maura. Contanto que os clientes vivessem na região, ela garantia que os avisaria se eles ou um ente querido estivessem prestes a morrer nos próximos doze meses. Quem não pagaria por isso? Bem, a resposta na verdade era: a maior parte do mundo, já que a maioria das pessoas não acreditava em fenômenos paranormais.

— Você está vendo alguma coisa? — perguntou Blue, esfregando bem as mãos dormentes antes de pegar um caderno e uma caneta no muro.

Neeve estava absolutamente imóvel.

— Algo tocou meu cabelo agora há pouco.

Mais uma vez, um arrepio subiu pelos braços de Blue.

— Um deles?

Em um tom de voz rouco, Neeve disse:

— Os futuros mortos têm de seguir o caminho dos corpos pelo portão. Esse provavelmente é outro... espírito chamado pela sua energia. Eu não percebi o efeito que você teria.

Maura nunca havia mencionado *outras* pessoas mortas sendo atraídas por Blue. Talvez ela não quisesse assustá-la. Ou talvez Maura simplesmente

não as tivesse visto — talvez ela fosse tão cega para esses outros espíritos quanto Blue.

Blue se sentiu desconfortável com uma brisa mais rápida que lhe tocou o rosto, fazendo levantar o cabelo encrespado de Neeve. Uma coisa eram espíritos invisíveis e ordeiros de pessoas ainda não verdadeiramente mortas. Outra eram fantasmas que não estavam a fim de permanecer no caminho.

— Eles estão... — Blue começou a falar.

— Quem é você? Robert Neuhmann — interrompeu-a Neeve. — Qual é o seu nome? Ruth Vert. Qual é o seu nome? Frances Powell.

Rabiscando rapidamente para acompanhá-la, Blue escrevia os nomes foneticamente, conforme Neeve perguntava. De tempos em tempos, erguia o olhar para o caminho, tentando ver... *algo*. Mas, como sempre, só via o capim crescido, os carvalhos quase imperceptíveis e a boca negra da igreja, aceitando espíritos invisíveis.

Nada para ouvir, nada para ver. Nenhuma evidência dos mortos, exceto pelos nomes escritos no caderno que tinha na mão.

Talvez Neeve estivesse certa. Talvez Blue estivesse tendo uma espécie de crise de identidade. Em alguns dias, parecia um pouco injusto que toda a

maravilha e o poder que cercavam sua família tivessem passado para Blue na forma de papelada.

Pelo menos eu ainda posso fazer parte disso, pensou Blue de um jeito sério, apesar de se sentir tão incluída quanto um cão-guia para cegos. Segurou o caderno bem próximo do rosto, a fim de ler no escuro. Era uma lista de nomes comuns setenta ou oitenta anos atrás: Dorothy, Ralph, Clarence, Esther, Herbert, Melvin. Um monte dos mesmos sobrenomes, também. O vale estava dominado por várias famílias antigas e numerosas, talvez influentes.

Em algum lugar fora dos pensamentos de Blue, o tom de Neeve ficou mais enfático.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou. — *Com licença*. Qual é o seu nome?

A expressão consternada parecia errada em seu rosto. Por hábito, Blue seguiu o olhar de Neeve até o centro do adro.

E ela viu alguém.

O coração de Blue martelava no peito. Do outro lado do batimento cardíaco, ele ainda estava ali. Onde não deveria haver nada, havia uma pessoa.

— Eu estou vendo — disse Blue. — Neeve, *eu estou vendo*.

Blue sempre imaginara a procissão de espíritos como algo ordenado, mas aquele ali perambulava,

hesitante. Era um jovem de calça e blusão, com o cabelo despenteado. Não era exatamente transparente, tampouco estava ali de verdade. Sua figura era escura como água suja, e seu rosto, indistinto. Não havia um traço que o identificasse, exceto sua juventude.

Ele era tão jovem — essa era a parte mais difícil de se acostumar.

Enquanto Blue o observava, ele fez uma pausa e colocou os dedos do lado do nariz e na têmpora. Era um gesto tão estranhamente *vivo* que Blue se sentiu um pouco enjoada. Então ele tropeçou para frente, como se tivesse sido empurrado por trás.

— Pegue o nome dele — sussurrou Neeve. — Ele não me responde e eu preciso pegar os outros.

— Eu? — Blue respondeu, escorregando do muro. O coração ainda batia forte dentro do peito. Então ela perguntou, sentindo-se um pouco boba. — Qual é o seu nome?

Ele não parecia ouvi-la. Sem um traço de reconhecimento, ele começou a se mover novamente, lento e confuso, na direção da porta da igreja.

É assim que encontramos o caminho para a morte?, perguntou-se Blue. *Um desaparecer trôpego em vez de um final consciente?*

Enquanto Neeve começava a fazer perguntas para os outros, Blue abriu caminho na direção do sujeito

que perambulava.

— Quem é você? — chamou de uma distância segura, enquanto ele segurava a testa com as mãos. Sua forma não seguia nenhuma linha, ela via agora, e seu rosto era verdadeiramente desprovido de traços. Não havia nada a respeito dele, realmente, que lhe desse uma forma humana, mas mesmo assim ela via um garoto. Havia algo contando para sua mente o que ele era, mesmo que não estivesse contando para seus olhos.

Não havia emoção em vê-lo, como ela achou que teria. Tudo que ela conseguia pensar era: *Ele estará morto em um ano*. Como Maura aguentava isso?

Blue se aproximou furtivamente. Quando estava próxima o suficiente para tocá-lo, ele começou a caminhar novamente, ainda sem dar sinal de que a via.

Suas mãos estavam congelando por causa daquela proximidade. Seu coração também. Espíritos invisíveis sem calor próprio lhe sugavam a energia, deixando-a arrepiada nos braços.

O jovem parou na soleira da igreja, e Blue sabia, simplesmente *sabia*, que se ele entrasse ali ela perderia a chance de pegar seu nome.

— Por favor — disse ela, de maneira mais suave do que antes. E estendeu uma mão, tocando a ponta do blusão ausente. Um frio aterrorizante percorreu seu

corpo. Ela tentou se firmar com o que sempre ouvira dizer: espíritos tiravam sua energia das cercanias. Tudo que ela sentia era que ele a usava para ficar visível.

Mas ainda assim aquilo parecia aterrorizante.

Ela perguntou:

— Você vai me dizer o seu nome?

Ele a encarou, e Blue ficou chocada ao perceber que ele usava um blusão da escola Aglionby.

— Gansey — ele disse.

Apesar de seu tom de voz ser baixo, não era um sussurro. Era uma voz real, falada de algum lugar quase distante demais para ser ouvido.

Blue não conseguia parar de olhar para seu cabelo despenteado, a sugestão de olhos que a encaravam, o corvo estampado no blusão. Ela viu os ombros dele encharcados, e o resto da roupa salpicado de chuva, de uma tempestade que ainda não havia acontecido. Estava tão próxima dele que podia perceber uma fragrância de hortelã, que não sabia ao certo se era específica dele ou específica dos espíritos.

Ele era tão real. Quando finalmente aconteceu, quando ela finalmente o viu, não pareceu nenhum truque de mágica. Era como se ela estivesse olhando para o túmulo e vendo-o olhar de volta para ela.

— Isso é tudo? — ela sussurrou.

Gansey fechou os olhos.

— É só isso.

Ele caiu de joelhos — um gesto silencioso para um garoto sem um corpo real. Uma mão se abriu na terra, os dedos pressionando o chão. Blue viu a escuridão da igreja mais claramente do que a forma curva do ombro dele.

— Neeve — disse Blue. — Neeve, ele está... morrendo.

Neeve se postou logo atrás dela e respondeu:

— Ainda não.

Gansey havia praticamente sumido, desvanecendo igreja adentro, ou a igreja desvanecendo nele.

A voz de Blue saiu mais sussurrada do que ela gostaria.

— Por quê? Por que eu consigo vê-lo?

Neeve olhou por cima do ombro, porque havia mais espíritos entrando ou porque não havia mais nenhum — Blue não sabia dizer. Quando olhou de volta, Gansey havia desaparecido completamente. Blue começou a sentir o calor voltando para o corpo, mas havia algo gelado atrás de seus pulmões. Uma tristeza perigosa, sugadora, parecia estar se abrindo dentro dela: luto ou arrependimento.

— Existem apenas duas razões para uma não vidente ver um espírito na véspera do Dia de São

Marcos, Blue. Ou você é o verdadeiro amor dele — disse Neeve —, ou você o matou.



— Sou eu — disse Gansey.

Ele se virou de frente para o carro. O capô laranja-vivo do Camaro estava levantado, mais como um símbolo de derrota do que para servir a algum uso prático. Adam, amigo de todos os carros, talvez conseguisse determinar o que havia de errado dessa vez, mas Gansey certamente não. Ele havia conseguido rolar até o acostamento, a pouco mais de um metro da interestadual, e agora os pneus largos jaziam sobre tufos altos de capim. Um caminhão passou zunindo, e o Camaro estremeceu em seu rastro.

Do outro lado do telefone, Ronan Lynch, seu colega de quarto, respondeu:

— Você perdeu a aula de história geral. Achei que você estivesse morto em uma vala.

Gansey girou o pulso para examinar o relógio. Ele havia perdido bem mais do que a aula de história

geral. Eram onze horas, e o frio da noite passada parecia improvável. Um mosquito estava grudado na pele, próximo da pulseira do relógio. Ele se livrou do inseto com um piparote. Certa vez, quando era mais jovem, ele e o pai haviam acampado. Havia barracas, sacos de dormir e uma Range Rover ociosa estacionada próxima para quando ele e o pai perdessem o interesse. Como experiência, não havia sido nada como a noite passada.

Ele perguntou:

— Você anotou a matéria para mim?

— Não — respondeu Ronan. — Achei que você estivesse morto em uma vala.

Gansey cuspiu fora a areia da boca e recolocou o telefone no ouvido. *Ele* teria anotado a matéria para Ronan.

— O Pig parou. Vem me buscar.

Um sedã diminuiu a velocidade quando passou por ele, com os ocupantes olhando para fora da janela. Gansey não era um garoto de aparência desagradável e o Camaro não era uma visão tão dura assim também, mas aquela atenção tinha menos a ver com beleza e mais com a surpresa de ver um garoto da Aglionby em um carro descaradamente laranja quebrado na beira da estrada. Gansey sabia que não havia nada que a pequena Henrietta, Virgínia, gostasse mais do que ver

coisas humilhantes acontecerem com garotos da Aglionby, a não ser que fossem coisas humilhantes acontecerem com suas famílias.

Ronan disse:

— Tá zoando, cara.

— Até parece que você vai para a aula. E depois é hora do almoço de qualquer jeito. — Então ele acrescentou, como quem cumpre uma obrigação: — Por favor.

Ronan ficou em silêncio por um longo tempo. Ele era bom nisso; sabia que deixava as pessoas desconfortáveis. Mas Gansey era imune, pois já conhecia aquela tática. Inclinou-se para dentro do carro para ver se havia comida no porta-luvas, enquanto esperava que Ronan falasse. Ao lado de um autoinjetor de adrenalina, havia um pacote de carne desidratada, mas o prazo de validade havia expirado dois anos atrás. Talvez já estivesse ali quando ele comprara o carro.

— Onde você está? — perguntou Ronan finalmente.

— Perto da placa de Henrietta, na 64. Traga um hambúrguer. E alguns litros de gasolina. — O carro não ficara sem gasolina, mas mal não podia fazer.

A voz de Ronan era ácida.

— Gansey.

— Traga o Adam também.

Ronan desligou. Gansey tirou o blusão e o jogou na parte traseira do Camaro. O espaço ínfimo ali atrás era um casamento desordenado de objetos cotidianos — um livro de química, um caderno manchado de frappuccino, um porta-CDs meio aberto, com discos soltos se espalhando pelo banco — e as provisões que ele adquirira durante seus dezoito meses em Henrietta. Mapas amarrotados, folhas impressas, o diário sempre presente, uma lanterna e a vara de radiestesia. Quando Gansey tirou um gravador digital da bagunça, um recibo de pizza (grande, meia calabresa, meia abacate) esvoaçou até o banco, juntando-se a meia dúzia de recibos idênticos, exceto pela data.

Durante toda a noite, ele ficara sentado do lado de fora da monstruosamente moderna Igreja do Sagrado Redentor, com o gravador rodando e os ouvidos atentos, esperando por... algo. A atmosfera não era nada mágica. Possivelmente não era o melhor lugar para tentar fazer contato com os futuros mortos, mas Gansey alimentava grande esperança no poder da véspera do Dia de São Marcos. Não era que ele esperasse ver os mortos. Todas as fontes diziam que os observadores de igrejas tinham de possuir "a segunda visão", e Gansey mal possuía a primeira antes de

colocar suas lentes de contato. Ele apenas esperava por...

Algo. E foi isso que conseguiu. Ele só não estava absolutamente certo do que seria aquele *algo*.

Com o gravador digital nas mãos, ele se sentou encostado contra o pneu traseiro para esperar, deixando que o carro o protegesse do deslocamento de vento dos veículos que passavam. Do outro lado da barreira de proteção, um campo verde se estendia em declive até as árvores. Mais adiante, elevava-se o cimo azul misterioso das montanhas.

Na ponta empoeirada do sapato, Gansey desenhou a forma em arco da suposta linha de energia sobrenatural que o levara até ali. À medida que a brisa da montanha corria em seus ouvidos, ela soava como um grito abafado — não um sussurro, mas um grito alto de um lugar quase distante demais para ser ouvido.

A questão era que Henrietta parecia um lugar onde a magia podia acontecer. O vale parecia sussurrar segredos. Era mais fácil acreditar que eles não se revelariam para Gansey do que que não existiam.

Por favor, apenas me digam onde vocês estão.

Seu coração doía de anseio por eles, um anseio não menos doloroso por ser difícil de explicar.

O BMW "nariz de tubarão" de Ronan Lynch parou atrás do Camaro, a pintura, normalmente de um carvão lustroso, empoeirada do verde do pólen. Gansey sentiu o baixo do estéreo nos pés um momento antes de reconhecer qual era a música. No banco do passageiro estava Adam Parrish, o terceiro membro do quarteto que constituía os amigos mais próximos de Gansey. O nó da gravata de Adam estava arrumado acima da gola do blusão. A mão delgada pressionava firmemente o celular fino de Ronan contra o ouvido.

Pela porta aberta do carro, Adam e Gansey trocaram um breve olhar. As sobrancelhas franzidas de Adam perguntaram: *Encontrou algo?*, e os olhos arregalados de Gansey responderam: *Você que me diz.*

Com a expressão fechada, Adam baixou o volume no estéreo e disse algo ao telefone.

Ronan bateu a porta do carro — ele batia tudo — antes de se dirigir para o porta-malas. Então disse:

— O idiota do meu irmão quer que a gente encontre com ele no Nino's hoje à noite. E com a *Ashley*.

— É ele no telefone? — perguntou Gansey. — O que é *Ashley*?

Ronan retirou uma lata de gasolina do porta-malas, fazendo pouco esforço para evitar que o

recipiente oleoso encostasse em sua roupa. Assim como Gansey, ele usava o uniforme da Aglionby, mas, como sempre, conseguia fazê-lo parecer o mais reles possível. A gravata fora amarrada segundo um método mais bem descrito como *desdém*, e a barra da camisa aparecia, amarfanhada, por baixo do blusão. O sorriso era fino e incisivo. Se seu BMW lembrava um tubarão, havia aprendido com o dono.

— A nova do Declan. A gente tem que ficar bonitinho para ela.

Gansey se incomodava com ter de agradar o irmão mais velho de Ronan, aluno do último ano da Aglionby, mas ele compreendia por que eles precisavam fazer isso. A liberdade na família Lynch era uma coisa complicada e, no momento, Declan tinha as chaves dela.

Ronan trocou a lata de combustível pelo gravador.

— Ele quer fazer isso hoje à noite porque sabe que eu tenho aula.

A tampa do tanque de combustível do Camaro estava localizada atrás da placa do carro, acionada por uma mola, e Ronan observou em silêncio enquanto Gansey lutava, ao mesmo tempo, com a tampa, a lata de gasolina e a placa.

— Você devia ter feito isso — Gansey lhe disse. — Já que não se importa de sujar a camisa.

Indiferente, Ronan coçou uma casca de ferida antiga, amarronzada, por baixo das cinco pulseiras de couro entrelaçadas em torno do punho. Na semana anterior, ele e Adam haviam se revezado arrastando um ao outro em um carrinho atrás do BMW, e ambos ainda tinham as marcas para provar.

— Me pergunte se eu achei alguma coisa — disse Gansey.

Suspirando, Ronan virou o gravador na direção dele.

— Você achou alguma coisa?

Ele não parecia muito interessado, mas isso fazia parte da marca registrada de Ronan Lynch. Era impossível dizer quão profundo seu desinteresse realmente era.

O combustível estava vazando lentamente sobre a calça cara de algodão de Gansey, a segunda que ele arruinara em um mês. Não é que ele fizesse questão de ser descuidado — como Adam havia lhe dito repetidas vezes: "As coisas custam *dinheiro*, Gansey" —, apenas nunca parecia se dar conta das consequências de seus atos até que fosse tarde demais.

— Eu gravei mais ou menos quatro horas de áudio e achei... algo. Mas não sei o que quer dizer. — Ele gesticulou na direção do gravador. — Toca aí.

Ronan se virou para contemplar a interestadual e apertou o play. Por um momento houve um mero silêncio, quebrado apenas pelo ruído agudo e indiferente de grilos. Então a voz de Gansey: "Gansey".

Uma longa pausa. Gansey passou um dedo lentamente pelo cromo marcado do para-choque do Camaro. Ainda era estranho ouvir a si mesmo na gravação, sem se lembrar de ter dito aquelas palavras.

Então, como se de uma grande distância, uma voz feminina, as palavras difíceis de compreender: "Isso é tudo?"

Ronan disparou um olhar desconfiado na direção de Gansey, que levantou o dedo: *Espere*. Vozes murmuradas, mais baixas que antes, sibilaram do gravador, nada claro a respeito delas, exceto a cadência: perguntas e respostas. E então sua voz desencarnada falou do gravador novamente: "É só isso".

Ronan lançou um olhar de volta para Gansey ao lado do carro, fazendo o que este chamava de respiração de fumante: longa inspiração pelas narinas distendidas, lenta expiração por lábios separados.

Mas Ronan não fumava. Seu hábito era com ressacas.

Ele parou o gravador e disse:

— Ô esperto, você está deixando pingar gasolina na calça.

— Você não vai me perguntar o que estava acontecendo quando eu gravei isso?

Ronan não perguntou. Apenas continuou olhando para Gansey, o que era a mesma coisa.

— Não estava acontecendo nada. É isso. Eu estava olhando para um estacionamento cheio de insetos que não deveriam estar vivos quando está frio desse jeito à noite, e não havia nada.

Gansey não tinha certeza se captaria alguma coisa no estacionamento, mesmo se estivesse no lugar certo. De acordo com os caçadores de linhas ley com quem ele havia conversado, a linha às vezes transmitia vozes ao longo de seu comprimento, lançando sons a centenas de quilômetros e dezenas de anos de quando eles haviam sido ouvidos pela primeira vez. Uma espécie de assombração de áudio, uma transmissão de rádio imprevisível em que quase qualquer coisa na linha ley poderia ser um receptor: um gravador, um estéreo, um par de ouvidos humanos bem sintonizados. Carecendo de qualquer habilidade paranormal, Gansey havia levado o gravador, uma vez que os ruídos frequentemente eram audíveis apenas quando reproduzidos depois. O estranho em tudo isso não eram as outras vozes no gravador. O estranho era a

voz de *Gansey*, pois ele estava bastante convencido de que não era um espírito.

— Eu não *disse* nada, Ronan. Durante a noite inteira, eu não disse nada. Então o que a minha voz está fazendo nessa gravação?

— Como você sabia que ela tinha sido gravada?

— Eu estava ouvindo o que gravei enquanto dirigia de volta. Nada, nada, nada, e de repente: minha voz. Daí o Pig parou.

— Coincidência? — perguntou Ronan. — Acho que não.

A intenção era que isso soasse sarcástico. Gansey havia dito tantas vezes "Eu não acredito em coincidências" que ele não precisava mais repetir.

Gansey perguntou:

— Bem, o que você acha?

— O Santo Graal, finalmente — respondeu Ronan, irônico demais para que fosse levado a sério.

Mas o fato era que Gansey havia passado os últimos quatro anos trabalhando com os fragmentos de evidências mais ínfimos possíveis, e a voz que mal se ouvia era todo o incentivo de que ele precisava. Seus dezoito meses em Henrietta lhe renderam alguns vestígios imprecisos em busca de uma linha ley — um caminho de energia sobrenatural, perfeitamente reto, que conecta lugares espirituais — e da tumba furtiva

que ele esperava que existisse ao longo desse caminho. Esse era apenas um risco de procurar por uma linha de energia invisível. Ela era... bem, *invisível*.

E possivelmente hipotética, mas Gansey se recusou a levar essa ideia em consideração. Em dezessete anos de vida, ele já achara dezenas de coisas que as pessoas não sabiam que podiam ser achadas, e realmente tencionava acrescentar a linha ley, a tumba e o ocupante real da tumba a essa lista de itens.

O curador de um museu no Novo México certa vez dissera a Gansey: "Filho, você tem um jeito extraordinário para descobrir esquisitices". Um historiador romano impressionado comentara: "Você é esperto, olha debaixo de pedras que ninguém mais pensa em levantar". E um professor inglês muito velho declarara: "Garoto, o mundo mostra para você o que tem nos bolsos". Gansey descobrira que a chave era acreditar que essas coisas existiam; você tinha de se dar conta de que elas eram parte de algo maior. Alguns segredos se mostravam apenas para aqueles que se provavam merecedores.

A maneira como Gansey via a questão era a seguinte: se você tinha uma habilidade especial para encontrar coisas, isso significava que você devia ao mundo procurá-las.

— Olha, não é o Whelk? — perguntou Ronan.

Um carro diminuiu bastante a velocidade quando passou por eles, permitindo que vissem de relance o motorista excessivamente curioso. Gansey tinha de concordar que o motorista parecia bastante com seu ressentido professor de latim, um ex-aluno de Aglionby com o infeliz nome de Barrington Whelk. Gansey, graças a seu título oficial de Richard "Dick" Campbell Gansey III, era ligeiramente imune a nomes pomposos, mas mesmo ele tinha de admitir que não havia muito a perdoar a respeito de Barrington Whelk.

— Não precisa parar para ajudar nem nada — disparou Ronan, após o carro passar. — Ei, nanico. O que rolou com o Declan?

Essa última parte era dirigida a Adam quando ele saiu do BMW com o celular de Ronan ainda nas mãos. Ele tentou devolver, mas Ronan balançou a cabeça com desdém. Ronan desprezava todos os telefones, inclusive o seu.

Adam disse:

— Ele vai aparecer às cinco horas hoje à tarde.

Diferentemente de Ronan, o blusão da Aglionby de Adam era de segunda mão, mas ele zelava para mantê-lo impecável. O rapaz era alto e magro, tinha o cabelo acinzentado mal aparado e o rosto bem

formado e bronzeado. Adam era uma fotografia em sépia.

— Que bom — respondeu Gansey. — Você vai, né?

— Eu fui convidado? — Adam às vezes era peculiarmente educado. Quando ele não tinha certeza a respeito de algo, seu sotaque sulista sempre aparecia, e agora estava em evidência.

Adam nunca precisou de convite. Ele e Ronan deviam ter brigado. Como sempre. Ronan brigava com qualquer um, bastava ter carteira de identidade.

— Não seja burro — respondeu Gansey, e gentilmente aceitou o saco manchado de gordura do lanche que Adam lhe oferecia. — Obrigado.

— Foi o Ronan que comprou — disse Adam. Em questões de dinheiro, ele era rápido em designar o crédito ou a culpa.

Gansey olhou para Ronan, que se recostara no Camaro, mordendo de maneira ausente uma das pulseiras de couro no punho. Gansey disse:

— Não vai me dizer que tem molho nesse hambúrguer.

Largando a pulseira dos dentes, Ronan zombou:

— Por favor.

— E nem picles — disse Adam, agachando-se atrás do carro. Ele levara não só dois pequenos vidros

de aditivo para combustível, como também um pano para colocar entre a lata de gasolina e a calça, fazendo o processo inteiro parecer banal. Adam tentava esconder suas raízes com tamanho esforço, mas elas apareciam nos menores gestos.

Gansey abriu um largo sorriso, o calor da descoberta começando a se espalhar por seu corpo.

— Então, vamos ao teste, sr. Parrish. Três coisas que aparecem nas proximidades de linhas ley.

— Cães pretos — disse Adam indulgentemente. — Presenças demoníacas.

— Camaros — acrescentou Ronan.

Gansey continuou como se ele não tivesse falado.

— E fantasmas. Ronan, volte à prova, por favor.

Os três continuaram ali, no sol do fim da manhã, enquanto Adam fechava a tampa do tanque de combustível e Ronan acessava a gravação. Longe dali, sobre as montanhas, um gavião de cauda vermelha guinchava fracamente. Ronan apertou o play novamente e eles ouviram Gansey dizer seu nome para o nada. Adam franziu o cenho ao escutar aquilo, o dia quente lhe avermelhando a face.

Aquela poderia ser qualquer manhã do último ano e meio. Ronan e Adam fariam as pazes no fim do dia, os professores perdoariam Gansey por faltar à aula, e

então ele, Adam, Ronan e Noah sairiam para comer pizza, quatro contra Declan.

Adam disse:

— Tente ligar o carro, Gansey.

Gansey deixou a porta do carro aberta e desabou no banco do motorista. Ao fundo, Ronan tocava a gravação novamente. Por alguma razão, daquela distância, o som das vozes fez os pelos de seus braços se arrepiarem lentamente. Algo dentro dele dizia que aquele seu discurso inconsciente significava o começo de algo diferente, embora ele não soubesse ainda o quê.

— Vamos lá, Pig! — rosnou Ronan.

Alguém buzinou ao passar em alta velocidade pela autoestrada.

Gansey girou a chave. O motor fez um barulho, parou por um instante e então rugiu ensurdecedor de volta à vida. O Camaro vivia para lutar mais um dia. Até o rádio estava funcionando, tocando a canção de Stevie Nicks que sempre soava para Gansey como se fosse sobre uma pomba com apenas uma asa. Ele experimentou as batatas fritas que os amigos lhe haviam trazido. Estavam frias.

Adam colocou a cabeça para dentro do carro e disse:

— Vamos seguir você até a escola. O carro funcionou, mas ainda tem algo errado com ele.

— Ótimo — respondeu Gansey, gritando para ser ouvido com todo aquele barulho do motor.

Ao fundo, o BMW pulsava numa linha de graves, quase inaudível, enquanto Ronan dissolvia o que sobrara de seu coração em *loops* eletrônicos.

— E aí, sugestões?

Adam colocou a mão no bolso e lhe estendeu um pedaço de papel.

— O que é isso? — perguntou Gansey, estudando a caligrafia errática de Adam. Suas letras pareciam fugir de algo. — O número de uma médium?

— Se você não tivesse encontrado nada na noite passada, esse seria o próximo passo. Agora você tem algo para perguntar a elas.

Gansey considerou o assunto. Paranormais tendiam a lhe dizer que havia dinheiro vindo ao seu encontro e que ele estava destinado a grandes coisas. A primeira previsão ele sabia que era sempre verdadeira, e a segunda, temia que pudesse vir a ser. Mas talvez com aquela nova pista, com uma nova médium, ela teria algo diferente a dizer.

— Tudo bem — ele concordou. — Então, o que eu vou perguntar?

Adam lhe passou o gravador digital. Bateu no teto do Camaro uma, duas vezes, pensativo.

— O óbvio — ele respondeu. — Vamos descobrir com quem você estava falando.



As manhãs na Rua Fox, 300, eram eventos temíveis e confusos. Atropelos, filas para o banheiro e discussões abruptas sobre saquinhos de chá colocados em xícaras que já tinham saquinhos de chá. Havia a escola para Blue e o trabalho para algumas das tias mais produtivas (ou menos intuitivas). As torradas queimavam, o cereal amolecia, a porta da geladeira ficava constantemente aberta. Chaves tilintavam enquanto se decidiam caronas apressadamente.

Durante o café, o telefone começava a tocar e Maura dizia:

— É o universo ligando para você na linha dois, Orla — ou algo assim, e Jimi ou Orla ou uma das outras tias ou meias-tias ou amigas brigavam para decidir quem deveria atender o telefone no andar de cima. Dois anos antes, a prima de Blue, Orla, havia decidido que um número de atendimento paranormal

seria uma aquisição lucrativa e, após algumas breves discussões com Maura sobre imagem pública, Orla venceu. “Vencer” significa que Orla esperou até que Maura fosse a uma conferência em um fim de semana para então instalar a linha em segredo, e isso era mais a lembrança de um fato desagradável do que um fato desagradável em si. As chamadas começavam a chegar aproximadamente às sete da manhã, e em alguns dias um dólar por minuto parecia valer mais a pena do que em outros.

As manhãs eram um esporte. Um esporte que Blue gostava de pensar que estava jogando melhor.

No dia seguinte à vigília na igreja, contudo, ela não teve de se preocupar em disputar um lugar no banheiro ou tentar preparar um lanche para o almoço enquanto Orla deixava cair uma torrada com a manteiga para baixo. Quando ela acordou, seu quarto, normalmente iluminado pela luz da manhã, tinha a luz suave da tarde. No quarto ao lado, Orla estava falando com o namorado ou com um dos clientes da linha de atendimento paranormal. Com Orla, era difícil dizer a diferença entre os dois tipos de chamada. Ambas deixavam Blue pensando que ela devia tomar uma ducha depois.

Blue assumiu o banheiro tranquilamente, dando atenção especial para o cabelo, escuro e cortado em

estilo chanel, longo o suficiente para ser preso de modo plausível, mas curto o suficiente para precisar de uma série de grampos para fazer isso com sucesso. O resultado era um rabo de cavalo espetado, irregular e cheio de mechas fugitivas e grampos desiguais, de aparência excêntrica e revolta. Blue tinha trabalhado duro para conseguir aquele resultado.

— *Mãe* — disse ela, enquanto descia apressadamente a escada gasta. Maura estava no balcão da cozinha fazendo uma bagunça com folhas de algum tipo de chá. O cheiro era terrível.

Sua mãe não se virou. No balcão, por todos os lados, havia correntes oceânicas e verdes de ervas soltas.

— Você não precisa estar sempre correndo.

— *Você* precisa — replicou Blue. — Por que você não me chamou para a escola?

— Eu chamei — disse Maura. — Duas vezes. — Então resmungou para si: — Droga.

Da mesa, a voz suave de Neeve ecoou:

— Precisa da minha ajuda com isso, Maura?

Ela estava sentada à mesa com uma xícara de chá, gorducha e angelical como sempre, sem apresentar nenhum sinal de ter perdido o sono na noite anterior. Neeve encarou Blue, que tentou evitar o contato visual.

— Sou perfeitamente capaz de fazer um maldito chá de meditação, obrigada — disse Maura. Para Blue, acrescentou: — Eu disse para a escola que você estava gripada. Enfatizei que estava vomitando. Lembre-se de parecer cansada amanhã.

Blue pressionou a palma das mãos sobre os olhos. Ela nunca faltara às aulas no dia seguinte à vigília na igreja. Talvez se sentisse sonolenta, mas nunca debilitada como na noite passada.

— Foi porque eu vi aquele garoto? — ela perguntou a Neeve, baixando as mãos. Ela gostaria de não se lembrar do garoto tão claramente. Ou melhor, da *ideia* dele, sua mão aberta sobre o chão. Ela gostaria de poder *desvê-lo*. — É por isso que eu dormi por tanto tempo?

— É porque você deixou quinze espíritos passarem através do seu corpo enquanto você conversava com um menino morto — respondeu Maura concisamente, antes que Neeve pudesse falar. — Pelo menos foi isso que eu ouvi. Meu Deus, esse é o cheiro que essas folhas deveriam ter?

Blue se virou para Neeve, que continuou a bebericar o chá com um ar confiante.

— É verdade? É porque os espíritos passaram através de mim?

— Você *deixou* que eles tirassem energia de você — respondeu Neeve. — Você tem bastante energia, mas não tanto.

Blue teve dois pensamentos imediatos sobre isso. Um foi: *Eu tenho bastante energia?* E o outro: *Acho que essa história está me irritando*. Não era que ela tivesse intencionalmente permitido que os espíritos extraíssem energia dela.

— Você devia ensiná-la a se proteger — disse Neeve para Maura.

— Eu *ensinei* algumas coisas a ela. Eu não sou uma mãe tão incapaz assim — disse Maura, passando à filha uma xícara de chá.

Blue disse:

— Não vou beber isso. O cheiro é horrível. — E retirou um pote de iogurte da geladeira. Então, em solidariedade à mãe, disse a Neeve: — Eu nunca precisei me proteger na vigília da igreja antes.

Neeve refletiu.

— É espantoso. Você amplifica tanto os campos de energia que estou surpresa que eles não a encontrem mesmo aqui.

— Ah, pare — disse Maura, soando irritada. — Não há nada de aterrorizante em relação a pessoas mortas.

Blue ainda estava vendo a imagem fantasmagórica de Gansey, derrotado e confuso. E disse:

— Mãe, os espíritos da vigília da igreja... Você consegue evitar a morte deles? Avisando-os?

Nesse instante, o telefone tocou. Estrilou duas vezes e continuou tocando, o que significava que Orla ainda estava na linha com a outra pessoa que ligara.

— Que droga, Orla! — disse Maura, apesar de ela não estar perto para ouvi-la.

— Eu atendo — disse Neeve.

— Mas... — Maura não terminou o que iria dizer, e Blue se perguntou se ela estava pensando que Neeve normalmente trabalhava por muito mais do que um dólar por minuto.

— Eu sei o que você está pensando — disse-lhe a mãe, após Neeve ter deixado a cozinha. — A maioria morre de ataque cardíaco, câncer ou outras coisas inevitáveis. Aquele garoto vai morrer.

Blue estava começando a sentir um fantasma da sensação que tivera antes, aquele estranho pesar.

— Não acho que um garoto da Aglionby vai morrer de ataque cardíaco. Por que você faz questão de contar para os seus clientes?

— Para que eles possam colocar as coisas em ordem e fazer tudo que precisam fazer antes de morrer.

Então sua mãe se virou, fixando em Blue um olhar de quem sabe de algo. Ela parecia tão impressionante quanto poderia parecer uma pessoa parada, descalça e de calça jeans, segurando uma xícara de chá exalando um cheiro de terra em decomposição.

— Eu não vou tentar evitar que você o avise, Blue. Mas você precisa saber que ele não vai acreditar, mesmo se você encontrá-lo, e isso provavelmente não vai salvá-lo, mesmo se ele ficar sabendo. Talvez você evite que ele faça algo estúpido. Ou talvez você simplesmente estrague os últimos meses de vida dele.

— Você é uma Poliana — disparou Blue. Mas ela sabia que Maura estava certa, pelo menos sobre a primeira parte. A maioria das pessoas que ela conhecia achava que sua mãe fazia truques de salão para sobreviver. O que Blue achava que ia fazer: rastrear um estudante da Aglionby, bater na janela de seu Land Rover ou de seu Lexus e avisá-lo para checar os freios e atualizar o seguro de vida?

— Eu provavelmente não posso evitar que você o encontre de qualquer maneira — disse Maura. — Quer dizer, se a Neeve estiver certa sobre o motivo de você ter visto esse garoto. Seu destino é encontrá-lo.

— Destino — respondeu Blue, olhando furiosa para a mãe — é uma palavra muito pesada para se

dizer antes do café da manhã.

— O resto do pessoal já tomou café há muito tempo — disse Maura.

A escada rangeu enquanto Neeve retornava.

— Número errado — disse do seu jeito sem afetação. — Você recebe muitas ligações por engano?

— Nosso número parece o de uma empresa de acompanhantes para cavalheiros — respondeu Maura.

— Ah — disse Neeve. — Isso explica a ligação. Blue — ela acrescentou, enquanto se ajeitava na mesa novamente —, se você quiser, posso tentar ver o que o matou.

Isso chamou imediatamente a atenção tanto de Maura quanto de Blue.

— *Sim* — disse Blue.

Maura ia responder, então pressionou os lábios.

Neeve perguntou:

— Temos suco de uva?

Confusa, Blue foi até a geladeira e ergueu uma jarra interrogativamente.

— Uva e cranberry?

— Está ótimo.

Com o semblante ainda fechado, Maura abriu o armário, tirou uma tigela escura e a colocou na frente de Neeve de maneira pouco delicada.

— Não vou me responsabilizar por nada que você vir — disse Maura.

Blue perguntou:

— O quê? O que isso quer dizer?

Nenhuma delas respondeu.

Com um sorriso fofo no rosto fofo, Neeve derramou o suco na tigela até a borda. Maura apagou a luz. O lado de fora subitamente parecia vívido em comparação à cozinha sombria. As árvores claras de abril pressionavam as janelas da copa, folha sobre folha sobre vidro, e Blue subitamente estava muito consciente de estar cercada por árvores, com a sensação de estar no meio de uma mata fechada.

— Se vocês forem observar, por favor fiquem em silêncio — disse Neeve, sem olhar para ninguém em particular. Blue puxou uma cadeira e se sentou. Maura se recostou no balcão e cruzou os braços. Era raro ver Maura incomodada sem fazer nada a respeito.

Neeve perguntou:

— Como era mesmo o nome dele?

— Ele só disse *Gansey*. — E Blue se sentiu envergonhada dizendo seu nome. De alguma maneira, a ideia de que ela teria alguma influência em sua vida ou em sua morte tornava sua existência nominal naquela cozinha responsabilidade dela.

— Já é o suficiente.

Neeve se inclinou sobre a tigela, com os lábios se mexendo e o reflexo escuro se movendo lentamente sobre o líquido. Blue seguia pensando no que sua mãe havia dito: *Não vou me responsabilizar por nada que você vir.*

Aquela declaração fazia aquilo parecer maior do que sempre parecera. Mais distante de um truque da natureza e mais próximo de uma religião.

Finalmente, Neeve murmurou. Apesar de Blue não poder ouvir nenhum significado em particular no som sem palavras, Maura pareceu abruptamente triunfante.

— Bem — disse Neeve. — Isso é algo.

Com aquela frase, Blue já sabia como a coisa terminaria.

— O que você viu? — ela perguntou. — Como ele morreu?

Neeve não tirou os olhos de Maura. Ela estava fazendo uma pergunta ao mesmo tempo em que respondia.

— Eu o vi. E então ele desapareceu. Entrou no nada absoluto.

Maura ergueu a palma das mãos em um gesto de trégua. Blue conhecia bem o gesto. Sua mãe o havia usado para terminar muitas discussões após ter dito uma frase arrebatadora. Só que dessa vez a frase

arrebatadora havia sido dita por uma tigela cheia de suco de uva e cranberry, e Blue não fazia ideia do que ela queria dizer.

Neeve disse:

— Num instante ele estava aqui, no seguinte não existia.

— Isso acontece — disse Maura. — Aqui em Henrietta. Às vezes tem um lugar, ou lugares, que eu não consigo ver. Outras vezes eu vejo — e nesse momento ela *deixou* de olhar para Blue, de um jeito que a filha notou que a mãe se esforçava para evitar o contato visual — coisas que eu não esperaria.

Agora Blue estava se lembrando das incontáveis vezes em que sua mãe havia insistido que ficassem em Henrietta, mesmo quando se tornou mais caro viver ali, mesmo quando as oportunidades para ir para outras cidades se abriram. Blue interceptara uma vez uma série de e-mails no computador de sua mãe; um dos clientes de Maura havia suplicado ardentemente que ela levasse Blue "e o que mais você não consiga viver sem" para o casarão dele em Baltimore. Na resposta, Maura o havia informado duramente que aquilo não era possível por muitas razões; primeiro, porque ela não deixaria Henrietta e, segundo, porque ela não sabia se ele era um assassino psicopata. Ele respondera apenas com o desenho de uma carinha

triste. Blue sempre se perguntava o que havia acontecido com ele.

— Eu gostaria de saber o que você viu — disse Blue. — O que é "nada"?

Neeve disse:

— Eu estava seguindo o garoto que vimos na noite passada até a morte dele. Eu senti que estava próxima cronologicamente, mas então ele desapareceu para dentro de algum lugar que eu não podia ver. Não sei como explicar. Achei que o problema fosse comigo.

— Não é — disse Maura. E, quando viu que Blue ainda estava curiosa, ela explicou: — É como quando não há uma imagem na televisão, mas você pode dizer que ela está ligada. É assim que parece. Mas eu nunca vi alguém entrar nesse lugar antes.

— Bem, ele entrou — disse Neeve, afastando a tigela. — Você disse que isso não é tudo. O que mais daria para ver?

Maura respondeu:

— Canais que não aparecem na conexão básica.

Neeve bateu os belos dedos na madeira, apenas uma vez, e então disse:

— Você não me contou sobre isso antes.

— Não parecia relevante — respondeu Maura.

— Um lugar onde rapazes podem desaparecer parece algo bastante relevante. A habilidade da sua filha também parece relevante — disse Neeve, nivelando um olhar eterno em Maura, que se afastou do balcão e se virou.

— Tenho que trabalhar hoje à tarde — disse Blue por fim, quando se deu conta de que a conversa tinha morrido. O reflexo das folhas lá fora ondulou lentamente na tigela, uma floresta tranquila, porém obscura.

— Você vai trabalhar desse jeito? — perguntou Maura.

Blue olhou para suas roupas. Elas envolviam algumas camadas finas de camisas, incluindo uma que ela havia customizado usando um método chamado *retalhamento*.

— O que tem de errado com as minhas roupas?

Maura deu de ombros.

— Nada. Eu sempre quis uma filha excêntrica, só não tinha percebido como meus planos diabólicos estavam funcionando bem. Até que horas você trabalha?

— Até as sete. Quer dizer, provavelmente até mais tarde. A Cialina tem que trabalhar até as sete e meia, mas ela falou a semana inteira que o irmão dela conseguiu ingressos para ver *Evening* e se pelo menos

alguém desse uma força e assumisse a última meia hora...

— Você pode dizer não. O que é *Evening*? É aquele filme em que todas as garotas morrem a machadadas?

— Esse mesmo.

Enquanto Blue tomava seu iogurte ruidosamente, dispensou um rápido olhar para Neeve, que ainda franzia o cenho para a tigela com suco afastada um pouco além de seu alcance.

— Ok, fui.

Ela empurrou a cadeira para trás. Maura estava calada daquele jeito pesado que era mais alto que uma conversa. Blue se demorou jogando a embalagem do iogurte no lixo e largando a colher na pia ao lado da mãe, então se virou para subir a escada e calçar os sapatos.

— Blue — disse Maura finalmente —, não preciso dizer para você não beijar ninguém, não é?



Adam Parrish era amigo de Gansey havia dezoito meses, e ele sabia que determinadas coisas vinham com aquela amizade. A saber: acreditar no sobrenatural, tolerar a relação conturbada de Gansey com o dinheiro e conviver com os outros amigos dele. Os dois primeiros pontos eram problemáticos apenas quando eles estavam longe de Aglionby, e o último apenas quando se tratava de Ronan Lynch.

Gansey uma vez havia dito para Adam que temia que a maioria das pessoas não soubesse lidar com Ronan. O que ele queria dizer com isso era que estava preocupado que um dia alguém caísse sobre Ronan e se cortasse.

Às vezes Adam se perguntava se Ronan havia sido *Ronan* antes de o pai dos irmãos Lynch morrer, mas apenas Gansey o conhecia naquela época. Bem, Gansey e Declan, mas Declan parecia incapaz de lidar

com o irmão agora — razão pela qual ele havia tomado a precaução de programar sua visita enquanto Ronan estivesse em aula.

Do lado de fora da Monmouth, 1136, Adam esperava no patamar da escada do segundo andar com Declan e a namorada dele. A namorada, em um vestido de seda branca tremulante, parecia muito com Brianna, ou Kayleigh, ou quem quer que tenha sido a última namorada de Declan. Todas elas tinham o cabelo loiro na altura dos ombros e sobrancelhas que casavam com os sapatos de couro escuros de Declan. Ele, trajando o terno que seu estágio político de último ano exigia, parecia ter trinta anos. Adam se perguntou se transmitiria tamanha autoridade em um terno, ou se sua infância o trairia e o deixaria ridículo.

— Obrigado por nos encontrar — disse Declan.

Adam respondeu:

— Sem problemas.

Na verdade, a razão pela qual ele havia concordado em acompanhar Declan e a Namorada de Aglionby até ali não tinha nada a ver com gentileza, mas com um palpite que o importunava. Ultimamente, Adam sentia como se alguém estivesse... *espionando* a busca deles pela linha ley. Ele não tinha certeza de como colocar aquele sentimento em termos concretos. Era um olhar pego com o canto do olho, marcas de

pegadas na escada que não pareciam pertencer a nenhum dos garotos, uma bibliotecária dizendo para ele que um texto arcano havia sido retirado por outra pessoa logo depois de ele ter devolvido. Mas ele não queria incomodar Gansey com isso até que tivesse certeza. As coisas já pareciam estar sobrecarregando demais o amigo.

Não que Adam estivesse em dúvida se Declan os estava espionando. Ele sabia que estava, mas acreditava que isso tinha a ver com Ronan, e não com a linha ley. Ainda assim, não faria mal nenhum ter cautela.

Nesse instante, a Namorada olhava em volta daquela maneira furtiva que é tanto mais perceptível por sua furtividade. O número 1136 da Monmouth era um prédio de tijolos de aparência faminta, eviscerado e de olhos negros, assomando em meio ao matagal sobre um terreno que ocupava quase uma quadra inteira. Uma pista para a identidade original do prédio estava pintada do lado leste: INDÚSTRIA MONMOUTH. Mas, apesar de toda pesquisa feita, nem Gansey nem Adam haviam sido capazes de descobrir precisamente o que a Monmouth fabricava. Algo que exigia um teto de oito metros e espaços amplos e abertos; algo que havia deixado manchas de umidade no piso e sulcos

nas paredes de tijolos. Algo de que o mundo não precisava mais.

No topo da escada do segundo andar, Declan sussurrou todo esse conhecimento no ouvido da Namorada, e ela deu uma risadinha nervosa, como se fosse um segredo. Adam observou a maneira como o lábio de Declan mal tocou a parte de baixo do lóbulo da orelha da Namorada enquanto ele falava com ela. Então desviou o olhar assim que Declan olhou em sua direção.

Adam era muito bom em observar sem ser observado. Apenas Gansey parecia capaz de pegá-lo em flagrante.

A Namorada chamou a atenção para a janela quebrada na direção do estacionamento abaixo; Declan seguiu o olhar dela até as curvas escuras e iradas que Gansey e Ronan haviam deixado dando cavalos de pau com o carro. A expressão de Declan endureceu; mesmo se Gansey tivesse feito todas elas, ele presumiria que fora Ronan.

Adam já havia batido à porta, mas bateu mais uma vez — uma batida longa e duas curtas, seu sinal.

— Vai estar bagunçado — ele se desculpou, mais para a garota do que para Declan, que sabia muito bem em que estado estaria o apartamento.

Adam suspeitava de que Declan, de certa forma, achava a bagunça cativante para as pessoas de fora; Declan era, na verdade, calculista. Sua meta era a castidade de Ashley, e cada passo daquela noite teria sido planejado com isso em mente, mesmo a breve parada na Indústria Monmouth.

Ainda sem resposta.

— Será que eu ligo? — perguntou Declan.

Adam tentou o trinco, que estava trancado, então o forçou com o joelho, levantando a porta um pouco nas dobradiças. Ela se escancarou. A Namorada fez um ruído de aprovação, mas o sucesso do arrombamento tinha mais a ver com os problemas da porta do que com a força de Adam.

Eles entraram no apartamento e a Namorada foi inclinando a cabeça cada vez mais para trás. O teto alto pairava acima deles, e vigas de ferro expostas sustentavam o telhado. O apartamento inventado de Gansey era o laboratório de um sonhador. Todo o segundo andar, milhares de metros quadrados, estendia-se diante deles. Duas paredes eram constituídas de janelas antigas — dezenas de pequenas vidraças empenadas, exceto por algumas novas que Gansey havia substituído —, e as outras duas estavam cobertas de mapas: as montanhas da Virgínia, do País de Gales, da Europa. Linhas de caneta marca-texto

formavam arcos ao longo de cada um deles. Sobre o chão, um telescópio perscrutava o céu ocidental; perto de seus pés encontravam-se pilhas de dispositivos eletrônicos esquisitos, para medir a atividade magnética.

E para onde quer que se olhasse, havia muitos livros. Não pilhas arrumadas de um intelectual que tenta impressionar, mas pilhas espalhadas de um estudioso obsessivo. Alguns livros não eram em inglês. Alguns eram dicionários para traduzir livros em outro idioma. E outros eram, na realidade, edições da *Sports Illustrated* com modelos de biquíni.

Adam sentiu a angústia de sempre. Não era inveja, apenas *desejo*. Um dia ele teria dinheiro suficiente para ter um lugar como aquele. Um lugar que fosse do lado de fora como Adam era do lado de dentro.

Uma voz pequena dentro dele perguntou se ele chegaria algum dia a ser tão incrível por dentro, ou se era algo que tinha de vir com você desde o nascimento. Gansey era do jeito que era por ter vivido com dinheiro desde pequeno, como um músico virtuoso colocado no banco de um piano tão logo conseguisse ficar sentado. Adam, um recém-chegado, um usurpador, ainda tropeçava em seu sotaque desajeitado de Henrietta e guardava suas moedas em uma caixa de cereal embaixo da cama.

Ao lado de Declan, a Namorada tapou os peitos com as mãos, em uma reação instintiva à nudez masculina. Nesse caso, a nudez não era de uma pessoa, mas de uma coisa: a cama de Gansey, apenas dois colchões sobre uma armação de metal, malposicionada no meio do quarto, ainda por fazer. Era de certa maneira íntima em sua completa falta de privacidade.

O próprio Gansey estava sentado a uma mesa antiga, de costas para eles, olhando por uma janela voltada para o leste e tamborilando com uma caneta. Seu volumoso diário estava aberto próximo dele, as páginas esvoaçando com trechos de livros colados e escuras de anotações. Adam ficou impressionado, como acontecia ocasionalmente, com a ausência de idade em Gansey: um velho em um corpo jovem, ou um jovem na vida de um velho.

— Somos nós — disse Adam.

Como Gansey não respondeu, Adam abriu caminho até o amigo desatento. A Namorada emitiu uma série de ruídos que começavam todos com a letra o. Com uma variedade de caixas de cereal, embalagens e tinta de parede, Gansey havia construído no centro do quarto uma réplica da cidade de Henrietta que batia na altura do joelho, e assim os três visitantes foram forçados a passar pela Rua Principal a fim de

alcançar a mesa. Adam conhecia a verdade: aqueles prédios eram um sintoma da insônia de Gansey. Uma nova parede a cada noite acordado.

Adam parou ao lado de Gansey. A área à sua volta tinha um cheiro forte de hortelã, da folha que ele mascava de maneira ausente.

Adam deu um toque no fone que Gansey usava na orelha direita, e o amigo levou um susto e se levantou de um salto.

— Vejam só, olá!

Como sempre, ele parecia o típico herói de guerra americano, o que ficava evidente no cabelo castanho desgrenhado, nos olhos cor de avelã, estreitos como se estivessem sob o sol de verão, no nariz reto que os antigos anglo-saxões lhe haviam legado com tanta gentileza. Tudo nele sugeria coragem, poder e um firme aperto de mão.

A Namorada o olhava fixamente.

Adam se lembrou de achá-lo intimidante quando o conheceu. Havia dois Ganseys: o que vivia dentro dele e o que ele vestia pela manhã, quando enfiava a carteira no bolso de trás da calça de algodão. O primeiro era perturbado e apaixonado, sem um sotaque discernível aos ouvidos de Adam. O segundo emanava um poder latente ao cumprimentar as pessoas, com o sotaque escorregadio e nobre das

antigas famílias ricas da Virgínia. Era um mistério para Adam como ele parecia não ver ambas as versões de Gansey ao mesmo tempo.

— Eu não ouvi vocês baterem — disse Gansey desnecessariamente, cumprimentando Adam com um toque de punhos. Vindo de Gansey, o gesto era ao mesmo tempo encantador e tímido, uma frase tomada emprestada de outra língua.

— Ashley, esse é o Gansey — disse Declan, em sua voz agradável e neutra. Era uma voz que relatava os danos causados por tornados e frentes frias. Narrava os efeitos colaterais de pequenas pílulas azuis. Explicava os procedimentos de segurança do 747. Ele acrescentou: — Dick Gansey.

Se Gansey estava pensando que a namorada de Declan era descartável, um recurso renovável, não o demonstrou. Em vez disso, corrigiu com o tom de voz ligeiramente frio:

— Como o Declan sabe, meu pai é que se chama Dick. Eu sou apenas Gansey.

Ashley parecia mais chocada do que divertida.

— *Dick?**

— Nome de família — disse Gansey, com o ar cansado de alguém que conta uma piada velha. — Faço o possível para ignorar.

— Você é da Aglionby, certo? Este lugar é bem louco. Por que você não mora no dormitório da escola? — perguntou Ashley.

— Porque eu sou dono deste prédio — disse Gansey. — Melhor morar aqui do que pagar pela moradia no dormitório. Você não pode vender o dormitório depois de terminar a escola. E para onde foi aquele dinheiro? Para lugar nenhum.

Dick Gansey III odiava que dissessem que ele soava como Dick Gansey II, mas, naquele momento precisamente, ele soava. Ambos conseguiam desfilar sua lógica em uma bela coleirinha, trajando uma capa xadrez vistosa, quando queriam.

— Meu Deus — observou Ashley, olhando de relance para Adam. Seus olhos não se demoraram nele, mas, mesmo assim, ele se lembrou do ombro puído de seu blusão.

Esqueça. Ela não está olhando para ele. Ninguém mais nota isso.

Com esforço, Adam endireitou os ombros e tentou habitar o uniforme com a mesma facilidade que Gansey ou Ronan.

— Ash, você não vai acreditar por que o Gansey veio para cá, entre todos os lugares possíveis — disse Declan. — Conte para ela, Gansey.

Gansey não conseguia resistir a falar sobre Glendower. Ele nunca conseguia. Então perguntou:

— O que você sabe sobre os reis galeses?

Ashley apertou os lábios, os dedos beliscando a pele na base da garganta.

— Hummm. Llewellyn? Glendower? Lordes Marcher ingleses?

O sorriso no rosto de Gansey poderia ter iluminado uma mina de carvão. Adam não sabia nada sobre Llewellyn ou Glendower quando conheceu Gansey. O amigo precisara descrever como Owain Glyndŵr — Owen Glendower para não falantes de galês —, um nobre galês medieval, havia lutado contra os ingleses pela liberdade do país e então, quando sua captura parecia inevitável, desaparecera da ilha e da história completamente.

Mas Gansey nunca se importava de recontar a história. Ele relatava os eventos como se eles tivessem acabado de acontecer, emocionado novamente pelos sinais mágicos que haviam acompanhado o nascimento de Glendower, os rumores sobre seu poder de invisibilidade, as vitórias impossíveis contra exércitos maiores e, finalmente, sua fuga misteriosa. Quando Gansey falava, Adam via a ondulação verde dos contrafortes galeses, a ampla superfície resplandecente do rio Dee, as montanhas impiedosas

ao norte, onde Glendower desaparecera. Nas histórias de Gansey, Owain Glyndŵr nunca podia morrer.

Ouvindo-o contar a história agora, ficou claro para Adam que Glendower era mais do que uma figura histórica para Gansey. Ele era tudo que Gansey gostaria de ser: sábio e corajoso, convicto de seu caminho, tocado pelo sobrenatural, respeitado por todos, e havia deixado um legado.

Completamente animado com a história e encantado novamente pelo mistério dela, Gansey perguntou a Ashley:

— Você já ouviu falar das lendas dos reis adormecidos? As lendas de que heróis como Llewellyn, Glendower e Artur não estão realmente mortos, mas dormindo em tumbas, esperando para ser acordados?

Ashley piscou rapidamente, então disse:

— Parece uma metáfora.

Talvez ela não fosse tão burra quanto eles haviam pensado.

— Pode ser — disse Gansey, fazendo um gesto grandioso para os mapas na parede, cobertos com as linhas ley que ele acreditava que Glendower havia percorrido. Tomando com ímpeto o diário atrás dele, estudou página por página de mapas e notas explicativas. — Acho que o corpo de Glendower foi

trazido para o Novo Mundo. Especificamente aqui, na Virgínia. E quero encontrar onde ele está enterrado.

Para alívio de Adam, Gansey deixou de fora a parte sobre como ele acreditava nas lendas que diziam que Glendower ainda estava vivo, séculos mais tarde. Sobre como acreditava que o eternamente adormecido Glendower concederia um favor à pessoa que viesse a acordá-lo. Sobre como isso o assombrava, a necessidade de encontrar aquele rei há tanto tempo perdido. Deixou de fora os telefonemas à meia-noite para Adam, quando ele não conseguia dormir, obcecado com sua busca. Os microfilmes e os museus, as reportagens de jornais e os detectores de metal, as milhas de companhias aéreas e os dicionários gastos de línguas estrangeiras.

Também deixou de fora todas as partes sobre magia e a linha ley.

— Isso é loucura — disse Ashley, com os olhos fixos no diário. — Por que você acha que ele está aqui?

Havia duas versões possíveis para a resposta. Uma era baseada meramente em história e infinitamente adequada para o consumo geral. A outra acrescentava magia e varinhas de radiestesia à equação. Em alguns dias, alguns malditos dias, Adam acreditava na primeira, e apenas um pouco. Mas ser amigo de

Gansey significava que, na maioria das vezes, ele torcia pela segunda. Era aí que Ronan, muito para o descontentamento de Adam, se sobressaía: sua crença na explicação sobrenatural era inabalável. A fé de Adam era imperfeita.

Seja porque Ashley estava só de passagem ou porque foi considerada cética, ela recebeu a versão histórica. Em sua melhor voz de professor, Gansey explicou um pouco sobre nomes de lugares em galês na área, artefatos do século XV encontrados enterrados na Virgínia e o embasamento histórico para um desembarque galês, pré-Colombo, na América.

Em meio à aula, Noah — o recluso terceiro residente da Indústria Monmouth — emergiu do aposento estreito ao lado do escritório que Ronan havia reivindicado como seu quarto. A cama de Noah compartilhava o espaço minúsculo com um equipamento misterioso que Adam acreditava ser uma espécie de impressora.

Ao entrar no quarto, Noah encarou Ashley fixamente. Ele não era muito bom com pessoas novas.

— Esse é o Noah — disse Declan, de uma maneira que confirmou a desconfiança de Adam: a Indústria Monmouth e os garotos que viviam ali eram um ponto turístico para Declan e Ashley, um assunto a ser conversado mais tarde no jantar.

Noah estendeu a mão.

— Ah! A sua mão está *fria* — exclamou Ashley, estreitando os dedos contra a camisa para aquecê-los.

— Eu estou morto há sete anos — disse Noah. — Isso é o mais quente que elas chegam.

Noah, diferentemente de seu quarto imaculado, parecia sempre um pouco sujo. Havia algo fora de lugar a respeito de suas roupas, de seu cabelo loiro geralmente penteado para trás. Seu uniforme desarrumado sempre fazia Adam sentir que chamava um pouco menos de atenção. Era difícil se sentir parte da turma da Aglionby quando se estava perto de Gansey, cuja camisa de colarinho branco impecável custava mais que a bicicleta de Adam (qualquer um que dissesse que não havia diferença entre uma camisa do shopping e uma camisa feita por um italiano talentoso nunca tinha visto a segunda), ou mesmo de Ronan, que havia gasto novecentos dólares em uma tatuagem só para irritar o irmão.

O risinho condescendente de Ashley foi cortado quando a porta do quarto de Ronan se abriu. Uma nuvem tão escura que fazia parecer que o sol nunca mais sairia cruzou o rosto de Declan.

Ronan e Declan Lynch eram inegavelmente irmãos, com o mesmo cabelo castanho-escuro e o mesmo nariz aquilino, mas Declan era sólido onde

Ronan era frágil. O queixo largo e o sorriso de Declan diziam *Votem em mim*, enquanto a cabeça raspada e a boca fina de Ronan avisavam que aquela espécie era venenosa.

— Ronan — disse Declan. No telefone com Adam anteriormente, ele havia perguntado: "Quando o Ronan *não vai* estar aí?" — Achei que você tinha aula de tênis.

— Eu tinha — Ronan respondeu.

Houve um momento de silêncio, em que Declan considerou o que ele queria dizer na frente de Ashley, e Ronan desfrutou o efeito que aquele silêncio constrangedor tinha sobre o irmão. Os dois irmãos Lynch mais velhos — eram três em Aglionby — viviam brigados desde que Adam os conhecia. Diferentemente da maioria do mundo, Gansey preferia Ronan ao irmão mais velho, Declan, e assim as linhas haviam sido traçadas. Adam suspeitava que a preferência de Gansey se devia ao fato de que Ronan era sincero, mesmo que para isso precisasse ser detestável. E, para Gansey, honestidade valia ouro.

Declan esperou um segundo longo demais para falar, e Ronan cruzou os braços sobre o peito.

— Esse é realmente o cara, Ashley. Você vai passar uma noite fantástica com ele, e aí alguma outra

garota vai ter a chance de passar uma noite fantástica com ele amanhã.

Uma mosca zumbiu contra uma vidraça bem acima da cabeça deles. Atrás de Ronan, a porta de seu quarto, coberta com fotocópias de suas multas por excesso de velocidade, fechou-se sozinha.

A boca de Ashley fez mais um D de lado do que um O. Um segundo depois, Gansey socou o braço de Ronan.

— Ele pede desculpas por isso — disse Gansey.

A boca de Ashley estava lentamente se fechando. Ela piscou para o mapa do País de Gales e de volta para Ronan. Ele havia escolhido bem sua arma: apenas a verdade, sem a têmpera da bondade.

— Meu irmão é... — disse Declan, mas não terminou. Não havia nada que ele pudesse dizer que Ronan ainda não tivesse provado. E continuou: — Nós estamos indo agora. Ronan, acho que você precisa reconsiderar a sua... — Mas, novamente, ele não tinha palavras para terminar a frase. Seu irmão havia tomado todas as de efeito.

Declan puxou a mão de Ashley, sacudindo sua atenção para longe dali e na direção da porta do apartamento.

— Declan — começou Gansey.

— Não tente consertar a situação — avisou Declan.

Enquanto ele arrastava Ashley até a minúscula plataforma da escada, Adam ouviu o começo do controle de danos: "Ele tem problemas, eu te disse, eu tentei garantir que ele não estaria aqui, foi ele que achou o meu pai, isso acabou com ele, vamos comer frutos do mar em vez disso, você não acha que uma lagosta seria uma boa? Acho que sim".

Quando a porta do apartamento se fechou, Gansey disse:

— Porra, Ronan.

A expressão de Ronan ainda era incendiária. Seu código de honra não abria espaço para infidelidade, para relacionamentos casuais. Não era que ele não os tolerasse; ele não conseguia compreendê-los.

— E daí que ele é galinha? Não é da sua conta — disse Gansey. Ronan também não era realmente da conta de Gansey, na opinião de Adam, mas eles já haviam tido aquela discussão antes.

Ronan tinha uma das sobrancelhas elevada, afiada como uma lâmina.

Gansey fechou e amarrou seu diário com uma fita.

— Comigo isso não cola. *Ela* não tem nada a ver com você e o Declan. — Ele disse *você e o Declan* como se fossem um objeto físico, algo que você

pudesse pegar do chão e olhar embaixo. — Você destratou a garota. Pegou mal para a gente.

Ronan parecia arrependido, mas Adam o conhecia. Ele não lamentava o próprio comportamento; lamentava apenas que Gansey estivesse ali para vê-lo. O que acontecia entre os irmãos Lynch era sombrio o suficiente para ocultar os sentimentos de qualquer outra pessoa.

Mas certamente Gansey sabia disso tão bem quanto Adam. Ele passou o polegar de um lado para o outro do lábio inferior, um hábito que passava despercebido para ele e que Adam nunca se dava ao trabalho de apontar. Surpreendendo o olhar de Adam, ele disse:

— Nossa, agora eu me sinto culpado. Vamos ao Nino's. Vamos pedir uma pizza, vou ligar para aquela médium e todo o maldito mundo vai entrar nos eixos.

Essa era a razão por que Adam podia perdoar a versão rasa e polida de Gansey que ele encontrara pela primeira vez. Graças ao seu dinheiro, ao seu bom nome de família, ao seu belo sorriso, à sua risada fácil, ao fato de que ele gostava das pessoas e (apesar de seus temores em contrário) elas também gostavam dele, Gansey poderia ter todos os amigos que quisesse. Em vez disso, havia escolhido três deles, três

sujeitos que deveriam ser, por três razões diferentes, destituídos de amigos.

— Eu não vou — disse Noah.

— Você precisa dar um tempo sozinho? — perguntou Ronan.

— Ronan — interferiu Gansey —, guarde as armas, ok? Noah, nós não vamos forçar você a comer. Adam?

Adam ergueu o olhar, distraído. Sua mente havia divagado do mau comportamento de Ronan para o interesse de Ashley no diário, e ele estava se perguntando se não era mais do que a curiosidade comum que as pessoas sentiam diante de Gansey e seus acessórios obsessivos. Ele sabia que Gansey o acharia desconfiado demais, desnecessariamente possessivo em relação a uma busca que o próprio Gansey estava mais do que disposto a compartilhar com as pessoas.

Mas Gansey e Adam buscavam Glendower por razões diferentes. Gansey o desejava como Artur desejava o Graal, atraído por uma necessidade desesperada mas nebulosa de ser útil para o mundo, para ter certeza de que sua vida significava algo além de festas com champanhe e colarinhos brancos, por algum desejo complicado de resolver uma discussão que ele travava no íntimo de seu ser.

Adam, em contrapartida, precisava da graça real.

E isso significava que eles precisavam ser as pessoas que acordariam Glendower. Eles precisavam ser os primeiros a encontrá-lo.

— Parrish — repetiu Gansey. — Vamos.

Adam fez uma careta. Ele achava que seria necessário mais do que uma pizza para melhorar o caráter de Ronan.

Mas Gansey já estava pegando as chaves do Pig e dando a volta sobre a sua Henrietta em miniatura. Ainda que Ronan estivesse rosnando, Noah suspirando e Adam hesitando, ele não se virou para ver se estavam vindo. Ele sabia que estavam. De três maneiras diferentes, ele havia conquistado os amigos, dias, semanas ou meses antes, para que, quando chegasse a hora, todos o seguissem aonde quer que ele fosse.

— *Excelsior* — disse Gansey, fechando a porta atrás deles.

Nota

***** Além de nome próprio, é também gíria para “babaca” ou vulgarmente para “pênis”. (N. do T.)



Barrington Whelk se sentia menos animado à medida que se arrastava pelo corredor da Whitman House, o prédio administrativo da Aglionby. Eram cinco horas da tarde, o dia na escola havia terminado fazia tempo, e ele deixara sua residência na cidade somente para pegar algumas tarefas que precisavam ser corrigidas até o dia seguinte. À esquerda, a luz da tarde se derramava nas janelas altas de várias vidraças; à direita havia o murmúrio das vozes dos funcionários da escola. Os prédios antigos lembravam museus àquela hora do dia.

— Barrington, achei que você estivesse de folga hoje. Você está com uma aparência péssima. Está doente?

Whelk não formulou imediatamente uma resposta. Para todos os fins e propósitos, ele ainda *estava* de folga. Quem fez a pergunta foi Jonah Milo, o

professor de inglês almofadinha do segundo e terceiro anos do ensino médio. Apesar do gosto por calças de veludo cotelê xadrez afuniladas, Milo não era insuportável, mas Whelk não fazia questão de discutir com ele sua ausência da aula naquela manhã. A véspera do Dia de São Marcos estava começando a ter um brilho de tradição para ele, uma tradição que envolvia passar a maior parte da noite enchendo a cara antes de cair no sono no chão de sua quitinete um pouco antes do amanhecer. Naquele ano ele havia tomado a precaução de pedir folga no Dia de São Marcos. Ensinar latim para os garotos da Aglionby já era uma dura punição, mas ensiná-los de ressaca era torturante.

Por fim, Whelk ergueu a pilha amarfanhada de lições de casa escritas à mão como resposta. Milo arregalou os olhos ao ver o nome escrito no papel de cima.

— Ronan Lynch! Essa lição é dele?

Virando a pilha para ler o nome na frente, Whelk concordou. Assim que o fez, alguns garotos a caminho do treino de remo esbarraram nele, empurrando-o em cima de Milo. Os estudantes provavelmente nem se deram conta de que estavam sendo desrespeitosos; Whelk era só um pouco mais velho que eles, e suas feições dramaticamente grandes o faziam parecer mais

jovem. Ainda era fácil confundi-lo com um dos estudantes.

Milo se livrou de Whelk.

— Como você faz para ele ir à aula?

A mera menção do nome de Ronan Lynch mexia em algum ponto sensível dentro de Whelk. Porque nunca era ele sozinho, era ele como parte do inseparável trio: Ronan Lynch, Richard Gansey e Adam Parrish. Todos os garotos na classe eram ricos, confiantes, arrogantes, mas esses três, mais do que ninguém, o faziam lembrar o que ele perdera.

Whelk fez um esforço para lembrar se Ronan já faltara a alguma aula sua. Os dias de escola começavam com Whelk estacionando sua porcaria de carro ao lado dos belos carros de Aglionby, abrindo caminho por entre garotos sorridentes e de cabeça oca e então se apresentando diante de uma sala cheia de estudantes de olhar vazio, na melhor das hipóteses, ou sarcástico, na pior. E ao fim do dia Whelk, sozinho e assombrado, nunca, jamais capaz de esquecer que já fora um deles.

Quando isso se tornou a minha vida?

Whelk deu de ombros.

— Não me lembro de ele ter faltado.

— Mas você dá aula para ele e o Gansey, não é? — perguntou Milo. — Isso explica. Os dois andam

grudados como carrapatos.

Era uma expressão estranha e antiga, uma expressão que Whelk não ouvia desde seus dias em Aglionby, quando ele também andava grudado como um carrapato com seu companheiro de quarto, Czerny. Ele sentiu um vazio dentro de si, como se estivesse com fome, como se devesse ter ficado em casa e bebido mais para comemorar aquele dia miserável.

Whelk derivou de volta para o presente, olhando para a lista de chamada que o professor substituto havia deixado.

— O Ronan estava na aula hoje, mas o Gansey não. Não na minha, pelo menos.

— Ah, deve ser por causa daquele papo de Dia de São Marcos que ele estava falando — disse Milo.

Isso chamou a atenção de Whelk. Ninguém sabia que aquele era o Dia de São Marcos. Ninguém celebrava aquele dia, nem mesmo a mãe de são Marcos. Apenas Whelk e Czerny, caçadores de tesouros e encrenqueiros, se importavam com a sua existência.

Whelk disse:

— Como?

— Eu não sei de tudo — respondeu Milo.

Outro professor disse "olá" para ele a caminho da sala dos professores, e Milo olhou sobre o ombro para

responder. Whelk imaginou agarrar o braço de Milo, forçando sua atenção de volta para si. Foi preciso se esforçar para esperar em vez disso. Voltando-se, Milo pareceu perceber o interesse de Whelk, pois acrescentou:

— Ele não tocou no assunto com você? Ele não parava de falar nisso ontem. É aquela história da linha ley que ele está sempre remexendo.

Linha ley.

Se ninguém sabia sobre o Dia de São Marcos, *verdadeiramente* ninguém sabia sobre linhas ley. Certamente ninguém em Henrietta, Virgínia. Certamente não um dos pupilos mais ricos de Aglionby. Definitivamente, não em conjunção com o Dia de São Marcos. Essa era a busca de Whelk, o tesouro de Whelk, os anos adolescentes de Whelk. Do que Richard Gansey III estava falando?

Com as palavras *linha ley* pronunciadas em voz alta, uma memória foi evocada: Whelk em uma mata densa, com o suor acumulado no lábio superior. Ele tinha dezessete anos e tremia. Toda vez que seu coração batia, linhas vermelhas raiavam nos cantos de sua visão, as árvores escurecendo com sua pulsação. Parecia que as folhas estavam todas se movendo, mesmo sem vento. Czerny estava no chão. Não estava morto, mas estava *morrendo*. Suas pernas ainda

pedalavam sobre a superfície irregular ao lado de seu carro vermelho, formando montes de folhas caídas atrás de si. Seu rosto estava simplesmente... entregue. Na cabeça de Whelk, vozes espectrais sibilavam e sussurravam palavras indistintas e encadeadas.

— Uma espécie de fonte de energia ou algo assim — disse Milo.

Whelk ficou subitamente com medo de que Milo pudesse ver a memória dele, pudesse ouvir as vozes inexplicáveis em sua cabeça, incompreensíveis, mas presentes desde aquele dia fatídico.

Whelk compôs suas feições, apesar de estar pensando: *Se alguém mais está procurando aqui, eu devia estar certo. Ela deve estar aqui.*

— O que ele disse que estava fazendo com a linha ley? — ele perguntou com uma calma estudada.

— Não sei. Pergunte a ele. Tenho certeza de que ele adoraria encher os seus ouvidos com essa história. — Milo olhou sobre o ombro enquanto a secretária se juntava a eles no corredor, com a bolsa no braço e a jaqueta na mão. O delineador estava borrado após um longo dia no escritório.

— Estamos falando sobre Gansey, o terceiro, e sua obsessão com a Nova Era? — perguntou a secretária. Ela tinha um lápis enfiado no cabelo para segurá-lo e Whelk olhou fixamente os fios soltos que se

enrolavam em torno do lápis. Estava claro para ele, pela postura da secretária, que ela secretamente achava Milo atraente, apesar do veludo cotelê xadrez e da barba.

Ela perguntou:

— Você sabe o tamanho da fortuna do velho Gansey? Eu me pergunto se ele tem ideia de como o filho dele passa o tempo. Olha, às vezes esses filhinhos de papai me dão vontade de cortar os pulsos. Jonah, me acompanha em um intervalo para o cigarro?

— Eu parei de fumar — disse Milo. E lançou um olhar rápido e apreensivo da secretária para Whelk, e Whelk sabia que ele estava pensando sobre o tamanho que fora a fortuna do pai de Whelk um dia, em outra época, e como ela era pequena agora, muito tempo depois de os julgamentos terem deixado as capas dos jornais. Todos os professores mais novos e o pessoal da administração odiavam os garotos de Aglionby, odiavam-nos pelo que tinham e pelo que representavam, e Whelk sabia que, em segredo, lhes agradava que ele tivesse sido rebaixado.

— E você, Barry? — perguntou a secretária. Então ela respondeu à sua própria pergunta: — Não, você não fuma, você é bonitinho demais para isso. Bem, vou sozinha.

Milo se virou para ir embora também.

— Melhoras — disse gentilmente, embora Whelk nunca tivesse dito que estava doente.

As vozes na cabeça de Whelk eram um rugido, mas dessa vez os próprios pensamentos as abafaram.

— Acho que já estou melhor — disse Whelk.

Talvez a morte de Czerny não tivesse sido à toa no fim das contas.



Blue não se descreveria realmente como uma garçonete. Afinal, ela também ensinava caligrafia para crianças do terceiro ano, fazia coroas para as Filhas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, levava os cães dos moradores do condomínio mais chique de Henrietta para passear e plantava flores de canteiro para as senhoras idosas do bairro. Realmente, ser garçonete no Nino's era a menor de suas atividades. Mas os horários eram flexíveis, era o registro mais legítimo em seu já bizarro currículo e certamente era o serviço que melhor pagava.

Só havia um problema com o Nino's: para todos os fins práticos, ele pertencia à Aglionby. O restaurante ficava a seis quadras do portão de ferro do campus da escola, no limite do centro histórico.

Não era o lugar mais chique de Henrietta. Havia outros com televisões maiores e música mais alta, mas

nenhum deles conseguiu dominar o imaginário da escola como o Nino's. Apenas saber que o Nino's era o lugar para estar já era um rito de passagem; se você fosse seduzido pelo Morton's Sports Bar, na Rua Três, não merecia estar na turma.

Então, no Nino's, os garotos de Aglionby não eram apenas alunos da escola, eram o que havia de mais Aglionby por ali. Barulhentos, arrogantes, filhinhos de papai.

Blue tinha visto uma infinidade de garotos corvos, para uma vida inteira.

A música naquela noite já estava alta o suficiente para paralisar as partes mais sutis de sua personalidade. Ela amarrou o avental, fez o melhor que pôde para se desligar dos Beastie Boys e armou seu sorriso ganhador de gorjetas.

Próximo do início de seu turno, quatro garotos entraram pela porta da frente, deixando um silvo frio de ar fresco no aposento que cheirava a orégano e cerveja. Na janela ao lado dos garotos, uma luz neon que dizia "Desde 1976" iluminava o rosto deles de verde-limão. O garoto da frente falava ao celular enquanto mostrava quatro dedos para Cialina para indicar o tamanho do grupo. Os garotos corvos eram bons em desempenhar múltiplas tarefas ao mesmo

tempo, desde que todas elas beneficiassem exclusivamente a eles mesmos.

Enquanto Cialina passava apressada com o bolso do avental cheio de comandas para entregar, Blue lhe deu quatro cardápios engordurados. O cabelo de Cialina flutuava acima da cabeça com eletricidade estática e estresse servil.

Blue perguntou displicentemente:

— Você quer que eu atenda aquela mesa?

— Está brincando? — respondeu Cialina, olhando os quatro garotos. Tendo finalmente terminado sua ligação, o primeiro escorregou em um dos bancos de vinil laranja. O mais alto deles bateu a cabeça na luminária de cristal lapidado pendurada sobre a mesa, e os outros riram generosamente dele, que xingou: — *Merda.*

Uma tatuagem serpenteou para fora do colarinho quando ele se virou para sentar. Todos os garotos tinham algo de faminto.

De qualquer forma, Blue não queria saber deles.

O que ela queria era um trabalho que não sugasse todos os pensamentos de sua cabeça e os substituísse pelo chamado sedutor de um sintetizador. Às vezes, ela saía furtivamente para a rua para um intervalo infinitesimal e, enquanto recostava a cabeça contra a parede de tijolos do beco atrás do restaurante, sonhava

preguiçosamente que estudava anéis de árvores, que nadava com raias-jamanta e explorava a Costa Rica para descobrir mais sobre o passarinho conhecido como pigmeu tirano.

Blue não sabia se realmente queria descobrir mais sobre o pigmeu tirano. Ela simplesmente gostava do nome, afinal de contas, para uma garota de um metro e cinquenta e dois, *pigmeu tirano* soava como uma carreira.

Todas essas vidas imaginadas pareciam bem distantes do Nino's.

Alguns minutos após o turno de Blue ter começado, o gerente sinalizou para ela da cozinha. Aquela noite era Donny. O Nino's tinha em torno de quinze gerentes, todos eles parentes do dono e nenhum formado no ensino médio.

Donny conseguiu se espreguiçar e oferecer o telefone ao mesmo tempo.

— Seus pais. Hum, sua mãe.

Mas não havia necessidade de esclarecer, pois Blue não sabia quem era seu pai. Na realidade, ela havia tentado importunar Maura sobre o pai antes, mas a mãe havia elegantemente se desviado dessa linha de questionamento.

Tirando o telefone da mão de Donny, Blue se enfiou de volta no canto da cozinha, próxima de uma

frigideira terminalmente gordurosa e uma pia de cuba grande. Apesar do cuidado, ela ainda era acotovelada de tempos em tempos.

— Mãe, eu estou trabalhando.

— Não entre em pânico. Você está sentada? Você provavelmente não precisa se sentar. Bem, acho que não. Pelo menos se apoie em algo. Ele ligou. Para marcar uma leitura.

— Quem, mãe? Fale mais alto. Está barulhento aqui.

— *Gansey*.

Por um instante, Blue não entendeu nada. Aí se deu conta e sentiu todo o peso da realidade sobre si. Sua voz ficou um pouco fraca.

— Para quando... você marcou a leitura?

— Amanhã à tarde. Foi o mais cedo que consegui. Eu *tentei* marcar mais cedo, mas ele disse que tinha escola. Você trabalha amanhã?

— Vou mudar meu turno — respondeu Blue imediatamente. Mas era outra pessoa dizendo aquelas palavras. A Blue de verdade estava de volta ao adro da igreja, ouvindo a voz dizer *Gansey*.

— Está bem. Vá trabalhar agora.

Quando desligou, Blue conseguia sentir o coração palpitando. Era real. Ele era real.

Era tudo verdade e terrivelmente específico.

Parecia uma bobagem estar ali, naquele momento, atendendo mesas, servindo drinques e sorrindo para estranhos. Ela queria estar em casa, recostada na casca fria da faia que crescia no quintal dos fundos, tentando decidir o que isso mudara em sua vida. Neeve havia dito que aquele era o ano em que ela se apaixonaria. Maura havia dito que ela mataria seu verdadeiro amor se o beijasse. Gansey deveria morrer naquele ano. Quais eram as chances? Gansey tinha de ser seu verdadeiro amor. Ele tinha de ser. Porque não havia a possibilidade de ela matar alguém.

Então é assim que a vida deve ser? Talvez seja melhor não saber.

Algo tocou seu ombro.

Tocá-la era estritamente contra a política de Blue. Ninguém deveria tocá-la enquanto ela estivesse no Nino's, e especialmente ninguém deveria tocá-la naquele momento, quando ela estava tendo uma crise. Ela deu um rodopio.

— Posso. Ajudar?

Diante dela estava o garoto de Aglionby, o polivalente do celular, parecendo arrumado e presidencial. Seu relógio parecia ser mais caro que o carro da mãe dela, e ele tinha um tom de pele bronzeado encantador. Blue nunca descobrira como os garotos de Aglionby conseguiam se bronzear antes

que os locais. Provavelmente tinha algo a ver com férias de primavera e lugares como a Costa Rica e a costa espanhola. O Presidente Celular provavelmente já estivera mais próximo de um pigmeu tirano do que ela jamais estaria.

— Espero que sim — disse ele, de maneira que indicava menos esperança e mais certeza. Ele tinha de falar alto para ser ouvido e inclinar a cabeça para mirar seus olhos. Havia algo irritantemente impressionante nele, uma impressão de que ele era muito alto, apesar de não ser mais alto que a maioria dos garotos. — Meu amigo Adam é socialmente inibido e achou você bonita, mas não quer tomar uma atitude. Ali. Não o sujo. Não o mal-humorado.

A contragosto, Blue olhou para a mesa que ele tinha apontado. Três garotos estavam sentados: um era sujo, como ele havia dito, com uma aparência amarfanhada e puída, como se seu corpo tivesse sido lavado vezes demais. O que tinha batido na luminária era bonito e tinha o cabelo raspado, um soldado em uma guerra em que o inimigo eram todas as outras pessoas. E o terceiro era... elegante. Não era a palavra certa para ele, mas era próxima. Ele tinha uma constituição delicada e uma aparência um tanto frágil, com olhos azuis belos o bastante para uma garota.

Apesar de seus instintos, Blue sentiu uma vibração de interesse.

— E? — ela perguntou.

— E você me faria um favor e iria falar com ele?

Blue usou um milésimo de segundo de seu tempo para imaginar como seria se jogar em uma mesa de garotos corvos e se arrastar por uma conversa incômoda e vagamente machista. Apesar da boa aparência do garoto na mesa, não foi um milésimo de segundo agradável.

— Sobre o que exatamente você acha que eu vou conversar com ele?

O Presidente Celular parecia despreocupado.

— Vamos pensar em algo. Somos pessoas interessantes.

Blue duvidou. Mas o garoto elegante era bem elegante. E parecia genuinamente horrorizado que seu amigo estivesse falando com ela, o que era ligeiramente cativante. Por um momento breve, brevíssimo, que mais tarde a envergonhou e desconcertou, Blue considerou contar ao Presidente Celular quando terminava seu turno. Mas então Donny a chamou da cozinha e ela se lembrou das regras número um e dois.

E disse:

— Está vendo que estou usando avental? Isso significa que estou trabalhando. Para pagar minhas contas.

A expressão despreocupada não desapareceu, e ele continuou:

— Eu cuido disso.

Ela ecoou:

— Cuida disso?

— É. Quanto você ganha por hora? Eu cuido disso. E falo com o seu chefe.

Por um momento, Blue ficou realmente sem saber o que dizer. Ela nunca acreditara em pessoas que se diziam sem palavras, mas era assim que ela estava. Abriu a boca e, em um primeiro momento, tudo que saiu foi ar. Então algo como o início de uma risada. Finalmente, ela conseguiu cuspir: — Eu não sou uma *prostituta*.

O garoto de Aglionby pareceu confuso por um longo momento, e então caiu a ficha.

— Ah, não foi isso que eu quis dizer. Não foi isso que eu disse.

— *Foi* isso que você disse! Você acha que pode simplesmente me *pagar* para conversar com o seu amigo? Obviamente você paga a maioria das suas companhias femininas por hora e não sabe como funciona no mundo real, mas... mas... — Blue

lembrou que estava construindo um argumento, mas não sabia qual era. A indignação havia eliminado todas as funções mais elevadas e tudo que restava era o desejo de dar um tapa naquele cara. Ele abriu a boca para protestar, e o pensamento de Blue voltou de súbito. — A maioria das garotas, quando está interessada em um cara, conversa com ele *de graça*.

Para seu crédito, o garoto de Aglionby não respondeu em seguida. Em vez disso, pensou por um instante e então disse, sobriamente: — Você disse que estava trabalhando para pagar suas contas. Achei que seria mal-educado não levar isso em consideração. Desculpe se ofendi você. Eu compreendo a sua posição, mas acho um pouco injusto você não fazer o mesmo por mim.

— E eu acho que você está sendo arrogante — disse Blue.

Ao fundo, ela viu de relance o Garoto Soldado fazendo um avião com a mão. Ele caía descontrolado em direção à mesa enquanto o Garoto Sujo reprimia o riso. O Garoto Elegante cobriu o rosto com a palma da mão, em horror exagerado, com os dedos abertos apenas o suficiente para que ela visse o traço de sarcasmo.

— Meu Deus — observou o garoto do celular. — Não sei mais o que dizer.

— *Desculpa* seria uma boa — ela recomendou.

— Eu já disse isso.

Blue considerou.

— Então *tchau*.

Ele fez um gesto ligeiro junto ao peito, que ela achou querer dizer que ele estava fazendo uma reverência, uma mesura ou algo sarcasticamente cavalheiresco. Calla o teria mandado para o inferno, mas Blue apenas meteu as mãos nos bolsos do avental.

Quando o Presidente Celular voltou para a mesa e pegou um diário de couro volumoso que parecia incompatível com o resto dele, o Garoto Soldado soltou uma risada zombeteira e ela o ouviu imitá-la: "... não sou uma prostituta". Ao seu lado, o Garoto Elegante baixou a cabeça. Suas orelhas tinham um tom rosa-claro.

Nem por cem dólares, pensou Blue. *Nem por duzentos*.

Mas ela tinha de confessar que estava um pouco desconcertada pelas orelhas coradas. Isso não parecia muito... Aglionby. Garotos corvos ficavam envergonhados?

Ela o encarou por um momento longo demais. O Garoto Elegante ergueu o olhar, que cruzou com o dela. Ele tinha o cenho franzido, arrependido em vez

de cruel, fazendo com que Blue duvidasse de si mesma.

Mas então ela corou, ouvindo novamente a voz do Presidente Celular dizendo: *Eu cuido disso*. Ela lhe lançou um olhar maldoso, bem de Calla, e girou de volta para a cozinha.

Neeve tinha de estar errada. Ela nunca se apaixonaria por um deles.



— Me fala de novo — Gansey pediu a Adam — por que você acha que uma médium é uma boa ideia.

As pizzas haviam sido devoradas (sem nenhuma ajuda de Noah), o que fez Gansey se sentir melhor e Ronan pior. Ao fim da refeição, Ronan havia tirado todas as cascas de ferida provocadas pelo carrinho e teria tirado as de Adam também se ele deixasse. Gansey mandou que ele saísse lá fora para se acalmar e que Noah o acompanhasse para cuidar dele.

Gansey e Adam estavam parados na fila, enquanto uma mulher discutia com a moça do caixa a respeito da cobertura de cogumelo.

— Elas lidam com energia — disse Adam, alto o suficiente para ser ouvido, apesar da música alta. Ele estudou o braço em que havia se livrado das próprias cascas. A pele por baixo parecia irritada. Erguendo o olhar, espiou sobre o ombro, provavelmente

procurando a garçonete má, *não-uma-prostituta*. Um lado de Gansey se sentia culpado por estragar as chances de Adam com ela, mas o outro lado sentia que ele possivelmente havia salvado o amigo de ter a medula arrancada e devorada.

Era possível, pensou Gansey, que ele mais uma vez tivesse sido sem noção a respeito de dinheiro. Ele não *quisera* ser ofensivo, mas, analisando melhor, talvez tivesse sido. Isso o incomodaria a noite inteira. Ele jurou, como havia feito uma centena de vezes antes, considerar melhor suas palavras.

Adam continuou:

— As linhas ley são energia. Energia pura.

— Pode dar certo — respondeu Gansey. — Se a médium não for uma charlatã.

Adam retrucou:

— A cavalo dado não se olham os dentes.

Gansey olhou para a comanda da pizza escrita à mão que ele segurava. De acordo com a caligrafia redonda, o nome da garçonete era Cialina. Ela havia incluído seu número de telefone, mas era difícil dizer qual dos garotos ela estava tentando atrair. Algumas partes na mesa eram menos perigosas de se associar do que outras. *Ela* claramente não o tinha achado arrogante.

Provavelmente porque não o ouvira falar.

A noite toda. Isso iria incomodá-lo *a noite toda*. Ele disse:

— Eu queria ter uma ideia da largura das linhas. Não sei se estamos procurando por um fio ou uma avenida, mesmo depois de todo esse tempo. A gente pode estar a meio metro delas e nem perceber.

O pescoço de Adam poderia ter quebrado de tanto que ele olhava em volta. Não havia nem sinal da garçonete. Ele parecia cansado de tantas noites maldormidas, pelo acúmulo de trabalho e estudo. Gansey odiava vê-lo assim, mas nada que ele pensou soava como algo que pudesse realmente lhe dizer. Adam não toleraria pena.

— Nós sabemos que elas podem ser encontradas através de radiestesia, então não devem ser tão estreitas — disse Adam, esfregando o dorso da mão contra a têmpora.

Fora isso que trouxera Gansey para Henrietta em primeiro lugar: meses de radiestesia e pesquisa. Mais tarde, ele tentara encontrar a linha de maneira mais precisa com Adam. Eles tinham dado a volta na cidade com uma varinha de radiestesia e um leitor de frequência eletromagnética, trocando os instrumentos entre os dois. A máquina havia indicado picos estranhos algumas vezes, e Gansey achou que sentira a

varinha vibrar em sua mão em sincronia com os picos, mas podia ter sido apenas ilusão.

Eu poderia dizer que as notas dele vão cair se ele não diminuir o ritmo, pensou Gansey, observando as olheiras de Adam. Se Gansey soasse preocupado consigo mesmo, Adam não interpretaria aquilo como pena. Então considerou colocar a questão de modo egoísta: *Você não vai ser útil para mim se pegar mononucleose ou algo parecido.* Mas Adam perceberia em um segundo que estava sendo enganado.

Em vez disso, Gansey disse:

— Precisamos de um ponto A sólido antes de começar a pensar em um ponto B.

Mas eles tinham o ponto A. Tinham até o ponto B. O problema era que os pontos eram grandes demais. Gansey tinha um mapa arrancado de um livro que mostrava a Virgínia com a linha ley passando por cima. Assim como os entusiastas da linha ley no Reino Unido, os caçadores de linha ley americanos determinaram lugares-chave espirituais e traçaram linhas entre eles até que o arco da linha ley se tornou óbvio. Parecia que todo o trabalho já tinha sido feito para eles.

Mas os criadores desses mapas nunca pensaram que eles fossem ser usados como mapas *rodoviários*;

eles eram aproximados demais. Um dos mapas listava somente Nova York, Washington, D.C. e Pilot Mountain, na Carolina do Norte, como possíveis pontos de referência. Cada um desses pontos tinha quilômetros de largura, e mesmo a mais fina linha traçada a lápis sobre o mapa não correspondia a menos que dez metros — mesmo eliminando as possibilidades, isso os deixava com milhares de hectares onde a linha ley poderia estar. Milhares de hectares onde Glendower poderia estar, se estivesse realmente ao longo da linha ley.

— Eu me pergunto — refletiu Adam em voz alta — se daria para eletrificar as varinhas ou a linha. Ligar uma bateria de carro a elas ou algo do gênero.

Se você conseguisse um financiamento, poderia parar de trabalhar até terminar a faculdade. Não, isso começaria imediatamente uma discussão. Gansey balançou a cabeça um pouco, mais por causa dos próprios pensamentos do que do comentário de Adam. E disse:

— Parece o início de uma sessão de tortura ou um videoclipe.

O rosto onde-está-a-garçonete-má de Adam havia dado lugar ao seu rosto ideia-brilhante. A fadiga havia se dissolvido.

— Bem, amplificação. Era só isso que eu estava pensando. Algo para tornar a linha mais ruidosa e mais fácil de seguir.

Não era uma ideia ruim. No ano passado, em Montana, Gansey havia entrevistado uma vítima de raio. O garoto estava sentado em seu quadriciclo na entrada de um estábulo quando foi atingido, e o incidente havia lhe deixado com um temor inexplicável de recintos fechados e com uma capacidade extraordinária de seguir uma das linhas ley usando apenas uma ponta curvada de antena de rádio. Por dois dias eles avançaram juntos através de campos entalhados por geleiras e marcados por fardos de feno redondos e altos, encontrando fontes ocultas de água, pequenas cavernas, cepos queimados por raios e pedras estranhamente marcadas. Gansey havia tentado convencer o garoto a voltar para a Costa Leste para realizar o mesmo milagre na linha ley de lá, mas seu medo patológico de lugares fechados recentemente adquirido excluía qualquer viagem de avião ou carro. E era uma longa caminhada.

Mesmo assim, não foi um exercício inteiramente inútil. Foi uma prova a mais da teoria amorfa que Adam descrevera havia pouco: linhas ley e eletricidade podiam andar juntas. Energia e energia.

Tudo combinando.

Enquanto ia até o balcão, Gansey percebeu que Noah o seguia, tentando lhe chamar a atenção e parecendo tenso e urgente. Ambos os traços eram típicos de Noah, de maneira que Gansey não se sentiu imediatamente incomodado. Passou um maço de notas dobradas para a moça do caixa, enquanto Noah continuava a pairar do lado dele.

— O que foi, Noah? — perguntou Gansey.

Noah parecia prestes a colocar as mãos nos bolsos, mas não o fez. As mãos dele pareciam pertencer a menos lugares do que as de outras pessoas. Simplesmente as deixou ao longo do corpo enquanto olhava para Gansey, depois disse:

— O Declan está aqui.

Um exame imediato do restaurante não ofereceu nada. Gansey perguntou:

— Onde?

— No estacionamento — disse Noah. — Ele e o Ronan...

Sem esperar o fim da frase, Gansey saiu apressadamente em direção ao estacionamento, bem a tempo de ver Ronan desferir um soco no irmão.

O golpe foi infinito.

Pelo jeito, era só o primeiro ato. Sob a luminosidade fraca e o zunido do poste de luz, Ronan mantinha uma postura firme e uma expressão dura

como granito. Não houve hesitação no golpe; ele tinha aceitado as consequências de onde quer que acertasse a pancada muito antes de disparar o soco.

Do pai, Gansey recebera a mente lógica, o gosto pela pesquisa e uma herança do tamanho da maioria das loterias estaduais.

Do pai, os irmãos Lynch haviam herdado o ego incansável, uma década de aulas de instrumentos musicais irlandeses desconhecidos e a capacidade de lutar boxe de verdade. Niall Lynch não estivera por perto por muito tempo, mas, enquanto estivera, fora um excelente professor.

— *Ronan!* — gritou Gansey, tarde demais.

Declan foi ao chão, mas, antes mesmo que Gansey tivesse tempo de traçar um plano de ação, já estava de pé de novo, acertando o punho no rosto do irmão. Ronan soltou uma série de impropérios tão variados e afiados que Gansey ficou impressionado que somente aquelas palavras não tivessem acabado com Declan. Braços giravam como moinhos. Joelhos encontravam peitos. Cotovelos socavam rostos. Então Ronan agarrou o casaco de Declan e o usou para jogá-lo contra o capô lustroso de seu Volvo.

— O carro não! — rosnou Declan, com o lábio sangrando.

A história da família Lynch era a seguinte: era uma vez um homem chamado Niall Lynch. Ele teve três filhos, um dos quais amava o pai mais do que os outros. Niall Lynch era um sujeito bonito, carismático, rico e misterioso, e um dia ele foi arrastado de seu BMW cinza-carvão e espancado até a morte com uma chave de roda. Isso foi numa quarta-feira. Na quinta-feira, seu filho Ronan achou o corpo na entrada da garagem. Na sexta-feira, a mãe deles parou de falar e nunca mais proferiu uma palavra.

No sábado, os irmãos Lynch descobriram que a morte do pai os deixara ricos, mas sem ter onde morar. O testamento os proibia de tocar em qualquer coisa na casa — roupas, móveis. A mãe continuava muda. O testamento fez com que eles se mudassem imediatamente para o dormitório em Aglionby. Declan, o mais velho, deveria gerir as finanças e a vida dos irmãos até que eles completassem dezoito anos.

No domingo, Ronan roubou o carro do pai.

Na segunda-feira, os irmãos Lynch deixaram de ser amigos.

Arrancando Ronan do Volvo, Declan acertou o irmão tão duro que até Gansey sentiu o golpe. Ashley, com o cabelo claro mais visível que o resto, cruzou o olhar com o dele de dentro do carro.

Gansey avançou vários passos no estacionamento.

— Ronan!

Ronan nem virou a cabeça. Um sorriso sinistro, mais de esqueleto que de gente, estava gravado em sua boca enquanto os irmãos rodopiavam em volta um do outro. Aquela era uma luta de verdade, e não um espetáculo, e se desenrolava rapidamente. Alguém estaria inconsciente antes que Gansey pudesse interceder, e ele simplesmente não tinha tempo para levar ninguém ao pronto-socorro naquela noite.

Gansey deu um salto e segurou o braço de Ronan em meio a um golpe. Mas Ronan ainda tinha os dedos enfiados como um gancho dentro da boca de Declan, e este já tinha um punho voando por trás, como um abraço violento. Então foi Gansey quem recebeu o golpe de Declan. Algo molhado lhe cobriu o braço. Ele pensou que fosse saliva, mas era sangue. Gansey gritou uma palavra que aprendera com sua irmã, Helen.

Ronan agarrou Declan pela gravata cor de vinho, e Declan prendeu firmemente a parte de trás da cabeça do irmão. Não faria diferença se Gansey não estivesse ali. Com um giro de punho ligeiro, Ronan bateu a cabeça de Declan contra a porta do motorista do Volvo. A batida fez um ruído horrível, e a mão de Declan se soltou.

Gansey aproveitou a oportunidade para lançar Ronan a um metro e meio de distância, mas ele se pôs de pé com um movimento súbito. Ele era incrivelmente forte.

— Pare — disse Gansey, ofegante. — Você está destruindo o seu rosto.

Ronan girou, todo músculos e adrenalina. Declan, com o terno mais sujo do que qualquer terno deveria parecer, partiu de volta na direção deles. Ele tinha um machucado terrível na têmpora, mas parecia pronto para começar tudo de novo. Não havia como dizer o que provocara a briga dessa vez — uma nova enfermeira em casa para a mãe deles, uma nota ruim na escola, uma conta de cartão de crédito não explicada. Talvez apenas Ashley.

Do outro lado do estacionamento, o gerente do Nino's surgiu na entrada do restaurante. Não levaria muito tempo até chamarem a polícia. *Onde está o Adam?*

— Declan — disse Gansey, com a voz cheia de aviso —, se você vier até aqui, eu juro...

Com um movimento brusco do queixo, Declan cuspiu sangue no chão. Seu lábio estava sangrando, mas seus dentes ainda estavam inteiros.

— Tudo bem. Ele é o seu cachorro, Gansey. Ponha uma coleira nele. E tome conta para que ele não

seja expulso de Aglionby. Eu lavo minhas mãos.

— Bem que eu gostaria — rosnou Ronan, com o corpo inteiro rígido por baixo da mão de Gansey. Ele vestia o ódio como uma cruel segunda pele.

Declan retrucou:

— Você é um merda, Ronan. Se o nosso pai te visse... — e isso fez Ronan se lançar para frente novamente. Gansey apertou os braços em torno do peito do amigo e o arrastou de volta.

— E o que você está fazendo *aqui*? — Gansey perguntou a Declan.

— A Ashley precisava usar o banheiro — respondeu Declan secamente. — Eu devia ter o direito de parar onde eu quiser, você não acha?

A última vez que Gansey estivera no banheiro do Nino's, ele cheirava a vômito e cerveja. Em uma das paredes, uma caneta vermelha havia rabiscado a palavra "BELZEBU" e o número de Ronan embaixo. Era difícil imaginar Declan *escolhendo* as instalações do Nino's para a namorada. A voz de Gansey soou ríspida.

— O que eu *acho* é que você devia ir embora. Isso não vai se resolver hoje.

Declan riu, só uma vez. Uma grande risada descuidada, cheia de vogais redondas. Ele claramente

não achava graça nenhuma em nada que dizia respeito a Ronan.

— Pergunte ao Ronan se ele vai passar com um B esse ano — ele disse a Gansey. — Você chega a ir às aulas, Ronan?

Atrás de Declan, Ashley espiava pela janela do motorista. Ela havia baixado o vidro para ouvir, e não parecia tão idiota quando acreditava que ninguém estava lhe dando atenção. Parecia justo que, talvez dessa vez, Declan fosse o manipulado.

— Não estou dizendo que você está errado, Declan — disse Gansey. A orelha latejava onde ele havia sido acertado, e ele podia sentir a pulsação de Ronan batendo em seu braço. A promessa que ele havia feito de considerar suas palavras com mais cuidado lhe voltou à lembrança, então ele estruturou o resto da frase na cabeça antes de dizer em voz alta: — Mas você não é Niall Lynch e nunca será. E você cresceria muito mais rápido na vida se parasse de tentar ser.

Gansey soltou Ronan.

Ronan não se moveu, nem Declan, como se, ao dizer o nome do pai deles, Gansey tivesse lançado um feitiço. Eles traziam a mesma expressão dura no rosto. Ferimentos diferentes infligidos pela mesma arma.

— Só estou tentando ajudar — disse Declan finalmente, soando derrotado. Houve uma época, alguns meses atrás, em que Gansey teria acreditado nele.

Ao lado de Gansey, as mãos de Ronan pendiam abertas ao longo do corpo. Às vezes, quando alguém batia em Adam, havia algo remoto e ausente em seus olhos, como se seu corpo pertencesse a outra pessoa. Mas, quando Ronan apanhava, acontecia o contrário; ele se tornava tão presente que era como se estivesse dormindo antes.

Ronan disse para o irmão:

— Eu nunca vou te perdoar.

A janela do Volvo sibilou ao fechar, como se Ashley tivesse se dado conta naquele momento de que aquela era uma conversa que ela não deveria ouvir.

Sugando o lábio que sangrava, Declan olhou para o chão por um momento. Então se endireitou e ajustou a gravata.

— Não significa muito vindo de você — ele disse e escancarou a porta do Volvo.

Enquanto escorregava para o banco do motorista, Declan disse a Ashley:

— Não quero falar sobre isso — e bateu a porta.

Os pneus do Volvo guincharam no pavimento, e então Gansey e Ronan se viram parados um ao lado do

outro na estranha luz difusa do estacionamento. A uma quadra de distância, um cão latiu funestamente três vezes. Ronan tocou a sobrancelha com o dedo mindinho para verificar se havia sangue, mas só havia um grande calombo.

— Conserte isso — disse Gansey. Ele não estava inteiramente certo de que qualquer coisa que Ronan tivesse feito, ou deixado de fazer, pudesse ser corrigida com facilidade, mas tinha certeza de que precisava ser corrigida. A única exigência para que Ronan pudesse ficar na Indústria Monmouth era que suas notas fossem aceitáveis. — O que quer que seja. Não deixe que ele tenha razão.

Ronan disse baixo, apenas para Gansey ouvir:

— Eu quero largar tudo.

— Falta só um ano.

— Não quero seguir com isso por mais um ano. — Ele chutou uma pedra de cascalho para baixo do Camaro. Então sua voz se elevou, mas apenas em ferocidade, não em volume. — Mais um ano e aí eu acabo estrangulado numa gravata como o Declan? Não sou um maldito político, Gansey. Nem um banqueiro.

Gansey também não era, mas isso não significava que quisesse abandonar a escola. Ele percebeu, pela dor na voz de Ronan, que sua própria voz não deveria demonstrar nenhuma tristeza quando disse:

— Apenas se forme e depois faça o que quiser.

A herança de seus pais havia assegurado aos dois que nenhum deles tivesse de trabalhar para ganhar a vida, se escolhessem não fazê-lo. Eles eram peças soltas na máquina da sociedade, um fato que recaía de maneira diferente sobre os ombros de Ronan e os de Gansey.

Ronan parecia irado, mas ele estava com um humor em que sempre pareceria irado, não importava o que estivesse acontecendo.

— Eu não sei o que eu quero. Eu não sei nem que merda eu sou.

E entrou no Camaro.

— Você me prometeu — disse Gansey pela porta aberta do carro.

Ronan não olhou para ele.

— Eu sei o que eu fiz, Gansey.

— Não esqueça.

Quando Ronan bateu a porta, ela ecoou pelo estacionamento como ecoam os sons na escuridão. Gansey se juntou a Adam em seu posto de observação favorável, seguramente distante. Comparado a Ronan, Adam parecia limpo, comedido e absolutamente controlado. Em algum lugar, ele havia conseguido uma bola de borracha com o logotipo do Bob Esponja impresso e a quicava com uma expressão pensativa.

— Eu convenci o pessoal do restaurante a não chamar a polícia — disse Adam. Ele era bom em conter as coisas.

Gansey suspirou. Naquela noite ele não teria energia para falar com a polícia em favor de Ronan.

Diga que estou fazendo a coisa certa com o Ronan. Diga que é assim que vamos reencontrar o velho Ronan. Diga que eu não estou arruinando a vida dele ao mantê-lo longe do Declan.

Mas Adam já havia dito para Gansey que achava que Ronan precisava aprender a limpar a própria sujeira. Era apenas Gansey que parecia temer que Ronan aprendesse a viver na sujeira.

Então ele simplesmente perguntou:

— Onde está o Noah?

— Está vindo. Acho que ele estava deixando uma gorjeta. — Adam deixou a bola cair e a pegou de novo. Ele tinha um jeito quase mecânico de agarrar a bola enquanto ela quicava de volta em sua direção; num momento sua mão estava aberta e vazia, no seguinte bem fechada em torno dela.

Quica. Pega.

Gansey disse:

— E a Ashley, hein?

— *É* — disse Adam, como se estivesse esperando que ele tocasse no assunto.

— Ela tem uns olhos e tanto. — Era uma expressão que seu pai usava muito, uma frase de efeito da família para se refirir a uma pessoa enxerida.

Adam perguntou:

— Você realmente acha que ela está aqui pelo Declan?

— Por que outra razão ela estaria?

— Glendower — respondeu Adam imediatamente.

Gansey riu, mas Adam não.

— Sério, que outra razão haveria?

Em vez de responder, Adam girou a mão e lançou a bola de borracha. Ele havia escolhido a trajetória cuidadosamente: a bola quicou no asfalto sujo uma vez, acertou um dos pneus do Camaro e desenhou um arco alto no ar, desaparecendo no escuro. Ele deu um passo à frente, a tempo de ela bater na palma da sua mão. Gansey fez um ruído de aprovação e Adam emendou:

— Acho que você não devia mais falar sobre isso com as pessoas.

— Não é segredo.

— Talvez devesse ser.

A apreensão de Adam era contagiosa, mas, logicamente, não havia nada que apoiasse a suspeita. Por quatro anos, Gansey estivera procurando por

Glendower, admitindo livremente esse fato para qualquer um que demonstrasse interesse, e ele nunca vira a menor evidência de qualquer outra pessoa compartilhando precisamente sua busca. No entanto, ele tinha de admitir que essa possibilidade lhe provocava um sentimento peculiarmente desagradável.

Gansey disse:

— Não há segredos, Adam. Praticamente tudo que eu fiz é de conhecimento público. É tarde demais para ser um segredo. Já era tarde demais anos atrás.

— Fala sério, Gansey — Adam disse um pouco irritado. — Você não sente nada? Você não se sente...?

— Me sinto o quê? — Gansey detestava brigar com Adam, e aquilo parecia uma briga de certa maneira.

Adam lutou sem sucesso para colocar os pensamentos em palavras. Por fim, respondeu:

— *Observado.*

Do outro lado do estacionamento, Noah tinha finalmente saído do Nino's e se arrastava na direção deles. Dentro do Camaro, era possível ver o perfil de Ronan recostado no banco, a cabeça virada como se dormisse. Perto dali, Gansey conseguia sentir cheiro de rosas e de grama cortada pela primeira vez aquele ano e, mais distante, a terra úmida retornando à vida por baixo das folhas caídas, assim como água

correndo sobre pedras em curvas montanhosas onde seres humanos nunca caminharam. Talvez Adam estivesse certo. Havia algo sugestivo naquela noite, ele pensou, algo fora de vista que parecia abrir os olhos.

Dessa vez, quando Adam deixou cair a bola, foi a mão de Gansey que se estendeu e a pegou.

— Você acha que faria algum sentido para alguém nos espionar — disse Gansey — se não estivéssemos no caminho certo?



Quando Blue saiu lentamente para a rua, o cansaço havia extinguido sua ansiedade. Ela encheu os pulmões com o ar frio da noite. Não parecia possível que fosse a mesma substância que filtrava pelas ventilações de ar-condicionado do Nino's.

Ela inclinou a cabeça para trás para observar as estrelas. Ali, no limite do centro da cidade, não havia muitos postes de luz para obliterar completamente as estrelas. Ursa Maior, Leão, Cefeu. Sua respiração se tornava mais fácil e calma a cada constelação familiar que encontrava.

A corrente estava fria quando ela destrancou a bicicleta. Do outro lado do estacionamento, conversas abafadas chegavam aos seus ouvidos e desapareciam. Atrás dela, passos se arrastavam sobre o asfalto em algum lugar próximo. Mesmo quando silenciosas, as pessoas eram realmente os animais mais barulhentos.

Um dia ela viveria em algum lugar onde poderia sair de casa e ver apenas estrelas, e não postes de luz, e então poderia se sentir mais próxima do que jamais estivera de compartilhar o dom de sua mãe. Quando Blue olhava para as estrelas, algo a atraía, algo que a incitava a ver mais do que estrelas, a decifrar o firmamento caótico, para obter uma imagem dele. Mas isso nunca fazia sentido. Blue sempre via somente Leão e Cefeu, Escorpião e Dragão. Talvez ela simplesmente precisasse de mais horizonte e menos cidade. Acontece que ela não queria mesmo ver o futuro. O que ela queria era ver algo que ninguém mais pudesse ver, e talvez isso fosse pedir por mais magia do que havia no mundo.

— Com licença, hum... senhorita. Olá.

A voz era suave, masculina e local; as vogais tinham todas as beiradas polidas. Blue se virou com uma expressão desinteressada.

Para sua surpresa, era o Garoto Elegante, o rosto mais magro e velho à luz distante da rua. Ele estava sozinho. Nenhum sinal do Presidente Celular, do Garoto Sujo ou de seu amigo hostil. Uma mão firmava a bicicleta. A outra estava enfiada no bolso. A postura insegura não acompanhava muito bem o blusão com o corvo no peito, e ela viu de relance uma parte gasta na costura do ombro antes que ele a

escondesse sob as orelhas, encolhendo os ombros como se estivesse com frio.

— Oi — disse Blue, em um tom mais suave do que teria usado se não tivesse notado o puído no blusão. Ela não sabia que tipo de garoto de Aglionby usava blusões de segunda mão. — Adam, não é?

Ele anuiu, brusco e envergonhado, e Blue olhou para a bicicleta. Ela também não sabia que tipo de garoto de Aglionby dirigia uma bicicleta em vez de um carro.

— Eu estava indo para casa — disse Adam — e achei que tinha reconhecido você aqui. Eu queria pedir desculpa. Pelo que aconteceu antes. Eu não pedi para ele fazer aquilo e queria que você soubesse.

Não escapou a Blue que sua voz com um ligeiro sotaque era tão bonita quanto sua aparência. Era como o pôr do sol de Henrietta: balanços quentes em varandas e copos de chá gelado, cigarras mais altas que os pensamentos. Ele olhou por sobre o ombro, então, ao som de um carro em uma rua lateral. Quando olhou de volta para ela, ainda trazia uma expressão cansada, e Blue viu que aquela feição — o cenho franzido, a boca tensa — era sua expressão normal. Combinava com seus traços, acompanhando cada linha em torno da boca e dos olhos. *Esse garoto de Aglionby muitas vezes não se sente feliz*, ela pensou.

— Que legal de sua parte — disse ela. — Mas não é você que precisa se desculpar.

Adam disse:

— Não posso deixar que ele fique com toda a culpa. Quer dizer, ele estava certo. Eu queria falar com você. Mas não queria simplesmente... tentar ficar com você.

Aquele era o momento em que ela deveria ter se livrado dele. Mas ela estava imobilizada pelo instante em que ele corara na mesa — sua expressão honesta, seu sorriso incerto, recém-cunhado. Seu rosto era simplesmente estranho o bastante para que ela quisesse continuar olhando.

O fato era que Blue nunca havia sido paquerada por alguém que ela desejasse que tivesse sucesso em sua iniciativa.

Não faça isso!, avisou a voz dentro dela.

Mas ela perguntou:

— E o que você *queria* fazer?

— Conversar — ele disse. Em seu sotaque local, era uma palavra longa e parecia menos um sinônimo para *falar* e mais para *confessar*. Blue não podia deixar de olhar para a linha fina e agradável de sua boca. Ele acrescentou: — Acho que eu podia ter evitado um belo incômodo se tivesse simplesmente

ido falar com você. As ideias de outras pessoas sempre parecem me causar mais problemas.

Blue estava quase contando a ele como as ideias de Orla causavam problemas para todos em sua casa também, mas então se deu conta de que ele diria algo mais, e daí ela responderia, e isso poderia seguir noite adentro. Algo a respeito de Adam lhe dizia que aquele era um cara com quem ela podia ter uma *conversa*. Do nada, a voz de Maura surgiu em sua mente: *Não preciso dizer para você não beijar ninguém, não é?*

E, simples assim, Blue pôs um ponto-final naquilo. Ela era, como Neeve havia dito, uma garota sensata. Na melhor das hipóteses, aquilo só poderia terminar em tormento. Ela expirou forte.

— De qualquer maneira, a questão não era o que ele estava dizendo sobre você. Foi que ele me ofereceu dinheiro — disse ela, colocando o pé no pedal da bicicleta. O segredo era não imaginar como teria sido ficar e conversar. Quando Blue não tinha dinheiro suficiente para algo, a pior coisa no mundo era imaginar como seria ter esse algo.

Adam suspirou, como se reconhecesse o recuo dela.

— Ele não tem noção. É um idiota com dinheiro.

— E você não é?

Ele apenas a encarou com um olhar muito firme. Não era uma expressão que deixasse espaço para brincadeiras.

Blue inclinou a cabeça para trás, mirando as estrelas. Era estranho imaginar quão rapidamente elas giravam no céu: um vasto movimento distante demais para detectar. *Leão, Leão Menor, Cinturão de Órion*. Se ela fosse sua mãe ou suas tias e lesse o destino nos céus, veria o que deveria dizer a Adam?

Então perguntou:

— Você vai voltar ao Nino's?

— Isso é um convite?

Ela sorriu em resposta. Parecia algo muito perigoso, aquele sorriso, algo com que Maura não ficaria satisfeita.

Blue tinha duas regras: ficar longe dos garotos, porque eles trazem problemas, e ficar longe de garotos corvos, porque eles são uns canalhas.

Mas essas regras não pareciam se aplicar a Adam. Atrapalhada, ela tirou do bolso um lenço de papel e escreveu nele seu nome e seu número de telefone. Com o coração aos pulos, ela o dobrou e o passou para ele.

Adam se limitou a dizer:

— Que bom que eu voltei.

Então sua figura esbelta deu meia-volta, e ele começou a empurrar a bicicleta, que guinchava pesarosa, de volta pelo caminho de onde viera.

Blue pressionou os dedos contra o rosto.

Eu dei meu telefone para um garoto.

Eu dei meu telefone para um garoto corvo.

Abraçando o corpo com os braços, ela imaginou uma discussão com sua mãe. *Dar o telefone para alguém não quer dizer que você vai beijá-lo.*

Blue deu um salto quando a porta de trás do restaurante se abriu. Mas era apenas Donny, sua expressão desanuviando quando a viu. Ele segurava o tentador livro volumoso encadernado em couro que Blue reconheceu de imediato. Ela o vira nas mãos do Presidente Celular.

Donny perguntou:

— Você sabe quem esqueceu isso aqui? É seu?

Ela foi ao seu encontro e, a meio caminho do estacionamento, pegou o diário e o abriu. Ele não escolheu uma página para abrir; estava tão usado e tão cheio que todas as páginas reivindicavam precedência. Ele finalmente se abriu ao meio, obedecendo à gravidade em vez de ao uso.

A página era uma confusão de recortes amarelados de livros e jornais. Uma caneta vermelha sublinhava algumas frases, acrescentava comentários nas margens

(“Cavernas Luray contam como lugar espiritual? gralhas = corvos?”) e marcava quadradinhos cuidadosamente dispostos diante de cada item de uma lista intitulada: “Nomes de lugares influenciados pelo galês próximos de Henrietta”. Blue reconheceu a maioria das cidades listadas. Welsh Hills, Glen Bower, Harlech, Machinleth.

— Não cheguei realmente a ler — disse Donny. — Eu só queria ver se tinha um nome nele para devolver. Mas então vi que era... bem, o tipo de coisa que você costuma ler.

Com isso, ele queria dizer que o diário era o que ele esperava da filha de uma médium.

— Acho que eu sei de quem é — disse Blue. Ela não tinha outro pensamento imediato que o desejo de passar mais tempo virando as páginas. — Eu fico com ele.

Quando Donny entrou no restaurante, Blue abriu o diário novamente. Agora ela tinha tempo para se maravilhar com a absoluta densidade dele. Mesmo se o conteúdo não a tivesse surpreendido imediatamente, o sentimento que tudo aquilo provocava o faria. Havia tantos recortes que o diário não mantinha a forma de livro se não estivesse bem atado com laços de couro. Páginas e mais páginas eram dedicadas a trechos rasgados e cortados, e havia um inegável prazer tátil

em folheá-lo. Blue correu os dedos sobre as variadas superfícies. Papel de desenho, espesso e untuoso, com uma fonte esguia e elegante. Papel fino, amarronzado, com serifas longas e delicadas. Papel de escritório, utilitário e liso, com uma letra moderna e despojada. Recortes de jornal com bordas esfarrapadas, em um tom quebradiço de amarelo.

Então havia as anotações, feitas com uma meia dúzia de canetas e marcadores diferentes, mas todas na mesma caligrafia profissional. Elas circulavam, apontavam e sublinhavam "muito urgente". Faziam listas e pontos de exclamação ansiosos nas margens. Contradiziam umas às outras e se referiam umas às outras na terceira pessoa. Linhas se tornavam hachuras, que se tornavam rabiscos de montanhas, que se tornavam marcas de pneus inquietas deixadas por carros velozes.

Blue levou um tempo para entender do que o diário realmente tratava. Ele era organizado em partes pouco precisas, mas estava claro que quem quer que o tivesse criado havia ficado sem espaço em algumas partes e começado de novo mais adiante. Havia uma parte sobre linhas ley, linhas de energia invisíveis que conectavam lugares espirituais; outra sobre Owain Glyndŵr, o rei Corvo; outra sobre lendas de reis adormecidos que esperavam debaixo de montanhas

para ser descobertos para uma nova vida. Havia ainda uma parte de histórias estranhas sobre reis sacrificados e antigas deusas da água e todas as coisas velhas que os corvos representavam.

Mais do que qualquer coisa, o diário *desejava*. Desejava mais do que podia conter, mais do que palavras podiam descrever, mais do que diagramas podiam ilustrar. O anseio transbordava das páginas, em cada linha frenética, em cada desenho apaixonado, em cada definição em negrito. Havia algo de doloroso e melancólico a respeito dele.

Uma forma familiar se destacava do resto dos rabiscos. Três linhas se cruzavam: um triângulo longo, pontiagudo. Era a mesma forma que Neeve havia desenhado na terra no adro da igreja. A mesma forma que sua mãe havia desenhado no boxe do chuveiro coberto de vapor.

Blue aplanou a página para examiná-la melhor. Essa parte era sobre linhas ley: "caminhos de energia mística que conectam lugares espirituais". Ao longo do diário, o autor havia rabiscado as três linhas repetidas vezes e, junto delas, um Stonehenge de aparência débil, estranhos cavalos alongados e um desenho descritivo de um túmulo. Não havia explicação do símbolo.

Não podia ser coincidência.

Não havia como aquele diário pertencer àquele garoto corvo presidencial. Alguém devia ter dado para ele.

Talvez tenha sido Adam, pensou.

Ele tinha passado para ela a mesma sensação que o diário: o sentimento de algo mágico, de possibilidade, de perigo ansioso. Aquele mesmo sentimento que ela experimentara quando Neeve havia dito que um espírito tocara seu cabelo.

Blue pensou: *Eu gostaria que você fosse Gansey*. Mas, tão logo pensou isso, ela sabia que não era verdade. Porque, quem quer que fosse Gansey, ele não tinha mais muita vida pela frente.



Gansey acordou no meio da noite apenas para sentir a lua cheia no rosto e ouvir o telefone tocar.

Procurou atrapalhado no meio dos cobertores, onde se escondia o aparelho. Cego sem os óculos ou as lentes de contato, Gansey teve de segurar o telefone a centímetros dos olhos para ler o nome de quem o ligava: R. MALORY. Agora Gansey compreendia a hora bizarra da chamada. O dr. Roger Malory vivia em Sussex, um fuso horário de cinco horas de Henrietta. Meia-noite na Virgínia eram cinco da manhã para o madrugador Malory. Ele era uma das principais autoridades britânicas em linhas ley. Tinha oitenta, cem ou duzentos anos, e havia escrito três livros sobre o assunto, todos clássicos no (muito limitado) campo. Eles haviam se conhecido no verão em que Gansey dividira seu tempo entre o País de Gales e Londres. Malory havia sido o primeiro a levar o adolescente de

quinze anos a sério, um favor pelo qual Gansey lhe seria eternamente grato.

— Gansey — disse Malory carinhosamente, sabendo que era melhor chamá-lo assim do que pelo nome de batismo. Sem mais delongas, Malory partiu para um monólogo sobre o tempo, os últimos quatro encontros da sociedade histórica e como era frustrante seu vizinho com o collie. Gansey compreendeu aproximadamente três quartos do monólogo. Após viver no Reino Unido por quase um ano, ele era bom com sotaques, mas o de Malory era muitas vezes difícil, graças a uma combinação de fala arrastada, ruminação, idade extrema e conexão telefônica ruim.

Agachado ao lado da maquete de Henrietta, Gansey prestou pouca atenção por educados doze minutos antes de interrompê-lo polidamente.

— Que bom que você ligou.

— Achei uma fonte textual muito interessante — disse Malory. Havia um ruído, como se ele estivesse mastigando ou embrulhando algo em celofane. Gansey conhecera o apartamento dele e era bem possível que Malory estivesse fazendo os dois. — Que sugeriu que as linhas ley estão dormentes. Dormindo. Isso te lembra alguma coisa?

— Como Glendower! Então o que isso quer dizer?

— Isso pode explicar por que elas são tão difíceis de encontrar por radiestesia. Se elas ainda estiverem presentes, mas não ativas, a energia seria muito fraca e irregular. Em Surrey, eu estava seguindo uma linha com um sujeito... vinte e dois quilômetros, um tempo horroroso, gotas de chuva que mais pareciam nabos... e então ela simplesmente desapareceu.

Buscando um tubo de cola e algumas telhas de papelão, Gansey usou a forte luz do luar para trabalhar em um telhado enquanto Malory seguia discorrendo sobre a chuva. Então ele perguntou:

— A sua fonte diz alguma coisa sobre despertar as linhas ley? Se Glendower pode ser acordado, as linhas ley também podem, não é?

— Essa é a ideia.

— Mas basta descobrir Glendower para acordá-lo. As pessoas *caminham* sobre as linhas ley.

— Ah, não, sr. Gansey, é aí que está o erro. Os caminhos espirituais são subterrâneos. Mesmo que eles não tenham sido sempre assim, agora estão cobertos por metros de terra acumulada através dos séculos — disse Malory. — Ninguém as toca há centenas de anos. Você e eu, nós não caminhamos sobre as linhas. Nós simplesmente seguimos os ecos.

Gansey lembrou como o rastro parecia ir e vir sem nenhuma razão enquanto ele e Adam procuravam as

linhas por radiestesia. A teoria de Malory tinha um mínimo de plausibilidade, e isso era tudo de que ele precisava. Ele não desejava mais nada a não ser começar a explorar seus livros para fundamentar ainda mais essa nova ideia, a escola que se danasse. Gansey sentiu uma rara pontada de ressentimento por ser um adolescente, por estar amarrado a Aglionby; talvez fosse assim que Ronan se sentisse o tempo inteiro.

— Ok. Então nós acessamos as linhas por baixo da terra. Cavernas, quem sabe?

— Ah, cavernas são coisas pavorosas — respondeu Malory. — Sabe quantas pessoas morrem em cavernas todos os anos?

Gansey respondeu que não.

— Milhares — assegurou-o Malory. — Elas são como cemitérios de elefantes. Muito melhor ficar acima da terra. A espeleologia é mais perigosa que corrida de motocicleta. Não, minha fonte diz respeito somente a uma maneira ritual de despertar os caminhos espirituais da superfície, deixando que a linha ley saiba de sua presença. Você faria uma imposição de mãos simbólica na energia aí em Marianna.

— Henrietta.

— Texas?

Sempre que Gansey falava com britânicos sobre os Estados Unidos, eles pareciam achar que ele se referia ao Texas. Então ele corrigiu:

— Virgínia.

— Certo — concordou Malory afetuosamente. — Pense como seria fácil seguir o caminho espiritual para Glendower se ele gritasse em vez de sussurrar. Você o encontra, realiza o ritual e segue o caminho até o seu rei.

Nas palavras de Malory, isso parecia inevitável.

Segue o caminho até o seu rei.

Gansey fechou os olhos para se acalmar. Viu uma imagem vagamente cinza de um rei em repouso, as mãos cruzadas sobre o peito, uma espada do lado direito, um copo à esquerda. Essa figura adormecida era tão estonteantemente importante para Gansey que ele não conseguia começar a compreender ou lhe dar forma. Era algo mais, algo maior, algo que importava. Algo sem uma etiqueta de preço. Algo conquistado.

— Mas o texto não é muito claro sobre como desempenhar o ritual — admitiu Malory, divagando sobre as esquisitices dos documentos históricos. Gansey já não prestava muita atenção, e então Malory concluiu: — Vou tentar o ritual no caminho de Lockyer. Depois eu conto como foi.

— Ótimo — disse Gansey. — Nem sei como agradecer.

— Mande lembranças à sua mãe.

— Eu mand...

— Você tem sorte de ainda ter mãe. Quando eu tinha mais ou menos a sua idade, minha mãe foi assassinada pelo sistema de saúde britânico. Ela estava perfeitamente bem até ser admitida com uma tossinha...

Gansey ouviu com pouca atenção a história sempre repetida de Malory sobre o fracasso do governo em curar o câncer de garganta de sua mãe. Ele soava bastante animado quando o telefone caiu em silêncio.

Agora Gansey se sentia movido pela caçada; ele precisava falar com alguém antes que o sentimento inconcluso da busca o devorasse. Seria melhor falar com Adam, mas as chances eram maiores de que Ronan, que variava loucamente entre a insônia e a hiperinsônia, estivesse acordado.

No meio do caminho até o quarto de Ronan, lhe ocorreu que o cômodo estava vazio. Parado no vão escuro da porta, Gansey sussurrou o nome do amigo. Como não obteve resposta, chamou alto.

O quarto de Ronan não deveria ser aberto, mas Gansey o abriu de qualquer maneira. Colocando a mão

sobre a cama, ele a encontrou desfeita e fria, os cobertores jogados para o lado. Gansey bateu com força na porta de Noah enquanto discava apressadamente o número de Ronan com a outra mão. O telefone tocou duas vezes antes de o correio de voz dizer simplesmente: “Ronan Lynch”.

Gansey cortou a voz gravada no meio, com o coração disparado. Por um longo momento considerou a questão, e então discou outro número. Dessa vez, foi a voz de Adam que respondeu, em um tom baixo de sono e precaução.

— Gansey?

— O Ronan se mandou.

Adam ficou em silêncio. O fato não era somente que Ronan havia desaparecido, era que ele havia desaparecido após uma briga com Declan. Mas não era fácil deixar o lar dos Parrish no meio da noite. As consequências de ser apanhado poderiam deixar evidências físicas, e estava ficando quente demais para usar mangas longas. Gansey se sentiu miserável por pedir isso a Adam.

Na rua, um pássaro noturno deu um silvo alto e penetrante. A pequena réplica de Henrietta parecia sinistra à meia-luz, os carros de metal injetado estacionados nas ruas como se tivessem parado há pouco. Gansey sempre achara que, à noite, qualquer

coisa podia acontecer. À noite, Henrietta era como magia, e a magia parecia ser algo terrível.

— Vou dar uma olhada no parque — suspirou Adam finalmente. — E, hum... na ponte, eu acho.

Adam desligou tão suavemente que levou um momento para Gansey perceber que a conexão havia terminado. Ele pressionou a ponta dos dedos nos olhos e foi assim que Noah o encontrou.

— Você vai procurar o Ronan? — perguntou. Ele parecia pálido e frágil na luz amarela que vinha do quarto atrás dele, a pele embaixo dos olhos mais escura que qualquer coisa. Ele parecia menos Noah do que a sugestão de Noah. — Procure na igreja.

Noah não disse que iria junto, e Gansey não pediu que ele fosse. Seis meses antes, Noah encontrara Ronan em uma poça de sangue, e assim ele estava dispensado de ter de ver aquilo de novo. Noah não fora com Gansey até o hospital depois, e Adam havia sido pego tentando escapar, de maneira que Gansey fora o único a acompanhar Ronan quando este recebera os pontos. Isso fora há muito tempo, mas não parecia tempo algum.

Às vezes, Gansey sentia como se sua vida fosse feita de uma dúzia de horas que ele nunca conseguiria esquecer.

Ele colocou o casaco e saiu para a luz esverdeada do estacionamento gelado. O capô do BMW de Ronan estava frio, o que significava que o motor não havia sido ligado recentemente. Para onde quer que ele tivesse ido, tinha ido a pé. A igreja, com a agulha iluminada por uma luz amarela sombria, ficava próxima. Assim como o Nino's. Assim como a velha ponte com a correnteza que passava veloz por baixo.

Ele começou a caminhar. Sua mente era lógica, mas seu coração traiçoeiro gaguejava entre uma batida e outra. Gansey não era ingênuo; não tinha ilusões que um dia recuperaria o Ronan Lynch que conhecera antes de Niall morrer. Mas ele não queria perder o Ronan Lynch que tinha agora.

Apesar da forte luz do luar, a entrada para a Santa Inês se encontrava na completa escuridão. Tremendo um pouco, Gansey colocou a mão sobre o grande anel de ferro que abria a porta da igreja, inseguro se ela estaria destrancada. Ele estivera apenas uma vez na Santa Inês, na Páscoa, porque o irmão mais novo de Ronan, Matthew, havia pedido que todos fossem. Ele não imaginaria que a igreja era um lugar onde se encontrasse alguém como Ronan no meio da noite. Pensando bem, não teria identificado Ronan como um fiel de forma alguma. E, no entanto, todos os irmãos Lynch iam à Igreja de Santa Inês todos os domingos.

Por uma hora, eles conseguiam se sentar um ao lado do outro em um banco de igreja, mesmo que não conseguissem se encarar na mesa de um restaurante.

No arco escuro da entrada, Gansey pensou: *O Noah é bom em encontrar coisas*, e esperou que o amigo estivesse certo a respeito de Ronan.

A igreja envolveu Gansey em um bolsão de ar cheirando a incenso, um cheiro raro o bastante para instantaneamente evocar meia dúzia de memórias de casamentos, funerais e batismos familiares, todos eles no verão. Como era estranho que uma estação do ano pudesse ser mantida presa em uma inspiração de ar enclausurado.

— Ronan? — A palavra foi sugada no espaço vazio, ecoando pelo teto, de maneira que apenas a própria voz lhe respondeu.

A luz baixa da nave lateral formava arcos com as sombras alongadas até o alto. A escuridão e a incerteza apertaram as costelas de Gansey, e ele ficou sem ar, lembrando de um remoto dia de verão, mais precisamente da tarde em que, pela primeira vez, ele se dera conta da existência de uma coisa chamada magia.

E lá estava Ronan, estendido sobre um dos bancos na sombra, um braço pendurado para fora, o outro enviesado sobre a cabeça. Seu corpo era uma porção

mais escura de negro em um mundo já negro. Ele não se movia.

Gansey pensou: *Não hoje. Por favor, não deixe que seja hoje.*

Ele se aproximou do banco em que Ronan estava, colocou a mão sobre o ombro do amigo, como se pudesse acordá-lo, rezando para que, ao fazer isso, ele acordasse de verdade. O ombro estava quente debaixo de sua mão, e ele cheirava a álcool.

— Acorda, cara — disse ele. As palavras não soaram brandas, embora sua intenção fosse essa.

O ombro de Ronan se mexeu, e ele virou o rosto. Por um breve momento, Gansey teve o pensamento súbito de que era tarde demais, de que Ronan estava realmente morto e o corpo dele acordara somente porque Gansey lhe havia comandado. Mas então os olhos brilhantes e azuis de Ronan se abriram, e o momento se dissipou.

Gansey soltou um suspiro.

— Seu sacana.

Ronan disse simplesmente:

— Eu não conseguia sonhar. — Então, percebendo a expressão chocada de Gansey, acrescentou: — Eu prometi que não ia acontecer de novo.

Gansey tentou novamente manter a voz branda, mas fracassou:

— Mas você é um mentiroso.

— Acho que você está me confundindo com meu irmão — respondeu Ronan.

A igreja estava repleta da presença divina à volta deles. Parecia mais iluminada agora que os olhos de Ronan estavam abertos, como se o prédio estivera dormindo também.

— Quando eu disse que não queria ver você bêbado em Monmouth, eu não quis dizer que queria ver você bêbado em outro lugar.

Ronan, com a língua apenas ligeiramente enrolada, respondeu:

— O sujo rindo do mal lavado.

Com dignidade, Gansey disse:

— Eu bebo, não fico bêbado.

Os olhos de Ronan baixaram para algo que ele segurava próximo do peito.

— O que é isso? — perguntou Gansey.

Os dedos de Ronan se fecharam em torno de um objeto negro. Quando Gansey estendeu a mão para soltar o aperto do amigo, sentiu algo quente e vivo, um pulso rápido na ponta dos dedos. Então abriu a mão de Ronan à força.

— Meu Deus — exclamou Gansey, tentando entender o que sentira. — Isso é um pássaro?

Ronan se sentou lentamente, ainda segurando a ave junto a si. Outra lufada de bafo cheirando a álcool derivou na direção de Gansey.

— Um corvo. — Houve uma longa pausa enquanto Ronan observava a própria mão. — Talvez uma gralha. Mas duvido. Eu... é, duvido muito. *Corvus corax*.

Mesmo bêbado, Ronan sabia o nome em latim para o corvo comum.

E não era apenas um corvo, percebeu Gansey. Era um pequeno órfão, o bico sem penas ainda com o sorriso de bebê, as asas dias e noites distantes do voo. Ele não tinha certeza se gostaria de tocar algo que parecia tão facilmente exterminável.

O corvo era o pássaro de Glendower. O rei Corvo, como era chamado, vinha de uma longa linhagem de reis associados ao pássaro. Rezava a lenda que Glendower podia falar com corvos e vice-versa. Era apenas uma das razões por que Gansey estava em Henrietta, uma cidade conhecida por seus corvos. Ele sentiu alfinetadas na pele.

— De onde ele veio?

Os dedos de Ronan eram uma gaiola compassiva em torno do peito do pássaro. Ele não parecia real em

suas mãos.

— Eu encontrei.

— As pessoas encontram moedas — respondeu Gansey. — Ou chaves de carros. Ou trevos de quatro folhas.

— E corvos — disse Ronan. — Você está com inveja só porque — nesse ponto ele teve de parar para concatenar os pensamentos, que se arrastavam por causa da bebida — não encontrou um também.

O pássaro tinha defecado por entre os dedos de Ronan e sobre o banco ao lado dele. Segurando o filhotinho em uma mão, ele usou o periódico da igreja para limpar a maior parte da sujeira da madeira. Depois, ofereceu o papel sujo para Gansey. Os pedidos de rezas semanais estavam salpicados de branco.

Gansey só pegou o papel porque não confiava que Ronan se importaria em procurar um lugar para jogá-lo fora. Com algum desgosto, perguntou:

— E se eu implementar uma política proibindo bichos de estimação no apartamento?

— Olha, cara — respondeu Ronan, com um sorriso selvagem —, você não pode simplesmente expulsar o Noah assim.

Gansey levou um momento para perceber que Ronan tinha contado uma piada, e, quando isso aconteceu, era tarde demais para rir. De qualquer

maneira, ele sabia que deixaria o pássaro voltar com eles para a Indústria Monmouth, pois tinha visto a maneira possessiva como Ronan o segurava. O corvo já o olhava obediente, o bico aberto cheio de esperança, dependente.

Gansey cedeu:

— Vamos. Vamos pra casa. Levanta.

Enquanto Ronan se colocava de pé desequilibradamente, o corvo se encolheu em suas mãos, tornando-se todo bico e corpo. Ele disse:

— Acostume-se com a turbulência, sacaninha.

— Você não pode dar esse nome para ele.

— O nome dela é Motosserra — respondeu Ronan, sem olhar para o amigo. Então: — Noah. Você está sinistro parado aí no fundo.

Na entrada obscurecida e profunda da igreja, Noah parou silenciosamente. Por um segundo, só se via seu rosto pálido; a roupa escura estava invisível e seus olhos eram abismos em cujo fundo havia algo incompreensível. Então ele deu um passo na direção da luz, amarrotado e familiar como sempre.

— Achei que você não vinha — disse Gansey.

O olhar de Noah passou ao largo deles na direção do altar, então para o teto escuro. Ele disse com sua bravura típica:

— O apartamento estava sinistro.

— Esquisito — observou Ronan, mas Noah não pareceu se importar.

Gansey abriu a porta para a calçada. Nenhum sinal de Adam. A culpa por tê-lo chamado por um falso alarme estava começando a tomar conta dele. No entanto... Gansey não estava inteiramente certo de que se tratava de um falso alarme. *Algo* tinha acontecido, mesmo que ele não soubesse ainda o quê.

— Onde você disse que encontrou o pássaro mesmo?

— Na minha cabeça. — O riso de Ronan era a voz aguda de um chacal.

— Lugar perigoso — comentou Noah.

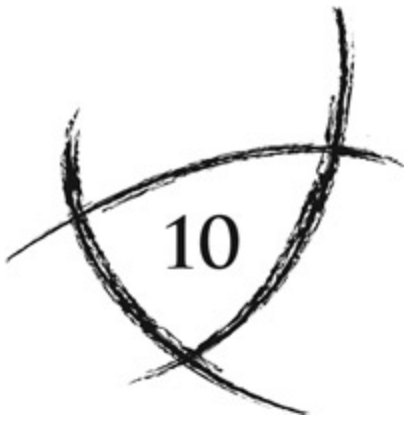
Ronan tropeçou, com o corpo embotado pelo álcool. O corvo soltou um ruído débil, mais percussor do que vocal. Ele respondeu:

— Não para uma Motosserra.

De volta à rua na noite dura primaveril, Gansey inclinou a cabeça para trás. Agora que ele sabia que Ronan estava bem, podia ver que Henrietta à noite era um belo lugar, uma colcha de retalhos bordada com galhos de árvores escuros.

Entre todos os pássaros, Ronan apareceu com um *corvo*.

Gansey não acreditava em coincidências.



Whelk não estava dormindo.

No passado, quando ele fora um estudante em Aglionby, o sono vinha fácil — e por que não viria? Assim como Czerny e o resto de seus colegas, ele dormia duas, quatro ou seis horas em dias da semana, vivia acordado até tarde e levantava cedo, e então realizava maratonas de sono no fim de semana. E, quando dormia, eram horas de sono fácil, sem sonhos. Não, ele sabia que isso era falso. Todo mundo sonhava, só que alguns esqueciam.

Agora, no entanto, Whelk raramente fechava os olhos por mais que algumas horas seguidas. Ele rolava nos lençóis. De uma hora para outra, sentava-se ereto, acordado por sussurros. Whelk cochilava no sofá de couro, o único móvel que o governo não havia lhe tomado. Seus padrões de sono e energia pareciam ditados por algo maior e mais poderoso que ele

mesmo, indo e vindo como uma maré incerta. Tentativas de mapeá-lo o deixavam frustrado: ele parecia mais acordado na lua cheia e após tempestades, mas, fora isso, era difícil prever. Em sua mente, Whelk imaginava que era o pulso magnético da própria linha ley, de certa maneira convidada para o seu corpo pela morte de Czerny.

A carência de sono tornava sua vida algo imaginário, seus dias, uma fita flutuando sem destino na água.

A lua estava quase cheia e não fazia muito que chovera, então Whelk estava acordado.

Ele estava sentado de camiseta e cueca samba-canção na frente da tela do computador, operando o mouse com a produtividade desorganizada e incerta dos fatigados. Subitamente, vozes incontáveis lhe invadiram a mente, sussurrando e sibilando. Soavam como a estática que zunia sobre as linhas telefônicas nas proximidades da linha ley. Como o vento antes de uma tempestade, como as próprias árvores conspirando. Como sempre, Whelk não conseguia distinguir nenhuma palavra e não conseguia entender a conversa. Mas compreendeu uma coisa: algo estranho tinha acontecido havia pouco em Henrietta, e as vozes não conseguiam parar de falar sobre o assunto.

Pela primeira vez em anos, Whelk buscou os velhos mapas do condado, guardados no pequeno armário embutido no corredor. Ele não tinha mesa, e o balcão estava cheio de embalagens abertas de lasanha congelada e pratos com cascas de pão dormido, de maneira que ele abriu os mapas no banheiro. Uma aranha deslizou quando ele aplanou um mapa contra a superfície da banheira.

Czerny, acho que você está em um lugar melhor do que eu.

Mas ele não acreditava realmente nisso. Whelk não fazia ideia do que havia acontecido com a alma ou com o espírito de Czerny, ou como quer que se queira chamar o que Czerny fora. Contudo, se Whelk havia sido amaldiçoado com vozes sussurrantes por sua parte no ritual, o destino de Czerny devia ter sido pior.

Whelk se afastou e cruzou os braços, estudando as dezenas de marcas e anotações que havia feito nos mapas ao longo de sua pesquisa. A caligrafia impossível de Czerny, sempre em vermelho, apontava níveis de energia ao longo do caminho possível da linha ley. Na época, havia sido um jogo, uma caça ao tesouro. Um jogo pela glória. Fora verdade? Não importava. Era um exercício caro em estratégia, com a costa leste como o campo de jogo. Procurando por padrões, Whelk havia meticulosamente traçado

círculos em torno de áreas de interesse em um dos mapas topográficos. Um círculo em torno de um antigo capão de freixos onde os níveis de energia eram sempre altos. Um círculo em torno de uma igreja arruinada que a vida selvagem parecia evitar. Um círculo em torno do lugar em que Czerny havia morrido.

É claro, ele havia desenhado o círculo *antes* de Czerny morrer. O lugar, um grupo sinistro de carvalhos, havia sido notado graças a palavras antigas gravadas em um dos troncos. Latim. A mensagem parecia incompleta e difícil de traduzir, e o melhor palpite de Whelk foi "o segundo caminho". Os níveis de energia pareciam promissores ali, embora inconsistentes. Então, certamente aquilo estava na linha ley.

Czerny e Whelk tinham retornado uma meia dúzia de vezes, fazendo leituras (próximos do círculo, havia seis números diferentes anotados por Czerny), cavando a terra em busca de artefatos e fazendo vigílias durante a noite por sinais de atividades sobrenaturais. Whelk havia construído sua varinha de radiestesia mais complicada e sensível até então: dois cabos de metal curvados em um ângulo de noventa graus e inseridos em tubo de metal, de maneira que pudessem oscilar livremente.

Mas ela seguia irregular, entrando e saindo de sintonia como uma estação de rádio distante. As linhas precisavam ser despertas, ter as frequências aprimoradas, o volume aumentado. Czerny e Whelk fizeram planos para tentar o ritual no bosque de carvalhos. No entanto, não tinham muita certeza do processo. Tudo que Whelk pôde descobrir foi que a linha adorava reciprocidade e sacrifício, mas isso era frustrantemente vago. Como nenhuma outra informação se apresentou, eles seguiram protelando. Durante as férias de inverno. Nas férias de primavera. No fim do ano letivo.

Então a mãe de Whelk ligou e disse a ele que seu pai havia sido preso por práticas ilegais nos negócios e sonegação de impostos. O que se descobriu foi que a empresa estivera negociando com criminosos de guerra, um fato que sua mãe conhecia, que Whelk havia presumido e que o FBI vinha investigando havia anos. Da noite para o dia, a família perdeu tudo.

A história estava nos jornais no dia seguinte, a quebra catastrófica da fortuna da família Whelk. As duas namoradas de Whelk o deixaram. Bem, a segunda era tecnicamente de Czerny, então talvez não contasse. O caso se tornou absolutamente público. O playboy da Virgínia, herdeiro da fortuna Whelk, subitamente expulso do dormitório em Aglionby,

excluído da vida social, liberto de qualquer esperança de futuro em uma universidade tradicional, observando seu carro ser guinchado e seu quarto ser esvaziado das caixas de som e dos móveis.

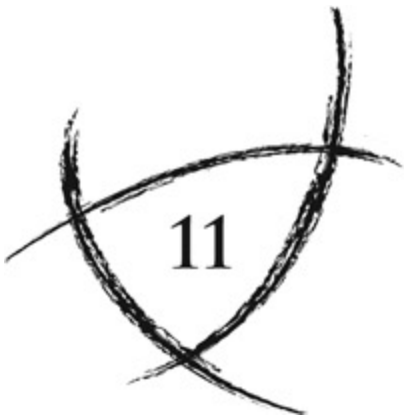
A última vez em que Whelk olhara para aquele mapa fora parado em seu dormitório, percebendo que a única coisa que sobrara era uma nota de dez dólares no bolso. Nenhum dos cartões de crédito servia para mais nada.

Czerny havia chegado em seu Mustang vermelho. Ele não saíra do carro.

— Agora você é um pobretão? — perguntara. Czerny não tinha realmente senso de humor. Às vezes ele simplesmente dizia coisas que por acaso eram engraçadas. Whelk, parado em meio às ruínas de sua vida, não riu dessa vez.

A linha ley não era mais um jogo.

— Abra a porta — Whelk havia dito para ele. — Vamos fazer o ritual.



Uma hora e vinte e três minutos antes de o despertador de Blue tocar, ela foi acordada pelo barulho da porta da frente batendo. A luz cinza do amanhecer era filtrada pela janela do quarto, formando sombras difusas das folhas pressionadas contra o vidro. Ela tentou não se ressentir daquela uma hora e vinte e três minutos de sono perdidos.

Passos começaram a subir a escada. Blue ouviu a voz de sua mãe.

— ... estava acordada esperando você.

— Algumas coisas são mais bem feitas à noite. — Aquela era Neeve. Apesar de sua voz ser mais baixa que a de Maura, era mais clara, de certa maneira, e se projetava bem. — Henrietta é um lugar e tanto, não é?

— Eu não pedi para você olhar para Henrietta — respondeu Maura, em um sussurro exagerado, que soou... protetor.

— É difícil não olhar. A cidade clama por isso — disse Neeve. Suas palavras seguintes ficaram perdidas em meio ao ruído da escada rangendo.

A resposta de Maura ficou obscurecida à medida que ela também começou a subir a escada, mas soou como:

— Eu prefiro que você deixe a Blue fora disso.

Blue ficou imóvel.

Neeve disse:

— Eu só estou te contando o que estou descobrindo. Se ele desapareceu na mesma época que... É possível que eles tenham alguma conexão. Você não quer que ela saiba quem ele é?

Mais um degrau chiou. Blue pensou: *Por que elas não conseguem conversar sem fazer a escada ranger toda hora?*

Maura disparou:

— Não vejo como isso facilitaria as coisas.

Neeve murmurou uma resposta.

— Essa história está saindo do nosso controle — disse sua mãe. — Foi só digitar o nome dele em um site de busca, e agora...

Blue forçou os ouvidos. Ela tinha a impressão de que não ouvia a mãe usar um pronome masculino há bastante tempo, exceto para se referir a Gansey.

Era possível, Blue pensou após um bom tempo, que Maura se referisse ao pai dela. Nenhuma das conversas que a filha tentara ter com ela havia lhe rendido qualquer informação sobre ele, apenas respostas bem-humoradas e sem sentido ("Ele é o Papai Noel. Ele foi um ladrão de bancos. Ele está em órbita"), que mudavam toda vez que ela perguntava. Na cabeça de Blue, ele era uma figura heroica que tivera de desaparecer por causa de um passado trágico. Ela gostava de imaginá-lo olhando furtivamente sobre a cerca do quintal, observando orgulhosamente a filha estranha sonhando acordada debaixo da faia.

Blue tinha um carinho enorme pelo pai, levando-se em consideração que nunca o conhecera.

Em algum lugar nas profundezas da casa, uma porta se fechou, e então houve mais uma vez aquele tipo de silêncio da noite que é difícil de perturbar. Após um longo momento, Blue estendeu o braço para a caixa de plástico que servia como mesinha de cabeceira, pegou o diário e descansou uma mão sobre a capa de couro fria. A superfície lembrava a casca fria e suave da faia atrás da casa. Como quando a tocava, Blue se sentia ao mesmo tempo confortada e ansiosa, serena e motivada a agir.

"Henrietta é um lugar e tanto", havia dito Neeve. O diário parecia concordar. Um lugar para o quê, ela

não tinha certeza.

Blue não queria dormir, mas dormiu, por mais uma hora e doze minutos. Não foi o despertador que a acordou dessa vez também. Foi um único pensamento gritado no cérebro:

Hoje é o dia em que Gansey vem para a leitura.

Envolvida na rotina diária de se aprontar para a escola, a conversa entre Maura e Neeve pareceu mais habitual do que antes. Mas o diário continuava igualmente mágico. Sentada na beirada da cama, Blue tocou uma das anotações.

> *O rei ainda dorme sob uma montanha, e em torno dele estão reunidos seus guerreiros e seus rebanhos e suas riquezas. Ao lado da mão direita está o seu copo, cheio de possibilidades. No peito aninha-se a espada, esperando, também, para despertar. Afortunada é a alma que encontrar o rei e for brava o suficiente para acordá-lo, pois o rei conceder-lhe-á um favor, tão maravilhoso quanto possa ser imaginado por um mortal.*

Ela fechou as páginas. Parecia que dentro dela havia uma Blue maior, terrivelmente curiosa, prestes a

rebentar para fora da Blue menor, mais sensata, que a continha. Por um longo momento, ela deixou o diário repousar nas pernas, a capa fria contra as palmas.

Um favor.

Se ela tivesse direito a um favor, o que pediria? Não precisar se preocupar com dinheiro? Saber quem foi seu pai? Viajar pelo mundo? Ver o que sua mãe via?

O pensamento correu por seu cérebro novamente:

Hoje é o dia em que Gansey vem para a leitura.

Como será ele?

Talvez, se ela estivesse diante do rei adormecido, pediria para o rei salvar a vida de Gansey.

— Blue, espero que você esteja acordada! — gritou Orla do andar de baixo. Blue precisava sair logo se quisesse fazer o caminho de bicicleta até a escola a tempo. Em poucas semanas, seria um deslocamento desconfortavelmente quente.

Quem sabe ela pediria um carro ao rei adormecido.

Pena que eu não possa simplesmente faltar à aula hoje.

Não que Blue temesse a escola; era apenas como... um padrão que a conduzia. E não que ela sofresse bullying; ela não levara muito tempo para descobrir que, quanto mais esquisita fosse por fora — deixando

que os outros alunos percebessem que ela não era como eles, logo de saída —, menor a probabilidade de que implicassem com ela ou a ignorassem. O fato era que, ao chegar ao ensino médio, ser estranha e ter orgulho disso era uma vantagem. Subitamente descolada, ela poderia ter quantos amigos quisesse. E ela *tentara*. Mas o problema de ser estranha era que o resto do mundo era *normal*.

Assim, as mulheres de sua família seguiam sendo suas amigas mais próximas, a escola seguia como um dever e Blue seguia secretamente esperançosa de que, em algum lugar no mundo, houvesse outras pessoas esquisitas como ela. Mesmo que pelo visto não estivessem em Henrietta.

Era possível, ela pensou, que Adam também fosse esquisito.

— *Blue!* — berrou Orla novamente. — *Escola!*

Com o diário seguro firmemente contra o peito, Blue se dirigiu para a porta pintada de vermelho no fim do corredor. No caminho, teve de passar pelo frenesi de atividades no Quarto do Telefone/Costura/Gato e travar a furiosa batalha pelo banheiro. O quarto da porta vermelha pertencia a Persephone, uma das duas melhores amigas de Maura. A porta estava entreaberta, mas mesmo assim Blue bateu suavemente. Persephone dormia pouco, mas

com energia; seus gritos e chutes no meio da noite eram a garantia de que ela jamais teria de dividir o quarto com alguém. Isso também significava que ela procurava dormir quando podia; Blue não queria acordá-la.

A voz pequena e suspirada de Persephone disse:

— Está desocupada. Quer dizer, aberta.

Blue abriu a porta e encontrou Persephone sentada na mesa de cartas ao lado da janela. Ao serem questionadas, as pessoas costumavam se lembrar do cabelo de Persephone: uma juba longa e ondulada, quase branca, que lhe chegava à parte de trás das coxas. Se conseguissem passar do cabelo, às vezes se lembravam de seus vestidos — criações elaboradas e frívolas — ou blusas excêntricas. E, se conseguissem passar disso, sentiam-se perturbadas pelos olhos dela, verdadeiros espelhos negros, as pupilas escondidas na escuridão.

Persephone segurava um lápis com um aperto estranhamente infantil. Quando viu Blue, franziu o cenho de maneira questionadora.

— Bom dia — disse Blue.

— Bom dia — ecoou Persephone. — É cedo demais. Minhas palavras não começaram a trabalhar ainda, por isso só vou usar aquelas que eu sei que funcionam com você.

Ela girou uma mão de um modo vago. Blue tomou isso como um sinal para encontrar um lugar para se sentar. A maior parte da cama estava coberta por estranhas polainas bordadas e meias-calças quadriculadas disputando lugar, mas ela encontrou um espaço para recostar o traseiro na beirada. O quarto inteiro cheirava a algo familiar, como laranjas, ou talco de bebê, ou talvez um livro didático novo.

— Dormiu mal? — perguntou Blue.

— Mal — ecoou Persephone novamente. E depois: — Ah, hum... não é bem verdade. Terei de usar minhas próprias palavras no fim das contas.

— No que você está trabalhando?

Frequentemente, Persephone estava trabalhando em sua eterna tese de doutorado, mas como era um processo que parecia exigir músicas irritantes e lanches frequentes, ela raramente o fazia na correria da manhã.

— Apenas uma coisinha — disse Persephone tristemente. Ou talvez pensativamente. Era difícil dizer a diferença, e Blue não gostava de perguntar. Persephone tinha um amante ou um marido que estava morto ou no exterior (era difícil saber detalhes quando se referia a Persephone), e ela parecia sentir saudades dele, ou pelo menos perceber que ele tivesse partido, o que era notável para ela. E, de novo, Blue não gostava

de perguntar a respeito. De Maura, Blue havia herdado uma aversão em ver pessoas chorarem, de modo que nunca gostava de conduzir uma conversa que pudesse resultar em lágrimas.

Persephone virou o papel para cima para que Blue pudesse vê-lo. Ela tinha acabado de escrever a palavra "três" três vezes, em três caligrafias diferentes, e poucos centímetros abaixo havia copiado uma receita de torta de banana com creme.

— Coisas importantes acontecem em trios? — sugeriu Blue. Era um dos ditos favoritos de Maura.

Persephone sublinhou "colher de sopa" próximo da palavra "baunilha" na receita. Sua voz era distante e vaga.

— Ou em septetos. É muita baunilha. Talvez seja um erro de digitação.

— Talvez — repetiu Blue.

— *Blue!* — gritou Maura. — Você não foi ainda?

Ela não respondeu, pois Persephone não gostava de ruídos agudos, e gritar de volta parecia se qualificar como tal. Em vez disso, disse:

— Eu encontrei uma coisa. Se eu lhe mostrar, promete que não conta para ninguém?

Mas era uma pergunta boba. Persephone era reservada, mesmo quando não se tratava de um segredo.

Quando Blue lhe passou o diário, Persephone perguntou:

— Devo abrir?

Blue agitou uma mão. *Sim, e rapidamente*. Ela ficou irrequieta na cama enquanto Persephone o folheava, sem nenhuma expressão.

Por fim, Blue perguntou:

— E aí?

— É muito bacana — disse Persephone educadamente.

— Não é meu.

— Bem, *isso* eu sei.

— Alguém esqueceu no Ni... Espere. Por que você disse isso?

Persephone folheava o diário para frente e para trás. Sua voz infantil e delicada era tão suave que Blue tinha de segurar a respiração para ouvi-la.

— É claramente o diário de um garoto. Além disso, ele está levando uma eternidade para encontrar essa coisa. Você já teria encontrado.

— *Blue!* — vociferou Maura. — *Não vou gritar de novo!*

— O que você acha que eu devo fazer? — perguntou a garota.

Como Blue havia feito, Persephone correu os dedos sobre as diferentes texturas dos papéis. Ela

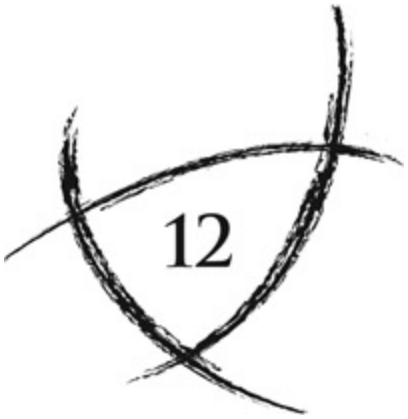
percebeu que Persephone estava certa; se o diário tivesse sido seu, ela teria simplesmente copiado as informações de que precisava, em vez de todos aqueles recortes e colagens. Os fragmentos eram intrigantes, mas desnecessários; quem quer que tivesse produzido o diário devia amar a caçada em si, o processo de pesquisa. As propriedades estéticas do diário não podiam ser acidentais; era uma obra de arte acadêmica.

— Bem — disse Persephone. — Primeiro você precisa descobrir de quem é esse diário.

Os ombros de Blue desabaram. Era uma resposta incansavelmente apropriada, que ela teria esperado de Maura ou Calla. É claro, ela sabia que tinha de devolvê-lo para o dono. Mas então para onde iria a graça daquilo tudo?

Persephone acrescentou:

— Depois, acho bom você descobrir se isso é verdade, não é?



Adam não estava esperando na fila de caixas de correio naquela manhã.

A primeira vez que Gansey fora buscar Adam, havia passado da entrada do bairro. Melhor dizendo, havia usado aquele trecho como retorno ao caminho por onde viera. A estrada não passava de dois sulcos ao longo de um campo — mesmo *acesso* era uma palavra muito grandiosa para ela —, e era impossível acreditar, à primeira vista, que levasse a uma única casa, ainda menos a um aglomerado delas. Assim que Gansey encontrara a casa, as coisas pioraram ainda mais. Ao enxergar o blusão da Aglionby de Gansey, o pai de Adam abrira fogo, disparando todos os cilindros. Por semanas após o incidente, Ronan chamara Gansey de "R.F. de M.", R de *riquinho*, F de *frouxo* e M de outra coisa.

Agora Adam encontrava Gansey onde o asfalto terminava.

Mas não havia ninguém esperando perto do aglomerado de caixas de correio. Só havia um grande espaço vazio. Aquela parte do vale era interminavelmente plana em comparação ao outro lado de Henrietta, e, de certa maneira, aquele campo estava sempre mais seco e incolor que o resto do vale, como se tanto as principais estradas quanto a chuva o evitassem. Mesmo às oito da manhã, não havia uma sombra à vista.

Gansey olhou ao longo do acesso ressecado e tentou o telefone da casa, mas ele só tocou. Seu relógio dizia que ele tinha dezoito minutos para percorrer os quinze minutos de viagem até a escola.

Ele esperou. O motor balançava o carro com o Pig em ponto morto. Gansey observou a alavanca da marcha chacoalhar. Seus pés estavam assando em virtude da proximidade do v8. A cabine toda estava começando a feder a gasolina.

Ele ligou para a Indústria Monmouth. Noah atendeu, soando como se tivesse sido acordado.

— Noah — disse Gansey alto, para ser ouvido sobre o motor. Noah o havia deixado esquecer o diário no Nino's, e a ausência daquele objeto era surpreendentemente perturbadora. — Você lembra do

Adam dizer que tinha de trabalhar depois da escola hoje?

Nos dias em que Adam tinha de trabalhar, ele muitas vezes ia de bicicleta para a escola.

Noah resmungou negativamente.

Dezesseis minutos até a aula.

— Me liga se ele ligar — disse Gansey.

— Eu não vou estar aqui — respondeu Noah. — Já estou quase saindo.

Gansey desligou e tentou a casa novamente sem sucesso. A mãe de Adam talvez estivesse ali, mas não atendia, e ele não tinha realmente tempo para voltar para o bairro e investigar.

Ele podia faltar à aula.

Gansey jogou o telefone no banco do passageiro.

— Vamos lá, Adam.

De todos os lugares que Gansey havia estudado em regime de internato — e ele havia estudado em muitos em seus quatro anos de perambulação como menor de idade —, a Academia Aglionby era a favorita de seu pai, o que significava que era a que tinha a maior probabilidade de encaminhar os estudantes para uma universidade de prestígio. Ou para o Senado. Isso significava também, entretanto, que era a escola mais difícil em que Gansey já estudara. Antes de Henrietta, ele havia feito da busca

por Glendower sua principal atividade, e a escola estivera em um distante segundo lugar. Gansey era inteligente e bom aluno, então não fora problema faltar às aulas ou empurrar as tarefas de casa para o fim da lista. Mas, em Aglionby, não havia como ter notas baixas. Se elas caíssem abaixo de B, você estava na rua. E Dick Gansey II havia deixado claro para o filho que, se ele não conseguisse se virar em uma escola particular, estaria fora do testamento.

Ele havia dito isso de forma amigável, diante de um prato de fettucine.

Gansey não podia faltar à aula. Não após ter deixado de ir à escola no dia anterior. Esse era o cerne da questão. Catorze minutos para fazer a viagem de quinze minutos para a escola, e Adam não o estava esperando.

Ele sentiu o velho temor como um calafrio nos pulmões.

Não entre em pânico. Você estava errado sobre o Ronan na noite passada. Você precisa parar com isso. A morte não está tão próxima quanto você pensa.

Desanimado, Gansey tentou o telefone de casa uma vez mais. Nada. Ele precisava ir. Adam devia ter saído de bicicleta, devia ter de trabalhar, tinha seus afazeres e se esqueceu de avisá-lo. O acesso sulcado para o bairro ainda estava vazio.

Vamos lá, Adam.

Ele secou as mãos na calça, colocou-as de volta no volante e partiu para a escola.

Gansey não teve como ver se Adam tinha chegado a Aglionby até o terceiro período, quando ambos tinham latim. Essa era, inexplicavelmente, a única aula que Ronan nunca perdia. Ronan era o líder da turma em latim. Ele estudava de maneira pouco entusiasmada, mas incansavelmente, como se sua vida dependesse dessa matéria. Depois dele vinha Adam, o pupilo mais destacado de Aglionby, o primeiro em todas as outras matérias. Assim como Ronan, Adam estudava incansavelmente, porque seu futuro *realmente* dependia disso.

Gansey preferia francês. Ele dissera a Helen que havia muito pouco proveito em uma língua que não podia ser usada para traduzir um cardápio, mas, realmente, o francês era mais fácil para ele; sua mãe falava um pouco. Ele havia se resignado originalmente a estudar latim a fim de traduzir textos históricos para a pesquisa sobre Glendower, mas a proficiência de Ronan na língua lhe permitiu relaxar de qualquer urgência no estudo da disciplina.

As aulas de latim aconteciam na Borden House, uma construção de madeira pequena do outro lado do Welch Hall, o principal prédio acadêmico. Gansey caminhava apressado pelo gramado central quando Ronan apareceu, batendo em seu braço. Os olhos denunciavam noites e mais noites de insônia.

Ronan sussurrou:

— Onde está o Parrish?

— Ele não veio comigo hoje — disse Gansey, cada vez mais desanimado. Ronan e Adam tinham o segundo período juntos. — Você não o viu ainda?

— Ele não estava na aula.

Atrás de Gansey, alguém bateu em suas costas e disse:

— E aí, Gansey! — seguindo em frente. Ele ergueu três dedos sem muito entusiasmo, o sinal da equipe de remo.

— Eu tentei ligar para ele em casa — disse.

Ronan respondeu:

— Bem, o Garoto Pobre precisa de um celular.

Alguns meses antes, Gansey havia se oferecido para comprar um celular para Adam, e, ao fazer isso, começara a briga mais longa que eles já tiveram, uma semana de silêncio que se resolvera somente quando Ronan fez algo mais ofensivo do que qualquer um dos dois conseguiria fazer.

— Lynch!

Gansey olhou na direção da voz; Ronan não o fez. O dono da voz estava a meio caminho no gramado, difícil identificá-lo naquela profusão homogênea de uniformes.

— Lynch! — a chamada veio de novo. — Vou acabar com você.

Ainda assim Ronan não olhou. Ajustou a alça da mochila no ombro e continuou andando a passos largos pela grama.

— O que foi isso? — demandou Gansey.

— Algumas pessoas não sabem perder — respondeu Ronan.

— Era o Kavinsky? Não me diga que você andou tirando racha de novo.

— Não pergunte, então.

Gansey pensou se podia obrigar Ronan a seguir um toque de recolher. Ou se deveria largar o remo para passar mais tempo com ele às sextas-feiras — ele *sabia* que era quando Ronan se metia em confusões com o BMW. Talvez ele pudesse convencer Ronan a...

Ronan ajustou a alça no ombro de novo, e dessa vez Gansey a examinou mais atentamente. Aquela mochila era visivelmente maior que a que ele costumava usar, e Ronan a carregava com cuidado, como se pudesse escapar algo de dentro dela.

Gansey perguntou:

— Por que você está carregando essa mochila? Meu Deus, você está com aquele pássaro aí dentro, não é?

— Ele precisa ser alimentado de duas em duas horas.

— Como é que você sabe?

— Internet, Gansey. — Ronan abriu a porta para a Borden House; tão logo eles transpuseram a soleira, tudo em seu campo de visão estava coberto por um tapete azul-marinho.

— Se você for pego com essa coisa... — Mas Gansey não conseguiu pensar em uma boa ameaça. Qual era a punição por trazer escondido um pássaro vivo para as aulas? Ele não estava certo se havia um precedente, e concluiu: — Se ele morrer na sua mochila, eu proíbo você de jogar o corpo fora na sala de aula.

— Se *ela* morrer — corrigiu Ronan. — É fêmea.

— Eu acreditaria nisso se ele tivesse qualquer característica sexual definida. Espero que não tenha gripe aviária ou algo do gênero. — Mas ele não estava pensando no corvo de Ronan. Estava pensando em por que Adam não estava na aula.

Ronan e Gansey assumiram as carteiras de sempre, no fundo da sala de carpete azul-marinho. Na

frente, Whelk escrevia verbos no quadro.

Quando Gansey e Ronan entraram, Whelk parara de escrever no meio de uma palavra: *internac...* Apesar de não haver razão para pensar que Whelk se preocupasse com a conversa deles, Gansey teve a estranha impressão de que o pedaço de giz levantado na mão de Whelk era por isso e que o professor de latim havia parado de escrever só para ouvi-los. A desconfiança de Adam estava começando a passar para ele.

Ronan percebeu o olhar de Whelk e o sustentou de maneira um tanto hostil. Apesar de seu interesse por latim, Ronan havia declarado seu professor um trapalhão socialmente desastrado no começo do ano, deixando claro que não gostava dele. Como desprezava todo mundo, Ronan não era um bom juiz de caráter, mas Gansey teve de concordar que havia algo desconcertante a respeito de Whelk. Algumas vezes, Gansey havia tentado conversar com ele sobre história romana, sabendo muito bem o efeito que uma conversa acadêmica entusiasmada podia ter sobre uma turma apática. Mas Whelk era jovem demais para ser um mentor e velho demais para ser um colega, e Gansey não conseguiu encontrar um ponto de vista.

Ronan seguiu encarando Whelk. Ele era bom em encarar pessoas. Havia alguma coisa em seu olhar fixo

que tirava algo dos outros.

O professor de latim desviou o olhar rapidamente, embaraçado. Tendo lidado com a curiosidade de Whelk, Ronan perguntou: — O que você vai fazer sobre o Parrish?

— Acho que vou passar lá depois da aula.

— Ele deve estar doente.

Eles olharam um para o outro. *Já estamos inventando desculpas para ele*, pensou Gansey.

Ronan espiou dentro da mochila de novo. No escuro, Gansey viu o bico do corvo apenas de relance. Normalmente, ele teria se deliciado mais uma vez com a improbabilidade de Ronan ter encontrado um corvo, mas, com Adam desaparecido, sua busca não parecia mágica — parecia mais anos passados juntando coincidências, e tudo que ele tinha feito com elas era um manto estranho, pesado demais para carregar, leve demais para oferecer proteção.

— Sr. Gansey, sr. Lynch?

Whelk havia conseguido se manifestar subitamente ao lado da carteira deles. Os dois garotos olharam para o professor. Gansey, educado. Ronan, hostil.

— Você parece ter uma mochila extremamente grande hoje, sr. Lynch — disse Whelk.

— Você sabe o que dizem sobre homens com mochilas grandes — respondeu Ronan. — *Ostendes tuum et ostendam meus.**

Gansey não fazia ideia do que o amigo tinha dito, mas ele estava certo, pelo sorriso afetado de Ronan, que não fora algo muito educado.

A expressão de Whelk confirmou a suspeita de Gansey, mas ele simplesmente deu uma batidinha na carteira de Ronan com os nós dos dedos e se afastou.

— Ser um merda em latim não é o caminho para um A — disse Gansey.

O sorriso de Ronan era dourado.

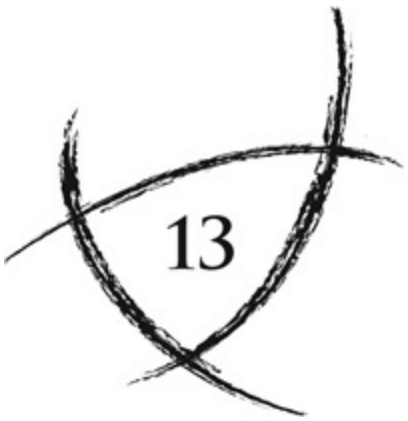
— No ano passado foi.

Na frente da sala, Whelk começou a aula.

Adam não apareceu.

Nota

* Em tradução livre: “Mostre o seu que eu mostro o meu”. (N. do T.)



— Mãe, por que a Neeve está aqui? — Blue perguntou.

Assim como a mãe, ela estava de pé sobre a mesa da cozinha. Quando Blue chegara da escola, Maura convocara sua ajuda para trocar as lâmpadas do problemático lustre de vitral pendurado sobre a mesa. O complicado processo exigia pelo menos três pessoas e tendia a ser protelado até a maioria das lâmpadas se queimar. Blue não se importava em ajudar. Precisava de algo para distrair a mente da hora da consulta de Gansey. E de Adam não ter ligado. Quando pensou que lhe dera seu telefone na noite anterior, Blue se sentiu leve e insegura.

— Ela é da família — respondeu Maura com gravidade, pegando energicamente a corrente da instalação enquanto lutava com uma lâmpada teimosa.

— Família que volta para casa no meio da noite?

Maura lançou um olhar carregado para Blue.

— Você nasceu com orelhas maiores do que devia. Ela só está me ajudando a procurar algo enquanto está aqui.

A porta da frente se abriu. Nenhuma delas deu atenção, pois tanto Calla quanto Persephone estavam pela casa em algum lugar. Calla era a menos provável, pois era uma criatura de hábitos, irascível e sedentária, mas Persephone tendia a ser pega em correntezas esquisitas e a vagar por aí.

Ajustando a maneira de segurar o lustre, Blue perguntou:

— Que tipo de algo?

— Blue.

— Que tipo de algo?

— Um *alguém* — disse Maura finalmente.

— Que tipo de *alguém*?

Mas, antes que a mãe tivesse tempo de responder, elas ouviram a voz de um homem: — Que jeito estranho de se tocar um negócio.

As duas se viraram lentamente. Os braços de Blue ficaram levantados por tanto tempo que pareceram meio elásticos quando ela os baixou. O dono da voz estava parado na entrada da casa, com as mãos nos bolsos. Não era velho, tinha uns vinte e cinco anos e

um cabelo negro emaranhado. Era bonito de uma maneira que exigia um pouco de trabalho por parte do observador. Todos os traços faciais pareciam um pouquinho grandes demais para o rosto.

Maura olhou de relance para Blue, com uma sobrancelha erguida, e ela ergueu um ombro em resposta. Não parecia que ele estava ali para assassiná-las ou para roubar algum eletrônico portátil.

— E esse — disse a mãe, largando o lustre — é um jeito muito estranho de entrar na casa de alguém.

— Desculpe — disse o jovem. — Há um aviso ali na frente dizendo que aqui é um ponto comercial.

Havia realmente um aviso na frente, pintado à mão — apesar de Blue não saber pela mão de quem —, em que se lia MÉDIUM. E abaixo: "Apenas com hora marcada".

— Apenas com hora marcada — disse Maura para o homem. Ela fez uma careta em direção à cozinha, onde Blue havia deixado um cesto de roupa limpa com um dos sutiãs rendados no topo, à vista de todos. Mas Blue se recusou a se sentir culpada. Não era de esperar que homens passassem ao acaso pela cozinha.

O homem disse:

— Bem, então eu gostaria de marcar uma hora.

Uma voz da escada para o vão da porta fez com que os três se voltassem.

— Nós poderíamos fazer uma leitura tripla para você — disse Persephone.

Ela estava parada na base da escada, pequena e pálida, feita em grande parte de cabelo. O homem a encarou, e Blue não sabia se era porque ele estava considerando a proposta ou porque Persephone era informação demais para assimilar em um primeiro olhar.

— O que é isso? — o homem perguntou finalmente.

Blue levou um momento para perceber que ele se referia a "leitura tripla" e não a Persephone. Maura saltou da mesa, pousando no chão com tamanha força que os copos no armário tilintaram. Blue desceu mais respeitosamente. Afinal de contas, ela estava segurando uma caixa de lâmpadas.

Maura explicou:

— É quando nós três, Persephone, Calla e eu, lemos as cartas ao mesmo tempo e comparamos nossas interpretações. Ela não oferece isso para qualquer um, viu?

— É mais caro?

— Não se você trocar aquela lâmpada teimosa — disse Maura, secando as mãos no jeans.

— Tudo bem — disse o homem, parecendo irritado com a oferta.

Maura gesticulou para Blue dar uma lâmpada para o homem, então disse: — Persephone, você chama a Calla?

— Ai, meu Deus — disse Persephone com uma voz pequena, e a voz de Persephone já era bem pequena, de maneira que sua voz pequena era mesmo minúscula, mas ela se virou e subiu as escadas. Os pés descalços não fizeram ruído algum enquanto ela subia.

Maura olhou para Blue, fazendo uma pergunta com sua expressão. Blue deu de ombros, concordando.

— Minha filha, Blue, vai ficar na sala, se você não se importar. Ela torna a leitura mais clara.

Com um olhar de relance desinteressado para a garota, o homem subiu na mesa, que rangeu um pouco sob seu peso. Ele gemeu enquanto tentava girar a lâmpada teimosa.

— Agora você vê o problema — disse Maura. — Qual é o seu nome?

— Ah — ele disse, dando um puxão na lâmpada. — Podemos deixar essa história anônima?

Maura respondeu:

— Nós somos médiuns, não strippers.

Blue riu, mas o homem não. Ela achou aquilo um tanto injusto da parte dele; talvez a piada fosse ligeiramente de mau gosto, mas era engraçada.

A cozinha subitamente se iluminou quando a lâmpada nova foi atarraxada no lugar. Sem comentários, ele pisou em uma cadeira e então no chão.

— Seremos discretas — prometeu Maura, gesticulando para que ele a seguisse.

Na sala de leitura, o homem olhou em volta com interesse clínico. Seu olhar passou pelas velas, as plantas nos potes, os queimadores de incenso, o candelabro elaborado da sala de jantar, a mesa rústica que dominava a sala, as cortinas rendadas e, por fim, uma fotografia emoldurada de Steve Martin.

— Assinada — disse Maura com algum orgulho, observando sua atenção. Então: — Ah, Calla.

Calla marchou sala adentro, com as sobrancelhas em fúria por ter sido perturbada. O batom que usava tinha um tom perigoso de ameixa, que fazia de sua boca um diamante pequeno e franzido sob o nariz pontudo. Calla lançou um olhar cortante para o homem, sondando as profundezas da sua alma e encontrando-a carente. Então apanhou seu baralho de cartas de uma prateleira ao lado da cabeça de Maura e se deixou cair pesadamente em uma cadeira na ponta da mesa. Atrás dela, Persephone estava parada no vão da porta, contraindo e abrindo as mãos. Blue se esgueirou apressadamente para uma cadeira na

cabeceira da mesa. A sala parecia muito menor do que alguns minutos antes. Mais por culpa de Calla.

Persephone disse, em um tom de voz afável:

— Sente-se.

E Calla completou, de maneira nem um pouco afável:

— O que você quer saber?

O homem se deixou cair em uma cadeira. Maura pegou outra do lado oposto a ele na mesa, com Calla e Persephone (e o cabelo de Persephone) de cada lado dela. Blue, como sempre, estava só um pouco distante.

— Eu prefiro não dizer — disse o homem. — Talvez vocês me digam.

O sorriso ameixa de Calla era positivamente diabólico.

— Talvez.

Maura escorregou o baralho de cartas sobre a mesa para o homem e disse para ele embaralhá-lo. Ele o fez com proficiência e pouca inibição. Quando terminou, Persephone e Calla fizeram o mesmo.

— Você já esteve em uma leitura antes — observou Maura.

Ele fez um ruído vagamente inarticulado de assentimento. Blue podia ver que ele achava que qualquer informação poderia fazer com que elas

falseassem a leitura. Ainda assim, ela não achava que ele era cético. Ele só era cético em relação a *elas*.

Maura escorregou o baralho na frente do homem. Ela tinha aquele baralho desde que Blue conseguia se lembrar, e as bordas estavam gastas pelo manuseio. Era um baralho comum de tarô, tão impressionante quanto ela o fazia parecer. Maura escolheu dez cartas e as abriu. Calla fez o mesmo com seu baralho ligeiramente mais inteiro — ela passara a usá-lo alguns anos atrás após um incidente infeliz que a fizera perder o gosto pelo baralho anterior. A sala estava quieta o suficiente para se ouvir o ruído das cartas contra a superfície desigual e marcada da mesa de leitura.

Persephone segurou as cartas nas mãos muito longas, encarando o homem durante um momento sugestivo. Por fim, contribuiu com apenas duas cartas, uma no começo e outra no fim do arranjo. Blue adorava observar Persephone abrir as cartas; o giro límpido do punho e o estalo da carta sempre faziam com que o gesto parecesse um movimento de prestidigitação ou balé. Até as cartas pareciam de outro mundo. As cartas de Persephone eram ligeiramente maiores do que as de Maura e Calla, e a arte nelas era curiosa. Linhas compridas e finas e fundos difusos sugeriam as figuras em cada carta;

Blue nunca vira um baralho como aquele. Maura uma vez havia dito a Blue que era difícil fazer perguntas a Persephone cuja resposta você não precisasse absolutamente, de maneira que Blue nunca descobrira de onde viera aquele baralho.

Agora que as cartas estavam dispostas, Maura, Calla e Persephone estudaram a forma delas. Blue lutou para enxergar sobre as cabeças agrupadas. Tentou ignorar que, muito de perto, o homem tinha o aroma químico opressivo de um gel de banho bastante masculino. Do tipo que costuma vir em frascos pretos e com nomes como Shock, Excite ou Hit.

Calla foi a primeira a falar. Virou o três de espadas para o homem ver. Na carta dela, as três espadas perfuravam um coração escuro, sangrando, da cor de seus lábios.

— Você perdeu uma pessoa próxima.

O homem olhou para as mãos.

— Eu perdi... — começou, mas considerou antes de terminar — ... muitas coisas.

Maura apertou os lábios. Uma das sobrancelhas de Calla se aproximou do cabelo. Elas lançaram olhares uma para a outra. Blue conhecia as duas bem o suficiente para interpretar as expressões. A de Maura perguntou: *O que você acha?* Calla disse: *Isso é ruim*. Persephone não disse nada.

Maura tocou a ponta do cinco de ouros.

— O dinheiro é uma preocupação — ela observou. Na carta, um homem com uma muleta capengava pela neve sob uma janela de vitral enquanto uma mulher segurava um xale abaixo do queixo.

Ela acrescentou:

— Por causa de uma mulher.

O olhar do homem era resoluto.

— Meus pais tinham recursos consideráveis. Meu pai se envolveu em um escândalo financeiro. Agora eles estão divorciados e não há mais dinheiro. Não para mim.

Era um jeito estranhamente desagradável de colocar as coisas. Implacavelmente factual.

Maura secou as mãos na calça e gesticulou para outra carta.

— E agora você tem um trabalho tedioso. Você é bom no que faz, mas está cansado disso.

Ele apertou os lábios com a verdade do que fora dito.

Persephone tocou a primeira carta que havia tirado. O cavaleiro de ouros. Um homem de armadura com olhos frios observa um campo no lombo de um cavalo, com uma moeda na mão. Blue achou que, se olhasse a moeda de perto, poderia ver uma forma nela. Três linhas curvas, um triângulo longo e pontiagudo.

A forma do adro da igreja, do desenho despretensioso de Maura, do diário.

Mas não — quando olhou com mais atenção, era apenas uma estrela de cinco pontas fracamente desenhada. Um pentáculo.

Persephone finalmente falou. Com uma voz fina e precisa, disse para o homem: — Você está procurando algo.

A cabeça do homem se virou subitamente para ela.

A carta de Calla, ao lado da de Persephone, também era o cavaleiro de ouros. Era incomum que dois baralhos concordassem exatamente. Mais estranho ainda era ver que a carta de Maura também era o cavaleiro de ouros. Três cavaleiros de olhos frios observavam o campo diante deles.

Três novamente.

Calla disse amargamente:

— Você está disposto a fazer o que for preciso para encontrá-lo. Você está trabalhando nisso há anos.

— *Sim* — retrucou o homem, surpreendendo a todas com a ferocidade de sua resposta. — Mas quanto tempo mais? Eu vou encontrá-lo?

As três mulheres examinaram as cartas novamente, procurando por uma resposta. Blue olhou também. Talvez ela não tivesse a visão, mas sabia o

que as cartas deveriam significar. Sua atenção foi da Torre, que significava que a vida dele estava prestes a mudar dramaticamente, para a última carta na leitura, o pajem de copas. Blue olhou de relance para a mãe, que franzia o cenho. Não é que o pajem de copas fosse uma carta ruim; na verdade, era a carta que Maura sempre disse que representava Blue quando ela estava fazendo uma leitura para si mesma.

"Você é o pajem de copas", Maura havia dito para ela certa vez. "Olhe todo o potencial que ele segura naquela taça. Veja, a figura até se parece com você."

E não havia apenas um pajem de copas naquela leitura. Como o cavaleiro de ouros, ele viera triplicado. Três jovens segurando uma taça cheia de potencial, todos trazendo o rosto de Blue. A expressão de Maura era extremamente sombria.

Blue sentiu a pele formigando. Subitamente sentiu como se não houvesse fim para os destinos aos quais ela estava vinculada. Gansey, Adam, aquele lugar impossível de ser visto na tigela de adivinhação de Neeve, aquele homem estranho sentado ao lado dela. Seu coração disparou.

Maura se levantou tão rápido que a cadeira emborcou contra a parede.

— A leitura terminou — disse bruscamente.

O olhar de Persephone se desviou até o rosto de Maura, perplexo, e Calla parecia confusa, mas contente com os indícios de um conflito. Blue não reconheceu o rosto da mãe.

— Perdão? — disse o homem. — As outras cartas...

— Você a ouviu — disse Calla, ácida. Blue não sabia dizer se Calla também se sentia desconfortável ou se estava só apoiando Maura. — A leitura terminou.

— Saia da minha casa — disse Maura. Então, fazendo um esforço evidente de solicitude: — Agora. Obrigada. Tchau.

Calla abriu caminho para Maura passar como um furacão até a porta da frente. Maura apontou para a entrada.

Levantando-se, o homem disse:

— Estou incrivelmente insultado.

Maura não respondeu. Tão logo ele passou pelo vão da porta, ela a bateu atrás dele. As louças nos armários tilintaram mais uma vez.

Calla foi até a janela, abriu as cortinas e inclinou a testa contra o vidro para vê-lo partir.

Maura andava de um lado para o outro ao longo da mesa. Blue pensou em fazer uma pergunta, mas

ficou hesitante. Parecia errado fazer uma pergunta se ninguém mais estava fazendo.

Persephone disse:

— Que rapaz desagradável.

Calla deixou que as cortinas se fechassem e observou:

— Peguei o número da placa dele.

— Espero que ele *nunca* encontre o que está procurando — disse Maura.

Recuperando as cartas da mesa, Persephone disse, um tanto pesarosa: — Ele está fazendo um esforço enorme. Acho que vai encontrar *algo*.

Maura avançou sobre Blue:

— Blue, se você vir este homem outra vez, mude de direção.

— Não — corrigiu Calla. — Dê-lhe um chute no saco. Depois *corra* em outra direção.



Helen, a irmã mais velha de Gansey, ligou bem quando ele entrou na estrada de terra que levava à casa dos Parrish. Atender chamadas no Pig era sempre complicado. O Camaro tinha câmbio manual, para começar, e era tão barulhento quanto uma picape, para terminar. E, entre as duas coisas, havia uma série de problemas de direção, interferências elétricas e comandos encardidos. O resultado foi que ele mal conseguiu ouvir Helen e quase caiu em uma vala.

— Quando é o aniversário da mamãe? — ela perguntou. Gansey se sentiu ao mesmo tempo contente em ouvir a voz dela e irritado por ser incomodado por algo tão trivial. Na maior parte do tempo, ele e a irmã se davam bem; os irmãos Gansey eram uma espécie rara e complicada, e não fingiam ser algo que não eram quando estavam juntos.

— Você é a cerimonialista — disse Gansey enquanto um cão irrompia do nada. Ele latia furiosamente, tentando morder os pneus do Camaro. — Datas não deviam estar no seu campo de conhecimento?

— Isso quer dizer que você não lembra — respondeu Helen. — E eu não sou mais cerimonialista. Bem, meio período. Bem, período integral, mas não todos os dias.

Helen não *precisava* ser nada. Ela não tinha uma profissão, tinha passatempos que envolviam a vida de outras pessoas.

— Eu lembro — ele disse, tenso. — É 10 de maio.

Um cão mestiço de labrador amarrado na frente da primeira casa uivou tristemente quando ele passou. O outro continuou a se ocupar dos pneus, rosnando no mesmo tom do motor. Três garotos de camiseta sem manga estavam em um dos pátios atirando em garrafas de leite com armas de chumbinho; eles gritaram: “Ei, Hollywood!” e amavelmente miraram as armas nos pneus do Pig. Eles fingiam segurar um telefone no ouvido. Gansey sentiu uma pontada peculiar ao ver os três, a amizade entre eles, o pertencimento a algo, mas não tinha certeza se era pena ou inveja. Por toda parte havia poeira.

Helen perguntou:

— Onde você está? Parece que está no set de um filme do Guy Ritchie.

— Estou indo ver um amigo.

— O malvado ou o caipira pobre?

— Helen.

Ela respondeu:

— Desculpe. Quero dizer o Capitão Frieza ou o Garoto do Trailer?

— *Helen*.

Adam não vivia em um estacionamento de trailers, tecnicamente, tendo em vista que todas as casas eram pré-fabricadas e de largura dupla. Adam lhe havia contado que o último dos trailers tinha sido removido alguns anos atrás, mas o dissera ironicamente, dando a entender que dobrar a largura dos trailers não mudava muita coisa.

— O papai os chama de coisas piores — disse Helen. — A mamãe disse que um dos seus livros esquisitos da Nova Era foi entregue lá em casa ontem. Você vai dar uma passada lá?

— Talvez — disse Gansey. De alguma maneira, ver os pais sempre o lembrava de quão pouco ele havia conquistado, quão parecidos ele e Helen eram, quantas gravatas vermelhas ele tinha, como ele estava lentamente amadurecendo para ser tudo que Ronan

tinha medo de se tornar. Ele parou na frente da casa pré-fabricada azul-clara, onde a família Parrish morava. — Talvez para o aniversário da mamãe. Preciso desligar. A coisa pode ficar preta.

O viva-voz do celular fez a risada de Helen soar sibilante, sem tom.

— Olha só você, bancando o mauzão. Aposto que está ouvindo um CD chamado *Os sons do crime* enquanto caça garotas em volta do campus no seu Camaro.

— Tchau, Helen — disse Gansey, desligando o celular e saindo do carro.

Abelhas carpinteiras gordas e brilhantes se precipitaram sobre sua cabeça, distraídas do trabalho de destruir as escadas. Após bater à porta, Gansey olhou para a extensão, plana e feia, de grama morta. A ideia de que se tinha de pagar pela beleza em Henrietta deveria ter-lhe ocorrido antes. Não importava quantas vezes Adam lhe dissesse que ele era sem noção em relação a dinheiro, ele não parecia ficar nem um pouco mais sábio quanto a isso.

Não tem primavera aqui, percebeu Gansey, e o pensamento foi inesperadamente sombrio.

A mãe de Adam respondeu à sua batida. Ela era uma sombra do filho — os mesmos traços alongados,

os mesmos olhos arregalados. Comparada à mãe de Gansey, parecia velha e sofrida.

— O Adam está nos fundos — ela disse, antes que ele pudesse perguntar qualquer coisa. Ela o olhou de relance e desviou o olhar, sem encará-lo. Gansey nunca deixava de ficar impressionado com como os pais de Adam reagiam ao blusão da Aglionby. Eles sabiam tudo que precisavam saber sobre ele antes mesmo que Gansey abrisse a boca.

— Obrigado — disse Gansey, mas a palavra parecia serragem na boca, e, de qualquer maneira, ela já estava fechando a porta.

Na velha garagem atrás da casa, ele encontrou Adam deitado debaixo de um velho Bonneville erguido sobre rampas, inicialmente invisível em sombras azuladas e frias. Uma lata de óleo vazia se projetava debaixo do carro. Não havia ruído algum, e Gansey suspeitou que Adam estivesse ali para evitar ficar dentro de casa.

— E aí, campeão — disse Gansey.

Os joelhos de Adam dobraram como se ele fosse se impulsionar para sair de debaixo do carro, mas ele não saiu.

— E aí? — ele disse sem emoção.

Gansey sabia o que aquilo significava, aquele não sair imediatamente de debaixo do carro, e a ira e a

culpa lhe apertaram o peito. A coisa mais frustrante em relação à situação de Adam era que Gansey não conseguia controlá-la. Nem uma única parcela dela. Ele largou um caderno sobre o balcão.

— Aqui está a matéria de hoje. Eu não podia dizer que você estava doente. Você perdeu muitas aulas no mês passado.

A voz de Adam não denotava emoção.

— E o que você disse?

Uma das ferramentas embaixo do carro fez um ruído de raspadura sem entusiasmo.

— Vamos lá, Parrish, sai daí — disse Gansey. — Desencana.

Gansey deu um salto quando o focinho frio de um cão se enfiou em sua palma pendente — era o vira-lata que havia atacado de maneira tão selvagem os pneus de seu carro. Ele acariciou relutantemente uma das orelhas roídas e então puxou a mão de volta quando o cão pulou no carro, latindo para os pés de Adam quando eles começaram a se mexer. Os joelhos rasgados da calça cargo camuflada de Adam apareceram primeiro, depois a camiseta gasta da Coca-Cola e, por fim, o rosto.

Um hematoma se estendia sobre a maçã do rosto, vermelho e inchado como uma galáxia. Outro mais escuro serpenteava sobre a ponte do nariz.

Gansey disse imediatamente:

— Você vai embora comigo.

— Isso só vai piorar as coisas quando eu voltar — Adam respondeu.

— Quero dizer para sempre. Você vai se mudar para Monmouth. Chega.

Adam se levantou. O cão saracoteava alegremente em torno de seus pés, como se ele tivesse ido para outro planeta em vez de simplesmente entrado embaixo do carro. Cansado, ele perguntou:

— E quando Glendower levar você para longe de Henrietta?

Gansey não podia dizer que isso não aconteceria.

— Você vem junto.

— Eu vou junto? Me diz como isso ia funcionar. Eu ia perder todo o trabalho que fiz em Aglionby. Eu teria que fazer a mesma coisa de novo em outra escola.

Adam dissera uma vez para Gansey: "Histórias de superação só são interessantes depois do final feliz, não antes". Mas aquela era uma história difícil de terminar quando Adam havia faltado à escola mais uma vez. Não havia final feliz sem notas de aprovação.

Gansey disse:

— Você não precisaria ir para uma escola como a Aglionby. Não precisa ser uma escola tradicional.

Existem maneiras diferentes de ter sucesso.

Imediatamente, Adam disse:

— Eu não te julgo pelo que você faz, Gansey.

E aquele era um lugar incômodo para estar, pois Gansey sabia que Adam precisara realizar um esforço considerável para aceitar suas razões para ir atrás de Glendower. Adam tinha motivos mais que suficientes para se sentir indiferente quanto à ansiedade obscura de Gansey, seu questionamento sobre por que o universo o havia escolhido para nascer filho de pais ricos, perguntando-se se havia um propósito maior para ele estar vivo. Gansey *sabia* que tinha de fazer a diferença, tinha de deixar uma marca maior no mundo por causa da vantagem que tivera na largada, ou ele seria o pior tipo de pessoa que havia.

Os pobres são tristes porque são pobres, Adam refletira certa vez, *e, no fim das contas, os ricos são tristes porque são ricos*.

E Ronan havia dito: *Ei, eu sou rico e isso não me incomoda*.

Com um tom incisivo, Gansey acrescentou:

— Está bem, então. Vamos encontrar outra escola boa. Vamos fazer tudo de novo e criar uma vida nova para você.

Adam passou por ele para pegar um trapo e limpar os dedos cheios de graxa.

— Eu teria que encontrar um emprego também. Isso não acontece da noite para o dia. Você sabe quanto tempo levei para encontrar esses?

Ele não se referia a trabalhar na garagem atrás da casa pré-fabricada do pai. Aquilo era só uma tarefa. Adam tinha três empregos, o mais importante deles na fábrica de trailers nos arredores de Henrietta.

— Eu posso cobrir suas contas até você encontrar algo.

Houve um longo silêncio enquanto Adam continuava a esfregar os dedos. Ele não olhou para Gansey. Aquela era uma conversa que eles já haviam tido antes, e dias inteiros de discussões eram repassados nos poucos momentos de sossego. As palavras haviam sido ditas tantas vezes que não precisavam mais ser ditas novamente.

O sucesso não significava nada para Adam se ele não o tivesse alcançado sozinho.

Gansey fez o possível para manter a voz calma, mas um traço de irritação se esgueirou nela.

— Então você não vai cair fora por causa do seu orgulho? Ele vai acabar te matando.

— Você vê programas policiais demais.

— Eu vejo o jornal da noite, Adam — disparou Gansey. — Por que você não deixa o Ronan te ensinar

a lutar? Ele já ofereceu duas vezes. Ele está falando sério.

Com grande cuidado, Adam dobrou o trapo engraxado e o jogou de volta em uma caixa de ferramentas. Havia um amontoado de coisas na garagem. Estantes de ferramentas e calendários de mulheres de topless, assim como compressores de ar para trabalhos pesados e outros equipamentos que o sr. Parrish havia decidido que eram mais valiosos que o uniforme escolar de Parrish.

— Porque aí sim ele vai me matar.

— Não entendo.

Adam disse:

— Ele tem uma arma.

— Meu Deus.

Adam colocou a mão sobre a cabeça da vira-lata — o que a deixou maluca de alegria — e se inclinou para fora da garagem para espiar a estrada de terra. Ele não precisava dizer a Gansey o que estava procurando.

— Vamos, Adam — disse Gansey. *Por favor*. — A gente vai fazer dar certo.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de Adam quando ele desviou o olhar. Não para as casas pré-fabricadas em primeiro plano, mas para além delas, para o campo plano e sem fim, com seus tufos

de relva envelhecida. Tantas coisas sobreviviam ali sem estar realmente vivas. Ele disse:

— Eu nunca seria eu mesmo. Se eu deixar você pagar minhas contas, vou ser seu. Eu sou dele agora, e aí seria seu.

Isso foi mais duro de aceitar do que Gansey havia imaginado. Em certos dias, a única coisa em que ele podia se apoiar era saber que sua amizade com Adam era imune à influência do dinheiro. Qualquer coisa dita em contrário o magoava mais do que ele podia admitir.

Com precisão, ele perguntou:

— É isso que você pensa de mim?

— Você não sabe, Gansey — disse Adam. — Você não sabe nada sobre dinheiro, apesar de ter um monte. Você não sabe como isso faria as pessoas olharem para mim e para você. Seria tudo que elas precisariam saber sobre a gente. Elas pensariam que eu sou seu macaco.

Eu sou apenas o meu dinheiro. É tudo que as pessoas veem, até o Adam.

Gansey disparou de volta:

— Você acha que seus planos vão continuar dando certo se você faltar às aulas e ao trabalho porque deixa seu pai quebrar sua cara? Você está tão mal quanto ela. Você acha que merece isso.

Sem aviso, Adam arremessou no chão uma caixa pequena de pregos que estava na prateleira ao lado dele. O barulho que ela fez no concreto assustou os dois.

Adam voltou as costas para Gansey, com os braços cruzados.

— Não finja que você sabe — disse ele. — Não venha até aqui fingir que sabe alguma coisa.

Gansey disse a si mesmo para cair fora, para não dizer mais nada. Mas acrescentou:

— Então não finja que você tem alguma coisa de que se orgulhar.

Tão logo disse isso, ele soube que não era justo, ou, mesmo se tivesse sido, que não era certo. Mas não estava arrependido.

Gansey voltou para o Camaro e pegou o telefone para ligar para Ronan, mas o sinal do celular tinha desaparecido completamente, como acontecia com frequência em Henrietta. Normalmente, Gansey tomava isso como um indício de que algo sobrenatural estava afetando a energia em torno da cidade, derrubando o sinal do celular e às vezes até a eletricidade.

Mas, naquele momento, ele achou que significava tão somente que não conseguiria telefonar para ninguém.

Fechando os olhos, Gansey pensou no hematoma no rosto de Adam, com as bordas tênues e dispersas, e na marca intensa e vermelha sobre o nariz. Imaginou aparecer naquele lugar um dia e não encontrar Adam ali, mas no hospital, ou, pior, encontrá-lo ali, mas descobrir que algo importante havia sido arrancado dele a socos e pontapés.

Imaginar aquilo o deixava doente.

Então o carro deu uma sacudida, e os olhos de Gansey se abriram quando a porta do passageiro rangeu.

— Espere, Gansey — disse Adam, sem fôlego. Ele estava curvado para poder ver dentro do carro. O hematoma era horrível. Fazia sua pele parecer transparente. — Não vá embora assim...

Deslizando as mãos do volante em direção ao colo, Gansey o observou. Aquela era a parte em que Adam falaria para não levar para o lado pessoal o que ele havia dito. Mas Gansey sentia como algo pessoal.

— Eu só estou tentando ajudar.

— Eu sei — Adam disse. — Eu sei. Mas eu não posso fazer desse jeito. Não conseguiria viver comigo mesmo assim.

Gansey não compreendia, mas anuiu com a cabeça. Ele queria que aquilo acabasse; ele queria que fosse ontem, quando ele, Ronan e Adam estavam

ouvindo o gravador e o rosto de Adam ainda não trazia aquelas marcas. Atrás do amigo, ele viu a figura da sra. Parrish observando da varanda.

Adam fechou os olhos por um minuto. Gansey podia ver suas íris se movendo por baixo da pele fina das pálpebras, um sonhador acordado.

E então, com um movimento ágil, ele deslizou para o banco do passageiro. A boca de Gansey se abriu para formar uma pergunta que ele não fez.

— Vamos embora — disse Adam, sem olhar para Gansey. Sua mãe o encarava da varanda, mas ele tampouco a olhou. — A médium era o plano, certo? Vamos seguir o plano.

— Sim, mas...

— Eu preciso estar de volta às dez.

Adam olhou para Gansey. Havia algo de ameaçador e frio em seus olhos, uma coisa indefinível que Gansey sempre temeu que, no fim, tomasse conta dele completamente. Ele sabia que era um compromisso, um presente arriscado que ele podia escolher rejeitar.

Após um momento de hesitação, Gansey cumprimentou Adam sobre o câmbio do carro com uma batida de punhos. Adam abriu a janela e se agarrou ao teto do carro, como se precisasse se segurar.

O Camaro avançou lentamente pela estradinha de uma pista quando o caminho foi bloqueado por uma picape Toyota azul vindo na direção contrária. A respiração de Adam parou. Através do para-brisa, Gansey deu de cara com os olhos do pai de Adam. Robert Parrish era uma coisa grande, desprovida de cor como o mês de agosto, crescida da poeira que cercava os trailers. Seus olhos eram escuros e pequenos, e Gansey não conseguia ver nada de Adam neles.

Robert Parrish cuspiu para fora da janela. Ele não encostou para deixá-los passar. O rosto de Adam estava voltado para o campo de milho, mas Gansey não desviou o olhar.

— Você não precisa vir — disse Gansey, porque tinha de dizê-lo.

A voz de Adam soou distante:

— Mas eu vou.

Virando subitamente a direção do carro, Gansey acelerou com toda a potência. O Pig saiu da estrada em meio a uma nuvem de terra que explodira, vinda de debaixo dos pneus, e bateu na vala rasa. O coração golpeava o peito com a expectativa, o perigo e o desejo de gritar tudo que ele achava sobre o pai de Adam *para* o pai de Adam.

Quando eles aceleraram de volta para a pista do outro lado da Toyota, Gansey sentiu o olhar de Robert Parrish os seguindo.

O peso daquele olhar parecia com uma promessa mais substancial do futuro do que qualquer coisa que uma médium pudesse lhe dizer.



É claro que Gansey estava atrasado para a leitura. A hora marcada tinha chegado e passado. Nada de Gansey. E, talvez mais decepcionante ainda, nenhum telefonema de Adam. Blue abriu as cortinas e deu uma espiada para um lado e para o outro na rua, mas não havia nada, a não ser o tráfego normal após um dia de trabalho. Maura inventou desculpas.

— Talvez ele tenha escrito a hora errada — disse ela.

Blue não achava que ele havia escrito a hora errada.

Dez minutos mais se arrastaram. Maura disse:

— Talvez ele tenha tido problemas com o carro.

Blue não achava que ele havia tido problemas com o carro.

Calla pegou o romance que estava lendo e subiu a escada. Sua voz chegou até elas:

— Falando nisso, você precisa ver a correia do seu Ford. Vejo uma quebra no seu futuro. Ao lado daquela loja de móveis. Um homem muito feio com um celular vai parar e ser extremamente gentil.

Era possível que ela realmente tivesse *visto* uma quebra no futuro de Maura, mas também era possível que estivesse sendo hiperbólica. De qualquer maneira, Maura anotou no calendário.

— Talvez eu tenha me enganado e dito para ele amanhã à tarde em vez de hoje — disse Maura.

Persephone murmurou:

— *Isso sempre é possível* — então disse: — Talvez eu faça uma torta.

Blue olhou ansiosamente para Persephone. O preparo de uma torta era um processo demorado e carinhoso, e Persephone não gostava de ser interrompida enquanto estivesse cozinhando. Ela não começaria uma torta se realmente achasse que a chegada de Gansey a interromperia.

Maura também olhou para Persephone antes de tirar um saco de abóbora amarela e uma barra de manteiga da geladeira. Agora Blue sabia precisamente como o resto do dia se desenrolaria. Persephone faria algo doce. Maura faria algo com manteiga. Mais tarde, Calla reapareceria e faria algo com salsicha ou bacon.

Era como prosseguiam todos os entardeceres se uma refeição não tivesse sido planejada antecipadamente.

Blue não achava que Maura tivesse dito para Gansey "amanhã à tarde" em vez de "hoje". O que ela achava era que Gansey havia olhado para o relógio no painel de seu Mercedes-Benz ou no rádio de seu Aston Martin e decidido que a leitura interferia com sua escalada ou seu jogo de tênis. E então ele lhe dera o fora, como Adam lhe dera ao não ligar para ela. Blue não podia estar realmente surpresa. Eles haviam feito exatamente o que ela esperava de garotos corvos.

Bem na hora em que Blue estava se preparando para se amuar no andar de cima, com suas agulhas e sua lição de casa, Orla deu um berro do Quarto do Telefone, um grito mudo finalmente se esclarecendo em palavras:

— Tem um Camaro 1973 na frente da casa! *Ele combina com as minhas unhas!*

Da última vez que Blue vira as unhas de Orla, elas traziam uma complicada estampa paisley. Ela não tinha certeza de como era um Camaro 1973, mas tinha certeza de que, se ele trazia um desenho persa, devia ser impressionante. Também tinha certeza de que Orla estava no telefone, ou ela estaria lá embaixo, espiando.

— Bem, lá vamos nós — disse Maura, abandonando a abóbora na pia. Calla reapareceu na

cozinha, trocando um olhar rápido com Persephone.

O estômago de Blue se contorceu.

Gansey. É só isso.

A campainha tocou.

— Você está pronta? — Calla perguntou a Blue.

Gansey era o garoto que ela mataria ou por quem se apaixonaria. Ou ambos. Não havia como *estar pronta*. Havia apenas isto: Maura abrindo a porta.

Havia três garotos ali, contra a luz do sol da tarde, como Neeve estivera tantas semanas atrás. Três pares de ombros: um quadrado, um musculoso, um magro e rijo.

— Desculpe pelo atraso — disse o garoto da frente, com os ombros quadrados. O aroma de hortelã entrou naturalmente com ele, como naquele dia, no adro da igreja. — Tem algum problema?

Blue conhecia aquela voz.

Ela estendeu a mão para o corrimão da escada para manter o equilíbrio, enquanto o Presidente Celular entrava.

Ah, não. Ele não. Todo aquele tempo ela estivera se perguntando como Gansey morreria e no fim das contas ela iria estrangulá-lo. No Nino's, o ruído da música havia abafado os pontos mais refinados de sua voz e o cheiro de alho havia se sobrepujado ao aroma de hortelã.

Mas, agora que ela tinha somado dois mais dois, a questão parecia óbvia.

Quando entrou, ele parecia ligeiramente menos presidencial, mas apenas porque o calor havia feito com que arregaçasse desajeitadamente as mangas da camisa e tirasse a gravata. O cabelo castanho desgrenhado estava empoeirado também, como só o calor da Virgínia consegue fazer. Mas o relógio ainda estava ali, grande o suficiente para nocautear ladrões de banco, e ele ainda trazia aquele brilho de beleza. O brilho que significava não apenas que ele nunca fora pobre, mas que seu pai não o fora, nem seu avô e tampouco seu bisavô. Blue não conseguia dizer se ele era realmente muito bonito ou apenas muito rico. Talvez fossem a mesma coisa.

Gansey. Aquele era Gansey.

E isso significava que o diário pertencia a ele.

Isso significava que *Adam* pertencia a ele.

— Bem — disse Maura. Estava claro que sua curiosidade suplantava todas as regras sobre horários. — Não é tarde demais. Vamos para a sala de leitura. Posso saber alguns nomes?

Porque é claro que o Presidente Celular havia levado a maior parte do seu pelotão do Nino's, com exceção do garoto sujo. Eles ocupavam todo o espaço da entrada, apenas os três, viris e barulhentos, tão à

vontade uns com os outros que não permitiam a mais ninguém que se sentisse confortável junto deles. Eram uma matilha de animais elegantes, blindados com seus relógios e mocassins e o corte caro de seus uniformes. Até mesmo a tatuagem do garoto ríspido, que lhe cortava a junta do pescoço acima do colarinho, era uma arma que de algum modo penetrava Blue.

— Gansey — disse o Presidente Celular novamente, apontando para si mesmo. — Adam, Ronan. Para onde vamos? Ali?

Ele apontou uma mão para a sala de leitura, a palma aberta, como se estivesse dirigindo o tráfego.

— Ali mesmo — concordou Maura. — Aliás, esta é minha filha. Ela vai estar presente para a leitura, se você não se importar.

Os olhos de Gansey encontraram os de Blue. Ele estivera sorrindo educadamente, mas então seu rosto congelou no meio do sorriso.

— Oi de novo — disse ele. — Isso é estranho.

— Vocês já se *conhecem*? — Maura lançou um olhar venenoso para Blue, que se sentiu injustamente perseguida.

— Já — respondeu Gansey, altivamente. — Tivemos uma discussão sobre profissões alternativas para mulheres. Eu não sabia que ela era sua filha. *Adam?*

Ele lançou um olhar quase tão venenoso para Adam, cujos olhos estavam bem abertos. Adam era o único que não estava de uniforme, e sua mão estava aberta sobre o peito, como se os dedos pudessem cobrir a camiseta puída da Coca-Cola.

— Eu também não sabia! — disse Adam. Se Blue soubesse que ele viria, talvez não vestisse a blusa azul-bebê com penas costuradas na gola. Adam olhava fixamente para a roupa dela. Para Blue, ele disse novamente: — Eu não sabia, juro.

— O que aconteceu com seu rosto? — perguntou Blue.

Adam deu de ombros pesarosamente. Ou ele ou Ronan tinham um cheiro de oficina. Sua voz era autodepreciativa.

— Você acha que me faz parecer mais durão?

Na verdade, aquilo o fazia parecer mais frágil e sujo, como uma xícara de chá desenterrada, mas Blue não disse nada.

Ronan disse:

— Faz você parecer um perdedor.

— Ronan — disse Gansey.

— *Eu preciso que todos se sentem!* — gritou Maura.

Foi uma coisa tão alarmante ouvir Maura gritar que quase todo mundo obedeceu, afundando ou se

jogando nos móveis descombinados da sala de leitura. Adam esfregou a mão sobre a maçã do rosto, como se pudesse remover o hematoma. Gansey se sentou em uma cadeira de braços na ponta da mesa, com as mãos estendidas sobre cada um, como o presidente de um conselho, uma sobrancelha erguida enquanto olhava para o rosto emoldurado de Steve Martin.

Apenas Calla e Ronan permaneceram em pé, trocando olhares cautelosos.

Parecia que a casa nunca estivera tão cheia, o que era uma inverdade. Era possivelmente verdade que nunca houvera tantos homens ali antes. Certamente nunca tantos garotos corvos.

Blue sentiu como se a própria presença deles roubasse algo dela. Eles haviam feito a família dela parecer sombria.

— Está terrivelmente barulhento aqui — disse Maura. A maneira como ela o disse, no entanto, pressionando um dedo na pulsação logo abaixo do maxilar, dizia a Blue que não eram as vozes que estavam altas demais. Era algo que ela estava ouvindo dentro de sua cabeça. Persephone também estava se contraindo.

— Preciso sair? — perguntou Blue, apesar de ser a última coisa que ela quisesse fazer.

Não entendendo do que se tratava, Gansey imediatamente perguntou:

— Por que você teria de sair?

— Ela torna as coisas mais discerníveis para nós — disse Maura, franzindo o cenho para todos, como se estivesse tentando entender a situação. — E vocês três já são... *muito* ruidosos.

A pele de Blue estava quente. Ela podia imaginar a si mesma esquentando como um condutor elétrico, com faíscas de todas as partes viajando através dela. O que estaria acontecendo àqueles garotos corvos a ponto de ensurdecer sua mãe? Seria a conjunção de todos eles ou simplesmente Gansey, sua energia gritando a contagem regressiva para sua morte?

— O que você quer dizer com muito ruidosos? — perguntou Gansey. Estava claro que ele era o líder daquele pequeno bando, pensou Blue. Todos seguiam olhando para ele, para suas pistas de como interpretar a situação.

— O que quero dizer é que tem algo na energia de vocês que é muito... — disse Maura, deixando a frase morrer e perdendo o interesse em sua própria explicação. Ela se virou para Persephone, e Blue reconheceu a troca de olhares entre elas. Era um: *O que está acontecendo?* — Como vamos fazer isso?

A maneira como ela o perguntou, distraída e vaga, fez o estômago de Blue se apertar de nervosismo. Sua mãe estava *derrotada*. Pela segunda vez, uma leitura parecia empurrá-la para um lugar onde ela não se sentia confortável.

— Um de cada vez? — sugeriu Persephone, com a voz quase inaudível.

Calla disse:

— Carta única. Você precisa fazer assim, ou alguns deles terão de sair. Eles são ruidosos demais.

Adam e Gansey olharam de relance um para o outro. Ronan brincou com as pulseiras de couro em torno do punho.

— Carta única? — perguntou Gansey. — Como isso é diferente de uma leitura comum?

Calla falou com Maura, como se ele não tivesse dito nada:

— Não importa o que eles queiram. É assim que é. É pegar ou largar.

O dedo de Maura ainda estava pressionado sob o maxilar. Então ela disse para Gansey:

— Carta única quer dizer que cada um tira apenas uma carta do baralho de tarô, e nós fazemos a interpretação.

Gansey e Adam compartilharam uma espécie de conversa privada com os olhos. Era o tipo de coisa

que Blue estava acostumada a ver surgir entre sua mãe e Persephone ou Calla, e não achava que ninguém mais era capaz disso. O fato a fez se sentir estranhamente invejosa; ela queria algo assim, um laço forte o suficiente para transcender palavras. A cabeça de Adam anuiu rapidamente em resposta a qualquer coisa não dita por Gansey, que falou:

— Como você achar melhor.

Persephone e Maura deliberaram por um instante, apesar de não parecer que se sentiriam confortáveis com qualquer coisa no momento.

— Espere — disse Persephone quando Maura apresentou seu baralho. — Deixe que a Blue dê as cartas.

Não era a primeira vez que pediam para Blue dar as cartas. Às vezes, em leituras importantes ou difíceis, as mulheres queriam que ela tocasse o baralho primeiro, para tornar claras quaisquer que fossem as mensagens que as cartas pudessem conter. Dessa vez, ela estava excessivamente ciente da atenção dos garotos quando tomou o baralho de sua mãe. Aproveitando a situação, embaralhou as cartas de maneira ligeiramente teatral, movendo-as de uma mão à outra. Ela era muito boa com truques de cartas que não envolviam um dom paranormal. Enquanto os garotos, impressionados, observavam as cartas voarem

de um lado para o outro, Blue refletiu que ela daria uma excelente falsa médium.

Como ninguém quis ser voluntário para começar, ela ofereceu o baralho a Adam. Ele a encarou e sustentou seu olhar por um momento. Havia algo de vigoroso e intencional a respeito do gesto, mais agressivo do que ele havia sido na noite em que a abordara.

Adam escolheu uma carta e a apresentou para Maura.

— Dois de espadas — disse ela. Blue estava demasiadamente consciente do sotaque de sua mãe, soando subitamente rural e ignorante para seus ouvidos. Era assim que *Blue* soava?

Maura continuou:

— Você está evitando uma escolha difícil. Agindo ao não agir. Você é ambicioso, mas sente como se alguém estivesse lhe pedindo algo que você não está disposto a dar. Pedindo que comprometa seus princípios. Creio que alguém próximo de você. Seu pai?

— Irmão, eu acho — disse Persephone.

— Eu não tenho irmão, senhora — respondeu Adam. Mas Blue viu seus olhos se lançarem para Gansey.

— Você quer fazer uma pergunta? — perguntou Maura.

Adam considerou:

— Qual é a escolha certa?

Maura e Persephone conferenciaram entre si. Maura respondeu:

— Não há uma escolha certa. Apenas uma com a qual você consiga conviver. Pode haver uma terceira opção que vai lhe cair melhor, mas, neste momento, você não a está vendo porque está muito envolvido com as outras duas. Pelo que estou vendo, eu diria que qualquer outro caminho requereria que você deixasse de lado essas duas opções e criasse a sua própria opção. Também estou sentindo que você é um pensador muito analítico. Você passou muito tempo aprendendo a ignorar suas emoções, mas não creio que seja a hora para isso.

— Obrigado — disse Adam. Não era exatamente a coisa certa a ser dita, mas não era inteiramente errada, também. Blue gostava do modo como ele era educado. Parecia diferente da educação de Gansey. Quando Gansey era educado, isso o tornava poderoso. Quando Adam era educado, ele estava concedendo poder.

Parecia certo deixar Gansey por último. Então Blue seguiu com Ronan, apesar de estar um pouco

temerosa em relação a ele. Algo nele gotejava veneno, apesar de ele não ter aberto a boca. Pior de tudo, na opinião de Blue, era que havia algo a respeito de seu antagonismo que a fazia querer conquistar sua estima, para obter sua aprovação. A aprovação de alguém como ele, que claramente não se importava com ninguém, parecia que valeria mais.

Para oferecer o baralho a Ronan, Blue teve de se levantar, pois ele ainda estava de pé perto do vão da porta, próximo de Calla. Eles pareciam prontos para boxear.

Quando Blue abriu em leque as cartas, ele examinou as mulheres na sala e disse:

— Não vou pegar uma carta. Me digam algo verdadeiro primeiro.

— Como é? — disse Calla severamente, respondendo por Maura.

A voz de Ronan era de vidro, fria e quebradiça.

— Tudo que vocês disseram a ele poderia se aplicar a qualquer pessoa. Qualquer pessoa viva tem dúvidas. Qualquer um já discutiu com o irmão ou com o pai. Me digam algo que ninguém mais pode me dizer. Não me venham com uma carta de jogo e uma besteira junguiana para me enfiar goela abaixo. Me digam algo específico.

Os olhos de Blue se estreitaram. Persephone colocou ligeiramente a língua para fora, um hábito surgido da incerteza, não da insolência. Maura se mexeu na cadeira, incomodada.

— Nós não fazemos uma leitura especí...

Calla a interrompeu.

— Um segredo matou o seu pai e você sabe qual era.

A sala caiu em um silêncio mortal. Tanto Persephone quanto Maura olhavam fixamente para Calla. Gansey e Adam encaravam Ronan, e Blue olhava fixamente para a mão de Calla.

Maura muitas vezes chamava Calla para fazer leituras de tarô conjuntas, e Persephone às vezes a chamava para interpretar seus sonhos, mas muito raramente alguém pedia a Calla para usar um de seus dons mais estranhos: a psicometria. Calla tinha uma capacidade excepcional de segurar um objeto e sentir sua origem, sentir os pensamentos do dono e ver os lugares onde o objeto havia estado.

Nesse instante, Calla afastou a mão; ela a havia estendido para tocar a tatuagem de Ronan, bem onde ela encontrava o colarinho. O rosto dele estava voltado ligeiramente, olhando para onde os dedos dela haviam estado.

Poderia haver apenas Ronan e Calla na sala. Ele era uma cabeça mais alto que ela, mas parecia jovem ao seu lado, como um gato selvagem magricelo que ainda não ganhara peso. Ela era uma leoa.

Calla sibilou:

— O que você é?

O sorriso de Ronan gelou Blue. Havia algo de vazio nele.

— Ronan? — perguntou Gansey, com um tom preocupado na voz.

— Vou esperar no carro.

Sem mais um comentário sequer, Ronan partiu, batendo a porta com tanta força que as louças na cozinha tilintaram.

Gansey voltou um olhar acusador para Calla.

— O pai dele morreu.

— Eu sei — disse Calla, com os olhos estreitos.

O tom de voz de Gansey era cordial o suficiente para seguir direto do educado ao rude.

— Eu não sei como você descobriu isso, mas que coisa desprezível para jogar em um garoto.

— Em uma cobra, você quis dizer — Calla rosnou de volta. — E para que vocês vieram aqui, se não acreditam que podemos fazer o trabalho pelo qual estamos cobrando? Ele pediu algo específico, eu dei algo específico. Sinto muito se não eram filhotinhos.

— Calla — advertiu Maura, ao mesmo tempo em que Adam disse:

— Gansey.

Adam murmurou algo no ouvido do amigo e então se recostou. Um osso se moveu no maxilar de Gansey. Blue o observou voltando a ser o Presidente Celular; ela não havia se dado conta antes de que ele podia ser outra coisa. Agora ela gostaria que tivesse prestado mais atenção, para que pudesse ter visto o que havia de diferente nele.

Gansey disse:

— Desculpem. O Ronan é curto e grosso e, para começo de conversa, ele não estava se sentindo bem em vir aqui. Eu não estava tentando insinuar que vocês não são verdadeiras. Podemos continuar?

Ele soava tão *velho*, pensou Blue. Tão formal comparado aos garotos que o acompanhavam. Havia algo intensamente desconcertante nele, comparável a como ela se sentiu compelida a impressionar Ronan. Algo a respeito de Gansey a fazia se sentir tão fortemente *outra* que era como se ela tivesse de proteger suas emoções. Ela não conseguia gostar dele, ou do que quer que houvesse naqueles garotos que suprimia as habilidades paranormais de sua mãe e tomava conta da sala, a ponto de esmagá-la.

— Não tem problema — disse Maura, embora estivesse olhando para o rosto irado de Calla ao dizê-lo.

Quando Blue se deslocou para onde Gansey estava sentado, ela viu de relance seu carro na calçada: um brilho laranja impossível, o tipo de laranja com o qual Orla definitivamente pintaria suas unhas. Não era exatamente o que ela esperaria que um garoto de Aglionby dirigisse — eles gostavam de coisas novas e brilhantes, e aquela era uma coisa velha e brilhante —, mas, mesmo assim, era claramente o carro de um garoto corvo. E só então Blue teve uma sensação de queda, como se as coisas estivessem acontecendo rápido demais para absorvê-las apropriadamente. *Havia* algo esquisito e complicado a respeito de todos aqueles garotos, pensou Blue — esquisito e complicado assim como o diário era esquisito e complicado. Suas vidas estavam de certa forma interligadas, e de algum modo ela havia conseguido fazer algo para se manter presa naquela teia. Se esse algo fora feito no passado ou seria feito no futuro, parecia irrelevante. Naquela sala, com Maura, Calla e Persephone, o tempo parecia circular.

Ela parou na frente de Gansey. Tão próxima dele, sentiu mais uma vez o aroma de hortelã, e isso fez seu coração saltar incerto.

Gansey baixou o olhar para o baralho aberto em leque nas mãos dela. Quando Blue o viu assim, notou a curva de seus ombros e a parte de trás de sua cabeça, e então se lembrou agudamente de seu espírito, do garoto por quem ela temia se apaixonar. Aquela sombra não tinha nada da confiança jovial e desembaraçada daquele garoto corvo à sua frente.

O que acontece com você, Gansey?, ela se perguntou. *Quando você se torna aquela pessoa?*

Gansey ergueu o olhar para ela, com um vinco entre as sobrancelhas.

— Não sei como escolher. Você pode escolher uma carta para mim? Funcionaria assim?

De canto de olho, Blue viu Adam se mexendo na cadeira, franzindo o cenho.

Persephone respondeu por trás de Blue:

— Se você assim quiser.

— O que vale é a intenção — acrescentou Maura.

— Eu quero que você escolha — disse ele. — Por favor.

Blue colocou as cartas em leque sobre a mesa, que deslizaram soltas sobre a superfície. Deixou os dedos flutuarem acima delas. Uma vez Maura havia lhe dito que as cartas corretas às vezes davam uma sensação de calor ou formigamento quando os dedos estavam próximos a elas. Para Blue, é claro, todas as cartas

pareciam idênticas. Uma, no entanto, havia escorregado mais longe que as outras, e foi essa que ela escolheu.

Quando a abriu, Blue não conteve uma risadinha impotente.

O pajem de copas olhava de volta para Blue com o rosto dela. Parecia que alguém estava rindo dela, mas ela não tinha ninguém para culpar pela escolha da carta, a não ser ela mesma.

Quando Maura viu a carta, sua voz assumiu um tom sereno e distante.

— Essa não. Faça com que ele escolha outra.

— Maura — disse Persephone suavemente, mas Maura apenas gesticulou com a mão, desautorizando-a.

— Outra — ela insistiu.

— O que há de errado com essa carta? — perguntou Gansey.

— Ela tem a energia de Blue — disse Maura. — Não era para ser sua. Você mesmo terá de escolher uma carta.

Persephone mexeu a boca, mas não disse nada. Blue recolocou a carta e misturou o baralho com menos drama do que antes.

Quando ofereceu as cartas para Gansey, ele virou o rosto para o lado, como se estivesse tirando o

número vencedor de uma rifa. Seus dedos tocaram de leve a ponta das cartas, contemplativos. Ele escolheu uma e a virou para mostrar para a sala.

Era um pajem de copas.

Ele olhou para o rosto da carta e então para o rosto de Blue, e ela sabia que ele tinha visto a similaridade.

Maura se inclinou para frente e tirou a carta de seus dedos.

— Escolha outra.

— *Mas por quê?* — disse Gansey. — O que há de errado com essa carta? O que ela quer dizer?

— Não há nada de errado com ela — respondeu Maura. — Ela só não é sua.

Pela primeira vez, Blue viu uma ponta de exasperação verdadeira na expressão de Gansey, e isso a fez gostar um pouco mais dele. Então talvez houvesse algo por baixo do exterior de garoto corvo. Petulante, Gansey puxou outra carta, evidentemente cheio daquele exercício. Com um floreio, ele virou a carta e a bateu na mesa.

Blue engoliu em seco.

Maura disse:

— *Esta* é a sua carta.

Na mesa havia um cavaleiro negro montado um cavalo branco. O capacete do cavaleiro estava levantado, e seu rosto era uma caveira dominada por

órbitas sem olhos. O sol se punha atrás dele, e embaixo dos cascos do cavalo jazia um corpo.

Do lado de fora das janelas atrás deles, uma brisa sibilava audivelmente pelas árvores.

— Morte — Gansey leu a parte de baixo da carta. Ele não parecia surpreso ou alarmado. Apenas leu a palavra como leria "ovos" ou "Cincinnati".

— Muito bem, Maura — disse Calla, com os braços cruzados firmemente sobre o peito. — Você vai interpretar isso para o garoto?

— Nós poderíamos devolver o dinheiro dele — sugeriu Persephone, embora Gansey não tivesse pago ainda.

— Achei que médiuns não previam a morte — disse Adam calmamente. — Li que a carta da Morte era apenas simbólica.

Maura, Calla e Persephone emitiram ruídos vagos. Blue, absolutamente ciente da verdade do destino de Gansey, sentiu-se enjoada. De Aglionby ou não, ele tinha a idade dela, obviamente tinha amigos que gostavam dele e uma vida que envolvia um carro muito laranja, e era terrível saber que ele estaria morto em menos de doze meses.

— Na verdade — disse Gansey —, não me importo com isso.

Todos na sala olharam para ele enquanto ele parava a carta de pé para estudá-la.

— Quer dizer, as cartas são muito interessantes. — Ele disse "as cartas são muito interessantes" como alguém diria "isso é muito interessante" para um tipo muito estranho de torta que a pessoa não gostaria realmente de terminar. — Não quero desprezar o que vocês fazem, mas eu não vim aqui para saber o meu futuro. Estou bastante satisfeito em descobri-lo por mim mesmo.

Ele lançou um rápido olhar para Calla ao dizê-lo, obviamente percebendo que estava caminhando em uma tênue linha entre "educado" e "Ronan".

— Na verdade, eu vim porque queria fazer uma pergunta sobre energia — continuou. — Eu sei que vocês lidam com um trabalho que envolve energia, e venho tentando encontrar uma linha ley que acredito estar próxima de Henrietta. Vocês sabem alguma coisa sobre isso?

O diário!

— Linha ley? — repetiu Maura. — Talvez. Mas não sei se conheço por esse nome. O que é isso?

Blue estava um pouco atordoada. Ela sempre achara que sua mãe era a pessoa mais confiável à sua volta.

— São linhas de energia diretas que cruzam o globo — explicou Gansey. — Elas supostamente conectam locais espirituais importantes. O Adam achou que talvez vocês soubessem alguma coisa sobre elas, porque vocês lidam com energia.

Era óbvio que ele se referia ao caminho dos corpos, mas Maura não ofereceu nenhuma informação. Apenas apertou os lábios e olhou para Persephone e Calla.

— Isso lembra alguma coisa a vocês duas?

Persephone apontou um dedo reto para cima e então disse:

— Esqueci a cobertura da minha torta.

E se retirou da sala. Calla continuou:

— Eu preciso pensar. Não sou boa em questões específicas.

Havia um ligeiro sorriso divertido no rosto de Gansey, que significava que ele sabia que elas estavam mentindo. Era uma expressão estranhamente sábia, e mais uma vez Blue percebeu que ele parecia mais velho que os garotos que havia levado consigo.

— Vou procurar me informar sobre isso — disse Maura. — Se você deixar o seu telefone, posso ligar para você se descobrir alguma coisa.

Gansey respondeu, friamente educado:

— Ah, isso seria ótimo. Quanto eu devo pela leitura?

De pé, Maura disse:

— Ah, só vinte.

Blue pensou que aquilo era um crime. Gansey claramente gastara mais de vinte dólares só nos cadarços de seus mocassins.

Ele franziu o cenho para Maura enquanto abria a carteira. Havia um monte de notas ali. Elas podiam ser de um, mas Blue duvidava que fossem. Ela também podia ver sua carteira de motorista com bastante clareza; não próxima o suficiente para perceber detalhes, mas bem o bastante para ver que o nome impresso parecia bem mais longo do que apenas *Gansey*.

— Vinte?

— Cada uma — acrescentou Blue.

Calla tossiu.

O rosto de Gansey se desanuviou e ele passou sessenta dólares para Maura. Obviamente aquilo era mais perto do que ele estivera esperando pagar, e agora o mundo estava certo de novo.

Foi Adam, no entanto, que Blue observou então. Ele estava olhando para ela atentamente, e ela se sentiu transparente e culpada. Não apenas por cobrar a mais, mas em relação à mentira de Maura. Blue tinha

visto o espírito de Gansey trilhar o caminho dos corpos e tinha conhecimento de seu nome antes de ele entrar pela porta. Como a mãe, ela não dissera nada. Então, era cúmplice.

— Vou levar vocês até a porta — disse Maura, claramente ansiosa em vê-los sair. Por um momento, pareceu que Gansey sentia o mesmo, mas então ele parou e deu atenção excessiva para sua carteira enquanto a dobrava e a guardava no bolso. Depois ergueu o olhar para Maura e fez uma linha firme com a boca.

— Olhe, somos todos adultos aqui — ele começou.

Calla fez uma cara, como se discordasse.

Gansey endireitou os ombros e continuou:

— Então eu acho que merecemos a verdade. Me diga que você sabe de algo mas não quer me ajudar, se é isso que está acontecendo, mas não minta para mim.

Era uma coisa corajosa de dizer, ou arrogante, ou talvez não houvesse diferença suficiente entre as duas coisas. Todas as cabeças na sala se viraram para Maura.

Ela disse:

— Eu sei de algo, mas não quero te ajudar.

Pela segunda vez naquele dia, Calla parecia encantada. A boca de Blue estava aberta, mas ela logo

a fechou.

Gansey apenas anuiu, não mais nem menos angustiado do que quando Blue lhe respondera de volta no restaurante.

— Tudo bem, então. Não, não, fique onde está. Nós encontramos a saída.

E, sem mais nem menos, eles foram embora, Adam lançando para Blue um último olhar que ela não pôde interpretar. Um segundo depois, a rotação do motor do Camaro subiu alta e os pneus cantaram os verdadeiros sentimentos de Gansey. Então a casa ficou em silêncio. Um silêncio forçado, como se os garotos corvos tivessem levado todo o ruído do bairro com eles.

Blue se lançou sobre a mãe.

— *Mãe*. — Ela ia dizer algo mais, mas tudo que conseguiu dizer novamente foi: — *Mãe!* — mais alto.

— Maura — disse Calla —, isso foi muito rude. — Então acrescentou: — Gostei.

Maura se virou para Blue, como se Calla não tivesse falado nada.

— Não quero que você veja esse garoto nunca mais.

Indignada, Blue protestou:

— E o que aconteceu com "crianças não devem receber ordens"?

— Isso foi antes de Gansey. — Maura virou a carta da Morte, dando a Blue um longo tempo para examinar o crânio dentro do capacete. — É o mesmo que dizer para você não atravessar a rua na frente de um ônibus.

Várias contestações se passaram rapidamente pela cabeça de Blue antes de encontrar a que ela queria.

— Por quê? A Neeve não me viu no caminho dos corpos. *Eu* não vou morrer no ano que vem.

— Em primeiro lugar, o caminho dos corpos é uma promessa, não uma garantia — respondeu Maura. — Em segundo lugar, existem outros destinos terríveis além da morte. Vamos falar de desmembramento? Paralisia? Trauma psicológico interminável? Tem alguma coisa muito errada com esses rapazes. Quando sua mãe diz "não atravesse a rua na frente de um ônibus", ela tem uma boa razão para isso.

Da cozinha, a voz suave de Persephone soou:

— Se alguém tivesse evitado que você atravessasse a rua na frente de um ônibus, Maura, a Blue não estaria aqui.

Maura lançou uma careta em sua direção, então varreu com a mão a mesa de leitura, como se a estivesse limpando de migalhas de pão.

— O melhor cenário aqui é o de que você se tornará amiga de um garoto que vai morrer.

— Ah — disse Blue, de modo muito, muito astuto. — Agora entendi.

— Não venha me analisar — disse a mãe.

— Já fiz isso. E repito: "Ah".

Maura sorriu com um sarcasmo que não lhe era costumeiro e então perguntou a Calla:

— O que você viu quando tocou aquele outro garoto? O garoto corvo?

— Todos eles são garotos corvos — disse Blue.

A mãe balançou a cabeça.

— Não, ele é mais corvo do que os outros.

Calla esfregou a ponta dos dedos, como se estivesse limpando deles a memória da tatuagem de Ronan.

— É como a leitura daquele espaço estranho. Tem tanta coisa saindo dele que não deveria ser possível. Lembra daquela mulher que apareceu grávida de quádruplos? É assim, só que pior.

— Ele está grávido? — perguntou Blue.

— Ele está criando — disse Calla. — Aquele espaço está criando também. Não sei como colocar melhor do que isso.

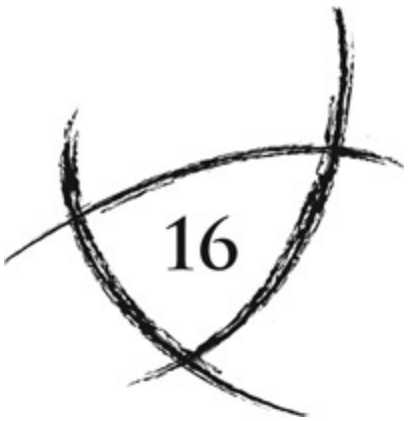
Blue se perguntou a que tipo de criação ela se referia. *Ela* estava sempre criando coisas — pegando

coisas velhas, cortando-as e tornando-as melhores. Pegando coisas que já existiam e transformando-as em algo mais. Ela achava que isso era o que a maioria das pessoas queria dizer quando chamavam alguém de *criativo*.

Mas ela suspeitava que não era isso que Calla queria dizer. Ela achava que o que Calla queria dizer era o verdadeiro significado de criativo: fazer uma coisa onde antes não havia nada.

Maura percebeu a expressão de Blue e disse:

— Eu nunca mandei você fazer algo antes, Blue. Mas estou mandando agora. Fique longe deles.



Na noite após a leitura, Gansey acordou com um ruído nada familiar e tateou em busca dos óculos. Soava um pouco como se um de seus companheiros de apartamento estivesse sendo morto por um gambá, ou possivelmente como os momentos finais de uma briga fatal entre gatos. Ele não estava certo quanto aos detalhes, mas tinha certeza de que havia morte envolvida.

Noah estava parado na porta do quarto, com uma expressão patética e muito sofrida.

— Faça parar — disse ele.

O quarto de Ronan era sagrado e, no entanto, ali estava Gansey, duas vezes na mesma semana, abrindo a porta com um empurrão. Ele encontrou a luz acesa e Ronan curvado sobre a cama, usando apenas uma cueca samba-canção. Seis meses antes, Ronan havia

feito a tatuagem negra intricada que cobria a maior parte de suas costas e subia serpenteando o pescoço, e agora as linhas monocromáticas se sobressaíam na luz claustrofóbica da lâmpada, mais reais que qualquer outra coisa no quarto. Era uma tatuagem peculiar, ao mesmo tempo violenta e adorável, e toda vez que Gansey a via, descobria algo diferente no desenho. Naquela noite, aninhado em uma ravina de flores belas e perversas, havia um bico onde antes ele vira uma foice.

O som áspero ressoou pelo apartamento novamente.

— Mas que diabos é isso? — perguntou Gansey de maneira bem-humorada. Como sempre, Ronan estava com fones de ouvido, então Gansey teve de se estender para puxá-los para baixo. A música subiu fracamente como um lamento no ar.

Ronan levantou a cabeça. Quando o fez, as flores perversas nas costas se deslocaram e se esconderam atrás das omoplatas bem definidas. Em seu colo estava o corvo ainda em formação, com a cabeça inclinada para trás e o bico aberto.

— Achei que tínhamos deixado claro o que significa uma porta fechada — disse Ronan. Ele segurava uma pinça.

— Achei que tínhamos deixado claro que a noite é para dormir.

Ronan deu de ombros.

— Talvez para você.

— Não hoje à noite. O seu pterodátilo me acordou. Por que ele está fazendo esse barulho?

Em resposta, Ronan enfiou a pinça em um saco plástico sobre o cobertor na frente dele. Gansey não tinha certeza se queria saber qual era a substância cinza na ponta da pinça. Tão logo o corvo ouviu o ruído do saco, fez aquele som sinistro novamente — um guincho irritante que se tornava um gorgolejar enquanto ele devorava a oferta. A cena inspirou ao mesmo tempo compaixão e o reflexo de vômito em Gansey.

— Assim não dá — disse ele. — Você precisa fazer ele parar.

— Ela precisa comer — respondeu Ronan. O corvo devorou mais uma porção. Dessa vez soou bastante como um aspirador de pó sobre uma salada de batata. — É só a cada duas horas nas primeiras seis semanas.

— Não dá para você deixar o pássaro no andar de baixo?

Em resposta, Ronan levantou um pouco o pequeno pássaro na direção dele.

— Você me diz.

Gansey não gostava que apelassem para sua bondade, especialmente quando ela tinha de enfrentar seu desejo de dormir. De jeito nenhum, é claro, ele forçaria o corvo escada abaixo. O bichinho era pequeno e improvável. Gansey não tinha certeza se ele era extremamente fofo ou terrivelmente feio, e se sentia incomodado que o pássaro conseguisse ser as duas coisas.

Por detrás dele, Noah disse, soando lamurioso:

— Eu não gosto dessa coisa aqui. Ela me faz lembrar...

Noah deixou a frase inacabada, como frequentemente fazia, e Ronan apontou a pinça para ele.

— Ei, cara, fique longe do meu quarto.

— Cala a boca — Gansey disse para os dois. — Isso inclui você, pássaro.

— Motosserra.

Noah se retirou, mas Gansey ficou. Por vários minutos observou o corvo engolir um lodo cinza enquanto Ronan arrulhava para o pássaro. Ele não era o Ronan com quem Gansey havia se acostumado a conviver, tampouco era o Ronan que Gansey havia encontrado pela primeira vez. Estava claro agora que os lamúrios que vinham dos fones de ouvido eram

gaitas de fole irlandesas. Gansey não conseguia lembrar quando fora a última vez que Ronan havia escutado música celta. A música de Niall Lynch. De uma hora para outra, ele também sentiu saudades do pai carismático de Ronan. Mas, mais do que isso, sentiu saudades do Ronan que existia quando Niall Lynch ainda estava vivo. Aquele garoto à sua frente, com um pássaro frágil nas mãos, parecia um meio-termo.

Após um tempo, Gansey perguntou:

— O que a médium quis dizer, Ronan? Sobre o seu pai.

Ronan não levantou a cabeça, mas Gansey observou os músculos das suas costas se enrijecerem, tensionados, como se subitamente estivessem carregando peso.

— Essa é uma pergunta muito Declan.

Gansey considerou a questão.

— Não. Não creio que seja.

— Ela estava falando merda.

Gansey considerou isso, também.

— Não. Não acho que ela estava.

Ronan encontrou o aparelho de som ao lado dele na cama e apertou o botão de pausa. Quando respondeu, sua voz soou fria e desarmada.

— Ela é uma daquelas pessoas que entram na sua cabeça e saem bagunçando tudo. Ela disse aquilo porque sabia que ia causar problemas.

— De que tipo?

— Tipo você me fazendo perguntas como o Declan faria — disse Ronan, oferecendo ao corvo outra massa cinzenta, mas o pássaro apenas olhou para ele, paralisado. — Fazendo com que eu pense em coisas que não quero pensar. Esse tipo de problema. Entre outros. Aliás, o que houve com seu rosto?

Gansey coçou o queixo, pesaroso. Ele sentia a pele mal barbeada e irritada. Sabia que estava sendo distraído, mas não protestou.

— Está crescendo?

— Cara, você não vai entrar nessa de barba, vai? Achei que você estivesse brincando. Você sabe que isso deixou de ser bacana no século xiv ou sei lá quando Paul Bunyan viveu. — Ronan olhou para ele sobre o ombro. Gansey exibia aquela barba de fim de tarde que lhe crescia a qualquer hora do dia. — Pare com isso. Você parece sujo.

— Não tem importância. Ela não está crescendo. Estou fadado a ser um homem-criança.

— Se você for continuar dizendo coisas como "homem-criança", pode ir embora — disse Ronan. — Cara, não deixe isso te desanimar. Assim que você

entrar na puberdade, essa barba vai crescer lindamente. Como um maldito tapete. Quando você comer sopa, ela vai filtrar as batatas. Que nem um terrier. Você tem pelo nas pernas? Nunca notei.

Gansey não dignificou nada disso com uma resposta. Com um suspiro, ele se afastou da parede e apontou para o corvo.

— Vou voltar para a cama. Mantenha essa coisa em silêncio. Você me deve essa, Lynch.

— Como quiser — disse Ronan.

Gansey voltou para a cama, mas não se deitou. Estendeu o braço para pegar o diário, mas ele não estava ali; ele o havia deixado no Nino's na noite da briga. Pensou em ligar para Malory, mas não sabia o que perguntar. Algo dentro dele parecia a noite, faminta, carente e negra. Ele pensou nas órbitas escuras dos olhos do cavaleiro esquelético na carta da Morte.

Um inseto zuniu na janela, o tipo de zunido que vinha de um inseto com algum tamanho. Gansey pensou em seu autoinjetor de adrenalina, longe dali, no porta-luvas do carro, distante demais para ser um antídoto útil se necessário. O inseto era provavelmente uma mosca ou uma maria-fedida ou ainda outra típula, mas, quanto mais ela ficava ali, mais Gansey

considerava a ideia de que poderia ser uma vespa ou uma abelha.

Provavelmente não era.

Gansey abriu os olhos e desceu suavemente da cama, inclinando-se para pegar um sapato ao seu lado. Caminhou cuidadosamente até a janela e procurou pelo ruído do inseto. A sombra do telescópio era um monstro elegante no chão.

Apesar de o zunido ter desaparecido, ele precisou de apenas um momento para encontrar o inseto na janela: uma vespa subia rastejando pela esquadria de madeira, girando para frente e para trás. Gansey não se mexeu. Ele a observou escalar e parar, escalar e parar. As luzes da rua formavam a sombra ligeira de suas pernas, de seu corpo curvo, o ponto fino e frágil do ferrão.

Duas narrativas coexistiam na cabeça de Gansey. Uma era a imagem real: a vespa subindo a madeira, alheia à sua presença. A outra era uma imagem falsa, uma possibilidade: a vespa zunindo no ar, encontrando sua pele, inserindo-lhe o ferrão, e sua alergia tornando-o uma arma mortal.

Muito tempo atrás, sua pele fora tomada por marimbondos, as asas batendo mesmo quando seu coração não batia mais.

Agora, ele sentia a garganta apertada e obstruída.

— Gansey?

A voz de Ronan soou logo atrás dele, com um timbre estranho e inicialmente irreconhecível. Gansey não se virou. A vespa acabara de mover as asas, quase levantando voo.

— Cara, que merda! — disse Ronan. Ouviram-se três passos bem próximos, o chão estalando como um tiro, e então o sapato foi arrancado da mão de Gansey. Ronan o empurrou para o lado e bateu com o sapato tão forte na janela que o vidro quase quebrou. Após o corpo seco da vespa cair sobre a madeira do chão, Ronan o procurou na escuridão e o esmagou mais uma vez. — Merda — disse ele de novo. — Você é idiota?

Gansey não sabia dizer como se sentia, vendo a morte rastejando a centímetros dele, sabendo que em poucos segundos ele poderia ter passado de "um estudante promissor" para "além da salvação". Ele se virou para Ronan, que pegara cuidadosamente a vespa por uma asa quebrada, para que Gansey não pisasse nela.

— O que você queria? — ele perguntou.

— O quê? — demandou Ronan.

— Você veio aqui por algum motivo.

Com um piparote, Ronan lançou o corpo pequeno da vespa no cesto de lixo ao lado da escrivaninha. O lixo estava transbordando de papéis amassados, então

o corpo repicou para fora e o forçou a encontrar uma fenda melhor para ele.

— Não consigo nem lembrar.

Gansey ficou ali parado e esperou que Ronan dissesse mais alguma coisa. Ronan mexeu um pouco mais na vespa antes de dizer algo, e, quando finalmente disse, não olhou para Gansey.

— Que papo é esse de você e o Parrish caírem fora?

Não era o que Gansey esperara. Ele não tinha certeza de como falar sem machucar Ronan. Ele não podia mentir para ele.

— Você me conta o que ouviu, e eu te conto o que é verdade.

— O Noah me contou — disse Ronan — que, se você fosse embora, o Parrish iria com você.

Ele havia deixado que o ciúme se infiltrasse em sua voz, e isso tornou a resposta de Gansey mais fria do que poderia ter sido. Gansey tentava não favorecer ninguém.

— E o que mais o Noah te disse?

Com um esforço visível, Ronan deu um passo atrás e se recompôs. Nenhum dos irmãos Lynch gostava de parecer qualquer outra coisa que não deliberado, mesmo que fosse deliberadamente cruel.

Em vez de responder, ele perguntou:

— Você quer que eu vá junto?

Algo atingiu o peito de Gansey.

— Eu levaria todos vocês a qualquer lugar comigo.

A luz do luar fez uma estranha escultura no rosto de Ronan, um retrato duro moldado de forma incompleta por um escultor que se esquecera de trabalhar com compaixão. Ele inspirou pesadamente e soltou o ar de leve, sua respiração de fumante.

Após uma pausa, Ronan disse:

— Aquela noite. Tem alguma coisa...

Mas então parou e não disse mais nada. Era uma parada completa, do tipo que Gansey associava com segredos e culpa. Era uma parada que acontecia quando uma pessoa se decidia a confessar, mas a boca a traía no fim.

— Tem o quê?

Ronan murmurou algo e sacudiu o cesto de lixo.

— Tem *o quê*, Ronan?

Ele disse:

— Uma coisa com a Motosserra e a médium, e também com o Noah. Eu acho que tem algo estranho acontecendo.

Gansey não conseguia esconder a exasperação da voz.

— *Estranho* não me ajuda. Eu não sei o que você quer dizer com isso.

— Eu não sei, cara, é maluco. Eu não sei o que te dizer. Estranho como a sua voz no gravador — respondeu Ronan. — Estranho como a filha da médium. As coisas parecem maiores. Eu não sei bem o que estou dizendo. Achei que, de todas as pessoas, você acreditaria em mim.

— Eu não faço nem ideia do que você está me pedindo para acreditar.

Ronan disse:

— Está começando, cara.

Gansey cruzou os braços. Ele podia ver a asa negra da vespa morta, esmagada contra a trama do cesto de lixo. Então esperou que Ronan elaborasse a questão, mas tudo que o garoto disse foi: — Se eu pegar você encarando uma vespa de novo, vou deixar que ela te mate. Que se dane.

Sem esperar por uma resposta, ele se virou e voltou para o quarto.

Lentamente, Gansey pegou o sapato de onde Ronan o havia deixado. Quando se endireitou, percebeu que Noah tinha saído de seu quarto e estava ali, ao lado dele. Seu olhar ansioso adejava de Gansey para o cesto de lixo. O corpo da vespa havia

escorregado vários centímetros para baixo, mas ainda era visível.

— Que foi? — perguntou Gansey.

Alguma coisa no rosto apreensivo de Noah o fez lembrar dos rostos assustados que o cercavam, marimbondos em sua pele, o céu azul como a morte acima dele. Há muito, muito tempo, ele havia recebido outra chance, e, ultimamente, o fardo de corresponder a ela parecia mais pesado.

Ele desviou o olhar de Noah, na direção da parede de vidraças. Mesmo agora, parecia que Gansey podia sentir a presença dolorosa das montanhas próximas, como se o espaço entre ele e os picos fosse algo tangível. Era tão penoso quanto o semblante adormecido de Glendower.

Ronan estava certo. As coisas pareciam maiores. Talvez ele não tivesse encontrado a linha, ou o centro da linha, mas algo estava acontecendo, algo estava começando.

Noah disse:

— Não jogue fora.



Vários dias depois, Blue acordou bem antes do amanhecer. Sombras irregulares se amontoavam em seu quarto, vindas da luz noturna do corredor. Como todas as noites desde a leitura, pensamentos sobre os traços elegantes de Adam e a memória da cabeça inclinada de Gansey lhe enchiam a mente tão logo o sono a soltava de seu domínio. Blue não conseguia deixar de reproduzir repetidas vezes aquele episódio caótico em sua mente. A resposta volátil de Calla para Ronan, a linguagem íntima de Adam e Gansey, o fato de Gansey não ser apenas um espírito no caminho dos corpos. Mas não era apenas com os garotos que ela estava preocupada, embora, tristemente, não parecesse provável que Adam ligaria para ela um dia. Não, a coisa que mais a incomodava era a ideia de que sua mãe a havia proibido de fazer algo. Isso a atormentava como uma coleira.

Blue empurrou as cobertas para se levantar.

Ela tinha certo carinho pela arquitetura esquisita do número 300 da Rua Fox; era um tipo de afeição meio a contragosto, nascida mais da nostalgia que de qualquer afeto de verdade. Mas, sobre o que sentia pelo pátio nos fundos da casa, ela não tinha nenhuma dúvida. Uma faia enorme e frondosa abrigava todo o quintal. Sua bela copa, perfeitamente simétrica, estendia-se de uma linha da cerca até a outra, tão densa que tingia de um verde exuberante mesmo o dia mais quente de verão. Apenas a chuva mais pesada podia penetrar as folhas. Blue tinha um punhado de memórias de quando parava junto ao tronco imponente e liso em dias chuvosos, ouvindo as gotas sibilarem, baterem e se dispersarem ao longo da copa, sem jamais alcançar o chão. Parada embaixo da faia, ela se sentia como se *fosse* a árvore, como se a chuva escorresse por suas folhas e por sua casca, macia como outra pele roçando contra a dela.

Com um breve suspiro, Blue foi até a cozinha. Empurrou a porta dos fundos para abri-la, usando as duas mãos para fechá-la silenciosamente atrás de si. Após o anoitecer, o quintal era seu mundo particular, privado e obscurecido. A cerca alta de madeira, coberta por uma madressilva bagunçada, bloqueava as luzes das varandas da vizinhança, e a copa

inescrutável da faia impedia a passagem da luz do luar. Normalmente, ela teria de esperar vários longos minutos para seus olhos se ajustarem à escuridão relativa, mas não naquela noite.

Naquela noite, uma luz estranha, incerta, bruxuleava no tronco da árvore. Blue hesitou junto à porta, tentando entender a luz crepitante à medida que ela se deslocava sobre a casca pálida e cinza. Colocando uma mão contra a parede lateral da casa — ainda quente do calor do dia —, ela se inclinou para frente. Dali, viu uma vela do outro lado da árvore, aninhada nas raízes enroladas e expostas da faia. Uma chama trêmula sumia, aumentava e sumia de novo.

Blue deu um passo no pátio de tijolos rachados, então outro, olhando atrás de si de relance, para ver se alguém a observava da casa. De quem era aquele projeto? A alguns metros da vela havia outro emaranhado de raízes lisas, e uma poça de água escura havia se juntado nelas. A água refletia a luz bruxuleante, como outra vela por baixo da superfície escura.

Blue segurou a respiração tensa dentro de si enquanto dava outro passo.

De blusão solto e saia longa e rodada, Neeve estava ajoelhada próxima da vela e da pequena poça nas raízes. Com as belas mãos entrelaçadas no colo,

estava tão imóvel quanto a própria árvore e tão escura quanto o céu acima de sua cabeça.

Blue perdeu o fôlego de repente ao ver Neeve pela primeira vez, e então, ao erguer os olhos para seu rosto indistinto, o fôlego faltou-lhe novamente, como se a surpresa se renovasse.

— Oh — ela sussurrou. — Desculpe. Eu não sabia que você estava aqui.

Mas Neeve não respondeu. Quando Blue olhou mais de perto, viu que os olhos da tia estavam fora de foco. Mas o que Blue não suportou ver foram as sobrancelhas; de um modo estranho, elas não tinham nenhuma expressão. Ainda mais vazias que os olhos de Neeve eram aquelas sobrancelhas sem forma, esperando por informações, duas linhas neutras e retas.

O primeiro pensamento de Blue foi de certa maneira clínico — não havia convulsões em que o sintoma era simplesmente ficar sentado, imóvel? Como elas eram chamadas? Mas então ela pensou na tigela cheia de suco de uva e cranberry na mesa da cozinha. Era muito mais provável que ela tivesse interrompido algum tipo de meditação.

Mas não parecia uma meditação. Parecia... um ritual. Sua mãe não fazia rituais. Maura certa vez dissera irritada para um cliente: “Eu não sou uma

bruxa". E certa vez dissera triste para Persephone: "Eu não sou uma bruxa". Mas talvez Neeve fosse. Blue não estava certa de quais eram as regras nessa situação.

— Quem está aí? — perguntou Neeve.

Mas não era a voz dela. Era algo mais profundo e distante.

Um pequeno calafrio desagradável subiu pelos braços de Blue. Em algum lugar na árvore, um pássaro silvou. Pelo menos ela achou que era um pássaro.

— Venha para a luz — disse Neeve.

A água se moveu nas raízes, ou talvez tenha sido meramente o reflexo em movimento da vela solitária. Quando Blue abriu seu campo de visão, viu uma estrela de cinco pontas marcada em torno da faia. Uma ponta era a vela, e outra, a poça de água escura. Uma vela apagada marcava a terceira ponta, e uma tigela vazia, a quarta. Por um momento, Blue achou que estava equivocada, que não se tratava de uma estrela de cinco pontas. Mas então ela se deu conta: Neeve era a última ponta.

— Eu sei que você está aí — disse a não Neeve na voz que soava como lugares sombrios, distantes do sol. — Eu posso sentir o seu cheiro.

Algo subiu rastejando muito lentamente pela nuca de Blue, por dentro de sua pele. Era um rastejar tão

horrivelmente real que ela sentiu uma vontade enorme de lhe dar um tapa ou arranhá-lo.

Blue queria entrar e fingir que não tinha saído da casa, mas não queria deixar Neeve para trás se algo...

Blue não queria pensar sobre isso, mas pensou.

Ela não queria deixar Neeve para trás se algo a tivesse *possuído*.

— Estou aqui — disse Blue.

A chama da vela se estendeu longa, muito longa.

A não Neeve perguntou:

— Qual é o seu nome?

Ocorreu a Blue que ela não tinha exatamente certeza se a boca de Neeve havia se movido quando ela falou. Era difícil olhar para seu rosto.

— Neeve — mentiu Blue.

— Venha onde eu possa vê-la.

Havia definitivamente algo se movendo na pequena poça escura. A água refletia cores que não estavam na vela. Elas se deslocavam e se moviam em um padrão completamente diferente do movimento da chama.

Blue sentiu um arrepio.

— Eu sou invisível.

— Ahhhhhhh — suspirou a não Neeve.

— Quem é você? — perguntou Blue.

A chama da vela ficou muito alta e fina, a ponto de se romper. Ela não se estendia para o céu, mas para Blue.

— Neeve — disse a não Neeve.

Havia um tom matreiro na voz sombria agora. Algo sagaz e malicioso, algo que fazia Blue querer olhar para trás. Mas ela não desviou o olhar da vela, pois temia que a chama a tocasse se ela lhe desse as costas.

— Onde você está? — perguntou Blue.

— No caminho dos corpos — rosnou a não Neeve.

Blue percebeu que sua respiração formava uma nuvem à sua frente. Arrepios lhe alfinetavam os braços, rápidos e dolorosos. Na meia-luz da vela, Blue notou que a respiração de Neeve também era visível.

A nuvem da respiração de Neeve se partia sobre a poça, como se algo físico estivesse subindo da água para romper seu caminho.

Avançando com ímpeto, Blue deu um pontapé na tigela vazia, derrubou a vela apagada e chutou terra na direção da poça escura.

A vela se apagou.

Houve um minuto de completa escuridão. Não havia nenhum ruído, como se a árvore e o jardim à sua volta não estivessem mais em Henrietta. Apesar do

silêncio, Blue não se sentia sozinha, e era um sentimento terrível.

Eu estou dentro de uma bolha, ela pensou furiosamente. *Sou uma fortaleza. Há um vidro em toda minha volta. Posso olhar para fora, mas nada consegue entrar. Sou intocável.* Todos os exercícios visuais que Maura havia passado a ela para se proteger de um ataque paranormal não pareciam nada em comparação à voz que saíra de Neeve.

Mas então não havia mais nada. Seus arrepios desapareceram tão rapidamente quanto tinham aparecido. Lentamente, seus olhos se ajustaram à escuridão — embora parecesse que a luz havia escorrido de volta para o mundo —, e ela encontrou Neeve, ainda ajoelhada ao lado da poça de água.

— Neeve — sussurrou Blue.

Por um momento, nada aconteceu, então Neeve ergueu o queixo e as mãos.

Por favor, seja Neeve. Por favor, seja Neeve.

O corpo inteiro de Blue estava pronto para correr.

Foi quando ela viu que as sobrancelhas de Neeve estavam alinhadas e firmes sobre os olhos, apesar de as mãos tremerem. Blue soltou um suspiro de alívio.

— Blue? — perguntou Neeve, com a voz soando normal. E, em seguida, com uma súbita compreensão:

— *Ah*. Você não vai contar para a sua mãe sobre isso, vai?

Blue a encarou.

— É claro que vou! O que era *isso*? O que você estava fazendo?

Seu coração ainda batia rápido, e ela percebeu que estava aterrorizada, agora que podia pensar no que havia acontecido.

Neeve contemplou o pentagrama interrompido, a vela e a tigela derrubadas.

— Eu estava fazendo uma leitura.

A voz meiga apenas enfureceu Blue.

— Leitura é o que você fez antes. Isso não era a mesma coisa!

— Eu estava buscando aquele espaço que vi da outra vez. Eu esperava fazer contato com alguém que estivesse nele para descobrir o que era.

A voz de Blue não soou nem de perto tão firme quanto ela gostaria.

— Alguém falou. *Não era você* quando eu cheguei aqui.

— Bem — disse Neeve, parecendo um pouco aborrecida —, isso foi culpa sua. Você deixa tudo mais intenso. Eu não estava esperando que você aparecesse aqui, ou teria...

Ela deixou a frase inacabada, olhando para o toco da vela e inclinando a cabeça para o lado. Não era um gesto particularmente humano, e fez Blue se lembrar do calafrio desagradável que sentira antes.

— Teria o quê? — demandou Blue. Ela também estava um pouco contrariada, por a tia lhe atribuir, de algum modo, a culpa pelo que quer que acontecera há pouco. — O que *foi* aquilo? A coisa disse que estava no caminho dos corpos. Isso é o mesmo que uma linha ley?

— É claro — disse Neeve. — Henrietta está sobre uma linha ley.

Isso significava que Gansey estava certo. Também significava que Blue sabia exatamente onde corria a linha ley, pois vira o espírito de Gansey caminhar ao longo dela alguns dias antes.

— É por isso que é fácil ser médium aqui — disse Neeve. — A energia é forte.

— Energia, como a minha energia? — perguntou Blue.

Neeve fez um gesto complicado com a mão antes de pegar a vela. Ela a segurou de cabeça para baixo à sua frente e apertou o pavio para ter certeza de que ele estava inteiramente apagado.

— Energia como a sua. Ela alimenta coisas. Como vocês colocaram a questão? Torna a conversa

mais alta. A lâmpada mais brilhante. Tudo que precisa de energia para viver anseia por ela, da mesma maneira que anseiam por sua energia.

— O que você viu? — perguntou Blue. — Quando você estava...

— Fazendo a leitura — Neeve terminou por ela, embora Blue não tivesse certeza de que seria assim que ela terminaria a frase. — Existe uma pessoa lá que sabe o seu nome. E existe outra pessoa que está procurando por essa coisa que você está procurando.

— Que *eu* estou procurando?! — ecoou Blue, assombrada.

Não havia nada que *ela* estivesse procurando. A não ser que Neeve estivesse falando do misterioso Glendower. Ela se lembrou daquele sentimento de conexão, de se sentir envolvida naquela rede de garotos corvos, reis adormecidos e linhas ley. De sua mãe lhe dizendo para ficar longe deles.

— Sim, você sabe o que é — respondeu Neeve. — Ah! Tudo parece tão mais claro agora...

Blue pensou na chama da vela, estendida e faminta, nas luzes inconstantes dentro da poça de água. Sentiu frio em algum lugar muito profundo dentro de si.

— Você ainda não disse o que era aquilo. Na água.

Então Neeve olhou para ela, com todas as provisões reunidas nos braços. Seu olhar era inquebrantável e poderia durar uma eternidade.

— Porque eu não faço ideia — disse ela.



Whelk tomou a liberdade de mexer no armário de Gansey antes das aulas no dia seguinte.

O armário de Gansey, um dos poucos em uso, estava apenas algumas portas de distância do velho armário de Whelk, e o sentimento de abri-lo trouxe de volta uma torrente de memórias e nostalgia. Em outra época, *ele* havia sido isto: um dos garotos mais ricos de Aglionby, andando com os amigos que quisesse, com as garotas de Henrietta que lhe chamassem atenção, comparecendo às aulas que tivesse vontade. Seu pai não sentia arrependimento algum em fazer uma doação extra para ajudar Whelk a passar em uma disciplina que ele havia deixado de frequentar por algumas semanas. Whelk ansiava por seu velho carro. Os policiais dali conheciam bem o seu pai, eles nem se davam ao trabalho de parar Whelk.

E agora Gansey era o rei ali, e não sabia nem como usar sua condição.

Graças ao código de honra de Aglionby, não havia trancas em nenhum dos armários, o que permitia que Whelk abrisse o de Gansey sem problemas. Dentro, encontrou vários cadernos de espiral empoeirados com apenas algumas páginas usadas. Whelk deixou uma nota no armário ("Pertences removidos para aplicação de inseticida contra baratas"), caso Gansey decidisse ir para a escola duas horas mais cedo, e então se retirou para um dos banheiros desativados dos funcionários para examinar seu achado.

Sentou de pernas cruzadas no azulejo intacto, mas empoeirado, ao lado da pia, e descobriu que Richard Gansey III era mais obcecado com a linha ley do que ele havia sido um dia. Algo a respeito de todo o processo de pesquisa parecia... frenético.

O que há de errado *com esse garoto?*, perguntou-se Whelk, e então imediatamente se sentiu estranho por ter ficado tão velho a ponto de pensar em Gansey como um garoto.

Ouviu saltos de sapato no corredor do lado de fora do banheiro. O aroma de café veio por baixo do vão da porta; Aglionby estava começando a acordar. Whelk passou para o caderno seguinte.

Aquele não era sobre a linha ley. Só trazia questões históricas sobre o rei galês Owen Glendower, e Whelk não se interessou. Ele folheou, folheou, folheou, pensando que o assunto não estava relacionado, até perceber a tese que Gansey estava defendendo para vincular os dois elementos: Glendower e a linha ley. Comparsa ou não, Gansey sabia como vender uma história.

Whelk se concentrou em uma anotação.

"Quem quer que venha a acordar Glendower receberá um favor (ilimitado?) (sobrenatural?) (algumas fontes dizem *recíproco*, o que isso quer dizer?)."

Czerny nunca havia se preocupado com o resultado final da busca da linha ley. A princípio, Whelk também não se preocupara. O apelo havia sido meramente o enigma dela. Então, uma tarde, Czerny e Whelk estavam parados no meio do que parecia ser um círculo naturalmente formado de pedras magneticamente carregadas, empurrando experimentalmente uma das pedras fora de lugar. A onda de energia resultante havia lançado os dois ao chão e criado uma tênue aparição do que parecia ser uma mulher.

A linha ley era uma energia inexplicável, incontrolável, bruta. Algo lendário.

Quem quer que viesse a controlar as linhas ley seria mais do que rico. Quem quer que viesse a controlar as linhas ley seria algo que os outros garotos de Aglionby só poderiam começar a aspirar.

Mesmo assim Czerny não havia se importado, não de verdade. Ele fora a criatura mais sem ambição e doce que Whelk já vira na vida, razão pela qual provavelmente Whelk gostasse tanto de andar com ele. Czerny não se importava em não ser melhor que os outros estudantes de Aglionby. Ele estava contente em acompanhar Whelk. Ultimamente, quando Whelk tentava se confortar, dizia para si mesmo que Czerny era um cordeirinho, mas às vezes ele se distraía e se lembrava dele como um sujeito leal.

As duas coisas não precisavam ser diferentes, não é?

— Glendower — disse Whelk em voz alta, testando a palavra, que ecoou pelas paredes do banheiro, vazia e metálica. Ele se perguntou o que Gansey, o estranho e desesperado Gansey, estava pensando em pedir como favor.

Whelk se levantou do chão do banheiro e recolheu todos os cadernos. Levaria apenas alguns minutos para copiá-los na sala dos professores, e, se alguém perguntasse, ele diria que Gansey havia pedido para ele fazê-lo.

Glendower.

Se Whelk o encontrasse, pediria o que sempre desejara: controlar as linhas ley.



Na tarde seguinte, Blue saiu descalça na frente do número 300 da Rua Fox e se sentou no meio-fio para esperar por Calla debaixo das árvores azul-esverdeadas. Durante a tarde inteira, Neeve ficara trancada em seu quarto e Maura estivera fazendo leituras de tarô dos anjos para um grupo de pessoas de fora que participava de um retiro de escritores. Então Blue havia tirado a tarde inteira para pensar no que fazer a respeito de ter encontrado Neeve no quintal. E o que fazer envolvia Calla.

Ela estava começando a ficar agitada quando a carona de Calla a deixou na calçada.

— Você está se colocando na rua com o lixo? — Calla perguntou enquanto descia do veículo, azul-esverdeado como todo o resto no dia. Ela usava um vestido estranhamente respeitável com sandálias de strass duvidosamente chiques. Com um aceno

lânguido para o motorista, ela se virou para Blue quando o carro se afastou.

— Eu preciso te fazer uma pergunta — disse Blue.

— E é uma pergunta que fica melhor ao lado de uma lata de lixo? Segure isso — disse Calla, passando com esforço uma das sacolas que tinha no braço para o de Blue. Ela cheirava a jasmim e pimentão, o que queria dizer que tivera um dia ruim no trabalho. Blue não estava inteiramente certa a respeito do que Calla fazia para ganhar a vida, mas sabia que tinha algo a ver com Aglionby, com lidar com papeladas e praguejar com estudantes, muitas vezes nos fins de semana. Qualquer que fosse sua descrição de trabalho, envolvia recompensar a si mesma com burritos em dias ruins.

Calla começou a subir a passos largos o acesso até a porta da frente.

Blue a seguiu desamparada, arrastando a sacola, que parecia conter livros ou corpos.

— A casa está cheia.

Apenas uma das sobrancelhas de Calla estava prestando atenção.

— Sempre está cheia.

Elas estavam quase na porta da frente. Dentro, todos os quartos estavam ocupados com tias, primos e

mães. O som raivoso da música de doutorado de Persephone já era audível. A única chance de ter privacidade era na rua.

Blue disse:

— Eu quero saber por que a Neeve está aqui.

Calla parou e olhou para ela por sobre o ombro.

— Ah, que graça — respondeu de maneira pouco agradável. — Eu também gostaria de saber a causa da mudança climática, mas ninguém vai me contar.

Agarrando a sacola de Calla como refém, Blue insistiu:

— Eu não tenho mais seis anos. Talvez todo mundo possa ver o que quiser em um baralho de cartas, mas estou cansada de me esconderem as coisas.

Agora ela tinha o interesse de ambas as sobrancelhas de Calla.

— Você está certa — concordou Calla. — Eu me perguntava quando você se rebelaria contra nós. Por que não pergunta isso à sua mãe?

— Porque estou brava com ela por me dizer o que fazer.

Calla trocou o peso de lado.

— Pegue outra sacola. Qual é a sua ideia?

Blue aceitou a sacola marrom-escura e com cantos. Parecia haver uma caixa dentro.

— Que você simplesmente me conte.

Com uma das mãos recém-liberadas, Calla tocou o lábio de leve com um dedo. A boca e as unhas tinham um tom profundamente índigo, a cor da tinta de um polvo, a cor das sombras mais profundas no jardim rochoso da frente.

— A única coisa é que não tenho certeza se o que nos foi dito é verdade.

Blue cambaleou um pouco. A ideia de mentir para Calla, Maura ou Persephone parecia ridícula. Mesmo se elas não soubessem a verdade, perceberiam a mentira. Mas parecia haver algo dissimulado a respeito de Neeve, sobre o fato de ela fazer uma leitura tarde da noite, onde achava provável que ninguém a veria.

Calla disse:

— Ela deveria estar aqui procurando por alguém.

— Meu pai — tentou adivinhar Blue.

Calla não disse *sim*, mas também não disse *não*. Em vez disso, respondeu: — Mas acho que a visita se tornou algo mais para ela, agora que ela está aqui em Henrietta já faz um tempo.

Elas olharam fixamente uma para outra por um momento, como se conspirassem um plano.

— Minha ideia é diferente, então — disse Blue, finalmente. Tentou arquear a sobrancelha para combinar com a de Calla, mas faltou um pouco. —

Nós procuramos nas coisas da Neeve. Você segura algum objeto e eu fico ao seu lado.

A boca de Calla ficou muito pequena. Suas meditações psicométricas eram muitas vezes vagas, mas, com Blue ao seu lado, seu dom ficava mais agudo. Certamente fora um momento dramático quando ela tocara a tatuagem de Ronan. Se ela segurasse as coisas de Neeve, elas poderiam ter algumas respostas concretas.

— Pegue esta sacola — disse Calla, passando a Blue a última delas. Era a menor de todas, feita de couro vermelho-sangue e incrivelmente pesada. Enquanto Blue dava um jeito de segurá-la com as outras, Calla cruzou os braços e tamborilou os dedos de unhas índigo um pouco abaixo dos ombros.

— Ela teria que ficar fora do quarto por pelo menos uma hora — disse. — E a Maura também teria que estar ocupada.

Calla havia observado certa vez que Maura não tinha animais de estimação porque cuidar de seus princípios já consumia tempo demais. Maura se dedicava a muitas coisas, e uma delas dizia respeito à sua privacidade.

— Mas você faria isso?

— Vou ficar sabendo de mais coisas hoje — disse Calla. — Sobre a agenda dela. O que é isso? —

perguntou, com a atenção se desviando para um carro estacionado no fim da calçada. Tanto Calla quanto Blue se viraram para ler o adesivo na porta do passageiro: FLORES DA ANDI! A motorista remexeu no banco de trás do carro por dois minutos antes de subir a calçada com o menor arranjo de flores do mundo. Sua franja fofa era maior do que as flores.

— É difícil encontrar este lugar! — exclamou a mulher.

Calla apertou os lábios. Ela nutria um ódio puro e irascível por qualquer coisa que pudesse ser classificada como conversa fiada.

— O que é tudo isso? — perguntou, fazendo a pergunta soar como se as flores fossem filhotinhos indesejados.

— Isto é para... — respondeu a mulher, atrapalhada, à procura do cartão.

— Orla? — tentou adivinhar Blue.

Orla sempre recebia flores de homens apaixonados, de Henrietta e de outros lugares. Não eram só flores que eles mandavam. Alguns mandavam pacotes de spas. Outros, cestas de frutas. Um, memoravelmente, mandou um retrato a óleo de Orla. Ele a havia pintado de perfil, de maneira que o observador só conseguia ver completamente seu pescoço longo e elegante, as maçãs do rosto clássicas,

os olhos românticos, de pálpebras pesadas, e o nariz enorme — o traço de que ela menos gostava. Orla rompera com ele imediatamente.

— Blue? — a mulher perguntou. — Blue Sargent?

Em um primeiro momento, Blue não compreendeu que ela queria dizer que as flores eram para ela. A mulher teve de empurrá-las em sua direção, e então Calla teve de pegar de volta uma das sacolas para que a garota fosse capaz de aceitá-las. Quando a mulher voltou para o carro, Blue virou o arranjo na mão. Era apenas um pequeno ramo de cravos-de-amor em torno de um cravo branco; as flores eram mais cheirosas que bonitas.

Calla comentou:

— A entrega deve ter custado mais do que as flores.

Tateando em torno dos caules rijos, Blue encontrou um pequeno cartão. Dentro, um garrancho feminino havia transcrito a mensagem: Espero que você ainda queira que eu ligue. - Adam Agora o pequeno ramo de flores fazia sentido. Elas combinavam com o blusão puído de Adam.

— E você está corando — disse Calla desaprovadoramente. Ela estendeu uma mão para as flores, a qual Blue afastou com uma palmada. Com

sarcasmo, Calla acrescentou: — Quem quer que tenha sido, ele realmente se esforçou, não é?

Blue tocou a ponta do cravo branco no queixo. Era tão leve que não parecia mesmo que ela estivesse tocando algo. Não era um retrato ou uma cesta de frutas, mas ela não conseguia imaginar Adam enviando nada mais dramático. Aquelas pequenas flores eram tranquilas e frugais, assim como ele.

— Acho que são bonitas.

Blue teve de morder o lábio para evitar um sorriso bobo. O que ela queria fazer era abraçar as flores e dançar, mas ambas as coisas pareciam insensatas.

— Quem é ele? — perguntou Calla.

— Prefiro não dizer. Tome suas sacolas — Blue estendeu um braço de maneira que a sacola marrom e a outra, de lona, escorregaram para as mãos abertas de Calla.

Esta balançou a cabeça, sem parecer incomodada. No fundo, Blue suspeitava que ela era uma romântica.

— Calla? — perguntou Blue. — Você acha que eu devia contar para os garotos onde fica o caminho dos corpos?

Ela fitou Blue por tanto tempo quanto um olhar de Neeve. Então disse: — O que faz você pensar que eu posso responder a essa pergunta?

— Porque você é adulta — respondeu Blue. — E imagino que tenha aprendido coisas até chegar à idade adulta.

— O que eu acho — disse Calla — é que você já se decidiu.

Blue baixou os olhos. Era verdade que ela ficava acordada à noite por causa do diário de Gansey e pela sugestão de algo a mais quanto ao mundo. Também era verdade que era assediada pela ideia de que talvez, apenas talvez, houvesse um rei adormecido e que ela seria capaz de colocar a mão sobre seu rosto e sentir um coração secular dentro do peito dele.

Mas, mais importante que qualquer uma dessas coisas, era o rosto dela naquela carta do pajem de copas, os ombros de um garoto salpicados pela chuva no adro da igreja e uma voz dizendo: "Gansey. É só isso".

Assim que ela vira a morte diante dele, e vira que ele era real e que ela estava destinada a ter uma parte nisso, não havia a menor possibilidade de que ficasse simplesmente parada e deixasse tudo acontecer.

— Não conte para a minha mãe — disse Blue.

Com um resmungo evasivo, Calla abriu a porta subitamente, deixando Blue com o buquê no degrau. As flores não pesavam nada, mas, para Blue, tinham a sensação de mudança.

Hoje, pensou Blue, *é o dia em que eu paro de ouvir o futuro e passo a vivê-lo.*

— Blue, se você conhecê-lo... — começou Calla, parada a meio passo da entrada. — É melhor proteger seu coração. Não esqueça que ele vai morrer.



Ao mesmo tempo em que as flores estavam sendo entregues para o número 300 na Rua Fox, Adam chegava à Indústria Monmouth com sua bicicleta de certa maneira patética. Ronan e Noah já estavam na rua no terreno coberto de vegetação, construindo rampas de madeira para algum propósito pouco recomendável.

Ele tentou duas vezes persuadir o descanso enferrujado a segurar a bicicleta de pé antes de largá-la de lado. O capim se enfiava pelos raios das rodas. Ele perguntou: — Quando você acha que o Gansey vai chegar aqui?

Ronan não respondeu imediatamente. Ele estava deitado debaixo do BMW, medindo a largura dos pneus com uma trena amarela.

— Vinte e cinco centímetros, Noah.

Parado ao lado de uma pilha de madeira compensada, Noah perguntou: — Só isso? Não parece muito.

— Eu mentiria para você? Vinte e cinco centímetros — disse Ronan, empurrando-se para sair debaixo do carro e levantando os olhos para Adam. Ele havia deixado a sombra de barba malfeita se tornar uma barba de vários dias, provavelmente para alfinetar a incapacidade de Gansey de deixar crescer pelos na cara. Agora parecia o tipo de pessoa da qual as mulheres esconderiam as bolsas e os bebês.

— Vai saber. Que horas ele disse?

— Três.

Ronan se pôs de pé e os dois se viraram para observar Noah trabalhando com os compensados para as rampas. *Trabalhando com* na verdade queria dizer *olhando para*. Noah mantinha os indicadores a vinte e cinco centímetros um do outro e, através do espaço entre eles, olhava perplexo para a madeira abaixo. Não havia ferramentas à vista.

— O que você vai fazer com essas coisas? — perguntou Adam.

Ronan abriu seu sorriso de lagarto.

— Uma rampa. BMW. A maldita lua.

Isso era tão típico de Ronan. Seu quarto dentro da Monmouth estava cheio de brinquedos caros, mas,

como uma criança mimada, ele terminava brincando na rua com galhos.

— A trajetória que você está construindo não sugere uma lua — respondeu Adam. — Sugere o fim da sua suspensão.

— Não preciso da sua opinião, cientista.

E ele provavelmente não precisava. Ronan não precisava de física. Ele podia intimidar até um pedaço de compensado a fazer o que ele queria. Agachando-se ao lado da bicicleta, Adam mexia de novo no descanso, tentando ver se ele conseguiria soltá-lo sem quebrá-lo inteiramente.

— Qual é o seu problema, mesmo? — perguntou Ronan.

— Estou tentando decidir quando eu devo ligar para Blue.

Dizer isso em voz alta era como um convite à gozação de Ronan, mas tratava-se de um daqueles fatos que precisavam ser reconhecidos.

Noah disse:

— Ele mandou flores para ela.

— Como você sabe? — demandou Adam, mais mortificado que curioso.

Noah sorriu distante e soltou com um chute uma das placas do compensado, parecendo vitorioso.

— Para a médium? Você sabe o que era aquele lugar? — perguntou Ronan.— Um palácio de castração. Se você sair com essa garota, é melhor mandar suas bolas em vez de flores.

— Você é um neandertal.

— Às vezes você parece o Gansey falando — disse Ronan.

— Às vezes você não.

Noah deu sua risada suspirada, quase sem som. Ronan cuspiu no chão ao lado do BMW.

— Eu não tinha me dado conta de que o tipo favorito de Adam Parrish eram "anãs" — disse ele.

Ele não estava falando sério, mas Adam se sentiu, de uma hora para outra, cansado de Ronan e de sua inutilidade. Desde o dia da briga no Nino's, Ronan já havia recebido diversas advertências em sua caixa de estudante em Aglionby, avisando-o sobre as coisas terríveis que aconteceriam se ele não começasse a melhorar suas notas. Se ele não começasse a tentar *tirar* notas. Em vez disso, Ronan estava ali, construindo rampas.

Algumas pessoas invejavam o dinheiro de Ronan. Adam invejava seu tempo. Ser tão rico quanto Ronan significava ser capaz de ir à escola e não fazer mais nada, ter intervalos preciosos de tempo nos quais ele podia estudar, escrever ensaios e dormir. Adam não

admitiria para ninguém, muito menos para Gansey, mas ele estava *cansado*. Cansado de ter de encontrar tempo para fazer a tarefa de casa entre seus empregos de meio período, de encontrar tempo para dormir, encontrar tempo para a caçada a Glendower. Os empregos pareciam um tamanho desperdício de tempo: em cinco anos, ninguém se importaria se ele havia trabalhado em uma fábrica de trailers. As pessoas só se importariam em saber se ele havia se formado em Aglionby com notas perfeitas, ou se havia encontrado Glendower, ou se ainda estava vivo. E Ronan não tinha de se preocupar com nada disso.

Dois anos antes, Adam havia decidido ir para Aglionby, e, na sua cabeça, Ronan tinha algo a ver com isso. Sua mãe o mandara para o supermercado com o cartão bancário dela — tudo que havia na esteira era um tubo de pasta de dentes e quatro latas de ravióli de micro-ondas —, e a caixa dissera naquele instante que não havia fundos na conta bancária para pagar a compra. Embora não fosse sua culpa, havia algo peculiarmente humilhante e íntimo a respeito do momento, curvado numa fila de supermercado, revirando os bolsos para fingir que talvez tivesse dinheiro para pagar a conta. Enquanto ele procurava, um garoto de cabelo raspado na fila da outra caixa

seguiu rapidamente, passou o cartão de crédito e ensacou suas coisas em poucos segundos.

Até a maneira como o garoto havia se deslocado, lembrou Adam, havia chamado sua atenção: confiante e despreocupado, com os ombros jogados para trás, o queixo empinado, o filho de um imperador. Enquanto a caixa passava o cartão mais uma vez, ambos fingindo que a máquina poderia ter lido errado a fita magnética, Adam observava o garoto sair para a calçada onde um carro preto brilhante o esperava. Quando ele abriu a porta, Adam viu que havia outros dois garotos usando gravatas e blusões com um corvo no peito. Pareciam desprezivelmente despreocupados enquanto dividiam as bebidas.

Ele tivera de deixar as latas e a pasta de dentes na esteira, os olhos queimando com lágrimas de vergonha que não caíam.

Desde então, ele nunca quisera tanto ser outra pessoa.

Na sua cabeça, aquele garoto era Ronan, mas, em retrospectiva, Adam pensou que aquilo seria impossível. Ele não teria idade suficiente para ter carteira de motorista. Era apenas outro estudante de Aglionby com um cartão de crédito ilimitado e um carro bacana. Aquele dia não fora a única razão pela qual ele decidira lutar para entrar na Aglionby, mas

fora um catalisador. A memória imaginada de Ronan, despreocupado e superficial, mas com o orgulho absolutamente intacto, e Adam, acovardado e humilhado, enquanto uma fila de senhoras esperava atrás dele.

Ele ainda não era aquele outro garoto na caixa registradora, mas estava mais próximo.

Adam olhou para o relógio velho e castigado, para ver o tamanho do atraso de Gansey, e disse para Ronan: — Me passe seu telefone.

Com uma sobrancelha erguida, Ronan pegou o telefone do teto do BMW.

Adam digitou o número da médium. Tocou apenas duas vezes, e então uma voz suspirada disse: — Adam?

Sobressaltado com o som do seu nome, ele respondeu: — Blue?

— Não — disse a voz. — Persephone. — Em seguida, disse para alguém ao fundo: — Dez dólares, Orla. Essa foi a aposta. Não, a identidade de quem está fazendo a chamada não está aparecendo. Está vendo? — Então, de volta para Adam: — Desculpe, viu? Eu sou terrível quando há uma disputa envolvida. Você é o garoto da camiseta da Coca-Cola, certo?

Adam levou um momento para se dar conta de que ela se referia à camiseta que ele usara no dia da

leitura.

— Ah, hum... Sou.

— Que bom. Vou chamar a Blue.

Houve um instante breve e desconfortável enquanto vozes murmuravam ao fundo. Adam se defendia dos mosquitos aos tapas; era preciso cortar a grama do estacionamento de novo. Estava difícil ver o asfalto em alguns lugares.

— Não achei que você fosse ligar — disse Blue.

Adam não devia estar esperando realmente ouvir Blue ao telefone, pois a surpresa que ele sentiu quando ouviu a voz dela fez seu estômago parecer vazio. Ronan dava risadinhas de um jeito que o fez pensar em lhe dar um soco no braço.

— Eu disse que ia ligar.

— Obrigada pelas flores. São bonitas. — Então sussurrou: — *Orla, sai daqui!*

— Parece agitado por aí.

— Está sempre agitado por aqui. Tem trezentas e quarenta e duas pessoas morando aqui, e todas elas querem estar nesse quarto. O que você vai fazer hoje? — Blue perguntou muito naturalmente, como se fosse a coisa mais lógica no mundo para eles terem uma conversa ao telefone, como se já fossem amigos.

Ficou mais fácil para Adam dizer:

— Explorar. Quer vir junto?

Ronan arregalou os olhos. Não importava o que ela dissesse agora, o telefonema havia valido a pena pela expressão de choque genuína no rosto de Ronan.

— Que tipo de exploração?

Protegendo os olhos, Adam ergueu a cabeça para o céu. Ele achou que estava ouvindo Gansey chegar.

— Montanhas. Qual a sua opinião a respeito de helicópteros?

Houve uma longa pausa.

— O que você quer dizer? Eticamente falando?

— Como um meio de transporte.

— Mais rápidos que camelos, mas menos sustentáveis. Tem um helicóptero no seu futuro hoje?

— Tem. O Gansey quer procurar a linha ley, e normalmente elas são mais fáceis de ser vistas do ar.

— E, é claro, ele simplesmente... arrumou um helicóptero.

— Ele é o Gansey.

Houve outra longa pausa. Uma pausa para refletir, pensou Adam, de maneira que não a interrompeu. Por fim, Blue disse: — Ok, eu vou junto. Isso é um... O que é isso?

Adam respondeu com sinceridade:

— Não faço ideia.



Era extraordinariamente fácil desobedecer a Maura.

Maura Sargent tinha muito pouca experiência em disciplinar filhos, e Blue tinha muito pouca experiência em ser disciplinada, de maneira que não havia nada que a impedisse de ir com Adam quando ele a encontrou na frente da casa. Ela nem sentiu culpa, já que nem nisso tinha experiência ainda. Realmente, a coisa mais extraordinária sobre toda a situação era como ela se sentia *esperançosa*, apesar de todas as probabilidades. Ela estava indo contra a vontade de sua mãe, saindo com um garoto, saindo com um garoto *corvo*. Ela deveria temer a situação.

Mas era muito difícil imaginar Adam como um garoto corvo quando ele a cumprimentou, com as mãos elegantemente nos bolsos, fragrante com o odor empoeirado de grama cortada. O machucado que ele

tinha estava antigo e por isso mesmo mais desagradável de olhar.

— Você está ótima — disse ele, caminhando com ela pela calçada.

Ela não tinha certeza se ele estava falando sério. Blue usava botas pesadas que encontrara em uma loja de artigos de segunda mão (ela as atacara com linha de bordado e uma agulha robusta) e um vestido que fizera alguns meses antes, com vários pedaços diferentes de tecidos verdes. Alguns deles listrados, outros de crochê e outros transparentes. O vestido fazia Adam parecer bastante conservador, como se ela o estivesse raptando. Eles não pareciam nem um pouco um casal, refletiu Blue um pouco inquieta.

— Obrigada — ela respondeu. E então, antes que perdesse a coragem, perguntou: — Por que você queria o meu telefone?

Adam seguiu caminhando, mas não desviou o olhar. Ele parecia tímido até não parecer mais.

— Por que eu não iria querer?

— Não me entenda errado — respondeu Blue, sentindo as bochechas um pouco quentes, mas, como a conversa seguia bem avançada, não houve como voltar atrás. — Porque eu sei que você vai achar que eu me sinto mal quanto a isso, e não é verdade.

— Tudo bem.

— Porque eu não sou bonita. Não da maneira que os garotos da Aglionby parecem gostar.

— Eu estudo na Aglionby — disse Adam.

Ele não parecia estudar na Aglionby como os outros garotos estudavam lá.

— Eu acho você bonita — disse ele.

Quando Adam disse isso, ela ouviu seu sotaque de Henrietta pela primeira vez naquele dia. Em uma árvore próxima, um cardeal chamou: *uik, uik, uik*. Os tênis de Adam se arrastavam na calçada. Blue considerou o que ele havia dito, e então um pouco mais.

— *Blé* — exclamou por fim. Blue se sentia como quando lera pela primeira vez o cartão com as flores. Estranhamente desconcertada. Era como se as palavras dele tivessem fiado uma espécie de linha entre eles, e ela sentia que devia aliviar a tensão de algum modo. — Mas obrigada. Eu também acho você bonito.

Ele deu sua risada surpresa.

— Eu tenho outra pergunta — disse Blue. — Lembra da última coisa que minha mãe disse para o Gansey?

A expressão pesarosa do rosto deixou claro que ele se lembrava.

— Então — disse Blue, respirando fundo. — Ela disse que não ia ajudar. Mas eu não.

Após Adam ter ligado, Blue havia rabiscado apressadamente um mapa impreciso para a igreja sem nome onde ela havia se sentado com Neeve na véspera do Dia de São Marcos. Eram apenas umas poucas linhas paralelas para indicar o caminho principal, algumas ruas laterais de nomes complicados e, por fim, um quadrado rotulado apenas de IGREJA.

Ela passou para Adam o mapa, pouco chamativo em um pedaço de papel amassado de caderno. Então, tirou o diário de Gansey da sacola e o entregou para o garoto.

Adam parou de caminhar. Blue, alguns metros à frente, esperou enquanto ele franzia o cenho diante das coisas em suas mãos. Ele segurava o diário com muito cuidado, como se fosse importante para ele, ou talvez para alguém que era importante para ele. Blue queria desesperadamente que Adam confiasse nela e a respeitasse, e ela podia dizer, pela expressão no rosto dele, que não tinha muito tempo para conseguir isso também.

— O Gansey deixou isso no Nino's — ela disse rapidamente. — O diário. Eu sei que eu devia ter devolvido no dia da leitura, mas minha mãe... bem, você a viu. Normalmente ela não faz... ela não é normalmente daquele jeito. Eu não sabia o que pensar. A questão é a seguinte: eu quero estar nessa busca que

vocês estão fazendo. Tipo, se tem realmente algo sobrenatural acontecendo, eu quero ver. Só isso.

Adam perguntou:

— Por quê?

Com ele não havia opção a não ser a verdade, dita da maneira mais simples possível. Blue não acreditava que Adam aceitaria qualquer outra coisa.

— Eu sou a única pessoa na minha família que não é médium. Você ouviu minha mãe; eu apenas torno as coisas mais fáceis para as pessoas que *são*. Se a mágica existe, eu quero ver. Só uma vez.

— Você é um caso tão sério quanto Gansey — disse Adam, mas sem dar a impressão de que achava aquilo tão mau assim. — Ele não precisa de nada, a não ser saber que a história é real — completou, virando a folha de papel para lá e para cá.

Blue se sentiu instantaneamente aliviada; ela não havia se dado conta de como Adam estivera imóvel até ele começar a se mover novamente, e agora era como se a tensão tivesse sido retirada do ar.

— É assim que se chega ao caminho dos cor... à linha ley — ela explicou, apontando para o mapa rabiscado. — A igreja está sobre a linha ley.

— Tem certeza?

Blue lhe lançou um olhar absolutamente fulminante.

— Olha, ou você acredita em mim, ou não. Foi *você* quem me convidou para vir junto. "Explorar!"

O rosto de Adam se fundiu em um largo sorriso, uma expressão tão diferente do usual que seus traços precisaram mudar completamente para acomodá-la.

— Então você não faz nada sem estardalhaço, não é?

Do jeito que Adam disse isso, ela podia dizer que ele estava impressionado com ela da maneira que os homens normalmente ficavam impressionados com Orla. Blue gostou bastante disso, especialmente tendo em vista que ela não tivera de fazer nada além de ser ela mesma para conquistá-lo.

— Nada que valha a pena.

— Bom — ele disse —, acho que você vai descobrir que eu faço quase tudo sem chamar atenção. Se você não se importar com isso, acho que vamos nos dar bem.

No fim das contas, Blue percebeu que tinha passado a pé ou de bicicleta pelo apartamento de Gansey todos os dias do ano, a caminho da escola e do Nino's. À medida que eles caminhavam na direção do armazém enorme, ela percebeu o brilho diabolicamente laranja do Camaro no estacionamento

tomado pela vegetação e, a apenas cem metros de distância, um helicóptero azul-marinho cintilante.

Blue não tinha acreditado realmente na parte do helicóptero. Não de uma maneira que a preparasse para ver um helicóptero de verdade, em tamanho real, parado ali no estacionamento, parecendo algo normal, como alguém estacionava uma camionete.

Blue parou no acesso e suspirou:

— Uau.

— Eu sei — disse Adam.

E ali, mais uma vez, estava Gansey, e mais uma vez Blue sentiu um choque estranho ao reconciliar a imagem dele como o espírito e a realidade dele ao lado de um helicóptero.

— *Finalmente!* — ele gritou, trotando na direção deles. Gansey ainda estava usando os mocassins ridículos que ela observara na leitura, dessa vez com uma bermuda cargo e uma camisa polo amarela que o fazia parecer preparado para qualquer tipo de emergência, desde que a emergência envolvesse um iate. Na mão, ele segurava uma garrafa de suco de maçã orgânico.

Ele apontou seu suco sem pesticidas para Blue:

— Você vem com a gente?

Assim como na leitura, Blue se sentiu barata, pequena e estúpida apenas por estar na presença dele.

Podando suas vogais de Henrietta da melhor forma que pôde, ela respondeu:

— No helicóptero que está aí à sua disposição, é isso?

Gansey jogou uma mochila de couro polido sobre os ombros de algodão polido. Seu sorriso era cortês e generoso, como se a mãe de Blue não tivesse recentemente se recusado a ajudá-lo, como se ela não tivesse sido praticamente rude.

— Você fala como se fosse algo ruim.

Atrás dele, o helicóptero começou a troar. Adam estendeu o diário para Gansey, que pareceu surpreso. Apenas um pouquinho de sua compostura cedeu, o suficiente para Blue ver uma vez mais que aquilo era parte de sua máscara de Presidente Celular.

— Onde ele estava? — berrou Gansey.

Ele tinha de gritar. Agora que estavam girando, as hélices do helicóptero praticamente vociferavam. O ar batia contra os ouvidos de Blue, mais como um sentimento do que como um som.

Adam apontou para Blue.

— Obrigado — Gansey gritou de volta. Foi uma resposta vazia, ela percebeu; ele retomava sua formalidade poderosa quando era tomado de surpresa. Ele ainda estava observando Adam também, seguindo suas deixas de como deveria reagir a ela. Adam anuiu

uma vez, brevemente, e a máscara escorregou um pouco mais. Blue se perguntou se a conduta de Presidente Celular chegava a sumir completamente quando ele estava com os amigos. Talvez o Gansey que ela vira no adro da igreja era o que se encontrava em seu íntimo.

Era um pensamento desalentador.

O ar rugia à volta deles. Blue achou que o vestido dela voaria longe. Então perguntou:

— Essa coisa é segura?

— Segura como a vida — respondeu Gansey. — Adam, estamos atrasados! Blue, se você vem com a gente, prepare-se e vamos nessa.

Enquanto ele se abaixava para se aproximar do helicóptero, sua camisa tremulou.

Subitamente, Blue se sentiu um pouco nervosa. Não era que ela estivesse assustada, exatamente. Era só que não havia se preparado psicologicamente para deixar o chão com um monte de garotos corvos quando acordara de manhã. O helicóptero, apesar de todo seu tamanho e ruído, parecia algo bastante frágil para confiar sua vida, e os garotos pareciam estranhos. Agora, parecia que ela estava verdadeiramente desobedecendo a Maura.

— Eu nunca voei antes — ela confessou para Adam, um grito alto o suficiente para sobrepujar o

lamento do helicóptero.

— Nunca? — ele gritou de volta.

Ela balançou a cabeça, e ele colocou a boca contra o ouvido dela, de maneira que ela pudesse ouvi-lo. Adam cheirava a verão e xampu barato. Ela sentiu cócegas do umbigo aos pés.

— Eu voei uma vez — ele respondeu. Sua respiração era quente na pele dela. Blue estava paralisada; tudo que podia pensar era: *Isso é tão próximo quanto um beijo deve ser.* Parecia tão perigoso quanto ela imaginara. Ele acrescentou: — E odiei.

Um momento se passou com ambos imóveis. Ela precisava lhe dizer que ele não podia beijá-la — para o caso de ser seu verdadeiro amor. Mas como ela poderia? Como ela poderia dizer isso para um garoto sem nem saber se ele queria realmente beijá-la?

Blue o sentiu pegar sua mão. A palma dele estava suada. Ele realmente odiava voar.

Na porta do helicóptero, Gansey olhou sobre o ombro para eles, com um sorriso confuso quando os viu de mãos dadas.

— Eu odeio isso — Adam gritou para ele, com as bochechas vermelhas.

— Eu sei — Gansey berrou de volta.

Dentro do helicóptero, havia espaço para três passageiros em um banco nos fundos, e um assento utilitário ao lado do piloto. O interior teria lembrado o banco de trás de um carro enorme se os cintos de segurança não tivessem fechos de cinco pontos que pareciam pertencer a um caça de *Guerra nas estrelas*. Blue não gostava de pensar por que os passageiros tinham de ser amarrados de maneira tão segura; possivelmente estavam esperando que as pessoas fossem jogadas contra as paredes.

Ronan, o garoto corvo mais corvo que os outros, já estava instalado em um assento de janela. Ele não sorriu quando olhou para ela. Adam, dando um soco no braço de Ronan, assumiu o assento do meio, enquanto Blue pegou o da janela restante. Enquanto ela brincava com as faixas do cinto de segurança, Gansey se inclinou para dentro da cabine para cumprimentar Adam com um toque de mãos.

Alguns minutos mais tarde, quando Gansey subiu no assento da frente ao lado do piloto, ela viu que ele sorria largamente, efusivo e sincero, incrivelmente animado de estar indo para onde quer que eles estivessem indo. Não era nada como sua compostura refinada de momentos atrás. Era uma alegria íntima que ela conseguia sentir em virtude de estar no

helicóptero e, de uma hora para outra, ela se sentiu animada também.

Adam se inclinou para ela como se estivesse prestes a dizer algo, mas, no fim, apenas balançou a cabeça, sorrindo, como se Gansey fosse uma piada complicada demais para explicar.

Na frente, Gansey se virou para o piloto, que surpreendeu um pouco Blue — uma jovem com o nariz incrivelmente reto, o cabelo castanho preso em um belo coque, fones de ouvido segurando alguns fios soltos. Ela parecia achar a proximidade de Blue e Adam bem mais interessante que Gansey.

A piloto gritou para Gansey:

— Não vai nos apresentar, Dick?

Ele fez uma careta.

— Blue — disse —, gostaria de lhe apresentar minha irmã, Helen.



Não havia muito que Gansey não gostasse a respeito de voar. Ele gostava de aeroportos, com suas massas de pessoas todas *fazendo* coisas, e gostava de aviões, com suas janelas de vidro grosso e suas bandejas dobráveis. A maneira como um jato acelerava na pista de decolagem o fazia lembrar de como o Camaro o pressionava contra o banco do motorista quando ele pisava fundo. O lamento de um helicóptero soava como produtividade. Ele gostava dos pequenos botões, das alavancas e dos indicadores dos *cockpits*. Gostava do atraso tecnológico dos cintos de segurança de trancas simples. Grande parte do prazer de Gansey vinha de alcançar metas, mais especificamente de alcançar metas de maneira eficiente. Não havia nada mais eficiente do que visar ao destino de chegada, como faziam os corvos ao voar.

E, é claro, de mil pés de altura, Henrietta deixou Gansey sem ar.

Abaixo deles, a superfície do mundo era profundamente verde, cortada por um rio estreito, brilhante, um espelho para o céu. Ele poderia seguir com os olhos todo o seu curso até as montanhas.

Agora que estavam no ar, Gansey se sentia um pouco ansioso. Com Blue ali, ele estava começando a achar que talvez tivesse exagerado com o helicóptero. Ele se perguntou se Blue se sentiria melhor ou pior ao saber que o helicóptero era de Helen, que ele não havia pagado para usá-lo. Provavelmente pior. Lembrando-se da promessa de pelo menos não machucar com suas palavras, ele manteve a boca fechada.

— Lá está ela — disse Helen, dirigindo-se diretamente a Gansey; no helicóptero, todos usavam fones de ouvido para permitir que conversassem mediante o ruído incessante das hélices e do motor. — A namorada de Gansey.

O riso desdenhoso de Ronan mal se fez notar pelo fone de ouvido, mas Gansey o ouvira bem o bastante para saber que ele estava ali.

Blue disse:

— Ela deve ser bem grande para ser vista daqui de cima.

— Henrietta — respondeu Helen, e espiou para a esquerda do helicóptero enquanto inclinava lateralmente o aparelho, fazendo uma curva. — Eles vão se casar. Só falta marcar a data.

— Se você vai me fazer passar vergonha, vou te jogar para fora e voar eu mesmo — disse Gansey no assento ao lado. Aquela não era uma ameaça de verdade. Ele não só não empurraria Helen daquela altura como não tinha permissão legal para voar sem ela. Também, verdade seja dita, ele não era muito bom em pilotar helicópteros, mesmo tendo feito várias aulas. Gansey parecia não ter a importante capacidade de se orientar verticalmente nem horizontalmente, o que levava a discussões envolvendo árvores. Ele se contentava em pelo menos saber pousar em paralelo muito bem.

— Você vai dar um presente de aniversário para a mamãe? — perguntou Helen.

— Sim — respondeu Gansey. — Eu mesmo.

— O presente de sempre.

— Não acho que menores de idade sejam obrigados a dar presentes para os pais. Eu sou dependente. Essa é a definição de dependente, não é?

— Você, dependente! — a irmã disse e riu. Helen tinha uma risada como a de um personagem de quadrinhos: *Ha ha ha ha!* Era uma risada

intimidadora, que fazia os homens suspeitarem que talvez fossem o motivo dela. — Você não é dependente desde os quatro anos. De uma criança no jardim de infância, você se transformou direto em um velho com uma quitinete.

Gansey fez um gesto com a mão dispensando o comentário. Sua irmã era conhecida por exagerar as coisas.

— O que *você* comprou para ela?

— É surpresa — respondeu Helen arrogantemente, tocando de leve uma espécie de interruptor com um dedo de unha rosa. O tom rosa era a única coisa fantasiosa nela. Helen era bela como um supercomputador: com um estilo elegante, mas utilitário, cheio de *know-how* de ponta, caro demais para a maioria das pessoas possuírem.

— Isso quer dizer vidrarias.

A mãe de Gansey colecionava pratos decorativos raros com o mesmo fervor obsessivo que Gansey colecionava fatos a respeito de Glendower. Ele tinha dificuldade em ver a atração de um prato roubado de sua finalidade original, mas a coleção de sua mãe havia aparecido em revistas e tinha um seguro maior que o de seu pai, então claramente ela não estava sozinha em sua paixão.

Helen estava séria.

— Não quero ouvir. Você nem comprou um presente.

— Eu não disse nada!

— Você chamou de vidrarias.

Ele perguntou:

— O que eu devia ter dito?

— Nem todos são de vidro. Esse que eu comprei não é de vidro.

— Então ela não vai gostar.

O rosto de Helen passou de duro a muito duro. Ela olhou carrancuda para o GPS. Gansey não queria pensar quanto tempo ela havia investido no prato que não era de vidro. Ele não gostaria de ver nenhuma das duas mulheres da família desapontadas; isso arruinava refeições perfeitamente saborosas.

Helen ainda estava em silêncio, então Gansey começou a pensar sobre Blue. Algo a respeito dela o desconcertava, embora ele não pudesse dizer o quê. Tirou uma folha de hortelã do bolso, colocou-a na boca e observou as estradas familiares de Henrietta serpentearem abaixo deles. Do ar, as curvas pareciam menos perigosas do que eles as sentiam no Camaro. Qual *era* o problema com Blue? Adam não suspeitava dela, e ele suspeitava de todos. Mas ele estava claramente apaixonado. Isso também era um terreno estranho para Gansey.

— Adam — disse ele. Não houve resposta, e Gansey olhou para trás. Os fones de ouvido de Adam estavam soltos em torno do pescoço, e ele estava inclinado na direção de Blue, apontando para algo no chão. Como ela tinha se movimentado, seu vestido havia subido e Gansey pôde ver o longo e delgado triângulo de sua coxa. A mão de Adam estava retesada sobre o assento a alguns centímetros, os nós dos dedos pálidos com seu pavor de voar. Não havia nada particularmente íntimo a respeito da maneira como eles estavam sentados, mas algo na cena fez Gansey se sentir estranho, como se ele tivesse ouvido uma declaração desagradável e depois esquecido tudo sobre as palavras, exceto o modo como elas o haviam feito se sentir.

— Adam! — gritou Gansey.

A cabeça do amigo se virou de súbito, o rosto sobressaltado. Ele se apressou para colocar os fones de ouvido de volta. Sua voz seguiu pelo aparelho: — Vocês já encerraram a conversa sobre os pratos da sua mãe?

— Totalmente. Aonde vamos dessa vez? Eu estava pensando em talvez voltar à igreja onde gravei a voz.

Adam passou a Gansey uma folha de papel amassado.

Gansey alisou o papel e encontrou um mapa tosco.

— O que é isso?

— Blue.

Gansey olhou para ela atentamente, tentando decidir se Blue tinha algo a ganhar ao desorientá-los. Ela não se esquivou do olhar. Voltando à posição original, ele estendeu o papel liso sobre os controles à sua frente.

— Para lá, Helen.

Helen inclinou o aparelho para seguir na nova direção. A igreja a que Blue os havia direcionado estava provavelmente a quarenta minutos de carro de Henrietta, mas, de helicóptero, eram apenas quinze minutos. Sem uma discreta intervenção de Blue, Gansey não a teria visto. Era uma ruína, vazia e tomada pela vegetação. A linha estreita de um muro de pedra muito antigo era visível em torno dela, assim como uma impressão no chão onde um muro adicional devia estar originalmente.

— É isso?

— É só isso que sobrou.

Algo dentro de Gansey ficou imóvel e muito quieto.

Ele perguntou:

— O que você disse?

— É uma ruína, mas...

— Não — disse ele. — Repita exatamente o que você disse. Por favor.

Blue lançou um olhar na direção de Adam, que deu de ombros.

— Eu não *lembro* o que eu disse. Será... É só isso?

Isso é tudo.

Tudo?

Era isso que o vinha incomodando esse tempo todo. Ele *sabia* que havia reconhecido a voz dela. Ele conhecia aquele sotaque de Henrietta, aquela cadência.

Era a voz de Blue no gravador.

Gansey.

Isso é tudo?

É só isso.

— Eu não sou feita de combustível — disparou Helen, como se já não tivesse dito isso antes e Gansey não tivesse prestado atenção. Talvez ele tivesse. — Me diga para onde ir agora.

O que isso quer dizer? Mais uma vez, ele começou a sentir a pressão da responsabilidade, da veneração, algo maior que ele. Gansey se sentia ao mesmo tempo temeroso e esperançoso.

— Qual é a orientação da linha, Blue? — perguntou Adam.

Blue, que tinha o polegar e o dedo indicador pressionados contra o vidro como se estivesse mensurando algo, respondeu: — Ali. Na direção das montanhas. Está vendo aqueles dois carvalhos? A igreja é um ponto, e outro ponto é bem entre eles. Se traçarmos uma linha reta entre esses dois pontos, esse é o caminho.

Se era com Blue que ele estivera conversando na véspera do Dia de São Marcos, o que isso *queria dizer*?

— Tem certeza? — perguntou Helen, na sua voz enérgica de supercomputador. — Eu só tenho uma hora e meia de combustível.

Blue parecia um pouco indignada.

— Eu não teria *dito* isso se não tivesse certeza.

Helen sorriu ligeiramente e levou o helicóptero na direção que Blue havia indicado.

— Blue.

Era a voz de Ronan, pela primeira vez, e todos, até Helen, se viraram para ele. Sua cabeça estava aprumada de um jeito que Gansey reconhecia como perigosa. Algo em seus olhos estava afiado quando ele encarou Blue. Então perguntou: — Você já conhecia o Gansey?

Gansey se lembrou de Ronan encostado contra o Pig, rodando várias vezes a gravação.

Blue pareceu defensiva diante do olhar dos outros e disse relutantemente: — Só o nome dele.

Com os dedos entrelaçados frouxamente e os cotovelos sobre os joelhos, Ronan se inclinou, intrometendo-se na frente de Adam para ficar mais próximo de Blue. Ele podia ser incrivelmente ameaçador.

— E como foi que você ficou sabendo do nome dele? — perguntou.

Para seu crédito, Blue não recuou. Suas orelhas estavam rosadas, mas ela disse: — Em primeiro lugar, saia de perto de mim.

— E se eu não sair?

— Ronan — disse Gansey.

Ronan se recostou.

— Mas eu gostaria de saber — disse Gansey, com o coração parecendo não pesar nada.

Blue olhou para baixo e segurou algumas camadas do vestido nas mãos. Por fim, disse: — Acho que é justo. — Ela apontou para Ronan. Parecia brava. — Mas *essa* não é a maneira de fazer com que eu responda nada. Da próxima vez que ele falar comigo desse jeito, vou deixar que você encontre essa coisa sozinho. Eu vou... Olha. Eu conto como eu sabia o seu nome se você me explicar o que é aquele desenho que tem no seu diário.

— Por que estamos negociando com terroristas? — perguntou Ronan.

— Desde quando eu sou uma terrorista? — demandou Blue. — Me parece que eu dei algo que vocês queriam e vocês estão sendo uns idiotas.

— Nem todos nós — disse Adam.

— Eu não estou sendo um idiota — disse Gansey, sentindo-se desconfortável com a ideia de que ela talvez não gostasse dele. — Agora, de que desenho você quer saber?

Blue estendeu a mão.

— Espere, vou te mostrar qual é.

Gansey deixou que ela tomasse o diário de novo. Folheando as páginas, ela o virou para ele de maneira que pudesse ver o desenho em questão. A página detalhava um artefato que ele havia achado na Pensilvânia. Ele também havia feito outros rabiscos em vários lugares da folha.

— Acho que isso é um homem correndo atrás de um carro — disse Gansey.

— Não esse. Este aqui — e apontou para um dos outros rabiscos:



— São linhas ley — ele respondeu, estendendo a mão para o diário. Por um momento estranho, hiperconsciente, Gansey percebeu quão atentamente ela o observava enquanto ele pegava o diário. Ele não achou que passara despercebido a Blue como sua mão esquerda se curvava familiarmente em torno da encadernação de couro, como o polegar e o dedo da mão direita sabiam exatamente quanta pressão aplicar para induzir as páginas a se abrirem onde ele queria. O diário e Gansey claramente se conheciam há muito tempo, e ele queria que ela soubesse disso.

Este sou eu. Quem sou de verdade.

Gansey não queria analisar a fundo a fonte daquele impulso. Em vez disso, ele se concentrou em folhear o diário e encontrou rapidamente a página desejada — um mapa dos Estados Unidos, marcado por toda parte com linhas curvas.

Gansey passou o dedo sobre uma linha que se estendia da cidade de Nova York até Washington, D.C. Outra se estendia de Boston a St. Louis. Uma terceira cortava horizontalmente as duas primeiras, estendendo-se da Virgínia até o Kentucky e seguindo para oeste. Havia, como sempre, algo satisfatório em rastrear as linhas, algo que fazia lembrar as brincadeiras de caça ao tesouro e os desenhos infantis.

— Estas são as três principais linhas — disse Gansey. — As que parecem importar.

— Importar como?

— Quanto você leu do diário?

— Humm... um pouco. Um monte. Quase tudo.

Ele continuou:

— As que parecem importar quanto a achar Glendower. Aquela linha que passa pela Virgínia é a que nos conecta com a Grã-Bretanha. Com o Reino Unido.

Ela revirou os olhos de maneira tão dramática que ele captou o gesto sem virar a cabeça.

— Eu sei o que é Grã-Bretanha, obrigada. O sistema de ensino público não é tão ruim assim.

Ele havia conseguido ofendê-la de novo, sem esforço algum. E concordou: — Certamente não. Aquelas duas outras linhas têm um monte de relatos de visões extraordinárias nas proximidades delas. De... coisas paranormais. Poltergeists, homens-mariposa e cães negros.

Mas sua hesitação foi desnecessária; Blue não zombou dele.

— Minha mãe traçou esse desenho — ela disse. — As linhas ley. E também a Nee... uma das outras mulheres. Elas não sabiam o que era, mas sabiam que era importante. É por isso que eu queria saber.

— Agora você — disse Ronan para Blue.

— Eu... vi o espírito do Gansey — disse ela. — Eu nunca tinha visto um antes. Eu não vejo coisas assim, mas dessa vez vi. Eu perguntei o seu nome, e você me disse: "Gansey. É só isso". Honestamente, isso é parte da razão por que eu quis vir com vocês hoje.

Essa resposta satisfez Gansey relativamente bem — afinal de contas, Blue era filha de uma médium, e a história casava com o relato de seu gravador —, embora lhe soasse como uma resposta parcial. Ronan demandou: — Viu onde?

— Enquanto eu estava sentada ao ar livre com uma das minhas meias-tias.

Isso pareceu satisfazer Ronan também, pois ele perguntou:

— Qual a outra metade dela?

— Meu Deus, Ronan — disse Adam. — Chega.

Houve um momento de silêncio tenso, ocupado apenas pelo lamento contínuo e monótono do helicóptero. Gansey sabia que eles estavam esperando pelo seu veredicto. Ele acreditava na resposta dela? Achava que eles deviam seguir as orientações dela? Ele confiava nela?

A voz de Blue estava no gravador, e Gansey se sentiu sem escolha. O que ele estava pensando, mas

não queria dizer com Helen ouvindo, era: *Você está certo, Ronan, está começando, algo está começando*. E também pensava: *Me diga o que você acha dela, Adam. Me diga por que você confia nela. Pelo menos uma vez, não me obrigue a decidir. Não sei se estou certo.* Mas o que ele disse foi: — De agora em diante, preciso que todo mundo seja sincero. Acabaram os joguinhos. Isso não vale só para a Blue; vale para todos nós.

— Eu sempre sou sincero — disse Ronan.

— Ah, cara, essa é a maior mentira que você já contou — respondeu Adam.

— Ok — disse Blue.

Gansey suspeitou que nenhum deles estava sendo completamente honesto em suas respostas, mas pelo menos ele lhes havia dito o que queria. Às vezes, tudo que ele podia esperar era apenas deixar registradas suas palavras.

Os fones de ouvido ficaram em silêncio à medida que Adam, Blue e Gansey olhavam atentamente pela janela. Abaixo deles havia uma imensidão verde, tudo parecendo de brinquedo e gracioso daquela altura, um set de campos de veludo e árvores de brócolis.

— O que estamos procurando? — perguntou Helen.

— O de sempre — disse Gansey.

— O que é "o de sempre"? — perguntou Blue.

O de sempre frequentemente eram hectares de nada, mas Gansey disse: — Às vezes, as linhas ley são marcadas de forma visível. Por exemplo, no Reino Unido algumas das linhas são marcadas com cavalos entalhados em encostas.

Ele estivera em um avião pequeno com Malory da primeira vez que vira o Cavalo de Uffington, um cavalo de cem metros escavado na encosta de uma colina de calcário na Inglaterra. Como tudo associado às linhas ley, o cavalo não era muito... comum. Era estendido e estilizado, uma silhueta misteriosa e elegante, mais parecida com a sugestão de um cavalo real.

— Conte a ela sobre Nazca — murmurou Adam.

— Ah, certo — disse Gansey. Apesar de Blue ter lido grande parte do diário, havia muita coisa que não estava nele, e, diferentemente de Ronan, Adam e Noah, ela não vivera naquele universo durante o último ano. Era difícil que ele não ficasse animado com a ideia de explicar tudo a ela. A história sempre soava mais plausível quando ele colocava todos os fatos de uma vez só.

Gansey continuou:

— No Peru, existem centenas de linhas entalhadas no chão, no formato de coisas como pássaros,

macacos, homens e criaturas imaginárias. Elas foram feitas há milhares de anos, mas só fazem sentido do ar. De um avião. São grandes demais para serem vistas do chão. Quando você está parado ao lado delas, parecem apenas caminhos escavados.

— Você viu tudo isso pessoalmente — disse Blue.

Quando Gansey vira as linhas Nazca em primeira mão, enormes, estranhas e simétricas, percebera que não seria capaz de desistir até encontrar Glendower. A escala das linhas fora o que havia lhe chamado atenção primeiro — centenas e centenas de metros de desenhos curiosos no meio do deserto. Ele ficara abismado com a precisão. Os desenhos eram matemáticos em sua perfeição, sem falhas em sua simetria. E a última coisa que o atingira em cheio fora o impacto emocional, uma dor bruta e misteriosa que não o deixava. Gansey sentiu como se não pudesse sobreviver sem saber se as linhas *significavam* algo.

Essa era a única parte de sua caçada por Glendower que ele nunca parecia conseguir explicar para as pessoas.

— Gansey — disse Adam —, o que é aquilo ali?

O helicóptero diminuiu a velocidade enquanto os quatro passageiros esticavam o pescoço. Àquela altura, eles estavam bem no meio das montanhas, e o chão se aproximava em sua direção. Ao redor deles,

havia encostas de florestas verdes e misteriosas, um mar negro e ondulante lá de cima. Entre os declives e valas, entretanto, via-se um campo inclinado, como um carpete verde, marcado por linhas pálidas e fraturadas.

— Forma um desenho? — ele perguntou. — Helen, *pare*. Pare!

— Você acha que isto aqui é uma bicicleta? — perguntou Helen, sobrevoando o local.

— Olhe — disse Adam. — Tem uma asa ali. E ali um bico. É um pássaro?

— Não — disse Ronan, com a voz fria e neutra. — Não é apenas um pássaro. É um corvo.

Lentamente, a forma se tornou clara para Gansey, emergindo da relva crescida: um pássaro, sim, com o pescoço voltado para trás e as asas achatadas, como se estivessem entre as páginas de um livro. A cauda estava aberta em leque, e as garras esboçadas.

Ronan estava certo. Mesmo estilizado, o domo da cabeça, a curva generosa do bico e o eriçamento de penas no pescoço faziam do pássaro, sem dúvida alguma, um corvo.

Ele sentiu a pele arrepiar.

— Pouse o helicóptero — disse Gansey imediatamente.

— Não posso pousar em uma propriedade particular — respondeu Helen.

Ele lançou um olhar suplicante para a irmã. Gansey precisava anotar as coordenadas do GPS, precisava tirar uma foto para os seus registros, precisava fazer um esboço da forma em seu diário. Acima de tudo, precisava tocar as linhas do pássaro e torná-lo real em sua cabeça.

— Helen, dois segundos.

Ela respondeu com um olhar de entendimento; era o tipo de olhar condescendente que poderia ter causado discussões quando ele era mais jovem e se irritava com mais facilidade.

— Se o proprietário me descobrir aqui e decidir me denunciar, eu posso perder minha licença.

— Dois segundos. Você viu. Não tem ninguém em um raio de vários quilômetros. Não tem casas.

O olhar de Helen era equilibrado.

— Preciso estar na casa da mamãe em duas horas.

— Dois segundos.

Por fim, ela revirou os olhos e se recostou no assento. Balançou a cabeça e se voltou para os controles.

— Obrigado, Helen — disse Adam.

— Dois segundos — ela repetiu, séria. — Se você não aparecer, vou decolar sem você.

O helicóptero pousou a cinco metros do coração do estranho corvo.



Tão logo o helicóptero pousou, Gansey saltou da cabine e saiu caminhando a passos largos na relva à altura dos joelhos, como se fosse o proprietário do lugar, com Ronan ao lado. Pela porta aberta do helicóptero, Blue o ouviu dizer o nome de Noah no telefone antes de repetir as coordenadas do GPS. Ele estava energizado e poderoso, um rei em seu castelo.

No entanto, Blue se sentia um pouco mais lenta. Por uma série de razões, suas pernas estavam um pouco moles após o voo. Ela não tinha certeza se não contar para Gansey toda a verdade sobre a véspera do Dia de São Marcos era a decisão certa, e estava preocupada se Ronan tentaria falar com ela novamente.

O cheiro do campo era maravilhoso — tudo relva e árvores e, em algum lugar, água, muita água. Blue pensou que poderia viver bem feliz ali. Ao seu lado,

Adam protegia os olhos. Ele parecia em casa, os cabelos combinando com o marrom desbotado da relva seca. Parecia mais bonito do que Blue se lembrava. Ela pensou em como Adam havia tomado sua mão antes, e concluiu que gostaria que ele fizesse aquilo de novo.

Com alguma surpresa, Adam disse:

— Aquelas linhas são bem difíceis de ver daqui.

Ele estava certo, é claro. Apesar de Blue ter visto o corvo bem pouco tempo atrás, enquanto eles pousavam ao seu lado, qualquer traço geográfico que dera sua forma estava agora completamente escondido.

— Eu ainda odeio voar. Desculpe pelo Ronan.

— A parte do voo não foi ruim — disse Blue. Na realidade, tirando Ronan, ela havia gostado de certa forma, a sensação de estar flutuando em uma bolha muito barulhenta em que todas as direções eram possíveis. — Achei que seria pior. Você tem que deixar rolar, não é? Aí é legal. Já o Ronan...

— Ele é um pit bull — disse Adam.

— Eu conheço alguns pit bulls bem simpáticos. — Um dos cães que Blue levava para passear toda semana era um pit bull com o pelo malhado e o sorriso mais simpático que se poderia esperar de um canino.

— Ele é o tipo de pit bull que aparece no jornal da noite. O Gansey está tentando domesticar o Ronan.

— Que nobre.

— Isso faz com que ele se sinta melhor como Gansey.

Blue não duvidava disso.

— Às vezes ele é muito arrogante.

Adam olhou para o chão.

— Não é por mal. É todo aquele sangue azul nas veias dele.

Ele estava prestes a dizer outra coisa quando um grito o interrompeu:

— *VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO, GLENDOWER? EU VOU ENCONTRAR VOCÊ!*

A voz de Gansey, exaltada e ressonante, ecoou pelas encostas cobertas de árvores em torno do campo. Adam e Blue o viram parado no meio de uma trilha aberta e clara, os braços abertos e a cabeça inclinada para trás enquanto gritava para o ar. A boca de Adam assumiu a forma sem som de uma risada.

Gansey abriu um largo sorriso para ambos. Ele era difícil de resistir deste jeito: brilhando com fileiras e fileiras de dentes brancos, como uma propaganda de universidade.

— Conchas de ostras — disse ele, inclinando-se para pegar um dos pedaços claros que formavam a

trilha. O fragmento era de um branco puro, as bordas obtusas e gastas. — É isso que forma o corvo. Como as que são usadas para pavimentar estradas nas regiões em que a maré avança. Conchas de ostras sobre rocha pura. O que vocês acham *disso*?

— Acho que são muitas conchas de ostras para trazer da costa — respondeu Adam. — E também acho que o Glendower viria da costa.

Como resposta, Gansey apenas apontou para Adam.

Blue colocou as mãos nos quadris.

— Então você acha que eles colocaram o corpo do Glendower em um barco no País de Gales, vieram até a Virgínia e o trouxeram montanha acima? Por quê?

— Energia — respondeu Gansey, remexendo na sacola e tirando uma caixinha preta que parecia muito uma bateria de carro bem pequena.

Blue perguntou:

— O que é isso? Parece sofisticado.

Gansey mexia nos botões na lateral do aparelho enquanto explicava:

— Um frequencímetro eletromagnético. Ele monitora os níveis de energia. Algumas pessoas usam para caçar fantasmas. Supostamente, ele deve exibir uma leitura alta quando você está próximo de um

espírito ou de uma fonte de energia. Como uma linha ley.

Ela fez uma careta para o aparelho. Uma caixa de registrar magia parecia insultar tanto o portador quanto a magia.

— E é claro que você tem um... como é o nome? Eletromagnorífico de botão. Todo mundo tem um desses.

Gansey segurou o medidor acima da cabeça, como se estivesse chamando seres extraterrestres.

— Você não acha isso normal?

Blue podia perceber que ele queria muito que ela dissesse que não era normal, então respondeu:

— Ah, tenho certeza que é bastante normal em *alguns* círculos.

Ele pareceu um pouco magoado, mas a maior parte de sua atenção estava voltada para o medidor, que mostrava duas luzes vermelhas fracas. Gansey observou:

— Eu gostaria de estar nesses círculos. Então, como eu disse, energia. Outro nome para a linha ley é caminho dos...

— Caminho dos corpos — interrompeu Blue. — Eu sei.

Ele parecia satisfeito e magnânimo, como se ela fosse uma aluna destacada.

— Então me esclareça. Você provavelmente sabe melhor do que eu.

Como antes, seu sotaque era o antigo sotaque da Virgínia, aberto e glorioso, fazendo com que as palavras de Blue soassem desajeitadas perto dele.

— Eu só sei que os mortos viajam em linha reta — disse ela. — Que costumavam carregar os corpos em linha reta para as igrejas, para que fossem enterrados. Ao longo do que você chama de linha ley. Acreditava-se que era muito ruim seguir por qualquer outra rota que não a escolhida por eles para viajar como espíritos.

— Certo — disse ele. — Então podemos concluir que tem algo a respeito da linha que fortalece ou protege o corpo. A alma. O... *animus*. A quididade dele.

— Gansey, sério — Adam interrompeu, para o alívio de Blue. — Ninguém sabe o que é quididade.

— A *essência*, Adam. O que torna uma pessoa o que ela é. Se tirassem o Glendower do caminho dos corpos, acho que a magia que o mantém adormecido seria quebrada.

— Basicamente, você quer dizer que ele morreria para sempre se fosse tirado da linha — disse ela.

— Sim.

As luzes que piscavam na sua máquina haviam começado a brilhar com mais intensidade, levando-os ao longo do bico do corvo e na direção da linha de árvores onde Ronan já se encontrava. Blue levantou os braços para que o mato, que chegava à altura da sua cintura em alguns pontos, não acertasse o dorso das mãos.

Ela perguntou:

— E por que simplesmente não deixaram Glendower no País de Gales? Não é lá que eles querem que ele acorde e seja um herói?

— Foi uma insurreição, e ele era um traidor para a coroa inglesa — disse Gansey. A facilidade com que ele começou a história, ao mesmo tempo avançando a passos largos pelo campo e cuidando do frequencímetro, deixou claro para Blue que ele já a havia contado muitas vezes antes. — Glendower lutou contra os ingleses durante anos. Foi uma grande batalha entre famílias nobres, com alianças confusas. A resistência galesa fracassou. E então Glendower desapareceu. Se os ingleses soubessem onde ele estava, vivo ou morto, certamente não tratariam o corpo como os galeses desejariam. Você já ouviu falar em ser pendurado e esquartejado?

Blue perguntou:

— É tão doloroso quanto conversar com o Ronan?

Gansey lançou um olhar para Ronan, que era uma forma pequena, indistinta, perto das árvores. Adam engoliu uma risada.

— Depende se ele está sóbrio — respondeu Gansey.

Adam perguntou:

— Falando nisso, o que ele está fazendo?

— Mijando.

— Confie no Lynch para vandalizar um lugar como esse cinco minutos depois de chegar aqui.

— Vandalizar? Ele está marcando território.

— Ele deve ser dono de mais territórios na Virgínia do que o seu pai, então.

— Pensando bem, acho que ele nunca usou uma privada.

Aquilo tudo parecia muito masculino e muito Aglionby para Blue, essa coisa de chamar os amigos pelo sobrenome e fazer piadas sobre hábitos urinários públicos. Também parecia que aquilo poderia seguir por um bom tempo, então ela interrompeu, mudando o assunto de volta para Glendower.

— Eles realmente teriam todo esse trabalho para esconder o corpo dele?

Gansey disse:

— Bem, pense em Ned Kelly.

Ele proferiu o disparate de modo tão factual que Blue se sentiu repentinamente burra, como se talvez o sistema de ensino público *realmente* estivesse devendo alguma coisa.

Então Adam disse, com um rápido olhar para Blue:

— Ninguém sabe quem é Ned Kelly também, Gansey.

— Sério? — perguntou Gansey, tão inocentemente sobressaltado que ficou claro que Adam estivera certo antes: ele não tinha a intenção de ser arrogante. — Ele foi um fora da lei australiano. Quando os ingleses o pegaram, fizeram coisas terríveis com o corpo. Acho que o chefe de polícia usou a cabeça dele como peso de papel por um tempo. Agora imagine o que os inimigos do Glendower fariam com ele! Se os galeses quisessem ter uma chance de ressuscitar o cara, teriam de manter o corpo intacto.

— Mas por que as montanhas? — insistiu Blue. — Por que ele não está perto da costa?

Isso pareceu ter lembrado Gansey de algo, pois, em vez de responder, ele se virou para Adam:

— Liguei para o Malory para falar sobre aquele ritual, para saber se ele tinha tentado. Ele acha que o ritual não pode ser realizado em qualquer ponto da

linha ley. Que precisa ser feito no "coração" dela, onde está a maior parte da energia. Acho que quiseram colocar o Glendower em um lugar assim.

Adam se virou para Blue.

— E a *sua* energia?

A pergunta a pegou de surpresa.

— O quê?

— Você disse que fazia as coisas ficarem mais claras para outros médiuns — disse Adam. — Estamos falando de energia?

Blue se sentiu absurdamente satisfeita por ele lembrar, e também por responder a ela em vez de a Gansey, que agora estava espantando mosquitos e esperando por sua resposta.

— Sim — disse ela. — Eu acho que torno mais fortes as coisas que precisam de energia. Sou como uma bateria ambulante.

— Você é a mesa que todo mundo quer no Starbucks — ponderou Gansey enquanto começava a caminhar novamente.

Blue piscou.

— Como?

Sobre o ombro, Gansey disse:

— Perto da tomada — e pressionou o frequencímetro ao lado de uma árvore, observando as duas coisas com grande interesse.

Adam balançou a cabeça para Blue e disse para Gansey:

— Estou dizendo que talvez ela possa transformar uma parte comum da linha ley em um lugar viável para o ritual. Espere, estamos entrando na mata? E a Helen?

— Não se passaram dois segundos — disse Gansey, embora claramente não fosse o caso. — Essa é uma ideia interessante sobre energia. Mas... a sua bateria pode ficar fraca? Por questões além de conversas sobre prostituição?

Ela não honrou o comentário com uma resposta imediata. Em vez disso, pensou sobre como sua mãe tinha dito que não havia nada a temer dos mortos, e como Neeve parecera descrente. A vigília na igreja havia obviamente tomado *algo* dela; talvez houvesse consequências piores que ela ainda viria a descobrir.

— Bem, isso é interessante — observou Gansey, atravessando um pequeno regato com um passo largo perto da borda da mata, mantendo um pé em cada margem. Era apenas água que havia subido de uma fonte subterrânea, encharcando a relva. A atenção de Gansey estava focada no frequencímetro que ele segurava diretamente acima da água. O medidor chegara ao máximo.

— A Helen — disse Adam, advertindo-o. Ronan havia se juntado novamente a eles, e os dois garotos olharam na direção do helicóptero.

— Eu disse: *Isso é interessante* — repetiu Gansey.

— E eu disse: *A Helen*.

— Só mais alguns metros.

— Ela vai ficar brava.

A expressão de Gansey era perversa, e Blue pôde ver que Adam não teria como detê-lo.

— Eu avisei — disse Adam.

O regato corria preguiçoso para fora da mata, por entre dois cornisos. Com Gansey à frente, todos seguiram a água por entre as árvores. Imediatamente, a temperatura caiu vários graus. Blue ainda não havia percebido o enorme ruído de insetos no campo até que ele fosse substituído pelo ocasional canto de um pássaro debaixo das árvores. Aquela mata era linda, antiga, toda de carvalhos enormes e freixos encontrando espaço em meio a grandes lajes de rocha partida. Samambaias brotavam das pedras e o musgo verdejante subia pelos troncos. O próprio ar tinha um aroma verde, pujante, aquoso. A luz era dourada através das folhas. Tudo estava vivo, muito vivo.

Blue sussurrou:

— Isso é lindo.

O comentário fora para Adam, não para Gansey, mas ela viu que ele olhou de relance por cima do ombro para ela. Ao lado dele, Ronan estava curiosamente calado. Algo a respeito de sua postura era defensivo.

— O que estamos procurando mesmo? — perguntou Adam.

Gansey era um cão de caça guiado pelo frequencímetro ao longo do regato que se alargava. A água em movimento havia se tornado larga demais para manter um pé em cada margem, e agora corria em um leito de seixos, fragmentos afiados de pedra e, de maneira bastante estranha, algumas conchas de ostras.

— O que estamos sempre procurando.

Adam avisou:

— A Helen vai te matar.

— Ela vai me mandar uma mensagem se estiver muito brava — disse Gansey, tirando o celular do bolso. — Humm... não tem sinal...

Dada sua localização nas montanhas, a falta de sinal não causava surpresa, mas Gansey parou onde estava. Enquanto os quatro formavam um círculo irregular, ele passava as telas do celular com o polegar. Na outra mão, o frequencímetro brilhava com um tom vermelho sólido. Sua voz soou um pouco estranha quando ele perguntou:

— Alguém mais está usando relógio?

Fins de semana não eram geralmente dias de contar as horas para Blue, então ela não o usava, e Ronan tinha apenas suas tiras de couro entrelaçado em torno do braço. Adam levantou o punho. Ele usava um relógio de aparência barata e pulseira encardida.

— Eu estou — disse ele, acrescentando pesarosamente: — Mas ele não parece estar funcionando.

Sem falar nada, Gansey voltou a tela do celular para eles. Ela estava na função relógio, e Blue levou um momento para perceber que nenhum dos ponteiros se mexia. Por um longo momento, os quatro apenas olharam para os ponteiros parados no relógio do celular. O coração de Blue marcava cada segundo que o relógio não batia.

— Ele está... — começou Adam, e então parou e tentou de novo: — Será que a bateria está sendo afetada pela energia da linha?

A voz de Ronan soou cortante:

— Afetando o seu relógio? O seu relógio de corda?

— É verdade — respondeu Gansey. — Meu celular ainda está funcionando. Assim como o frequencímetro. É só a hora... Será que...

Mas não havia respostas, e todos eles sabiam disso.

— Quero seguir em frente — disse Gansey. — Só mais um pouco.

Ele esperou para ver se alguém o impediria. Ninguém disse nada, mas, quando Gansey partiu novamente, escalando o topo de uma pedra, com Ronan ao seu lado, Adam olhou para Blue de relance. Sua expressão perguntava: *Você está bem?*

Ela *estava* bem, mas da maneira que estivera bem antes do helicóptero. Não que Blue tivesse medo das luzes piscando no frequencímetro ou do relógio de Adam se recusando a funcionar, mas ela não saíra da cama de manhã esperando encontrar um lugar onde possivelmente o tempo não existia.

Blue estendeu a mão.

Adam a pegou sem hesitação, como se estivesse esperando que ela a oferecesse. Ele disse em voz baixa, apenas para ela ouvir:

— Meu coração está batendo como louco.

Estranhamente, não eram os dedos dele entrelaçados nos dela que mais afetavam Blue, e sim onde seu punho quente pressionava o dela, acima das mãos.

Eu preciso dizer ao Adam que ele não pode me beijar, ela pensou.

Mas ainda não. Nesse momento, ela queria sentir sua pele pressionada na dele, ambos os pulsos rápidos e incertos.

De mãos dadas, eles escalaram depois de Gansey. As árvores ficaram ainda maiores, algumas delas se juntando como castelos, imponentes e enormes. As copas pairavam alto acima da cabeça deles, farfalhando e reverentes. Tudo era muito verde. Em algum lugar à frente, ouviram o ruído de algo se mexendo na água.

Por um breve momento, Blue achou que ouvia música.

— Noah?

A voz de Gansey soou desamparada. Ele havia parado perto de uma faia poderosa e agora procurava em volta. Blue o alcançou e percebeu que ele havia parado na margem de um pequeno lago montanhoso que alimentava o regato que eles vinham seguindo. O lago tinha apenas alguns centímetros de profundidade e era perfeitamente limpo. A água era tão transparente que implorava para ser tocada.

— Achei que tinha ouvido... — Gansey interrompeu o que dizia. Seus olhos caíram para onde Adam segurava a mão de Blue. Mais uma vez, seu rosto aparentou certa confusão com o fato de os dois estarem de mãos dadas. Adam apertou a mão dela com

mais força, apesar de Blue achar que essa não fosse sua intenção.

Era uma discussão sem palavras, embora ela não achasse que nenhum dos garotos soubesse o que estava tentando dizer.

Gansey se voltou para o pequeno lago. Em sua mão, o frequencímetro ficara escuro. Ele se agachou e passou a mão livre sobre a água. Os dedos estavam bem abertos, quase tocando a superfície. Sob a mão, a água se mexeu e ficou escura, e Blue percebeu que havia milhares de peixinhos ali. Eles brilhavam, prateados e então pretos, à medida que se moviam, apegando-se à sombra tênue que ele lançava.

Adam perguntou:

— Como é que há peixes aqui?

O regato que eles haviam seguido mata adentro era raso demais para ter peixes, e, acima dele, o pequeno lago parecia alimentado pela água da chuva da parte mais alta da montanha. Peixes não vinham do céu.

Gansey respondeu:

— Não sei.

Os peixes se revolviam e cruzavam uns sobre os outros, movendo-se incessantemente, como pequenos enigmas. Novamente, Blue achou que tinha ouvido

música, mas, quando olhou para Adam, achou que talvez tivesse sido apenas o som de sua respiração.

Gansey olhou para os dois, e ela viu em seu rosto que ele adorava aquele lugar. Sua expressão indisfarçável trazia algo novo: não o prazer puro de encontrar a linha ley ou o prazer dissimulado de caçoar de Blue. Ela reconheceu a estranha felicidade que vinha de amar algo sem saber por quê, aquela estranha felicidade que às vezes era tão grande que parecia tristeza. Era a maneira como ela se sentia quando olhava para as estrelas.

Sem mais nem menos, ele pareceu mais com o Gansey que Blue tinha visto no adro da igreja, e ela achou que não suportaria olhar para ele.

Em vez disso, ela soltou a mão de Adam para ir até a faia ao lado da qual Gansey estava. Cuidadosamente, pisou nos nós expostos das raízes da árvore e então pousou a palma sobre a casca suave e cinzenta. Como a árvore atrás de sua casa, a casca daquela faia era fria como o inverno e estranhamente confortante.

— Adam. — Era a voz de Ronan, e Blue ouviu os passos de Adam se movendo cuidadosa e lentamente em torno do pequeno lago. O som de ramos quebrando ficou mais baixo à medida que ele se afastava.

— Não acho que esses peixes sejam de verdade — disse Gansey suavemente.

Era uma coisa tão ridícula de dizer que Blue se voltou para olhar para ele de novo. Ele corria os dedos para frente e para trás na superfície da água, enquanto a observava.

— Acho que eles estão aqui porque eu pensei que eles deveriam estar aqui — disse Gansey.

Blue respondeu sarcasticamente:

— Tá bom, Deus.

Ele girou a mão novamente, e ela viu as formas dos peixes brilharem na água mais uma vez. Hesitante, Gansey seguiu em frente:

— Na leitura, o que foi que aquela mulher disse? Aquela do cabelo? Ela disse que a questão era a... percepção... não, a intenção.

— Persephone. A intenção é para as cartas — disse Blue. — Para uma leitura, para deixar alguém entrar na sua mente, para ver padrões no futuro e no passado. Não para *peixes*. Como a intenção funcionaria com um peixe? A vida não é negociável.

Ele perguntou:

— Qual era a cor dos peixes quando chegamos?

Eles eram pretos e prata, ou pelo menos pareciam assim no reflexo. Ela tinha certeza de que Gansey estava buscando por sinais de magia inexplicável, mas

ela não seria influenciada tão facilmente. Azul e marrom poderiam parecer preto ou prata, dependendo da luz. Mesmo assim, Blue se juntou a ele, agachando-se na terra úmida ao lado do pequeno lago. Os peixes eram todos escuros e indistintos sob a sombra de sua mão.

— Eu estava observando os peixes e pensando em como eles haviam chegado aqui, e então lembrei que existe uma espécie de truta que muitas vezes vive em regatos menores — disse Gansey. — Acho que são chamadas de truta de ribeiro selvagem. Achei que isso faria um pouco mais de sentido. Talvez elas tenham sido introduzidas pelo homem nesse laguinho, ou em outro mais para cima. Era nisso que eu estava pensando. As trutas de ribeiro são prateadas no dorso e vermelhas no ventre.

— *Tudo bem* — ela disse.

A mão estendida de Gansey estava absolutamente imóvel.

— Me diz que não tinha peixes vermelhos nesse lago quando chegamos.

Como Blue não respondeu, ele olhou para ela. Blue balançou a cabeça. Definitivamente não havia peixes vermelhos ali.

Gansey puxou a mão rapidamente.

O pequeno cardume disparou em busca de abrigo, mas não antes que Blue visse que cada um deles era prata e vermelho.

Não um vermelho fraco, mas vermelho-vivo, vermelho pôr do sol, vermelho como um sonho. Como se eles nunca tivessem sido de nenhuma outra cor.

— Não entendo — disse Blue. Algo nela doía, como se ela compreendesse, mas não conseguisse descrever com palavras. Algo embrulhava seus pensamentos. Ela sentia como se fizesse parte de um sonho que aquele lugar estava tendo, ou que o lugar fizesse parte de um sonho dela.

— Eu também não.

Então os dois se viraram ao mesmo tempo, ao som de uma voz que vinha do lado esquerdo.

— Isso foi o Adam? — perguntou Blue. Parecia estranho que ela tivesse de perguntar, mas nada parecia muito definido.

Eles ouviram novamente a voz de Adam, dessa vez mais clara. Ele e Ronan estavam parados do outro lado do pequeno lago. Bem ao lado dele, havia um carvalho. Uma cavidade apodrecida do tamanho de um homem se abria negra no tronco. No lago a seus pés, havia o reflexo de Adam e da árvore, uma imagem espelhada mais fria e mais distante que a realidade.

Adam esfregava os braços ferozmente, como se estivesse com frio. Ronan estava ao lado dele, olhando sobre o ombro para algo que Blue não podia ver.

— Venha aqui — disse Adam. — Agora pare ali. E me diga se estou ficando louco.

Seu sotaque estava pronunciado, e Blue estava começando a entender que isso significava que ele estava preocupado demais para escondê-lo.

Blue espiou na cavidade. Como todos os buracos nas árvores, ele parecia úmido, irregular e escuro, o fungo na casca ainda trabalhando para aumentar a cratera. As bordas da entrada eram irregulares e finas, fazendo com que a sobrevivência da árvore por tanto tempo parecesse milagrosa.

— Você está bem? — perguntou Gansey.

— Feche os olhos — Adam lhe disse. Seus braços estavam cruzados, as mãos segurando firmemente os bíceps. A forma que ele estava respirando lembrava Blue de como ela se sentia ao acordar depois de um pesadelo, o coração batendo forte, a respiração aos trancos, as pernas doendo de uma perseguição que nunca existiu de verdade. — Quer dizer, depois que você entrar lá dentro.

— Você entrou ali? — Gansey perguntou a Ronan, que balançou a cabeça.

— Foi ele quem encontrou o buraco — disse Adam.

Ronan disse, monótono como uma tábua:

— Não vou entrar aí.

A declaração soou como uma questão de princípio em vez de covardia, como a recusa de pegar uma carta na leitura.

— Eu não me importo — disse Blue. — Eu vou.

Foi difícil para ela se imaginar intimidada quando cercada por uma árvore, não importava quão estranha a floresta em torno dela pudesse ser. Ela entrou na cavidade e se virou de maneira que ficasse de frente para o mundo exterior. O ar lá dentro tinha um cheiro úmido e pesado. Estava quente também, e, apesar de Blue saber que devia ser por causa do processo de apodrecimento, isso fazia com que a árvore parecesse ter sangue quente como ela.

À sua frente, Adam ainda tinha os braços firmemente enlaçados em torno de si. *O que ele acha que vai acontecer aqui?*

Ela fechou os olhos. Quase imediatamente, pôde sentir o cheiro de chuva — não a fragrância da chuva que chega, mas o odor vivo e móvel de uma tempestade caindo, o aroma aberto de uma brisa se deslocando pela água. Então ela sentiu que algo estava tocando seu rosto.

Quando abriu os olhos, ela estava ao mesmo tempo dentro de seu corpo e o observando de fora, longe da cavidade da árvore. A Blue diante dela estava a centímetros de distância de um garoto com um blusão da Aglionby. Havia uma ligeira inclinação na postura dele, e seus ombros estavam salpicados de chuva. Foram os dedos dele que Blue sentiu no rosto. Ele tocou a face dela com o dorso dos dedos.

Lágrimas correram pelo rosto da outra Blue. Por uma estranha magia, ela podia senti-las em seu rosto também. Ela podia sentir, igualmente, a angústia crescente e doentia que sentira no adro da igreja, a tristeza que parecia maior do que ela. As lágrimas da outra Blue pareciam intermináveis. Uma lágrima seguia a outra, todas traçando um caminho idêntico em seu rosto.

O garoto de blusão da Aglionby inclinou a testa e a encostou na dela. Blue sentiu a pressão da pele dele e, subitamente, sentiu cheiro de hortelã.

Vai ficar tudo bem, Gansey disse para a outra Blue. Ela podia dizer que ele estava com medo. *Vai ficar tudo bem*.

Inacreditavelmente, ela percebeu que a outra Blue estava chorando porque amava Gansey. E que a razão de Gansey tocá-la daquela forma, com mãos tão cuidadosas, era porque ele sabia que o beijo dela

poderia matá-lo. Ela podia sentir com que intensidade a outra Blue queria beijá-lo, mesmo que temesse isso. Embora ela não pudesse entender por quê, a memória real, do dia atual na cavidade da árvore, estava obscurecida por outras memórias, falsas, dos lábios deles quase se tocando, uma vida que aquela outra Blue já havia vivido.

Tudo bem, estou pronto — a voz de Gansey hesitou, só um pouco. *Me beije, Blue.*

Abalada, Blue abriu bem os olhos, viu a escuridão do espaço em volta de si e sentiu de novo o cheiro escuro e apodrecido da árvore. Seu estômago se embrulhou com a tristeza assustadora e o desejo que havia sentido durante a visão. Ela se sentia enjoada e envergonhada e, quando saiu da árvore, não conseguiu olhar para Gansey.

— E então? — ele perguntou.

Ela disse:

— É... muitas coisas.

Como ela não disse mais nada, Gansey assumiu seu lugar na árvore.

Tudo parecera tão real. Aquilo era o futuro? Era um futuro alternativo? Ou apenas um sonho acordado? Ela não conseguia se imaginar apaixonada por Gansey, entre todas as pessoas, mas, naquela visão, isso pareceu não somente possível, mas indiscutível.

Quando Gansey se virou para dentro da cavidade, Adam tomou o braço de Blue e a arrastou para perto. Ele não foi gentil, mas Blue não achou que ele tivesse a intenção de ser bruto. No entanto, ela levou um susto quando Adam secou seu rosto com as costas da outra mão; ela estivera chorando de verdade.

— Quero que você saiba — sussurrou Adam furiosamente — que eu nunca faria aquilo. Não era real. Eu *nunca* faria aquilo com ele.

Seus dedos apertavam o braço dela, e ela sentiu que ele tremia. Ela piscou para Adam e secou o rosto. Levou um instante para perceber que ele devia ter visto algo inteiramente diferente do que ela.

Mas, se Blue perguntasse a Adam o que ele vira, teria de lhe contar também.

Ronan encarava os dois descaradamente, como se soubesse o que havia acontecido na árvore, ainda que ele mesmo não tivesse tentado.

Alguns metros adiante, na cavidade, a cabeça de Gansey estava inclinada como em uma mesura. Ele parecia uma estátua em uma igreja, com as mãos unidas à frente. Havia algo ancestral a respeito de Gansey naquele instante, com a árvore arqueada sobre ele e as pálpebras pálidas nas sombras. Gansey era ele mesmo, mas era algo mais também — aquilo que Blue vira pela primeira vez nele na leitura dos garotos,

aquele sentido de *alteridade*, de *algo mais*, que parecia irradiar daquele retrato imóvel de Gansey preservado na árvore escura.

O rosto de Adam estava virado para o outro lado, e agora, *agora*, Blue sabia qual era a expressão dele: de vergonha. O que quer que ele tenha visto na árvore escavada, ele tinha certeza de que Gansey estava vendo também, e não conseguia suportar.

Os olhos de Gansey se abriram de uma vez.

— O que você viu? — Blue perguntou.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Foi um gesto lento, como se estivesse sonhando.

— Eu vi o Glendower — disse Gansey.



Como Adam avisara, eles não haviam levado dois segundos para explorar o corvo cunhado no chão, seguir o regato mata adentro, observar os peixes mudarem de cor, descobrir uma árvore alucinatória e retornar até Helen.

Pelo relógio de Gansey, eles haviam levado sete minutos.

Helen estava furiosa. Quando Gansey lhe disse que sete minutos era um milagre, pois na verdade eles deviam ter ficado quarenta minutos ali, isso causou tamanha discussão que Ronan, Adam e Blue tiraram os fones de ouvido para permitir que os irmãos resolvessem suas diferenças. Sem os fones, é claro, os três no banco de trás ficaram impossibilitados de falar. A situação deveria ter criado um silêncio

constrangedor, mas, em vez disso, foi mais fácil sem palavras.

— É impossível — disse Blue, no momento em que o helicóptero deixou o terreno em silêncio suficiente para que se pudesse falar. — O tempo não pode ter parado enquanto a gente estava na mata.

— Não é impossível — respondeu Gansey, atravessando o estacionamento até o prédio. Ele escancarou a porta do primeiro andar da Monmouth e gritou para a escada sombria: — Noah, você está em casa?

— É verdade — disse Adam. — De acordo com a teoria da linha ley, o tempo pode ser uma coisa fluida bem em cima da linha.

Aquele era um dos efeitos mais comumente relatados sobre as linhas ley, especialmente na Escócia. No folclore escocês, acreditava-se no mito de que os viajantes podiam ser "levados por duendes" ou desorientados por fadas locais. Andarilhos partiam em uma trilha reta apenas para se encontrar inexplicavelmente perdidos, parados em um local que eles não faziam a menor ideia de ter caminhado, com o relógio mostrando minutos antes ou horas depois de terem partido. Como se eles tivessem tropeçado em uma dobra no espaço-tempo.

Era a energia das linhas ley pregando peças.

— E o que tinha naquela árvore? — perguntou Blue. — Aquilo foi uma alucinação? Um sonho?

Glendower. Foi Glendower. Glendower. Glendower.

Gansey não conseguia parar de vê-lo. Ele se sentia excitado, temeroso ou ambas as coisas.

— Eu não sei — disse ele, tirando as chaves do bolso e dando um tapa na mão de Ronan quando ele tentou pegá-las. Seria um dia gelado no verão da Virgínia quando ele deixasse Ronan dirigir seu carro. Ele vira o que Ronan fizera com o próprio carro, e a ideia do que ele faria com algumas dezenas a mais de cavalos de potência ao seu comando era impensável. — Mas pretendo descobrir. Vamos nessa.

— Vamos? Para onde? — perguntou Blue.

— Para a prisão — disse Gansey agradavelmente. Os outros dois garotos já a estavam empurrando na direção do Pig. Ele se sentia nas alturas como uma pipa, eufórico. — Para o dentista. Para qualquer lugar terrível.

— Eu tenho que voltar às... — mas ela não terminou a frase. — Não sei quando. Numa hora razoável.

— O que é razoável? — perguntou Adam, e Ronan riu.

— Estaremos de volta antes que você vire abóbora — disse Gansey, prestes a acrescentar *Blue* no fim da frase, mas soava estranho chamá-la assim. — Blue é um apelido?

Ao lado do Camaro, as sobrancelhas de Blue ficaram subitamente angulosa.

Apressadamente, Gansey acrescentou:

— Não que não seja um nome legal. Só que é... incomum.

— Esquisitão — disse Ronan, enquanto mordia distraído uma das fitas de couro no pulso, de maneira que o efeito foi minimizado.

Blue respondeu:

— Infelizmente, não é nem um pouco normal. Não como *Gansey*.

Ele sorriu de maneira tolerante para ela. Coçou o queixo liso, com os pelos assassinados havia pouco, e a estudou. Blue mal batia no ombro de Ronan, mas era tão *grande* e tão presente quanto ele. Gansey teve um sentimento incrível de *coisa certa*, com todos reunidos em torno do Pig. Como se Blue, e não a linha ley, fosse a peça que faltava e de que ele estivera precisando todos aqueles anos, como se a busca por Glendower não estivesse verdadeiramente a caminho até que ela fizesse parte dela. Ela parecia certa como Ronan parecera, como Adam parecera, como Noah

parecera. Quando cada um deles havia se juntado a Gansey, ele sentira uma torrente de alívio e, no helicóptero, se sentiu exatamente da mesma maneira quando percebeu que era a voz de Blue no gravador.

É claro, ela podia simplesmente cair fora.

Ela não vai, ele pensou. *Ela também deve sentir isso*.

E continuou:

— Eu sempre gostei do nome Jane.

Os olhos de Blue se arregalaram.

— Ja... o quê? Ah! Não, não... Você não pode simplesmente dar outro nome para as pessoas porque não gosta do nome verdadeiro delas.

— Eu gosto de *Blue* — disse Gansey. Ele não acreditava que ela estivesse realmente ofendida; seu rosto não parecia como parecera no Nino's, quando eles se encontraram pela primeira vez e as orelhas dela ficaram vermelhas. Gansey pensou que possivelmente estava se saindo um pouco melhor em conseguir não ofendê-la, mesmo não conseguindo parar de provocá-la. — Algumas das minhas camisas favoritas são azuis. Mas eu também gosto de *Jane*.

— Não vou nem responder.

— Eu não pedi que você respondesse. — Abrindo a porta do Camaro, ele empurrou o banco do motorista para frente, para que Adam entrasse atrás.

Blue apontou para Gansey.

— Não vou responder.

Mas ela entrou. Ronan procurou o aparelho de MP3 do BMW antes de entrar no banco do passageiro e, mesmo sabendo que o aparelho de CD barato que fora colocado no Pig não estava funcionando direito, chutou o painel até que uma música eletrônica detestável e barulhenta começasse. Gansey escancarou a porta do motorista. Na verdade, ele deveria estar cuidando para que Ronan fizesse o dever de casa antes que a Aglionby o expulsasse. Mas, em vez disso, gritou por Noah uma última vez e então entrou no carro.

— Seu gosto para música é aterrorizante — ele disse a Ronan.

Do banco de trás, Blue gritou:

— Ele sempre cheira a gasolina?

— Só quando está ligado! — berrou Gansey de volta.

— Essa coisa é *segura*?

— Segura como a vida.

Adam deu um berro:

— Para onde estamos indo?

— Sorvete. A Blue vai nos contar como ela sabia onde estava a linha ley — disse Gansey. — Vamos bolar uma estratégia e decidir qual vai ser o próximo

passo. Vamos aprender com a Blue sobre energia. Adam, você vai me contar tudo que lembra sobre o tempo e as linhas ley, e, Ronan, quero que você me conte de novo o que descobriu sobre o tempo do sonho e as trilhas do som. Antes de voltarmos lá, quero descobrir tudo que for possível para ter certeza que é um lugar seguro.

Mas não foi isso que aconteceu. O que aconteceu foi que eles dirigiram até o Harry's e estacionaram o Camaro entre um Audi e um Lexus, e Gansey pediu tanto sorvete que a mesa não tinha espaço para mais nada, e Ronan convenceu os atendentes a aumentarem o volume das caixas de som, e Blue riu pela primeira vez de algo que Gansey disse, e eles eram barulhentos e triunfantes e reis de Henrietta, pois tinham encontrado a linha ley e porque algo estava começando, tudo estava começando.



Energizado, Gansey mandou os garotos executarem tarefas realacionadas a Glendower nos três dias que se seguiram, e, para surpresa de Adam, Blue conseguiu dar um jeito de acompanhá-los a cada uma delas. Apesar de ela nunca ter chegado a dizer isso, era claro que os mantinha em segredo, pois nunca os contatava por telefone ou os encontrava próximo do número 300 da Rua Fox. Apesar da falta de planejamento formal e habilidade paranormal, todos eles tinham horários em grande parte ditados pela escola, de maneira que conseguiam se encontrar com uma precisão extraordinária.

A exploração, no entanto, não incluiu voltar para a estranha mata. Em vez disso, ficaram na prefeitura, pesquisando quem era o proprietário da terra onde tinham visto o desenho do corvo, examinando microfilmes na biblioteca de Henrietta, tentando

determinar se a estranha mata tinha um nome, discutindo a história de Glendower, marcando a linha ley no mapa, medindo quão larga ela parecia ser, percorrendo campos, virando pedras, fazendo círculos em rochas e medindo a energia que vinha delas.

Eles também comeram bastante comida barata de lojas de conveniência, por culpa de Blue. Depois daquela primeira festa do sorvete, Blue insistiu em pagar ela mesma toda a comida que consumisse, o que limitava onde eles podiam comer. Ela detestava quando qualquer um dos garotos tentava comprar comida para ela, mas parecia odiar ainda mais quando era Gansey quem oferecia.

Em uma loja, Gansey havia começado a pagar as batatas fritas de Blue e ela as arrancou de sua mão.

— Eu não quero que você compre comida pra mim! — disse Blue. — Se você pagar, é como se eu fosse... de... de...

— Devedora? Pra mim? — sugeriu Gansey agradavelmente.

— Não coloque palavras na minha boca.

— Foi a *sua* palavra.

— Você *presumiu* que era a minha palavra. Você não pode sair por aí presumindo coisas.

— Mas era o que você queria dizer, não é?

Blue fez uma careta.

— Essa conversa acabou.

Então ela comprou as próprias batatas, embora estivesse claro que o preço era caro para ela e nada para Gansey. Adam ficou orgulhoso dela.

Após o primeiro dia, Noah foi com eles também e isso agradou a Adam, pois ele e Blue se deram bem. Noah era um bom indicador para avaliar pessoas. Era tão tímido, desajeitado e invisível que podia ser facilmente ignorado ou ridicularizado. Blue não era somente gentil com Noah, mas realmente parecia se dar bem com ele. Por estranho que parecesse, isso aliviava Adam, que sentia como se a presença de Blue entre eles fosse em grande parte sua responsabilidade. A essa altura, Adam tomava decisões sem Gansey, Ronan ou Noah tão raramente que duvidava de seu julgamento quando agia sozinho.

Os dias se passavam facilmente com os cinco fazendo tudo, exceto retornar para o lago estranho e a árvore sonhadora. Gansey seguia dizendo: "Precisamos de mais informações".

Adam disse a Blue:

— Acho que ele está com medo da árvore.

Ele sabia que *ele* estava. A visão marcante que ele teve na árvore seguia invadindo seus pensamentos. Gansey morto, morrendo, por causa dele. Blue olhando para Adam, chocada. Ronan agachado ao lado

de Gansey, o rosto miserável, rosnando: *Está feliz agora, Adam? Era isso que você queria?*

Aquilo fora um sonho? Uma profecia?

Gansey disse a Adam:

— Eu não sei o que foi aquilo.

Em ocasiões anteriores, essa frase havia sido uma maneira muito boa de perder o respeito de Adam. A única maneira de compensar a admissão de não saber algo era segui-la imediatamente com as palavras "mas vou descobrir". Adam não dava muito tempo para as pessoas descobrirem: apenas o tempo que daria para si mesmo. Mas Gansey nunca o deixara na mão. Eles descobririam o que era aquilo. Só que, dessa vez, Adam não tinha certeza se queria saber.

Ao fim da segunda semana, os garotos tinham estabelecido uma rotina de esperar por Blue na saída da escola e partir para qualquer que fosse a missão que Gansey lhes havia designado. Era um dia de primavera encoberto que mais parecia de outono, frio e úmido, e cinzento como aço.

Enquanto esperavam, Ronan decidiu finalmente aceitar a tarefa de ensinar Adam a dirigir um carro com câmbio manual. Por vários minutos, parecia que tudo ia bem, já que o BMW tinha uma embreagem macia. Ronan foi sucinto e direto ao ponto em suas

instruções, e Adam era um aluno esperto, sem qualquer vaidade que atrapalhasse.

De um ponto de observação escondido ao lado do prédio, Gansey e Noah se juntaram e observaram enquanto Adam fazia círculos cada vez mais rápidos em torno do estacionamento. De tempos em tempos, suas vaias eram ouvidas através das janelas abertas do BMW.

Então — isso tinha de acontecer uma hora ou outra —, Adam deixou o carro morrer. Era um animal magnífico, pelo que mostraram os barulhos e os últimos trancos que o carro fez.

Do banco do passageiro, Ronan começou a xingar Adam. Foi um xingamento longo, confuso, com os mais escabrosos palavrões. Enquanto Adam olhava fixamente para o colo, penitente, refletiu que havia algo musical a respeito de Ronan quando ele xingava, uma precisão cuidadosa e carinhosa na maneira como ele encaixava as palavras, uma poesia pintada de negro. Soava muito menos odioso do que quando ele *não* xingava.

Ronan terminou com:

— Pelo amor de... Parrish, tome cuidado, isso aqui não é o Honda Civic 1971 da sua mãe.

Adam levantou a cabeça e disse:

— Só começaram a fazer o Civic a partir de 1973.

Houve um brilho de presas do banco do passageiro, mas, antes que Ronan tivesse tempo de atacar, ambos ouviram Gansey chamando afetuosamente: — Jane! Achei que você não ia mais aparecer. O Ronan está ensinando o Adam a usar um câmbio manual.

Blue, com o cabelo desarrumado pelo vento, enfiou a cabeça através da janela do motorista. O perfume de flores silvestres acompanhava sua presença. Enquanto Adam catalogava o aroma no arquivo mental de coisas que tornavam Blue atraente, ela disse animada: — Parece que está indo bem. Que cheiro é esse?

Sem responder, Ronan desceu do carro e bateu forte a porta.

Noah apareceu ao lado de Blue. Ele parecia alegre e afetuoso como um cão labrador. Noah decidira quase imediatamente que faria qualquer coisa por Blue, um fato que teria incomodado Adam se tivesse sido qualquer outra pessoa que não Noah.

Blue deixou que Noah arrumasse seu cabelo despenteado, algo que Adam também gostaria de fazer, mas sentia que significaria algo muito diferente vindo dele.

— Ok, vamos nessa — disse Gansey, agitado, abrindo o diário, conferindo o relógio e esperando que

alguém lhe perguntasse para onde estavam indo.

Através da janela do carro, Adam perguntou:

— Para onde vamos hoje?

Gansey pegou uma mochila do chão.

— Para a mata.

Blue e Adam olharam um para o outro, sobressaltados.

— O tempo voa — disse Gansey pretensiosamente, passando a passos largos por eles na direção do Camaro.

Blue deu um salto para trás enquanto Adam lutava para sair do banco do motorista. Ela sussurrou para ele: — Você sabia disso?

— Eu não sabia de nada.

— Temos que estar de volta em três horas — disse Ronan. — Acabei de dar comida para a Motosserra, mas depois ela precisa comer de novo.

— É por isso que eu não queria ter um filho com você — respondeu Gansey.

Eles se amontoaram no carro com o conforto da rotina, subindo no Camaro, embora toda a lógica sugerisse que eles pegassem o BMW. Ronan e Gansey lutaram brevemente pelas chaves (Gansey venceu, como vencia tudo). Adam, Blue e Noah subiram no minúsculo banco de trás, nessa ordem. Noah se encolheu no canto do carro, tentando

desesperadamente não tocar em Blue. Adam não tomou tanto cuidado. Pelos primeiros dez minutos no primeiro dia, ele havia sido bastante educado, mas rapidamente ficou claro que Blue não se importava quando a perna dele encostava na dela.

E para Adam tudo bem.

Tudo estava como antes, mas, por alguma razão, o coração de Adam batia forte. Era primavera, e novas folhas, sacudidas das árvores pelo vento subitamente frio, caíam ao longo do estacionamento. Ele viu a pele arrepiada de Blue pela trama aberta do cardigã de crochê que ela vestia. Ela estendeu as mãos e pegou um punhado da camisa dele e da de Noah, puxando os dois na direção dela, como cobertores.

— Você está sempre frio, Noah — disse ela.

— Eu sei — ele respondeu, triste.

Adam não estava certo sobre o que vinha primeiro com Blue — ela tratando os garotos como amigos ou todos eles se tornando amigos. Ele achava que essa maneira de construir relações exigia uma boa dose de autoconfiança para ser levada adiante. Havia um tipo estranho de magia que fazia parecer que ela sempre estivera caçando Glendower com eles.

Com o ombro pressionado contra o ombro coberto pelo casaco de crochê de Blue, Adam se inclinou para

frente, entre os dois bancos dianteiros, e perguntou: — Gansey, não tem aquecimento?

— Se o carro ligar...

O motor girava sem parar, e Adam sentia tanto frio que seus dentes batiam, mesmo não estando muito gelado. Ele sentia um frio vindo *de dentro*, então ordenou: — Acelere. Pise fundo.

— Estou pisando.

Ronan pressionou a perna direita de Gansey para baixo, com a palma no joelho dele. O motor gemeu alto e pegou. Gansey agradeceu secamente a Ronan pela ajuda.

— Seu coração — disse Blue no ouvido de Adam. — Posso sentir seu coração no seu braço. Você está nervoso?

— Só... não tenho certeza para onde estamos indo.

Como estavam viajando de Camaro, e não de helicóptero, eles levaram mais tempo para chegar às coordenadas que Gansey havia marcado no diário. Quando chegaram, estacionaram o carro em uma cabana de férias vazia e fizeram o resto do caminho a pé. Então viram que a mata tinha um aspecto bem diferente sob o céu enevoado. O corvo parecia desolado e morto em meio à grama, e havia conchas

brancas como ossos na folhagem. As árvores na beira da floresta pareciam mais altas que antes, gigantes em meio às imponentes árvores montanhosas. Tudo parecia sombrio no dia sem sol, mas o trecho de relva mísera na borda da floresta parecia ainda mais escuro.

O coração de Adam ainda estava aos pulos. Ele teve de confessar para si mesmo que até aquele momento ele provavelmente nunca havia acreditado de verdade na explicação sobrenatural de Gansey para a linha ley, não de uma maneira que ele tivesse realmente internalizado. Agora, isso era real. A mágica existia, e Adam não sabia quanto isso mudava o mundo.

Por um longo momento, todos encararam silenciosamente a mata como se encarassem um adversário. Gansey passou um dedo sobre o lábio. Blue abraçou a si mesma, apertando os dentes por causa do frio. Até Ronan parecia inquieto. Apenas Noah parecia como de costume, com os braços soltos e os ombros caídos.

— Eu me sinto observada — disse Blue por fim.

Gansey respondeu:

— Leituras altas de campo eletromagnético podem causar isso. Casos de assombração muitas vezes não passam de fiação elétrica velha e exposta. Leituras altas podem fazer uma pessoa se sentir

observada, nervosa, enjoada, apreensiva. Elas brincam com a fiação do cérebro.

Noah inclinou a cabeça bem para trás para olhar para as pontas das árvores que se moviam lentamente. Era o oposto do instinto de Adam — buscar por movimento entre os troncos das árvores.

— Mas elas podem provocar a situação contrária também. Leituras altas podem dar aos espíritos o poder que eles precisam para se manifestar, certo? De maneira que você *tem* mais chances de ser observado ou assombrado justamente quando está se sentindo observado ou assombrado — acrescentou Adam.

Gansey retrucou:

— E a água pode reverter isso, é claro. Pode tornar o campo eletromagnético e a energia sensações positivas.

— Daí — intercedeu Ronan, para não se deixar superar— toda essa bobagem de fontes de cura que circulam por aí.

Blue esfregou os braços.

— Bem, a água está lá dentro, não aqui fora. Vamos entrar?

As árvores suspiraram. Gansey estreitou os olhos.

— Nós fomos convidados? — perguntou Adam.

— Acho que você se convida — respondeu Noah.

Ele foi o primeiro a entrar. Ronan resmungou com raiva, provavelmente porque Noah — *Noah* — tivera mais coragem que qualquer um deles. E mergulhou na mata logo depois.

— Esperem — Gansey olhou para o relógio. — São 4h13. Precisamos lembrar disso mais tarde. — E seguiu Noah e Ronan.

O coração de Adam batia forte. Blue estendeu a mão, e ele a tomou. *Não esmague os dedos dela*, pensou.

E entraram na mata.

Debaixo da copa das árvores, estava ainda mais escuro que no campo. As sombras debaixo delas tinham um tom negro, opaco, e os troncos pareciam pintados de chocolate, carvão e ônix.

— Noah — sussurrou Gansey. — Noah, para onde você foi?

A voz dele surgiu detrás.

— Eu não fui para lugar nenhum.

Adam se voltou, ainda segurando firmemente a mão de Blue, mas não havia nada ali a não ser ramos tremulando na brisa leve.

— O que você viu? — perguntou Gansey. Quando Adam se virou novamente, Noah estava parado um pouco à frente de Gansey: *Brincam com a fiação do cérebro.*

— Nada.

Ronan, uma forma escura curvada a alguns metros de distância, perguntou: — Para onde estamos indo?

Para qualquer lugar a não ser aquela árvore, pensou Adam. *Eu não quero ver aquilo de novo*.

Gansey remexeu na terra em busca de sinais do regato que eles haviam seguido antes.

— De volta ao mesmo caminho, eu acho. Um experimento adequado recria as condições, não é? Mas o regato está mais raso dessa vez. Difícil de ver. Não era longe, era?

Eles tinham caminhado apenas por alguns minutos pelo leito do regato raso quando ficou evidente que a paisagem não era familiar. As árvores eram altas, finas e delgadas, todas inclinadas como em razão de algum vento forte. Grandes rochedos se projetavam sobre o solo pobre. Não havia sinal do leito do regato, do pequeno lago, da árvore sonhadora.

— Fomos direcionados para o lugar errado — disse Gansey.

Seu tom era ao mesmo tempo cortante e acusatório, como se a própria mata tivesse feito isso.

— Além disso — destacou Blue, largando a mão de Adam —, vocês observaram as árvores?

Adam precisou de um instante para se dar conta do que ela estava querendo dizer. Algumas das folhas

que se prendiam aos galhos ainda traziam um tom amarelo-pálido, mas agora era o amarelo do outono, não da primavera. A maioria das folhas que os cercavam trazia o tom verde e vermelho-escuro característico do outono. As folhas caídas a seus pés tinham um tom marrom e laranja, folhas mortas pelo começo do frio de um inverno que não deveria estar próximo.

Adam estava dividido entre o assombro e a ansiedade.

— Gansey — ele disse —, que horas são?

Gansey girou o punho:

— São 5h27. O ponteiro dos segundos ainda está correndo.

Em pouco mais de uma hora, eles tinham caminhado através de duas estações. Adam captou o olhar de Blue, que apenas balançou a cabeça. O que mais havia a fazer?

— Gansey! — chamou Noah. — Tem algo escrito aqui!

Do outro lado de um afloramento de rochas, Noah estava parado perto de um grande bloco de rocha que batia na altura de seu queixo. A face da rocha trazia cortes e deformações e estava estriada com linhas como os esboços da linha ley de Gansey. Noah apontou para algumas dezenas de palavras pintadas na

parte de baixo da pedra. Qualquer que tivesse sido a tinta usada pelo autor, estava gasta e irregular: negra em alguns lugares, de um ameixa profundo em outros.

— Que língua é essa? — perguntou Blue.

Adam e Ronan responderam em uníssono:

— Latim.

Ronan se agachou rapidamente ao lado da rocha.

— O que está escrito? — perguntou Gansey.

Os olhos de Ronan disparavam de um lado para o outro enquanto examinavam o texto. Inesperadamente, ele sorriu com afetação.

— É uma piada. Essa primeira parte. O latim é bem ruim.

— Uma piada? — ecoou Gansey. — Sobre o quê?

— Você não acharia engraçada.

O latim era difícil, e Adam desistiu de tentar ler. Algo naquelas letras, no entanto, o perturbava. Ele não conseguia dizer o quê. A própria forma delas...

Desconfiado, ele perguntou:

— Por que tem uma piada escrita em uma pedra qualquer?

O contentamento deixou o rosto de Ronan. Ele tocou as palavras e tateou as letras. Seu peito arfava sem parar.

— Ronan? — perguntou Gansey.

— É uma piada — respondeu Ronan por fim, sem parar de olhar para as palavras — para caso eu não reconhecesse minha própria letra.

Adam se deu conta de que era aquilo que o incomodava a respeito das palavras. Agora era óbvio que a letra era de Ronan. Só que elas estavam muito fora de contexto, pintadas com um pigmento misterioso, manchado e gasto pelo tempo.

— Eu não entendo — disse Ronan, continuando a traçar e a retraçar as letras. Ele estava realmente abalado.

Gansey se apressou em ajudar. Ele não suportava ver ninguém de sua turma amedrontado. Com a voz firme, como se tivesse certeza, como se estivesse dando uma aula de história geral, disse: — Nós vimos antes como a linha ley brinca com o tempo. Podemos ver agora, mesmo no meu relógio. O tempo é flexível. Você não esteve aqui antes, Ronan, mas isso não quer dizer que não esteve aqui no futuro. Minutos mais tarde. Dias, anos, deixando uma mensagem para você mesmo, escrevendo uma piada de maneira que você acreditasse que foi você. Sabendo que haveria uma chance de que o tempo colocasse você aqui para encontrar essa mensagem.

Muito bem, Gansey, pensou Adam. Ele havia elaborado uma explicação para apoiar Ronan, mas

Adam também se sentiu mais bem amparado. Eles eram exploradores, cientistas, antropólogos de magia histórica. Era isso que eles queriam.

Blue perguntou:

— E o que ela diz após a piada?

— *Arbores loqui latine* — respondeu Ronan. — As árvores falam latim.

A frase não fazia sentido, era um enigma talvez, mas mesmo assim Adam sentiu um arrepio na espinha. Eles olharam de relance para as árvores em volta: estavam cercados por mil tons de verde diferentes, presos a um milhão de garras que se sacudiam com o vento.

— E a última linha? — perguntou Gansey. — A última palavra não parece latim.

— *Nomine appellant* — leu Ronan. — Chame-o pelo nome. — E fez uma pausa. — Cabeswater.



— Cabeswater — repetiu Gansey.

Havia algo mágico a respeito daquela palavra. *Cabeswater*. Algo ancestral e enigmático, uma palavra que não parecia pertencer ao Novo Mundo. Gansey leu o latim na rocha novamente — a tradução parecia óbvia, uma vez que Ronan havia feito a parte pesada do trabalho — e então, como os outros, olhou à sua volta para as árvores que os cercavam.

O que foi que você fez?, ele perguntou a si mesmo. *Para onde você os trouxe?*

— Eu voto para que a gente procure água — disse Blue. — Para que a energia faça o que o Ronan disse que ela faria melhor, seja o que for. E então... acho que devemos dizer algo em latim.

— Parece um bom plano — concordou Gansey, refletindo sobre a estranheza daquele lugar, que uma sugestão tão sem sentido pudesse parecer tão prática.

— A gente devia voltar pelo caminho que viemos ou seguir em frente?

Noah disse:

— Seguir em frente.

Tendo em vista que ele raramente expressava uma opinião, sua palavra reinou. Partindo novamente, eles ficaram num vaivém sobre a própria trilha, à procura de água. À medida que avançavam, as folhas caíam à sua volta, vermelhas e então cinzas, até que as árvores ficaram nuas. Apareceu gelo nas sombras.

— Inverno — disse Adam.

Era impossível, é claro, mas, novamente, tudo que viera antes disso também era. Como quando ele havia passado de carro pelo Lake District com Malory, pensou Gansey. Após um tempo, havia uma quantidade incrível de beleza para processar, e ela se tornara invisível.

Era impossível que fosse inverno. Mas não era mais impossível do que qualquer outra coisa que havia acontecido.

Eles haviam chegado a um agrupamento de salgueiros desfolhados, sobre um ligeiro aclive, e abaixo deles havia a curva de um regato lento e raso. Malory havia dito para Gansey certa vez que onde havia salgueiros, havia água. Salgueiros se propagavam, disse ele, largando sementes em água em

movimento, que então as levava corrente abaixo, permitindo que as árvores criassem raízes em alguma margem distante.

— E tem água — acrescentou Blue.

Gansey se virou para os outros. Sua respiração vinha em nuvens e todos eles pareciam terrivelmente malvestidos para o frio. Mesmo a cor da pele deles parecia errada: bronzeada demais para aquele ar de inverno sem cor. Turistas de outra estação. Gansey percebeu que estava tremendo, mas não sabia se era por causa do frio invernal ou da expectativa.

— Ok — ele disse para Blue. — O que você queria dizer em latim?

Blue se virou para Ronan.

— Você pode dizer simplesmente "oi"? É educado.

Ronan pareceu desgostoso; educado não era seu estilo. Mas disse:

— *Salve*. — Para Blue, ele explicou: — Na verdade, isso quer dizer *Esteja bem*.

— Excelente — ela respondeu. — Pergunte se elas querem falar com a gente.

Agora Ronan parecia ainda mais incomodado, pois isso o fazia parecer ridículo, o que era ainda menos seu estilo, mas ele inclinou a cabeça para trás e disse: — *Loquere tu nobis?*

Eles ficaram parados em silêncio. Um sibilar parecia estar subindo, como se uma brisa ligeira de inverno farfalhasse nas árvores. Mas não havia mais folhas sobrando nos ramos para farfalhar.

— Nada — respondeu Ronan. — O que você esperava?

— Silêncio — ordenou Gansey. Porque agora o sibilar era definitivamente mais que um farfalhar. Agora ele havia se transformado no que soava distintamente como vozes secas, sussurradas. — Vocês estão ouvindo isso?

Todos, menos Noah, balançaram a cabeça.

— Eu estou — disse Noah, para o alívio de Gansey.

Gansey disse:

— Peça para elas falarem de novo.

Ronan pediu.

O farfalhar sibilado veio de novo, e agora parecia óbvio que era uma voz, que nunca haviam sido folhas. Gansey ouviu claramente uma declaração quebradiça em latim. Ele gostaria que tivesse estudado com mais afinco enquanto repetia as palavras foneticamente para Ronan.

— Elas disseram que já estavam falando com você, mas que você não estava ouvindo — disse Ronan, e coçou a parte de trás da cabeça raspada. —

Gansey, você está brincando comigo? Você realmente está ouvindo alguma coisa?

— Você acha que o latim do Gansey é tão bom assim? — respondeu Adam, tenso. — Foi a *sua* letra na pedra, Ronan, que disse que elas falavam latim. Cale a boca.

As árvores sibilaram de novo, e Gansey repetiu as palavras para Ronan. Noah corrigiu um dos verbos que Gansey havia entendido errado.

Os olhos de Ronan se voltaram como dardos para Blue.

— Elas disseram que estão felizes em ver a filha da médium.

— Eu! — exclamou Blue.

As árvores sibilaram uma resposta e Gansey repetiu as palavras.

— Eu não sei o que isso quer dizer — disse Ronan. — Elas também estão felizes em ver mais uma vez... eu não sei que palavra é essa: *Greywaren?* Se é latim, eu não conheço.

Ronan, sussurraram as árvores, *Ronan Lynch*.

— É você — disse Gansey assombrado, sentindo um arrepio. — Ronan Lynch. Elas disseram o seu nome. É *você* que elas estão felizes em ver de novo.

A expressão de Ronan era reservada, seus sentimentos, escondidos.

— *De novo*. — Blue pressionou as mãos contra as faces vermelhas de frio, os olhos arregalados e o rosto transparecendo todo o espanto e a animação que Gansey sentia. — Incrível. As árvores? Incrível.

Adam perguntou:

— Por que só você e o Noah conseguem ouvir?

Em um latim trôpego — mesmo na aula, ele raramente falava latim, e era estranho tentar traduzir pensamentos de palavras que ele conseguia ver escritas na cabeça para palavras faladas —, Gansey disse:

— *Hic gaudemus. Gratias tibi... loquere... loqui pro nobis* — e olhou para Ronan. — Como eu pergunto por que vocês não conseguem ouvir?

— Nossa, Gansey. Se você tivesse prestado atenção em... — Fechando os olhos, Ronan pensou por um momento: — *Cur non te audimus?*

Gansey não precisou de Ronan para traduzir a resposta sussurrada das árvores; o latim era simples o suficiente.

Ele disse em voz alta:

— O caminho não está desperto.

— A... linha ley? — sugeriu Blue. Um pouco triste, acrescentou:

— Mas isso não explica por que só você e o Noah podem ouvir.

As árvores murmuraram: *Si expergefacere via, erimus in debitum*.

— Se você despertar a linha, elas terão uma dívida com você — disse Ronan.

Por um momento, todos ficaram em silêncio, olhando uns para os outros. Era muita coisa para assimilar. Não era somente porque as árvores estavam falando com eles, era porque elas eram seres conscientes, capazes de observar seus movimentos. Eram apenas as árvores naquela mata estranha, ou todas as árvores os observavam? Será que elas sempre haviam tentado falar com eles? Não havia uma maneira de saber, também, se as árvores eram boas ou más, se amavam ou odiavam os humanos, se tinham princípios ou compaixão. Eram como extraterrestres, pensou Gansey. Extraterrestres que tratamos muito mal, por muito tempo. *Se eu fosse uma árvore, não teria nenhum motivo para amar um humano*.

Gansey disse:

— Pergunte se elas sabem onde está o Glendower.

Adam pareceu sobressaltado. Rapidamente, Ronan traduziu a pergunta.

Levou um momento para as vozes sussurradas responderem, e, mais uma vez, Gansey não precisou de tradução.

— Não — disse Gansey. Algo dentro dele havia se apertado e apertado e apertado até ele fazer a pergunta. Ele achava que, ouvindo a resposta, ficaria aliviado, mas não foi assim. Todos olhavam para ele, mas Gansey não sabia por quê. Talvez algo em seu rosto estivesse errado. Parecia errado. Então ele desviou o olhar de todos e disse: — Está muito frio. *Valde frigida*. Onde é a saída? Por favor? *Amabo te, ubi exitum?*

As árvores sussurraram e sibilaram, e Gansey percebeu que ele podia estar errado, que podia ter sido apenas uma voz o tempo inteiro. Ele não estava inteiramente certo de que chegara a ouvi-la alto também, agora que pensava na questão. Era possível que ela tivesse sido dita em sua cabeça o tempo inteiro. Era um pensamento desconcertante, e ele distraiu sua atenção. Noah teve de ajudá-lo a se lembrar de tudo que havia sido dito, e Ronan precisou pensar por um momento muito longo antes que fosse capaz de traduzir.

— Desculpe — disse Ronan. Ele estava se concentrando demais para se lembrar de parecer descolado ou ranzinza. — É difícil. É... elas disseram que precisamos voltar através do ano. Contra... o caminho. A linha. Elas disseram que, se voltarmos ao longo do regato e virarmos à esquerda na grande...

figueira? *Platanus?* Acho que é figueira. Então acharemos algo que elas acreditam que queremos achar. E aí seremos capazes de sair da mata e encontrar o caminho de volta para o nosso... o nosso dia. Sei lá. Tem partes faltando, mas acho que... desculpem.

— Está tudo bem — disse Gansey. — Você está se saindo bem. — Em voz baixa, ele perguntou a Adam: — Você acha que devemos fazer isso? Me ocorreu agora que talvez elas não sejam confiáveis.

O cenho franzido de Adam queria dizer que isso havia lhe ocorrido também, mas ele respondeu:

— Nós temos outra escolha?

— Acho que devemos confiar nelas — disse Blue. — Elas me conheciam, e conheciam o Ronan também. De alguma forma. E a rocha não disse para não confiar nelas. Certo?

Ela tinha razão. A caligrafia de Ronan, com seu grande cuidado para provar sua origem, tinha lhes dado a chave para falar com as árvores, não um aviso.

— Vamos voltar — disse Gansey. — Cuidado para não escorregar. — Então, mais alto, disse: — *Gratias. Reveniemus*.

— O que você disse? — perguntou Blue.

Adam respondeu por ele:

— Obrigado. E que vamos voltar.

Não foi difícil seguir as orientações que Ronan havia traduzido. O regato era largo ali, a água fria e lenta entre duas encostas brancas de gelo. Ele os levou firmemente para baixo, e gradualmente o ar à volta deles começou a aquecer. Folhas vermelhas esparsas marcavam os galhos, e, no momento em que Blue apontou para uma enorme figueira, com o tronco branco e cinza perdendo parte da casca e largo demais para que ela o abraçasse, eles se viram nas mãos pegajosas do verão. As folhas eram vigorosas e verdes, movendo-se e esfregando-se umas nas outras em um constante farfalhar murmurado. Se havia uma voz agora, Gansey não tinha certeza se ele a ouvia.

— Nós pulamos o verão antes — Adam apontou. — Quando viemos pelo outro caminho, fomos direto para o outono.

— Mosquitos mágicos — disse Ronan, dando um tapa no braço. — Que lugar incrível é esse.

Seguindo as orientações da voz, eles viraram à esquerda na figueira enorme. Gansey se perguntou o que as árvores achavam que eles gostariam de encontrar. Ele achava que só havia uma coisa que ele estava procurando.

Então as árvores se abriram em uma clareira de verão, e ficou óbvio o que a voz queria dizer.

Na clareira, inteiramente fora de lugar, havia um carro abandonado. Um Mustang vermelho. O último modelo do Mustang. Num primeiro momento, pareceu que ele estava coberto de lama, mas uma inspeção mais atenta revelou que ele estava, na realidade, coberto por camadas e mais camadas de pólen e folhas caídas. Folhas haviam ficado presas aos montes nas fendas do capô e embaixo do aerofólio, emboladas nos limpadores de para-brisas e em torno dos pneus. Uma muda de árvore crescia debaixo do carro, enrolando-se em torno do para-choque dianteiro. A cena lembrava velhos naufrágios, barcos antigos transformados em barreiras de coral pelos estratagemas do tempo.

Atrás do carro se estendia um caminho tomado completamente pelo mato e que parecia levar para fora dali; aquela devia ser a saída a que as árvores se referiam.

— Espalhafatoso — observou Ronan, chutando um dos pneus. O Mustang tinha pneus enormes, caros, e, agora que Gansey olhou para o carro mais de perto, viu que ele estava cheio de acessórios: aros grandes, aerofólio novo, filme escuro nos vidros, escapamento duplo. *Dinheiro novo*, seu pai teria dito, *queima no bolso*.

— Olhem — disse Adam, passando um dedo sobre a poeira da janela de trás. Ao lado de um

adesivo do Blink-182, havia outro da Aglionby.

— Lógico — disse Blue.

Ronan tentou a porta do motorista, que se abriu. Ele riu uma vez, de maneira cortante:

— Tem um hambúrguer mumificado aqui.

Todos se agruparam em volta dele para ver o interior, mas, fora o hambúrguer seco, meio comido, no banco do passageiro, ainda pousado sobre o embrulho, não havia muito para ver.

Aquele carro também era um enigma, como a voz de Blue no gravador. Gansey sentia como se fosse dirigido especificamente a ele.

— Abra o porta-malas — ele ordenou.

Dentro do porta-malas tinha um casaco e, embaixo dele, uma coleção esquisita de varas e molas. Franzindo o cenho, Gansey retirou o dispositivo e o segurou pela haste maior. As peças se ajeitaram em seus lugares, diversas varas suspensas que se retorciam debaixo da principal, e então ele compreendeu tudo.

— É uma vara de radiestesia.

Ele se virou para Adam, querendo uma verificação.

— Coincidência — disse Adam. É claro, querendo dizer que não era.

Gansey sentiu novamente o que sentira no estacionamento do Nino's, quando Adam o avisara que achava que havia outra pessoa procurando pela linha ley. Então ele percebeu que Blue e Noah não estavam por ali.

— Cadê a Blue e o Noah?

Ao ouvir seu nome, Blue reapareceu, passando por cima de um tronco caído e voltando para a clareira. Ela disse:

— O Noah está passando mal.

— Por quê? — perguntou Gansey. — Ele está doente?

— Vou perguntar — ela respondeu. — Assim que ele terminar de *botar as tripas pra fora*.

Gansey fez uma careta.

— Acho que o Gansey prefere a palavra *expelindo*. Ou *evacuando* — disse Ronan animadamente.

— Acho que *vomitando* é a palavra mais específica neste caso — corrigiu Blue precisamente.

— Vomitando! — disse Ronan despreocupado; isso, finalmente, era algo que ele conhecia. — Onde ele está? Noah! — gritou, afastando-se do Mustang e voltando pelo caminho de que ela tinha vindo.

Blue observou a vara de radiestesia nas mãos de Gansey.

— *Isso* estava no carro? Uma vara de radiestesia!

Ele não deveria ter ficado surpreso que ela soubesse do que se tratava. Mesmo que ela não fosse médium, sua mãe era, e aquela era tecnicamente uma ferramenta do negócio.

— No porta-malas.

— Mas isso significa que outra pessoa estava procurando a linha ley!

Do outro lado do Mustang, Adam passou os dedos pelo pólen na lateral do carro. Ele parecia perturbado.

— E eles acharam que ela era mais importante que o carro.

Gansey olhou de relance para as árvores em volta deles, então para o carro caro. Ao longe, ouviu as vozes baixas de Ronan e Noah.

— Acho melhor a gente ir embora. Precisamos de mais informações.



Quando Blue se aprontou para sair no domingo seguinte, ela estava oficialmente dividida. Domingo era dia de levar os cães para passear. Na realidade, domingos e quintas eram dias de fazer isso, mas Blue havia pedido para não trabalhar nas duas semanas anteriores para acompanhar os garotos, de maneira que fazia um longo tempo que não via seus cães postiços. O problema era que ela estava ficando sem dinheiro e, além disso, a culpa por desobedecer Maura estava finalmente começando a pesar sobre ela. A situação chegara a tal ponto que ela não conseguia olhar a mãe nos olhos durante o jantar, mas era impossível, agora, imaginar abandonar os garotos. Ela tinha de encontrar uma maneira de conciliar as duas coisas.

Mas, primeiro, ela tinha de levar os cães para passear.

Já de saída para Willow Ridge, o telefone da cozinha tocou, e Blue, com um copo de suco de maçã em uma mão e os cadarços do tênis de cano alto na outra, atendeu.

— Alô?

— Eu gostaria de falar com a Blue, por favor, se ela estiver em casa.

Era a inconfundível e educada voz de Gansey, a que ele usava para transformar palha em ouro. Certamente, ele sabia que estava se arriscando ao ligar para a casa dela e, certamente, tinha se preparado para falar com outra pessoa que atendesse. Apesar da crescente suspeita de que seu segredo não duraria, ela não sabia ao certo como se sentia com o fato de que ele podia ter revelado o segredo.

— A Blue está se preparando para levar os cães de outras pessoas para passear — ela disse, largando o suco e amarrando os cadarços do tênis, com o telefone enfiado entre a orelha e o ombro. — E que bom que foi ela que atendeu, e não outra pessoa.

— Eu estava preparado para essa eventualidade — disse Gansey. Era estranho ouvi-lo no telefone; a voz não combinava com o rosto. — De qualquer maneira, que bom que você atendeu. Como vai? Acredito que bem.

Ele não está querendo ser arrogante, Blue disse a si mesma, várias vezes.

— Acreditou certo.

— Ótimo. Escute. O Adam está trabalhando hoje e o Ronan está na igreja com os irmãos, mas eu gostaria de dar uma volta só... para ver as coisas. — E acrescentou rapidamente: — Não na mata. Eu estava pensando em ir até aquela igreja no seu mapa. Você quer...

Ele vacilou. *Gansey* vacilando? Blue levou um momento para perceber que ele estava perguntando se ela queria ir com ele. E levou outro momento para se dar conta de que nunca estivera em qualquer lugar com ele sem os outros garotos.

— Eu preciso levar os cães para passear.

— Ah — ele respondeu, soando vazio. — Tudo bem.

— Mas só vai levar uma hora.

— Ah — ele repetiu, uns catorze tons mais brilhante. — Posso ir te buscar, então?

Blue olhou furtivamente sobre o ombro na direção da sala de estar.

— Ah, não... Eu, humm... te encontro no estacionamento.

— Ótimo — ele disse de novo. — De primeira. Acho que vai ser interessante. Te vejo em uma hora.

De primeira? Gansey sem Adam... Blue não tinha certeza como isso funcionaria. Apesar do interesse hesitante de Adam nela, os garotos pareciam agir como uma unidade, uma única entidade com múltiplas cabeças. Ver qualquer um deles sem a presença dos outros parecia um pouco... perigoso.

Mas não havia outra opção a não ser ir com Gansey. Ela queria explorar tanto quanto ele.

Tão logo ela desligou o telefone, ouviu chamarem seu nome.

— Bluu-uuuu, minha menina, vem aqui!

Era a voz de Maura, e o ritmo cantado na maneira como ela falou era altamente irônico. Com uma sensação de afundamento, Blue seguiu até a sala de estar, onde encontrou Maura, Calla e Persephone bebendo o que Blue suspeitava que fossem drinques de vodca com suco de laranja. Quando ela entrou na sala, as mulheres olharam para ela com sorrisos indolentes. Um bando de leoas.

Blue ergueu as sobrancelhas diante dos coquetéis. A luz da manhã através das janelas transformava os drinques em um amarelo brilhante, translúcido.

— São dez da manhã.

Calla estendeu a mão, fechando o punho de Blue com os dedos, e a arrastou para a namoradeira verde-menta. Seu copo já estava quase vazio.

— É domingo. O que mais vamos fazer?

— *Eu* preciso levar os cães para passear — disse Blue.

Da cadeira com listras azuis do outro lado da sala, Maura bebericou seu drinque e fez uma careta de desagrado.

— Ah, Per*se*phone. Você põe *muita* vodca nesses drinques.

— Eu sempre erro a mão — disse Persephone tristemente de um banco de vime na frente da janela.

Quando Blue começou a se levantar, Maura disse, com um quê de ligeira censura.

— Sente um pouco com a gente, Blue. Fale sobre ontem. E o dia anterior, e o outro. E... ah, vamos falar um pouco sobre essas últimas semanas.

Blue então percebeu que Maura estava furiosa. Ela só a tinha visto assim algumas vezes antes, e essa fúria direcionada a ela fez sua pele ficar instantaneamente fria e úmida.

— Bom, eu estava... — ela deixou a frase inacabada. Uma mentira parecia não fazer sentido.

— Eu não sou seu carrasco — interrompeu Maura. — Eu não vou amarrar você no quarto ou te mandar para um convento, por favor. Então pode parar com essa coisa de sair escondida agora mesmo.

— Eu não ia...

— Ia sim. Eu sou sua mãe desde que você nasceu e posso garantir que você ia. Vejo que você e o Gansey estão se dando bem, não é mesmo? — Maura tinha uma expressão irritante de malícia.

— *Mãe*.

— A Orla me contou do carrão de oito cilindros dele — continuou Maura. Sua voz ainda estava brava e artificialmente animada. O fato de Blue estar bem consciente de que merecia isso tornava a ferroada ainda pior. — Você não está planejando beijar aquele garoto, está?

— Mãe, isso *nunca* vai acontecer — assegurou Blue. — Você *conheceu* ele, não é?

— Eu não sabia que dirigir um Camaro velho e barulhento era o equivalente masculino de vestir camisetas rasgadas e grudar árvores de papelão nas paredes do quarto.

— Acredite em mim — disse Blue. — Eu e o Gansey não somos nem um pouco parecidos. E elas não são de papelão, são de lona reciclada.

— O meio ambiente suspira de alívio. — Maura deu mais um golinho em seu drinque, torceu o nariz e lançou um olhar irado para Persephone, que parecia martirizada. Após uma pausa, Maura observou, com uma voz ligeiramente mais suave: — Eu não fico

muito feliz que você esteja entrando em um carro sem air bags.

— Nem o *nosso* carro tem air bags — destacou Blue.

Maura pegou um longo fio do cabelo de Persephone da borda do copo.

— Sim, mas você sempre sai de bicicleta.

Blue ficou de pé, suspeitando que a penugem verde do sofá havia grudado na parte de trás de sua legging.

— Posso ir agora? Eu estou encrencada?

— Está. Eu disse para você ficar longe dele e você não ficou — disse Maura. — Eu só não decidi ainda o que fazer. Estou magoada. Conversei com várias pessoas, e elas me disseram que eu tenho todo o direito de me sentir assim. Os adolescentes ainda ficam de castigo? Ou isso só acontecia nos anos oitenta?

— Eu vou ficar muito brava se você me colocar de castigo — disse Blue, ainda vacilante com a desaprovação pouco familiar de sua mãe. — Depois não reclame se eu me rebelar e fugir pela janela do quarto numa corda de lençóis.

Sua mãe esfregou uma mão sobre o rosto. Sua ira tinha se consumido completamente.

— Você está bem envolvida nisso, não é? Não demorou muito.

— Se você não me proibir de ver meus amigos, não preciso te desobedecer — sugeriu Blue.

— É isso que você ganha, Maura, por usar o seu DNA para fazer um bebê — disse Calla.

Maura suspirou.

— Blue, eu sei que você não é idiota. Só que às vezes pessoas inteligentes cometem burrices.

Calla resmungou:

— Não seja uma delas.

— Persephone? — perguntou Maura.

Em sua voz pequena, Persephone disse:

— Não tenho nada a acrescentar. — Após um momento de consideração, no entanto, acrescentou: — Se você for dar um soco em alguém, não coloque o polegar dentro da mão. Seria uma pena quebrá-lo.

— Ok — Blue disse apressadamente. — Estou saindo.

— Você poderia ao menos dizer que sente muito — disse Maura. — Finja que eu ainda tenho algum poder sobre você.

Blue não tinha certeza de como reagir àquilo. Maura tinha toda sorte de controle sobre Blue, mas não era normalmente o tipo que vinha com ultimatos ou castigo. Então ela simplesmente disse: —

Desculpa. Eu devia ter te contado que eu ia fazer o que você não queria que eu fizesse.

Maura disse:

— Não era bem isso que eu queria ouvir.

Calla pegou a mão de Blue de novo, e, por um momento, Blue teve medo de que ela pudesse sentir o nível de estranheza que cercava a busca de Gansey. Mas então ela deu o último gole no drinque, antes de dizer com uma voz ronronante: — Com toda essa correria, não esqueça do nosso cinema na sexta à noite, Blue.

— Nosso... cinema... — Blue repetiu.

Calla franziu o cenho.

— Você prometeu.

Por um momento, Blue tentou lembrar quando havia falado sobre uma noite de cinema com Calla, e então se deu conta do que se tratava: a conversa de dias e dias atrás. Sobre revistar o quarto de Neeve.

— Eu esqueci que era esta semana — respondeu Blue.

Maura mexeu o drinque, que ainda parecia praticamente cheio. Ela sempre preferia observar outras pessoas bebendo a fazê-lo ela mesma.

— Que filme?

— *Até os anões começaram pequenos* — respondeu Calla imediatamente. — No original

alemão: *Auch Zwerge haben klein angefangen*.

Maura estremeceu, e Blue não sabia se era por causa do filme ou do sotaque de Calla. Então disse: — Tanto faz. A Neeve e eu vamos sair na sexta à noite.

Calla ergueu uma sobrancelha e Persephone pegou uma ponta do cadarço do tênis.

— O que vocês vão fazer? — perguntou Blue. *Procurar meu pai? Fazer leituras em poças?*

Maura parou de agitar o drinque.

— Não vou sair com o Gansey.

Pelo menos Blue podia ter certeza de que sua mãe nunca mentiria para ela.

Ela simplesmente não diria nada.



— Por que a igreja? — Blue perguntou do banco do passageiro do Camaro. Ela nunca andara na frente antes, e, dali, a sensação de o carro ser alguns milhares de partes voando em uma formação agitada era ainda mais pronunciada.

Gansey, instalado confortavelmente atrás da direção, com óculos escuros caros e *top siders*, respondeu calmamente: — Não sei. Porque ela está na linha, mas não é como... o que quer que Cabeswater seja. Preciso pensar mais sobre Cabeswater antes de voltarmos.

— Porque parece que a gente está entrando na casa de alguém — disse Blue, tentando não olhar para os mocassins de Gansey. Ela se sentia melhor a respeito dele como pessoa se fingisse que ele não os estava usando.

— Exatamente! É exatamente assim que parece — e apontou para ela como tinha apontado para Adam quando este fizera um comentário que ele aprovara. Então colocou a mão de volta na alavanca do câmbio para parar com o barulho.

Na realidade, Blue achava uma ideia excitante que as árvores fossem criaturas pensantes, que elas pudessem falar. Que elas a *conhecessem*.

— Vire aqui! — ordenou Blue, enquanto Gansey quase passava pela igreja arruinada. Com um largo sorriso, ele virou a direção e reduziu algumas marchas. Com apenas alguns ruídos de protesto da borracha, eles conseguiram chegar ao acesso tomado pela vegetação crescida, ao que o porta-luvas se abriu e atirou o que tinha dentro no colo de Blue.

— Aliás, por que você tem esse carro? — ela perguntou. Gansey desligou o motor, mas as pernas dela ainda vibravam com ele.

— Porque é um clássico — ele respondeu formalmente. — Porque é único.

— Mas é uma lata-velha. Eles não fazem clássicos únicos que não... — Blue demonstrou seu argumento tentando fechar sem sucesso o porta-luvas algumas vezes. Nesse instante, enquanto ela recolocava os objetos que estavam ali e batia a tampa, o porta-luvas ejetou novamente o conteúdo em suas pernas.

— Ah, fazem sim — disse Gansey, e ela sentiu uma ponta de irritação em sua voz. Não era raiva, realmente, mas ironia. Ele colocou uma folha de hortelã na boca e saiu do carro.

Blue recolocou os documentos do carro e um velho pacote de carne desidratada no porta-luvas, então inspecionou o outro objeto que havia caído em seu colo. Era um autoinjetor de adrenalina — uma seringa para ressuscitar o coração de uma pessoa no caso de uma reação alérgica grave. Diferentemente da carne, a data de validade ainda não tinha vencido.

— De quem é isso? — ela perguntou.

Gansey já estava fora do carro, segurando o frequencímetro e se alongando como se tivesse dirigido por horas no carro em vez de trinta minutos. Ela observou que ele tinha músculos impressionantes no braço, provavelmente relacionados ao adesivo da equipe de remo Aglionby que ela observara no porta-luvas. Gansey olhou sobre o ombro para ela e respondeu, encerrando a questão: — Meu. Você tem que virar a tranca para a direita para fechar.

Blue guardou o autoinjetor de adrenalina e fechou o porta-luvas.

Do outro lado do carro, ele inclinou a cabeça para trás para dar uma olhada nas nuvens de tempestade: coisas vivas, torres em movimento. Bem ao longe,

elas eram quase da mesma cor que o cume azul das montanhas. A estrada pela qual eles tinham vindo margeava um rio verde-azulado que serpenteava de volta na direção da cidade. A luz indireta do sol era peculiar: quase amarela, espessa com a umidade. Fora os pássaros e o rugido lento e distante dos trovões, não havia nenhum outro barulho.

— Espero que o tempo não vire — ele observou.

Gansey seguiu a passos largos para a igreja arruinada. Blue havia descoberto que era assim que ele chegava aos lugares — a *passos largos*. Caminhar era para pessoas comuns.

Parada ao lado dele, Blue achou a igreja mais sinistra à luz do dia, como sempre achava: crescendo entre paredes arruinadas, em meio a pedaços de telhado caído, com a relva na altura dos joelhos e árvores da altura de Blue, que lutavam pela luz do sol. Não havia provas que um dia haviam existido bancos de igreja, ou qualquer congregação. Havia algo triste e sem sentido a respeito do lugar: morte não seguida de vida.

Blue se lembrou de parar ali com Neeve, todas aquelas semanas atrás. Ela se perguntou se Neeve estava realmente procurando pelo seu pai, e, se estava, o que ela pretendia fazer quando o encontrasse. Blue

pensou nos espíritos caminhando para dentro da igreja e se perguntou se Gansey...

Ele disse:

— Eu sinto que já estive aqui antes.

Blue não sabia o que responder. Ela já havia lhe contado uma meia verdade sobre a véspera do Dia de São Marcos, e não tinha certeza se era certo contar a ele a outra metade. Além disso, Blue não tinha certeza se isso parecia *verdade*. Parada ao lado dele naquele estado muito vivo, ela não conseguia imaginar que Gansey estaria morto em menos de um ano. Ele estava usando uma camisa polo azul-petróleo, e parecia impossível que alguém em uma camisa polo azul-petróleo pudesse morrer de qualquer outra coisa que não uma doença cardíaca aos oitenta e seis anos, possivelmente em uma partida de polo.

Blue perguntou:

— O que o seu medidor de mágica está fazendo agora?

Gansey se voltou para ela. Os nós de seus dedos estavam pálidos, os ossos pressionados através da pele. Luzes vermelhas brilharam ao longo da superfície do medidor.

Ele disse:

— Chegou ao máximo. Como na mata.

Blue examinou o entorno. Muito provavelmente, toda aquela propriedade era privada, mesmo o terreno onde se encontrava a igreja, mas a área atrás dela parecia mais remota.

— Se formos por ali, acho que tem uma probabilidade menor de atirarem na gente por invasão de propriedade. Não tem como não chamar atenção com a sua camisa.

— Ciano é uma cor maravilhosa, e você não vai me deixar constrangido por causa disso — retorquiu Gansey. Sua voz estava um pouco fina, e ele olhou de relance para a igreja mais uma vez. Naquele instante, ele pareceu mais jovem do que jamais antes, os olhos estreitados, o cabelo desarrumado, os traços relaxados. Jovem e, de maneira bastante estranha, temeroso.

Blue pensou: *Eu não posso contar para ele. Eu nunca vou poder contar para ele. Só preciso tentar impedir que aconteça.*

Então Gansey, subitamente charmoso de novo, acenou ligeiramente na direção do seu vestido-túnica roxo.

— Vá na frente, berinjela.

Blue encontrou um pedaço de pau para cutucar o chão a fim de protegê-los das cobras antes que avançassem pela relva. O vento cheirava a chuva, o chão ribombava com os trovões, mas o tempo se

mantinha firme. A máquina nas mãos de Gansey piscava uma cor vermelha constantemente, apenas oscilando para o laranja quando eles pisavam longe demais da linha invisível.

— Obrigado por ter vindo, Jane — disse Gansey.

Blue lhe lançou um olhar fuzilante.

— De nada, *Dick*.

Ele pareceu chateado.

— Por favor, não.

Aquela expressão genuína roubou toda a alegria de usar o seu nome verdadeiro. Ela seguiu caminhando.

— Você é a única que não parece perturbada com essa busca — ele disse, após um momento. — Não é que eu esteja acostumado com isso, mas já vi algumas coisas tão incríveis antes, que acho que eu só... Mas o Ronan, o Adam e o Noah parecem todos... estupefatos.

Blue fingiu que sabia o que *estupefatos* queria dizer.

— Mas eu convivo com isso. Quer dizer, minha mãe é médium. Todas as amigas dela são paranormais. Isto é... bem, não é como se fosse *normal*. Mas é como eu sempre achei que seria ser como elas. Sabe, ver coisas que as outras pessoas não veem.

— Eu passei anos tentando dar um jeito nisso — admitiu Gansey. Havia algo a respeito do timbre da voz dele que surpreendia Blue. Só quando ele falou novamente que ela percebeu que ele estava usando o tom que ela o ouvira usar com Adam. — Passei dezoito meses tentando encontrar a linha de Henrietta.

— Era o que você esperava?

— Eu não sei o que eu esperava. Eu já tinha lido tudo sobre os efeitos da linha, mas nunca achei que eles fossem tão claros. Tão... Nunca esperei as árvores. Nunca esperei que acontecesse tão rápido também. Estou acostumado a conseguir uma pista por mês, então checar todas as possibilidades até que outra apareça. Não isso. — Gansey fez uma pausa e abriu um sorriso largo e generoso. — Isso é tudo por sua causa. Encontrar finalmente a linha. Eu poderia te dar um beijo.

Apesar de ele estar obviamente brincando, Blue se afastou para o lado.

— Por que você fez isso?

Ela perguntou:

— Você acredita em médiuns?

— Bom, eu *fui* a uma, não fui?

— Isso não quer dizer nada. Um monte de gente vai apenas para se divertir.

— Eu fui porque acredito. Bom, eu acredito naqueles que são bons no que fazem. Só acho que tem um monte de charlatões que se deve peneirar para chegar até eles. Por quê?

Blue cravou violentamente o chão com seu pedaço de pau para espantar cobras.

— Porque desde que eu nasci a minha mãe me diz que, se eu beijar meu verdadeiro amor, ele vai morrer.

Gansey riu.

— Não ria, seu... — Blue ia dizer *canalha*, mas pareceu uma palavra forte demais e ela perdeu a coragem.

— Bom, é só aquele tipo de coisa que soa alarmante demais, não é? Não saia com um garoto ou você vai ficar cega. Beije seu verdadeiro amor e ele vai te morder.

— Não foi só ela! — Blue protestou. — Toda médium ou paranormal que eu conheço me diz a mesma coisa. Além disso, minha mãe não é assim. Ela não brincaria com uma coisa dessas. Não é *fingimento*.

— Desculpe — disse Gansey, percebendo que ela estava realmente irritada com ele. — Eu estava sendo um idiota de novo. Você sabe como ele vai morrer, esse cara azarado?

Blue deu de ombros.

— Ah. O diabo está nos detalhes, imagino. Então você simplesmente não beija ninguém por precaução? — ele perguntou e a observou assentir com a cabeça. — Isso me parece cruel, Jane. Não vou mentir.

Ela deu de ombros de novo.

— Eu não conto para as pessoas normalmente. Não sei por que te contei. Não conte para o Adam.

As sobrancelhas de Gansey se espetaram no centro da testa.

— É assim com ele, então?

O rosto dela ficou instantaneamente quente.

— Não. Quer dizer... Não. *Não*. É só que, como não é... como eu não sei... eu prefiro não dar sopa pro azar.

Blue fantasiou que o tempo havia voltado e começado de novo com eles saindo do carro e, em vez de ter essa conversa, eles falavam sobre o clima e quais aulas ele estava fazendo. Parecia que seu rosto jamais pararia de queimar.

A voz de Gansey, quando ele respondeu, soou um pouco dura.

— Bom, se você matasse o Adam, eu ficaria bastante chateado.

— Vou fazer o meu melhor para isso não acontecer.

Por um momento, o silêncio foi desconfortável, então ele disse, com uma voz mais normal: — Obrigado por me contar. Quer dizer, por me confiar algo assim.

Aliviada, Blue respondeu:

— Bom, você me contou como você se sentia em relação ao Ronan e ao Adam e aquela história de estupefatos. Tem só uma coisa que eu ainda quero saber... Por que você está procurando? O Glendower?

Ele sorriu pesarosamente, e por um momento Blue temeu que ele estivesse prestes a virar o Gansey petulante e metido, mas no fim ele apenas disse: — É uma história difícil de resumir.

— Você está numa escola que vai te levar para as melhores universidades do país. Tente.

— Tudo bem. Por onde começar? Talvez... Você viu a seringa de adrenalina. É para picadas. Eu sou alérgico. Muito alérgico.

Blue parou onde estava, alarmada. Marimbondos faziam ninhos no chão, e aquele era um território primordial para eles: áreas sossegadas, próximas de árvores.

— Gansey! Estamos no *campo*. Onde as abelhas vivem!

Ele fez um gesto desdenhoso, como se estivesse ansioso para encerrar aquele assunto.

— Continue cutucando as coisas com seu pedaço de pau e não vai acontecer nada.

— Meu *pedaço de pau*! Nós caminhamos a semana inteira na mata! Isso é terrivelmente...

— Descuidado? — sugeriu Gansey. — A verdade é que não faz nem sentido ter uma seringa de adrenalina. A última que me contaram foi que ela funcionaria apenas se eu fosse picado uma vez, e mesmo assim eles não sabem. Eu tinha quatro anos a primeira vez que fui parar no hospital por causa de uma picada, e as reações só pioraram depois disso. A verdade é essa. É isso ou viver numa bolha.

Blue pensou na carta da Morte e como sua mãe não a havia interpretado realmente para Gansey. Era possível, ela pensou, que a carta não tivesse sido de maneira alguma sobre a tragédia prevista de Gansey, mas, em vez disso, sobre a vida dele, como ele caminhava lado a lado com a morte todos os dias.

Com o pedaço de pau, Blue dava pauladas no chão à frente deles.

— Ok, vá em frente.

Gansey apertou os lábios, então os soltou.

— Bom, sete anos atrás, eu estava em um jantar com meus pais. Não lembro o que era exatamente. Acho que um dos amigos do meu pai tinha sido indicado pelo partido.

— Para o... *Congresso*?

O chão debaixo dos pés deles ou o ar à sua volta vibrou com um trovão.

— Acho que sim. Não lembro. Sabe quando às vezes você não lembra de tudo direito? O Ronan diz que as memórias são como sonhos. Você nunca lembra como chegou até a sala de aula pelado. Enfim, a festa estava chata, eu tinha nove ou dez anos. Estavam todos de vestidinho preto e gravata vermelha, e tinha todas as comidas que você pudesse imaginar, desde que fosse camarão. Alguns meninos começaram a brincar de esconde-esconde. Lembro que eu me achava velho demais para brincar de esconde-esconde, mas não tinha mais nada para fazer.

Blue e ele entraram em um capão estreito de árvores, esparsas o suficiente para que a relva crescesse entre elas, em vez de arbustos. Aquele Gansey, aquele Gansey contador de histórias, era uma pessoa completamente diferente de qualquer uma das outras versões dele que ela havia encontrado. Ela não conseguia *não* ouvir.

— Estava quente como o Hades. Era primavera, mas parecia verão. Primavera na Virgínia, sabe como é. Pesada, de certa maneira. Não tinha sombra no quintal, mas tinha um grande bosque ali perto. Escuro, verde e azul. Era como mergulhar em um lago. Então

eu entrei nele, e era incrível. Em apenas cinco minutos eu não conseguia mais ver a casa.

Blue parou de cutucar o chão.

— Você se perdeu?

Gansey balançou a cabeça um pouco.

— Eu pisei em um ninho. — Seus olhos estavam estreitados daquela maneira que as pessoas fazem quando estão se esforçando para parecer casuais, mas era óbvio que aquela história era qualquer coisa menos casual para ele. — Marimbondos, como você disse. Eles fazem ninhos no chão. Não preciso dizer isso para você. Mas eu não sabia na época. A primeira coisa que eu senti foi uma pequena alfinetada na meia. Achei que tinha pisado num espinho. Tinha uma tonelada deles, aqueles espinhos verdes em forma de chicote. Mas então senti mais uma. Eram umas pontadas tão pequenas, sabe?

Blue se sentiu um pouco enjoada.

Ele continuou:

— Mas então eu senti uma na mão, e quando saltei para longe eu vi os marimbondos. Eles enchiam meus dois braços.

De algum modo, ele a levara até ali, até aquele momento de descoberta. Blue sentia o coração pesado, atingido por uma seta envenenada.

— O que você fez? — ela perguntou.

— Eu sabia que estava morto. Eu sabia que estava morto antes de começar a sentir tudo dar errado no meu corpo. Porque eu tinha ido parar no hospital por causa de uma picada, e aquilo era, tipo, cem picadas. Eles estavam no meu cabelo, dentro dos meus *ouvidos*, Blue.

— Você ficou com medo?

Ele não precisou responder. Blue viu no vazio de seus olhos.

— O que aconteceu?

— Eu morri — ele disse. — Eu senti meu coração parar. Os marimbondos não se importaram. Eles continuavam me picando, mesmo eu já estando morto.

Gansey parou, depois disse:

— Agora vem a parte mais difícil.

— São as minhas favoritas — respondeu Blue. As árvores estavam em silêncio em volta deles; o único som eram os rugidos dos trovões. Após uma pausa, ela acrescentou, um pouco envergonhada: — Desculpe. Não era minha intenção ser... mas a minha vida inteira tem sido a "parte mais difícil". Ninguém acredita no que a minha família faz. Não vou rir.

Ele soltou o ar lentamente.

— Eu ouvi uma voz, um sussurro. Não vou esquecer o que ela disse. Ela disse: "Você vai viver por causa de Glendower. Alguém na linha ley está

morrendo quando não deveria, e assim você vai viver quando não deveria".

Blue estava em absoluto silêncio. O ar os pressionava.

— Eu contei para a Helen. Ela disse que foi uma alucinação. — Gansey afastou do rosto uma trepadeira suspensa. O mato estava ficando mais fechado ali, as árvores mais próximas. Eles provavelmente deviam voltar. Sua voz era peculiar. Formal e determinada. — Não foi uma alucinação.

Aquele era o Gansey que havia escrito o diário. A verdade daquilo, a mágica daquilo, tomou conta dela.

Blue perguntou:

— E isso basta para fazer com que você passe a vida inteira procurando Glendower?

Gansey respondeu:

— Assim que Artur ficou sabendo que o Santo Graal existia, como ele poderia não procurar por ele?

Um trovão rosnou debaixo deles mais uma vez, o rosnar faminto de uma fera invisível.

Blue disse:

— Isso não é realmente uma resposta.

Ele não olhou para ela e respondeu com uma voz terrível:

— Eu *preciso*, Blue.

Todas as luzes no frequencímetro se apagaram.

Igualmente aliviada por estar de volta a um terreno seguro e desapontada por não espiar mais profundamente dentro do Gansey de verdade, Blue tocou a máquina.

— Nós saímos da linha?

Eles recuaram vários metros, mas a máquina não religou.

— A bateria está fraca? — ela sugeriu.

— Eu não sei como verificar. — Gansey a desligou e então a ligou de novo.

Blue estendeu a mão para o leitor. Assim que ela o tomou dele, as luzes irromperam num vermelho muito intenso. Ela o virou de um lado para o outro. Laranja para a esquerda. Vermelho para a direita.

Os dois trocaram um olhar.

— Pegue o leitor de volta — disse Blue.

Mas tão logo Gansey tocou o frequencímetro, as luzes se apagaram de novo. Quando o trovão veio dessa vez, sedutor e crepitante, ela sentiu que ele fazia algo dentro dela tremer, o que não parou após o som ter morrido.

— Eu fico achando que tem que ter uma explicação lógica — disse Gansey. — Mas não encontrei uma a semana inteira.

Blue pensou que provavelmente havia uma explicação lógica, e achou que era isto: Blue tornava

as coisas mais perceptíveis. Só que ela não fazia ideia do que estava amplificando no momento.

O ar estremeceu de novo enquanto um trovão grunhiu. Não havia sinal do sol agora. Tudo que sobrara era o ar verde e pesado em volta deles.

Ele perguntou:

— Para onde ele está nos levando?

Deixando que a luz vermelha sólida os levasse, Blue avançou hesitantemente pelas árvores. Eles tinham caminhado apenas alguns metros quando a máquina apagou de novo. Dessa vez não adiantou trocar de mão e tentar mexer. O leitor não piscou mais.

Os dois pararam com a máquina entre eles, a cabeça baixa próxima uma da outra, olhando em silêncio para o visor escuro.

Blue perguntou:

— E agora?

Gansey olhou para o chão.

— Dê um passo para trás. Tem...

— Ai, meu Deus — exclamou Blue, distanciando-se com um pulo. Então, mais uma vez: — Ai, meu...

Mas ela não conseguiu terminar a frase, pois tinha acabado de tirar o pé de algo que parecia terrivelmente com o osso de um braço humano. Gansey foi o primeiro a se agachar, tirando as folhas do osso. Certamente, debaixo do primeiro osso havia um

segundo. Um relógio sujo envolvia o osso do pulso. Tudo parecia irreal, um esqueleto na mata.

Isso não pode estar acontecendo.

— Ah, não — Blue sussurrou. — Não toque nele. Impressões digitais.

Mas o corpo já estava muito além de impressões digitais. Os ossos estavam limpos como peças de museu, a carne havia caído fazia tempo, restando apenas os farrapos do que quer que a pessoa estivesse vestindo. Tirando cuidadosamente as folhas, Gansey descobriu o esqueleto inteiro. Ele repousava contorcido, uma perna torta para cima, os braços esparramados de cada lado do crânio, o quadro congelado de uma tragédia. O tempo havia poupado determinados elementos e levado outros: o relógio estava ali, mas a mão não. A camisa tinha se consumido, mas a gravata permanecia, ondulada sobre os montes e vales dos ossos das costelas. Os sapatos estavam sujos, mas intactos. As meias também estavam preservadas dentro dos sapatos de couro, como sacos na altura dos tornozelos.

A maçã do rosto estava afundada. Blue se perguntou se fora assim que a pessoa havia morrido.

— Gansey — disse ela, com a voz inexpressiva. — Ele era um garoto. Ele era um garoto da Aglionby.

Ela apontou para a caixa torácica. Amarfanhada entre duas costelas nuas havia uma insígnia da Aglionby, as fibras sintéticas do ornamento impermeáveis ao tempo.

Eles se encararam sobre o corpo. Um raio iluminou o perfil de seus rostos. Blue estava absolutamente consciente do crânio por baixo da pele de Gansey, suas maçãs do rosto tão próximas da superfície, altas e angulosas como aquelas na carta da Morte.

— Precisamos ligar para a polícia — disse ela.

— Espere — ele respondeu. Gansey só precisou de um momento para encontrar uma carteira debaixo do osso do quadril. Era de um couro bom, enlameada e manchada, mas na maior parte inteira. Gansey a abriu, examinando as bordas multicoloridas dos cartões de crédito que se alinhavam de um lado. Ele viu a borda de cima de uma carteira de motorista e a puxou com o polegar.

Blue ouviu a respiração de Gansey presa pelo choque absoluto.

O rosto na carteira de motorista era de Noah.



Às oito da noite, Gansey ligou para Adam na fábrica de trailers.

— Estou indo aí pegar você — disse e desligou.

Ele não disse que era importante, mas aquela foi a primeira vez que ele havia pedido que Adam deixasse o trabalho, então devia ser realmente importante.

Na rua, o Camaro rodava o motor em marcha lenta no estacionamento, com a vibração irregular ecoando pela escuridão. Adam entrou no carro.

— Eu explico quando chegarmos lá — disse Gansey.

Ele engatou a marcha e pisou fundo de tal maneira que os pneus de trás guincharam no asfalto quando eles partiram. Pela expressão de Gansey, Adam achou que algo havia acontecido a Ronan. Talvez, finalmente, *Ronan* houvesse acontecido a Ronan. Mas

não foi para o hospital que eles se dirigiram. O Camaro disparou direto para o terreno do lado de fora da Indústria Monmouth. Juntos, eles subiram os degraus escuros e barulhentos que levavam para o segundo andar. Sob as mãos de Gansey, a porta se escancarou, batendo contra a parede.

— Noah! — ele gritou.

O quarto se estendia sem limite no escuro. Contra as janelas, a Henrietta em miniatura era uma linha falsa da cidade. O despertador de Gansey tocava continuamente, soando um alarme para uma hora que havia passado há muito tempo.

Os dedos de Adam procuraram sem sucesso pelo disjuntor da luz.

Gansey gritou mais uma vez:

— Nós precisamos conversar. Noah!

A porta para o quarto de Ronan se abriu, soltando um facho de luz. Ronan formava uma silhueta no vão da porta, uma mão fechada contra o peito, o filhote de corvo encolhido entre os dedos. Ele tirou um par de fones de ouvido macios e caros dos ouvidos e os enrolou em torno do pescoço.

— Cara, você voltou tarde. Parrish? Achei que você estivesse trabalhando.

Então Ronan não sabia mais do que Adam. Adam sentiu uma ponta de alívio com aquilo, que

rapidamente se extinguiu.

— Eu *estava* — disse ele finalmente, encontrando o disjuntor de luz. O quarto tinha virado um planeta crepuscular, os cantos vivos com sombras de línguas afiadas.

— Onde está o Noah? — demandou Gansey, puxando o cabo de alimentação do despertador da parede para silenciá-lo.

Ronan avaliou o estado de Gansey e ergueu uma sobrancelha.

— Saiu.

— *Não* — disse Gansey, enfático —, ele não saiu. *Noah!*

Ele recuou até o centro do quarto, virando-se para olhar nos cantos, nas vigas, procurando em lugares em que ninguém jamais acharia um colega de quarto. Adam hesitou ao lado da porta. Ele não conseguia entender o que aquilo poderia ter a ver com Noah: Noah, que podia passar despercebido por horas, cujo quarto era intacto, cuja voz nunca se elevava.

Gansey parou de procurar e se virou para Adam.

— Adam — ele demandou —, qual é o sobrenome do Noah?

Antes de Gansey perguntar, Adam sentia como se certamente soubesse. Mas agora a resposta escapou de sua boca e de seus pensamentos inteiramente,

deixando seus lábios entreabertos. Era como se perder a caminho da aula, se perder a caminho de casa, esquecer o número de telefone da Indústria Monmouth.

— Eu não sei — admitiu Adam.

Gansey apontou para o peito de Adam como se estivesse atirando com uma arma ou salientando um ponto.

— É Czerny. Zerny. *Chér-ni*. Qualquer que seja a pronúncia. Noah Czerny. — Jogando a cabeça para trás, ele gritou para o ar: — Eu sei que você está aqui, Noah.

— Cara — observou Ronan. — Você pirou.

— Abra a porta dele — ordenou Gansey. — Me conte o que tem ali.

Com um dar de ombros cortês, Ronan deslizou do vão da porta e virou a maçaneta da porta de Noah. Ela se abriu, revelando o canto de uma cama sempre arrumada.

— Como sempre, parece o quarto de uma freira — disse Ronan. — Ou de um hospício. O que eu estou procurando? Drogas? Garotas? Armas?

— Me diz — perguntou Gansey — que aulas você faz com o Noah.

Ronan bufou.

— Nenhuma.

— Eu também não — respondeu Gansey, olhando para Adam, que balançou a cabeça ligeiramente. — Nem o Adam. Como isso é possível? — Ele não esperou por uma resposta, no entanto. — Quando ele come? Vocês *já* o viram comer?

— Eu não me importo, na verdade — disse Ronan, acariciando a cabeça de Motosserra com um único dedo, que virou o bico para cima em resposta. Foi um momento estranho em uma noite estranha, e, se isso tivesse acontecido no dia anterior, teria chamado a atenção de Adam, pois ele raramente via uma bondade irrefletida como aquela vindo de Ronan.

Gansey disparou perguntas para os dois:

— Ele paga aluguel? Quando ele se mudou para cá? Vocês já se perguntaram sobre isso um dia?

Ronan balançou a cabeça.

— Cara, você realmente saiu da casinha. Qual é o problema?

— Eu passei a tarde com a polícia — disse Gansey. — Fui com a Blue até a igreja...

Agora o ciúme atingiu Adam como uma facada, profunda e inesperada, uma ferida que seguia ardendo, não menos dolorosa por ele não ter certeza do que, precisamente, o tinha atingido.

Gansey continuou:

— Não olhem para mim desse jeito, vocês dois. O fato é o seguinte: nós encontramos um corpo. Apodrecido até os ossos. Vocês sabem de quem era?

Ronan sustentou no seu o olhar firme de Gansey.

Adam sentiu como se tivesse sonhado a resposta para aquela questão.

Atrás deles, a porta para o apartamento subitamente se fechou com violência. Eles se viraram rapidamente para encará-la, mas não havia ninguém ali, apenas a vibração dos cantos dos mapas na parede para mostrar que ela havia se movido.

Os garotos olharam fixamente para o movimento sutil do papel e ouviram o eco da batida.

Não ventava, mas Adam sentiu um arrepio na pele.

— Meu — disse Noah.

Como se fossem um, eles giraram de volta.

Noah estava parado no vão da porta do quarto.

Sua pele era pálida como um pergaminho, e seus olhos, sombreados e fora de foco, como sempre ficavam de noite. Havia a onipresente mancha em seu rosto, só que agora parecia terra, sangue ou possivelmente com um buraco, os ossos esmigalhados por baixo da pele.

A postura de Ronan era rígida.

— Seu quarto estava vazio. Acabei de olhar.

— Eu disse para vocês — Noah falou. — Eu disse para todo mundo.

Adam teve de fechar os olhos por um longo momento.

Gansey parecia finalmente ter recuperado o controle. O que ele precisava da vida eram fatos, coisas que ele pudesse escrever em seu diário, coisas que pudesse citar duas vezes e sublinhar, não importava quão improváveis elas fossem. Adam percebeu que o tempo inteiro Gansey não sabia realmente o que encontraria quando o levara ali. Como ele poderia? Como alguém poderia realmente acreditar...

— Ele está morto — disse Gansey, com os braços cruzados firmemente sobre o peito. — Você está morto, não está?

A voz de Noah soou melancólica.

— Eu *disse* para vocês.

Eles olharam para ele, perto de Ronan. Realmente, ele era bem menos *real* do que Ronan, pensou Adam — aquilo deveria ter sido óbvio. Era absurdo que eles não tivessem notado. Ridículo que não tivessem pensado em seu sobrenome, de onde ele tinha vindo, nas aulas a que ele ia ou deixava de ir. Suas mãos pegajosas, seu quarto intacto, seu rosto manchado

sempre igual. Ele estava morto desde que eles o conheciam.

A realidade era como uma ponte desmoronando debaixo de Adam.

— Que merda, cara — disse Ronan, por fim. E um pouco desesperado: — Todas essas noites que você me encheu sobre te deixar acordado, e você nem precisa dormir!

Adam perguntou com uma voz que mal se ouvia:

— Como você morreu?

Noah virou o rosto.

— Não — disse Gansey, a resolução cristalizada na palavra. — A questão não é essa, é? A questão é: *quem* matou você?

Agora Noah exibia a expressão reclusa que tinha quando algo o deixava desconfortável. O queixo virado, os olhos embaçados e alheios. Subitamente, Adam estava profundamente consciente de que Noah era uma coisa morta e ele não.

— Se você puder me contar — disse Gansey —, eu posso descobrir uma maneira de colocar a polícia no caminho certo.

O queixo de Noah havia encolhido ainda mais, e sua expressão era, de algum modo, negra, as órbitas dos olhos vazias, lembrando uma caveira. Eles

estavam olhando para um garoto? Ou algo que parecia um garoto?

Adam queria dizer: *Não o pressione, Gansey*.

Nas mãos de Ronan, Motosserra começou a gritar. Guinchos desesperados que atravessavam o ar. Era como se não houvesse nada no mundo a não ser o ruído daqueles gritos frenéticos. Parecia impossível que um corpo tão pequeno pudesse fazer um ruído tão grande.

Noah ergueu a cabeça, com os olhos bem abertos e normais. Ele parecia assustado.

Ronan tapou a cabeça do pássaro com uma mão até que ele se acalmou.

Noah disse:

— Eu não quero falar sobre isso.

Seus ombros estavam encolhidos próximos às orelhas, e ele parecia, agora, com o Noah que eles sempre conheceram. O Noah que eles nunca questionaram se era um deles.

Um dos *vivos*.

— Tudo bem — disse Gansey. Então, novamente: — Tudo bem. O que você gostaria de fazer?

— Eu gostaria... — Noah começou, deixando a frase inacabada como ele sempre fazia, sumindo de volta em seu quarto. Isso era o que Noah fazia quando

estava vivo, pensou Adam, ou seria um exercício de estar morto, de tentar manter uma conversa comum?

Ronan e Adam olharam ao mesmo tempo para Gansey. Parecia que não havia mais nada a ser feito ou dito. Até Ronan parecia vencido, com as farpas de sempre escondidas. Até eles terem certeza de quais eram as novas regras, ele também parecia relutante em descobrir como o Noah de outro mundo poderia ser quando provocado.

Desviando o olhar dos outros, Gansey chamou:

— Noah?

O espaço no vão da porta de Noah estava vazio.

Na soleira do quarto, Ronan empurrou a porta, abrindo-a completamente. O cômodo parecia sério e intocado, a cama visivelmente não utilizada.

O mundo zunia à volta de Adam, subitamente carregado de possibilidades, nem todas agradáveis. Ele sentiu como se estivesse sonâmbulo. Nada era verdade até que ele pudesse colocar as mãos nela.

Ronan começou a praguejar de maneira longa, suja e contínua, sem parar para respirar.

Preocupado, Gansey corria o polegar sobre o lábio inferior. Então perguntou a Adam: — O que está acontecendo?

Adam respondeu:

— Estamos sendo assombrados.



Blue estava sofrendo mais do que achou que estaria pelo fato de Noah estar morto. Do contato com a polícia, era claro que ele nunca *estivera* vivo, pelo menos não desde que ela o conhecera, mas mesmo assim ela sentia um curioso pesar em relação à história. Para começar, a presença de Noah em Monmouth mudou distintamente após eles terem descoberto seu corpo. Eles nunca pareciam ter o Noah inteiro novamente: Gansey ouvia a voz dele no estacionamento, ou Blue via sua sombra se projetar ao longo da calçada enquanto ia para Monmouth, ou Ronan encontrava arranhões em sua pele.

Ele sempre fora um fantasma, mas agora estava agindo como um.

— Talvez — sugeriu Adam — seja porque o corpo dele foi tirado da linha ley.

Blue não conseguia parar de pensar no crânio com o rosto afundado e em Noah passando mal ao ver o Mustang. Sem vomitar de verdade. Apenas fazendo as ações envolvidas no ato, porque na verdade ele já estava *morto*.

Ela queria descobrir quem tinha feito aquilo e que apodrecesse em uma cela pelo resto da vida.

Blue estava tão absorta com a tragédia de Noah que quase esqueceu que ela e Calla haviam combinado de fazer uma busca no quarto de Neeve na sexta-feira. Calla devia ter percebido que ela estava distraída, pois deixara um bilhete descaradamente óbvio na geladeira para que Blue visse antes de ir para a escola: BLUE — NÃO SE ESQUEÇA DO FILME HOJE À NOITE. Blue surrupiou o lembrete da geladeira e o enfiou na mochila.

— Blue — disse Neeve.

Ela saltou tão alto quanto possível para um ser humano e girou ao mesmo tempo. Neeve estava sentada à mesa da cozinha, com uma xícara de chá diante dela e um livro na mão. Usava uma camisa creme da mesmíssima cor das cortinas atrás dela.

— Eu não vi você aí! — disse Blue com a voz entrecortada. O bilhete na mochila parecia uma confissão abrasadora.

Neeve sorriu suavemente e colocou o livro de cabeça para baixo.

— Quase não vi você esta semana também.

— Eu... estive... fora... com... amigos. — Entre cada palavra, Blue dizia para si mesma para parar de soar suspeita.

— Eu fiquei sabendo sobre o Gansey — disse Neeve. — Avisei a Maura que não era inteligente tentar manter vocês dois separados. Está escrito claramente que o caminho de vocês vai se cruzar.

— Ah. Hum... Obrigada mesmo.

— Você parece aflita — disse Neeve. Com uma de suas adoráveis mãos, ela bateu de leve no assento da cadeira ao lado dela. — Quer que eu olhe algo para você? Faça uma leitura?

— Ah, obrigada, mas não posso. Tenho que ir para a escola — Blue disse rapidamente. Parte dela se questionou se Neeve perguntava essas coisas por gentileza ou como uma psicologia invertida, porque ela sabia o que Calla e Blue estavam planejando. De qualquer maneira, Blue não queria ter nada a ver com as leituras que Neeve fazia. Juntou suas coisas enquanto ia em direção à porta e fez um meio aceno descuidado por cima do ombro.

Ela tinha avançado apenas alguns passos quando Neeve disse:

— Você está procurando por um deus. Não suspeitou que tinha também um diabo?

Blue congelou no vão da porta. Ela virou a cabeça, sem encará-la realmente.

— Ah, eu não estive xeretando por aí — disse Neeve. — O que você está fazendo é grande o suficiente para que eu veja enquanto estou olhando para outras coisas.

Agora Blue a encarou. A expressão suave de Neeve não havia mudado; suas mãos estavam fechadas em torno da xícara.

— Números são fáceis para mim — disse Neeve. — Eles vieram primeiro. Eu sempre consegui tirá-los do nada. Datas importantes. Números de telefone. São os mais fáceis. Mas a morte vem em segundo lugar. Posso dizer quando alguém a tocou.

Blue segurou firme as alças da mochila. Sua mãe e suas amigas eram estranhas, sim, mas elas *sabiam* que eram estranhas. Sabiam que estavam dizendo algo esquisito. Neeve não parecia ter esse filtro.

Ela respondeu finalmente:

— Ele estava morto fazia tempo.

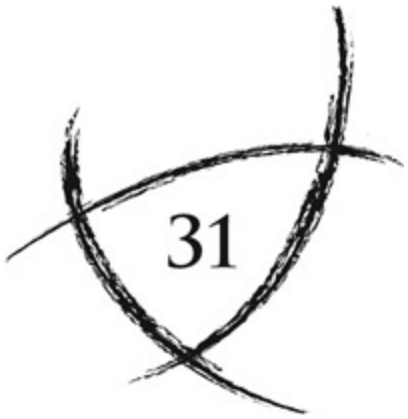
Neeve deu de ombros.

— Haverá mais antes que isso termine.

Sem saber o que dizer, Blue apenas balançou lentamente a cabeça.

— Eu só estou avisando — disse Neeve. — Cuidado com o diabo. Quando há um deus, sempre há

uma legião de diabos.



Pela primeira vez na vida, Adam não estava feliz por ter um dia de folga em Aglionby. Sendo a sexta-feira um dia programado para o expediente dos professores, Gansey fora relutantemente para a casa de seus pais, para o aniversário atrasado de sua mãe; Ronan, grosseiro como sempre, estava bebendo em seu quarto; e Adam estava estudando na mesa de Gansey na Indústria Monmouth, na ausência dele. A escola pública estava tendo aulas normalmente, mas ele sempre podia ter a esperança de que Blue aparecesse mais tarde.

O apartamento passava uma sensação opressiva sem ninguém mais na sala principal. Parte de Adam queria atrair Ronan para fora do quarto para ter companhia, mas a maior parte dele percebia que Ronan estava, à sua maneira desagradável e muda, de luto por Noah. Então Adam permaneceu na mesa de

Gansey, rabiscando uma tarefa de latim, consciente de que a luz que entrava pelas janelas não parecia iluminar as tábuas do chão tão bem como de costume. As sombras se deslocavam e então se demoravam. Adam sentiu o cheiro do vaso de hortelã na mesa de Gansey, mas também sentiu o cheiro de Noah — aquela combinação de desodorante, sabonete e suor.

— Noah — Adam disse para o apartamento vazio. — Você está aqui? Ou está assombrando o Gansey?

Não houve resposta.

Ele olhou para baixo, para o papel. Os verbos em latim pareciam sem sentido, uma linguagem fabricada.

— Podemos consertar isso, Noah? O que quer que tenha deixado você assim, em vez do jeito que era antes?

Adam deu um salto com o barulho de uma batida ao lado da mesa. Ele levou um momento para perceber que o vaso de hortelã de Gansey havia sido varrido para o chão. Um único triângulo do pote de cerâmica havia se quebrado e pousava ao lado de um monte de terra.

— Isso não vai ajudar — disse Adam calmamente, mas ele estava perturbado. Entretanto, ele não tinha certeza do que *ajudaria*. Depois de terem descoberto os ossos de Noah, Gansey havia chamado a polícia para aprofundar a investigação, mas eles não

tinham descoberto muito mais, apenas que Noah tinha desaparecido havia sete anos. Como sempre, Adam havia insistido que fossem reservados, e dessa vez Gansey tinha ouvido, não contando sobre a descoberta do Mustang para a polícia. O carro os levaria a Cabeswater, e isso era complicado demais, público demais.

Ao ouvir uma batida na porta, Adam não respondeu logo em seguida, pensando que fosse Noah novamente. Mas então bateram de novo e surgiu a voz de Declan:

— *Gansey!*

Com um suspiro, Adam ficou de pé, recolocando o vaso de hortelã no lugar antes de ir abrir a porta. Declan estava parado na soleira, sem o uniforme de Aglionby nem o terno de estagiário. Ele parecia uma pessoa diferente de jeans, mesmo que eles fossem impecavelmente escuros e caros. Parecia mais jovem do que Adam normalmente o via.

— Oi, Declan.

— Onde está o Gansey? — Declan demandou.

— Não está aqui.

— Ah, fala sério.

Adam não gostava de ser acusado de mentir. Normalmente ele tinha meios melhores de conseguir o que queria.

— Ele foi para casa, para o aniversário da mãe dele.

— Onde está o meu irmão?

— Não está aqui.

— Agora você está mentindo.

Adam deu de ombros.

— Sim, estou.

Declan avançou para passar por ele, mas Adam estendeu o braço, bloqueando a porta.

— Agora não é uma boa hora. E o Gansey disse que não era uma boa ideia vocês dois conversarem sem ele por perto. E acho que ele está certo.

Declan não recuou. O peito dele pressionava o braço de Adam. Adam sabia apenas isto: não havia a menor possibilidade de que Declan pudesse falar com Ronan naquele momento. Não se Ronan estivesse bebendo, não se Declan já estivesse irado. Sem Gansey ali, certamente haveria uma briga. Essa era a única coisa que importava.

— Você não vai brigar comigo, vai? — perguntou Adam, como se não estivesse nervoso. — Achei que isso era coisa do Ronan, não sua.

A colocação funcionou melhor do que Adam imaginara; Declan imediatamente deu um passo para trás. Do bolso de trás da calça, tirou um envelope

dobrado. Adam reconheceu o timbre da Aglionby no endereço do remetente.

— Ele está sendo expulso — disse Declan, enfiando o envelope na direção de Adam. — Gansey tinha me *prometido* que ia melhorar as notas dele. E isso não aconteceu. Eu confiei no Gansey e ele me decepcionou. Quando ele voltar, diga que ele conseguiu fazer meu irmão ser expulso.

Aquilo era mais do que Adam podia suportar.

— Ah, não — disse ele, esperando que Ronan estivesse ouvindo. — O Ronan fez tudo isso sozinho. Eu não sei quando vocês dois vão perceber que só o Ronan pode resolver essa situação. Algum dia ele vai ter que se virar sozinho. Até esse dia chegar, vocês dois estão perdendo tempo.

Não importava quanto fosse verdadeiro, não havia argumento que Adam Parrish pudesse apresentar, com seu sotaque de Henrietta, que demovesse alguém como Declan.

Adam redobrou o envelope. Gansey ficaria doente com aquilo. Por um brevíssimo momento, Adam considerou não repassar a carta até que fosse tarde demais, mas ele sabia que seu caráter não lhe permitiria fazer isso.

— Fique tranquilo que a carta vai chegar às mãos dele.

— Ele vai embora daqui — disse Declan. — Lembre o Gansey disso. Sem Aglionby, nada de Monmouth.

Então você matou o seu irmão, pensou Adam, porque não podia imaginar Ronan vivendo sob o mesmo teto que Declan. Ele não podia imaginar Ronan vivendo sem Gansey, ponto-final. Mas tudo o que disse foi:

— Vou dizer a ele.

Declan desceu as escadas, e, um momento mais tarde, Adam ouviu o carro dele deixando o estacionamento.

Adam abriu o envelope e lentamente leu a carta que havia dentro. Com um suspiro, retornou à mesa, pegou o telefone que se encontrava ao lado do vaso de hortelã quebrado e digitou o número de memória.

— Gansey?

A várias horas de distância, Gansey estava começando a perder o interesse no aniversário da mãe. A ligação de Adam eliminou o pouco de leveza que ainda havia em seu humor, e não demorou muito para que Helen e a mãe de Gansey se envolvessem em uma conversa educadamente queixosa que elas fingiam não ser sobre o prato que não era de vidro presenteada por

Helen. Durante um diálogo particularmente tenso, Gansey colocou as mãos nos bolsos e saiu para a garagem do pai.

Geralmente, sua casa — uma enorme mansão de pedra nas proximidades de Washington, D.C. — representava uma espécie de conforto nostálgico, mas, naquele dia, Gansey estava sem paciência para ela. Ele só conseguia pensar no esqueleto de Noah, nas notas terríveis de Ronan e nas árvores que falavam latim.

E em Glendower.

Glendower, deitado em sua bela armadura, mal iluminado na escuridão de sua tumba. Na visão de Gansey na árvore, ele parecera tão real. Gansey havia tocado a superfície coberta de pó da armadura, corrido os dedos sobre a ponta da lança que repousava ao lado dele, assoprado o pó da taça envolvida na manopla que cobria a mão direita de Glendower. Quando chegou ao capacete, havia deixado que suas mãos pairassem sobre ele, sem que o tocassem. Aquele era o momento pelo qual estivera esperando, a descoberta, o despertar.

E foi então que sua visão terminou.

Gansey sempre sentira como se existissem dois dele: o Gansey que estava no controle, capaz de lidar com qualquer situação, capaz de falar com qualquer pessoa, e o outro, o Gansey mais frágil, ansioso e

inseguro, embaraçosamente sério, movido por uma aspiração ingênua. Esse segundo Gansey se manifestava dentro dele agora, mais do que nunca, e ele não gostava disso.

Ele apertou o código-chave (o aniversário de Helen) no painel perto da porta da garagem. Esta, tão grande quanto a casa, era toda de pedra, madeira e tetos em arco, um estábulo que abrigava milhares de cavalos cobertos com capas.

Assim como Dick Gansey III, Dick Gansey II também adorava carros velhos, mas, diferentemente de Dick Gansey III, todos os carros do velho Gansey haviam sido restaurados perfeita e elegantemente por especialistas familiarizados com termos como *rotisserie* e *Barrett-Jackson*. A maioria havia sido importada da Europa e muitos tinham a direção do lado direito ou vieram com o manual do proprietário em uma língua estrangeira. E, mais importante, os carros do seu pai eram todos famosos de alguma maneira: tinham sido de uma celebridade, parte da cena de um filme ou se envolvido num acidente de alguém famoso.

Gansey se ajeitou em um Peugeot da cor de um sorvete de creme que provavelmente havia sido de Lindbergh, Hitler ou Marilyn Monroe. Recostando-se no assento, com os pés pousados sobre os pedais,

Gansey percorreu os cartões de visita na carteira com o dedão e por fim ligou para o orientador educacional da escola, sr. Pinter. Enquanto o telefone tocava, Gansey invocou aquela versão controlada de si mesmo que ele sabia que espreitava dentro dele.

— Sr. Pinter? Desculpe ligar para o senhor fora do expediente — disse Gansey, passando a pilha de cartões de crédito e de visita sobre a direção. Todo o interior do carro lhe lembrava bastante a batedeira de sua mãe. O câmbio, pelo jeito, poderia fazer um merengue razoável, quando não estivesse movendo o carro da primeira marcha para a segunda. — Aqui é Richard Gansey.

— Sr. Gansey — disse Pinter, levando um tempo muito longo para dizer as sílabas, durante o qual Gansey o imaginou lutando para colocar um rosto em um nome. Pinter era um homem motivado e metódico que Gansey chamava de "muito tradicional" e que Ronan considerava "uma fábula moral".

— Estou ligando em nome de Ronan Lynch.

— Ah. — Pinter não precisou de tempo para associar um rosto ao nome. — Bem, eu não posso realmente discutir os detalhes da expulsão iminente do sr. Lynch...

— Com todo respeito, sr. Pinter — interrompeu Gansey, absolutamente consciente de que não estava

concedendo respeito algum a ele ao fazer isso. — Não sei ao certo se o senhor sabe da nossa situação específica.

Ele coçou a nuca com um cartão de crédito enquanto explicava o estado emocional frágil de Ronan, as provações agonizantes do sonambulismo, as alegrias reconfortantes da Indústria Monmouth e os avanços que eles haviam alcançado desde que Ronan passara a viver com eles. Gansey concluiu com um resumo de tese sobre sua certeza de quanto sucesso Ronan Lynch teria uma vez que ele encontrasse uma maneira de tapar o buraco, em forma de Niall Lynch, que sangrava em seu coração.

— Eu não estou inteiramente convencido de que o sucesso futuro do sr. Lynch seja do tipo que a Aglionby acalenta — disse Pinter.

— Sr. Pinter — protestou Gansey, apesar de estar inclinado a concordar com ele nesse ponto. E girou a manivela da janela. — A Aglionby tem um corpo discente variado e complexo. Esse é um dos motivos por que meus pais a escolheram para mim.

Na verdade, haviam sido quatro horas de Google e um telefonema persuasivo com seu pai, mas Pinter não precisava saber disso.

— Sr. Gansey, eu estimo sua preocupação com seu ami...

— Irmão — interrompeu Gansey. — Eu passei a ver o Ronan realmente como um irmão. E para os meus pais ele é um filho. Em todos os sentidos da palavra. Emocionalmente, praticamente, *fiscalmente*.

Pinter não disse nada.

— Da última vez que o meu pai visitou a biblioteca da Aglionby, ele achou que ela parecia um pouco desfalcada no departamento de história náutica — disse Gansey, enfiando o cartão de crédito nas saídas de ar para ver até onde ele iria antes de encontrar alguma resistência. Gansey teve de segurar o cartão antes que ele desaparecesse nas entranhas do carro. — Ele percebeu que a biblioteca parecia um... buraco de trinta mil dólares no orçamento.

A voz de Pinter soou um pouco mais grave quando ele disse:

— Creio que o senhor não compreende por que a permanência do sr. Lynch em Aglionby está sendo ameaçada. Ele não faz nenhum caso dos regulamentos da escola e não parece ter nada além de desprezo pelos estudos. Nós demos um desconto para ele considerando suas circunstâncias pessoais extremamente difíceis, mas ele parece esquecer que estudar na Academia Aglionby é um privilégio, e não um fardo. A expulsão dele deverá ser efetivada a partir de segunda-feira.

Gansey se inclinou para frente e descansou a cabeça na direção. *Ronan, Ronan, por quê...*

Ele disse:

— Eu sei que ele está estragando tudo. Sei que ele devia ter sido mandado embora faz tempo. Apenas me dê um tempo, até terminarem as aulas. Eu consigo fazer o Ronan passar nos exames finais.

— Ele não tem ido a *nenhuma* aula, sr. Gansey.

— Eu consigo fazer o Ronan passar nos exames finais.

Por um longo momento houve silêncio. Gansey ouviu o ruído de uma televisão ligada ao fundo.

Finalmente, Pinter disse:

— Ele tem de conseguir B em todos os exames finais. E andar na linha até lá, ou estará fora da Aglionby. É a última chance dele.

Endireitando-se, Gansey soltou o ar.

— Obrigado, senhor.

— E não esqueça o interesse do seu pai na nossa seção de história náutica. Estarei atento.

E Ronan achava que não tinha nada a aprender com Pinter. Gansey sorriu penosamente para o painel, embora estivesse tão longe de se sentir feliz como jamais estivera.

— Os barcos sempre foram parte importante da nossa vida. Obrigado por me atender fora do

expediente.

— Aproveite o fim de semana, sr. Gansey — respondeu Pinter.

Gansey encerrou a chamada e jogou o telefone no painel. Fechou os olhos e suspirou um palavrão. Gansey havia arrastado Ronan pelos exames semestrais. Certamente poderia fazer isso de novo. Ele *tinha* de fazer isso de novo.

O Peugeot balançou quando alguém sentou no banco do passageiro. Por um momento ofegante, Gansey pensou: *Noah?*

Mas então seu pai disse:

— Você está sendo seduzido por essa belezinha francesa? Esse Peugeot faz aquele seu carro parecer bem grosseiro, não?

Gansey abriu os olhos. Ao lado dele, seu pai correu uma palma sobre o painel do carro e então verificou se havia pó. Ele encarou Gansey com os olhos semicerrados, como se pudesse determinar o estado das capacidades mentais e físicas do filho meramente olhando para ele.

— Ele é bacana — disse Gansey. — Mas não faz realmente meu tipo.

— Estou surpreso que a sua lata-velha tenha trazido você até aqui — disse o pai. — Por que você não pega o Suburban para voltar?

— O Camaro está bom.

— Ele cheira a gasolina.

Agora Gansey conseguia imaginar seu pai pondo defeitos no Camaro estacionado na frente da garagem, com as mãos para trás enquanto cheirava se havia vazamentos de óleo e observava os arranhões na pintura.

— Ele está bom, pai. Está *impecável*.

— Duvido — disse o seu pai, em tom amigável. Richard Gansey II raramente se apresentava de outro modo. "Um homem adorável, seu pai", as pessoas diziam a Gansey. "Sempre sorrindo. Nada o tira do sério. Que figura." Essa última parte era porque ele colecionava coisas antigas estranhas, espiava por buracos nas paredes e mantinha um diário de coisas que haviam acontecido no dia 14 de abril de todos os anos desde o começo da história. — Você sabe por que a sua irmã comprou aquele prato de bronze horroroso por três mil dólares? Ela está brava com a sua mãe? Ou é uma brincadeira?

— Ela achou que a mamãe ia gostar.

— Não é *vidro*.

Gansey deu de ombros.

— Eu tentei falar para ela.

Por um momento eles ficaram ali. Seu pai perguntou:

— Você gostaria de dar partida nele?

Gansey não se importava, mas encontrou a chave na ignição e a virou. O motor girou no ato, despertando para a vida obediente, nada como o Camaro.

— Baia quatro, aberta — disse o pai, e a porta da garagem diante deles começou a se abrir automaticamente. Quando ele viu o olhar de Gansey, explicou:

— Eu instalei comandos de voz. O único problema é que, se você gritar muito alto na rua, a porta mais próxima de você vai abrir. Obviamente, isso é ruim para a segurança. Estou trabalhando nisso. Nós tivemos uma tentativa de arrombamento algumas semanas atrás. Eles só conseguiram chegar até o portão da frente. Instalei um sistema com pesos ali.

A porta da garagem se abriu para o Camaro, estacionado bem na frente deles, bloqueando a saída. O Pig era baixo, desafiador e nada sofisticado, em comparação ao Peugeot reservado, contido e sempre sorrindo. Gansey sentiu um súbito e irrepreensível amor por seu carro. Comprá-lo fora a melhor decisão de sua vida.

— Nunca me acostumei com essa coisa — disse o pai de Gansey, olhando para o Pig sem rancor.

Uma vez Gansey ouvira seu pai dizendo: “Por que diabos ele preferiu aquele carro?”, e sua mãe respondendo: “Ah, eu sei por quê”. Um dia ele teria aquela conversa com ela, pois queria saber por que ela achava que ele o havia comprado. Analisar o que o motivara a suportar o Camaro fazia Gansey se sentir perturbado, mas ele sabia que tinha algo a ver com a maneira como dirigir aquele Peugeot perfeitamente restaurado o fazia se sentir. Um carro era um envoltório para o seu conteúdo, ele achava, e, se ele parecesse por dentro como qualquer um dos carros naquela garagem parecia por fora, não poderia viver consigo mesmo. Por fora, ele sabia que parecia bastante com seu pai. Por dentro, Gansey gostaria de parecer mais com o Camaro. O que significava dizer: mais com Adam.

Seu pai perguntou:

— Como está indo na escola?

— Muito bem.

— Qual é sua aula favorita?

— História geral.

— O professor é bom?

— Perfeitamente adequado.

— Como está indo o seu amigo bolsista? Achando as aulas mais difíceis do que na escola pública?

Gansey virou o espelho do lado do motorista, que refletiu o teto.

— O Adam está indo bem.

— Ele deve ser muito inteligente.

— Ele é um gênio — disse Gansey, sem hesitar.

— E o irlandês?

Gansey não conseguiu encontrar forças para elaborar uma mentira envolvendo Ronan. Não logo após ter conversado com Pinter. Só então ele sentiu o peso considerável de ser Gansey, o Jovem. E respondeu: — O Ronan é o Ronan. É difícil para ele sem o pai.

Gansey Sênior não perguntou sobre Noah, e Gansey não conseguiu se lembrar de seu pai ter feito isso um dia. Na realidade, ele não conseguia se lembrar de algum dia ter se referido a Noah para sua família. Ele se perguntou se a polícia ligaria para seus pais a respeito de ele ter achado o corpo. Se ainda não havia ligado, parecia improvável que o fizessem. Eles haviam dado a Gansey e a Blue cartões com o número de um advogado, mas Gansey achava que provavelmente eles precisavam de um outro tipo de ajuda.

— Como está a caçada à linha ley?

Gansey considerou quanto deveria dizer.

— Na verdade fiz alguns avanços que não estavam no programa. Henrietta parece promissora.

— Então as coisas não estão indo mal? Sua irmã disse que você parecia um pouco melancólico.

— *Melancólico?* A Helen é uma idiota.

Seu pai estalou a língua.

— Dick, você não quis dizer isso. Uma questão de escolha de palavras?

Gansey desligou o motor e trocou um olhar com o pai.

— Ela comprou um prato de bronze de aniversário para a mamãe.

Gansey Sênior fez um pequeno ruído que queria dizer que o filho tinha razão.

— Desde que você esteja feliz e se mantendo ocupado... — disse o pai.

— Ah — disse Gansey, pegando o telefone do painel. Sua mente já estava revolvendo como enfiar três meses de estudo no cérebro de Ronan, como devolver Noah à antiga forma, como convencer Adam a deixar a casa dos pais mesmo que Henrietta não parecesse mais um tamanho caso perdido, que esperteza diria para Blue quando a visse de novo. — Estou me mantendo ocupado.



Quando Blue bateu na porta da Indústria Monmouth após a escola, Ronan foi atender.

— Vocês não estavam esperando na rua — disse ela, sentindo-se um pouco constrangida. Após todo aquele tempo, ela nunca tinha entrado ali, e se sentia um pouco como uma invasora meramente por estar parada na escada decrépita. — Achei que talvez vocês não estivessem aqui.

— O Gansey está festejando com a mãe dele — disse Ronan, cheirando a cerveja. — E o Noah está morto. Mas o Parrish está aqui.

— Ronan, deixe a Blue entrar — disse Adam, aparecendo atrás dele. — Oi, Blue. Você nunca entrou aqui, não é?

— É. Eu não devia...

— Não, entre...

Eles se atrapalharam um pouco, e então Blue entrou. A porta se fechou atrás dela, e os dois garotos ficaram observando sua reação cuidadosamente.

Blue olhou em volta, no segundo andar. Parecia a casa de um inventor maluco, um acadêmico obsessivo ou um explorador muito bagunçado; após se encontrar com Gansey, ela estava começando a suspeitar que ele era todas essas coisas. E disse: — Como é o andar de baixo?

— Empoeirado — respondeu Adam, chutando discretamente um par de jeans sujos, com as cuecas ainda enfiadas dentro deles, para fora da linha de visão direta de Blue. — Só concreto, e mais pó e sujeira.

— Fora isso, tem ainda mais pó — disse Ronan, caminhando em direção às duas portas na outra extremidade do andar.

Por um momento, Ronan e Adam esticaram o pescoço, olhando em volta para o amplo espaço, como se eles também o estivessem vendo pela primeira vez. O vasto aposento, avermelhado com o sol da tarde que entrava pelas dezenas de vidraças, era bonito e atulhado de coisas. Lembrava a Blue o sentimento que ela tivera quando vira pela primeira vez o diário de Gansey.

Então, pela primeira vez em dias, ela pensou sobre a visão dos dedos dele pousando em seu rosto.

Blue, me beije.

Por meia respiração, Blue fechou os olhos para reconfigurar os pensamentos.

— Preciso dar comida para a Motosserra — disse Ronan, uma frase que não fez sentido algum para Blue. Ele desapareceu no escritório minúsculo e fechou a porta atrás de si. Um guincho inumano foi emitido lá dentro, o qual Adam não comentou.

— Estamos de folga hoje, obviamente — disse Adam. — Quer ficar por aqui?

Blue olhou à sua volta em busca de um sofá. Seria mais fácil ficar por ali com um sofá. Havia uma cama desfeita no meio do aposento, uma poltrona de couro de aparência bastante cara (o tipo com parafusos de bronze lustrosos segurando o couro) na frente de uma das janelas que iam do chão ao teto, e uma cadeira de escrivaninha com papéis espalhados sobre ela. Mas nada de sofá.

— E o Noah...?

Adam balançou a cabeça.

Blue suspirou. Talvez, ela pensou, Adam estivesse certo a respeito do corpo de Noah. Talvez o fato de tirá-lo da linha ley houvesse roubado sua energia.

— Ele está aqui? — ela perguntou.

— Parece que sim. Não sei.

Blue disse para o ar vazio:

— Você pode usar minha energia, Noah. Se precisar.

A expressão de Adam era enigmática.

— Isso foi corajoso de sua parte.

Blue achava que não; se ela precisasse ser corajosa em relação a isso, ela tinha certeza de que sua mãe não a levaria junto na vigília da igreja.

— Eu gosto de ser útil. Então, você mora aqui também?

Adam balançou a cabeça, com os olhos na extensão de Henrietta do lado de fora das janelas.

— O Gansey gostaria que eu morasse. Ele gosta de ter todas as coisas dele num lugar só. — Sua voz soava um pouco mais amarga, e, após uma pausa, ele acrescentou: — Eu não devia dizer essas coisas. Ele não é mal-intencionado. E nós estamos... é só que este lugar é do Gansey. Tudo aqui é do Gansey. Eu preciso ser um igual, e não conseguiria morando aqui.

— Onde você mora?

A boca de Adam estava muito tensa.

— Num lugar feito para ser deixado.

— Isso não é realmente uma resposta.

— Não é realmente um lugar.

— E seria terrível morar aqui? — ela perguntou, inclinando a cabeça para trás para olhar para o teto lá no alto. O lugar inteiro tinha um cheiro empoeirado,

mas da boa e velha maneira de uma biblioteca ou um museu.

— Sim — respondeu Adam. — Quando eu sair de casa, vai ser para algum lugar que eu mesmo fiz.

— E é por isso que você estuda na Aglionby.

Ele a olhou nos olhos.

— E é por isso que eu estudo na Aglionby.

— Mesmo que você não seja rico.

Ele hesitou.

— Adam, eu não me importo — disse Blue. De forma geral, não foi realmente a frase mais corajosa já dita, mas pareceu corajosa a Blue quando ela a disse. — Eu sei que outras pessoas se importam, mas eu não.

Ele fez uma pequena careta, então inclinou a cabeça, anuindo muito ligeiramente.

— Mesmo que eu não seja rico.

— Uma confissão de verdade — disse Blue. — Eu também não sou rica.

Adam riu alto, e Blue descobriu que estava começando a gostar muito daquela risada que irrompia de dentro dele e parecia surpreendê-lo a cada vez. Ela estava um pouco assustada com a ideia de que estava começando a gostar daquilo.

Ele disse:

— Ei, vem cá. Você vai gostar disso.

Com o piso estalando sob os pés, ele tomou a frente, passando pela escrivaninha até as janelas na outra extremidade. Blue tinha uma sensação de altura vertiginosa ali; aquelas enormes e velhas janelas de fábrica começavam apenas alguns centímetros acima das velhas e largas tábuas, e o primeiro andar era muito mais alto que o primeiro andar da sua casa. Adam se agachou e começou a remexer numa pilha de caixas de papelão encostadas nas janelas.

Finalmente, ele arrastou uma das caixas e gesticulou para que Blue se sentasse ao lado dele. Ela o fez. Adam se endireitou para ficar mais confortável, o osso do seu joelho pressionado contra o de Blue. Ele não estava olhando para ela, mas havia algo na postura dele que traía o reconhecimento de sua presença. Blue engoliu em seco.

— Essas são algumas coisas que o Gansey encontrou — disse Adam. — Coisas que não eram interessantes o suficiente para museus, ou que eles não conseguiam provar a antiguidade, ou que ele não quis passar adiante.

— Nesta caixa? — perguntou Blue.

— Em todas as caixas. Essa é a caixa da Virgínia. — Ele a inclinou de maneira que o conteúdo se esparramou entre eles, com uma quantidade prodigiosa de terra.

— Caixa da Virgínia? Humm... De onde são as outras caixas?

Havia algo de infantil no sorriso dele.

— País de Gales, Peru, Austrália, Montana e outros lugares estranhos.

Blue tirou um galho em forma de garfo da pilha.

— Isso é mais uma varinha de radiestesia?

Embora ela nunca tivesse usado uma, sabia que alguns paranormais a usavam como ferramenta para concentrar sua intuição e os levar na direção de objetos perdidos, cadáveres ou lençóis de água escondidos. Uma versão de tecnologia simples para o frequencímetro bacana de Gansey.

— Acho que sim, mas pode ser apenas um galho. — Adam mostrou a ela uma velha moeda romana. Blue a usou para raspar a poeira secular de um cãozinho esculpido em pedra. Faltava uma perna de trás do cão; a ferida dentada revelava uma pedra mais clara que o resto da superfície encardida.

— Ele parece um pouco faminto — comentou Blue. A estrutura estilizada do cão a fazia lembrar o corvo entalhado na encosta do morro, a cabeça inclinada para trás, o corpo alongado.

Adam pegou uma pedra com um buraco e olhou para ela através dela. A forma da pedra cobria

perfeitamente os últimos resquícios do seu machucado.

Blue escolheu uma pedra que casava com aquela e olhou para ele através do buraco similar. Um lado do seu rosto estava vermelho com a luz da tarde.

— Por que elas estão na caixa?

— A água fez esses buracos — disse Adam. — A água do mar. Mas ele encontrou essas pedras nas montanhas. Acho que ele disse que elas casavam com algumas das pedras que ele encontrou no Reino Unido.

Ele ainda estava olhando para Blue através do buraco, a pedra parecendo um estranho monóculo. Ela observou sua garganta se mover, e então Adam estendeu a mão e tocou seu rosto.

— Você é muito bonita — ele disse.

— É a pedra — ela respondeu de imediato. A pele de Blue estava quente, e a ponta do dedo de Adam tocou apenas o canto de sua boca. — Ela tem propriedades embelezadoras.

Adam tirou delicadamente a pedra da mão dela e a colocou nas tábuas do assoalho entre eles. Entre os dedos, ele envolveu um dos cachos rebeldes junto ao rosto dela.

— Minha mãe costumava dizer: "Não desperdice elogios enquanto eles forem de graça". — O rosto de

Adam estava muito sério. — Esse elogio não era para custar nada, Blue.

Ela brincou com a bainha do vestido, mas não desviou o olhar dele.

— Eu não sei o que dizer quando você fala essas coisas.

— Você pode me dizer se quer que eu continue falando.

Ela estava dividida pelo desejo de encorajá-lo e o temor de aonde aquilo iria levar.

— Eu gosto quando você diz essas coisas.

Adam perguntou:

— Mas o quê?

— Eu não disse *mas*.

— Você ia dizer. Eu ouvi.

Blue olhou para o rosto dele, frágil e estranho por baixo do machucado. Era fácil fazer uma leitura dele como frágil ou problemático, ela pensou, mas ele não era nenhuma das duas coisas. *Noah* era. Mas Adam era apenas calado. Não que lhe faltassem palavras. Ele era observador.

Mas saber essas coisas sobre ele não a ajudava a responder à pergunta: Ela deveria lhe contar sobre o perigo do beijo? Fora tão mais fácil contar para Gansey, quando parecia que realmente não importava. A última coisa que ela queria fazer era assustar Adam

lançando frases como *verdadeiro amor* logo após tê-lo conhecido. Mas se ela *não* dissesse nada, havia uma chance de que ele pudesse roubar um beijo e então ambos teriam problemas.

— Eu gosto quando você diz essas coisas, *mas*... tenho medo de que você me beije — admitiu Blue. Já de saída, parecia um caminho insustentável para se percorrer. Como ele não disse nada na hora, Blue se apressou: — A gente acabou de se conhecer. E eu... eu tenho... eu sou *muito nova*.

Na metade do caminho, Blue perdeu a coragem de explicar a profecia, mas não tinha certeza de qual parte dela sentia que aquela era uma confissão melhor para deixar escapar. *Eu sou muito nova*. Ela se contorceu.

— Isso parece... — Adam buscou as palavras — muito sensato.

O adjetivo preciso que Neeve havia encontrado para Blue logo na primeira semana. Então ela era verdadeiramente sensata. Isso era penoso. Ela sentia como se tivesse trabalhado tanto para parecer o mais excêntrica possível, e ainda assim, quando a avaliavam, ela era *sensata*.

Tanto Adam quanto Blue ergueram o olhar com o som de passos cruzando o piso na direção deles. Era Ronan, segurando algo embaixo do braço. Ele se abaixou cuidadosamente até se sentar de pernas

cruzadas ao lado de Adam e então suspirou pesadamente, como se tivesse sido parte da conversa até aquele ponto e isso o tivesse cansado. Blue estava igualmente aliviada e desapontada com sua presença efetivamente encerrando qualquer conversa sobre beijos.

— Quer segurar? — perguntou Ronan.

Foi então que Blue descobriu que a coisa que Ronan estava segurando estava viva. Por um breve momento, ela se sentiu incapaz de fazer qualquer coisa a não ser contemplar a ironia de que um dos garotos corvos possuía de fato um corvo. Àquela altura, estava claro que Ronan havia decidido que a resposta era não.

— O que você está fazendo? — perguntou Blue, enquanto ele recuava a mão. — Eu quero.

Ela não estava exatamente certa de que queria — o corvo parecia muito frágil —, mas era uma questão de princípios. Blue percebeu, mais uma vez, que estava tentando impressionar Ronan apenas porque era impossível impressioná-lo, mas se consolou com o fato de que pelo menos tudo que estava fazendo em busca de sua aprovação era segurar o filhote de um pássaro. Ronan aninhou o corvo nas mãos dela em concha. O filhote parecia não pesar nada, e sua pele e penas pareciam úmidas onde haviam estado em contato com as mãos de Ronan. O corvo inclinou a

cabeça enorme para trás e arregalou os olhos para Blue e então para Adam, com o bico aberto.

— Como é o nome dela? — perguntou Blue. Segurá-lo era aterrorizante e adorável; era uma vidinha tão pequena, tão frágil, o pulso batendo rapidamente contra a pele de Blue.

Adam respondeu de maneira fulminante:

— Motosserra.

O corvo abriu bem o bico, arregalando mais ainda os olhos.

— Ela quer você de novo — disse Blue, pois era claro que queria. Ronan aceitou o pássaro e acariciou as penas na parte de trás da cabeça dela.

— Você parece um supervilão com seu assistente — disse Adam.

O sorriso de Ronan cortou seu rosto, mas ele parecia mais amável do que Blue já o tinha visto um dia na vida, como se o corvo em sua mão fosse seu coração, finalmente exposto abertamente.

Todos eles ouviram uma porta se abrir do outro lado do aposento. Adam e Blue olharam um para o outro. Ronan baixou a cabeça, só um pouco, como se estivesse esperando um golpe.

Ninguém disse nada enquanto Noah se ajeitava no espaço entre Ronan e Blue. Ele estava como Blue se lembrava dele, os ombros curvados para frente e as

mãos se mexendo inquietamente de um lugar para o outro. A onipresente mancha em seu rosto claramente ficava onde ele havia sido atingido. Quanto mais ela o encarava, mais certa ficava de que estava vendo ao mesmo tempo seu corpo morto e seu corpo vivo. Aquela mancha era a maneira que seu cérebro encontrara para reconciliar esses fatos.

Adam foi o primeiro a dizer alguma coisa.

— Noah — ele levantou o punho.

Após uma pausa, Noah o cumprimentou com um toque de mãos. Então esfregou a nuca.

— Estou me sentindo melhor — ele disse, como se estivesse doente em vez de morto. As coisas da caixa ainda estavam espalhadas por todo o chão, e ele começou a remexê-las. Pegou algo que se parecia com um pedaço de osso talhado; devia ter existido ali um desenho maior, mas tudo que sobrara agora era algo que parecia a borda de uma folha de acanto e possivelmente alguns arabescos. Noah o segurou contra a garganta como um amuleto. Seus olhos não miravam nenhum dos outros dois garotos, mas seu joelho tocava o de Blue.

— Eu gostaria que vocês soubessem — disse Noah, pressionando com força o osso entalhado contra o pomo de adão, como se fosse arrancar as palavras dele — que eu era.... *mais*... quando estava vivo.

Adam mordeu o lábio, procurando por uma resposta. No entanto, Blue achava que sabia o que ele queria dizer. A semelhança de Noah com a foto fingidamente sorridente na carteira de motorista que Gansey havia descoberto era comparável à semelhança de uma fotocópia com uma pintura original. Ela não conseguia imaginar o Noah que ela conhecia dirigindo aquele Mustang envenenado.

— Você é o suficiente agora — disse Blue. — Senti sua falta.

Com um sorriso abatido, Noah estendeu a mão e acariciou o cabelo de Blue, bem como costumava fazer. Ela mal podia sentir seus dedos.

Ronan disse:

— Ei, cara. Todas aquelas vezes que você não me passava a matéria porque dizia que eu devia ir às aulas. Você *nunca* foi às aulas.

— Mas você *ia*, não é, Noah? — Blue interrompeu, pensando no emblema da Aglionby que ela havia encontrado com o corpo. — Você era aluno da Aglionby.

— Sou — disse Noah.

— *Era* — disse Ronan. — Você não vai às aulas.

— Nem você — respondeu Noah.

— E ele está prestes a virar um *era* também — intercedeu Adam.

— *Ok!* — gritou Blue, com as mãos no ar. Ela estava começando a sentir uma profunda sensação de frio, à medida que Noah sugava energia dela. A última coisa que ela queria fazer era ficar completamente exaurida, como havia acontecido no adro da igreja. — A polícia disse que você estava desaparecido há sete anos. É isso mesmo?

Noah piscou os olhos para ela, vago e alarmado.

— Eu não... eu não posso...

Blue ofereceu a mão.

— Pegue minha mão — disse ela. — Quando estou nas leituras com a minha mãe e ela precisa se concentrar, ela segura a minha mão. Talvez ajude.

Hesitante, Noah pegou a mão dela. Quando ele pousou a palma da mão contra a dela, Blue ficou chocada com como ela estava gelada. Não era apenas fria, mas de certa maneira vazia também, uma pele sem pulso.

Noah, por favor, não morra de verdade.

Ele soltou um longo suspiro.

— Meu Deus — disse.

E sua voz soou diferente do que antes. Agora ela soava mais próxima do Noah que ela conhecera, o Noah que havia se passado por um deles. Blue sabia que ela não fora a única a perceber isso, pois Adam e Ronan trocaram intensos olhares.

Ela viu o peito dele arfar, sua respiração se tornar mais regular. Blue realmente não havia notado, antes, se ele estava mesmo respirando.

Noah fechou os olhos. Ele ainda segurava frouxamente o osso entalhado na outra mão, pousada com a palma para cima sobre os mocassins.

— Eu consigo lembrar das minhas notas, a data delas... sete anos atrás.

Sete anos. A polícia estava certa. Eles estavam falando com um garoto que tinha morrido havia sete anos.

— O mesmo ano em que o Gansey foi picado por marimbondos — Adam observou. Então ele disse: — *Você vai viver por causa de Glendower. Alguém na linha ley está morrendo quando não deveria, e assim você vai viver quando não deveria.*

— Coincidência — disse Ronan, porque não era.

Os olhos de Noah ainda estavam fechados.

— Era para ter acontecido alguma coisa com a linha ley. Não lembro o que ele disse que era para ter acontecido.

— Despertar a linha ley — sugeriu Adam.

Noah anuiu, com as pálpebras ainda fechadas. O braço inteiro de Blue estava gelado e insensível.

— É, isso mesmo. Eu não me importava. Era sempre o lance dele, e eu só ia junto porque era algo

para fazer. Eu não sabia que ele ia...

— Esse é o ritual de que o Gansey estava falando — disse Adam para Ronan. — Alguém *tentou*. Com um sacrifício como a maneira simbólica de tocar a linha ley. Você era o sacrifício, não era, Noah? Alguém te matou para isso.

— Meu rosto — disse Noah suavemente e virou o rosto para o lado, pressionando a bochecha arruinada contra o ombro. — Não lembro quando deixei de ser vivo.

Blue estremeceu. A luz do fim da tarde banhando os garotos e o chão lembrava a primavera, mas parecia inverno em seus ossos.

— Mas não funcionou — disse Ronan.

— Eu quase despertei Cabeswater — sussurrou Noah. — Nós estávamos muito perto de fazer isso. Não foi por nada. Mas fico contente que ele nunca o encontrou. Ele não sabe. Ele não sabe onde Cabeswater está.

Blue se arrepiou por dentro, resultado tanto da mão fria de Noah quanto do horror da história. Ela se perguntou se era assim para sua mãe, suas tias e as amigas de sua mãe, quando elas estavam fazendo uma sessão espírita ou uma leitura.

Será que elas seguram as mãos de pessoas mortas?

Ela havia pensado que *morto* era algo mais permanente, ou pelo menos algo mais claramente não vivo. Mas Noah parecia incapaz de ser ambas as coisas.

Ronan disse:

— Tudo bem, é hora de parar com a brincadeira. Quem fez isso, Noah?

No aperto de Blue, a mão de Noah tremeu.

— Sério, cara. Pode falar. Não estou perguntando sobre notas. Estou perguntando quem arrebentou a sua cabeça.

Quando Ronan disse isso, soou como algo irado e sincero, mas era uma ira que também incluía Noah e que, de certa maneira, o tornava culpado.

Havia humilhação em sua voz quando Noah respondeu:

— Nós éramos amigos.

De maneira um tanto mais feroz do que um momento antes, Adam disse:

— Um amigo não mataria você.

— Você não compreende — sussurrou Noah. Blue temia que ele desaparecesse. Ela compreendia que aquilo era um segredo, carregado dentro dele por sete anos, e que ele ainda não queria confessá-lo. — Ele estava transtornado. Tinha perdido tudo. Se ele estivesse pensando direito, não acho que teria... Ele

não queria... Nós éramos amigos como... Vocês têm medo do Gansey?

Os garotos não responderam; não precisavam. O que quer que Gansey fosse para eles, era algo à prova de balas. Novamente, no entanto, Blue viu a vergonha passar rapidamente pela expressão de Adam. O que quer que tenha acontecido entre os dois na visão dele, ainda o preocupava.

— Vamos lá, Noah. Um nome. — Era Ronan, a cabeça aprumada, intenso como seu corvo.

Noah ergueu a cabeça e abriu os olhos. Tirou a mão da de Blue e a colocou no colo. O ar estava frígido em volta deles. O corvo estava encolhido bem no fundo do colo de Ronan, e ele segurava uma mão protetora sobre o pássaro.

Noah disse:

— Mas vocês já sabem.



Estava escuro quando Gansey deixou a casa dos pais. Ele estava cheio da energia angustiada e insatisfeita que ultimamente sempre parecia se instalar em seu coração depois de visitar a casa dos pais. Tinha algo a ver com o conhecimento de que a casa deles não era mais verdadeiramente sua — se é que fora um dia — e com a percepção de que eles não haviam mudado, mas Gansey havia.

Ele baixou a janela e colocou a mão para fora enquanto dirigia. O rádio tinha parado de funcionar novamente, e a única música que se ouvia era a do motor; o Camaro era mais barulhento depois de escurecer.

A conversa com Pinter corroía Gansey por dentro. Suborno. Então era a esse ponto que a coisa havia chegado. Ele desconfiou que o sentimento que possuía

dentro de si era vergonha. Não importava quanto se esforçasse, ele sempre voltava a ser um Gansey.

Mas de que outra maneira conseguiria manter Ronan em Aglionby e em Monmouth? Ele repassou os pontos principais de sua futura conversa com Ronan, e todos eles soaram com coisas a que Ronan não daria atenção. Era tão difícil assim para ele ir às aulas? Quão *difícil* poderia ser passar só mais um ano na escola?

Gansey ainda tinha meia hora de estrada até chegar a Henrietta. Em uma cidadezinha que consistia apenas de um posto de gasolina artificialmente luminoso, Gansey parou no semáforo que ficou vermelho para o cruzamento de um tráfego invisível.

Tudo que Ronan tinha de fazer era ir às aulas, fazer as tarefas, conseguir as notas. E então ele estaria livre e receberia seu dinheiro de Declan e poderia fazer o que bem entendesse.

Gansey conferiu o telefone. Nenhum sinal. Ele queria falar com Adam.

A brisa que entrava pela janela enchia o interior do carro com aromas de folhas e de água, coisas em crescimento e coisas secretas. Mais do que qualquer coisa, Gansey queria passar mais tempo em Cabeswater, mas as aulas tomariam tempo demais na semana seguinte — não poderia haver mais tolerância

para nenhum dos dois após a conversa com Pinter — e, depois da escola, ele tinha de arrastar Ronan para o dever de casa. O mundo estava se abrindo na frente de Gansey, Noah precisava dele e Glendower parecia uma possibilidade novamente. E, em vez de sair à caça e aproveitar a oportunidade, Gansey tinha de dar uma de babysitter. *Maldito* Ronan.

A luz ficou verde. Gansey pisou tão forte no acelerador que os pneus guincharam e fizeram fumaça. O Pig partiu como um foguete. *Maldito* Ronan. Gansey foi passando as marchas, muito rápido. O motor afogando a batida do seu coração. *Maldito* Ronan. O ponteiro subiu no velocímetro e tocou a área de advertência vermelha.

Gansey havia atingido o limite de velocidade. O carro tinha muito mais para dar. O motor se saía bem naquele ar frio, era rápido e descomplicado, e Gansey queria realmente ver o que aconteceria se corresse mais.

Ele se recompôs, soltando um suspiro áspero.

Se tivesse sido Ronan, ele teria seguido em frente. A questão quanto a Ronan era que ele não tinha limites, temores, fronteiras. Se Gansey tivesse sido Ronan, ele teria afundado o pé no acelerador até que a estrada, um policial ou uma árvore o tivessem parado. Ele faltaria à aula no dia seguinte para ver a floresta.

Ele diria a Ronan, caso este se desse o trabalho de ouvi-lo, que ser expulso era problema dele.

Gansey não sabia ser essa pessoa.

Abaixo dele, o Camaro estremeceu abruptamente. Gansey aliviou o acelerador e conferiu todos os medidores mal iluminados, mas nada chamou sua atenção. Logo em seguida, o carro estremeceu de novo e Gansey sabia que estava com problemas.

Ele só teve tempo de encontrar um local ligeiramente plano para parar o carro quando o motor morreu, como havia feito no Dia de São Marcos. Enquanto margeava a estrada abandonada, ele tentou a chave, mas não havia nada.

Gansey se permitiu o prazer escasso de um palavrão suspirado, o pior que ele conhecia, e então saiu do carro e abriu o capô. Adam havia lhe ensinado o básico: mudar as velas de ignição, drenar o óleo. Se houvesse uma correia solta ou a extremidade de uma mangueira recentemente rasgada saindo para fora das entranhas do carro, ele talvez fosse capaz de consertar. Do jeito que estava, o motor era um mistério.

Ele tirou o telefone do bolso de trás e descobriu que só tinha um fiapo de sinal. O suficiente para provocá-lo, mas não para fazer uma ligação. Gansey caminhou ao redor do carro como a Estátua da Liberdade. Nada.

Amargamente, ele se lembrou da sugestão do pai de que pegasse o Suburban para voltar.

Ele não estava certo sobre a distância que havia percorrido desde o posto de gasolina, mas parecia estar próximo do limite de Henrietta. Se começasse a caminhar na direção da cidade, ele poderia conseguir um sinal antes de chegar ao próximo posto. Talvez ele devesse apenas ficar onde estava. Às vezes, quando o Pig parava, começava a funcionar de novo após o motor ter esfriado um pouco.

Mas ele estava agitado demais para ficar parado.

Ele mal tinha terminado de trancar o carro quando luzes de faróis pararam atrás do Camaro, cegando-o. Gansey desviou o rosto e ouviu a porta de um carro bater e passos rangendo sobre o cascalho solto ao lado da estrada.

Por um piscar de olhos, a figura à sua frente não lhe pareceu familiar, um homúnculo em vez de um homem. Então Gansey o reconheceu.

Ele disse:

— Sr. Whelk?

Barrington Whelk usava uma jaqueta escura e tênis de corrida, e havia algo estranho e intenso nos traços exagerados de seu rosto. Era como se ele precisasse fazer uma pergunta, mas não conseguisse achar as palavras.

Ele não disse “Problemas com o carro?” ou “Sr. Gansey?” ou qualquer uma das coisas que Gansey achou que ele poderia dizer.

Em vez disso, lambeu os lábios e soltou:

— Eu quero aquele seu livro. E é melhor me passar o celular também.

Gansey achou que só podia ter ouvido mal, então perguntou:

— Como?

Whelk tirou uma arma pequena, impossivelmente real, do bolso da jaqueta escura.

— Aquele livro que você leva para a aula. E o celular também. Vamos.

De certa maneira, era difícil processar a arma. Era difícil passar da ideia de que Barrington Whelk era um sujeito horripilante de uma maneira a respeito da qual era divertido brincar com Ronan e Adam para a ideia de que Barrington Whelk tinha uma arma e a estava apontando para Gansey.

— Bom — Gansey piscou. — Tudo bem.

Não parecia haver nada mais a dizer. Ele preferia sua vida a quase todos os seus bens, com a possível exceção do Camaro, e Whelk não havia pedido o carro. Gansey passou o celular para Whelk.

— O diário está no carro — explicou.

— Vá pegar — ordenou Whelk, apontando a pistola para o rosto de Gansey.

Gansey destrancou o Camaro.

Na última vez em que o tinha visto, Whelk estava entregando um teste sobre a quarta declinação dos substantivos em latim.

— Nem pense em tentar fugir nessa coisa — disse Whelk.

Não havia ocorrido a Gansey que, se o Camaro estivesse funcionando, fugir seria uma opção.

— Também quero saber por onde você andou esta semana — disse Whelk.

— Perdão? — perguntou Gansey educadamente. Ele estivera remexendo o banco de trás em busca do diário, e os papéis amarfanhados haviam abafado a voz de Whelk.

— Não teste a minha paciência — disparou Whelk. — A polícia ligou para a escola. Não posso acreditar. Depois de sete anos. Agora eles vão fazer um milhão de perguntas e só vão precisar de *dois segundos* para responder a um monte delas com o meu nome. Isso é tudo culpa sua. Sete anos e eu achei que estava... Estou ferrado. Você me ferrou.

Quando Gansey saiu do Camaro com o diário nas mãos, ele se deu conta do que Whelk estava dizendo: Noah. Aquele homem à sua frente havia matado Noah.

Gansey começara a sentir algo em algum ponto de suas entranhas. Ainda não parecia medo. Era algo tenso como uma ponte de cordas. Era a suspeita de que nada mais na vida de Gansey havia sido real, exceto aquele momento.

— Sr. Whelk...

— *Me diz onde você esteve*.

— Nas montanhas, perto de Nethers — disse Gansey, com a voz remota. Era verdade, e, de qualquer maneira, não importava se ele tinha mentido ou não; ele havia incluído as coordenadas do GPS no diário que estava prestes a passar adiante.

— O que você encontrou? Encontrou Glendower?

Gansey se encolheu, e o gesto o surpreendeu. Ele havia se convencido, de alguma forma, de que aquilo estava relacionado a alguma outra coisa, mais lógica. Por isso, ao ouvir o nome de Glendower, ele ficou chocado.

— Não — respondeu Gansey. — Nós encontramos um desenho entalhado no chão.

Whelk estendeu a mão para o diário. Gansey engoliu em seco.

Então perguntou:

— Whelk... senhor... tem certeza que essa é a única maneira?

Ouviu-se um inconfundível e suave clique. Era um som que ele conhecia de tanto assistir a filmes de ação e videogames. Apesar de Gansey nunca o ter ouvido pessoalmente antes, sabia exatamente que som uma pistola fazia quando a trava de segurança era removida.

Whelk colocou o cano da arma na testa de Gansey.

— Não — disse Whelk. — Esta é a outra maneira.

Gansey teve o mesmo sentimento de distanciamento que tivera na Indústria Monmouth olhando para a vespa. Ele viu a realidade imediatamente: uma arma pressionada contra sua pele, acima das sobrancelhas, tão fria a ponto de parecer afiada — e também a possibilidade: o dedo de Whelk puxando para trás, uma bala entrando em seu crânio, a morte em vez do caminho de volta para Henrietta.

O diário pesava em suas mãos. Ele não precisava dele. Gansey sabia tudo que havia ali.

Mas o diário era *ele*. Gansey estava abrindo mão de tudo que havia trabalhado para conquistar.

Vou conseguir um novo.

— Se você tivesse perguntado — disse Gansey —, eu teria contado a você tudo que tem nele. Teria sido um prazer. Não era um segredo.

A arma tremeu contra a testa de Gansey. Whelk disse:

— Não acredito que você está argumentando quando eu tenho uma arma apontada para a sua cabeça. Não acredito que você tenha se dado o trabalho de dizer isso.

— É assim — respondeu Gansey — que você sabe que é verdade. — Ele deixou Whelk tomar o diário.

— Tenho nojo de você — disse Whelk, segurando o livro contra o peito. — Você se acha invencível. Sabe de uma coisa? Eu também achava.

Quando ele disse isso, Gansey soube que Whelk iria matá-lo. Pois não havia como alguém ter tanta raiva e rancor na voz segurando uma arma e não puxar o gatilho.

O rosto de Whelk ficou tenso.

Por um instante, não houve tempo: apenas o espaço entre uma respiração que escapava e outra que acorria.

Sete meses antes, Ronan havia ensinado a Gansey como aplicar um gancho.

Bata com o corpo, não apenas com o punho.

Olhe onde você está socando.

Cotovelo a noventa graus.

Não pense em quanto isso vai doer.

Gansey, repito: não pense em quanto isso vai doer.

E ele golpeou.

Gansey se esqueceu de quase tudo que Ronan havia lhe dito, mas se lembrou de olhar, e foi apenas isso — e um pouco de sorte — que derrubou a arma no cascalho ao lado da estrada.

Whelk deu um grito sem palavras.

Ambos se lançaram sobre a arma. Gansey, caindo sobre um joelho, chutou cegamente na direção dela. Ele ouviu o pé fazer contato com algo. O braço de Whelk primeiro, então algo mais sólido. A arma voou no chão, indo para perto das rodas traseiras do carro, e Gansey chegou tateando até o outro lado do Camaro. A luz dos faróis do carro de Whelk não alcançava aquele lado. Seu único pensamento era encontrar cobertura e ficar imóvel na escuridão.

Havia silêncio do outro lado do carro. Lutando para manter a respiração ofegante sob controle, Gansey encostou o rosto contra o metal quente do Pig. O polegar da mão latejava onde ele havia atingido a arma.

Não respire.

Ao lado da estrada, Whelk praguejava de novo, e de novo, e de novo. O cascalho rangeu quando ele se agachou ao lado do carro. Ele não conseguia encontrar a arma e praguejou de novo.

Longe dali, um motor zuniu. Outro carro, possivelmente vindo naquela direção. Alguém para salvá-lo, ou pelo menos uma testemunha.

Por um momento, Whelk ficou completamente em silêncio, e então, abruptamente, saiu correndo, seus passos desaparecendo na distância à medida que voltava para o próprio carro.

Gansey abaixou a cabeça e espiou embaixo da carroceria do Pig, que dava estalidos enquanto esfriava. Ele viu a silhueta delgada da arma entre os pneus traseiros, iluminada por trás pelos faróis do carro de Whelk.

Gansey não tinha certeza se Whelk estava batendo em retirada ou indo buscar uma lanterna. Recuou mais ainda na escuridão. Então esperou ali, com o coração palpitando nos ouvidos e a grama arranhando seu rosto.

O carro de Whelk acelerou na estrada, rugindo na direção de Henrietta.

O outro carro passou logo depois, sem notar nada.

Gansey ficou deitado na grama por um longo tempo, ouvindo o zunido dos insetos nas árvores à sua volta e os sons da respiração que o Pig emitia enquanto o motor esfriava. O polegar estava começando a doer bastante onde ele havia acertado a

arma. Realmente, Gansey havia escapado com pouco mais que isso. Mas mesmo assim doía.

E o diário. Gansey se sentia ferido: a crônica de seus desejos mais intensos havia sido arrancada dele à força.

Como o carro de Whelk não voltou, Gansey se pôs de pé e foi até o outro lado do Camaro. Ele se ajoelhou e rastejou até onde pôde por baixo do carro, pescando a ponta da arma com o polegar bom. Devagar, acionou a trava de segurança. Gansey podia ouvir a voz de Blue quando eles encontraram o corpo de Noah: *impressões digitais!*

Movimentando-se como em um sonho, Gansey abriu a porta do carro e largou a arma no banco do passageiro. Parecia que em outra noite, em outro carro, outra pessoa havia deixado a casa dos pais.

Ele fechou os olhos e virou a chave.

O Pig tossiu, tossiu, e então o motor pegou.

Ele abriu os olhos, e nada naquela noite parecia ser como antes.

Ligou os faróis e dirigiu de volta para a estrada. Pressionou o pedal do acelerador e testou o motor. Ele se manteve, sem nenhum soluço.

Então ele acelerou fundo e correu na direção de Henrietta. Whelk havia matado Noah, e ele sabia que seu segredo havia sido descoberto. Para onde quer que

ele estivesse indo em seguida, não tinha mais nada a perder.



Blue nunca havia sido uma grande fã do sótão, mesmo antes de Neeve ter se mudado para lá. Numerosas vigas inclinadas do telhado proporcionavam dezenas de oportunidades para bater a cabeça no teto em declive. No piso, tábuas carcomidas e áreas remendadas com compensados cheios de farpas eram inimigas de pés descalços. O verão transformava o sótão em um inferno. Além disso, geralmente não havia nada lá a não ser poeira e vespas. Maura era uma não acumuladora convicta e, assim, qualquer coisa que não fosse usada era doada para os vizinhos ou para uma instituição de caridade. Realmente, não havia nenhuma razão para visitar o sótão.

Até aquele momento.

Como estava ficando tarde, Blue havia deixado Ronan, Adam e Noah para trás para discutir se era possível implicar o professor de latim dos garotos na

morte de Noah e se a polícia já não tinha estabelecido um elo. Adam havia ligado apenas cinco minutos após ela ter chegado em casa para lhe contar que Noah havia desaparecido no instante em que ela partira.

Então era verdade. Ela realmente *era* a mesa no Starbucks que todos queriam.

— Acho que temos uma hora — disse Calla enquanto Blue abria a porta do sótão. — Elas devem voltar lá pelas onze. Eu vou primeiro. Caso...

Blue ergueu uma sobrancelha.

— O que você acha que ela tem lá em cima?

— Eu não sei.

— Furões?

— Não seja ridícula.

— Magos?

Calla se esgueirou para passar por Blue e começou a subir os degraus. A única lâmpada que iluminava o sótão não ia longe escada abaixo.

— Isso é mais provável. Nossa, que *cheiro*.

— São os furões.

Do alto da escada, Calla lançou um olhar para Blue que ela suspeitou ser mais perigoso que qualquer coisa que elas encontrariam no sótão. No entanto, Calla estava certa. O ar que se movia lentamente à volta delas era um tanto fétido; Blue não conseguia

dizer ao certo qual era o cheiro, embora ele lembrasse coisas familiares, como pés e cebolas podres.

— Cheira a enxofre — disse Blue. — Ou a um defunto.

Pensando na voz terrível vinda da boca de Neeve antes, ela não se surpreenderia com nenhum dos dois.

— Cheira a assa-fétida — corrigiu Calla gravemente.

— O que é isso?

— Algo que fica delicioso no curry, e algo que é muito útil na bruxaria.

Blue tentou respirar pela boca. Era difícil imaginar alguma coisa que cheirava a pé de defunto sendo delicioso em qualquer coisa.

— Qual dos dois você acha que é?

Calla havia chegado ao topo da escada.

— Não é o curry — disse ela.

Agora que Blue estava no alto da escada, pôde ver que Neeve havia transformado o sótão em algo bem diferente do que ela lembrava. Um colchão coberto com tapetinhos estava no chão. Em torno do aposento, velas apagadas de diferentes alturas, tigelas escuras e copos de água estavam reunidos em grupos. Uma fita adesiva colorida desenhava padrões no chão entre alguns dos objetos. Ao lado dos pés de Blue, o talo de uma planta meio queimada repousava sobre um prato

coberto de cinzas. Em uma das trapeiras estreitas, dois espelhos de corpo inteiro estavam colocados frente a frente, refletindo imagens espelhadas de um para o outro, *in perpetuum*.

Também estava frio. O sótão não deveria estar frio após o calor do dia.

— Não toque em nada — Calla disse a Blue. O que Blue achou irônico, considerando o motivo pelo qual elas tinham vindo.

Blue não tocou em nada, mas avançou aposento adentro, examinando uma estátua pequena de uma mulher com olhos na barriga. O sótão inteiro estava lhe deixando com uma sensação de formigamento.

— Ela deve estar fazendo um monte de curry.

Atrás delas, os degraus rangeram, e tanto Calla quanto Blue deram um salto.

— Posso subir? — perguntou Persephone. Era uma pergunta irrelevante, pois ela já tinha subido. Usando uma túnica de renda que Blue havia feito para ela, Persephone parou no alto da escada. Seu cabelo estava amarrado firmemente, o que sinalizava que ela não estava com medo de sujar as mãos.

— *Persephone* — bradou Calla, superando o susto, mas com raiva por ter ficado chocada. — Você devia fazer algum barulho quando entrasse num quarto.

— Eu deixei a escada ranger — salientou Persephone. — A Maura disse que vai voltar à meia-noite, então estejam prontas até lá.

— Ela sabe? — perguntaram Blue e Calla em uníssono.

Persephone se agachou para examinar uma máscara de couro preta com um longo bico pontudo.

— Vocês não acharam que ela tinha acreditado na história do filme dos anões, acharam?

Calla e Blue trocaram um olhar. Blue refletiu sobre o que aquilo queria dizer: que Maura queria saber mais sobre Neeve, tanto quanto elas.

Blue perguntou:

— Antes de começarmos, você vai explicar o que a Neeve *disse* que estava fazendo aqui em Henrietta?

Calla caminhou pelo aposento esfregando as mãos, como se estivesse se aquecendo ou planejando o que pegar primeiro. — Isso é fácil. A sua mãe chamou a Neeve aqui para encontrar o seu pai.

— Bem — corrigiu Persephone —, isso não é totalmente verdade. A Maura me disse que a Neeve a procurou primeiro. A Neeve disse que talvez fosse capaz de encontrá-lo.

— Do nada? — Calla perguntou, pegando uma vela. — Parece estranho.

Blue cruzou os braços.

— Ainda faltam muitos detalhes.

Calla passou a vela da mão esquerda para a direita. — Basicamente, o seu pai apareceu dezoito anos atrás, roubou o coração da Maura, a tornou uma amiga absolutamente inútil por um ano, a engravidou e então desapareceu depois que você nasceu. Ele era bonito e cheio de segredos, então presumi que fosse um pobretão que morava em um trailer e tinha ficha na polícia.

— *Calla!* — Persephone a advertiu.

— Isso não me incomoda — respondeu Blue. Como ela poderia se incomodar com o passado de um estranho? — Eu só quero saber os fatos.

Persephone balançou a cabeça. — Você precisa ser tão sensata?

Blue deu de ombros e perguntou a Calla:

— O que a vela está lhe dizendo?

Com a vela distante do corpo, Calla semicerrou os olhos. — Apenas que ela foi usada para uma leitura. Para localizar objetos, que é o que eu esperaria.

Enquanto Calla remexia em mais coisas, Blue pensou no que ela havia acabado de saber sobre seu pai e se deu conta de que mantinha o mesmo carinho infundado por ele. Ela também gostou de saber que ele era bonito. E disse: — Eu ouvi minha mãe dizer para a Neeve procurar meu pai como uma busca online.

— Acho que sim — disse Calla. — Era apenas uma curiosidade. Ela não estava querendo encontrá-lo de verdade.

— Ah — murmurou Persephone —, não tenho tanta certeza.

Isso fez os ouvidos de Blue formigarem com interesse.

— Espere, você acha que a minha mãe ainda está apaixonada por... ele tem um nome?

— Filhote — respondeu Calla, e Persephone deu uma risadinha, claramente se lembrando de Maura cega de paixão.

— Eu me recuso a acreditar que minha mãe um dia chamou um homem de *filhote* — disse Blue.

— Ah, mas ela chamou. E também de *amor*. — Calla pegou uma tigela vazia. Havia uma crosta no fundo, como se ela tivesse contido um dia um líquido relativamente espesso. Como pudim. Ou sangue. — E *chuchu*.

— Você está *inventando* isso. — Blue estava envergonhada por sua mãe.

Persephone, um pouco vermelha por tentar não rir, balançou a cabeça. Grandes madeixas de cabelo escaparam do nó, fazendo-a parecer que havia escapado de um tornado. — Temo que não.

— Por que alguém *chamaria* uma pessoa...

Virando-se para Blue com as sobrancelhas extremamente desalinhadas, Calla disse: — Use sua imaginação — e Persephone não se conteve e explodiu em um acesso de riso.

Blue cruzou os braços. — Ah, é mesmo? — Sua seriedade só serviu para dissipar qualquer autocontrole que as duas mulheres ainda tivessem. Rindo sem parar, elas começaram a trocar outros nomes carinhosos que Maura aparentemente havia cunhado dezoito anos atrás.

— Senhoras — disse Blue num tom sério. — Temos apenas quarenta e cinco minutos. Calla, toque naquilo — e apontou para os espelhos. De todas as coisas esquisitas no aposento, Blue achou os espelhos as mais horripilantes, e essa parecia uma razão tão boa quanto qualquer outra para tentá-los.

Engolindo uma risada, Calla se dirigiu até os espelhos. Havia algo angustiante a respeito da absoluta impraticabilidade de duas superfícies refletoras apontadas apenas uma para a outra.

— Não fique entre eles — avisou Persephone.

— Não sou idiota — rebateu Calla.

Blue perguntou:

— Por quê?

— Vai saber o que ela faz com eles. Não quero que a minha alma seja colocada em uma garrafa em

outra dimensão ou algo assim. — Calla segurou a borda do espelho mais próximo, tomando cuidado para ficar fora do campo de visão do outro. Franzindo o cenho, estendeu sem jeito uma mão na direção de Blue, que prestativamente deu um passo à frente para permitir que Calla pressionasse os dedos em seu ombro.

Um momento se passou em silêncio, exceto pelo barulho dos insetos do lado de fora da janela.

— Nossa pequena Neeve é ambiciosa — resmungou Calla finalmente, aumentando a intensidade do aperto dos dedos em Blue e no espelho. — Pelo visto sua fama não é o bastante para ela. Programas de TV são para joões-ninguém.

— Não seja sarcástica, Calla — disse Persephone. — Nos conte o que você está vendo.

— Eu a vejo usando aquela máscara negra ali, parada entre estes espelhos. Eu a vejo de costas em qualquer direção, pois ela tem quatro espelhos. Dois outros espelhos grandes atrás de cada um desses. Posso vê-la em cada um dos quatro espelhos, e ela está usando a máscara em todos eles, mas parece diferente em cada um. Está mais magra em um deles, e vestida de preto em outro. A pele dela parece esquisita em mais um. Não sei direito o que são... Podem ser possibilidades. — Calla parou, e Blue

sentiu um ligeiro arrepio com a ideia de quatro Neeves. — Me traga a máscara. Não, você não, Blue, fique aqui. Persephone...?

Persephone buscou a máscara animadamente. Mais uma vez, houve uma pausa enquanto Calla lia o objeto, os nós dos dedos brancos com a pressão.

— Ela estava decepcionada quando comprou isso — disse Calla. — Tinha recebido uma crítica ruim, eu acho, de um de seus livros? Ou de um de seus programas? Não. Ela tinha visto os números de um ou do outro, e eles foram decepcionantes. Eu definitivamente vejo os números, e é isso que ela estava pensando quando comprou a máscara. Ela estava se comparando com Leila Polotsky.

— Quem é ela? — perguntou Blue.

— Uma médium mais famosa que a Neeve — disse Calla.

— Eu não sabia que isso era possível — respondeu Blue. Um programa de televisão e quatro livros pareciam o ápice a que qualquer médium poderia almejar em um mundo descrente.

— Ah, é muito possível — disse Calla. — Pergunte a Persephone.

— Não sei não — disse Persephone. Blue não tinha certeza se ela estava falando sobre ser famosa ou sobre perguntar a ela.

Calla seguiu em frente:

— Seja como for, nossa querida Neeve gostaria de viajar o mundo e conquistar algum respeito. E essa máscara a ajuda a visualizar isso.

— O que isso tem a ver com ela estar aqui? — perguntou Blue.

— Ainda não sei. Preciso de um objeto melhor. — Calla soltou o espelho e retornou a máscara ao gancho na parede.

Elas bisbilhotaram o quarto. Blue encontrou um chicote feito de três varas amarradas com uma fita vermelha e uma máscara da mesma cor fazendo par com a preta. Próximo da janela, encontrou a fonte do cheiro horroroso: um saquinho de pano com algo costurado.

Ela passou o saco para Calla, que o segurou por apenas um momento antes de dizer desdenhosamente:

— É a assa-fétida. É apenas um amuleto de proteção. Ela ficou assustada com um sonho e fez isso.

Persephone se agachou e pairou as mãos sobre uma das tigelas. O modo como ela mantinha as palmas abertas e os dedos mal se movendo fez Blue se lembrar de Gansey com a mão sobre o lago raso de água em Cabeswater. Persephone disse:

— Tem muita incerteza em tudo isso, não tem? É isso que eu sinto. Talvez a questão seja simples assim: ela veio para ajudar a Maura, mas está se deixando levar um pouco por Henrietta.

— Por causa do caminho dos mortos? — perguntou Blue. — Eu peguei a Neeve fazendo uma leitura no meio da noite e ela me disse que o caminho dos mortos tornava fácil ser médium aqui.

Calla sorriu com pouco caso antes de começar a remexer nas coisas ao lado da cama.

— Mais fácil e mais difícil — disse Persephone. — A cidade tem bastante energia, então é como ter você no quarto o tempo inteiro. Mas também é como os seus garotos. Bastante ruidoso.

Meus garotos!, pensou Blue, primeiro ofendida, depois lisonjeada, então ofendida de novo.

Persephone perguntou:

— Calla, o que você está descobrindo?

Calla estava de costas para elas quando respondeu.

— Onze meses atrás, um homem telefonou para Neeve para perguntar se podia trazê-la a Henrietta com todas as despesas pagas. Enquanto ela estivesse aqui, deveria usar qualquer meio à sua disposição para apontar com precisão uma linha ley e um "lugar de poder" que ele sabia estar próximo, mas não conseguia encontrar. Ela disse a ele que não estava interessada,

mas depois decidiu que poderia investigar essa possibilidade sozinha. A Neeve achou que a Maura a deixaria ficar na cidade se ela oferecesse ajuda para encontrar seu antigo namorado.

Persephone e Blue tinham a mesma expressão de espanto.

— Isso é incrível! — disse Blue.

Calla se virou. Estava segurando um pequeno caderno de notas, que acenou para elas.

— *Esta* é a agenda da Neeve.

— Que tecnologia — suspirou Persephone. — Acho que ouvi um carro. Já volto.

Enquanto ela descia com cuidado os degraus, tão silenciosamente quanto havia subido, Blue se aproximou discretamente de Calla, erguendo o queixo sobre o ombro dela, para poder ver por si mesma a agenda.

— Onde diz tudo isso?

Calla folheou as páginas com a caligrafia de Neeve e mostrou a Blue as páginas de anotações rotineiras sobre horas de consultas, datas finais de publicações e datas de almoços. Então chegou às anotações relativas ao telefonema do homem de Henrietta. Era tudo como Calla havia dito, com uma exceção notável. Neeve também tinha anotado o nome e o número de telefone do homem.

Todos os músculos de Blue se afrouxaram.

Porque o nome do homem que havia ligado para Neeve meses atrás era bastante peculiar, e Blue, àquela altura, o conhecia muito bem: Barrington Whelk.

Atrás delas, o único degrau rangeu de novo. Persephone disse algo parecido com um *ãhã*.

— Isso foi um pouco sinistro — disse Calla, se virando.

As mãos de Persephone estavam unidas diante dela. — Tenho duas notícias ruins — e se virou para Blue. — Em primeiro lugar, seus garotos corvos estão aqui, e um deles parece ter quebrado o polegar em uma arma.

Atrás de Persephone, houve outro rangido quando uma segunda pessoa subiu a escada. Blue e Calla se contraíram ligeiramente enquanto Neeve aparecia ao lado de Persephone, com o olhar eterno e inabalável.

— Em segundo lugar — acrescentou Persephone —, Neeve e Maura chegaram mais cedo.



A cozinha estava bastante cheia. Para começo de conversa, nunca fora uma cozinha grande, e, quando três garotos, quatro mulheres e Blue estavam ali, a sensação era de que ela não fora construída com chão suficiente. Adam era educado e ajudava Persephone a fazer chá para todos, apesar de que tinha de seguir perguntando: "Onde estão as xícaras? E as colheres? E o açúcar?" Ronan, entretanto, mais do que compensava a calma de Adam — ele ocupava espaço suficiente para três pessoas com seu andar agitado de um lado para o outro. Orla desceu, atraída pela fofoca, mas olhava com tamanha admiração para Ronan que Calla mandou que ela saísse para dar mais espaço para todos.

Neeve e Gansey se sentaram à mesa da cozinha. Adam e Ronan pareciam exatamente como antes, quando Blue os vira pela última vez, mas os olhos de

Gansey estavam diferentes. Ela passou um longo minuto tentando descobrir o que era — por fim, achou que era uma combinação entre estarem um pouco mais brilhantes e a pele em volta deles estar um pouco mais tensa.

O braço de Gansey se estendeu sobre a mesa, deixando à mostra o polegar imobilizado.

— Alguém poderia tirar essa tala? — ele pediu. Havia algo corajoso e agitado na maneira deliberadamente espontânea como ele havia feito o pedido. — Me sinto um inválido. Por favor.

Passando para ele uma tesoura, Persephone observou:

— Blue, eu *disse* para você colocar o polegar fora da mão se fosse acertar alguém.

— Você só não me falou para dizer isso a *ele* — retrucou Blue.

— Tudo bem — disse Maura do vão da porta, coçando a testa. — Tem algumas coisas acontecendo aqui, obviamente. Alguém tentou matar *você* há pouco. — Aquilo era para Gansey. — *Vocês dois* estão me dizendo que o amigo de vocês foi morto pelo homem que tentou matá-lo há pouco. — Aquilo era para Ronan e Adam. — *Vocês três* estão me dizendo que a Neeve falou ao telefone com o homem que matou o amigo deles e acabou de tentar matar o

Gansey. — Aquilo era para Blue, Persephone e Calla. — E *você* está me dizendo que não teve nada a ver com ele desde o telefonema.

Essa última foi para Neeve. Embora Maura tivesse falado com cada um deles, todos seguiam olhando para Neeve.

— E você deixou que elas mexessem nas minhas coisas — respondeu Neeve.

Blue esperava que sua mãe parecesse repreendida, mas, em vez disso, Maura pareceu ficar mais altiva.

— E por uma boa razão, obviamente. Não posso acreditar que você não tenha me contado a verdade. Se você queria brincar pelo caminho dos corpos, por que simplesmente não me pediu? Como você sabe que eu teria dito não? Em vez disso, você fingiu que estava comprometida com...

Ela fez uma pausa e olhou para Blue, que terminou a frase:

— Encontrar o Chuchu.

— Ah, meu Deus — disse Maura. — Calla, isso é culpa sua, não é?

— Não — disse Blue. Ela fez um grande esforço para fingir que os garotos não estavam olhando para ela e continuou: — Acho que também posso estar brava aqui. Por que você simplesmente não me contou

que não conhecia realmente o meu pai e me teve sem estar casada? Por que isso é um grande segredo?

— Eu nunca disse que não o conhecia realmente — respondeu Maura, com a voz vazia. Ela tinha uma expressão no rosto que Blue não gostava; era um pouco emocional demais.

Então Blue olhou para Persephone.

— Como você sabe que eu simplesmente não ficaria contente com a verdade? Eu não me *importo* que meu pai fosse um vagabundo chamado Chuchu. A essa altura, isso não muda nada.

— O nome dele não era Chuchu mesmo, era? — Gansey perguntou a Adam em voz baixa.

A voz de Neeve, suave como sempre, trespassou a cozinha.

— Acho que a questão toda foi simplificada demais. Eu *estava* procurando pelo pai da Blue, só que isso não era *tudo* que eu estava procurando.

Calla disse abruptamente:

— Por que então esse segredo todo?

Neeve olhou séria para o polegar imobilizado de Gansey.

— É o tipo de descoberta que pode se tornar perigosa. Certamente todas vocês sentiram necessidade de agir em segredo também, ou teriam compartilhado com a Blue tudo que sabem.

— A Blue não é médium — disse Maura em tom enérgico. — A maior parte do que não passamos adiante são coisas que têm significado apenas quando fazemos uma leitura ou uma adivinhação no caminho dos corpos.

— Você também não me contou — disse Gansey, olhando para o polegar com o cenho franzido. Subitamente, Blue percebeu o que parecia diferente nele: ele estava usando óculos com armação de metal. Eram finos, discretos, aqueles que você normalmente não nota até chamarem sua atenção. Eles o faziam parecer ao mesmo tempo mais velho e mais sério, ou talvez fosse apenas a expressão dele no momento. Embora jamais fosse lhe confessar, ela preferia esse Gansey àquele levado pelo vento, de beleza fácil. Ele seguiu em frente: — Na leitura, quando eu perguntei sobre a linha ley, você não dividiu essa informação comigo.

Agora Maura parecia um pouco arrependida.

— Como eu podia saber o que você ia fazer com isso? Onde está esse homem agora? Barrington? Esse é *realmente* o nome dele?

— Barrington Whelk — Adam e Ronan responderam em uníssono, trocando um olhar esquisito.

— No hospital, a polícia me disse que estão procurando por ele. A polícia de Henrietta *e* a polícia do estado — disse Gansey. — Mas disseram que ele não estava em casa e que aparentemente tinha ido embora.

— Acredito que ele tenha *dado no pé*, como se diz — disse Ronan.

— Você acredita que ele ainda tem algum interesse em você? — perguntou Maura.

Gansey balançou a cabeça.

— Não sei se ele já chegou a se importar *comigo*. Não acho que ele tivesse um plano. Ele queria o diário. Ele quer Glendower.

— Mas ele não sabe onde está Glendower?

— *Ninguém* sabe — respondeu Gansey. — Eu tenho um colega — Ronan conteve um riso quando Gansey usou a palavra *colega*, mas ele seguiu em frente — no Reino Unido que me contou sobre o ritual que o Whelk usou com o Noah. É possível que ele tente de novo em um lugar diferente. Como Cabeswater.

— Acho que devíamos despertá-la — disse Neeve.

Todos a encararam novamente. Ela parecia imperturbável, um mar de calma, com as mãos cruzadas à frente.

— Como? — demandou Calla. — Até onde eu sei, isso envolve uma morte.

Neeve ergueu a cabeça.

— Não necessariamente. Um sacrifício nem sempre significa uma morte.

Gansey pareceu um pouco hesitante.

— Mesmo que isso seja verdade, Cabeswater é um lugar um pouco estranho. Como seria o resto da linha ley se nós a despertássemos?

— Não tenho certeza, mas posso te dizer que ela vai ser despertada — disse Neeve. — Nem preciso de minha tigela de leitura para ver isso. — E se voltou para Persephone. — Você discorda?

Persephone segurou a xícara na frente do rosto, escondendo a boca.

— Não, eu também vejo isso. Alguém *vai* despertá-la nos próximos dias.

— E eu não creio que você queira que seja o sr. Whelk — continuou Neeve. — Quem quer que venha a despertar o caminho dos mortos vai ser favorecido por ele. Tanto quem fizer o sacrifício quanto quem for sacrificado.

— Favorecido como o Noah? — interrompeu Blue. — Ele não parece muito sortudo.

— Pelo que eu soube aqui, ele estava vivendo uma vida física em um apartamento com esses

meninos — observou Neeve. — Isso parece muito melhor do que uma existência espiritual tradicional. Eu contaria isso como uma coisa favorável.

Gansey correu um dedo pensativo sobre o lábio inferior e disse:

— Não estou certo quanto a isso. O favorecimento do Noah também está ligado à linha ley, não é? Quando o corpo dele foi retirado de lá, ele perdeu bastante presença. Se um de nós fizesse o ritual, estaríamos ligados à linha ley da mesma maneira, mesmo se o sacrifício não envolvesse morte? Tem muita coisa que não sabemos. É mais prático *impedir* Whelk de realizar o ritual de novo. A gente podia simplesmente dar a localização de Cabeswater para a polícia.

— *NÃO* — Neeve e Maura disseram ao mesmo tempo. Neeve, no entanto, venceu pela impressão geral, ao combinar sua exclamação com um salto da cadeira.

— Achei que vocês tinham ido a Cabeswater — ela disse.

— Nós fomos.

— Vocês não sentiram o lugar? Querem vê-lo destruído? Quantas pessoas vocês querem pisoteando por ali? Parece um lugar que pode viver cheio de turistas? Ele é... *sagrado*.

— Eu não gostaria — disse Gansey — nem de mandar a polícia a Cabeswater nem de despertar a linha ley. Eu gostaria de descobrir mais sobre Cabeswater e então encontrar Glendower.

— E o Whelk? — perguntou Maura.

— Eu não sei — ele admitiu. — Simplesmente não quero me preocupar com ele.

Vários rostos exasperados se voltaram para Gansey. Maura disse:

— Bom, ele não vai simplesmente desaparecer porque você não quer lidar com ele.

— Eu não disse que seria possível — respondeu Gansey, sem deixar de olhar para sua tala. — Só disse que era o que eu gostaria.

Foi uma resposta ingênua, e Gansey sabia disso.

Então ele continuou:

— Vou voltar a Cabeswater. Ele pegou meu diário, mas não vou deixar que pegue Glendower também. Não vou parar de procurar só porque ele também está procurando. E vou ajudar o Noah. De algum jeito.

Blue olhou para sua mãe, que observava de braços cruzados. E disse:

— Eu vou ajudar você.



— Última parada — disse Ronan, puxando o freio de mão. — Lar, merda de lar.

No escuro, a casa pré-fabricada da família Parrish era uma caixa cinza melancólica com duas janelas iluminadas. Uma silhueta na janela da cozinha abriu as cortinas para olhar para o BMW. Ele e Adam estavam sozinhos no carro; Gansey tinha dirigido o Camaro do hospital até a Rua Fox, então o levou de volta para Monmouth. Era um acerto bastante cômodo; Adam e Ronan não estavam brigados, e ambos estavam sobressaltados demais pelos eventos do dia para começar uma nova briga.

Adam buscou no banco de trás a pasta a tiracolo, o único presente que ele havia aceitado de Gansey, e apenas porque ele não precisava dela.

— Obrigado pela carona.

Outra silhueta, distintamente o pai de Adam, havia se juntado à primeira na janela. O estômago de Adam gelou. Ele apertou os dedos em torno da alça da pasta, mas não saiu do carro.

— Cara, você não precisa descer — disse Ronan.

Adam não comentou a oferta; não ia ajudar. Em vez disso, perguntou:

— Você não tem dever de casa para fazer?

Mas Ronan, o mestre das observações irônicas, era à prova delas. Seu sorriso era implacável no brilho do painel.

— Sim, Parrish. Acho que tenho.

Adam, contudo, não saiu. Ele não gostou da agitação da silhueta do pai. Mas era pouco inteligente se demorar no carro — especialmente *naquele* carro, inegavelmente de Aglionby —, ostentando suas amizades.

— Você acha que eles vão prender o Whelk antes da aula amanhã? — perguntou Ronan. — Porque, se eles prenderem, não vou precisar ler nada.

— Se ele aparecer para a aula — respondeu Adam —, acho que a leitura vai ser a menor das suas preocupações.

Houve um silêncio, então Ronan disse:

— É melhor eu ir dar comida para o pássaro.

Ele olhou para baixo, para o câmbio, com os olhos perdidos e prosseguiu:

— Eu fico pensando no que teria acontecido se o Whelk tivesse atirado no Gansey hoje.

Adam não insistira nessa possibilidade. Sempre que seus pensamentos chegavam perto de tocar a quase perda, surgia algo escuro e afiado dentro dele. Era difícil lembrar como a vida em Aglionby havia sido antes de Gansey. As memórias distantes pareciam difíceis, solitárias, mais povoadas por noites tardias em que Adam se sentava nos degraus da casa pré-fabricada, piscando lágrimas dos olhos e se perguntando por que se importava. Ele era mais jovem naquela época, apenas pouco mais de um ano atrás.

— Mas ele não atirou.

— É — disse Ronan.

— Que sorte que você ensinou aquele gancho para ele.

— Eu nunca ensinei ele a quebrar o polegar.

— Esse é o Gansey. Aprende o suficiente para ser superficialmente competente.

— Perdedor — concordou Ronan, voltando a ser ele mesmo.

Adam anuiu, buscando coragem.

— Nos vemos amanhã. Obrigado de novo.

Ronan desviou o olhar da casa para o campo escuro, e sua mão mexeu na direção. Algo o estava frustrando, mas com ele não dava para saber se ainda era Whelk ou algo completamente diferente.

— Tudo bem, cara. Nos vemos amanhã.

Com um suspiro, Adam desceu do carro, bateu no capô do BMW e Ronan arrancou lentamente. No céu, as estrelas eram enormes e brilhantes.

Quando Adam subiu os três degraus para entrar em casa, a porta da frente se abriu e a luz jorrou sobre suas pernas e pés. Seu pai deixou a porta aberta e parou no vão, encarando o filho.

— Oi, pai — disse Adam.

— Não me venha com "oi, pai" — ele respondeu, já esquentado. Ele cheirava a cigarro, embora não fumasse. — Chegando em casa à meia-noite. Tentando se esconder das suas mentiras?

Com cuidado, Adam perguntou:

— O quê?

— A sua mãe esteve no seu quarto hoje e encontrou algo. Você faz ideia do que seria?

Os joelhos de Adam começaram a derreter. Ele fazia o melhor que podia para manter a maior parte de sua vida na Aglionby escondida do pai, e ele podia pensar em diversas coisas a respeito de si mesmo e de sua vida que não agradariam a Robert Parrish. Não

saber exatamente o que havia sido encontrado era agonizante. Ele não conseguia olhar o pai nos olhos.

Robert Parrish segurou o colarinho de Adam, forçando seu queixo para cima.

— Olhe para mim quando estiver falando com você. Um holerite. Da fábrica.

Ah.

Pense rápido, Adam. O que ele precisa ouvir?

— Eu não entendo por que você está bravo — disse Adam, tentando manter a voz o mais equilibrada possível, mas, agora que ele sabia que a questão dizia respeito a dinheiro, não fazia ideia de como sair da situação.

O pai puxou o rosto de Adam para bem perto do seu, de maneira que o garoto pudesse sentir as palavras, além de ouvi-las.

— Você mentiu para a sua mãe sobre o seu salário.

— Eu não menti.

Aquilo foi um erro, e Adam soube disso tão logo as palavras deixaram sua boca.

— *Não olhe na minha cara e minta para mim!* — gritou seu pai.

Mesmo sabendo que o golpe estava vindo, o braço de Adam foi lento demais para proteger o rosto.

Quando a mão do pai o atingiu, foi mais um som que um sentimento: uma batida como um martelo

distante acertando um prego. Adam lutou para se equilibrar, mas o pé errou a beirada da escada e seu pai o deixou cair.

Quando o lado da cabeça de Adam acertou o corrimão, foi uma catástrofe de luz. Ele viu todas as cores se combinando para fazer o branco em um único momento.

A dor sibilava dentro da cabeça.

Adam estava no chão junto à escada e não conseguia se lembrar daquele segundo entre acertar o corrimão e o chão. Seu rosto estava coberto de poeira, até a boca. Adam tinha de colocar em funcionamento os mecanismos de respirar, abrir os olhos, respirar de novo.

— Ah, vamos lá — disse o pai, cansado. — Levanta. Sinceramente...

Adam se levantou devagar, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Ele se agachou, os joelhos firmes no chão, enquanto os ouvidos zuniam, zuniam, zuniam. Quando o barulho parou, não havia nada além de um lamento crescente.

A meio caminho da estrada, ele viu as luzes de freio do BMW de Ronan.

Apenas vá, Ronan.

— Não acredito que você está fazendo esse jogo! — disparou Robert Parrish. — Não vou parar de falar

sobre isso só porque você se jogou no chão. Eu sei quando você está fingindo, Adam. Não sou idiota. Não acredito que você ganharia esse dinheiro todo e jogaria fora naquela maldita escola! E todas as vezes que você ouviu a gente falar sobre a conta de luz, de telefone?

Seu pai estava longe de ter terminado. Adam podia ver sua perturbação, pela maneira como ele erguia os pés a cada passo quando desceu a escada. Adam trouxe os cotovelos para junto do corpo, escondendo a cabeça e querendo que seus ouvidos clareassem. O que ele precisava fazer era se colocar no lugar do pai e imaginar o que precisava dizer para apaziguar a situação.

Mas ele não conseguia pensar. Seus pensamentos se chocavam explosivamente na terra à sua frente, no ritmo do coração. A orelha esquerda gritava com ele, tão quente que parecia úmida.

— Você mentiu — rosnou o pai. — Você disse pra gente que a escola estava te dando uma bolsa de estudos. Você não me disse que estava ganhando — ele parou tempo suficiente para tirar um pedaço de papel castigado do bolso da camisa — dezoito mil, quatrocentos e vinte e três dólares por ano!

Adam arfou uma resposta.

— Como é que é? — Seu pai se aproximou, pegou o colarinho do filho e o puxou para cima, tão fácil quanto levantaria um cão. Adam ficou de pé com dificuldade. O chão estava fugindo, e ele tropeçou. Ele teve de lutar para encontrar as palavras de novo; algo havia se quebrado dentro dele.

— Parcial — Adam respirou com dificuldade. — Bolsa parcial.

Seu pai berrou algo mais para ele, mas foi na orelha esquerda, e não havia nada a não ser um rugido daquele lado.

— *Não me ignore* — rosnou o pai. E então, inexplicavelmente, ele desviou a cabeça de Adam e gritou: — O que *você* quer?

— Fazer isso — Ronan Lynch respondeu rispidamente, acertando o punho no rosto de Robert Parrish. Atrás dele, o BMW estava parado, com a porta do motorista aberta e os faróis iluminando nuvens de poeira na escuridão.

— *Ronan* — disse Adam. Ou talvez apenas pensou. Sem seu pai o segurando, ele cambaleou.

O pai de Adam agarrou a camisa de Ronan e o jogou na direção da casa pré-fabricada. Mas Ronan precisou de apenas um momento para voltar a ficar de pé, e seu joelho encontrou a barriga de Parrish. Dobrado ao meio, o homem lançou o braço na direção

de Ronan. Seus dedos passaram sobre a cabeça raspada do garoto sem lhe causar dano. Isso o fez recuar apenas meio segundo, e Parrish bateu com a cabeça no rosto de Ronan.

Com o ouvido direito, Adam ouviu sua mãe gritando para eles pararem. Ela estava segurando o telefone e acenando o aparelho para Ronan, como se isso fosse fazê-lo parar. Mas havia apenas uma pessoa que poderia parar Ronan, e a mãe de Adam não tinha esse número.

— Ronan — disse Adam, e dessa vez ele estava certo de que dissera em voz alta. Sua voz soava estranha para ele, obstruída com algodão. Ele deu um passo e o chão sumiu de seus pés completamente. *Levante-se, Adam.* Ele se apoiou com as mãos e os joelhos. O céu parecia o mesmo que o chão. Adam se sentia todo quebrado e não conseguia ficar de pé. Só conseguia observar seu amigo e seu pai se agarrando a alguns metros de distância. Adam era um par de olhos sem corpo.

A luta era suja. Em determinado momento, Ronan foi ao chão e Robert Parrish deu um chute forte no rosto dele. Os antebraços de Ronan se ergueram por puro instinto para se proteger. Parrish investiu para abri-los à força. A mão de Ronan avançou como uma cobra, trazendo Parrish para o chão com ele.

Adam viu alguns trechos da briga: seu pai e Ronan rolando, se agarrando e socando. Luzes estroboscópicas brilhantes, vermelhas e azuis, ricocheteavam nas paredes da casa pré-fabricada, iluminando os campos por um segundo de cada vez. Eram os policiais.

Sua mãe ainda estava gritando.

Havia barulho por toda parte. Adam precisava ficar de pé, caminhar, pensar, e então ele poderia parar Ronan antes que algo terrível acontecesse.

— Garoto? — perguntou um policial, ajoelhando-se ao seu lado. Ele cheirava a zimbro. Adam pensou que ia sufocar com aquilo. — Você está bem?

Com a ajuda do policial, Adam se levantou cambaleante. Outro policial arrastou Ronan para longe de Robert Parrish.

— Eu estou bem.

O tira soltou seu braço e então, tão rapidamente quanto, pegou-o de novo.

— Rapaz, você não está bem. Você andou bebendo?

Ronan deve ter ouvido a pergunta, pois, do outro lado do terreno, gritou uma resposta que envolvia uma série de palavrões e a frase *bate até quase matar*.

A visão de Adam sumia e voltava, sumia e voltava. Ele conseguia distinguir Ronan vagamente.

Chocado, perguntou:

— Ele está sendo algemado?

Isso não pode acontecer. Ele não pode ser preso por minha causa.

— Você andou bebendo? — repetiu o tira.

— Não — respondeu Adam, com as pernas ainda frouxas; o chão ondulava a cada movimento de cabeça. Adam sabia que parecia bêbado. Ele precisava se aprumar. Naquela tarde mesmo, ele havia tocado o rosto de Blue. A sensação que tivera era de que qualquer coisa era possível, como se o mundo decolasse à sua frente. Ele tentou canalizar aquela sensação, mas ela pareceu apócrifa. — Eu não...

— Eu não o quê?

Não escuto nada com o ouvido esquerdo, pensou Adam.

Sua mãe estava parada na varanda, observando o filho e o policial, com os olhos estreitados. Adam sabia o que ela estava pensando, pois eles haviam tido aquela conversa muitas vezes antes: *Não diga nada, Adam. Diga para ele que você caiu. Na realidade foi um pouco sua culpa, não foi? Vamos lidar com isso em família.*

Se Adam entregasse o pai, tudo desmoronaria à sua volta. Se Adam o entregasse, sua mãe nunca o

perdoaria. Se Adam o entregasse, ele nunca mais poderia voltar para casa.

Do outro lado do terreno, um dos policiais colocou a mão na nuca de Ronan, guiando-o para dentro da viatura.

Mesmo sem escutar com o ouvido esquerdo, Adam ouviu a voz de Ronan claramente:

— Eu disse que *não* preciso de ajuda, cara. Você acha que nunca andei num desses antes?

Adam não podia ir morar com Gansey. Ele havia feito tanto para ter certeza de que, quando saísse de casa, seria de acordo com seus termos. Não com os de Robert Parrish. Não com os de Richard Gansey.

De acordo com os termos de Adam Parrish. Era isso ou nada.

Adam tocou o ouvido esquerdo. A pele estava quente e dolorida, e, sem a audição para lhe dizer que seu dedo estava próximo da cavidade da orelha, seu toque parecia imaginário. O ruído no ouvido havia diminuído e agora não havia... nada. Nada mesmo.

Gansey dissera: "Você não vai cair fora por causa do seu orgulho?"

— O Ronan estava me defendendo. — A boca de Adam estava seca como a terra à sua volta. A expressão do policial se concentrou nele enquanto ele

prosseguia. — Do meu pai. Tudo isso... é por causa dele. Meu rosto e meu...

Sua mãe o encarava.

Ele fechou os olhos. Adam não conseguiria olhar para ela e dizê-lo. Mesmo com os olhos fechados, ele sentia como se estivesse caindo, como se o horizonte se movesse, como se sua cabeça pendesse para o lado. O mal-estar de Adam lhe indicava que seu pai havia conseguido acertar algo vital.

E então ele disse o que antes não conseguia dizer. Adam perguntou:

— Posso... posso dar queixa?



Whelk sentia falta da comida boa que vinha com o fato de ser rico.

Quando ele voltava para casa de Aglionby, nem sua mãe nem seu pai cozinhavam. Eles haviam contratado uma chef para vir a cada duas noites fazer o jantar. Carrie era uma mulher efusiva, mas intimidante, que adorava picar coisas com facas. Nossa, ele sentia falta do guacamole dela.

Naquele momento, Whelk estava sentado no meio-fio de um posto de atendimento fechado, comendo um hambúrguer seco que havia comprado em uma lanchonete a vários quilômetros dali; era o primeiro lanche de fast-food que ele comia em sete anos. Sem saber quanto os policiais estariam procurando seu carro, ele o estacionou fora do alcance da luz da rua e voltou ao meio-fio para comer.

Enquanto mastigava, um plano tomava forma, e envolvia dormir no banco de trás do carro e elaborar outro plano de manhã. Não era algo que inspirasse confiança, e seu ânimo estava baixo. Ele devia ter raptado Gansey, agora que considerava a questão, mas um rapto exigia muito mais planejamento que um roubo, e, ao sair de casa, ele não tinha se preparado para colocar alguém no porta-malas. Ele devia ter aproveitado a oportunidade quando o carro de Gansey quebrara. Se ele tivesse realmente considerado a questão, teria raptado Gansey para o ritual mais tarde, após chegar ao coração da linha ley.

Só que Gansey jamais seria um bom alvo; a caçada humana por seu assassino seria monumental. Realmente, Parrish teria sido uma aposta melhor. Ninguém sentiria falta de um garoto nascido em um trailer. Contudo, ele sempre entregava o dever de casa pontualmente.

Whelk deu outra mordida raivosa no hambúrguer empoeirado, o que não ajudou em nada para melhorar seu humor.

Ao lado dele, o telefone público começou a tocar. Até então, Whelk nem tomara conhecimento de que o telefone estava ali; ele achava que os celulares haviam varrido do mercado os telefones públicos. Olhou para o único outro carro parado no estacionamento para ver

se alguém estava esperando uma chamada. No entanto, o outro veículo estava vazio, e o pneu direito esvaziado indicava que ele estava estacionado ali há mais tempo que alguns minutos.

Ele esperou ansiosamente enquanto o telefone tocou doze vezes, mas ninguém apareceu para atender. Whelk se sentiu aliviado quando ele parou, mas não o suficiente para continuar onde estava. Embrulhou a outra metade do hambúrguer e se pôs de pé.

Mas então o telefone começou a tocar de novo.

E tocou o tempo inteiro enquanto ele caminhava até a lata de lixo do outro lado da porta do posto de atendimento (SEJA BEM-VINDO, ESTAMOS ABERTOS!, mentia o letreiro reversível pendurado na porta). E não parou de tocar enquanto ele voltava para o meio-fio para recuperar uma das batatas fritas que havia deixado. E ainda tocou enquanto ele caminhava de volta para onde estacionara o carro.

Whelk não era dado à filantropia, mas lhe ocorreu que quem quer que estivesse do outro lado do telefone público estava realmente tentando entrar em contato com alguém. Ele voltou para o telefone, que ainda estava tocando — um toque tão antiquado, pensou, telefones não soavam mais assim —, e tirou o fone do gancho.

— Alô?

— Sr. Whelk — disse Neeve suavemente. — Espero que esteja tendo uma noite agradável.

Whelk se agarrou ao telefone.

— Como você sabia onde me encontrar?

— Números são algo muito simples para mim, sr. Whelk, e o senhor não é difícil de ser encontrado. Eu também tenho um pouco do seu cabelo. — A voz de Neeve era suave e esquisita. Nenhuma pessoa viva, pensou Whelk, deveria soar tanto como o menu de uma secretária eletrônica computadorizada.

— Por que você está me ligando?

— Que bom que perguntou — observou Neeve. — Estou ligando a respeito da ideia que o senhor propôs da última vez que conversamos.

— Da última vez que conversamos, você disse que não estava interessada em me ajudar — respondeu Whelk. Ele ainda estava pensando sobre o fato de que aquela mulher havia coletado um fio de cabelo dele. A imagem dela se mexendo lenta e suavemente pelo seu apartamento escuro e abandonado não era agradável. Ele virou as costas para o posto de atendimento e olhou para dentro da noite. Possivelmente ela estava lá, em algum lugar; talvez o tivesse seguido e fora assim que ela soubera para onde ligar. Mas Whelk sabia que aquilo não era verdade. A única razão para

que ele a tivesse contatado em primeiro lugar era porque ele sabia que Neeve era real.

— Então, sobre ajudar você — disse Neeve. — Eu mudei de ideia.



— Ei, Parrish — disse Gansey.

O Camaro estava estacionado na sombra do caminho para pedestres, junto das portas de vidro do hospital. Enquanto Gansey esperava Adam sair, ele as observara abrir e fechar para pacientes invisíveis. Agora ele estava atrás do volante enquanto Adam se abaixava para entrar no banco do passageiro. Estranhamente, Adam não trazia nenhuma marca; normalmente, após encontros com o pai, havia hematomas ou arranhões, mas dessa vez a única coisa que Gansey podia ver era um ligeiro vermelhão na orelha dele.

— Eles disseram que você não tinha seguro — disse Gansey. E também que Adam provavelmente nunca mais voltaria a escutar com o ouvido esquerdo. Essa era a informação mais difícil de absorver, que algo permanente, mas invisível, havia acontecido.

Gansey esperou que Adam lhe dissesse que encontraria uma maneira de pagar a conta. Mas Adam só ficava girando o bracelete do hospital no pulso.

Gansey acrescentou delicadamente:

— Eu já cuidei da conta.

Aquele era o momento em que Adam sempre dizia algo. Ou ele ficava bravo, ou disparava: "Não, não vou aceitar seu maldito dinheiro, Gansey. Você não pode me comprar". Mas ele apenas continuou virando o bracelete em torno do pulso.

— Você venceu — disse Adam por fim, passando a mão no cabelo despenteado. Ele parecia cansado. — Me leve pra casa para pegar minhas coisas.

Gansey ia ligar o Camaro, mas tirou a mão da ignição.

— Eu não venci nada. Você acha que era assim que eu queria que as coisas acontecessem?

— Sim — respondeu Adam, sem olhar para Gansey. — Sim, eu acho.

Dor e raiva brigaram furiosamente dentro de Gansey.

— Não seja um pé no saco.

Adam não parava de mexer na ponta desigual onde o bracelete de papel fechava.

— Estou dizendo que você pode dizer "Eu avisei". Diga: "Se você tivesse ido embora antes, isso não teria

acontecido”.

— Eu disse isso algum dia? Você não precisa agir como se fosse o fim do mundo.

— É o fim do mundo.

Uma ambulância estacionou entre eles e as portas do hospital; as luzes não estavam ligadas, mas os paramédicos saltaram da cabine e correram para a parte de trás para atender a alguma emergência silenciosa. Algo queimava por trás das costelas de Gansey.

— Sair da casa do seu pai é o fim do mundo?

— Você sabe o que eu queria — disse Adam. — Você sabe que não era isso.

— Você fala como se a culpa fosse minha.

— Me diz que você não está feliz com o desfecho disso tudo.

Gansey não mentiria; ele queria ver Adam fora daquela casa. Mas nunca existira uma parte dele que quisesse ver o amigo machucado para conseguir isso. Nunca existira uma parte dele que quisesse que Adam tivesse de fugir de casa em vez de sair de lá triunfalmente. Nunca existira uma parte dele que quisesse que Adam olhasse para ele como estava olhando agora. Então era verdade quando Gansey respondeu: — Eu não estou feliz com o desfecho disso tudo.

— Até parece — disparou Adam de volta. — Você queria que eu saísse de lá para sempre.

Gansey não gostava de levantar a voz (na sua cabeça, sua mãe dizia: *As pessoas gritam quando não têm palavras para sussurrar*). Quando percebeu que isso estava acontecendo, fez um esforço e manteve a voz estável.

— Não assim. Mas pelo menos você tem um lugar para ir. "Fim do mundo"... Qual é o seu *problema*, Adam? Quer dizer, tem algo na minha casa que seja repulsivo demais para você se imaginar vivendo lá? Por que tudo que eu faço de generoso você encara como pena? Como caridade? Pois vou dizer a verdade: estou *de saco cheio* de ficar pisando em ovos por causa dos seus princípios.

— Meu Deus do céu, não aguento mais a sua arrogância, Gansey — disse Adam. — Não tente fazer com que eu me sinta burro. Quem é que fala uma palavra como *repulsivo*? Não finja que você não está tentando me fazer sentir burro.

— Eu falo assim. Desculpe se o seu pai nunca lhe ensinou o significado de *repulsivo*. Ele estava ocupado demais batendo sua cabeça contra a parede do trailer enquanto você pedia desculpas por existir.

Os dois pararam de respirar.

Gansey sabia que tinha ido longe demais. Longe demais, tarde demais, coisas demais.

Adam escancarou a porta.

— Vá se foder, Gansey. Vá se foder — ele disse, com a voz baixa e furiosa.

Gansey fechou os olhos.

Adam bateu a porta, e então a bateu de novo quando o trinco não fechou. Gansey não abriu os olhos. Ele não queria ver o que Adam estava fazendo. Não queria ver se as pessoas estavam observando um garoto brigando com o outro em um Camaro laranja brilhante e com um blusão da Aglionby. Só então ele odiou seu uniforme com o corvo no peito e seu carro chamativo e todas as palavras de três e quatro sílabas que seus pais haviam usado em conversas casuais na mesa do jantar. E também odiou o pai abominável de Adam e a mãe permissiva de Adam e, mais do que tudo, o som das últimas palavras de Adam se repetindo sem parar.

Ele não suportava tudo aquilo dentro dele.

No fim das contas, ele não era ninguém para Adam nem para Ronan. Adam cuspia as palavras de volta para ele, e Ronan desperdiçava todas as chances que ele lhe dava. Gansey era apenas um cara com um monte de coisas e um buraco dentro dele que

mastigava um pedaço a mais de seu coração a cada ano.

Os amigos estavam sempre se afastando dele. Mas ele nunca parecia capaz de se afastar deles.

Gansey abriu os olhos. A ambulância ainda estava ali, mas Adam tinha partido.

Ele levou alguns momentos para localizá-lo. Adam já estava a alguns metros de distância, atravessando o estacionamento na direção da estrada, sua sombra uma coisa pequena e azul ao seu lado. Gansey se esticou para o lado do carro para baixar a janela do passageiro e então deu partida no Pig. Após dar a volta em torno da área de carga para chegar ao estacionamento, Adam havia chegado à pista de quatro faixas que corria ao largo do hospital. Havia um pouco de tráfego, mas Gansey encostou perto de onde Adam caminhava, fazendo com que os carros na faixa da direita o ultrapassassem, alguns buzinando.

— Para onde você está indo? — ele gritou. — Para onde você precisa ir?

É claro que Adam sabia que ele estava ali — o Camaro era mais alto que qualquer coisa —, mas apenas seguiu caminhando.

— Adam — repetiu Gansey. — Só me diga que não vai voltar pra lá.

Nada.

— Não precisa ser Monmouth — Gansey tentou uma terceira vez. — Mas me deixe te levar para onde você está indo.

Por favor, apenas entre no carro.

Adam parou. Entrou no carro abruptamente e fechou a porta. Como não bateu com força suficiente, teve de tentar duas vezes mais. Eles ficaram em silêncio enquanto Gansey voltava para o tráfego. As palavras pressionavam sua boca, implorando para serem ditas, mas ele se manteve calado.

Adam não olhou para ele quando disse, finalmente:

— Não importa como você diga isso. No fim, é o que você queria. Todas as suas coisas num só lugar, debaixo do mesmo teto. Tudo que você tem sob sua vista...

Mas então ele parou. Deixou cair a cabeça nas mãos. Os polegares trabalharam em meio ao cabelo acima das orelhas, de novo e de novo, os nós dos dedos brancos. Quando inspirou com força, foi o som áspero que vinha de tentar não chorar.

Gansey pensou em uma centena de coisas que poderia dizer para Adam sobre como ficaria tudo bem, como tudo mudaria para melhor, como Adam Parrish era dono do próprio nariz antes de ter conhecido Gansey, e não tinha como ele deixar de ser

independente apenas mudando de casa, como em alguns dias Gansey gostaria de estar na pele dele, porque Adam era tão real e verdadeiro, de uma maneira que Gansey nunca parecia capaz de ser. Mas as palavras de Gansey tinham se tornado armas inconscientes, e ele não confiava em si mesmo para não descarregá-las acidentalmente de novo.

Então ele dirigiu em silêncio para buscar as coisas de Adam, e, quando eles deixaram o parque dos trailers pela última vez, sua mãe observando por detrás da janela da cozinha, Adam não olhou para trás.



Quando Blue chegou à Indústria Monmouth aquela tarde, pensou que o armazém estava vazio. Sem nenhum carro no estacionamento, a quadra inteira tinha um ar abandonado e triste. Ela tentou se imaginar como Gansey, vendo o armazém pela primeira vez, decidindo que ali seria um grande lugar para viver, mas não conseguiu. Assim como não conseguia imaginar olhar para o Pig e achar que ele era um grande carro para dirigir, ou ver Ronan e pensar que ele era um bom amigo para se ter. Mas, de certa maneira, a coisa funcionara, pois ela adorava o apartamento, e Ronan estava começando a crescer a seus olhos, e o carro...

Bem, o carro ela ainda poderia viver sem.

Blue bateu na porta.

— Noah! Você está aí?

— Estou aqui.

Blue não se surpreendeu quando sua voz surgiu atrás dela em vez de ecoar do outro lado da porta. Quando ela se virou, pareceu ver primeiro as pernas dele, e então, lentamente, todo o resto. Ela ainda não tinha certeza se ele estava realmente lá ou se estivera lá o tempo inteiro — era difícil tomar uma decisão sobre a existência de Noah ultimamente.

Ela deixou que ele acariciasse seu cabelo com os dedos gelados.

— Não está tão espetado como sempre — ele disse tristemente.

— Eu não dormi o suficiente. Preciso dormir para ficar com o cabelo bem espetado. Que legal ver você.

Noah cruzou os braços, então os descruzou, então colocou as mãos nos bolsos, então as tirou.

— Eu só me sinto normal quando você está por perto. Quer dizer, normal como eu era antes de encontrarem o meu corpo. Mesmo assim, eu ainda não era o que eu era quando estava...

— Não acho que você era tão diferente quando estava vivo — disse Blue. Mas a verdade é que ela ainda não conseguia ligar Noah àquele Mustang vermelho abandonado.

— Eu acho — disse Noah cuidadosamente, se lembrando — que eu era pior na época.

Como aquela discussão parecia prestes a fazê-lo desaparecer, Blue perguntou rapidamente:

— Onde estão os outros?

— O Gansey e o Adam foram pegar as coisas do Adam para que ele possa se mudar pra cá — disse Noah. — O Ronan foi para a biblioteca.

— Se mudar pra cá! Achei que ele tinha dito... Espera... *Aonde* o Ronan foi?

Após uma série de pausas e suspiros mirando as árvores na rua, Noah descreveu os eventos da noite anterior e concluiu:

— Se o Ronan tivesse sido preso por socar o pai do Adam, ele estaria fora da Aglionby, não importa o que tenha acontecido. De maneira alguma eles deixariam uma acusação de agressão passar batido. Mas o Adam deu queixa para que o Ronan não fosse preso. É claro que isso quer dizer que o Adam tem que se mudar, porque o pai dele o odeia agora.

— Mas isso é terrível — disse Blue. — Noah, isso é *terrível*. Eu não sabia sobre o pai do Adam.

— É assim que ele queria que fosse.

Um lugar feito para ser deixado. Ela se lembrou de como Adam se referira à sua casa. E agora, é claro, ela se lembrou de seus machucados horrorosos e de um monte de comentários entre os garotos que haviam parecido inexplicáveis à época, todas referências

veladas à sua vida em família. Seu primeiro pensamento foi estranhamente desagradável — que ela não havia sido uma amiga boa o suficiente para que Adam pudesse compartilhar aquilo com ela. Mas a ideia foi fugaz, substituída quase imediatamente pela percepção horrível de que Adam não tinha família. Quem ela seria sem a sua?

Então ela perguntou:

— Ok, mas por que o Ronan está na biblioteca?

— Está enfiado nos livros — disse Noah. — Para um exame na segunda-feira.

Era a coisa mais bacana que Blue já tinha visto Ronan fazer.

O telefone tocou alto no andar de cima.

— Você devia atender! — disse Noah abruptamente. — Rápido!

Blue tinha vivido tempo demais com as mulheres da Rua Fox, 300, para questionar a intuição de Noah. Correndo em um trote rápido para acompanhá-lo, ela o seguiu até a porta do andar superior. Estava trancada. Noah fez uma série de gestos incompreensíveis, mais agitado que de costume.

Ele irrompeu:

— Eu conseguiria se...

Se ele tivesse mais energia, pensou Blue. Ela tocou o ombro dele na mesma hora. Imediatamente

fortalecido pela energia dela, Noah se inclinou na direção do trinco, soltou a tranca e liberou a porta. Blue se atirou ao telefone.

— Alô? — ela arfou. O telefone sobre a mesa era preto e antigo, daqueles de disco, combinando completamente com o amor de Gansey pelo bizarro e pelo quase não funcional. Conhecendo-o, era possível que ele tivesse uma linha fixa só para justificar ter aquele telefone em particular sobre a mesa.

— Ah, olá, querida — disse uma voz estranha do outro lado da linha. Blue percebeu um forte sotaque. — Richard Gansey está?

— Não — respondeu Blue. — Mas posso anotar o seu recado.

Esse, ela sentia, havia sido seu papel na vida até aquele momento.

Noah a cutucou com um dedo frio.

— Diga a ele quem é você.

— Eu estou trabalhando com o Gansey — acrescentou Blue. — Na linha ley.

— Ah! — disse a voz. — Bem, que ótimo conhecê-la. Como é mesmo o seu nome? Eu me chamo Roger Malory.

Ele estava fazendo algo extremamente complicado com seus Rs que dificultavam compreendê-lo.

— Blue. Meu nome é Blue Sargent.

— Blair?

— Blue.

— Blaize?

Ela suspirou.

— Jane.

— Ah, Jane! Achei que você estava dizendo *Blue* por alguma razão. Prazer em conhecê-la, Jane. Acho que tenho más notícias para o Gansey. Diga a ele que eu tentei aquele ritual com um colega... aquele camarada de Surrey que eu mencionei antes, um sujeito cativante, mas com um hálito terrível... e o ritual simplesmente não deu muito certo. Meu colega vai ficar bem, os médicos dizem que vai levar algumas semanas para a pele dele sarar. Os enxertos estão funcionando esplendidamente, eles disseram.

— Espere — disse Blue, pegando o pedaço de papel mais próximo que havia na mesa de Gansey, no qual parecia ter um cálculo ou algo do gênero. Ele já havia rabiscado ali um gato atacando um homem, então Blue pensou que não haveria problemas em usá-lo. — Estou anotando tudo isso. Esse é o ritual para despertar a linha ley, certo? O que exatamente deu errado?

— É muito difícil dizer, Jane. Basta afirmar que as linhas ley são ainda mais poderosas do que o Gansey e eu havíamos imaginado. Elas podem ser magia,

podem ser ciência, mas são inegavelmente energia. Meu colega saiu de sua pele com bastante facilidade. Eu estava certo de que o havia perdido; eu não achava que um homem pudesse sangrar tanto sem sucumbir. Ah, quando você contar tudo isso para o Gansey, não conte essa parte. O garoto tem uma questão e tanto com a morte, e não quero angustiá-lo.

Blue não notara que Gansey tinha uma "questão" com a morte, mas concordou em não contar para ele.

— Mas o senhor ainda não me falou o que o senhor *tentou* — destacou Blue.

— Ah, não falei?

— Não. O que significa que podemos fazer a coisa acidentalmente, se a gente não souber o que é.

Malory deu uma risadinha. Aquilo soava muito com tomar somente o chantili do chocolate quente.

— De fato, você está certa. Era bastante lógico, realmente, e foi baseado em uma das antigas ideias do Gansey, para lhe dizer a verdade. Nós montamos um novo círculo de pedras usando algumas que descobrimos terem excelentes leituras de energia... São termos de radiestesia, é claro, Jane, não sei quanto você conhece a respeito de todas essas coisas, mas é bacana ver uma garota envolvida com tudo isso. Linhas ley tendem a ser uma coisa de homens, e é bacana ouvir uma senhorita como você...

— Sim — concordou Blue. — É fantástico. Estou me divertindo. Então, o senhor montou um círculo de pedras?

— Ah, sim, certo. Nós colocamos sete pedras em um círculo sobre o que eu esperava ser o centro da linha ley e mexemos em suas posições até termos uma leitura de energia bastante alta no meio. Mais ou menos como posicionar um prisma, creio eu, para focar a luz.

— E foi então que a pele do seu parceiro se desprendeu?

— Mais ou menos isso. Ele estava fazendo uma leitura no meio e... É triste, mas não sei descrever exatamente o que ele falou, porque fiquei tão entretido pelo que veio depois... Mas enfim, ele fez uma observação ou piada ou sei lá o quê... Você sabe como são os jovens, o próprio Gansey pode ser bastante dado a leviandades...

Blue não estava certa se Gansey *era* bastante dado a leviandades, mas fez uma anotação mental para reparar nisso no futuro.

— ... e ele disse algo sobre perder a pele ou deixar cair a pele ou algo do gênero. E aparentemente essas coisas são bastante literais. Não estou certo de como as *palavras* dele provocaram algum tipo de reação, e

acho que não despertamos a linha, pelo menos não do modo correto, mas enfim. Decepcionante, realmente.

— Exceto que o seu parceiro viveu para contar a história — disse Blue.

Malory respondeu:

— Bem, sou *eu* quem está tendo de contá-la.

Blue achou que aquilo era uma piada. De qualquer maneira, ela riu e não se sentiu mal por causa disso. Então agradeceu a Malory, trocou gentilezas com ele e desligou.

— Noah? — ela perguntou ao aposento vazio, pois ele havia desaparecido. Não houve resposta, mas, na rua, ela ouviu portas de carro batendo e vozes.

Blue repetiu a frase em sua cabeça: *Meu colega saiu de sua pele com bastante facilidade*. Blue *não tinha* uma "questão" com a morte, mas até ela achou que a cena pintava uma imagem um tanto horrível e vívida.

Um momento depois, ela ouviu a porta bater quando se fechou no primeiro andar e passos na escada.

Gansey foi o primeiro a entrar no aposento. Certamente ele não esperava encontrar ninguém ali, pois seus traços não haviam se composto nem um pouco para disfarçar seu sofrimento. Quando viu Blue,

ele imediatamente conseguiu tirar um sorriso cordial de algum lugar.

E ele era tão convincente. Ela vira sua expressão apenas um segundo antes, mas, mesmo a tendo visto, era difícil lembrar que aquele sorriso era falso. O motivo pelo qual um garoto com uma vida tão despreocupada como a de Gansey precisou aprender a fazer uma expressão falsa de felicidade de um modo tão rápido e convincente estava além de sua compreensão.

— Jane — ele disse, e Blue achou que ouviu um pouco da infelicidade dele na voz radiante, mesmo se seu rosto não a traísse mais. — Desculpe por não estar aqui para te receber.

A voz de Noah, e nada mais, se manifestou no ouvido de Blue, um sussurro gelado: *Eles brigaram*.

Adam e Ronan entraram. Ronan estava curvado com uma sacola de lona e uma mochila nas costas, e Adam carregava uma caixa de cereal amassada, dentro da qual um Transformer espiava para fora.

— Belo Transformer — disse Blue. — É o do carro de polícia?

Adam olhou para Blue sem sorrir, como se não a tivesse visto realmente. Então, um segundo tarde demais, respondeu:

— É.

Ronan, ainda curvado sob o peso da bagagem, atravessou o aposento na direção do quarto de Noah, rindo de maneira sincronizada com seus passos. Era o tipo de risada que denunciava que uma única pessoa ria.

— Esse cara ligou — disse Blue, segurando o pedaço de papel em que havia anotado o nome. O lugar onde ela o havia escrito fazia parecer como se o gato ali desenhado estivesse chamando alguém.

— Malory — disse Gansey, não tão entusiasmado como de costume. Enquanto Adam carregava a caixa atrás de Ronan, Gansey observou suas costas com olhos estreitos. Somente após a porta de Noah ter se fechado atrás dele, Gansey desviou o olhar e encarou Blue. O apartamento parecia vazio sem os outros, como se eles tivessem ido para outro mundo em vez de para outro quarto.

Gansey perguntou:

— O que ele queria?

— Ele tentou o ritual na linha ley e disse que deu errado. E que uma outra pessoa... seu, humm, colega?... se machucou.

— Se machucou como?

— Apenas se machucou. Feio. Por causa da energia — disse Blue.

Gansey chutou com força os sapatos para longe. Um voou sobre sua Henrietta em miniatura e o outro percorreu todo o caminho até cair do lado da mesa, batendo com força na madeira velha e escorregando até o chão. Com um murmúrio, ele disse:

— *Uhuu.*

Blue observou:

— Você parece chateado.

— Pareço? — ele perguntou.

— Por que você e o Adam brigaram?

Gansey lançou um olhar para a porta fechada de Noah.

— Como você sabe? — perguntou desconfiado, jogando-se na cama desfeita.

— Por favor — disse Blue, porque, mesmo que Noah não tivesse contado, ela teria sabido.

Ele murmurou algo para os lençóis e gesticulou com uma mão no ar. Blue se agachou ao lado da cama e apoiou os braços na beirada.

— O quê? Você pode falar sem o travesseiro na boca dessa vez?

Gansey não virou a cabeça, de maneira que sua voz continuou abafada.

— Minhas palavras são ferramentas certeiras de destruição, e não consigo fazer nada para mudar isso. Você acredita que eu só estou vivo porque o Noah

morreu? Que belo sacrifício foi esse, que bela contribuição para o mundo eu sou.

Ele fez outro pequeno volteio com a mão sem tirar o rosto do travesseiro. A intenção provavelmente era fazer parecer que ele só estava brincando. Ele seguiu em frente:

— Ah, eu sei que estou com pena de mim mesmo. Não ligue. Então o Malory acha que é uma má ideia despertar a linha ley? É claro que ele acha. Eu adoro becos sem saída.

— Você *está* com pena de si mesmo. — Mas Blue gostava disso de certa maneira. Ela nunca tinha visto Gansey ser tão verdadeiro por tanto tempo de uma só vez. Só era uma pena que ele tivesse de estar por baixo para que isso acontecesse.

— Já estou terminando. Você não vai precisar aguentar muito mais.

— Eu prefiro você assim.

Por alguma razão, admitir aquilo fez seu rosto ficar rubro; Blue ficou bastante satisfeita que ele ainda tivesse o rosto pressionado no travesseiro e os outros garotos ainda estivessem no quarto de Noah.

— Destruído e quebrado — disse Gansey. — Bem do jeito que as mulheres gostam. Ele disse que o cara se machucou muito?

— Sim.

— Bom, então está cancelado. — Ele rolou de costas e olhou para Blue de cabeça para baixo, onde ela se inclinara sobre a cama. — Não vale o risco.

— Achei que você tinha dito que *precisava* encontrar o Glendower.

— Eu preciso — disse Gansey. — Eles não.

— Então você vai fazer isso sozinho?

— Não, vou encontrar outra maneira. Eu adoraria ter o poder da linha ley apontando setas gigantes para onde ele está, mas vou apenas seguir me arrastando ao longo do velho caminho. Que tipo de ferimento esse cara teve?

Blue fez um ruído evasivo, lembrando-se do aviso de Malory de lhe poupar os detalhes.

— Blue. Que tipo? — Seu olhar era resoluto, como se encará-la fosse mais fácil com seus rostos de cabeça para baixo um em relação ao outro.

— Ele disse algo sobre perder a pele e aí parece que a pele dele caiu. O Malory não queria que eu te contasse isso.

Gansey apertou os lábios.

— Ele ainda se lembra de quando eu... Esqueça. A pele dele caiu? Isso é terrível.

— O que é terrível? — perguntou Adam, atravessando o aposento.

Notando a postura de Blue e Gansey, Ronan observou:

— Se você der uma cuspida, Blue, vai acertar bem no olho dele.

Gansey passou para o lado contrário da cama com uma agilidade surpreendente, olhando de relance para Adam e desviando o olhar tão rapidamente quanto.

— A Blue disse que o Malory tentou despertar a linha e o homem que estava com ele ficou muito ferido. Então nós não vamos fazer nada. Não agora.

Adam disse:

— Não me importo com o risco.

Ronan palitou os dentes.

— Eu também não.

— Você não tem nada a perder — disse Gansey, apontando para Adam. Em seguida, olhou para Ronan. — E você não se importa se vai viver ou morrer. Isso incapacita vocês como juízes.

— Você não tem nada a ganhar — salientou Blue. — Isso torna você um juiz igualmente ruim. Mas acho que eu concordo. Quer dizer, veja o que aconteceu com o seu amigo inglês.

— Obrigado, Jane, por ser a voz da razão — disse Gansey. — Não me olhe desse jeito, Ronan. Desde quando nós decidimos que despertar a linha ley é a única maneira de encontrar Glendower?

— Nós não temos tempo para encontrar outro caminho — insistiu Adam. — Se o Whelk despertar a linha, ele vai ter uma vantagem. Além disso, ele fala latim. E se as árvores souberem? Se encontrar o Glendower, ele recebe o favor e se livra da morte do Noah. Fim do jogo, o bandido ganha.

Qualquer traço de vulnerabilidade havia desaparecido do semblante de Gansey enquanto ele passava as pernas sobre o lado da cama.

— É uma má ideia, Adam. Arrume um jeito de fazer o ritual sem machucar ninguém e estou junto nessa. Até lá... vamos esperar.

— Nós não temos *tempo* — disse Adam. — A Persephone disse que alguém vai despertar a linha ley nos próximos dias.

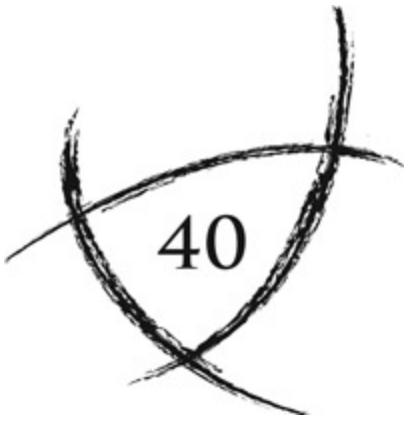
Gansey ficou de pé.

— Adam, o que está acontecendo agora é que alguém do outro lado do mundo não tem pele porque brincou com a linha ley. Nós *vimos* Cabeswater. Isso não é um jogo. É muito real e muito poderoso e *não vamos mexer com isso*.

Ele manteve o olhar de Adam por um longo momento. Havia algo pouco familiar na expressão de Adam, algo que fazia Blue pensar que ela não o conhecia de verdade.

Em sua mente, Blue o imaginou passando a carta de tarô para sua mãe e, enquanto se lembrava de como Maura havia interpretado o dois de espadas, ela pensou, tristemente: *Minha mãe é muito boa no que faz*.

— Às vezes — disse Adam — eu não sei como você consegue viver consigo mesmo.



Barrington Whelk não estava satisfeito com Neeve. Para começo de conversa, desde que ele entrara no carro, ela não fizera nada além de comer homus e bolachas, e a combinação do cheiro de alho e da mastigação de bolachas era incrivelmente irritante. O pensamento de que ela estava enchendo o banco do carro dele com migalhas era um dos mais perturbadores que ele tivera em uma semana de pensamentos extremamente perturbadores. Também, a primeira coisa que ela havia feito após eles terem trocado cumprimentos foi usar seu *taser* nele. Isso foi seguido pela infâmia de ser amarrado na parte de trás de seu próprio carro.

Como se não bastasse eu ter que suportar esse carrinho de merda, pensou Whelk, *agora vou morrer nele*.

Ela não havia dito que sua intenção era matá-lo, mas Whelk tinha passado os últimos quarenta minutos sem conseguir ver grande coisa a não ser o assoalho atrás do banco do passageiro. Havia uma tigela larga e rasa de cerâmica com uma coleção de velas, tesouras e facas. As facas eram de um tamanho considerável e sinistro, mas não uma garantia de assassinato iminente. As luvas de borracha que Neeve usava, e o par extra dentro da tigela, eram.

Da mesma maneira, Whelk não podia ter certeza se eles se dirigiam para a linha ley, mas, pelo tempo que Neeve passara examinando o diário antes de seguir em frente pela estrada, ele suspeitava se tratar de um bom palpite. Whelk não era dado a suposições — mas ele pensou que seu destino provavelmente estava fadado a ser o mesmo de Czerny, sete anos atrás.

Uma morte ritual, então. Um sacrifício, com seu sangue penetrando a terra até alcançar a linha ley adormecida embaixo. Esfregando os punhos amarrados um contra o outro, ele virou a cabeça para Neeve, que segurava a direção com uma mão, enquanto comia as bolachas e o homus com a outra. Para agravar ainda mais a situação, ela estava ouvindo algum tipo de CD de sons da natureza em batida *trance* no rádio do carro. Talvez se preparando para o ritual.

Sua morte na linha ley, pensou Whelk, teria uma espécie de circularidade.

Mas ele não se importava com a circularidade. Ele se importava com seu carro perdido, com seu respeito perdido. Ele se importava com a capacidade de dormir à noite. Ele se importava com línguas mortas há tanto tempo que não mudariam em seu tempo de vida. Ele se importava com o guacamole que a antiga chef de seus pais costumava fazer.

E também com o fato de que Neeve não o havia amarrado firme o suficiente.



Após deixar a Indústria Monmouth, Blue voltou para casa e se retirou para o canto mais distante da faia no quintal para tentar fazer o dever de casa. Mas ela se viu passando menos tempo tentando solucionar *x* e mais tempo tentando solucionar *Noah* ou *Gansey* ou *Adam*. Ela havia desistido e se recostado quando Adam apareceu. Ele adentrou a sombra verde e suave da árvore pela lateral da casa.

— A Persephone disse que você estava aqui. — Ele apenas ficou parado ali, na beira da sombra.

Blue pensou em dizer *Sinto muito pelo seu pai*, mas em vez disso apenas estendeu uma mão na direção dele. Adam deu um suspiro inseguro do tipo que ela poderia ver a dois metros de distância. Sem dizer uma palavra, ele se sentou ao lado dela e colocou a cabeça em seu colo, com o rosto nos braços.

Sobressaltada, Blue não reagiu imediatamente, fora olhar de relance sobre o ombro para ter certeza de que a árvore os escondia da casa. Ela se sentiu um pouco como se tivesse sido abordada por um animal selvagem, ao mesmo tempo lisonjeada por sua confiança e preocupada com o fato de que teria de espantá-lo dali. Após um momento, acariciou com cuidado alguns fios finos e empoeirados de cabelo enquanto olhava para a nuca dele. Blue sentiu o peito se aquecer ao tocá-lo e ao sentir seu cheiro de poeira e óleo.

— Seu cabelo é da cor da terra — ela disse.

— Ele sabe de onde veio.

— Engraçado — observou Blue —, porque então o meu devia ser dessa cor também.

Os ombros dele se moveram em resposta. Após um momento, ele disse:

— Às vezes tenho medo de que ele nunca me compreenda.

Blue correu um dedo ao longo da parte de trás da orelha dele. Parecia perigoso e emocionante, mas não tão perigoso e emocionante como teria sido tocá-lo enquanto ele olhava para ela.

— Só vou dizer isso uma vez, depois não toco mais no assunto — ela disse. — Mas acho que você é tremendamente corajoso.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Um carro zuniu pelo bairro. O vento passou pelas folhas da faia, revirando-as de um jeito que prenunciava chuva.

Sem erguer a cabeça, Adam disse:

— Eu gostaria de te beijar, Blue, nova ou não.

Os dedos dela pararam de se mover.

— Eu não quero te machucar — ela disse.

Adam se livrou dela e se sentou a poucos centímetros de distância. Sua expressão era fria, nem um pouco parecida com quando ele quisera beijá-la antes.

— Eu já estou todo machucado.

Blue não achou que a questão realmente tivesse algo a ver com beijá-la, e isso fez suas faces arderem. Não era para acontecer um beijo de forma alguma, mas, se fosse, ele definitivamente não deveria ser assim. Ela disse:

— O pior ainda está por vir.

Alguma coisa naquele comentário fez com que Adam engolisse em seco e desviasse o rosto. Suas mãos estavam largadas no colo. *Se eu fosse qualquer outra pessoa no mundo*, ela pensou, *teria sido o meu primeiro beijo*. Ela se perguntou como teria sido beijar aquele garoto ansioso e desolado.

Os olhos de Adam se moveram, seguindo a luz que se deslocava através das folhas no alto. Ele não olhou para ela quando disse:

— Eu não lembro como a sua mãe disse que eu devia resolver o meu problema. Na leitura. A escolha que eu não podia fazer.

Blue suspirou. *Essa* era a verdadeira questão, e ela soubera o tempo inteiro, mesmo que ele não soubesse.

— Faça uma terceira opção — disse ela. — Da próxima vez você devia trazer um caderno.

— Eu não lembro dela dizendo a parte do caderno.

— Sou eu quem está te dizendo isso. Da próxima vez que alguém ler cartas para você, tome nota. Assim você pode comparar com o que realmente acontece, e você vai saber se a médium é boa.

Adam olhou para ela, mas Blue não tinha certeza se ele estava realmente *olhando* para ela.

— Vou fazer isso.

— Dessa vez vou te poupar o trabalho — Blue acrescentou, inclinando a cabeça para trás enquanto ele se punha de pé. Seus dedos e sua pele desejavam o garoto com o qual ela ficara de mãos dadas dias antes, mas ele não parecia ser o garoto de pé à sua frente. — Minha mãe é uma boa médium.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele coçou o rosto no ombro.

— Então você acha que eu devo dar atenção a ela?

— Não, você deve dar atenção a mim.

O sorriso apressadamente delineado era tão tênue que podia se romper.

— E o que você diz?

Blue ficou subitamente com medo por ele.

— Continue sendo corajoso.

Havia sangue por toda parte.

— *Está feliz agora, Adam?* — rosnou Ronan. Ele se ajoelhou ao lado de Gansey, que convulsionava no chão. Blue encarou Adam, e o horror no rosto dela era a pior parte. A culpa era dele. O rosto de Ronan estava transtornado pela perda. — *Era isso que você queria?*

Num primeiro momento, quando Adam abriu os olhos do sonho sangrento, com os membros formigando com a adrenalina, ele não tinha certeza de onde estava. Ele sentia como se levitasse; o espaço à sua volta estava todo errado, com muito pouca luz, muito espaço acima da cabeça, nenhum som de sua respiração voltando para ele das paredes.

Então ele se lembrou de onde estava, no quarto de Noah, com suas paredes fechadas e seu teto altíssimo. Uma nova onda de angústia o varreu, e ele pôde identificar sua fonte muito precisamente: saudades de

casa. Por incontáveis minutos, Adam ficou deitado, acordado, debatendo consigo mesmo. Logicamente, ele sabia que não tinha nenhum motivo para sentir saudades, que ele efetivamente era vítima da síndrome de Estocolmo, identificando-se com seus raptores, considerando uma bondade quando seu pai *não* batia nele. Obviamente, ele sabia que sofria abuso. Ele sabia que o dano era mais profundo que qualquer machucado que já apresentara na escola um dia. Adam podia dissecar interminavelmente suas reações, duvidar de suas emoções, perguntar se ele também bateria no próprio filho.

Contudo, deitado na escuridão da noite, tudo em que conseguia pensar era: *Minha mãe nunca mais vai falar comigo. Não tenho um lar.*

O espectro de Glendower e a linha ley perduravam na mente de Adam. Eles pareciam mais próximos do que nunca, mas a possibilidade de um resultado bem-sucedido também parecia mais tênue do que nunca. Whelk estava solto por aí, e ele estivera procurando por isso por mais tempo ainda do que Gansey. Certamente, se o deixassem agir livremente, ele encontraria o que procurava mais cedo do que eles.

Precisamos despertar a linha ley.

A cabeça de Adam era uma confusão de pensamentos: a última vez em que o pai havia batido

nele, o Pig encostando ao lado dele com Gansey dentro, o sósia de Ronan na caixa registradora naquele dia em que decidira que precisava ir para Aglionby, o primeiro golpe de Ronan no rosto do pai. Ele tinha tantos anseios, todos tão importantes, tão urgentes. Não precisar trabalhar tantas horas, entrar para uma boa faculdade, ficar bem de terno, não se sentir ainda com fome após comer o sanduíche fino que levava para o trabalho, dirigir o Audi reluzente que Gansey havia parado para olhar uma vez com ele depois da escola, ir para casa, bater ele mesmo no pai, ser dono de um apartamento com balcões de granito e uma televisão maior que a mesa de Gansey, pertencer a algum lugar, ir para casa, ir para casa, ir para casa.

Se eles despertassem a linha ley, se eles encontrassem Glendower, ele poderia ter todas essas coisas. A maioria delas.

Mas, novamente, ele viu Gansey ferido, e viu também o rosto de Gansey ferido antes, quando eles haviam brigado. Simplesmente não havia a possibilidade de Adam colocar a vida de Gansey em perigo.

Mas também não havia nenhuma possibilidade de ele deixar Whelk se intrometer e tomar o que eles tinham trabalhado tão duro para conseguir. *Esperar!*

Gansey sempre poderia se dar ao luxo de esperar. Adam não.

Ele estava decidido, então. Andando furtivo e silencioso pelo quarto, colocou algumas coisas na mochila. Era difícil prever o que deveria levar. Adam puxou a arma que estava debaixo da cama e a olhou por um longo momento, uma forma escura e sinistra nas tábuas do chão. Mais cedo, Gansey o tinha visto tirando-a de suas coisas.

— O que é *isso*? — perguntara, horrorizado.

— Você sabe o que é — Adam havia respondido. Era a arma do pai dele, e, apesar de ele não ter certeza se seu pai a usaria um dia contra sua mãe, ele não correria o risco.

A ansiedade de Gansey ao ver a arma havia sido palpável. Era possível, pensou Adam, que fosse por Whelk ter enfiado uma arma na cara dele.

— Eu não quero isso aqui.

— Não posso vender — Adam havia dito. — Eu já tinha pensado nisso. Mas legalmente eu não posso. Está registrada no nome dele.

— Com certeza existe um jeito de se livrar dela. Enterre.

— E correr o risco de alguma criança encontrar?

— Eu não quero isso aqui.

— Vou encontrar uma maneira de me livrar dela — Adam havia prometido. — Mas não posso deixar a arma lá. Não agora.

Adam não queria levá-la com ele essa noite, não mesmo.

Mas ele não sabia o que precisaria sacrificar.

Ele conferiu a trava de segurança e colocou a arma na mochila. Ficou de pé, se virou na direção da porta e conseguiu abafar um som. Noah estava parado bem na sua frente, os olhos vazios alinhados com os de Adam, a face afundada alinhada com o ouvido arruinado de Adam, a boca sem respiração alinhada com a respiração entrecortada de Adam.

Sem Blue ali para torná-lo mais forte, sem Gansey ali para torná-lo humano, sem Ronan ali para fazê-lo pertencer, Noah era algo assustador.

— Não jogue fora — sussurrou Noah.

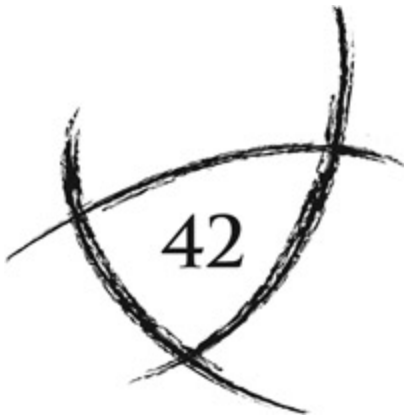
— Estou tentando não fazer isso — Adam respondeu, pegando a bolsa a tiracolo. A arma a deixava estranhamente pesada. *Eu conferi a trava de segurança, não? Sim. Eu sei que sim.*

Quando ele se endireitou, Noah já tinha partido. Adam caminhou através do ar escuro e frio onde ele estivera há pouco e abriu a porta. Gansey estava encolhido na cama, com tampões de ouvido e olhos fechados. Mesmo sem a audição no ouvido esquerdo,

Adam podia ouvir o ruído baixinho da música — o que quer que Gansey tivesse colocado para lhe fazer companhia e induzi-lo ao sono.

Eu não estou traindo o Gansey, pensou Adam. *Nós ainda estamos fazendo isso juntos. Só que, quando eu voltar, seremos iguais*.

Seu amigo não se mexeu enquanto Adam passava pela porta. Quando ele partiu, o único barulho que ouviu foi o sussurro do vento noturno nas árvores de Henrietta.



Gansey acordou no meio da noite e se deparou com a lua inteira sobre seu rosto.

Então, quando abriu os olhos de novo, despertando de verdade, percebeu que não era a lua — as poucas luzes de Henrietta refletiam um roxo fosco por causa de uma faixa de nuvens baixa, e as janelas estavam salpicadas com gotas de chuva.

Não havia lua, mas algo como uma luz o havia acordado. Ele achou que tinha ouvido a voz de Noah ao longe. Os pelos dos braços se arrepiaram devagar.

— Não consigo te entender — ele sussurrou. — Desculpe. Você pode falar mais alto, Noah?

Os pelos da nuca também se arrepiaram. Uma nuvem de respiração perdurou na frente da boca, no ar subitamente frio.

A voz de Noah disse:

— Adam.

Gansey pulou da cama, mas era tarde demais. Adam não estava no antigo quarto de Noah. Suas coisas estavam espalhadas. Ele havia feito as malas, havia partido. Mas não — suas roupas tinham ficado para trás. Adam não pensara em partir para sempre.

— Ronan, levante — disse Gansey, escancarando a porta do quarto dele. Sem esperar por resposta, foi até a escada e, da plataforma, olhou pela janela quebrada que dava para o estacionamento. A chuva caía como uma garoa, um spray fino que fazia halos em torno das luzes de casas distantes. De certa maneira, Gansey já sabia o que encontraria, mas mesmo assim a realidade foi um choque. O Camaro não estava no estacionamento. Era mais fácil para Adam fazer uma ligação direta no Camaro do que no BMW de Ronan. Provavelmente o que acordara Gansey fora o ronco do motor, a luz do luar meramente uma memória.

— Gansey, cara, o que foi? — perguntou Ronan, parado no vão da porta, coçando a parte de trás da cabeça.

Gansey não queria dizer. Ele tinha medo de que, se dissesse em voz alta, aquilo se tornasse real, palpável, verdadeiro. Não teria sido um problema se fosse Ronan; esse era o tipo de coisa que ele esperaria de Ronan. Mas era Adam. *Adam*.

Eu disse para ele, não disse? Eu disse que a gente devia esperar. Ele me entendeu muito bem.

Gansey tentou várias formas de pensar na situação, mas não havia nada que a retratasse de uma maneira que doesse menos. Algo continuava se dilacerando dentro dele.

— O que está acontecendo? — O tom da voz de Ronan havia mudado. Não havia mais nada a fazer a não ser dizê-lo.

— O Adam foi despertar a linha ley.



A apenas um quilômetro e meio dali, na Rua Fox, 300, Blue levantou o olhar quando ouviu uma batida leve na porta rachada de seu quarto.

— Você está dormindo? — perguntou Maura.

— Sim — respondeu Blue.

Maura entrou no quarto.

— A sua luz estava acesa — ela observou e, com um suspiro, se sentou na beirada da cama de Blue, tão suave quanto um poema na luz fraca. Por longos minutos, ela não disse absolutamente nada, repassando as escolhas de leitura de Blue empilhadas na mesa de cartas enfiada na extremidade do colchão. Não havia nada de estranho naquele silêncio entre elas; desde quando Blue podia se lembrar, sua mãe entrava em seu quarto à noite, e juntas elas liam livros, cada uma num canto da cama. Seu velho colchão duplo parecia ter mais espaço quando Blue era

pequena, mas, agora que ela tinha o tamanho de uma adulta, era impossível que elas se sentassem sem que joelhos ou cotovelos se tocassem.

Após alguns momentos de impaciência com os livros de Blue, Maura pousou as mãos no colo e olhou ao redor, para o pequeno quarto da filha. Ele estava iluminado por uma luz verde fraca da lâmpada na mesa de cabeceira. Na parede do outro lado da cama, Blue havia disposto árvores de lona, decoradas com uma colagem de folhas naturais e papel reciclado, e havia colado flores secas sobre toda a porta do armário embutido. A maioria delas ainda parecia bastante bem, mas algumas estavam um pouco passadas. O ventilador de teto estava enfeitado com penas coloridas e rendas. Blue vivera ali todos os dezesseis anos de sua vida, e o quarto não deixava dúvidas quanto a isso.

— Acho que eu devia me desculpar — disse Maura finalmente.

Blue, que estivera lendo e relendo sem grande sucesso um dever sobre literatura americana, largou o livro.

— Por quê?

— Por não ter sido franca, eu acho. Sabe, é muito difícil ser mãe. Eu culpo o Papai Noel. Você passa

tanto tempo trabalhando duro para que seu filho não perceba que ele não existe que não sabe quando parar.

— Mãe, eu vi você e a Calla embrulhando meus presentes quando eu tinha, sei lá, seis anos.

— Foi uma metáfora, Blue.

Blue tamborilou no livro de literatura.

— Uma metáfora deve esclarecer algo com um exemplo. Isso não esclareceu nada.

— Você sabe o que eu estou querendo dizer ou não?

— O que você está querendo dizer é que lamenta por não ter me contado sobre o Chuchu.

Maura olhou furiosa para a porta, como se Calla estivesse parada atrás dela.

— Eu gostaria que você não o chamasse assim.

— Se tivesse sido você quem tivesse me contado sobre ele, eu não estaria usando o nome que a Calla me contou.

— Muito bem.

— Então, qual *era* o nome dele?

Sua mãe se recostou na cama. Ela estava de atravessado, de maneira que teve de recolher os joelhos para segurar os pés na beirada do colchão, e Blue teve de tirar as próprias pernas para evitar que fossem esmagadas.

— Artemus.

— Não é à toa que você preferiu Chuchu — disse Blue. Mas, antes que sua mãe tivesse tempo de dizer algo, ela acrescentou: — Espere... Artemus não é um nome romano? Latino?

— É. E eu não acho um nome feio. Eu não eduquei você para julgar os outros.

— Claro que educou — disse Blue. Ela estava se perguntando se era coincidência ter tanto latim em sua vida no momento. Gansey estava começando a contagiá-la, pois coincidências não pareciam mais tão coincidentes.

— Provavelmente — concordou Maura após um momento. — Escute. Isso é o que eu sei. Acho que o seu pai tem algo a ver com Cabeswater ou com a linha ley. Lá atrás, antes de você nascer, Calla, Persephone e eu estávamos envolvidas com coisas que provavelmente não deveríamos estar...

— Drogas?

— Rituais. *Você* está envolvida com drogas?

— Não. Talvez rituais.

— Drogas talvez sejam melhores.

— Não estou interessada nelas. Seus efeitos são comprovados. Onde está a graça disso? Conta mais.

Maura tamborilou um ritmo na barriga enquanto olhava para cima. Blue havia copiado um poema no teto, e era possível que ela estivesse tentando lê-lo.

— Bom, ele apareceu após um ritual. Acho que ele estava preso em Cabeswater e nós o soltamos.

— Você não *perguntou*?

— A gente não tinha... esse tipo de relação.

— Eu nem quero saber de que tipo era, se ela não envolvia conversar.

— A gente *conversava*. Ele era uma pessoa muito decente — disse Maura. — Era muito generoso. As pessoas o incomodavam. Ele achava que nós devíamos estar mais preocupadas com o mundo à nossa volta e como as nossas ações afetariam as coisas no futuro. Eu gostava dessa parte dele. Ele não era dado a sermões, era assim mesmo.

— Por que você está me contando isso? — perguntou Blue, porque ela estava um pouco incomodada ao ver a pressão inconstante dos lábios de Maura um contra o outro.

— Você disse que queria saber sobre ele. Eu estava te contando porque você lembra muito o Artemus. Ele teria gostado de ver o seu quarto, com todas essas merdas que você colocou nas paredes.

— Nossa, valeu — disse Blue. — Então, por que ele foi embora?

Logo após ter feito a pergunta, Blue percebeu que talvez tivesse sido direta demais.

— Ele não foi embora — disse Maura. — Ele desapareceu. Bem quando você nasceu.

— Isso se chama ir embora.

— Não acho que ele fez de propósito. Bom, num primeiro momento eu achei. Mas agora, pensando melhor e aprendendo mais sobre Henrietta, eu acho... Você é uma garota estranha. Eu nunca encontrei ninguém que fizesse médiuns ouvirem as coisas melhor. Eu não tenho certeza se não fizemos acidentalmente outro ritual quando você nasceu. Quer dizer, um ritual em que a parte final era você ter nascido. Isso pode ter prendido ele lá de novo.

Blue disse:

— Você acha que a culpa é minha!

— Não seja ridícula — disse Maura, endireitando-se. Seu cabelo estava todo amassado de se deitar sobre ele. — Você era apenas um bebê, como alguma coisa poderia ser sua culpa? Eu só pensei que talvez tenha sido isso que aconteceu. Foi por isso que eu liguei para a Neeve para ela procurá-lo. Eu gostaria que você entendesse por que eu liguei para ela.

— Você conhece a Neeve de verdade?

Maura balançou a cabeça.

— *Pff*. Nós não crescemos juntas, mas nos reunimos algumas vezes ao longo dos anos, apenas um dia ou dois, aqui ou ali. Nunca fomos amigas,

muito menos irmãs de verdade. Mas a reputação dela... Nunca achei que a situação ficaria esquisita como ficou.

Elas ouviram passos avançando suavemente no corredor, então Persephone parou no vão da porta.

— Eu não queria interromper, mas em três ou sete minutos — disse Persephone — os garotos corvos vão encostar o carro na rua e esperar na frente da casa enquanto tentam encontrar uma maneira de convencer a Blue a escapulir com eles.

Maura coçou a pele entre as sobrancelhas.

— Eu sei.

O coração de Blue disparou.

— Isso parece terrivelmente específico.

Persephone e sua mãe trocaram um rápido olhar.

— Isso é outra coisa sobre a qual eu não fui muito sincera — disse Maura. — Às vezes Persephone, Calla e eu somos muito boas com questões específicas.

— Só às vezes — ecoou Persephone. Então, um pouco tristemente: — Cada vez mais, pelo visto.

— As coisas estão mudando — disse Maura.

Outra silhueta apareceu no vão da porta, e Calla disse: — A Neeve ainda não voltou também. E ela mexeu no carro. Ele não liga.

Do lado de fora da janela, todas ouviram o som de um carro estacionando na frente da casa. Blue olhou suplicante para a mãe.

Em vez de responder, a mãe olhou para Calla e para Persephone.

— Diga que estamos erradas.

Persephone disse do seu jeito suave:

— Você sabe que eu não posso dizer isso, Maura.

Maura se pôs de pé.

— Vá com eles. Nós cuidaremos da Neeve. Espero que você entenda como isso é sério, Blue.

— Eu faço uma ideia — a garota respondeu.



Existem árvores, e existem árvores à noite. Árvores depois de escurecer se tornam coisas móveis, sem cor e sem tamanho definido. Quando Adam chegou a Cabeswater, o local parecia um ser vivo. O vento entre as folhas era como a brisa de uma expiração, e o sibilar da chuva nas copas, como um suspiro contido. O ar cheirava a terra molhada.

Adam lançou um facho da lanterna para a entrada da mata. A luz mal penetrou as árvores, engolida pela chuva de primavera intermitente que começava a encharcar seu cabelo.

Pena que não pude fazer isso durante o dia, ele pensou.

Ele não tinha fobia do escuro. Uma fobia significava um medo irracional, e Adam achava que tinha motivos suficientes para estar com medo em

Cabeswater após o pôr do sol. *Pelo menos*, ponderou, *se o Whelk estiver aqui com uma lanterna, eu o verei*.

Não chegava a ser um grande consolo, mas Adam tinha vindo de muito longe para voltar. Lançou mais um olhar à sua volta — você sempre se sentia observado naquele lugar — e então avançou na direção do gorgolejar invisível do pequeno regato, mata adentro.

Estava claro.

Baixando subitamente o queixo e com os olhos quase fechados, Adam protegeu o rosto com sua lanterna. As pálpebras queimavam vermelhas com a diferença da escuridão para a luz. Lentamente, ele as abriu de novo. Em toda parte ao seu redor, a floresta brilhava com a luz da tarde. Hastes de ouro em pó penetravam a copa das árvores e cobriam de manchas o regato diáfano à sua esquerda. Sob a luz oblíqua, as folhas se tornavam amarelas, marrons, cor-de-rosa. O líquen peludo nas árvores era laranja-escuro.

Sua mão se tornara rosa e bronzeada. O ar se movia lento em torno de seu corpo, de certa maneira tangível, folheado a ouro, como se cada grão de poeira fosse uma lanterna.

Não havia sinal da noite, e não havia sinal de ninguém mais nas árvores.

Lá no alto, um pássaro cantou, o primeiro que Adam se lembrava de ouvir na mata. Foi um canto longo e agudo, somente quatro ou cinco notas. Era como o som que as cornetas de caça faziam no outono. *Longe, longe, longe*. O canto deixou Adam maravilhado e entristecido ao mesmo tempo, a marca de Cabeswater de beleza agridoce.

Este lugar não deveria existir, pensou Adam, e imediatamente pensou o contrário. Cabeswater ficara claro assim que Adam desejara que ele não estivesse escuro, como havia mudado a cor dos peixes no laguinho tão logo Gansey pensou que seria melhor se eles fossem vermelhos. Cabeswater era tão literal quanto Ronan. Ele não sabia se poderia *pensá-lo* até que se esvanecesse, e não queria descobrir.

Adam precisava cuidar de seus pensamentos.

Ele desligou a lanterna, guardou-a na mochila e avançou ao longo do pequeno regato que eles haviam seguido da primeira vez. O riozinho estava cheio pela água da chuva, o que tornava mais fácil acompanhar a direção da nascente, seguindo um caminho de relva recentemente pisada montanha abaixo.

Adiante, Adam viu reflexos se movendo com lentidão nos troncos das árvores, a forte luz oblíqua da tarde se espelhando na superfície do laguinho

misterioso que eles haviam encontrado no primeiro dia.

Ele estava quase lá.

Tropeçou. Seu pé havia virado sobre algo duro e inesperado.

O que é isso?

A seus pés, havia uma tigela larga e vazia, de um roxo feio e brilhante, estranho e artificial para estar naquele lugar.

Confusos, os olhos de Adam deslizaram da tigela seca para outra, a aproximadamente dez metros dali, igualmente proeminente em meio às folhas cor-de-rosa e amarelas no chão. A segunda tigela era idêntica à que estava a seus pés, à diferença de que essa última estava cheia até a borda com um líquido escuro.

Adam se espantou mais uma vez pelo fato de aquele objeto tão artificial estar ali, em meio às árvores. Então se sentiu confuso novamente quando percebeu que a superfície da tigela estava inalterada e perfeita; nenhuma folha, lodo, galhos ou insetos desfiguravam o líquido escuro. O que significava que a tigela havia sido cheia recentemente.

O que significava...

A adrenalina atingiu seu sistema um segundo antes de ele ouvir uma voz.

Amarrado no banco de trás do carro, Whelk estava tendo dificuldade em decidir quando tomaria a iniciativa para se libertar. A questão era que Neeve claramente tinha um plano, o que era muito mais do que Whelk poderia dizer de si mesmo. E parecia extremamente improvável que ela tentasse matá-lo até que tivesse arrumado todos os detalhes do ritual. Então Whelk deixou que ela o levasse em seu próprio carro, agora com um ranço de alho e cheio de migalhas, até a entrada da mata. Como Neeve não era corajosa o suficiente para tirar o carro da estrada — fato pelo qual ele era muito grato —, ela o estacionou em uma pequena rotatória de cascalho, e eles fizeram o restante do trajeto a pé. Ainda não estava escuro, mas mesmo assim Whelk tropeçou sobre montículos de relva no caminho.

— Desculpe — disse Neeve. — Eu procurei no Google Maps um lugar mais próximo para estacionar.

Whelk, incomodado por absolutamente tudo a respeito de Neeve, das mãos delicadas e fofas à saia longa e rodada e o cabelo ondulado, respondeu sem grande civilidade:

— Por que você se dá ao trabalho de pedir desculpas? Não está planejando me matar?

Neeve fez uma careta.

— Eu gostaria que você não falasse assim. Você está destinado a ser um sacrifício. Ser um sacrifício é algo admirável, uma adorável tradição. Além disso, você merece isso. É justo.

Whelk disse:

— Se você me matar, quer dizer que alguém deve matá-la por uma questão de justiça? No futuro?

Ele tropeçou em mais um feixe de relva, e dessa vez Neeve não se desculpou nem respondeu a suas perguntas. Em vez disso, fiou nele um olhar de uma duração interminável. Era tão profundamente penetrante quanto exaustivamente comprido.

— Por um breve momento, Barrington, admito que senti um ligeiro arrependimento por ter te escolhido. Você parecia muito agradável até eu lhe aplicar o *taser*.

É difícil manter uma conversa civilizada após a lembrança de que alguém usou um *taser* no outro. Então, os dois terminaram a caminhada em silêncio. Era um sentimento estranho para Whelk estar de volta à mata onde ele vira Czerny vivo pela última vez. Ele havia pensado que uma mata era somente isso e que ele não seria afetado ao voltar, especialmente em uma hora diferente do dia. Mas algo a respeito da atmosfera imediatamente o levou de volta para aquele momento,

com o skate na mão, a pergunta triste presa na respiração agonizante de Czerny.

Os sussurros sibilavam e pipocavam em sua cabeça, como um fogo prestes a ser aceso, mas Whelk os ignorava.

Ele sentia falta da sua vida. Ele sentia falta de tudo a respeito dela: a despreocupação, os Natais extravagantes em família, o pedal do acelerador embaixo do pé, o tempo livre que parecia uma bênção em vez de uma maldição vazia. Sentia falta de matar aulas e de participar delas, de pichar a placa de Henrietta na I-64 depois de ficar extraordinariamente bêbado no seu aniversário.

Ele sentia falta de Czerny.

Ele não se permitira pensar nisso nem uma vez nos últimos sete anos. Ao contrário, Whelk havia tentado se convencer da inutilidade de Czerny e da praticidade da morte.

No entanto, ele se lembrou do som que Czerny fez na primeira vez em que ele o acertou.

Neeve não precisou dizer para Whelk se sentar calmamente enquanto ela arranjava o ritual. Enquanto ela arrumava os cinco pontos do pentagrama, com uma vela apagada, uma vela acesa, uma tigela vazia, uma tigela cheia e três pequenos ossos dispostos em forma de triângulo, ele se sentou com os joelhos

dobrados perto do queixo e as mãos ainda amarradas nas costas, desejando encontrar forças para chorar. Algo para aliviar aquele peso terrível dentro dele.

Neeve o olhou de relance e imaginou que Whelk estava chateado com sua morte próxima.

— Ah — ela disse suavemente —, não fique assim. Não vai doer muito. — Depois reconsiderou o que havia dito e corrigiu: — Pelo menos não por muito tempo.

— Como você vai me matar? Como funciona esse ritual?

Neeve franziu o cenho.

— Não é uma pergunta fácil. É como perguntar a um pintor por que ele escolheu aquelas cores. Às vezes não é um *processo*, mas um *sentimento*.

— Muito bem, então — disse Whelk. — O que você está *sentindo*?

Neeve pressionou no lábio uma unha malva perfeitamente cuidada enquanto examinava seu trabalho.

— Eu fiz um pentagrama. É uma forma forte para qualquer tipo de feitiço, e eu trabalho bem com ele. Alguns o consideram desafiador ou muito limitante, mas ele me satisfaz. Tenho a vela acesa para dar energia e a vela apagada para chamar energia. A tigela de leitura para ver o outro mundo e a tigela vazia para

o outro mundo enchê-la. Cruzei os ossos das pernas de três corvos que matei para mostrar ao caminho dos mortos a natureza do feitiço que quero fazer. E então acho que vou sangrar você no centro do pentagrama enquanto invoco a linha para despertar.

Ela olhou duro para Whelk ao dizer isso, e então acrescentou:

— Talvez eu mude um pouco o ritual ao longo da execução. Essas coisas precisam ser flexíveis. As pessoas raramente demonstram interesse na mecânica do meu trabalho, Barrington.

— Eu estou muito interessado — disse ele. — Às vezes o processo é a parte mais interessante.

Quando ela deu as costas para pegar as facas, ele escorregou as mãos do laço. Então escolheu um galho caído e acertou a cabeça de Neeve com toda a força que conseguiu reunir. Whelk não achou que seria suficiente para matá-la, pois o galho ainda era verde e macio, mas certamente a deixou de joelhos.

Neeve gemeu e balançou a cabeça lentamente, e Whelk lhe acertou mais um golpe para não ter dúvidas. Ele a amarrou com o laço do qual tinha conseguido se desvencilhar — fez um nó bem apertado, tendo aprendido com os erros dela — e a arrastou meio desmaiada até o centro do pentagrama.

Quando ele ergueu o olhar, viu Adam Parrish.

Era a primeira vez que Blue sentia como se fosse verdadeiramente perigoso para ela estar em Cabeswater — perigoso porque ela tornava as coisas mais intensas. Mais poderosas. Ao chegarem à mata, a noite já parecia carregada. A chuva havia dado lugar a um chuvisqueiro intermitente. A combinação do sentimento carregado e da chuva fez Blue olhar com bastante ansiedade para Gansey quando ele saiu do carro, mas seus ombros mal estavam úmidos e ele não estava usando o uniforme da Aglionby. Ele definitivamente estava usando o blusão com o corvo quando ela o viu na vigília da igreja, e seus ombros estavam definitivamente mais molhados. Certamente ela não havia conseguido mudar o futuro dele o suficiente para tornar aquela noite a ocasião em que ele morreria, não é? Certamente ela estivera fadada o tempo inteiro a encontrá-lo, tendo em vista que deveria matá-lo ou se apaixonar por ele. E certamente Persephone não os teria deixado ir se sentisse que aquela era a noite em que Gansey morreria.

Eles abriram caminho com o facho das lanternas e encontraram o Pig estacionado próximo de onde haviam encontrado o Mustang de Noah. Vários caminhos pisoteados levavam do carro para a mata, como se Adam tivesse sido incapaz de decidir por qual vereda entrar.

Ao ver o Camaro, o rosto de Gansey, que já era sério, ficou realmente duro como uma pedra. Nenhum deles falou enquanto eles passavam pela linha das árvores.

Na beira da mata, o sentimento de carga, de *possibilidade*, imediatamente ficou mais pronunciado. Lado a lado, eles entraram em meio às árvores e, entre um piscar e outro de olhos, se viram cercados por uma luz sonhadora e vespertina.

Mesmo tendo se preparado para a magia, Blue estava atônita com o que via.

— O que está se passando na cabeça do Adam? — murmurou Gansey, mas para ninguém em particular. — Como ele pode brincar com... — e perdeu o interesse em responder à própria pergunta.

Diante deles estava o Mustang de Noah, na luz dourada de outro mundo, parecendo ainda mais surreal que da primeira vez em que eles o tinham encontrado. Raios de sol pálidos atravessavam a copa das árvores, formando listras sobre o teto coberto de pólen.

Parada na frente do carro, Blue chamou a atenção dos garotos. Eles se juntaram a ela, olhando fixamente para o para-brisa. Desde que eles haviam estado pela última vez na clareira, alguém havia escrito uma palavra no vidro empoeirado. Em letras arredondadas e escritas à mão, lia-se: ASSASSINADO.

— Noah? — perguntou Blue para o ar vazio, embora ele não parecesse tão vazio. — Noah, você está aqui com a gente? Foi você quem escreveu isso?

Gansey disse:

— Ah.

Foi um ruído abafado e, em vez de pedir que ele esclarecesse, Blue e Ronan seguiram seu olhar para a janela do lado do motorista. Um dedo invisível estava no processo de desenhar outra letra no vidro. Embora Blue achasse que só podia ser Noah quem escrevera a primeira palavra, em sua cabeça ela ainda o imaginava tendo um corpo enquanto escrevia. Observar as letras aparecerem espontaneamente era muito mais difícil. Fazia com que ela pensasse em Noah com os buracos escuros no lugar dos olhos, a face esmagada, a forma quase desumana. Mesmo na tarde quente da mata, ela sentiu frio.

É o Noah, ela pensou. *Drenando energia de mim. É isso que eu sinto.*

No vidro, a palavra tomou forma.

ASSASSINADO.

Mais uma palavra começou a ser desenhada. Não havia espaço suficiente entre o O e a próxima palavra, então esta obliterou parcialmente a primeira.

ASSASSINADO.

E de novo, de novo, de novo, uma sobre a outra:

ASSASSINADO.
ASSASSINADO.
ASSASSINADO.

A escrita continuou até que o vidro do lado do motorista ficou limpo, inteiramente varrido por um dedo invisível, até que havia tantas palavras que nenhuma delas podia ser lida. Então era apenas uma janela em um carro vazio com a memória de um hambúrguer sobre o banco do passageiro.

— Noah — disse Gansey. — Eu sinto muito.

Blue secou uma lágrima.

— Eu também.

Ronan deu um passo à frente, se inclinou sobre o capô do carro, pressionou o dedo contra o para-brisa e, enquanto eles observavam, escreveu:

LEMBRADO.

A voz de Calla falou na cabeça de Blue, tão claramente que ela se perguntou se alguém mais podia ouvi-la: *Um segredo matou o seu pai e você sabe qual era.*

Sem nenhum comentário, Ronan colocou as mãos nos bolsos e se embrenhou mata adentro.

A voz de Noah sibilou no ouvido de Blue, fria e urgente, mas ela não conseguia compreender o que ele estava tentando dizer. Ela pediu que ele repetisse, mas não adiantou. Esperou em vão por mais alguns

segundos, mas ainda assim — nada. Adam estava certo: Noah estava ficando cada vez menos presente.

Agora que Ronan tinha tomado a dianteira, Gansey parecia ansioso em seguir em frente. Blue compreendeu totalmente. Parecia importante manter todos dentro do campo de visão uns dos outros. Cabeswater parecia um lugar onde as coisas se perderiam a qualquer momento.

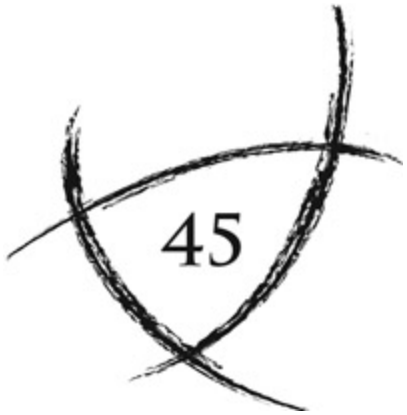
— *Excelsior* — disse Gansey sombriamente.

Blue perguntou:

— Isso quer dizer alguma coisa?

Gansey olhou para ela por cima do ombro. Ele estava, mais uma vez, um pouco mais parecido com o garoto que ela vira no adro da igreja.

— Adiante e acima.



— Pelo amor de Deus — disse Whelk quando viu Adam parado ao lado da tigela que ele tinha chutado havia pouco. Whelk brandia uma faca enorme de aparência bastante eficiente. Estava sujo e com a barba por fazer. Parecia um garoto da Aglionby depois de um fim de semana ruim. — *Por quê?*

Sua voz tinha um tom genuíno de agravo.

Adam não via o professor de latim desde que havia descoberto que ele matara Noah, e ficou surpreso com a torrente de emoções que a visão de Whelk lhe provocou. Especialmente quando ele percebeu que aquele era mais um ritual, com mais um sacrifício. Naquele contexto, levou um momento para reconhecer o rosto de Neeve — aquela noite na Rua Fox, 300. Neeve olhou para ele do centro, feito a partir dos pontos em um pentagrama. Adam achou que ela não parecia tão *apavorada* quanto se poderia esperar

de uma pessoa amarrada no meio de um símbolo diabólico.

Adam pensou em dizer várias coisas, mas, quando abriu a boca, não foi nenhuma dessas coisas que saiu.

— Por que o Noah? — ele perguntou. — Por que não alguém horrível?

Whelk fechou os olhos por um mero segundo.

— Não vou discutir isso. Por que você está *aqui*?

Era óbvio que ele não tinha certeza sobre o que fazer com o fato de Adam estar ali — o que era justo, porque Adam não tinha ideia do que fazer com o fato de Whelk estar ali. A única coisa que ele tinha de fazer era evitar que Whelk despertasse a linha ley. Tudo o mais (colocá-lo fora de combate, salvar Neeve, vingar Noah) era negociável. Ele lembrou, de uma hora para outra, que tinha a arma do pai na mochila. Era possível que conseguisse apontá-la para Whelk e convencê-lo a fazer algo, mas o quê? Nos filmes, isso parecia simples: quem quer que tivesse a arma vencia. Mas, na vida real, ele não podia apontar a arma para Whelk *e* amarrá-lo ao mesmo tempo, ainda que tivesse algo para amarrá-lo. Whelk poderia dominá-lo. Talvez Adam pudesse usar o laço de Neeve para...

Adam sacou a arma. Parecia pesada e malévola em sua mão.

— Estou aqui para evitar que isso aconteça de novo. Desamarre ela.

Whelk repetiu:

— Pelo amor de Deus.

Então deu dois passos até Neeve e colocou a faca em um lado do rosto dela. Neeve apertou a boca apenas um pouquinho. Ele disse: — Ponha a arma no chão, senão eu retalho o rosto dela. Ou melhor, jogue a arma para cá. E verifique se acionou a trava de segurança antes de jogar, ou você pode acabar atirando nela.

Adam desconfiava secretamente de que, se fosse Gansey, ele teria sido capaz de sair daquela situação com seu poder de convencimento. Ele endireitaria os ombros, pareceria impressionante e Whelk faria o que ele lhe dissesse. Mas Adam não era Gansey, então tudo que conseguiu pensar em dizer foi: — Eu não vim aqui para que alguém morresse. Vou jogar a arma longe, mas não na sua direção.

— Então eu vou retalhar o rosto dela.

O rosto de Neeve estava bastante tranquilo.

— Você vai estragar o ritual se fizer isso. Você não estava me ouvindo? Achei que estivesse interessado no processo — ela disse.

Adam tinha a sensação curiosa e desconcertante de ver algo extraordinário quando a olhava nos olhos.

Era como se ele visse um breve flash de Maura, Persephone e Calla neles.

Whelk disse:

— Muito bem. Jogue a arma pra lá, mas não se aproxime. — Para Neeve, ele perguntou: — O que você quer dizer com estragar o ritual? Você está blefando?

— Pode jogar a arma — Neeve disse para Adam. — Não me importo.

Adam jogou a arma no matagal. Ele se sentiu péssimo quando fez isso, mas mesmo assim era melhor do que segurá-la.

Então Neeve declarou:

— Barrington, o ritual não vai funcionar porque precisa de um sacrifício.

— Você estava planejando me matar — disse Whelk. — Você espera que eu acredite que o ritual não vai funcionar de modo contrário?

— Sim — respondeu Neeve, sem desviar o olhar de Adam. Mais uma vez, ele teve a impressão de ver um flash de algo quando olhou para o rosto dela: uma máscara negra, dois espelhos, o rosto de Persephone. — Tem de ser um sacrifício pessoal. Não vai adiantar me matar. Eu não sou nada para você.

— E eu não sou nada para você — disse Whelk.

— Mas matar é — ela respondeu. — Eu nunca matei ninguém. Eu abro mão da minha inocência se fizer isso. É um sacrifício incrível.

Quando Adam falou, ficou surpreso com quão claramente o desprezo que sentia veio à tona.

— E você já matou uma pessoa, então não tem isso para abrir mão.

Whelk começou a praguejar muito suavemente, como se ninguém mais estivesse ali. Folhas da cor e do formato de moedas esvoaçavam em volta deles. Neeve ainda estava encarando Adam. A sensação de ver algum outro lugar em seus olhos agora era inegável. Era um lago espelhado e negro, era uma voz profunda como a terra, eram dois olhos vítreos, era outro mundo.

— Sr. Whelk!

Gansey!

A voz de Gansey vinha logo de trás da árvore oca divinatória, e então o resto dele a seguiu, enquanto ele entrava no campo de visão. Atrás dele estavam Ronan e Blue. O coração de Adam era um pássaro e uma pedra; seu alívio era palpável, assim como sua vergonha.

— Sr. Whelk — disse Gansey. Mesmo de óculos e com os cabelos de quem acabou de acordar, ele aparentava o esplendor absoluto de Richard Gansey III,

reluzente e poderoso. Ele não olhou para Adam. — A polícia está a caminho. É melhor se afastar da mulher para não piorar as coisas.

Whelk fez menção de responder, mas não respondeu. Em vez disso, todos olharam para a faca que ele tinha na mão e para o chão logo abaixo dela.

Neeve havia sumido.

Imediatamente, todos olharam em torno do pentagrama, para a árvore oca, para o pequeno lago — mas era ridículo. Neeve não poderia ter deslizado para longe sem que ninguém a visse, não em dez segundos. Ela não havia se movido. Ela havia *desaparecido*.

Por um momento, nada aconteceu. Todos estavam congelados em um diorama de incerteza.

Whelk mergulhou para fora do pentagrama. Adam precisou de apenas um segundo para perceber que ele estava arremetendo na direção da arma.

Ronan se jogou na frente de Whelk no mesmo instante em que este se levantou com o revólver. Whelk deu uma coronhada no queixo de Ronan, o que fez a cabeça dele dar um estalo para trás.

Então Whelk apontou a pistola para Gansey.

Blue gritou:

— *Pare!*

Não havia tempo.

Adam se atirou no meio do pentagrama.

Curiosamente, não havia nenhum ruído ali, não que se pudesse ouvir de maneira razoável. O fim do grito de Blue foi abafado, como se tivesse sido mergulhado em água. O ar estava parado à sua volta. Era como se o tempo tivesse se tornado um ente letárgico, mal existindo. A única sensação verdadeira que Adam sentia era a da eletricidade — o ligeiro formigar de uma tempestade elétrica.

Neeve havia dito que a questão não era a morte, mas o sacrifício. Era óbvio que isso havia travado Whelk completamente.

Mas Adam sabia o que significava sacrifício, mais do que Whelk ou Neeve já haviam precisado saber na vida, ele acreditava. Ele sabia que sacrifício não tinha a ver com matar alguém ou desenhar uma forma feita de ossos de pássaros.

Em última análise, Adam vinha fazendo sacrifícios havia muito tempo, e ele sabia qual era o mais difícil.

Em seus termos ou de maneira alguma.

Ele não sentia medo.

Ser Adam Parrish era algo complicado, um prodígio de músculos e órgãos, sinapses e nervos. Ele era um milagre em vida, um estudo sobre a sobrevivência. A coisa mais importante para Adam

Parrish, no entanto, sempre fora o livre-arbítrio, a capacidade de ser seu próprio mestre.

Era isso que importava.

A questão mais importante sempre fora essa.

Era isso que significava ser Adam.

Ajoelhando-se no meio do pentagrama e enfiando os dedos no relvado suave e musgoso, ele disse: — Eu me sacrifico.

O grito de Gansey saiu aflito:

— Adam, não! *Não.*

Em seus termos ou de maneira alguma.

Serei suas mãos, pensou Adam. *Serei seus olhos*.

Houve um barulho como o de uma enorme onda se quebrando. Um estalo.

Debaixo deles, o chão começou a tremer.



Blue foi jogada sobre Ronan, que já estava agachado, levantando-se de onde Whelk o havia acertado. Na frente dela, as lajes enormes de pedra entre as árvores ondulavam como se fossem água, e o pequeno lago transbordou e se derramou para fora das margens. Havia um ruído enorme ao redor, como um trem caindo sobre eles, e tudo que Blue conseguia pensar era: *Nada de realmente ruim jamais aconteceu comigo.*

As árvores se inclinavam na direção umas das outras, como se fossem se soltar do solo. Folhas e galhos cobriam o chão, grossos e furiosos.

— É um terremoto! — gritou Gansey para eles. Ele tinha um braço erguido sobre a cabeça e o outro agarrado em torno de uma árvore. Seu cabelo estava coberto de poeira.

— Olha o que você fez, seu filho da mãe maluco! — Ronan gritou para Adam, que estava imóvel no pentagrama. Seu olhar era atento e cortante.

Será que vai parar?, Blue se perguntou.

Um terremoto era algo tão chocante, tão *errado*, que não parecia impossível acreditar que o mundo havia se partido para nunca mais voltar a se endireitar novamente.

Enquanto o chão se deslocava e rosnava em volta deles, Whelk se pôs de pé aos tropeços, com a arma na mão. Tudo ficou mais escuro e mais feio do que antes, um mundo em que a morte era injusta e instantânea.

Whelk conseguiu manter o equilíbrio. O sacolejar das rochas estava começando a diminuir, embora tudo ainda pendesse para lá e para cá como um brinquedo de parque de diversões.

— O que *você* saberia fazer com o poder? — ele disparou para Adam. — Que desperdício. Que maldito desperdício.

Whelk apontou a arma para Adam e, sem qualquer cerimônia, puxou o gatilho.

Em volta deles, o mundo parou. As folhas tremiam e a água se derramava lentamente sobre as margens do pequeno lago, mas, fora isso, o chão havia parado.

Blue gritou.

Todos os olhos estavam em Adam, que permanecia estático no meio do pentagrama. Sua expressão era perplexa. Então ele olhou para o peito e para os braços. Não havia uma marca sequer.

Whelk não havia errado o tiro, mas Adam também não havia sido atingido, e os dois fatos eram de alguma maneira a mesma coisa.

Havia uma tristeza esmagadora no rosto de Gansey quando ele olhou para Adam. Essa foi a primeira pista que Blue teve de que algo estava inerentemente diferente, irrevogavelmente alterado. Se não no mundo, então em Cabeswater. E, se não em Cabeswater, então em Adam.

— Por quê? — Gansey perguntou a Adam. — Eu fui tão terrível assim?

— Isso nunca teve a ver com você — disse Adam.

— Mas, Adam — Blue exclamou —, o que você *fez*?

— O que precisava ser feito — ele respondeu.

A alguns metros dali, Whelk emitiu um ruído sufocado. Quando a bala não feriu Adam, ele largou a arma, derrotado como uma criança em um jogo de faz de conta.

— Acho que você devia me devolver isso — disse Adam para Whelk, tremendo um pouco. — Não acho que Cabeswater queira que você fique com ela. Acho

que, se você não me devolver essa arma, a linha pode tomar de você.

Subitamente, as árvores começaram a sibilar, como se uma brisa estivesse passando por elas, embora nenhum vento tocasse a pele de Blue. O rosto de Adam e de Ronan exibia a mesma expressão de choque, e, um momento mais tarde, Blue percebeu que não era um sibilar: eram vozes. As árvores estavam falando, e agora ela podia ouvi-las também.

— Protejam-se! — gritou Ronan.

Houve outro ruído como um farfalhar, só que ele se transformou muito rapidamente em um som mais concreto, de algo enorme se deslocando através das árvores, quebrando galhos e pisoteando a mata rasteira.

Blue berrou:

— Alguma coisa está vindo!

Ela agarrou o braço de Ronan e de Gansey, puxando suas mangas. Alguns metros atrás deles, estava a boca disforme da árvore oca divinatória, e foi para lá que ela os levou. Por um momento, antes que a magia da árvore os envolvesse, eles tiveram tempo de ver o que caía sobre eles — um bando de feras com chifres brancos despencando como uma onda enorme, pelos reluzindo como neve enregelada, rosnados e guinchos que sufocavam o ar. Elas vinham lado a

lado, febris e imprudentes. Quando jogaram a cabeça para trás, Blue viu que elas eram de certo modo parecidas com o corvo entalhado na encosta do morro, como aquela escultura de um cão que ela segurara, estranha e sinuosa. O estrondo que faziam, com seus corpos comprimidos, retumbou no chão como outro terremoto. O bando, resfolegando, começou a se dividir em torno do círculo marcado pelo pentagrama.

Ao lado dela, Ronan suspirou um palavrão baixo, e Gansey, pressionado contra a parede quente da árvore, desviou o rosto como se não suportasse ver aqueles animais.

A árvore os jogou em uma visão.

Nela, a noite untava de reflexos brilhantes o chão molhado que exalava vapor, as luzes de um semáforo trocando do verde para o vermelho. O Camaro estava estacionado junto ao meio-fio, e Blue, no banco do motorista. Tudo cheirava a gasolina. Ela viu de relance uma camisa no banco do passageiro; era Gansey. Ele se inclinou sobre o câmbio na direção dela, pressionando os dedos no lugar em que sua clavícula estava exposta. A respiração dele era quente na nuca de Blue.

— *Gansey* — ela avisou, sentindo-se instável e perigosa.

— *Eu só quero fazer de conta* — disse Gansey, as palavras vaporizando na pele dela. — *Quero fazer de conta que eu posso*.

Na visão, Blue fechou os olhos.

— *Talvez não tivesse problema se* eu *beijasse* você — ele disse. — *Talvez seja apenas se você me beijar...*

Na árvore, Blue foi empurrada pelas costas, o que a sacudiu da visão. Ela só teve tempo de ver Gansey — o Gansey de verdade — com os olhos arregalados, passando por ela e saindo da árvore.



Gansey se permitiu apenas um momento confuso de uma visão — seus dedos, de alguma maneira, tocando o rosto de Blue — e então se jogou para fora da árvore, empurrando a Blue de verdade para longe de seu caminho. Ele precisava ver o que havia acontecido com Adam, embora em seu coração ele sentisse uma premonição terrível, como se já soubesse o que veria.

De fato, Adam ainda estava parado no círculo, incólume, com os braços largados ao longo do corpo e a arma pendurada em uma das mãos. A apenas alguns metros de distância, fora do círculo, Whelk estava no chão, arruinado. Seu corpo estava coberto de folhas mortas, como se estivesse ali havia anos, e não minutos. Não havia muito sangue, como seria de esperar de um corpo pisoteado, mas mesmo assim havia algo destruído em sua aparência. Uma espécie de aparência amarrotada.

Adam apenas o encarava. Seu cabelo desalinhado estava sujo na parte de trás, e essa era a única pista de que ele tinha se mexido desde que Gansey o vira da última vez.

— Adam — chamou Gansey, com a voz entrecortada. — Como você conseguiu a arma?

— As árvores — disse Adam, com aquele distanciamento frio na voz que significava que o garoto que Gansey conhecia estava oprimido bem no fundo dele.

— As árvores? Meu Deus! Você atirou nele?

— É claro que não — disse Adam, colocando a arma no chão cuidadosamente. — Eu usei a arma apenas para evitar que ele viesse até aqui.

O horror crescia dentro de Gansey.

— Você o deixou ser pisoteado?

— Ele matou o Noah — disse Adam. — É o que ele merecia.

— Não. — Gansey pressionou as mãos no rosto. Havia um corpo ali, um *corpo*, e ele estava vivo alguns minutos atrás. Eles não tinham autoridade nem para escolher uma bebida alcoólica, que dirá decidir quem merecia viver ou morrer.

— Você realmente queria que eu deixasse um assassino ficar aqui? — demandou Adam.

Gansey não conseguia nem começar a explicar o tamanho do horror. Ele só sabia que aquilo irrompia dentro dele, de novo e de novo, toda vez que o considerava.

— Ele estava vivo agora há pouco — disse desamparadamente. — Ele nos ensinou quatro verbos irregulares na semana passada. E você o matou.

— Pare de dizer isso. Eu não o *salvei*. Pare de me dizer o que eu devo considerar certo ou errado! — gritou Adam, mas seu rosto parecia tão miserável quanto Gansey se sentia. — Agora a linha ley está desperta e podemos encontrar o Glendower e tudo será como deveria ser.

— Nós precisamos chamar a polícia. Nós precisamos...

— Nós não precisamos fazer nada. Vamos deixar o Whelk apodrecendo aqui, exatamente como ele deixou o Noah.

Gansey virou o rosto, enjoado.

— E a justiça?

— Isso *é* justiça, Gansey. Isso é justiça de verdade. Este lugar tem a ver com ser real. Com ser justo.

Tudo aquilo parecia inerentemente errado para Gansey. Era como a verdade, mas virada do avesso. Ele seguia olhando e olhando, e ainda havia ali um

jovem morto que parecia demais com o esqueleto estropiado de Noah. E então havia Adam, com a aparência inalterada, mas mesmo assim — havia algo em seus olhos. Na linha de sua boca.

Gansey teve um sentimento de perda.

Blue e Ronan haviam saído da árvore, e a mão de Blue cobria a boca com a visão de Whelk. Ronan tinha um hematoma feio crescendo na testa.

Gansey disse simplesmente:

— Ele morreu.

— Acho que a gente devia cair fora daqui — disse Blue. — Terremotos e animais e... Eu não sei quanto efeito eu estou tendo nisso, mas as coisas estão...

— Sim — disse Gansey. — Precisamos ir embora. Podemos decidir o que fazer com o Whelk lá fora.

Esperem.

Todos eles ouviram a voz dessa vez. Em inglês. Nenhum deles se mexeu, inconscientemente fazendo o que a voz pedira.

Garoto. Scimus quid quaeritis.

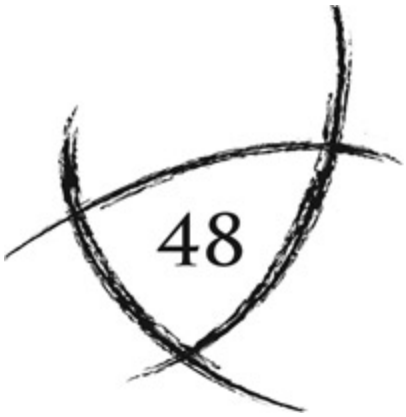
(Garoto. Nós sabemos o que você está procurando.)

Mesmo sendo possível que as árvores estivessem se referindo a qualquer um dos garotos, Gansey sentiu que as palavras eram dirigidas particularmente a ele. Em voz alta, ele perguntou:

— O que eu estou procurando?

Em resposta, houve um balbuciar em latim, as palavras tropeçando umas sobre as outras. Gansey cruzou os braços sobre o peito, com as mãos fechadas. Todos olharam para Ronan em busca de tradução.

— Elas disseram que sempre houve rumores de um rei enterrado em algum lugar ao longo desse caminho espiritual — disse Ronan, olhando-o nos olhos. — Elas acham que ele pode ser seu.



Era um dia bonito e ensolarado, bem no começo de junho, quando eles enterraram os ossos de Noah. Havia levado várias semanas para que o departamento de polícia terminasse o trabalho de investigação, e assim era o final do ano acadêmico antes do funeral. Muita coisa havia se passado entre a morte de Whelk e o funeral de Noah. Gansey havia recuperado seu diário e abandonado a equipe de remo. Ronan havia passado raspando nos exames finais, para a satisfação de Aglionby, e sem tanto sucesso assim arrumara a fechadura da porta do apartamento. Adam, com a provável ajuda de Ronan, se mudara da Indústria Monmouth para um quarto pertencente à Igreja de Santa Inês, uma distância sutil que afetava ambos os garotos de maneiras diferentes. Blue triunfantemente dera boas-vindas para o fim do ano acadêmico e para o início de um período de mais liberdade para explorar a

linha ley. Quedas de energia elétrica atingiram a cidade de Henrietta por nove vezes, e o sistema telefônico deixou de funcionar umas quatro. Maura, Persephone e Calla deram uma geral no sótão e desmontaram as coisas de Neeve. Elas disseram a Blue que ainda não estavam muito certas do que havia acontecido quando elas rearranjaram os espelhos naquela noite.

— Nós queríamos que ela fosse neutralizada — reconheceu Persephone. — Mas, pelo visto, fizemos a Neeve desaparecer. É possível que ela reapareça em algum momento.

E, lentamente, suas vidas encontraram equilíbrio, embora não parecesse que retornariam ao normal um dia. A linha ley estava desperta e Noah havia praticamente desaparecido. A magia era real, Glendower era real e algo estava começando.

— Jane, não quero ser grosso, mas isso aqui é um funeral — disse Gansey para Blue, enquanto ela atravessava o campo na direção deles. Ronan e ele, de terno preto impecável, pareciam os padrinhos do noivo.

Blue, na falta de uma roupa preta no guarda-roupa, havia costurado alguns metros de renda preta barata sobre uma camiseta verde que ela havia

transformado num vestido meses atrás. Ela sibilou furiosamente: — Foi o melhor que eu pude fazer!

— Como se o Noah se importasse — disse Ronan.

— Você trouxe algo para depois? — perguntou Gansey.

— Não sou idiota. Onde está o Adam?

— Trabalhando. Ele vem mais tarde — disse Gansey.

Os ossos de Noah estavam sendo enterrados no jazigo da família Czerny, em um cemitério remoto no vale. A cova ficava perto do muro do terreno extenso e em declive, na encosta de uma colina pedregosa. Uma lona cobria o monte fresco de terra diante dos olhos entristecidos. A família de Noah estava parada bem próxima do buraco. O homem e as duas meninas choravam, mas a mulher olhava fixamente ao longe para as árvores, sem uma lágrima nos olhos. No entanto, Blue não precisava ser médium para ver como ela estava triste. Triste e orgulhosa.

A voz de Noah, fria e quase ausente, sussurrou em seu ouvido: — Por favor, diga algo para eles.

Blue não respondeu, mas virou a cabeça na direção da voz. Ela quase podia senti-lo, parado logo atrás do seu ombro, com a respiração em sua nuca e a mão pressionada ansiosamente em seu braço.

— Você sabe que eu não posso — ela respondeu em voz baixa.

— Você *tem* que fazer isso.

— Eu ia parecer uma maluca. Que bem isso poderia trazer? O que eu iria dizer?

A voz de Noah era fraca, mas desesperada. Sua angústia zuniu através de Blue.

— *Por favor.*

Blue fechou os olhos.

— Diga a ela que peço desculpas por ter bebido o licor de aniversário dela — sussurrou Noah.

Por Deus, Noah!

— O que você está fazendo? — Gansey se esticou e pegou o braço de Blue enquanto ela caminhava na direção da cova.

— Me humilhando! — ela respondeu, livrando-se dele. Enquanto Blue se aproximava da família de Noah, ensaiou maneiras de soar menos insana, mas não gostou de nenhuma delas. Blue estivera com sua mãe o suficiente para suspeitar como aquilo se desenrolaria. *Noah, só por você...* Ela olhou para a mulher triste e orgulhosa. De perto, sua maquiagem era impecável, e seu cabelo, cuidadosamente ondulado nas pontas. Tudo estava ajeitado e pintado meticulosamente. Toda aquela tristeza estava enfiada

tão fundo dentro dela que seus olhos não estavam nem vermelhos. Blue não se deixou enganar.

— Sra. Czerny?

Os pais de Noah se viraram para ela. Blue passou a mão por uma das nesgas de renda, constrangida.

— Eu me chamo Blue Sargent. Eu, hum, queria dizer que sinto muito por sua perda. Além disso, minha mãe é médium. Eu tenho... — as expressões deles já haviam se transformado desagradavelmente — uma mensagem do seu filho.

O rosto da sra. Czerny se escureceu imediatamente. Ela balançou a cabeça e disse, de maneira bastante calma: — Não, você não tem.

— Por favor, não faça isso — disse o sr. Czerny. Ele estava fazendo o maior esforço possível para ser cortês, o que era mais do que Blue poderia esperar. Ela se sentiu mal por ter interrompido aquele momento de privacidade. — Por favor, vá embora.

— *Diga a ela* — sussurrou Noah.

Blue tomou fôlego.

— Sra. Czerny, ele pede desculpas por ter bebido o licor do seu aniversário.

Por um momento houve silêncio. O sr. Czerny e as irmãs de Noah olharam de Blue para a sra. Czerny. O pai de Noah abriu a boca, e então sua esposa começou a chorar.

Nenhum deles notou quando Blue se afastou da cova.

Mais tarde, eles o desenterraram. Na entrada da estrada de acesso, Ronan se recostou ao lado do BMW com o capô aberto, atuando ao mesmo tempo como bloqueio da estrada e vigia. Adam operou a escavadeira que Gansey havia alugado. E Gansey transferiu os ossos de Noah para um saco de lona enquanto Blue focava uma lanterna sobre eles para ter certeza de que estavam todos ali. Adam enterrou novamente o caixão vazio e deixou tudo como estava antes.

Quando eles correram de volta ao BMW, atordoados e esbaforidos com o crime, Ronan disse a Gansey: — Isso vai voltar com tudo para incomodar você um dia... Quando você estiver concorrendo ao Congresso.

— Cale a boca e dirija, Lynch.

Eles enterraram novamente os ossos de Noah nas ruínas da velha igreja, ideia de Blue.

— Ninguém vai incomodar o Noah aqui — disse ela. — E sabemos que é na linha ley. E é solo sagrado.

— Bom — disse Ronan —, espero que ele goste. Distendi um músculo.

Gansey zombou:

— Fazendo *o quê*? Você estava de vigia.

— Abrindo meu capô.

Após terminarem de cobrir o último dos ossos, eles pararam em silêncio entre as paredes em ruínas. Blue olhou para Gansey, que tinha as mãos nos bolsos e a cabeça inclinada para baixo, na direção de onde eles haviam enterrado Noah. Parecia que não havia passado tempo nenhum e todo o tempo do mundo desde que ela vira o espírito dele naquele mesmo caminho.

Gansey. É só isso.

Blue prometeu que não seria ela quem o mataria.

— Podemos ir embora? Esse lugar me dá arrepios.

Eufóricos, todos se viraram. Noah, amarfanhado e familiar, estava parado sob o vão em arco da porta da igreja, mais inteiro do que Blue se lembrava de tê-lo visto um dia. Inteiro em sua forma. Ele espiou as paredes desmoronadas à sua volta com uma expressão receosa.

— Noah! — exclamou Gansey alegremente.

Blue lançou os braços em torno do pescoço dele. Ele pareceu assustado e então satisfeito, e em seguida acariciou os tufos dos cabelos dela.

— Czerny — disse Ronan, experimentando a palavra.

— Não — protestou Noah, abraçado a Blue. — Estou falando sério. Esse lugar me dá arrepios mesmo. Podemos ir?

O rosto de Gansey se abriu em um largo sorriso aliviado.

— Sim, vamos para casa.

— Eu não vou comer pizza — disse Noah, deixando a igreja com Blue.

Ronan, ainda nas ruínas, olhou sobre o ombro para eles. Sob a luz fraca das lanternas, o gancho tatuado que aparecia acima do seu colarinho lembrava uma garra, um dedo ou parte de uma flor-de-lis. Era quase tão cortante quanto seu sorriso.

— Acho que agora seria um bom momento pra contar pra vocês — ele disse. — Eu tirei a Motosserra dos meus sonhos.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record
de Serviços de Imprensa S.A.

Os garotos Corvos – Vol1

Matéria de lançamento do livro
http://paposobrelivros.blogspot.com.br/2013/
07/novidades-divulgada-capa-e-sinopse-de.html#.UheVu9I3uE4

Site da autora
http://maggiestiefvater.com/

Wikipédia da autora
http://en.wikipedia.org/wiki/Maggie_Stiefvater

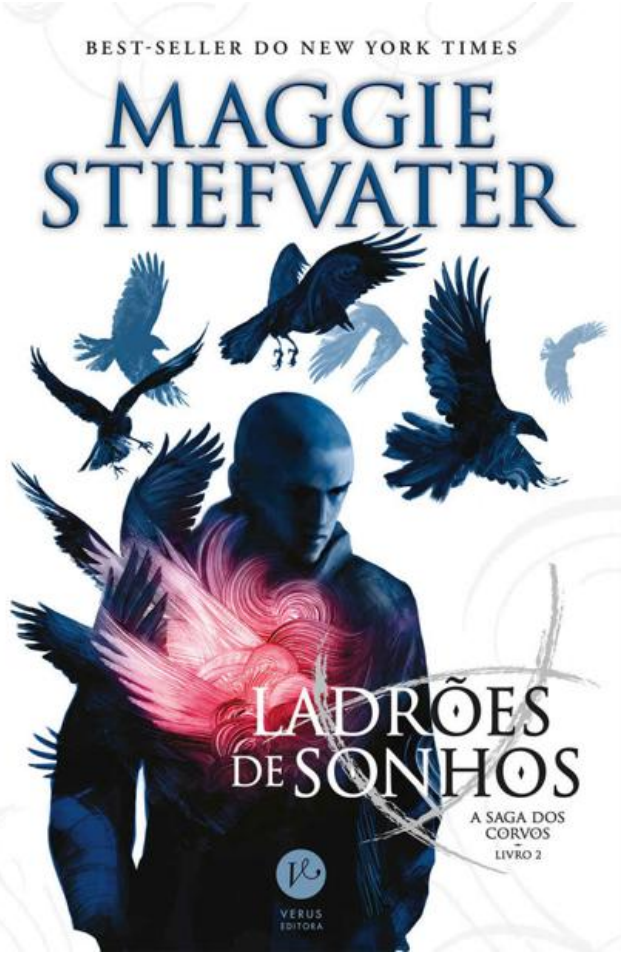
Perfil da autora no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/
1330292.Maggie_Stiefvater

Twitter da autora
https://twitter.com/mstiefvater

Tumblr da autora
http://maggie-stiefvater.tumblr.com/

Skoob da autora
http://www.skoob.com.br/autor/185-maggie-stiefvater

Palestra concedida pela autora
http://www.youtube.com/watch?v=gIJPg3wfJ1c


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
MAGGIE STIEFVATER
LADRÕES DE SONHOS
A SAGA DOS CORVOS
LIVRO 2
VERUS EDITORA

MAGGIE STIEFVATER



LADRÕES DE SONHOS

Tradução
Jorge Ritter

VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro **Coordenadora editorial:** Ana Paula Gomes
Copidesque: Maria Lúcia A. Maier **Revisão:** Aline Marques **Capa:** Adaptação da original (© Christopher Stengel) **Ilustrações da capa:** © Adam S. Doyle, 2013
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva **Título original:** *The Dream Thieves* ISBN: 978-85-7686-502-5

Copyright © Maggie Stiefvater, 2013
Todos os direitos reservados.
Edição publicada mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY, 10012, EUA.
Direitos de tradução acordados por Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona – www.uklitag.com.

Tradução © Verus Editora, 2014
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S874L

Stiefvater, Maggie, 1981—
Ladrões de sonhos [recurso eletrônico] / Maggie Stiefvater ; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2015.
recurso digital (A saga dos corvos ; 2)
Tradução de: The Dream Thieves
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-502-5 (recurso eletrônico)
1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série.

15-29174

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para a Jackson
e todas as suas maqníficas horas
[sic]

E se você dormisse E se

No sono
Você sonhasse

E se

No sonho
Você fosse para o céu E lá colhesse uma flor estranha e bela E se
Quando despertasse Você tivesse na mão essa flor Ah, e então?
— SAMUEL TAYLOR COLERIDGE

Aqueles que sonham à noite, nos recessos empoeirados da mente, acordam no dia para descobrir que tudo foi em vão: mas os sonhadores do dia são homens perigosos, pois podem atuar seus sonhos de olhos abertos, para torná-los possíveis.
— T. E. LAWRENCE

Detesto pessoas que têm cães. São covardes sem coragem de morder, elas mesmas, outras pessoas.
— AUGUST STRINDBERG

SUMÁRIO

Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25

62
63
Epílogo
Agradecimentos

PRÓLOGO

Um segredo é uma coisa estranha.

Há três tipos de segredos. Um é do tipo que todo mundo conhece, do tipo que precisa de pelo menos duas pessoas. Uma para guardá-lo. Outra para nunca sabê-lo. O segundo é um tipo mais difícil de segredo: aquele que você esconde de si mesmo. Todos os dias, milhares de confissões não são feitas a seus potenciais confessores, e nenhuma dessas pessoas sabe que todos os seus segredos jamais admitidos se resumem às mesmas três palavras: *Estou com medo*.

E então há um terceiro tipo de segredo, do tipo mais escondido. Um segredo que ninguém sabe a respeito. Talvez ele tenha sido conhecido um dia, mas foi levado para o túmulo. Ou talvez seja um mistério inútil, oculto e solitário, perdido porque ninguém o procurou.

Às vezes, algumas raras vezes, um segredo permanece desconhecido porque é algo grande demais para a mente guardar. Estranho demais, vasto demais, aterrorizador demais para ser contemplado.

Todos nós temos segredos na vida. Nós os guardamos ou temos alguns guardados de nós, jogamos ou somos jogados. Segredos e baratas — é o que restará no fim de tudo.

Ronan Lynch vivia com toda sorte de segredos.

O primeiro segredo envolvia seu pai. Niall Lynch foi um poeta fanfarrão, um músico fracassado, um pedaço de mau caminho criado em Belfast, mas nascido na Cúmbria, e Ronan o amava profundamente.

Embora Niall fosse um patife e um mau-caráter, os Lynch eram ricos. O trabalho de Niall era misterioso. Ele sumia de vez em quando durante meses, e era difícil dizer se era por causa de sua carreira ou pelo fato de ser um canalha. Ele sempre voltava com presentes, preciosidades e quantidades inimagináveis de dinheiro, mas, para Ronan, a coisa mais maravilhosa era o próprio Niall. Toda partida parecia que seria a última, e então todo retorno era quase como um milagre.

— Quando eu nasci — Niall Lynch contou para o filho do meio —, Deus quebrou a forma com tanta força que o chão tremeu.

Isso já era uma mentira, pois, se Deus realmente tivesse quebrado a forma, ele faria para si uma cópia vinte anos mais tarde para moldar Ronan e seus dois irmãos, Declan e Matthew. Os três eram imitações bonitas do pai, embora cada um tivesse puxado um lado diferente de Niall. Declan tinha o mesmo jeito de tomar conta de um lugar e apertar-lhe a mão. Nos cachos de Matthew estavam enredados o charme e o humor de Niall. E Ronan era tudo o que sobrara: olhos brilhantes e um sorriso feito para a guerra. Havia pouco ou quase nada da mãe em qualquer um deles.

— Foi um terremoto para valer — esclareceu Niall, como se alguém tivesse lhe perguntado, e, conhecendo Niall, eles provavelmente haviam feito isso mesmo. — Quatro ponto um na escala Richter. Qualquer coisa menos que quatro teria só rachado a forma, não quebrado.

Na época, Ronan era dado a acreditar nas coisas, mas não havia problema, pois seu pai queria adoração, não confiança.

— E você, Ronan — disse Niall. Ele sempre dizia *Ronan* de maneira diferente das outras palavras. Como se quisesse dizer uma palavra inteiramente diversa, algo como *faca* ou *veneno* ou *vingança*, e então a trocasse pelo nome de Ronan no último minuto. — Quando você nasceu, os rios secaram e o castelo no condado de Rockingham chorou sangue.

Era uma história que ele havia contado mais de uma vez, mas a mãe de Ronan, Aurora, insistia que era mentira. Ela dizia que, quando Ronan veio ao mundo, todas as árvores floresceram e os corvos de Henrietta gargalharam. Quando seus pais discutiam sobre o seu nascimento, Ronan nunca chamava atenção para o fato de que ambas as versões poderiam ser verdadeiras.

Declan, o mais velho dos irmãos Lynch, uma vez perguntou:

— E o que aconteceu quando eu nasci?

Niall Lynch olhou para ele e disse:

— Eu não saberia dizer. Eu não estava aqui.

Quando Niall dizia *Declan*, soava como se quisesse dizer *Declan*.

E então Niall desapareceu por mais um mês. Ronan aproveitou a oportunidade para vasculhar a Barns, que era como a enorme fazenda Lynch era conhecida, em busca de uma explicação para a origem do dinheiro de Niall. Ele não encontrou nenhuma pista do trabalho de seu pai, mas descobriu um recorte de jornal amarelado em uma caixa de metal enferrujada. Era do ano em que seu pai havia nascido. Relatava friamente a história do terremoto de Kirkby Stephen, sentido em todo o norte da Inglaterra e o sul da Escócia. Quatro ponto um. Qualquer coisa menos que quatro não teria quebrado, apenas rachado.

Aquela noite, Niall Lynch voltou para casa na escuridão e, quando acordou, encontrou Ronan parado acima dele no quarto principal, branco e pequeno. O sol da manhã deixara ambos com a pureza de anjos, o que já era a melhor parte de uma mentira. O rosto de Niall estava manchado de sangue e pétalas azuis.

— Eu estava justamente sonhando com o dia em que você nasceu, Ronan — disse Niall.

E limpou o sangue da testa para mostrar ao filho que não havia nenhum machucado embaixo. As pétalas grudadas no sangue tinham o formato de estrelas bem pequenas. Ronan ficou espantado com a certeza que teve de que elas tinham vindo da mente de seu pai. Ele nunca se sentira tão certo a respeito de algo.

O mundo se abriu e se estendeu, subitamente infinito.

Ronan disse para ele:

— Eu sei de onde vem o dinheiro.

— Não conte para ninguém — seu pai disse.

Esse foi o primeiro segredo.

O segundo segredo foi perfeito em seu ocultamento. Ronan não o disse. Ronan não o pensou. Ele nunca criou uma letra para o segundo segredo, que escondeu de si mesmo.

Mas, mesmo assim, o segredo tocava ao fundo.

E então havia isto: três anos mais tarde, Ronan sonhando com o carro de seu amigo Richard C. Gansey III. Gansey confiava a ele todas as coisas, exceto as armas. Jamais as armas, e de jeito nenhum seu Camaro 73 vistoso, com as faixas pretas e um quê diabólico. Ronan nunca passou do banco do passageiro. Quando Gansey deixava a cidade, levava as chaves consigo.

Mas, no sonho de Ronan, Gansey não estava ali e o Camaro estava. O carro estava parado no canto de um estacionamento abandonado, montanhas apareciam em um azul espectral ao longe. A mão de Ronan se fechou em torno da maçaneta da porta do motorista. Ele tentou abrir. Era um esforço de sonho, apenas substancial o suficiente para se manter fiel à ideia de abrir a porta. Não havia problema nisso. Ronan se recostou no banco do motorista. As montanhas e o estacionamento eram um sonho, mas o cheiro do interior era uma memória: gasolina, vinil, tapetes e anos zunindo uns contra os outros.

As chaves estão aqui, pensou Ronan.

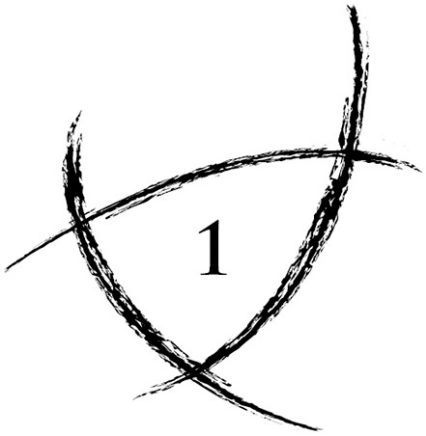
E estavam.

As chaves estavam penduradas na ignição como frutas metálicas, e Ronan passou um longo momento segurando-as na mente. Ele trocou as chaves do sonho para a memória e de volta ao sonho novamente, e então as envolveu na palma da mão. Ele sentiu o couro suave e o canto gasto do chaveiro; o metal frio do anel e a chave do porta-malas; a promessa fina e aguçada da chave da ignição entre os dedos.

Então acordou.

Quando abriu a mão, as chaves estavam bem ali. Do sonho para a realidade.

Esse era o terceiro segredo.



Na teoria, Blue Sargent provavelmente mataria um daqueles garotos.

— Jane! — O grito veio do outro lado da colina. Era dirigido a Blue, embora Jane não fosse o seu nome verdadeiro. — Vamos!

Como a única não vidente em uma família bastante mediúnica, ela tivera o seu futuro contado repetidas vezes, e cada vez ele dizia que ela mataria o seu verdadeiro amor se tentasse beijá-lo. Além disso, fora previsto que ela se apaixonaria naquele ano. *E* tanto Blue quanto sua meia-tia vidente, Neeve, tinham visto um dos garotos caminhando ao longo do caminho invisível dos corpos agora em abril, o que significava que ele deveria morrer nos próximos doze meses. Tudo isso se encaixava em uma equação temível.

Por ora, aquele garoto em particular, Richard Campbell Gansey III, parecia bastante indestrutível. No vento úmido no topo da ampla colina verde, uma camisa polo ardentemente amarela tremulava contra o seu peito e um par de bermudas cáqui golpeava suas pernas gloriosamente bronzeadas. Garotos como ele não morriam, eram esculpidos em bronze e colocados do lado de fora de bibliotecas públicas. Ele estendeu uma mão na direção de Blue enquanto ela subia a colina, um gesto que parecia menos um encorajamento e mais uma sinalização de tráfego aéreo.

— *Jane.* Você precisa ver isso! — Sua voz era cheia do sotaque melodioso das fortunas antigas da Virgínia.

À medida que Blue subia com dificuldade a colina, telescópio no ombro, ela testou mentalmente o nível de perigo: *Já estou apaixonada por ele?*

Gansey desceu a galope para tirar o telescópio dela.

— Isso não é tão pesado — ele lhe disse e voltou a passos largos por onde tinha vindo.

Blue não achava que estava apaixonada por ele. Ela nunca se apaixonara, mas ainda tinha bastante convicção de que saberia dizer quando isso acontecesse. No início do ano, ela *tivera* uma visão na qual o beijava e ainda podia ver *isso* com a maior facilidade. Mas a parte sensata de Blue, que era normalmente a única parte dela, achava que aquilo tinha mais a ver com o fato de Richard Campbell Gansey III ter uma boca bonita do que com qualquer romance que estivesse florescendo.

De qualquer maneira, se o destino achava que podia dizer a ela por quem se apaixonar, ele ia ver só.

Gansey acrescentou:

— Eu achei que você tinha mais músculos. Feministas não são musculosas?

Decididamente não apaixonada por ele.

— Sorrir quando você diz isso não torna a piada engraçada — disse Blue.

Como o último passo em sua busca para encontrar o rei galês Owen Glendower, Gansey andara pedindo permissão para caminhar nas propriedades de donos de terras locais. Cada lote cruzava a linha ley de Henrietta — uma linha de energia perfeitamente reta, invisível, que conectava espiritualmente lugares significativos — e circulava Cabeswater, uma floresta mística que se sobrepunha a ela. Gansey tinha certeza de que Glendower estava escondido em algum lugar dentro de Cabeswater, adormecido havia séculos. Quem quer que viesse a despertar o rei supostamente teria direito a um favor — algo que estivera na mente de Blue recentemente. Parecia a ela que Gansey era o único que realmente

precisava dele. Não que Gansey soubesse que poderia morrer em alguns meses. E não que ela fosse contar isso a ele.

Se encontrarmos Glendower logo, pensou Blue, *certamente vamos conseguir salvar Gansey*.



A escalada íngreme os levou para um cimo vasto e coberto de relva, que se curvava acima dos contrafortes cobertos pela mata. Bem, bem abaixo estava Henrietta, Virgínia. A cidade era flanqueada por pastos pontilhados com casas de fazenda e gado, tão pequenos e arrumados quanto uma maquete de ferrovia. Tudo, a não ser a cadeia de montanhas que se elevava azul, era verde e bruxuleante com o calor do verão.

Mas os garotos não estavam olhando para a paisagem. Eles estavam parados em um círculo próximo: Adam Parrish, emaciado e pálido; Noah Czerny, sujo e desleixado; e Ronan Lynch, feroz e sombrio. No ombro tatuado de Ronan, empoleirava-se seu corvo de estimação, Motosserra. Embora o aperto de suas garras fosse cuidadoso, havia linhas finamente desenhadas por elas de cada lado da alça da regata preta. Todos olhavam para algo que Ronan segurava nas mãos. Gansey elegantemente jogou o telescópio na relva fofa e se juntou a eles.

Adam deixou que Blue entrasse no círculo deles também, seus olhos cruzando com os dela por um momento. Como sempre, seus traços intrigavam Blue. Não eram convencionalmente belos, mas eram *interessantes*. Ele tinha as maçãs do rosto proeminentes e os olhos fundos típicos de Henrietta, mas numa versão mais delicada. Isso o tornava um pouco esquisito. Um pouco impenetrável.

Eu escolho esse aí, Destino, ela pensou ferozmente. *Não Richard Gansey III. Você não pode me dizer o que fazer.*

A mão de Adam deslizou sobre o cotovelo nu de Blue. O toque foi um sussurro em uma língua que ela não falava muito bem.

— Abra — ele ordenou a Ronan, com a voz indecisa.

— É ver pra crer. — Ronan sorriu com escárnio, mas sem muita virulência. O modelo de avião pequeno em sua mão tinha a envergadura dos seus dedos. Era feito de um plástico puro branco, desinteressante, quase ridiculamente destituído de detalhes: uma coisa na forma de um avião. Ele abriu o compartimento da bateria na parte de baixo. Estava vazio.

— Bem, é impossível, então — disse Adam, pegando um gafanhoto que havia se prendido no colarinho. Todos no grupo o observaram fazer aquilo. Desde que ele realizara um estranho pacto ritual no mês passado, eles vinham acompanhando de perto todos os seus movimentos. Se Adam notou essa atenção extra, não deixou transparecer. — Ele não vai voar se não tiver uma bateria e um motor.

Agora Blue sabia o que era aquilo. Ronan Lynch, guardião de segredos, lutador de homens, diabo de garoto, havia contado a todos que conseguia tirar objetos dos seus sonhos. Exemplo A: Motosserra. Gansey estava empolgado; ele era o tipo de garoto que não acreditava necessariamente em tudo, mas queria acreditar. Mas Adam, que só chegara até esse ponto na vida questionando toda verdade apresentada a ele, queria uma prova.

— Ele não vai voar se não tiver uma bateria e um motor — imitou Ronan, em uma versão mais aguda da fala ligeiramente arrastada de Henrietta de Adam. — Noah, o controle.

Noah vasculhou pela relva fechada em busca do controle remoto. Assim como o avião, ele era branco e lustroso, com todas as bordas arredondadas. Suas mãos pareciam sólidas em torno dele. Embora ele estivesse morto há um bom tempo e isso certamente o fizesse parecer mais fantasmagórico, ele sempre assumia uma aparência relativamente viva quando parado sobre a linha ley.

— O que mais deveria ir dentro de um avião, se não uma bateria? — perguntou Gansey.

Ronan disse:

— Eu não sei. No sonho eram pequenos mísseis, mas acho que eles não vieram junto.

Blue arrancou algumas sementes da relva.

— Aqui.

— Bem pensado, verme. — Ronan as enfiou no compartimento da bateria. Quando foi pegar o controle, Adam o interceptou e o sacudiu perto

do ouvido.

— Isso não chega nem a pesar alguma coisa — disse, largando o controle na palma de Blue.

Ele *era* muito leve, pensou Blue. Tinha cinco botões minúsculos: quatro arranjados no formato de cruz e um isolado do resto. Para Blue, aquele quinto botão era como Adam. Ainda funcionando para o mesmo propósito que os outros quatro. Mas não mais tão próximo quanto os outros.

— Vai funcionar — disse Ronan, tomando o controle e passando o avião para Noah. — Funcionou no sonho, então vai funcionar agora. Segura.

Ainda se arrastando, Noah levantou o aviãozinho entre o polegar e o dedo indicador, como se estivesse se aprontando para lançar um lápis. Algo no peito de Blue vibrava de expectativa. Era impossível que Ronan tivesse sonhado aquele aviãozinho. Mas tantas coisas impossíveis já tinham acontecido...

— *Cráá* — berrou Motosserra. Esse era o seu nome para Ronan.

— É — concordou Ronan. Então, para os outros, disse imperiosamente: — Façam uma contagem regressiva.

Adam fez uma careta, mas Gansey, Noah e Blue obsequiosamente cantaram:

— Cinco, quatro, três...

Sem fazer ruído algum, o aviãozinho partiu da mão de Noah para o ar.

Ele funcionava. Ele realmente funcionava.

Gansey riu alto enquanto todos inclinavam a cabeça para trás para observar sua subida. Blue protegeu os olhos para não perder de vista a figurinha branca minúscula na névoa. Ele era tão pequeno e ágil que parecia um avião de verdade, milhares de pés acima da colina. Com um guincho empolgado, Motosserra levantou voo do ombro de Ronan para persegui-lo. Ronan jogava o avião para a direita e para a esquerda, dando voltas em torno do cimo da colina, com Motosserra colada nele. Quando o avião passou de volta por cima da cabeça deles, ele apertou o quinto botão. Sementes caíram em cascata do compartimento aberto, deslizando sobre seus ombros. Blue bateu palmas e estendeu a mão aberta para pegar uma.

— Que criatura incrível você é — disse Gansey. Seu prazer era contagiante e incondicional, grande como seu sorriso. Adam inclinou a cabeça para trás para observar, algo parado e distante em torno dos seus olhos. Noah suspirou *uau*, a palma da mão ainda erguida, como se estivesse esperando pelo avião voltar para ela. E Ronan ficou ali parado com as mãos no controle e o olhar no céu, sem sorrir, mas sem franzir o cenho também. Os olhos estavam assustadoramente vivos, a curva da boca, feroz e satisfeita. Subitamente não pareceu nem um pouco surpreendente que ele pudesse tirar coisas dos seus sonhos.

Naquele momento, Blue estava um pouco apaixonada por todos eles. Pela magia deles. Pela busca deles. Pela voracidade e pela estranheza deles. Seus garotos corvos.

Gansey socou o ombro de Ronan.

— Glendower viajava com magos, sabia? Mágicos, quer dizer. Feiticeiros. Eles o ajudavam a controlar o tempo. Talvez você pudesse sonhar para nós uma onda de frio.

— Ãhã.

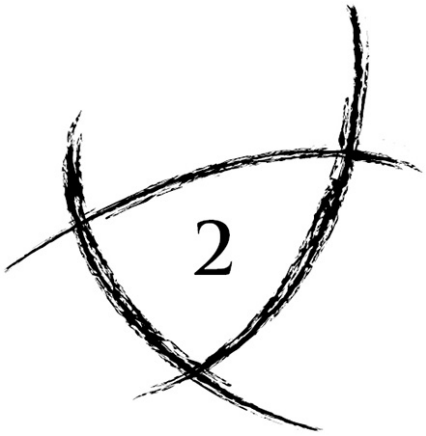
— Eles também adivinhavam o futuro — acrescentou Gansey, virando-se para Blue.

— Não olhe para mim — ela disse bruscamente. Sua falta de talento mediúnico era lendária.

— Ou ajudavam *ele* a adivinhar o futuro — prosseguiu Gansey, o que particularmente não fazia sentido, mas indicava que ele estava tentando *desirritá-la*. O pavio curto de Blue e sua capacidade de tornar os talentos mediúnicos de outras pessoas mais fortes também eram lendários. — Vamos?

Blue se apressou para pegar o telescópio antes que Gansey pudesse pegá-lo. Ele lhe lançou um olhar irritado, e os outros garotos pegaram os mapas, as câmeras e os leitores de frequência eletromagnética. Então partiram seguindo a linha ley perfeitamente reta, o olhar de Ronan ainda direcionado para o seu avião e para Motosserra, um pássaro branco e um pássaro preto contra a abóbada celeste do mundo. Enquanto caminhavam, uma rajada súbita de vento soprou baixa pela relva, trazendo consigo o cheiro da água em movimento e das pedras escondidas nas sombras. Blue

se emocionou novamente, com a certeza de que a magia era real, a magia era real, a magia era real.



Declan Lynch, o mais velho dos irmãos Lynch, nunca estava sozinho. Ele nunca estava com seus irmãos, mas nunca estava sozinho. Ele era uma máquina de movimento perpétuo movida pela energia dos outros: aqui se inclinando sobre a mesa de um amigo em uma pizzaria, ali levado para um quarto com a palma da mão de uma garota em sua boca, acolá rindo sobre o capô da Mercedes de um homem mais velho. A congregação era tão natural que era impossível dizer se Declan era o ímã atraindo ou as limalhas atraídas.

O Homem Cinzento estava passando por uma dificuldade nada desprezível de encontrar uma oportunidade para falar com ele. Ele teve de perambular pelo campus da Academia Aglionby pela maior parte do dia.

A espera não foi inteiramente desagradável. O Homem Cinzento se viu bastante encantado com a escola sombreada por carvalhos. O campus tinha uma dignidade maltrapilha, alcançada apenas por meio da antiguidade e da afluência. Os dormitórios estavam mais vazios do que estariam durante o período escolar, mas não estavam *vazios*. Ainda havia os filhos de CEOs que haviam viajado para países do terceiro mundo para se deixar fotografar, os filhos de músicos punk em turnê com coisas mais pesadas

para levar consigo do que sua prole acidental de dezessete anos, e os filhos de homens que estavam mortos e nunca mais voltariam para buscá-los.

Esses filhos do verão, poucos que eram, não eram de todo silenciosos.

O dormitório de Declan Lynch não era tão bonito quanto os outros prédios, mas ainda assim tinha a beleza que o dinheiro podia comprar. Era um resquício dos anos 70, uma década tecnicolor pela qual o Homem Cinzento tinha grande carinho. A porta da frente era para ser acessível somente com um código, mas alguém a tinha deixado aberta com um calço de borracha. O Homem Cinzento deu uma risadinha desaprovadora. Uma porta trancada não o teria deixado na rua, é claro, mas era o conceito que contava.

Na realidade, o Homem Cinzento não estava certo de que acreditasse nisso. Era a proeza que contava.

Do lado de dentro, o dormitório oferecia as boas-vindas no tom neutro de um hotel decente. Vindo de trás de uma das portas fechadas, um hip-hop colombiano vociferava algo sedutor e violento. Não era o tipo de música do Homem Cinzento, mas ele podia entender o apelo. Ele olhou de relance para a porta. Os quartos dos dormitórios da Aglionby não eram numerados. Em vez disso, cada porta trazia um atributo que a administração esperava que seus estudantes levassem consigo da escola. Nessa porta estava inscrito *Compaixão*. Não era a que o Homem Cinzento estava procurando.

Ele seguiu na direção oposta, lendo portas (*Perseverança, Generosidade, Lealdade*), até chegar à porta de Declan Lynch. *Efervescência*.

O Homem Cinzento havia sido chamado de *efervescente* uma vez em um artigo. Ele estava positivamente convicto de que a razão disso eram seus dentes muito retos. Até os dentes pareciam ser um pré-requisito para a efervescência.

Ele se perguntou se Declan Lynch tinha bons dentes.

Não havia ruído algum atrás da porta. Ele tentou a maçaneta. Trancada. *Bom garoto*, pensou.

Mais adiante no corredor, a música ribombava como o apocalipse. O Homem Cinzento conferiu o relógio. A locadora de carros fechava em uma

hora, e, se ele desprezava alguma coisa, era o transporte público. Aquilo teria que ser rápido.

Ele chutou a porta.

Declan Lynch estava sentado em uma das duas camas dentro do quarto. Ele era muito bonito, com um cabelo negro basto e um nariz romano bastante distinto.

E tinha dentes excelentes.

— O que é isso? — disse.

Como resposta, o Homem Cinzento levantou Declan da cama e o jogou contra a janela adjacente. O som foi curiosamente abafado; a parte mais alta foi a respiração do garoto irrompendo dele quando suas costas se chocaram contra o peitoril. Mas então ele estava de pé outra vez e lutando. Ele não era um mau boxeador, e o Homem Cinzento podia dizer que ele esperava que essa surpresa lhe desse uma vantagem.

Mas o Homem Cinzento sabia antes de ter chegado que Niall Lynch havia ensinado seus filhos a boxear. A única coisa que o pai do Homem Cinzento lhe tinha ensinado era como pronunciar *trebuchet*.

Por um momento, eles lutaram. Declan era habilidoso, mas o Homem Cinzento era mais. Ele jogou o garoto de um lado para o outro no dormitório e usou o ombro de Declan para varrer certificados, cartões de crédito e chaves do carro da cômoda. A batida de sua cabeça contra uma gaveta foi indistinguível do som oco do fundo do corredor. Declan golpeou e errou. O Homem Cinzento chutou as pernas de Declan por baixo, atirou-o contra a parede, perto do móvel, e então avançou em sua direção para mais um round, parando apenas para pegar um capacete que havia rolado no meio do chão.

Com um súbito ímpeto de velocidade, Declan usou a cômoda para ficar de pé, então tirou uma arma de uma gaveta.

Ele a apontou para o Homem Cinzento.

— Pare — disse simplesmente e tirou a trava de segurança.

O Homem Cinzento não esperava por isso.

Ele parou.

Várias emoções diferentes lutaram por precedência no rosto de Declan, mas choque não era uma delas. Estava claro que a arma não era para a possibilidade de um ataque; era para a eventualidade de um.

O Homem Cinzento considerou como seria viver daquele jeito, sempre esperando que sua porta fosse chutada. *Não deve ser agradável*, ele pensou. *Provavelmente, nem um pouco agradável*.

Ele não achou que Declan Lynch hesitaria em atirar nele. Não havia hesitação em sua postura. Sua mão tremia um pouco, mas o Homem Cinzento achou que era de um machucado, não de medo.

O Homem Cinzento considerou a situação por um momento, então jogou o capacete. O garoto disparou um tiro, mas não foi nada além de barulho. O capacete bateu em seus dedos, e, enquanto ele ainda estava atordoado, o Homem Cinzento deu um passo para frente e arrancou a arma de sua mão dormente. Ele se demorou um instante para colocar a trava de segurança de novo.

Então o Homem Cinzento bateu a arma contra a face de Declan. Ele fez isso algumas vezes, apenas para não deixar dúvidas quanto ao seu recado.

Finalmente, deixou que Declan caísse de joelhos. O garoto se mantinha consciente com bastante valentia. Com o sapato, o Homem Cinzento o pressionou até o chão, então o virou lentamente de costas. Os olhos de Declan estavam focados no ventilador do teto. Corria sangue de seu nariz.

O Homem Cinzento se ajoelhou e pressionou o cano da arma no estômago de Declan, que subia e descia ansiosamente enquanto buscava o ar. Deslizando a arma até o rim direito do garoto, ele disse informalmente:

— Se eu atirasse neste ponto, você levaria vinte minutos para morrer, e não faria a menor diferença o que os paramédicos fizessem. Onde está o Greywaren?

Declan não disse nada. O Homem Cinzento lhe deu um tempo para considerar a resposta. Ferimentos na cabeça tendiam a deixar os pensamentos mais lentos.

Vendo que Declan permanecia calado, ele levou o cano da arma até a coxa de Declan. O garoto arfou com a pressão exercida.

— Aqui, você morreria em cinco minutos. É claro, não preciso atirar em você para isso. A ponta do seu guarda-chuva ali do lado funcionaria do mesmo jeito. Você apagaria em cinco minutos, desejando que fossem três.

Declan fechou os olhos. Um deles, de qualquer maneira. O esquerdo já estava inchado quase a ponto de estar fechado.

— Eu não sei — ele disse por fim, com a voz cheia de sono. — Eu não sei o que é isso.

— Mentiras são para os seus políticos — disse o Homem Cinzento, sem veemência. Ele só queria que Declan soubesse que ele sabia sobre a sua vida, sobre o seu estágio. Ele queria que Declan soubesse que ele fizera a sua pesquisa. — Eu sei onde estão os seus irmãos agora mesmo. Sei onde a sua mãe mora. Sei o nome da sua namorada. Você está me entendendo?

— Eu não sei onde está. — Declan hesitou. — Essa é a verdade. Eu não sei onde está. Eu só sei que ele *existe*.

— Este é o plano — disse o Homem Cinzento, pondo-se de pé. — Você vai encontrar essa coisa para mim e, quando encontrar, vai me dar. E então eu te deixo em paz.

— Como eu faço para te encontrar?

— Acho que você não compreendeu. Eu sou a sua sombra. Eu sou a saliva que você engole. Eu sou a tosse que te mantém acordado à noite.

Declan perguntou:

— Você matou o meu pai?

— Niall Lynch. — O Homem Cinzento experimentou as palavras saindo da boca. Em sua opinião, Niall Lynch era um pai bastante relapso, deixando-se ser morto e permitindo que seus filhos vivessem em um lugar onde largavam as portas de segurança escoradas e abertas. O mundo, ele achava, estava cheio de maus pais. — Ele me fez essa pergunta também.

Declan Lynch expirou irregularmente: metade de uma respiração, e então a outra metade. Agora, o Homem Cinzento podia perceber, ele finalmente estava com medo.

— Tudo bem — disse Declan. — Eu vou encontrar. Então você vai nos deixar em paz. Todos vocês.

O Homem Cinzento colocou a pistola de volta na gaveta e a fechou. Conferiu o relógio. Tinha vinte minutos para pegar o carro alugado. Ele poderia fazer um upgrade para um carro de tamanho médio. Ele odiava carros compactos quase tanto quanto o transporte público.

— Sim.

— Tudo bem — disse Declan de novo.

O Homem Cinzento saiu do quarto e fechou parcialmente a porta. Não dava para fechá-la direito; ele tinha quebrado uma das dobradiças quando entrara. Ele tinha certeza de que havia recursos em algum lugar para cobrir os danos.

Então fez uma pausa e observou através da fresta da porta.

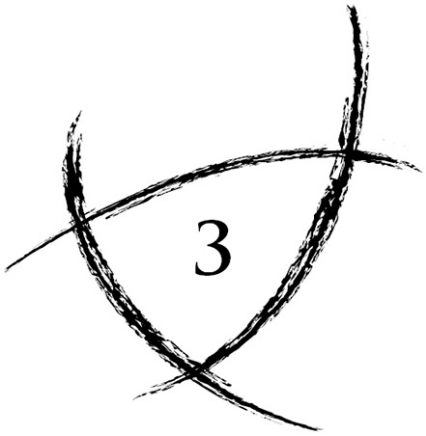
Havia mais para aprender de Declan Lynch hoje.

Por vários minutos, nada aconteceu. Declan ficou deitado ali, sangrando, vergado. Em seguida, os dedos da mão direita avançaram como um caranguejo pelo chão até onde o celular havia caído. No entanto, ele não ligou imediatamente para a emergência. Com uma lentidão agonizante — seu ombro muito provavelmente estava deslocado —, digitou outro número. Imediatamente, um telefone tocou na cama ao lado. Era a cama do irmão mais novo de Declan, Matthew, como o Homem Cinzento já sabia. O toque era uma canção da banda Iglu & Hartly que o Homem Cinzento conhecia, mas não podia aceitar. O Homem Cinzento já sabia onde estava Matthew Lynch: flutuando em um barco no rio com alguns garotos locais. Assim como o irmão mais velho, ele nunca ficava satisfeito em estar sozinho.

Declan deixou o telefone do irmão mais novo tocar por mais tempo do que precisava, os olhos fechados. Finalmente, encerrou a ligação e ligou para outro número. Ainda não era a emergência. Quem quer que fosse a pessoa, não atendeu. E quem quer que fosse a pessoa, deixou a expressão tensa de Declan ainda mais fechada. O Homem Cinzento podia ouvir o som baixinho do telefone tocando e tocando, então uma mensagem breve do correio de voz que ele não pôde captar.

Declan Lynch fechou os olhos e suspirou.

— Ronan, em que maldito lugar você se meteu?



— O problema é a exposição — disse Gansey ao telefone, meio aos gritos para ser ouvido por sobre o ruído do motor. — Se Glendower realmente pudesse ser encontrado apenas caminhando sobre a linha ley, não sei como ele não foi encontrado nos últimos séculos.

Eles estavam voltando para Henrietta no Pig, o Camaro antigo furiosamente laranja-avermelhado de Gansey. Ele o dirigia, pois, quando se tratava do Camaro, ele sempre dirigia. E a conversa era sobre Glendower, porque, quando você estava com Gansey, a conversa quase sempre era sobre Glendower.

No banco traseiro, a cabeça de Adam estava inclinada para trás de uma maneira que dava igual atenção à conversa ao telefone e à sua fadiga. No meio, Blue se inclinava para frente para ouvir melhor a conversa, enquanto tirava as sementes de grama da legging de crochê. Noah estava do seu outro lado, embora você nunca pudesse dizer se ele permaneceria corpóreo quanto mais eles se afastassem da linha ley. O carro estava apertado, mais apertado ainda naquele calor, com o ar-condicionado no máximo, o ar frio escapando por todas as rachaduras, no veículo cheio de rachaduras. O ar-condicionado do Camaro tinha apenas duas posições: ligado e quebrado.

Ao telefone, Gansey disse:

— Essa é a *única* coisa.

Ronan se recostou no vinil preto trincado do lado da porta do passageiro e mastigou as faixas de couro no pulso. Tinham gosto de gasolina, um sabor que lhe parecia sexy e o fazia lembrar do verão.

Para ele, Glendower só interessava às vezes. Gansey precisava encontrar Glendower porque queria uma prova do impossível. Ronan já sabia que o impossível existia. Seu pai havia sido impossível. *Ele* era impossível. Na maior parte do tempo, Ronan queria encontrar Glendower porque Gansey queria encontrar Glendower. Só às vezes ele pensava sobre o que aconteceria se realmente o descobrisse. Ele achou que poderia parecer muito com morrer. Quando Ronan era menor e mais tolerante em relação a milagres, ele considerara o momento da morte com um prazer rapsódico. Sua mãe lhe havia dito que, no momento em que você mirasse nos olhos de Deus e para os portões perolados, todas as perguntas que você tivera um dia na vida seriam respondidas.

Ronan tinha um monte de perguntas.

Despertar Glendower poderia ser assim. Um número menor de anjos presentes, e talvez um sotaque galês mais pronunciado. Um pouco menos de julgamento.

— Não, eu compreendo. — Gansey estava usando sua voz profissional de sr. Gansey, a que transmitia certeza e comandava ratos e crianças: *Vamos, vamos, sigam-me!* Havia funcionado com Ronan, de qualquer forma. — Mas, se levarmos em conta que Glendower foi despertado entre 1412 e 1420 e que sua tumba foi abandonada, o acúmulo de solo natural o teria escondido. Starkman acha que as camadas medievais de ocupação podem estar sob um acúmulo de sedimento de um metro e meio a cinco metros... Bem, eu *sei* que não estou em uma planície aluvial. Mas Starkman estava trabalhando com a hipótese de que... Certo, sim. O que você acha do GPR?

Blue olhou para Adam. Ele não levantou a cabeça enquanto traduzia em voz baixa.

— Radar de penetração no solo.

A pessoa do outro lado da linha era Roger Malory, um professor britânico formidavelmente velho com quem Gansey havia trabalhado quando esteve no País de Gales. Assim como Gansey, ele havia estudado

as linhas ley durante anos. Diferentemente de Gansey, ele não as estava usando como um meio para encontrar um rei antigo. Em vez disso, ele parecia estudá-las como uma diversão de fim de semana, quando não havia desfiles para ver. Ronan não o conhecia pessoalmente e não fazia questão disso. O idoso o deixava ansioso.

— Gradiometria de fluxo? — sugeriu Gansey. — Nós já fizemos o avião decolar algumas vezes. Simplesmente não sei se veremos muito mais até o inverno, quando as folhas tiverem caído.

Ronan se mexeu ansiosamente. A demonstração bem-sucedida do avião o havia deixado hiperalerta. Ele tinha vontade de incendiar alguma coisa. Ele pressionou a mão diretamente sobre a ventilação do ar-condicionado para não morrer de calor.

— Você está dirigindo como uma velha.

Gansey gesticulou com uma mão, o símbolo universal para *Cala a boca.* Ao lado da autoestrada, quatro vacas pretas levantaram a cabeça para observar o Camaro passar.

Se eu estivesse dirigindo... Ronan pensou naquele molho de chaves do Camaro que ele tinha sonhado em realidade e enfiado em uma gaveta no seu quarto. Então deixou as possibilidades se desenrolarem lentamente em sua cabeça. Ele conferiu o telefone. Catorze chamadas perdidas. Ele o largou de volta na bolsa da porta.

— E um magnetômetro de prótons? — perguntou Gansey a Malory. Então acrescentou irritadamente: — Eu sei que isso é para detecção debaixo d'água. Eu iria usar *para* detecção debaixo d'água.

Fora água que encerrara os trabalhos hoje. Gansey decidira que o próximo passo em sua busca seria estabelecer os limites de Cabeswater. Eles só haviam entrado na floresta pelo lado leste e nunca haviam chegado às outras margens. Dessa vez, eles haviam adentrado a floresta bem ao norte de seus pontos de entrada anteriores, dispositivos voltados para o solo para alertá-los quando encontrassem o limite eletromagnético ao norte da floresta. Após uma caminhada de várias horas, o grupo havia chegado a um lago.

Gansey havia parado subitamente, surpreso. A questão não era a impossibilidade de atravessar o lago: ele cobria apenas alguns acres e o caminho em torno não apresentava perigo algum. E não era que o lago os

tivesse impactado com sua beleza. Na realidade, em se tratando de um lago, ele era bastante sem graça: um reservatório artificialmente quadrado e afundado sobre um campo alagado. Gado ou ovelhas haviam criado um caminho enlameado ao longo de uma borda.

O que fez Gansey não dar nem mais um passo era o fato óbvio de que o lago fora feito pelo homem. A possibilidade de que partes da linha ley pudessem estar alagadas deveria ter ocorrido a ele antes. Mas não tinha. E, por alguma razão, embora não fosse impossível acreditar que Glendower ainda estivesse de alguma forma vivo após centenas de anos, era impossível acreditar que ele tivesse realizado esse feito debaixo de toneladas de água.

Gansey havia declarado:

— Precisamos encontrar uma maneira de olhar debaixo dele.

Adam havia respondido:

— Ah, Gansey, *fala sério*. As chances...

— Vamos olhar debaixo dele.

O avião de Ronan havia caído na água e flutuado, fora do alcance deles. Eles tinham caminhado o longo trajeto de volta até o carro. Gansey havia ligado para Malory.

Como se um velho enferrujado a cinco mil quilômetros daqui fosse ter alguma ideia brilhante, pensou Ronan.

Gansey desligou o telefone.

— E então? — perguntou Adam.

Gansey cruzou com o olhar de Adam no espelho retrovisor. Adam suspirou.

Ronan achou que eles provavelmente poderiam apenas dar a volta no lago. Mas isso significaria mergulhar de cabeça em Cabeswater. E, embora a floresta ancestral desse a impressão de ser o local mais provável para Glendower, a volatilidade vibrante da recém-desperta linha ley a tornara um pouco imprevisível. Mesmo Ronan, que pouco se importava se Glendower se livraria ou não de seu invólucro mortal, tinha de admitir que a perspectiva de ser pisoteado por feras ou acidentalmente sugado por um loop temporal de quarenta anos era intimidante.

Tudo isso era culpa de Adam — fora ele que despertara a linha ley, embora Gansey preferisse fingir que fora uma decisão do grupo. Qualquer

que tenha sido o pacto feito por Adam para consegui-lo, o evento parecia tê-lo tornado um pouco imprevisível também. Ronan, ele mesmo um pecador, não estava tão impressionado com a transgressão quanto com a insistência de Gansey de que eles continuassem a fingir que Adam era um santo.

Gansey não era um mentiroso. A inverdade não caía bem nele.

O telefone de Gansey deu um trinado. Ele leu a mensagem antes de deixá-lo cair ao lado do câmbio, com uma exclamação abafada. Abruptamente melancólico, reclinou a cabeça tristemente contra o assento. Adam gesticulou para Ronan pegar o telefone, mas Ronan desprezava telefones mais do que quase todos os outros objetos no mundo.

Então ele ficou ali com as sobrancelhas erguidas, esperando.

Por fim, Blue se esticou para frente para pegá-lo. Ela leu a mensagem em voz alta: — "Você poderia ser realmente útil esse fim de semana, se não for incômodo demais. A Helen pode te buscar. Desconsidere se tiver compromissos."

— Isso tem a ver com o Congresso? — perguntou Adam.

O som da palavra *Congresso* fez com que Gansey suspirasse pesadamente e instou Blue a sussurrar com uma ironia mortífera: — Congresso!

Não fazia muito que a mãe de Gansey havia anunciado que estava concorrendo a deputada. Naqueles primeiros dias, a campanha ainda não havia influenciado Gansey diretamente, mas era inevitável que ele fosse chamado. Todos sabiam que o belo e íntegro Gansey, intrépido explorador adolescente e ótimo aluno, era uma carta que nenhum político promissor podia deixar de jogar.

— Ela não pode me forçar — disse Gansey.

— Ela não precisa — desdenhou Ronan. — Filhinho da mamãe.

— Sonhe uma solução para mim.

— Não é preciso. A natureza já te deu culhões. Sabe o que eu penso disso? Foda-se Washington.

— É por isso que *você* nunca precisa ir a esse tipo de evento — respondeu Gansey.

Na outra pista, um carro encostou ao lado do Camaro. Ronan, um conhecedor das batalhas de rua, notou-o primeiro. Um lampejo de tinta

branca. Então uma mão estendida para fora da janela do motorista, um dedo médio exposto sobre o teto. O carro disparou e então se deixou alcançar, para depois disparar de novo.

— Jesus — exclamou Gansey. — É o Kavinsky?

É claro que era Joseph Kavinsky, colega da Academia Aglionby e o falsário amador mais conhecido de Henrietta. O infame Mitsubishi Evo de Kavinsky tinha uma beleza pueril. Branco como a lua, sua grade frontal era uma boca negra e voraz. Os dois lados do carro traziam a estampa imensa e extravagante de uma faca. O Mitsubishi tinha sido recém-liberado de uma temporada de um mês inteiro no pátio da polícia. O juiz havia lhe dito que, se ele fosse pego correndo nas ruas de novo, eles esmagariam o carro e o fariam ver isso, como faziam com os corredores de rua punks ricos lá na Califórnia. Dizem que Kavinsky achou graça e disse ao juiz que nunca mais seria pego.

E provavelmente não seria. O que se dizia pela cidade é que o pai de Kavinsky havia comprado o chefe de polícia de Henrietta.

Para celebrar a liberação do Mitsubishi do pátio, Kavinsky havia aplicado três camadas de tinta antilaser sobre os faróis e comprado um novo detector de radares.

Era o que se dizia pela cidade.

— Eu odeio esse imbecil — disse Adam.

Ronan sabia que deveria odiá-lo também.

A janela baixou para revelar Joseph Kavinsky no banco do motorista, os olhos escondidos atrás de óculos escuros com aro branco, que refletiam somente o céu. Os elos dourados da corrente em torno do pescoço reluziam um largo sorriso. Ele tinha o rosto de um refugiado, inocente e com olhos fundos.

Exibia um sorriso preguiçoso, e disse algo para Gansey que terminava com “uto”.

Não havia nada a respeito de Kavinsky que não fosse desprezível.

O coração de Ronan disparou. Memória do músculo.

— Vai — ele instigou. A autoestrada, cinzenta e tostada pelo calor, estendia-se à frente deles. O sol inflamou o laranja-avermelhado do capô do Camaro, e, abaixo dele, o motor maciçamente envenenado e tragicamente subutilizado trovejava preguiçoso. Tudo a respeito da situação demandava o pé de alguém atolando um acelerador.

— Sei que você não está se referindo a um racha — disse Gansey sobriamente.

Noah deu uma risada rouca.

Gansey não cruzou o olhar com Kavinsky ou com o passageiro de Kavinsky, o onipresente Prokopenko. Este sempre fora próximo de Kavinsky, como um elétron de um núcleo, mas ultimamente parecia ter adquirido o status de cúmplice oficial.

— Vamos lá, cara — disse Ronan.

Com um tom sonolento e de menosprezo na voz, Adam disse:

— Não sei por que você acha que isso daria certo. O Pig está com uma carga de cinco pessoas...

— O Noah não conta — respondeu Ronan.

Noah disse:

— *Ei!*

— Você está *morto*. Você não pesa nada!

Adam continuou:

— ... nós estamos com o ar-condicionado ligado, e ele provavelmente está com o Evo, certo? Zero a cem em quatro segundos. O que esse aqui faz, zero a cem em cinco? Seis? É só fazer as contas.

— Eu já ganhei dele — disse Ronan. Havia algo de pavoroso a respeito de ver um racha se dissolver à sua frente. Ela estava *bem ali*, a adrenalina, esperando para acontecer. E logo Kavinsky. Cada centímetro da pele de Ronan formigava com uma expectativa inútil.

— Não naquele carro. Não no seu BMW.

— Naquele carro — contrapôs Ronan. — No meu BMW. Ele não dirige nada.

— Isso é irrelevante. Não vai acontecer. O Kavinsky é um bosta.

Na outra pista, Kavinsky perdeu a paciência, acelerou lentamente e foi embora. Blue viu o carro de passagem e exclamou: — Ele! Ele não é um bosta. Ele é um *babaca*.

Por um momento, todos os garotos no Camaro ficaram em silêncio, contemplando como Blue poderia ter ficado sabendo que Joseph Kavinsky era um babaca. Não que ela estivesse errada, é claro.

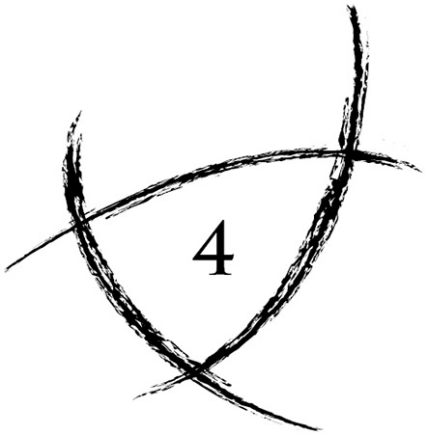
— Está vendo? — disse Gansey. — A Jane concorda.

Ronan viu o rosto de Kavinsky de relance, olhando para trás, para eles, através dos óculos escuros. Julgando-os covardes. Ronan sentiu as mãos impacientes. Então o Mitsubishi branco de Kavinsky acelerou forte com uma nuvem indistinta de fumaça. Quando o Camaro chegou à saída para Henrietta, não havia sinal dele. O calor ondulava da autoestrada, fazendo uma miragem da memória de Kavinsky. Como se ele nunca tivesse existido.

Ronan afundou no banco, toda a luta sugada de seu corpo.

— Você nunca quer se divertir, seu velho.

— Isso não é diversão — disse Gansey, acionando a seta. — É confusão.



O Homem Cinzento nem sempre quis ser um capanga. Na realidade, ele tinha um diploma universitário em algo completamente não relacionado a bater em pessoas. Em determinado momento, havia até escrito um livro de relativo sucesso, chamado *A fraternidade em versos anglo-saxões*, leitura obrigatória em pelo menos dezessete cursos universitários país afora. O Homem Cinzento havia guardado cuidadosamente o maior número possível dessas listas de leitura dos cursos que conseguiu encontrar, e as colocou em uma pasta com esboços da capa, as provas do livro e duas cartas de agradecimento dirigidas a seu pseudônimo. Sempre que ele precisava de um pouco de carinho para o coração, tirava a pasta da gaveta ao lado da cama e olhava o conteúdo enquanto saboreava uma cerveja ou sete. Ele havia deixado a sua marca.

No entanto, por mais prazer que a poesia anglo-saxônica desse para o Homem Cinzento, ela lhe servia melhor como passatempo do que como carreira. Ele preferia um trabalho que pudesse realizar com pragmatismo, que lhe desse a liberdade de ler e estudar quando tivesse vontade. Então cá estava ele em Henrietta.

Era uma vida bastante aprazível no fim das contas, pensou o Homem Cinzento.

Após bater um papo com Declan Lynch, ele se registrou na Pousada Vale Aprazível, logo na saída da cidade. Era bastante tarde, mas Shorty e Patty Wetzel não pareciam se importar.

— Quanto tempo você vai ficar conosco? — perguntou Patty, passando uma xícara para o Homem Cinzento com um galo mal desenhado. Ela olhou para a bagagem dele no hall: uma sacola estilo militar cinza e uma maleta de capa dura cinza.

— Para começar, umas duas semanas — respondeu o Homem Cinzento. — Quinze dias em sua companhia. — O café estava incrivelmente ruim. Ele tirou a jaqueta cinza-clara para revelar uma camiseta cinza-escura com gola V. O casal Wetzel contemplou seus ombros e seu peito subitamente revelados. Ele perguntou: — Vocês não teriam algo mais forte?

Com uma risadinha, Patty amavelmente tirou três Coronas da geladeira.

— Não queremos parecer uns bêbados, mas... limão?

— Limão — concordou o Homem Cinzento. Por um momento, não se ouviu ruído algum, a não ser o de três adultos gozando mutuamente de uma bebida alcoólica após um longo dia. Os três emergiram do outro lado do silêncio definitivamente amigos.

— Duas semanas? — perguntou Shorty.

O Homem Cinzento estava absolutamente fascinado pela maneira como Shorty formava as palavras. A premissa mais básica do sotaque de Henrietta parecia envolver a combinação das cinco vogais da língua inglesa em quatro.

— Por aí. Não tenho certeza de quanto tempo esse contrato vai durar.

Shorty coçou a barriga.

— O que você faz?

— Sou assassino de aluguel.

— Anda difícil encontrar trabalho, não é?

O Homem Cinzento respondeu:

— Acho que teria a mesma dificuldade como contador.

Os Wetzel realmente gostaram dessa. Após alguns minutos de riso caseiro, Patty se aventurou: — Você tem olhos tão intensos!

— Herdei da minha mãe — ele mentiu. Se havia alguma coisa que ele havia herdado de sua mãe era a incapacidade de conseguir um bronzeado.

— Mulher de sorte! — disse Patty.

Os Wetzel não tinham um hóspede havia várias semanas, e o Homem Cinzento se deixou ser o foco daquela recepção intensa por aproximadamente uma hora até se despedir do casal com outra Corona. Quando a porta se fechou atrás dele, os Wetzel eram apoiadores convictos do Homem Cinzento.

Muitos problemas do mundo, ele pensou, eram resolvidos meramente pela decência humana.

A casa nova do Homem Cinzento era o porão inteiro da mansão. Ele caminhou lentamente pelas vigas expostas, espiando por cada porta aberta. O espaço estava tomado por colchas e berços antigos e retratos obscurecidos de crianças vitorianas já falecidas. Cheirava a duzentos anos de presunto defumado. O Homem Cinzento gostava de sentir o passado. Havia um monte de galos, no entanto.

Voltando ao primeiro quarto, ele abriu a sacola que deixara ali. Separou as calças, os produtos de higiene e os artefatos roubados enrolados em cuecas longas, até chegar aos aparelhos menores que estivera usando para detectar o Greywaren. Na janelinha alta ao lado da cama, colocou um detector de frequência eletromagnética, um rádio velho e um geofone, e então desembrulhou um sismógrafo, um receptor de mensuração e um laptop da maleta. Tudo isso havia sido fornecido pelo professor. Quando deixado à vontade, o Homem Cinzento usava ferramentas de localização mais primitivas.

No momento, os indicadores e as leituras estavam variando loucamente. Haviam lhe dito que o Greywaren causava anormalidades de energia, mas isso era simplesmente... ruído. Ele reiniciou os instrumentos que tinham botões para reiniciar e sacudiu os que não tinham. As leituras seguiram sem fazer sentido. Talvez fosse a própria cidade — o lugar inteiro parecia carregado. Era possível, ele pensou sem muito espanto, que os instrumentos se mostrassem inúteis.

Eu tenho tempo, no entanto. A primeira vez que o professor o havia inteirado desse trabalho, ele soara impossível: uma relíquia que permitia que o proprietário tirasse objetos de sonhos? É claro, ele tentara acreditar

nisso. Magia e intriga — como nas sagas. E, no tempo decorrido desde aquele primeiro encontro, o professor havia adquirido incontáveis outros artefatos que não deveriam existir.

O Homem Cinzento tirou uma pasta da sacola e a abriu sobre a cama. A primeira folha era o programa de um curso: história medieval, parte 1. Leitura obrigatória: *A fraternidade em versos anglo-saxões*. Deslizando um par de fones de ouvido, programou um set de canções dos Flaming Lips. Ele se sentiu genuinamente feliz.

Ao lado dele, o telefone tocou. O arroubo de alegria do Homem Cinzento foi encerrado ali mesmo. O número na tela não era de Boston e, portanto, não era o seu irmão mais velho. Então ele atendeu.

— Boa noite — disse.

— É mesmo? Imagino que sim. — Era o dr. Colin Greenmantle, o professor que pagava o seu aluguel. O único homem com olhos mais intensos que os do Homem Cinzento. — Sabe o que facilitaria ligar para você? Se eu soubesse o seu nome, para que pudesse dizê-lo.

O Homem Cinzento não respondeu. Greenmantle passara cinco anos sem o seu nome; poderia passar mais cinco. Eventualmente, pensou o Homem Cinzento, se resistisse a usá-lo por tempo suficiente, ele mesmo talvez esquecesse o próprio nome e virasse outra pessoa.

— Você o encontrou? — perguntou Greenmantle.

— Eu acabei de chegar — lembrou-o o Homem Cinzento.

— Você podia simplesmente ter respondido à pergunta. Podia ter dito *não*.

— *Não* é diferente de *ainda não.*

Agora foi Greenmantle quem ficou em silêncio. Um grilo trinou lá fora, perto da janelinha. Por fim, ele disse: — Eu quero que você aja rápido dessa vez.

Por um bom tempo, o Homem Cinzento estivera caçando coisas que não podiam ser encontradas, não podiam ser compradas, não podiam ser adquiridas, e seus instintos estavam lhe dizendo que o Greywaren não era algo que ele encontraria rapidamente. Ele lembrou a Greenmantle que já se iam cinco anos desde que ele começara a procurar por ele.

— Irrelevante.

— Por que a pressa agora?

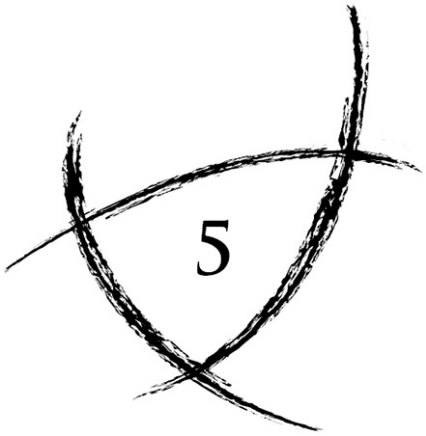
— Existem outras pessoas procurando por ele.

O Homem Cinzento lançou um olhar para os instrumentos. Ele não estava ansioso para deixar Greenmantle arruinar sua exploração tranquila de Henrietta.

Ele disse o que Declan Lynch já sabia.

— Sempre existiram outras pessoas procurando por ele.

— Elas nem sempre estiveram em Henrietta.



Mais tarde aquela noite, de volta à Indústria Monmouth, Ronan acordou. Ele acordou como um marinheiro que devesse afundar o navio, arremetendo contra as rochas, sem nenhuma cautela, tão rápido quanto podia, preparado para o impacto.

Ronan sonhara que dirigia de volta para casa. O caminho de volta para a Barns era sinuoso como o filamento de uma lâmpada, repleto de elevações íngremes e curvas fechadas através do terreno irregular. Aquelas não eram as montanhas e os contrafortes cultivados de Gansey. Aquelas colinas a leste de Singer's Falls eram bolsões de mata fechada, elevações súbitas e precipícios rasgando as florestas rochosas. A cerração subia delas e as nuvens caíam sobre elas. Quando chegava, a noite na Barns era bem mais escura que a noite em Henrietta.

Ronan tinha sonhado esse trajeto repetidamente, mais vezes do que já o dirigira na vida real. As estradas na escuridão absoluta, a velha fazenda subitamente aparecendo, a única luz, eterna, no quarto com sua mãe calada. Mas, em seu sonho, ele nunca chegava em casa.

Ele não havia chegado dessa vez, também. Mas havia sonhado algo que queria trazer de volta.

Na cama, ele lutou para se mexer. Logo depois de acordar, após sonhar, seu corpo não pertencia a ninguém. Ele o olhava de cima, como uma pessoa em um funeral. O exterior dessa versão matutina de Ronan não parecia nem um pouco como ele se sentia por dentro. Qualquer coisa que não se empalasse na linha afiada da boca cruel desse garoto adormecido ficaria emaranhada nas garras impiedosas de sua tatuagem e seria arrastada para baixo da pele, para ali se afogar.

Às vezes, Ronan achava que ficaria preso desse jeito, flutuando do lado de fora do corpo.

Quando ele estava desperto, Ronan não podia ir à Barns. Quando Niall Lynch morrera — fora morto, não morrera, espancado até a morte com uma chave de roda que ainda estava largada ao seu lado quando Ronan o encontrou, ainda coberta com seu sangue e cérebro e boa parte de seu rosto, um rosto que estivera vivo talvez apenas uma hora antes, duas horas antes, enquanto Ronan sonhava a metros dali, uma noite inteira de sono, um feito nunca mais repetido —, um advogado havia explicado os detalhes do testamento de seu pai para eles. Os irmãos Lynch eram ricos, príncipes da Virgínia, mas eram exilados. Todo o dinheiro era deles, mas com uma condição: os garotos jamais poderiam colocar os pés na propriedade de novo. Eles não teriam acesso à casa nem aos bens dentro dela.

Incluindo sua mãe.

"Isso nunca será aceito por um tribunal", havia dito Ronan. "Nós devemos contestar esse testamento."

Declan dissera: "Não importa. A mamãe não é nada sem ele. Melhor irmos embora".

"Nós precisamos lutar", insistira Ronan.

Declan já havia se virado para ir embora. "Ela não vai lutar."

Ronan podia mexer os dedos. Seu corpo era seu novamente. Ele sentiu a superfície de madeira fria da caixa em suas mãos, as pulseiras de couro sempre presentes deslizando na direção das palmas. Sentiu as arestas e os vales das letras entalhadas na caixa. As reentrâncias das gavetas e das peças móveis. O pulso ficou acelerado, a emoção da criação. O espanto censurado de fazer algo do nada. Não era das tarefas mais fáceis tirar algo de um sonho.

Não era das tarefas mais fáceis tirar apenas uma coisa de um sonho.

Até trazer um lápis de volta era um pequeno milagre. Trazer qualquer coisa dos seus pesadelos — ninguém, a não ser Ronan sabia dos terrores que habitavam sua mente. Pragas e demônios, conquistadores e feras.

Ronan não tinha segredo mais perigoso do que esse.

A noite se agitava dentro dele. Ele se abraçou na caixa, recuperando o domínio de seus pensamentos de novo. Agora ele estava começando a tremer um pouco. Então se lembrou do que Gansey havia dito: *Que criatura incrível você é.*

Criatura era uma boa palavra para ele, pensou Ronan. *Que diabos eu sou?*

Talvez Gansey estivesse acordado.



Ronan e Gansey sofriam de insônia, embora tivessem soluções muito diferentes para ela. Quando Ronan não conseguia — ou não queria — dormir, ele ouvia música ou bebia ou ia para a rua procurar confusão com carros. Ou as três coisas juntas. Quando Gansey não conseguia dormir, ele estudava o diário abarrotado em que compilara todas as coisas relativas a Glendower ou, quando estava cansado demais para ler, usava uma caixa de cereal e uma lata de tinta para acrescentar outro prédio à maquete de meio metro de altura de Henrietta que ele havia construído. Nenhum dos dois poderia realmente ajudar o outro a conciliar o sono. Mas às vezes era melhor simplesmente saber que você não era o único acordado.

Ronan saiu do quarto, caminhando em silêncio com Motosserra no braço. Como era de esperar, Gansey estava sentado de pernas cruzadas na Rua Principal, lentamente acenando um pedaço de papelão recém-pintado na direção do ar-condicionado. À noite, ele parecia particularmente pequeno ou o armazém parecia particularmente grande. Iluminado apenas pela luminária pequena que ele havia colocado no chão ao lado do diário, o quarto se abria acima, uma caverna de feiticeiro cheia de livros, mapas e equipamentos de observação montados em tripés. A noite batia negra contra as centenas de vidraças, tornando-as apenas mais uma parede.

Ronan colocou a caixa de madeira que ele sonhara havia pouco ao lado de Gansey e recuou para a outra extremidade da minúscula rua.

Gansey parecia antiquado e erudito com os óculos de aro fino para noite equilibrados na ponta do nariz. Ele olhou de Ronan para a caixa e da caixa para Ronan e não disse nada. Mas tirou um de seus tampões de ouvido enquanto continuava a correr uma linha de cola ao longo de uma junção miniatura.

Estalando um osso no pescoço, Ronan deixou Motosserra solta para se divertir. Ela conseguiu virar a cesta de lixo e vasculhar o conteúdo. Era um processo barulhento, farfalhando como uma secretária no trabalho.

O cenário parecia familiar e desgastado pelo tempo. Os dois estavam morando em Monmouth praticamente desde que Gansey chegara a Henrietta — quase dois anos. É claro, o prédio não parecera assim no início. Ele fora apenas uma das muitas fábricas e armazéns abandonados no vale. Eles nunca chegaram a ser demolidos. Foram apenas esquecidos. A Indústria Monmouth não era diferente.

Mas então Gansey tinha chegado à cidade com aquele sonho maluco e seu Camaro ridículo, e havia comprado o prédio com dinheiro vivo. Ninguém mais reparou na compra, embora passassem dirigindo por ali todos os dias. O prédio estava coberto de azevém e trepadeiras, e Gansey o salvou.

No outono após Ronan e Gansey terem se tornado amigos, naquele verão antes de Adam, eles tinham passado metade do tempo livre caçando Glendower e a outra metade carregando lixo para fora do segundo andar. O chão estava forrado de rolos lascados de pintura. Fios pendiam do teto como cipós de uma floresta. Tábuas lascadas formavam telheiros sobre mesas irreconhecíveis de uma era nuclear. Os garotos queimaram o lixo no estacionamento tomado pela grama alta até os policiais pedirem para eles pararem, e então Gansey explicara a situação e os policiais saíram de seus carros para ajudar a terminar o trabalho. Na época, isso havia surpreendido Ronan; ele não havia percebido ainda que Gansey era capaz de persuadir até o sol a parar e lhe dizer as horas.

Eles trabalharam em Glendower e na Indústria Monmouth durante meses. Na primeira semana de junho, Gansey encontrou uma estátua sem cabeça de um pássaro com *rei* entalhado na barriga, em galês. Na segunda

semana, eles ligaram um refrigerador no banheiro do andar de cima, bem ao lado da privada. Na terceira semana, alguém matou Niall Lynch. Na quarta semana, Ronan se mudou para lá.

Ajeitando uma varanda feita de caixa de cereal, Gansey perguntou:

— Qual foi a primeira coisa que você trouxe de um sonho? Você sempre teve consciência disso?

Ronan se sentiu lisonjeado com o interesse.

— Não. Foi um monte de flores. A primeira vez.

Ele se lembrou daquele sonho — uma mata antiga e assombrada. Flores azuis e mosqueadas pendiam das árvores que sussurravam enquanto ele caminhava com uma companhia frequente em seus sonhos. Então um espectro enorme abrira caminho através do dossel, súbito como uma nuvem de tempestade. Tomado pelo terror e pela certeza de que aquela força estranha queria a *ele*, somente a ele, Ronan pegara qualquer coisa que estivesse ao seu alcance antes de ser ceifado.

Quando acordou, ele segurava um polpudo punhado de flores azuis de um tipo que ninguém vira antes. Ronan tentou, agora, explicá-las a Gansey, o estame equivocado, o aveludado das pétalas. A impossibilidade delas.

Mesmo para Gansey, ele não conseguia admitir a alegria e o terror do momento. O pensamento angustiante: *Eu sou que nem o meu pai*.

Enquanto Ronan falava, os olhos de Gansey estavam semicerrados, virados para a noite. Sua expressão desatenta era de assombro ou dor; com Gansey, muitas vezes eram a mesma coisa.

— Aquilo foi um acidente — argumentou Gansey, fechando a cola. — Agora você consegue fazer de propósito?

Ronan não conseguia decidir se deveria exagerar sua maestria ou enfatizar a dificuldade da tarefa.

— Às vezes eu consigo controlar o que trago, mas não consigo escolher sobre o que eu sonho.

— Me conte como funciona. — Gansey se endireitou para pegar uma folha de hortelã do bolso, então a colocou na língua e falou em torno dela. — Vamos lá, passo a passo. O que acontece?

Dos arredores do cesto de lixo, veio o ruído expiatório de um corvo pequeno rasgando um envelope grande de lado a lado.

— Primeiro — respondeu Ronan —, vou pegar uma cerveja.

Gansey lhe lançou um olhar fulminante.

A verdade era que nem Ronan compreendia o processo muito bem. Ele sabia que tinha algo a ver com *como* ele dormia. Os sonhos eram mais dóceis quando ele bebia. Eram menos ansiosamente tensos e mais doces, suscetíveis a uma manipulação cuidadosa até que, de uma hora para outra, terminavam.

Ele estava quase dizendo isso, mas o que saiu de sua boca foi:

— Na maioria das vezes eles são em latim.

— Como?

— Sempre foram. Eu simplesmente não sabia que era latim até ficar mais velho.

— Ronan, não há razão para isso — disse Gansey severamente, como se Ronan tivesse jogado um brinquedo no chão.

— Descobriu a América, Sherlock. Mas é assim.

— Os seus... os seus pensamentos são em latim? Ou os diálogos? As outras pessoas falam em latim? Tipo, eu apareço nos seus sonhos?

— Ah, sim, baby.

Ronan se divertiu ao dizer isso, e muito. Ele riu tanto que Motosserra abandonou a destruição de papéis para ver se ele não estava morrendo. Ronan sonhava às vezes com Adam também, taciturno, elegante e fluentemente desdenhoso das tentativas de Ronan de se comunicar em sonho.

Gansey insistiu.

— E eu falo latim?

— Cara, você fala latim na vida real. Essa não é uma boa comparação. Tá bom, sim, você fala se estiver no sonho. Mas normalmente são estranhos. Ou os sinais... os sinais são em latim. E as árvores falam latim também.

— Como em Cabeswater.

Sim, como em Cabeswater. Na velha conhecida Cabeswater, embora Ronan decerto não tenha estado lá antes daquela primavera. Ainda assim, chegar lá pela primeira vez parecera um sonho que ele esquecera.

— Coincidência — disse Gansey, porque não era, e porque tinha de ser dito. — E quando você quer algo?

— Se eu quiser algo, eu tenho que estar, tipo, consciente o bastante para saber que eu quero aquilo. Quase desperto. E eu tenho que realmente querer. E então eu tenho que *segurar* o objeto. — Ronan estava prestes a usar o exemplo das chaves do Camaro, mas pensou melhor. — Eu tenho que segurar não como em um sonho, mas como se fosse real.

— Não entendi.

— Não posso fingir que estou segurando. Eu tenho que realmente segurar o objeto.

— Eu ainda não estou entendendo.

Nem Ronan entendia, mas não sabia como dizer melhor. Por um momento ficou em silêncio, pensando. Nenhum som era ouvido, a não ser Motosserra voltando para o chão para bicar o envelope.

— Olha, é como um aperto de mãos — ele disse por fim. — Sabe quando um cara estende a mão para te cumprimentar e você nunca o encontrou antes, e ele deixa a mão ali, e você simplesmente sabe, naquele momento um pouco antes do cumprimento, se a mão dele vai estar suada ou não? É tipo assim.

— Então o que você está dizendo é que não consegue explicar como acontece.

— Eu *expliquei*.

— Não, você usou substantivos e verbos juntos de um jeito agradável, mas sem sentido.

— Eu *expliquei* — insistiu Ronan, tão ferozmente que Motosserra bateu as asas, certa de que estava se metendo em confusão. — É um pesadelo, cara... É que nem quando você sonha que foi mordido e, ao acordar, seu braço dói. É *assim*.

— Ah — disse Gansey. — Ele dói?

Às vezes, quando ele tirava algo de um sonho, era uma adrenalina tão sem sentido que deixava o mundo real sem brilho e chato por horas. Às vezes, ele não conseguia mover as mãos. Às vezes, Gansey o encontrava e achava que ele estava bêbado. Às vezes, ele realmente estava.

— Isso quer dizer sim? Falando nisso, o que você tem aí?

Gansey tinha pegado a caixa de madeira. Quando virou uma das rodas, um dos botões do outro lado afundou.

— Uma caixa quebra-cabeça.

— O que isso significa?

— E eu vou saber? Era assim que ela chamava no sonho.

Gansey olhou para Ronan por cima dos óculos.

— Não use esse tom de voz *comigo*. Você não faz a menor ideia?

— Acho que serve para traduzir coisas. Era isso que ela fazia no sonho.

De perto, os entalhes eram letras e palavras. Os botões eram tão pequenos e as letras tão precisas que era impossível ver como ela teria sido feita. Também era impossível saber como as rodas de caracteres poderiam ter sido fixadas na caixa sem emendas, no grão raiado e multicolorido da madeira.

— Latim daquele lado — observou Gansey, virando a caixa. — Grego aqui. O que é isso? Sânscrito, eu acho. Ou será copta?

— E quem vai saber como é o copta? — disse Ronan.

— Você, pelo visto. Tenho quase certeza que é isso. E esse lado com as rodas somos nós. Bom, nosso alfabeto, quero dizer, e ele está configurado para palavras em inglês. Mas o que é esse lado? O resto são línguas mortas, mas não reconheço esta.

— Olha — disse Ronan, colocando-se de pé. — Você está complicando demais. — E, caminhando lentamente até Gansey, pegou a caixa, girou algumas das rodas do lado inglês, e imediatamente os botões dos outros lados começaram a se mover e a trocar de posição. Alguma coisa a respeito do seu progresso não fazia sentido.

— Isso me dá dor de cabeça — disse Gansey.

Ronan mostrou o lado em inglês para ele. As letras formavam *árvore*. Ele a virou para o lado do latim. As letras tinham trocado e formavam *bratus*. Então, virando para o lado grego, δένδρον.

— Então, ela traduziu o inglês para todas essas outras línguas. Isso é "árvore" em todas elas. Ainda não sei que língua é essa. *T'ire?* Isso soa como... — Exausto, Gansey parou por aí, com o conhecimento de esquisitices linguísticas esgotado. — Meu Deus, estou cansado.

— Então vá dormir.

Gansey o olhou espantado. Era um olhar que perguntava como Ronan, de todas as pessoas no mundo, poderia ser tão estúpido a ponto de pensar que o sono era uma coisa que podia ser alcançada de maneira tão simples.

— Então vamos dar uma volta até a Barns — disse Ronan.

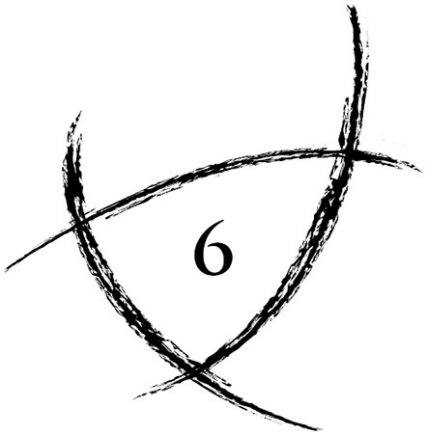
Gansey o olhou novamente espantado. Era um olhar que perguntava como Ronan, de todas as pessoas no mundo, poderia ser tão estúpido a ponto de pensar que Gansey concordaria com algo tão ilegal com tão pouco sono.

— Então vamos buscar um suco de laranja — disse Ronan.

Gansey considerou. Olhou para onde estavam as chaves na mesa ao lado de seu vaso de hortelã. O relógio ao lado dele, um modelo antigo repelentemente feio que Gansey havia encontrado largado ao lado de uma lata no depósito de lixo, dizia *3:32*.

— Tudo bem — disse Gansey.

E foram buscar o suco.



— Você é uma vagabunda inacreditável ao telefone — disse Blue.

Sem se ofender, Orla respondeu:

— Você só está com inveja porque *esse* não é o seu trabalho.

— Não estou.

Sentada no chão da cozinha de sua mãe, Blue encarou a prima mais velha enquanto ela amarrava o sapato. Orla pairava acima dela com uma camisa espantosa tanto pelo aperto quanto pela estampa viva. A abertura da calça boca de sino era larga o suficiente para esconder pequenos animais. Ela desenhou um hipnótico oito com o telefone acima de Blue.

O telefone em questão era a linha de atendimento mediúnico que operava do segundo andar da Rua Fox, 300. Por um dólar o minuto, os clientes tinham direito a um exame bondoso de seus arquétipos — um exame ligeiramente mais bondoso se Orla atendesse — e uma série de sugestões cuidadosas sobre como melhorar o seu destino. Todas na casa se revezavam atendendo o telefone. Todas, como Orla estava destacando, menos Blue.

O trabalho de verão de Blue não exigia absolutamente nenhuma percepção extrassensorial. Na realidade, trabalhar no Nino's seria provavelmente insuportável se ela possuísse algo mais do que cinco

sentidos. Geralmente, Blue tinha uma política de não fazer coisas que desprezava, mas ela desprezava trabalhar no Nino's e mesmo assim não deixava o emprego. Nem tinha sido despedida, aliás. Atender mesas exigia paciência, um sorriso permanente e convincente e a capacidade de sempre oferecer a outra face enquanto mantinha os copos de refrigerante zero cheios. Blue possuía apenas um desses atributos em qualquer dado momento, e nunca era o que ela precisava. Não ajudava que a clientela do Nino's fosse na maior parte de garotos da Aglionby, que muitas vezes achavam que a grossura era um tipo mais intenso de flerte.

O problema é que o emprego pagava bem.

— Ah, por favor — disse Orla. — Todo mundo sabe por que você está tão irritada.

Blue se levantou para encarar a prima. Tirando o nariz grande, Orla era bonita. Tinha um cabelo castanho longo coroado com uma faixa bordada, um rosto longo com um piercing no nariz e um corpo longo tornado mais longo ainda por sapatos plataforma. Mesmo de pé, Blue — que passava só um pouco de um metro e meio — alcançava apenas o pescoço moreno de Orla.

— Eu não me importo em ser ou não médium. — O que era parcialmente verdade. Blue não invejava a mediunidade de Orla. Ela invejava sua capacidade de ser diferente sem nem fazer esforço. Blue tinha de se esforçar. Muito.

Acenando o telefone mais uma vez, ela disse:

— Não minta para mim, Blue. Eu consigo ler a sua *mente*.

— *Não* consegue — respondeu Blue seriamente, pegando a carteira coberta de botões do balcão. Só porque ela não era médium não significava que não fizesse ideia do processo. Ela olhou de relance para o relógio no fogão. Quase tarde. Praticamente tarde. Em cima da hora. — Diferentemente de algumas pessoas, minha autoestima não está ligada à minha ocupação.

— Oooooh — folgou Orla, andando pelo corredor a passos largos, imitando uma cegonha. Ela trocou o sotaque de Henrietta por uma versão gloriosamente aborrecida do Velho Sul. — Alguém tem saído demais com Richard Campbell Gansey, o terceiro. *Minha autoestima não está ligada à minha ocupação.* — Essa última parte foi dita com a interpretação mais

exagerada possível do sotaque de Gansey. Ela soava como um Robert E. Lee bêbado.

Blue passou por Orla em direção à porta.

— Isso foi porque eu falei que você parecia uma vagabunda ao telefone? Não retiro o que eu disse. Ninguém precisa ouvir o futuro naquela voz que você faz. Mãe, fala pra Orla me deixar em paz. Eu preciso ir.

Do seu canto na sala de leitura, Maura ergueu o olhar. Ela era uma versão ligeiramente mais alta que a filha, seus traços divertidos onde os de Blue pareciam ansiosos.

— Você está indo para o Nino's? Venha, pegue uma carta.

Apesar de estar atrasada, Blue não conseguia resistir. *Só vai levar um instante.* Desde pequena, ela adorava o ritual da leitura de uma única carta. Diferentemente do elaborado método da cruz celta de abrir as cartas de tarô que sua mãe usava normalmente com os clientes, a leitura da carta única que ela fazia para Blue era divertida, afetuosa e breve. Não era tanto uma experiência mediúnica quanto uma história para ninar de trinta segundos em que Blue sempre era a heroína.

Blue se juntou à mãe, seu reflexo pontiagudo obscuramente visível no brilho fosco da mesa. Sem tirar os olhos das cartas de tarô, Maura segurou carinhosamente a mão de Blue e abriu uma carta aleatoriamente.

— Ah, aí está.

Era o pajem de copas, a carta que Maura sempre dizia que a fazia lembrar de Blue. Nesse baralho, o desenho era de um rapaz com um rosto jovial segurando uma taça coberta de pedras preciosas. O naipe de copas representava relações — amor e amizade —, e o pajem representava possibilidades novas que renderiam frutos. Essa história de ninar em particular era uma que Blue tinha ouvido inúmeras vezes antes. Ela podia antecipar exatamente o que sua mãe diria em seguida: *Veja todo o potencial que ela tem dentro de si!*

Blue a interrompeu.

— Quando o potencial passa a ser realidade?

— Ah, Blue.

— Não me venha com "Ah, Blue" — disse a garota, soltando a mão da mãe. — Só quero saber quando isso vai deixar de ser um potencial e

começar a ser algo mais.

Maura recolocou rapidamente a carta no baralho.

— Você quer a resposta que vai gostar ou a real?

Blue pigarreou. Havia apenas uma resposta que ela sempre quis.

— Talvez você já seja algo mais. Você torna os outros médiuns tão poderosos apenas estando perto. Talvez o potencial que você consiga tirar das outras pessoas seja o seu algo mais.

Blue soubera a vida inteira que ela era uma raridade. E era muito bacana ser útil, mas não era o suficiente. Não era *algo mais*, sua alma pensou.

— Não vou ser uma coadjuvante — disse ela, muito friamente.

No corredor, Orla a imitou, com o néctar sulista de Gansey:

— *Não vou ser uma coadjuvante*. Você devia parar de andar com milionários, então.

Maura fez um *tsss* mal-humorado entre os dentes.

— Orla, você não tem uma ligação para fazer?

— Não importa. Vou trabalhar — disse Blue, tentando evitar que as palavras de Orla a afetassem. Mas era verdade que ela parecia muito mais descolada na escola do que cercada por médiuns e garotos ricos.

Não, ela pensou. *A questão não é essa. A questão diz respeito ao que eu faço, não ao que eu sou.*

No entanto, aquela era uma situação um pouco delicada. Fora muito mais fácil com Adam, o mais pobre da turma, que se parecia mais com ela. Agora ela sentia como se tivesse algo para provar. Os outros eram o Time Poder, e esperava-se que ela fosse o Time Criatividade ou algo assim.

Sua mãe acenou uma carta em despedida.

— Tchau. Você vai vir para o jantar? Vou preparar crise da meia-idade.

— Ah — disse Blue —, acho que vou querer um pouco. Se você já estiver cozinhando.

Quando Blue chegou ao Nino's, descobriu que Gansey, Adam, Noah e Ronan já tinham tomado conta de uma das mesas grandes nos fundos. Como ela não pudera ir aos garotos, eles haviam trazido a discussão sobre Glendower até ela.

Ha!, ela pensou. *Engole essa, Orla!*

Adam e Gansey estavam sentados em um banco rachado e cor de laranja junto à parede. Noah e Ronan estavam sentados nas cadeiras de frente para eles. Uma caixa de madeira repousava sob a luz da luminária verde que pendia do teto. Um batalhão de dicionários de língua estrangeira a cercava.

Com esforço, Blue comparou sua imagem atual dos garotos com a primeira vez que os tinha visto. Eles não eram apenas estranhos então, eram o inimigo. Era difícil lembrar vê-los daquele jeito. Qualquer que fosse a sua crise de identidade, ela parecia vir de casa, não dos garotos.

Blue não tinha previsto isso.

Ela trouxe uma jarra de chá gelado para a mesa.

— O que é isso?

— Jane! — disse Gansey alegremente.

— É um feiticeiro em uma caixa — disse Adam.

— Ele faz a sua lição de casa — acrescentou Noah.

— E está saindo com a sua namorada — terminou Ronan.

— Vocês estão bêbados? — ralhou Blue.

Eles desconsideraram a pergunta e, em vez disso, demonstraram animadamente os princípios da caixa de madeira. Ela ficou menos surpresa do que a maioria das pessoas ficaria ao descobrir que se tratava de uma caixa de tradução mágica. E mais surpresa ao descobrir que os garotos haviam tido a precaução de trazer os dicionários.

— A gente queria saber se ela estava sempre certa — disse Gansey. — E pelo visto está.

— Esperem um pouco — respondeu Blue, deixando os garotos para pegar o pedido de bebidas de um casal na mesa catorze. Ambos queriam chá gelado.

O Nino's era injustamente famoso pelo chá gelado — havia até um cartaz na janela proclamando que ali se servia o melhor em Henrietta —, apesar de Blue poder atestar o fato de que o processo de preparação do chá

era absolutamente comum. *Garotos corvos devem ser presas fáceis para a propaganda*, ela pensou.

Quando voltou, ela se inclinou sobre a mesa ao lado de Adam, que tocou o seu pulso. Ela não sabia o que fazer em resposta. Tocá-lo de volta? O momento tinha passado. Ela se ressentia de seu corpo por não lhe dar a resposta correta. Então perguntou: — Aliás, que língua é aquela?

— Não sabemos — disse Gansey, sem tirar o canudo da boca. — Por que o chá é tão bom aqui?

— Eu cuspo nele. Me deixe ver essa coisa.

Blue pegou a caixa. Ela tinha um certo peso, como se você fosse encontrar os mecanismos para todos aqueles discos dentro dela. Na realidade, parecia bastante com o diário de Gansey sobre Glendower. Ela havia sido prodigamente sonhada — não o que ela esperaria de Ronan.

Com dedos cuidadosos sobre os discos lisos e frios, Blue moveu as rodas do lado inglês da caixa de maneira que eles formassem *blue.* Botões baixaram e rodas giraram dos outros lados da caixa, fluidos e silenciosos.

Blue a virou lentamente para ler de cada lado: *hyacinthus*, 𐌣𐌅𐌣𐌴𐌽, नील, *celea.* Um lado estava em branco.

Gansey apontou cada lado para ela.

— Latim, copta, sânscrito, algo que não sabemos e... isso deveria ser grego. Não é esquisito que esse lado esteja em branco?

— Não. Os gregos antigos não tinham uma palavra para azul — disse Ronan.

Todos na mesa olharam para ele.

— Que diabos, Ronan? — disse Adam.

— É difícil imaginar — refletiu Gansey — como essa educação clássica evidentemente bem-sucedida nunca parece dar as caras nos seus trabalhos de escola.

— Eles nunca fazem as perguntas certas — respondeu Ronan.

Na frente do restaurante, a porta se abriu. Era responsabilidade de Blue sentar o grupo novo, mas ela se deixou ficar na mesa, franzindo o cenho para a caixa.

— Eu tenho uma pergunta pertinente. Qual é a língua desse lado? — ela disse.

A expressão de Ronan era petulante. Gansey inclinou a cabeça para o lado.

— Não sabemos.

Blue apontou para Ronan, que curvou o lábio.

— *Ele* sabe. Em algum lugar ali. Tenho certeza.

— Você não sabe de merda nenhuma — disse Ronan.

Houve a mais breve das pausas. Era verdade que esse tipo de veneno não era extraordinário partindo de Ronan. Mas fazia um bom tempo que ele não era usado de maneira tão vigorosa em relação a Blue. Ela se empertigou, o corpo todo formigando.

Então Gansey disse, muito lentamente:

— Ronan, essa foi a última vez que você falou com a Jane desse jeito.

Tanto Adam quanto Blue encararam Gansey, que concentrava o olhar no guardanapo. Não era o que ele havia dito, mas a maneira como não olhara para ninguém quando o dissera, que tornava o momento estranho.

Sentindo as bochechas esquisitamente quentes, Blue disse a Gansey: — Não preciso que você me defenda. Não *pense* — e isso era dirigido a Ronan — que vou deixar você falar comigo desse jeito. Especialmente quando você estiver irado porque eu estou certa.

Enquanto se virava para ir até a entrada do restaurante, Blue ouviu Adam dizer "Você é um *babaca*" e Noah rir. Ela se deprimiu quando viu quem estava no balcão da recepção: Joseph Kavinsky. Ele era inconfundível, o tipo de garoto corvo claramente importado de outro lugar. Tudo a respeito de sua estrutura facial — o nariz comprido, os olhos fundos com pálpebras pesadas, o arco escuro das sobrancelhas — era completamente diferente dos rostos do Vale aos quais ela tinha se acostumado. Assim como muitos outros garotos corvos, ele usava óculos escuros enormes, cabelo espetado, um brinco pequeno, uma corrente em torno do pescoço e uma camiseta regata branca. Mas, diferentemente dos outros garotos corvos, ele aterrorizava Blue.

— Oi, boneca — ele a cumprimentou. E já estava parado próximo demais, mexendo-se ansiosamente. Ele estava sempre se mexendo. Havia algo errático e vulgar a respeito da linha cheia de seus lábios, como se ele fosse engoli-la se chegasse perto o suficiente. Ela odiava o cheiro dele.

Ele era infame, mesmo na escola dela. Se você quisesse algo para passar nos exames, ele tinha. Se quisesse um atestado falso, ele podia conseguir. Se quisesse algo para prejudicar a si mesmo, ele era isso.

— Eu não sou uma boneca — disse Blue friamente, pegando um cardápio laminado. Seu rosto estava queimando de novo. — Mesa para um?

Mas ele não estava ouvindo. Ele girou sobre os calcanhares, empinando o queixo para ver quem mais estava no restaurante. Sem olhar para ela de novo, disse: — Minha turma já está aqui.

E se afastou, como se ela nunca tivesse estado ali.

Ela não sabia direito se não conseguia perdoar Kavinsky porque ele sempre a fazia se sentir tão insignificante, ou a si mesma por saber o que iria acontecer e mesmo assim não ser capaz de se proteger.

Blue colocou o cardápio de volta no balcão da recepção e ficou parada ali por um segundo, odiando a todos, odiando o seu trabalho, sentindo-se estranhamente humilhada.

Então respirou fundo e completou o chá da mesa catorze.

Kavinsky foi direto até a mesa grande nos fundos, e todos os outros garotos mudaram de posição drasticamente. Adam olhava para a mesa com desinteresse estudado. Noah, manchado, afundou a cabeça nos ombros, mas não conseguia tirar os olhos do recém-chegado. Gansey ficou de pé, apoiado na mesa, e havia algo ameaçador em vez de respeitoso quanto a isso. Ronan, no entanto, foi quem passou pela maior transformação. Embora sua posição casual — braços cruzados — continuasse a mesma, seus ombros estavam fechados com uma tensão visível. Algo em seus olhos era feroz e vivo, do mesmo jeito que estavam quando ele lançara o avião no campo.

— Eu vi o seu carro na frente — disse Kavinsky para Gansey. — E lembrei que tinha algo para o Lynch.

Rindo, largou um montinho mirrado e emaranhado diante de Ronan.

Ronan olhou o presente, uma sobrancelha erguida em um gesto de magnífico desdém. Recostando-se, ele puxou um dos fios para revelar uma coleção de pulseiras idênticas às que ele sempre usava.

— Que legal, cara. — Ronan ergueu uma, como um espaguete. — Vai com qualquer coisa.

— Que nem a sua mãe — concordou Kavinsky, bem-humorado.

— O que eu faço com elas?

— Eu é que sei? Só pensei em você. Passe adiante — respondeu Kavinsky. Ele colocou a palma da mão na cabeça raspada de Ronan e a esfregou. Ronan parecia pronto para mordê-lo. — Bom, vou cair fora. Coisas pra fazer. Aproveitem o seu clubinho do livro, senhoras.

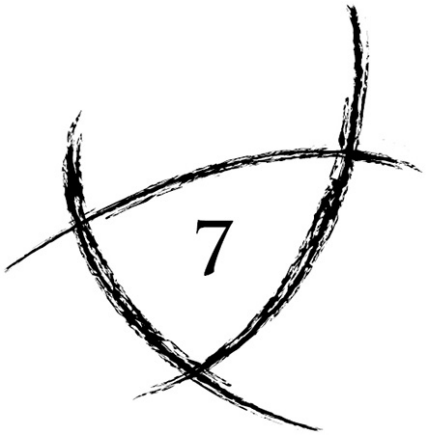
Ele nem olhou para Blue quando saiu. *Ele não dar em cima de você é uma coisa boa*, ela disse para si mesma, sentindo-se invisível, impossível de ser vista. *Será que é assim que o Noah se sente?*

Gansey disse:

— A única coisa que me dá alguma alegria é imaginar a loja de carros usados onde ele vai trabalhar quando tiver trinta anos.

De cabeça baixa, Ronan seguiu estudando as tiras de couro. Uma das mãos era um punho. Blue se perguntou qual seria o significado real do presente de Kavinsky. E se perguntou se Ronan o sabia.

— Como eu disse — murmurou Gansey. — Confusão.



O Homem Cinzento odiava o carro que havia alugado. Ele tinha a clara impressão de que o carro não fora usado tempo suficiente por seres humanos quando jovem, e agora a convivência com ele jamais seria agradável. Desde que o pegara, o carro já tentara mordê-lo várias vezes e passara uma quantidade de tempo considerável resistindo a seus esforços para chegar ao limite de velocidade.

Além disso, era champanhe. Uma cor ridícula para um carro.

Ele o teria trocado por outro, mas o Homem Cinzento fazia questão de não chamar atenção, se pudesse. O carro alugado anterior havia adquirido uma mancha lamentável e possivelmente incriminadora no banco de trás. Melhor colocar alguma distância entre eles.

Após carregar zelosamente o carro com as máquinas e os indicadores de Greenmantle, o Homem Cinzento partiu para procurar uma agulha em um palheiro elétrico. Ele não se importava muito que as luzes piscando, os alarmes zunindo e as agulhas apontando para todo lado não estivessem pintando um mapa coerente para o Greywaren. Henrietta tinha charmes consideráveis. O centro era povoado por lanchonetes deliciosamente gordurosas e lojas de quinquilharias explicitamente caseiras, varandas abauladas e colunas quadradas, todos os prédios desgastados, mas

arrumados como bibliotecas. Ele espiou pela janela do carro enquanto dirigia. Moradores locais sentados em cadeiras nas varandas espiaram de volta.

As leituras continuaram a não fazer sentido, então ele estacionou a Monstruosidade Champanhe na loja de conveniência da esquina, que alardeava ter o MELHOR SANDUÍCHE DE ATUM DA CIDADE! Ele pediu um sanduíche e um milk shake para uma senhora de lábios vermelhos, e, quando se apoiou no balcão de aço inoxidável, a luz caiu.

A senhora de lábios vermelhos usou um punho carnudo para bater na máquina de milk shake agora parada e praguejou com um sotaque delicado que fez o xingamento soar carinhoso. Ela assegurou:

— Vai voltar logo.

Todas as prateleiras e cartazes de boas-vindas e produtos farmacêuticos pareciam sinistros e apocalípticos na luz indireta das janelas da frente.

— Isso acontece sempre?

— Desde essa primavera, sim, senhor. A luz cai. Às vezes temos picos de energia também, estoura os transformadores e tudo pega fogo. As luzes do estádio ligam também, lá na Aglionby, quando não tem ninguém jogando. Com certeza aqueles garotos terríveis se foram para o verão. Bem, a maioria deles. Mas o senhor não veio para ficar, não é?

— Algumas semanas.

— Então estará aqui para o Quatro de Julho.

O Homem Cinzento teve de puxar um calendário mental. Ele não celebrava muitos feriados.

— Venha para a festa na cidade — ela disse, dando no milk shake aguado uma mexida sem muita vontade. — Tem uma vista boa dos fogos de artifício do prédio do tribunal. Não se deixe enganar pelos outros lugares.

— Os fogos que as pessoas lançam de casa?

— Os fogos da Aglionby — ela disse. — Alguns daqueles garotos estouram um monte de coisas com que não deveriam estar mexendo. Aterrorizam as senhoras mais idosas. Não sei por que o chefe de polícia não impede ele.

— Ele?

O Homem Cinzento estava interessado em como o plural *os fogos da Aglionby* subitamente havia se tornado um *ele*.

Ela parecia perdida em um devaneio, observando os carros passarem lentamente pelas grandes janelas de vidro. Então continuou:

— Provavelmente é culpa da CEEH. Eles sabem que a fiação está velha, mas trocam os fios? Não.

Ele piscou com a súbita mudança na conversa.

— CEEH?

— Como? Ah, Companhia de Energia Elétrica de Henrietta. — Só que, com o sotaque dela, o nome soava mais como *Cõmpãnhia de Energiia Léététrica de Henretta*. Como se invocada por sua voz, a eletricidade voltou. — Ah, aí está ela de novo. Eu disse que não precisava se preocupar.

— Ah — disse o Homem Cinzento, com um olhar de relance para as luzes fluorescentes que crepitavam acima. — Eu não estava preocupado.

Ela deu uma risadinha. Um riso absolutamente satisfeito e deliberado.

— Imagino que não.

O sanduíche de atum estava bom. Era o único que ele comera desde que chegara, então ele não podia dizer se era o melhor da cidade.

Ele seguiu dirigindo. Casas em estilo vitoriano deram lugar a campos quando ele entrou na autoestrada, passando por celeiros com torres e fazendas brancas, cabras ativas e picapes abandonadas. Tudo estava pintado na mesma paleta de cores: verdes avermelhados e vermelhos esverdeados; até o lixo parecia ter saído das colinas íngremes. Apenas as montanhas pareciam fora de lugar, fantasmas azuis em cada horizonte.

Deixando o Homem Cinzento um tanto surpreso, os medidores de Greenmantle pareciam estar chegando a um consenso.

Eles o levaram para outra estrada vicinal. Excursionistas e caixas de correio se projetavam do solo.

Seu telefone tocou.

Era seu irmão.

O estômago do Homem Cinzento se revirou.

O telefone tocou só duas vezes. *Chamada perdida*. Seu irmão nunca tivera a intenção que ele atendesse; ele só queria isto: que o Homem Cinzento parasse o carro e ficasse na dúvida se deveria retornar a ligação.

Que ele ficasse na dúvida se o irmão ligaria de novo. Desfazendo os nós em suas entranhas.

Finalmente, um labrador retriever latindo na porta o chamou de volta à realidade. Ele fechou o telefone no porta-luvas, fora de sua vista.

De volta aos instrumentos de Greenmantle.

Eles o levaram a uma casa amarela com uma garagem aberta vazia. Com o frequencímetro em uma mão e um magnetômetro de césio na outra, ele saiu para o calor e seguiu o campo de energia.

Então baixou a cabeça para passar por um varal de roupa desolado. Havia uma casinha de cachorro, mas nenhum cachorro. O ar tinha o cheiro seco e complexo de um milharal, mas não havia nenhum milharal. Ele foi sinistramente lembrado do presságio da loja de conveniência com as luzes apagadas.

No quintal dos fundos, havia uma horta ambiciosa onde sete fileiras impecáveis floresciam — tomates, ervilhas, feijões e cenouras de primeira. As quatro fileiras seguintes não eram tão produtivas. Enquanto ele seguia a luz cada vez mais frenética do frequencímetro, as fileiras ficavam cada vez mais decaídas. As últimas três eram meramente faixas de terra não cultivada apontando para os campos distantes. Algumas vinhas ressequidas se enrolavam em paus de bambu, meros esqueletos.

Os instrumentos guiaram o Homem Cinzento para uma roseira plantada do outro lado das fileiras mortas, diretamente na frente da cobertura de concreto de um poço. Diferentemente das vinhas secas, as rosas estavam hipervivas. Acima de um tronco verde comum, dúzias de brotos retorcidos cresciam como garras dos galhos velhos, contorcendo-se firmemente uns nos outros. Cada galho alterado estava tingido pelo vermelho berrante da vegetação nova; sinistramente, parecia correr sangue por eles. Os brotos novos se encrespavam com espinhos vermelhos malevolentes.

O resultado desse crescimento furioso era evidente nos nós enegrecidos dos ramos acima. Morta. A rosa estava crescendo para a morte.

O Homem Cinzento ficou impressionado com o profundo *equívoco* daquilo.

Algumas ondas dos medidores confirmaram que a energia estava centrada diretamente na roseira ou no chão abaixo dela. Uma anomalia de energia poderia explicar aquele hediondo crescimento excessivo. Ele não via, no entanto, como aquilo poderia estar ligado ao Greywaren. A não ser que...

Olhando de relance para a casa, ele largou as máquinas e levantou a tampa do poço.

O frequencímetro gritou, cada luz furiosamente vermelha. A leitura do magnetômetro deu um pico extraordinário.

Uma corrente de ar frio saía em espiral da abertura impenetravelmente escura. Ele tinha uma lanterna no carro, mas o Homem Cinzento achava que ela não daria nem para começar a penetrar aquelas profundezas. Ele ponderou o que seria necessário para retirar um objeto escondido em um poço, se fosse necessário.

Tão subitamente quanto tinham começado, ambas as máquinas caíram em um silêncio absoluto.

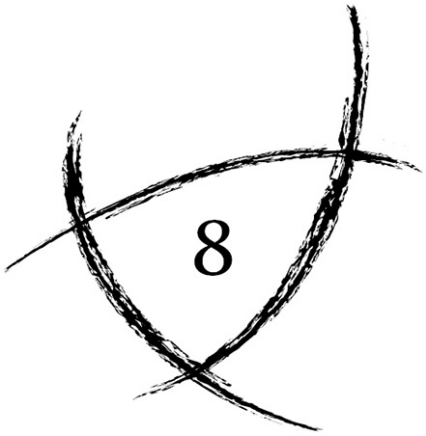
Sobressaltado, ele experimentou agitá-las — nada. Carregou-as em torno da roseira. Nada. Segurou-as sobre o poço. Nada. Qualquer que tenha sido a alta súbita de energia que o trouxera até ali, ela tinha ido embora.

Era possível, ele pensou, que o Greywaren fosse algo que funcionava em pulsos, e que ele simplesmente havia desligado em seu esconderijo no poço.

Mas era mais possível, ele pensou, que aquilo tivesse a ver com o probleminha da CEEH. Os mesmos picos de energia que afetavam a eletricidade do estádio podiam estar em ação ali. Escapando daquela fonte de água. De alguma maneira envenenando aquela rosa enegrecida.

O Homem Cinzento recolocou a tampa do poço, secou um brilho de suor da nuca e se endireitou.

Ele tirou uma foto da roseira com o celular. E então voltou para o carro.



Adam Parrish tinha problemas maiores que os sonhos de Ronan.

Para começo de conversa, sua casa nova. Ultimamente, ele vivia em um quarto minúsculo acima da reitoria da Igreja de Santa Inês. Todo o lugar havia sido construído no fim do século XVIII e isso era visível. Adam constantemente batia a cabeça contra o teto inclinado e cravava lascas de madeira letais nos pés com meias. Todo o aposento tinha aquele cheiro de casas muito antigas — mofo no estuque, pó na madeira e flores esquecidas. Ele havia mobiliado o espaço: um colchão fino da Ikea sobre o chão descoberto, caixas plásticas e de papelão como mesas de cabeceira e escrivaninha, um tapete encontrado à venda por três dólares.

Não era nada, mas era o nada de Adam Parrish. Como ele o amava e o odiava. Como tinha orgulho dele, quão lamentável ele era.

O nada de Adam Parrish não tinha ar-condicionado. Não havia como escapar do calor de um verão na Virgínia. Ele estava suficientemente familiarizado com a sensação do suor escorrendo por dentro da calça.

E então havia os três empregos temporários que pagavam a sua anuidade na Aglionby. Ele estava acumulando horas de trabalho agora para poder ter um outono mais tranquilo quando a escola começasse. Ele passou só duas horas no emprego mais fácil — Boyd's Body & Paint Ltda.,

substituindo pastilhas de freio, trocando óleo e encontrando o que estava fazendo aquele ruído estridente ali, não, *ali* — e agora, embora estivesse de folga, estava imprestável para qualquer outra atividade. Grudento e dolorido e, acima de tudo, cansado, sempre cansado.

Luzinhas dançavam no canto da visão enquanto ele acorrentava a bicicleta à escada do lado de fora de seu quarto. Passando o dorso da mão na testa suada, subiu a escada e percebeu que Blue estava esperando lá em cima.

Blue Sargent era bonita de um jeito fisicamente doloroso para ele. Ele era maluco por ela. Ela estava sentada com as costas apoiadas na porta, de legging de renda e uma túnica feita de uma camiseta rasgada dos Beatles tamanho extragrande. Estava conferindo preguiçosamente as ofertas da semana do supermercado no celular, mas colocou o aparelho no chão quando o viu.

O único problema é que Blue era outra coisa que o incomodava. Ela era como Gansey, no sentido de que queria que ele se explicasse. O que você *quer*, Adam? Do que você *precisa*, Adam? *Quer* e *precisa* eram palavras que se haviam desgastado mais e mais: liberdade, autonomia, um saldo bancário perene, um apartamento de aço inoxidável em uma cidade sem pó, um carro negro sedoso, dar uns amassos na Blue, oito horas de sono, um telefone celular, uma cama, beijar Blue apenas uma vez, um calcanhar sem bolhas, bacon para o café da manhã, segurar a mão de Blue, uma hora de sono, papel higiênico, desodorante, um refrigerante, um minuto para fechar os olhos.

O que você *quer*, Adam?

Me sentir desperto quando meus olhos estão abertos.

— Oi — ela disse. — Tem carta para você.

Ele sabia. Já tinha visto o envelope ignorado e fechado, adornado com a crista de um corvo da Academia Aglionby. Por dois dias estivera passando por ele, como se o envelope pudesse desaparecer se ele o ignorasse. Ele já tinha recebido as notas, e o envelope não era gordo o suficiente para conter informações sobre o baile de gala trimestral para levantar fundos. Poderia ser apenas um jantar de ex-alunos ou a propaganda de um álbum de fotografia. A escola estava sempre mandando avisos sobre oportunidades para incrementar a experiência da Aglionby.

Acampamentos de verão e aulas de voo, anuários de luxo e artigos personalizados com o brasão do corvo. Estes, Adam jogava fora. Eles eram dirigidos aos olhos dos pais ricos, em casas com a foto emoldurada de seus filhos.

Mas, dessa vez, ele não achou que fosse uma notificação para um baile de arrecadação de fundos.

Ele se inclinou para pegá-lo, então hesitou, os dedos na maçaneta.

— Você vai entrar? Preciso de um banho.

Houve um instante de silêncio. *Era mais fácil antes*, pensou Adam subitamente, *quando a gente não se conhecia.*

Blue disse:

— Pode ir tomar o seu banho. Não me importo. Só pensei em dar uma passada para dizer oi antes do trabalho.

Ele enfiou a chave na fechadura e abriu a porta para os dois. Eles pararam no meio do quarto, o único lugar em que podiam ficar de pé sem abaixar a cabeça.

— Então — ela disse.

— Então — ele disse.

— Alguma novidade no trabalho?

Adam se esforçou para pensar em uma história engraçada. Sua mente era uma caixa que ele esvaziava ao cabo de seus turnos no trabalho.

— Ontem, o Boyd me perguntou se eu queria ser o técnico dele para a próxima temporada. De rally.

— O que isso quer dizer?

— Que eu teria um emprego depois que eu me formar. Eu ficaria na estrada seis ou sete semanas por ano. — Na realidade, fora uma oferta lisonjeira. A maioria dos mecânicos que viajava com Boyd trabalhava para ele há muito mais tempo que Adam.

— Você não aceitou — Blue tentou adivinhar.

Ele olhou de relance para ela. Adam não conseguia fazer uma leitura de Blue tão facilmente como fazia com Gansey. Ele não sabia dizer se ela estava satisfeita ou desapontada.

— Eu vou fazer faculdade. — Ele não acrescentou que não estava se matando na Aglionby para acabar como um mecânico de luxo. Isso poderia ter sido o bastante um dia, se ele não tivesse tomado

conhecimento de todas as oportunidades que existiam por aí. Se ele não tivesse crescido ao lado da Academia Aglionby. Se você nunca tivesse visto as estrelas, velas eram o suficiente.

Ela cutucou com o dedo do pé uma bomba de combustível que estava sendo reformada e que repousava sobre jornais.

— Ãhã.

Havia algo ali, escondendo-se atrás da sua resposta, alguma tensão particular. Ele tocou o rosto dela.

— Tem algo errado?

Não era muito justo. Ele sabia que o toque dele distrairia a ambos da questão. Como esperado, Blue fechou os olhos. Ele pressionou a palma sobre a face fria dela, então, após uma pausa, desceu pelo pescoço. Sua mão estava hiperconsciente do que sentia: os cabelos soltos na base do pescoço de Blue, a ligeira aderência da pele dela, uma memória do sol, o caroço da garganta dela se movendo enquanto ela engolia.

Ele a capturou com a outra mão, puxando-a para perto. Cuidadosamente. Agora ela estava pressionada contra ele, próxima o suficiente para ele se sentir envergonhado da camisa suada. O queixo de Adam repousava sobre o topo da cabeça dela. Os braços de Blue soltos em torno dele; ele sentiu a respiração dela aquecer o tecido de sua camisa. Ele não podia esquecer que o osso de seu quadril estava pressionado contra ela.

Não era suficiente. Ele doía por dentro. Mas havia uma linha que ele não podia ultrapassar, e ele nunca tinha certeza de onde ela começava. Certamente estava próximo dela. Ele se sentiu perigoso e agitado.

Então os dedos de Blue pressionaram cautelosamente as costas dele, sentindo a sua espinha. Ele não tinha ido longe demais, então.

Ele se inclinou para beijá-la.

Blue se desvencilhou dos braços dele. Na realidade, ela tropeçou na pressa de se afastar e bateu a cabeça no teto inclinado.

— Eu disse *não* — ela arfou, a mão segurando a parte de trás do crânio.

Algo o machucou.

— Tipo, *seis* semanas atrás.

— Ainda é não!

Eles se encararam, ambos magoados.

— Só... — ela disse — Só sem beijar.

Ele ainda estava machucado. Sua pele era uma constelação de terminações nervosas.

— Eu não entendo.

Blue tocou os lábios como se eles *tivessem* sido beijados.

— Eu te *disse*.

Ele só queria uma resposta. Queria saber se era ele ou se era ela. Ele não sabia como perguntar, mas o fez de qualquer jeito.

— Aconteceu... alguma coisa com você?

O rosto dela ficou sem expressão por um momento.

— O quê? Ah. *Não*. Precisa ter uma razão? A resposta é simplesmente não! Isso não basta?

A resposta correta era sim. Ele sabia disso. Mas a resposta real era que ele queria saber se tinha bafo, ou se ela só estava fazendo aquilo por ele ter sido o primeiro a lhe pedir, ou se tinha outro impedimento que ele não estava considerando.

— Vou tomar uma ducha — ele disse. Adam tentou não soar como se ainda estivesse magoado, mas estava e deixou transparecer. — Você vai estar aqui quando eu voltar? A que horas começa o seu turno?

— Vou te esperar. — Blue tentou não soar como se estivesse magoada, mas estava e deixou transparecer.

Enquanto Blue folheava alguns mapas que ele tinha sobre a mesa de cabeceira de plástico, Adam ficou debaixo do chuveiro frio até seu coração baixar a fervura. *O que você* quer, *Adam?* Nem ele sabia. De dentro do velho boxe inclinado, ele captou uma meia-imagem de si mesmo no espelho e se sobressaltou. Por um momento, algo a respeito de seu próprio reflexo lhe pareceu errado. Os olhos grandes e o rosto magro o espiaram de volta, perturbados, mas nada extraordinários.

E, de uma hora para outra, ele estava pensando em Cabeswater de novo. Alguns dias ele sentia que não pensava em mais nada. Ele não tivera muitas coisas na vida que lhe pertencessem de verdade, só a ele e a ninguém mais, mas agora tinha: essa barganha. Havia se passado pouco mais de um mês desde que Adam oferecera seu sacrifício a Cabeswater a fim de despertar a linha ley. Todo o ritual parecera vertiginoso e surreal

em sua mente, como se ele observasse a si mesmo atuar em uma tela de televisão. Adam havia ido absolutamente preparado para fazer um sacrifício. Mas ele não estava muito certo a respeito de como esse sacrifício específico que eventualmente faria havia chegado até ele: *Eu serei suas mãos. Eu serei seus olhos.*

Até aquele momento, nada havia acontecido, não realmente. O que era quase pior. Ele era um paciente com um diagnóstico que não conseguia compreender.

No chuveiro, coçou a pele morena de verão com a unha do polegar. A linha da sua unha foi do branco para o vermelho inflamado em um instante, e, enquanto ele a estudava, ocorreu-lhe que havia algo esquisito a respeito do fluxo de água sobre a sua pele. Como se estivesse em câmera lenta. Ele seguiu a queda de água até a saída do chuveiro e passou um minuto inteiro observando-a jorrar do metal. Seus pensamentos eram uma confusão de gotas translúcidas se segurando ao metal e chuva se soltando de folhas verdes.

Ele piscou.

Não havia nada esquisito a respeito da água. Não havia folhas. Ele precisava dormir um pouco antes que fizesse algo estúpido no trabalho.

Saindo do chuveiro, com dor nas costas, nos ombros e na alma, Adam se secou e se vestiu lentamente. No fim das contas, ele temia — esperava? — que Blue tivesse ido embora, mas, quando abriu o banheiro, secando o cabelo, descobriu que ela estava parada na porta, conversando animadamente com alguém.

Pois a visitante era a senhora da secretaria da Santa Inês, o cabelo preto crespo pela umidade. Ela provavelmente tinha um título oficial que Ronan sabia — secretária do convento ou algo assim —, mas Adam a conhecia apenas como sra. Ramirez. Ela parecia fazer tudo o que uma igreja precisava para continuar funcionando, fora rezar a missa.

Incluindo a coleta do cheque de aluguel mensal de Adam.

Quando a viu, Adam sentiu um aperto no estômago. Ele não tinha dúvida de que seu último cheque voltara. Ela lhe diria que os fundos eram insuficientes, e Adam lutaria para colocar dinheiro no buraco que se abria em sua conta, e então teria de pagar uma taxa por cheque devolvido para o

banco e outra para a sra. Ramirez, ficando ainda mais desfalcado para o aluguel do mês seguinte, num círculo vicioso patético e interminável.

Com a voz fina, ele perguntou:

— O que eu posso fazer pela senhora?

A expressão dela mudou. Ela não tinha certeza de como dizer o que precisava ser dito.

Os dedos de Adam se fecharam no batente da porta.

— Ah, querido — ela disse. — Só vim avisar você sobre o aluguel do seu quartinho aqui.

Não aguento mais, ele pensou. *Chega. Por favor, não aguento mais.*

— Bem, foi feita uma nova... auditoria fiscal — ela começou. — Nesse prédio. E você sabe que cobramos de você como uma organização sem fins lucrativos. Então nós... o seu aluguel vai mudar. Ele tem que continuar a mesma porcentagem dos... hum... custos do prédio. E vai ficar duzentos dólares mais barato.

Adam ouviu *duzentos* e definhou. Então ouviu o resto e achou que não havia compreendido direito.

— Mais barato? Por ano?

— Por mês.

Blue parecia encantada, mas Adam não conseguia aceitar bem que seu aluguel tivesse simplesmente caído em dois terços. Dois mil e quatrocentos dólares por ano, subitamente liberados. Seu sotaque hesitante de Henrietta escapou antes que ele pudesse impedir.

— Qual a razão mesmo para a mudança?

— Auditoria fiscal. — Ela riu da suspeita dele. — Em geral, quando se fala em impostos, não são boas notícias, não é?

Ela esperou que Adam respondesse, mas ele não sabia o que dizer. Por fim, disse:

— Obrigado, senhora.

Enquanto Blue fechava a porta, ele derivou de volta para o centro do quarto. Ainda não conseguia acreditar no que havia acontecido. Não, ele *não* acreditaria. Simplesmente não fazia sentido. Ele pegou a carta da Aglionby. Deixando-se cair no colchão fino, finalmente a abriu.

O conteúdo era realmente bastante fino, apenas uma carta com espaçamento simples na letra da Aglionby. Não foi preciso muito para

transmitir a mensagem. A matrícula do ano seguinte iria subir para cobrir custos adicionais, mas sua bolsa não. Eles sabiam que o aumento na matrícula representaria uma dificuldade para ele, e que ele era um aluno excepcional, mas precisavam lembrá-lo, com a maior generosidade possível, que a lista de espera para a Aglionby era bastante longa, repleta de garotos excepcionais com condições de pagar toda a matrícula. Concluindo, eles lembraram ao sr. Parrish que cinquenta por cento da matrícula do próximo ano precisava ser paga até o fim do mês para que ele garantisse a vaga.

A diferença na matrícula daquele ano para o próximo era de dois mil e quatrocentos dólares.

Esse número de novo. Não podia ser coincidência.

— Você quer falar sobre isso? — perguntou Blue, sentando-se ao lado dele.

Ele não queria falar sobre isso.

Gansey devia estar por trás de tudo aquilo. Ele sabia que Adam jamais aceitaria dinheiro dele, então bolou tudo isso. Persuadiu a sra. Ramirez a aceitar um cheque e criar uma auditoria fiscal para cobrir seus rastros. Gansey devia ter recebido uma notificação de matrícula igual dois dias atrás. O aumento não significaria nada para ele.

Por um breve momento, ele imaginou a vida que Gansey levava. As chaves do carro no bolso. Os sapatos novinhos nos pés. O olhar descuidado para as contas mensais. Elas não poderiam prejudicar Gansey. Nada poderia prejudicá-lo; pessoas que diziam que o dinheiro não podia comprar tudo não tinham visto ninguém tão rico quanto os garotos da Aglionby. Eles eram intocáveis, imunes aos problemas da vida. Apenas a morte não podia ser resolvida com um cartão de crédito.

Um dia, pensou Adam miseravelmente, *um dia isso serei eu.*

Mas essa artimanha não estava certa. Ele jamais teria pedido a ajuda de Gansey. Adam não tinha certeza de como ele teria coberto o aumento da matrícula, mas não era *assim*, não com o dinheiro de Gansey. Ele imaginou a cena: um cheque dobrado, colocado apressadamente no bolso, olhares que não se cruzavam. Gansey aliviado porque Adam finalmente usara a cabeça. Adam incapaz de dizer obrigado.

Ele percebeu o olhar de Blue o observando, os lábios apertados, o cenho franzido.

— Não olhe para mim desse jeito — ele disse.

— De que jeito? Não posso me preocupar com você?

A irritação transparecia na voz dele.

— Não quero a sua pena.

Se ele não permitia que Gansey tivesse pena dele, certamente o mesmo se aplicava a Blue. Ela e Adam estavam no mesmo barco, afinal de contas. E ela não estava a caminho do trabalho, o mesmo lugar de onde ele acabara de chegar?

— Então não seja digno de pena.

A raiva cresceu dentro dele e o tomou por completo no mesmo instante. Era uma emoção binária nos Parrish. Não existia ficar um pouco irado. Era nada ou então isso: a fúria absoluta.

— O que é digno de pena a meu respeito, Blue? Me conte o que é digno de pena. — Ele se pôs de pé em um salto. — Será que é porque eu trabalho para conseguir tudo o que tenho? É isso que me torna digno de pena e o Gansey não? — Ele sacudiu a carta. — É porque isso não me foi *dado*?

Ela não recuou, mas algo fervilhou em seus olhos.

— Não.

A voz de Adam era terrível; ele a ouviu.

— *Eu não quero a sua maldita pena.*

O rosto dela estava chocado.

— O que você disse?

Ela estava olhando para a caixa que servia de mesa de cabeceira para ele. De alguma maneira, a caixa foi parar longe da cama. Um lado ficou bastante amassado, as coisas que estavam ali guardadas se espalharam violentamente pelo chão. Só agora ele se lembrou do ato de chutar a caixa, mas não da *decisão* de chutá-la.

A raiva não tinha sido desligada ainda.

Por um longo momento, Blue o encarou e então se levantou.

— Tenha cuidado, Adam Parrish. Porque um dia você talvez consiga o que pediu. Talvez existam garotas em Henrietta que deixem você falar desse jeito, mas eu não sou uma delas. Agora eu vou me sentar naquela

escada até a hora do meu turno. Se você conseguir ser... ser *humano* antes disso, venha me buscar. Se não, nos falamos mais tarde.

Ela se abaixou um pouco para não bater a cabeça e então fechou a porta atrás de si. Teria sido mais fácil se ela tivesse simplesmente gritado ou chorado. Em vez disso, as palavras riscavam como uma pedra de isqueiro dentro dos pensamentos dele, de novo e de novo, mais uma fagulha e outra. Ela era tão ruim quanto Gansey. *Para onde ela pensa que vai?* Quando ele se formar e fugir desse lugar, e Blue ainda estiver presa aqui, ela vai se sentir idiota a respeito disso tudo.

Adam queria abrir a porta e gritar isso para ela.

Mas se segurou onde estava.

Depois de um tempo, ele se acalmou e viu que a sua raiva era uma coisa separada dentro dele, um presente-surpresa sombrio de seu pai. Ele se acalmou e lembrou que, se esperasse um pouco mais e analisasse cuidadosamente como se sentia, a emoção perderia a inércia. Era assim com a dor física. Quanto mais ele tentasse decidir mentalmente o que estava por trás da dor, menos seu cérebro parecia capaz de se lembrar dela.

Então ele pôs de lado a raiva dentro de si.

Era assim que ele se sentia, perguntou-se Adam, *quando agarrava a manga da minha blusa no momento em eu estava saindo pela porta? Era isso que o fazia enfiar a minha cara na porta da geladeira? Era assim que ele se sentia quando passava pela porta do meu quarto? Era contra isso que ele lutava todas as vezes em que lembrava que eu existia?*

Adam se acalmou e percebeu que não era nem com Blue que estivera bravo. Ela só tivera o azar de estar parada na zona de impacto quando ele explodiu.

Adam nunca escaparia, não de verdade. Havia sangue ruim demais nele. Ele havia deixado o covil, mas sua criação o traía. E ele sabia por que era digno de pena. Não era porque ele tinha de pagar pela escola ou porque tinha de trabalhar para se sustentar. Era porque ele estava tentando ser algo que jamais poderia ser. O fingimento era digno de pena. Ele não precisava de um diploma. Ele precisava de Glendower.

Algumas noites ele conciliava o sono imaginando como colocaria em palavras seu pedido para Glendower. Ele precisava chegar exatamente nas

palavras certas. Agora ele as rolava de um lado para o outro na boca, desesperadamente procurando por uma que o confortasse. Ordinariamente, as palavras iam e vinham em sua mente, mas dessa vez tudo que ele conseguia pensar foi: *Me conserte.*

Subitamente, ele capturou outra imagem.

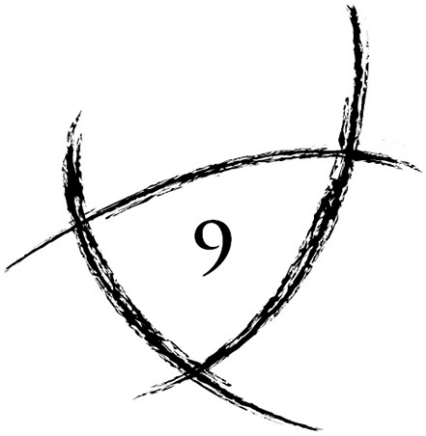
Em seguida, pensou: *O que isso quer dizer?* É impossível *capturar* uma imagem. E ele certamente não o fizera mais de uma vez. Mas a sensação persistiu, uma ideia que ele tinha visto de relance, ou sentido, ou lembrado algum movimento no canto do olho. Um instantâneo capturado logo atrás de seus olhos.

Adam tinha um sentimento estranho, desconcertante, de que não podia confiar em seus sentidos. Como se ele estivesse sentindo o gosto de uma imagem, ou cheirando um sentimento, ou tocando um som. Da mesma maneira que alguns minutos atrás, a ideia de que ele tinha visto um reflexo ligeiramente diferente de si mesmo.

As preocupações anteriores de Adam desapareceram, substituídas por uma preocupação mais imediata por aquele corpo maltrapilho que ele fazia andar por aí. Ele já tinha sido atingido muitas vezes. Já perdera a audição do ouvido esquerdo. Talvez algo mais tivesse sido destruído em uma daquelas noites tensas e miseráveis.

Então ele capturou outra imagem.

E se virou.



Quando Adam ligou, Ronan, Noah e Gansey estavam na Dollar City em Henrietta, matando tempo. Teoricamente, eles estavam ali atrás de baterias. Na prática, estavam ali porque tanto Blue quanto Adam tinham de trabalhar, a ira informe de Ronan sempre ficava pior à noite e a Dollar City era uma das poucas lojas em Henrietta que permitiam animais de estimação.

Gansey atendeu o telefone enquanto Ronan examinava um pacote de apagadores no formato de jacarés. Os animais fosforescentes tinham um sortimento de seis expressões de perplexidade. Noah tentou inclinar a boca para combinar com elas, enquanto Motosserra, enfiada na dobra do braço de Ronan, o olhava desconfiada. No fim do corredor, a atendente olhava para Motosserra com igual desconfiança. Quando a Dollar City dissera "Bichos de estimação são bem-vindos", ela não tinha certeza se isso incluía pássaros carniceiros.

Ronan estava aproveitando e muito o olhar petulante da atendente.

— Alô? Ah, oi — disse Gansey ao telefone, tocando um caderno com uma arma impressa na capa. O *Ah, oi* fora acompanhado por uma mudança

definitiva no timbre de voz. Isso significava que era Adam, o que de certa maneira insuflou a raiva de Ronan. Tudo ficava pior à noite. — Achei que você ainda estava no trabalho. O quê? Ah, nós estamos no Playground da Burguesia.

Ronan mostrou a Gansey um relógio de parede de plástico inteligentemente moldado na forma de um peru. A papada da ave, pendendo abaixo do rosto do relógio, marcava os segundos.

— *Mon Dieu!* — Gansey exclamou. Ao telefone, ele disse: — Se você não tem certeza, provavelmente não era. É difícil confundir uma mulher com qualquer outra coisa.

Ronan não tinha muita certeza do motivo pelo qual ele estava com raiva. Embora Gansey não tivesse feito nada para invocar sua ira, ele era definitivamente parte do problema. No momento, ele tinha o celular ajeitado entre a orelha e o ombro enquanto olhava para um par de pratos de plástico com desenhos de tomates sorridentes. O colarinho desabotoado revelava boa parte da clavícula. Ninguém podia negar que Gansey era um retrato glorioso da juventude, o produto bem cuidado de um casal de sorte e abastado. Geralmente, no entanto, ele era tão educado que beirava o suportável, pois claramente Gansey não pertencia à mesma espécie que a família tosca de Ronan. Mas naquela noite, sob as luzes fluorescentes da Dollar City, o cabelo de Gansey estava desgrenhado e sua bermuda cáqui estava uma ruína engraxada por ter mexido no Pig. Ele estava de pernas de fora e sem meias em seus mocassins. De um jeito bastante óbvio um ser humano real, um ser humano acessível, e isso, de certa forma, fazia com que Ronan quisesse atravessar uma parede com o punho.

Segurando o telefone longe da boca, Gansey disse para eles:

— O Adam acha que viu uma aparição no quarto dele.

Noah fez um gesto rude, um ato hilariamente pouco ameaçador vindo dele, como o rosnado de um gatinho. A atendente deu uma risada alta, quase um cacarejo.

Motosserra tomou o riso dela como uma afronta pessoal. Ela puxou irritadamente as pulseiras de couro no pulso de Ronan, fazendo-o se lembrar do presente estranho que Kavinsky lhe dera mais cedo. Não era um sentimento inteiramente confortável pensar no outro garoto o analisando tão de perto. Kavinsky conseguira as cinco pulseiras

precisamente certas, até o tom do couro. Ronan se perguntou o que ele estava esperando obter com aquilo.

— Por quanto tempo? — perguntou Gansey ao telefone.

Ronan repousou a testa na prateleira mais alta. A borda do metal fez uma marca em seu crânio, mas ele não se mexeu. À noite, as saudades de casa eram incessantes e oniscientes, um contágio por via aérea. Ele as viu nas luvas de forno baratas da Dollar City — isso era a sua mãe na hora do jantar. Ele as ouviu no bater da gaveta da caixa registradora — isso era o seu pai voltando para casa à meia-noite. Ele as cheirou no sopro súbito do desodorizador de ambiente — isso eram as viagens em família para Nova York.

A sua casa ficava tão próxima à noite. Ele poderia estar lá em vinte minutos. Ele queria quebrar tudo naquelas prateleiras.

Noah tinha saído a perambular pelo corredor, mas agora voltava alegremente com um globo de neve. Ele parou atrás de Ronan até que este se afastou da prateleira para admirar a atrocidade. Uma palmeira decorada com motivos natalinos e dois banhistas com feições indistintas presos lá dentro, com uma declaração equivocada pintada: "É SEMPRE NATAL EM ALGUM LUGAR".

— Glitter — sussurrou Noah reverentemente, sacudindo-o. Com certeza, não era neve falsa, mas glitter que caía sobre as areias em feriado eterno. Tanto Ronan quanto Motosserra observaram, transfixados, enquanto os flocos coloridos caíam sobre a palmeira.

Mais adiante no corredor, Gansey sugeriu ao telefone:

— Você pode ficar em Monmouth. De noite.

Ronan riu bruscamente, alto o suficiente para Gansey ouvir. Adam fazia questão de ficar no canto dele, mesmo que fosse horrível. Mesmo se o quarto fosse uma acomodação cinco estrelas, ele acharia detestável. Porque não era da casa caindo aos pedaços que Adam sentia falta, desesperada e envergonhadamente, tampouco da Indústria Monmouth, a casa nova que o orgulho de Adam não o deixaria desfrutar. Às vezes Ronan achava que Adam estava tão acostumado com o fato de o jeito certo ter de ser doloroso que ele duvidava de qualquer caminho que não viesse acompanhado de sofrimento.

As costas de Gansey estavam voltadas para eles.

— Escute, não sei do que você está falando. Ramirez? Eu não falei com ninguém na igreja. Sim, dois mil e quatrocentos dólares, eu sei dessa parte. Eu...

Isso significava que eles estavam falando a respeito da carta da Aglionby; tanto Ronan quanto Gansey haviam recebido a mesma carta.

Agora a voz de Gansey estava baixa e furiosa.

— De certo ponto de vista, isso não é engan... Não, você está certo. Você está certo, eu realmente não entendo. Não sei e nunca vou saber.

Adam provavelmente tinha feito a conexão entre a mudança do seu aluguel e o aumento da matrícula. Não era uma suposição complicada, e ele era inteligente. Era fácil, também, colocar isso na conta de Gansey. Se Adam estivesse pensando direito, no entanto, teria considerado que era Ronan quem tinha conexões infinitas com a Santa Inês. E que quem quer que estivesse por trás da mudança do aluguel precisaria ter ido à secretaria da igreja com um monte de dinheiro e a vontade irredutível de persuadir uma senhora a mentir sobre uma auditoria fiscal falsa. Desse ponto de vista, a história parecia ter a assinatura de *Ronan* por toda parte. Mas uma das coisas maravilhosas de ser Ronan Lynch era que ninguém jamais esperava um gesto legal dele.

— Não fui eu — disse Gansey —, mas fico feliz que tenha acontecido. Tudo bem. Pense o que você quiser.

A questão era que Ronan sabia como um rosto se parecia logo antes de entrar em crise. Ele o vira no espelho muitas vezes. Adam tinha linhas profundas por toda parte. Ao lado de Ronan, Noah disse "Ah!", de maneira bastante surpresa.

Então ele desapareceu.

O globo de neve bateu no chão onde os pés de Noah estavam. E deixou uma elipse viscosa e cambaleante enquanto rolava para longe. Assustada, Motosserra bicou Ronan. Ele a tinha apertado quando deu um salto para trás com o ruído.

— Por *favor* — disse a atendente.

Ela não vira nada. Mas era óbvio que sabia que algo tinha acontecido.

— Não precisa se exaltar — disse Ronan em voz alta. — Vou pagar por isso.

Ele jamais admitiria como seu coração batia forte no peito.

Gansey se virou bruscamente, o rosto perplexo. A cena — Noah ausente, o globo de neve horroroso rolando debaixo de uma prateleira — não oferecia uma explicação imediata. Para Adam, ele disse:

— Espere um minuto.

Abruptamente, o corpo inteiro de Ronan ficou frio. Não um pouco frio, mas absolutamente gelado. O tipo de frio que seca a boca e deixa a circulação sanguínea mais lenta. Motosserra soltou um guincho, aterrorizada.

— *Cráá!*

Ele colocou uma mão congelada sobre a cabeça dela e a confortou, embora ele não se sentisse confortado.

Então Noah reapareceu com um estalo violento, como a energia elétrica crepitando de volta. Seus dedos agarraram o braço de Ronan. O frio exsudava do ponto de contato, à medida que Noah consumia o calor para se tornar visível. Um sopro absolutamente perfeito do ar de verão de Henrietta se dissipou em torno deles, a fragrância da floresta na ocasião da morte de Noah.

Todos sabiam que Noah podia baixar a temperatura no ambiente em um primeiro momento, quando se manifestava, mas essa escala era algo novo.

— Ei! Valeu por pedir antes, imbecil! — disse Ronan, mas não o afastou. — O que foi *isso*?

Noah estava com os olhos arregalados.

— Eu ligo de volta para você — Gansey disse a Adam.

— Vocês já terminaram? — disse a atendente.

— Quase! — Gansey gritou de volta, em sua voz serenamente doce, enfiando o telefone no bolso. — Vou pegar umas toalhas de papel, só um minuto! *O que está acontecendo aqui?* — Essa última parte foi sussurrada para Ronan e Noah.

— O Noah teve um dia de folga.

— Eu perdi... — Noah lutou para encontrar as palavras. — Não tinha ar. Ela *sumiu*. A... a linha!

— A linha ley? — perguntou Gansey.

Noah anuiu uma vez, um gesto desleixado que era uma espécie de dar de ombros ao mesmo tempo.

— Não sobrou... nada para mim.

Soltando Ronan, ele relaxou as mãos.

— De nada, cara — rosnou Ronan. Ele ainda não conseguia sentir os dedos dos pés.

— Obrigado. Eu não queria... Você estava aqui. Ah, o glitter.

— Sim — respondeu Ronan irritadamente. — O glitter.

Gansey recolheu rapidamente o globo de neve vazando e desapareceu em direção ao balcão. Então voltou com um recibo e um rolo de toalhas de papel.

— O que está acontecendo com o Parrish? — perguntou Ronan.

— Ele viu uma mulher no apartamento dele. Disse que ela estava tentando falar com ele. Ele parecia um pouco nervoso. Acho que a linha ley está vindo com tudo.

Ele não disse: "Ou talvez algo terrível tenha acontecido com o Adam aquele dia que ele se sacrificou em Cabeswater. Talvez ele tenha bagunçado com tudo em Henrietta ao despertar a linha ley". Porque eles não podiam falar a respeito disso. Da mesma maneira que não podiam falar sobre Adam ter roubado o Camaro aquela noite. Ou sobre ele ter feito basicamente tudo que Gansey havia lhe pedido para não fazer. Se Adam não pensava direito quando se tratava de seu orgulho, Gansey não pensava direito quando se tratava de Adam.

— A linha ley vindo com tudo. Certo. Ãhã, aposto que é isso.

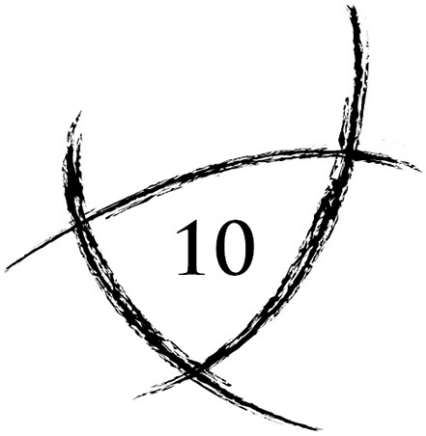
Toda a fantasia do momento na Dollar City estava arruinada. Enquanto Gansey deixava a loja na frente deles, Noah disse para Ronan:

— Eu sei por que você está bravo.

Ronan zombou dele, mas seu pulso se acelerou.

— Me diz então, profeta.

— Não é minha responsabilidade contar os segredos dos outros.



— Eu estava pensando que você podia ir comigo — disse Gansey cuidadosamente, duas horas mais tarde. Ele pressionou o telefone contra a orelha com um ombro enquanto desenrolava um rolo enorme de papel sobre o chão da Indústria Monmouth. As inúmeras luminárias baixas espalhadas pelo aposento formavam uma plêiade de holofotes sobre o papel. — Para a festa da minha mãe. Pode surgir uma oportunidade de estágio lá, se você se sair bem.

Do outro lado do telefone, Adam não respondeu imediatamente. Era difícil de dizer se ele estava pensando a respeito ou se estava irritado com a sugestão.

Gansey continuou desenrolando o papel. Era uma impressão em alta resolução da linha ley como vista de um satélite casualmente interessado. Havia custado uma fortuna ter as imagens emendadas e então impressas em cores, mas tudo valeria a pena se ele encontrasse alguma coisa fora do padrão. No mínimo, eles poderiam usá-la para rastrear a exploração. Além de tudo, ela era bonita.

Do quarto de Ronan, ele ouviu a risada de Noah. Ele e Ronan estavam jogando vários objetos pela janela do segundo andar para o estacionamento lá embaixo. Houve um estrondo incrível.

— Eu teria que ver se daria para eu ser dispensado do trabalho — respondeu Adam. — Acho que consigo. Você acha que eu devia ir?

Aliviado, Gansey disse:

— Ah, sim. — Ele arrastou a cadeira da escrivaninha até o canto da impressão, mas esta teimava em enrolar de volta. Então ele colocou uma cópia de *Trioedd Ynys Prydein* no outro canto.

— Você tem notícia da Blue? — perguntou Adam.

— Hoje à noite? Ela tem que trabalhar, não tem? — Enrola, enrola, enrola. Ele segurou o papel com o pé para que ficasse reto. Era surpreendente a satisfação que dava ver acres e acres de floresta e montanhas e rios se desenrolando sobre as tábuas do assoalho. Se ele fosse um deus, pensou Gansey, era assim que criaria um mundo novo. Desenrolando-o como um tapete.

— Tem. Eu só... Ela disse alguma coisa a meu respeito?

— Tipo o quê?

Um longo silêncio.

— Sobre beijar, eu acho.

Gansey fez uma pausa no desenrolar do papel. Na realidade, Blue tinha confessado muita coisa a respeito de beijar. Por exemplo, que haviam dito a ela durante toda a vida que ela mataria o seu verdadeiro amor se o beijasse. Era estranho lembrar aquele momento. Ele duvidara dela, lembrou Gansey. Mas não teria duvidado agora. Blue era uma pessoa excêntrica mas sensata, como um ornitorrinco, ou um daqueles sanduíches cortados em círculos para um chá fino.

Ela também havia pedido para Gansey não contar a Adam sua confissão.

— Beijar? — ele repetiu evasivamente. — O que está acontecendo?

Outro estrondo veio do quarto de Ronan, seguido por uma risada diabólica. Gansey se perguntou se ele não deveria fazê-los parar antes que veículos com luzes piscando o fizessem.

— Sei lá. Ela não quer me beijar — disse Adam. — Eu não a culpo, eu acho. Não sei o que estou fazendo.

— Você perguntou para ela por que ela não quer te beijar? — perguntou Gansey, embora não quisesse ouvir a resposta. Ele estava abruptamente cansado da conversa.

— Ela disse que era *nova* demais.

— E provavelmente é.

Gansey não fazia ideia de quantos anos Blue tinha. Ele sabia que ela tinha terminado havia pouco o segundo ano. Talvez tivesse dezesseis. Talvez dezoito. Talvez tivesse vinte e dois, e fosse apenas muito baixa e atrasada.

— Sei lá, Gansey. As coisas são assim mesmo? Você já saiu com muito mais garotas do que eu.

— Não estou saindo com ninguém *agora*.

— Exceto Glendower.

Gansey não tinha como argumentar contra isso.

— Olha, Adam, acho que não tem a ver com você. Acho que ela não tem nenhum problema com você.

Mas Adam não gostou da resposta, pois não disse nada para retrucar. Isso deu a Gansey tempo suficiente para se lembrar do momento em que ele a abordara pela primeira vez no Nino's em favor de Adam. Como havia sido desastroso. Desde então, ele havia considerado uma dúzia de abordagens diferentes e melhores.

O que era uma bobagem. Tudo tinha dado certo, não é? Ela estava com Adam agora. Se Gansey tinha pagado ou não um mico de primeira quando eles se conheceram, isso não mudava nada.

— Não acredito, cara! — gritou Noah, mas ele não soava como se quisesse dizer isso. Suas palavras eram quase um riso. — Não acredito...

Gansey chutou com tanta força o rolo que ele oscilou torto até se desenrolar completamente, metros adiante, fora dos círculos de luz. Endireitando-se, ele caminhou até as janelas, a leste da fábrica. Apoiando um cotovelo na armação, pressionou a testa contra o vidro, para olhar para a paisagem vasta e escura de Henrietta lá embaixo.

Uma vez ele havia sonhado que encontrara Glendower. Não era o achado em si, mas o dia seguinte. Ele jamais esqueceria a sensação do sonho. Não fora de alegria, mas de ausência de dor. Ele não conseguia esquecer aquela leveza. A liberdade.

— Não quero que as coisas fiquem feias — disse Adam por fim.

— Elas estão feias?

— Não. Acho que não. Mas de certa maneira elas sempre parecem ficar assim.

Gansey observou as luzinhas dos carros sumindo à medida que deixavam Henrietta, e isso o fez se lembrar de sua versão em miniatura da cidade. Fogos de artifício ilícitos, fora de hora, espocaram no primeiro plano.

— Bom, ela não é bem uma *garota*. Quer dizer, claro que ela é uma garota. Mas não é como quando eu estava saindo com alguém. É a *Blue*. Você pode simplesmente perguntar para ela. Nós a vemos todos os dias. Quer que eu fale com ela?

Isso era algo que, com toda a certeza de seu coração, ele definitivamente não tinha interesse em fazer.

— Eu me atrapalho todo quando vou falar as coisas, Gansey — disse Adam, sinceramente. — E você é muito bom nisso. Talvez... talvez se o assunto surgir naturalmente?

Os ombros de Gansey despencaram; sua respiração embaçou os óculos e então desapareceu.

— É claro.

— Obrigado. — Adam fez uma pausa. — Eu só quero descomplicar as coisas.

Eu também, Adam. Eu também.

A porta do quarto de Ronan se escancarou. Segurando-se no marco da porta, Ronan se inclinou para fora para espiar além de Gansey. Ele estava daquele jeito em que parecia ao mesmo tempo o Ronan perigoso de agora e o Ronan mais alegre que havia sido quando Gansey o encontrara pela primeira vez.

— O Noah está aí?

— Segura um pouco — Gansey disse a Adam. Então, para Ronan: — Por que ele estaria aqui?

— Por nada. Nada mesmo.

Ronan bateu a porta, e Gansey perguntou a Adam:

— Desculpe. Você ainda tem aquele terno para a festa?

A resposta de Adam foi encoberta pelo som da porta do segundo andar sendo aberta. Noah entrou se arrastando. Com um tom de voz magoado, ele disse: — Ele me jogou pela janela!

A voz de Ronan cantou por detrás da porta fechada:

— Você já está morto!

— O que está acontecendo aí? — perguntou Adam.

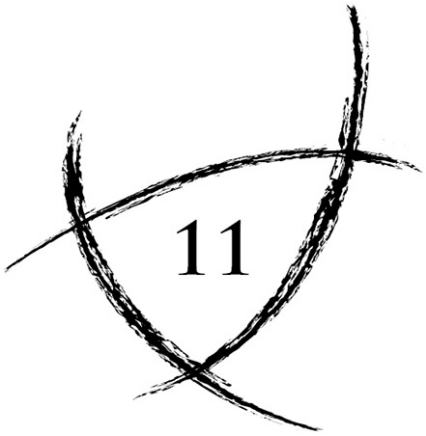
Gansey olhou para Noah. Ele não parecia nem um pouco machucado.

— Não faço ideia. Vem pra cá.

— Não hoje à noite — respondeu Adam.

Estou perdendo ele, pensou Gansey. *Estou perdendo ele para Cabeswater.* Ele tinha achado que, ficando longe da floresta, não perderia o velho Adam — apagando as consequências do que quer que tivesse acontecido aquela noite quando tudo começou a dar errado. Mas talvez isso não importasse. Cabeswater o levaria de qualquer jeito.

— Tudo bem, só não esquece de colocar uma gravata vermelha — disse Gansey.



Naquela noite, Ronan sonhou com árvores.

Era uma floresta antiga, enorme, carvalhos e plátanos se elevando através do solo montanhoso e frio. Folhas se espalhavam na brisa. Ronan podia sentir o tamanho da montanha debaixo de seus pés. A longevidade dela. Bem abaixo, havia uma batida de coração que abraçava o mundo, mais lenta, mais forte e mais inexorável que a própria batida de Ronan.

Ele estivera ali antes, muitas vezes. Ele crescera com esse sonho recorrente da floresta. Suas raízes estavam emaranhadas em suas veias.

O ar se movia à sua volta, e, nele, ele ouviu o seu nome.

Ronan Lynch Ronan Lynch Ronan Lynch.

Não havia ninguém lá, a não ser Ronan, as árvores e as coisas que as árvores sonhavam.

Ele dançava sobre a linha tênue entre a consciência e o sono. Quando ele sonhava desse jeito, era um rei. O mundo era seu para dobrar. Seu para queimar.

Ronan Lynch, Greywaren, tu es Greywaren.

A voz vinha de toda parte e de lugar nenhum. A palavra *Greywaren* fazia sua pele formigar.

— Garota?

E lá estava ela, espiando precavidamente por detrás de uma árvore. Quando Ronan sonhara com ela pela primeira vez, ela tinha um longo cabelo em tom louro-mel, mas, após alguns anos, mudara para um corte curto, na maior parte escondido por um barrete branco. Embora ele tivesse envelhecido, ela não tinha. Por alguma razão, para Ronan, ela lembrava as velhas fotos preto e branco dos trabalhadores em Nova York. Ela tinha o mesmo tipo de olhar órfão, desamparado. A presença dela tornava mais fácil tirar as coisas de seus sonhos.

Ele estendeu a mão para ela, mas ela não saiu imediatamente de onde estava. Em vez disso, espiou em volta com certo temor. Ronan não podia culpá-la. Havia coisas aterrorizantes em sua cabeça.

— Vamos lá. — Ele não sabia ainda o que queria tirar do sonho, mas sabia que estava tão vivo e consciente que seria fácil. Porém a Garota Órfã seguiu fora de seu alcance, seus dedos agarrados à casca da árvore.

— *Ronan, manus vestras!* — ela disse. *Ronan, suas mãos!*

Ele sentiu a pele se arrepiar e formigar, e então viu que ela estava tomada por marimbondos, os mesmos que tinham matado Gansey todos aqueles anos atrás. Não havia muitos dessa vez, apenas algumas centenas. Às vezes, ele sonhava com carros cheios deles, casas cheias deles, mundos cheios deles. Às vezes, esses marimbondos matavam Ronan também, em seus sonhos.

Mas não naquela noite. Não quando ele era a coisa mais venenosa naquelas árvores. Não quando o seu sono era argila em seus dedos.

Não são marimbondos, ele pensou.

E não eram. Quando Ronan levantou as mãos, seus dedos estavam cobertos de joaninhas carmesins, cada uma viva como uma gota de sangue. Elas rodopiavam no ar com sua fragrância acre de verão. Cada asa era uma voz zunindo em uma língua simples.

A Garota Órfã, sempre medrosa, emergiu somente após eles terem ido embora. Ela e Ronan foram de uma parte da floresta para a seguinte. Ela cantarolou baixinho repetidamente o refrão de uma canção pop, enquanto as árvores murmuravam acima.

Ronan Lynch, loquere pro nobis.

Fale por nós.

Subitamente, ele estava diante de uma rocha estriada quase tão alta quanto ele. Espinhos e amoras cresciam na sua base. Ela era familiar de uma maneira que era sólida demais para ser um sonho, e Ronan sentiu um frêmito de incerteza. Será que aquele era um sonho ou seria apenas uma lembrança? Aquilo estava realmente acontecendo?

— Você está dormindo — a garota o lembrou, em inglês.

Ele se prendeu às palavras dela, um rei novamente. De frente para a rocha, ele sabia o que deveria fazer — o que ele *já* tinha feito. Ele sabia que doeria.

A garota virou o rosto estreito para o lado enquanto Ronan pegava os espinhos e as amoras. Cada picada do espinho era como a ferroada de um marimbondo, ameaçando acordá-lo. Ele os esmagou até que seus dedos estivessem escuros de suco e sangue, escuros como a tinta em suas costas. Então ele traçou lentamente as palavras na rocha:

Arbores loqui latine. As árvores falam latim.

— Você já fez isso antes — ela disse.

O tempo era um círculo, uma rotina, uma fita gasta que Ronan nunca se cansava de tocar.

As vozes sussurram para ele: *Gratias tibi ago.* Obrigado.

— Não esqueça os óculos! — disse a garota.

Ronan seguiu o olhar dela. Entre as flores, as vinhas quebradas e as folhas caídas, havia um objeto branco reluzente. Quando ele o pegou, os óculos escuros de Kavinsky o encararam de volta, sem olhos. Ele correu o polegar sobre a superfície lisa do plástico e embaçou as lentes coloridas com sua respiração. E o fez até poder sentir inclusive o círculo delineado do parafuso minúsculo na haste. Do sonho para memória e para realidade.

Ele ergueu os olhos para a garota. Ela parecia com medo. Ela sempre parecia com medo ultimamente. O mundo era um lugar assustador.

— Me leva com você — ela disse.

E ele acordou.



Naquela noite, o Homem Cinzento sonhou que estava sendo esfaqueado.

Num primeiro momento, ele sentiu cada ferimento individual. Particularmente o primeiro. Ele estava inteiro e ileso, e então a completude foi roubada por aquela ladra, a faca. Por isso aquela estocada foi a pior. Um centímetro acima da clavícula esquerda, prendendo-o ao chão por meia respiração.

Então novamente, mas mais próxima da articulação do ombro, raspando a clavícula. E então cinco centímetros abaixo do umbigo. A palavra *entranha* era um verbo e um substantivo. Outro corte e mais outro. Traiçoeiro.

Então o Homem Cinzento era o agressor. O punho da faca era sulcado e permanente em sua mão. Ele estivera esfaqueando aquele pedaço de carne por uma vida inteira. Ele havia nascido quando isso começou e morreria quando tivesse terminado. Era a ferida que o mantinha vivo: o momento que a faca partia uma faixa nova de pele. A resistência e então nada. Pegar e soltar.

Então o Homem Cinzento era a faca. Ele era uma lâmina no ar, ofegante, e então ele era uma arma por dentro, segurando a respiração. Ele era voraz, mastigando, jamais satisfeito. A fome era uma espécie, e ele era o melhor dessa raça.

O Homem Cinzento abriu os olhos.

Olhou para o relógio.

Rolou para o lado e voltou a dormir.



Naquela noite, Adam não sonhou.

Encolhido no colchão, ele cobriu o rosto com o braço quente do verão. Algumas vezes, se tampasse a boca e o nariz até quase sufocar, o sono o vencia.

Mas tanto o arrependimento quanto a memória da breve aparição não deixavam a sonolência o levar. O caráter equivocado e inerte da mulher ainda pairava no ambiente do quarto. Ou talvez dentro dele. *O que eu fiz?*

Ele estava desperto o suficiente para pensar em sua casa — *Não era sua casa, nunca foi sua casa, aquelas pessoas nunca existiram e, se existiram, não significavam nada para você* — e no rosto de Blue quando ele perdeu a cabeça. Ele estava suficientemente desperto para se lembrar precisamente do cheiro da floresta enquanto se sacrificava. Ele estava desperto o suficiente para se perguntar se vinha tomando decisões equivocadas a vida inteira. Se ele mesmo não fora uma decisão equivocada, até antes de ter nascido.

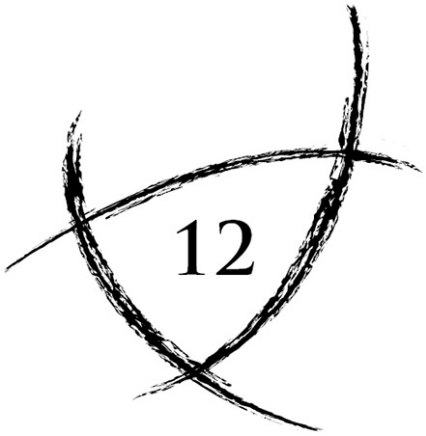
Ele gostaria que o verão tivesse terminado. Pelo menos, quando estava na Aglionby, ele podia entregar suas provas para ver as notas, a comprovação concreta de seu sucesso em *algo*.

Ele estava acordado o suficiente para pensar no convite feito por Gansey. *Pode surgir uma oportunidade de estágio lá.* Adam sabia que era um favor. Isso o tornava errado? Ele havia dito não por tanto tempo que não sabia quando dizer sim.

E talvez, disse uma parte minúscula e alerta de sua mente, *talvez não adiante nada de qualquer forma. Quando eles sentirem o cheiro de terra de Henrietta por debaixo das unhas da sua mão.*

Ele odiava a maneira cuidadosa com que Gansey lhe havia perguntado a respeito. Na ponta dos pés, bem como Adam tinha aprendido a andar quando estava perto do pai. Ele precisava de um botão de reiniciar. Apenas apertar o botão em Adam Parrish e iniciá-lo novamente.

Adam não dormiu e, quando o fez, não sonhou.



Na manhã seguinte, Blue lia atentamente o livro que a escola havia estabelecido como tarefa de verão quando sua tia Jimi passou por seu quarto com um prato cheio de composto orgânico fumegante. Jimi, mãe de Orla, era tão alta quanto a filha, mas muitas vezes mais larga. Ela também tinha toda a graça de Orla, o que significava que batia os quadris em cada móvel no quarto de Blue. Toda vez que ela o fazia, dizia coisas como "filha da ponta!" e "forra-se *tudo*", que soavam pior que os palavrões de verdade.

Blue ergueu os olhos embaçados da página, as narinas irritadas com a fumaça.

— O que você está fazendo?

— Fumegando — respondeu Jimi. Ela segurou o prato na frente das árvores de lona que Blue havia grudado nas paredes e assoprou as ervas na beirada do prato para direcionar a fumaça para a arte. — Aquela mulher terrível deixou muita energia ruim.

Aquela mulher terrível era Neeve, meia-tia de Blue, que havia desaparecido no início daquele ano após praticar magia negra no sótão. E

fumegar era a prática de usar a fumaça de ervas do bem para limpar a energia negativa. Pessoalmente, Blue sempre pensara que deviam existir outras maneiras de conseguir a influência positiva de uma planta além de botar fogo nela.

Agora Jimi acenava a lavanda e a sálvia no rosto de Blue.

— Fumaça sagrada, limpe a alma desta jovem à minha frente e dê a ela um pouco de juízo.

— *Ei!* — protestou Blue, sentando-se. — Acho que sou muito sensata, obrigada! Não tem artemísia aí, tem? Porque eu tenho coisas para fazer!

Jimi dizia que artemísia melhorava sua clarividência. Ela não parecia se importar com os efeitos temporariamente psicoativos. Taciturnamente soando como Orla, ela disse:

— Não, sua mãe não deixaria.

Blue agradeceu silenciosamente a sua mãe. Gansey e Adam deveriam aparecer, e a última coisa que ela queria era ser responsável por deixá-los ligeiramente chapados. Se bem que Adam poderia se beneficiar de algo que tirasse um pouco de sua tensão, ela pensou, com mais do que um ligeiro desconforto. Ela se perguntou se ele pediria desculpas.

— Nesse caso — ela disse —, você faria o meu closet também?

Jimi franziu o cenho.

— A Neeve já esteve lá?

— Com a Neeve — respondeu Blue —, nunca se sabe.

— Vou fazer uma rezinha extra ali.

A rezinha acabou sendo um pouco mais longa do que Blue havia esperado, e ela fugiu da fumaça após alguns minutos. No corredor, notou que Jimi já havia aberto a porta do sótão para começar a defumar os velhos aposentos de Neeve. Parecia um convite.

Com um olhar de relance para o corredor, ela colocou o pé no patamar da escada e subiu. Imediatamente, o ar esquentou e começou a cheirar mal. O cheiro encardido de assa-fétida, de um dos encantos que Neeve havia usado, ainda permeava o espaço, e o calor de verão do sótão não fazia nada para melhorá-lo.

No topo da escada, ela hesitou. A maioria das coisas de Neeve ainda estava lá em cima, mas em montes e caixas sobre o colchão coberto para ser removidas mais tarde. Todas as máscaras e símbolos tinham sido

tirados das paredes inclinadas e em construção, e as velas tinham sido cuidadosamente empacotadas com o castiçal para baixo em uma caixa plástica. Mas os espelhos de Neeve não tinham sido mexidos — dois espelhos de corpo inteiro apontados diretamente um para o outro. E havia uma tigela funda e preta no chão ao lado deles. A tigela de adivinhação de Neeve.

A base estava lisa com o resquício de um líquido recente, apesar de Neeve não ter estado naquele quarto por quase um mês. Blue não tinha certeza de quem mais o usaria. Ela sabia que Maura, Persephone e Calla geralmente desaprovavam o ritual. A técnica era teoricamente simples: a clarividente olhava para um espelho ou uma tigela escura cheia de líquido, deixava a mente derivar para um espaço fora de si e via o futuro ou outro lugar no reflexo.

Na prática, Maura havia dito a Blue que aquilo era imprevisível e perigoso.

"A alma", ela dissera, "é vulnerável quando está fora da mente."

Da última vez em que Blue vira aquela tigela, Neeve estava usando suas visões em algum lugar escondido na linha ley. Possivelmente em algum lugar em Cabeswater. E, quando Blue a interrompera, encontrara Neeve *possuída* por uma estranha criatura sombria que ela descobrira lá.

Agora, no calor sufocante do sótão, Blue tremia. Era fácil esquecer o terror que havia acompanhado sua caçada por Cabeswater. Mas o círculo reluzente na base da tigela divinatória trouxera tudo de volta em um segundo.

Quem está usando você?, Blue se perguntou. E, é claro, aquela era apenas a primeira metade da questão.

A outra metade era: *E o que você está procurando agora?*



Ronan Lynch acreditava no céu e no inferno.

Uma vez ele vira o diabo. Havia sido uma manhã opressiva e lenta nos estábulos, durante a qual o sol havia queimado a neblina, então queimado

o frio, e então queimado a superfície do solo, até que tudo tremeluzisse de calor. Nunca esquentava tanto naqueles campos protegidos, mas, naquela manhã, o ar suava de calor. Ronan nunca vira o gado ofegante antes. Todas as vacas se moviam com dificuldade, com a língua de fora, enquanto espumavam com o calor. Sua mãe mandou Ronan colocá-las na sombra do estábulo.

Ronan fora até o portão de metal escaldante e, ao chegar ali, vira seu pai de relance, já no estábulo. A quatro metros dele havia um homem vermelho. Ele não era verdadeiramente vermelho, mas de um laranja queimado, como uma formiga-de-fogo. E não era verdadeiramente um homem, porque tinha chifres e cascos. Ronan se lembrou da estranheza da criatura, como ela havia sido *real*. Todas as fantasias no mundo haviam se equivocado; todos os desenhos em todos os quadrinhos. Todos haviam esquecido que o diabo é um animal. Olhando para o homem vermelho, Ronan se espantara com a complexidade do corpo, com a quantidade de peças milagrosas se movendo suavemente em harmonia, nem um pouco diferentes das suas.

Niall Lynch tinha uma arma na mão — os Lynch tinham um número enorme de armas de todos os tamanhos — e, assim que Ronan abriu o portão, seu pai atirara na coisa umas treze vezes na cabeça. Com uma sacudida dos chifres, o diabo, ileso, mostrara a genitália para Niall Lynch antes de sumir dali. Era uma imagem que ainda não deixara Ronan.

E assim Ronan se tornou um evangelizador ao contrário. A verdade irrompeu e cresceu dentro dele, e lhe foi imposto que não a compartilhasse com ninguém. Ninguém deveria ver o inferno antes de chegar lá. Ninguém deveria ter de conviver com o diabo. Tantas homilias sobre a fé caíam por terra a partir do momento em que você não precisava mais delas para crer.

Agora era domingo, e, como em todos os domingos, ele estava indo para a Santa Inês. Gansey não o acompanhava — ele pertencia a alguma religião que exigia que ele fosse à igreja apenas no Natal —, mas Noah ia junto. Ele não havia sido católico em vida, mas, recentemente, decidira encontrar uma religião. Ninguém na igreja o notava, e era possível que Deus também não, mas Ronan, como alguém que Deus possivelmente ignorava também, não se importava com a companhia.

Naquele dia, Ronan passou obstinado pelas portas grandes e antigas da igreja e enfiou a mão na pia de água benta, enquanto os membros do coro estreitavam os olhos ao vê-lo passar. Ele perscrutou os bancos à procura de Declan. Era o diabo que o levava à igreja todos os domingos, mas era seu irmão Matthew que o levava até o banco ao lado de Declan.

Seu irmão mais velho estava sentado no último banco, o calombo da testa repousando sobre a madeira e os olhos fechados. Como sempre, ele havia se vestido para ir à igreja: camisa social, branca como a inocência, nó da gravata apertado e santificado, calça obedientemente passada. Naquela semana, entretanto, Declan exibia hematomas como os de um zumbi debaixo dos olhos, de um tom terrivelmente vermelho, um corte suturado sobre a maçã do rosto e o nariz decididamente quebrado.

O humor de Ronan melhorou. Ele jogou água benta sobre o rosto de Declan, dos dedos ainda úmidos.

— Que diabos aconteceu com você?

As duas mulheres sentadas três bancos à frente sussurraram uma com a outra. O órgão murmurou ao fundo.

Declan não abriu os olhos.

— Roubo.

Ele sussurrou com o menor esforço humanamente possível, abrindo a boca apenas o suficiente para a palavra escapar.

Ronan e Noah trocaram um olhar.

— Ah, fala sério — disse Ronan. Para começo de conversa, era Henrietta. E, para fim de conversa, era Henrietta. Ninguém era roubado e, se fosse, não apanhava. Se alguém *fosse* apanhar, não seriam os irmãos Lynch. Havia muito pouca gente pior que Ronan em Henrietta, e o que havia de pior estava ocupado demais correndo pela cidade em um Mitsubishi branco para roubar os Lynch restantes. — O que roubaram?

— Meu computador. E um pouco de dinheiro.

— E o seu rosto.

Declan apenas inspirou em resposta, lenta e cuidadosamente. Ronan escorregou no banco, e Noah se sentou ao lado dele, bem na ponta. Enquanto ele baixava o genuflexório, sentiu o cheiro pronunciado e antisséptico de hospital em seu irmão. Desorientado, teve de prender a respiração por um momento. Ronan se ajoelhou e baixou a cabeça nos

braços. A imagem atrás de seus olhos era a de uma chave de roda ensanguentada ao lado da cabeça de seu pai. *Eu não cheguei a tempo, desculpa, desculpa. Por que, apesar de tudo que eu consigo fazer, não consigo mudar...* Enquanto conversas sussurradas iam e vinham em volta deles, ele se concentrou na imagem do rosto de seu irmão mais velho e tentou sem sucesso imaginar a pessoa que poderia ter batido em Declan. A única pessoa que já tivera sucesso um dia em bater em um irmão Lynch fora outro irmão Lynch.

Após ter exaurido essa linha de pensamento, Ronan cedeu ao breve privilégio de odiar a si mesmo, como ele sempre fazia na igreja. Havia algo que lhe dava satisfação a respeito do reconhecimento desse ódio, algo que o aliviava a respeito desse pequeno presente que ele se dava a cada domingo.

Após um minuto, o genuflexório vergou quando Matthew se juntou a eles. Mesmo sem isso, Ronan teria percebido sua presença pela forte dose de colônia que Matthew sempre parecia pensar que a igreja exigia.

— Oi, parceiro — sussurrou Matthew. Ele era a única pessoa que tinha a liberdade de chamar Ronan de *parceiro*. Matthew Lynch era um urso de garoto, largo, sólido e diligente. A cabeça era coberta por cachos macios e dourados, completamente diferentes dos de qualquer um dos membros de sua família. E, nesse caso, os dentes Lynch perfeitos eram emoldurados por um sorriso fácil, e com covinha. Ele tinha dois tipos de sorriso: um que era precedido por um encolher tímido do queixo, uma covinha e então *bam*, o sorriso. E aquele que provocava, um momento antes do *bam*, uma risada contagiante. Mulheres de todas as idades o achavam *adorável*. Homens de todas as idades o achavam *camarada.* Matthew fracassava em muito mais coisas que qualquer um de seus irmãos mais velhos, mas, diferentemente de Declan ou de Ronan, sempre tentava o seu melhor.

Ronan tivera mil pesadelos com ele.

Matthew havia deixado inconscientemente espaço para Noah, mas não o cumprimentou. Ronan havia perguntado uma vez a Noah se ele escolhia ser invisível, e este, magoado, respondera enigmaticamente:

— Continue insistindo nisso, por que não?

— Você viu o *rosto* do Declan? — sussurrou Matthew para Ronan. O órgão tocava dolorosamente.

Declan manteve a voz em um tom baixo o suficiente para se fazer ouvir na igreja.

— Eu estou *aqui*.

— Roubo — disse Ronan. Realmente, era como se a verdade fosse uma doença que Declan achava que poderia matar.

— Às vezes, quando ligo para você — murmurou Declan, ainda com a voz baixa, estranha, que resultava de ele tentar não mexer a boca enquanto falava —, eu realmente preciso que você atenda o telefone.

— Nós estamos conversando? — perguntou Ronan. — É isso que está acontecendo?

Noah sorriu afetadamente. Ele não parecia muito devoto.

— Aliás, Joseph Kavinsky não é alguém que eu gosto de ver perto de você — acrescentou Declan. — Não ria. Estou falando sério.

Ronan só o encarou, com o olhar mais desdenhoso que conseguiu exibir. Uma senhora estendeu o braço sobre Noah para fazer um carinho na cabeça de Matthew antes de continuar andando pelo corredor. Ela não parecia se importar que ele tivesse quinze anos, o que estava bem, pois ele também não se importava. Tanto Ronan quanto Declan observaram aquela interação com a expressão satisfeita de pais quando observam seu prodígio em ação.

— Tipo, é perigoso — repetiu Declan.

Às vezes, Declan parecia achar que ser um ano mais velho lhe dava um conhecimento especial do lado mais sombrio de Henrietta. O que ele queria dizer era: Ronan fazia ideia de que Kavinsky cheirava cocaína?

Em seu ouvido, Noah sussurrou:

— Crack é a mesma coisa que pedra?

Ronan não respondeu. Ele não achava que fosse uma conversa muito apropriada para ter na igreja.

— Eu sei que você se acha um punk — disse Declan —, mas você não é nem de perto tão durão quanto acha que é.

— Ah, vá pro inferno — disparou Ronan, bem quando os coroinhas entravam todos juntos pelas portas dos fundos.

— Pessoal — suplicou Matthew. — Sejam *virtuosos*.

Tanto Declan quanto Ronan caíram no silêncio. Eles ficaram em silêncio durante todo o cântico de abertura, o qual Matthew acompanhou alegremente, durante as leituras, as quais Matthew acompanhou sorrindo agradavelmente, e durante toda a homilia, em que Matthew dormiu tranquilamente. E também ficaram em silêncio na hora da comunhão, enquanto Noah permaneceu no banco, Declan mancou pelo corredor e aceitou a hóstia, Ronan fechou os olhos para ser abençoado — *Por favor, Deus, o que sou eu, me diga o que eu sou* — e Matthew balançou a cabeça para o vinho. E, por fim, em silêncio durante o último cântico, enquanto o padre e os coroinhas saíam por trás da igreja.

Eles encontraram a namorada de Declan, Ashley, esperando na calçada, junto às portas principais. Ela estava vestida com o que quer que tenha aparecido na capa da *People* ou da *Cosmopolitan*, e o cabelo pintado com qualquer que tenha sido o tom de loiro que combinava com aquilo. Ashley usava três minúsculos brincos de ouro em cada lóbulo. Ela parecia desconhecer as traições de Declan, e Ronan a odiava. Para ser justo, ela também o odiava.

Ronan forçou um sorriso para ela.

— Você tem medo de pegar fogo se entrar?

— Eu me recuso a participar de uma cerimônia que não dá, tipo assim, privilégios espirituais iguais para as mulheres — ela disse, sem olhar Ronan nos olhos e ignorando Noah completamente, embora ele tivesse dado um risinho impreciso.

— Vocês dois tiram suas opiniões políticas do mesmo catálogo? — ele perguntou.

— Ronan... — começou Declan.

Ronan puxou as chaves do carro do bolso.

— Eu já estava de saída. — Ele deixou que Matthew fizesse um cumprimento fraternal que eles tinham inventado quatro anos atrás, e então aconselhou Declan: — Fique longe dos assaltantes.

Não era tão fácil como seria de esperar para Ronan Lynch correr nas ruas. A maioria das pessoas obedecia aos limites de velocidade. Apesar de toda a cobertura da imprensa que a ira no trânsito recebia, os motoristas ou eram conscientes demais a respeito de sua segurança, ou tímidos demais, ou com princípios demais, ou desligados demais para ser provocados. Mesmo aqueles que poderiam considerar a possibilidade de alguns minutos de brincadeira arrancando forte quando o sinal abria, geralmente tinham consciência de que seu veículo não era adequado para a tarefa. Você não encontrava rachas simplesmente esperando por você nas ruas. Eles tinham de ser cultivados.

Então era assim que Ronan Lynch encontrava confusão para si.

Um carro de cores vivas, para começo de conversa. Ronan havia passado horas de sua vida como o único carro preto em um jogo curto e direto de veículos confeitados. Ele procurava por hatchs, cupês. Quase nunca um conversível. Ninguém queria estragar o cabelo. Essa seria a lista de desejos de um corredor de rua: peças de reposição em qualquer tipo de carro, canos de escapamento enormes, efeitos como se o carro raspasse o asfalto, capôs cavernosos, faróis escurecidos, chamas diferentes pintadas nos para-lamas. Qualquer carro que viesse com um aerofólio. Quanto mais parecesse uma alça para levantar o carro, melhor. A silhueta de uma cabeça com o cabelo raspado ou um boné virado de lado era um sinal promissor, assim como um braço pendurado para fora da porta. Uma mão bronzeada segurando o espelho era melhor. O baixo pulsante era o grito de guerra. E também as placas personalizadas, desde que não fossem coisas como QRIDA ou BISC8. Adesivos no para-choque eram um balde de água fria, a não ser que fossem de rádios alternativas. Ah, e a potência do carro não contava nada. Muitas vezes, os melhores carros esportivos eram pilotados por banqueiros de meia-idade, temerosos do que poderia existir por baixo do capô. Ronan costumava evitar carros com muitos passageiros também, raciocinando que o motorista sozinho tinha mais chance de queimar borracha no semáforo. Mas agora ele sabia que o tipo certo de passageiro instigaria um motorista normalmente calmo. Não havia nada que Ronan gostasse mais do que um garoto magro e bronzeado meio para fora de um Honda vermelho, com o som alto e rodando devagar, com o carro lotado de amigos.

E era assim que começava: desdenhe do semáforo. Cruze com o olhar do motorista. Desligue o ar-condicionado para dar ao carro potência extra. Aumente o giro do motor. Sorria como o perigo.

Era assim que Ronan encontrava confusão para si, exceto quando a confusão era Kavinsky. Porque então ela o encontrava.

Após a igreja, Ronan e Noah seguiram na direção do loteamento caro e infernal onde Kavinsky morava com a mãe. Ronan pensara vagamente que poderia deixar os óculos escuros do sonho na caixa de correio de Kavinsky ou enfiá-los nos limpadores de para-brisa do Mitsubishi. O ar-condicionado do BMW estava funcionando a todo vapor sob o sol do meio-dia. Cigarras se esganiçavam. Não havia sombra em lugar nenhum.

— Companhia — disse Noah.

Kavinsky encostou ao lado do BMW em um cruzamento. Acima deles, o semáforo ficou verde, mas a rua estava vazia e nenhum carro se mexeu. As palmas de Ronan ficaram subitamente suadas. Kavinsky baixou a janela, e Ronan fez o mesmo.

— Veado — disse Kavinsky, pisando no acelerador. O Mitsubishi lamentou e estremeceu um pouco. Era uma obra gloriosa e odiosa.

— Russo — respondeu Ronan, pisando no acelerador também. O BMW rosnou, um pouco mais baixo.

— Ei, não vamos fazer feio agora.

Abrindo o console central, Ronan tirou os óculos escuros que tinha sonhado na noite anterior e os jogou pela janela aberta, no assento do passageiro de Kavinsky.

A luz ficou amarela e então vermelha. Kavinsky pegou os óculos e os estudou. Ele baixou os que estava usando até o meio do nariz e os estudou um pouco mais. Ronan se sentiu contente ao ver como o novo par lembrava o que Kavinsky usava. A única coisa em que errara fora a lente, um pouco mais escura. Certamente Kavinsky, um mestre falsificador, iria gostar deles.

Finalmente, Kavinsky escorregou o olhar para Ronan. Seu sorriso era dissimulado, satisfeito porque Ronan reconhecia o jogo.

— Muito bem, Lynch. Onde você encontrou isso aqui?

Ronan sorriu brevemente e desligou o ar-condicionado.

— É assim que vai ser? Para valer?

A luz para quem vinha pelo cruzamento ficou amarela.

— Sim — disse Ronan.

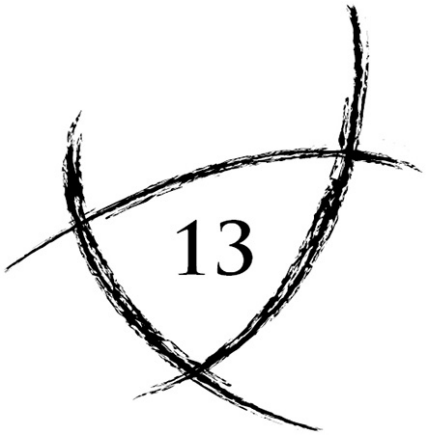
O semáforo acima deles ficou verde. Rapidamente, os dois carros deram um salto, numa explosão de marcas. Por dois segundos o Mitsubishi rosnou à frente, mas então Kavinsky errou a marcha da terceira para a quarta.

Ronan não.

No momento em que Ronan dobrava uma esquina em alta velocidade, Kavinsky deu dois toques na buzina e fez um gesto rude. Então Ronan sumiu, acelerando de volta para a Indústria Monmouth.

No espelho retrovisor, ele se permitiu o mais breve sorriso.

Era assim que a felicidade parecia.



Blue gostava muito de ter os garotos na casa dela.

A presença deles lá era aprazível por várias razões. A razão absolutamente mais simples era que Blue às vezes se cansava de compor cem por cento da população não mediúnica da Rua Fox, 300 — cada vez mais nos últimos dias —, e essa porcentagem melhorava dramaticamente quando os garotos estavam por lá. A segunda razão era que Blue via todos os garotos, particularmente Richard Campbell Gansey III, sob uma luz muito diferente quando eles estavam ali. Em vez do garoto polido e seguro de si que ele era quando ela o vira pela primeira vez, o Gansey da Rua Fox, 300 era um observador autodepreciativo, ao mesmo tempo ansioso e inadequado em relação a todas as artes intuitivas. Ele era um turista privilegiado em um país primitivo: lisonjeiramente curioso, inconscientemente insultante e certamente incapaz de sobreviver se deixado sozinho.

E a terceira razão é que a presença deles sugeria permanência. Blue tinha *conhecidos* na escola, pessoas de quem ela gostava. Mas eles não eram para sempre. Embora ela tivesse uma boa relação com muitos deles,

não havia ninguém com quem ela quisesse estabelecer um vínculo para o resto da vida. E ela sabia que isso era sua culpa. Ela nunca fora muito boa em ter amizades casuais. Para Blue, havia a família — que nunca dissera respeito a relações de sangue na Rua Fox, 300 — e depois todo o resto.

Quando os garotos apareciam na casa dela, eles deixavam de ser *todo o resto.*

Naquele instante, Adam e Gansey estavam no interior estreito da casa. Era um dia de céu aberto, um sol promissor que invadia todas as janelas. Sem nenhuma discussão particular, Gansey e Blue haviam decidido que aquele seria um dia de exploração, assim que Ronan chegasse.

Gansey estava sentado à mesa da cozinha, de camisa polo agressivamente verde. Na mão esquerda, havia uma garrafa de vidro de uma bebida chique com café que ele trouxera consigo. Nos últimos meses, a mãe de Blue vinha trabalhando numa linha de chás para incrementar sua renda. Blue tinha aprendido cedo que *saudável* não era sinônimo de *delicioso*, e deixara sua saída do grupo de teste bem clara.

Gansey estava por fora, então aceitou o que lhe foi dado.

— Acho que não podemos esperar mais. Mas eu gostaria de minimizar os riscos — ele disse, enquanto Blue remexia na geladeira. Alguém tinha enchido uma prateleira inteira com um pudim de supermercado horroroso. — Acho que não podemos fazer isso se tornar completamente seguro, mas com certeza existe uma maneira de tomar mais cuidado.

Por um momento, Blue achou que ele estivesse falando sobre o processo de beber um dos chás de Maura. Então percebeu que Gansey estava falando sobre Cabeswater. Blue amava o lugar de uma maneira difícil de suportar. Ela sempre adorara a faia grande no jardim dos fundos da casa, os carvalhos ao longo da Rua Fox e as florestas de modo geral, mas nada se comparava às árvores de Cabeswater. Antigas, retorcidas e *sencientes*. E... elas sabiam o nome dela.

Parecia muito com um indício de *algo mais*.

Maura observava Gansey cuidadosamente. Blue suspeitava que não era por causa do que Gansey estava dizendo, mas porque ela estava esperando que ele desse um gole na terrível poção que ela tinha feito em infusão naquela xícara na frente dele.

— Eu sei o que você vai dizer — disse Blue, decidindo-se por um iogurte que tinha pedaços de fruta na parte de baixo, mas que ela comeria somente em cima. Blue se jogou em uma cadeira na mesa. — Você vai dizer: "Bem, então não leve a Blue com você".

A mãe dela virou uma mão, como quem diz: *Se você sabia, por que perguntou?*

— O quê? Ah, porque a Blue aumenta a intensidade das coisas? — disse Gansey.

Irritada, Blue percebeu que Gansey a tinha chamado agora de *Jane* tantas vezes que soava estranho ouvi-lo dizer seu nome verdadeiro.

— É — respondeu Maura. — Mas na realidade eu não ia dizer isso, embora seja verdade. Eu ia dizer que esse lugar deve ter regras. Tudo que envolve energia e espírito tem regras. Nós simplesmente não as conhecemos. Então elas parecem imprevisíveis para nós. Mas isso acontece porque somos idiotas. Você tem certeza que quer voltar?

Gansey deu um gole na bebida curativa. O queixo de Maura se projetou para frente enquanto ela observava o volume do chá que descia pela garganta dele. Seu rosto permaneceu precisamente o mesmo e ele não disse absolutamente nada, mas, após um momento, Gansey fechou suavemente a mão em punho e bateu no esterno.

— Para que você disse que isso era bom mesmo? — perguntou educadamente. Sua voz estava um pouco esquisita, até que ele limpou a garganta.

— Bem-estar geral — disse Maura. — E também deve coordenar os sonhos.

— Os *meus* sonhos? — ele perguntou.

Maura ergueu uma sobrancelha bastante entendida.

— De quem mais?

— Hum.

— E também ajuda com questões legais.

Gansey estivera bebendo o máximo que conseguia engolir de seu café chique sem respirar, mas então parou e colocou a garrafa sobre a mesa com um tinido.

— Eu preciso de ajuda com questões legais?

Maura deu de ombros.

— Pergunte a uma médium.

— Mãe — disse Blue. — Sério. — Para Gansey, ela instigou: — Cabeswater.

— Ah, certo. Bom, ninguém mais precisa vir comigo — ele disse. — Mas o fato incontroverso que permanece é que estou procurando por um rei místico em uma linha ley e há uma floresta mística em uma linha ley. Não posso ignorar essa coincidência. Nós podemos procurar em outra parte, mas acho que Glendower está lá. E não quero desperdiçar tempo agora que a linha ley está desperta. Sinto como se o tempo estivesse se esgotando.

— Você tem certeza que ainda quer encontrar esse rei? — perguntou Maura.

Blue já sabia que aquela pergunta era irrelevante. Sem virar o olhar para ele, ela já sabia o que veria. Veria um garoto rico vestido como um manequim e impecável como um apresentador de telejornal, mas seus olhos eram como o lago de sonhos em Cabeswater. Ele escondia o poço do *desejo* insaciável, mas, agora que ela o tinha visto uma vez, não conseguia deixar de vê-lo. Mas ele não seria capaz de explicar para Maura.

E ele nunca *teria* realmente de explicar para Blue.

Era o seu *algo mais*.

— Sim, tenho — ele disse, muito formalmente.

— Isso pode te matar — disse Maura.

Então houve aquele momento incômodo que ocorre quando dois terços das pessoas no aposento sabem que o outro terço deve morrer em menos de nove meses, e a pessoa que deve morrer não está entre aquelas que sabem disso.

— Sim — disse Gansey. — Eu sei. Já fiz isso uma vez antes. Morrer, quero dizer. Você não gosta dos pedaços de fruta? É a melhor parte. — Ele dirigiu essa última declaração para Blue, que lhe passou seu copo de iogurte na maior parte vazio. Ele tinha claramente dado por encerrado o assunto morte.

Maura suspirou, desistindo, bem quando Calla entrou agitada na cozinha. Ela não estava brava, só agia assim sempre que possível. Calla escancarou a geladeira e pegou um pote de pudim.

Enquanto voltava com o pudim de supermercado odiado na mão, ela o sacudiu na direção de Gansey e disparou: — Não se esqueça que Cabeswater é um videogame que todo mundo que está nele joga há muito mais tempo que você. Todos sabem como subir de nível.

Ela se arrancou da sala. Maura a seguiu.

— Bem — disse Gansey.

— Sim — concordou Blue. Após um segundo, ela empurrou a cadeira para trás para seguir Maura, mas Gansey estendeu a mão.

— Espera — ele disse em voz baixa.

— Espera o quê?

Com um olhar de relance para o corredor e a sala de leitura, ele disse: — Hum, o Adam.

Na mesma hora, Blue pensou em Adam perdendo a cabeça e sentiu o calor em suas faces.

— O que tem ele?

Gansey passou um polegar sobre o lábio inferior. Era um hábito pensativo, realizado tão frequentemente que era surpreendente que ele ainda tivesse alguma coisa para cobrir a arcada inferior.

— Você contou para ele sobre a maldição de não poder beijar ninguém?

Se Blue achava que suas faces estavam quentes antes, isso não era nada comparado ao incêndio que as queimava agora.

— Você não contou para ele, contou? — ela perguntou.

Ele pareceu delicadamente magoado.

— Você me pediu para não contar!

— Bem, não. Não contei.

— Você não acha que deveria?

A cozinha não parecia muito privada, e ambos inconscientemente se inclinavam o mais próximo um do outro para evitar que suas vozes fossem ouvidas. Blue sussurrou: — Está tudo sob controle, mesmo. Não quero discutir isso, ainda mais com *você*!

— Ainda mais com você?! — ecoou Gansey. — Por quê, que tipo de pessoa você acha que eu sou?

Ela não fazia ideia agora. Confusa, Blue respondeu:

— Você não é minha... minha avó ou algo que o valha.

— Você falaria sobre *isso* com a sua avó? Não consigo nem imaginar discutir minha vida amorosa com a minha. Ela é uma mulher adorável, imagino. Se você gosta das carecas e racistas. — Ele olhou de relance em torno da cozinha, como se estivesse procurando por alguém. — Onde está a sua, falando nisso? Achei que todas as suas parentas estavam nessa casa em algum lugar.

Blue sussurrou furiosamente:

— Não seja... des... des...

— Elegante? Deselegante?

— Desrespeitoso! As minhas duas avós já morreram.

— Jesus. Do que elas morreram?

— A minha mãe sempre diz que foi de "intromissão".

Gansey esqueceu completamente que eles estavam cuidando para não ser ouvidos e soltou uma risada tremenda. Era uma coisa poderosa, aquela risada. Ele a deu apenas uma vez, mas seus olhos seguiram com o formato dela.

Algo dentro de Blue deu um puxão esquisito.

Ah, não!, ela pensou. Mas então se acalmou. *Richard C. Gansey III tem uma boca bonita. Agora eu sei que ele tem belos olhos quando ri, também. Isso ainda não é amor.*

Ela também pensou: *Adam. Lembre-se de Adam.*

— Faz sentido que exista um histórico familiar para a sua condição — ele disse. — Vocês comem todos os homens da família? Para onde eles vão? Essa casa tem um porão?

Blue se pôs de pé.

— É como um treinamento do exército. Eles não aguentam, pobrezinhos.

— Pobre de mim — ele disse.

— Ãhã! Espere aqui. — Ela se sentiu um pouco aliviada de deixá-lo na mesa; seu pulso estava acelerado. Blue encontrou Maura e Calla ainda no corredor, conferenciando em voz baixa. Então disse para a mãe: — Escute. Nós vamos todos para Cabeswater, mesmo. Hoje à tarde, quando o Ronan chegar. Esse é o plano. Nós vamos manter o plano.

Maura parecia muito menos incomodada com aquela declaração do que Blue temera. Na realidade, ela não parecia nem um pouco incomodada.

— Por que você está me contando isso? — perguntou Maura. — Por que o seu rosto está tão vermelho?

— Porque você é minha mãe. Porque você é uma figura de autoridade. Porque você deve informar as pessoas dos seus planos de viagem quando vai fazer escaladas ou trilhas perigosas. É assim que o meu rosto parece sempre.

— Hum — disse Maura.

— Hum — disse Calla.

Desconfiada, Blue perguntou:

— Você não vai me dizer para não ir?

— Não dessa vez.

— Não adianta — concordou Calla.

— Também tem uma tigela divinatória no sótão — disse Blue.

A sua mãe espiou a sala de leitura.

— Não, não tem.

Blue insistiu:

— Alguém tem usado ela.

— Não, não tem.

Com a voz ligeiramente alterada, Blue disse:

— Você não pode dizer simplesmente que ela não está lá e que ninguém está usando ela. Porque eu não sou criança e eu uso meus próprios olhos e meu cérebro *o tempo inteiro.*

— O que você quer que eu lhe conte, então? — perguntou Maura.

— A verdade. Eu acabei de contar a verdade para *você*.

— Foi mesmo! — exclamou Gansey da cozinha.

— Cala a boca! — Blue e Calla disseram ao mesmo tempo.

Maura levantou uma mão.

— Está bem. Eu a usei.

— Para quê?

— Para procurar pelo Chuchu — disse Calla.

Meu pai! Blue provavelmente não deveria ter se surpreendido — Neeve havia sido chamada para encontrar seu pai, e, embora ela tivesse

ido embora, o mistério do paradeiro dele continuava.

— Achei que você tinha dito que adivinhação não era uma boa ideia.

— É como vodca — disse Calla. — A qualidade depende de quem faz. — Com a colher pousada sobre o pote de pudim, ela espiou a outra sala, como Maura havia feito.

Blue esticou o pescoço para ver o que elas estavam olhando. Era apenas Adam. Ele estava sentando na sala de leitura sozinho, a luz difusa da manhã o deixando tênue e indistinto. Ele havia tirado um dos baralhos de tarô do saco e alinhado todas as cartas abertas em três longas fileiras. Agora estava inclinado sobre a mesa e estudava a imagem de cada carta, uma a uma, avançando sobre os cotovelos para a próxima quando terminava. Ele não parecia nem um pouco com o Adam que perdera a cabeça, e tudo com o Adam que ela encontrara pela primeira vez. Era isso que a assustava, no entanto — não houvera aviso.

Maura franziu o cenho. Em voz baixa, disse:

— Acho que preciso ter uma conversa com aquele garoto.

— Alguém precisa — respondeu Calla, subindo a escada. Cada degrau rangeu um protesto pelo qual ela puniu o próximo com uma pisada forte. — Estou fora. Larguei mão desses desastres de trem.

— Ele é um desastre de trem? — perguntou Blue, alarmada.

A sua mãe estalou a língua.

— A Calla gosta de fazer drama. Desastre de trem! Quando um trem leva um tempão para sair dos trilhos, eu não chamo isso de *desastre*. Gosto da expressão *descarrilamento*.

Lá de cima, Blue ouviu a risada divertida de Calla.

— Eu odeio vocês duas — disse Blue, enquanto sua mãe ria e subia rapidamente a escada para se juntar a Calla. — Vocês deviam usar seus poderes para o bem, vocês sabem disso!

Após um momento, Adam disse para ela, sem erguer os olhos: — Eu ouvi vocês, sabia?

Blue esperava fervorosamente que ele estivesse falando sobre Maura e Calla, e não sobre a conversa dela com Gansey na cozinha.

— Você acha que é um desastre de trem?

— Isso significaria que um dia eu estive nos trilhos — ele respondeu. — Nós vamos a Cabeswater quando o Ronan chegar?

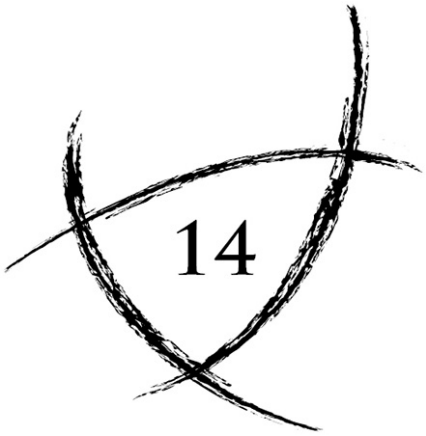
Gansey apareceu ao lado de Blue no vão da porta, balançando a garrafa vazia para ela.

— Comércio justo — ele disse de maneira que indicava que havia escolhido uma bebida cafeinada com o selo de comércio justo apenas para poder contar isso a Blue, para que ela pudesse lhe dizer: "Muito bem, a camada de ozônio agradece".

— Não esquece de reciclar a garrafa — disse Blue.

Ele lançou um sorriso para ela antes de bater no batente da porta com o punho.

— Sim, Parrish. Estamos indo para Cabeswater.



Você poderia perguntar para qualquer um: a Rua Fox, 300, em Henrietta, Virgínia, era o lugar para o espiritual, o invisível, o misterioso e o que ainda estava por acontecer. Por uma taxa bastante razoável, qualquer uma das mulheres debaixo daquele telhado leria a sua mão, tiraria cartas para você, limparia a sua energia, conectaria você com parentes falecidos ou ouviria a respeito da semana terrível que você teve há pouco. Durante o horário comercial, a clarividência significava muitas vezes trabalho.

Mas, nos dias de folga, quando apareciam os drinques, muitas vezes ela se tornava um jogo. Maura, Calla e Persephone reviravam a casa em busca de revistas, livros, caixas de cereais, baralhos antigos de tarô — qualquer coisa com palavras ou imagens. Uma delas selecionava uma imagem e a escondia das outras, que testavam quão precisamente conseguiam formular palpites. Elas faziam previsões de costas umas para as outras, com as cartas espalhadas, com números diferentes de velas sobre a mesa, de pé em baldes de água, gritando uma para a outra, a três ou sete degraus de distância do corredor da frente. Maura chamava isso de

educação continuada. Calla, de resolver problemas. Persephone, de *aquela coisa que podemos fazer quando não tem nada na televisão.*

Naquele dia, após Blue, Gansey e Adam terem ido, não havia trabalho para fazer. Os domingos eram tranquilos, mesmo para quem não ia à igreja. A questão não era que as mulheres na Rua Fox, 300 não fossem espiritualizadas aos domingos. A questão era que elas eram espiritualizadas *todos* os dias, e assim o domingo não se destacava particularmente. Após os adolescentes terem deixado a casa, as mulheres abandonaram o trabalho e prepararam o jogo na sala de estar modesta, mas confortável.

— Estou praticamente bêbada o bastante para ser transcendente — disse Calla depois de um tempo. Ela não era a única médium que estava bebendo, mas era a mais próxima da transcendência.

Persephone espiou duvidosamente o fundo do próprio copo. Com uma voz pequenina (sua voz era sempre pequena), disse tristemente: — Não estou nem um pouco bêbada.

— É a russa que há em você — sugeriu Maura.

— Estoniana — ela respondeu.

Nesse momento, a campainha tocou. Maura disse um palavrão delicadamente: uma palavra bem escolhida e altamente específica. Calla disse um palavrão indelicadamente: várias palavras com muito menos sílabas. Então Maura foi até a porta da frente e reapareceu na sala de estar com um homem alto.

Ele era muito... cinza. Usava uma camiseta de gola V cinza-escura que enfatizava a inclinação muscular de seus ombros. A calça era de um cinza mais profundo. O cabelo era de um loiro-acinzentado, assim como os pelos faciais de uma semana em torno da boca, bastante na moda. Até as íris eram cinzentas. Não passou despercebido a nenhuma das mulheres na sala que ele era bonito.

— Esse é o sr...?

Ele sorriu de maneira um tanto deliberada.

— Cinzento.

A boca das mulheres se retorceu em seu próprio tipo de sorriso deliberado.

— Ele quer uma leitura — disse Maura.

— Nós estamos fechadas — respondeu Calla, de maneira absolutamente sumária.

— A Calla é uma grossa — disse Persephone em sua voz de boneca. — Nós não estamos fechadas, mas será que estamos ocupadas?

Isso foi dito com um tom de questionamento na voz e com um olhar ansioso na direção de Maura.

— Foi isso que eu disse a ele — disse Maura. — No entanto, no fim das contas, o sr... Cinzento... não precisa realmente de uma *leitura.* Ele é um romancista pesquisando mediunidade. Só quer observar.

Calla chacoalhou o gelo no copo. Uma sobrancelha parecia excepcionalmente cética.

— O que o senhor escreve, sr. *Cinzento*?

Ele sorriu de maneira descontraída para ela. Elas notaram que ele tinha dentes extraordinariamente retos.

— Suspenses. Vocês leem bastante?

Ela simplesmente assobiou e inclinou o copo na direção dele, a marca do batom roxo-escuro primeiro.

— Vocês se importariam se ele ficasse? — perguntou Maura. — Ele sabe poesia.

Calla desdenhou.

— Recite uma estrofe e eu lhe preparo um drinque.

Sem a menor hesitação ou sugestão de inibição, o Homem Cinzento colocou as mãos nos bolsos da calça cinza-escura e disse: — *Where has gone the steed? Where has gone the youth? Where has gone the giver of treasure? Where are the feasting seats, where the revelry in the hall? Alas, bright goblet; alas, mailed warrior; alas, prince's glory! How that time has passed away, obscured beneath the crown of night as if it never were.*[1]

Calla ergueu os lábios dos dentes.

— Recite no inglês arcaico original e eu ponho álcool nesse drinque.

Ele recitou.

Calla foi preparar o drinque.

Quando voltou, o Homem Cinzento foi encorajado a se sentar no sofá gasto, e Maura disse: — Já vou avisando que, se você tentar alguma coisa, a Calla tem um spray de pimenta.

Como demonstração, Calla lhe entregou o drinque e então tirou um tubo da bolsinha vermelha.

Maura gesticulou na direção do terceiro membro do grupo.

— E a Persephone é russa.

— Estoniana — corrigiu Persephone baixinho.

— E — Maura formou um punho extremamente convincente — eu sei como socar o nariz de um homem para dentro do cérebro.

— Que coincidência — disse o Homem Cinzento jovialmente. — Eu também.

Ele observou com uma atenção ao mesmo tempo educada e lisonjeira enquanto Maura juntava as cartas que estavam sobre as almofadas do sofá. Ele se inclinou para pegar uma que ela tinha deixado.

— Esse cara parece infeliz — ele observou. O desenho era de um homem atingido por dez espadas. A vítima estava deitada de bruços, como a maioria das pessoas fica após ser atingida por dez espadas.

— É assim que um cara fica depois que a Calla acaba com ele — disse Maura. — A boa notícia para ele é que o dez representa o fim de um ciclo. Essa carta representa o fundo mais profundo do poço a que ele vai chegar.

— Não parece que pode ficar muito pior do que dez pontadas nas suas costas e poeira na sua boca — concordou o Homem Cinzento.

— Olhe — disse Maura —, o rosto dele parece um pouco com o seu.

Ele estudou a carta e colocou o dedo sobre a lâmina enfiada nas costas da vítima.

— E essa espada parece um pouco com você.

Ele olhou para Maura. Foi um olhar *de relance*. Ela olhou de volta. Também foi um olhar *de relance*.

— *Bem* — disse Calla.

— Você nos daria a honra, sr. Cinzento? — Maura lhe estendeu o baralho de cartas. — Você precisa perguntar: em cima ou embaixo?

O sr. Cinzento aceitou seriamente a responsabilidade e perguntou a Calla: — Em cima ou embaixo?

— Três de copas. E em cima, é claro — disse Calla, seu sorriso roxo-escuro e travesso. — O único lugar para se estar.

O sr. Cinzento tirou a carta do topo e a virou. É claro que era o três de copas.

Maura abriu um largo sorriso e disse:

— Imperatriz, embaixo.

O Homem Cinzento tirou a carta da parte de baixo e mostrou para a sala. A toga da imperatriz era sugerida por um amplo traço de carvão, e sua coroa era cravejada de frutas ou pedras de tinta.

O Homem Cinzento bateu palmas lentamente.

— Quatro de paus, embaixo — disse Calla.

— Dez de ouros, em cima — disparou Maura de volta.

— Ás de copas, embaixo — exclamou Calla.

Maura bateu no braço do sofá.

— O sol, embaixo.

— Quatro de espadas, em cima! — replicou Calla, sua boca um esgar purpúreo mortal. O Homem Cinzento virou as cartas uma após a outra, revelando as previsões corretas.

A voz baixa de Persephone interrompeu a competição cada vez mais ruidosa de Maura e Calla.

— O rei de espadas.

Todo mundo se virou para olhar para ela, que estava sentada com os joelhos juntos e as mãos cruzadas elegantemente no colo. De vez em quando, Persephone parecia ter ao mesmo tempo oito e oitenta anos; agora era uma dessas vezes.

A mão do Homem Cinzento pairou obedientemente sobre o baralho.

— Em cima ou embaixo?

Persephone piscou.

— Dezesseis cartas contando de cima, creio eu.

Tanto Maura quanto Calla ergueram uma sobrancelha. A de Calla subiu um pouco mais.

O Homem Cinzento contou as cartas cuidadosamente, conferiu de novo a contagem e então virou a décima sexta carta para as outras verem. O rei de espadas, mestre das próprias emoções, mestre do próprio intelecto, mestre da razão, olhava de dentro da carta para elas, sua expressão inescrutável.

— Essa é a carta do sr. Cinzento — disse Persephone.

Maura perguntou:

— Tem certeza?

Diante da concordância muda de Persephone, Maura se virou para ele.

— Você acha que essa é a sua carta?

O Homem Cinzento virou a carta de um lado para o outro, como se ela fosse revelar seus segredos para ele.

— Eu não sei muito sobre tarô. É uma carta terrível?

— Nenhuma carta é terrível — disse Maura. Ela olhou para o Homem Cinzento, acomodando o rei de espadas ao homem à sua frente. — E a interpretação pode ser muito diferente em cada leitura. Mas... o rei de espadas é uma carta poderosa. Ele é forte, mas imparcial... frio. Ele é muito, muito bom em tomar decisões baseadas em fatos em vez de emoções. Não, não é uma carta terrível. Mas estou captando outra coisa dela. Algo como...

— Violência — terminou Calla.

A palavra teve efeito imediato sobre todos na sala. Para Maura, Persephone e Calla, as lembranças da meia-irmã de Maura ocorriam primeiro, na medida em que eram as mais recentes, seguidas pelo garoto Gansey e seu polegar quebrado. O Homem Cinzento se lembrou do olhar atordoado de Declan Lynch, o sangue escorrendo do nariz dele. *Violência.*

— Sim, violência — disse Maura. — É isso que você quer dizer, Persephone? Sim.

Todas as três se inclinaram inconscientemente na direção das outras. Às vezes, Maura, Persephone e Calla pareciam mais três partes da mesma entidade em vez de três mulheres separadas. As três se viraram como uma para o sr. Cinzento.

— Meu trabalho é violento, às vezes — ele admitiu.

— Achei que você estava pesquisando para um romance. — O tom de Maura soava mais do que um pouco irritado.

— Era mentira — disse o Homem Cinzento. — Desculpe. Eu tive de pensar rápido quando você disse que eu não podia fazer uma leitura.

— Então qual é a verdade?

— Sou um assassino de aluguel.

Essa confissão precedeu vários momentos de silêncio. A resposta do Homem Cinzento parecia muito petulante, mas sua voz sugeria outra coisa. Era o tipo de resposta que exigia um esclarecimento ou uma qualificação imediata, mas ele não ofereceu nada.

— Isso não é muito engraçado — disse Maura.

— Não, não é — concordou o Homem Cinzento.

Todos na sala estavam esperando pela resposta de Maura, e ela perguntou: — E foi o *trabalho* que trouxe você aqui hoje?

— Apenas pesquisa.

— Para o *trabalho*?

Sem se perturbar, o sr. Cinzento disse:

— Tudo é pesquisa para o trabalho. À sua maneira.

Ele não fez absolutamente nada para tornar suas palavras mais fáceis de ser aceitas. Era impossível dizer se ele estava pedindo a elas que acreditassem nele, fizessem a vontade dele ou o temessem. Ele simplesmente fez sua confissão e esperou.

Por fim, Maura disse:

— Poderia ser uma boa ter alguém mais mortal que a Calla em casa para variar um pouco.

Ela olhou *de relance* para ele. Ele olhou *de relance* de volta. Havia uma concordância tácita, sem palavras, naquele gesto.

Todos tomaram mais um drinque. O Homem Cinzento fez perguntas cultas, cheias de um humor irônico. Algum tempo depois, ele se pôs de pé, levou os copos vazios para a cozinha e pediu licença com um olhar para o relógio.

— Não que eu não quisesse ficar mais.

Então perguntou se podia voltar mais tarde naquela semana.

E Maura disse que sim.

Depois que ele foi embora, Calla examinou a carteira dele, que ela havia roubado enquanto ele partia.

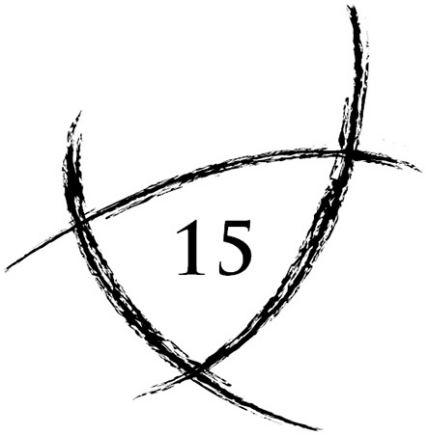
— A identidade é falsa — ela observou, fechando a carteira e a enfiando nas almofadas do sofá onde ele estivera sentado. — Mas ele vai sentir falta dos cartões de crédito. Por que você foi dizer que sim?

— Eu fico mais tranquila se ficar de olho nesse tipo de coisa — respondeu Maura.

— Ah — disse Persephone —, acho que todas nós sabemos em que você estava de olho.

Nota:

1. “Para onde foi o corcel? Para onde foi a juventude? Para onde foi aquele que concede o tesouro? Onde estão os assentos no banquete, a alegria no salão? Ai de ti, cálice dourado; ai de ti, guerreiro encouraçado; ai de ti, glória principesca! Vê como aquele tempo passou, apagado sob a coroa da noite, como se jamais houvesse existido.” Trecho do poema “The Wanderer”, de autoria desconhecida e preservado apenas em uma antologia conhecida como *Exeter Book*, datada do século X. (N. do T.)



Adam se lembrou de como achara que Gansey seria cruel com ele. Não houve um dia durante seu primeiro mês na Academia Aglionby em que ele não duvidara de sua decisão de ir para lá. Os outros garotos eram tão estranhos e assustadores; ele jamais seria capaz de se parecer com um deles. Como ele havia sido ingênuo em pensar que um dia teria um quarto como os outros alunos da Aglionby. E Gansey era o pior de todos. Os outros garotos frequentavam a Aglionby e acomodavam a vida em torno dela. Mas Gansey... Era impossível esquecer que ele havia chegado com a vida intacta e, ao contrário dos outros, acomodara a Aglionby em torno de sua vida. Ele era o garoto para quem todos os olhares se voltavam quando entrava no ginásio. Ele era o aluno com o sorriso mais fácil quando chamado em latim. Sempre se deixava ficar depois das aulas para bater um papo com os professores como iguais — "Sr. Gansey, o senhor poderia esperar um minuto? Encontrei um artigo que acho que lhe interessará" —, e era o garoto com o carro mais belamente interessante e com o amigo mais ferozmente bonito, Ronan Lynch. Ele era o oposto de Adam de todas as maneiras possíveis.

Eles não conversavam. Por que conversariam? Adam entrava furtivamente na sala e mantinha a cabeça baixa e ouvia, tentando aprender a esconder seu sotaque. Gansey, um sol furioso, brilhava do outro lado do universo, sua atração gravitacional distante demais para afetar Adam. Embora Gansey passasse a impressão de ser amigo de todos na escola, era Ronan que estava sempre com ele. E era essa amizade e todos os olhares sem palavras e caretas esquisitas com a boca que faziam Adam achar que Gansey devia ser cruel. Ronan e Gansey riam, ele achava, de uma piada em que o resto do mundo era o ponto alto.

Não, Adam e Gansey não conversavam.

Eles não trocaram uma palavra até seis semanas ano adentro, quando Adam passou de bicicleta pelo Camaro a caminho da escola. Marcas pretas de pneu apontavam o caminho para o acostamento, o capô aberto. Era uma visão incomum: Adam vira o Camaro atrás de um guincho pelo menos duas vezes já. Não havia razão alguma para pensar que Gansey, debruçado sobre o motor, iria querer a ajuda dele. Ele provavelmente já chamara um mecânico que tinha de prontidão.

Mas Adam parou. Ele lembrou como tivera medo então. De todos os dias agonizantes na Aglionby, aquele havia sido o pior momento até então: baixar o estribo da bicicleta velha ao lado do glorioso Camaro laranja-vivo de Richard C. Gansey III e esperar que ele se virasse. Seu estômago parecera uma ruína de medo.

Gansey se virara e, com seu sotaque lento e adorável, dissera:

— Adam Parrish, certo?

— Sim. Di... Richard Gansey?

— Só Gansey.

Adam já descobrira qual havia sido a avaria que parara o Camaro. Criando coragem, ele perguntara:

— Quer que eu conserte? Eu sei um pouco sobre carros.

— Não — Gansey respondera laconicamente.

Adam se lembrou de como suas orelhas queimaram, de como ele gostaria de nunca ter parado, de como ele odiava a Aglionby. Ele não era nada, ele sabia, e é claro que Gansey, de todos os alunos, podia ver isso nele. A ausência de valor nele. Seu uniforme de segunda mão, sua bicicleta barata, seu sotaque estúpido. Ele não sabia o que o tinha feito parar.

Então Gansey, com os olhos cheios do Gansey *de verdade*, havia dito:

— Eu gostaria que você me mostrasse como consertar o carro sozinho, se você puder. Não faz sentido ter esse carro se eu não posso falar a língua dele. Falando em línguas, você me dá aulas de latim *todos os dias*. Você é tão bom quanto o Ronan.

Isso não deveria ter acontecido de maneira alguma, mas a amizade deles havia sido cimentada durante o tempo que havia levado para chegar à escola aquela manhã — Adam demonstrando como prender melhor o fio terra do Camaro, Gansey levantando a bicicleta de Adam para o porta-malas para que eles pudessem ir juntos para a escola, Adam confessando que trabalhava em uma oficina mecânica para pagar a Aglionby e Gansey se virando para o banco do passageiro e perguntando:

— O que você sabe sobre reis galeses?

Às vezes, Adam se perguntava o que teria acontecido se não tivesse parado aquele dia. O que estaria acontecendo com ele agora?

Provavelmente ele não estaria mais na Aglionby. E certamente não estaria no Camaro, a caminho de uma floresta mágica.

Gansey estava eufórico agora que tinha decidido voltar a Cabeswater. Não havia nada que ele odiasse mais do que ficar parado. Ele ordenou a Ronan que colocasse alguma música terrível — Ronan sempre ficava todo contente em condescender nesse departamento — e então forçou o Camaro em cada semáforo a caminho da saída da cidade.

— Ferro nele! — gritou Gansey, ofegante. Ele estava falando consigo mesmo, é claro, ou com a caixa de câmbio. — Não deixe que ele sinta o cheiro do medo em você! — Blue gritava cada vez que o giro do motor subia, mas não por se sentir infeliz. Noah tocava bateria na parte de trás do encosto de cabeça de Ronan. Adam, por sua vez, não se sentia tão animado, mas fez o melhor que pôde para não parecer *des*animado, para não estragar o momento dos outros.

Eles não tinham voltado a Cabeswater desde que Adam fizera seu sacrifício.

Ronan baixou a janela, deixando entrar uma rajada de ar quente, assim como o cheiro do asfalto e de grama cortada. Gansey seguiu o exemplo. A região lombar das costas de Adam já estava suada contra o assento de

vinil, mas suas mãos estavam geladas. Será que Cabeswater o levaria junto assim que ele voltasse para lá?

O que foi que eu fiz?

Gansey, com o braço pendurado para fora, batia do lado do carro como se ele fosse um cavalo.

— Isso mesmo, Pig. Isso mesmo.

Adam sentia como se estivesse vendo tudo do lado de fora. Ele sentia como se estivesse prestes a vislumbrar outra imagem, como um filme das cartas de tarô que ele vira antes. Será que aquilo era uma pessoa parada no acostamento da estrada?

Não posso confiar em meus olhos.

Gansey se recostou no assento, a cabeça jogada para o lado, bêbado e bobo de alegria.

— Eu adoro esse carro — ele disse, alto para ser ouvido sobre o motor. — Eu devia comprar mais quatro desses. Eu simplesmente abro a porta de um e caio no outro. Um pode ser a sala de estar, outro a cozinha, eu durmo em um...

— E o quarto carro? Vai ser a despensa do mordomo? — gritou Blue.

— Não seja tão egoísta. Quarto de hóspedes. — O Camaro acelerou pela estrada de cascalho que os levaria para a floresta, uma nuvem de poeira como um paraquedas atrás dele. À medida que subiam, o campo se estendia ao redor, verde e interminável. Assim que chegassem ao cimo, eles conseguiriam ver a linha de árvores onde começava Cabeswater.

O estômago de Adam se revirou subitamente de nervoso, tão agressivamente quanto aquele dia em que ele havia parado sua bicicleta ao lado do carro de Gansey. Ele quase disse algo. Adam não sabia o que teria dito. *Seria outra imagem?* Uma tela em branco.

Eles subiram a colina.

O campo parecia não ter fim. A relva cerrada deu lugar a um terreno alagadiço onde um dia provavelmente houvera um regato, e então continuou por mais acres de relva. Centenas de acres de campo.

Não havia árvores.

O carro ficou em silêncio.

Gansey dirigiu alguns metros mais antes de puxar o freio de mão. Todas as cabeças no carro estavam voltadas na direção daquele campo

interminável e do velho regato. A questão não era que um dia as árvores haviam existido e agora tinham desaparecido. Não havia tocos ou marcas de pneus. Era como se elas nunca tivessem existido.

Gansey estendeu a mão, e, imediatamente, Ronan abriu o porta-luvas e pegou o diário. Lentamente, Gansey o folheou para onde havia escrito caprichosamente as coordenadas de Cabeswater. Era possível ouvir a respiração de Blue.

Tudo aquilo era ridículo. Era como conferir as coordenadas para a Indústria Monmouth. Todos eles sabiam onde ficava.

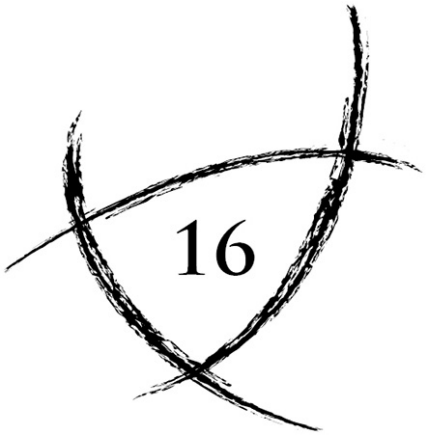
— Jane — disse Gansey, passando o telefone de volta para ela —, por favor, confira o GPS.

Ele leu os números da página. Então os leu novamente.

Passando o mapa com o polegar no telefone, Blue os leu de volta a partir da tela. Eram os mesmos. Eram as coordenadas que os trouxeram ali todas as outras vezes. As coordenadas que trouxeram seu professor de latim e Neeve até ali.

Eles não haviam tomado um acesso errado. Não haviam passado da estrada ou estacionado no lugar errado. Fora ali que eles haviam encontrado Cabeswater. Fora ali que tudo começara.

— A floresta se foi — disse Noah finalmente.



E o Camaro quebrou.

Seu timing era impecável. Em circunstâncias normais, o carro estaria tomado pelo barulho: o rádio no volume máximo, a conversa animada. Não haveria público para os primeiros ruídos sutis de fluido enchendo os pulmões do Camaro. Mas agora, silenciados pelo impossível, todos ouviram o motor estremecer por um instante. Ouviram o rádio com o volume baixo gaguejar, como se tivesse esquecido o que estava dizendo. Ouviram a ventoinha do ar-condicionado tossir educadamente.

Eles tiveram tempo suficiente para erguer a cabeça e olhar um para o outro.

Então o motor expirou.

Subitamente roubado da direção hidráulica, Gansey levou com dificuldade o carro rodando no embalo para o acostamento. Ele assobiou entre dentes, o som idêntico ao ruído dos pneus no cascalho sujo.

Então houve silêncio absoluto.

No mesmo instante, o calor começou a se fazer presente. O motor palpitou como os espasmos do pé de um moribundo. Adam repousou a

testa nos joelhos e dobrou os braços atrás da cabeça.

De uma hora para outra, Ronan disparou:

— Esse carro. Essa merda de *carro*, cara. Se fosse um Plymouth Voyager, ele já teria sido esmagado por crimes de guerra há muito tempo.

Adam sentia que a condição do Pig resumia perfeitamente como ele se sentia. Não realmente morto, apenas quebrado. Ele era prisioneiro da questão de o que significaria para ele Cabeswater não existir mais. *Por que as coisas não podem ser apenas simples?*

— Adam? — perguntou Gansey.

Adam levantou a cabeça.

— Alternador. Talvez.

— Não sei o que isso quer dizer. — Gansey parecia quase aliviado que o Pig tivesse morrido. Agora ele finalmente tinha algo concreto para fazer. Se ele não podia explorar Cabeswater, podia, no mínimo, tirá-los do acostamento. — Diga em uma língua que eu compreenda.

— *In indiget homo bateria* — sussurrou Ronan.

— Ele está certo — disse Adam. — Se tivéssemos uma bateria nova, poderíamos voltar para casa e ver qual é o problema.

Uma bateria nova custaria uns cem dólares, mas Gansey nem sentiria a mordida.

— Guincho?

— Dia de inspeção estadual hoje — respondeu Adam. O Boyd's era a única empresa que prestava serviço de guincho, e ele buscava carros com problemas mecânicos apenas quando não estava trabalhando na garagem. — Vai levar uma eternidade.

Ronan saltou para fora do carro e bateu a porta. A questão a respeito de Ronan Lynch, Adam havia descoberto, era que ele não gostava de — ou não conseguia — se expressar com palavras. Então cada emoção tinha de ser soletrada de alguma outra maneira. Um punho, um fogo, uma garrafa. Agora Cabeswater estava perdida e o Pig estava danificado, e ele precisava extravasar sozinho com seu corpo. Pela janela traseira, Adam viu Ronan pegar uma pedra no acostamento e jogá-la no mato.

— Bom, isso é muito útil — disse Blue sobriamente. Ela escorregou do banco de trás para o assento do passageiro agora vazio e gritou para fora: — Isso é muito útil!

Adam não entendeu toda a resposta rosnada de Ronan, mas ouviu ao menos dois dos palavrões.

Sem se deixar impressionar, Blue pegou o telefone de Gansey.

— Tem algum lugar aonde a gente possa chegar caminhando?

Ela e Gansey baixaram a cabeça juntos para examinar a tela e murmurar sobre as opções no mapa. A imagem do cabelo escuro dela e o cabelo empoeirado dele se tocando foi como ferro quente marcando algo por dentro de Adam, mas era apenas mais uma picada em um mar de águas-vivas.

Ronan voltou, apoiando-se na janela do passageiro. Blue virou o telefone para ele.

— Talvez a gente possa ir caminhando até esse lugar.

— O Mercado Deering? — disse Ronan, a voz sumindo. — Escuta. Esse não é o lugar para conseguir uma bateria. Parece o lugar perfeito para perder a carteira. Ou a virgindade.

— Você tem uma ideia melhor? — ela demandou. — Talvez a gente possa jogar coisas no mato! Ou bater em algo! Isso resolve tudo! Talvez a gente possa ser bem machão e quebrar o que aparecer na frente!

Embora ela estivesse virada para Ronan, Adam sabia que aquelas palavras eram dirigidas para ele. Ele apoiou a testa na parte de trás do encosto de cabeça do motorista e fervilhou de vergonha e indignação. Ele pensou em como o carro estremecera antes de morrer. Usando os últimos recursos da bateria antes de não poder mais seguir em frente. Então pensou em como Noah havia desaparecido na Dollar City enquanto ele falava com Gansey ao telefone. E agora Cabeswater tinha sumido. Utilizando-se da última carga de energia.

Mas isso não fazia sentido. Ele havia ativado a linha ley. Ela continuava explodindo transformadores na cidade de tão forte. Não deveria haver *falta* de energia.

— Vou ligar para o Declan — disse Gansey. — E dizer para ele trazer uma bateria.

Ronan disse para Gansey o que achava daquele plano, de maneira muito precisa, com uma série de palavras compostas que nem Adam tinha ouvido antes. Gansey anuiu, mas também discou o número de Declan.

Depois, ele se virou para Ronan, que encostava o rosto com tanta força no topo da janela que deixou uma marca na pele.

— Desculpe. Todas as outras pessoas que eu conheço estão fora da cidade. Você não precisa falar com ele. Eu faço isso.

Ronan deu um soco no teto do Camaro e se virou de costas para ele.

Gansey se virou para Adam, agarrando-se ao próprio encosto de cabeça e olhando para trás.

— Por que ela se foi?

Adam piscou com a súbita proximidade.

— Eu não sei.

Soltando o encosto de cabeça, Gansey se virou para Blue.

— Por quê? Isso é ciência ou magia?

Adam fez um ruído, desconsiderando a questão.

— Não — disse Blue. — Eu sei o que você quer dizer. Ela desapareceu ou foi tomada?

— Talvez ela esteja invisível — sugeriu Gansey.

Adam não tinha certeza se acreditava na verdadeira invisibilidade. Ele a havia tentado e ela nunca parecia protegê-lo. Ele perguntou a Noah:

— Você ainda está por aí quando não podemos te ver?

Noah apenas piscou para ele da obscuridade do banco de trás, seus olhos líquidos e distantes. Ele estava, notou Adam, praticamente desaparecido já. Era mais o sentimento de Noah do que realmente Noah.

Ronan estava ouvindo, porque se virou com um giro e se apoiou na janela.

— Na loja, quando ele desapareceu, ele não ficou simplesmente invisível. Ele foi *para outro lugar*. Se você está dizendo que Cabeswater é que nem o Noah, ela não está invisível. Ela foi para algum lugar.

Houve um breve silêncio. Esse era o momento em que Gansey, se fosse Ronan, diria um palavrão. Se fosse Adam, fecharia os olhos. Se fosse Blue, perderia o controle, exasperado.

Mas Gansey simplesmente passou o polegar sobre o lábio e então se recolheu. Ele parecia instantaneamente frio e elegante, todas as emoções verdadeiras guardadas em um local não revelado. Ele abriu seu diário, fez uma anotação na margem e a colocou entre parênteses concisos. Quando fechou as páginas, qualquer que tenha sido a ansiedade que ele sentia a

respeito de Cabeswater estava fechada com o restante de seus pensamentos sobre Glendower.

Algum tempo mais tarde, após Noah ter desaparecido discretamente, o Volvo de Declan planou até eles, tão silencioso quanto o Pig era barulhento.

— Me deixe passar, me deixe passar — disse Ronan para Blue enquanto ela trazia o assento do passageiro suficientemente para frente para ele entrar no carro e se acomodar no banco de trás. Ele se largou apressadamente no banco, jogando uma perna coberta pelo jeans sobre a perna de Adam e soltando a cabeça em uma postura de abandono descuidado. Quando Declan chegou perto da janela do motorista, parecia que Ronan estava dormindo há dias.

— Por sorte pude parar o que estava fazendo — disse Declan. Ele espiou dentro do carro, os olhos passando por Blue e se prendendo em Ronan no banco de trás. Seu olhar seguiu a perna do irmão para onde ela repousava sobre a de Adam, e sua expressão se endureceu.

— Obrigado, D — disse Gansey naturalmente. Sem fazer esforço, ele empurrou a porta aberta, forçando Declan para trás sem parecer fazê-lo. Ele levou a conversa para a região do para-lama dianteiro, daí surgindo uma batalha de sorrisos cordiais e gestos deliberados.

Blue observou desdenhosamente do assento do passageiro enquanto Adam observava com seriedade do banco de trás. Ao fazer isso, ele notou os ombros e o olhar de Declan e então percebeu algo surpreendente.

Declan estava com medo.

Provavelmente não era evidente para Gansey, que era completamente distraído, nem para Blue, que não sabia como Declan parecia geralmente. E os sentimentos de Ronan a respeito do irmão mais velho eram como sangue na água; ele não seria capaz de ver através das nuvens biliosas.

Mas, para Adam, que passara um bom tempo de sua vida com medo — não apenas com medo, mas tentando escondê-lo —, isso era óbvio.

A questão era do que Declan Lynch tinha medo.

— Quem deixou o seu irmão com aquele olho roxo, Ronan? — ele perguntou.

Sem abrir os olhos, Ronan respondeu:

— A mesma pessoa que detonou o nariz dele.

— E quem foi?

Ronan riu só uma vez, *ha!*

— Assaltantes.

O problema de conseguir de Ronan os fatos a respeito de Declan era que Ronan sempre presumia que o irmão estivesse mentindo.

É claro, normalmente ele estava.

Subitamente, a porta do motorista foi escancarada. O som e o choque foram tão violentos que Ronan esqueceu de fingir estar dormindo e Adam e Blue ficaram olhando. Declan enfiou o corpo para dentro do carro.

— Eu sei que você quer fazer o contrário de tudo que eu digo — ele disparou —, mas você precisa manter a cabeça baixa. Lembra que eu disse para você manter a cabeça baixa meses atrás? Ou esqueceu?

A voz de Ronan era lenta, petulante. Seus olhos, no entanto, meio escondidos na luz baixa e quente do interior do Camaro — eles eram terríveis.

— Eu não esqueci.

— Bom, parece que sim — disse Declan. — As pessoas estão observando. E, se fizer uma bobagem, você vai estragar as coisas para todos nós. Então não faça nenhuma bobagem. E eu *sei* que você esteve nas ruas de novo. Quando você perder a sua carteira de motorista, eu...

— Declan. — A voz de Gansey o interrompeu, profunda e responsável. Ele colocou uma mão sobre o ombro de Declan, puxando-o para trás delicadamente. — Está tudo bem. — Ao ver que aquilo não teve o efeito desejado, Gansey acrescentou: — Eu sei que você não quer fazer uma cena na frente da...

Os dois garotos olharam para Blue.

Os lábios dela se abriram indignados, mas as palavras de Gansey funcionaram como magia. Declan recuou no mesmo instante.

Um momento mais tarde, Gansey retornou ao Pig.

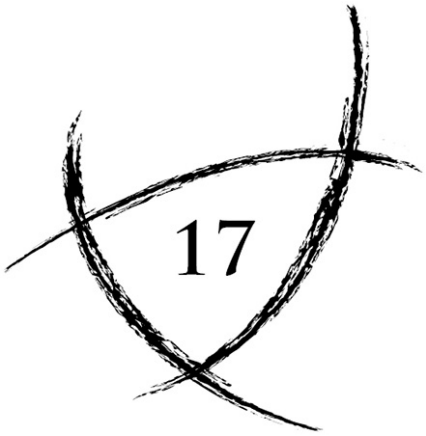
— Sinto muito, Jane — ele disse. Agora sua voz soava cansada, nem de longe lembrando o tom de persuasão tolerante que usara há pouco com Declan. Ele levantou a bateria para que eles pudessem vê-la. — Adam, você quer fazer isso?

Ele disse isso como se fosse um dia comum, como se eles estivessem voltando de uma viagem comum, como se nada estivesse errado. Os irmãos Lynch tinham brigado, mas isso era só uma prova de que ambos

ainda estavam respirando. O Pig morrera, mas ele estava sempre morrendo ou se reerguendo de novo.

Mas, em tudo que Gansey não disse, em todo sentimento que ele não pintou em seu rosto, ele estava gritando:

Ela se foi.



A máscara era do seu pai.

Mesmo em sonhos, Ronan não conseguia voltar para a Barns, mas havia algo da Barns vindo até ele. Na realidade, a máscara estava pendurada na sala de jantar de seus pais, bem distante de mãos curiosas. Mas, no sonho, ela ficava pendurada na altura dos olhos, na parede do modesto apartamento de Adam. Era entalhada em madeira escura e lisa, e parecia um suvenir barato para turistas. As órbitas dos olhos eram redondas e surpresas, a boca aberta em um sorriso franco, grande o suficiente para montes de dentes.

— Isso é trapaça — disse a Garota Órfã em latim.

Ela não estivera ali antes, mas estava agora. Sua presença lembrou a Ronan de uma hora para outra que ele estava sonhando. Esse momento, o momento quando ele percebia que criara tudo ali com a própria mente, era quando ele podia levar algo de volta com ele. Era seu. Ele poderia fazer o que quisesse com aquilo.

— Trapaça — ela insistiu. — Sonhar com um objeto de sonho.

Ela se referia à máscara, é claro. Era algo certamente da mente de seu pai.

— É o meu sonho — Ronan disse a ela. — Tome. Eu lhe trouxe um pouco de frango.

Ronan lhe passou uma caixa de frango frito, sobre a qual ela caiu vorazmente.

— Acho que sou um psicopompo — ela disse com a boca cheia.

— Não faço a menor ideia do que seja isso.

A garota maltrapilha enfiou uma asa de frango inteira na boca, com ossos e tudo.

— Acho que significa que eu sou um corvo. Isso torna você um garoto corvo.

Aquilo irritou Ronan por alguma razão, então ele pegou o resto do frango e o colocou sobre um móvel, que desapareceu tão logo ele se virou.

— Cabeswater desapareceu — ele disse para ela.

— Distante não é a mesma coisa que desaparecida. — Isso foi Adam quem disse. Ele parou ao lado de Ronan. Usava o uniforme da Aglionby, mas seus dedos estavam pretos de óleo. Ele encostou as mãos com graxa na máscara. Não pediu permissão, mas Ronan não o impediu. Após uma brevíssima pausa, Adam tirou a máscara da parede e a segurou na altura dos olhos.

Guinchando um aviso aterrorizado, a Garota Órfã se enfiou atrás de Ronan.

Mas Adam já estava se tornando algo mais. A máscara tinha desaparecido, ou havia se tornado o rosto de Adam, ou Adam estava entalhado na madeira. Todos os dentes atrás de seu sorriso eram famintos; o queixo elegante de Adam morria de fome. Seus olhos eram desesperados e enfurecidos. Uma veia longa e grossa se destacava em seu pescoço.

— *Occidet eum!* — implorou a Garota Órfã, agarrando-se à perna de Ronan.

O sonho estava se tornando um pesadelo. Ronan podia ouvir os horrores noturnos chegando, apaixonados por seu sangue e sua tristeza, as asas batendo em sincronia com os batimentos cardíacos dele. Ele não tinha controle para mandá-los embora.

Porque Adam era o horror agora. Os dentes eram algo mais, Adam era algo mais, ele era uma *criatura*, tão próxima que podia tocá-la. Pensar nisso era ficar imobilizado pelo horror de observar Adam ser consumido de dentro para fora. Ronan não sabia nem dizer onde estava a máscara agora; havia apenas Adam, o monstro, um rei cheio de dentes.

A garota soluçou:

— *Ronan, imploro te!*

Ronan pegou o braço de Adam e disse seu nome.

Mas Adam investiu. Dente sobre dente sobre dente. Mesmo enquanto avançava para cima de Ronan, uma de suas mãos ainda puxava a agora invisível máscara, tentando se livrar. Não sobrara nada do rosto dele.

Adam tomou o pescoço de Ronan, os dedos cravados em sua pele.

Ronan não conseguia matá-lo, por mais que a Garota Órfã implorasse. Era *Adam*.

A boca se abriu, entrada para a maldita ruína.

Niall Lynch havia ensinado Ronan a boxear, e havia dito para o filho um dia: "Limpe sua mente da fantasia".

Ronan limpou sua mente da fantasia.

Ele tomou a máscara. A única maneira de encontrar a borda era arrancando a mão de Adam onde ela ainda se agarrava obstinadamente à máscara. Preparando-se para o esforço, Ronan a arrancou. Mas a máscara saiu tão facilmente quanto uma pétala de flor. Apenas para Adam ela havia sido uma prisão.

Adam cambaleou para trás.

Na mão de Ronan, a máscara era fina como uma folha de papel, ainda quente da respiração ofegante de Adam. A Garota Órfã escondeu o rosto ao lado dele, seu corpo tremendo com os soluços. Sua voz fina saía abafada: — *Tollerere me a hic, tollerere me a hic...*

Me leve daqui, me leve daqui.

Ao fundo, os horrores noturnos de Ronan haviam se aproximado. Próximos o suficiente para que se pudesse sentir o seu cheiro.

Adam estava fazendo ruídos esquisitos e terríveis. Quando Ronan levantou os olhos, viu que a máscara havia sido tudo que sobrara do rosto de Adam. Quando ele a arrancara de Adam, revelara músculos e ossos,

dentes e globos oculares. O pulso de Adam bombeava um glóbulo de sangue de todo lugar em que um músculo encontrava outro músculo.

Adam se encolheu contra a parede, a vida se esvaindo dele.

Ronan agarrou a máscara, seus membros tomados pela adrenalina.

— Vou colocar a máscara de volta.

Por favor, funcione.



— Ronan!

Ele estava encolhido na cama, meio apoiado contra a parede, os fones de ouvido ainda em volta do pescoço. Seu corpo estava paralisado, como ele sempre ficava após sonhar, mas dessa vez ele podia sentir cada nervo queimando. O pesadelo ainda bombeava adrenalina através dele, embora ele não pudesse se mover para usá-la. Sua respiração vinha em grandes baforadas intermitentes. Ele não conseguia se esticar ou parar de ver o rosto arruinado de Adam.

Era de manhã. De manhã cedo, um dia cinzento, a chuva batendo na janela ao lado de sua cabeça. Ele flutuava acima de si mesmo. O garoto abaixo dele estava preso em uma batalha invisível, cada veia do corpo saltada nos braços e no pescoço.

— Ronan — sussurrou Noah. Ele se agachou a centímetros de distância, sem cor alguma naquela luz. Ele era sólido o bastante para seus joelhos deixarem uma marca na colcha, mas não para projetar qualquer tipo de sombra. — Você está acordado, você está acordado.

Por um longo minuto, Noah o fitou enquanto Ronan olhava de volta, tenso. Gradualmente, seu coração se desacelerou. Com um toque gelado, Noah desprendeu os dedos de Ronan dos espólios do sonho. A máscara. Ronan não tivera a intenção de trazê-la consigo. Ele teria de destruí-la. Talvez pudesse queimá-la.

Noah a levantou para a luz difusa da janela e teve um calafrio. A superfície da máscara estava salpicada de gotas vermelho-escuras. O DNA de quem, perguntou-se Ronan, um laboratório encontraria naquele sangue?

— O seu? — perguntou Noah, quase sem ser ouvido.

Ronan balançou a cabeça e cerrou os olhos de novo. Atrás das pálpebras fechadas, era o rosto pavoroso de Adam que ele via, não o de Noah.

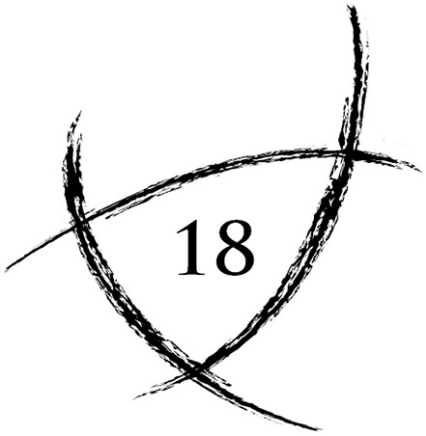
No canto do quarto, um ruído se fez ouvir. Não o canto onde a gaiola de Motosserra estava. E não soava como um corvo jovem. Era um arranhar longo e lento no assoalho de madeira. Então um ruído rápido como um canudo nos raios de uma roda de bicicleta. *Tck-tck-tck-tck-tck.*

Era um ruído que Ronan tinha ouvido antes.

Ele engoliu.

Então abriu os olhos. Os olhos de Noah já estavam arregalados.

— Com o que você estava sonhando? — Noah perguntou.



Gansey havia acordado antes do amanhecer. Fazia já um tempo que ele não precisava acordar cedo para o treino de remo, mas, às vezes, ainda acordava às quinze para as cinco da manhã, pronto para cair na água. Normalmente, passava aquelas horas insones de manhã cedo estudando tranquilamente seus livros ou navegando na internet em busca de referências sobre Glendower, mas, após o desaparecimento de Cabeswater, Gansey não conseguia produzir nada. Em vez disso, saiu para a rua, passando pela chuva fina até o Pig em sua versão matinal. Imediatamente se sentiu confortado. Gansey passara tantas horas sentado ali daquele jeito — fazendo a lição de casa antes de ir para a aula, ou parado sem poder sair do acostamento da estrada, ou se perguntando o que faria se nunca encontrasse Glendower —, que ele se sentia em casa no carro. Mesmo quando não estava andando, o carro cheirava intimamente a vinil velho e gasolina. E, enquanto ele estava sentado ali, um único mosquito encontrou caminho para dentro do carro e ficou incomodando-o perto do ouvido, um trêmulo agudo contra o baixo contínuo da chuva e das trovoadas.

Cabeswater desapareceu. Glendower está lá — tem que estar —, e ela desapareceu.

As gotas batiam e se dispersavam no para-brisa. Ele pensou no dia em que fora picado até a morte por marimbondos e sobrevivera mesmo assim. Gansey repassou a memória até não sentir mais a emoção de ouvir o nome de Glendower sussurrado em seu ouvido, e então, em vez disso, se entregou ao sentimento de pena de si mesmo, que ele tivesse tantos amigos e mesmo assim se sentisse tão sozinho. Ele sentia que era sua obrigação confortá-los, mas nunca o inverso.

Como deve ser, pensou Gansey, abruptamente bravo consigo mesmo. *Você teve a vida mais fácil. Para que tanto privilégio, seu mimado frouxo, se você não consegue se manter de pé sozinho?*

A porta para Monmouth se abriu. Noah imediatamente viu Gansey e fez um gesto indefinido e agitado. Ele parecia querer dizer que precisava de Gansey e, além disso, que se sentia claramente ansioso a respeito disso.

Baixando a cabeça sob a chuva, Gansey se juntou a Noah.

— O que foi?

Dentro, os pequenos cheiros do prédio — os acessórios enferrujados, a madeira comida pelos cupins, os vasos de hortelã — haviam sido sobrepujados por um odor estranho. Algo úmido, estranhamente fértil e desagradável. Talvez tivesse sido trazido pela chuva e pela umidade. Talvez um animal tivesse morrido em um canto. Instado por Noah, Gansey entrou cuidadosamente na sala principal em vez de continuar para o apartamento no segundo andar. Diferentemente do segundo andar, o térreo era pouco claro, iluminado apenas por janelas pequenas no alto das paredes. Colunas de metal enferrujado seguravam o teto no lugar, com espaço suficiente entre elas para desenvolver quaisquer atividades para as quais o espaço fora projetado. Algo substancial, tanto em altura quanto em largura. Tudo era poeira naquela fábrica esquecida — o chão, as paredes, a forma em deslocamento do ar. Ela era inutilizada, espaçosa, atemporal. Sinistra.

Ronan estava parado no centro da sala, de costas para eles. Esse Ronan Lynch não era o Ronan que Gansey encontrara pela primeira vez. Não. Aquele Ronan, ele pensou, ficaria intrigado, mas não se aproximaria do

jovem parado em meio às partículas de poeira. A cabeça raspada de Ronan estava baixada, mas tudo mais a respeito de sua postura sugeria vigilância e desconfiança. Sua tatuagem agressiva saía em gancho para fora da camiseta regata preta. Esse Ronan Lynch era uma criatura perigosa e oca. Era uma armadilha para você colocar o pé dentro.

Não pense nesse Ronan. Lembre-se do outro.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Gansey, vagamente nervoso.

A postura de Ronan não se alterou com o som da voz do amigo, e Gansey viu nesse instante que isso ocorria por ele já estar ferido demais. Um músculo saltou em seu pescoço. Ele era um animal pronto para voar.

Motosserra rolou na poeira entre seus pés. Ela parecia estar em meio a um êxtase ou a um ataque epilético. Quando viu Gansey, parou e o estudou com um olho e então com o outro.

Na rua, os trovões trovejavam. A chuva rufava através das vidraças quebradas acima do vão da escada. Uma aragem daquela fragrância úmida tomou conta do ambiente de novo.

A voz de Ronan não tinha entonação.

— *Quemadmodum gladius neminem occidit; occidentis telum est.*

Gansey tinha uma política rigorosa de evitar a declinação de substantivos antes do café da manhã.

— Se está tentando ser esperto, você venceu. *Quemadmodum* é "que nem"?

Quando Ronan se virou, seus olhos estavam fechados e com hematomas. Suas mãos também estavam cobertas de sangue.

Gansey teve um momento puro e destituído de lógica em que sentiu um aperto no estômago e pensou: *Eu não reconheço realmente nenhum dos meus amigos.*

Então a razão retornou a ele.

— Meu Deus. Isso é seu?

— Do Adam.

— O Adam de sonho — corrigiu Noah rapidamente. — Na maior parte.

Na chuva, na luz difusa, as sombras se moviam nos cantos. Isso lembrou Gansey das primeiras noites que ele passara ali, quando a única maneira que ele conseguia dormir era fingir que aquele vasto espaço não existia abaixo de sua cama. Ele podia ouvir Ronan respirando.

— Você se lembra do ano passado? — perguntou Ronan. — Quando eu disse... que não ia acontecer de novo?

Era uma pergunta boba. Gansey jamais esqueceu. Noah descobrindo Ronan em uma poça de seu próprio sangue, as veias arrebentadas. Horas no hospital. Terapia e promessas.

Não fazia sentido se esquivar.

— Quando você tentou se matar.

Ronan balançou a cabeça uma vez.

— Foi um pesadelo. Eles me arrebentaram no meu sonho, e quando acordei... — Ele gesticulou com as mãos sangrentas. — Eu trouxe isso comigo. Eu não podia te contar. Meu pai disse para nunca contar a ninguém.

— Então você me deixou pensar que você tinha tentado se matar?

Ronan deixou a carga de seus olhos azuis recair pesadamente sobre Gansey, fazendo-o perceber que ele não teria outra resposta. Seu pai lhe havia dito para jamais contar aquilo. E então ele jamais havia contado.

Gansey sentiu o ano inteiro assumindo uma nova forma em sua cabeça. Todas as noites ele se sentira aterrorizado pelo bem-estar de Ronan. E todas as vezes Ronan havia dito: "Não é bem assim". Imediatamente ele ficou irado pelo fato de que Ronan o tivesse deixado passar por aquele temor contínuo, mas aliviado que o amigo não fosse uma criatura tão esquisita assim no fim das contas. Era mais fácil para Gansey compreender um Ronan que tornava os sonhos reais do que um que quisesse morrer.

— Então por que... por que você está aqui embaixo? — disse Gansey por fim.

Houve um ruído de batida no andar de cima. Ronan e Motosserra viraram o queixo bruscamente para cima.

— Noah? — perguntou Gansey.

— Ainda estou aqui — respondeu Noah atrás dele. — Mas não por muito tempo.

Através do sibilar constante da chuva, Gansey ouviu o barulho de algo raspando o chão do andar de cima e mais uma batida quando algo caiu.

— Não é só o sangue — disse Ronan. Seu peito subia e descia com a respiração. — Outra coisa se soltou também.



A porta do quarto de Ronan estava fechada. Uma prateleira de livros havia sido esvaziada, virada de lado e empurrada na frente dela. Os livros haviam sido empilhados apressadamente ao lado do telescópio derrubado. Tudo estava em silêncio e cinza enquanto a chuva corria em gotas nas janelas. O cheiro que Gansey havia notado no andar de baixo era mais proeminente ali: mofado, doce.

— *Cráá?* — grasnou Motosserra do braço de Ronan. Ele fez um ruído manso para ela antes de baixá-la sobre a mesa de Gansey; ela desapareceu na sombra escura debaixo. Passando um pé de cabra para a mão direita, Ronan apontou para o estilete sobre a mesa até que Gansey percebeu que o amigo queria que ele o pegasse. Ele estendeu e retraiu a lâmina hesitantemente algumas vezes antes de olhar de relance para Noah. Este parecia pronto para desaparecer, por falta de energia ou de coragem.

— Você está pronto? — perguntou Ronan.

— Para que estou me preparando?

Atrás da porta, algo arranhava o chão. *Tck-tck-tck.* Como uma marreta arrastada sobre uma tábua de lavar roupa. Algo no coração de Gansey arrepiou de medo.

Ronan disse:

— Para o que está na minha cabeça.

Gansey não acreditava que houvesse uma maneira de se preparar para *isso*. Mas ajudou Ronan a tirar a prateleira de livros do caminho.

— Gansey — disse Ronan. A maçaneta estava virando sozinha. Ele estendeu a mão e a segurou firme. — Cuidado... cuidado com os olhos.

— Qual é o plano? — O olhar de Gansey estava voltado para o aperto de Ronan na maçaneta. Os nós dos dedos dele estavam brancos com o

esforço para evitar que ela virasse.

— Matar essa coisa — disse Ronan.

E escancarou a porta.

A primeira coisa que Gansey viu foi o desastre: a gaiola de Motosserra destruída, o poleiro quebrado. A tela de cobertura de uma caixa de som estava entortada como um marisco junto à soleira. Um teclado de computador enfiado debaixo de um banco virado. Uma camisa rasgada e uma calça jeans largadas no chão, parecendo um corpo, num primeiro olhar de relance.

Então ele viu o pesadelo.

Saiu do canto no fundo. Como se fosse uma sombra, e então era uma coisa. Rápida. Negra. Maior do que ele esperava. Mais real do que ele esperava.

Tão alta quanto ele. Duas pernas. Usando uma roupa rasgada, preta, oleosa.

Gansey não conseguia parar de olhar para o bico.

— Gansey! — Ronan rosnou e então a golpeou com o pé de cabra.

A criatura se atirou no chão. Ela se contorceu para longe do alcance de Ronan quando ele tentou atingi-la de novo. Gansey percebeu uma garra. Não, *garras*, dúzias delas. Enormes, reluzentes, curvas até as pontas, como agulhas. Elas agarraram Ronan.

Gansey se lançou para frente, cortando um membro. A roupa da criatura se partiu debaixo da lâmina. Ela deu um salto, direto para Ronan, que a bloqueou com o pé de cabra. Com um bater de asas extraordinário, a criatura se lançou no ar e pousou sobre o batente da porta, as mãos entre as pernas, segurando-se como uma aranha. Não havia nada de humano nela. Ela sibilou para os garotos. Olhos com pupilas vermelhas piscavam repentinamente. Um pássaro. Um dinossauro. Um demônio.

Não é de espantar que Ronan nunca durma.

— Feche a porta! — disparou Ronan. — Não queremos brincar de esconde-esconde aqui!

O quarto parecia pequeno demais para eles se trancarem com um monstro, mas Gansey sabia que Ronan estava certo. Ele bateu a porta bem quando a criatura voou para cima dele. Garras e bico, negros e retorcidos. No mesmo instante, Ronan se atirou, jogando Gansey para o chão.

Em um instante cristalino, preso debaixo de Ronan e da criatura bicuda, Gansey viu as presas da coisa agarrando o braço de Ronan e, hiperconsciente, percebeu cascas de feridas condizentes entrecruzadas debaixo das feridas recentes. O bico se lançou sobre o rosto de Ronan.

Gansey enfiou a lâmina do estilete na carne negra cerosa entre as garras.

A coisa não fez ruído algum enquanto recuava. Ronan tentou atingi-la de novo com o pé de cabra e, quando o golpe errou a criatura, buscou atingi-la com o punho. Os dois tropeçaram no canto da cama. O pesadelo estava sobre Ronan. Eles lutavam em silêncio; Ronan poderia morrer, e Gansey só perceberia depois de consumado o fato.

Passando uma mão sobre a mesa de Ronan, Gansey pegou uma garrafa de cerveja e a quebrou contra o crânio da criatura. Instantaneamente, o cheiro de álcool tomou conta do ambiente. Ronan disse um palavrão debaixo do monstro. Gansey agarrou um dos membros da coisa — seria um braço? Uma asa? A repulsa obstruiu a garganta de Gansey, e ele atingiu o corpo da criatura com o estilete. Ele sentiu a lâmina fazer contato, perfurando a carne oleosa. Subitamente, havia uma garra em torno de seu pescoço, uma presa enfiada na pele fina abaixo do queixo. Fisgado como um peixe.

Gansey tinha consciência de como era minúscula a lâmina do estilete. Quão insubstancial em comparação às presas rijas da coisa. Ele sentiu um gotejar quente no colarinho da camisa. Seus pulmões se encheram do cheiro fecundo de putrefação.

Ronan acertou o pé de cabra na cabeça da criatura. E então a acertou de novo. E mais uma vez. Gansey e a criatura desabaram juntos no chão; o peso dela era uma âncora sobre a pele de Gansey. Ele estava preso, empalado, enredado no aperto dela.

O estilete foi tomado de Gansey. Vendo o que Ronan pretendia fazer, Gansey estendeu o braço para aquele bico que o imobilizava. Então era a criatura segurando Gansey segurando a criatura. E depois Ronan cortando a garganta da coisa. Não era algo rápido nem destituído de sangue. Era tortuoso e lento, como cortar papelão molhado.

Em seguida tudo terminou, e Ronan soltou a garra cuidadosamente da pele de Gansey.

Livre, Gansey saiu com dificuldade de debaixo da criatura. Ele pressionou o dorso da mão sobre o ferimento no queixo. Não podia dizer o que era seu sangue e o que era sangue da criatura e o que era sangue de Ronan. Os dois estavam ofegantes.

— Ela pegou você pra valer? — perguntou Ronan para Gansey. Um arranhão lhe descia pela têmpora e seguia pela sobrancelha até a face. *Cuidado com os olhos.*

Um exame cuidadoso com a ponta dos dedos de Gansey revelou que o ferimento debaixo do queixo era pequeno. A memória de ser pego pela garra não o deixaria tão cedo, no entanto. Ele se sentia perigosamente acabado, como se precisasse se segurar em algo ou seria levado pelas ondas. Gansey manteve a voz equilibrada:

— Acho que sim. Ela está morta?

— Se não estiver — disse Ronan —, é um pesadelo pior do que eu pensava.

Então Gansey se sentou, muito lentamente, na beira dos lençóis rasgados. Porque aquela *coisa* era impossível. O avião e a caixa quebra-cabeça, dois objetos inanimados, tinham sido muito mais fáceis de aceitar. Mesmo Motosserra, em todos os sentidos um corvo comum, a não ser pela origem, era mais fácil de aceitar.

Ronan observou Gansey sobre o corpo da criatura — ela parecia maior ainda na morte —, e sua expressão era a mais indefesa que Gansey já vira. Ele estava começando a compreender que aquilo, tudo aquilo, era uma confissão. Um olhar para quem Ronan realmente fora o tempo inteiro em que ele o conhecera.

Que mundo de maravilhas e horrores, e Glendower era apenas um deles.

— Sêneca. Foi ele quem disse aquilo, certo? — disse Gansey finalmente.

Enquanto seu corpo estava lutando contra um pesadelo, seu subconsciente estava combatendo contra o latim com o qual Ronan o tinha recepcionado.

Quemadmodum gladius neminem occidit; occidentis telum est.

O sorriso de Ronan era aguçado e em forma de gancho, como uma das garras da criatura.

— “Uma espada nunca mata ninguém; ela é uma ferramenta na mão do assassino.”

— Não posso acreditar que o Noah não ficou para nos ajudar.

— Claro que pode. Nunca confie nos mortos.

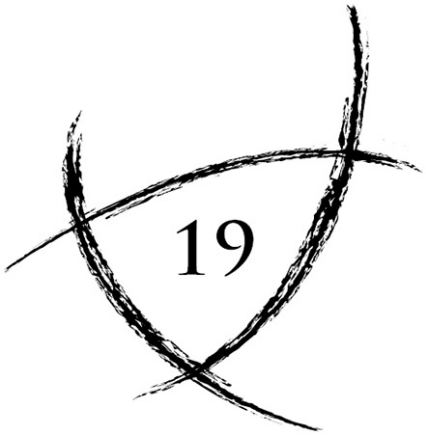
Balançando a cabeça, Gansey apontou para as cascas de ferida que vira no braço de Ronan durante a briga.

— Seu braço. Isso foi por lutar com ela enquanto eu estava no Pig?

Ronan balançou a cabeça lentamente. Na outra sala, Motosserra estava fazendo ruídos ansiosos, preocupada com o destino dele.

— *Cráá?*

— Tinha outra — ele disse. — Ela escapou.



— Jane, o que você acha de fazer algo ligeiramente ilegal e definitivamente repugnante? — perguntou Gansey.

As costas de Ronan já estavam grudentas com o calor. O corpo do homem-pássaro estava no porta-malas do BMW, e sem dúvida estava acontecendo um processo científico medonho com ele. Ronan estava certo de que era um processo que ficaria mais malcheiroso à medida que o dia ficasse mais quente.

— Depende se envolve um helicóptero — respondeu Blue, parada na porta da Rua Fox, 300. Ela coçou a panturrilha com o pé descalço, usando um vestido que lembrava a Ronan um abajur. Qualquer que fosse esse abajur, Gansey claramente gostaria de ter um.

Ronan não era fã de abajures.

Além disso, ele tinha outras coisas na cabeça. Os nervos formigavam em seus dedos.

Gansey deu de ombros.

— Nenhum helicóptero. Dessa vez.

— Tem a ver com Cabeswater?

— Não — disse Gansey tristemente.

Ela olhou adiante deles para o BMW.

— Por que tem uma corda de bungee jump em volta do porta-malas?

Embora Ronan reconhecesse que o Pig merecia aquilo, Gansey havia se recusado a colocar o corpo no Camaro.

— É uma longa história. Por que você está me olhando desse jeito?

— Acho que eu nunca tinha visto você de camiseta antes. Nem de jeans.

Porque Blue estivera olhando para Gansey de um jeito que era mais visível pelo fato de ela tentar passar despercebida ao fazê-lo. Era um olhar ao mesmo tempo sobressaltado e impressionado. Era verdade que Gansey raramente usava jeans e camiseta, preferindo camisa social e calça cáqui, se não estivesse usando gravata. E era verdade que essas roupas lhe caíam bem; a camiseta se moldava aos ombros dele de uma maneira que revelava toda sorte de ângulos e cantos que uma camisa social normalmente esconde. Mas Ronan suspeitava que Blue estivesse mais chocada com o fato de que as roupas faziam Gansey parecer um garoto, por um dia que fosse, como qualquer um deles.

— É para a coisa repugnante — disse Gansey. E puxou a camiseta com dedos desaprovadores. — Estou bastante desalinhado no momento, eu sei.

Blue concordou.

— Sim, desalinhado, é exatamente isso que eu estava pensando. Ronan, estou vendo que você também está desalinhado.

Aquilo era brincadeira, uma vez que Ronan estava usando a combinação típica de Ronan: jeans e camiseta regata preta.

— Será que eu devia usar algo mais desalinhado também? — ela perguntou.

— Pelo menos ponha sapatos — respondeu Gansey melancolicamente. — E um chapéu, se precisar. Parece que vai chover.

— Ah, vai — disse Blue, olhando para cima para verificar. Mas o céu estava escondido pelas árvores folheadas da vizinhança. — Cadê o Adam?

— Vamos pegá-lo em seguida.

— Cadê o Noah?

— No mesmo lugar que Cabeswater — disse Ronan.

Gansey se encolheu.

— Muito bem, Ronan — disse Blue, incomodada, deixando a porta aberta enquanto entrava em casa gritando: — *Mãe! Estou indo com os*

meninos fazer... alguma coisa.

Enquanto eles esperavam, Gansey se virou para Ronan.

— Vamos esclarecer uma coisa: se tivesse qualquer outro lugar onde a gente pudesse enterrar essa coisa sem medo de nos descobrirem, a gente escolheria esse lugar. Não acho que seja uma boa ideia ir à Barns, e eu gostaria que você não viesse com a gente. Gostaria que isso ficasse registrado.

— *Que tipo de alguma coisa?* — Era Maura, de dentro da casa.

— Muito bem, cara — respondeu Ronan. Mesmo a censura era eletrizante. Prova de que aquilo estava realmente acontecendo. — Que bom que você conseguiu pôr isso pra fora.

Ronan não desperdiçava uma chance.

— *Algo repugnante!* — gritou Blue de volta. Ela reapareceu na porta, com as roupas basicamente do mesmo jeito, a não ser pela adição de leggings de crochê e botas de borracha verdes. — Falando nisso, o que a gente vai fazer?

Casa, pensou Ronan. *Estou indo para casa.*

— Bem — disse Gansey lentamente, enquanto um trovão ribombava mais uma vez —, a parte ilegal é que vamos entrar na propriedade da família do Ronan, o que ele não tem permissão para fazer.

Ronan exibiu os dentes de relance para ela.

— E a parte repugnante é que vamos enterrar um corpo.



Ronan não estivera na Barns durante mais de um ano, mesmo em sonhos.

Ela estava como ele se lembrava de incontáveis tardes de verão: os dois pilares de pedra meio escondidos pela hera, ribanceiras tomadas pela mata como uma parede em torno da propriedade, os carvalhos posicionados proximamente, de cada lado do acesso de cascalho aberto. O céu cinzento acima tornava tudo verde e negro, floresta e sombra, em crescimento e misterioso. O efeito era dar à entrada da Barns uma espécie de privacidade. Um isolamento.

Enquanto eles subiam o acesso, a chuva batia no para-brisa do BMW. Trovões ribombavam. Ronan navegou o carro sobre uma ravina, passando pelos carvalhos, então uma curva fechada, e lá estavam — uma grande área aberta em declive, de puro verde, protegida por árvores de todos os lados. Em outros tempos, o gado pastava naquele capim, na parte da frente da propriedade, gado de todas as cores. Aquele rebanho, adorável como animais encantados, ainda povoava os sonhos de Ronan, embora em campos mais estranhos. Ele se perguntava o que havia acontecido com o gado de verdade.

No banco de trás, Blue e Adam esticavam o pescoço, olhando para a casa que se aproximava. Era tosca, simples, uma casa de fazenda ampliada de tempos em tempos. Eram as construções que davam nome à fazenda, espalhadas pelas colinas encharcadas, que eram memoráveis, a maioria branca como giz e com telhado de estanho, algumas ainda de pé, outras caindo. Algumas eram estábulo compridos e esguios para o gado, outras celeiros de feno, largos e com a cúpula pontuda. Havia anexos de pedra antigos e abrigos para equipamentos novos com tetos planos, currais de bodes e canis de cachorros há muito desocupados. Eles pontilhavam os campos como se tivessem crescido deles: os menores agrupados como cogumelos, os maiores se destacando.

Sobre todos eles havia o céu agitado, imenso e roxo com a chuva. Todas as cores eram mais profundas, verdadeiras, melhores. Aquilo era a realidade; ano passado havia sido o sonho.

Havia uma luz na casa da fazenda, a luz da sala de estar. Ela estava sempre acesa.

Será que estou mesmo aqui?, Ronan se perguntou.

Certamente ele acordaria logo e se veria novamente exilado na Indústria Monmouth, no banco de trás de seu carro ou deitado no chão, ao lado da cama de Adam na Santa Inês. Na luz opressiva, a Barns era tão verde e bela que ele sentia náuseas.

No espelho retrovisor, ele viu Adam de relance, sua expressão sonhadora e doente, e então Blue, a ponta dos dedos pressionada no vidro, como se ela quisesse tocar a relva úmida.

A área de estacionamento de cascalho estava vazia, a enfermeira da casa em outro lugar, pelo visto. Ronan estacionou ao lado de uma

ameixeira carregada de frutas prontas para ser colhidas. Uma vez ele sonhara que havia mordido uma delas, e o suco e as sementes haviam explodido de dentro para fora. Outra vez, a fruta sangrara e criaturas apareceram para beber o sangue sofregamente antes de se esconderem debaixo de sua pele, parasitas com uma fragrância doce.

Quando Ronan abriu a porta, o carro se encheu imediatamente do cheiro de *casa*, a terra úmida, o verde ao redor, a pedra com limo.

— Parece outro país — disse Blue.

Era outro país. Era um país para os jovens, um país onde você morria antes de ficar velho. Saindo do carro, seus pés afundaram na grama fofa do verão, ao lado do cascalho. Uma chuva fina pegava nos seus cabelos. As gotas murmuravam sobre as folhas das árvores que os cercavam, um zunido ascendente.

O encanto do lugar não conseguia ser estragado nem com o conhecimento de que fora ali que Ronan encontrara o corpo do pai, e de que aquele era o carro ao lado do qual Ronan o havia encontrado caído. Assim como a Indústria Monmouth, a Barns se transformava totalmente com a mudança da luz. O corpo havia sido encontrado em uma manhã fria e escura, e aquela era uma tarde cinzenta e tempestuosa. Então a memória se tornou apenas um pensamento brevemente observado, analítico em vez de emocional.

A única realidade era esta: ele estava em casa.

Que vontade ele tinha de ficar.



Alguns minutos mais tarde, parados junto ao porta-malas aberto, todos se deram conta de que nem Gansey nem Ronan haviam refletido o suficiente sobre o plano para arranjar uma pá.

— Einstein? — Ronan se dirigiu a Adam.

— Estábulo? — sugeriu Adam, despertando. — Ferramentas?

— Ah, sim. Por aqui.

Escalando uma cerca preta de quatro tábuas, eles partiram através dos campos na direção de um dos principais estábulos. A atmosfera encorajava

o silêncio. Adam deu alguns passos apressados para caminhar ao lado de Blue, mas nenhum dos dois disse uma palavra. No ombro de Ronan, Motosserra batia as asas para manter o equilíbrio. Ela estava ficando pesada, esse sonho dele. Ao lado de Ronan, a cabeça de Gansey estava baixada contra a chuva, seu rosto pensativo. Ele havia feito essa caminhada muitas vezes antes.

Quantas vezes Ronan havia feito essa caminhada? Podia ter sido um ano atrás, cinco anos atrás.

Ronan sentia como se fosse arrebentar de fúria por Declan, executor do testamento de seu pai. Ele não podia ter o pai de volta, provavelmente jamais teria a mãe de volta. Mas, se lhe permitissem voltar ali... Não seria a mesma coisa, mas seria suportável.

Motosserra viu a coisa estranha primeiro. Ela observou:

— *Cráá.*

Ronan parou.

— O que é isso? — ele perguntou. A uns doze metros de distância, um objeto marrom e liso estava parado no meio de todo o verde. Batia na cintura dele em altura, e a textura era montanhosa.

Cheia de dúvidas, Blue perguntou:

— Isso é... uma vaca?

Era óbvio, uma vez que ela o dissera. Era certamente uma vaca, deitada como o gado faz na chuva. E era certamente uma das vacas que haviam ocupado aquele pasto antes de Niall Lynch ter morrido. Ronan não conseguia entender bem como ela ainda estava ali.

— Ela está morta? — Adam fez uma careta.

Ronan apontou para a paleta que se movia lentamente da vaca enquanto ele dava a volta nela. Agora ele podia ver seu rosto delicadamente esculpido e a umidade em torno das narinas. Seus olhos negros e grandes estavam entreabertos. Tanto ele quanto Motosserra se inclinaram do mesmo jeito para vê-la. Quando Ronan acenou uma mão na frente dos olhos da vaca, ela não se moveu.

— *Non mortem* — ele sussurrou, estreitando os olhos —, *somni fratrem.*

— *O quê?* — sussurrou Blue.

— Não a morte, mas seu irmão, o sono — traduziu Adam.

Gansey, com um pouco de maldade na voz, aconselhou:

— Cutuque o olho dela.

— Gansey! — disse Blue.

Ronan não cutucou o olho da vaca, mas passou um dedo sobre seus cílios suaves, que não piscavam. Gansey abriu a palma na frente das narinas da vaca.

— Ela *está* respirando.

Agachada, Blue acariciou o focinho da vaca, deixando marcas escuras sobre o pelo molhado.

— Pobrezinha. O que você acha que tem de errado com ela?

Ronan não sabia direito se tinha alguma coisa de errado com ela. A vaca não parecia doente, fora a falta de movimento. E Motosserra não parecia incomodada de um jeito fora do normal, embora tivesse pressionado o corpo contra a lateral da cabeça de Ronan, como um aviso para que ele não a colocasse no chão em lugar algum próximo do animal.

— Existe uma metáfora para o povo americano aqui — murmurou Gansey sombriamente —, mas me escapa no momento.

— Vamos seguir em frente antes que o Gansey tenha tempo de dizer algo que me faça odiá-lo — disse Blue.

Eles deixaram a vaca para trás e continuaram na direção de um dos maiores estábulos. A porta grande de correr estava comida pelos cupins e apodrecida perto da parte de baixo. As bordas de metal estavam enferrujadas.

Ronan colocou a mão sobre a superfície áspera da maçaneta da porta. Como de costume, sua palma memorizou a sensação. Não a ideia, mas a *sensação* real, a textura, a forma e a temperatura do metal, tudo de que precisava para trazê-la de volta de um sonho.

— Espere — disse Adam, cauteloso. — Que cheiro é esse?

O ar estava tomado por um odor quente, claustrofóbico — não desagradável, mas inegavelmente *agrícola*. Não era o cheiro de um estábulo que havia sido usado no passado; era o cheiro de um estábulo que estava sendo usado no presente.

Franzindo o cenho, Ronan abriu a enorme porta, que rangeu. Levou um momento para que seus olhos se ajustassem.

— Ah — disse Gansey.

Ali estava o restante do rebanho. Dúzias de cabeças de gado eram silhuetas escuras na luz pálida que passava pela porta. Não houve o menor movimento com o tinido da porta se abrindo. Apenas o som de várias dúzias de animais muito grandes respirando, e, acima deste, o ruído da chuva leve caindo sobre o telhado de metal.

— Modo de sono — afirmou Gansey, ao mesmo tempo em que Blue disse: — Hipnose.

O coração de Ronan batia descompassadamente. O rebanho dormindo tinha um potencial que poderia ser despertado. Como alguém com a palavra correta poderia provocar o estouro da boiada.

— É culpa nossa também? — sussurrou Blue. — Como as quedas de luz?

Adam desviou o olhar.

— Não — respondeu Ronan, certo de que aquele rebanho dormindo não estava acontecendo por causa da linha ley. — Isso é algo mais.

— Sem querer soar como o Noah, mas isso está me deixando nervoso. Vamos encontrar uma pá e cair fora daqui — disse Gansey.

Arrastando os pés pela serragem, eles caminharam através dos animais imóveis até uma pequena sala de equipamentos tornada cinza pela chuva. Ronan encontrou uma pá de corte. Adam pegou uma pá de neve. Gansey testou o peso de um escavador de buracos para estacas, como se estivesse conferindo o equilíbrio de uma espada.

Após um momento, Blue perguntou:

— Você realmente cresceu aqui, Ronan?

— Nesse estábulo?

— Você sabe *exatamente* o que eu quero dizer.

Ronan começou a responder, mas a dor cresceu dentro dele, súbita e chocante. A única maneira de colocar o sentimento para fora era afogando as palavras com ácido. Elas saíram como se ele odiasse o lugar. Como se não pudesse esperar para ir embora dali. Irônico e cruel, ele disse: — Sim. Este era o meu castelo.

— Uau — ela respondeu, como se ele não tivesse sido sarcástico. Então sussurrou: — Olhe!

Ronan seguiu o olhar dela. Onde o telhado corrugado encontrava a quina da parede, um pássaro marrom empoeirado estava enfiado em um

ninho. Seu peito parecia negro, ensanguentado, mas um olhar mais próximo revelou que era um truque da luz difusa. A plumagem em seu peito tinha o tom esmeralda metálico de uma pomba. Como o gado, seus olhos estavam abertos, sua cabeça imóvel. O pulso de Ronan se acelerou de novo.

Sobre o seu ombro, Motosserra se encolheu, pressionando-se contra o pescoço dele, uma reação à reação *dele*, em vez de ao outro pássaro.

— Toque ele — sussurrou Blue. — Veja se ele está vivo também.

— Um de vocês, Gêmeos Pobreza, devia fazer isso — disse Ronan. — Eu toquei o último.

Os olhos de Blue lançaram faíscas.

— Do *que* você me chamou?

— Você me ouviu.

— *Gansey* — ela disse.

Ele largou a cavadeira.

— Você me disse que queria lutar suas batalhas com o Ronan sozinha.

Com um revirar de olhos, Adam arrastou uma cadeira e investigou.

— Está respirando também. Como as vacas.

— Agora confira os ovos — disse Ronan.

— Vá se ferrar.

Eles estavam todos um pouco apreensivos. Era impossível dizer se aquela sonolência era natural ou sobrenatural, e, sem esse conhecimento, não parecia impossível que aquilo pudesse acontecer a eles também.

— Nós somos os únicos acordados?

Isso inspirou Ronan. Deixando Motosserra sobre uma mesa feita de blocos de concreto, ele abriu o velho silo ao lado dela. Embora estivesse vazio, Ronan suspeitava que estaria ocupado. Como esperado, quando ele enfiou a cabeça lá dentro, percebeu um cheiro distinto, vivo, por trás do cheiro quente dos grãos.

— Luz — ordenou Ronan.

Ligando a função de lanterna do celular, Gansey iluminou o interior do silo.

— Rápido — ele disse. — Isso cozinha o meu telefone.

Estendendo o braço até o velho saco de ração no fundo, Ronan encontrou o ninho dos camundongos. Tirou cuidadosamente um deles com

a mão. Ele era fofo e não pesava quase nada, tão pequeno que mal se percebia o calor de seu corpo. Embora o camundongo fosse adulto o suficiente para ser completamente móvel, permanecia calmo em sua mão em concha. Ronan correu um dedo carinhosamente sobre a espinha do animal.

— Por que ele está tão calmo? — perguntou Blue. — Está dormindo também?

Ele virou a mão apenas o suficiente para que ela visse seus olhos alertas, confiantes, mas não o bastante para que Motosserra percebesse — ela acharia que era comida. Ele e Matthew costumavam encontrar ninhos de camundongos nos currais e nos campos próximos das gamelas. Eles sentavam de pernas cruzadas por horas na relva, deixando os camundongos correrem para cima e para baixo por suas mãos. Os novos nunca tinham medo.

— Ele está desperto — ele disse. Erguendo a mão, pressionou o corpo minúsculo contra o rosto de maneira que pudesse sentir a palpitação dos batimentos cardíacos rápidos contra sua pele. Blue o estava encarando, então ele o ofereceu a ela. — Você pode sentir o coração dele desse jeito.

Ela pareceu desconfiada.

— É sério? Ou está de brincadeira comigo?

— Como você vai saber?

— Você é um sacana, e isso não parece uma atividade que sacanas gostem.

Ele sorriu ligeiramente.

— Não vá se acostumar.

Com relutância, ela aceitou o camundongo minúsculo e o segurou perto do rosto. Um sorriso surpreso surgiu em sua boca. Com um breve suspiro feliz, ela o ofereceu a Adam. Ele não parecia ansioso, mas, com a insistência de Blue, pressionou o corpinho contra o rosto e fez uma careta com a boca. Após um segundo, passou o camundongo para Gansey. Gansey foi o único que sorriu para o bicho *antes* de levá-lo ao rosto. E foi o sorriso dele que acabou com Ronan; ele se lembrou da expressão solta de Matthew quando eles descobriram os camundongos pela primeira vez, lá atrás, quando eles haviam sido a família Lynch.

— Incrivelmente encantador — relatou Gansey. E o largou nas mãos de Ronan.

Ronan segurou o camundongo sobre o topo da caixa.

— Alguém quer segurar mais um pouco antes que eu devolva? Porque ele vai estar morto em um ano. O tempo de vida de um camundongo do campo é uma merda.

— Muito bem, Ronan — disse Adam, virando-se para ir embora.

O rosto de Blue perdera a animação.

— Não durou muito.

Gansey não acrescentou nada. Seus olhos simplesmente se demoraram sobre Ronan, a boca pesarosa; ele o conhecia bem demais para se sentir ofendido. Ronan sentiu que estava sendo analisado, e talvez ele quisesse ser.

— Vamos enterrar aquela coisa — disse ele.



De volta ao BMW, Gansey foi suficientemente decente para não parecer presunçoso quando Blue tapou a boca com a mão e Adam prendeu a respiração ao verem o homem-pássaro pela primeira vez. Ronan e Gansey o haviam enfiado em uma caixa da melhor maneira possível, mas boa parte do corpo saía para fora dos dois lados para abusar da imaginação. Várias horas de morte não haviam melhorado sua aparência de maneira alguma.

— O que é isso? — perguntou Adam.

Ronan tocou uma das garras afiadas enganchadas na borda da caixa. Era terrível, aterrorizante. Ele temia aquela criatura de maneira permanente, primitiva, obtusa, que ocorria por ser constantemente morto por ela em sua cabeça.

— Elas aparecem quando estou tendo um pesadelo. Tipo, os pesadelos atraem essas coisas. Elas me odeiam. Nos sonhos, elas são chamadas de horrores noturnos. Ou... *niri viclis.*

Adam franziu o cenho.

— Isso é latim?

Perplexo, Ronan considerou a questão.

— Eu... acho que não.

Blue olhou bruscamente para ele, e imediatamente Ronan se lembrou de quando ela o havia acusado de conhecer a outra língua na caixa quebra-cabeça. Era possível que ela estivesse certa.

Entre os quatro, eles carregaram a caixa para a linha de árvores. Enquanto a chuva caía fina, eles se revezavam cavando o solo umedecido pela tempestade. Ronan olhava de relance para cima de tempos em tempos para observar Motosserra. Ela não se interessava por nada grande e negro, incluindo a si mesma, preferindo manter distância do corpo, mesmo depois que ele já estava dentro do buraco. Mas ela adorava Ronan acima de tudo, então se deixava ficar a meio caminho, bicando o chão em busca de insetos invisíveis.

Quando jogaram a última pilha de terra no buraco, estavam encharcados de chuva e suor. Havia algo afetuoso, pensou Ronan, a respeito de eles todos enterrarem um corpo por sua causa. Ele teria preferido que a criatura tivesse ficado em seus sonhos, mas, se tinha de escapar, isso era melhor que o último pesadelo fora de controle.

Com uma blasfêmia suave, Gansey cravou a ponta da pá no chão e secou a testa com o dorso da mão. Então enfiou uma folha de hortelã na boca.

— Estou com bolhas. Nino's?

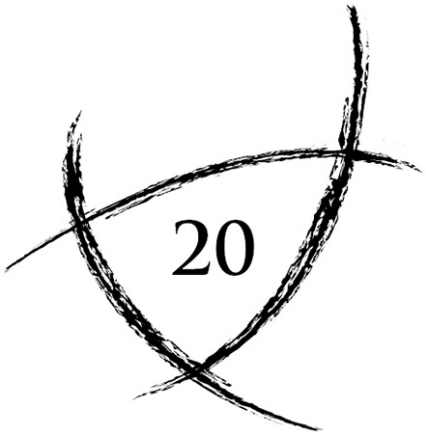
Blue protestou sem dizer uma palavra.

Gansey olhou para Adam.

— Por mim qualquer coisa serve — respondeu Adam, o sotaque de Henrietta se revelando inadvertidamente e traindo sua fadiga. Não era o cansaço rotineiro. Era algo mais profundo. Não era difícil para Ronan imaginar a barganha se aninhando nos ossos de Adam.

Gansey olhou para Ronan.

Ronan passou um polegar cuidadoso por baixo de uma de suas tiras de couro, limpando a sujeira e o suor. Então pensou em quando voltaria à Barns. Em voz baixa, apenas para Gansey, ele perguntou: — Posso ir ver a minha mãe?



Dentro da casa da fazenda, tudo estava em preto e branco. O ar estava carregado permanentemente com a fragrância agradável da infância de Ronan: buxo e fumaça de nogueira, sementes de capim e desinfetante de limão.

— Eu lembro — disse Gansey pensativo para Ronan — quando você costumava ter esse cheiro.

Gansey cacarejou ao ver seu reflexo enlameado no espelho de moldura escura pendurado no corredor. Motosserra olhou para si mesma brevemente antes de se esconder do outro lado do pescoço de Ronan; Adam fez o mesmo, mas sem a parte de se esconder no pescoço de Ronan. Até Blue parecia menos caprichosa que de costume, a iluminação proporcionando ao vestido em forma de abajur e ao cabelo cheio de pontas um ar de Pierrô melancólico.

— O lugar parece o mesmo de quando vocês moravam aqui — disse Gansey por fim. — Eu achei que teria mudado.

— Você vinha muito aqui? — perguntou Blue.

Ele trocou um olhar de relance com Ronan.

— Razoavelmente.

Ele não disse o que Ronan estava pensando, que Gansey era muito mais um irmão para ele do que Declan jamais havia sido.

Com a voz sumida, Adam perguntou:

— A gente pode tomar uma água?

Ronan os levou até a cozinha. Era uma cozinha de casa de fazenda, sem luxo, desgastada pelo uso. Não havia sido reformada ou atualizada desde que parara de funcionar, e assim o aposento era um amálgama de décadas e estilos: armários brancos simples, decorados com uma combinação de puxadores antigos de vidro e maçanetas de bronze, balcões que eram metade madeira nova para cortar carnes e metade laminado encardido, aparelhos que eram uma mistura de branco neve e aço inoxidável polido.

Com Blue e Adam ali, Ronan viu a Barns com novos olhos. Aquele não era o dinheiro antigo, pretensioso e belo da família de Gansey. Aquela casa era de uma riqueza maltrapilha, que traía sua fortuna não com cultura ou atmosfera, mas porque não faltava comodidade alguma: antiguidades e potes de cobre que não combinavam entre si, arte pintada à mão de verdade nas paredes e tapetes trançados à mão de verdade no chão. Onde a casa ancestral de Gansey era um museu de coisas elegantes e remotas que você não podia tocar, a Barns era um viveiro de mesas de sinuca e colchas artesanais, cabos de videogame e sofás de couro terrivelmente caros.

Ronan amava tudo aquilo. Quase não conseguia suportar. Ele queria destruir algo.

Em vez disso, disse:

— Lembra que eu te contei que o papai... que o meu pai era como eu? — Ele apontou para a torradeira. Era uma torradeira de aço inoxidável comum, com espaço para duas fatias de pão.

Gansey ergueu uma sobrancelha.

— Isso? É uma torradeira.

— Torradeira de sonho.

Adam riu sem fazer nenhum ruído.

— Como você sabe? — perguntou Gansey.

Ronan afastou a torradeira da parede. Não havia tomada ou painel de bateria. No entanto, quando você pressionava a alavanca, os filamentos ali

dentro começavam a brilhar. Por quantos anos ele havia usado aquela torradeira antes de perceber que aquilo era impossível?

— Qual é a fonte de energia, então? — perguntou Adam.

— Energia de sonho — disse Ronan. Motosserra pulou desordenadamente do ombro dele para o balcão e teve de ser afastada do eletrodoméstico. — A mais limpa que há.

As sobrancelhas sujas de terra de Adam se ergueram. Ele respondeu:

— Políticos não gostariam disso. Nada contra sua mãe, Gansey.

— Sem problemas — disse Gansey cordialmente.

— Ah, e isso — disse Ronan, apontando para o calendário na frente da geladeira.

Blue folheou o calendário. Ninguém estivera ali para mudar o mês, mas isso não tinha importância. Cada página era a mesma — doze páginas em abril, cada foto exibindo três pássaros negros sobre uma cerca. Houvera uma época em que Ronan acreditara que aquilo era só um truque de apresentação. Mas agora ele podia reconhecer prontamente o artefato de um sonho frustrado. Blue espiou os pássaros, o nariz quase tocando a imagem.

— São urubus ou corvos?

Ao mesmo tempo em que Ronan disse "corvos", Adam disse "urubus".

— O que mais tem aqui? — perguntou Gansey, usando sua voz *profundamente curiosa* e seu rosto *profundamente curioso*, que ele reservava normalmente para todas as coisas relativas a Glendower. — Quer dizer, coisas de sonho?

— E eu vou saber? — respondeu Ronan. — Nunca fiz um estudo.

— Então vamos fazer — disse Gansey.

Os quatro deixaram a geladeira, abrindo armários e repassando os itens sobre o tampo do balcão.

— O telefone não conecta na parede — observou Adam, virando um velho telefone de discar de cabeça para baixo para examiná-lo. — Mas ainda tem sinal.

Na era dos telefones celulares, Ronan achou aquela descoberta profundamente desinteressante. Ele encontrara havia pouco um lápis que na realidade era uma caneta; embora o arranhão exploratório de uma unha sobre a ponta tivesse revelado se tratar de um lápis apontado, ela gerava

uma linha perfeita de tinta azul quando arrastada sobre o bloco de notas ao lado da lata de canetas.

— O micro-ondas também não está conectado — disse Adam.

— Aqui tem uma colher com duas extremidades — acrescentou Gansey.

Um lamento agudo tomou conta da cozinha; Blue tinha descoberto que, ao girar o assento de um dos bancos altos, ele emitia um gemido que soava um pouco como "The Wind that Shakes the Barley" tocada diversas vezes mais rápido do que deveria. Ela o girou algumas vezes para ver se ele ia até o fim da canção. Não ia. Produto de outro sonho frustrado.

— *Maldita* — disse Gansey, largando uma faca sobre o balcão e sacudindo a mão. — Ela está incandescente. — Mas não estava. A lâmina era de aço inoxidável comum, e seu calor era percebido apenas pelo ligeiro odor do verniz do balcão, que derretia sob ela. Ele bateu no cabo algumas vezes para verificar que a faca inteira estava quente, não apenas a lâmina, e então usou um pano de prato para recolocá-la no aparador.

Ronan tinha parado de procurar a sério e estava só abrindo e fechando gavetas pelo prazer de ouvi-las bater. Ele não tinha certeza do que era pior: partir ou a expectativa de partir.

— Bem, isso não é nem um pouco frustrante — observou Adam, mostrando uma fita métrica que havia encontrado. A fita chegava a setenta e seis centímetros e não mais. — Eu teria jogado isso fora na manhã seguinte.

— Perfeito para medir caixas de pão — observou Gansey. — Talvez tenha valor nostálgico.

— E que tal isso? — Do corredor, Blue tocou a pétala de um lírio azul perfeito. Era um de uma dúzia reunida em um buquê sobre a mesinha do corredor. Ronan nunca dera muita atenção para as flores, mas, quando dera, ele sempre presumira que fossem falsas, uma vez que o vaso onde elas estavam nunca tivera água. Os lírios, brancos e azuis, eram grandes e aveludados, com estames dourados e espumosos, como ele jamais vira em outro lugar. Pensando bem, ele devia ter percebido. Adam arrancou um botão e virou a extremidade úmida do talo para os outros dois garotos.

— Elas estão vivas.

Esse era o tipo de coisa ao qual Gansey não conseguia resistir, e assim Adam e Ronan seguiram pelo corredor até a sala de jantar enquanto Gansey se demorava sobre as flores. Quando Ronan olhou sobre o ombro, Gansey estava parado, segurando uma flor na mão em concha. Havia algo de humilde e encantado no modo como ele estava parado, algo de grato e desejoso em seu rosto enquanto encarava a flor. Era uma expressão estranhamente deferente.

De alguma maneira, isso deixou Ronan ainda mais bravo. Ele se virou rapidamente antes que Gansey pudesse perceber seu olhar. Na sala de jantar cinza-clara, Adam estava tirando uma máscara de madeira de um gancho na parede.

Era entalhada em madeira escura e lisa, e parecia um suvenir barato para turistas. As órbitas dos olhos eram redondas e surpresas, a boca aberta em um sorriso franco, grande o suficiente para montes de dentes.

Ronan deu um salto.

— *Não.*

A máscara caiu ruidosamente no chão. Sobressaltado, Adam ficou olhando fixamente para onde a mão de Ronan segurava seu pulso. Ronan podia sentir o próprio coração batendo forte e, no pulso de Adam, o coração deste.

Ao mesmo tempo, ele o soltou e deu um passo para trás. Então pegou a máscara e a pendurou de volta na parede, mas seu pulso não baixou. Ele não olhou para Adam.

— Não faça isso — ele disse. Mas ele não sabia o que estava dizendo para Adam não fazer. Era possível que a versão de seu pai da máscara fosse inteiramente inofensiva. Era possível que ela só se tornasse mortal na cabeça de Ronan.

Subitamente, Ronan não suportava mais nada daquilo, os sonhos de seu pai, sua casa de infância, sua própria pele.

Ele deu um soco na parede. Os nós de seus dedos acertaram o estuque, e o estuque o acertou de volta. Ele sentiu o momento em que sua pele se partiu. Ele havia deixado uma ligeira marca de ira na parede, mas ela não havia rachado.

— Ah, por favor, Lynch — disse Adam. — Você está tentando quebrar a mão?

— O que foi isso? — perguntou Gansey da outra sala.

Ronan não fazia ideia do que era, mas fez aquilo de novo. E então chutou uma das cadeiras da sala de jantar. Jogou uma cesta alta cheia de flautas doces e de metal contra a parede. Arrancou um punhado de molduras pequenas de seus suportes. Ele estava irado antes, mas agora não era nada. Apenas nós dos dedos e centelhas de dor.

Abruptamente, seu braço parou em meio a um golpe.

O aperto de Gansey era firme, e sua expressão, a cinco centímetros de Ronan, não era divertida. Sua fisionomia era ao mesmo tempo jovem e velha. Mais velha que jovem.

— Ronan Lynch — ele disse. Era a voz que Ronan não conseguia suportar. Ela era convicta, de todas as maneiras que Ronan não conseguia ser. — Pare com isso *agora mesmo*. Vá ver a sua mãe. E depois vamos embora.

Gansey segurou o braço de Ronan um segundo a mais para ter certeza de que ele compreendera, e então o largou e se virou para Adam.

— Você ia ficar parado aí?

— Ãhã — respondeu Adam.

— Que decente da sua parte — disse Gansey.

Não havia calor na resposta de Adam.

— Não posso matar os demônios dele.

Blue não disse uma palavra, mas esperou no vão da porta até que Ronan se juntasse a ela. E então, enquanto os outros dois começaram a arrumar a sala de jantar, ela o acompanhou até a sala de estar.

Não era realmente uma sala de estar; ninguém mais precisava de uma sala de estar. Em vez disso, havia se tornado um depósito para tudo que parecia não pertencer a nenhum outro lugar. Três cadeiras de couro descombinadas estavam posicionadas de frente umas para as outras sobre o assoalho de madeira irregular — essa era a parte do *estar*. Vasos de cerâmica altos e delgados continham guarda-chuvas e espadas sem fio. Botas de borracha e pulas-pulas estavam alinhados nas paredes. Tapetes formavam rolos apertados de tapeçaria em um canto; um deles estava marcado com uma nota adesiva que dizia “esse não” na caligrafia de Niall. Um estranho candelabro de ferro, que fazia lembrar órbitas planetárias, estava pendurado no centro da sala. Niall provavelmente o tinha sonhado.

Certamente os outros dois candelabros que ficavam pendurados nos cantos, meio acessórios de iluminação, meio plantas em vasos, também eram coisas sonhadas. Provavelmente tudo ali era. Só agora que Ronan estivera longe da casa ele podia ver quão cheia de sonhos ela era.

E ali, no meio de tudo, estava sua bela mãe. Ela tinha uma plateia silenciosa de cateteres, dispositivos intravenosos e tubos de alimentação — todas as coisas que as enfermeiras que a acompanhavam sempre acharam que ela precisaria. Mas ela não pedia nada. Era uma rainha sedentária de um poema épico antigo: cabelo dourado penteado para o lado, emoldurando o rosto pálido, bochechas coradas, lábios vermelhos como o diabo, olhos tranquilamente fechados. Ela não se parecia nem um pouco com seu marido carismático e seus filhos problemáticos.

Ronan caminhou diretamente até ela, próximo o suficiente para ver que ela não tinha mudado nada desde a última vez que ele a vira, meses e meses atrás. Embora a respiração de Ronan movesse os cabelos finos em torno das têmporas dela, ela não reagiu à presença do filho.

O peito dela subia e descia. Seus olhos permaneciam fechados.

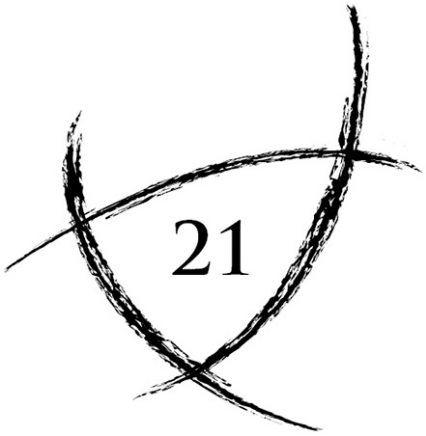
Non mortem, somni fratrem. Não a morte, mas seu irmão, o sono.

Blue sussurrou:

— Que nem os outros animais.

A verdade — Ronan sempre a soubera, na realidade, se pensasse a respeito — se internalizou nele. Blue estava certa.

Sua casa era povoada por coisas e criaturas dos sonhos de Niall Lynch, e sua mãe era apenas mais uma delas.



Blue achou que já estava mais do que na hora de eles levarem Ronan até a família dela para uma consulta. Monstros de sonhos eram uma coisa. Mães de sonhos eram outra. Na manhã seguinte, ela foi de bicicleta até a Indústria Monmouth e lançou a ideia. Houve um silêncio, e então: — Não — disse Ronan.

— Como? — ela perguntou.

— Não — ele respondeu. — Eu não vou.

Deitado no chão ao lado da longa impressão aérea da linha ley, Gansey não ergueu o olhar.

— Ronan, não seja difícil.

— Não estou sendo difícil. Só estou dizendo que não vou.

— Não é o dentista — disse Blue.

Recostado contra o batente da porta do quarto, Ronan respondeu: — Exatamente.

Gansey fez uma anotação na impressão.

— Isso não faz sentido.

Mas fazia. Blue achou que sabia exatamente o que estava acontecendo. De modo frio, ela disse: — É uma questão religiosa, não é?

— Você não precisa falar desse jeito — desdenhou Ronan.

— Na realidade, preciso sim. Essa é a parte em que você me diz que eu e a minha mãe vamos para o inferno?

— Eu não excluiria essa possibilidade — ele disse. — Mas realmente não tenho informações privilegiadas a esse respeito.

Com isso, Gansey rolou de costas e cruzou as mãos sobre o peito. Ele usava uma camisa polo salmão, que, na opinião de Blue, era bem mais infernal que qualquer coisa que eles tivessem discutido até aquele momento.

— Do que vocês estão falando agora?

Blue não podia acreditar que ele não soubesse ainda qual era o conflito. Ou ele era incrivelmente desatento ou extraordinariamente iluminado. Conhecendo Gansey, sem dúvida alguma era a primeira opção.

— Essa é a parte em que o Ronan começa a usar a palavra *oculto* — disparou Blue. Ela ouvira versões dessa conversa inúmeras vezes na vida; já havia se tornado lugar-comum demais alfinetá-la. Mas ela não esperava isso de seu círculo íntimo.

— Não estou usando palavra nenhuma — disse Ronan. O que sempre irritava a respeito de Ronan era que ele ficava bravo quando todo mundo estava calmo, e calmo quando todo mundo estava bravo. Porque Blue estava prestes a estourar uma veia, a voz dele era absolutamente pacífica. — Só estou dizendo que não vou. Talvez seja errado, talvez não. Minha alma já corre bastante perigo do jeito que as coisas estão.

Com isso, o rosto de Gansey ficou genuinamente sério, e pareceu que ele estava prestes a dizer alguma coisa. Mas apenas balançou a cabeça um pouco.

— Você acha que nós temos parte com o diabo, Ronan? — perguntou Blue. A pergunta teria melhor efeito se ela a tivesse feito com uma doçura doentia. Ela podia imaginar Calla fazendo isso, mas estava irritada demais para fazê-lo. — Elas são adivinhas diabólicas?

Ele revirou os olhos sensualmente para ela. Era como se ele simplesmente absorvesse a raiva dela, poupando-a toda para quando a precisasse para si mesmo.

— Minha mãe descobriu que era médium porque viu o futuro em um sonho — disse Blue. — Um *sonho*, Ronan. Ela não precisou sacrificar uma cabra no quintal para ver nada. Ela não tentou ver o futuro. É algo que ela se tornou, é algo que ela *é*. Eu também poderia dizer que você é diabólico porque pode tirar coisas dos seus sonhos!

— É, poderia — disse Ronan.

Gansey ficou com o cenho mais franzido ainda. Mais uma vez ele abriu a boca e a fechou.

Blue não conseguia deixar o assunto de lado. Ela disse: — Então, mesmo que isso pudesse te ajudar a compreender você e o seu pai, você não vai falar com elas.

Ele deu de ombros, tão desinteressado quanto Kavinsky.

— Não.

— Por quê, seu cabeça-dura...

— Jane — Gansey engrossou a voz. *Desatento!* Ele desviou os olhos para ela, parecendo tão majestoso quanto uma pessoa pode parecer deitada de costas com uma camisa polo salmão. — Ronan.

— Estou sendo totalmente educado, cacete — disse Ronan.

— Você está sendo medieval — respondeu Gansey. — Diversos estudos sugerem que a mediunidade faz parte do reino da ciência, não da magia.

Ah. Iluminado.

— Por favor, cara — disse Ronan.

Gansey se sentou.

— Por favor, você. Todos nós sabemos que Cabeswater modifica o tempo. Você mesmo conseguiu escrever naquela rocha em Cabeswater antes que qualquer um de nós tivesse chegado lá. O tempo não é uma linha. É um círculo ou um número oito ou um maldito brinquedo de molas. Se você pode acreditar nisso, não sei por que não pode acreditar que alguém possa ser capaz de ver algo mais adiante nesse brinquedo de molas.

Ronan olhou para ele.

Aquele olhar, pensou Blue. Ronan Lynch faria qualquer coisa por Gansey.

Eu também provavelmente faria, ela pensou. Era impossível para ela compreender como ele conseguia produzir esse efeito naquela camisa polo.

— Como você quiser — disse Ronan. O que queria dizer que ele faria.

Gansey olhou para Blue.

— Feliz, Jane?

— Como você quiser — disse Blue.

O que queria dizer que ela estava.



Maura e Persephone estavam trabalhando, mas Blue conseguiu pegar Calla de jeito na Sala do Gato/Telefone/Costura. Se ela não podia ter as três juntas, era Calla que ela queria de qualquer maneira. Calla era uma médium tão tradicional quanto as outras duas, mas tinha um dom estranho, adicional: a psicometria. Quando ela tocava um objeto, muitas vezes podia sentir de onde ele tinha vindo, o que o proprietário estava pensando quando o usou e onde ele poderia terminar. Como eles pareciam estar lidando com coisas que eram ao mesmo tempo pessoas *e* objetos, o talento de Calla parecia vir a calhar.

Parada no vão da porta com Ronan e Gansey, Blue disse: — Precisamos do seu conselho.

— Tenho certeza que sim — respondeu Calla, não da maneira mais receptiva. Ela tinha uma daquelas vozes graves, de tabagista, que sempre pareciam mais apropriadas para um filme em preto e branco. — Faça a sua pergunta.

Educadamente, Gansey perguntou:

— Você tem certeza que consegue pensar desse jeito?

— Se está duvidando de mim — disparou Calla —, não sei por que você está aqui.

Em defesa de Gansey, Calla estava de cabeça para baixo, pendurada magnificamente no teto da Sala do Gato/Telefone/Costura. A única coisa

que evitava que ela despencasse no chão era uma faixa de seda roxo-escura enrolada em volta de uma das coxas.

Gansey desviou o olhar e sussurrou no ouvido de Blue: — Isso é um ritual?

Havia algo um pouco mágico naquilo, supôs Blue. Embora a sala, coberta por um papel de parede verde listrado, estivesse cheia de uma miríade de bugigangas para atrair atenção, era difícil evitar olhar para a forma de Calla girando lentamente. Parecia impossível que aquele pedaço de seda fosse segurar o peso dela. Naquele momento, ela estava virada para o canto, de costas para eles. Sua túnica pendia baixa, revelando uma porção considerável de pele bem morena, uma alça de sutiã rosa e quatro coiotes minúsculos tatuados correndo ao longo da espinha dela.

Segurando a caixa quebra-cabeça nas mãos, Blue sussurrou de volta: — É ioga aérea. — Mais alto, disse: — Calla, é sobre o Ronan.

Calla se endireitou, enrolando a seda em volta da outra coxa.

— Quem é ele mesmo? O bonito?

Blue e Gansey se entreolharam. O olhar de Blue disse: *Sinto muito, de verdade.* O de Gansey: *Sou eu o bonito?*

Calla continuou girando, quase imperceptivelmente. À medida que se enrolava, ficava cada vez mais óbvio que Calla não era a mulher mais magra no planeta, mas tinha músculos abdominais que *uau*.

— O camiseta da Coca-Cola?

Ela queria dizer Adam. Ele usara uma camiseta vermelha da Coca-Cola na primeira leitura, e agora e para sempre seria identificado por ela.

Ronan disse, com a voz num rosnado baixo:

— A cobra.

A rotação de Calla parou assim que ele terminou de falar. Eles olharam um para o outro por um longo momento, Ronan em pé, Calla de cabeça para baixo. Motosserra, sobre o ombro de Ronan, virou a cabeça para ver melhor. Não havia nada particularmente simpático a respeito de Ronan naquele instante, a boca bonita traçando uma linha cruel, a tatuagem sombria saindo pela gola da camiseta preta, o corvo pressionado contra a lateral da cabeça raspada. Era difícil lembrar do Ronan que havia pressionado aquele camundongo pequenino contra o rosto lá na Barns.

De cabeça para baixo, Calla tentou parecer desinteressada, mas estava claro, pelas sobrancelhas arqueadas, que ela estava terrivelmente interessada.

— Compreendo — Calla respondeu finalmente. — De que tipo de conselho você precisa, Cobra?

— Meus sonhos — respondeu Ronan.

Agora as sobrancelhas se combinavam com a boca desinteressada. Ela se permitiu girar para longe deles de novo.

— É com a Persephone que você vai querer conversar sobre interpretação de sonhos. Boa sorte.

— Eles vão te interessar — disse Ronan.

Calla apenas deu risada e estendeu uma das pernas.

Blue fez um ruído irritado. Com dois passos largos sala adentro, ela pressionou a caixa quebra-cabeça contra o peito nu de Calla.

Calla parou de girar.

Lentamente, ela se endireitou. O gesto foi tão elegante quanto um movimento de balé, uma bailarina do cisne desabrochando. Então perguntou: — Por que você não disse antes?

— Eu disse — respondeu Ronan.

Ela comprimiu os lábios roxo-escuros.

— Uma coisa você devia saber a meu respeito, Cobra. Eu não acredito em qualquer um.

Motosserra sibilou. Ronan disse:

— Uma coisa você devia saber a meu respeito. Eu nunca minto.



Calla continuou a fazer sua ioga aérea pelo resto da conversa.

Às vezes ela estava do lado certo, as pernas curvas para baixo.

— Todas essas coisas ainda fazem parte de você. Para mim, elas parecem exatamente do jeito que você sente. Bem, na maior parte das vezes. São como as unhas que você corta. Então elas compartilham a mesma vida que você. A mesma alma. Vocês são a mesma entidade.

Ronan quis protestar — se Motosserra caísse de uma mesa, ele não sentiria a dor dela, mas não sentiria a dor de uma de suas unhas cortadas também.

— Então, quando você morrer, elas vão parar.

— Parar? Elas mesmas não vão morrer? — perguntou Gansey.

Calla se virou de cabeça para baixo, os joelhos dobrados e os pés pressionados um no outro. Isso a deixava com um ar de aranha habilidosa.

— Quando você morre, seu computador não morre também. Elas nunca chegaram a viver realmente, da forma como você pensa na vida. Não é uma alma que está animando essas coisas. Tire o sonhador e... elas são como um computador esperando pelos comandos.

Ronan pensou no que Declan havia dito todos aqueles meses atrás: *A mamãe não é nada sem o papai*. Ele estava certo.

— Então a minha mãe nunca vai despertar.

Calla escorregou lentamente até se endireitar, livrando as mãos.

— Cobra, me passe esse pássaro.

— Não aperte — disse Ronan brevemente, dobrando as asas do corvo contra o corpo e o entregando a Calla.

Motosserra prontamente bicou o dedo dela. Sem se intimidar, Calla exibiu os dentes de volta para o corvo.

— Cuidado, gatinha — ela disse para Motosserra, com um sorriso mortal. — Eu também mordo. Blue?

Isso significava que ela queria usar o poder invisível de Blue para incrementar sua visão. Blue pousou uma mão no joelho de Calla e usou a outra para evitar que ela girasse. Por um longo momento, Calla ficou pendurada ali com os olhos fechados. Motosserra ficou imóvel em suas mãos, as penas eriçadas diante da ignomínia de toda a situação. Então Calla fixou o olhar em Ronan, com um sorriso bruscamente armado se manifestando nos lábios pintados de roxo-escuro.

— O que você *fez*, Cobra?

Ronan não respondeu. O silêncio nunca era a resposta errada.

Calla enfiou o pássaro nas mãos de Blue, que tentou acalmá-lo antes de devolvê-lo para Ronan.

— Eis a questão. A sua mãe era um sonho. Seu tolo pai a tirou do sonho. Como se não tivesse mulheres suficientes no mundo sem que seja

preciso fazer uma. E agora ela não tem sonhador. Você quer a sua mãe de volta, mas ela tem que voltar em um sonho.

Então ela realizou vários procedimentos elaborados, todos eles aparentemente elegantes e pouco exigentes. Eles lembravam a Ronan um pouco do movimento da caixa quebra-cabeça, no sentido de que pareciam meio ilógicos, meio impossíveis. Era difícil compreender como ela tirava o braço da seda sem enrolar o torso. Difícil perceber como ela torcia a perna sem cair no chão.

Ronan interrompeu o silêncio.

— Cabeswater. Cabeswater é um sonho.

Calla parou de girar.

— Você não precisa me dizer que estou certo — disse Ronan. Ele pensou em todas as vezes em que sonhara com as árvores antigas de Cabeswater; em quão familiar parecia caminhar por lá; no modo como as árvores sabiam o nome dele. Ele estava preso nas raízes delas, de certa maneira, e elas, nas veias dele. — Se a minha mãe estiver em Cabeswater, ela vai despertar.

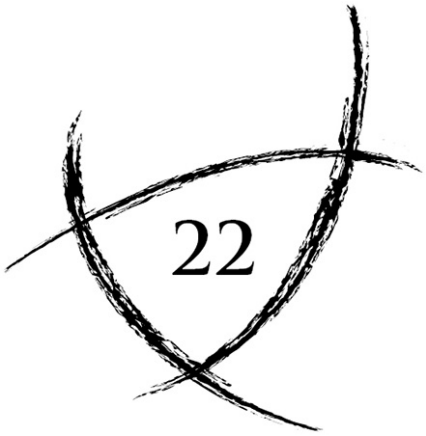
Calla o encarou. O silêncio nunca era a resposta errada.

— Acho que realmente precisamos recuperar Cabeswater, então — disse Gansey.

Blue inclinou a cabeça de maneira que Calla ficasse ligeiramente menos de cabeça para baixo em relação a ela.

— Alguma ideia?

— Não sou mágica — disse Calla. Blue deu um giro nela. Calla riu a volta inteira, um som satisfeito, sujo. Ela apontou para Ronan enquanto ele se dirigia para a porta. — Mas ele é. E outra coisa: livre-se daquela máscara. Que criação detestável.



Últimos desejos & testamento de
Niall T. Lynch

Artigo 1
Declarações preliminares

Eu sou casado com Aurora Lynch e todas as referências neste testamento à minha esposa dizem respeito a Aurora Lynch.
Tenho três filhos vivos, chamados Declan T. Lynch, Ronan N. Lynch e Matthew A. Lynch. Todas as referências neste testamento a meu "filho" ou "filhos" ou "prole" dizem respeito ao filho ou filhos acima, e a qualquer filho ou filhos nascidos ou adotados no futuro por mim. Todas as referências ao "filho do meio" dizem respeito a Ronan N. Lynch.

— Eu estava pensando que podíamos passar o Quatro de Julho juntos — disse Matthew, espiando Ronan; a luz da tarde que caía deixava seus

cachos angelicais. A pedido de Ronan, eles tinham se encontrado para jantar no parque central da cidade. Era um ato egoísta. Tanto Declan quanto Ronan tratavam Matthew como um manto de segurança. — Nós três. Para ver os fogos de artifício.

Ronan se curvou sobre ele de cima da velha mesa de piquenique.

— Não.

Antes que o irmão mais novo tivesse chance de dizer algo para inadvertidamente fazê-lo se sentir culpado e então topar o convite, Ronan gesticulou para o sanduíche de atum de Matthew com o seu.

— Como está o seu sanduíche?

— Ah, está bom — disse Matthew entusiasticamente. Não chegava a ser um grande elogio. Matthew Lynch era um fosso dourado e indiscriminado no qual o mundo jogava comida. — Está muito bom. Eu não acreditei quando você ligou. Quando vi seu número na tela, quase me caguei todo! Você poderia vender o seu telefone, tipo, como se fosse novinho, na caixa.

— Sem palavrão, cacete — disse Ronan.

Artigo 2
Doações e legações testamentárias

Lego a soma de vinte e três milhões de dólares ($ 23.000.000,00) para um fundo em separado que deverá providenciar o cuidado e a manutenção perpétuos da propriedade referida como “Barns” (ver item B) e para o cuidado, a educação e o alojamento dos meus filhos sobreviventes. Esse fundo deve ser executado por Declan T. Lynch até todos os filhos completarem dezoito anos de idade.

Lego a soma de três milhões de dólares ($ 3.000.000,00) para meu filho Declan T. Lynch, assim que ele completar dezoito anos de idade.

Lego a soma de três milhões de dólares ($ 3.000.000,00) para meu filho Ronan N. Lynch, assim que ele completar dezoito anos de idade.

Lego a soma de três milhões de dólares ($ 3.000.000,00) para meu filho Matthew A. Lynch, assim que ele completar dezoito anos

de idade.

Ronan pegou uma batata de Matthew e deu para Motosserra, que a mutilou sobre a superfície da mesa, mais pelo ruído que pelo gosto. Na calçada, uma senhora empurrando um carrinho de bebê lhe lançou um olhar feio, fosse por estar sentado sobre a mesa ou por parecer pouco respeitável andar com aves carniceiras. Ronan lhe devolveu o olhar, com alguns graus a mais de vulgaridade.

— Ei, o Declan ainda perderia a cabeça se a gente voltasse para a Barns?

Mastigando afetuosamente, Matthew abanou para o conteúdo do carrinho de bebê. O conteúdo abanou de volta. Ele falou com a boca cheia.

— Ele sempre perde. A cabeça, quero dizer. Sobre isso. E sobre você. É verdade que a gente perde nosso dinheiro se voltarmos? O papai era realmente tão mau quanto o Declan diz?

Artigo 7
Condição adicional

> Com a minha morte, nenhum dos meus filhos poderá adentrar os limites físicos da "Barns", tampouco perturbará nada que esteja dentro da propriedade, vivo ou inerte, ou os ativos tratados neste testamento serão legados para o fundo New York-Roscommon, exceto o fundo estabelecido para o cuidado continuado de Aurora Lynch.

— O quê? — Ronan largou seu sanduíche, e Motosserra o pegou furtivamente. — O que ele diz sobre o papai?

O irmão mais novo deu de ombros.

— Sei lá, só que ele nunca estava lá ou algo do gênero. Você sabe. Ei, o Declan não é tão ruim assim. Não sei por que vocês dois não se dão.

A mamãe e o papai simplesmente não se amam mais, pensou Ronan, mas não podia dizer isso para Matthew, que o encarava com os mesmos olhos confiantes que o bebê-camundongo virara para ele. Aquele lanche não bastara para recuperar seu equilíbrio. Sua visita ilícita à Barns, a

percepção a respeito de sua mãe e a avaliação de Calla da situação o haviam deixado muito abalado. Subitamente, Ronan estava diante de uma decisão: se deveria ou não reviver sua mãe. Se ele pudesse ter a mãe de volta, isso certamente ajudaria, mesmo se ela tivesse de morar em Cabeswater. Um dos pais era melhor que nenhum. A vida era melhor que a morte. Ficar desperto era melhor que ficar dormindo.

Mas as palavras de Declan incomodavam Ronan: *Ela não é nada sem o papai*.

Era como se ele soubesse. Ronan queria muito saber *quanto* Declan sabia, mas não podia perguntar.

— O Declan começou a me odiar primeiro — disse Ronan. — Caso você esteja se perguntando. Então não fui eu.

Matthew soltou uma respiração com cheiro de atum, com o ar alegre e contente de uma freira ou de um maconheiro.

— Ele só estava chateado porque o papai gostava mais de você. Eu não me importava. Todo mundo tem preferências. A mamãe gostava mais de *mim*, de qualquer forma.

Artigo 2A

Legados adicionais

Lego toda minha parte na propriedade imobiliária que era minha residência no momento de minha morte (a "Barns"), assim como qualquer seguro sobre essa propriedade, para meu filho do meio.

Os dois comeram seus sanduíches em silêncio. Ronan pensou que ambos provavelmente estavam considerando que isso deixava Declan como o favorito de ninguém.

Se eu era o seu favorito, ele perguntou ao pai morto, *por que você me deixou uma casa aonde eu jamais posso voltar?*

Cuidadosamente — isso era difícil, pois Ronan nunca fazia nada cuidadosamente —, ele perguntou:

— O Declan fala sobre sonhos?

Ele precisou repetir a pergunta. Tanto Matthew quanto Motosserra haviam se distraído com um par de borboletas-monarcas.

— Tipo, os dele? — perguntou Matthew, e deu de ombros de maneira elaborada. — Não acho que ele sonhe. Ele toma remédio para dormir, sabia?

Ronan não sabia.

— De que tipo?

— Sei lá. Mas eu olhei a caixa. O dr. Mac deu para ele.

— Doutor quem, cacete?

— O médico da Aglionby.

Ronan assobiou.

— Ele não é médico, cara. É enfermeiro ou algo assim. Não sei se ele pode receitar remédios. Por que o Declan toma remédio para dormir?

Matthew enfiou o restante de seu sanduíche na boca.

— Ele diz que você está dando úlcera nele.

— Úlceras não são problemas de sono. Elas aparecem quando o ácido faz um maldito buraco no seu estômago.

— Ele diz que você e o papai eram sonhadores — disse Matthew —, e que você vai fazer a gente perder tudo.

Ronan ficou absolutamente imóvel. Ele parou tão rapidamente que Motosserra congelou também, a cabeça inclinada na direção do irmão

Lynch mais novo, o sanduíche de atum roubado esquecido.

Declan sabia a respeito do pai deles. Declan sabia a respeito da mãe deles. Declan sabia a respeito *dele*.

O que isso mudava? Nada, talvez.

— Ele colocou uma arma debaixo do banco do carro — disse Matthew. — Eu vi quando meu telefone caiu entre os bancos.

Ronan percebeu que Matthew tinha parado de mastigar e de se mexer e, em vez disso, estava curvado sobre a mesa de piquenique, seus olhos líquidos e incertos encarando o irmão mais velho.

— Não diga *assaltantes* — disse Matthew por fim.

— Eu não ia dizer — respondeu Ronan. — Você sabe que eu não minto.

Matthew anuiu rápido. Ele estava mordendo o lábio. Seus olhos estavam inconscientemente marejados.

— Escute — disse Ronan, e então de novo —, escute. Acho que eu sei como dar um jeito na mamãe. Ela não vai poder ficar na Barns e... quer dizer, não podemos ir lá de qualquer jeito... e acho que eu sei como dar um jeito nela. Então pelo menos a gente vai ter ela de volta.

> Niall Lynch encontra-se, no momento da celebração deste testamento, com a mente sã e sem nenhum problema de memória ou compreensão. Age de livre e espontânea vontade e goza de plena capacidade para realizá-lo. Este testamento é válido até que outro documento mais recente seja criado.
>
> Firmo o presente: T'Libre vero-e ber nivo libre n'acrea.

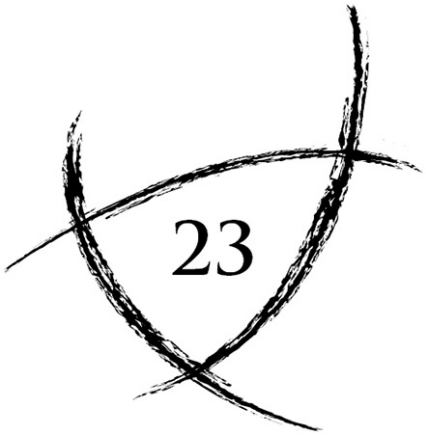
Provavelmente fora por isso que ele ligara para Matthew. Ele provavelmente tivera a intenção de prometer essa esperança impossível desde o início. Ele provavelmente precisava dizê-la em voz alta para que ela parasse de abrir um maldito buraco no seu estômago.

Seu irmão mais novo parecia cauteloso.

— Sério?

A decisão galvanizou Ronan.

— Eu prometo.



O Homem Cinzento levou vários dias para perceber que havia perdido a carteira. Ele teria notado antes, se não tivesse sucumbido aos dias cinzentos — dias em que a manhã parecia esvaída de cor e se levantar não tinha importância. Muitas vezes o Homem Cinzento não comia nesses dias; ele certamente não olhava o relógio. Ele estava dormindo e desperto ao mesmo tempo, não havia diferença entre as duas coisas, sem sonhar, indiferente. E então uma manhã ele abriria os olhos e descobriria que o céu havia se tornado azul de novo.

Ele tivera vários dias cinzentos no porão da Pousada Vale Aprazível, e, após ter se levantado no amanhecer e comido trêmulo algo, colocou a mão no bolso de trás da calça e o encontrou vazio. A carteira de identidade falsa e os cartões de crédito inúteis — o Homem Cinzento pagava tudo em dinheiro — não estavam mais ali. Deviam estar na Rua Fox, 300.

Ele tentaria dar uma passada lá mais tarde. Conferiu o telefone para ver se havia mensagens de Greenmantle, deixou os olhos pularem sem dar atenção à chamada perdida de seu irmão uns dias antes e finalmente consultou suas anotações codificadas para si mesmo.

Ele olhou de relance pela janela. O céu tinha um tom irreal de azul. Ele sempre se sentia muito vivo naquele primeiro dia. Cantarolando um pouco, o Homem Cinzento colocou as chaves no bolso. Próxima parada: Indústria Monmouth.



Gansey não estava se sentindo bem com o desaparecimento de Cabeswater. Ele tentara se reconciliar com a ideia. Era mais um revés, e ele sabia que precisava tratá-lo como todos os outros reveses: formular um plano novo, encontrar outra pista, jogar todos os recursos em uma nova direção. Mas a situação não *parecia* um revés qualquer.

Ele havia passado quarenta e oito horas mais ou menos desperto e angustiado, e então, no terceiro dia, comprara um sonar de varredura lateral, dois aparelhos de ar-condicionado, um sofá de couro e uma mesa de sinuca.

— Agora está se sentindo melhor? — perguntara Adam secamente.

Gansey respondera:

— Não faço ideia do que você está falando.

— Ei, cara — disse Ronan —, gostei da mesa de sinuca.

A situação inteira deixava Blue maluca.

— Tem crianças passando fome nas ruas de Chicago — ela disse, o cabelo se eriçando de indignação. — Três espécies são extintas a cada hora porque não existem recursos que as proteja. E você ainda está usando esses mocassins idiotas e, de todas as coisas que você comprou, ainda não trocou esses sapatos!

Perplexo, Gansey observou os pés. O movimento dos dedos era praticamente imperceptível por fora dos mocassins. Realmente, diante dos últimos acontecimentos, aqueles sapatos eram a única coisa *certa* no mundo.

— Eu *gosto* desses sapatos.

— Às vezes eu odeio você — disse Blue. — E a *Orla*, ainda por cima!

Isso foi porque Gansey também tinha alugado um barco, um trailer e uma picape para rebocá-los, e então pedira à prima mais velha de Blue, Orla, para acompanhá-los em sua última viagem. A picape alugada exigia um motorista com mais de vinte e um anos, e a missão, de acordo com Gansey, exigia uma médium. Orla se encaixava nos dois quesitos e estava mais que disposta a ir junto. Ela tinha chegado a Monmouth vestida para trabalhar: calça boca de sino, sandália plataforma e um top de biquíni laranja. Sua barriga nua era tão claramente um convite à admiração que Gansey podia ouvir a voz carregada de menosprezo do pai em seu ouvido. *As garotas hoje em dia...* Mas Gansey tinha visto fotos de garotas na época de seu pai, e elas não lhe pareciam muito diferentes.

Ele trocou um olhar com Adam, porque isso tinha de ser feito, e é claro que Blue o interceptou. Os olhos dela se estreitaram. Ela vestia duas camisetas regatas rasgadas e calça cargo descolorida. Em algum universo paralelo, havia um Gansey que poderia dizer a Blue que achava vinte centímetros de suas panturrilhas nuas muito mais perturbadores que os dois metros quadrados de pele nua que Orla exibia. Mas, neste universo, esse trabalho era de Adam.

Gansey estava com um humor péssimo.

Em algum lugar em Henrietta, algo estourou explosivamente. Ou era um transformador vitimado pelos caprichos da linha ley ou Joseph Kavinsky estava se divertindo prematuramente com um de seus infames explosivos para o Quatro de Julho. De qualquer maneira, era um bom dia para sair da cidade.

— A gente devia começar a se mexer — ordenou Gansey. — Vai esquentar.



A poucas dezenas de metros dali, o Homem Cinzento estava sentado na Monstruosidade Champanhe, na Avenida Monmouth, folheando um livro de história e ouvindo o disco *Muswell Hillbillies*, enquanto o ar-condicionado brincava em sua pele. Realmente, ele deveria estar

estudando a história galesa — sua pesquisa superficial sobre os irmãos Lynch revelara que um dos garotos com quem eles andavam era obcecado por isso —, mas, em vez disso, se divertia tentando uma nova tradução de "Bede's Death Song". Era como um quebra-cabeça arcaico. Quando o texto dizia *Fore ðæm nedfere nænig wiorðe*, seria mais próximo da intenção original do escritor traduzi-lo como "Antes da jornada fatídica para lá" ou "Diante do caminho para a Morte"? Provações prazerosas!

O Homem Cinzento olhou para cima quando um garoto emergiu da Indústria Monmouth. O pátio com a grama alta já estava uma bagunça de adolescentes, veículos e barcos alugados; era evidente que eles estavam se aprontando para ir a algum lugar. O garoto que saíra havia pouco era o careta, exibido, que parecia pronto para cair no Senado — Richard Gansey. O terceiro. Isso significava que em algum lugar havia pelo menos dois outros Richard Gansey. Ele não notou o carro alugado do Homem Cinzento estacionado em paralelo nas sombras. Tampouco notou o Mitsubishi branco estacionado mais adiante na estrada. O Homem Cinzento não era o único esperando que o prédio da Indústria Monmouth ficasse vazio.

Um colega acadêmico perguntara certa vez ao Homem Cinzento: "Por que história anglo-saxônica?" Na época, a pergunta pareceu boba e irrespondível para o Homem Cinzento. As coisas que o atraíam para aquele período no tempo eram certamente inconscientes e multifacetadas, difundidas em seu sangue por uma vida inteira de influências. Alguém poderia simplesmente lhe perguntar por que ele preferia usar cinza, por que ele não gostava de nenhum tipo de molho, por que adorava os anos 70, por que era tão fascinado por irmãos quando ele mesmo não parecia conseguir ser um. Ele havia dito ao acadêmico que as armas haviam tornado a história chata, o que ele sabia ser mentira mesmo enquanto a dizia, e então se retirara da conversa. É claro que depois ele pensou na resposta verdadeira, mas então já era tarde demais.

Era isto: Alfredo, o Grande. Alfredo se tornou rei durante um dos períodos difíceis da história inglesa. Não havia Inglaterra, na realidade, não na época. Apenas pequenos reinos com dentes ruins e pavio curto. A vida era, como dizia o velho ditado, dura, bruta, curta. Quando os vikings desembarcaram rasgando na ilha, os reinos não tiveram nenhuma chance. Mas Alfredo tomou a iniciativa de uni-los. Fez deles uma irmandade e

expulsou os vikings. Promoveu a alfabetização e a tradução de livros importantes. Encorajou poetas, artistas e escritores. Propiciou uma renascença antes mesmo de os italianos considerarem o conceito.

Ele era apenas um homem, mas havia mudado a Inglaterra anglo-saxônica para sempre. Impôs ordem e honra, e, sob esse princípio opressor de relva, a flor da poesia e da civilidade conseguiu abrir caminho.

Que herói, pensou o Homem Cinzento. *Outro Artur.*

Sua atenção se aguçou quando Ronan Lynch saiu da velha fábrica. Ele era muito parecido com Declan: mesmo nariz, mesmas sobrancelhas escuras, mesmos dentes fenomenais. Mas havia um senso de perigo cuidadosamente cultivado nesse irmão Lynch. Esse não era uma cascavel escondida na relva, mas uma cobra coral raiada com cores de advertência. Tudo a respeito dele era uma advertência: se essa cobra o mordesse, você não tinha ninguém para culpar a não ser a si mesmo.

Ronan abriu a porta lateral do motorista do BMW carvão com tanta força que o carro sacudiu, então se jogou para dentro com tanta força que o carro continuou sacudindo, e então bateu a porta com tanta força que o carro sacudiu ainda mais. E aí partiu com tanta velocidade que fez os pneus cantarem.

— Hum — disse o Homem Cinzento, já preferindo esse irmão Lynch ao último.

A picape alugada arrancou com bem mais cuidado que o BMW e seguiu pela rua na mesma direção. Então, embora o estacionamento estivesse vazio, o Homem Cinzento esperou. Como esperado, o Mitsubishi branco que ele tinha visto antes apareceu, o baixo do estéreo liquefazendo lentamente o pavimento abaixo dele. Um garoto saiu do carro, carregando uma sacola plástica pequena cheia de algo que pareciam cartões de visita. Ele era do tipo que o Homem Cinzento preferia manter distância; cantarolava com uma energia ansiosa, imprevisível. O Homem Cinzento não se importava com pessoas perigosas, mas preferia pessoas perigosas sóbrias. Ele observou o garoto entrar na fábrica e voltar com a sacola vazia. O Mitsubishi partiu, pneus cantando.

Então o Homem Cinzento desligou os Kinks, atravessou a rua e subiu a escada para o apartamento no segundo andar. No patamar, descobriu o conteúdo da sacola do Garoto do Mitsubishi: uma pilha de carteiras de

motorista da Virgínia idênticas. Cada uma trazia uma fotografia mal-humorada de Ronan Lynch ao lado de uma data de nascimento que o colocaria a alguns meses da festa de seu aniversário de setenta e cinco anos. Fora a data de nascimento claramente jocosa, eram falsificações muito boas. O Homem Cinzento segurou uma contra a luz que passava pela janela quebrada. Quem a produzira havia caprichado no trabalho de replicar a parte mais difícil, o holograma. O Homem Cinzento estava impressionado.

Ele deixou as carteiras do lado de fora e arrombou a porta da Indústria Monmouth. Mas foi cuidadoso. Quebrar uma fechadura era fácil. Voltar atrás, não. Enquanto o Homem Cinzento trabalhava nela, digitou um número no telefone e o ajeitou no ombro. Levou um momento para alguém atender.

— Ah, é você — disse Maura Sargent. — Rei de espadas.

— E é você. A espada nas minhas costas. Acho que perdi minha carteira em algum lugar. — O Homem Cinzento deixou a porta comprometida se abrir. Um cheiro de papel mofado e hortelã se assomou à sua volta. Grãos de poeira brincavam sobre milhares de livros; não era bem isso o que ele esperava. — Quando você estava passando o aspirador debaixo de Calla, não encontrou nada por acaso?

— Passando o aspirador! — disse Maura. — Vou olhar. Ah. Veja só. *Tem* uma carteira no sofá. Imagino que você queira vir buscar. Como vamos fazer?

— Eu adoraria conversar a respeito. — O Homem Cinzento trancou a porta atrás de si. Se os garotos voltassem para buscar algo, ele teria alguns segundos para encontrar um plano de ação. — Pessoalmente.

— Você é realmente horripilante.

— Imagino que você goste de homens horripilantes.

— Provavelmente — admitiu Maura. — Misteriosos, talvez. *Horripilante* é uma palavra muito forte.

O Homem Cinzento caminhou em meio à confusão da busca de Gansey. Tirou um mapa aberto na parede. Ele ainda não tinha certeza do que estava procurando.

— Você podia me fazer uma leitura. — Ele sorriu ligeiramente enquanto dizia isso, folheando um livro sobre armas medievais que ele

também tinha.

Maura ouviu o sorriso em sua voz.

— Com certeza não posso. Nenhum de nós quer isso, posso lhe garantir.

— Tem certeza? Eu poderia ler mais poesia para você quando tiver terminado. Eu sei um monte de poesias.

Maura gargalhou.

— Isso é um lance da Calla.

— E qual é o seu lance? — O Homem Cinzento conferiu uma pilha de livros sobre a língua galesa. Ele se sentia tão encantado com todos aqueles objetos de Richard Gansey. No entanto, não sabia direito se Gansey compreendia quão bem Glendower estava escondido. A história era sempre enterrada fundo, mesmo quando você sabia onde procurá-la. E era difícil escavá-la sem cometer estragos. Pincéis e esfregões de algodão, não cinzéis e picaretas. Trabalho lento. Você tinha de gostar de fazê-lo.

— O meu lance — disse Maura — é que eu nunca conto qual é o meu lance.

Mas ela estava satisfeita; ele podia sentir isso na voz dela. Ele gostava da voz dela, também. Ela tinha a dose certa de sotaque de Henrietta, de maneira que você sabia de onde ela vinha.

— Você me dá três chances para adivinhar?

Ela não respondeu imediatamente, e ele não a pressionou. Ferimentos do coração, ele sabia, faziam a pessoa pensar mais lentamente.

Enquanto esperava, o Homem Cinzento se inclinou para estudar o modelo em miniatura de Henrietta feito por Gansey. Quanto afeto naquelas ruas minúsculas recriadas! Ele se endireitou com cuidado para não danificar nenhum dos prédios feitos com tanto carinho, e seguiu em direção a um dos dois quartos pequenos.

O quarto de Ronan Lynch parecia o cenário de uma briga de bar. Todas as superfícies estavam cobertas por partes caras de alto-falantes caros, partes pontudas de gaiolas pontudas e partes puídas e estilosas de jeans puídos e estilosos.

— Me conte então, sr. Cinzento: você é perigoso?

— Para algumas pessoas.

— Eu tenho uma filha.

— Ah. Eu não sou perigoso para *ela*. — O Homem Cinzento pegou um estilete da escrivaninha e o estudou. Ele tinha sido usado para ferir algo antes de ser apressadamente limpo.

— Eu só não sei se é uma boa ideia — disse Maura.

— Não sabe?

Ele inverteu uma bota de caubói que parecia fora do lugar. Deu uma sacudida nela, mas nada caiu para fora. Ele não sabia dizer se o Greywaren estava em algum lugar no prédio. Procurar algo sem uma única descrição... Ele tinha de imaginar como um pão se parecia, com base na trilha de migalhas que ele deixava para trás.

— Eu só... Me conte algo verdadeiro a seu respeito.

— Eu tenho uma calça boca de sino — ele confessou. — E uma camisa de discoteca laranja.

— Não acredito em você. Use, então, da próxima vez que nos vermos.

— Não posso — disse o Homem Cinzento, divertido. — Eu teria que mudar o meu nome para sr. Laranja.

— Pessoalmente — respondeu Maura —, não acho que a sua autoimagem deva ser flexível. Especialmente se você for andar por aí como o rei de espadas.

Da sala principal, a maçaneta estalou audivelmente enquanto a tranca era testada. Alguém estava ali. Alguém sem chave. Ele disse para Maura:

— Guarde essa ideia. Eu preciso ir.

— Matar alguém?

— De preferência não — disse o Homem Cinzento, numa voz muito mais baixa. Então se escondeu atrás da porta semiaberta do quarto de Ronan. — Quase sempre existem maneiras mais fáceis.

— Sr. Cinzento...

Alguém arrombou a porta com um chute. O trabalho cuidadoso do Homem Cinzento com a fechadura foi por água abaixo.

— Depois eu ligo — o Homem Cinzento a interrompeu educadamente.

Parado nas sombras do quarto de Ronan Lynch, ele observou dois homens entrarem cautelosamente. Um usava uma camisa polo grande demais e o outro uma camiseta com um míssil impresso. Os dois homens avaliaram o espaço, obviamente incomodados, e então se dividiram. O da camisa polo grande demais saiu da área próxima das janelas para vigiar o

estacionamento, e o outro partiu para cima dos pertences dos garotos. Eles chutaram para o chão pilhas de livros, abriram gavetas e levantaram os colchões vazios.

Em determinado momento, o Míssil se virou para o Camisa Polo. O Míssil segurou um par de óculos escuros para inspeção.

— Gucci. Riquinhos filhos da mãe.

Ele largou os óculos escuros antes de pisar neles. Uma das hastes quebradas escorregou pelas tábuas largas do assoalho até os pés do Homem Cinzento, mas apenas ele a estava observando. Ele se inclinou e pegou o pedaço, passando o polegar, pensativo, sobre a extremidade quebrada e afiada.

Então essas eram as pessoas sobre as quais Greenmantle o tinha avisado. Colegas na busca do Greywaren, o que quer que isso fosse. O Homem Cinzento palitou os dentes com a haste quebrada dos óculos escuros e então usou seu telefone para tirar fotos dos homens para Greenmantle.

Alguma coisa a respeito deles estava fazendo com que ele perdesse a paciência. Talvez o fato de eles ainda não terem notado que ele os estava observando. Ou talvez a ineficiência do seu processo. O que quer que fosse se solidificou precisamente quando eles começaram a pisotear o modelo em miniatura de Henrietta. Ele não sabia como era o Greywaren, mas estava certo de que poderia encontrá-lo sem chutar um tribunal de papelão em miniatura.

Ele saiu rapidamente do quarto de Ronan.

— Ei! — disse o Míssil do meio da Henrietta destruída. — Não se mexa.

Como resposta, o Homem Cinzento enfiou a extremidade afiada da haste no pescoço do Camisa Polo. Eles lutaram brevemente. O Homem Cinzento usou uma combinação de física e a borda do ar-condicionado da janela para deitar suavemente o outro homem no chão.

Isso aconteceu tão rápido que o Míssil mal os tinha alcançado quando o Homem Cinzento limpava as mãos na calça e dava um passo sobre o corpo.

— Puta que pariu — disse o Míssil, apontando uma faca para o Homem Cinzento.

Essa luta durou um pouco mais que a primeira. A questão não era que o Míssil era ruim; a questão era que o Homem Cinzento era melhor. E assim que o Homem Cinzento aliviou o outro de sua faca, a luta terminou imediatamente. O Míssil se agachou nos destroços de Henrietta, os dedos se agarrando às tábuas do assoalho, com a respiração ofegante.

— Por que você está aqui? — o Homem Cinzento lhe perguntou. Ele enfiou a ponta da faca o mais fundo possível no ouvido do homem sem fazer um estrago.

O homem já estava tremendo e, diferentemente de Declan Lynch, se entregou de primeira.

— Procurando uma antiguidade para um cliente.

— Quem é ele? — incitou o Homem Cinzento.

— Nós não sabemos o nome dele. Ele é francês.

O Homem Cinzento lambeu os lábios e se perguntou se o *lance* de Maura não seriam questões ambientais. Ela não estava usando sapatos, e isso, para ele, possivelmente era o tipo de coisa que alguém interessado no meio ambiente poderia fazer.

— Francês morando na França ou francês morando aqui?

— Eu não sei, cara, o que importa? Ele tem sotaque!

Importava para o Homem Cinzento. Ocorreu-lhe que ele teria de trocar de roupa antes de passar pela Rua Fox, 300 em busca de sua carteira. Ele tinha matéria intestinal na calça.

— Você tem um número de contato? É claro que não. Qual era a antiguidade?

— Ah, hum, uma caixa. Ele disse que provavelmente era uma caixa. Chamada Greywaren. Que nós saberíamos quando víssemos.

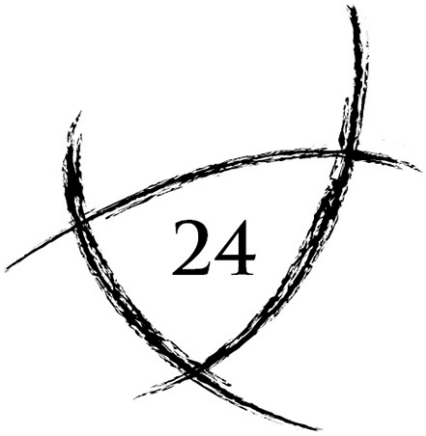
O Homem Cinzento duvidou muito daquilo. Ele olhou para o relógio. Eram quase onze horas; o dia estava voando e ele tinha muitos planos. Por fim, disse:

— Eu te mato ou te deixo ir embora?

— Por favor...

O Homem Cinzento balançou a cabeça.

— Foi uma pergunta retórica.



— Você pode explicar por que estamos no meio dessa poça? — perguntou Adam.

— Dessa maldita poça — corrigiu Ronan ao lado de Gansey. Como um tipo celta, pálido e de cabelos escuros, ele não apreciava o calor.

Os cinco — mais Motosserra, menos Noah (ele estivera presente, mas debilmente, quando eles partiram) — flutuavam no barco no meio do lago beligerantemente feio feito pelo homem que haviam encontrado antes. O dia estava terrivelmente ensolarado. O cheiro de campo — terra quente — lembrava Gansey de todas as manhãs em que ele fora buscar Adam na casa pré-fabricada dos pais dele.

Da margem, corvos guinchavam apocalipticamente para eles. Motosserra guinchou de volta.

Realmente era o pior que Henrietta tinha a oferecer.

— Nós estamos procurando debaixo dele. — Gansey olhou para o laptop. Ele não conseguia fazer com que o equipamento de sonar se comunicasse com ele, apesar de um exame superficial do manual de

instrução. A irritação estava começando a formar gotas de suor em suas têmporas e sua nuca.

Empoleirada na outra extremidade do barco, Blue perguntou:

— Nós vamos passar o sonar em todos os lagos na linha ley? Ou só nos que te irritam?

Ela ainda estava brava, a respeito do sofá, da mesa de sinuca e da barriga nua de Orla. Esta, se bronzeando ociosamente, não estava ajudando. Ela ocupava a maior parte do barco, as pernas se perdendo para um lado e o longo torso bronzeado ornando o outro. De vez em quando, ela abria os olhos para sorrir abertamente para um dos garotos, virando para esse lado e para aquele como se estivesse simplesmente endireitando a coluna.

— Essa é uma missão piloto — disse Gansey. Ele estava mais profundamente desconfortável com o fato de Blue estar brava com ele do que ele gostaria de admitir para qualquer pessoa, muito menos para si mesmo. — A probabilidade maior é que Glendower não esteja debaixo desse lago. Mas eu quero ter os meios, caso a gente encontre um corpo de água em que ele possa estar debaixo.

— Meios — ecoou Ronan, mas sem força. A água refletia o sol em seu rosto por baixo, tornando-o um deus translúcido e impaciente. — Que merda, como tá quente.

A explicação de Gansey não era precisamente verdadeira. De vez em quando, ele tinha *palpites*, sempre a respeito de encontrar coisas, sempre a respeito de Glendower. Eles eram consequência de seu esforço ao se debruçar sobre mapas, repassar registros históricos e se lembrar de achados que fizera antes. Quando você encontra coisas impossíveis, isso torna a localização de outra coisa impossível mais previsível.

O palpite sobre aquele lago tinha algo a ver com aquele campo aberto parecer uma das únicas passagens fáceis através daquela seção de montanhas desafiadoras. Algo a ver com o nome da estrada estreita na parte de baixo da colina — Estrada Hanmer, sendo Hanmer o sobrenome da esposa de Glendower. Algo a ver com onde ela ficava na linha, a aparência do campo, o comichão de *parar e olhar mais de perto.*

— Será possível que você comprou uma sucata de seiscentos e cinquenta dólares? — Ronan puxou um fio da parte de trás do laptop e o

conectou de um jeito diferente. O laptop fingiu que não sabia a diferença. Gansey pressionou algumas teclas. O laptop fingiu que ele não tinha feito isso. Todo o processo parecia muito mais direto no vídeo online de instruções.

Do convés do barco, Orla disse:

— Estou tendo um momento mediúnico. Envolve você e eu.

Distraído, Gansey tirou os olhos da tela do computador.

— Você estava falando comigo ou com o Ronan?

— Tanto faz. Sou flexível.

Blue fez um ruído baixo, terrível.

— Eu gostaria que você voltasse o seu olho interior para a água — disse Gansey. — Porque... Droga, Ronan, a tela ficou preta.

Ele estava começando a pensar que *havia* comprado uma sucata de seiscentos e cinquenta dólares. Ele esperava que a mesa de sinuca funcionasse melhor.

— Quanto tempo vamos ficar em Washington? — perguntou Adam subitamente.

— Três dias — disse Gansey.

Por Deus, Adam havia concordado em ir junto. Havia montes de oportunidades em um evento para arrecadar fundos como aquele. Estágios, posições futuras, patrocinadores. Um nome que impressionasse na parte de baixo de uma carta de recomendação da faculdade. Tantas pérolas para ser encontradas, se você estivesse com disposição para abrir as ostras.

Gansey odiava ostras.

Ronan sacudiu com força a parte de trás do laptop. O equipamento de sonar apareceu na tela, com o formato de um submarino minúsculo.

— Seu canalha brilhante! — disse Gansey. — Você conseguiu. O que você fez?

— Cansei de suar, foi o que fiz. Vamos olhar debaixo desse maldito lago e voltar para o ar-condicionado. Ah, nem comece, Parrish.

Na outra extremidade do barco, Adam parecia extremamente indiferente à falta de tolerância ao calor de Ronan.

— Eu não disse nada.

— Tanto faz, cara — respondeu Ronan. — Eu conheço essa cara. Você nasceu no inferno, está acostumado com isso.

— Ronan — disse Gansey — Lynch.

Por alguns longos minutos, todos ficaram quietos enquanto zanzavam lentamente pela água, observando os elementos indistintos na tela. Gansey teve a nítida e desagradável sensação de uma única gota de suor rolando entre as omoplatas.

— Estou tendo um momento mediúnico — declarou Orla.

— Pfff! — respondeu Blue.

— Não, é sério. — Orla abriu os olhos. — Tem algo na tela agora?

Tinha. Na tela do laptop, as imagens o atormentaram. Uma era um tipo de disco, e a outra era um corvo pouco claro. Na realidade, podia ser qualquer tipo de pássaro. Mas, para o grupo daquele barco, uma sugestão era tudo que eles precisavam. Eles precisavam que fosse um corvo. Seria um corvo.

Gansey contemplou se poderia mergulhar em busca do objeto. A primeira coisa que lhe ocorreu foi sua camisa polo verde-azulada — ele teria de tirá-la. A questão seguinte que lhe ocorreu foi sua calça cáqui — será que ele poderia tirá-la na presença de todas aquelas mulheres? Duvidoso. E, por fim, ele considerou suas lentes de contato. Elas se rebelavam mesmo na água da piscina, e aquilo certamente não era uma piscina.

Blue espiou a água marrom sobre a borda.

— Qual a profundidade da água aqui?

— Está dizendo... — Gansey se esforçou para ver no laptop — ... três metros.

— Então tá. — Blue jogou suas sandálias na barriga nua de Orla, ignorando seus vagos protestos.

— O quê? Você não pode entrar! — disse Gansey.

— Posso sim — ela respondeu, prendendo o rabo de cavalo vestigial em um nó atrás do crânio. — Eu realmente posso.

— Mas... — ele tentou. —Você não vai conseguir abrir os olhos nessa água. Eles vão ficar irritados.

— Seus olhos altamente cultos, quem sabe — respondeu Blue, tirando a camiseta regata de cima e jogando-a sobre Orla também. A pele nua apareceu através do tecido rasgado da regata que estava por baixo. — Meus olhos de pântano vão se adaptar perfeitamente.

Gansey se sentiu atingido, mas, antes que pudesse protestar, foi forçado a aparar o laptop quando o equipamento virou. Orla havia ficado de pé, súbita e rapidamente, fazendo o barco se agitar. Todos se seguraram como puderam e olharam fixamente para a giganta de calça boca de sino.

— Pare, Blue. Eu faço isso — ordenou Orla. Seu umbigo com piercing estava precisamente na altura do olhar de Gansey. A esfera de prata deu uma piscadela para ele. A joia dizia: *Olhem só, garotos!* — Você está de roupa. Eu estou de biquíni.

Blue respondeu ferozmente:

— Nenhum de nós pode esquecer disso. — Se não fosse pelo sol, sua voz teria congelado o lago.

Orla jogou a cabeça para trás, o nariz magnificamente grande descrevendo um círculo no ar. Então tirou a calça boca de sino tão rápido que todos os garotos no barco a encararam, fascinados e atordoados. Gansey não conseguia entender a velocidade daquilo. Num momento ela estava vestida e, no seguinte, estava de biquíni. Cinquenta por cento do mundo era pele morena e cinquenta por cento, nylon laranja. Pelo sorriso de Mona Lisa nos lábios de Orla, era claro que ela estava satisfeita por finalmente poder mostrar seus verdadeiros talentos.

Uma parte minúscula do cérebro de Gansey disse: *Você está encarando demais*.

E a parte maior dele disse: LARANJA.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Blue e saltou para fora do barco.

Ronan começou a rir, e isso foi tão inesperado que o encanto se rompeu. Ele riu quando Motosserra se lançou ao ar para voar em círculos onde Blue havia se atirado, e riu quando Orla soltou um grito como uma buzina e torpedeou a água. Ele riu quando a imagem do laptop ficou distorcida com a formação de pequenas ondas. Riu quando estendeu o braço para Motosserra voltar, e então cerrou os lábios com uma expressão que indicava que, por dentro, ainda estava achando todos hilários.

O barco, antes lotado até o máximo de sua capacidade, agora continha apenas três garotos e uma pequena pilha de roupas e sapatos femininos. Adam olhou para Gansey com uma expressão atônita:

— Isso está mesmo acontecendo?

Estava mesmo acontecendo, porque o sonar de varredura lateral mostrava duas formas abaixo da superfície. Uma delas não estava nem um pouco próxima dos objetos e parecia estar se movendo em círculos um tanto a esmo. A outra seguia intencionalmente na direção dos arredores do corvo, movendo-se em breves impulsos que sugeriam nado de peito. Gansey, ex-capitão da equipe de remo da Aglionby e um nadador relativamente talentoso, aprovou.

— Estou um tanto envergonhado — ele admitiu.

Ronan passou uma mão sobre a cabeça raspada.

— Eu não queria molhar o cabelo.

Adam apenas acompanhou as pequenas ondulações se expandindo na água.

Um segundo mais tarde, Orla retornou à superfície. Assim como seu mergulho, seu reaparecimento foi dramático: uma bela saída espumosa que terminou com ela flutuando preguiçosamente de costas, as mãos atrás da cabeça.

— Está escuro demais — ela disse, com os olhos fechados contra o sol. Ela não parecia ter nenhuma pressa de tentar de novo ou voltar para o barco. — Mas está fresco e gostoso. Vocês deviam entrar.

Gansey não tinha desejo algum de se juntar a ela. Ele espiou ansiosamente sobre a borda do barco. Mais um segundo e ele ia...

Blue reapareceu ao lado deles. O cabelo escuro grudado nas faces. Com uma mão exibindo os nós dos dedos brancos, ela se agarrou à borda do barco e se impulsionou meio para fora da água.

— Deus do céu — disse Gansey.

Blue cuspiu alegremente uma boca cheia de água marrom sobre os mocassins de Gansey, formando uma poça na lona, sobre seus dedos do pé.

— Deus do *céu* — ele disse.

— Agora eles são *realmente* sapatos náuticos — ela respondeu. Com um balanço do braço livre, jogou seu prêmio para dentro, que caiu sobre as tábuas com um baque surdo. Motosserra imediatamente saltou do ombro de Ronan para investigar. — Tem mais uma coisa lá embaixo. Vou voltar para pegar.

Antes que Gansey tivesse tempo de dizer algo, a água escura se fechou sobre a cabeça dela. Ele ficou espantado com o animal glorioso e

destemido que era Blue Sargent, e fez uma nota mental para contar a ela exatamente isso, se ela não se afogasse buscando o que quer que fosse essa segunda coisa.

Blue ficou submersa apenas por um momento dessa vez. O barco balançou quando ela emergiu de novo, respirando ofegante e triunfante. Ela enganchou um cotovelo na borda.

— Me ajudem a subir!

Adam puxou Blue para dentro como se ela fosse a pescaria do dia, estendida na base do barco. Embora ela usasse bem mais roupas que Orla, Gansey ainda achava que devia desviar o olhar. Tudo estava molhado e colado de um jeito que parecia mais excitante que todo o guarda-roupa de Blue.

Sem fôlego, ela perguntou:

— O que é a primeira coisa? Você sabe?

Ele pegou o primeiro objeto de Ronan. Sim, ele sabia. Gansey esfregou os dedos sobre a superfície limosa. Era um disco de metal arranhado de aproximadamente dezoito centímetros de diâmetro. Havia três corvos gravados nele. Os outros deviam estar enterrados fundo demais no lodo para aparecerem na tela do sonar. Era incrível que eles tivessem chegado a ver um deles. Um disco completamente obscurecido seria algo muito fácil de acontecer. Mais fácil ainda que houvesse uma crosta sobre o pássaro que o identificava e que ele tivesse sido escondido pelas algas.

Algumas coisas querem ser encontradas.

— É um ornamento — disse Gansey com assombro, correndo o polegar em torno da borda irregular do disco. Tudo a respeito dele evidenciava sua antiguidade. — Ou um umbo. De um escudo. Essa parte reforçava o meio do escudo. O resto deve ter apodrecido. Provavelmente era de madeira e couro.

Não era o que ele esperava encontrar ali, de maneira alguma. Do que ele podia lembrar, escudos como aquele não eram popularmente usados na época de Glendower. Uma boa armadura os havia tornado desnecessários. Certamente o capricho na produção parecia excessivo para um armamento. Parecia mais o tipo de coisa que seria trazido para ser enterrado com um rei. Ele passou um dedo sobre os corvos. Três corvos marcados em um triângulo — o brasão de armas de Urien, o pai mitológico de Glendower.

Quem mais havia tocado esse ornamento? Um artesão, a mente ocupada com a determinação de Glendower. Um soldado, carregando-o em um barco para atravessar o Atlântico.

Talvez o próprio Glendower.

Seu coração fervilhava com essa ideia.

— Então é antigo — disse Blue, da outra extremidade do barco.

— É.

— E isso aqui?

Com o tom da voz dela, ele levantou os olhos para o objeto grande que repousava no alto de suas coxas.

Ele sabia *o que* era. Só não sabia *por que* era.

— Bom, essa roda é do Camaro.

E era.

Ela parecia idêntica às rodas do Pig — exceto pelo fato de que essa tinha obviamente centenas de anos. A superfície descolorida trazia buracos e calombos. Com toda a deterioração, a roda elegantemente simétrica não parecia fora de lugar ao lado do ornamento do escudo. Se você fizesse vista grossa para o logotipo da Chevrolet no meio.

— Você se lembra de ter perdido uma roda um tempo atrás? — perguntou Ronan. — Tipo, uns quinhentos anos atrás?

— Nós sabemos que a linha ley mexe com o tempo — disse Gansey imediatamente, sentindo-se acabado. Não exatamente *acabado*, mas desancorado. Liberto dos caminhos percorridos pela lógica. Quando as regras do tempo se tornavam flexíveis, o futuro parecia conter possibilidades demais para suportar. Aquela roda prometia um passado com o Camaro, um passado que tanto não havia acontecido quanto havia. Não havia acontecido porque as chaves ainda estavam no bolso de Gansey e o carro ainda estava estacionado lá na Indústria Monmouth. E havia porque Blue segurava a roda nas mãos ainda úmidas.

— Acho que você devia deixar essas coisas comigo enquanto passa o fim de semana com a sua mãe — disse Blue. — E eu vejo se consigo convencer a Calla a trabalhar nelas.

O barco foi levado para a margem, Orla recebeu de volta sua calça boca de sino, o laptop foi recolocado em uma sacola, e o equipamento de sonar foi puxado para fora da água. Entediado, Adam ajudou a prender o

barco ao trailer antes de subir na picape — Gansey precisava conversar com Adam, embora ele não fizesse ideia do que iria dizer; seria bom para eles darem uma saída da cidade juntos —, e Ronan voltou para o BMW sozinho. Gansey provavelmente precisava falar com ele também, embora tampouco soubesse o que lhe diria.

Blue se aproximou dele na sombra do barco, com o ornamento do escudo na mão. Aquela descoberta não era Cabeswater e não era Glendower, mas era algo. Gansey estava ficando ganancioso, ele percebeu, faminto por Glendower e somente Glendower. Aquelas pistas tantalizantes costumavam ser o suficiente para sustentá-lo. Agora era apenas o Santo Graal que ele queria. Ele se sentia envelhecendo dentro de sua pele jovem. *Estou cansado de milagres*, pensou.

Ele observou o biquíni laranja de Orla desaparecer auspiciosamente no BMW. Sua mente estava longe dali, no entanto: ainda absorta com o mistério da roda antiga do Camaro.

Em voz baixa, Blue perguntou sugestivamente:

— Já viu o suficiente?

— De... ah, da Orla?

— É.

A questão o incomodava. Ela o julgava, e, nesse caso, ele não achava que tivesse feito nada para merecer isso. Blue não tinha o direito de se meter na vida dele, não desse jeito.

— O que você tem a ver com isso — ele perguntou —, com o que eu penso da Orla?

Isso parecia perigoso, por alguma razão. Quem sabe seria melhor se ele não tivesse perguntado. Pensando bem, a pergunta em si não era o problema. Era a maneira como ele a havia feito. Seus pensamentos andavam longe e ele não vinha dando importância para sua aparência exterior, e agora, tarde demais, ouvira o veneno de suas próprias palavras. Como a inflexão parecia conter um desafio.

Vamos lá, Gansey, ele pensou. *Não estrague as coisas.*

Blue sustentou o olhar dele, irredutível. Seca, ela respondeu:

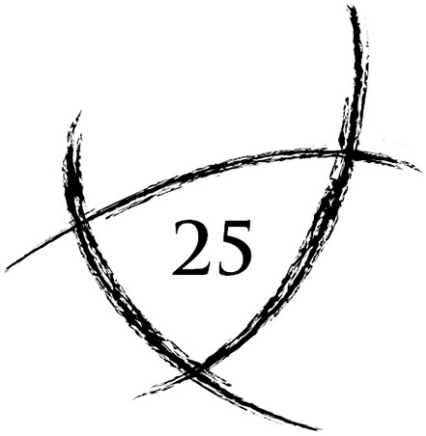
— Nada.

E era mentira.

Não devia ter sido, mas foi, e Gansey, que valorizava a honestidade acima de quase tudo, sabia quando a ouviu. Blue Sargent se importava se ele estava ou não interessado em Orla. Ela se importava muito. Quando ela se virou rapidamente para voltar para a picape balançando a cabeça com menosprezo, ele sentiu uma emoção do tipo indecente.

O verão se impregnou em suas veias, e ele entrou na picape.

— Vamos embora — disse aos outros, e deslizou os óculos escuros sobre o rosto.



É claro, o Homem Cinzento tinha de se livrar dos dois corpos. Era uma chateação, nada mais. O tipo que arrombaria uma casa em busca de artefatos sobrenaturais também tendia a ser o tipo que não era dado como desaparecido.

O Homem Cinzento não seria dado como desaparecido, por exemplo.

Ainda assim, ele precisava limpar os corpos de impressões digitais e então levá-los para algum lugar mais conveniente para eles morrerem. No porta-malas da Abominação Champanhe, o Homem Cinzento tinha latas de combustível e dois potes peruanos quentes demais para ser vendidos enrolados em cobertores da Dora, a Aventureira, então ele colocou os corpos no banco de trás, pondo o cinto de segurança neles para que não mexessem muito para os lados. Ele estava tristemente a caminho de criar uma mancha incriminadora em mais um carro alugado. Seu pai estava certo: um desempenho passado realmente parecia ser o melhor indicador de um desempenho futuro.

Enquanto dirigia, ele ligou para a Hospedaria e Restaurante Varanda e cancelou a reserva do jantar.

— O senhor gostaria de mudar para mais tarde? — perguntou a recepcionista. O Homem Cinzento gostava do jeito como ela dissera *mais tarde*. Era algo como *táárde*, mas com bem mais vogais.

— Acho que hoje não vai dar mesmo. Posso remarcar para... quinta? — Ele pegou a saída para a estrada do Parque Blue Ridge. A força da curva fez bater a cabeça de um dos bandidos contra a janela. Ele não se importava mais com isso.

— Mesa para um, certo?

Ele pensou em Maura Sargent e em seus tornozelos nus e esbeltos.

— Não, para dois.

Ele desligou o telefone, colocou os Kinks para tocar e seguiu pela estrada do parque. Entrou em um acesso depois do outro até o GPS do carro alugado ficar irremediavelmente confuso. O Homem Cinzento fez seu próprio caminho mata adentro com o carro alugado, passando por diversas placas de ENTRADA PROIBIDA (ele nunca se arrependia de pagar pelo seguro de danos adicionais em uma locação). O Homem Cinzento estacionou em uma clareira pequena, idílica, baixou a janela e aumentou lá em cima o volume do estéreo. Ele tirou o Míssil e o Camisa Polo do carro, depois desamarrou os sapatos deles.

Tinha acabado de colocar os sapatos do Camisa Polo em seus próprios pés quando o telefone tocou.

O Homem Cinzento atendeu.

— Você sabe quem eram aqueles homens? — perguntou, em vez de saudá-lo.

A voz de Greenmantle soou exaltada.

— Eu disse. Eu disse que tinham outros no pedaço.

— Sim, você disse — concordou o Homem Cinzento. Ele encheu a sola dos sapatos do Camisa Polo com o bom barro da Virgínia, pisoteando o chão. — Tem mais?

— É claro — disse Greenmantle tragicamente.

O Homem Cinzento trocou para os sapatos do Míssil. A clareira estava coberta com os rastros dos dois homens.

— De onde eles estão vindo?

— As leituras! As máquinas! Qualquer um pode seguir as leituras — disse Greenmantle. — Nós não somos os únicos com geofones por aí.

Ao fundo, os Kinks cantavam sobre o demônio do álcool.

— Como mesmo você sabe que essa coisa existe?

— Da mesma maneira que a gente sabe de qualquer coisa. Rumores. Livros antigos. Velhos gananciosos. Que música é essa?

— The Kinks.

— Eu não sabia que você era fã. Na verdade, é estranho pensar em você ouvindo qualquer tipo de música. Espere. Não sei por que eu disse isso. Desculpe, soou péssimo.

O Homem Cinzento não ficou ofendido. Isso significava que Greenmantle pensava nele como uma coisa em vez de uma pessoa, e ele não se incomodava com isso. Por um momento, os dois ficaram ouvindo os Kinks cantarem sobre vinho do Porto, Pernod e tequila. Toda vez que o Homem Cinzento colocava os Kinks para tocar, considerava retomar seus estudos acadêmicos. Dois dos Kinks eram irmãos. *Fraternidade no rock dos anos 60 e 70 seria um belo título*, ele pensou. Os Kinks o intrigavam porque, embora brigassem direto — um membro deu uma cuspida famosa no outro antes de chutar a bateria e sair ruidosamente do palco —, eles permaneceram juntos por décadas. Isso sim, ele achava, era irmandade.

— Você vai conseguir se livrar desses dois? — perguntou Greenmantle. — Eles serão um problema?

O Homem Cinzento levou um momento para se dar conta de que ele estava se referindo ao Míssil e ao Camisa Polo.

— Não — disse o Homem Cinzento. — Não serão.

— Você é bom — disse Greenmantle. — É por isso que você é o único.

— Sim — concordou o Homem Cinzento. — Certamente eu sou. Você diria que essa coisa é uma caixa?

— Não, eu não diria isso, porque eu não sei. *Você* diria isso?

— Não. Provavelmente não.

— Por que você perguntou, então?

— Se fosse uma caixa, eu poderia parar de procurar coisas que não fossem caixas.

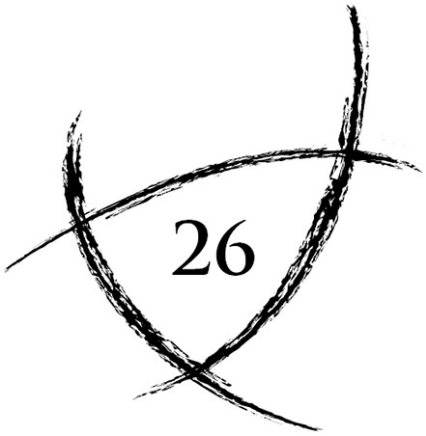
— Se eu achasse que fosse uma caixa, eu teria lhe dito para procurar uma caixa. Se eu diria que é uma caixa... Por que você tem que ser tão misterioso o tempo inteiro? Você se diverte com isso? Quer que eu comece

a pensar em caixas agora? Porque eu estou pensando. Vou ver isso. Vou ver o que posso fazer.

O Homem Cinzento desligou e avaliou a cena. Em um mundo auspicioso, os dois corpos diante dele seguiriam sem ser descobertos durante anos, seriam comidos por animais e consumidos pelo tempo. Mas, em um mundo onde amantes achavam que estavam sentindo um cheiro estranho, ou caçadores tropeçavam em ossos de pernas, ou urubus circulavam inconvenientemente durante dias, tudo que restaria na cena seriam dois homens com sapatos cobertos de lama e amostras defensivas de DNA encravadas debaixo das unhas. De certa maneira, dois corpos tornavam as coisas mais fáceis. Tornavam a história mais simples. Dois homens mal-intencionados em uma propriedade privada. Uma discussão entre os dois. Uma briga que saiu de controle.

Um para solidão. Dois para uma batalha.

O Homem Cinzento franziu o cenho e conferiu o relógio. Com sorte, aqueles seriam os únicos corpos que ele teria de enterrar em Henrietta, mas era difícil prever exatamente.



Quando Blue chegou em casa com suas roupas encharcadas, Noah estava ajoelhado no jardinzinho sombreado na frente do número 300 da Rua Fox. Orla entrou correndo e não o cumprimentou. Como médium, ela provavelmente o viu, mas, como Orla, não se importou. Blue, no entanto, parou. Ela estava contente por ele estar ali. Ela ajeitou a roda do Camaro debaixo do braço e tirou o cabelo molhado da testa.

— Oi, Noah.

Mas ele estava ocupado demais em ser espectral para lhe dar atenção.

Naquele momento, ele se dedicava a uma de suas atividades mais horripilantes: reencenar a própria morte. Ele olhou de relance em volta do jardinzinho como se apreciasse a ravina coberta de mata contendo a si mesmo e seu amigo Barrington Whelk. Então soltou um grito terrível e deturpado quando foi atingido pelas costas por um skate invisível. Ele não fez ruído algum quando foi atingido de novo, mas seu corpo estremeceu de maneira convincente. Blue tentou não olhar enquanto ele corcoveava algumas vezes mais antes de cair no chão. Sua cabeça teve espasmos; suas pernas pedalaram.

Blue respirou fundo, ansiosamente. Embora ela já tivesse visto Noah fazer aquilo quatro ou cinco vezes, era sempre perturbador. Onze minutos. Esse era o tempo que toda a encenação do homicídio durava: a vida de um garoto destruída em menos tempo do que levava para fritar um hambúrguer. Os últimos seis minutos, os que ocorreram depois de Noah ter caído pela primeira vez, mas antes de ele ter realmente morrido, eram torturantes. Blue se achava uma garota sensata, razoavelmente equilibrada, mas, não importava quantas vezes ela ouvisse a respiração agonizante vinda da garganta dele, ela sentia um pouco de vontade de chorar.

Entre as raízes retorcidas do jardim da frente, o corpo de Noah teve espasmos e parou como estava, finalmente morto. De novo.

Delicadamente, ela chamou:

— Noah?

Ele estava no chão, e então, de uma hora para outra, estava de pé ao lado dela. Era como um sonho, onde a parte do meio fora cortada, o intervalo do ponto A para o ponto B.

Era mais uma de suas coisas horripilantes.

— Blue! — ele disse e acariciou o cabelo molhado dela.

Ela o abraçou forte; ele estava frio contra a roupa úmida dela. Ela sempre se preocupava tanto que ele não saísse daquela condição ao fim da encenação.

— Por que você faz isso? — ela demandou.

Noah havia retornado à sua personalidade normal, segura. A única prova de sua verdadeira natureza era a mancha sempre presente em seu rosto, onde o osso havia sido esmagado. De resto, ele era novamente o garoto encurvado, meigo e eternamente vestido no uniforme da Aglionby.

Ele parecia vagamente surpreso e satisfeito por ter uma garota abraçada a ele.

— Isso?

— O que você fez. Agora *mesmo*.

Ele deu de ombros, informe e amigável.

— Eu não estava aqui.

Estava sim, Noah, ela pensou. Mas, qualquer que fosse a parte de Noah que ainda existia para fluir pensamentos e memórias naquela forma, misericordiosamente desaparecia pelos onze minutos de sua morte. Ela

não tinha certeza se a amnésia sobre a coisa toda tornava a situação mais ou menos horripilante.

— Ah, Noah.

Ele colocou um braço sobre os ombros dela, ele mesmo frio e esquisito demais para notar que ela também estava úmida e fria. Eles caminharam lentamente até a porta desse jeito, um pretzel de garoto morto e garota não mediúnica.

É claro, ele não queria entrar. Blue suspeitava que ele não conseguia. Fantasmas e médiuns competiam pela mesma fonte de energia, e, na disputa por energia entre Noah e Calla, não havia dúvida na mente de Blue sobre quem sairia vitorioso. Ela teria pedido a Noah para confirmar isso, mas ele era notoriamente desinteressado nos detalhes de sua vida pós-morte. (Certa feita, Gansey havia perguntado de um modo muito sério: "Você não se importa em saber como é que ainda está aqui?", ao que Noah respondera com uma sagacidade extraordinária: "Você se importa em saber como seus rins funcionam?") — *Você* não está indo para Washington, né? — Noah perguntou com alguma ansiedade.

— Não. — Ela tivera a intenção de apenas *dizer* isso, sem inflexão alguma, mas na verdade se sentia curiosamente desolada com a ideia de Gansey e Adam deixarem a cidade ao mesmo tempo. Na realidade, ela se sentia exatamente como Noah soava.

Audaciosamente, Noah ofereceu:

— Vou te deixar entrar em Monmouth.

Blue corou imediatamente. Uma de suas fantasias mais ocultas e persistentes era impossível: morar em Monmouth. Ela jamais seria realmente do grupo, pensou, enquanto vivesse ali, na Rua Fox, 300. Ela jamais seria realmente uma deles enquanto não fosse estudante da Aglionby. O que significava que ela jamais seria realmente uma deles enquanto fosse uma *garota*. A injustiça disso, a *necessidade*, a mantinha acordada à noite. Ela não podia acreditar que Noah tivesse adivinhado seu desejo de forma tão precisa. Para disfarçar o constrangimento, ela se irritou: — E eu andaria o dia inteiro com você e com o *Ronan*?

Alegremente, Noah disse:

— Tem uma mesa de sinuca agora! Eu sou o pior jogador de sinuca de todos os tempos! É *maravilhoso*. — Ele a abraçou. — Hum. Lá vem problema.

Um homem avançava na calçada na direção deles. Ele estava cuidadosamente vestido e era irresistivelmente... cinza. Ao mesmo tempo em que Blue avaliava aquele Homem Cinzento, achou que estava sendo avaliada também.

No fim, ambos se olharam com uma espécie de decisão mútua de não se subestimar.

— Olá — ele disse cordialmente. — Lamento interromper.

Em primeiro lugar, pela maneira como ele formulou a frase, significava que podia ver Noah, o que nem todos podiam. Em segundo lugar, ele era educado de um jeito diferente de qualquer coisa que Blue encontrara antes. Gansey era educado de um modo esmagador, que diminuía o outro. Adam era educado para tranquilizar o interlocutor. E aquele homem era educado de maneira intensa, questionadora. Como tentáculos são educados, testando a superfície cuidadosamente, conferindo para ver como ela reagia à sua presença.

Ele era, Blue decidiu subitamente, muito inteligente. Um sujeito para ser levado a sério.

Ela gesticulou para suas roupas encharcadas.

— Isso é arte cênica. Estamos reencenando *A pequena sereia*. Não a versão da Disney.

Esse era seu próprio pequeno teste de tentáculo.

O Homem Cinzento sorriu amavelmente.

— E ele é o príncipe? Você o esfaqueia ou o transforma em espuma no final?

— Espuma, é claro — disse Blue, bastante satisfeita.

— Eu sempre achei que ela devia tê-lo esfaqueado — ele refletiu. — Estou procurando a Maura.

— *Ah.* — Agora tudo fazia sentido. Aquele era o sr. Cinzento. Ela ouvira o seu nome sussurrado entre Maura, Calla e Persephone nos últimos dias. Especialmente entre Calla e Persephone. — Você é o assassino de aluguel.

O sr. Cinzento teve a boa graça de parecer eficientemente sobressaltado.

— Ah. E você é a filha. Blue.

— Em carne e osso. — Blue fixou um olhar penetrante nele. — Então, você tem uma arma favorita?

Sem perder o embalo, ele respondeu:

— Oportunidade.

Agora ela ergueu uma sobrancelha.

— Tudo bem. Vem comigo. Noah, já volto.

Ela levou o Homem Cinzento para dentro de casa. Como sempre, novos visitantes a faziam se sentir hiperconsciente da aparência pouco ortodoxa da casa. Eram duas casas que haviam sido juntadas, e nenhuma estrutura havia sido um palácio, para começo de conversa. Corredores estreitos se inclinavam ávidos uns contra os outros. Uma privada perdida vazava constantemente. Os assoalhos de madeira eram tão curvados quanto a calçada na frente da casa, como se raízes estivessem ameaçando sair por entre as tábuas. Algumas paredes eram pintadas em tons roxos e azuis vívidos, e algumas mantinham um papel de parede de décadas atrás. Fotografias gastas em preto e branco estavam penduradas ao lado de pôsteres de Klimt e velhas tesouras de metal. Toda a decoração era vítima de compras demais em brechós e uma quantidade grande demais de personalidades fortes.

Estranhamente, o Homem Cinzento — um ponto sereno de cor neutra em meio ao excesso — não parecia fora de lugar. Blue o notou observando o ambiente à sua volta enquanto eles caminhavam para o interior da casa. Ele não parecia o tipo de pessoa que alguém poderia pegar desprevenido.

Mais uma vez, ela pensou: *Não o subestime.*

— Ah! — resmungou Jimi, apertando o corpanzil para passar pelo Homem Cinzento. — Vou chamar a Maura!

Enquanto Blue o levava na direção da cozinha, ela perguntou: — Qual é exatamente a sua intenção com a minha mãe?

— Isso parece direto demais — disse o sr. Cinzento.

Blue passou sobre duas garotas pequenas (ela não tinha certeza a quem elas pertenciam), que brincavam com tanques no meio do corredor, e desviou de um possível primo em segundo grau, que carregava duas velas

acesas. O Homem Cinzento ergueu os braços acima da cabeça para evitar ser incendiado pelo primo em segundo grau, que cacarejou para ele: — A vida é curta.

— E fica mais curta a cada dia que passa.

— Então você entende.

— Em nenhum momento duvidei disso.

E então eles estavam na cozinha, com todas as suas xícaras e chás meio empacotados, e caixas de óleos essenciais esperando para ser colocadas no correio, e flores decapitadas esperando para ser fervidas.

Blue apontou para uma cadeira, sob a luminária falsa da Tiffany.

— Sente-se.

— Eu prefiro ficar de pé.

Ela mostrou uma bela fileira de dentes para o Homem Cinzento.

— Sente-se.

O Homem Cinzento se sentou. Ele olhou de relance sobre o ombro, para o corredor atrás dele, então de volta para ela. Ele tinha aqueles olhos brilhantes e ativos que dobermanns e gaios têm.

— Ninguém vai te matar aqui. — Ela lhe passou um copo de água. — Não está envenenada.

— Obrigado. — Ele pegou o copo, mas não bebeu a água. — Minha única intenção nesse instante é convidar sua mãe para jantar fora.

Apoiando o traseiro no balcão, Blue cruzou os braços e o estudou. Ela estava pensando a respeito de seu pai biológico, Artemus. A verdade é que Blue jamais o encontrara e, aliás, sabia muito pouco a respeito dele — pouco mais que o seu nome, Artemus. No entanto, ela se sentia estranhamente protetora em relação ao pai. Não gostava de pensar nele reaparecendo e encontrando um usurpador em seu lugar. Mas, por outro lado, fazia dezesseis anos. A probabilidade de que ele voltasse era ínfima.

E era apenas um jantar.

— Você não vai ficar aqui, não é? — perguntou Blue. Ela se referia a Henrietta, não à casa.

Ela devia ter esclarecido a questão, mas ele pareceu ter entendido, pois respondeu: — Eu não fico em lugar nenhum. Não por muito tempo.

— Isso não parece muito agradável.

Ao fundo, o telefone tocou. Não era problema seu. Ninguém ligaria para *aquela* casa atrás de uma não médium.

A expressão intensa dele não descaiu.

— É preciso se manter em movimento.

Blue considerou essa sabedoria antes de responder.

— O planeta gira a mais de mil e seiscentos quilômetros por hora a todo momento. Na realidade, ele dá a volta no sol a cento e sete mil quilômetros por hora, mesmo se não estivesse girando. Então você pode se mover bem rápido sem ir a lugar nenhum.

O sr. Cinzento fez um cacoete com a boca.

— Taí uma sacada muito filosófica.

Após uma pausa, ele disse:

— *Þing sceal gehegan/ frod wiþ frodne. Biþ hyra ferð gelic.*

Soava como alemão, mas, de ouvir os sussurros de Calla a respeito do Homem Cinzento, ela sabia que era inglês arcaico.

— Língua morta? — perguntou com interesse. Ela parecia estar ouvindo muitas delas ultimamente. — O que significa?

— "Encontros têm lugar, do sábio com o sábio. Pois seus espíritos são afins." Ou mentes. A palavra *ferð* tem o sentido de mente, ou espírito, ou alma. É uma das *Máximas anglo-saxônicas*. Poesia sábia.

Blue não tinha certeza se ela e aquele Homem Cinzento pensavam exatamente parecido, mas não achava que eles fossem tão diferentes, também. Ela podia ouvir a batida pragmática do coração dele, e gostava disso.

— Escute, ela não gosta de porco — Blue disse. — Leve ela em algum lugar em que usem um monte de manteiga. E nunca diga *galhofa* perto dela. Ela odeia essa palavra.

O Homem Cinzento bebeu sua água. Ele piscou para o vão da porta do corredor, e, um momento depois, Maura apareceu com o telefone na mão.

— Oi, filha — ela disse, desconfiada. Por um milésimo de segundo, sua expressão era dura enquanto ela analisava se Blue corria ou não algum perigo com aquele homem estranho sentado à mesa de sua cozinha. Ela analisou o copo de água na frente do Homem Cinzento e os braços casualmente cruzados de Blue. Só então relaxou. Blue, de sua parte, gostou

de ver o milésimo de segundo em que sua mãe pareceu perigosa. — O que posso fazer por você, sr. Cinzento?

Que coisa estranha que todos soubessem que o sr. Cinzento certamente não era o sr. Cinzento e, no entanto, todos continuassem com a farsa. Essa atuação devia ter incomodado o lado sensato de Blue, mas, em vez disso, parecera-lhe uma solução razoável. Ele não queria dizer quem era, e elas precisavam chamá-lo de algo.

O Homem Cinzento disse:

— Jantar.

— Se você se refere a eu cozinhar para você, não — disse Maura. — Se formos sair, talvez. Blue, essa ligação é para você. É o Gansey.

Blue notou que o Homem Cinzento ficou abruptamente desinteressado em quem era ao telefone. O que era interessante, pois ele estivera tão interessado em absolutamente todo o resto antes.

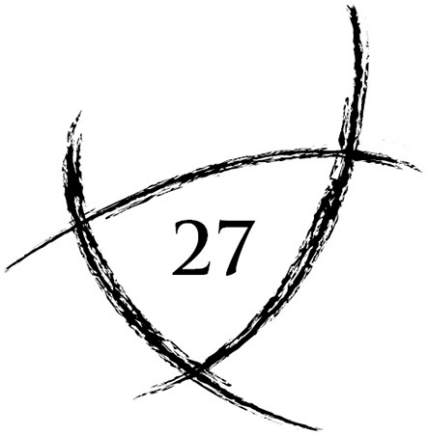
O que levou Blue a concluir que, na realidade, ele estava muito interessado em quem poderia estar ao telefone, só não queria que elas soubessem que ele estava interessado.

O que era interessante.

— O que ele quer? — perguntou Blue.

Maura lhe passou o telefone.

— Parece que alguém entrou na casa dele.



Embora tanto Kavinsky quanto Gansey estivessem irremediavelmente interligados na infraestrutura de Henrietta, Ronan sempre fizera um bom trabalho em mantê-los separados em sua mente. Gansey presidia sobre os elementos mais ordeiros e reluzentes da cidade; o mundo ensolarado das escrivaninhas da Aglionby, os professores mais novos acenando para o seu carro da calçada, os motoristas de guincho o chamando pelo nome. Mesmo o apartamento na Indústria Monmouth era típico de Gansey: ordem e estética impostas sobre um amontoado de ruína e abandono. Kavinsky, por outro lado, governava a noite. Ele vivia em lugares que nem ocorreriam a Gansey: nos fundos de estacionamentos de escolas públicas, nos porões de McMansões, agachado atrás de portas de banheiros públicos. O reino de Kavinsky não era conduzido tanto no brilho verde-amarelo de um semáforo, mas na escuridão fora dele.

Ronan preferia vê-los separados. Ele não gostava que seus alimentos se tocassem.

E, no entanto, ali estava ele, na noite antes de Gansey deixar a cidade, levando-o a um dos rituais mais vulgares de Kavinsky.

— Eu posso fazer isso sem você — disse Ronan, ajoelhando-se para pegar uma das dúzias de carteiras de motorista falsificadas idênticas.

Andando de um lado para o outro junto à sua Henrietta em miniatura arruinada, Gansey mirou os olhos em Ronan. Havia algo intenso e insensato neles. Havia muitas versões de Gansey, mas essa havia sido rara desde a entrada da presença calmante de Adam. Era também a favorita de Ronan. Era o oposto da face mais conhecida de Gansey, que era puro controle embrulhado em um fino papel acadêmico.

Mas essa versão de Gansey era Gansey o garoto. Esse era o Gansey que havia comprado o Camaro, o Gansey que havia pedido a Ronan que o ensinasse a lutar, o Gansey que continha todas as fagulhas vibrantes que não apareciam nas outras versões.

Teria sido o escudo debaixo do lago que liberara isso? O biquíni laranja de Orla? As ruínas despedaçadas de sua Henrietta reconstruída e as carteiras de motorista falsas que eles haviam encontrado ao voltar para casa?

Ronan não se importava realmente. Tudo que importava era que algo havia riscado o fósforo, e Gansey estava queimando.

Eles pegaram o BMW. Seria mais fácil lidar com um fogo de artifício inserido em seu cano de descarga do que no do Pig. Ele deixou Motosserra para trás, o que a deixou irritada. Ronan não queria que ela aprendesse nenhum palavrão.

Ronan dirigiu, pois ele sabia para onde eles estavam indo. Ele não disse para Gansey por que ele sabia disso, e Gansey não perguntou.

O sol tinha baixado quando eles chegaram à velha feira do condado, escondida em uma estrada vicinal a leste de Henrietta. O local não era usado para receber uma feira desde que a feira do condado falira dois anos atrás. Agora era um campo enorme coberto de relva, crivado de holofotes e enfeitado com bandeirolas esfarrapadas, descoloridas pelos meses ao ar livre.

Ordinariamente, o lugar ficava absolutamente no escuro à noite, fora do alcance das luzes de Henrietta e longe de qualquer casa. Mas, naquela noite, os holofotes jogavam uma luz branca estéril sobre a relva, iluminando as formas inquietas de mais de uma dúzia de carros. Havia algo insuportavelmente sexy a respeito de carros à noite, pensou Ronan. O modo como os para-lamas desvirtuavam a luz e refletiam a estrada, o

modo como cada motorista se tornava anônimo. A visão deles fazia seu coração palpitar.

Quando Ronan dobrou no velho acesso, os faróis iluminaram a forma familiar do Mitsubishi branco de Kavinsky, a grade negra se escancarando. O ritmo de seu pulso se tornou um rufar excitado.

— Não diga nada idiota para ele — disse Ronan para Gansey. A batida do estéreo dele já estava sendo abafada pelo som de Kavinsky, o baixo pulsando através do próprio chão.

Gansey enrolou as mangas da camisa e estudou a mão enquanto fechava e abria o punho.

— O que é idiota?

Era difícil dizer, em se tratando de Kavinsky.

À esquerda, dois carros assomaram da escuridão, um vermelho e um branco, acelerando direto um contra o outro. Nenhum dos dois fugia da colisão iminente. Jogo do medroso. No último momento, o carro vermelho desviou, derrapando de lado, e o branco buzinou forte. Um garoto colocou metade do corpo para fora do assento do passageiro do carro branco, se segurando no teto com uma mão e mostrando o dedo médio com a outra. A poeira engoliu aos dois. Gritos entusiasmados encheram o espaço entre os ruídos dos motores.

Do outro lado do jogo, um Volvo cansado estava estacionado debaixo de uma linha de bandeirolas esfarrapadas e desbotadas. Estava iluminado por dentro, como uma entrada para o inferno. Foi necessário um momento para registrar que ele estava em chamas, ou pelo menos começando a pegar fogo. Havia garotos parados em torno do Volvo, bebendo e fumando, suas formas distorcidas e escuras contra o estofamento que ardia lentamente. Duendes em torno de uma fogueira.

Algo dentro de Ronan estava ansioso e em movimento, irado e irrequieto. O fogo o comia por dentro.

Ele levou o BMW até o Mitsubishi, nariz com nariz. Então viu que Kavinsky já estivera brincando: o lado direito do carro estava chocantemente mutilado e amassado. Parecia um sonho — difícil acreditar que o Mitsubishi estivesse tão destroçado; ele era imortal. O próprio Kavinsky estava parado próximo dele, garrafa na mão, sem camisa, os holofotes apagando as costelas de seu torso côncavo. Quando ele viu o

BMW, Kavinsky jogou a garrafa no capô. Ela se partiu ao bater no metal, cacos de vidro e líquido para toda parte.

— Jesus — disse Gansey, surpreso ou admirado. Pelo menos eles não haviam trazido o Camaro.

Puxando o freio de mão, Ronan escancarou a porta. O ar estava carregado com o cheiro de plástico derretido, embreagens acabadas e, por trás de tudo isso, a fragrância morna de maconha. O barulho era grande, a sinfonia era constituída de tantos instrumentos que era difícil identificar quaisquer timbres individuais.

— Ronan — disse Gansey, exatamente da mesma maneira que ele acabara de invocar Jesus.

— Vamos levar isso adiante? — respondeu Ronan.

Gansey escancarou a porta. Segurando o teto do carro, ele deslizou para fora. Mesmo esse gesto, observou Ronan, era o Gansey animal, o Gansey exaltado. Como ele havia se puxado para fora do carro, pois sair normalmente seria lento demais.

Aquela seria uma noite e tanto.

O fogo dentro de Ronan era o que o mantinha vivo.

Percebendo Ronan de relance indo direto para ele, Kavinsky abriu a mão sobre o peito liso.

— Ei, garota. Essa é uma festa de embalo. Ninguém entra a não ser que tenha trazido uma droga.

Como resposta, Ronan fechou uma mão em torno da garganta de Kavinsky e outra em torno do ombro e o jogou ordeiramente sobre o capô do Mitsubishi. Para enfatizar seu ponto, se juntou a ele novamente do lado oposto e enfiou um soco no nariz de Kavinsky.

Enquanto Kavinsky recuava se reerguendo, Ronan lhe mostrou os nós dos dedos ensanguentados.

— Aqui estão as suas drogas.

Kavinsky limpou o nariz com o braço nu, deixando uma faixa vermelha.

— Ei, cara, não seja tão antissocial, caralho.

Ao lado de Ronan, Gansey levantou a mão no sinal universal de *Calma, garoto.*

— Não quero acabar com a sua festa — disse Gansey, frio e glorioso —, então vou dizer apenas isso: fique longe da minha casa.

Kavinsky respondeu:

— Eu não sei do que você está falando. Baby, me passa um cigarro.

A última parte parecia dirigida a uma garota que se recostava indolentemente no banco do passageiro do Mitsubishi batido, os olhos profundamente chapados. Ela não dignificou a ordem dele com uma resposta.

Ronan exibiu uma das carteiras de motorista falsas.

Kavinsky sorriu abertamente do próprio trabalho. Com as faces encovadas, ele parecia vampiresco naquela luz.

— Você está bravo porque eu não te deixei uma também?

— Não, estou bravo porque você detonou meu apartamento — disse Gansey. — Você devia estar feliz que eu estou aqui e não na delegacia.

— Ei, cara — disse Kavinsky. — Calma aí. Não sei qual de nós dois está mais chapado. Eu não detonei a sua casa.

— Por favor, não insulte a minha inteligência — respondeu Gansey, e havia apenas um indício de uma risada glacial em sua voz. Era um riso aterrorizante e maravilhoso, pensou Ronan, porque Gansey havia adicionado apenas desdém e nenhum toque de humor.

A conversa deles foi interrompida pelo ruído familiar e destrutivo de carros colidindo. Não havia nada dramático no som de veículos mais novos colidindo: os muitos para-choques faziam com que quase tudo não passasse do baque surdo de plásticos rachando. Não era o volume, no entanto, que provocou calafrios na espinha de Ronan — era a especificidade do ruído. Não havia outro ruído no mundo como uma batida de carro.

Kavinsky percebeu a linha da atenção deles.

— Ah — disse ele —, vocês querem participar também, não é?

— De onde são esses caras? — Gansey forçou a visão. — Aquele é o Morris? Achei que ele estava em New Haven.

— É uma festa de embalo — Kavinsky deu de ombros.

— Não tem drogas em New Haven? — rosnou Ronan.

— Não como essas. É o País das Maravilhas! Algumas te deixam grande, outras te deixam pequeno...

Era a citação errada. Ou melhor, a citação certa, feita de maneira errada. No lar Lynch, Ronan havia crescido ouvindo duas histórias recorrentes e perenes de seus pais. A favorita de Aurora Lynch era uma versão em filme preto e branco do mito de Pigmaleão, sobre um escultor que se apaixona por uma de suas estátuas. E Niall Lynch tinha afeição extraordinária por uma velha e feia edição de *Alice no País das Maravilhas*, frequentemente lida em voz alta para dois ou três irmãos Lynch relutantes, meio dormindo. Ronan vira *Pigmaleão* e ouvira *Alice no País das Maravilhas* tantas vezes na infância que não sabia mais julgar se as obras eram boas ou não, se ele realmente gostava delas ou não. O filme e o romance eram passado agora. Eram seus pais.

Então ele sabia que a citação era, na realidade: "Um lado faz você crescer e o outro faz você diminuir".

— Depende do lado do cogumelo que você usar — disse Ronan, mais para o pai morto que para Kavinsky.

— Verdade — concordou Kavinsky. — Então, o que você vai fazer com o problema dos ratos?

Gansey piscou.

— Como?

Isso fez Kavinsky rir ruidosamente e, quando passou o acesso, ele disse:

— Se eu não detonei a sua casa, algo a está infestando.

Os olhos de Gansey se transferiram para Ronan. *Possibilidade?*

É claro que era uma possibilidade. Outra pessoa que não Ronan tinha arrebentado a cara de Declan Lynch, então, teoricamente, alguma coisa que não Kavinsky poderia ter arrombado a Indústria Monmouth. *Possibilidade?* Qualquer coisa era possível.

— Lynch! — Um participante da festa se aproximou e o reconheceu. Ronan, por sua vez, também o reconheceu: Prokopenko. Sua voz estava leitosa com as drogas, mas Ronan teria reconhecido sua silhueta em qualquer lugar, um ombro arqueado e mais alto que o outro, orelhas de abano. — E Gansey!

— Isso aí — disse Kavinsky, polegares enganchados nos bolsos de trás, ossos dos quadris aparecendo para fora da calça baixa. — A mamãe *e*

o papai vieram. Ei, Gansey, você conseguiu uma babá para o Parrish? Sabe de uma coisa, cara, não responda; vamos fumar um cachimbo da paz.

Imediatamente, Gansey respondeu com desprezo preciso:

— Não estou interessado nas suas pílulas.

— Ah, sr. Gansey — zombou Kavinsky. — Pílulas! A primeira regra da festa de embalo é: você não fala sobre a festa de embalo. A segunda é: você *traz* uma droga se quiser outra.

Prokopenko deu uma risadinha.

— Sorte sua, sr. Gansey — continuou Kavinsky, no que provavelmente era para soar como um sotaque elegante —, que eu sei o que o seu cachorro quer.

Prokopenko deu uma risadinha de novo. Era o tipo de risadinha que significava que ele estaria vomitando logo. Gansey pareceu compreender isso, enquanto se afastava um pouco dele.

Comumente, Gansey teria feito mais do que se afastar um pouco dele. Tendo conseguido tudo que eles precisavam, ele teria dito para Ronan que era hora de partir. Ele teria sido friamente educado com Kavinsky, e então teria ido embora.

Mas aquele não era o Gansey de sempre.

Era o Gansey com uma inclinação arrogante do queixo, um trejeito condescendente da boca. O Gansey que sabia que, não importava o que acontecesse ali naquela noite, ainda assim ele voltaria para a Indústria Monmouth e presidiria o seu canto particular do mundo. Era o Gansey, percebeu Ronan, que Adam odiaria.

Gansey disse:

— E o que é que o meu cachorro precisa?

Os lábios de Ronan se curvaram em um sorriso.

Foda-se o passado. Aquele era o presente.

— Pirotecnia. Bum! — disse Kavinsky. Ele socou o teto de seu carro amassado. Amigavelmente, disse para a garota no banco do passageiro: — Sai do carro, vagabunda. A não ser que você queira morrer. Pra mim tanto faz.

Ronan se deu conta de que Kavinsky tinha a intenção de explodir o Mitsubishi.

No estado da Virgínia, fogos de artifício que explodiam ou emitiam uma chama mais alta que quatro metros eram ilegais, a não ser que você tivesse uma permissão especial. Não era um fato que a maioria dos residentes de Henrietta precisava lembrar, no entanto, porque era impossível encontrar fogos de artifício que fizessem qualquer coisa mesmo ligeiramente fora do comum, muito menos ilegal, dentro das fronteiras do estado. Se você quisesse algo um pouco mais impressionante para o fim de semana de feriado, você procurava o show de fogos de artifício da cidade. Se você fosse como alguns dos garotos mais arruaceiros da Aglionby ou caipiras com mais dinheiro de Henrietta, você atravessava a divisa do estado e enchia o porta-malas com fogos de artifício ilegais da Pensilvânia. Se você fosse Kavinsky, fazia os seus próprios.

— Aquele amassado vai cair — disse Ronan, igualmente empolgado e horrorizado em pensar no Mitsubishi perecendo. Tantas vezes apenas o primeiro vislumbre de suas luzes traseiras na estrada à frente dele era suficiente para bombear um espasmo urgente de adrenalina em seu corpo.

— Eu sempre vou saber que ele estava aí — respondeu Kavinsky, indiferente. — Aos virgens, que deixaram de ser. Prokopenko, me prepara um coquetel, cara.

Prokopenko obedeceu, satisfeito.

— Pra tirar a tensão — disse Kavinsky. Ele se virou para Gansey com uma garrafa na mão. Dava para ouvir o líquido lá dentro; uma camiseta havia sido amarrada e enfiada pelo gargalo. Ela estava pegando fogo. Na realidade, era um coquetel molotov.

Para a surpresa e a alegria de Ronan, Gansey o aceitou.

Ele era uma versão extraordinária de si mesmo, uma versão perigosa, parado ali, diante do Mitsubishi detonado de Kavinsky, com uma bomba caseira na mão. Ronan se lembrou do sonho de Adam e da máscara: a versão com mais dentes de Adam.

No entanto, em vez de jogá-lo no Mitsubishi, Gansey mirou uma trajetória na direção do Volvo distante. Ele o jogou, alto, gracioso e para valer. Cabeças se curvaram para observar o progresso. Uma voz da turma gritou:

— *Oh-oh, garoto Gansey!* — o que significava que pelo menos um membro da equipe de remo estava presente. Um momento mais tarde, a garrafa caiu um pouco antes dos pneus traseiros do Volvo. A quebra do vidro e a explosão simultâneas fizeram parecer que o coquetel molotov estava afundando no chão. Gansey limpou a mão na calça e se virou.

— Bom arremesso — disse Kavinsky —, mas carro errado. Proko!

Prokopenko lhe passou outro coquetel molotov. Esse, Kavinsky pressionou na mão de Ronan. Ele se inclinou mais próximo — próximo demais — e disse:

— É uma bomba. Que nem você.

Ronan sentiu um frêmito de empolgação. Era como um sonho, a intensidade de tudo aquilo. O peso da garrafa em sua mão, o calor do pavio em chamas, o cheiro daquele prazer poluído.

Kavinsky apontou para o Mitsubishi.

— Mire alto — aconselhou. Seus olhos brilhavam, abismos negros refletindo o pequeno inferno na empunhadura de Ronan. — E seja rápido, cara, ou essa coisa vai explodir o seu braço. Ninguém quer saber de meia tatuagem.

Uma coisa curiosa aconteceu quando a garrafa deixou a mão de Ronan. Enquanto ela descrevia um arco no ar, uma trilha de fogo laranja em seu rastro, Ronan sentiu como se tivesse lançado seu coração. O calor enchendo seu corpo, vertendo para dentro do buraco que ele havia feito. Mas agora ele podia respirar, agora que havia espaço em seu peito subitamente leve. O passado era algo que havia acontecido com outra versão de si mesmo, uma versão que podia ser acesa e lançada longe.

Então a garrafa caiu na janela do motorista do Mitsubishi. Era como se não houvesse líquido, apenas fogo. As chamas se espalharam pelo encosto da cabeça como um ser vivo. Vivas ecoaram pela feira. Os participantes da festa se deslocaram na direção do carro, mariposas e uma lâmpada nova.

Ronan suspirou.

Kavinsky, sua risada alta e maníaca, lançou outra bomba pela janela. Prokopenko lançou mais uma. Agora o interior estava em chamas, e o cheiro ficando tóxico.

Parte de Ronan não conseguia acreditar que o Mitsubishi estivesse desaparecendo. Mas, à medida que os outros começaram a jogar cigarros e

drinques na fogueira, a música subitamente sumiu enquanto o estéreo fundia. Pelo visto, um veículo estava morto para valer no momento em que seu estéreo fundira.

— Skov! — gritou Kavinsky. — Música!

O estéreo de outro carro ressoou para a vida, assumindo a partir do ponto em que o Mitsubishi havia parado.

Kavinsky virou para Ronan com um sorriso irônico.

— Você vem para a festa do Quatro de Julho este ano?

Ronan trocou um olhar com Gansey, mas o outro garoto estava observando as inúmeras silhuetas, seus olhos se estreitando.

— Talvez — ele disse.

— É muito parecido com uma festa de embalo — disse Kavinsky. — Se você quer ver algo explodir, traga algo que exploda.

Havia um desafio ali. Um desafio que podia ser satisfeito, talvez, por uma ida para o outro lado da fronteira ou pelo preparo inteligente de um explosivo a partir de receitas encontradas na internet.

Mas, pensou Ronan, com a mesma emoção que sentira antes, era também um desafio que ele podia atacar com um sonho.

Ele era bom com coisas perigosas, tanto em sonho quanto acordado.

— Talvez — ele respondeu. Gansey estava indo na direção do BMW. — Vou acender uma vela para o seu carro.

— Vocês estão indo? Dureza.

Se Gansey estava indo, Ronan estava indo. Ele parou e jogou outra carteira de motorista falsa no peito nu de Kavinsky.

— Fique longe da nossa casa.

O sorriso de Kavinsky era largo, aberto, sacana.

— Eu só vou aonde sou convidado, cara.

— Lynch — disse Gansey. — Deu por hoje.

— Isso mesmo — gritou Kavinsky nas costas de Ronan. — Leve o seu cachorro!

Ele disse isso com a intenção de que tanto Ronan quanto Gansey se sentissem ofendidos.

Mas Ronan não sentiu nada, apenas uma caverna abrasadora e vazia no peito. Ele deslizou para o banco do motorista enquanto Gansey fechava a porta do passageiro.

O telefone de Ronan vibrou no compartimento da porta. Ele olhou para o aparelho — uma mensagem de Kavinsky.

te vejo nas ruas

Largando o telefone de volta na porta, Ronan deixou que o giro do motor fosse lá em cima, então deu ré com um giro dramático na terra. Gansey fez um ruído aprovador.

— O Kavinsky — disse Gansey com um risinho na voz, ainda o desprezando. — Ele acha que é o dono desse lugar. Ele acha que a vida é um videoclipe.

E se agarrou à porta enquanto Ronan deixava que o BMW despejasse a sua potência. O carro galopou alegre e imprudentemente na direção de casa por alguns quilômetros, o velocímetro marcando o ritmo de seus pulsos.

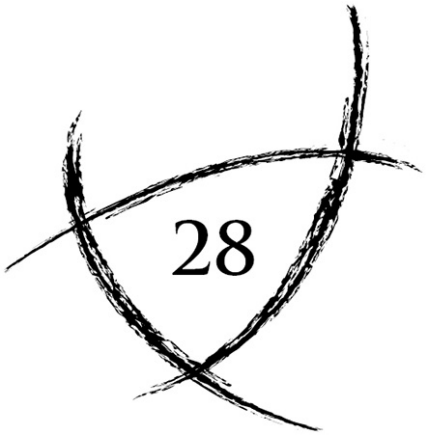
— Você não percebe o apelo? — disse Ronan.

Fechando os olhos, Gansey recostou a cabeça no banco, o queixo virado para cima, a garganta verde com as luzes do painel. O sorriso em sua boca ainda transmitia certo perigo — que tormento era a possibilidade naquele sorriso —, e ele disse:

— Nunca teve um momento em que eu e você podíamos ser aquilo. Sabe a diferença entre a gente e o Kavinsky? A gente *importa*.

Só então, naquele momento, o pensamento de Gansey partindo para Washington sem ele foi insuportável. Eles haviam sido uma criatura de duas cabeças por tanto tempo, Ronan e Gansey. No entanto, ele não podia dizer isso. Havia milhares de razões para ele não dizer isso.

— Enquanto eu estiver fora — disse Gansey, fazendo uma pausa —, sonhe o mundo para mim. Algo novo a cada noite.



— Boa noite, rei de espadas.

— Boa noite, nobre lâmina. Você fez uma leitura antes de eu vir? Para lhe explicar como tudo deu certo? — perguntou o Homem Cinzento, enquanto acompanhava Maura na direção do Motim Champanhe. Ele tinha tomado banho antes de ir buscá-la, embora não tivesse feito a barba que era sua marca registrada, e estava bonito, embora Maura não tenha dito isso.

— Você matou alguém antes de vir me buscar? — Maura havia trocado o jeans azul rasgado por um jeans azul ligeiramente menos rasgado e uma blusa de algodão com os ombros de fora, que mostrava como sua clavícula e seu pescoço combinavam bem. Ela estava bonita, embora o Homem Cinzento não tenha dito isso.

Mas ambos sabiam que o outro havia notado.

— É claro que não. Não acho que eu mate tantas pessoas quanto você imagina — ele disse, abrindo a porta do passageiro para ela. — Sabe, é a primeira vez que eu te vejo usando sapatos. Ah, então... O que é aquilo?

Maura olhou de relance sobre o ombro, para onde ele apontava. Um Ford pequeno, cansado, havia estacionado um pouco atrás do carro alugado do Homem Cinzento.

— Ah, é a Calla. Ela vai nos seguir até o restaurante para ter certeza que você vai me levar realmente lá, e não me enterrar na mata.

O Homem Cinzento disse:

— Que ridículo. Eu nunca enterro ninguém.

Calla acenou de má vontade na direção dele. Seus dedos eram garras no volante.

— Ela gosta de você — disse Maura. — Você devia ficar satisfeito. Ela é uma boa amiga para se ter.

O Ford cansado os seguiu até o restaurante e esperou no meio-fio até que o Homem Cinzento e Maura estivessem sentados a uma mesa debaixo de uma madressilva e um caramanchão coberto de luzes natalinas. Ventiladores fixos nos cantos mantinham a noite úmida a distância.

— Vou fazer o pedido para você — disse Maura.

Ela esperou para ver se ele contestaria, mas ele apenas disse: — Sou alérgico a morango.

— Seis por cento da população é — ela observou.

— Agora vejo a quem sua filha puxou — ele disse.

Ela sorriu exultante para ele. Ela tinha um daqueles sorrisos adoráveis, abertos e perfeitos, genuinamente feliz e muito bonito. O Homem Cinzento pensou: *Essa foi a pior decisão que eu já tomei.*

Ela fez o pedido para eles. Nenhum dos dois bebia vinho. As entradas estavam deliciosas, não por causa da cozinha, mas porque toda comida consumida antes de um beijo é deliciosa.

— Como é ser uma clarividente? — perguntou o Homem Cinzento.

— Essa é uma maneira engraçada de colocar a questão.

— O que eu quero dizer é: quanto você pode ver e com que grau de clareza? Você sabia que eu faria essa pergunta? Você sabe o que eu estou pensando?

O sorriso de Maura se crispou inteligentemente.

— É como um sonho ou uma lembrança, mas para frente. A maior parte é confusa, mas às vezes vemos um elemento em particular muito claramente. E nem sempre é o futuro. Muitas vezes, quando as pessoas

chegam para uma leitura, nós contamos coisas que elas já sabem. Então não, eu não sabia que você faria essa pergunta. E sim, eu sei o que você está pensando, mas isso porque sou boa com conjecturas, não uma boa médium.

Era engraçado, pensou o Homem Cinzento, como ela parecia brincalhona sempre, como aquele sorriso estava sempre a apenas um instante de seus lábios. Você realmente não via a tristeza ou o desejo, a não ser que já soubesse que eles estavam ali. Mas esse era o truque, não era? Todo mundo tinha suas frustrações e sua bagagem, só que algumas pessoas as carregavam nos bolsos internos e não nas costas. E este era o outro truque: Maura não estava fingindo sua felicidade. Ela era muito feliz e muito triste.

Mais tarde, os pratos chegaram. Maura havia pedido salmão para o Homem Cinzento.

— Porque tem algo de escorregadio a seu respeito — ela disse.

Ele achou divertido.

— E como é ser um assassino de aluguel?

— Essa é uma maneira engraçada de colocar a questão. — Mas, realmente, o Homem Cinzento concluiu que não queria falar sobre seu trabalho. Não porque tivesse vergonha dele, afinal era o melhor do ramo, mas porque o trabalho não o definia. Não era o que ele fazia no tempo livre. — Paga as contas. Mas prefiro a minha poesia.

Maura havia pedido para si um daqueles pássaros pequenos servidos como se tivessem caminhado até o prato com suas próprias forças. Ela parecia estar questionando essa decisão agora.

— A sua poesia em inglês arcaico. Tudo bem, vou morder a isca. Me conte por que você gosta dela.

Ele contou. Contou da melhor maneira possível, sem mencionar onde havia estudado ou o que havia feito antes de publicar o seu livro. Ele disse que tinha um irmão, mas rapidamente voltou atrás e contornou essa parte da história. Ele lhe contou o máximo que podia contar a respeito de si sem dizer o seu nome. Seu telefone estava vibrando contra a perna, mas ele o deixou tocar.

— Então você é um assassino só para pagar o aluguel — disse Maura. — Você não se importa de machucar as pessoas?

O Homem Cinzento considerou a questão. Ele não queria faltar com a verdade.

— Eu me importo — ele disse. — Eu apenas... desligo essa parte do cérebro.

Maura puxou uma das coxas de seu pássaro pequenino.

— Acho que não preciso lhe dizer como isso é psicologicamente prejudicial.

— Existem impulsos mais destrutivos no mundo — ele respondeu. — Eu me sinto relativamente equilibrado. E você e a sua ambição?

Os olhos dela se arregalaram, surpresos.

— Por que você diz isso?

— O jogo que você estava jogando naquela primeira noite. Quando estava adivinhando as cartas. Praticando. Experimentando.

— Eu só quero *compreender* — disse Maura. — Isso mudou completamente minha vida. É um desperdício se eu não souber o máximo que puder. Mas não sei se chamaria isso de ambição. Ah, sei lá. Já causou o seu dano... Então, você mencionou um irmão.

De alguma maneira, ela conseguira associar a palavra *irmão* com *dano*. Ele sentiu como se ela já tivesse adivinhado as nuances da relação deles.

— Meu irmão — ele disse, e então fez uma pausa e se reagrupou. De maneira absolutamente precisa, respondeu: — Meu irmão é muito inteligente. Ele pode desenhar o mapa de um lugar se tiver passado dirigindo por ele uma única vez. Ele consegue fazer contas complexas de cabeça. Eu sempre o admirei quando criança. Ele inventava jogos complicados e passava o dia inteiro neles. Às vezes me deixava jogar, se eu prometesse seguir as regras. Às vezes ele pegava um jogo, como xadrez ou War, e aplicava essas regras para o bairro inteiro. Às vezes construíamos fortes e nos escondíamos neles. Às vezes ele encontrava coisas na casa de outras pessoas e me machucava com elas. Às vezes ele pegava animais com armadilhas e fazia coisas com eles. Às vezes nos fantasiávamos e encenávamos peças.

Maura empurrou o prato para frente.

— Então ele era um sociopata.

— Provavelmente.

Ela suspirou. Um suspiro muito triste.

— E agora você é um assassino. O que ele faz? Ele está na prisão?

— Ele investe o dinheiro de outras pessoas em fundos de pensão. Ele jamais irá para a prisão. É inteligente demais.

— E você?

— Acho que eu não me daria bem na prisão — ele disse. — Eu preferiria não ir para lá.

Maura ficou quieta por um bom tempo. Então dobrou o guardanapo, colocou-o de lado e se inclinou na direção dele.

— Te incomoda que ele tenha te deixado desse jeito? Você sabe que é por isso que você consegue fazer o seu trabalho, não sabe?

Qualquer parte do Homem Cinzento que tivesse se incomodado com isso havia morrido há muito tempo, queimada com fósforos, cortada com tesouras e espetada com alfinetes, e, quando olhou para ela, ele não disfarçou essa morte nele.

— Ah — ela disse, estendendo o braço sobre a mesa e colocando a palma da mão no rosto dele. Ela era fria, macia e inteiramente diferente, de alguma forma, do que o Homem Cinzento havia esperado. Mais real. Muito mais real. — Lamento que ninguém o tenha salvado.

Ele não fora salvo? Será que ele poderia ter terminado de outro jeito?

Maura pediu a conta. O Homem Cinzento pagou. Ele havia deixado dois pequenos pedaços de salmão no prato, e Maura usou o garfo dela para roubá-los.

— Assim nós dois teremos hálito de peixe — disse ela.

E então, no escuro ao lado da Paródia Champanhe, ele a beijou. Há tempos nenhum dos dois beijava alguém, mas não tinha importância. Beijar é muito parecido com rir. Se a piada for engraçada, não importa há quanto tempo você ouviu uma boa.

Por fim, ela murmurou, a mão na camisa dele, os dedos percorrendo suas costelas: — Essa é uma ideia terrível.

— Não existem ideias terríveis — disse o Homem Cinzento. — Apenas ideias terrivelmente executadas.

— Esse também é um conceito psicologicamente prejudicial.

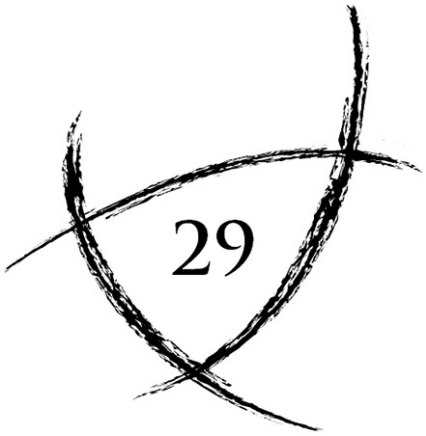
Mais tarde, após tê-la deixado em casa e voltado para a Pousada Vale Aprazível, ele descobriu que Shorty e Patty Wetzel tentaram

desesperadamente ligar para ele durante todo o jantar para avisá-lo que seu quarto no hotel havia sido revirado.

— Você não ouviu o telefone tocar? — perguntou Patty urgentemente.

O Homem Cinzento se lembrou da vibração do celular e tateou os bolsos. Mas o telefone havia desaparecido. Maura Sargent o roubara enquanto eles se beijavam.

Em seu lugar estava o dez de espadas: o Homem Cinzento morto no chão e Maura, a espada, atravessando-lhe o coração.



— Você não está dormindo — disse Persephone enquanto acordava Blue —, então pode nos ajudar?

Blue abriu os olhos. Seus lábios estavam colados um no outro. Um ventilador no canto do quarto girava, secando o suor na parte de trás de seus joelhos. Persephone se ajoelhou na beirada da cama, envolvendo o rosto de Blue em uma nuvem de cabelo claro e frisado. Ela cheirava a rosas e fita adesiva. O céu na rua estava negro e azul.

— Eu *estava* dormindo.

Em sua voz pequenina, Persephone salientou:

— Mas agora não está mais.

Não havia absolutamente sentido algum em discutir com ela; era como brigar com um gato. Também, não era estritamente uma mentira. Espreguiçando-se irritada, ela chutou Persephone para fora da cama e jogou para o lado o lençol. Juntas, elas desceram silenciosamente os degraus à meia-noite para o brilho embolorado da cozinha. Maura e Calla já estavam lá, curvadas sobre a mesa, como uma dupla de conspiradoras. A luminária falsa da Tiffany acima delas pintava a parte de trás da cabeça

delas de roxo e laranja. A noite forçava a entrada pela porta de vidro às suas costas, e Blue podia ver a silhueta familiar e reconfortante da faia no jardim.

Ao som dos passos de Blue, Maura ergueu o olhar.

— Ah, que bom.

Blue lançou um olhar pesado para a mãe.

— Dá tempo de eu fazer um chá?

Maura assentiu com a mão para Blue ir em frente. Quando a garota se juntou a elas na mesa com sua xícara, todas as três voltaram a atenção para um único objeto, uma cabeça loira, uma morena e uma negra. Três pessoas, mas uma entidade.

Blue se arrepiou um pouco quando se sentou.

— Ah, chá de *hortelã* — disse Calla sugestivamente, arruinando o clima.

Revirando os olhos, Blue perguntou:

— Como posso ajudar?

Elas abriram a formação para que Blue visse sobre o que elas estavam amontoadas: um telefone celular. Calla o segurava, e elas vinham tentando uma leitura da médium sobre o objeto.

— Esse telefone é do sr. Cinzento — disse Maura. — Você nos ajudaria?

Aborrecida, Blue colocou a mão no ombro de Calla.

— Não — disse Maura. — Não desse jeito. Estamos tentando descobrir como acessar os e-mails dele.

— Ah. — Ela pegou o telefone. — A garotada de hoje em dia...

— Pois é.

Blue passou o polegar pela tela. Embora ela não tivesse um celular, já manuseara muitos, e aquele era do mesmo modelo do de Gansey. Não era preciso nenhuma habilidade especial para abrir o e-mail do sr. Cinzento. Ela devolveu o telefone.

A três mulheres se inclinaram para frente.

— Você roubou isso? — perguntou Blue.

Não houve resposta. Só pescoços esticados, observando.

— Devo queimar um pouco de íris? E aipo?

Persephone piscou, os olhos negros um pouco distantes.

— Ah, sim, por favor.

Com um bocejo, Blue se afastou da mesa e preparou um prato pequeno com sementes de aipo e um rizoma de íris do armário. Ela usou uma das velas sobre o balcão para acendê-las. A mistura fez fumaça e estalou, as sementes de aipo se retorcendo como pipoca e o rizoma de íris cheirando a violeta queimada. A ideia era que a fumaça tornasse as impressões mediúnicas mais claras.

Ela colocou o prato no centro da mesa. Ele começou a cheirar um pouco como fogos de artifício.

— Por que vocês estão mexendo no telefone dele?

— Todas nós sabíamos que ele estava procurando algo — respondeu Maura. — Só não sabíamos o quê. Mas agora sabemos.

— E o que é?

— O seu garoto cobra — disse Calla. — Só que ele não sabe que é um garoto.

— Ele o chama de Greywaren e diz que serve para tirar coisas de sonhos. Você vai ter que tomar cuidado, Blue. Acho que aquela família está toda enrolada em alguma confusão — disse Maura.

Alguma confusão que envolvia o pai de Ronan ter sido espancado até a morte com uma chave de roda. Essa parte Blue já sabia.

— Você acha que ele é perigoso para o Ronan? — Blue se lembrou do rosto machucado de Declan Lynch. — Quer dizer, se ele descobrir que o Greywaren é um *ele* e não uma *coisa*?

— Com certeza — disse Calla, ao mesmo tempo em que Maura disse: — Provavelmente não.

Persephone e Calla lançaram olhares para Maura.

— Vou entender como um *talvez* — disse Blue.

Nesse momento, o telefone pulou da superfície da mesa. As quatro deram um salto. Blue foi a primeira a se acalmar; ele só estava tocando. Ou melhor, abrindo caminho mesa afora enquanto zunia e vibrava.

— Anote o número! — gritou Calla, mas devia estar falando consigo mesma, pois já o estava anotando.

Com uma voz pequena, Persephone disse:

— É um número de Henrietta. Você quer atender?

Maura balançou a cabeça. Após um momento, chegou uma mensagem no correio de voz.

— Mas isso nós vamos ouvir. Hã, Blue? Você consegue?

Blue pegou o telefone e encontrou o correio de voz com o polegar, então o passou para Maura.

— Ah — disse Maura, ouvindo. — É ele. Aperto esse botão para ligar de volta...? Sim. — Ela esperou enquanto o telefone tocava, e então: — Ah, olá, sr. Cinzento.

Blue adorava aquela voz de sua mãe, exceto quando era usada com ela. Era uma voz alegre, que transmitia autoridade, que dizia que ela tinha todas as cartas. Só que agora ela a estava usando com um assassino, cujo telefone ela havia roubado. Blue não sabia dizer se aquilo era encantadoramente descarado ou incrivelmente tolo.

— Bem, você não achou que eu ia atender uma chamada no *seu* telefone, não é? Isso seria terrivelmente grosseiro. Você chegou em casa bem? Ah, sim, pode pegar o telefone de volta agora. Desculpe se você precisou dele. Você... ah.

O que quer que o Homem Cinzento tenha dito imediatamente fez Maura se calar. Ela baixou os olhos e sugou o lábio superior entre os dentes. A ponta das orelhas ficou rosada. Ela ouviu por um momento, puxando Calla e Persephone de volta.

— Bem — ela disse, por fim. — Quando você quiser. Eu acho que você devia ligar primeiro, mas... bem. Você sabe. Eu tenho o seu telefone. Ha. Tudo bem. Tudo bem. Não durma de costas. Todas as espadas vão te atravessar. Sim, esse é o meu conselho profissional.

Maura desligou o telefone.

— O que ele disse? — demandou Blue.

— Que a gente podia simplesmente pedir os objetos de valor que quisermos dele da próxima vez, para que ele possa se precaver — disse Maura.

Calla apertou os lábios.

— Isso é tudo?

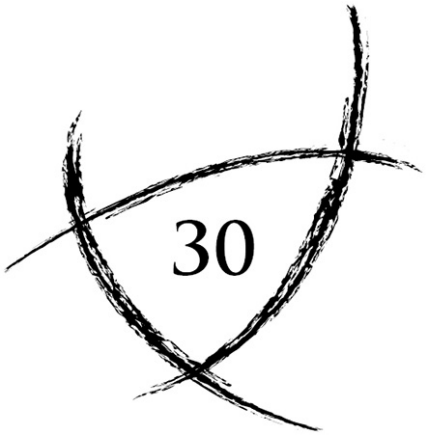
Maura estava ocupada passando o telefone da mão esquerda para a direita e de volta para a esquerda.

— Ah, e que ele gostou do jantar.

Blue irrompeu:

— Mas você não esqueceu o Chuchu.

Dessa vez, sua mãe não reclamou do nome. Ela disse: — Eu nunca esqueço.



Naquela noite, Ronan sonhou com sua tatuagem.

Ele havia feito a tatuagem grande e intrincada apenas alguns meses atrás, um pouco para irritar Declan, um pouco para ver se era realmente tão dolorido como diziam, e definitivamente para que todo mundo que visse as garras dela tivesse um aviso claro. Ela estava cheia de coisas da sua cabeça, bicos, garras, flores e vinhas enfiadas em bocas gritando.

Ele levou um longo tempo para dormir naquela noite, seus pensamentos cheios com o Mitsubishi queimando, Gansey segurando o coquetel molotov, a língua enigmática na caixa quebra-cabeça, as olheiras escuras de Adam.

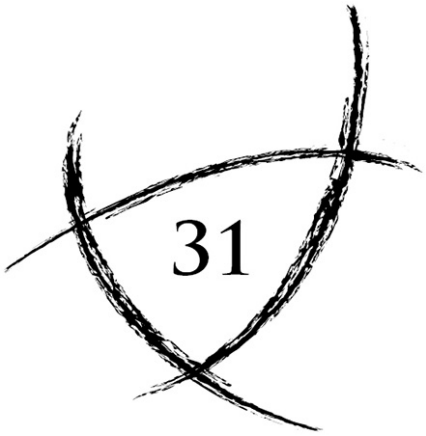
E, quando dormiu, sonhou com a tatuagem. Geralmente, Ronan via partes e pedaços dela; ele não via o desenho inteiro desde que a fizera. Mas, naquela noite, ele viu a tatuagem em si, por trás, como se estivesse fora do próprio corpo, como se ela não fizesse parte de seu corpo. Ela era mais complicada do que ele lembrava. A estrada até a Barns estava entremeada através dela, e Motosserra espiava para fora de um arbusto de

espinhos. Adam estava no sonho, também; ele percorreu o padrão emaranhado da tinta com o dedo. E disse: *Scio quid hoc est*, enquanto seguia com o dedo cada vez mais longe sobre a pele nua das costas de Ronan, o qual desapareceu inteiramente enquanto a tatuagem ficava cada vez menor. Ela era um laço céltico do tamanho de uma hóstia, e então Adam, que havia se tornado Kavinsky, disse: *Scio quid estis vos*. Ele colocou a tatuagem na boca e a engoliu.

Ronan acordou com um sobressalto, envergonhado e eufórico.

A euforia passou bem antes da vergonha.

Ele nunca mais ia dormir.



Na manhã seguinte, Helen chegou de helicóptero para buscar Gansey e Adam. Quando eles decolaram, Adam apoiou a cabeça nas mãos, os olhos vidrados de terror, e Gansey, costumeiramente fã de voar, tentou ser compreensivo. Sua cabeça era uma confusão de carros em chamas, rodas de Camaro antigas e a desconstrução de tudo que Blue havia lhe dito.

Lá embaixo, ele ainda podia ver Ronan deitado no teto do BMW, observando-os decolar. Parecia ridículo deixar Henrietta, o epicentro do universo, para ir à casa de seus pais.

Quando alçaram voo, passando sobre o telhado da Monmouth, Gansey viu de relance uma última imagem de Ronan lhe mandando sarcasticamente um beijo antes de virar a cabeça.

No entanto, o resto do voo não deixou tempo para introspecção. Helen deu a Gansey seu telefone e passou o voo inteiro ditando textos através dos fones de ouvido. Era impossível para Gansey ponderar o que eles fariam a respeito de Cabeswater quando a voz de Helen soava diretamente em sua cabeça: “Diga a ela que os centros de mesa estão na garagem. A vaga mais

distante da casa. É claro que não onde o Adenauer está estacionado! Eu tenho cara de idiota? Não digite isso. O que ela está dizendo agora? As taças de champanhe extras estão sendo entregues pela Chelsea. Diga a ela que, se o queijo não está na geladeira, eu não sei onde está. Você não tem o celular da Beech? É claro que eu sei o que é vegano! Diga a ela que eles precisam usar azeite em vez de manteiga. Porque vacas fazem manteiga e italianos fazem azeite! Ótimo! Diga que vou pegar alguns petiscos veganos. Veganos também votam! Não digite isso".

Se Gansey já não tivesse adivinhado o teor da festa, durante o voo teria recolhido todos os indícios de que precisava. É claro, não seria apenas a festa daquela noite. Haveria também o chá na manhã seguinte e o discurso no clube do livro um dia depois. Adam parecia prestes a vomitar. Gansey queria muito lhe dizer que tudo ia ficar bem, mas não tinha como ser discreto usando fones de ouvido. Adam ficaria mortificado se Helen soubesse como ele estava nervoso.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Helen pousou o helicóptero no campo de pouso e transferiu a si mesma, a bagagem de mão, os garotos e seus ternos embrulhados para seu Audi prata.

Gansey se sentia vagamente perturbado por estar de volta ao norte da Virgínia. Como se ele nunca tivesse partido. O sol parecia mais inclemente sobre as traseiras de todos os carros limpos e novos, e o ar que passava pelas ventilações cheirava a descarga e a alguém preparando algo na cozinha. Vários arquipélagos de lojas transpassavam mares de asfalto. Parecia que havia luzes de freio por toda parte, mas nada realmente imóvel. Em busca dos aperitivos, Helen conseguiu encontrar uma vaga para parar o carro nos fundos do estacionamento da Whole Foods. Ela se virou e encarou Gansey e Adam.

— Vocês querem vir junto e me ajudar?

Eles a olharam fixamente.

— Estou chocada. Vou deixar o motor ligado — ela disse.

Tão logo ela bateu a porta, Gansey se virou no banco do passageiro para encarar Adam no banco de trás, descansando o rosto contra o couro frio do apoio de cabeça.

— Como você está?

Adam havia se fundido ao longo do comprimento do banco de trás. Ele disse: — Rezando que eu não tenha crescido do ano passado pra cá.

Gansey tinha ido com Adam tirar as medidas para um terno no inverno anterior. Ele disse: — Eu experimentei o meu antes de partirmos. Não acho que você tenha ficado mais alto. Só se passaram alguns meses.

Adam fechou os olhos.

— Você vai se sair bem.

— Nem fale nisso. Não posso... — Adam deslizou mais ainda no banco. Ele estava deitado agora, as pernas apoiadas na porta do outro lado. — Fale de outra coisa.

— O que mais tem para falar?

Blue.

Ele não disse nada. *Corta essa, Gansey.*

Adam perguntou:

— Malory? Ele te deu um retorno?

Ele não tinha dado. Gansey discou o número de Malory. Ele ouviu o toque duplo, baixinho, de um telefone no Reino Unido, e então Malory atendeu: — O quê?

Ele parecia confuso que seu telefone tivesse aceitado uma chamada. Havia um ruído tremendo, indefinido, ao fundo.

— É o Gansey. Liguei em uma hora ruim?

— Não, não, não. Não, não.

Gansey colocou o telefone no viva-voz e o largou sobre o painel do carro.

— Você por acaso pensou em mais alguma coisa? Não? Bem, nós temos um novo problema.

— Qual é o problema?

Gansey contou para ele.

— Deixe-me pensar um pouco — disse Malory. Uma comoção zunia na linha. Um guincho pavoroso se fez ouvir.

— Mas que diabos é esse *barulho*?

— Pássaros, Gansey, o rei dos pássaros.

Gansey trocou um olhar com Adam.

— Uma águia?

— Não blasfeme. Pombos! É o campeonato regional hoje. Eu costumava exibi-los, sabia? Não tenho tempo ultimamente, mas eu ainda adoro a visão de um pombo ornamental voorburg de qualidade.

— Uma exposição de pombos — disse Gansey.

— Se você pudesse ver, Gansey!

Do outro lado da linha, um alto-falante ressoou.

A boca de Adam se curvou, e Gansey sugeriu:

— Pombos ornamentais voorburg.

— Tem muito mais para ver aqui — respondeu Malory. — Muito mais do que os voorburgs.

— Me diga o que você está vendo *nesse instante*.

Malory estalou os lábios — ele era realmente a pessoa mais difícil do mundo para se falar ao telefone — e considerou.

— Estou vendo... Qual será a raça deste? Um tumbler do oeste da Inglaterra. Acho que é. Sim. Um exemplar adorável. Você precisa ver as penas nas patas dele. Bem ao lado dele há um pombo do campo thuringen pequenino, terrível. Eu nunca tive um, mas estou bastante convicto de que não deveriam ter aquele pescoço de cavalo horroroso. Não faço ideia do que seja esse aqui. Vamos ler a ficha. Ringbeater da Anatólia. É claro. Ah, e esse é um homer beleza alemã.

— Ah, são os meus favoritos — disse Gansey. — Sou fã de um belo homer beleza alemã.

— Gansey, não brinque comigo — disse Malory severamente. — Essas coisas parecem malditos papagaios-do-mar.

O corpo de Adam tremeu em convulsões silenciosas de riso.

Gansey levou um momento para recuperar o fôlego antes de perguntar: — E o que é esse barulho aí no fundo?

— Deixe-me dar uma olhada — respondeu Malory. Houve um estalido, e então sua voz, bem mais alta que antes, disse: — Eles estão leiloando alguns pássaros.

— De que tipo? Por favor, não vá me dizer que são homers beleza alemã.

Adam, completamente descontrolado, mordeu a mão. Mesmo assim, pequenos arquejos ainda escaparam.

— Pouters pigmeus — respondeu Malory. — Exuberantes!

Gansey pronunciou *Blue* em silêncio para Adam, que soltou um gemido de riso desamparado.

— Você nunca me levou a nenhuma exposição de pombos quando eu estava aí — disse Gansey de maneira reprovadora.

— Nós tínhamos outras coisas para fazer, Gansey! — disse Malory. — Como agora. Eis o que eu penso sobre a linha ley. Acho que a sua floresta é como uma aparição, se eu tivesse que dar um palpite sobre essas coisas. Sem uma fonte sólida de energia, uma aparição só pode oscilar.

— Mas nós despertamos a linha ley — respondeu Gansey. — Ela é tão forte às vezes que estoura os transformadores aqui.

— Ah, mas você disse que a eletricidade cai também, não é?

Gansey concordou relutantemente. E agora ele estava pensando em Noah desaparecendo na Dollar City.

— Então você vê que a sua floresta pode ser deixada à míngua, assim como pode ser alimentada em excesso. Por Deus, homem, tome cuidado com essa coisa! Desculpe! Você devia estar mesmo! Eu também lamentaria se tivesse de assumir a propriedade dessa monstruosidade! Esse pescoço de salsicha... Dê licença *você*! — Houve um tumulto, e então Malory disse: — Desculpe, Gansey. Tem cada um! Acho que você precisa encontrar uma maneira de estabilizar a linha. As altas de tensão eu esperaria, mas certamente não as interrupções.

— Alguma sugestão?

— Eu pensei em várias possibilidades agora mesmo — disse Malory. — Eu gostaria de ver essa sua linha. Você se importaria se um dia...?

— Você é bem-vindo a qualquer momento — disse Gansey, e ele estava sendo sincero. Apesar de todos os defeitos, Malory ainda era o aliado mais antigo de Gansey. Ele havia conquistado isso.

— Excelente, excelente. Agora, se você me dá licença — disse Malory —, acabei de ver um par de croppers escudo.

Eles se despediram. Gansey virou os olhos para Adam, que se parecia mais consigo mesmo agora do que parecera nos últimos tempos. Silenciosamente, ele prometeu que faria o que estivesse a seu alcance para mantê-lo daquele jeito.

— Bem. Não sei dizer até que ponto *isso* ajudou.

— Ficamos sabendo que homers beleza alemã parecem malditos papagaios-do-mar — disse Adam.



A primeiríssima coisa que Ronan fez depois que Gansey partiu foi pegar as chaves do Camaro. Ele não tinha outro plano imediato a não ser ver se elas realmente se encaixavam na ignição.

No sol do verão, o Pig brilhava como uma joia na grama alta e no cascalho. Ronan colocou a mão sobre o painel traseiro e escorregou a palma ligeiramente sobre o teto. Até isso parecia proibido; havia tanto de Gansey naquele carro que parecia que, em algum lugar, Gansey seria capaz de sentir essa pequena transgressão. Quando Ronan levantou a mão, ela estava coberta de verde. Ele ficou encantado com os detalhes do momento. Era algo de que ele precisava se lembrar, quando sonhasse. Aquele sentimento do instante: o coração palpitando, o pólen grudando na ponta dos dedos, o suor de julho fazendo brotar suor em seu peito, o cheiro da gasolina e da churrasqueira de outra pessoa. Cada folha de grama era distinguida detalhadamente. Se Ronan pudesse sonhar como se sentia naquele momento, poderia tirar qualquer coisa do sonho. Poderia tirar aquele maldito carro inteiro.

Ele colocou a chave na porta.

Ela encaixou.

Ele a virou.

A tranca abriu.

Um sorriso estava surgindo em sua boca, embora não houvesse ninguém para vê-lo. *Especialmente* porque não havia ninguém para vê-lo.

Ronan afundou no banco do motorista. O vinil estava infernalmente quente no sol, mas ele apenas guardou aquela informação. Era mais uma sensação que tornava o momento real em vez de um sonho. Lentamente, ele correu um dedo em torno da direção fina e pousou a palma sobre o câmbio liso.

O coração de Gansey pararia se ele visse Ronan Lynch ali.

A não ser que a chave não funcionasse na ignição.

Ronan colocou os pés na embreagem e no freio, inseriu a chave e a virou.

O motor rugiu para a vida.

Ronan abriu um largo sorriso.

Bem na hora, seu telefone vibrou e uma mensagem entrou. Ele o escorregou para fora do bolso. Kavinsky.

minhas rodas novas vão te deixar maluco. te vejo às 11 da noite.



Uma hora mais tarde, Noah abriu a porta da Indústria Monmouth para Blue. O sol havia tornado o espaço vasto e bolorento e adorável. O ar quente, preso, tinha cheiro de madeira antiga, hortelã e dez mil páginas sobre Glendower. Embora Gansey tivesse saído apenas por algumas horas, subitamente parecia mais tempo, como se aquilo fosse tudo que tivesse sobrado dele.

— Onde está o Ronan? — ela sussurrou, enquanto Noah fechava a porta.

— Se metendo em confusão — ele sussurrou de volta. Era estranho estar ali sem mais ninguém: falar parecia algo um pouco proibido. — Nada que a gente possa fazer a respeito.

— Tem certeza? — Blue murmurou. — Eu posso fazer um monte de coisas.

— Não quanto a isso.

Ela hesitou junto à porta. Parecia uma invasão sem Gansey e Ronan ali. O que ela queria era de alguma forma enfiar a Indústria Monmouth inteira em sua cabeça e mantê-la ali. Ela sentia um desejo ansioso.

Noah estendeu a mão. Ela a aceitou — estava fria como um osso, como sempre —, e juntos eles se viraram para a sala enorme. Noah respirou fundo, como se eles estivessem se preparando para explorar a mata em vez de avançar mais para dentro da Indústria Monmouth.

Ela parecia maior com apenas os dois ali. O teto tomado de teias de aranha se elevava para o alto, grãos de poeira formando móbiles acima. Eles viraram a cabeça de lado e leram os títulos dos livros em voz alta. Blue espiou Henrietta pelo telescópio. Noah audaciosamente recolocou no lugar um dos telhados em miniatura da maquete da cidade de Gansey. Eles viram o que havia dentro da geladeira enfiada no banheiro. Blue escolheu

um refrigerante. Noah pegou uma colher plástica. Ele a mordia enquanto Blue alimentava Motosserra com um hambúrguer que sobrara. Eles fecharam a porta de Ronan — se Gansey ainda habitava o resto do apartamento, a presença de Ronan ainda estava entranhada resolutamente em seu quarto. Noah mostrou a Blue o quarto dele. Eles pularam sobre a cama perfeitamente arrumada e então jogaram uma partida ruim de sinuca. Noah se jogou no sofá novo, enquanto Blue persuadia o velho toca-discos a tocar um LP sofisticado demais para interessar a qualquer um deles. Eles abriram todas as gavetas na mesa da sala principal. Um dos autoinjetores de adrenalina rolou no interior da gaveta mais alta no momento em que Blue pegava uma caneta chique. Ela copiou a letra pesada de Gansey em um recibo do Nino's, enquanto Noah colocava um suéter de mauricinho que encontrara enfiado debaixo da mesa. Ela mastigou uma folha de hortelã e bafejou no rosto de Noah.

Curvando-se, eles avançaram lateralmente ao longo da foto aérea impressa que Gansey havia espalhado por todo o quarto. Ele havia feito anotações enigmáticas para si mesmo por toda a margem. Algumas eram coordenadas. Algumas eram explicações da topografia. Algumas eram letras dos Beatles.

Por fim, eles observaram a cama de Gansey, que era apenas um colchão mal arrumado sobre uma caixa de molas, numa armação de metal. Ele ficava em um quadrado de luz do sol no meio do quarto, virado em ângulo, como se tivesse sido jogado contra o prédio. Sem discussão, eles se deitaram encolhidos sobre o cobertor, cada um pegando um travesseiro de Gansey. Parecia algo ilícito e preguiçoso. Com o rosto perto do de Blue, Noah piscou os olhos cheios de sono para ela. Blue levou um punhado da ponta do lençol até o nariz. Cheirava a hortelã e relva, o que era o mesmo que dizer: a Gansey.

Enquanto eles cozinhavam ao sol, ela se deixou pensar:

Eu tenho uma queda por Richard Gansey.

De certa maneira, era mais fácil que fingir que não. Ela não podia fazer nada a respeito, é claro, mas se deixar pensar naquilo era como furar uma bolha.

É claro, a verdade oposta era também bastante óbvia.

Eu não tenho uma queda por Adam Parrish.

Ela suspirou.

Noah disse com a voz abafada:

— Às vezes finjo que sou como ele.

— Qual parte?

Ele considerou.

— Vivo.

Blue passou um braço sobre o pescoço frio de Noah. Não havia realmente nada para dizer que tornasse estar morto melhor.

Por alguns minutos sonolentos, eles ficaram em silêncio, aninhados nos travesseiros, e então Noah disse: — Fiquei sabendo que você não quer beijar o Adam.

Ela virou o rosto para o travesseiro, as faces quentes.

— Bom, *eu* não estou nem aí — disse Noah. Com certo prazer, ele conjeturou: — Ele cheira mal, é isso?

Blue se virou para ele.

— Ela *não* cheira mal. Desde pequena, toda médium que eu conheço me diz que, se eu beijar meu verdadeiro amor, ele vai morrer.

Noah franziu o cenho, ou pelo menos a metade dele que não estava enterrada no travesseiro. Ela nunca vira o nariz dele tão torto como agora.

— O Adam é o seu verdadeiro amor?

— Não — disse Blue. Ela se sobressaltou com a rapidez da resposta. Ela não conseguia deixar de ver o lado afundado da caixa que ele chutara. — Quer dizer, não sei. Eu simplesmente não beijo ninguém, para não ter erro.

Estar morto tornava Noah uma pessoa com a mente mais aberta que a maioria das pessoas, então ele não se incomodou com a dúvida dela.

— A questão é *quando* ou *se*?

— Como assim?

— Tipo, *se* você beijar o seu verdadeiro amor, ele vai morrer — ele disse —, ou *quando* você beijar o seu verdadeiro amor, ele vai morrer?

— Não vejo diferença.

Ele esfregou o lado do rosto sobre o travesseiro.

— Hummfofo — observou, então acrescentou: — Numa situação, a culpa é sua. Na outra, você simplesmente está ali quando acontece. Tipo,

quando você o beija, *bum!*, um urso acerta ele. Totalmente não sua culpa. Você não precisa se sentir mal com isso. O urso não é seu.

— Acho que é *se*. Elas todas dizem *se*.

— Que droga. Então você nunca vai beijar ninguém?

— Parece que não.

Noah esfregou a mancha sobre o rosto. Ela não saiu. Nunca saía. Ele disse: — Eu sei de alguém que você poderia beijar.

— Quem? — Ela percebeu os olhos divertidos dele. — Ah, espere.

Ele deu de ombros. Noah talvez fosse a única pessoa que Blue conhecia que podia preservar a integridade de um menear de ombros mesmo deitado.

— Não é tipo... como se você fosse me matar. Quer dizer, se você tiver curiosidade.

Ela não achava que tinha curiosidade. Não havia sido uma opção, afinal. Não poder beijar ninguém parecia muito com ser pobre. Ela procurava não pensar muito sobre as coisas que não podia ter.

Mas agora...

— Tudo bem — ela disse.

— O quê?

— Eu disse tudo bem.

Ele corou. Ou melhor, como estava morto, ficou com uma cor normal.

— Hum. — Noah se apoiou em um cotovelo. — Bom... — Ela desenterrou o rosto do travesseiro. — Só, tipo...

Ele se inclinou na direção dela. Blue sentiu um frêmito por meio segundo. Não, mais como um quarto de segundo. Porque depois disso ela sentiu o franzir firme demais dos lábios tensos dele. A boca de Noah se misturou à dela até encontrar os dentes. A coisa toda foi ao mesmo tempo viscosa, coceguenta e hilária.

Os dois expiraram com um riso envergonhado. Noah disse:

— *Blé!*

Blue considerou limpar a boca, mas achou que seria grosseiro. Tudo aquilo fora um tanto decepcionante.

— Bem... — ela disse.

— Espere — respondeu Noah —, espereespereespere. — Ele tirou um fio de cabelo de Blue da boca. — Eu não estava pronto.

Ele balançou as mãos como se os lábios de Blue fossem um evento esportivo e ter uma câimbra fosse uma possibilidade muito real.

— Vai — disse Blue.

Dessa vez, eles chegaram a apenas uma respiração dos lábios um do outro quando ambos começaram a rir. Ela eliminou a distância e foi recompensada com outro beijo que parecia muito com beijar uma máquina de lavar louça.

— Estou fazendo algo errado? — ela sugeriu.

— Às vezes é melhor com a língua — ele respondeu vagamente.

Eles olharam um para o outro.

Blue semicerrou os olhos:

— Você tem certeza que já fez isso antes?

— Ei! — ele protestou. — É esquisito para mim porque é *você*.

— Bom, é esquisito para mim porque é você.

— A gente pode parar.

— Talvez a gente deva mesmo.

Noah se ergueu mais sobre o ombro e mirou o teto vagamente. Finalmente, baixou o olhar de volta para ela.

— Você já viu, tipo, nos filmes. Os beijos, certo? Seus lábios precisam estar, tipo, querendo ser beijados.

Blue tocou a própria boca.

— O que eles estão fazendo agora?

— Tipo, se preparando para o pior.

Ela apertou e soltou os lábios. Blue entendeu o que ele queria dizer.

— Então imagine um desses — sugeriu Noah.

Blue suspirou e procurou na memória até encontrar um que servisse. Não era um beijo de filme, no entanto. Era o beijo que a árvore dos sonhos havia mostrado a ela em Cabeswater. O primeiro e único beijo dela e de Gansey, um pouco antes de ele morrer. Ela pensou na linda boca dele quando ele sorria. Nos olhos afetuosos quando ele ria. Blue fechou os olhos.

Apoiando um cotovelo do outro lado da cabeça dela, Noah se aproximou e a beijou mais uma vez. Dessa vez, foi mais um pensamento que um sentimento, um calor suave que começou na boca e se propagou pelo resto do corpo dela. Uma mão fria escorregou por trás do pescoço de

Blue, e ele a beijou de novo, os lábios abertos. Não era apenas um toque, uma ação. Era a simplificação de ambos: eles não eram mais Noah Czerny e Blue Sargent. Agora eram apenas *ele* e *ela*. Nem isso. Apenas o tempo que sustentavam entre si.

Ah, pensou Blue. *Então é isso que eu não posso ter.*

Não poder beijar quem quer que ela estivesse apaixonada não parecia muito diferente de não ter um celular quando todo mundo na escola tinha. Não parecia muito diferente de saber que ela não ia estudar ecologia em uma faculdade no exterior, ou ir para o exterior e ponto-final. Não parecia muito diferente de saber que Cabeswater seria a única coisa extraordinária em sua vida.

O que era o mesmo que dizer que era insuportável, mas ela tinha de suportar de qualquer jeito.

Porque não havia nada terrível a respeito de beijar Noah Czerny, fora ele ser frio. Blue deixou que ele a beijasse, e o beijou de volta até que ele se afastou, se apoiando em um cotovelo e desajeitadamente secando algumas lágrimas dela com o dorso da mão. Sua mancha havia ficado bastante escura, e ele estava tão frio que Blue teve um arrepio.

Ela abriu um sorriso úmido para ele.

— Foi muito bom.

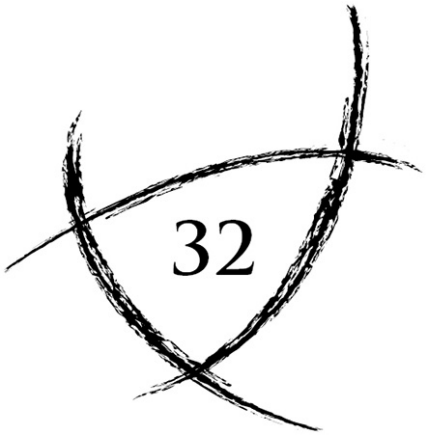
Ele deu de ombros, os olhos tristes, os ombros voltados para dentro. Noah estava desaparecendo. A questão não era que ela pudesse ver através dele. A questão era que ela tinha dificuldade de lembrar como ele era, mesmo enquanto olhava para ele. Quando ele virou a cabeça, Blue o viu engolir. Ele murmurou: — Eu convidaria você para sair, se estivesse vivo.

Nada era justo.

— Eu aceitaria.

Ela só teve tempo de vê-lo sorrir ligeiramente. E então ele desapareceu.

Blue rolou de costas no meio da cama subitamente vazia. Acima dela, as vigas brilhavam com o sol de verão. Ela tocou a própria boca. Parecia do mesmo jeito de sempre. Não parecia que ela tinha dado seu primeiro e último beijo.



— Entre — disse Ronan.

— Aonde vamos? — perguntou Matthew. Mas ele já estava entrando, jogando a sacola no banco de trás. Ele fechou a porta. O interior do carro passou instantaneamente a cheirar a uma amostra de água de colônia.

Ronan pôs o BMW em movimento. A Aglionby foi sumindo no espelho retrovisor.

— Para casa.

— *Para casa!* — exclamou Matthew. Agarrando-se à maçaneta da porta, ele olhou sobre o ombro como se os transeuntes adivinhassem o seu destino. — Ronan, a gente *não* pode. O Declan disse...

Ronan pisou com tudo nos freios. Os pneus guincharam obsequiosamente e o carro parou bruscamente junto à calçada. O carro atrás deles buzinou e desviou do BMW.

— Você pode sair e caminhar de volta, se quiser. Mas eu estou indo. Você quer ou não?

Os olhos arredondados de seu irmão ficaram mais arredondados ainda.

— O Declan...

— Não diga o nome dele.

Covinhas apareceram no queixo de Matthew, do tipo que queriam dizer, quando ele tinha três ou quatro anos, que ele ia chorar. Mas ele não chorou. Ronan desejou por meio segundo não odiar Declan, pelo bem de Matthew.

— Tudo bem — disse Matthew. — Você tem certeza que não vai ter problema?

— Não — Ronan respondeu, porque ele sempre dizia a verdade.

Matthew colocou o cinto de segurança.

Ronan remexeu o aparelho de MP3 até encontrar uma playlist de músicas de bouzouki. Matthew não tocava desde que Niall Lynch morrera, mas fora bastante competente nesse instrumento antes disso. Parecia um gesto indulgente. Ronan racionava a música do passado deles, como se consumisse um pouco das memórias de seu pai toda vez que a tocasse. Certamente essa ocasião a justificava, no entanto.

À medida que a canção tangia dos alto-falantes, seu irmão mais novo deixava todo o ar escapar dos pulmões. E Ronan dirigiu para casa pela segunda vez.



Dessa vez parecia diferente. Trazer Matthew junto deveria ter feito o retorno à Barns parecer mais familiar do que antes, mas, em vez disso, serviu apenas para lembrar Ronan quão proibido isso era. A luz do sol tornou a viagem uma experiência mais ansiosa ainda, como se a luz brilhante os deixasse mais expostos enquanto eles avançavam pelo acesso da casa.

Ronan seguiu lentamente até verificar que o carro da enfermeira não estava ali, então deu a volta por trás da casa, onde ficava um galpão de equipamentos cercado de grama alta e tomado de mofo esverdeado.

— Abra aquela porta — ele ordenou a Matthew. — Vamos, rápido.

Matthew deixou o carro apressadamente, arrancou parte da trepadeira que cobria o galpão e lutou para levantar a porta de metal. Ele tirou um

cortador de grama pequeno e enferrujado do caminho, e Ronan entrou com o BMW de ré. Ele o desligou, puxou a porta para baixo de novo e conferiu para ter certeza de que os pneus não haviam deixado marcas.

— James Bond — observou Matthew inexplicavelmente. Ele estava incrivelmente animado. — O que é isso?

Ronan segurava a caixa quebra-cabeça debaixo do braço.

— Uma caixa de sapatos.

Matthew inclinou a cabeça, trabalhando a questão. Ele procurou assimilar os fatos: a caixa perfeitamente quadrada era de madeira, coberta com marcas estranhas e vários centímetros mais curta que os pés de seu irmão.

Matthew piscou, então disse:

— Tudo bem!

Trotando à frente na direção da porta dos fundos, ele encontrou a chave escondida junto ao tirador de botas.

— Espere — avisou Ronan. — Fique atento. Se alguém vir pelo acesso, entre no porão. E desligue o telefone, pelo amor de Deus.

— Certo! Boa! Inteligente!

Ele entrou aos trancos na casa, na frente de Ronan, que olhou sobre o ombro antes de trancar a porta dos fundos atrás deles. Ronan ouviu os passos hesitantes de Matthew avançando na direção da sala de estar, e então subiu ruidosamente a escada até seu quarto. O afeto de Matthew se revelava de maneira sentimental, expansiva, e ele parecia não saber o que fazer de sua mãe imóvel agora.

Ronan seguiu o corredor até a sala de estar mais lentamente, atento aos ruídos de um carro que se aproximava entre cada passo. A sala de estar estava mais escura e silenciosa do que o corredor, sem janelas para deixar entrar a tarde quente ou os pássaros cantantes. A porta para o porão ficava na parede mais distante, de maneira que ele poderia interceptar Matthew se outra pessoa aparecesse.

Ronan foi diretamente até a escrivaninha contra a parede, sem olhar para sua mãe. Seu pai costumava chamar a escrivaninha de “escritório”, como se o seu trabalho exigisse uma forma legítima de burocracia. Ronan se perguntou se sua mãe fazia ideia de como Niall Lynch ganhava a vida. Certamente ela devia saber. Ela tinha de saber que era uma criatura de sonho.

Subitamente, por um momento brevíssimo, o pânico forçou passagem.

Eu sou uma criatura de sonho? Eu saberia se fosse?

Então ele deixou que a razão abafasse o pensamento. Todos os meninos tinham álbuns de bebês, com fotos e registros do hospital. Ele tinha um tipo sanguíneo. E, se seu pai o tivesse sonhado, ele estaria imóvel como sua mãe. Ele havia nascido, não sido invocado. Ele era real.

O que é real?

Será que algo se torna real ao ser retirado de um sonho? E, se for assim, já era real no momento em que foi pensado?

Ele olhou de relance sobre o ombro para sua mãe. Ela não parecia particularmente lógica *agora*, sentada, imóvel e sem cuidados, por meses e meses. Mas ele nunca duvidara dela antes da morte de seu pai, mesmo quando apenas ela estava presente por meses seguidos.

Ela não é nada sem o papai.

Declan estava errado. Ela existia à parte de Niall Lynch, mesmo que ele fosse seu único criador.

Ronan voltou para a escrivaninha. Deixou a caixa quebra-cabeça ali e abriu a gaveta principal. Uma cópia do testamento de seu pai estava bem em cima dos papéis, como ele lembrava.

Sem se dar ao trabalho de reler as cláusulas iniciais do documento — elas apenas o deixariam bravo —, ele pulou diretamente para a última página. Ali, um pouco antes da assinatura do seu pai.

> Niall Lynch encontra-se, no momento da celebração deste testamento, com a mente sã e sem nenhum problema de memória ou compreensão. Age de livre e espontânea vontade e goza de plena capacidade para realizá-lo. Este testamento é válido até que outro documento mais recente seja criado.
>
> Firmo o presente: T'Libre vero-e ber nivo libre n'acrea.

Ronan semicerrou os olhos ao ler a frase final. Pegou a caixa quebra-cabeça e a virou até que o lado com a língua desconhecida ficasse de frente para ele. Era um trabalho cansativo inserir cada palavra. Embora

não conseguisse compreender o funcionamento da caixa, ela mantinha as palavras previamente inseridas em seus mecanismos, a fim de traduzir a gramática também. Fora assim que ela funcionara no sonho, afinal.

Se ela funcionava no sonho, funcionava na vida real.

Ele franziu o cenho diante da tradução que a caixa forneceu.

Este testamento é válido até que outro documento mais recente seja criado.

Pressionando o dedo sobre o papel para mantê-lo no lugar, ele o comparou. Com certeza, a frase traduzida era idêntica à frase final em inglês. Mas por que seu pai escrevera a mesma coisa em duas línguas diferentes?

A esperança — ele não se dera conta do que era o sentimento até tê-lo abandonado — lentamente o deixou. Ele estivera certo a respeito da língua, mas errado quanto à existência de uma mensagem secreta. Ou, se havia uma mensagem secreta, ele não era inteligente o suficiente para decodificá-la.

Ronan deu um empurrão na gaveta, que se fechou, e dobrou o testamento no bolso de trás para levá-lo consigo. Bem quando se virou com a caixa quebra-cabeça, Matthew apareceu no vão da porta. Ele chegou tão rápido que seu ombro bateu no batente.

— Muito bem — disse Ronan, lacônico.

Matthew acenou com a mão e falou sem fôlego, com a voz baixa:

— Acho que tem alguém aí.

Os dois olharam para trás, na direção da porta do porão.

— Que tipo de carro? — perguntou Ronan.

Matthew balançou a cabeça agitadamente.

— Na casa.

Era impossível, mas Ronan sentiu os pelos no pescoço se arrepiarem.

E então ele ouviu o barulho, ao longe, vindo de algum outro lugar na casa:

Tck-tck-tck-tck.

O horror noturno. Ronan não pensou. Ele atravessou a sala rapidamente e arrastou Matthew para dentro.

Um ruído de arranhar lento vinha da cozinha.

— Porão? — engoliu Matthew, chocado.

Ronan não respondeu. Fechou com um empurrão a porta da sala de estar e olhou nervosamente ao redor.

— Cadeira! — sussurrou para o irmão mais novo. — *Rápido!*

Matthew procurou aqui e ali antes de trazer uma cadeira frágil, sem braço. Ronan tentou obstruir a porta, mas a velha maçaneta curva resistiu a seus esforços. Mesmo se fosse uma maçaneta comum, a cadeira não era alta o suficiente para proporcionar o menor apoio.

Tck-tck-tck-tck.

— Ronan? — sussurrou Matthew.

Ronan saltou sobre três jarros antigos de farinha para onde um baú de cedro estava pressionado contra a parede. Ele testou o peso e então começou a empurrá-lo.

— Vamos, me ajude — grunhiu. Matthew deslizou até ele e jogou o ombro contra o baú.

As garras arranhavam as tábuas do assoalho. Arrastando-se.

O baú de cedro rangeu até parar na frente da porta. Lá na Monmouth, a prateleira havia sido pesada o suficiente para prender o horror noturno em seu quarto. Ronan só podia torcer para que o baú fosse tão eficiente quanto.

Matthew ergueu o olhar para Ronan, desnorteado, enquanto o irmão mais velho subia em cima do baú de cedro. Ronan estendeu um braço e abraçou a cabeça crespa do irmão, uma vez, forte. Ele o afastou com um empurrão.

— Senta perto da mamãe — sussurrou. — Ele não quer você. Quer a mim.

— Ro...

— Mas, se ele passar por mim, não espere. Apenas lute.

Matthew recuou para onde Aurora Lynch estava sentada na cadeira, no meio da sala, tranquila e imóvel. Ronan o viu agachado ali no espaço obscurecido, segurando a mão de sua mãe.

Ele jamais devia tê-lo trazido junto.

A porta deu um tranco.

Surpreso, Matthew deu um salto. Aurora, não.

Ronan segurou a maçaneta enquanto ela era forçada. Havia um ruído lento, como de água escorrendo da torneira.

A porta sacudiu novamente.

Mais uma vez, Matthew se sobressaltou. Mas o baú de cedro não cedeu. Ele era pesado, e o horror noturno não era. Sua força estava naquelas garras e naquele bico.

Três vezes mais a porta balançou nas dobradiças. Então houve uma longa pausa...

Era possível que ele tivesse desistido.

Mas Ronan não havia considerado qual seria o seu próximo passo. Eles não podiam arriscar abrir a porta se o horror noturno estivesse do outro lado. Talvez ele devesse sair sozinho — os homens-pássaros nunca queriam saber de mais ninguém. Era apenas Ronan que eles desprezavam. Ele relutava com todas as forças em deixar seu irmão e sua mãe para trás, mas ambos estariam mais seguros sem ele.

Longos minutos se passaram em silêncio. E então, em algum lugar na casa, uma porta bateu.

Matthew e Ronan se encararam. O ruído tinha algo de cuidadoso e humano — nem um pouco o que Ronan teria esperado do horror noturno.

Passos comuns começaram a ranger enquanto avançavam pelo corredor. Possibilidades se abriram na mente de Ronan, nenhuma delas boa. Não havia tempo de tirar o baú de cedro sem chamar atenção. Não fazia sentido avisar o recém-chegado a respeito do pesadelo, também — a presença de Ronan apenas o deixaria mais perigoso.

— Se esconda — ordenou Ronan a Matthew. Seu irmão mais novo estava congelado, então ele o pegou pela manga e o puxou para longe de sua mãe. Havia espaço apenas para eles se enfiarem atrás dos tapetes enrolados no canto da sala. O esconderijo não resistiria a um exame cuidadoso, mas, na obscuridade, não havia razão para eles serem descobertos.

Vários minutos mais tarde, após muitos rangidos nas tábuas dos assoalhos por outras partes da casa, alguém experimentou a porta com um empurrão. Dessa vez, ficou bastante claro que era *alguém*, e não *algo*. Houve um suspiro audível, com uma sonoridade humana, do outro lado, e o arrastar de pés sobre as tábuas do assoalho era claramente produzido por sapatos.

Ronan levou um dedo aos lábios.

Houve apenas um empurrão a mais, e então a porta se abriu um centímetro. Mais um resmungo, outro empurrão, e a porta se abriu o suficiente para admitir uma pessoa.

Ronan não tinha certeza de quem ele esperava que aparecesse. A enfermeira da casa, provavelmente. Talvez até Declan, visitando ilegalmente.

Mas aquele era um homem bonito, vigoroso, todo vestido de cinza; Ronan nunca o vira antes. A maneira como ele movia rapidamente o olhar ao redor da sala era tão intensa que Ronan temia que ele os visse atrás dos tapetes. Mas o interesse do homem foi capturado por Aurora Lynch em sua cadeira, no meio do aposento.

Ronan ficou tenso.

Não seria preciso muito para fazê-lo saltar de seu esconderijo. Bastava que ele tocasse nela...

Mas o Homem Cinzento não tocou Aurora. Em vez disso, ele se inclinou para observar o rosto dela. Era um estudo curioso, penetrante, e que terminou em poucos segundos. Ele cutucou com a ponta dos pés os tubos e cabos que saíam das máquinas para lugar nenhum. Esfregou o queixo e refletiu.

Por fim, o Homem Cinzento perguntou:

— Por que você está enfiada aqui?

Aurora Lynch não respondeu.

O Homem Cinzento se virou para ir embora, mas fez uma pausa. A caixa de línguas, ainda parada sobre a escrivaninha, havia chamado sua atenção. Ele a pegou, virou de um lado para o outro nas mãos, girou experimentalmente uma das rodas e observou o efeito que isso tinha sobre os outros lados.

Então, ele a levou consigo.

Ronan colocou um punho na testa. Ele queria segui-lo e recuperar a caixa, mas não podia arriscar ser descoberto. Onde ele conseguiria outra caixa quebra-cabeça? Ele não tinha como saber se um dia sonharia com uma de novo. Ronan ficou tenso, pensou em sair de onde estava, pensou em se esconder, pensou em sair de onde estava. Matthew colocou a mão em seu braço.

Eles esperaram por um longo tempo. Finalmente, um carro ligou o motor na frente da casa antes de se retirar pelo acesso.

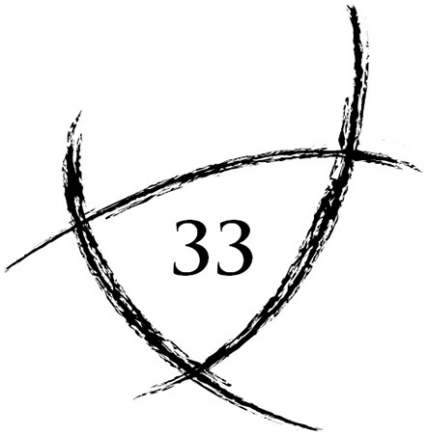
Eles saíram do esconderijo. Matthew ficou colado ao lado de Ronan, o que o fez lembrar de Motosserra, quando ela ficava assustada. Geralmente Ronan teria protestado, mas dessa vez deixou.

— O que foi aquilo? — sussurrou Matthew.

— Tem coisas ruins no mundo. Vamos embora daqui — respondeu Ronan.

Matthew beijou o rosto da mãe. Ronan verificou que ainda tinha o testamento no bolso de trás da calça. A perda da caixa quebra-cabeça ainda doía, mas pelo menos ele levava consigo aquele enigma de seu pai. Duas frases, duas línguas. *O que você estava tentando dizer, pai?*

— Tchau, mãe — ele disse a Aurora. E tateou o bolso em busca das chaves. Havia dois molhos: o do BMW e as chaves falsas do Camaro. — Até mais.



Precisamente naquele momento, Richard Campbell Gansey III estava a cento e quarenta e oito quilômetros de seu amado carro. Ele estava parado no acesso ensolarado da mansão de Washington dos Gansey, usando uma gravata furiosamente vermelha e um terno listrado de bom gosto e fina elegância. Ao lado dele estava Adam, o rosto estranho e belo parecendo pálido acima do tom ligeiramente escuro do próprio terno. Feito sob medida pelo mesmo italiano talentoso que fazia as camisas de Gansey, o terno era a armadura sedosa de Adam para a noite que eles tinham pela frente. Era a coisa mais cara que ele já tivera, o salário de um mês traduzido em lã penteada. O ar recendia a molho teriyaki, cabernet sauvignon e gasolina premium. Em algum lugar, um violino tocava com terrível triunfo. Estava impossivelmente quente.

Eles estavam a cento e cinquenta e seis quilômetros e vários milhões de dólares de distância da casa em que Adam fora criado.

O largo acesso circular era um quebra-cabeça de veículos: sedãs negros como smokings, camionetes em tons marrons de violoncelo, carros esportivos prateados de dois assentos e que poderiam caber na palma da

sua mão, cupês brancos reluzentes com placas diplomáticas. Dois manobristas, tendo exaurido todas as soluções de estacionamento, fumavam e soltavam anéis de fumaça sobre os para-lamas de uma Mercedes encostada no meio-fio ao lado deles.

Gansey serpenteou por entre os carros.

— Sorte nossa que não precisamos nos preocupar em encontrar uma vaga.

A carona de helicóptero ainda não caíra bem no estômago de Adam. Ele não gostava de voar nem de ser visto chegando em um helicóptero. Ele havia passado trinta minutos esfregando a graxa da ponta dos dedos antes de eles partirem. Isso era o sonho, ou sua vida lá em Henrietta o era?

— Sorte nossa — ele ecoou.

Dois homens e uma mulher saíram pela porta da frente da casa. Mãos cortavam o ar; trechos da conversa ressoaram das sarjetas. "Já foi aprovada... legislação... maldito idiota... a esposa dele também é uma vaca." O murmúrio dos convidados passou pela porta aberta atrás deles como se o trio tivesse trazido o som para fora. A visão através do vão era uma colagem de terninhos femininos e colares de pérolas, Vuitton e damasco. Eram muitos. Muitos mesmo.

— Meu Deus — disse Gansey tragicamente, seus olhos sobre a reunião. — Bem, fazer o quê... — Ele deu um piparote em um fio invisível no ombro do terno de Adam e colocou uma folha de hortelã na língua. — Vai ser bom para eles conhecerem você.

Eles. Em algum lugar lá dentro estava a mãe de Gansey, estendendo as mãos para a turma faminta da capital com seus ternos comprados em lojas de departamentos, oferecendo-lhes um tesouro no céu em troca de votos. E Gansey fazia parte do pacote de vendas; não havia nada mais congressional que a família Gansey inteira debaixo do mesmo teto. Porque aqueles colares e aquelas gravatas vermelhas formavam a comitiva cativa que financiaria a campanha da sra. Richard Gansey II. E aqueles reluzentes sapatos masculinos e saltos de veludo eram os nobres cuja fidalguia Adam desejava.

Vai ser bom para eles conhecerem você.

Um riso, alto e confiante, cortou o ar. A conversa aumentou o volume para assimilá-lo.

Quem são essas pessoas, pensou Adam, *para acreditar que sabem alguma coisa a respeito do resto do mundo?*

Ele não podia deixar que isso transparecesse em seus olhos. Se ele lembrasse a si mesmo que precisava delas, *daquelas pessoas*, se lembrasse a si mesmo que aquilo era apenas um meio para atingir um fim, ficava um pouco mais fácil.

Além disso, Adam era bom em esconder coisas.

Gansey cumprimentou os convidados parados do lado de fora da porta. Apesar da reclamação anterior, ele estava completamente à vontade, um leão no Serengeti.

— Lá vamos nós — ele disse solenemente. E assim, de uma hora para outra, o Gansey de quem Adam havia ficado amigo, o Gansey por quem ele faria qualquer coisa, desapareceu, e em seu lugar estava o herdeiro nascido com um cordão umbilical de seda enrolado no pescoço de sangue azul.

A mansão Gansey se estendia diante deles. Havia Helen, agora afetada de propósito e decididamente fora de seu alcance, em um vestido preto justo, as pernas mais longas que o acesso da casa. "A que devemos brindar? A mim, é claro. Ah, sim, à minha mãe também." Havia a ex-deputada Bullock e o presidente do Comitê Vann-Shoaling e havia o sr. e a sra. John Benderham, os maiores financiadores individuais da campanha do Partido Republicano no oitavo distrito. Por toda parte havia rostos que Adam vira nos jornais e na televisão. Tudo cheirava a folhados e a ambição.

Dezessete anos antes, Adam havia nascido em um trailer. Eles podiam ver isso nele. Ele sabia disso.

— O que esses dois belos sacanas estão aprontando?

Gansey riu: *Hahaha*. Adam se virou, mas a pessoa que havia falado já tinha passado. Alguém pegou a mão de Gansey.

— Dick! Que bom ver você.

O violino invisível lamentou. A acústica do lugar dava a impressão de que o instrumento estava aprisionado no sofá de espaldar alto junto à porta. Um homem de camisa branca colocou cálices de champanhe em suas mãos. Era refrigerante de gengibre, doce e fraudulento.

Uma mão bateu na nuca de Adam; ele se encolheu, assustado. Na sua cabeça, ele rolava escada abaixo na casa de seu pai, os dedos se agarrando à terra. Ele jamais parecia conseguir deixar Henrietta para trás. Podia sentir uma imagem, uma aparição, pairando atrás de seus olhos, mas a empurrou para longe. Não aqui, não agora.

— Nós sempre precisamos de sangue novo! — retumbou o homem. Adam estava suando, alternando-se entre a memória de ver estrelas girando em torno da cabeça e o fato da agressão presente. Gansey tirou a mão do homem da nuca de Adam e o cumprimentou. Adam sabia que estava sendo resgatado, mas a sala estava barulhenta e apertada demais para que ele expressasse gratidão.

— É o que temos no momento — disse Gansey.

— Vocês são realmente jovens — disse o homem.

— Este é Adam Parrish — disse Gansey. — Cumprimente-o. Adam é mais inteligente do que eu. Um dia vamos organizar um desses bailes para ele.

De alguma maneira, Adam conseguiu passar um cartão de visita para a mão do homem; outra pessoa o serviu de refrigerante de gengibre. Não, dessa vez era champanhe. Adam não bebia álcool. Gansey delicadamente tirou o cálice da mão dele e o colocou sobre uma mesa antiga com marfim embutido. Com um dedo, limpou uma única gota de vinho tinto que manchava a superfície. Vozes lutavam umas com as outras; a voz mais grave venceu. "Oito meses atrás nós estávamos neste mesmo ponto da campanha", um homem com um enorme alfinete de gravata disse para outro com a testa enormemente reluzente. "Às vezes você simplesmente arruma fundos e torce para que dê certo." Gansey apertava mãos e ombros. Ele conseguia fazer com que as mulheres confessassem seus nomes e então as fazia acreditar que já as conhecia. Ele sempre chamava Adam de *Adam Parrish*. Todo mundo sempre o chamava de *Dick*. Adam juntou um buquê de cartões de visita. Seu quadril bateu em um móvel com pés em forma de patas de leão; cristais irlandeses tilintaram na luminária sobre ele. Um espírito tocou seu cotovelo. Não aqui, não agora.

— Se divertindo? — perguntou Gansey. Ele não parecia estar se divertindo muito, mas seu sorriso era à prova de balas. Seus olhos

varreram a sala enquanto ele bebia seu refrigerante de gengibre ou seu champanhe. Ele aceitou outro cálice de uma bandeja sem rosto.

Eles avançaram para a próxima pessoa, e a próxima. Dez, quinze, vinte pessoas depois e Gansey era uma tapeçaria bordada de um rapaz, a juventude sonhada dos Estados Unidos, o filho principezinho educado da sra. Richard Gansey II. A sala o adorava.

Adam se perguntou se havia um sorriso de verdade naquela manada de animais ricos.

— Dick, finalmente, você está com as chaves do Fiat? — Helen se aproximou deles olhando Gansey nos olhos, em um par de sapatos de salto pretos que pareciam sensatos em todas as outras mulheres no ambiente e extraordinariamente sexy nela. Ela era, pensou Adam, o tipo de mulher que Declan estava sempre tentando conquistar, sem perceber que ela não era do tipo conquistável. Você podia adorar a beleza eficiente e lustrosa de um trem-bala novo em folha, mas apenas um tolo poderia imaginar que ele corresponderia ao seu amor.

— Por que eu estaria? — perguntou Gansey.

— Ah, sei lá. Todos os carros estão bloqueados, menos aquele. Aqueles manobristas idiotas. — Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto com uma árvore pintada. — A mamãe quer que eu vá comprar mais bebida. Se você for comigo, posso usar a faixa para veículos com dois ocupantes ou mais e não passar o resto da vida indo buscar vinho. — Ela notou Adam. — Ah, Parrish. Você fica bem elegante assim.

Ela não quis dizer nada além disso, nada mesmo, mas Adam sentiu como se um perfurador de gelo picasse seu coração.

— Helen — disse Gansey. — Cala a boca.

— É um elogio — disse Helen. Um garçom substituiu os drinques vazios por cheios.

Lembre-se por que você está aqui. Entre, pegue o que precisa e saia. Você não é um deles.

— Está tudo bem — disse Adam tranquilamente, abrandando o sotaque.

— Eu quis dizer que vocês estão sempre com o uniforme da escola — disse Helen. — Não, tipo...

— Cala a boca, Helen.

— Não venha com chilique para cima de mim — ela respondeu —, só porque você gostaria de estar na sua amada Henrietta.

Uma expressão passageira cruzou o rosto de Gansey; ela adivinhara certo. A presença dele ali o estava matando.

— Por que, mais uma vez, você não trouxe o outro? — perguntou Helen. Mas, antes que Gansey pudesse responder, outra pessoa chamou a atenção dela e Helen se deixou ir tão rapidamente quanto aparecera.

— Que pensamento assustador — observou Gansey subitamente. — O Ronan no meio dessa gente.

Por um momento fugaz, Adam pôde imaginar a cena: as cortinas de brocados se decompondo em chamas, os consortes gritando debaixo do cravo, Ronan parado em meio a tudo aquilo dizendo "Foda-se Washington".

— Pronto para a próxima rodada? — perguntou Gansey.

A noite jamais terminaria.

Mas Adam continuou observando.

Ele engoliu seu refrigerante de gengibre. Agora ele não tinha certeza se não havia sido champanhe desde o começo, na realidade. A festa havia se tornado um festim diabólico: fogos-fátuos capturados em lanternas de bronze, carnes de um brilho impossível servidas em bandejas com filigranas sinuosas, homens de preto, mulheres usando joias verdes e vermelhas. As árvores pintadas no teto se curvavam baixas sobre a cabeça deles. Adam estava tenso e exausto, ali e em outro lugar. Nada era real, fora ele e Gansey.

Diante deles, estava uma mulher que havia falado com a mãe de Gansey poucos instantes atrás. Todas as pessoas que se aproximavam de Gansey haviam falado ou cumprimentado ou visto de relance a mãe dele poucos instantes atrás, movendo-se em meio aos convidados com roupas escuras. Era um jogo político elaborado, em que sua mãe fazia o papel de uma aparição querida, mas rara; embora todos se lembrassem de tê-la visto, ninguém conseguia realmente localizá-la no momento da recordação.

— Você cresceu tanto desde a última vez que o vi. Você deve estar com quase... — disse a mulher para Gansey e, no momento de adivinhar a idade dele, ela hesitou. Adam sabia que ela havia sentido aquela

estranheza em seu amigo: aquela sensação de Gansey ser ao mesmo tempo jovem e velho, como se acabasse de chegar ou sempre tivesse existido.

Então foi salva por um olhar de relance para Adam. Rapidamente avaliando a idade dele, ela concluiu:

— Dezessete? Dezoito?

— Dezessete, senhora — disse Gansey, afetuosamente. E ele tinha, tão logo dissera isso. É claro que ele tinha dezessete anos e nada mais. Algo parecido com alívio passou pelo rosto da mulher.

Adam sentiu a pressão dos galhos da árvore cristalizada acima; à direita, captou uma meia-imagem de si em um espelho com moldura dourada e levou um susto. Por um momento, seu reflexo parecera errado.

Estava acontecendo. *Não, não, não está acontecendo. Não aqui, não agora.*

Um segundo olhar de relance revelou uma imagem mais clara. Nada estranho. Ainda.

— Creio ter lido no jornal que você ainda está procurando aquelas joias da coroa — a mulher disse a Gansey.

— Ah, estou procurando um rei de verdade — ele respondeu, falando alto para ser ouvido sobre o violino (havia três deles, na realidade; o último homem o havia informado de que se tratava de estudantes da Peabody). As cordas oscilavam como se o som viesse de debaixo d'água. — Um rei galês do século XV.

A mulher riu com prazer. Ela havia interpretado Gansey erroneamente e achou que ele fizera uma piada. Gansey riu também, como se tivesse feito uma piada, e qualquer constrangimento que pudesse ter surgido foi rapidamente afastado.

Adam tomou nota disso.

E agora, finalmente, lá estava a sra. Gansey, pairando no canto de sua visão como um sonho materializado. Como o próprio Gansey, ela era intrinsecamente bela de uma maneira que somente alguém que sempre tivera dinheiro poderia ser. Parecia certo que uma festa inteira fosse realizada em sua honra. Ela era uma rainha merecedora da noite.

— Gloria — disse a sra. Gansey para a mulher. — Adorei esse colar. É claro que você se lembra do meu filho Dick, não é?

— É claro que sim — disse Gloria. — Ele está tão alto. Você vai entrar para a faculdade logo, estou certa?

As duas mulheres se viraram para ouvir a resposta. Os violinos atingiram notas agudas na escala.

— Bem, é... — E então, de uma hora para outra, Gansey vacilou. Não foi bem uma parada completa. Apenas uma falha em deslizar suavemente de um momento para o outro. Houve apenas tempo suficiente para Adam perceber o hiato, e então Gansey disse: — Desculpe, achei que tinha visto alguém.

Adam o encarou. Havia uma pergunta tácita em seu olhar. O olhar devolvido por Gansey era complicado; não, ele não estava bem, mas não, não havia nada que Adam pudesse fazer a respeito. Adam sentiu uma alegria breve e cruel de que aquelas pessoas também conseguissem atingir Gansey. Como ele as odiava.

— Ah, *estou* vendo uma pessoa. Com licença — disse Gansey, impecavelmente educado. — Desculpe, mas vou deixá-las com... Sra. Elgin, este é meu amigo Adam Parrish. Ele tem ideias interessantes a respeito dos direitos dos viajantes. A senhora tem pensado a respeito dos direitos dos viajantes ultimamente?

Adam tentou lembrar quando fora a última vez que ele e Gansey haviam conversado a respeito dos direitos dos viajantes. Ele tinha bastante certeza de que toda a discussão ocorrera enquanto eles comiam uma pizza sem graça, e que tinha algo a ver com os scanners corporais funcionando como verdadeiros fornos de micro-ondas nas células do cérebro de viajantes habituais. Mas, agora que ele tinha visto Gansey em ação, sabia que o amigo desdobraria a coisa toda em uma epidemia política solucionável por sua mãe.

— Não tenho — respondeu Gloria Elgin, deslumbrada com o jeito Gansey de ser. — Normalmente nós usamos o Cessna de Ben. Mas eu gostaria de ouvir a respeito.

Quando ela se virou para Adam, Gansey desapareceu em meio às pessoas.

Por um momento, Adam não disse nada. Ele não era Gansey, não deslumbrava, era um impostor com uma taça de champanhe falso na mão

esguia feita de pó. Ele olhou para a sra. Elgin. Ela olhou de volta para ele através dos cílios.

Com um choque, Adam percebeu que a intimidava. Parado ali, em seu terno impenetrável e sua gravata vermelha, jovem, de ombros retos e asseado, ele havia conseguido realizar qualquer que fosse a estranha alquimia que Gansey fazia. Talvez pela primeira vez na vida, alguém o olhava e via poder.

Adam tentou evocar a magia que vira Gansey fazer aquela noite. Sua mente derivou com o ruído daquela companhia cintilante, o bruxulear no fundo de seu copo de champanhe, o conhecimento de que aquele era o futuro, se ele o fisgasse.

ele estava em uma floresta, sussurros o perseguiam

Não aqui.

Então ele disse:

— Posso servir a senhora de mais champanhe primeiro?

O rosto da sra. Elgin se derreteu com prazer enquanto ela oferecia o copo.

Você não sabe?, perguntou-se Adam. Ele, pelo menos, ainda conseguia sentir o cheiro de diesel nas mãos. *Você não sabe quem eu sou?*

Mas aquele bando de pavões estava ocupado demais com bobagens para notar que estavam sendo enganados.

Adam não conseguia se lembrar do motivo pelo qual estava ali. Ele estava se dissolvendo em uma alucinação de convidados fantasmagóricos, ao lado dos convidados de verdade.

Porque isso é a Aglionby, ele pensou, tentando desesperadamente se controlar. *É isso que acontece à Aglionby no mundo real. É assim que você usa aquela educação pela qual trabalhou tão duro. É assim que você vai conseguir sair.*

Subitamente, um chiado elétrico percorreu a sala. As luzes baixaram e deram estalidos. O tilintar de copos parou, enquanto as lâmpadas se intensificaram mais uma vez.

E então as luzes se apagaram completamente.

Aquilo era real?

Não agora.

O sol tinha se posto, e o interior da casa parecia fechado e marrom-escuro ao redor dos convidados. As janelas eram quadrados desfocados de luz cinzenta da rua. Os cheiros pareciam estranhamente pronunciados: lilás e limpador de tapetes, canela e mofo. A sala foi tomada pelo arrastar de pés mudo de um curral.

E naquela breve pausa na conversa, naquele silêncio chocado preenchido nem com o burburinho das vozes, tampouco com ruídos eletrônicos, uma canção aguda flutuou através da escuridão. Uma melodia precisa, arcaica, cantada por um coro de vozes femininas. Pura e fina, expandindo-se de um fio para um rio de som. Adam precisou apenas de um momento para perceber que as palavras não eram em inglês.

Rex Corvus, parate Regis Corvi.

Adam se sentiu carregado dos pés até a ponta dos dedos.

Em algum lugar na escuridão, Gansey estava ouvindo aquilo também. Adam podia *senti-lo* ouvindo. Aquelas vozes eram verdadeiras de uma maneira que nada mais havia sido aquele dia. Adam lembrou imediatamente como era sentir, ser real, ser *Adam*, em vez de *meu amigo Adam Parrish, passe para ele o seu cartão.* Ele não pôde acreditar na diferença enorme que havia entre essas duas coisas.

As luzes voltaram com tudo. As conversas retomaram o ambiente.

Alguma parte de Adam ainda se aninhava lá na escuridão.

— Aquilo era espanhol? — perguntou Gloria Elgin, a mão pressionando a garganta. Adam podia ver a linha de sua maquiagem no queixo.

— Latim — ele respondeu, tentando encontrar o rosto de Gansey em meio às pessoas. Seu pulso ainda galopava. — Era latim.

O rei Corvo, abram caminho para o rei Corvo.

— Que coisa engraçada — disse Gloria Elgin.

Owen Glendower era o rei Corvo. Havia tantas histórias a respeito de Glendower saber a língua dos pássaros. Tantas histórias de corvos sussurrando segredos para ele.

— Provavelmente foi uma sobrecarga — respondeu Adam. Os cartões de visita em seu bolso pareciam irrelevantes. Ele ainda estava procurando

pelo único par de olhos na sala que importava. Onde estava Gansey? — O ar-condicionado de todo mundo ligado ao mesmo tempo.

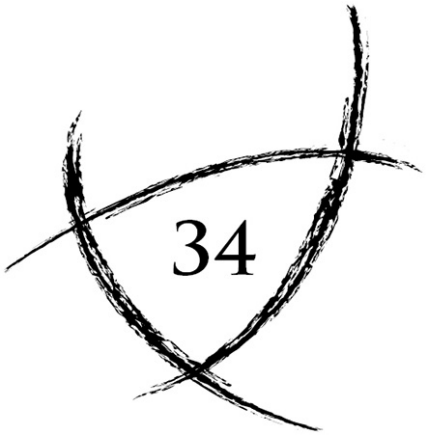
— Provavelmente — disse Gloria Elgin, confortada.

A conversa em torno deles sussurrava: "Esses garotos da Peabody têm um senso de humor dos diabos! Vou querer mais um daqueles camarões. O que você estava dizendo? O que você fez quando o mármore rachou?"

Lá, do outro lado da sala, estava Gansey. Seu olhar se fixou em Adam e ali ficou. Embora as luzes tivessem voltado, as vozes há tempo se dissipado, Adam ainda podia sentir o poder da linha ley recentemente desperta rugindo debaixo dele, pelo caminho todo até Henrietta. Aquela anfitriã cintilante já tinha seguido em frente, mas não Adam. Não Gansey. Eles eram as duas únicas coisas vivas naquela sala.

Está vendo?, Adam teve vontade de gritar. *Foi por isso que eu fiz o sacrifício.*

Era assim que ele encontraria Glendower.



O interior do velho Camaro cheirava a asfalto e desejo, gasolina e sonhos. Ronan se sentou atrás do volante, olhos na rua à meia-noite. As luzes cercavam o asfalto, talhando reflexos sobre o capô laranja atômico. De cada lado da estrada, os estacionamentos desertos das revendedoras de carros se esparramavam, sombrios e silenciosos.

Ele estava faminto como a noite.

A cor do painel do carro ficou verde-amarela-vermelha debaixo do semáforo. No espelho rachado do lado do passageiro, Noah parecia ansioso. Ele conferiu sobre o ombro para ver se havia policiais. Ronan conferiu os dentes.

— Que bom te ver, Noah — ele disse. Ele podia sentir cada bombeada do coração, cada pulsação em suas veias. — Fazia tempo.

Eu fiz isso, pensou Ronan. As chaves bateram umas nas outras na ignição. *Eu fiz isso acontecer.*

Kavinsky estava atrasado, como sempre. O tempo, como ele gostava de dizer, era dinheiro, e embora ele tivesse bastante de ambos, ele gostava de roubar mesmo assim.

— Eu tenho tentado — disse Noah. E acrescentou: — Não quero ver você morrer.

Sem responder, Ronan passou o polegar sobre os números gastos no câmbio. O motor reverberava em seus sapatos através dos pedais. Se alguma coisa havia sido construída no Camaro para dar conforto, esses artigos haviam desaparecido pelo desgaste de quarenta anos de uso. A parte de baixo das suas costas estava grudada contra o assento de vinil rachado. O relógio não funcionava, mas o tacômetro sim. O suspiro relutante de ar através das ventilações era fraco, mas o ronco dos pistões não tinha nada de fraco. O motor era o concerto mais alto no mundo, lentamente se desmanchando, peça por peça, debaixo do capô. O velocímetro ia até 220. Era uma insanidade. O carro parecia perigoso e parecia rápido.

— Vou chamar o Gansey — ameaçou Noah.

— Não acho que você consiga.

— Quanto tempo até o Kavinsky chegar aqui?

— Noah — disse Ronan afetuosamente, colocando a palma sobre o dorso da mão fria do amigo, morta há sete anos —, você está começando a me irritar.

Faróis cortaram de lado a lado o espelho retrovisor. Dezessete minutos depois da hora marcada, Kavinsky chegou.

No espelho retrovisor, Ronan acompanhou um Mitsubishi branco enquanto ele reduzia a velocidade até parar. Sua boca negra se escancarou; a faca resoluta na lateral era idêntica ao carro anterior de Kavinsky.

O Mitsubishi parou ao lado do Camaro. A janela do passageiro baixou. Kavinsky usava seus óculos escuros com aros brancos.

— Lynch, seu canalha — ele disse como saudação. Não tomou conhecimento de Noah; provavelmente não conseguia vê-lo. Ronan girou o punho para mostrar o dedo médio para Kavinsky. Reflexo muscular.

Kavinsky avaliou o Pig.

— Impressionante.

Eu o sonhei, Ronan queria gritar.

Mas, em vez disso, acenou com o queixo na direção do Mitsubishi. Era difícil de acreditar que ele fosse real. Não fazia muito ele vira o último queimando de dentro para fora. Kavinsky deve ter saído correndo e o

substituído na manhã seguinte. E os grafismos? Talvez ele mesmo tivesse feito, embora fosse difícil de imaginar Kavinsky realmente se ocupando de qualquer coisa que não tivesse pó envolvido.

Ronan disse:

— Você é quem diz.

— Ah, esse aí tem um pouco mais para mostrar. Você não gosta?

A mão de Ronan tremia um pouco sobre o câmbio. Mais faróis passaram reluzindo nos espelhos — a matilha de Kavinsky. Os rostos eram anônimos por trás das janelas sombreadas e escuras, mas Ronan conhecia os carros: o Supra de Jiang, o RX-7 de Skov, os Golfs de Swan e Prokopenko. Já ganhara de todos eles antes.

— Trouxe a família toda — observou Ronan. Em alguns minutos, eles se dispersariam para não chamar a atenção dos policiais. O primeiro radar que vissem e Kavinsky seria avisado, arrancando dali antes que o asfalto esfriasse.

— Você me conhece — disse Kavinsky afetuosamente. — Eu simplesmente odeio ficar sozinho. Então, você vai foder essa velharia aí, ou só vai andar de mãos dadas com ela?

Ronan ergueu uma sobrancelha.

— Ronan, não. O Gansey vai te matar. Ronan... — disse Noah.

Através da janela aberta, Ronan perguntou calmamente:

— Você vai correr com esses óculos escuros, seu merda de búlgaro mafioso de New Jersey?

Kavinsky anuiu lentamente enquanto ouvia a pergunta como se concordasse, coçando o punho sobre a direção. Ele parecia muito cansado ou muito enfadado quando respondeu:

— O que eu não sei mesmo — a luz do semáforo passou para o vermelho, deixando suas lentes sombreadas em um tom carmesim — é quem fica por cima, você ou o Gansey.

Algo negro fervilhou dentro de Ronan, lenta e ameaçadoramente. Sua voz era cianeto e querosene quando ele disse:

— O que vai acontecer é que eu vou ganhar *daquele* carro e então vou sair *desse* carro e quebrar a sua cara.

— Trezentos e vinte cavalos dizem que você está errado, cara. — Kavinsky tocou a nuca. Ele usava uma camiseta regata branca, o ombro

exposto frio e belo como um cadáver. — Mas vai sonhando.

Sua janela deslizou até em cima. Mal visível através da película escura como asfalto, Kavinsky jogou os óculos escuros no assento do passageiro.

O mundo inteiro se resumia agora às luzes do semáforo acima dos dois carros.

— Ronan — disse Noah —, estou com um péssimo pressentimento.

— Isso se chama estar morto — respondeu Ronan.

— Esse tipo de piada só é engraçada quando você está vivo.

— Que bom que eu estou.

— *Por enquanto*.

Espere o verde. Os olhos de Ronan não estavam no semáforo, mas na luz na rua do outro lado. Quando ela ficasse amarela, ele tinha dois segundos para deixar a linha de partida.

Ronan aliviou o pé da embreagem, apertou o acelerador e segurou o carro nos pedais. O conta-giros tremia um pouco abaixo da linha vermelha. O motor estava vivo, rosnando, chocalhando. O som tomou o lugar do pulso de Ronan. Fumaça dos pneus traseiros subiu por debaixo do carro e para dentro das janelas ainda abertas. Mal dava para ouvir o Mitsubishi de Kavinsky sobre o uivo do Pig.

Por um único segundo, Ronan se permitiu pensar em seu pai e na Barns e em seus sonhos se estendendo diante dele, cheios de coisas impossíveis. Ele se deixou pensar a respeito da parte de si mesmo que era uma bomba, o pavio queimando rápido e destrutivo, quase inteiro.

A luz do outro lado ainda estava um sólido verde. O semáforo estava vermelho como um aviso.

A carência o consumia por dentro.

A luz do semáforo do outro lado ficou amarela. Um segundo. Ele tirou o pé um pouco mais da embreagem. Um segundo. O câmbio suava debaixo da palma da sua mão.

Verde.

Os carros saltaram da linha. Foi um rosnar, rosnar, rosnar, e isto, estranhamente audível: a risada selvagem de Kavinsky.

Troca a marcha.

Imediatamente, o Mitsubishi estava quase um carro à frente. De cada lado da rua, as luzes dos postes tremeluziam e cintilavam, medindo a vida

em acessos epiléticos de luz:

brilho

asfalto rachado

brilho
adesivo da Aglionby no painel do carro

brilho

os olhos arregalados de Noah

Eles eram corpos elétricos.

O Camaro alcançou o Mitsubishi na segunda metade, como Ronan esperava. O motor vociferou no ápice da segunda marcha, e lá estava ela. Escondida em algum lugar entre a segunda e a terceira marchas, em algum lugar entre quatro mil e cinco mil RPMs, havia uma alegria pura. Gritando com milhares de explosões minúsculas debaixo do capô, havia um lugar onde Ronan não sentia nada, a não ser uma felicidade sem complicações, um lugar morto e vazio em seu coração onde ele não precisava de nada mais.

Ao lado deles, o Mitsubishi perdeu o ritmo. Kavinsky tinha errado a marcha da terceira para a quarta. Como sempre fazia.

Ronan não.

Troca a marcha.

O motor rugiu renovado. O carro era a religião de Gansey, e Ronan o achava um deus digno. O capô esguio se colocou à frente do Mitsubishi. Colocou um carro entre eles. Mais uma metade. O caminho estava aberto para a vitória.

Não havia nada dentro de Ronan. Um nada glorioso e, atrás dele, mais nada.

Mas...

Havia algo errado.

A janela de Kavinsky baixou. Ele esticou a cabeça para encontrar o olhar de Ronan no espelho retrovisor e gritou algo. As palavras ficaram perdidas em meio ao ruído, mas seu significado era visível. Dentes à mostra para um "Vai se..." e então lábios esticados para "... der". Cuspidas em um palavrão animado.

O Mitsubishi passou pelo Camaro com um estrondo. As luzes da rua serpenteavam sobre as janelas negras, acendendo e apagando ao longo do abismo que se abria.

Não era possível.

Ronan deitou a mão sobre outra marcha — a única que sobrara. O acelerador grudado no chão. Tudo sacudia como se o carro fosse se desintegrar.

O Mitsubishi ainda estava se distanciando. A mão de Kavinsky estendida, dedo médio acenando.

— *Impossível!* — gritou Noah.

Ronan conhecia os números. Ele andara no Camaro. Ele conhecia o carro de Kavinsky. Ele ganhara do carro de Kavinsky. A sensação estava voltando a ele como o sangue em um membro dormente, apunhalando com espasmos e sobressaltos.

Branco como uma presa, o Mitsubishi mergulhou na escuridão à frente deles. Era o tipo de rapidez que não pertencia a carros. Era o tipo de rapidez que não era uma velocidade, era uma distância. Como um avião que estava aqui, e então estava ali, em um momento. Um cometa deste lado do céu, e então do outro. O Mitsubishi estava ao lado do Camaro, e então não estava.

Ele estava tão distante em sua vitória que a única nota de motor que restara era a do Camaro. Centelhas choviam das luzes da rua, lágrimas ardentes se dissipando no pavimento.

Apenas um mês atrás, Ronan havia detonado com o Mitsubishi em um carro muito menos potente que o Camaro. Não havia uma realidade que permitisse ao carro de Kavinsky possuir aquele tipo de desempenho.

As luzes da rua piscaram acima deles e se apagaram. O Camaro cheirava a um forno. As chaves balançavam na ignição, metal tilintando contra metal. Ronan começava a compreender lentamente que havia perdido feio.

Não era assim que as coisas deveriam ter terminado. Ele havia sonhado as chaves, pegara o Camaro, havia feito todas as trocas de marcha, e Kavinsky não.

Eu sonhei isso.

— Agora você joga a toalha, certo? — perguntou Noah. — Agora você para?

Mas o sonho estava se esvaindo. *Como eles sempre fazem*, ele pensou. Sua alegria estava se dissolvendo, plástico em ácido.

— Pare — repetiu Noah.

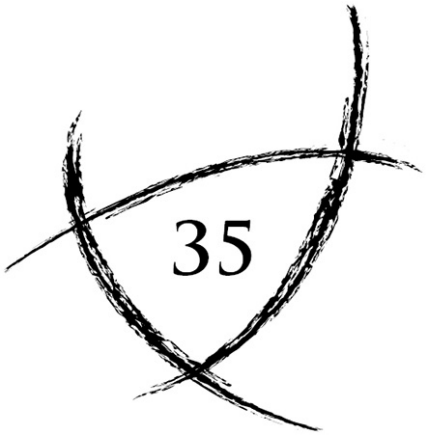
Não havia nada mais a fazer a não ser parar.

Mas foi então que um dos horrores noturnos pousou sobre o teto do Camaro.

Ronan pensou primeiro na pintura — o Pig estava um lixo, mas a pintura estava impecável. E então uma das garras socou harmoniosamente

o para-brisa.

Se aquilo estava acontecendo em sonho ou na realidade, o horror noturno queria a mesma coisa: matar Ronan.



— Ronan! — gritou Noah.

A estrada se estendia à frente deles, escura e vazia. Ronan pisou no acelerador. O Camaro respondeu com um rosnado tosco e entusiasmado.

Noah esticou o pescoço.

— Não está funcionando!

Uma longa rachadura estava se formando no vidro do para-brisa, com a garra do horror noturno como epicentro. Ronan jogava a direção de um lado para o outro. O Camaro derrapou violentamente, o corpo rolando para os lados.

— Droga — resmungou Ronan, lutando para controlar o carro. Aquele não era o BMW. Controle era uma criatura imaginária.

— *Ele ainda está ali!* — relatou Noah.

O Camaro estremeceu, a traseira guinando.

Os olhos de Ronan dardejaram para o espelho retrovisor. Uma segunda criatura-pássaro se agarrou ao porta-malas.

Isso era ruim.

— Você podia ajudar! — disparou Ronan.

Noah agitou as mãos, pressionando-as contra a manivela da janela, a parte de trás do banco e finalmente o painel. Ele claramente não queria fazer o que quer que estivesse considerando.

Um guincho rasgou o ar. Era difícil dizer se era um prego sobre o metal ou o som do homem-pássaro gritando. Arrepiou os pelos dos braços de Ronan.

— Noah, cara, vamos lá!

Noah desapareceu.

Ronan esticou o pescoço, procurando.

Com um estrondo enorme, o canto inferior direito do para-brisa despencou no painel. Uma garra entrou.

Noah gritou:

— *Freia!*

Ronan enfiou o pé no freio. Ele tinha velocidade demais, freios demais e controle de menos. O Camaro dançou de um lado para o outro enquanto zunia em frente. A direção não tinha efeito algum.

Noah e uma imagem negra rolaram sobre o lado esquerdo do capô, deixando o para-brisa subitamente aberto. O carro deu um tranco quando um dos pneus subiu no canteiro central.

Não deu tempo de ver para onde os dois tinham ido, porque o choque desequilibrou o carro — *Noah já está morto, ele está bem*, pensou Ronan freneticamente —, e o Camaro estava ficando sem estrada.

O cheiro de borracha e freio tomou conta do carro. Era um acidente sem colisão. A estrada seguia para a esquerda, mas o carro continuava indo reto.

Não.

Em detalhes agonizantes, Ronan viu o poste de telefone bem quando a porta do passageiro fez contato.

Não houve nada de suave no ruído. Não era nem um pouco como os carros colidindo na festa de embalo do Kavinsky. Aquilo era metal se despedaçando. Vidro se estilhaçando. Um soco de cinco dedos metálico na lateral de Ronan.

Então estava tudo terminado.

O carro ficou absolutamente em silêncio. Ronan não sabia se o motor tinha afogado ou se ele o tinha desligado. A porta do passageiro havia

entrado para dentro até o câmbio. O porta-luvas estava escancarado, e o conteúdo, incluindo o autoinjetor de adrenalina de Gansey, estava todo espalhado no banco da frente.

A ficha começou a cair lentamente de que tudo tinha ido para o espaço.

Tck-tck-tck-tck.

O segundo horror noturno olhou para Ronan de cabeça para baixo. Ele estava no teto, encarando-o pelo para-brisa. Próximo o suficiente para Ronan ver cada escama em torno de sua pupila vermelha e sombria. Experimentando um empurrão, a criatura tamborilou as unhas sobre o para-brisa. O que restava do vidro vergou onde ele se prendia ao carro. Com apenas um pouco mais de peso, ele desabaria inteiro.

— *Faça alguma coisa.* — Noah era uma voz e nada mais, sua energia gasta.

Mas o impacto havia congelado Ronan. Seus ouvidos zumbiam.

O homem-pássaro sibilou.

Ronan sabia. Ele sabia o que sempre soubera: o horror noturno o queria morto.

Em seus sonhos, isso não importava.

Mas ele não estava sonhando.

A cabeça do horror noturno se levantou bruscamente quando um carro passou ao largo do Camaro. Foi uma passagem sexy, atravessada, com estilo, e o carro que fazia isso era um Mitsubishi branco. O carro deu a volta, de maneira que a lateral do motorista ficasse iluminada pelos faróis do Pig.

O horror noturno desceu do para-brisa. Agachando-se no capô, sibilou para o recém-chegado.

A janela do lado do motorista do Mitsubishi baixou. Atrás dela estava Kavinsky, sua expressão impossível de determinar por trás dos óculos escuros brancos. Ele se inclinou para pegar alguma coisa debaixo do assento e então apontou para o horror noturno. Ronan levou um instante para perceber o que era. Era uma arma pequena, brilhante como cromo. Parecia irreal.

Ronan se abaixou atrás do painel, curvado como uma bola.

Fora do carro, Kavinsky disparou. No primeiro tiro, o sibilar do homem-pássaro parou abruptamente. No segundo, seu peso desabou ruidosamente contra o capô. Ele não se mexeu depois disso, mas Kavinsky disparou mais quatro vezes, até que algo respingou na parte superior do para-brisa do Camaro.

Não havia barulho algum, a não ser o rugido baixo do motor do Mitsubishi. Ronan lentamente se sentou ereto.

Kavinsky ainda estava inclinado para fora da janela, a arma cromada pendendo casualmente da mão. Ele parecia estar se divertindo, ou pelo menos não parecia incomodado.

Ronan teve de continuar lembrando a si mesmo que estava acordado. Não porque não se sentisse desperto, mas porque tudo que havia acontecido lembrava muito algo que ele sonharia. Ele abriu a porta — não parecia fazer sentido ficar onde estava, uma vez que o Camaro obviamente não iria a lugar algum — e saiu.

Parado no asfalto, ele encarou o horror noturno morto abraçado à parte da frente do Camaro arruinado, e então encarou Kavinsky.

— Tente se animar, Lynch — disse Kavinsky. Ele recuou para dentro do carro, e, por um momento, Ronan ficou preocupado com o fato de que ele estava indo embora. Kavinsky não era um aliado, mas era um humano, e estava vivo, e acabara de salvar a vida de Ronan, e isso era algo. Mas Kavinsky estava apenas colocando a arma de volta no lugar de onde a havia tirado e dando ré para estacionar o Mitsubishi no meio-fio.

Então ele se juntou a Ronan ao lado do Camaro, os sapatos esmigalhando os cacos de vidro.

— Bem, fodeu — disse Kavinsky de maneira aprovadora.

E tinha mesmo. A linha suave sobre a qual Ronan correra a mão apenas algumas horas antes estava agora retorcida, o metal abraçado em torno do poste telefônico. Uma das rodas tinha se soltado e se encontrava na vala a vários metros de distância. Mesmo o ar cheirava a desastre: produtos químicos derramando e substâncias derretendo.

Ronan passou a mão na nuca. Ele sentia como se seu coração estivesse desabando dentro do peito. Cada parede ruiu individualmente, derrubando a seguinte.

— Ele vai me matar. Merda. Ele vai me matar.

Kavinsky apontou para o horror noturno.

— Não, *aquilo* ia te matar, cara. O Gansey vai te perdoar, cara. Ele não quer dormir sozinho.

Aquela foi a gota-d'água para Ronan. Ele agarrou as alças da camisa regata de Kavinsky e o empurrou.

— *Chega!* Isso aqui não é a merda do seu Mitsu. Não posso sair e comprar outro amanhã de manhã.

Com um olhar compreensivo, Kavinsky soltou os dedos de Ronan. Ele observou enquanto Ronan se afastava, andando de um lado para o outro, as mãos atrás da cabeça, os olhos mirando a estrada para ver se outros carros estavam vindo. Mas não havia como consertar aquilo, não importava como Ronan encarasse a questão.

— Escute, Lynch — disse Kavinsky. — É simples. Concentre seu cerebrozinho celta nesse conceito. O que a sua mãe fez quando o seu peixinho dourado morreu?

Ronan parou de andar de um lado para o outro.

— Eu já disse. O Camaro não é o seu carrinho japa. Eu posso conseguir outro, mas não vai ser a mesma coisa. Ele não quer outro. Ele quer esse.

— Vou ser paciente — disse Kavinsky —, porque você bateu a porra da sua cabeça. Você não está ouvindo o que eu estou dizendo.

Ronan lançou uma mão na direção do Pig.

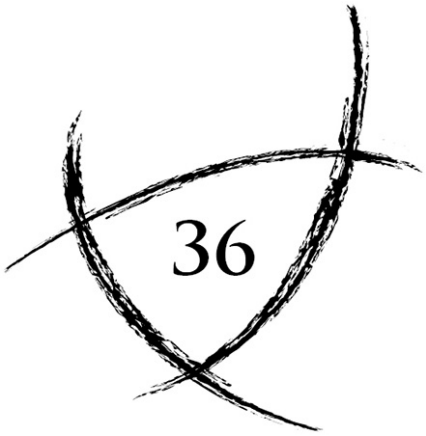
— Isso não é um peixinho dourado.

— Vocês são tão dramáticos. Vou abrir o porta-malas e você vai varrer essa coisa pra dentro dele. E aí vamos fazer uma excursão à terra dos conceitos.

Ronan o encarou, desconfiado.

— Escute, você está tendo uma experiência aqui que vai mudar a sua vida. Entre no carro antes que eu precise ficar chapado de novo.

Ronan não tinha para onde ir. Ele entrou no carro.



Várias horas tinham se passado na festa, e Gansey e Adam se encontraram no corredor da ala norte, entre a escada dos fundos da cozinha e o velho quarto de Gansey. A conversa ainda seguia animada e chegava como um burburinho até eles. Adam não tinha certeza da situação de Gansey, mas tinha consciência de que estava bêbado. Pelo menos, sua boca tinha gosto de champanhe e o mundo parecia embotado e escuro. Ele nunca estivera bêbado antes. Seu pai tinha feito toda essa parte por ele.

Eles ficaram lado a lado sobre um tapete persa roxo exuberante ao lado de uma mesa de apoio estilo Queen Anne coberta de quinquilharias com tema de caça. Versões dourado-escuras de Adam e Gansey apareciam em um absurdo espelho negro pendurado na parede. No reflexo, a linha habitualmente segura da boca de Gansey se torcia em uma expressão preocupada. Ele abriu o nó da gravata em um ângulo lascivo.

— Dá para acreditar numa coisa dessas? — perguntou tragicamente. — Que eu cresci num lugar desses?

Adam não disse a Gansey que ele normalmente não conseguia esquecer isso.

— Eu queria poder ir embora amanhã — disse Gansey. — Queria poder voltar e ver se Cabeswater apareceu.

Quando ele disse a palavra *Cabeswater*, o pescoço de Adam teve um espasmo, como se um dedo matreiro puxasse um ligamento retesado, ansioso. Outra imagem tentou abrir caminho — um piscar de olhos e ele veria um homem de canto de olho, parado atrás do seu ombro, olhando para ele no espelho. Olhos tristes e um chapéu-coco. *Por que não?*, pensou Adam iradamente. *Por que não, diabos?*

— *Rex Corvus*. Nunca mais vou beber.

— Você não está bêbado — disse Gansey. — Era refrigerante de gengibre. Na maioria das vezes. Olhe para o nosso rosto ali. Nós estamos mais velhos do que éramos.

— Quando?

— Apenas um minuto atrás. Estamos ficando mais velhos o tempo inteiro. Adam... Adam, é isso que você quer? Isso? — Ele fez um gesto elegante e desdenhoso na direção do andar de baixo, empurrando tudo para longe de si.

— Eu quero sair de Henrietta — disse Adam.

Ele sabia que era algo cruel de se dizer, mesmo que fosse verdade. Porque é claro que Gansey diria...

— Eu não quero.

— Eu sei que você não quer. Escute, não é que eu esteja tentando... — Ele ia dizer *te deixar para trás*, mas isso era demais, mesmo com o champanhe batendo à porta.

Gansey riu terrivelmente.

— Sou um peixe que esqueceu como respirar na água.

Mas Adam estava pensando a respeito da verdade suprimida: os dois estavam percorrendo caminhos perpendiculares, não paralelos, e uma hora ou outra tomariam direções diferentes. Na faculdade, provavelmente. Se não na faculdade, depois. Uma tensão estava crescendo nele, como a tensão que às vezes o assombrava tarde da noite, quando ele queria salvar Gansey, ou *ser* Gansey.

Gansey se virou para ele; seu hálito era todo folhas de hortelã e champanhe. Ele perguntou: — Por que você foi a Cabeswater sem mim, Adam?

Ali estava, finalmente.

A verdade era uma coisa complicada. Adam deu de ombros.

— Não — disse Gansey. — Não isso.

— Eu não sei o que te dizer.

— Que tal a verdade?

— Eu não sei qual é a verdade.

— Eu simplesmente não acredito nisso — disse Gansey. Ele estava começando a usar *a voz*. A voz de Richard Gansey III. — Você não faz algo sem saber por quê.

— Todo esse lance talvez funcione com o Ronan — respondeu Adam. — Mas não comigo.

O Gansey no espelho riu, sem humor.

— O Ronan nunca pegou o meu carro. Ele não mentiu para mim.

— Ah, fala sério. Eu não menti. Algo precisava ser feito, ou o Whelk teria o controle da linha neste instante. — Adam lançou uma mão para a escada, na direção da festa, da canção em latim. — *Ele* é quem estaria ouvindo aquilo. Eu fiz a coisa certa.

— Não era essa a questão. A questão é *aquela noite.* Você teve de *passar bem ao meu lado* para ir. Você faz tanta questão de ser Adam Parrish, exército de um homem só.

Ele *era* Adam Parrish, exército de um homem só. Gansey, criado por aqueles amáveis cortesãos, jamais conseguiria compreender isso.

A voz de Adam estava ficando acalorada.

— O que você quer que eu diga, Gansey?

— Só me diga por quê. Já faz semanas que defendo você para a Blue e o Ronan.

A ideia de que seu comportamento fosse um tópico de conversa enfurecia Adam.

— Se os outros têm problemas comigo, eles podem tratar disso diretamente comigo.

— Por Deus, Adam. Não é *essa* a questão, também. O ponto é... Só me diz que isso não vai voltar a acontecer.

— E o que é "isso"? Alguém fazendo algo que você não pediu para fazer? Se você quer alguém que possa controlar, escolheu a pessoa errada.

Houve uma pausa, cheia do tilintar distante de prataria e copos. Alguém riu, uma risada aguda e encantada.

Gansey apenas suspirou.

E aquele suspiro era o que faltava. Porque ele não subentendia pena — estava afogado nela.

— Ah, nem comece — disparou Adam. — Não ouse.

Não houve troca dessa vez. Não houve um salto do normal para o irado. Porque ele já estava irado. Já estava escuro antes, e agora estava negro.

— Olhe para você, Adam. — Gansey ergueu uma mão, demonstrando. Prova A, Adam Parrish, impostor. — Apenas *olhe*.

Adam se sentiu cansado dos convidados, da sua falsa civilidade, das luzes cintilantes, da falsidade de tudo. Ele lutou para encontrar as palavras.

— Está certo. "Eis o Adam, que desgraça. O que você acha que ele estava tentando dizer quando despertou a linha ley sozinho? Não sei, Ronan. Melhor não perguntar para *ele*." Que tal essa, Gansey? *A questão não era você.* Eu fiz o que precisava ser feito.

— Ah, não minta pra mim. Tinha tantas outras maneiras.

— E você não estava explorando nenhuma delas. Ou você quer encontrar essa coisa, ou não quer. — Havia algo de brutalmente libertador em poder dizer em voz alta tudo o que ele estivera pensando. Ele gritou: — E você não precisa dele. *Eu* preciso. Não vou ficar parado de braços cruzados e deixar outra pessoa tomar a minha frente.

Os olhos de Gansey dardejaram até o fim do corredor e de volta para Adam. *Está certo, Gansey, não acorde o bebê.* Ele falou quase num sussurro: — O Glendower não era seu, Adam. Era uma questão minha primeiro.

— Você pediu a nossa ajuda. Não sei se foi sincero. Você fez isso.

Gansey pressionou um dedo ligeiramente contra o peito de Adam.

— *Isso?* Acho que não.

Adam agarrou o punho de Gansey com força. O terno era escorregadio como sangue debaixo dos seus dedos.

— Não vou ser seu subordinado, Gansey. Era isso que você queria? Se você quiser que eu o encontre, vai ter que me deixar procurar do *meu* jeito.

Gansey arrancou o braço do aperto de Adam. Novamente seus olhos dardejaram até o fim do corredor e de volta.

— Você devia se olhar no espelho.

Adam não olhou.

— Se vamos fazer isso, vai ser como iguais — disse.

Gansey olhou de relance sobre o ombro, furtivo. Sua boca fez o formato de *shh*, mas não o som.

— Ah, que foi agora? — demandou Adam. — Está com medo que alguém ouça? Que saibam que nem tudo é perfeito na terra de Dick Gansey? Uma dose de realidade poderia ajudar essas pessoas!

Com um giro súbito, Adam varreu todas as estatuetas da mesa estilo Queen Anne. Raposas de calção e terriers capturados em pleno voo. Todos se jogaram ao chão com um baque satisfatório e doentio. Ele ergueu a voz.

— O mundo está acabando, pessoal!

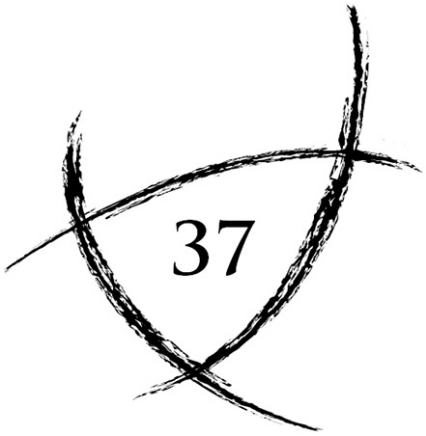
— Adam...

— Eu não preciso da sua sabedoria, Gansey — disse ele. — Não preciso que você seja a minha babá. Eu consegui a Aglionby sem você. Eu consegui a Blue sem você. Eu despertei a linha ley sem você. *Não vou aceitar a sua pena.*

Agora, finalmente, Gansey foi silenciado. Havia algo de muito remoto em seus olhos, ou na resolução de seus lábios, ou no erguimento de seu queixo.

Ele não disse nada mais. Apenas sacudiu ligeiramente a manga que Adam havia agarrado, alisando as rugas na camisa. Suas sobrancelhas estavam franzidas como se a ação exigisse toda sua atenção. Então ele deixou Adam parado no corredor.

Ao lado de Adam, o espelho exibia o seu reflexo e o da forma bruxuleante de um fantasma que ninguém, a não ser ele, podia ver. Ela estava gritando, mas não havia som.



O sonho era este: sentado no assento do passageiro do Mitsubishi de Joseph Kavinsky, o cheiro da batida se prendendo às roupas de Ronan, as luzes brancas do painel entalhando um rosto selvagem e emaciado em Kavinsky, as músicas obscenamente sedutoras cuspidas dos alto-falantes, os picos cobertos de veias dos nós dos dedos de Kavinsky sobre o câmbio entre eles. O cheiro no carro era doce e estranho, tóxico e agradável, de uma maneira que Ronan sempre achara que a maconha seria antes de entrar para a Aglionby. Mesmo a sensação dos assentos de corrida era estranha; eles seguravam os ombros de Ronan e sugavam suas pernas para as profundezas do carro, como uma armadilha. Cada buraco na estrada se transferia diretamente para os ossos de Ronan, abrupto e imediato. Um toque da direção e eles se lançavam em uma direção ou outra. Era como um carro construído tanto para alimentar quanto para gerar ansiedade.

Ronan não sabia se o adorava ou o odiava.

Eles não falaram nada. Ronan não sabia o que diria de qualquer forma. Parecia que qualquer coisa podia acontecer. Todos os seus segredos

pareciam perigosamente próximos da superfície.

Kavinsky deixou Henrietta, passando por Deering, para lugar nenhum. A estrada passou de quatro pistas para duas, e árvores de um negro puro pressionavam o negro céu opaco do céu lá em cima. As palmas das mãos de Ronan suavam. Ele observava Kavinsky trocar as marchas enquanto ele serpenteava ao longo de estradas vicinais. Toda vez que ele trocava para a quarta marcha, perdia o tempo certo. Será que ele não sentia o carro perder impulso quando fazia isso?

— Meus olhos estão aqui em cima, querido — disse Kavinsky.

Com um ruído de desdém, Ronan recostou a cabeça no assento e olhou para fora, para a noite. Ele sabia dizer onde eles estavam agora; estavam próximos da feira onde a festa de embalo havia acontecido. Hoje os holofotes potentes estavam apagados; a única prova da existência da feira era quando os faróis passavam pelas bandeirolas, e então não havia nada a não ser macegas enquanto Kavinsky entrava com o carro em uma vereda de cascalho coberta pela relva de frente para a feira.

Alguns metros adiante, Kavinsky parou. Ele olhou para Ronan.

— Eu sei o que você é.

Foi como depois da batida. Após despertar de um sonho. Ronan estava congelado no mar, encarando-o de volta.

O Mitsubishi arrancou forte, e o caminho cedeu lugar a uma clareira interminável. Nos faróis, Ronan viu outro carro branco estacionado à frente. Quando eles se aproximaram, as luzes iluminaram um aerofólio enorme no porta-malas, e então revelaram uma porção da estampa de uma faca na lateral. Era outro Mitsubishi. Por um instante, Ronan achou que poderia ser o velho, os estragos miraculosamente escondidos de alguma maneira pela iluminação ruim. Mas então os faróis viraram para outro carro estacionado ao lado dele. Esse segundo carro também era branco com um aerofólio grande. A estampa de uma faca espiava para fora da lateral sombreada.

Kavinsky avançou mais uns metros. Um terceiro carro foi trazido para o foco. Um Mitsubishi branco. Eles continuaram avançando lentamente, a relva farfalhando contra o para-choque baixo. Outro Mitsubishi. Mais um. Outro.

— Peixinho dourado — disse Kavinsky.

Não seria a mesma coisa.

Mas eram a mesma coisa. Dúzias e mais dúzias — agora Ronan viu que havia ao menos duas fileiras de Mitsubishis estacionados — de carros idênticos. Só que eles não eram bem idênticos. Quanto mais Ronan olhava, mais diferenças ele via. Um para-lama maior aqui. A pintura de um dragão respingada ali. Alguns tinham faróis esquisitos que se estendiam por toda a frente. Alguns não tinham luz alguma, apenas folhas de metal lisas onde elas deviam estar. Alguns eram ligeiramente mais altos; outros, ligeiramente mais longos. Alguns tinham apenas duas portas. Alguns não tinham nenhuma.

Kavinsky foi até o fim da primeira fila desigual e dobrou para a próxima. Havia mais de uma centena deles.

Não era possível.

Ronan fechou as mãos em punhos. Ele disse:

— Acho que não sou o único com sonhos recorrentes.

Porque, é claro, aqueles carros tinham saído da cabeça de Kavinsky. Assim como as carteiras de motorista falsas, as tiras de couro que ele havia dado para Ronan, as substâncias incríveis com as quais seus amigos viajariam durante horas, cada fogo de artifício impossível que ele soltava a cada ano no Quatro de Julho, cada uma das falsificações pelas quais ele era conhecido em Henrietta.

Ele era um Greywaren.

Kavinsky puxou o freio de mão. Eles eram um Mitsubishi branco em um mundo de Mitsubishis brancos. Cada pensamento na cabeça de Ronan era um fragmento de luz, longe dali antes que ele pudesse contemplá-lo.

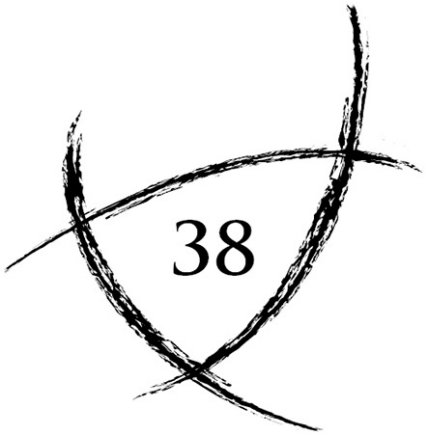
— Eu te disse, cara — disse Kavinsky. — Solução simples.

Ronan falou em voz baixa:

— Carros. Um *carro* inteiro.

Ele jamais imaginara que isso fosse possível. Nunca chegara nem a pensar em tentar algo mais do que as chaves do Camaro. Nunca pensara que houvesse qualquer pessoa fora ele mesmo e o pai.

— Não... Mundos — disse Kavinsky. — Um *mundo* inteiro.



Após a festa ter se reduzido a nada, Gansey se esgueirou pela escada dos fundos, evitando a sua família. Ele não sabia onde estava Adam — ele ia ficar no antigo quarto de Gansey, uma vez que os convidados de sua mãe ocupariam todos os outros — e não saiu à sua procura. Gansey ia dormir no sofá, mas não haveria sono para ele aquela noite. Então ele saiu silenciosamente para o jardim dos fundos.

Com um suspiro, ele se sentou na beira da fonte de concreto. As nuances e maravilhas do jardim inglês eram muitas, mas a maioria se perdia após o cair da noite. O ar estava denso com a fragrância de buxo, gardênias e comida chinesa. As únicas flores que ele conseguia ver eram brancas e modorrentas.

Ele sentia a alma escoriada e machucada dentro de si.

O que ele precisava era dormir, para que aquele dia terminasse e ele pudesse começar um novo. O que ele precisava era desligar suas recordações, para parar de repassar a briga com Adam.

Ele me odeia.

O que Gansey queria era estar em casa, e sua casa não era ali.

Ele estava fragilizado demais para considerar o que era sensato e o que não era. Ele ligou para Blue.

— Alô?

Ele apertou os olhos fechados. Só o som da voz dela, o sossego de Henrietta nela, o fez se sentir desestabilizado e aos pedaços.

— Alô? — ela ecoou.

— Acordei você?

— Ah, Gansey! Não, não acordou. Eu fui trabalhar no Nino's hoje. Você terminou o que tinha para fazer aí?

Gansey se deitou, a face encostada contra o concreto ainda quente do banco da fonte, e olhou para fora, para o jardim à meia-noite no paraíso de vapor de sódio que era Washington. Ele segurou o telefone no outro ouvido. As saudades de casa o devoravam.

— Por enquanto.

— Desculpa pelo barulho — disse Blue. — Está um zoológico aqui, como sempre. E estou comendo um pouco de... hã... iogurte, e estou... é isso. Então, o que você quer?

Ele respirou fundo.

O que eu quero?

Ele viu o rosto de Adam novamente. Gansey repassou as próprias respostas. Ele não sabia quais delas estavam erradas.

— Você acha... — ele começou — que pode me contar o que está acontecendo na sua casa agora?

— O quê? Tipo, o que a minha mãe está fazendo?

Um grande inseto passou zunindo junto à sua orelha, vindo como um jato de passageiros. Ele seguiu em frente, embora o voo rasante tenha sido próximo o suficiente para fazer cócegas em sua pele.

— Ou a Persephone. Ou a Calla. Ou qualquer outra pessoa. Só descreva para mim.

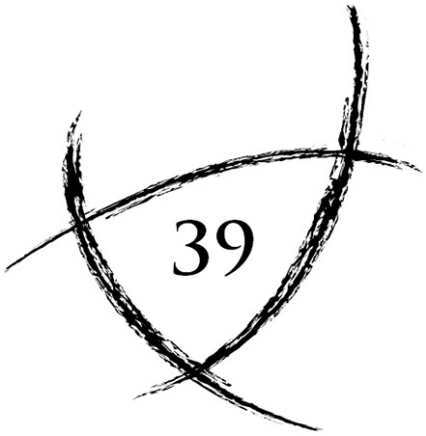
— Ah — disse ela. Sua voz tinha mudado um pouco. Ele ouviu uma cadeira rangendo do lado do telefone. — Tá, tudo bem.

E ela contou. Às vezes Blue falava com a boca cheia, e às vezes tinha que fazer uma pausa para responder para outra pessoa, mas contou sem pressa a história e pintou para cada uma das mulheres na casa um quadro completo. Gansey piscou, mais lento. O cheiro de comida de delivery

havia desaparecido, e tudo que sobrara era o aroma pesado e agradável de coisas crescendo. Isso e a voz de Blue do outro lado da linha.

— Assim está bom? — ela perguntou por fim.

— Sim — disse Gansey. — Obrigado.



Algo estranho e químico estava acontecendo com o Homem Cinzento. Uma vez ele fora atacado com uma chave de fenda — Philips, cabo azul-claro —, e se apaixonar por Maura Sargent era exatamente a mesma coisa. Ele não sentira nada quando a chave de fenda perfurara a lateral de seu corpo. Não fora insuportável quando ele levara pontos enquanto via *O último cavaleiro* na televisão (deitado na cama da Taverna e Hospedaria Arbor Palace, cor local!). Não, só ficara terrível quando o ferimento começou a fechar. Quando começou a refazer a pele onde esta havia sido arrancada.

Agora o buraco rasgado em seu coração estava se recuperando a partir do tecido cicatrizado, e ele não conseguia deixar de senti-lo.

Ele o sentiu enquanto instalava uma nova série de medidores no Massacre Champanhe. Eles sorriam e piscavam e chilreavam para ele.

O Homem Cinzento o sentiu enquanto rasgava as solas do seu segundo par de sapatos e retirava o dinheiro para os gastos de dentro deles. As notas farfalhavam afetuosamente em sua mão.

Ele o sentiu enquanto experimentava a maçaneta da mansão de vinil de Kavinsky. A porta da frente se escancarou sem resistência. Ele encontrou uma casa cheia de maravilhas, nenhuma delas o Greywaren. A sra. Kavinsky levantou o rosto lentamente da privada, os cílios vibraram remelosos, as narinas ranhosas.

— Sou uma fantasia da sua imaginação — ele lhe disse.

Ela anuiu.

Ele o sentiu quando se inclinara sobre o BMW de Ronan Lynch no estacionamento da Indústria Monmouth e conferia o número de identificação do veículo. Números de identificação comuns tinham dezessete dígitos de comprimento e indicavam que tipo de carro era e onde havia sido feito. Aquele número de identificação tinha apenas oito números de comprimento e correspondia à data de nascimento de Niall Lynch. O Homem Cinzento se sentiu insensatamente encantado com isso.

Ele o sentiu quando Greenmantle ligou e ralhou, irada e ansiosamente, a respeito do tempo decorrido.

— Você está me ouvindo? — demandou Greenmantle. — Preciso ir aí pessoalmente?

O Homem Cinzento respondeu:

— Henrietta é uma bela cidadezinha.

Ele o sentiu quando arrombou a reitoria da Santa Inês e perguntou ao padre que estava lá se os irmãos Lynch já haviam confessado alguma coisa que valesse a pena. O padre fez uma série de ruídos chocados enquanto o Homem Cinzento o arrastava sobre o pequeno balcão laminado da quitinete e a mesa redonda de café da manhã, passando pelo alimentador automático colocado ali para o uso dos dois gatos da reitoria, Joan e Dymphna.

— Você é um homem muito doente — o padre disse para o Homem Cinzento. — Posso conseguir ajuda para você.

— Eu acho — disse o Homem Cinzento, baixando o padre sobre uma caixa de missais novos — que já a encontrei.

Ele o sentiu quando todas as máquinas no Flagelo Champanhe se iluminaram como uma árvore de Natal, piscando, lamentando e oscilando bruscamente com tudo o que tinham direito. Quando isso começara pela

primeira vez, seu primeiro pensamento fora: *Sim. Sim, é exatamente assim que deve ser.*

E então ele lembrou por que estava ali.

As luzes se acenderam, os medidores oscilaram bruscamente, os alertas berraram.

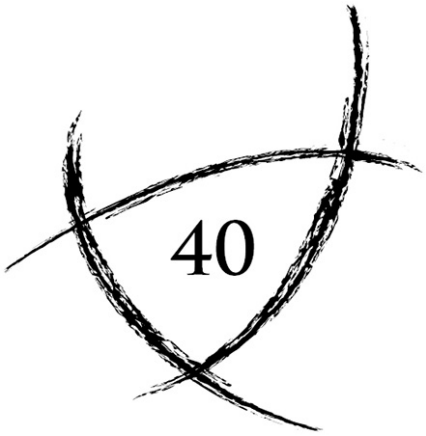
Aquilo não era um teste.

Lenta e inexoravelmente, as leituras o levaram para fora da cidade, recompensando-o com resultados cada vez mais fortes. O Homem Cinzento o sentiu até aquele momento, na inevitabilidade daquela caça ao tesouro. De vez em quando, as máquinas cediam, as leituras bruxuleando. E então, bem quando ele começava a suspeitar que a anormalidade havia desaparecido para sempre, deixando-o à deriva, os medidores explodiam em luzes e som novamente, mais fortes ainda do que antes.

Aquilo não era um teste.

Ele encontraria o Greywaren naquele dia.

Ele podia sentir.



Às onze da manhã do outro dia, Gansey recebeu uma série de mensagens de Ronan. A primeira era meramente uma fotografia. Um close de uma parte da anatomia de Ronan que ele não tinha visto antes. Uma bandeira irlandesa estava amarrada a ela. Não era a exibição de nacionalismo mais grotesca que Gansey já vira, mas estava perto disso.

Gansey recebeu a mensagem enquanto participava do chá de sua mãe. Sonolento pela noite maldormida no sofá, dormente pela socialização recatada acontecendo por toda sua volta e assombrado pela briga com Adam, ele não processou imediatamente as possíveis implicações de uma fotografia como aquela. A compreensão começava apenas a alfinetá-lo quando uma segunda mensagem chegou.

antes que você saiba por outra pessoa, eu bati o Pig Gansey ficou subitamente muito desperto.

mas não se preocupe cara está tudo sob controle diga oi a sua mãe por mim Na maior parte, o momento foi propício. Porque Gansey havia herdado de sua mãe uma aversão extrema por demonstrar as emoções mais

desagradáveis em público ("O rosto de todas as pessoas é um espelho, Dick — se esforce para fazê-las refletir um sorriso"), e receber a notícia cercado por um público de porcelanas refinadas e damas sorridentes com seus cinquenta anos deu a ele tempo suficiente para ponderar sobre como reagir.

— Está tudo bem? — perguntou a mulher à frente dele.

Gansey piscou para ela.

— Ah, sim, obrigado.

Não havia circunstâncias em que Gansey teria respondido a essa pergunta de qualquer outra maneira. Possivelmente se ele tivesse ficado sabendo que um membro da família tivesse morrido. Possivelmente se um dos seus membros tivesse sido separado do seu corpo.

Possivelmente.

Enquanto ele aceitava uma travessa de sanduíches de pepino da mulher à sua direita para passar para a mulher à sua esquerda, ele se perguntou se Adam já tinha acordado. Gansey suspeitava que ele não desceria, mesmo se estivesse desperto.

Sua mente repassou a imagem de Adam jogando as estatuetas no chão.

— Esses sanduíches estão deliciosos — disse a mulher à sua direita para a mulher à sua esquerda. Ou possivelmente para ele.

— São do Clarissa's — disse Gansey automaticamente. — Os pepinos são locais.

O Ronan pegou o meu carro.

Naquele momento, a lembrança que Gansey teve de Ronan e de seu sorriso sujo não parecia muito diferente do sorriso aberto e asqueroso de Joseph Kavinsky. Gansey teve de lembrar a si mesmo que eles tinham diferenças muito importantes. Ronan estava quebrado; Ronan tinha conserto; Ronan tinha alma.

— Estou tão satisfeita com o movimento para estimular a produção de alimentos locais — disse a mulher à sua direita, possivelmente para a mulher à sua esquerda. Ou talvez para ele.

Ronan tinha charme. Ele só estava enterrado lá no fundo.

Muito fundo.

— O gosto é mais fresco — disse a mulher à sua esquerda.

A questão era que Gansey sabia o que acontecia nas noites de sexta-feira, quando o BMW de Ronan voltava cheirando a freio queimado e com a embreagem desgastada. E ele levara as chaves do Camaro consigo, quando partira, por uma razão. Então aquilo não era surpresa.

— Realmente, as vantagens estão nos baixos custos de combustível e transporte — disse Gansey —, que são repassados para o consumidor. E para o meio ambiente.

Mas o que ele queria dizer com *bati*?

A mente de Gansey estava sobrecarregada. Ele podia sentir as sinapses se matando.

— É de se perguntar o que vai acontecer com os empregos no segmento do transporte, no entanto — disse a mulher à direita. — Você me passaria o açúcar, por favor?

Diga oi a sua mãe?

— Acredito que a infraestrutura local necessária para processar e vender esses produtos vai resultar em perda de empregos de soma zero — disse Gansey. — O maior desafio vai ser ajustar as expectativas das pessoas à sazonalidade dos produtos que elas passaram a esperar o ano inteiro.

Bati.

— Talvez você esteja certo — disse a mulher à sua esquerda. — Embora eu adore comer pêssegos no inverno. Vou querer o açúcar também, por favor.

Ele passou uma tigela com torrões de açúcar marrons da mulher à sua direita para a mulher à sua esquerda. Do outro lado da mesa, Helen gesticulava animadamente para uma cremeira com o formato de uma lâmpada do gênio. Ela parecia bem-disposta como uma apresentadora de televisão.

Erguendo a cabeça, ela cruzou com o olhar de Gansey e então limpou os cantos da boca delicadamente com seu guardanapo, disse algo para sua colega de conversa e se levantou. Ela apontou para Gansey e gesticulou na direção da porta da cozinha.

Gansey pediu licença e se juntou a ela na cozinha. Era a única parte da casa que não havia sido reformada nas últimas duas décadas, e estava sempre escura e cheirando vagamente a cebolas. Gansey parou ao lado da

máquina de expresso. Ele teve uma lembrança imediata, distante, de sua mãe glamourosa colocando o termômetro do espumador de leite debaixo de sua língua para conferir a febre. O tempo parecia irrelevante.

A porta bateu atrás de Helen.

— O que foi? — ele perguntou em voz baixa.

— Parecia que você estava gastando sua última nota de alegria.

— Eu não sei nem do que você está falando — ele sibilou.

— Sei lá. Eu estava apenas tateando no escuro.

— Bem, isso não funciona. Não faz sentido. E, de qualquer maneira, não me faltam notas de alegria. Tenho um monte delas.

— O que estava acontecendo ali, no seu telefone?

— Um débito de alegria muito pequeno.

O sorriso de sua irmã mais velha reluziu brilhantemente.

— Está vendo? Funciona sim. Agora, você precisava ou não sair daquela sala?

Gansey inclinou a cabeça num ligeiro reconhecimento. Os irmãos Gansey se conheciam bem.

— Não tem de quê, viu? — disse Helen. — Me avise se precisar que eu faça um cheque de alegria.

— Eu realmente não acredito que isso funcione.

— Ah, acho que tem futuro — ela respondeu. — Agora, se você me dá licença, preciso voltar para a srta. Capelli. Estamos falando sobre a síndrome de adaptação espacial e o efeito Coriolis. Eu só queria que você soubesse o que está perdendo.

— *Perdendo* é um termo forte.

— É. É mesmo.

Helen passou para a sala empurrando a porta vai e vem. Gansey ficou imóvel na cozinha escura cheirando a vegetais de raiz até a porta parar. Então ligou para Ronan.

— Dick — disse Kavinsky. — Gansey.

Afastando o telefone da cabeça, Gansey confirmou que realmente havia ligado para o número correto. A tela exibia RONAN LYNCH. Ele não conseguia entender como o telefone de Ronan havia parado nas mãos de Kavinsky, mas coisas mais estranhas já haviam acontecido. Pelo menos agora as mensagens faziam sentido.

— Dick Três — disse Kavinsky. — Você está aí?

— Joseph — disse Gansey afavelmente.

— Engraçado ouvir a sua voz. Vi o seu carro andando pela cidade ontem à noite. Ele só tem metade da cara agora. Pobre diabo.

Gansey fechou os olhos e deixou escapar um suspiro.

— Desculpe, não ouvi — disse Kavinsky. — Como? Eu sei, eu sei... Isso é o que o Lynch diz.

Gansey cerrou os dentes em uma linha absolutamente reta. O pai de Gansey, Richard Campbell Gansey II, também fora para um internato, a agora extinta Rochester Hall. Seu pai, colecionador de coisas, colecionador de palavras, colecionador de dinheiro, tinha histórias hipnotizantes para contar. Nelas, Gansey vislumbrava cenas de uma comunidade utópica de pares com vontade de aprender, entusiasmados em sua busca por sabedoria. Era uma escola que não ensinava apenas história — não, ela usava o passado como um casaco confortável, amado apesar das bordas puídas. Era C. S. Lewis e os Inklings, Yeats e o Teatro Abbey, Tolkien e seu Kolbítar, Glendower e seu poeta Iolo Goch, Artur e seus cavaleiros. Era uma comunidade de acadêmicos recém-saídos da adolescência, uma espécie de história em quadrinhos da Marvel, em que cada herói representava um braço diferente das ciências humanas.

Não tinha nada de árvores cheias de papel higiênico e subornos sussurrados, embaixadinhas com bolas no jardim e casos entre professores, vodca dada e carros roubados.

Não tinha nada da Academia Aglionby.

Às vezes, a diferença entre a utopia e a realidade exauria Gansey.

— Tudo bem, então — disse Gansey. — Isso foi ótimo. Você vai devolver o telefone para o Ronan algum dia?

Houve um silêncio. O tipo de silêncio *pouco sincero*, que faria as pessoas virarem a cabeça para observar, como uma risada em voz alta.

Gansey não dava a menor importância para isso.

— Ele vai ter que tentar com mais vontade — disse Kavinsky.

— Como?

— Isso é o que o Lynch está dizendo, também.

Gansey podia ouvir o sorriso desonesto na voz de Kavinsky. Ele perguntou: — Você não acha que o seu humor nivela por baixo demais?

— Cara, não me venha com esse papo professoral aí. Olha só: o Ronan que você conhece não existe mais. Ele está passando por um momento de autodescoberta. Um... um... *Bildungsroman*. Olha só pra mim! Que tal *essa*, professor Dick-dick-dick.

— Kavinsky — disse Gansey sem alterar a voz. — Cadê o Ronan?

— Bem aqui. *Acorda, seu merda, é a sua namorada!* — disse Kavinsky. — Desculpe. Ele está completamente bêbado. Quer deixar recado?

Gansey levou um minuto muito longo para se recompor. E descobriu, do outro lado do minuto, que ainda estava bravo demais para falar.

— Dickie. Você ainda está aí?

— Estou. O que você quer?

— O que eu sempre quis. Me divertir.

O telefone ficou mudo.

Ali parado, Gansey subitamente se lembrou de uma história sobre Glendower, uma que sempre o incomodara. Glendower era uma lenda, de muitas maneiras. Ele se rebelara contra os ingleses quando todos os homens medievais de sua idade já encaravam a velhice e a morte. Ele unira os povos, superara obstáculos impossíveis e dominara o País de Gales com os rumores de seus poderes mágicos. Advogado, soldado, pai. Um gigante místico que deixara uma marca permanente.

Mas essa história... Alguns galeses não estavam convencidos de que cutucar seus vizinhos ingleses melhoraria a situação difícil do País de Gales. Em particular, um dos primos de Glendower, um homem chamado Hymel, achava que Glendower havia perdido sua cabeça jurídica. Como ocorre na maioria das famílias, ele expressou sua diferença de opinião juntando um pequeno exército. Isso poderia desanimar a maioria dos príncipes, mas não Glendower. Ele era um advogado e — assim como Gansey — um crente no poder das palavras. Ele combinou de se encontrar sozinho com Hymel em um campo de caça de veados, para se entenderem.

Gansey não se incomodara com a história até esse ponto. Esse era o Glendower que ele seguiria para qualquer parte.

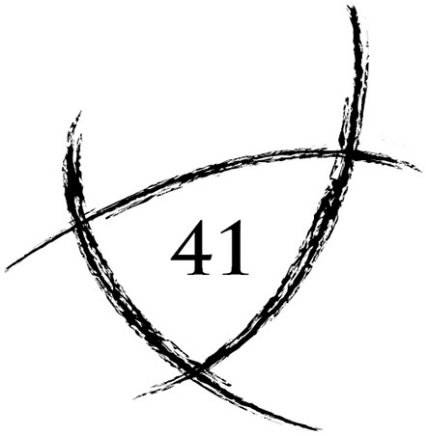
Então, os dois homens viram um veado. Hymel ergueu o arco. Mas, em vez de atirar no animal, ele atirou em Glendower... o qual, inteligentemente, vestira uma malha de metal por baixo da túnica.

Gansey preferiria que a história terminasse aí.

Mas não terminou. Em vez disso, sem ter sido ferido pela flecha e irado pela traição, Glendower perseguiu Hymel, o esfaqueou e finalmente enfiou o corpo de Hymel dentro de um carvalho.

Toda essa parte da punhalada, do corpo enfiado e da absoluta perda de autocontrole parecia bastante ignóbil. Gansey preferiria jamais ter encontrado essa história. Não havia como voltar atrás em sua leitura. Mas agora, após ouvir a risada lenta de Kavinsky do outro lado da linha, imaginando Ronan bêbado em sua ausência, vendo o Camaro num estado totalmente diferente de como ele o deixara, Gansey entendeu o que se passara com Glendower.

Ele estava ao mesmo tempo mais próximo e mais distante de Glendower do que jamais estivera.



Ronan acordou em um assento de cinema.

É claro, aquilo não era realmente um cinema; era apenas a sala de projeção no porão de uma mansão suburbana. À luz do dia, ele podia ver que ela era completa. Assentos de cinema reais, máquina de pipoca, projetor no teto, prateleira cheia de filmes de ação e pornôs com títulos pouco criativos. Ele se lembrou vagamente, com menos precisão do que em um sonho, de ver um vídeo interminável de corridas de rua na Arábia Saudita, na tela grande baixada na noite passada. O que ele estava fazendo? Ronan não fazia ideia do que estava fazendo. Ele não conseguia se concentrar em nada, a não ser numa centena de Mitsubishis brancos em um campo.

— Você não vomitou — observou Kavinsky de seu poleiro, dois assentos adiante. Ele ergueu o telefone de Ronan. — A maioria das pessoas vomita depois de beber tanto.

Ronan não disse a verdade: que ele estava acostumado a beber até cair. Ele não disse nem uma palavra. Apenas encarou Kavinsky, fazendo as

contas: *Cem Mitsubishis brancos. Duas dúzias de carteiras de motorista falsas. Cinco pulseiras de couro. Dois de nós.*

— Fala alguma coisa, Rain Man — disse Kavinsky.

— Existem outros?

Kavinsky deu de ombros.

— E eu vou saber?

— O seu pai é um?

— O *seu* pai é um?

Ronan se levantou. Kavinsky o observou tentar as três portas brancas insubstanciais até que ele encontrou o banheiro. Ele fechou a porta atrás de si, mijou e jogou água no rosto. Então encarou a própria imagem.

Cem Mitsubishis brancos.

Do outro lado da porta, Kavinsky disse:

— Estou ficando de saco cheio, cara. Você quer uma carreira?

Ronan não respondeu. Secou as mãos trêmulas, se recompôs e saiu do banheiro. Então se sentou contra a parede e observou Kavinsky cheirar uma carreira em cima da máquina de pipoca. Ele balançou a cabeça quando Kavinsky ergueu uma sobrancelha, oferecendo a ele.

— Você é sempre tão falante quando bebe? — perguntou Kavinsky.

— O que você estava fazendo com o meu celular?

— Ligando para a sua mãe.

— Fale mais alguma coisa sobre a minha mãe — disse Ronan tranquilamente — e eu afundo a sua cabeça. Como você faz isso?

Ele esperava que Kavinsky fizesse mais uma piada obscena sobre a sua mãe, mas, em vez disso, ele apenas fixou o olhar em Ronan, as pupilas enormes pela cocaína.

— Tão violento. O garoto-propaganda do transtorno de estresse pós-traumático. Você sabe como se faz isso — disse Kavinsky. — Eu vi você fazer.

O coração de Ronan se contraiu convulsivamente. Ele parecia não se acostumar com seu segredo ser de fato o oposto de um segredo.

— Do que você está falando?

Kavinsky se pôs de pé de um salto.

— A sua "tentativa de suicídio", cara. Eu vi acontecer. O portão é bem do lado da janela do Proko. Eu vi você acordar e o sangue aparecer. Eu

sabia o que você era.

Isso fora meses e meses e meses atrás. Antes mesmo de as corridas de rua terem começado. Todo esse tempo. Kavinsky sabia por todo esse tempo.

— Você não sabe nada sobre mim — disse Ronan.

Kavinsky saltou para ficar de pé em um dos assentos do cinema. Quando a cadeira balançou com seu peso, ela cantou uns versos — apenas um trecho de uma música pop que havia tocado demais dois anos antes —, e Ronan percebeu que aquilo devia ser algo sonhado também.

— Fala sério, cara.

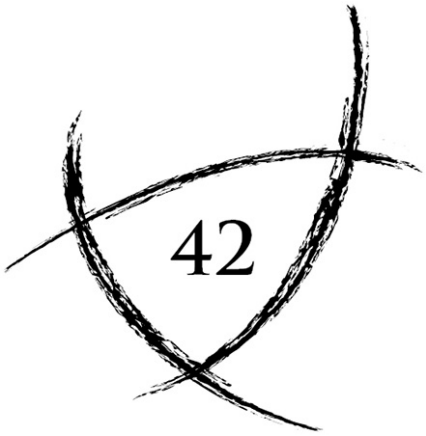
— Me conta como você faz — disse Ronan. — Não estou falando só dos sonhos. Os carros. As carteiras de motorista. As... — ele ergueu o punho para mostrar as pulseiras. A lista poderia continuar para sempre. Os fogos de artifício. As drogas.

— Você tem que ir atrás das coisas que quer — disse Kavinsky. — Você precisa saber o que quer.

Ronan não disse nada. Nesses parâmetros, seria impossível para ele. O que ele queria era saber o que ele queria.

Kavinsky sorriu abertamente.

— Vou te ensinar.



Adam desaparecera.

Às duas da tarde, Gansey achou que já esperara tempo suficiente por Adam. Criando coragem, bateu à porta do quarto. Então a abriu e encontrou o quarto vazio e estéril. O sol da tarde lavava as silhuetas inacabadas de velhos modelos em miniatura. Ele se inclinou na direção do banheiro e chamou o nome de Adam, mas era evidente que não havia ninguém em nenhum dos aposentos.

O primeiro pensamento de Gansey foi de apenas uma ligeira irritação; ele não culpava Adam por evitar tudo que tivesse a ver com o chá, tampouco estava surpreso pelo fato de o amigo se recolher após a discussão da noite passada. Mas agora Gansey *precisava* dele. Se não contasse para alguém sobre Ronan arrancando partes de seu carro, ele ia se matar.

Mas Adam não estava ali. A questão era que Adam não estava em lugar nenhum.

Ele não estava na cozinha cheirando a cebola, nem na biblioteca com chão de pedra, nem no vestíbulo pequeno e bolorento. Tampouco deitado

nos sofás duros da sala de estar formal, ou nos divãs de canto volumosos da sala informal da família. Não estava entocado no bar do porão nem perambulando pelo jardim úmido lá fora.

Gansey repassou a discussão da noite anterior. Ela pareceu pior dessa vez.

— Não consigo encontrar o Adam — ele disse para Helen. Ela estava cochilando em uma poltrona no gabinete do segundo andar, mas, quando viu o rosto do irmão, se endireitou sem reclamar.

— Ele não tem celular? — perguntou Helen.

Gansey balançou a cabeça e disse, com uma voz mais fina: — A gente brigou.

Ele não queria ter de dar mais explicações.

Helen anuiu. Ele não disse mais nada.

Ela o ajudou a procurar nos lugares mais difíceis: nos carros da garagem, no espaço baixo do sótão, no pátio da cobertura na ala leste.

Não havia lugar algum aonde ele pudesse ter ido. Aquele não era um bairro em que as pessoas se deslocavam a pé; o café mais próximo, o centro comercial ou a congregação de mulheres em calças de ioga ficavam a cinco quilômetros dali, acessados por avenidas movimentadas da região norte da Virgínia, de quatro e seis faixas. Eles estavam a duas horas de Henrietta de carro.

Ele tinha de estar ali, mas não estava.

O dia inteiro pareceu imaginário: a notícia do Camaro de manhã, Adam perdido à tarde. Aquilo não estava acontecendo.

— Dick — disse Helen —, você tem alguma ideia?

— Ele não desaparece simplesmente — respondeu Gansey.

— Não entre em pânico.

— Não estou em pânico.

Helen olhou para o irmão.

— Está sim.

Ele ligou para Ronan (*Atenda, atenda, uma vez na vida atenda*) e para a Rua Fox, 300 (*A Blue está? Não? O Adam — camiseta da Coca-Cola — ligou?*).

Depois disso, não era mais apenas Gansey e Helen. Era Gansey e Helen, o sr. Gansey e a sra. Gansey, Margo, a empregada, e Delano, o vigia

do bairro. Era uma ligação discreta para um amigo de Richard Gansey II no departamento de polícia. Eram planos para a noite silenciosamente colocados de lado. Era uma pequena frota de veículos particulares examinando as ruas sombreadas próximas e as zonas comerciais cheias de gente.

Seu pai dirigia um Tatra 59, um espécime tcheco que se dizia ter pertencido a Fidel Castro, enquanto Gansey embalava seu telefone no banco do passageiro. Apesar do ar-condicionado, suas mãos suavam. O verdadeiro Gansey se encolheu fundo dentro do corpo para que ele pudesse manter o rosto composto.

Ele partiu. Ele partiu. Ele partiu.

Às sete da noite, quando as nuvens de um temporal começaram a se adensar sobre os subúrbios e Richard Gansey II circulava mais uma vez as belas e verdes ruas de Georgetown, o telefone tocou — um número do norte da Virgínia que ele não conhecia.

Ele atendeu imediatamente.

— Alô?

— Gansey?

E, com isso, o alívio se derreteu por seu corpo, liquefazendo suas articulações.

— Por Deus, Adam.

O pai de Gansey estava olhando para ele, então ele anuiu uma vez. Imediatamente, seu pai começou a procurar um lugar para estacionar.

— Eu não conseguia lembrar do seu número — disse Adam miseravelmente. Ele estava se esforçando tanto para fazer sua voz soar normal que ela soava terrível. Ele não suprimiu, ou não quis suprimir, o sotaque de Henrietta.

Vai ficar tudo bem.

— Onde você está?

— Não sei. — Então mais baixo, para outra pessoa: — Onde eu estou?

O fone foi passado para a outra pessoa; Gansey ouviu o ruído de carros rodando ao fundo. A voz de uma mulher perguntou: — Alô? Você é amigo desse garoto?

— Sou.

A mulher do outro lado da linha explicou que ela e o marido haviam parado no acostamento da autoestrada.

— Parecia um corpo. Ninguém mais estava parando. Você está aqui perto? Pode vir buscá-lo? Nós estamos perto da saída 7, na 395 sul.

A mente de Gansey se alterou abruptamente para ajustar sua imagem das cercanias de Adam. Eles não estavam nem um pouco próximos. Não havia lhe ocorrido procurar tão longe.

Richard Gansey II ouvira o que ela dissera.

— Isso fica ao sul do Pentágono! Deve ser a uns vinte e cinco quilômetros daqui.

Gansey apontou para a estrada, mas seu pai já estava conferindo o tráfego para fazer o retorno. Quando ele virou, o sol da tarde pegou de cheio o para-brisa, cegando os dois momentaneamente. Ao mesmo tempo, eles ergueram a mão para bloquear a luz.

— Estamos indo — disse Gansey ao telefone.

Vai ficar tudo bem.

— Talvez ele precise de um médico.

— Ele está machucado?

A mulher fez uma pausa.

— Eu não sei.



Mas não estava tudo bem. Adam não disse absolutamente nada para Gansey. Nem enquanto se encolhia no banco de trás do carro. Nem enquanto estava sentado à mesa da cozinha e Margo lhe trazia um café. Nem após parar junto ao sofá com o telefone apertado no ouvido, falando com um médico, um velho amigo da família de Gansey.

Nada.

Ele sempre fora capaz de lutar por muito mais tempo que qualquer pessoa.

Por fim, ele parou na frente dos pais de Gansey, o queixo erguido, mas os olhos distantes, e disse: — Sinto muito por todo o incômodo.

Mais tarde, ele dormiu sentado na ponta do mesmo sofá. Sem nenhuma discussão particular, a família Gansey inteira levou a conversa para o gabinete do segundo andar, longe dos ouvidos de Adam. Embora vários compromissos tivessem sido cancelados e Helen tivesse perdido um voo para o Colorado à noite, ninguém mencionara a inconveniência. E eles jamais o fariam. Era o jeito Gansey de ser.

— Como o médico chamou isso? — perguntou a sra. Gansey, sentada na poltrona na qual Helen havia dormido antes. Na luz verde que passava pelo abajur verdejante a seu lado, ela se parecia com Helen, o que queria dizer que se parecia com Gansey, o que também queria dizer que se parecia um pouco com o marido. Todos os Gansey de certa maneira se pareciam uns com os outros, como um cachorro que começa a se parecer com o dono, ou vice-versa.

— Amnésia global transitória — respondeu Helen. Ela ouvira a conversa ao telefone e acompanhara a discussão com grande interesse. Helen gostava bastante de descer até a vida das outras pessoas e se enlamear por lá com um balde e uma pá e possivelmente com um daqueles maiôs antigos listrados que cobriam as pernas e os braços. — Episódios de duas a seis horas. Não conseguem se lembrar de nada até o último minuto. Mas as vítimas... essa foi a palavra usada por Foz, não por mim... aparentemente sabem que estão perdendo a noção de tempo enquanto isso acontece.

— Que coisa horrível — disse a sra. Gansey. — Pode piorar?

Helen fez desenhos aleatórios no risque-rabisque com um toco de lápis.

— Parece que não. Algumas pessoas têm apenas um episódio. Outras têm o tempo inteiro, como enxaquecas.

— E isso está relacionado ao estresse? — intercedeu Richard Gansey II. Embora ele não conhecesse Adam bem, sua preocupação era profunda e genuína. Adam era amigo de seu filho e, assim, tinha um valor inerente. — Dick, você sabe o que poderia estar estressando-o?

Estava claro que aquele era um problema que todos os Gansey tinham a intenção de solucionar antes que o filho voltasse para Henrietta com Adam.

— Ele se mudou há pouco da casa dos pais — disse Gansey. Ele havia começado a dizer *trailer*, mas não quis pensar no que seus pais fariam com aquela imagem. Ele pensou por um momento e então acrescentou: — O pai batia nele.

— Meu Deus — observou seu pai. E então: — Por que deixam essas pessoas terem filhos?

Gansey apenas olhou para o pai. Por um longo momento, nada foi dito.

— Richard — sua mãe ralhou.

— Onde ele está morando agora? — seu pai perguntou. — Com você?

Ele não sabia dizer quanto ou por que aquela pergunta feria. Gansey balançou a cabeça.

— Eu tentei. Ele está morando em um quarto que pertence à Igreja Santa Inês, uma igreja local.

— Isso é legal? Ele tem carro?

— Ele vai fazer dezoito anos daqui a alguns meses. E não.

— Seria melhor ele ficar com você — observou Richard Gansey II.

— Ele não quer. Simplesmente não quer. O Adam gosta de fazer tudo do jeito dele. Ele não aceita nada que pareça esmola. Está pagando a escola sozinho. Ele tem três empregos.

Os outros rostos Gansey olharam em sinal de aprovação. A família inteira apreciava o charme e a garra, e aquela ideia de Adam Parrish, alguém que venceu pelo próprio esforço, lhes agradava imensamente.

— Mas ele precisa de um carro — disse a sra. Gansey. — Isso certamente ajudaria. Não podemos ajudá-lo de alguma forma a conseguir um?

— Ele não aceitaria.

— Ah, certamente se dissermos...

— Ele não aceitaria. Vão por mim, ele não aceitaria.

Eles pensaram por um longo momento, durante o qual Helen desenhou seu nome em letras grandes, e seu pai folheou a *Breve enciclopédia de cerâmica mundial*, e sua mãe pesquisou discretamente *amnésia global transitória* em seu celular, e Gansey contemplou apenas jogar tudo o que tinha no Suburban e se mandar o mais rápido possível. Uma voz pequenina, muito egoísta dentro de Gansey, sussurrou: *E se você o*

deixasse aqui, e se o fizesse encontrar o próprio caminho de volta; e se ele tivesse de ligar para você e pedir desculpa uma vez que fosse?

Por fim, Helen disse:

— E se eu desse para ele o meu velho carro da faculdade? O detonado, aquele que vou doar para aquela instituição de caridade de carros usados se ele não quiser. Ele me pouparia o incômodo de ter que arranjar um guincho!

Gansey franziu o cenho.

— Qual carro detonado?

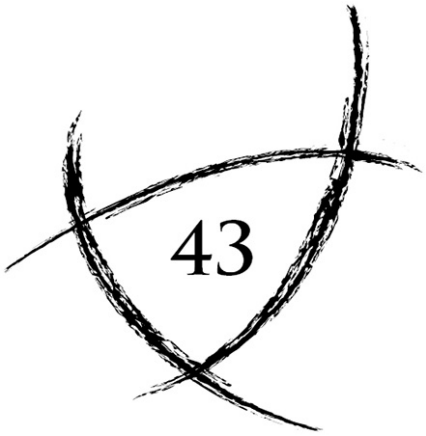
— Obviamente, eu ia *arrumar* um — respondeu Helen, desenhando um iate de cinquenta e oito pés no risque-rabisque. — E dizer que era meu.

Os Gansey mais velhos adoraram a ideia. A sra. Gansey já estava ao telefone. O humor coletivo havia melhorado com aquele plano. Gansey achou que seria preciso mais do que um carro para aliviar o estresse de Adam, mas a verdade era que ele *precisava* de um veículo. E se Adam realmente caísse na história de Helen, não faria mal algum.

Gansey não conseguia se livrar da imagem de Adam ao lado da estrada, caminhando, caminhando, caminhando. Sabendo que estava esquecendo o que estava fazendo, mas incapaz de parar. Incapaz de lembrar o número de Gansey, mesmo quando as pessoas *pararam* para ajudar.

Eu não preciso da sua sabedoria, Gansey.

Então não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.



— Muito bem, princesa — disse Kavinsky, passando um pacote com seis latas de cerveja para Ronan. — Me mostre o que você pode fazer.

Eles estavam de volta à clareira próxima da feira. Estava brumoso, bruxuleante, ofuscante no calor. Aquele era um lugar apropriado para mais matemática de sonhos. Cem Mitsubishis brancos. Duas dúzias de carteiras de motorista falsas. Os dois.

Um dia.

Dois? Três?

O tempo não fazia sentido. Os dias eram irrelevantes. Eles marcavam o tempo com sonhos.

O primeiro havia sido apenas uma caneta. Ronan acordou no ar-condicionado gelado do assento do passageiro, os dedos imóveis sobre a caneta plástica fina equilibrada sobre o seu peito. Como sempre, ele pairava acima de si mesmo, um não participante paralisado na própria vida. O alto-falante despejou algo que soava espirituoso, ofensivo e búlgaro. Moscas vorazes se aferravam esperançosamente ao exterior do

para-brisa. Kavinsky usava seus óculos brancos porque ele estava desperto.

— Uau, cara, isso é... uma caneta.

Tomando a caneta por debaixo dos dedos dóceis de Ronan, Kavinsky a testou sobre o painel. Havia algo de fascinante a respeito de sua total desconsideração por sua propriedade.

— O que é essa merda, cara? Parece a Declaração da Independência.

Assim como no sonho, a caneta escrevia tudo em uma caligrafia refinada, não importava quem a estivesse segurando. Kavinsky rapidamente se cansou de sua magia ingênua. Ele batucou com a caneta nos dentes de Ronan acompanhando a batida búlgara até a sensação voltar às mãos de Ronan e ele ser capaz de afastar a caneta.

Ronan achou que não era nada mau para um objeto de sonho produzido a seu comando. Mas Kavinsky olhou para a caneta desdenhosamente.

— Observe isso. — Pegando uma pílula verde, ele a jogou na boca e a engoliu com cerveja. Tirando os óculos escuros, pressionou os nós dos dedos em um dos olhos, fazendo careta. E então ele estava dormindo.

Ronan o observou dormir, a cabeça jogada para o lado, o pulso batendo visivelmente através da pele do pescoço.

O pulso de Kavinsky parou.

E então, com um sobressalto violento, ele despertou bruscamente, uma das mãos fechada em punho. A boca se abriu em um largo sorriso que surpreendeu Ronan. Com um giro teatral da mão, ele apresentou o seu objeto de sonho. Uma tampa de caneta. Ele contraiu os dedos até Ronan lhe passar a caneta de sonho.

A tampa, é claro, se encaixava perfeitamente. Tamanho certo, cor certa, brilho certo para o plástico. E por que ela não seria perfeita? Kavinsky era conhecido por suas falsificações.

— Amador — disse Kavinsky. — É *assim* que você vai sonhar as bolas do Gansey para devolver para ele.

— Você vai complicar, é? — demandou Ronan. Ele estava irado, mas não tanto quanto estaria antes de começar a beber. Ele colocou os dedos sobre a maçaneta da porta, pronto para sair. — Tipo, você quer se divertir com isso? Porque não estou tão ansioso assim para aprender com você. Posso descobrir sozinho.

— Claro que pode — disse Kavinsky. E ergueu um dedo para ele. — Dê essa caneta pra ele. Escreva um pequeno bilhete com ela. Com a letra do maldito George Washington: "Caro Dick, dirija *isso*, bjs. Ronan Lynch".

Ronan não tinha certeza se fora Kavinsky usando seu nome de verdade ou a memória refrescada do Pig arruinado que o convenceu, mas ele largou a mão da porta.

— Deixe o Gansey fora disso.

Kavinsky fez um *uuuh* com a boca.

— Com todo prazer, Lynch. Olha só: você pega suas coisas do mesmo lugar todas as vezes, certo?

A floresta.

— Na maior parte das vezes.

— Volte lá então. Não vá a nenhum outro lugar. Por que você iria a outro lugar? Você quer ir onde estão suas coisas. É lá que você tem que ir. Você pensa no que quer antes de ir dormir, certo? Você sabe que a coisa vai estar lá, naquele lugar. Não deixe ela saber que você está lá. Ela vai mudar o cenário se você deixar. Você tem que entrar e sair, Lynch.

— Entrar e sair — repetiu Ronan. Não soava como um sonho que ele já tivera.

— Como um ladrão filho da puta.

Kavinsky revelou outras duas pílulas verdes na mão. Uma ele pegou para si. A outra, ofereceu a Ronan.

— Nos encontramos do outro lado?

Cair no sono. Sim, você cai no sono. Você está desperto e então fecha os olhos e os pensamentos vêm com tudo e a lucidez o invade, mas então, no fim, você balança à beira do cochilo e cai.

Ronan não caiu no sono. Ele engoliu a pílula verde e foi jogado no sono. Lançado nele. Derrubado, batido, destruído. Ele rolou para aquela margem, uma versão esmigalhada de si mesmo, as pernas sumidas debaixo dele. As árvores se inclinaram sobre ele. O ar ria abertamente. Ladrão? *Ele* havia sido roubado.

Dentro.

Fora.

Lá estava o objeto que ele planejara levar. Era mesmo? Ele não conseguia dizer se era. As árvores abraçaram seus ramos em torno dele. A Garota Órfã o puxava e o puxava.

Dentro.

Fora.

A voz de Kavinsky, muito clara:

— A morte é um efeito colateral chato.

Ronan agarrou com esforço o metal da coisa. Dentro dele, um ventrículo se contraía incansavelmente. Sangue era despejado no átrio vazio de seu coração.

— SAI DAQUI! — gritou a Garota Órfã.

As pálpebras de Ronan se abriram subitamente.

— Bem-vindo de volta à terra dos vivos, marinheiro. — Kavinsky se inclinou sobre ele. — Lembre-se: você toma a pílula ou ela te toma.

Ronan não conseguia se mexer. Kavinsky bateu em seu peito com o punho para ajudá-lo.

— Você está bem — ele disse amigavelmente. E derramou um pouco de cerveja nos lábios dóceis de Ronan, depois a terminou sozinho. O sol parecia estranho do lado de fora do para-brisa, como se o tempo tivesse passado, ou o carro tivesse se movido. — Mas que diabos você tem por lá?

Os braços de Ronan recuperaram a sensação. Ele segurava uma gaiola de metal com um Camaro pequenino de vidro dentro dela, que não lembrava em nada a caixa de som que ele havia planejado trazer consigo. Era apenas ligeiramente parecido com o Camaro de verdade. Dentro do carro de vidro havia um motorista anônimo, a expressão facial vagamente chocada.

— Caro Dick — disse Kavinsky. — Dirija *isso*!

Dessa vez, Ronan riu. Kavinsky mostrou a ele seu próprio prêmio: uma arma de prata com as palavras “ASSASSINO DE SONHOS” gravadas no cano.

— Você não entrou furtivamente, não é? — ele disse de maneira acusadora. — Entre sem chamar atenção, saia sem chamar atenção. Pegue o lance, caia fora. Antes que o lugar perceba.

— Maldita pílula — disse Ronan.

— É uma droga maravilhosa. Minha mãe adora essas bolinhas, cara. Quando ela começa a quebrar as coisas em casa, eu esmago uma dessas para ela. Coloco na vitamina de frutas dela. Pode fazer piada agora, fera. É fácil, vá em frente. Deixei no ponto.

— Qual é o seu lugar?

Kavinsky deixou mais duas pílulas verdes sobre o painel; elas dançaram e tremeram na batida dos alto-falantes. A canção contou dissimuladamente a Ronan: *Ape махай ce, ape махай ce, ape махай ce.* Kavinsky lhe passou uma cerveja.

— Meu lugar secreto? Você quer ir no meu lugar secreto? — Kavinsky gargalhou abertamente. — Eu sabia.

— Tá bom, não me conte. Você coloca pílulas na bebida da sua mãe?

— Só quando ela rouba minhas coisas. Ela era muito sacana lá em Jersey.

Ronan não sabia muito a respeito da vida familiar de Kavinsky, fora a lenda que todos conheciam: seu pai, rico, poderoso e búlgaro, morava em Jersey, onde era possivelmente um mafioso. Sua mãe, bronzeada, em forma e feita de peças sob medida, morava com Kavinsky numa mansão no subúrbio. Essa era a história que Kavinsky contava. Essa era a lenda. O rumor era que o septo nasal de sua mãe tinha sido comido pela cocaína e que o instinto paternal de seu pai havia morrido quando Kavinsky tentara matá-lo.

Com Kavinsky, sempre fora difícil dizer o que era real. Agora, olhando para ele segurando uma arma de fogo de cromo fraudulentamente perfeita, ficava mais difícil ainda.

— É verdade que você tentou matar o seu pai? — perguntou Ronan. Ele encarou Kavinsky quando disse isso. Seu olhar irredutível era sua segunda melhor arma, após o silêncio.

Kavinsky não desviou o olhar.

— Eu nunca *tento* fazer nada, cara. Eu faço o que tenho a intenção de fazer.

— Dizem que é por isso que você está aqui e não em Jersey.

— Ele tentou *me* matar — respondeu Kavinsky. Seus olhos brilhavam. Ele não tinha íris. Apenas preto e branco. A linha do seu sorriso era feia e lasciva. — E ele nem sempre faz o que tem intenção de fazer. E, de

qualquer maneira, sou mais difícil de matar do que isso. Você matou o seu velho?

— Não — disse Ronan. — Isso matou ele.

— Tal pai, tal filho — observou Kavinsky. — Pronto para ir de novo?

Ronan estava.

Pílulas na língua. Seguidas de cerveja.

Dessa vez, ele viu o chão vindo. Como ser cuspido do ar. Ele não teve tempo de segurar o pensamento, prender a respiração, curvar o corpo. Rolou sonho adentro. Rápido. Jogado de um veículo em movimento.

Sem fazer ruído algum, Ronan rolou na direção das árvores.

Elas observaram umas às outras. Um pássaro estranho guinchou. A Garota Órfã não estava em parte alguma.

Ronan se agachou. Ele estava sereno como a chuva embaixo de uma raiz. Então pensou:

Bomba.

E lá estava, um coquetel molotov, não muito diferente daquele que havia jogado no Mitsubishi. Três pedras se projetavam para fora do solo úmido da floresta, apenas as pontas visíveis, os dentes erodidos, as gengivas musgosas. A garrafa estava virada entre elas.

Ronan rastejou para frente e fechou os dedos em torno do gargalo coberto de orvalho.

Te vidimus, Greywaren, sussurrou uma das árvores.

(*Estamos vendo você, Greywaren.*)

Ele cerrou a mão em torno da bomba e sentiu o sonho se movendo, se movendo...

Ronan despertou com a explosão.

Kavinsky já estava de volta, cheirando uma carreira de cocaína no painel. A luz na rua estava sombria e sem brilho, passado o crepúsculo. O pescoço e o queixo estavam iluminados como uma atração de jardim pelas luzes do painel abaixo. Ele limpou o nariz. Sua expressão já interessada se aguçou quando ele viu o objeto de sonho de Ronan.

Ronan estava paralisado como sempre, mas podia ver perfeitamente bem o que havia acabado de produzir: um coquetel molotov idêntico àqueles da festa de embalo — uma camiseta enrolada e enfiada em uma garrafa de cerveja cheia de gasolina. Era idêntico ao do sonho.

Só que agora estava queimando.

A chama, bela e voraz, consumiu a camiseta e estava quase atingindo a garrafa. A gasolina havia derramado dos lados da garrafa, ávida por demolição.

Com um riso selvagem, Kavinsky apertou o botão da janela com o cotovelo e tomou a bomba. Ele a lançou, anoitecer adentro. A garrafa voou apenas dois metros antes de explodir, estilhaçando cacos de vidro contra a lateral do Mitsubishi e através da janela aberta. O cheiro era tremendo, uma batalha aérea, e o som tragou toda a audição dos ouvidos de Ronan.

Pendurando o braço para fora da janela e parecendo profundamente despreocupado, Kavinsky sacudiu cacos de vidro da pele para a grama. Dois segundos mais tarde e ele não teria braço para se preocupar. Ronan não teria rosto.

— Ei — disse Ronan. — Não toque nas minhas coisas.

Kavinsky virou os olhos pesados para Ronan, as sobrancelhas erguidas.

— Olha só.

Ele levantou seu objeto de sonho: um diploma emoldurado. Joseph Kavinsky, graduado com louvor pela Academia Aglionby. Ronan não tinha visto um para saber se o papel creme estava correto, ou se as palavras usadas eram precisas. Mas reconheceu a assinatura espalhada da correspondência da Aglionby. O garrancho artístico do presidente Bell era inconfundível.

Era algo realmente contra o código de Ronan se deixar impressionar, muito menos demonstrar, mas a precisão e os detalhes eram impressionantes.

— Você é emotivo demais, Lynch — disse Kavinsky. — Está bem, eu entendo. Se você tivesse bolas, seria diferente. — Ele bateu com o dedo indicador na própria têmpora. — Isso aqui é o Walmart. Vá para a seção dos eletrônicos, pegue algumas TVs, caia fora. Não fique se demorando por lá. Isso ajudaria.

Ele gesticulou para o pó que ainda sujava o painel. Mal visível. Uma memória fina do pó. Ronan balançou a cabeça. Ele podia sentir os olhos de Gansey sobre ele.

— Você que sabe. — Kavinsky pegou outra caixa com seis latas de cerveja do banco de trás. — Pronto para ir?

E eles sonharam. Eles sonharam e sonharam, e as estrelas rodaram acima da cabeça deles e para longe, e a lua se escondeu nas árvores, e o sol se moveu em torno do carro. O carro se encheu de aparelhos impossíveis e plantas urticantes, pedras cantantes e sutiãs rendados. À medida que a tarde esquentou, eles saíram do carro, tiraram a camisa suada e suaram no calor. Coisas grandes demais para caber no carro. Repetidas vezes, Ronan partia para dentro da floresta em seus sonhos desordenados, se enfiava sorrateiramente entre as árvores e roubava algo. Ele estava começando a compreender o que Kavinsky queria dizer. O sonho era um subproduto de tudo aquilo; o sono era irrelevante. As árvores eram apenas obstáculos, uma espécie de sistema de alarme falho. Assim que Ronan provocava um curto-circuito nele, conseguia tirar coisas da sua mente sem se preocupar que o próprio sonho as corrompesse.

A luz se estendia longa e fina, quase a ponto de se romper, e então havia a noite com seus reflexos tantalizantes de centenas de carros brancos. Ronan não sabia dizer se haviam se passado dias ou se era a mesma noite ainda. Há quanto tempo ele havia batido o Pig? Quando fora seu último pesadelo?

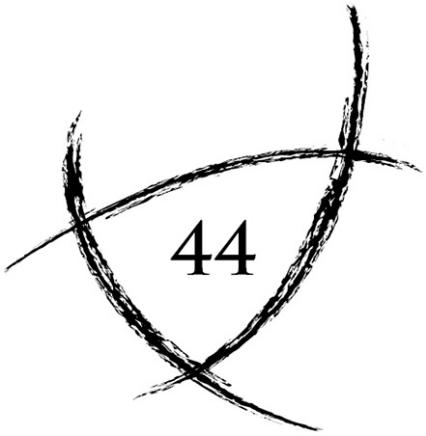
Então era de manhã. Ele não sabia se eles já tinham feito uma manhã, ou se aquela era uma nova em folha. A grama estava molhada, e o capô dos Mitsubishis suava gotas d'água, mas era difícil dizer se havia chovido ou se era só orvalho.

Ronan se sentou no para-lama traseiro de um dos Mitsubishis, a superfície lisa contra as costas nuas, e devorou um pacote de Twizzlers. Eles pareciam flutuar em álcool dentro dele. Kavinsky estava inspecionando a última obra de Ronan — uma motosserra. Após verificar que ela mutilava alguns pneus de outros Mitsubishis, ele voltou para onde Ronan estava e aceitou um único Twizzler. Ele estava chapado demais para dar a um alimento interesse maior do que um conceito.

— E então? — perguntou Ronan.

A brincadeira com a motosserra havia feito voar pequenas partículas de borracha pelo rosto e pelo peito desnudo de Kavinsky.

— Agora você sonha o Camaro.



Agora parecia simples.

Pílula. Cerveja. Sonho.

Um Camaro estava parado em meio às árvores da floresta de sonhos: tão fácil de imaginar quanto qualquer objeto de sonho que Ronan buscara. Apenas maior.

Dentro.

Fora.

Silenciosamente, ele colocou a mão na maçaneta da porta. As folhas das árvores tremeram; um pássaro cantou tristemente ao longe.

A Garota Órfã o observava do outro lado do carro. Ela balançou a cabeça. Ele levou o dedo aos lábios.

Desperto.

Ele abriu os olhos no céu matutino, e lá estava ele. Um Camaro vermelho-magnífico. Não era perfeito, mas perfeitamente imperfeito, manchado e arranhado como o Pig. Até o arranhão na porta onde Gansey tinha dado ré em um arbusto de azaleias.

A primeira sensação não foi de alegria, mas de alívio. Ele não tinha arruinado as coisas — ele tinha o Pig de volta, podia voltar para a Monmouth sem precisar se arrastar no chão. E então bateu a alegria. Era pior do que as pílulas verdes de Kavinsky. Ele foi lançado na emoção. Ela o golpeava e o excitava. Ronan sentira tanto orgulho da caixa quebra-cabeça, dos óculos escuros, das chaves. Como ele fora tolo então, como um garoto apaixonado por seus desenhos de giz de cera.

Era um carro. Um carro inteiro. Ele não estivera ali, mas agora estava.

Um mundo inteiro.

Agora ele não teria mais problemas. Tudo ficaria bem.

Na frente do carro, Kavinsky não parecia impressionado. Ele levantou o capô.

— Achei que você disse que conhecia esse maldito carro, cara.

Depois que Ronan voltou a sentir os membros, ele se juntou a Kavinsky ao lado do capô aberto. O defeito ficou claro na hora. Não havia motor. Ronan podia ver o caminho desimpedido até a grama alta. Ele provavelmente funcionaria, é claro. Se funcionava no sonho, funcionava na vida real. Mas isso não servia de consolo.

— Eu não pensei nele — ele disse. — No motor.

A alegria estava se dissipando tão rapidamente quanto havia surgido. Como Ronan poderia esperar guardar todos os pontos fracos do Pig na cabeça? Gansey não ia querer um Pig perfeito, um Pig que funcionasse sem motor. Ele ia querer o *seu* Pig. Ele adorava o Camaro *porque* ele quebrava, não apesar disso. O desespero tomou conta dos pensamentos de Ronan. Era complicado demais.

Kavinsky socou abruptamente a lateral da cabeça de Ronan.

— Pensar? Não tem o que pensar, idiota! Nós não somos professores. Mate o seu cérebro. — Ele avaliou o compartimento vazio do motor de novo. — Acho que o Dick pode usar isso como um canteiro. Para plantar petúnias e o cacete aqui.

Irritado, Ronan fechou o capô violentamente. Ele subiu nele — não fazia sentido poupar a pintura dos arranhões — e tamborilou os dedos contra o joelho enquanto tentava fazer sua mente voltar a funcionar direito. *Não tem o que pensar*. Ronan não conhecia um caminho melhor para tirar o carro dos seus sonhos. Ele não entendia como manter o

conceito enquanto mergulhava no sono. Ele estava cansado dos seus sonhos. Eles pareciam tão esfarrapados quanto as asas dos horrores noturnos.

— Ei, cara, tenho certeza que ele vai gostar desse — disse Kavinsky. — E, se não gostar, que se foda.

Ronan simplesmente o encarou com seu olhar mais pesado. Kavinsky não era Gansey, então talvez não compreendesse o significado daquilo. Não haveria foda-se para Gansey. Ronan não tivera a intenção de bater o Camaro quando o pegara pela primeira vez, mas havia batido. E não ia piorar as coisas trazendo de volta aquela falsificação. Aquele carro era uma belíssima mentira.

— Isso — disse Ronan, pressionando as mãos abertas contra o metal quente do carro — é um peixinho dourado muito cagado.

— Culpa de quem?

— Sua.

Kavinsky dissera que o ensinaria. Ele não havia sido ensinado.

— *Sua.* Eu pratiquei, cara! — Kavinsky gesticulou amplamente para o campo de Mitsubishis. — Você está vendo todos esses perdedores? Levei meses para fazer direito. Olha aquele sacana!

Ele apontou para um Mitsubishi com um único eixo, bem no meio. O carro repousava sonolentamente sobre o para-choque dianteiro.

— Se eu faço errado, tento de novo, espero o meu lugar dos sonhos se recuperar, faço de novo, faço errado, faço de novo.

— O que você quer dizer com *se recuperar*? — repetiu Ronan.

— O lugar dos sonhos se esgota — disse Kavinsky. — O Walmart não consegue produzir TVs a noite inteira! Ele está se cansando agora. Você não percebe?

Era isso que ele sentira? O desgaste nas extremidades? No momento, ele só conseguia sentir ansiedade, entorpecida até a lentidão de raciocínio pela cerveja.

— Não tenho tempo para praticar. Eu preciso dele agora ou não vou poder voltar.

— Você não precisa voltar — disse Kavinsky.

Essa era a coisa mais sem sentido que ele havia dito desde que toda aquela experiência começara. Ronan nem deu ouvidos.

— Vou fazer de novo. Vou fazer certo dessa vez.

— Ãhã, com certeza.

Kavinsky pegou mais álcool — talvez ele tivesse sonhado aquilo *também* — e se sentou com Ronan sobre o capô do Camaro defeituoso. Eles beberam em silêncio por vários minutos. Kavinsky derramou um punhado de pílulas verdes na palma da mão de Ronan; ele as embolsou. Ele desejou fervorosamente algo além de Twizzlers. Ele estava exausto dos sonhos.

Se Gansey o visse agora... O pensamento se retorceu e enegreceu dentro dele, encolhido como papel queimado.

— Rodada bônus — disse Kavinsky. Então: — Abra.

Ele colocou uma pílula impossivelmente vermelha na língua de Ronan. Este sentiu apenas por um instante gosto de suor, borracha e gasolina na ponta dos dedos. Então a pílula atingiu seu estômago.

— O que essa faz? — perguntou Ronan.

— A morte é um efeito colateral chato.

Levou apenas um momento.

Ronan pensou: *Espera, mudei de ideia.*

Mas não havia como voltar atrás.

Ronan era um estranho em seu próprio corpo. O pôr do sol atingiu sua visão, enviesado e insistente. Enquanto seus músculos se contraíam, ele se encolheu contra o peito e então pousou o rosto contra o capô, o calor do metal não chegava a ser doloroso o suficiente para ser insuportável. Ronan fechou os olhos. Aquela não era a pílula lançar-se-ao-sono de antes. Era uma fatalidade líquida. Ele podia sentir seu cérebro se desligando.

Após um momento, ouviu o capô ranger enquanto Kavinsky se inclinava sobre ele. Então sentiu um dedo como um calo áspero passar lentamente sobre a pele de suas costas. Um arco lento entre as omoplatas, desenhando o padrão de sua tatuagem. Então deslizando espinha abaixo, retesando cada músculo pelo qual ele passava.

O detonador dentro dele estava queimando por nada, nada mesmo.

Ronan não se mexeu. Se ele se mexesse, o toque sobre sua espinha o perfuraria — um ferimento como aquela pílula. Não haveria volta.

Mas, quando seus olhos se semicerraram, lutando contra o sono, Kavinsky estava simplesmente cheirando outra carreira de cocaína no

capô, o corpo estendido sobre o para-brisa.

Talvez ele tenha imaginado isso. O que era real?

Novamente o Camaro estava estacionado nas árvores de sonho. Novamente a Garota Órfã estava agachada do outro lado dele, com os olhos tristes. As folhas tremulavam e desapareciam.

Ele sentiu o poder daquele lugar desaparecendo.

E se arrastou até o carro.

Dentro.

Fora.

— Ronan — sussurrou a Garota Órfã. — *Quid furantur a nos?*

(*Por que você rouba de nós?*) Ela parecia descorada como Noah, manchada como os mortos.

Ronan sussurrou:

— Só mais um. Por favor. — Ela o encarou. — *Unum. Amabo te.* Não é para mim.

Dentro.

Fora.

Mas Ronan não se escondeu dessa vez. Ele não era um ladrão. Em vez disso, ficou de pé e saiu de seu esconderijo. Subitamente consciente de sua presença, o sonho estremeceu em volta dele. Oscilou. As árvores se inclinaram para trás.

Ele não roubara Motosserra, a coisa mais verdadeira que já tirara de um sonho.

E não roubaria um carro. Não dessa vez.

— Por favor — disse Ronan de novo. — Me deixe levar.

Ele correu a mão sobre a linha elegante do teto. Quando levantou a palma da mão, ela estava coberta de verde. Seu coração palpitou enquanto ele esfregava as pontas dos dedos cobertas de pólen umas nas outras. O ar estava subitamente quente, o suor grudento na dobra dos cotovelos, a gasolina pinicando as narinas. Aquilo era uma lembrança, não um sonho.

Ele abriu a porta. Quando entrou, o assento queimou sua pele nua. Ronan estava consciente de tudo à sua volta, até o vinil desgastado abaixo das manivelas da janela inapropriadamente restauradas.

Ele estava perdido no tempo. Estava dormindo?

— Chame o carro pelo nome — disse a Garota Órfã.

— Camaro — disse Ronan. — Pig. Do Gansey. Cabeswater, *por favor*.

Ele virou a chave. O motor girou, girou, girou, melindroso como sempre.

Quando pegou, Ronan acordou.

Kavinsky abriu um largo sorriso no para-brisa para ele. Ronan estava sentado no banco do motorista do Pig.

O ar saiu crepitando das ventilações de ar-condicionado, cheirando a gasolina e a fumaça de descarga. Ronan não precisava olhar debaixo do capô para saber que o tremor que ele sentia nos pés vinha de um motor de verdade.

Sim-sim-sim.

Além disso, Ronan pensou que sabia por que Cabeswater havia desaparecido. O que significava que ele talvez soubesse como trazê-la de volta. O que significava que talvez pudesse trazer sua mãe de volta. O que significava que talvez pudesse fazer Matthew sorrir um pouco mais. O que significava que tinha algo além de um carro restaurado para trazer de volta para Gansey.

Ele baixou a janela.

— Estou indo.

Por um momento, o rosto de Kavinsky ficou absolutamente desconcertado, e então *Kavinsky* voltou a si. Ele disse: — Você está de sacanagem comigo.

— Vou mandar flores.

Ronan pisou no acelerador. Fumaça e pó redemoinhavam como uma tempestade atrás do Camaro. Ele tossia a duas mil e oitocentas rotações por minuto. Igualzinho ao Pig. Tudo voltara a ser como antes.

— Correndo de volta para o mestre?

— Foi divertido — disse Ronan. — Mas chegou a hora de brincar de gente grande.

— Você é uma peça no jogo dele, Lynch.

A diferença entre a gente e o Kavinsky, sussurrou Gansey ao ouvido de Ronan, *é que a gente importa.*

— Você não *precisa* dele, cacete — disse Kavinsky.

Ronan soltou o freio de mão.

Kavinsky ergueu uma mão como se fosse bater em algo, mas não havia nada a não ser ar.

— Você está de *sacanagem comigo*.

— Eu nunca minto — disse Ronan. Ele franziu o cenho sem conseguir acreditar. O cenário era mais bizarro que qualquer coisa que tivesse acontecido até aquele momento. — Espera. Você pensou... Jamais seríamos eu e você. Foi isso que você pensou?

Kavinsky parecia magoado.

— Só existe comigo ou contra mim.

O que era risível. Sempre fora Ronan contra Kavinsky. *Com* nunca fora uma possibilidade.

— Jamais seríamos eu e você.

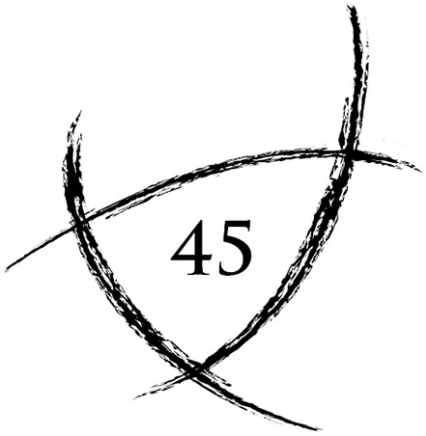
— Vou acabar com você — Kavinsky disse.

O sorriso de Ronan era afiado como uma faca. Já haviam acabado com ele.

— Vai sonhando.

Kavinsky fez uma arma com o polegar e o indicador e colocou na têmpora de Ronan.

— *Bang* — disse baixinho, retirando a arma falsa. — A gente se vê nas ruas.



Então agora Adam tinha um carro.

O veículo era apenas um de três objetos que Adam havia conseguido naquela manhã. Cada Gansey que saía pela porta lhe concedia um presente, como excêntricas fadas madrinhas. Richard Gansey II conferiu sua gravata em um espelho no corredor e passou para Adam um colete xadrez.

— Não sou mais tão magro como costumava ser — ele disse para o garoto. — Eu ia dar para o Dick, mas vai servir melhor em você, eu acho. Aqui, experimente.

Não era nem um presente, era uma ordem.

Em seguida foi a sra. Gansey, espiando pela janela para verificar se seu motorista já chegara antes de dizer:

— Dick, consegui outro vaso de hortelã para você levar. Não esqueça. Adam, peguei para você um vaso de árvore-da-borracha. Vocês, garotos, nunca pensam no feng shui.

Ele sabia que isso estava acontecendo porque eles o haviam resgatado pateticamente do acostamento de uma rodovia, mas ele sentia que não

podia recusar. Era uma planta. E ele havia arruinado o sábado deles.

Passou, Adam pensou. Ele havia arruinado o sábado deles, mas havia perdido *inteiramente* o *próprio* sábado. O que quer que o tornava Adam havia simplesmente desaparecido enquanto seu corpo seguia em frente, trôpego.

Se ele se permitisse pensar a respeito, o terror simplesmente...

Não aconteceria novamente. Não podia acontecer.

Os garotos saíram pela porta, Gansey segurando seu vaso minúsculo de hortelã e Adam pelejando com um vaso de vinte litros de árvore-da-borracha, quando Helen desceu puxando uma maleta preta de rodinhas.

— Dick — ela disse —, os caras do guincho disseram que não podem vir hoje de manhã. Você me faria o *favor* de cuidar disso antes de ir? Eu vou perder o voo.

Gansey, que já estava com cara de poucos amigos, aumentou a irritação no rosto para oficialmente incomodado.

— Ele anda? A gente não pode simplesmente deixar lá?

— Ele anda. Eu acho. Mas é em Herndon o local da entrega.

— *Herndon!*

— Eu sei. É por isso que vou rebocar. Está me custando mais levar o carro até lá do que estou recebendo para doá-lo. Ei, você não precisa dele? Adam, quer uma lata-velha? Me pouparia o guincho.

A oferta pareceu imaginária. Sua consciência estava passando em uma tela de cinema.

Três Gansey, três presentes e três horas de viagem de volta a Henrietta.

Não permita que eu perca o controle a caminho de casa, pensou Adam. *Apenas me leve de volta, é só o que eu peço.*

Seu novo carro era de marca e modelo incertos. Era uma coisa de duas portas e cheirava a fluidos corporais automotivos. O capô, a porta do lado do passageiro e o para-lama traseiro direito eram claramente de três carros diferentes. O câmbio era manual. Adam vivia a situação peculiar de saber melhor como consertar uma embreagem do que como operá-la. Mas ele ia melhorar com a prática.

Não era nada, mas era o nada de Adam Parrish.

Este dia... este lugar... esta vida...

Parecia que ele sempre estivera ali na capital, nascido na placa de Petri de asfalto escaldante que é a cidade. Ele havia sonhado Henrietta e a Aglionby. E fazia um esforço enorme para lembrar que havia um futuro além daquele momento imediato.

Apenas volte, ele pensou. *Volte para que você possa descobrir...*

— Cara, pisque os faróis se algo der errado — disse Gansey, parado diante da porta aberta de seu Suburban preto. Ele costumava mantê-lo ali, mas ninguém confiava realmente que o veículo novo de Adam conseguisse atravessar o estado. Gansey balançou um pouco a porta do motorista. Adam podia dizer que o que ele queria mesmo era perguntar: *Você está bem?* ou *Do que você* precisa*, Adam?* O vaso de hortelã, colocado sobre o painel, espiava ansiosamente ao redor do ombro de Gansey.

— Para — avisou Adam.

Um cenho franzido, mais bravo que anteontem.

— Você nem sabe o que eu ia dizer.

— É possível que eu saiba.

Gansey balançou a porta mais uma vez. O Suburban era enorme atrás dele. O carro novo de Adam *e* o Pig caberiam dentro dele, com espaço para uma bicicleta ou duas. Adam se lembrou de como a existência daquele carro o espantara quando ele ficara sabendo a seu respeito. *Rico o suficiente para dois carros?*

— O que eu ia dizer, então?

As linhas de força tremeram acima de Adam. Algo murmurava e vibrava dentro dele. Ele precisava voltar. Logo. Isso era tudo que ele sabia.

— Não acho que a gente deva fazer isso agora — ele disse.

— Nós *estamos* fazendo alguma coisa agora? Achei que o que estava acontecendo era que *você* estava sendo... — Com um esforço visível, Gansey se segurou. — Você vai voltar para a Monmouth ou...

Sem tempo. Sem tempo para isso. Ele precisava parar de esperar e começar a agir. Ele não era melhor do que Gansey esperando que outra pessoa despertasse a linha ley. Ele precisava se mexer.

— Vou até a Rua Fox pedir um conselho — respondeu Adam.

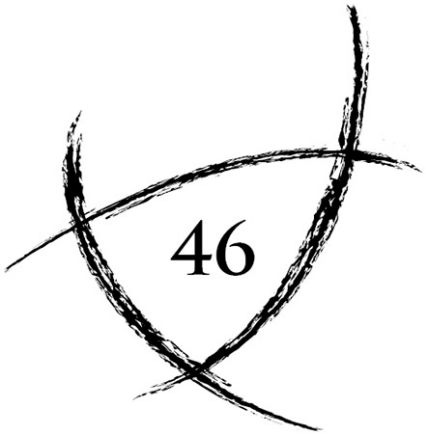
Gansey abriu a boca. Havia cem coisas que ele poderia dizer, e noventa e nove delas apenas deixariam Adam bravo. Gansey pareceu intuir isso, porque pensou antes de dizer:

— Vou ver como o Ronan está, então.

Adam afundou no banco desgastado e empoeirado de seu novo carro velho. Sussurros escapavam das ventilações de ar. *Está bem, estou indo, estou indo.*

Gansey ainda estava olhando fixamente para Adam, mas o que ele queria que Adam dissesse? Ele estava fazendo todo o esforço possível para se lembrar de quem era.

— Apenas pisque os faróis — disse Gansey por fim — se algo der errado.



Quando Maura abriu a porta da Rua Fox, 300, encontrou o Homem Cinzento parado pensativamente do outro lado. Ele havia trazido duas coisas para ela: uma coroa de margaridas, que colocou melancolicamente sobre a cabeça dela, e um canivete de mola rosa, que passou para Maura. Ambas haviam exigido algum esforço para conseguir. A primeira porque o Homem Cinzento havia esquecido como encadear eficientemente margaridas, e a segunda porque canivetes de mola eram ilegais na Virgínia, mesmo se fossem rosa.

— Estive procurando algo — disse o Homem Cinzento.

— Eu sei.

— Achei que fosse uma caixa.

— Eu sei.

— Não é, certo?

Maura balançou a cabeça e deu um passo para trás para deixá-lo entrar.

— Um drinque?

O Homem Cinzento não entrou imediatamente.

— É uma pessoa?

Ela fixou o olhar nele e repetiu:

— Um drinque?

Com um suspiro, ele a seguiu casa adentro. Maura o levou pelo corredor principal até a cozinha, onde ela preparou (mal) um drinque, e então o conduziu até o pátio dos fundos. Calla e Persephone já estavam posicionadas nas cadeiras arranjadas, onde o gramado desgrenhado dava lugar a poças novas e a tijolos velhos. Elas pareciam etéreas e satisfeitas na luz solar da tarde dourada e longa que havia emergido após a tempestade. O cabelo de Persephone era uma nuvem branca. O de Calla trazia três tons diferentes de roxo.

— Sr. Cinzento — disse Calla, expansiva e mordaz. Ela matou um mosquito na panturrilha e então olhou para o copo na mão de Maura. — Dá para dizer daqui que esse drinque está uma merda.

Maura olhou para o copo tristemente.

— Como você sabe?

— Porque foi você que preparou.

Endireitando a coroa de margaridas na cabeça, Maura deu um tapinha na cadeira restante e se sentou nos tijolos ao lado dela. O Homem Cinzento se jogou no assento.

— Ah, querido — disse Persephone, observando a moleza dele. — Então você descobriu, foi isso?

Como resposta, ele bebeu o copo inteiro. As leituras o haviam levado a uma clareira com cem Mitsubishis Evolution brancos e dois garotos bêbados manifestando sonhos. Ele os observara durante horas. Cada minuto, cada sonho impossível, cada fragmento de conversa ouvido havia sacramentado a verdade.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Maura.

O Homem Cinzento disse:

— Sou um assassino de aluguel, não um sequestrador.

Ela franziu o cenho.

— Mas você acha que o seu patrão talvez seja.

O Homem Cinzento não tinha certeza do que achava que Greenmantle pudesse ser. Ele sabia que o homem não gostava de perder, e que estava obcecado pelo Greywaren havia pelo menos cinco anos. O Homem Cinzento também sabia que ele mesmo havia espancado o último Greywaren até a morte com uma chave de roda. Embora o Homem

Cinzento tivesse matado um número relativamente grande de pessoas, nunca havia destruído nenhum artefato que havia sido incumbido de buscar.

Tudo aquilo era mais complicado do que ele esperava.

— Certamente são aqueles dois garotos, não é.

Não era uma pergunta, no entanto. O Homem Cinzento tentou imaginar trazer um deles de volta para Greenmantle. Ele não estava acostumado a transportar vítimas *vivas* por qualquer distância. Pareceu-lhe algo estranhamente de mau gosto, um animal diferente de um assassinato sem rodeios.

— Dois? — ecoou Calla. Ela e Persephone se entreolharam.

— Bem — disse Persephone em sua voz pequena. Ela usou o guarda-chuvinha de papel para tirar um mosquito de seu drinque. — Isso faz mais sentido.

— Não é uma coisa — disse Maura. — Isso é que é importante. Não é uma coisa mais do que... uma conjuntivite é uma coisa.

Esfregando o olho, Persephone murmurou: — Que metáfora estranhamente desagradável, Maura.

— Não é algo que você possa levar — esclareceu Maura. E acrescentou severamente: — E nós conhecemos pelo menos um dos garotos. Ficaríamos muito bravas se você o levasse. *Eu* ficaria muito brava com você.

— Ele não é um homem muito gentil — disse o Homem Cinzento. Isso não havia interferido na relação dos dois antes; até então, qualquer gentileza feita ao Homem Cinzento havia sido um desperdício.

— Então você não pode explicar que eles são bons rapazes? — perguntou Persephone.

Calla resmungou:

— Eles não são bons rapazes. Bem, pelo menos um deles não é.

O Homem Cinzento disse:

— Não acredito que faria alguma diferença para ele, de qualquer forma.

Com um suspiro profundo, ele recostou a cabeça e fechou os olhos, tão indefeso quanto já estivera um dia. O sol da tarde iluminou seu rosto, o

pescoço e os bíceps musculosos, e também iluminou Maura olhando para eles.

Todos deram um gole no drinque, exceto o Homem Cinzento, que já havia terminado o seu. Ele não queria raptar o garoto, não queria provocar a ira de Maura, ele queria... ele apenas queria. Cigarras cantavam enlouquecidamente das árvores. Era tão exageradamente verão.

Ele queria ficar.

— Bem — disse Calla, conferindo o relógio e pondo-se de pé. — Não invejo você. Tenho aula de boxe, preciso correr. Tchau, tchau. Maura, não seja assassinada.

Maura acenou o canivete de mola.

Persephone, se levantando também, disse: — Eu daria isso para a Blue, se fosse você. Vou trabalhar no meu lance. Minhas coisas. Meu doutorado. Você sabe.

O Homem Cinzento abriu os olhos, então Persephone parou diante dele com as mãos envolvendo o copo vazio. Ela parecia muito pequena e delicada, e não realmente ali em comparação com a presença nodosa dele. Ela tirou uma mão do copo para dar um tapinha no joelho dele.

— Eu sei que você vai fazer a coisa certa, sr. Cinzento.

Ela e Calla deslizaram a porta até fechá-la atrás de si. Maura escorregou o traseiro alguns centímetros mais para perto e se escorou contra a perna dele. Pareceu ao Homem Cinzento um gesto que demonstrava muita confiança, dar as costas para um assassino de aluguel. Seu coração anteriormente sem vida se agitou esperançoso. Ele arrumou com cuidado a coroa de margaridas no cabelo dela, então pegou seu celular.

Greenmantle atendeu imediatamente.

— Me dê uma boa notícia.

— Não está aqui.

Houve uma longa pausa.

— Desculpe, a ligação está ruim. Pode repetir?

O Homem Cinzento não gostava de se repetir desnecessariamente. Ele disse: — Todas as leituras acontecem por causa de uma antiga falha sísmica que corre ao longo dessas montanhas. Elas estão apontando para um lugar, não para um objeto.

Outra pausa, mais feia que a primeira. Greenmantle disse: — Então, quem ganhou você? Um dos caras do Laumonier? Quanto ele disse que ia lhe pagar? Quer saber... Merda, hoje não é dia de sacanear comigo. Justo hoje.

O Homem Cinzento disse:

— Não estou querendo mais dinheiro.

— Então você pretende ficar com ele? Acho que isso devia fazer eu me sentir melhor, mas não faz.

Normalmente, Greenmantle levava alguns minutos para ter um acesso de raiva, mas parecia evidente que o Homem Cinzento havia interrompido um acesso já em andamento.

— Todos esses anos eu confiei em você, seu canalha doente desgraçado, e agora...

— Não está comigo — interrompeu o Homem Cinzento. — Não estou te enganando.

Ao lado dele, Maura baixou a cabeça e a balançou um pouco. Mesmo sem conhecer Greenmantle, ela já adivinhara o que o Homem Cinzento sabia: aquilo não ia funcionar.

— Eu já menti para você? — demandou Greenmantle. — Não! Eu nunca menti para ninguém, e no entanto, hoje, *todo mundo* insiste em... Sabe de uma coisa, por que você simplesmente não esperou quatro meses e me disse que não conseguia encontrá-lo? Por que você não contou uma mentira melhor?

O Homem Cinzento disse:

— Eu prefiro a verdade. As anomalias de energia seguem o curso da falha sísmica e escapam através do leito de rocha firme em determinadas áreas. Fotografei algumas anormalidades no crescimento das plantas que esses vazamentos de energia causaram. A companhia de energia elétrica tem lutado contra picos de energia ligados aos vazamentos já faz um tempo. E a atividade só se intensificou por causa de um terremoto que aconteceu alguns meses atrás. Você pode conferir isso nos jornais online. Eles cobriram esse assunto extensivamente. Eu posso te mostrar quando devolver os equipamentos eletrônicos.

Ele parou. E esperou.

Houve um breve momento em que pensou: *Ele vai acreditar em mim.*

Greenmantle desligou o telefone.

O Homem Cinzento e Maura ficaram em silêncio e olharam para a faia grande que se esparramava, ocupando quase todo o jardim. Um pombo selvagem piou da árvore, persistente e doloroso. A mão do Homem Cinzento pendia, e Maura a acariciou.

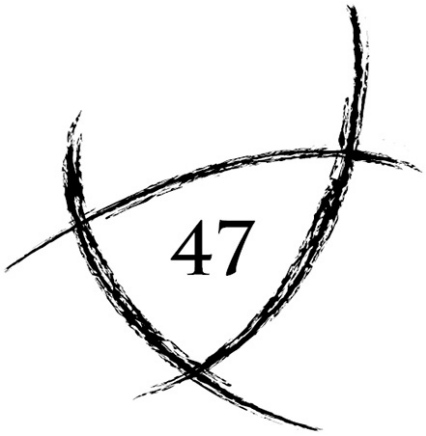
— Esse é o dez de espadas — ele adivinhou.

Maura beijou o dorso de sua mão.

— Você vai ter que ser corajoso.

— Eu sempre sou corajoso.

— Mais corajoso que isso — ela disse.



Gansey teve poucos segundos de aviso antes de o Camaro o atingir. Ele estava parado em um semáforo próximo da Indústria Monmouth quando ouviu o som familiar e anêmico da buzina do Pig. Talvez ele a tivesse imaginado. Quando Gansey olhou de relance pelas janelas e para o espelho retrovisor, o Suburban balançou ligeiramente.

Algo o havia empurrado por trás.

A buzina do Pig grasnou novamente. Gansey baixou a janela e esticou a cabeça para fora para olhar atrás do Suburban.

Ele ouviu o riso histérico de Ronan antes de vislumbrar o Pig. E então o motor subiu a rotação e Ronan pressionou o Camaro contra o para-choque traseiro do Suburban de novo.

Era o tipo de recepção que ele deveria esperar após o fim de semana desastroso.

— EI, VELHÃO!

— *Ronan!* — gritou Gansey. Ele não tinha outras palavras. *Bati.* A parte do painel que ele podia ver parecia bem; ele não queria ver o resto.

Ele queria preservar a ideia do Camaro, intacto e inteiro, por mais alguns momentos.

— Encosta aí! — Ronan berrou de volta. Havia ainda muito de risada em sua voz. — Menonitas! Agora!

— Eu não quero ver! — Gansey gritou de volta. A luz ficou verde acima dele, mas ele não se mexeu.

— Ah, *quer sim*!

Ele realmente não queria, mas mesmo assim fez o que Ronan havia pedido, passando o semáforo e dobrando o acesso seguinte à direita, até a Henrietta Casa e Jardim (e Fazenda), um complexo de lojas em grande parte servido por funcionários menonitas. Era um destino interessante para comprar vegetais, antiguidades, casinhas de cachorro, roupas country, sobras militares, balas da Guerra Civil, cachorros-quentes e lustres personalizados. Gansey percebeu os olhares que o acompanhavam das barracas de vegetais na rua enquanto ele estacionava o Suburban o mais distante possível dos prédios. Quando ele desceu do carro, o Pig ribombou na vaga ao lado.

E não havia nada de errado com o Pig.

Gansey pressionou um dedo na têmpora, lutando para conciliar as mensagens de texto anteriores com o que ele estava vendo agora. Era possível que Kavinsky estivesse apenas zoando com a cara dele.

Mas, mesmo assim, ali estava Ronan saindo do banco do motorista, o que era impossível. As chaves continuavam na sacola de Gansey.

Ronan saltou do carro.

E isso, também, era espantoso. Porque ele estava sorrindo abertamente. Eufórico. Não que Gansey não visse Ronan feliz desde que Niall Lynch morrera. Só que sempre havia algo de cruel e condicional nisso.

Mas não esse Ronan.

Ele pegou o braço de Gansey.

— Olha pra isso, cara! *Olha pra isso!*

Gansey estava olhando. Estava olhando fixamente, primeiro para o Camaro e então para Ronan. E então de volta. Ele seguiu repetindo o ciclo e nada fez mais sentido. Ele caminhou lentamente em torno do carro, procurando o amassado de um martelo ou um arranhão.

— O que está acontecendo? Achei que ele estava batido...

— E estava — disse Ronan. — Totalmente. — Ele soltou o braço de Gansey, mas apenas para socá-lo. — Desculpa, cara. Foi uma merda o que eu fiz.

Os olhos de Gansey estavam arregalados. Ele não achava que viveria tempo suficiente para ouvir Ronan se desculpar por qualquer coisa. Então percebeu, com surpresa, que Ronan ainda estava falando.

— O quê? O que você disse?

— Eu disse... — Ronan respondeu, e agora agarrou os ombros de Gansey, os dois, e os sacudiu teatralmente — eu disse que eu *sonhei* esse carro. Eu fiz esse carro! *Isso aí* saiu da minha cabeça. É *exatamente* igual, cara. Eu fiz esse carro. Eu sei como o meu pai conseguia tudo que queria, e sei como controlar os meus sonhos, e sei o que está errado com Cabeswater.

Gansey cobriu os olhos com as mãos. Ele achou que seu cérebro ia derreter.

Ronan, no entanto, não estava a fim de introspecção, a sua ou a de qualquer outra pessoa. Ele tirou as mãos de Gansey de seu rosto.

— Senta nele! Me diz se tem alguma diferença!

Ele empurrou Gansey para o banco do motorista e colocou os braços sem vida do amigo sobre a direção. Ronan considerou a imagem diante de si como se estivesse analisando uma peça de museu. Então esticou o braço sobre a direção e pegou um par de óculos escuros que estavam largados no painel.

Brancos, de plástico, lentes escuríssimas. De Joseph Kavinsky — ou talvez uma cópia. Quem poderia dizer o que era real?

Ronan colocou os óculos escuros brancos no rosto de Gansey e o analisou mais uma vez. Seu rosto assumiu uma expressão sombria por meio segundo, e então se dissolveu em uma risada absolutamente maravilhosa e destemida. O velho riso de Ronan Lynch. Não, era melhor que aquele, pois esse novo riso tinha apenas um indício de escuridão por trás. Esse Ronan sabia que havia problemas no mundo, mas estava rindo de qualquer maneira.

Gansey não conseguiu deixar de rir junto, um tanto sem fôlego. De alguma maneira, ele tinha ido de um lugar muito terrível para outro muito

cheio de alegria. Ele não tinha certeza se o sentimento seria tão profundo se não tivesse preparado cada osso de seu corpo para uma discussão com Ronan.

— Tudo bem — ele disse. — Tudo bem, me conta.

Ronan lhe contou.

— O *Kavinsky?*

Ronan explicou.

Gansey descansou o rosto na direção quente. Isso, também, era reconfortante. Ele jamais deveria ter ido sem esse carro. Ele jamais sairia dele de novo.

Joseph Kavinsky. Inacreditável.

— E o que tem de errado com Cabeswater?

Ronan protegeu os olhos.

— Eu. Bom, o Kavinsky, na verdade. Nós pegamos toda a energia da linha quando sonhamos.

— Solução?

— Parar o Kavinsky.

Eles se encararam.

— Não acredito — disse Gansey lentamente — que podemos pedir isso a ele com gentileza.

— Ei, o Churchill tentou negociar com Hitler.

Gansey franziu o cenho.

— Tentou?

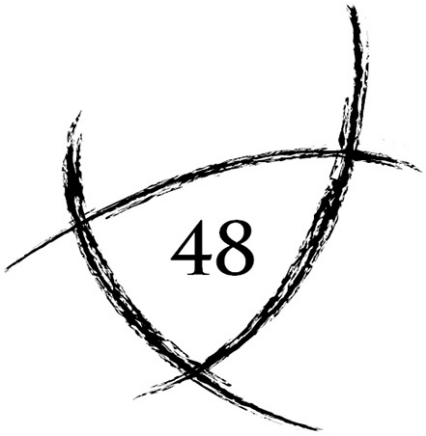
— Provavelmente.

Soltando um longo suspiro, Gansey fechou os olhos e deixou a direção cozinhar seu rosto. Esta era a sua casa: Henrietta, o Pig, Ronan. Praticamente. Seus pensamentos dispararam na direção de Adam, de Blue, e sumiram tão rápido quanto chegaram.

— Como foi a festa, cara? — perguntou Ronan, chutando o joelho de Gansey através da porta aberta. — Como o Parrish se saiu?

Gansey abriu os olhos.

— Ah, ele arrebentou.



Mais ou menos no mesmo instante em que Gansey experimentava um par de óculos escuros brancos, Blue pedalava a dois bairros de distância da casa dela. Ela carregava a roda do Camaro, o ornamento do escudo e um pequeno canivete de mola rosa.

Ela se sentia decididamente desconfortável com o canivete de mola. Embora gostasse bastante do *conceito* — Blue Sargent, marginal; Blue Sargent, super-heroína; Blue Sargent, durona —, ela suspeitava que a única coisa que cortaria da primeira vez em que o abrisse seria ela mesma. Mas Maura havia insistido.

— Canivetes de mola são ilegais — protestou Blue.

— Crimes também são — Maura respondeu.

Crime era tudo o que os jornais — sim, jornais, porque, contra todo bom senso, Henrietta tinha dois — noticiavam. Por toda a cidade, cidadãos cada vez mais temerosos relatavam arrombamentos. Os relatos eram conflitantes, no entanto — alguns diziam que tinham visto um único homem, outros, dois homens, e outros ainda falavam em gangues de cinco ou seis.

— Isso significa que nenhum deles é verdadeiro — disse Blue contundentemente. Ela era cética em relação à grande mídia.

— Ou todos eles são — respondeu Maura.

— O seu namorado assassino te contou isso?

— Ele não é meu namorado.

Quando Blue estacionou a bicicleta do lado de fora do galpão onde Calla tinha aulas de boxe, estava se sentindo grudenta e pouco apresentável. O gramado sombreado não exerceu efeito algum enquanto ela o atravessava até a porta e tocava a campainha com o cotovelo.

— Olá, senhorita — disse Mike, o homem enorme que dava aulas para Calla. Ele era tão largo quanto a altura de Blue, o que, justiça seja feita, não era tanto assim. — Isso aí é de um Corvette?

Blue reajustou a roda corroída debaixo do braço.

— Camaro.

— Que ano?

— Hum, 1973.

— Ahh. Bloco grande? 350?

— Claro...

— Ótimo, senhorita! Cadê o resto dele?

— Na rua se divertindo pra valer sem mim. A Calla ainda está aí?

Mike abriu mais a porta para deixar Blue entrar.

— Ela está descansando no porão.

Blue encontrou Calla deitada no tapete cinza gasto no porão, uma generosa e ofegante montanha mediúnica. Havia um número impressionante de sacos de pancada pendurados e amontoados. Blue largou a roda do Camaro sobre o estômago arfante de Calla.

— Faça o seu truque de mágica — ordenou.

— Que grosseria!

Mas Calla estendeu as mãos e as cruzou sobre o metal corroído. Seus olhos estavam fechados, de maneira que ela não sabia o que era, mas disse: — Ele não está sozinho quando deixa o carro para trás.

Havia algo de assustador nessa frase. *Deixa para trás*. Poderia significar apenas "estaciona o carro". Mas não soou dessa maneira quando Calla o disse. Soou mais como um sinônimo de abandono. E parecia que seria preciso algo bastante grave para fazer Gansey abandonar o Pig.

— Quando isso acontece?

— Já aconteceu — respondeu Calla, os olhos se abrindo e se fixando em Blue. — E ainda não. O tempo é circular, menina. Nós usamos as mesmas partes dele repetidas vezes. Alguns de nós mais que os outros.

— A gente não lembraria disso?

— Eu disse que o *tempo* era circular — respondeu Calla. — Não que as memórias eram.

— Você está sendo assustadora — disse Blue. — Talvez seja a sua intenção, mas, caso você esteja sendo acidentalmente assustadora, achei melhor avisar.

— Você é que está lidando com coisas assustadoras. Andando com gente que usa o tempo mais de uma vez.

Blue pensou em como Gansey havia enganado a morte na linha ley e como ele parecia ser velho e jovem ao mesmo tempo.

— Gansey?

— Glendower! Passa essa outra coisa que você tem aí.

Blue trocou a roda pelo ornamento do escudo. Calla o segurou por um longo tempo. Então ela se sentou e estendeu o braço para segurar a mão de Blue. Ela começou a cantarolar um pouco enquanto corria os dedos sobre os corvos no ornamento. Era uma canção arcaica, um tanto assombrada, e fez com que Blue se abraçasse com o braço livre.

— Eles o estavam arrastando nesse ponto — disse Calla. — Os cavalos tinham morrido. Os homens estavam muito fracos. Não parava de chover. Eles queriam enterrar isso com ele, mas era pesado demais. Então deixaram isso para trás.

Deixaram para trás.

O eco parecia deliberado. Gansey não abandonaria o Camaro, a não ser que fosse coagido a fazê-lo; os homens de Glendower não abandonariam o escudo se não fosse por um tormento semelhante.

— Mas é do Glendower? Ele está perto? — Blue sentiu um ligeiro palpitar no coração.

— *Perto* e *longe* são como *já aconteceu* e *não aconteceu ainda* — respondeu Calla.

Blue cansou da conversa mediúnica enigmática e insistiu: — Mas eles não tinham cavalos. Então seria só até onde eles conseguissem chegar a

pé.

— As pessoas — disse Calla — podem caminhar longas distâncias se for preciso.

Ela se levantou e devolveu o ornamento do escudo para Blue. Seu cheiro era como se tivesse lutado boxe há pouco. Calla suspirou alto.

— Calla? — perguntou Blue subitamente. — Você é uma dessas pessoas que reutilizam o tempo? Você, a minha mãe e a Persephone?

Calla respondeu:

— Você já sentiu como se tivesse algo diferente a seu respeito? Como se tivesse *algo mais*?

O coração de Blue deu um salto de novo.

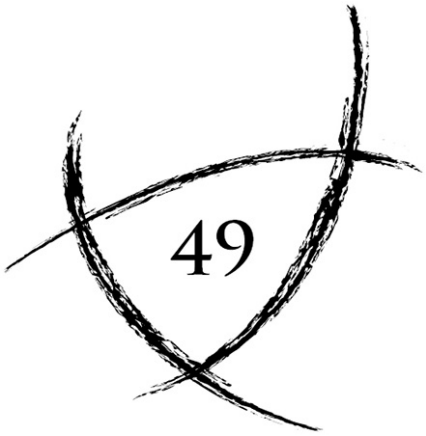
— *Sim!*

Calla tirou as chaves do carro do bolso.

— Que bom. Todo mundo devia se sentir desse jeito. Aqui, pegue. Você vai voltar dirigindo para casa. Você precisa praticar.

Blue não conseguiria tirar mais nada dela. Elas se despediram de Mike (*Não vá dirigir essa roda rápido demais, hein!*), colocaram a bicicleta de Blue no porta-malas e voltaram lentamente para casa. Enquanto Blue tentava estacionar na frente da casa sem acertar um carro pequeno de três cores parado junto ao meio-fio, Calla cacarejou: — Bem. Hoje é mesmo o dia.

Isso porque Adam Parrish as esperava na entrada da casa.



Adam se sentou desajeitadamente na beirada da cama de Blue. Parecia estranho que o tivessem deixado entrar tão facilmente no quarto de uma garota. Se você conhecia Blue pelo menos um pouco, o quarto não causava surpresa — nas paredes, silhuetas de árvores feitas de lona, guirlandas de folhas penduradas no ventilador de teto, um pássaro com um balão de fala em que se lia MINHOCAS PARA TODOS pintado acima de uma prateleira cheia de broches e umas nove tesouras diferentes. Na parede, Blue constrangidamente colara com uma fita o ramo caído de uma das árvores.

Não há tempo, não há tempo.

Ele apertou os olhos fechados por apenas um segundo. Ele esperou que ela parasse de ajeitar as árvores para que eles pudessem conversar. Ela continuou a remexer nas coisas. Adam sentiu o pulso fervendo dentro de si.

Blue parou de repente. Ela se apoiou na parede, a expressão atenta.

Adam pensara em começar a conversa com uma declaração persuasiva sobre por que a abordagem conservadora de Gansey em relação à busca

estava errada, mas não foi isso que ele disse. Em vez disso, declarou: — Eu quero saber por que você não quer me beijar, e não quero ouvir uma mentira dessa vez.

Houve um silêncio. Um ventilador rotativo no canto passou pelos dois. As pontas dos ramos vibraram. As folhas espiralaram.

— Foi por isso que você veio aqui?

Ela estava irada. Adam estava satisfeito com isso. Era pior ser a única pessoa com raiva.

Quando ele não respondeu, ela continuou, a voz mais irada ainda: — Essa é a primeira conversa que você quer ter depois de voltar de Washington?

— Qual a importância disso agora?

— Porque, se eu fosse o Ronan ou o Noah, nós estaríamos falando sobre... sobre como foi a festa. Estaríamos falando sobre para onde você sumiu e o que queria com aquilo e, sei lá, *coisas* reais. Não sobre se você vai ou não me beijar!

Adam achou que aquela era a resposta mais irrelevante de todos os tempos, e ela ainda não havia respondido à sua pergunta.

— O Ronan e o Noah não são minha namorada.

— *Namorada!* — Blue repetiu, e ele sentiu uma emoção incoerente ao ouvi-la dizer a palavra. — Que tal apenas *amiga*?

— Achei que éramos amigos.

— Somos mesmo? Amigos conversam. Você vai andando até o Pentágono e eu descubro isso pelo Gansey! O seu pai é um imbecil e eu descubro isso pelo Gansey! O Noah sabe de tudo. O Ronan sabe de tudo.

— Eles não sabem de tudo. Eles sabem o que presenciaram. O Gansey sabe porque estava lá.

— Sim, e por que eu não estava?

— Por que você estaria?

— Porque você podia ter me convidado — disse Blue.

O mundo ficou de lado. Ele piscou e se endireitou.

— Mas não tinha razão para você estar lá.

— Tudo bem, certo. Porque não tem mulheres na política! Não tenho interesse. Votar? O quê? Esqueci meu avental. Na verdade, acho que eu devia estar na cozinha nesse instante. Meu rolo de...

— Eu não sabia que você...

— *Essa é a questão!* Isso nem te ocorreu?

Não tinha ocorrido.

— No entanto, você não iria a nenhum lugar sem o Gansey — disparou Blue. — Vocês dois formam um ótimo casal! Beije ele!

Adam inclinou a cabeça, desalentado.

— Bom, eu não quero ser só uma pessoa para beijar. Eu quero ser uma amiga de verdade também. Não apenas alguém que é divertido ter por perto porque... porque eu tenho seios!

Ela não falava palavrões de modo geral, mas *seios* parecia o mais próximo de um palavrão que Adam poderia imaginar naquele momento. A combinação de *seios* com a mudança no assunto o irritou.

— Muito bem, Blue. O Gansey estava certo. Você realmente pode ser uma feminista enraivecida.

Ela fechou a boca. Seus ombros tremiam ligeiramente; não como um tremor de medo, mas como os tremores antes de um terremoto.

Ele disparou:

— Você ainda não respondeu a minha pergunta. Nada do que você disse até agora tem realmente uma influência sobre *nós*.

Os lábios dela se curvaram, irritados.

— Você quer a verdade?

— Era o que eu queria no início de tudo isso — disse Adam, embora ele não soubesse realmente o que queria dela. Ele queria que aquela briga terminasse. Ele gostaria de não ter vindo. Gostaria de ter perguntado a ela sobre Glendower em vez disso. Gostaria de ter pensado em convidá-la para a festa. Como ele poderia ter feito isso? Sua cabeça estava cheia demais, vazia demais, torta demais. Ele tinha avançado demais, deixando para trás o terreno seguro, mas parecia não conseguir voltar.

— Certo. A verdade. — Ela cerrou os punhos e cruzou os braços. — Lá vai: durante toda a minha vida, ouvi de médiuns que, se eu beijasse meu verdadeiro amor, eu o mataria. Aí está. Feliz agora? Eu não te contei logo de cara porque não queria dizer *verdadeiro amor* e te assustar.

As árvores oscilaram atrás dela. Outra visão estava tentando se manifestar. Adam tentou se desvencilhar daquilo para peneirar suas

memórias, coordenar seus quase beijos com a confissão daquela profecia mortal. Aquilo não parecia real, mas nada parecia.

— E agora?

— Eu não *conheço* você, Adam.

Não é culpa sua, sussurrou o ar. *Você é incognoscível.*

— E agora?

— Agora? Agora... — Finalmente, a voz de Blue vacilou um pouco. — Eu não tinha te contado até agora porque me dei conta de que isso não tinha importância. Porque não vai ser você.

Ele sentiu as palavras como um dos socos de seu pai. Um momento de dormência e então o sangue correndo até o ponto de contato. E então não era tristeza, mas o calor, a essa altura familiar. Ele o trespassou como uma explosão, detonando janelas e devorando tudo em uma rajada instantânea.

Em câmera lenta, ele podia imaginar o movimento de sua mão.

Não.

Não, ele já fizera isso com ela e não faria de novo.

Adam girou para o lado, um punho na testa. Com o outro, acertou a parede, mas sem força. Como se estivesse aterrando a si mesmo, descarregando. Ele partiu a raiva em pedaços, membro por membro. Concentrado no fogo que queimava, terrível, em seu peito, até apagá-lo.

Não vai ser você.

E, no fim, tudo que restara era isso: *Eu quero partir.*

Tinha de haver outro lugar onde ele não estivera ainda, um solo onde aquela emoção não vicejaria.

Quando ele se virou de volta, ela estava imóvel, observando-o. Quando Blue piscou, duas lágrimas apareceram como mágica em suas faces. As lágrimas rápidas. As que estão em seus olhos e descendo pelo queixo antes que você se dê conta de que está chorando. Adam conhecia esse tipo.

— Essa é a verdade? — ele perguntou. Tão baixo que as palavras saíram roucas, como um violino tocado muito suavemente.

Duas lágrimas mais haviam se acumulado, mas, quando ela piscou, elas continuaram em seus olhos. Laguinhos cintilantes.

Você não.

Não ele com sua ira miserável, seus longos silêncios, seu desânimo.

Você não.

Olhe para você, Adam, disse a voz de Gansey. *Apenas* olhe.

Você não.

— Prove — ele sussurrou.

— O quê?

Mais alto:

— Prove.

Ela começou a balançar a cabeça.

— Se não sou eu, um beijo não vai fazer diferença, não é?

Ela balançou a cabeça com mais veemência.

— Não, Adam.

Mais alto.

— Se não sou eu, Blue, isso não tem importância, não é? Foi o que você disse. Nunca serei eu.

Miseravelmente, ela disse:

— Eu não quero te machucar, Adam.

— Ou é verdade, ou não é.

Blue colocou uma mão no peito dele e o pressionou.

— Eu não *quero* te beijar. Não vai ser você e eu.

Você não.

Desde a última vez que o pai batera nele, o ouvido esquerdo de Adam estivera morto e sem reação. Nem um sibilar, nem uma estática. Apenas a ausência de sensação.

Era assim que seu corpo inteiro se sentia agora.

— Tudo bem — ele disse, a voz sem vida.

Blue secou os olhos com o dorso da mão.

— Sinto muito. Mesmo.

— Tudo bem.

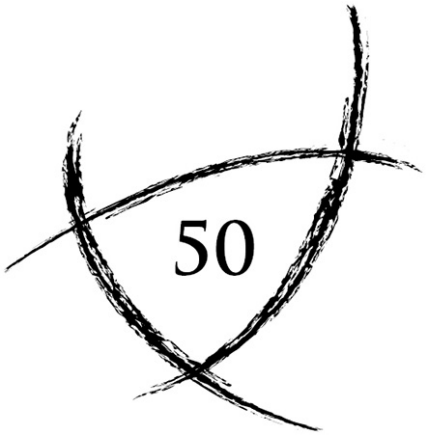
O sentimento estava voltando, mas fora de foco e entorpecido. Bruxuleante e pouco claro. Não seria ele e ela. Não seria ele e Gansey. Não havia mais *não aqui, não agora.* Era aqui. Era agora. Seria apenas ele e Cabeswater.

Eu sou incognoscível.

Adam estava descendo a escada, embora não se lembrasse de ter deixado o quarto de Blue. Ele havia dito alguma coisa? Ele só estava indo. Não sabia para onde. Vozes e imagens tremulavam à sua volta, compelindo-o tortuosamente.

Uma voz atravessou a dissonância. Era a mais baixa na casa.

— Adam — disse Persephone, pegando sua manga quando ele abriu a porta da frente —, chegou a hora de conversarmos.



Persephone lhe serviu uma torta. Era de noz-pecã, e ela a preparara, e ele aceitá-la não era uma escolha dele.

Maura franziu o cenho para ele.

— Você tem certeza que esse é o jeito certo, P? Bom, você é quem sabe...

— Às vezes — admitiu Persephone. — Venha, Adam. Vamos para a sala de leitura. A Blue pode vir com você. Mas vai ser muito pessoal.

Ele não havia percebido que Blue estava ali. Adam manteve a cabeça baixa. Havia um arranhão na mão dele desde a caminhada pela rodovia, e ele examinou silenciosamente a pele nas bordas.

— O que está acontecendo? — perguntou Blue.

Persephone acenou com a mão, como se fosse muito difícil explicar.

Maura disse:

— Ela está equilibrando o lado de dentro dele com o lado de fora. Fazendo as pazes com Cabeswater, sim?

Persephone anuiu.

— Por aí.

— Vou com você, se você quiser — disse Blue.

Todos os rostos se viraram para ela.

Se ele fosse sozinho, não passaria disso: Adam Parrish.

De certa maneira, sempre fora assim. Às vezes o cenário mudava. Às vezes o tempo estava melhor.

Mas, no fim das contas, tudo que ele tinha era isso: Adam Parrish.

Ele tornou as coisas mais fáceis dizendo para si mesmo: *É só a sala de leitura.*

Adam sabia que não era verdade. Mas tinha a forma da verdade.

— Eu gostaria de ir sozinho — ele disse em voz baixa. E não olhou para ela.

Persephone se pôs de pé.

— Traga sua torta.

Adam levou a torta.

A sala de leitura era mais escura que o resto da casa, iluminada apenas por velas quadradas, reunidas no centro da mesa de leitura. Adam colocou o prato sobre a mesa.

Persephone fechou a porta atrás de si.

— Prove um pedaço da torta.

Adam provou um pedaço da torta.

O mundo entrou em foco, apenas um pouquinho.

Com a porta fechada, a sala cheirava a rosas após o cair da noite e a fósforo recém-riscado. E, com as luzes apagadas, era estranhamente difícil dizer qual o tamanho da sala. Embora Adam conhecesse bem as dimensões minúsculas dela, parecia enorme agora, como uma caverna subterrânea. As paredes pareciam distantes e irregulares, o espaço engolindo os sons da respiração deles e os movimentos das cartas.

Adam pensou: *Eu poderia parar agora.*

Mas era só a sala de leitura. Era apenas um aposento que deveria ter sido uma sala de jantar. Nada mudaria ali.

Adam sabia que nada daquilo era verdade, mas era mais fácil fingir que era.

Persephone escolheu uma moldura da parede. Adam só teve tempo de ver que era a fotografia de uma pedra em um campo acidentado, e então ela a colocou com o vidro para cima sobre a mesa na frente dele. No

escuro e à luz das velas, a imagem desapareceu. Tudo que se podia ver era o reflexo do vidro; subitamente ele era uma piscina ou um espelho. A luz da vela torcia e girava no vidro, de maneira um tanto diferente da luz da vela na realidade. Ele sentiu o estômago revirar.

— Você deve sentir — disse Persephone do outro lado da mesa. Ela não se sentou. — Como você está desequilibrado.

Era algo óbvio demais para se concordar. Ele apontou para o vidro com seus reflexos defeituosos.

— Para que serve isso?

— Divinação — ela respondeu. — É uma maneira de olhar para outros lugares. Lugares que estão distantes demais para ver, ou lugares que apenas meio que existem, ou lugares que não querem ser vistos.

Adam achou que tinha visto fumaça subir em espiral do vidro. Ele piscou. Sumiu. Então ele sentiu uma pontada na mão.

— Para onde nós estamos olhando?

— Para um lugar muito distante — disse Persephone. Ela sorriu para ele. Era uma coisa minúscula, dissimulada, como um pássaro espiando dos ramos. — Dentro de você.

— É seguro?

— É o oposto de seguro — disse Persephone. — Na realidade, é melhor você comer mais um pedaço de torta.

Adam comeu um pedaço de torta.

— O que vai acontecer se eu não fizer isso?

— O que você está sentindo só vai piorar. Você não pode montar primeiro as peças dos cantos nesse quebra-cabeça.

— Mas, se eu seguir em frente... — Adam começou, então parou, porque a verdade o mordia e o penetrava, *alojando-se* dentro dele. — Eu vou mudar para sempre?

Ela inclinou a cabeça, solidária.

— Você já mudou. Quando fez o sacrifício. Essa é apenas a parte final disso.

Então não fazia sentido *não* fazer isso.

— Me diz como fazer, então.

Persephone se inclinou para frente, mas ainda assim não se sentou.

— Você precisa parar de revelar as coisas. Você não sacrificou a sua mente. Comece escolhendo manter os seus pensamentos para si. E lembre-se do seu sacrifício, também. Você precisa honrá-lo.

— Eu o *honrei* — disse Adam, a ira subindo à cabeça, súbita, zunindo e pura. Era um inimigo imortal.

Ela apenas piscou para ele com seus olhos negros puros. A fúria de Adam mirrou.

— Você prometeu ser as mãos e os olhos de Cabeswater, mas você tem ouvido o que ela vem lhe pedindo?

— Ela não disse nada.

A expressão de Persephone era sábia. É claro que ela tinha dito. De uma hora para outra, ele soube que essa era a causa das aparições e visões imperfeitas. Cabeswater *estava* tentando chamar sua atenção, da única maneira que sabia fazer. Todo aquele ruído, aquele som, aquele caos dentro dele.

— Eu não conseguia entender.

— Ela está em desequilíbrio também — ela disse. — Mas esse é um ritual diferente para um problema diferente. Agora, olhe dentro de si mesmo, mas saiba que existem coisas ali que são dolorosas. A divinação nunca é segura. Você nunca sabe o que vai encontrar.

— Você me ajuda se algo der errado?

Os olhos negros de Persephone se fixaram nos dele. Ele compreendeu. Ele havia deixado sua única ajuda do lado de fora, na cozinha.

— Cuidado com qualquer pessoa que prometa te ajudar agora — disse Persephone. — Dentro de si mesmo, somente você pode se ajudar.

Eles começaram.

Em um primeiro momento, ele estava consciente apenas das velas. O tremeluzir fino e alto das velas verdadeiras, e o queimar retorcido e espiralado das velas no vidro espelhado. Então, uma gota d'água pareceu mergulhar da escuridão acima dele. Ela deveria ter respingado no vidro, mas, em vez disso, penetrou facilmente a superfície.

Ela pousou em um copo d'água. Um dos copos baratos e de vidro grosso que costumavam encher os armários de sua mãe. O copo estava na mão de Adam. Quando ele estava prestes a dar um gole, percebeu um

brilho de movimento. Ele não teve tempo para se preparar antes que a luz... o som...

Seu pai o acertou.

— Espera! — exclamou Adam, explicando, sempre prestes a explicar, quando bateu contra o balcão puído da cozinha.

Aquilo deveria ter passado a essa altura, o soco, mas ele parecia preso *dentro* daquilo. Ele era o garoto, o golpe, o balcão, a raiva que consumia tudo.

Aquilo vivia nele. Aquele soco, a primeira vez que seu pai havia batido nele, estava sempre sendo lançado em algum lugar na sua cabeça.

Cabeswater, Adam pensou.

Ele foi libertado do soco. Quando o copo bateu no chão, resistente demais para quebrar, a gota d'água escorregou para fora e começou a cair de novo. Dessa vez, ela mergulhou em um pequeno lago parado e espelhado, cercado de árvores. A escuridão se insinuava entre elas, exuberante, negra e viva.

Adam já estivera ali antes.

Cabeswater.

Ele estava realmente ali ou era um sonho? Isso fazia alguma diferença para Cabeswater?

Aquele lugar — ele cheirou a terra úmida debaixo dos ramos caídos, ouviu o som dos insetos trabalhando por baixo das cascas de árvore em decomposição, sentiu a mesma brisa que soprava sobre as folhas acima tocar seu cabelo.

Na água noturna nos pés de Adam, peixes vermelhos circulavam. Eles abocanhavam as pequenas ondulações onde a gota rompera a superfície. O movimento chamou sua atenção para a árvore de sonhos na margem oposta. Ela parecia como da outra vez: um antigo e enorme carvalho com uma gruta decomposta dentro, grande o suficiente para caber uma pessoa. Meses atrás, Adam havia ficado dentro da árvore e tivera uma visão terrível do futuro. Gansey morrendo por causa dele.

Adam ouviu um gemido. Era a mulher que ele vira em seu apartamento, o primeiríssimo espírito. Ela usava um vestido antiquado e claro.

— Você sabe o que Cabeswater quer? — ele perguntou.

Encostando-se na casca irregular da árvore de sonho, a mulher pressionou o dorso da mão contra a testa nervosamente.

— *Auli! Greywaren furis al. Lovi ne...*

Não era latim. Adam disse:

— Não compreendo.

Ao lado dela, subitamente, estava o homem de chapéu-coco, o homem que Adam tinha visto de relance na mansão de Gansey. Ele implorou: — *E me! Greywaren furis al.*

— Desculpe — disse Adam.

Outro espírito apareceu, a mão estendida para ele. E outro. E outro. Todos os lampejos que ele vira, uma dúzia de figuras. Incompreensíveis.

Uma voz pequena junto ao seu cotovelo disse:

— Vou traduzir para você.

Ele se virou e viu uma garota pequena em um manto negro. Ela não era diferente de uma Persephone em miniatura: cabelo branco enorme enrolado como um algodão-doce, rosto estreito, olhos negros. Ela pegou a mão dele. A dela era muito fria e um pouco úmida.

Ele estremeceu com cautela.

— Você vai traduzir fielmente?

Os dedos pequeninos dela estavam apertados nos dele. Adam não a vira antes, ele tinha certeza. De todos os lampejos e visões que ele tivera desde que havia feito o sacrifício, ela não fora um deles. Ela era muito parecida com Persephone, mas retorcida.

— Não — ele disse. — Só eu posso ajudar a mim mesmo.

Ela inclinou a cabeça para trás, irada.

— Você já está morto aqui.

Antes que ele pudesse se afastar, ela agarrou o pulso dele com a outra mão. Três linhas claras de sangue apareceram. Ele podia sentir o gosto, como se ela tivesse lhe rasgado a língua.

Era como um pesadelo.

Não. Se isso era como um sonho, se Cabeswater era como um sonho, queria dizer que tudo estava sob o seu controle, se assim ele quisesse. Adam se soltou dela. Ele não entregaria sua mente.

— Cabeswater — ele disse em voz alta. — Me diga do que você precisa.

E estendeu o braço até o pequeno lago. Estava frio e insubstancial, como a sensação de escorregar a mão sobre lençóis. Cuidadosamente, ele pegou com a mão em concha a única gota de água que havia seguido na visão. Ela boiava de um lado para o outro em sua palma, rolando ao longo da linha da vida.

Ele hesitou. Do outro lado desse momento, ele sabia, havia algo que o separaria dos outros para sempre. Quanto, ele não sabia dizer. Mas ele teria ido a um lugar em que eles nunca tinham ido. Ele seria algo que eles não eram.

Mas ele já era.

E então ele estava na gota d'água. Cabeswater não precisava mais procurá-lo através de aparições. Ele não precisava de lampejos desajeitados em sua visão. Nada de apelos desesperados por sua atenção.

Ele era Cabeswater, e era a árvore de sonhos, e era todos os carvalhos com raízes escavando através das pedras, procurando energia e esperança. Ele sentiu a sucção e o pulso da linha ley através de si — que termo grosseiro e mundano para ela, *linha ley*, agora que ele a sentia. Ele podia se lembrar de toda sorte de nomes para ela agora, e todos pareciam mais adequados. *Estrada das fadas. Caminho espiritual. Linha de canções. O velho caminho. Linha de dragões. Caminho dos sonhos.*

O caminho dos corpos.

A energia bruxuleou e crepitou através dele, menos como eletricidade e mais como se ele estivesse se lembrando de um segredo. Ela era forte, abrangia tudo, e então foi desaparecendo, esperando. Às vezes, ele não era nada a não ser ela, e às vezes, ela estava quase esquecida.

E, no fundo de tudo, ele sentiu a antiguidade de Cabeswater. A estranheza. Havia algo de verdadeiro e desumano em seu âmago. Ela estivera ali tantos séculos antes dele, e estaria tantos séculos depois. No esquema relativo das coisas, Adam Parrish era irrelevante. Ele era uma coisa tão pequena, apenas uma estria de uma impressão digital na ponta dos dedos de um ser gigantesco...

Eu não concordei em revelar meus pensamentos.

Ele seria as mãos e os olhos de Cabeswater, mas não seria Cabeswater.

Ele seria Adam Parrish.

Ele se recostou.

Adam estava na sala de leitura. Uma gota d'água repousava no alto da fotografia emoldurada. À sua frente, Persephone limpava o sangue em três arranhões que ela tinha no punho; a manga dela havia sido rasgada.

Tudo no quarto parecia diferente para Adam. Ele só não tinha certeza de como. Era como... como se ele tivesse ajustado a tela da televisão, de panorâmica para normal.

Ele não sabia como havia pensado antes que os olhos de Persephone eram negros. Todas as cores se combinavam para formar o preto.

— Eles não vão compreender — disse Persephone, colocando suas cartas de tarô sobre a mesa na frente dele. — Não compreenderam quando eu voltei.

— Eu estou diferente? — ele perguntou.

— Você já era diferente antes — respondeu Persephone. — Mas agora eles não serão capazes de evitar perceber isso.

Adam tocou as cartas de tarô. Parecia que tinha se passado muito tempo desde que ele olhara para o baralho sobre a mesa.

— O que eu devo fazer com elas?

— Bata nelas — ela sussurrou. — Três vezes. Elas gostam disso. Depois embaralhe. E então as segure junto do coração.

Ele bateu suavemente com os nós dos dedos sobre o baralho, embaralhou as cartas e então pegou o baralho, maior que o tamanho usual. Quando o segurou junto do peito, as cartas pareciam quentes, como uma criatura viva. Elas não pareciam *assim* antes.

— Agora faça uma pergunta para elas.

Adam fechou os olhos.

E agora?

— Coloque quatro cartas na mesa — disse Persephone. — Não, três. Três. Passado, presente e futuro. Abertas.

Cuidadosamente, Adam abriu três cartas sobre a mesa. Os desenhos no baralho de Persephone eram escuros, manchados, mal dava para ver naquela luz sombria. As figuras pareciam se mover. Ele leu as palavras na parte de baixo de cada uma.

A Torre. O Enforcado. Nove de espadas.

Persephone apertou os lábios.

Os olhos de Adam foram da primeira carta, onde homens caíam de uma torre em chamas, para a segunda, onde um homem estava pendurado em uma árvore, de cabeça para baixo. E então para a última, onde um homem chorava, cobrindo o rosto com as mãos. Aquela terceira carta, aquele desespero absoluto. Ele não conseguia parar de olhar para ela.

— Parece que ele acordou de um pesadelo — disse Adam.

Parece comigo, se a visão da árvore dos sonhos se tornar realidade, ele pensou.

Quando Adam ergueu os olhos para Persephone, teve certeza de que ela estava vendo as mesmas coisas que ele. Ele podia dizer, pelos lábios apertados dela, pelo remorso que ela tinha nos olhos. A sala se estendia em volta deles, escura e sem limites. Uma caverna ou uma antiga floresta ou um lago liso, escuro como um espelho. O futuro continuava sendo algo para o qual Adam era lançado: uma busca, um sacrifício, o rosto morto de um melhor amigo.

— Não — ele disse baixinho.

Persephone ecoou:

— Não?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Talvez isso *seja* o futuro. Mas não é o fim.

— Tem certeza?

Havia uma nota na voz dela que não estivera ali antes. Adam pensou sobre aquilo. Ele pensou na sensação quente do baralho e em como ele havia feito aquela pergunta *e agora*, e elas tinham lhe dado aquela resposta terrível. Ele pensou em como ainda podia ouvir o som da voz de Persephone ecoando por toda parte, embora ela devesse ter desaparecido nas paredes fechadas daquela sala de leitura. Ele pensou em como fora Cabeswater e sentira o caminho dos corpos serpenteando através de si.

— Tenho. Vou... vou tirar outra carta.

Ele hesitou, esperando que ela lhe dissesse que não era permitido. Mas ela apenas aguardou. Adam cortou o baralho, colocou a mão sobre cada pilha e tirou a carta que parecia mais quente.

Ele a virou e a colocou ao lado do nove de espadas.

Uma figura de túnica estava parada diante de uma moeda, um cálice, uma espada, um bastão — todos os símbolos de todos os naipes do tarô.

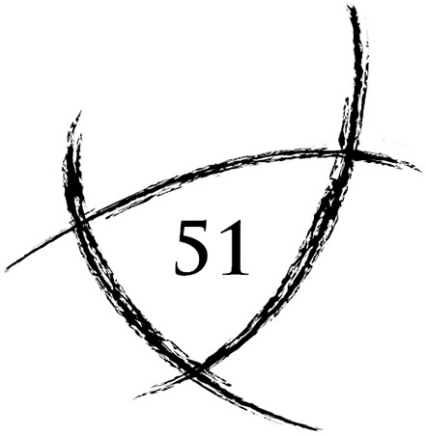
Um símbolo do infinito flutuava acima de sua cabeça; um braço estava erguido, numa postura de poder. *Sim*, pensou Adam. A compreensão provocou um formigamento nele e então o deixou.

Ele leu as palavras na parte de baixo da carta.

O Mago.

Persephone soltou um longo, longo suspiro e começou a rir. Era um riso aliviado que soava como se ela estivesse correndo.

— Adam — ela disse —, termine a sua torta.



Blue havia realmente se cortado.

Após Adam ter ido à sala de leitura, ela havia aberto o canivete de mola para experimentar e ele havia condescendentemente a atacado. Era só um arranhão, na verdade. Mal exigia um band-aid, mas ela havia colocado um mesmo assim.

Ela não se sentia como Blue Sargent, super-heroína, ou Blue Sargent, marginal, ou Blue Sargent, durona.

Talvez ela não devesse ter contado a verdade.

Embora tivessem se passado horas desde a briga, seu coração ainda estava irrequieto. Como se não estivesse ligado a nada e, toda vez que batesse, sacudisse ruidosamente a cavidade do peito. Ela continuava repassando as palavras deles. Ela não devia ter perdido a paciência; ela devia ter contado a ele logo no início; ela devia...

Qualquer coisa menos o que aconteceu.

Por que eu não podia ter me apaixonado por ele?

Adam estava dormindo agora, largado de atravessado no sofá, os lábios abertos em uma exaustão desinibida. Persephone havia informado a

Blue que esperava que ele dormisse por dezesseis a dezoito horas após o ritual, e que ele poderia experimentar uma ligeira náusea ou vômito assim que acordasse. Maura, Persephone e Calla se sentaram à mesa da cozinha, juntas, para debater. De vez em quando, Blue ouvia trechos da conversa: "devia ter feito isso mais cedo" e "mas ele precisava aceitar!".

Ela olhou para ele de novo. Adam era bonito e gostava dela e, se ela não tivesse lhe contado a verdade, poderia ter saído com ele como uma garota normal e até o beijado sem se preocupar se isso o mataria.

Blue parou junto à porta da frente, a cabeça encostada na parede.

Mas ela não queria isso. Queria *algo mais*.

Talvez não haja nada mais!

Talvez ela saísse para uma caminhada, apenas ela e seu canivete de mola rosa. Eram um bom par. Ambos incapazes de se abrir sem machucar alguém. Ela não sabia para onde ir, no entanto.

Então subiu lentamente até a sala de leitura, sem fazer ruído, para não despertar Adam nem alertar Orla. Pegou o telefone e ouviu para ter certeza que ninguém estava tendo uma experiência mediúnica do outro lado. Sinal de linha.

Ela ligou para Gansey.

— Blue? — ele disse.

Apenas sua voz. O coração dela se firmou. Não completamente, mas o suficiente para parar de palpitar tanto. Ela fechou os olhos.

— Me leva para algum lugar?



Eles pegaram o Pig novo em folha, que realmente parecia idêntico ao último, até o cheiro de gasolina e o arranque tossindo do motor. O banco do passageiro era a mesma caçamba de vinil detonado que fora antes. E os faróis na estrada à frente eram os mesmos feixes idênticos de luz dourada e fraca.

Mas Gansey estava diferente. Embora usasse sua calça cáqui de sempre e seus mocassins idiotas, ele estava usando uma camiseta branca,

sem colarinho, e os óculos de aro fino. Aquele era o seu Gansey favorito, o Gansey acadêmico, sem nenhum indício da Aglionby. No entanto, havia algo terrível a respeito do modo como aquele Gansey a fazia se sentir naquele instante.

Quando ela entrou, ele perguntou:

— O que aconteceu, Jane?

— O Adam e eu brigamos — ela disse. — Eu contei para ele. Não quero falar sobre isso.

Ele engatou a marcha do carro.

— Você quer falar sobre algo?

— Só se não for sobre ele.

— Você sabe aonde quer ir?

— Para algum lugar que não seja aqui.

Então eles dirigiram para fora da cidade e ele contou a ela sobre Ronan e Kavinsky. Quando fez isso, Gansey continuou dirigindo para as montanhas, na direção de estradas cada vez mais estreitas, e lhe contou sobre a festa e o clube do livro e os sanduíches de pepino orgânico.

O motor do Camaro rosnava, ecoando no barranco íngreme ao lado da estrada. Os faróis iluminavam apenas até a próxima curva. Blue levantou as pernas e as envolveu com os braços. Descansando o rosto nos joelhos, ela observou Gansey trocar as marchas e olhar de relance para o espelho retrovisor e então para ela.

Ele lhe contou sobre os pombos e sobre Helen. Ele lhe contou tudo, exceto sobre Adam. Era como descrever um círculo sem jamais dizer a palavra.

— Tudo bem — ela disse finalmente. — Você pode falar dele agora.

Houve um silêncio no carro — bem, menos ruído. O motor rugia e o ar-condicionado anêmico jogava suspiros espasmódicos sobre ambos.

— Ah, Jane — ele disse subitamente. — Se você estivesse lá quando recebemos a ligação dizendo que ele estava andando a esmo na estrada, você teria... — Ele deixou a frase inacabada antes que ela ficasse sabendo o que teria feito. E então, de repente, ele se recompôs. — Ha! O Adam conversa com árvores, o Noah fica reencenando o próprio assassinato e o Ronan bate e então faz carros novos para mim. Qual é a novidade com você? Algo terrível, imagino?

— Você me conhece — disse Blue. — Sempre sensata.

— Como eu — concordou Gansey pretensiosamente, e ela riu, encantada. — Uma criatura de prazeres simples.

Blue tocou o botão do rádio, mas não o ligou. Ela baixou os dedos.

— Eu me sinto péssima pelo que disse para ele.

Gansey subiu por uma estrada mais estreita ainda. Poderia ser o acesso da casa de uma pessoa. Era difícil distinguir nessas montanhas, especialmente após escurecer. Os insetos nas árvores coladas neles trinavam, mais altos que o motor.

— O Adam se matou pela Aglionby — ele disse subitamente. — E para quê? Pela educação?

Ninguém ia para a Aglionby pela educação.

— Não só isso — ela disse. — Prestígio? Oportunidade?

— Mas talvez ele nunca tenha tido uma chance. Talvez o sucesso esteja nos genes.

Algo mais.

— Essa não é uma conversa que eu gostaria de ter neste momento.

— O quê? Ah... *Não* foi isso que eu quis dizer. Eu quis dizer que eu sou rico...

— Não está ajudando.

— Eu sou rico de *apoio*. Você também. Você cresceu *amada*, não foi?

Ela nem precisou pensar antes de concordar.

— Eu também — disse Gansey. — Nunca duvidei disso. Não cheguei nem a pensar em duvidar. E até o Ronan cresceu assim também, quando isso importava, quando ele estava se tornando a pessoa que ele era. A idade da razão, ou o que quer que seja. Pena que você não o conheceu antes. Mas crescer ouvindo que você pode fazer qualquer coisa... Eu costumava pensar, antes de conhecer você, que a questão era o dinheiro. Tipo, eu achava que a família do Adam era pobre demais para amar.

— Ah, mas já que *nós* somos pobres, mas felizes — começou Blue, irritada. — Os camponeses alegres...

— Não, por favor, Jane — ele interrompeu. — Você sabe o que eu quero dizer. Estou dizendo que fui um idiota, que eu estava enganado. Achei que o problema estava em fazer tanto esforço para sobreviver que não sobrava tempo para ser um bom pai. Obviamente, o problema não é esse. Porque você e eu, nós dois somos... ricos de amor.

— Imagino que sim — disse Blue. — Mas isso não vai pagar minha faculdade comunitária.

— Faculdade comunitária! — ecoou Gansey. Sua ênfase chocada ao dizer *comunitária* machucou Blue mais do que ela conseguiria externar. Ela seguiu silenciosa e miseravelmente no banco do passageiro, até que ele a olhou de relance. — Com certeza você pode conseguir uma bolsa.

— Ela não cobre os livros.

— Isso não passa de uns duzentos, trezentos dólares por semestre. Certo?

— Quanto você acha que eu ganho por turno no Nino's, Gansey?

— Eles não dão um auxílio para cobrir isso?

A frustração cresceu dentro dela. Tudo que havia acontecido aquele dia parecia prestes a explodir.

— Ou eu sou uma idiota ou eu não sou, Gansey. Decida-se! Ou eu sou inteligente o bastante para conseguir uma bolsa, ou eu sou burra demais para considerar as opções e não vou conseguir uma bolsa de qualquer jeito!

— Por favor, não fique brava.

Ela pousou a cabeça na porta.

— Desculpa.

— Meu Deus — disse Gansey. — Eu queria que essa semana terminasse logo.

Por alguns minutos, eles dirigiram em silêncio: subindo, subindo, subindo.

Blue perguntou:

— Você chegou a conhecer os pais dele?

Em uma voz baixa, estranha, Gansey disse:

— Eu *odeio* eles. — E em seguida: — Os machucados com que ele ia para a escola. Quem ele teve para lhe dar amor na vida? Algum dia?

Na mente de Blue, Adam pressionava aquele punho contra a parede do seu quarto. Tão suavemente. Embora cada músculo estivesse enrijecido, querendo destruí-la.

— Olha ali — ela disse.

Gansey seguiu o seu olhar. As árvores de um lado da estrada haviam caído para fora do campo de visão e, de súbito, eles podiam ver que a

trilha de cascalho onde estavam se agarrava à própria encosta da montanha, subindo sinuosa como ouropel. Todo o vale subitamente se estendeu abaixo deles. Embora centenas de estrelas já estivessem visíveis, o céu ainda era de um azul profundo, um toque caprichoso de um pintor idealista. As montanhas do outro lado do vale, no entanto, estavam escuras como a noite, tudo que o céu não era. Escuras, frias e silenciosas. E, entre elas, aos pés das montanhas, estava Henrietta, cravejada de luzes brancas e amarelas.

Gansey deixou o Pig rolar até parar. Ele puxou o freio de mão. Ambos olharam pela janela do motorista.

Era o tipo de beleza feroz e silenciosa, o tipo que não se deixa admirar. O tipo de beleza que apenas doía, sempre.

Gansey suspirou, um suspiro pequeno, baixo e entrecortado, como se não quisesse deixá-lo escapar. Ela deslocou o olhar da janela para a lateral da cabeça dele e o observou contemplar. Ele pressionou o polegar no lábio inferior — aquele era Gansey, aquele gesto — e então engoliu. Era assim, ela pensou, que ela se sentia quando olhava para as estrelas, quando caminhava em Cabeswater.

— O que você está pensando? — perguntou Blue.

Ele não respondeu imediatamente. E, quando respondeu, manteve os olhos fixos na paisagem.

— Eu estive no mundo todo. Mais de um país para cada ano que vivi. Europa e América do Sul e... as montanhas mais altas e os rios mais largos e os vilarejos mais bonitos. Não estou dizendo isso para me exibir. Só estou dizendo porque estou tentando compreender como posso ter ido a tantos lugares e ainda assim este ser o único lugar em que eu me sinto em casa. Este é o único lugar a que eu *pertenço*. E porque estou tentando compreender como, se eu pertenço a ele, isso...

— ... dói tanto — terminou Blue.

Gansey se virou para ela com um brilho no olhar. Ele apenas anuiu.

Por que, ela pensou, agoniada, *não podia ter sido o Adam?*

— Se você descobrir, me conta? — disse ela.

Ele vai morrer, Blue, não...

— Não sei se é para a gente descobrir — ele disse.

— Ah, a gente vai descobrir — Blue afirmou com uma ferocidade a mais, tentando abafar o sentimento que crescia dentro dela. — Se você não descobrir, eu descubro sozinha.

— Se você descobrir primeiro, me conta?

— Com certeza.

— Jane, nessa luz — ele começou —, você... *Jesus*. Jesus. Preciso colocar a cabeça no lugar.

Ele subitamente escancarou a porta e saiu, segurando no teto para se impulsionar para fora mais rápido. Bateu a porta e então deu a volta no carro por trás, passando a mão como uma escova pelo cabelo.

O carro estava absolutamente silencioso. Ela ouviu o zunido dos insetos noturnos, o canto dos sapos e os trinados lentos de pássaros que pareciam não ter nada melhor para fazer. De vez em quando, o motor que esfriava soltava um breve suspiro como uma respiração. Gansey não voltou.

Tateando no escuro, ela empurrou a porta e a abriu. Blue o encontrou encostado na traseira, os braços cruzados sobre o peito.

— Desculpe — disse Gansey, sem olhar para ela enquanto Blue se encostava o seu lado no carro. — Aquilo foi muito grosseiro.

Blue pensou em algumas coisas para responder, mas não conseguiu dizer nenhuma delas em voz alta. Ela sentia como se um dos pássaros noturnos tivesse entrado nela. Ele se movia às cegas toda vez que ela respirava.

Ele vai morrer; isso vai doer...

Mas ela tocou o pescoço dele, bem onde seu cabelo batia de maneira uniforme, acima da gola da camiseta. Ele não se mexeu. A pele dele estava quente, e Blue pôde sentir muito, muito de leve o pulso dele sob o polegar. Não era como quando ela estava com Adam. Ela não precisava adivinhar o que fazer com as mãos. Elas sabiam. Era assim que *devia* ter sido com Adam. Menos uma atuação e mais uma conclusão inevitável.

Ele fechou os olhos e se inclinou, só um pouco, de maneira que a palma dela ficou aberta sobre o seu pescoço, os dedos espalhados da orelha até o ombro.

Tudo em Blue estava carregado. *Diga algo. Diga algo.*

Gansey levantou a mão de Blue suavemente de sua pele, segurando-a formalmente como numa dança. Então a encostou em sua boca.

Blue congelou. Absolutamente imóvel. O coração dela não batia. Ela não piscava. Ela não podia dizer "Não me beije". Ela não podia nem formar o *não*.

Ele apenas encostou o rosto e o canto da boca no nó dos dedos dela e então devolveu a mão de Blue.

— Eu sei — ele disse. — Eu não faria isso.

A pele de Blue ardia com a memória da boca de Gansey. O pássaro se debatendo em seu coração estremeceu e estremeceu novamente.

— Obrigada por lembrar.

Ele olhou de volta para o vale.

— Ah, Jane.

— *Ah, Jane* o quê?

— Ele não queria que eu fosse, sabia? Ele me disse para não tentar trazer você até a mesa aquela noite no Nino's. Eu tive de *convencer* ele. E então fiz aquele papelão... — Gansey se virou para ela. — O que você está pensando?

Ela apenas olhou para ele. *Que eu saí com o garoto errado. Que eu destruí o Adam hoje sem nenhum motivo. Que eu não sou nem um pouco sensata...*

— Achei que você era um imbecil.

Galantemente, ele disse:

— Graças a Deus pela conjugação no passado. — Então: — Eu não posso... A gente não pode fazer isso com ele.

— Eu não sou uma coisa. Para se *ter*. — Estava atravessado na garganta dela.

— Não. Por Deus. É claro que não. Mas você sabe o que eu quero dizer.

Ela sabia. E ele estava certo. Eles não podiam fazer isso com ele. Ela não devia fazer isso consigo mesma, de qualquer maneira. Mas isso estraçalhava seu peito, sua boca, sua cabeça.

— Eu queria que você pudesse ser beijada, Jane — ele disse. — Porque eu imploraria por apenas um beijo seu. Debaixo disso tudo. — Ele

acenou na direção das estrelas. — E então jamais diríamos uma palavra sobre isso novamente.

Esse poderia ser o fim da história.

Eu quero algo mais.

Ela disse:

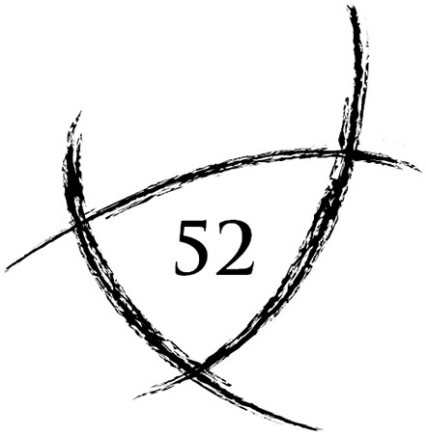
— A gente pode fingir. Só uma vez. E então jamais diremos uma palavra sobre isso novamente.

Que pessoa estranha e mutante ele era. O Gansey que se virou para ela agora estava a um mundo de distância do garoto metido que ela conhecera pela primeira vez. Sem hesitar, ela estendeu os braços em torno do pescoço dele. Quem era essa Blue? Ela se sentiu maior que o seu corpo. Alta como as estrelas. Ele se inclinou na direção dela — o coração de Blue aos saltos de novo — e pressionou a bochecha na dela. Seus lábios não tocaram a pele de Blue, mas ela sentiu a respiração dele, quente e irregular, em seu rosto. Os dedos de Gansey se abriram, largos, de cada lado de suas costas. Os lábios de Blue estavam tão próximos do queixo dele que ela sentiu o indício de uma ponta de barba. Era hortelã e memórias e o passado e o futuro, e ela sentiu como se tivesse feito isso antes e já desejasse fazer novamente.

Ah, socorro, ela pensou. *Socorro, socorro, socorro.*

Gansey se afastou e disse:

— E agora não vamos dizer uma palavra sobre isso novamente.



Naquela noite, após Gansey ter ido se encontrar com Blue, Ronan pegou uma das pílulas verdes de Kavinsky do seu jeans ainda não lavado e voltou para a cama. Sentado no canto, ele estendeu a mão para Motosserra, mas ela o ignorou. Ela havia roubado um biscoito de queijo e estava muito ocupada empilhando coisas em cima dele para ter certeza de que Ronan jamais o tomaria de volta. Embora ela não parasse de olhar de relance para aquela mão estendida, ela fingia não vê-la enquanto acrescentava uma tampa de garrafa, um envelope e uma meia à pilha que escondia o biscoito.

— Motosserra — ele disse. Não bruscamente, mas como se quisesse chamá-la mesmo. Reconhecendo seu tom, ela voou até a cama. Geralmente, ela não gostava de receber carinho, mas virou a cabeça para a esquerda e para a direita enquanto Ronan passava o dedo suavemente nas penas pequeninas de cada lado do bico. Quanta energia fora necessária para a linha ley criar essa ave?, ele se perguntou. Era necessário mais energia para trazer uma pessoa? Um carro?

O telefone de Ronan vibrou. Ele o virou para ler a mensagem que acabara de chegar: *sua mãe me ligou após passarmos o dia juntos* Ronan deixou o telefone cair de volta na colcha. Normalmente, ver o nome de Kavinsky acender o seu telefone lhe causava uma estranha sensação de urgência, mas não naquela noite. Não após passar tantas horas com ele. Não após sonhar o Camaro. Ele precisava processar tudo isso primeiro.

me pergunte qual foi meu primeiro sonho Motosserra bicou irritadamente o telefone que vibrava. Ela havia aprendido muito com Ronan. Ele rolou a pílula verde na mão. Ele não tiraria nada dos seus sonhos naquela noite. Sem saber o que eles faziam com a linha ley. Mas isso não significava que ele não pudesse escolher o que sonhar.

minha falsificação favorita é o Prokopenko Ronan colocou a pílula de volta no bolso. Ele se sentiu aquecido e sonolento e simplesmente... bem. Pelo menos dessa vez, ele se sentia bem. O sono não parecia uma arma enfiada em seu cérebro. Ele sabia que podia escolher sonhar com a Barns agora, se tentasse, mas ele não queria sonhar com algo que existia neste mundo.

vou te comer vivo, cara Ronan fechou os olhos. Ele pensou: *Meu pai. Meu pai. Meu pai.*

E, quando abriu os olhos de novo, as velhas árvores vagavam na direção do céu, escuro e cheio de estrelas. Tudo cheirava a fumaça de nogueira e a buxo, sementes de capim e desinfetante de limão.

E havia seu pai, sentado no BMW carvão que ele havia sonhado todos aqueles anos atrás. Ele era uma imagem de Ronan, e também de Declan, e também de Matthew. Um belo diabo com um olho da cor de uma promessa e o outro da cor de um segredo. Quando viu Ronan, ele baixou a janela.

— Ronan — disse.

Soou como se ele quisesse dizer: *Finalmente.*

— Pai — disse Ronan.

Ele ia dizer: *Eu senti a sua falta.* Mas ele sentia a falta de Niall Lynch desde que o conhecera.

Um largo sorriso se abriu no rosto de seu pai. Ele tinha o maior sorriso do mundo, e o havia dado para o seu filho mais novo.

— Você descobriu — ele disse, e levou um dedo aos lábios. — Lembra?

A música derivou para fora da janela aberta do BMW que havia sido de Niall Lynch, mas que era de Ronan agora. Um trecho sublime de uma canção tocada por gaitas irlandesas, dissipando-se nas árvores.

— Eu sei — respondeu Ronan. — Me diz o que você quis dizer no testamento.

— *T'Libre vero-e ber nivo libre n'acrea*.

Este testamento é válido até que outro documento mais recente seja criado.

— É uma brecha — disse seu pai. — Uma brecha para ladrões.

— Isso é mentira? — perguntou Ronan.

Porque Niall Lynch era o maior mentiroso de todos, e havia enfiado tudo isso no filho mais velho. Não havia muita diferença entre uma mentira e um segredo.

— Eu nunca minto para *você.*

Seu pai ligou o BMW e exibiu seu sorriso lento para Ronan. Que sorriso ele tinha, que olhos ferozes, que criatura ele era. Ele havia sonhado para si toda uma vida e uma morte.

— Eu quero voltar — disse Ronan.

— Então siga em frente — disse seu pai. — Agora você sabe como.

E Ronan sabia. Porque Niall Lynch era um fogo florestal, um mar encrespando, uma cortina fechando, uma sinfonia intensa, um catalisador com planetas dentro de si.

E havia dado tudo isso para o filho do meio.

Niall Lynch estendeu a mão. Ele apertou a mão de Ronan na sua. O motor estava subindo a rotação; mesmo enquanto segurava a mão de Ronan, seu pé já estava no acelerador, a caminho do próximo lugar.

— Ronan — ele disse.

E soou como se ele quisesse dizer:

Acorde.

Após a casa ter ficado silenciosa, Blue deitou na cama e puxou o cobertor sobre o rosto. O sono não estava em lugar nenhum. Sua mente estava cheia da expressão deprimida de Adam, do Camaro inventado de Ronan e da respiração de Gansey em sua bochecha.

Sua mente pegou a memória da hortelã e a transformou em uma memória relacionada, uma que Gansey não tinha ainda: da primeira vez em que ela o vira. Não no Nino's, quando ele a convidou para sair em nome de Adam. Mas naquela noite no átrio da igreja, quando os espíritos dos mortos do futuro passaram caminhando. Um ano — esse era o tempo mais longo que qualquer um daqueles espíritos tinha. Eles estariam todos mortos antes da próxima véspera do Dia de São Marcos.

Ela tinha visto seu primeiro espírito: um garoto com um blusão da Aglionby, os ombros escuramente respingados de chuva.

Qual é o seu nome?

Gansey.

Ela não podia tornar isso uma inverdade.

No andar de baixo, a voz de Calla subitamente cresceu, irritada.

— Bem, eu mesma vou quebrar essa maldita coisa se encontrar você usando novamente.

— Tirana! — Maura gritou de volta.

A voz de Persephone murmurou amigavelmente, baixa demais para ser ouvida.

Blue fechou os olhos, apertados. Ela viu o espírito de Gansey. Uma mão fechada na terra. E sentiu sua respiração. As mãos dele pressionadas em suas costas.

O sono não vinha.

Alguns minutos amorfos mais tarde, Maura tamborilou os dedos levemente na porta de Blue.

— Dormindo?

— Sempre — Blue respondeu.

Sua mãe subiu na cama estreita. Ela sacudiu o travesseiro até que Blue liberou alguns centímetros dele. Então ela se deitou atrás de Blue, mãe e filha como colheres em uma gaveta. Blue fechou os olhos novamente, inalando o cheiro suave de cravo de sua mãe e da hortelã enfraquecida de Gansey.

Após um momento, Maura perguntou:

— Você está chorando?

— Só um pouco.

— Por quê?

— Tristeza geral.

— Você está *triste*? Alguma coisa ruim aconteceu?

— Ainda não.

— Ah, Blue. — Sua mãe a abraçou, aspirou por entre o cabelo, na base do pescoço de Blue. Blue pensou no que Gansey havia dito, sobre ser rico de amor. E pensou em Adam, ainda apagado no sofá no andar de baixo. Se ele não tinha ninguém para abraçá-lo quando estava triste, ele podia ser perdoado por deixar a ira dominá-lo?

— *Você* está chorando? — perguntou Blue.

— Só um pouco — disse sua mãe, e inspirou ranhosa e inconvenientemente.

— Por quê?

— Tristeza geral.

— Você está *triste*? Alguma coisa ruim aconteceu?

— Ainda não. Faz muito tempo.

— Uma coisa é o oposto da outra — disse Blue.

Maura fungou novamente.

— Na verdade não.

Blue secou os olhos com a fronha do travesseiro.

— Lágrimas não nos definem.

Sua mãe secou os olhos no ombro da camiseta de Blue.

— Você está certa. O que nos define?

— Ação.

Maura riu ternamente, sem fazer ruído.

Como seria terrível, pensou Blue, sua mente em Adam novamente, *não ter uma mãe que te amasse.*

— Sim — ela concordou. — Como você é sábia, Blue.



Do outro lado de Henrietta, o Homem Cinzento atendeu o telefone. Era Greenmantle.

Sem nenhum preâmbulo em particular, ele disse:

— Dean Allen.

O Homem Cinzento, telefone em uma mão, livro na outra, não respondeu imediatamente. Ele largou sua edição gasta de enigmas anglo-saxões virada para baixo na mesa de apoio. A televisão tagarelava ao fundo; um espião encontrava outro em uma ponte. Eles estavam trocando reféns. Eles haviam sido orientados a vir sozinhos. Eles não tinham vindo sozinhos.

Estava levando um período inesperadamente logo para o Homem Cinzento registrar o significado das palavras de Greenmantle. Então, uma vez que elas haviam sido assimiladas, ele levou mais tempo ainda para compreender por que Greenmantle as estava dizendo.

— Isso mesmo — disse Greenmantle. — O mistério não existe mais. Não foi tão difícil descobrir quem você é. No fim das contas, a poesia anglo-saxônica é um campo muito restrito. Mesmo em nível universitário. E você sabe como me saio bem com universitários.

O Homem Cinzento não fora Dean Allen por muito tempo. Abandonar uma identidade era mais difícil do que se poderia imaginar, mas o Homem Cinzento era mais paciente e devotado que a maioria das pessoas. Normalmente, a pessoa trocava uma identidade por outra, mas o Homem Cinzento não queria ser ninguém. Em parte alguma.

Ele tocou a lombada gasta do livro de enigmas.

ic eom wrætlic wiht on gewin sceapen Greenmantle acrescentou:

— Então, eu o quero.

(*Sou algo belo, moldado para a guerra.*) — Eu não o tenho.

— Claro, Dean, claro.

— Não me chame assim.

nelle ic unbunden ænigum hyran nymþe searosœled

— Por que não? É o seu nome, não é?

(*Sem amarras, não obedeço a homem algum; apenas quando habilmente atado...*) O Homem Cinzento não disse nada.

— Então você não vai mudar a sua história, Dean? — perguntou Greenmantle. — E mesmo assim você vai continuar a atender as minhas ligações. Então isso quer dizer que você sabe onde ele está, mas não o tem ainda.

Por muitos anos, ele havia enterrado aquele nome. Dean Allen não deveria existir. Havia uma *razão* para ele ter desistido.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse Greenmantle. — Vou lhe dizer uma coisa. Você encontra o Greywaren e me liga no Quatro de Julho com o número da reserva do seu voo para cá. Ou eu conto para o seu irmão onde você está.

Segura firme, Dean.

A lógica abandonou o Homem Cinzento. Em voz baixa, ele disse: — Eu lhe contei sobre ele confidencialmente.

— Eu paguei você confidencialmente. Parece que ele está ansioso em saber onde você está — disse Greenmantle. — Nós batemos um papo, Dean. Ele disse que perdeu contato com você no meio de uma conversa que ele gostaria de terminar.

O Homem Cinzento desligou a televisão, mas vozes ainda sussurravam ao fundo.

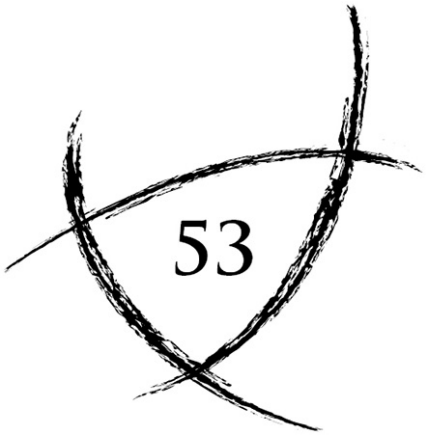
— Dean — disse Greenmantle. — Você está aí?

Não. Não realmente. A cor estava sumindo das paredes.

— Estamos de acordo?

Não, na verdade. Uma arma não faz acordos com a mão que a segura.

— Dois dias são mais do que suficientes, Dean — disse Greenmantle. — Nos vemos do outro lado.



Por vinte e uma horas, Adam Parrish e o Homem Cinzento dormiram. Enquanto eles dormiam sem sonhar, Henrietta se preparava para o Quatro de Julho. Bandeiras escalavam mastros nas revendedoras de carros. Sinais do desfile avisavam potenciais estacionadores em paralelo para repensar suas escolhas. Nos subúrbios, fogos de artifício eram comprados e sonhados. Portas eram trancadas e, mais tarde, arrombadas. Na Rua Fox, 300, Adam fez dezoitos anos silenciosamente. Calla foi chamada em seu escritório para verificar se nada de importante havia sido roubado durante um arrombamento. Na Indústria Monmouth, um Mitsubishi branco com um molho de chaves na ignição e o desenho de uma faca na lateral apareceu no estacionamento durante a noite. Ele trazia um bilhete: "Esse é para você. Do jeito que você gosta: rápido e anônimo".

Gansey franziu o cenho diante da caligrafia desordenada: — Acho que ele precisa aceitar a própria sexualidade.

Mastigando seus braceletes de couro, Ronan os largou dos dentes e disse: — Não tem como aceitar o fato de ter três bolas.

Era o tipo de piada que ele normalmente fazia com Noah. Mas Noah não estava ali.

De volta na casa das médiuns, Adam acordou. Segundo Maura, ele lançou as pernas para fora do sofá, caminhou até a cozinha, onde bebeu quatro copos de suco de romã e três xícaras de um dos chás saudáveis mais terríveis, agradeceu a Maura pelo uso do sofá, então entrou em seu carro tricolor e foi embora, tudo num intervalo de dez minutos.

Quinze minutos depois disso, Maura relatou, Persephone desceu com uma bolsa de mão em forma de borboleta e um prático par de botas com saltos de sete centímetros e cadarços até as coxas. Um táxi chegou e ela entrou nele. Ele partiu na mesma direção que o carro tricolor.

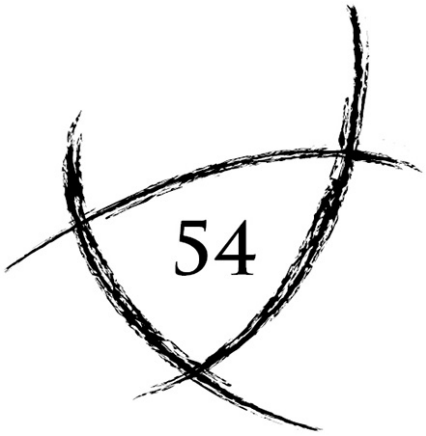
Doze minutos depois, Kavinsky mandou uma mensagem para Ronan: *bundão.* Ronan respondeu: *cagão.* Kavinsky: *vem para o 4 de julho?* Ronan: *você pararia se soubesse que estava destruindo o mundo?* Kavinsky: *deus isso seria incrível* — E então? — perguntou Gansey.

— Eu não apostaria nas negociações — disse Ronan.

Sete minutos depois disso, Maura, Calla e Blue entraram no Ford cansado, dirigiram para buscar Ronan e Gansey e partiram para o dia escaldante.

Gansey parecia um rei, mesmo compartilhando o banco de trás desgastado do veículo da Rua Fox. Talvez especialmente quando sentado no banco de trás de um veículo desgastado. Ele perguntou: — O que é que vamos fazer?

— Ação — respondeu Maura.



— Por que estamos aqui, cara? — perguntou Ronan. Seus olhos seguiram Motosserra enquanto ela andava a passos largos sobre o balcão. Ele a havia levado a tantos lugares que locais novos geralmente não a perturbavam por muito tempo, mas ela não ficaria feliz de verdade até que desse uma volta pelo ambiente. Ela fez uma pausa para tocar o bico em um pote de biscoitos com figuras de pássaros absolutamente encantador. — Tem mais malditos galos por aqui do que num filme do Hitchcock.

— Você está se referindo a *Os pássaros*? — perguntou Gansey. — Porque não me lembro de nenhuma galinha nele. Mas faz bastante tempo.

Eles estavam em uma confortável cozinha no porão da Pousada Vale Aprazível. Calla vasculhou os armários e as gavetas; sua versão da conferência do aposento de Motosserra, possivelmente. Ela já descobrira uma máquina de waffles e uma arma, e havia colocado as duas sobre a mesa redonda de café da manhã. Blue ficou no vão da porta mais distante, espiando ao redor para onde sua mãe tinha ido. Ronan presumiu que ela e Gansey deviam ter brigado; ela estava o mais distante possível dele. Ao

lado de Ronan, Gansey ergueu o braço para limpar com a ponta dos dedos uma das vigas escuras expostas. Ele estava claramente desconcertado pelo que Maura havia lhe contado sobre Adam no caminho até ali. Ganseys eram criaturas de hábito, e ele queria Adam ali, e ele queria Noah ali, e ele queria que todos gostassem dele, e ele queria estar no comando.

Ronan não fazia ideia do que queria. Ele conferiu o telefone. Ele se perguntou se Kavinsky realmente tinha três bolas. Ele se perguntou se Kavinsky era gay. Ele se perguntou se devia ir à festa do Quatro de Julho. Ele se perguntou para onde Adam tinha ido.

— Lynch — disse Gansey. — Você está me ouvindo?

Ele ergueu o olhar.

— Não.

Sobre o balcão, Motosserra rasgava tiras de um rolo de toalhas de papel. Ronan estalou os dedos para ela e, com um gorgolejo insolente, ela bateu asas do balcão para a mesa, as garras produzindo um arranhão e um estalo característicos quando pousou. Ronan se sentiu abruptamente satisfeito com ela como uma criatura de sonhos. Ele nem chegara a pedi-la. Seu subconsciente só havia, desta vez, enviado algo bacana em vez de algo homicida.

Gansey perguntou a Calla:

— Por que nós estamos aqui?

Calla ecoou:

— É, Maura, por que nós estamos aqui?

Maura havia entrado pelo outro aposento; atrás dela Ronan viu de relance uma maleta cinza no canto de uma cama. Houve um ruído metálico de canos e de torneira aberta. Maura limpou o pó da palma das mãos e se juntou a eles na cozinha.

— Porque, quando o sr. Cinzento chegar aqui, eu quero que você o olhe nos olhos e o convença a não te raptar.

Gansey cutucou Ronan com o cotovelo.

Ronan ergueu o olhar bruscamente.

— Quem, eu?

— É, você — disse Maura. — O sr. Cinzento foi enviado aqui para buscar um objeto que permite ao proprietário tirar coisas de sonhos. O Greywaren. Como você sabe, esse é você.

Ele sentiu certa emoção com a palavra *Greywaren.*

Sim, sou eu.

Calla acrescentou:

— E, inacreditavelmente, caberá ao *seu* charme convencer o sr. Cinzento a ter piedade de você.

Ele sorriu terrivelmente para ela. Ela sorriu terrivelmente de volta. Ambos os sorrisos diziam: *Saquei você.*

Não havia nenhuma parte de Ronan que estivesse surpresa com aquela notícia. Parte dele, ele percebeu, estava surpresa que isso levara tanto tempo. Ele sentia que era sua responsabilidade provocá-la: haviam-lhe dito para não voltar à Barns, e ele voltara. Seu pai lhe havia dito para não contar para ninguém sobre seus sonhos, e ele contara. Uma a uma, ele estava violando todas as regras da sua vida.

É claro que alguém estava olhando. É claro que eles o haviam encontrado.

— Ele não é o único que está procurando — disse Blue subitamente. — É? Por isso todos esses arrombamentos. — De maneira bastante inacreditável, ela tirou um canivete de mola rosa para pontuar sua declaração. Aquela faquinha era o aspecto mais chocante a respeito da conversa até o momento.

— Temo que não — respondeu Maura.

Assaltantes, pensou Ronan imediatamente.

Gansey disse:

— Eles são...

Ronan o interrompeu:

— Foi ele que bateu no meu irmão? Eu devia lhe comprar um cartão se foi ele.

— Isso importa? — perguntou Maura, quase ao mesmo tempo em que Calla perguntou: — Você acha que o seu irmão contou alguma coisa para alguém?

— Tenho certeza que sim — disse Ronan sombriamente. — Mas não se preocupe. Nada do que ele contou é verdade.

Gansey assumiu o controle. Em sua voz, Ronan podia ouvir o alívio de que ele sabia o suficiente a respeito da situação para realmente fazê-lo. Ele

perguntou se o sr. Cinzento realmente queria raptar Ronan, se o patrão dele sabia que o Greywaren estava definitivamente em Henrietta, se os outros que andavam pela cidade também sabiam. Finalmente, ele perguntou: — O que vai acontecer com o sr. Cinzento se ele não voltar com algo?

Maura apertou os lábios.

— Vamos apenas usar *morte* como uma versão curta das consequências.

Calla acrescentou:

— Mas, para fins de tomada de decisão, presuma que vai ser pior do que isso.

Blue murmurou:

— Ele pode levar Joseph Kavinsky.

— Se eles levarem aquele outro garoto — disse Calla —, vão voltar para buscar a cobra. — E acenou com o queixo na direção de Ronan. Então seus olhos piscaram na direção de Maura.

O Homem Cinzento estava parado no vão da porta atrás de Maura, com a maleta cinzenta em uma mão e a jaqueta cinzenta na outra. Ele largou as duas no chão e se endireitou.

Houve aquele silêncio pesado que às vezes acontece quando um assassino de aluguel entra em um aposento.

Era contra a natureza de Ronan parecer excessivamente interessado em qualquer coisa, mas ele não conseguia parar de encarar o Homem Cinzento. Era o homem da Barns, o homem que havia pegado a caixa quebra-cabeça. Ele jamais usaria as palavras *assassino de aluguel* para ele. Para Ronan, um assassino de aluguel era algo mais. Um segurança de boate. Um levantador de pesos. Um herói de filmes de ação. Aquele predador desconfiado não era nada disso. Sua constituição não impressionava, pura cinética despretensiosa, mas seus olhos...

Ronan estava subitamente temeroso dele. Ele temia o Homem Cinzento da mesma maneira que ele temia os horrores noturnos. Porque eles o tinham matado antes, e o matariam de novo, e ele se lembrava precisamente da dor de cada morte. Ele sentiu o temor em seu peito, e no rosto, e na nuca. Agudo e pungente, como uma chave de roda.

Motosserra escalou para o ombro de Ronan e se encolheu, com os olhos fixos no Homem Cinzento. Grasnou estridentemente, apenas uma

vez.

De sua parte, o Homem Cinzento encarou de volta, com uma expressão cautelosa. Quanto mais ele olhava para Ronan e Motosserra, mais seu cenho se franzia. E quanto mais ele olhava, mais Gansey se aproximava de Ronan, de maneira quase imperceptível. Em determinado momento, aconteceu de o Homem Cinzento observar o espaço entre os dois em vez de Ronan.

Finalmente, o Homem Cinzento disse:

— Se eu não voltar com o Greywaren no Quatro de Julho, eles vão contar para o meu irmão onde eu estou, e ele vai me matar. E vai fazer isso muito lentamente.

Ronan acreditou nele de uma maneira que não acreditava na maioria das coisas na vida. Era real como uma memória. Aquele homem estranho seria torturado no banheiro de um dos motéis de Henrietta e então seria jogado em um canto e ninguém jamais procuraria por ele.

O Homem Cinzento não precisou contar para nenhum deles como seria mais fácil simplesmente levar Ronan para o seu patrão. E também não precisou contar para nenhum deles como seria simples fazer isso contra a vontade de Ronan. Embora Calla estivesse ao lado da arma dele, que ela tirara do armário — agora Ronan entendia por quê —, Ronan não acreditava nela. Se a questão chegasse a eles contra o sr. Cinzento, ele achava que o sr. Cinzento venceria.

Era como ouvir os horrores noturnos vindo em seus sonhos. A inevitabilidade daquilo.

Muito delicadamente, Gansey disse:

— Por favor.

Maura suspirou.

— Irmãos — disse o Homem Cinzento. Ele não se referia a Declan ou a Matthew. No mesmo instante, ele perdeu as forças. — Eu não gosto de pássaros.

Então, após um momento:

— Não sou um sequestrador.

Maura lançou um olhar bastante significativo para Calla, que fingiu não ver.

— Você tem certeza que o seu irmão vai ser capaz de te encontrar? — perguntou Gansey.

— Tenho certeza que não vou poder voltar para casa novamente — disse o Homem Cinzento. — Eu não tenho muitas coisas lá, mas meus livros... Eu teria que viver me mudando por um tempo. Levei anos para despistá-lo antes. E, mesmo se eu for embora, isso não vai impedir os outros. Eles estão rastreando as anormalidades de energia em Henrietta, e, nesse instante, elas apontam diretamente para ele. — O Homem Cinzento olhou para Ronan.

Gansey, que parecera consternado com a ideia de que o Homem Cinzento tivesse de abandonar seus livros, franziu ainda mais o cenho.

— Você poderia sonhar um Greywaren? — Blue perguntou a Ronan.

— Não vou dar isso a mais ninguém — rosnou Ronan. Ele sabia que devia ser mais gentil, afinal eles estavam tentando ajudá-lo. — Isso está matando a linha ley. Vocês querem ver o Noah de novo? *Eu* vou parar.

Mas o Kavinsky não. Seria como ficar parado do lado de um alvo gigante.

— Você pode mentir — sugeriu Calla. — Dê algo a eles e diga que é o Greywaren. Então deixe eles pensarem que não são inteligentes o bastante para descobrir como fazê-lo funcionar.

— Meu chefe — disse o Homem Cinzento — não é um homem compreensivo. Se um dia ele descobrisse ou suspeitasse de uma armadilha, ficaria muito feio para todos nós.

— O que eles fariam comigo? — perguntou Ronan. *Com o Kavinsky?* — Se você me entregasse?

— Não — disse Gansey, como se estivesse respondendo a uma questão inteiramente diferente.

— Não — concordou o Homem Cinzento.

— Não diga *não* — insistiu Ronan. — Me conte, cacete. Eu não disse que ia fazer nada. Só quero saber.

O Homem Cinzento levou a maleta até a mesa, depois a abriu e colocou a arma que estava dentro em cima das calças caprichosamente dobradas. Então a fechou.

— Ele não está interessado em pessoas, está interessado em coisas. Ele vai encontrar a coisa que faz você funcionar e vai tirar essa coisa de você. Ele vai colocá-la numa caixa de vidro com um rótulo, e, quando os convidados dele tiverem bebido vinho suficiente, vai levá-los lá embaixo,

onde você estiver, e vai mostrar para eles aquela coisa que estava dentro de você. E então eles vão admirar as outras coisas, nas outras caixas ao seu lado.

Ao ver que Ronan não se intimidou — o Homem Cinzento não tinha como saber que Ronan preferiria fazer quase tudo, menos se intimidar —, ele continuou: — É possível que ele abrisse uma exceção para você. Algo como te colocar inteiro na caixa de vidro. Ele é um curador. Ele faz o que for preciso pela coleção dele.

Ronan ainda assim não se intimidou.

O Homem Cinzento disse:

— Ele me mandou matar o seu pai da maneira mais suja possível e deixar o corpo onde o seu irmão mais velho o encontrasse. Para que ele confessasse onde estava o Greywaren.

Por um momento, Ronan não se mexeu. Ele levou todo esse tempo para perceber que o Homem Cinzento havia matado Niall Lynch. A mente de Ronan estava perfeitamente vazia. Então ele fez o que precisava ser feito: se jogou sobre o Homem Cinzento. Motosserra foi lançada para cima.

— Ronan! — gritaram aproximadamente três vozes ao mesmo tempo.

O Homem Cinzento soltou um pequeno *uf* com a ferocidade do impacto. Três ou quatro socos o atingiram. Era difícil dizer se aquilo ocorrera pela habilidade de Ronan ou pela permissividade do Homem Cinzento. Então o Homem Cinzento jogou Ronan suavemente sobre a mesa do café da manhã.

— *Sr... Cinzento!* — gritou Maura, esquecendo seu nome falso no calor do momento.

Motosserra se lançou com tudo na direção do rosto do Homem Cinzento. Quando ele baixou os olhos para ela, Ronan acertou o estômago do Homem Cinzento. Ele conseguiu de alguma maneira incluir diversos palavrões no golpe. Tentando se equilibrar, o Homem Cinzento bateu a nuca contra o batente da porta atrás de si.

— Você *só* pode estar brincando! — Era Calla. — Ei, você! *O bonito!* — Ela esquecera o nome de Gansey no calor do momento. — Pare ele!

— Acho que isso é justificado — respondeu Gansey.

O Homem Cinzento tinha a cabeça de Ronan em uma gravata indiferente.

— Eu compreendo — ele disse a Ronan. — Mas não foi pessoal.

— Foi. Para. Mim.

Ronan enfiou um punho em um dos joelhos do Homem Cinzento e o outro caprichosamente em seus testículos. O Homem Cinzento o largou. O piso subiu e acertou a têmpora de Ronan de maneira bastante abrupta. Houve uma pausa, preenchida apenas com o ruído de duas pessoas ofegantes.

Com a voz abafada pelo azulejo pressionado contra o rosto, Ronan disse: — Não importa o que você fizer por mim, eu nunca vou te perdoar.

Dobrado ao meio, o Homem Cinzento se apoiou no batente da porta. Ele respirava com dificuldade.

— Eles nunca perdoam.

Ronan se levantou com dificuldade. Blue entregou Motosserra para ele. O Homem Cinzento ficou de pé. Maura lhe passou a jaqueta.

O Homem Cinzento limpou a mão na calça. Ele olhou para Motosserra e então disse: — No Quatro de Julho, a não ser que eu pense em uma ideia melhor, vou ligar para o meu chefe e dizer a ele que estou com o Greywaren.

Todos olharam para ele.

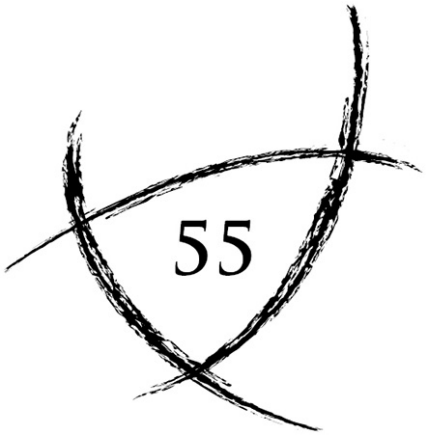
— E então — disse o Homem Cinzento —, direi que vou ficar com ele para mim e que ele não pode tê-lo.

Houve uma longa, longa pausa.

— E depois? — perguntou Maura.

O Homem Cinzento olhou para ela.

— Eu corro.



Adam dirigiu o carro tricolor até o mais próximo que conseguiu chegar do campo onde Cabeswater costumava estar e, quando não pôde mais avançar, o estacionou no campo e começou a caminhar. Antes, quando ele estivera ali com os outros, eles haviam usado o GPS e o leitor de frequência eletromagnética para encontrar Cabeswater. Adam não precisava disso agora. *Ele* era o detector. Se ele se concentrasse, podia sentir a linha lá longe, abaixo dele. Ela crepitava e bruxuleava, despojada e irregular. Estendendo as mãos para frente, com as palmas para baixo, Adam caminhava lentamente através da relva alta, seguindo a energia vacilante. Gafanhotos se catapultavam para fora do seu caminho. Ele observava os pés por causa das cobras. Acima, o céu escaldante deu lugar a nuvens de tempestade no horizonte a oeste. Ele não estava preocupado com a chuva, mas com os raios... *raios*.

Na realidade, os raios poderiam ser úteis. Ele fez uma nota para se lembrar disso, mais tarde.

Então olhou de relance para a linha de árvores à sua direita. Elas ainda não tinham começado a virar as folhas. Ele tinha algumas horas antes da

tempestade, de qualquer maneira. Ele correu os dedos pelos caules.

Fazia muito tempo que ele não se sentia assim — como se pudesse dedicar os pensamentos a outra coisa além de quando poderia dormir. Como se sua mente fosse um enorme turbilhão faminto. Como se qualquer coisa fosse possível, se ele apenas se atirasse nela com vontade. Era assim que havia se sentido antes de se decidir a ir para a Aglionby.

Mundo, estou chegando.

Ele lamentou não ter levado um baralho de cartas de tarô da Rua Fox, 300. Algo que Cabeswater pudesse usar para se comunicar mais facilmente com ele. Talvez mais tarde ele pudesse voltar para buscar. Agora... parecia mais urgente retornar para o lugar onde a linha ley era mais forte.

Eu serei suas mãos. Eu serei seus olhos.

Essa era a barganha que ele havia feito. E, em troca, ele podia sentir Cabeswater nele mesmo. Cabeswater não podia lhe oferecer olhos ou mãos. Mas isso era algo mais. Algo que ele quis nomear *vida* ou *alma* ou *conhecimento.*

Era um tipo antigo de poder.

Adam se distanciou mais e mais debaixo das nuvens de tempestade roxas cada vez maiores. Algo nele dizia *ahhh* e *ahhh* e *ahhh* de novo, aliviado repetidas vezes, e então ele era Adam novamente, Adam e algo mais, e estava sozinho e não precisava se preocupar em machucar ou desejar mais ninguém.

Ele caminhou pelo regato minúsculo que costumava levar a Cabeswater e que agora levava a somente mais campo. Ajoelhado, passou as mãos no fio de água. Não havia ninguém para vê-lo, mas ele sorriu de qualquer maneira, um sorriso cada vez maior. Porque a primeira vez que eles haviam estado naquele regato, Gansey estava segurando um leitor de frequência eletromagnética sobre a água e observando as luzes vermelhas que piscavam. Ele ficara tão empolgado com aquelas luzes — eles tinham encontrado algo, a máquina lhes havia dito que eles tinham encontrado algo!

E agora Adam o sentiu em suas mãos. Ele o sentiu em sua espinha. Ele podia *vê-lo* mapeado em seu cérebro. A linha ley viajava abaixo dele, ondas de energia, mas se desviava ali, submersa e conduzida através da

água, viajando para cima, para a superfície. Era apenas um pequeno regato, apenas uma pequena rachadura no leito de rocha firme, apenas um pequeno vazamento.

Trovões ribombavam, lembrando a Adam da passagem do tempo. Ele se endireitou e seguiu o regato na direção da nascente, através do campo cada vez mais alto. A linha ley se fortaleceu dentro dele, acelerando o seu coração, mas ele seguiu em frente. Cabeswater não estava ali agora, mas sua memória de caminhar através dela pela primeira vez era quase tão clara quanto experimentá-la novamente. Fora ali que eles precisaram escalar entre duas rochas para seguir o regato. Ali onde as árvores começavam a crescer em diâmetro, os grandes nós das raízes irrompendo do solo da floresta. Ali onde o musgo forrava os troncos.

E ali havia o pequeno lago e a árvore dos sonhos. O primeiro lugar em que Cabeswater havia se transformado para Gansey, e o primeiro lugar em que a magia havia verdadeiramente se manifestado para todos eles.

Ele hesitou. A visão da árvore dos sonhos gravada na mente. Gansey no chão, morrendo. Ronan, furioso de pesar, cuspindo as palavras em Adam: *Está feliz agora, Adam? Era isso que você queria, não era?*

Isso não aconteceria agora. Ele havia mudado o futuro. Ele havia escolhido uma maneira diferente.

Trovões rolavam e estouravam ao longe. Com uma respiração profunda para criar coragem, Adam abriu caminho através da relva para onde a árvore dos sonhos estivera... estaria... ainda estava? Nenhuma visão lhe ocorreu, mas ele sentiu o pico de energia da linha ley debaixo dos seus pés.

Sim, era ali que ele precisava estar. Agachando-se, ele abriu a relva e pressionou as palmas contra o solo. Estava quente, como um corpo vivo. Ele fechou os olhos.

Adam sentiu o curso da linha ley estendendo-se para cada lado dele. Centenas de quilômetros para um lado, centenas de quilômetros para o outro. Havia explosões estelares distantes onde a linha cruzava com outras linhas, e, por um momento, ele ficou deslumbrado com elas. Com a possibilidade de maravilhas sem fim. Glendower era milagre suficiente, mas, se havia um milagre em cada linha que ele sentia, eram milagres

suficientes para uma vida inteira, se ao menos você tivesse paciência para procurar.

Ah, Gansey, ele pensou subitamente. Porque Gansey tivera paciência para procurar. E porque as coisas queriam que Gansey as encontrasse. Ele devia estar ali agora.

Não. Não funcionaria desse jeito se ele estivesse aqui. Você precisa estar sozinho para isso.

Adam tirou sua atenção de Gansey e daquelas interseções e se concentrou apenas na linha ley abaixo dele. Ele correu ao longo dela, seguindo os picos e os vales de energia. Ali ela jorrava através de um rio subterrâneo. Escapava através de um leito de rocha firme sacudido por um terremoto. Estourava através de um poço. Explodia através de um transformador.

Não era de espantar que ela estivesse tão extenuada pelos sonhos. Era um cabo desgastado, a energia vazando em uma centena de pontos diferentes.

— Eu a sinto — ele sussurrou.

O vento sibilava através da relva em torno dele. Adam abriu os olhos.

Se ele pudesse reparar aqueles pontos, como a fita de um eletricista sobre um cabo, poderia torná-la forte o suficiente para trazer Cabeswater de volta.

Adam se levantou. Ele se sentia bem por ter identificado o problema. Essa sempre fora a parte mais difícil. Com um motor, com a escola, com a vida. Soluções eram fáceis, desde que você soubesse o que estava atrapalhando.

Cabeswater murmurou urgentemente. As vozes fizeram cócegas dentro dele e crepitaram no canto dos olhos.

Espere, ele pensou. Adam queria as cartas. Algo para concentrar os pensamentos no que Cabeswater estava tentando dizer. *Não vou ser capaz de compreender. Espere até que eu possa compreender.*

Quando ele olhou para trás, colina abaixo, viu uma mulher se aproximando. Ele protegeu os olhos com a mão. Em um primeiro momento, Adam achou que era uma das manifestações de Cabeswater. Certamente ela parecia fantástica e imaginária daquela distância — um

grande cúmulo-nimbo de cabelo, um manto cinza, botas que subiam até o alto das pernas.

Mas então ele viu que ela tinha uma sombra e forma e massa, e que estava ligeiramente sem fôlego.

Persephone escalou até onde ele estava e então parou com as mãos nos quadris. Ela se virou em um círculo lento, recuperando o fôlego.

— Por que você está aqui? — ele lhe perguntou. Ela estava ali para levá-lo de volta? Para dizer que ele estava errado em ter tanta certeza?

Ela abriu um largo sorriso, uma expressão infantil, estranhamente travessa. Ele pensou que escárnio cruel havia sido aquela versão do espelho de Persephone, a terrível criatura-criança de seu ritual anterior. Nada parecida com aquele sussurro etéreo de uma pessoa na frente dele agora. Ela abriu o zíper da bolsa-borboleta e tirou um saco de seda preto de dentro. Era o tipo de tecido que você queria tocar, macio, cintilante e levíssimo. Parecia a única coisa dentro da bolsa.

— Você partiu, Adam, antes que eu pudesse lhe dar isto — ela disse, oferecendo a sacola de seda menor.

Ele a aceitou, sentindo seu peso. O que quer que estivesse dentro, era algo vagamente quente, como se, assim como a colina, estivesse vivo.

— O que é isso?

Após perguntar, Adam pensou subitamente em como ela tomara o cuidado de dizer seu nome havia pouco. Poderia não querer dizer nada. Mas parecia que ela estava tentando lembrá-lo do que se tratava.

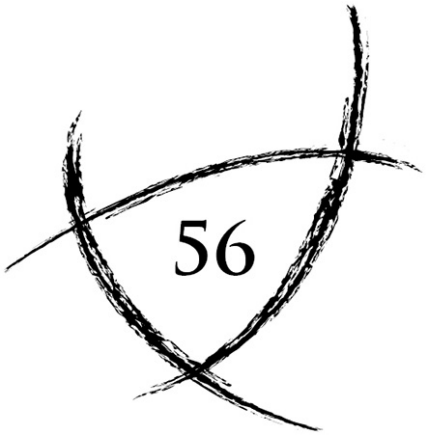
Adam. Adam Parrish.

Ele escorregou o conteúdo da sacola na outra mão. Uma palavra saltou à sua frente.

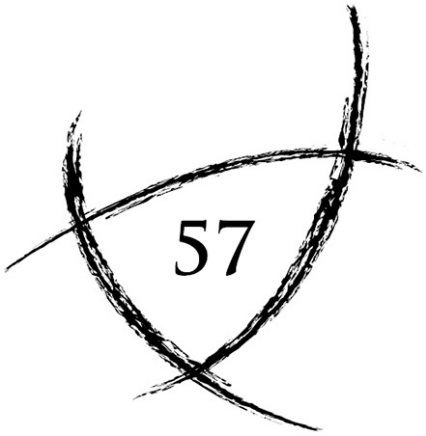
Mago.

Persephone disse:

— Minhas cartas de tarô.



ei Lynch não deixei aquele carro lá para ele ficar parado enquanto você chupa o III



O Homem Cinzento fez o checkout da Pousada Vale Aprazível e colocou a mala junto à porta, do lado de dentro do quarto de Maura. Ele não a desfez. Não faltava muito para o Quatro de Julho. Não fazia sentido.

— Recite um pouco de poesia, e eu lhe preparo um drinque — disse Calla.

— *Our hearts must grow resolute, our courage more valiant, our spirits must be great, though our strength grows less.*[1]

Então ele a recitou no inglês arcaico original.

Calla lhe preparou um drinque.

Maura fez algo com manteiga, e Calla fez algo com bacon, e Blue cozinhou brócolis no vapor para se proteger. No resto da casa, Jimi se preparou para o turno da noite e Orla atendeu a linha de atendimento mediúnico que não parava de tocar. O Homem Cinzento ficou atrapalhando no meio do caminho, tentando ser útil. Ele compreendeu que aquela era uma noite comum na Rua Fox, 300, todo aquele ruído, comoção e desordem. Era um tipo de dança sem sentido, inventiva e confusa. Blue e

Maura tinham a própria órbita; Maura e Calla, outra. Ele observou os pés de Maura circularem sobre o chão da cozinha.

Era o oposto de tudo que ele havia cultivado nos últimos cinco anos.

Como ele gostaria de ficar.

Essa não é uma vida para o que você é, ele disse para si mesmo.

Mas, naquela noite, ele fingiria.

No jantar, Calla disse:

— Então, e agora? — Ela só estava comendo os pratos que tinham bacon.

Blue, que só estava comendo brócolis, respondeu: — Acho que precisamos encontrar uma maneira de fazer Joseph Kavinsky parar de sonhar.

— Bem — perguntou Maura. — O que ele quer?

Blue deu de ombros por detrás de sua montanha de brócolis.

— O que um viciado em drogas quer? Nada.

Maura franziu o cenho sobre seu prato de manteiga.

— Às vezes tudo.

— De qualquer maneira — respondeu Blue —, não consigo ver como podemos oferecer isso.

O Homem Cinzento intercedeu educadamente.

— Eu posso conversar com ele hoje à noite por vocês.

Blue enfiou a faca em um pedaço de brócolis.

— Parece uma ótima ideia.

Maura a olhou severamente.

— O que ela quis dizer foi não, obrigada.

— Não — disse Blue, com o cenho franzido. — Eu quis dizer aquilo mesmo, e você poderia fazer ele se sentir um inútil também?

— Blue Sargent! — Maura parecia chocada. — Eu não criei você para ser violenta!

Calla, que havia inalado bacon enquanto ria, se agarrou à mesa até parar de engasgar.

— Não — disse Blue perigosamente. — Mas às vezes coisas ruins acontecem com crianças boas.

O Homem Cinzento achou divertido.

— A oferta é válida até minha partida.

O telefone tocou. No andar de cima, eles ouviram o som de Orla procurando-o desesperadamente. Com um sorriso divertido, Maura pegou a extensão do andar de baixo e ouviu por um momento.

— Que ideia excelente. *Vai ser* mais difícil rastreá-lo — Maura disse ao telefone. Para a mesa, disse: — O Gansey tem um Mitsubishi que o sr. Cinzento pode pegar em vez do carro alugado. Ah, ele diz que na realidade foi ideia do Ronan.

O gesto animou o Homem Cinzento consideravelmente. A realidade de sua fuga era muito mais difícil do que ele admitira a qualquer uma delas. Havia um carro para se preocupar, dinheiro para a comida, dinheiro para a gasolina. Ele havia deixado uma panela suja na pia em sua casa em Massachusetts, e pensaria nela para sempre.

Ajudaria se ele não precisasse roubar o Desapontamento Champanhe. O Homem Cinzento tinha um dom para o roubo de carros, mas desejava a simplicidade.

Ao telefone, Maura disse:

— Não... não. O Adam não está aqui. Acho que ele está com a Persephone. Tenho certeza que ele está bem. Você quer falar com a Blue? Não...?

Blue baixou a cabeça para o prato e enfiou a faca em outro pedaço de brócolis.

Maura desligou o telefone e olhou estreitamente para ela.

— Vocês dois brigaram de novo?

Blue sussurrou:

— Ãhã. Com certeza.

— Eu posso levar uma conversa com ele também — ofereceu o Homem Cinzento.

— Não precisa — ela respondeu. — Mas obrigada. Minha mãe não me criou para ser violenta.

— Nem a minha — observou o Homem Cinzento.

Ele comeu brócolis, manteiga e bacon, e Maura comeu manteiga, e Calla comeu bacon.

Foi outra dança confusa para limpar tudo depois do jantar e uma briga pelos chuveiros, pela televisão e por quem ficava com qual cadeira. Maura delicadamente pegou a mão do Homem Cinzento e o levou para o jardim

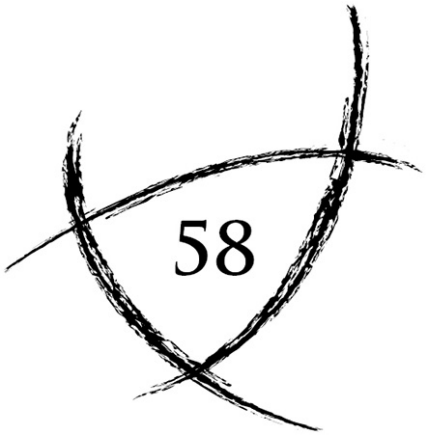
dos fundos. Sob os galhos escuros e frondosos da faia, eles se beijaram até os mosquitos se tornarem implacáveis e a chuva começar a cair.

Mais tarde, quando estavam deitados na cama, o telefone dele vibrou uma chamada e caiu no correio de voz. De certo modo, ele sempre soubera que aquilo terminaria daquele jeito.

— Ei, Dean — disse o irmão. Sua voz era lenta, simpática, paciente. Os irmãos Allen eram parecidos nesse aspecto. — Henrietta é um lugarzinho bacana, não é?

Nota:

1. “Nosso coração precisa ser resoluto, nossa coragem mais valorosa, nosso ânimo deve ser grande, embora nossa força diminua.” Trecho do poema em inglês arcaico “The Battle of Maldon”. (N. do T.)



— Depressa.

Persephone e Adam não conversaram muito durante aquela noite, nem quando o sol agressivo subiu na manhã seguinte, e, quando o faziam, normalmente era essa palavra: *depressa.* Eles já tinham dirigido para uma dezena de outros locais para reparar a linha ley, alguns tão longe quanto duas horas dali, e agora faziam o caminho de volta para Henrietta.

Adam estava ajoelhado ao lado de uma rosa doente em outro jardim de fundos. Suas mãos já sujas pressionadas contra a terra, cavando para encontrar a pedra que ele sabia estar escondida em algum lugar debaixo. Persephone, parada ao lado observando, olhou de relance para a roseira trepadeira do outro lado do jardim.

— Depressa — ela disse uma vez mais. O Quatro de Julho já estava quente e impiedoso. Uma formação de nuvens se movia lentamente por detrás das montanhas, e Adam já sabia como o dia se desenrolaria: o calor aumentaria cada vez mais, até estourar na cacofonia de outra tempestade de verão.

Raios.

Os dedos de Adam encontraram a pedra. Era a mesma situação em toda falha na linha: uma pedra ou um corpo d'água que confundia e desviava a direção da linha ley. Às vezes Adam tinha apenas de virar uma pedra para sentir a linha ley encaixar imediatamente de novo, simples como um interruptor de luz. Outras vezes, no entanto, ele tinha de experimentar movendo mais pedras na área, ou removendo uma pedra inteiramente, ou cavando uma trincheira para redirecionar um regato. Às vezes, nem ele nem Persephone conseguiam entender o que eles precisavam fazer, e então abriam uma ou duas cartas de tarô. Persephone o ajudava a ver o que as cartas estavam tentando dizer. *Três de paus*: construa uma ponte sobre o regato com essas três pedras. *Sete de espadas*: apenas desenterre a maior pedra e a coloque no carro tricolor.

Para Adam, usar as cartas de tarô era como aprender latim, no começo. Ele dançava à beira daquele momento em que compreenderia as frases sem precisar traduzir cada palavra.

Ele se sentia exausto e desperto, eufórico e ansioso.

Depressa.

O que é que tornava aquelas pedras especiais? Ele não sabia. Não ainda. De certa maneira, eram como as pedras em Stonehenge e Castlerigg. Havia alguma coisa nelas conduzindo a força da linha ley e consumindo sua energia.

— Adam — disse Persephone de novo. Não havia nenhum sinal de carro, mas ela franziu o cenho para a estrada. Seus dedos estavam sujos como os dele; seu manto cinza delicado estava manchado. Ela parecia uma boneca escavada de um lixão. — Depressa.

Aquela pedra era maior do que eles esperavam. Trinta centímetros de largura, talvez, e vai saber a profundidade. Não havia como chegar até ela sem cavoucar a rosa. Com pressa, ele pegou uma pá ao lado dele. Adam escavou a terra, arrancou a rosa deformada e a jogou de lado. Suas palmas suavam.

— Desculpe — sugeriu Persephone.

— O quê?

Ela murmurou:

— Você deve pedir desculpa quando mata algo.

Ele levou um momento para perceber que ela se referia à rosa.

— Ela estava morrendo de qualquer maneira.

— *Morrendo* e *morta* são palavras diferentes.

Envergonhado, Adam murmurou um pedido de desculpas antes de enfiar a ponta da pá debaixo da pedra. Ela se soltou. Persephone virou um olhar questionador para ele.

— Vamos pegar essa — ele disse imediatamente. Ela anuiu. A pedra foi para o banco de trás com as outras.

Eles haviam acabado de tomar o caminho de volta quando outro carro entrou no acesso que eles haviam abandonado instantes atrás.

Perto.

Múltiplas pedras estavam empilhadas no carro tricolor agora, mas aquela última pressionava a consciência de Adam mais que as outras. Seria útil, com os raios, ele pensou. Para... algo. Para concentrar a linha ley em Cabeswater. Para... fazer um portão.

Depressa.

— Por que agora? — ele perguntou para ela. — Por que todas essas partes soltas?

Persephone não tirou os olhos de sua tarefa, que era colocar as cartas sobre o painel. Os desenhos manchados, borrados de tinta, lembravam pensamentos em vez de imagens.

— Não são só partes soltas agora. Isso só ficou mais evidente com a corrente maior passando por ela. Como um cabo. No passado, sacerdotisas teriam cuidado da linha. Mantido ela. Como estamos fazendo agora.

— Como Stonehenge — ele disse.

— Esse é um exemplo muito grande e clichê, sim — ela respondeu ternamente. Persephone olhou de relance para o céu. As nuvens no horizonte haviam se aproximado um pouco desde que ela olhara da última vez; elas ainda estavam brancas, mas começavam a se empilhar umas sobre as outras.

— Eu me pergunto — ele disse, mais para si que para ela — como seria se todas as linhas ley fossem reparadas.

— Acredito que seria um mundo muito diferente, com prioridades muito diferentes.

— Ruim? — ele perguntou. — Um mundo ruim?

Ela olhou para ele.

— Diferente não é ruim, certo? — ele perguntou.

Persephone voltou para suas cartas. *Flap*. Ela virou uma segunda carta.

Eu devia ligar para o trabalho, pensou Adam. Era para ele ir trabalhar naquela noite. Ele nunca havia ligado se dizendo doente. *Eu devia ligar para o Gansey.*

Mas não havia tempo. Eles tinham tantos lugares para ir antes... antes...

Depressa.

Quando eles entraram na rodovia, a atenção de Adam foi desviada por um Mitsubishi branco que rasgava na direção oposta, do outro lado do canteiro. Kavinsky.

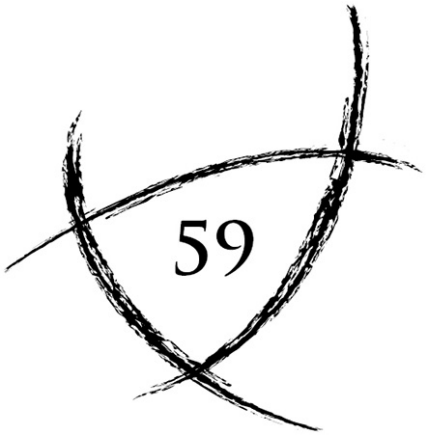
Mas seria Kavinsky atrás da direção? Adam esticou a cabeça para olhar no espelho, mas o outro carro já era um ponto sumindo no horizonte.

Persephone virou a carta. *O Diabo.*

De uma hora para a outra, Adam teve certeza do motivo pelo qual eles estavam com pressa. Ele sabia desde a noite anterior que precisava aperfeiçoar a energia da linha para que Cabeswater reaparecesse. Uma tarefa importante, certamente, mas não uma questão de vida ou morte.

Mas agora ele sabia por que estava com pressa. Eles estavam restaurando a linha ley para Cabeswater. Eles a estavam restaurando *agora* porque Ronan precisaria dela. Naquela noite.

Depressa.



A primeira coisa que Ronan notou na igreja no Quatro de Julho foi que o padre tinha um olho roxo. A segunda coisa foi que Matthew não estava lá. A terceira coisa foi que havia espaço para duas pessoas ao lado de Declan no banco. Todo mundo na Santa Inês sabia que os irmãos Lynch não iam sozinhos à igreja.

Era uma imagem estranhamente desconcertante. Nas primeiras semanas após a morte de Niall, os garotos sempre deixavam espaço para a mãe, como se ela fosse chegar magicamente no meio da celebração.

Estou trabalhando nisso, pensou Ronan, e então expulsou a ideia da cabeça.

Ele estava bastante atrasado para a missa especial; parecia insolência. Quando deslizou no banco ao lado de Declan, uma mulher enrugada e pequena já havia começado a entoar a primeira leitura. Era uma passagem que Ronan costumava adorar quando criança — *dessa eu tenho orgulho.* O atraso de Ronan ocorrera porque ele tinha ido com Gansey pegar o Homem Cinzento na locadora de veículos. Os garotos haviam dado a ele o Mitsubishi e, em troca, Ronan recebera a caixa quebra-cabeça de volta. Parecia uma troca justa. Uma coisa de sonho por uma coisa de sonho.

Declan olhou bruscamente para Ronan e sibilou: — Cadê o Matthew?

— Eu é que pergunto.

Os fiéis no banco atrás sussurraram sugestivamente.

— Você não veio no domingo. — A voz de Declan tinha o peso de uma acusação. — E o Matthew disse que você nem explicou.

Ronan teve de admitir culposamente que aquilo era verdade. Ele estivera deitado no capô de um Camaro inventado e nem lhe ocorrera que dia era. Então ele percebeu o que Declan estava insinuando — que, possivelmente, Matthew estava se vingando de Ronan com seu próprio desaparecimento não anunciado. Embora fosse verdade que induzir Ronan a uma visita sozinho à igreja com Declan teria sido uma punição excelente, isso não tinha a assinatura de Matthew.

— Ah, por favor — sussurrou Ronan. — Ele não é tão esperto.

Declan pareceu chocado e venenoso. Ele ficava sempre muito alarmado com a verdade.

— Você ligou para ele? — perguntou Ronan.

— Não está atendendo. — Declan semicerrou os olhos, como se o fato de Matthew deixar de atender o telefone fosse uma doença que o irmão mais novo pegara de Ronan.

— Você o viu hoje de manhã?

— Vi.

Ronan deu de ombros.

— Ele não é de faltar — disse Declan.

A declaração inversa estava implícita: *Diferentemente de você.*

— Até que ele falta.

— Tudo isso é culpa sua — disse Declan contendo a voz. Seus olhos dardejaram para o banco vazio ao lado de Ronan e então para o padre. — Eu disse para você ficar de boca fechada. Eu disse para você ficar de cabeça baixa. Por que você não pode simplesmente fazer o que lhe mandam uma vez na vida?

Alguém chutou o banco deles por trás. Pareceu a Ronan um ato extremamente não católico. Ele olhou sobre o ombro, elegante e perigoso, e ergueu uma sobrancelha para o homem de meia-idade sentado atrás dele. E esperou. O homem baixou os olhos.

Declan cutucou o braço do irmão.

— Ronan.

— Pare de agir como se você soubesse de tudo.

— Ah, eu sei o suficiente. Eu sei exatamente o que você é.

Houve uma época que essa declaração teria gotejado através de Ronan como veneno. Agora, ele não tinha tempo para isso. No plano relativo das coisas, a opinião de seu irmão era minimamente importante. Na realidade, Ronan só estava ali por causa de Matthew e, sem ele ali, não havia razão para ficar. Ele escorregou para fora do banco.

— Ronan — sussurrou Declan ferozmente. — Aonde você vai?

Ronan levou um dedo aos lábios. Um sorriso se abriu de cada lado da boca.

Declan apenas balançou a cabeça, fazendo um gesto como se tivesse simplesmente *largado mão* de Ronan. E isso, é claro, era outra mentira, porque ele nunca largava mão de Ronan. Mas, naquele momento, os dezoito anos e a liberdade pareciam muito mais próximos que antes, e aquilo não tinha importância.

Enquanto Ronan empurrava as portas grandes e pesadas da igreja — as mesmas pelas quais ele passara com a recém-sonhada Motosserra —, pegou o celular e ligou para Matthew.

A ligação caiu no correio de voz.

Ronan não acreditou naquilo. Ele entrou no BMW para voltar para a Monmouth e ligou de novo.

Correio de voz.

Ele não conseguia deixar para lá. Não sabia por quê. A questão não era que Matthew nunca abandonava o celular. E não era bem que Matthew nunca abandonava a igreja, especialmente numa missa de feriado.

Era o rosto do Homem Cinzento e o padre machucado e o mundo virado de cabeça para baixo.

Ele arrancou e partiu para o centro escaldante da cidade, dirigindo com o joelho. Ligou de novo. Correio de voz.

Isso não parecia certo.

Quando ele entrou no estacionamento da Monmouth, chegou uma mensagem, vinda do número de Matthew.

Finalmente.

Ronan puxou o freio de mão, desligou o carro e olhou para a tela.

qual é fdp

Aquilo não era típico de seu irmão mais novo. Antes que ele tivesse tempo de considerar a resposta, chegou uma mensagem do número de Kavinsky também.

qual é fdp

Algo doentio revirou dentro de Ronan.

Um momento mais tarde, Kavinsky enviou outra mensagem.

traga algo divertido para o 4 de julho ou vamos ver qual pílula funciona melhor no seu irmão Sem esperar, Ronan pegou o celular e ligou para ele.

Kavinsky atendeu imediatamente:

— Lynch, que prazer.

Ronan demandou:

— Onde ele está?

— Quer saber, eu fui legal das primeiras vezes. Você vem para o Quatro de Julho? Você vem? Você vem? Aqui, fique com a porra desse carro. Você vem? *Você* estragou tudo. Traga algo que valha a pena hoje à noite.

— Não vou fazer isso — disse Ronan.

Mil pesadelos de Matthew morto. Sangue em seus cabelos cacheados, sangue em seus dentes, moscas em seus olhos, moscas em suas tripas.

— Ah — disse Kavinsky, com aquela risada lenta e desprezível na voz. — Acho que vai sim. Ou eu vou tentar coisas diferentes nele. Ele pode ser meu encerramento hoje. *Bum!* Você quer ver algo explodir...

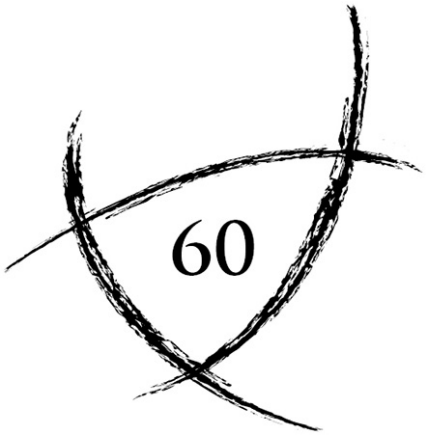
Ronan virou a chave e soltou o freio de mão. A porta da Monmouth se abriu e Gansey estava parado ali, uma mão erguida, fazendo uma pergunta.

— Você não vai se safar dessa.

— Eu me safei com o querido papai — observou Kavinsky. — E com o Prokopenko. E, sem querer ofender o seu irmão, eles eram muito mais complicados.

— Jogada errada. Eu vou acabar com você.

— Não me decepcione, Lynch.



Gansey chegou como um raio na Rua Fox, 300, bem antes da tempestade. Ele não bateu. Simplesmente surgiu do nada enquanto Blue desamarrava os tênis, voltando do bico que fazia como passeadora de cães.

— Jane? — ele chamou. O estômago dela se revirou. — *Blue!*

E assim Blue sabia que algo estava realmente errado.

Ronan surgiu como um foguete atrás dele, e, se ela não tivesse percebido por intermédio de Gansey, teria percebido por intermédio de Ronan. Ele tinha os olhos arregalados como um animal numa armadilha. Quando parou, Ronan pousou a mão no batente da porta e correu os dedos nele.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

Eles lhe contaram.

Imediatamente, ela os acompanhou até o desfile do Quatro de Julho, onde eles procuraram sem sucesso por Maura ou Calla. Passaram de carro pela casa de Kavinsky e a encontraram vazia. Então, com o cair da tarde, Blue os levou até a pista de corrida de Henrietta — o local da festa anual de Quatro de Julho de Kavinsky. Parecia impossível que nem Gansey nem Ronan jamais tivessem participado dela. Impossível que Blue, aluna da

velha e ordinária Escola Mountain View, tivesse uma informação a respeito de Kavinsky que eles não tinham. Mas talvez essa parte de Joseph Kavinsky não fosse nem um pouco Aglionby.

A festa de Quatro de Julho de Kavinsky era infame.

Dois anos antes, ele supostamente levara um tanque de verdade para o encerramento com fogos de artifício. Estamos falando de um tanque verde-oliva em tamanho natural com caracteres russos pintados nas laterais. Era um rumor, é claro, e seguiu sendo um rumor, porque o fim da história foi que ele explodiu o tanque. Blue conhecia um aluno do terceiro ano que alegava ter um pedaço de metal que caíra dele.

Três anos antes, um aluno do segundo ano de uma escola a três condados dali havia sofrido uma overdose de algo que o hospital nunca tinha visto antes. Não foi a overdose que impressionou as pessoas, no entanto. Foi que o Kavinsky de quinze anos já era capaz de atrair garotos que moravam a quarenta e cinco minutos dali. Estatisticamente, você provavelmente não morreria na festa de Kavinsky.

Todos os anos, havia dúzias de carros esperando para ser fustigados na pista de corrida. Ninguém sabia quem os fornecia ou para onde eram levados depois. Não importava se você tinha carteira de motorista. Tudo que você precisava saber era pisar em um acelerador.

No ano passado, Kavinsky supostamente lançara um fogo de artifício tão alto no ar que a CIA fora até a casa dele para interrogá-lo. Blue achava essa história um tanto suspeita. Certamente teria sido o Departamento de Segurança Interna, não a CIA.

Este ano, duas ambulâncias e quatro policiais estacionaram a meio quilômetro da pista de corrida. Próximos o suficiente para estarem lá a tempo. Não próximos o suficiente para assistirem às disputas.

Kavinsky era intocável.

A pista de corrida — um campo longo e empoeirado aberto nas colinas que a cercavam — já estava cheia quando eles chegaram. Churrasqueiras enchiam o ar com cheiro de carvão e de salsichas esquecidas. Não havia sinal de álcool. Tampouco dos carros infames que supostamente encheriam a pista mais tarde. Havia um velho Mustang e um Pontiac se enfrentando, lançando borracha e poeira para cima enquanto os espectadores os estimulavam, mas as disputas pareciam demasiadamente tranquilas e de brincadeira. Havia adultos ali, e garotos menores. Ronan encarou uma

garota que segurava um balão como se ela fosse uma criatura desconcertante.

Aquilo não era realmente o que eles esperavam.

Gansey estava parado na terra, olhando ao redor, em dúvida.

— Você tem certeza que isso é do Kavinsky?

— É cedo — disse Blue. Ela mesma olhou ao redor. Estava dividida entre querer ser reconhecida por alguém da escola e não querer ser vista andando por aí com garotos da Aglionby.

— Ele não pode estar aqui — disse Ronan. — Você deve estar errada.

— Eu não sei se ele está ainda — disparou Blue —, mas este é o lugar. Este é sempre o lugar.

Ronan olhou feio para um dos alto-falantes. Estava tocando algo que Blue achava que se chamava yacht rock. Ele estava mais tenso pelo momento. As pessoas arrastavam seus filhos pequenos para longe de seu caminho.

— A Jane diz que este é o lugar — insistiu Gansey. — Então este é o lugar. Vamos fazer um estudo.

Eles fizeram um estudo. Enquanto as sombras da tarde se alongavam, eles abriam caminho pela multidão e perguntavam por Kavinsky, sem deixar de olhar atrás dos prédios na extremidade da pista. Eles não o encontraram, mas, quando a tarde evoluiu para a noite, o caráter da festa subitamente mudou. Os garotos mais novos foram os primeiros a desaparecer. Então os adultos começaram a ir, substituídos por alunos do terceiro ano ou caras da faculdade. Copos de plástico vermelhos começaram a aparecer. O yacht rock ficou mais sombrio, profundo, sujo.

O Mustang e o Pontiac desapareceram. Uma garota ofereceu uma pílula a Blue.

— Eu tenho mais — ela disse.

Os nervos, súbitos e crestantes, queimavam ao longo da pele de Blue. Ela balançou a cabeça.

— Não, obrigada.

Quando a garota ofereceu a Gansey, ele apenas a encarou por um minuto a mais, sem perceber que estava sendo rude até ser tarde demais. Aquilo estava tão distante do cenário de Richard Gansey que ele não sabia o que dizer.

E então Ronan deu um peteleco na pílula na mão da garota e a substância voou longe. Ela cuspiu no rosto dele e caiu fora.

Ronan se virou em um círculo lento.

— Cadê você, seu canalha?

Os holofotes se acenderam.

A multidão rugiu.

De cima, os alto-falantes cuspiam em espanhol. O baixo rimbombava através das botas de Blue. Trovões de verdade resmungavam no céu.

Os motores subiram a rotação lá em cima, e a multidão recuou para deixar os carros passarem. Todas as mãos estavam para cima, saltando, dançando, celebrando. Alguém gritou:

— Deus abençoe a *América*!

Dez Mitsubishis brancos entraram na pista de corrida. Eram idênticos: grades negras escancaradas, o desenho de uma faca rasgada entalhado nas laterais, aerofólios gigantes. Mas um deles arrancou na pista à frente dos outros, então deu um cavalo de pau para deslizar, levantando uma nuvem enorme de poeira. Ele ficou escondido na nuvem, e não se via nada a não ser os faróis atravessando o pó fino.

— É ele — disse Ronan, empurrando os adolescentes à sua frente para abrir caminho.

— Lynch — disse Gansey. — *Ronan!* Espera!

Mas ele já estava a vários metros de distância, caminhando direto para o carro solitário. O pó havia baixado e Kavinsky era visível, de pé sobre o capô.

— *Vamos queimar alguma coisa!* — gritou Kavinsky. E estalou os dedos, apontando. Houve um silvo e um gemido, e subitamente o primeiro fogo de artifício da noite subiu em espiral na direção do céu azul e caótico bem acima dos holofotes. Ele riu, alto e fora de si. — Fodam-se todos vocês! — Ele disse algo mais, que se perdeu na música ascendente. O baixo abafou as palavras.

— Não estou gostando disso — gritou Gansey no ouvido de Blue.

Mas não tinha outro jeito.

Eles alcançaram Ronan bem quando ele chegou em Kavinsky, que agora estava parado ao lado da porta aberta do carro. Qualquer que tenha sido o diálogo inicial, foi desagradável.

— Ah, olha só — desdenhou Kavinsky, os olhos encontrando Blue e Gansey. — É o papai. Dick, que parceira estranhamente hétero você tem aqui hoje. O Lynch anda tendo problemas de desempenho?

Ronan pegou Kavinsky pela garganta e, dessa vez, Blue não achou desagradável. Outro fogo de artifício gritou noite adentro. Raios o cruzaram em arco.

— Onde ele está? — rosnou Ronan. Mal eram palavras.

Kavinsky parecia ligeiramente despreocupado. Ele gesticulou na direção do carro atrás dele, e então na direção de outro, e de outro. Com um tom um pouco estrangulado, disse:

— Naquele carro. Ou naquele. Ou naquele. Ou naquele. Você sabe como são essas coisas. São todos parecidos.

Ele acertou Ronan no estômago. Com a respiração entrecortada, Ronan o soltou.

— Eis a questão, Lynch — disse Kavinsky. — Quando eu disse *comigo* ou *contra mim*, não achei que você fosse escolher contra mim.

Blue deu um salto para frente enquanto um dos Mitsubishis passava voando atrás dela, o motor rugindo alto, a fumaça revoando. Ela já estava pensando o que eles teriam de fazer para revistar todos eles. Para manter um registro dos carros que eles já haviam parado e conferido. Eram todos idênticos, com a mesma placa da Virgínia: LADRÃO.

— Mas, de certa maneira — acrescentou Kavinsky —, é melhor assim. Você sabe como eu gosto de ver as coisas explodirem.

— Eu quero meu irmão — disse Ronan.

— Primeiro — disse Kavinsky, abrindo a palma e revelando uma pílula verde —, salve a sua vida. Já volto, querida.

Então jogou a pílula na língua.

Ele caiu de joelhos em um segundo, curvado contra o carro. Blue e Gansey apenas encararam a forma dobrada de Kavinsky, sem compreender o que se passava. Suas veias eram estradas elevadas nos braços, o pulso na mandíbula seguia a cadência do baixo.

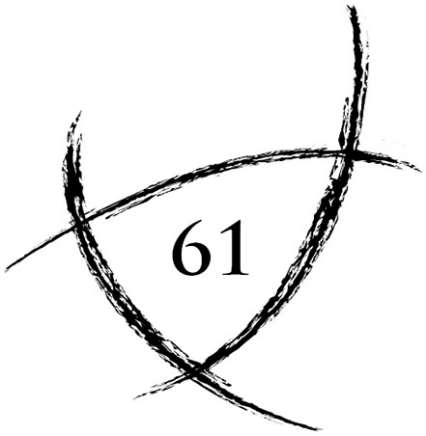
— Merda — disse Ronan, mergulhando no carro, escancarando o console central e revirando o conteúdo. Ele encontrou o que estava procurando: outra pílula verde. — Merda, merda.

— O que está acontecendo? — demandou Blue.

— Ele está sonhando — disse Ronan. — Vai saber o que ele vai pegar. Nada de bom. *Merda*, Kavinsky!

— A gente pode pará-lo? — perguntou Gansey.

— Só se você matar o cara — respondeu Ronan, enfiando a pílula na boca. — Peguem o Matthew e caiam fora daqui.



Ronan se lançou para dentro do sonho. Quando pousou, cotovelos sangrando arranhados no chão de terra, Kavinsky já estava lá, afundado nas urzes, cobrindo o rosto. As árvores que Ronan conhecia tão bem o estavam atacando, garras de galhos. Algo a respeito de Kavinsky tinha a cor errada, ou outra coisa, em comparação à mata à sua volta. Era como se o sonho o pintasse um usurpador.

— Acho que o nosso lugar secreto é o mesmo — disse Kavinsky. E abriu um largo sorriso. Seu rosto estava estriado, com arranhões finos de espinhos.

— Você não parece um grande ladrão hoje — disse Ronan.

— Algumas noites — disse Kavinsky, todo dentes — você simplesmente pega o que quer. Essa coisa de consentimento é exagerada.

Os galhos sacudiram sobre os dois. Raios ribombaram e caíram, próximos e reais, reais, reais.

— Você não precisa fazer isso — disse Ronan.

— Não tem alternativa, cara.

— Tem a realidade.

Kavinsky riu da palavra.

— Realidade! A realidade é o que as pessoas sonham para você.

— A realidade é onde as pessoas estão — respondeu Ronan, estendendo os braços. — O que tem aqui, K? Nada! Ninguém!

— Só a gente.

Havia uma compreensão pesada naquela declaração, amplificada pelo sonho. *Eu sei o que você é*, Kavinsky dissera.

— Isso não basta — respondeu Ronan.

— Não diga Dick Gansey, cara. Não diga. Ele nunca vai ficar com você. E não me diz que você não corta pra esse lado, cara. Eu estou na sua cabeça.

— Não é isso que o Gansey significa pra mim — disse Ronan.

— Você não disse que não corta pra esse lado.

Ronan ficou em silêncio. Um trovão ribombou sob seus pés.

— Não, eu não disse.

— Isso piora as coisas, cara. Você é realmente só o cachorrinho de estimação dele.

Não havia uma única parte de Ronan que estivesse incomodada com essa declaração. Quando ele pensava em Gansey, pensava na mudança para a Indústria Monmouth, nas noites insones fazendo companhia um ao outro, num verão à procura de um rei, em Gansey pedindo ao Homem Cinzento que poupasse a vida dele. *Irmãos*.

— A vida não é apenas sexo, drogas e carros — disse Ronan.

Kavinsky se pôs de pé. Os espinhos chicotearam suas pernas, afundando em sua calça cargo. Ele encarou Ronan com as pálpebras pesadas, e Ronan pensou em todas as vezes em que olhara através de seu BMW e vira Kavinsky olhando de volta. A emoção ilícita daquilo. A certeza de que Kavinsky não deixava que ninguém lhe dissesse quem ele era.

— A minha é — disse Kavinsky.

Ele olhou para a mata. Então levantou a mão e estalou os dedos, como havia feito para chamar o primeiro fogo de artifício.

A floresta gritou.

Ou o que quer que Kavinsky tivesse manifestado gritou. O som rasgou Ronan até a espinha. Houve um ruído como se alguém batesse palma ao lado de seu ouvido. Uma batida de ar. O que quer que estivesse vindo era enorme.

As árvores tremeluziram e choraram, curvaram-se e piscaram. A já combalida linha ley se esvaiu e escureceu. Não sobrara nada. Kavinsky estava consumindo tudo para criar sua besta de sonhos.

— Você não precisa fazer isso — disse Ronan de novo.

Era uma bola de fogo. Uma explosão em fuga. Um dragão e uma fogueira e um inferno e dentes. A destruição do Mitsubishi transformada numa criatura viva.

Quando a criatura surgiu, abriu a bocarra e gritou para Ronan. Não era um ruído que ele tivesse ouvido antes. Era como o sibilar rugido do fogo apagado com água. Faíscas choveram sobre os ombros de Ronan.

Ele podia sentir como a coisa o odiava. Como odiava Kavinsky, também. Como odiava o mundo.

E estava absolutamente faminta.

Kavinsky olhou para Ronan, seus olhos mortos.

— Tente aguentar, Lynch.

Então tanto ele quanto o dragão desapareceram.

Ele havia acordado e o levado consigo.



Depressa.

Se Adam e Persephone já não tivessem estado no ponto de escape de energia final, não o teriam encontrado. Porque ao pararem ali no escuro, olhando para o lago grande e liso feito pelo homem, a linha ley morreu dentro de Adam.

Kavinsky, pensou Adam imediatamente. Ele sabia, do mesmo jeito que um corpo largado sabia que estava caindo. Tanto intelectual quanto fisicamente. Da mesma maneira que estivera tão certo, anteriormente, de que Ronan era a razão para a sua urgência.

E lá estava ela.

Ronan precisava da linha ley. Ele precisava dela *agora*. Não havia mais tempo. Mas a linha ley estava morta e Cabeswater não tinha voz dentro de Adam. Tudo que ele tinha era aquele espelho negro liso de um

lago e um carro cheio de pedras e uma bolsa cheia de cartas que não significavam mais nada para ele.

— O que vamos fazer? — ele perguntou a Persephone. Fogos de artifício gemiam ao longe, tão ameaçadores quanto bombas.

— Bem, *eu* não sei.

Ele lançou uma mão na direção das cartas.

— Você é médium! Não pode olhar nas cartas? Elas não querem dizer nada para mim sem a linha ley!

Trovões ribombaram no céu; raios dardejaram de uma nuvem para outra. A linha ley não chegou nem a vibrar debaixo de Adam. Kavinsky tinha acabado de sonhar algo enorme, e Ronan não tinha nada com que trabalhar.

Persephone disse:

— Você é o Mago ou não é?

— Não sou! — respondeu Adam imediatamente. Não havia nada dentro dele. A linha estava morta, da mesma maneira que tudo que era *outro* dentro dele. — Cabeswater me deixa assim.

Os olhos de Persephone espelhavam a água imóvel ao lado deles.

— O seu poder, Adam, não diz respeito a outras pessoas. Não diz respeito a outras *coisas*.

Adam nunca fora poderoso na vida.

— Ser o Mago não tem a ver com ser poderoso quando você tem coisas e inútil quando não tem — disse Persephone. — O Mago vê o que tem por aí e encontra conexões. Ele pode tornar qualquer coisa mágica.

Ele torceu fervorosamente para que a linha crepitasse para a vida debaixo dele. Se ele pudesse pegar nem que fosse um rabicho dela, poderia reunir pistas para saber como consertar essa última parte. Mas não havia nada na linha ley. Nada.

— Agora — disse Persephone, e sua voz soava bem pequena e suave. — Você é o Mago? Ou não é?

Adam fechou os olhos.

Conexões.

Sua mente voou até as pedras, o lago, as nuvens de tempestade. Raios.

Ele se lembrou, bizarramente, do Camaro. Precisando da bateria apenas para levá-los até em casa.

In indiget homo bateria.

Sim.

Ele abriu os olhos.

— Eu preciso da pedra do carro — ele disse. — Aquela do jardim.

Depressa.



— Adam? — demandou Ronan. — É realmente você?

Porque, subitamente, a paisagem havia mudado. As árvores haviam se movido e tremiam ao lado, e agora havia aquele lago feio feito pelo homem que eles tinham descoberto com Gansey. Adam se agachou ao lado da margem, dispondo as pedras em um padrão complicado. Era o Adam de verdade? Ou era o Adam dos sonhos?

Esse Adam ergueu o olhar bruscamente. Era ele mesmo, e era algo mais.

— Lynch. O que foi que o Kavinsky sonhou?

— Um maldito dragão — disse Ronan. Ele devia acordar. Ele não tinha a menor chance caído no chão lá na festa.

Adam olhou atrás dele e gesticulou freneticamente para alguém.

— O que você está sonhando para derrubá-lo?

Ronan testou o sonho, cuidadosamente. Parecia estendido, fino como um fio de caramelo. Ele não seria capaz de tirar nada dele.

— Nada. Não tem nada aqui.

Persephone correu até Adam, com uma pedra grande e lisa nos braços.

— O que você está fazendo? — perguntou Ronan.

— Consertando a linha — disse Adam. — Comece a fazer alguma coisa. Vou tentar restabelecê-la antes de você terminar.

Ronan ouviu um grito distante. Era de fora de seu sonho. O sono entrava em colapso à sua volta.

— Depressa — aconselhou Persephone.

Adam ergueu o olhar para Ronan.

— Eu sei que foi você — ele disse. — Eu juntei as peças. O aluguel.

Ele sustentou o olhar de Ronan apenas por mais um momento, até que algo dentro de Ronan se soltou e ele quase disse algo. E então Adam deu um salto, pegou a pedra de Persephone e correu para o lado oposto da margem.

— Agora — disse Persephone.

Ronan se virou para as árvores fraquejantes.

— Cabeswater — ele disse —, eu preciso da sua ajuda. Você precisa da minha ajuda.

Ave de rapina, sibilaram as árvores.

Saqueador.

Não havia tempo para isso.

— Não estou aqui para roubar! Você quer se salvar?

Nada.

Maldito Kavinsky.

Ronan gritou:

— Eu não sou ele, tá bom? Não sou como ele. Droga, vocês me conhecem. Não conheceram sempre? Não conheciam meu pai? Nós dois somos Greywarens.

Lá estava a Garota Órfã, finalmente. *Sim.* Ela espiou por detrás de um dos troncos. Se ela pudesse ajudá-lo, ele poderia trazer algo para fora, qualquer coisa. Ele estendeu a mão para ela, mas ela balançou a cabeça.

— *Vos estis unum tantum*.

(*Você é o único.*) Em inglês, ela acrescentou:

— Muitos ladrões. Um Greywaren.

À maneira de um sonho, o conhecimento o invadiu. Muitos conseguiam tornar seus sonhos reais, mas poucos conseguiam falar com o sonho. Ele estava destinado a ser o braço direito de Cabeswater. Ele não sabia?, perguntou Cabeswater — mas não com palavras. Ele não soubera disso sempre?

— Escute, sinto muito — ele disse. — Eu não sabia. Eu não sabia de nada. Tive que descobrir tudo sozinho, e levei um tempo terrivelmente longo, tá bom? Por favor. Não vou conseguir sem você.

Em suas mãos, subitamente, estava a caixa quebra-cabeça. Não parecia um sonho. Ela parecia pesada, fria e real. Ele virou os botões e as rodas até

que se pôde ler *por favor* do lado inglês. Depois a virou para o lado com a língua misteriosa. Aquela, ele sabia agora, não era uma língua dos homens. Era uma língua das árvores. Ele leu: — *T'implora?*

O efeito foi instantâneo. Ele pôde ouvir as folhas se movendo e deslocando em um vento que ele não sentia, e apenas agora ele percebia quantas árvores haviam permanecido *caladas* antes. Murmurando, sussurrando e sibilando em três línguas diferentes, todas elas concordaram: elas o ajudariam.

Ele fechou os olhos, aliviado.

Ficaria tudo bem. Elas lhe dariam uma arma, e ele despertaria e destruiria aquele dragão do Kavinsky antes que qualquer outra coisa acontecesse.

Na escuridão de suas pálpebras fechadas, ele ouviu: *tck-tck-tck-tck.*

Não, pensou Ronan. *Não os horrores noturnos.*

Mas havia o estrépito de suas garras. O tagarelar de seu bico.

De sonho para pesadelo, simples assim.

Não havia medo de verdade, apenas apreensão. Expectativa. Levara tanto tempo para matá-lo em um sonho.

— Isso não vai ajudar — ele disse às árvores. Ele se ajoelhou, enfiando os dedos na terra solta. Embora Ronan soubesse que não podia se salvar, ele jamais parecia capaz de se convencer a parar de lutar. — Isso não vai salvar ninguém.

As árvores sussurraram:

— *Quemadmodum gladius neminem occidit; occidentis telum est.*

(*Uma espada nunca mata ninguém; ela é uma ferramenta na mão do assassino.*) Mas os horrores noturnos não eram uma arma que Ronan podia brandir.

— Eu não posso controlá-los! — ele gritou. — Eles só querem me machucar!

Um horror noturno apareceu. Surgiu repentinamente sobre as árvores, bloqueando o céu. Era diferente de qualquer coisa que Ronan tivesse sonhado antes. Três vezes o tamanho dos outros. Cheirando fortemente a amônia. Glacialmente branco. As garras eram amareladas e translúcidas, escurecendo até as pontas vermelhas. Veias róseas sobressaíam nas asas

esfarrapadas. Os olhos albinos vermelhos eram minúsculos e furiosos na cabeça enrugada. E, em vez de um bico feroz, havia dois, lado a lado, gritando em uníssono.

No outro extremo do lago, Adam levantou as mãos, apontando para o céu. Ele era uma versão alienígena de si mesmo. Uma versão em sonho de si mesmo. Um raio atingiu a pedra ao lado dele.

Como um coração, a linha ley retornou à vida em meio a tremores e espasmos.

Cabeswater estava viva.

— *Agora!* — gritou Adam. — Ronan, *agora*!

O horror noturno sibilou um grito.

— É só você — sussurrou a Garota Órfã. Ela estava segurando a mão dele, agachada ao seu lado. — Por que você se odeia?

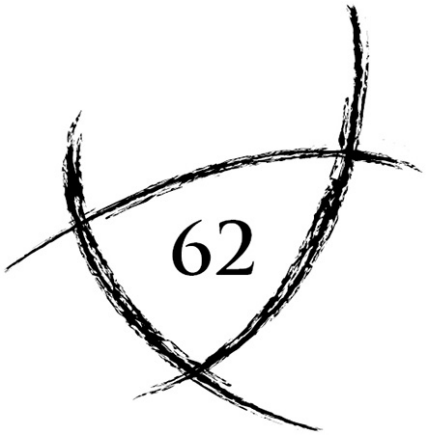
Ronan pensou a respeito.

O horror noturno albino se aproximou, as garras se abrindo.

Ronan se pôs de pé, estendendo o braço, como fazia com Motosserra.

— Eu não me odeio — ele disse.

E acordou.



Exceto por arruinar a vida do Homem Cinzento, o plano dele de levar os outros para fora de Henrietta estava indo excepcionalmente bem. Greenmantle nunca chegara a confiar realmente nele, pois havia imediatamente aceitado a confissão de roubo do Homem Cinzento. Greenmantle havia xingado e ameaçado, mas, na verdade, ele já havia feito a pior coisa que poderia fazer, então suas palavras não tinham força.

E a notícia havia se espalhado rápido, aparentemente. Aqueles faróis lá atrás eram os dois homens que haviam revirado a Pousada Vale Aprazível, ele descobrira. E aqueles faróis atrás deles, calculados e inexoráveis, eram do seu irmão.

Sigam-me, sigam-me.

Por um quilômetro, dois quilômetros, três quilômetros, quinze quilômetros, o Homem Cinzento brincou de pega com os outros dois carros. O carro contendo os outros caçadores de tesouro tentava ser discreto, mas o carro atrás, não. Era por isso que ele sabia que era o seu irmão. Seu irmão sempre queria que Dean soubesse. Fazia parte do jogo.

Meu irmão. Meu irmão. Meu irmão.

Ele se sentira paralisado, em um primeiro momento, sabendo que seu irmão estava tão próximo. Em um primeiro momento, a única maneira que o Homem Cinzento teve para se concentrar na direção era pensar em tudo que ele havia se tornado como Homem Cinzento, em vez de tudo que ele havia sido como Dean Allen. Porque Dean Allen seguia dizendo para ele simplesmente parar o carro e terminar de uma vez com aquilo. *Só vai piorar*, sussurrou Dean Allen em uma voz pequena, *se você o fizer vir atrás de você.*

O Homem Cinzento, por outro lado, disse: *Ele é um gerente de investimentos de trinta e nove anos e, em prol da eficiência, provavelmente deve levar apenas dois tiros na cabeça e ser devolvido para o escritório com um bilhete ambíguo.*

E havia uma terceira parte dele, agora, que não era nem o Homem Cinzento nem Dean Allen, que não estava pensando nem um pouco em seu irmão. Essa parte — talvez fosse o sr. Cinzento — não conseguia deixar de pensar em tudo que ele estava deixando para trás. Os recantos belos e decadentes da cidadezinha, o sorriso largo e desafiador de Maura, a nova trovoada de seu coração que subitamente funcionava. Essa parte dele sentia falta até do Estraga-Prazeres Champanhe.

Os olhos do Homem Cinzento derivaram até o bilhete ainda preso à direção: "Esse é para você. Do jeito que você gosta: rápido e anônimo".

Era um planinho tão brilhante, hábil e simples. Tudo que ele teve de fazer foi abrir mão de tudo. E estava funcionando muito bem, mesmo.

Mas então algo aconteceu.

Não havia nada à volta deles, a não ser árvores, a rodovia e a escuridão, mas subitamente as luzes nas máquinas inativas no banco do passageiro explodiram.

Nem um piscar de luzes. Nem um indício.

Então ele ouviu um estouro na noite. Os faróis atrás dele baixaram enquanto os carros enfiavam os pés nos freios, seus medidores sem dúvida berrando o mesmo que os dele.

Não, pensou o Homem Cinzento. Um daqueles garotos idiotas havia sonhado lá em Henrietta e estragado tudo.

Mas não era isso.

Porque as leituras estavam sólidas e gritando. Normalmente, a energia tinha um pico no momento da criação do objeto de sonho, e então caía abruptamente. Mas os medidores ainda estavam lá em cima. E seguiram assim, apesar de o Homem Cinzento se dirigir para fora de Henrietta a cento e dez quilômetros por hora.

Atrás do Homem Cinzento, o primeiro carro vacilou. Eles duvidavam da história do Homem Cinzento, talvez. Presumindo, como o Homem Cinzento, que outra pessoa estivesse usando o Greywaren.

Mas, quanto mais as luzes piscavam e os alertas sonoros continuavam, mais óbvio ficava que aquilo não era coisa do Greywaren. Não apenas as leituras eram constantes, como vinham de toda parte. E tinha de ser a linha que Maura havia falado a respeito. Algo havia acontecido a ela, e agora ela estava viva, jogando essas leituras de energia para o espaço.

O carro atrás dele ainda o seguia, mas lentamente. Eles tinham acesso às mesmas leituras que o Homem Cinzento — e estavam confusos.

Aos poucos, o Homem Cinzento se deu conta de uma coisa. Enquanto a linha ley estivesse criando leituras tão dramáticas, o Greywaren estaria invisível. Um pico de energia não seria notado naquela confusão.

O que significava que Henrietta não precisava se preocupar com mais caçadores vindo atrás do Greywaren. Ninguém podia usar aquelas leituras para apontar a localização exata de coisa alguma, a não ser a linha. Isso significava que, se o Homem Cinzento pudesse se livrar de alguma maneira daquele bando de caçadores de tesouros, havia apenas uma razão para ele fugir de Henrietta.

Seu irmão.



Ronan havia criado aquele horror noturno para lutar contra o dragão de Kavinsky, e eles realmente lutaram.

As criaturas ganharam altura céu negro adentro, rosnando uma para a outra. Fogos de artifício passavam por elas, iluminando suas escamas. A multidão, bêbada, chapada, impressionável e desejosa de ver um espetáculo, gritou seu apoio.

No chão, Ronan e Kavinsky recostaram a cabeça, observando o que tinham feito.

As criaturas eram belas e terríveis. Fagulhas caíam delas em cascata à medida que as garras e o fogo se encontravam. Um grito oscilante como um fogo de artifício escapou do horror noturno.

Para cima, para cima, para cima, noite adentro. Os olhos de Ronan dardejaram através da multidão. Gansey e Blue haviam tomado caminhos diferentes, e ele os viu agora escancarando as portas de Mitsubishis, procurando por Matthew. Os carros estavam todos parados enquanto todos olhavam os dragões. Não havia muitos carros. Gansey e Blue o encontrariam. Tudo ficaria bem.

Mas então o dragão de fogo de Kavinsky se afastou do horror noturno. Ele encolheu os antebraços gasosos e mergulhou. Com um estrondo sibilante, colidiu com um dos holofotes. O impacto não teve efeito sobre o dragão, mas a estrutura veio abaixo. Gritos chocados pontuavam o ar; a estrutura caiu como uma árvore.

O rosto de Kavinsky estava iluminado. Ele ficou de pé num salto enquanto o dragão de fogo se lançava contra mais um dos holofotes. Chamas queimavam e se dissipavam. A lâmpada explodiu.

O horror noturno de Ronan mergulhou do céu, agarrando-se ao dragão de fogo. Por um momento, os dois atingiram o chão, rolando pela terra, e então estavam no ar de novo.

Ninguém estava realmente com medo. Por que eles não estavam com medo?

Era magia, mas ninguém acreditava que era.

A música ainda tocava alto. Os carros ainda estavam rodando. Havia dragões lutando acima deles, e isso era apenas mais uma festa.

O dragão de fogo deu um grito, o mesmo grito horrível de antes. Ele acelerou na direção de onde estavam Ronan e Kavinsky, perto do carro.

— Pare ele — disse Ronan.

Os olhos de Kavinsky ainda estavam grudados no dragão.

— Não tem como parar ele agora, Lynch.

O seu dragão furioso girou, as asas estendidas. Rasgando a pista de corrida de fora a fora, ele arrastou consigo uma extensão de chamas na terra, saltando do teto de um dos Mitsubishis no final. Quando suas garras

guincharam no metal, o carro explodiu em chamas. O dragão se lançou ao ar. O movimento virou o carro atrás dele, fácil como um brinquedo.

Matthew?

Do outro lado da pista, Gansey acenou os braços acima da cabeça, balançando-a, chamando a atenção de Ronan. Não naquele.

— Me diz em qual carro está o meu irmão — disse Ronan.

— Num carro branco.

O dragão preparou uma investida. Ele estava se preparando para dar mais um mergulho. Era curioso, realmente, como Ronan conseguia ver claramente seus olhos daquela altura tão grande. Ele tinha olhos terríveis. Não que fossem vazios, mas, ao olhar através de todas as chamas e a fumaça e mais chamas, você podia ver que bem no fundo deles havia realmente apenas mais fumaça e chamas.

Houve um silêncio na multidão.

Naquele silêncio, a risada de Kavinsky era mais alta do que qualquer coisa.

Um único grito partiu da multidão. O tipo de ruído experimental, que tentava decidir se agora, finalmente, o medo era a resposta correta.

Quando o horror noturno de Ronan voou na direção do dragão de fogo, o monstro de Kavinsky encolheu as pernas vaporosas no corpo. Uma nuvem de enxofre saiu de sua boca. Mortal como câncer. Como radiação. Ele tinha dentes, mas eram irrelevantes.

Kavinsky estalou os dedos. Outro fogo de artifício foi lançado, manchando um caminho reluzente entre as duas criaturas. Ele explodiu acima delas como uma flor tóxica.

O horror noturno se lançou contra o dragão de fogo. Os dois bateram no chão, rolando na direção da multidão. Agora havia gritos enquanto as pessoas saltavam para fora do caminho. As duas criaturas escalaram com suas garras sobre outro Mitsubishi. Para o ar. De volta ao chão.

— Ronan!

A voz de Blue chegou até ele, aguda e fina. Ela havia olhado em outro Mitsubishi — nada ainda de Matthew. A multidão ainda estava se dispersando — em algum lugar, uma sirene uivou. Havia tanto fogo. Era como se o dragão de Kavinsky estivesse lentamente refazendo o mundo em sua própria imagem. A maioria dos holofotes havia sido apagada, mas

a pista de corrida estava mais iluminada do que antes. Cada carro uma lanterna.

O dragão de fogo se lançou na direção de Gansey e Blue.

Ronan não precisou gritar para o seu horror noturno. Ele sabia o que Ronan queria. Ele queria exatamente o que Ronan queria.

Salve-os.

O horror noturno se emaranhou nas asas do dragão de fogo. As duas criaturas passaram voando bem próximas de Gansey e Blue.

Gansey gritou:

— *Faça alguma coisa!*

Ronan podia matar Kavinsky. Se ele parasse Kavinsky, o dragão pararia. Mas uma coisa era saber essa solução. Outra, muito diferente, era olhar para Kavinsky, os braços estendidos sobre a cabeça, o fogo nos olhos, e pensar: *Eu poderia matá-lo.*

E, mais importante, não era *verdade.*

Ronan não poderia matá-lo.

— Tudo bem — ele rosnou, agarrando o braço de Kavinsky —, estamos quites. Onde está o meu irmão? *Chega.* Onde ele está?

Kavinsky gesticulou com a mão livre na direção do Mitsubishi ao lado deles.

— Ele é todo seu! Você não entendeu o que eu queria *demonstrar*, cara. Tudo que eu queria era *isso*...

Ele gesticulou para o dragão e para o horror noturno rolando no chão.

Soltando-o, Ronan chegou com dificuldade até o carro. Ele abriu a porta de trás. Estava vazia.

— Ele não está aqui!

— *Bum!* — gritou Kavinsky. Outro carro tinha ido para os ares. As chamas eram gloriosas e barulhentas, subindo do carro como nuvens de tempestade. Quando Ronan bateu a porta, Kavinsky subiu no capô do Mitsubishi. Ele tremia em êxtase.

Levando uma mão ao peito côncavo, ele pegou os óculos escuros brancos do bolso de trás com a outra. Ele os colocou, escondendo os olhos. As lentes espelhavam a fornalha à volta deles.

Do lado oposto da faixa, o dragão de fogo lançou seu grito terrível novamente. Ele se desvencilhou do horror noturno.

A criatura se virou diretamente na direção deles.

E, subitamente, Ronan viu a cena. Ele viu como cada carro queimava, com exceção daquele. Como o dragão havia destruído cada um dos objetos de sonho de Kavinsky ali na pista. Como agora ele se lançava sobre eles, um frenesi de destruição. O horror noturno voou atrás dele, menos gracioso, uma poeira de cinzas jogada em um vento nuclear.

Ele ouviu batidas surdas. Mal dava para ouvi-las sobre o caos.

Matthew estava no porta-malas.

Ronan deu a volta no carro como um raio — não, não, isso não estava certo, ele precisava abrir o porta-malas do lado de dentro do carro. Ele dardejou um olhar para o dragão, que voava diretamente para eles, de maneira intencional e maldosa.

Tateando a porta do motorista, ele deu o comando para abrir o porta-malas. Enquanto corria para dar a volta no carro, Ronan viu Matthew chutar o porta-malas e o abrir até o fim. Rolando para fora, seu irmão mais novo tropeçou como se estivesse bêbado, a mão apoiada no carro para se equilibrar.

Ronan podia sentir o cheiro do dragão de fogo, todo carbono e enxofre.

Ele mergulhou na direção do irmão, o arrastou para longe do carro e gritou para Kavinsky:

— Abaixe!

Mas Kavinsky não desviou o olhar das duas criaturas. Ele disse:

— O mundo é um pesadelo.

O horror abriu caminho com suas garras para dentro de Ronan. Era precisamente o sentimento que ele tivera quando percebera que Kavinsky ia explodir o Mitsubishi na festa de embalo.

A poeira subiu em um redemoinho das asas do dragão.

Furioso, Ronan gritou:

— Abaixe, seu canalha!

Kavinsky não respondeu.

Houve aquele *uff* que ele ouviu no sonho, aquela batida de asas no ar. Como uma explosão tomando todo o oxigênio de um aposento.

Ronan cobriu Matthew com os braços e baixou a cabeça dele.

Um segundo mais tarde, o dragão de fogo explodiu em Kavinsky. Passou direto por ele, em torno dele, chamas em torno de um objeto. Kavinsky caiu. Não como se tivesse sido atingido, no entanto. Do mesmo jeito que acontecera quando ele tomara a pílula verde. Ele desabou sobre os joelhos e caiu desajeitadamente ao lado do carro.

A poucos metros dali, o dragão de fogo tombou na terra, imóvel.

Non mortem, somni fratrem.

Do outro lado da pista, um dos Mitsubishis, ainda em chamas, bateu ruidosamente em um prédio. Ronan não precisava ver o motorista para saber que era Prokopenko. Apagado.

O que significava que Kavinsky estava morto.

Mas ele estivera morrendo desde que Ronan o conhecera. Ambos haviam estado.

A morte é um efeito colateral chato.

Os óculos escuros brancos estavam caídos na poeira ao lado do dedo do pé de Ronan. Ele não os pegou. Apenas segurou Matthew firme sem querer deixá-lo ir ainda. Seu cérebro continuava a repassar a imagem de Matthew saindo do porta-malas, o fogo atingindo o carro, Kavinsky caindo...

Ele tivera tantos pesadelos de algo acontecendo com o irmão.

Acima deles, o horror noturno albino batia as asas. Matthew e Ronan o encararam.

Tck-tck-tck-tck.

Ambos os bicos chilreavam. Era uma coisa pavorosa, aquele horror noturno, impossível de compreender, mas Ronan estava cansado de ter medo. Não sobrara mais nenhum.

Com um estremecimento, Matthew pressionou o rosto no ombro do irmão, confiante como uma criança. Ele sussurrou, a voz embaralhada:

— O que é isso?

O horror noturno mal se controlou enquanto observava seu criador. Ele levantou voo batendo as asas, girando duas ou três vezes enquanto o fazia. Ele seguiria noite adentro — para onde, era impossível dizer.

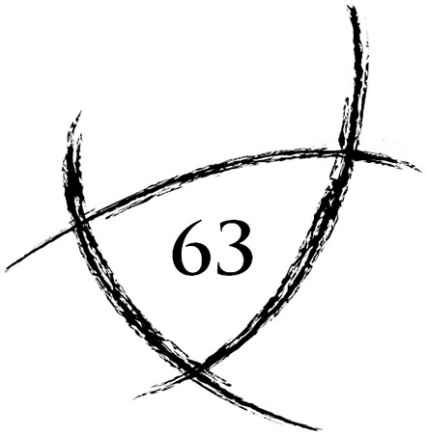
— Está tudo bem — disse Ronan.

Matthew acreditou nele; por que não deveria? Ronan jamais mentia. Ele ergueu o olhar sobre a cabeça de Matthew enquanto Gansey e Blue iam

na direção deles. Sirenes uivavam próximas; luzes azuis e vermelhas giravam pela poeira como luzes em um clube. De uma hora para a outra, Ronan se sentia insuportavelmente contente de ver Gansey e Blue se juntarem a ele. Por alguma razão, embora tivesse chegado com eles, ele tinha a sensação de que estivera sozinho por um longo tempo, e agora não estava mais.

— Aquela coisa. É um dos segredos do papai? — sussurrou Matthew.

— Você vai saber — respondeu Ronan. — Porque eu vou lhe contar todos eles.



O Homem Cinzento não conseguia pensar em uma maneira de se livrar dos outros caçadores de tesouros sem ter de confrontar seu irmão.

Mas isso era impensável.

Ele pensou na carta que Maura havia tirado para ele. O dez de espadas. Absolutamente a pior que ele poderia tirar. Ele havia pensado que isso significava deixar Henrietta para trás, mas agora sabia que, embora isso fosse terrível, não era realmente a pior coisa que poderia lhe acontecer.

A pior coisa sempre fora seu irmão.

Você vai ter que ser corajoso, Maura dissera.

Eu sempre sou corajoso.

Mais corajoso que isso.

Durante muito tempo, seu irmão o tinha assombrado. Implicado com ele e o ridicularizado a centenas de quilômetros de distância, mesmo na época em que o Homem Cinzento estudava, treinava e ficava cada dia mais perigoso. O Homem Cinzento o havia deixado tomar tudo dele.

E o que, realmente, o impedia de enfrentar o irmão agora? Medo? Ele poderia ser mais mortal que o Homem Cinzento? Ele poderia realmente tirar qualquer coisa mais dele?

O Homem Cinzento pensou no sorriso de Maura de novo. E pensou na confusão e no barulho na Rua Fox, 300, na brincadeira brilhante de Blue, no sanduíche de atum no balcão da lanchonete, nas montanhas azuis assombradas o chamando para voltar para casa.

Ele queria ficar.

Persephone havia dado um tapinha no joelho dele. *Eu sei que você vai fazer a coisa certa, sr. Cinzento*.

Enquanto dirigia, o Homem Cinzento estendeu uma mão para o banco de trás e arrastou a mala sobre os medidores de Greenmantle. Dirigindo com uma mão e olhando de relance da estrada lisa de chuva para a mala de tempos em tempos, ele primeiro encontrou seu disco favorito dos Kinks.

Ele colocou o disco no CD player.

Então o Homem Cinzento tirou a arma que havia escondido no armário da cozinha da Pousada Vale Aprazível. Ele conferiu para ter certeza de que Calla não havia tirado inteligentemente todas as balas. Ela não havia.

Ele saiu da pista.

Ele ia ficar. Ou morreria tentando.

No espelho retrovisor, viu dois carros deixando a pista atrás dele. Mais adiante havia duas paradas para caminhoneiros sonolentos — nada representava melhor a exaustão do que as luzes bem acordadas de uma dessas paradas. Ele escolheu a maior.

Ele já conseguia reconhecer a silhueta de seu irmão atrás da direção do carro mais distante. A idade não havia mudado o traço de seu queixo nem o formato de suas orelhas. A idade, conjeturou o Homem Cinzento, não havia mudado muito o seu irmão. O medo fez cócegas em seu estômago.

Através dos alto-falantes, os Kinks confessavam que não queriam mais perambular por aí.

O Homem Cinzento parou ao lado de uma bomba de gasolina.

Eis o que o Homem Cinzento sabia sobre postos de gasolina depois de escurecer: eles eram o melhor e o pior lugar no mundo para matar alguém. Porque ali, entre as bombas, naquele show de luzes da insônia, o Homem Cinzento era quase invencível. Mesmo se houvesse outros carros abastecendo, ele tinha duas câmeras diferentes apontando para ele. E o caixa que monitorava essas câmeras estava a apenas um pânico de distância de um botão de emergência. Somente o mais casual dos

matadores atacaria entre aquelas bombas de gasolina. Matar alguém ali era ser pego.

O irmão do Homem Cinzento não seria pego. Ele era perigoso não por ser imprudente, mas pelo oposto.

E os caçadores de tesouros — eles provavelmente nem eram matadores. Apenas bandidos especializados com uma habilidade para arrombar, invadir, e com tato suficiente para não quebrar algo valioso, uma vez que o encontrassem.

Como esperado, o irmão do Homem Cinzento não parou nem perto das bombas. Em vez disso, parou o carro na escuridão, ao lado da lata de lixo, para esperar.

O outro carro hesitou também, mas o Homem Cinzento baixou a janela, acenou para eles e os chamou. Após uma pausa, eles pararam ao seu lado na outra direção, janela do motorista com janela do motorista.

Eles eram apenas um par de jovens durões, ambos parecendo cansados e frustrados. O que estava no banco do passageiro segurava uma série de equipamentos no colo. O Homem Cinzento viu de relance um mar de embalagens de doces e garrafas de refrigerantes, um cobertor enrolado como uma bola no banco de trás. Então eles andavam morando naquele carro ultimamente. O Homem Cinzento não tinha antipatia alguma por eles, por terem revirado seus aposentos lá na pousada. Provavelmente ele teria feito o mesmo, antes de aprender algumas coisas. Bem, provavelmente não. Mesmo assim, eles não eram tão ruins quanto os dois que ele deixara na mata.

É por isso que você é o melhor, havia dito Greenmantle.

Era verdade. O Homem Cinzento realmente era o melhor.

Estava bastante claro que eles não esperavam que o Homem Cinzento parasse, e, se tivessem esperado, não esperavam vê-lo encostado tranquilamente na janela com os Kinks gritando: *Silly boy, you self-destroyer!*

— Boa noite — disse o Homem Cinzento, cordialmente. O posto cheirava a fritura muito antiga.

— Ei, cara — disse o motorista, um tom apreensivo na voz.

— Vejo que você está me seguindo — disse o Homem Cinzento.

— Ei, cara... — protestou o motorista.

O Homem Cinzento ergueu uma mão delicadamente.

— Não vamos desperdiçar nosso tempo. Eu não tenho o que vocês estão procurando. Eu menti para o meu chefe. Fingi que as leituras estranhas aconteciam por causa do objeto, para que ele continuasse pagando a minha estadia enquanto eu procurava. E então disse para ele que eu tinha encontrado o tal objeto para tentar tirar mais dinheiro dele. O que não funcionou, como vocês podem ver.

Eles o encararam, confusos demais em um primeiro momento para responder imediatamente.

— Ei, cara — disse o motorista uma terceira vez. O passageiro esfregou a mão no rosto e passou o polegar pensativamente sobre os medidores que ainda brilhavam em seu colo. — Como vamos saber que você não está mentindo pra *gente*?

— Por que eu faria isso? — perguntou o Homem Cinzento. E gesticulou na direção do Mitsubishi. — Sejamos honestos. Eu podia ter despistado vocês facilmente com esse carro.

Ele achava, de qualquer forma. Provavelmente. Ele parecia rápido.

Os dois também achavam isso, pelo visto, pois ambos franziram o cenho.

— Escute, só estou parando por uma questão de cortesia profissional — acrescentou o Homem Cinzento. — Posso ver que vocês não estão nesse negócio há tanto tempo quanto eu, mas eu esperaria que vocês fizessem o mesmo para outra pessoa se estivessem no meu lugar. — Ele queria lhes dizer que eles podiam procurar no carro dele, mas isso soaria insistente demais. Culpado demais. Eles achariam que ele o largara em algum lugar.

Mais cenhos franzidos. O sujeito no banco do passageiro disse: — E as leituras?

— Eu já disse. Menti sobre as leituras porque eu sabia que podia levar essa mentira adiante por um tempo. Elas são apenas da falha sísmica. Você pode subir e descer as montanhas de carro se quiser conferir por si mesmo. Ela as segue direitinho.

Eles queriam muito acreditar nele. O Homem Cinzento podia ver em seus olhos injetados, em seus lábios comprimidos. Eles haviam sido mandados à procura de um fantasma, e não havia muitas pessoas além do

Homem Cinzento com paciência para isso. Eles queriam terminar com aquela história, ir atrás de espólios mais concretos.

— Mas o que vamos dizer para o nosso homem?

— Ei, eu é que vou saber? — perguntou o Homem Cinzento. — Sou eu que estou fugindo porque o meu não acreditou em mim.

— Verdade — comentou o sujeito no assento do passageiro. Houve uma pausa, então ele acrescentou: — Preciso mijar.

O Homem Cinzento havia vencido.

— Aqui. Grave o meu número no seu telefone — disse o Homem Cinzento. — Podemos manter contato.

Eles trocaram números. O Passageiro entrou no posto para mijar. O Motorista disse: — Bom, que diabos... Você tem um cigarro?

O Homem Cinzento balançou a cabeça melancolicamente.

— Larguei faz um ano. — Ele nunca fumara.

O Motorista acenou com o queixo na direção de onde o irmão do Homem Cinzento esperava nas sombras. A chuva riscava o raio fraco dos faróis.

— E ele?

— O Metido a Esperto, você quer dizer? Não sei. Acho que vou ter que conversar com ele longe das câmeras.

O Motorista ergueu o olhar rapidamente para onde o Homem Cinzento apontava.

— Ah, cara. Eu nunca nem pensei nelas.

O Homem Cinzento tocou de leve a ponta do nariz. Ele disse: — É uma dica. Tudo bem, vamos manter contato.

— Certo — disse o Motorista. — Ah, ei...

O Homem Cinzento parou de levantar a janela. Ele tentou não prender a respiração.

— Sim?

O Motorista abriu um largo sorriso.

— Gostei da placa.

O Homem Cinzento levou um momento para lembrar qual era.

— Obrigado — ele disse. — Gosto de dizer a verdade quando posso.

Ele fechou a janela e arrancou. Quando fez isso, seu irmão partiu lentamente, também. Era um cupê pequeno, sinuoso, algo que provavelmente pareceria elegante lá em Boston. As luzes formaram listas

sobre o teto do carro enquanto ele arrancava para seguir o Homem Cinzento.

Uma parada de caminhões era o melhor e o pior lugar para matar alguém. Porque, fora as bombas de gasolina cheias de câmeras, havia muitas vezes um estacionamento para motoristas de caminhão cansados dormirem um pouco. Às vezes, havia espaço para somente dez ou quinze caminhões. Às vezes, para vinte ou quarenta. Raramente eles eram iluminados, jamais filmados. Eram apenas jamantas e motoristas exaustos.

Aquela parada tinha uma área de estacionamento enorme, e o Homem Cinzento levou o carro do irmão para o canto mais distante. Ele parou atrás do caminhão mais encardido.

Era chegada a hora.

Era chegada a hora mesmo.

O Homem Cinzento sentiu cada ponta daquelas dez espadas o espetarem.

Cada dia cinzento o queria. Seria mais fácil simplesmente ceder.

Os Kinks cantavam: *Night is as dark as you feel it ought to be.*

O cupê parou ao lado do Mitsubishi branco, lado do motorista para o lado do motorista. E lá estava ele, despretensioso e com uma aparência serena. Ele havia deixado crescer uma barba aparada que de certa maneira enfatizava a curva simpática de suas sobrancelhas grossas. As pessoas sempre achavam que ele tinha um rosto amigável. Havia muita conversa a respeito de os sociopatas terem olhos assustadores, mas não o irmão do Homem Cinzento. Quando precisava passar despercebido, ele era tão afetuoso e tão companheiro quanto você poderia querer. Mesmo agora, sentado ali no cupê com aquele sorriso curvo, ele parecia um herói.

Dean, vamos só experimentar esse lance.

— Bem, irmãozinho — disse o irmão do Homem Cinzento. Ele sabia de longa experiência que apenas sua voz paralisaria o Homem Cinzento. Como uma cobra, isso daria tempo suficiente para ele digerir a sua vítima. — Parece que somos eu e você de novo.

E a voz teve o efeito de sempre: um veneno virulento de memórias. Uma década passou pela cabeça do Homem Cinzento em um instante.

lâmina

corte
incisão

queimadura
perfuração

raspagem

grito

O Homem Cinzento pegou a arma do banco do motorista e atirou no irmão. Duas vezes.

— Na verdade — ele disse — sou só eu.

Ele pegou uma luva da mala e transferiu o bilhete adesivo da sua direção para o interior do carro de seu irmão.

Então aumentou o volume da música, subiu a janela e voltou para a pista.

Ele estava indo para casa.

EPÍLOGO

Um segredo é uma coisa estranha.

Há três tipos de segredos. Um é do tipo que todo mundo conhece, do tipo que precisa de pelo menos duas pessoas. Uma para guardá-lo. Outra para nunca sabê-lo. O segundo é um tipo mais difícil de segredo: aquele que você esconde de si mesmo. Todos os dias, milhares de confissões não são feitas a seus potenciais confessores, e nenhuma dessas pessoas sabe que todos os seus segredos jamais admitidos se resumem às mesmas três palavras: *Estou com medo*.

E então há um terceiro tipo de segredo, do tipo mais escondido. Um segredo que ninguém sabe a respeito. Talvez ele tenha sido conhecido um dia, mas foi levado para o túmulo. Ou talvez seja um mistério inútil, oculto e solitário, perdido porque ninguém o procurou.

Às vezes, algumas raras vezes, um segredo permanece desconhecido porque é algo grande demais para a mente guardar. Estranho demais, vasto demais, aterrorizador demais para ser contemplado.

Todos nós temos segredos na vida. Nós os guardamos ou temos alguns guardados de nós, jogamos ou somos jogados. Segredos e baratas — é o que restará no fim de tudo.

Ronan Lynch vivia com toda sorte de segredos.

Seu primeiro segredo era ele mesmo. Ele era irmão de um mentiroso e irmão de um anjo, filho de um sonho e filho de um sonhador. Ele era uma estrela em guerra cheio de possibilidades infinitas, mas no fim, enquanto

sonhava no banco de trás a caminho da Barns naquela noite, ele criou apenas isto: Artigo 7

Condição adicional

> Com a minha morte, meus filhos terão livre acesso à "Barns", embora não possam retomar residência na propriedade até que todos tenham completado dezoito anos.

Então, quando ele acordou, todos ajudaram a colocar Aurora Lynch no carro. E, em silêncio, dirigiram para as coordenadas de GPS marcadas no diário de Gansey.

Lá estava Cabeswater, completamente restabelecida. Ela se alastrava, misteriosa, familiar e extraordinária, sonhadora e sonhada. Cada árvore, pensou Ronan, era uma voz que ele poderia ter ouvido antes. E lá estava Noah, de ombros caídos, mão erguida em um gesto arrependido. De um lado dele estava Adam, com as mãos nos bolsos, e, do outro, Persephone, com os dedos entrelaçados.

Quando eles passaram com Aurora pelo limite da floresta, ela acordou como uma rosa floresce. E, quando ela sorriu para Ronan, ele pensou: *O Matthew se parece um pouco com ela.*

Ela o abraçou e disse:

— Flores e corvos — porque queria que ele soubesse que ela lembrava.

Então ela abraçou Matthew e disse:

— Meu amor — porque ele era o seu favorito.

Ela não disse nada para Declan, porque ele não estava lá.

O segundo segredo de Ronan era Adam Parrish. Adam estava diferente desde que fizera sua barganha com Cabeswater. Mais forte, mais estranho, mais distante. Era difícil não olhar para as linhas peculiares e elegantes de seu rosto. Ele havia se afastado um pouco enquanto os irmãos reviviam a mãe, e então disse a todos eles: — Eu tenho algo para mostrar a vocês.

Enquanto o amanhecer começava a pintar de rosa a casca das árvores, eles se aprofundavam cada vez mais em Cabeswater.

— O lago pequeno desapareceu — ele disse. — Onde os peixes mudaram de cor para o Gansey. Mas agora...

Ao lado da árvore dos sonhos, o lago havia sido substituído por uma superfície rochosa inclinada e escarpada. Era estriada e talhada com arranhões profundos, e o mais profundo deles cortava a rocha inteira até o chão. A escuridão fria chamava.

— Uma caverna? — perguntou Gansey. — Qual a profundidade dela?

— Não entrei. Não acho que seja segura.

— Qual é o próximo passo então? — perguntou Gansey, desconfiado. Era difícil dizer se ele estava desconfiado de Adam ou da caverna.

Adam disse:

— Deixar ela mais segura.

Ele olhou de relance para Ronan, de cenho franzido, como se sentisse os olhos do amigo nele.

Ronan desviou o olhar.

O terceiro segredo era a própria caverna. Quando eles finalmente voltaram à Rua Fox, 300, o sol já estava alto. Para o espanto de Ronan, um Mitsubishi branco estava estacionado junto ao meio-fio. Por um momento, ele pensou — mas então viu o Homem Cinzento acompanhado de Calla, esperando no primeiro degrau na entrada da casa. Sua presença ali, em vez de a centenas de quilômetros de distância, não era provável, mas não era impossível.

Quando Persephone subiu a escada, Calla disse acusadoramente: — Isso é culpa sua. Você sabia que isso ia acontecer?

Persephone piscou os olhos negros.

— Sr. Cinzento? — perguntou Blue. — Como...

— Não — Calla interrompeu. — Mais tarde. Venham comigo.

Ela os levou para o segundo andar, até o quarto de Maura. Abrindo a porta com um empurrão, Calla os deixou assimilar a vista.

Uma vela estava derretida sobre o tapete. Ao lado dela, em um quadrado de intensa luz do sol, uma tigela de adivinhação havia sido derrubada.

— Quem fez isso? Onde está a minha mãe? — demandou Blue.

Sem dizer uma palavra, Calla lhe passou um bilhete. Todos o leram sobre o ombro de Blue.

Em um rabisco apressado, manchado de água, ele dizia: “Glendower está debaixo da terra. E eu também estou”.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos suspeitos de sempre, mas, particularmente, a Jackson Pearce, sem cuja ajuda este livro literalmente não existiria. A Brenna Yovanoff, pelo início, e a Tessa Gratton, pelo fim.

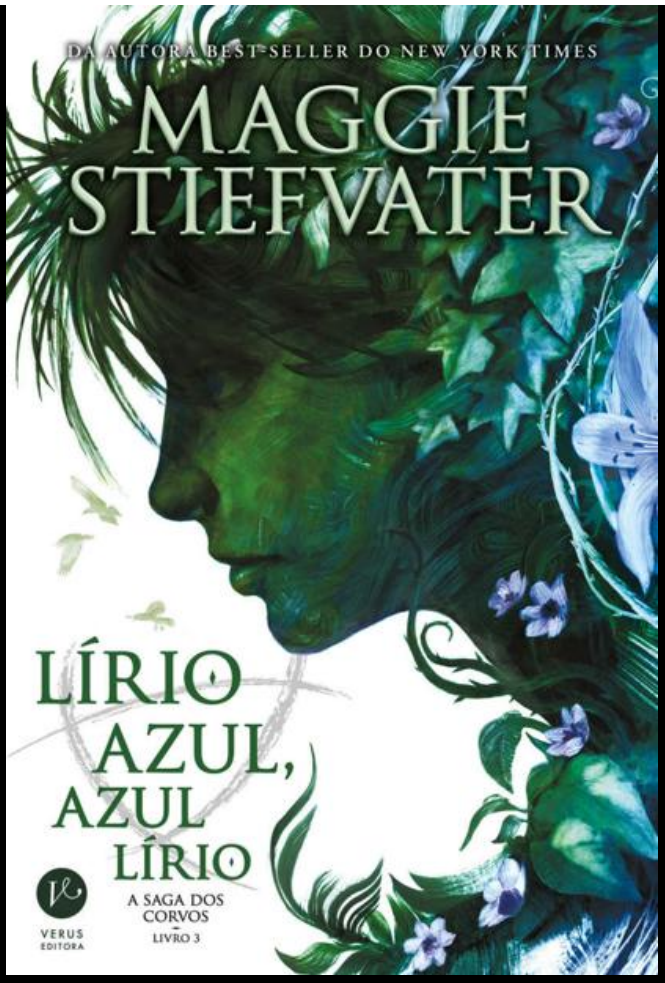
A equipe da Scholastic continua incrível, particularmente David Levithan, sempre tolerante com meus pontos fracos, e Becky Amsel, sempre permitindo meus pontos fracos. Como sempre, um agradecimento especial vai para Rachel Horowitz e Janelle DeLuise, por possibilitarem que eu seja lida mundo afora.

Blue Ridge Mac: você salvou a minha vida no último minuto, não uma vez, mas duas. Não esquecerei isso. Devo uma a todos vocês.

Agente Laura Rennert: você também salvou a minha vida no último minuto, não uma, não duas, mas repetidas vezes. Não esquecerei isso, também. Devo uma para a eternidade.

Como sempre, não sou nada sem a minha família. Pai, obrigada pelos dragões. Mãe, obrigada por horas e horas e horas. Ed, você teve de viver com Kavinsky por catorze meses. Não há como lhe retribuir isso.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


DA AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
MAGGIE STIEFVATER
LÍRIO AZUL, AZUL LÍRIO
A SAGA DOS CORVOS
LIVRO 3
VERUS EDITORA

MAGGIE STIEFVATER



LÍRIO AZUL, AZUL LÍRIO

Tradução
Jorge Ritter

VERUS
EDITORA

Editora: Raïssa Castro **Coordenadora editorial:** Ana Paula Gomes
Copidesque : Maria Lúcia A. Maier **Revisão :** Raquel de Sena Rodrigues Tersi **Capa:** Adaptação da original (© Christopher Stengel) **Ilustrações da capa:** © Adam S. Doyle, 2014
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva **Título original:** *Blue Lily, Lily Blue* ISBN: 978-85-7686-439-4

Copyright © Maggie Stiefvater, 2014
Todos os direitos reservados.
Edição publicada mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY, 10012, EUA.
Direitos de tradução acordados por Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona – www.uklitag.com.

Tradução © Verus Editora, 2015
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S874L

Stiefvater, Maggie, 1981—

Lírio azul, azul lírio [recurso eletrônico] / Maggie Stiefvater; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2015.

recurso digital (A saga dos corvos; 3)

Tradução de: Blue Lily, Lily Blue Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Wed

ISBN 978-85-7686-439-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série.

15-22047

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Laura, uma das cavaleiras brancas

Procuro o rosto que eu tinha
Antes da criação do mundo.

— WILLIAM BUTLER YEATS,
"Before the World Was Made"

Sejamos gratos ao espelho por nos
revelar somente a nossa aparência.

— SAMUEL BUTLER,
Erewhon

SUMÁRIO

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15

44
45
46
47
48
49
50
51
Epílogo
Colofão

PRÓLOGO

ACIMA

Persephone estava parada no topo deserto da montanha, o vestido marfim de babados batendo em torno das pernas, os cachos fartos do cabelo loiro-claro voando atrás de si. Ela parecia transparente, imaterial, algo soprado por entre as rochas e pega por uma delas. O vento era intenso lá em cima, sem árvore alguma para bloqueá-lo. O mundo abaixo tinha um ar gloriosamente outonal.

Adam Parrish estava ao seu lado com as mãos enfiadas nos bolsos das calças cargo manchadas de graxa. Ele parecia cansado, mas seus olhos estavam claros, melhor do que quando ela o vira pela última vez. Como Persephone só estava interessada em coisas importantes, não considerava a própria idade havia muito tempo, mas lhe chamou a atenção quando olhou para o garoto e viu que ele era bastante *novo*. Aquela expressão bruta, aquela postura jovem e largada dos ombros, o derramamento frenético de energia dentro dele.

Que dia bom está hoje para isso, ela pensou. Estava frio e nublado, sem interferência alguma da força do sol, do calendário lunar ou de uma obra próxima na estrada.

— Este é o caminho dos corpos — ela disse, alinhando o próprio corpo com o caminho invisível. Enquanto o fazia, podia sentir algo dentro de si começando a zunir agradavelmente, uma sensação muito parecida com a satisfação que lhe proporcionava alinhar a lombada de livros em uma prateleira.

— A linha ley — esclareceu Adam.

Ela anuiu serenamente.

— Encontre-a para você.

Ele pisou na linha imediatamente, o rosto virando para mirar ao longo do seu comprimento tão naturalmente quanto uma flor olhando para o sol. Persephone levara um pouco mais de tempo para dominar essa habilidade, mas, diferentemente de seu jovem pupilo, *ela* não havia feito barganha alguma com florestas sobrenaturais. Ela não era dada a barganhas. Projetos em grupo, de modo geral, não eram com ela.

— O que você está vendo? — ela perguntou.

Os olhos dele pestanejaram, os cílios empoeirados repousando sobre as faces. Como ela era Persephone, e porque era um dia bom para isto, ela podia ver o que ele estava vendo. Não era nada relacionado com a linha ley. Era uma confusão de estatuetas espatifadas sobre o chão de uma mansão adorável. Uma

correspondência oficial impressa em um papel de carta do condado. Um amigo tendo uma convulsão aos pés dele.

— Fora de você — Persephone o lembrou suavemente. Ela mesma via tantos eventos e possibilidades ao longo do caminho dos corpos que nenhum acontecimento distinto se destacava. Ela era uma médium muito melhor quando tinha as duas amigas consigo: Calla, para ver o que interessava de suas impressões, e Maura, para contextualizá-las.

Adam parecia ter potencial nesse aspecto, embora fosse novo demais para substituir Maura — não, essa era uma maneira ridícula de colocar a questão, Persephone disse a si mesma, você não *substitui* amigos. Ela lutou para pensar em uma palavra adequada. Não *substituir*.

Resgatar. Sim, é claro, era isso que as pessoas faziam com os amigos. Será que Maura precisava ser resgatada?

Se Maura estivesse ali na montanha, Persephone teria sido capaz de dizê-lo. Mas, se Maura estivesse ali na montanha, Persephone não *precisaria* dizê-lo.

Ela suspirou profundamente.

Ela suspirava muito.

— Eu vejo coisas. — As sobrancelhas de Adam transmitiam concentração ou incerteza. — Mais do

que uma coisa. É como... como os animais na Barns. Eu vejo coisas... dormindo.

— Sonhando — concordou Persephone.

Tão logo ele chamara a atenção dela para os adormecidos, estes passaram para o primeiro plano da consciência de Persephone.

— Três — ela acrescentou.

— Três o quê?

— Três em particular — ela murmurou. — Para serem despertados. Ah, não. Não. Dois. Um não deve ser despertado.

Persephone nunca tivera muito jeito com o conceito de certo e errado. Mas, nesse caso, o terceiro adormecido estava definitivamente *equivocado*.

Por alguns minutos, ela e o garoto — *Adam*, ela lembrou a si mesma; era tão difícil achar que os nomes dados às pessoas no nascimento fossem coisas importantes — ficaram ali, sentindo o curso da linha ley abaixo dos pés. Persephone tentou, delicadamente e sem sucesso, encontrar o fio brilhante da existência de Maura no emaranhado de energia.

Ao lado dela, Adam estava mais uma vez se retraindo para dentro de si, mais interessado, como sempre, naquilo que permanecia incognoscível para ele: a sua própria mente.

— Para fora de você — Persephone o lembrou.

Adam não abriu os olhos. Suas palavras eram tão baixas que o vento quase as destruiu.

— Minha intenção não é ser grosseiro, senhora, mas não sei por que isso é importante.

Persephone não entendia por que ele achara que uma questão tão razoável como aquela pudesse ser deselegante.

— Quando você era bebê, o que fez valer a pena aprender a falar?

— Com quem eu estou aprendendo a me comunicar?

Ela ficou satisfeita ao perceber que ele havia compreendido imediatamente o conceito.

Persephone respondeu:

— Tudo.

NO MEIO

Calla estava espantada com a quantidade de entulho que Maura tinha em seu quarto na Rua Fox, 300, e disse isso a Blue.

Blue não respondeu. Ela separava papéis junto à janela, a cabeça inclinada, pensativa. Desse ângulo, parecia exatamente como sua mãe, compacta, atlética e difícil de derrubar. Ela estava esquisitamente adorável, mesmo com o cabelo escuro preso de qualquer jeito e com uma camiseta que ela atacara com um arado elétrico. Ou talvez por *causa* disso. Quando é que ela ficara bonita e tão crescida? Sem ficar nem um pouco mais alta? Era isso provavelmente o que acontecia com garotas que viviam somente de iogurte.

— Você viu esses? São realmente bons.

Calla não sabia ao certo o que Blue estava olhando, mas acreditava nela. Blue não era o tipo de garota que fizesse falsos elogios, mesmo para sua mãe. Embora fosse gentil, ela não era *boazinha*. Uma coisa boa, também, pois pessoas boazinhas deixavam Calla irritada.

— A sua mãe é uma mulher de muitos talentos — ela resmungou. A bagunça sugava anos de sua vida.

Calla gostava de coisas nas quais se podia confiar: sistemas de organização, meses com trinta e um dias, batom roxo. Maura gostava do caos. — Me exasperar é um deles.

Calla pegou o travesseiro de Maura. As sensações a tomaram de súbito. Ela *sentiu* imediatamente onde o travesseiro havia sido obtido, como Maura o dobrava em uma bola debaixo da nuca, o número de lágrimas derramadas na fronha e o conteúdo de cinco anos de sonhos.

A linha especial mediúnica tocou no quarto ao lado. A concentração de Calla se esvaiu.

— Maldição — ela disse.

Ela era psicômetra — seu mero toque podia muitas vezes revelar tanto a origem do objeto quanto os sentimentos do proprietário. Mas aquele travesseiro fora manuseado tantas vezes que continha memórias demais para separar. Se Maura estivesse ali, Calla teria sido capaz de isolar facilmente as memórias úteis.

Mas, se Maura estivesse ali, ela não teria necessidade de fazer isso.

— Blue, venha aqui.

Blue teatralmente pousou a mão aberta sobre o ombro de Calla. Imediatamente, o talento amplificador natural da garota afiou a capacidade de Calla. Ela viu a esperança de Maura mantendo-a

desperta. Sentiu a impressão do queixo sombreado do sr. Cinzento sobre a fronha do travesseiro. Viu o conteúdo do último sonho de Maura: um lago espelhado e um homem distantemente familiar.

Calla fez uma careta.

Artemus. O ex-amante de Maura, há muito desaparecido.

— Alguma coisa? — perguntou Blue.

— Nada *útil*.

Então Blue retirou imediatamente a mão, consciente de que Calla era capaz de extrair tantos sentimentos de garotas quanto de travesseiros. Mas Calla não precisava de poderes mediúnicos para adivinhar que a expressão sensível e divertida de Blue não batia com o fogo que queimava furiosamente dentro dela. As aulas estavam para começar, o amor estava no ar, e a mãe de Blue havia desaparecido em alguma busca misteriosa mais de um mês antes, deixando atrás de si seu recentemente adquirido namorado assassino. Blue era um furacão pairando um pouco antes da costa.

Ah, Maura! O estômago de Calla se contorceu. *Eu disse para você não ir*.

— Toque naquilo — Blue apontou para uma grande tigela divinatória. Ela estava largada de lado sobre o tapete, intocada desde que Maura a usara.

Calla não dava muito crédito para a divinação, ou para a mágica de espelhos, ou para qualquer coisa que tivesse a ver com bombear o éter misterioso do espaço e do tempo a fim de usá-lo como adubo do outro lado. Tecnicamente, a divinação não era perigosa; era apenas uma meditação em uma superfície espelhada. Mas, na prática, muitas vezes envolvia liberar a alma do corpo. E a alma era uma viajante frágil.

Da última vez em que Calla, Persephone e Maura se meteram com a mágica de espelhos, fizeram a meia-irmã de Maura, Neeve, desaparecer acidentalmente.

Pelo menos Calla nunca gostara de Neeve.

Mas Blue estava certa. A tigela de adivinhação provavelmente continha mais respostas.

— Muito bem. Mas não toque em mim. Não quero deixar isso mais forte do que já é.

Blue ergueu as mãos para cima, como para provar que não tinha nenhuma arma.

Relutantemente, Calla tocou a borda da tigela e a escuridão imediatamente tomou sua visão. Ela estava dormindo, sonhando. Caindo através de uma água escura interminável. Uma versão espelhada dela mesma ascendeu na direção das estrelas. Um metal ferroou sua face. O cabelo grudou no canto da boca.

Onde estava Maura em tudo isso?

Uma voz pouco familiar cantou dentro de sua cabeça, estridente, esquisita e monótona:

Rainhas e reis
Reis e rainhas
Lírio azul, azul lírio
Coroas e pássaros
Espadas e coisas
Lírio azul, azul lírio.

Subitamente, ela se concentrou.

Era Calla novamente.

Agora ela viu o que Maura tinha visto: três adormecidos — um claro, um escuro e um intermediário. O conhecimento de que Artemus estava debaixo da terra. A certeza de que ninguém sairia daquelas cavernas a não ser que fosse buscado. A compreensão de que Blue e seus amigos faziam parte de algo muito maior, algo vasto, que se estendia e despertava lentamente...

— BLUE! — berrou Calla, entendendo o motivo de seus esforços terem sido tão bem-sucedidos.

Com certeza, Blue estava tocando o seu ombro, amplificando tudo.

— Oi.

— Eu *disse* para você não me tocar.

Blue não parecia arrependida.

— O que você viu?

Calla ainda estava presa àquela *outra* consciência. Ela não conseguia se livrar da ideia de que estava se preparando para uma luta que, de alguma forma, ela já havia lutado.

E não conseguia lembrar se havia vencido da última vez.

ABAIXO

Maura Sargent tinha o sentimento inconveniente de que o tempo parara. Não que ele tivesse parado, exatamente. Apenas que havia cessado de avançar da maneira que ela passara a considerar "a maneira normal". Minutos empilhando-se sobre minutos para formar horas, e então dias e semanas.

Ela começava a suspeitar de que o mesmo minuto podia estar se repetindo sem parar.

Isso talvez incomodasse algumas pessoas. Outras, talvez, nem tivessem notado. Mas Maura não era *qualquer pessoa*. Ela começara a sonhar o futuro aos catorze anos. Falara com seu primeiro espírito aos dezesseis. Usara sua visão remota para ver o outro lado do mundo aos dezenove. Tempo e espaço eram banheiras onde Maura se esbaldava.

Então ela sabia que havia coisas impossíveis no mundo, mas não acreditava que uma caverna onde o tempo parava era uma delas. Ela estava ali há uma hora? Duas? Um dia? Quatro dias? Vinte anos? As pilhas de sua lanterna não haviam acabado.

Mas, se o tempo não está passando aqui, elas nunca vão acabar, não é?

Ela examinava do chão ao teto com a lanterna enquanto seguia rastejando pelo túnel. Maura não queria bater a cabeça, mas também não queria cair em uma fenda profunda. Ela já pisara em várias poças, e suas botas surradas estavam encharcadas e frias.

A pior parte era o tédio. A infância pobre na Virgínia Ocidental havia deixado Maura com um forte sentimento de autoconfiança, grande tolerância ao desconforto e um aguçado senso de humor negro.

Mas aquela *monotonia*.

Era impossível contar uma piada quando se estava sozinha.

A única indicação que Maura tinha de que o tempo poderia estar indo para *algum lugar* era que às vezes ela esquecia quem estava procurando lá embaixo.

O objetivo é Artemus, ela se lembrava. Dezessete anos antes, ela deixara Calla convencê-la de que ele havia simplesmente ido embora. Talvez ela tenha desejado acreditar nisso. No fundo, ela sabia que ele fazia parte de algo maior. Sabia que *ela* fazia parte de algo maior.

Provavelmente.

Até o momento, a única coisa que ela encontrara naquele túnel era dúvida. Aquele não era o tipo de lugar que Artemus, que adorava o sol, teria escolhido.

Maura tinha a impressão de que era o tipo de lugar em que alguém como Artemus morreria. Ela estava começando a se sentir mal a respeito do bilhete que havia deixado. Nele, se lia:

> Glendower está debaixo da terra. E eu também estou.

À época, ela se sentira bastante cheia de si; o bilhete tinha a intenção de enraivecer e inspirar, dependendo de quem o lesse. É claro, ela o havia escrito pensando que estaria de volta no dia seguinte.

Ela o reformulou agora em sua cabeça:

> *Entrando em cavernas atemporais para procurar ex-namorado. Se parecer que vou perder a formatura da Blue, enviem ajuda.*
>
> *P.S.: Torta não é uma refeição.*

Ela continuou caminhando. Estava absolutamente escuro à frente e absolutamente escuro atrás. O facho de sua lanterna iluminava detalhes: estalactites pontudas no teto acidentado. Água brilhava nas paredes.

Mas ela não estava perdida, pois sempre houvera apenas uma opção: mais fundo e mais fundo.

Ela não estava com medo ainda. Era preciso muito para aterrorizar alguém que brincava no tempo e no espaço como em uma banheira.

Usando uma estalagmite lisa como lama para firmar a mão, Maura se esgueirou através da passagem estreita. A cena do outro lado era confusa. O teto era cravejado; o chão era cravejado; era interminável; era impossível.

Então uma gota minúscula de água provocou pequenas ondulações através da imagem, momentaneamente arruinando a ilusão. Era um lago subterrâneo. A superfície escura espelhava as estalactites douradas no teto, fazendo parecer como se um número igual de estalagmites irrompesse do leito do lago.

O fundo real do lago estava escondido. Ele podia ter cinco centímetros, meio metro, uma profundidade infinita.

Ah. Então ali estava ele, finalmente. Ela havia sonhado com isso. Maura ainda não estava realmente com medo, mas seu coração batia descompassado.

Eu poderia simplesmente ir para casa. Eu sei o caminho.

Mas, se o sr. Cinzento estivera disposto a arriscar a vida pelo que queria, certamente ela poderia ser tão corajosa quanto ele. Maura se perguntou se ele estaria vivo. E ficou surpresa ao perceber como queria desesperadamente que ele estivesse.

Ela reformulou o bilhete em sua cabeça.

Entrando em cavernas atemporais para procurar ex-namorado. Se parecer que vou perder a formatura da Blue, enviem ajuda.

P.S.: Torta não é uma refeição.
P.P.S.: Não se esqueçam de levar o carro para trocar o óleo.
P.P.P.S.: Procurem por mim no fundo de um lago espelhado.

Uma voz sussurrou em seu ouvido. Alguém do futuro, ou do passado. Alguém morto, ou vivo, ou dormindo. Não era realmente um sussurro, percebeu Maura. Era apenas uma voz rouca. A voz de alguém que estivera chamando por um longo tempo sem resposta.

Maura era uma boa ouvinte.

— O que você disse? — ela perguntou.

A voz sussurrou novamente:

— *Encontre-me*.

Não era Artemus. Era outra pessoa que havia se perdido, ou que estava a caminho de se perder, ou que iria se perder. Naquelas cavernas, o tempo não era uma linha, era um lago espelhado.

P.P.P.P.S.: Não despertem o terceiro adormecido.



— Você acha que isso é mesmo real? — perguntou Blue.

Eles estavam sentados entre carvalhos imponentes sob um sol roubado de verão. Raízes e pedras se expunham para fora através do solo úmido à sua volta. O ar mormacento não parecia em nada com o frio de outono dominante que eles haviam deixado para trás. Eles haviam desejado o verão, e assim Cabeswater havia lhes dado o verão.

Richard Gansey III estava deitado de costas, mirando o azul cálido e insípido acima dos galhos. Esparramado com sua calça cáqui e o blusão de gola V amarelo-cítrico, ele parecia indolente, largado, um herdeiro sensual da floresta à sua volta.

— O que é real?

— Pode ser que a gente venha aqui, durma e tenha o mesmo sonho.

Ela sabia que não era verdade, mas ao mesmo tempo era reconfortante e emocionante imaginar que eles estavam tão conectados, que Cabeswater representava algo que todos sonhavam quando fechavam os olhos.

— Eu sei quando estou acordado e quando estou dormindo — disse Ronan Lynch. Se tudo em volta de Gansey era suave e orgânico, descorado e homogêneo, Ronan parecia feroz, sombrio e dissonante, destacando-se de maneira absolutamente nítida da mata.

Adam Parrish, encolhido em um macacão surrado e cheio de graxa, perguntou: — Sabe mesmo?

Ronan emitiu um ruído desagradável de desdém ou contentamento. Ele era como Cabeswater: um fazedor de sonhos. Se ele não sabia a diferença entre estar acordado e estar dormindo, era porque a diferença não importava para ele.

— Talvez eu tenha sonhado *você* — ele disse.

— Obrigado pelos dentes retos, então — respondeu Adam.

Em torno deles, Cabeswater zunia e murmurava com vida. Pássaros que não existiam do lado de fora da floresta voavam acima deles. Em algum lugar próximo, a água corria sobre as rochas. As árvores eram majestosas e velhas, cobertas de musgo e líquen.

Talvez por saber que a floresta era senciente, Blue achava que ela *parecia* sábia. Se ela deixasse a mente perambular longe o suficiente, podia quase sentir a floresta a ouvindo. Era difícil de explicar; era mais ou menos como o sentimento de alguém passando a mão de leve em sua pele, sem a tocar realmente.

Adam dissera:

— Precisamos conquistar a confiança de Cabeswater antes de entrar na caverna.

Blue não compreendia o que significava para Adam estar tão conectado à floresta, ter prometido ser suas mãos e seus olhos. Ela suspeitava de que, às vezes, Adam também não compreendia. Mas, seguindo seu conselho, o grupo sempre retornava à floresta, caminhando em meio às árvores, explorando cuidadosamente, sem levar nada. Caminhando em torno da caverna que poderia conter tanto Glendower... como Maura.

Mãe.

O bilhete que ela deixara havia mais de um mês não indicava quando pensava em voltar. Não indicava se tinha ou não intenção de voltar um dia. Então era impossível saber se ela ainda estava desaparecida porque estava encrencada ou porque não queria voltar para casa. Será que as mães de outras pessoas

desapareciam em buracos no chão durante a crise da meia-idade?

— Eu não sonho — disse Noah Czerny. Ele estava morto, portanto provavelmente não dormia também. — Então acho que isso deve ser real.

Real, mas deles, apenas deles.

Por mais alguns minutos, ou horas, ou dias — o que era o tempo ali? — eles se deixaram ficar.

Um pouco distante do grupo, o irmão mais novo de Ronan, Matthew, batia um papo com sua mãe, Aurora, feliz pela visita. Os dois tinham os cabelos dourados e angelicais, ambos parecendo invenções daquele lugar. Blue desejava odiar Aurora por causa de sua origem — literalmente sonhada pelo marido — e porque ela tinha a capacidade de atenção e o intelecto de um filhote de cachorro. Mas a verdade era que Aurora era incansavelmente gentil e para cima, tão compulsivamente adorável quanto seu filho mais novo.

Ela não abandonaria a filha pouco antes de seu último ano no ensino médio começar.

A parte que mais enfurecia Blue a respeito do desaparecimento de Maura era que ela não sabia se deveria ser consumida pela preocupação ou pela raiva. Ela oscilava terrivelmente entre os dois sentimentos,

ocasionalmente se esgotando e deixando de sentir qualquer coisa que fosse.

Como ela pôde fazer isso comigo agora*?*

Blue recostou o rosto em uma rocha coberta de musgo quente, tentando manter os pensamentos equilibrados e agradáveis. A mesma capacidade que amplificava a clarividência também aumentava a estranha magia de Cabeswater, e ela não queria causar outro terremoto ou começar um estouro da boiada.

Em vez disso, começou uma conversa com as árvores.

Ela pensou em pássaros cantando — *pensou* ou *quis* ou *desejou* ou *sonhou*. Era um pensamento virado do avesso, uma porta deixada aberta em sua cabeça. Blue estava ficando melhor em dizer quando o estava fazendo direito.

Um pássaro estranho cantarolou agudo e desafinado acima dela.

Ela pensou-quis-desejou-sonhou folhas farfalhando.

Acima deles, as árvores sussurraram suas folhas, formando palavras vagas e cochichadas. *Avide audimus*.

Ela pensou em uma flor de primavera. Um lírio, azul, como seu nome, Blue.

Uma pétala azul caiu a esmo em seu cabelo. Outra pousou nas costas de sua mão, escorregando punho abaixo como um beijo.

Os olhos de Gansey se abriram à medida que as pétalas pousavam suavemente sobre suas faces. Quando seus lábios se entreabriram, sempre surpresos, uma pétala pousou diretamente sobre sua boca. Adam levou a cabeça para trás para observar a chuva floral, cheirosa, cair derivando lentamente à sua volta, borboletas de azul em câmera lenta.

O coração de Blue explodiu com uma alegria incontida.

É real, é real, é real...

Ronan olhou para Blue, os olhos estreitados. Ela não desviou o olhar.

Esse era um jogo que ela às vezes jogava com Ronan Lynch: quem desviaria o olhar primeiro?

Dava sempre empate.

Ele havia mudado com o passar do verão, e agora Blue se sentia menos desigual no grupo. Não porque conhecesse Ronan melhor de alguma maneira — mas porque sentia que talvez Gansey e Adam o conhecessem menos agora. Ronan desafiava todos a aprender sobre ele novamente.

Gansey se ergueu sobre os cotovelos; pétalas rolaram como se ele tivesse sido despertado de um

longo sono.

— Tudo bem. Acho que chegou o momento. Lynch?

Ronan se levantou e se postou rigidamente ao lado de sua mãe e seu irmão; Matthew, que estivera acenando os braços como um urso de circo, se aquietou. Aurora fez uma carícia na mão de Ronan, que ele permitiu.

— Levanta — ele disse para Matthew. — Hora de ir.

Aurora sorriu suavemente para os filhos. Ela ficaria ali, em Cabeswater, fazendo o que quer que os sonhos faziam quando ninguém estava por perto. Não causava surpresa alguma para Blue que ela cairia em um sono instantâneo se deixasse a floresta; era impossível imaginar Aurora existindo no mundo real. Mais impossível ainda imaginar crescer com uma mãe como ela.

Minha mãe não desapareceria simplesmente para sempre. Certo?

Ronan colocou as mãos de cada lado da cabeça de Matthew, pressionando os cachos loiros e prendendo o olhar do irmão ao seu.

— Vá esperar no carro — ele disse. — Se não voltarmos até às nove, ligue para a casa da Blue.

A expressão de Matthew era simpática e tranquila. Seus olhos eram do mesmo tom azul dos de Ronan, mas infinitamente mais inocentes.

— Como eu vou saber o número?

Ronan continuava prendendo a cabeça do irmão.

— Matthew. Foco. Já falamos sobre isso. Eu quero que você pense. Agora me diz: como você vai saber o número?

Seu irmão mais novo riu um pouco e bateu no bolso.

— Ah, certo. Está programado no seu telefone. Agora eu lembrei.

— Eu fico com ele — Noah se ofereceu imediatamente.

— Medroso — disse Ronan, mal-agradecido.

— Lynch — disse Gansey. — Boa ideia, Noah, se você estiver a fim.

Como fantasma, Noah necessitava de energia externa para permanecer visível. Tanto Blue quanto a linha ley eram baterias espirituais poderosas; esperar no carro estacionado próximo deveria ser mais que suficiente. Mas às vezes não era energia que faltava a Noah — era coragem.

— Ele vai ser um campeão — disse Blue, socando fraquinho o braço de Noah.

— Eu vou ser um campeão — repetiu Noah.

A floresta esperava, ouvindo, farfalhando. A orla do céu era mais cinzenta que o azul que pairava acima, como se a atenção de Cabeswater estivesse tão estreitamente focada sobre eles que o mundo real fosse capaz agora de interferir.

Na entrada da caverna, Gansey disse:

— *De fumo in flammam.*

— Da fumaça ao fogo — Adam traduziu para Blue.

A caverna. A *caverna*.

Tudo em Cabeswater era mágico, mas a caverna era extraordinária porque não existia quando eles descobriram a floresta pela primeira vez. Ou talvez *existisse*, mas em um lugar diferente.

— Conferir equipamentos — disse Gansey.

Blue despejou o conteúdo de sua mochila surrada. Um capacete (de bicicleta, usado), joelheiras (de patins, usadas) e uma lanterna (em miniatura, usada) rolaram para fora, assim como um canivete rosa. Enquanto ela começava a colocar todas essas coisas no corpo, ao lado dela Gansey esvaziava sua bolsa a tiracolo. Ela continha um capacete (de espeleologia, usado), joelheiras (de espeleologia, usadas) e uma lanterna (Maglite, usada), assim como vários metros de corda nova, um arnês e uma coleção de pinos de fixação e mosquetões de metal.

Blue e Adam encararam o equipamento usado. Parecia impossível que Richard Campbell Gansey III pensasse em comprar nada menos que algo novo em folha.

Alheio à atenção deles, Gansey prendeu sem esforço um mosquetão a uma corda, através de um nó perfeito.

Blue se deu conta um momento antes de Adam. O equipamento era usado porque *Gansey* o usara.

Às vezes era difícil lembrar que ele vivera uma vida antes de eles o terem conhecido.

Gansey começou a desenrolar um cabo de segurança mais longo.

— Como combinamos. Estamos amarrados juntos, deem três puxões se tiverem o *menor* receio. Horas?

Adam conferiu seu relógio arranhado.

— Meu relógio não está funcionando.

Ronan conferiu seu relógio caro e escuro e balançou a cabeça.

Apesar de isso não ser inesperado, Blue ainda estava desconcertada, uma pipa solta.

Gansey franziu o cenho, como se compartilhasse de seus pensamentos.

— Nem meu telefone. Tudo bem, Ronan.

Enquanto Ronan gritava algum latim para o ar, Adam sussurrava a tradução para Blue: — É seguro para nós entrarmos?

E minha mãe ainda está lá dentro?

A resposta veio na forma de folhas sibilantes e ruídos guturais arranhados, mais selvagens que as vozes que Blue ouvira antes.

— *Greywaren semper est incorruptus.*

— Sempre a salvo — traduziu Gansey rapidamente, ansioso para provar que não era completamente inútil quando se tratava de latim. — O Greywaren está sempre a salvo.

O Greywaren era Ronan. O que quer que eles significassem para aquela floresta, Ronan significava mais.

Adam refletiu:

— *Incorruptus*. Nunca achei que alguém usaria *essa* palavra para descrever o Lynch.

Ronan parecia tão contente quanto uma víbora.

O que você quer de nós?, Blue se perguntou enquanto eles adentravam a caverna. *Como você nos vê? Apenas quatro adolescentes entrando às escondidas em uma floresta antiga.*

Um espaço de chão batido estranhamente silencioso se encontrava logo após a entrada da caverna. As paredes eram puro pó e rocha, raízes e

greda, tudo da cor do cabelo e da pele de Adam. Blue tocou uma samambaia relutantemente retorcida, a última folhagem antes de a luz do sol desaparecer. Adam virou a cabeça para ouvir, mas só havia o som normal, abafado, de seus passos.

Gansey ligou a lanterna de cabeça. Ela mal penetrou a escuridão do túnel que se estreitava.

Um dos garotos tremeu um pouco. Blue não sabia se era Adam ou Ronan, mas sentiu o cabo vibrando no cinto.

— Pena que não trouxemos o Noah — disse Gansey abruptamente. — Vamos lá. Ronan, não esqueça de colocar os marcadores à medida que avançamos. Estamos contando com você. Não fique aí só me encarando. Acene com a cabeça para mostrar que compreendeu. Muito bem. Sabe de uma coisa? Passe os marcadores para a Jane.

— *O quê?* — Ronan soou como se sentisse traído.

Blue aceitou os marcadores — discos plásticos redondos com setas desenhadas. Ela não havia percebido como estava nervosa até segurá-los nas mãos; era bom ter algo concreto para fazer.

— Ronan, quero que você assovie ou cante, e que faça uma contagem do tempo — disse Gansey.

— Você só pode estar de sacanagem comigo — respondeu Ronan. — Eu?

Gansey espiou o túnel adiante.

— Eu sei que você conhece um monte de músicas e consegue cantar cada uma delas na mesma velocidade e duração todas as vezes. Porque você teve que memorizar todas elas para as competições de música irlandesa.

Blue e Adam trocaram um olhar satisfeito. A única coisa mais agradável que ver Ronan ser discriminado era vê-lo ser discriminado *e* forçado a cantar repetidamente uma canção irlandesa.

— Vai ver se eu estou na esquina — disse Ronan.

Gansey esperou, sem se ofender.

Ronan balançou a cabeça, mas então, com um sorriso maroto, começou a cantar.

— Abóbora um, abóbora dois, ab...

— *Essa não* — Adam e Gansey disseram juntos.

— Não vou ouvir isso durante três horas — disse Adam.

Gansey apontou para Ronan até ele começar a assoviar baixinho a canção de uma dança típica animada.

E eles avançaram em direção às profundezas da caverna.

As profundezas.

O sol desapareceu. Raízes deram lugar a estalactites. O ar tinha um cheiro úmido e familiar. As paredes bruxuleavam como algo vivo. De tempos em tempos, Blue e os outros tinham de avançar com dificuldade por poças e regatos — o caminho estreito e acidentado havia sido aberto pela água, e ela ainda fazia esse trabalho.

A cada dez interpretações de Ronan, Blue depositava um marcador. À medida que a pilha em sua mão diminuía, ela se perguntava até onde eles iriam e como saberiam se estavam chegando perto. Parecia difícil acreditar que um rei estivesse escondido lá embaixo. Mais difícil ainda imaginar que sua mãe também estivesse. Aquele não era um lugar para se *morar*.

Blue acalmou os pensamentos. Nada de terremotos. Nada de estouros da boiada.

Ela tentava não desejar, ou esperar, ou pensar, ou chamar por Maura. A última coisa que ela queria era que Cabeswater fizesse uma cópia de sua mãe para ela. Ela só queria a coisa real. A verdade.

O terreno ficou mais inclinado. A escuridão em si era fatigante; Blue ansiava por luz, espaço, céu. Ela se sentia enterrada viva.

Adam escorregou e se apoiou com a mão estendida no chão.

— Ei! — ordenou Blue. — Não toque as paredes.

Ronan parou de assoviar para perguntar:

— Germes da caverna?

— É ruim para o crescimento das estalactites.

— Ah, *por favor*...

— Ronan! — ordenou Gansey da frente da fila, sem se virar, o blusão canário parecendo cinza-claro na luz das lanternas de cabeça. — Volte ao trabalho.

Ronan mal começara a assoviar novamente quando Gansey desapareceu.

— O quê? — disse Adam.

Então ele foi puxado pelos pés, caindo com força e deslizando de lado, os dedos tentando se agarrar ao chão.

Blue não teve tempo de perceber o que aquilo significava quando sentiu Ronan agarrá-la por trás. Então a corda em torno de sua cintura a apertou forte, ameaçando derrubá-la também. Mas Ronan estava bem firme. Seus dedos estavam tão cravados nos braços de Blue que a estavam machucando.

Adam ainda estava no chão, mas havia parado de escorregar.

— Gansey? — ele chamou, a palavra desconsolada no vasto espaço adiante.

— Tudo bem aí embaixo?

Porque Gansey não havia apenas *desaparecido* — ele havia caído em um buraco.

Graças a Deus estamos amarrados juntos, pensou Blue.

Os braços de Ronan ainda estavam entrelaçados em volta dela; Blue os sentiu trêmulos. Ela não sabia se era do esforço muscular ou de preocupação. Ele nem hesitara antes de agarrá-la.

Não posso me permitir esquecer isso.

— Gansey? — repetiu Adam, com apenas um indício de algo terrível por trás da pergunta. Ele pronunciara o nome com uma confiança exagerada para que sua ansiedade permanecesse despercebida.

Três puxões. Blue os sentiu vibrar através de Adam até ela.

Adam repousou o rosto na lama, visivelmente aliviado.

— O que está acontecendo? — perguntou Ronan. — Onde está ele?

— Deve estar pendurado — respondeu Adam, o sotaque de Henrietta deixando o *r* arrastado por causa da incerteza. — A corda está me cortando ao meio de tão forte que está me puxando. Não consigo me aproximar para ajudar. Está escorregadio, o peso dele simplesmente me puxaria para baixo.

Libertando-se dos braços de Ronan, Blue deu um passo hesitante para perto de onde Gansey havia desaparecido. A corda entre ela e Adam se afrouxou, mas ele não escorregou mais para perto do buraco. Lentamente, ela disse: — Acho que você pode fazer contrapeso se não se mexer, Adam. Ronan, fique onde está. Se acontecer alguma coisa e eu começar a escorregar, você consegue se ancorar?

A lanterna de cabeça de Ronan apontou para uma coluna barrenta e ele anuiu.

— Tudo bem — ela disse. — Vou até ali dar uma olhada.

Passou lentamente e com dificuldade por Adam. Os dedos dele estavam cravados inutilmente no terreno inclinado, na altura do rosto.

Blue quase caiu no buraco.

Não era de surpreender que Gansey não o tivesse visto. Havia uma saliência rochosa e então — simplesmente nada. Ela esquadrinhou o buraco de um lado ao outro com sua lâmpada de cabeça e viu apenas escuridão absoluta. A fenda era larga demais para ver do outro lado. Profunda demais para ver o fundo.

A corda de segurança era visível, mas estava suja de lama, levando para o poço. Blue focou a escuridão com sua lanterna.

— Gansey?

— Estou aqui. — A voz de Gansey estava mais próxima do que ela esperava. Mais baixa do que esperava, também. — Eu só... acho que estou tendo um ataque de pânico.

— *Você* está tendo um ataque de pânico? Nova regra: todo mundo deve dar quatro puxões antes de desaparecer de repente. Você quebrou alguma coisa?

Uma longa pausa.

— Não.

Algo a respeito do tom dessa única sílaba transmitiu que ele não estava brincando a respeito de seu medo.

Blue não tinha certeza se tranquilizar as pessoas era o seu ponto forte, especialmente quando era ela quem precisava disso, mas tentou.

— Vai ficar tudo bem. Nós estamos bem ancorados aqui em cima. Tudo que você precisa fazer é escalar para fora daí. Você não vai cair.

— Não é isso. — Sua voz estava fendida. — Tem algo na minha pele que parece...

Gansey não terminou a frase.

— Água — sugeriu Blue. — Ou lama. Está por toda parte. Fala mais alguma coisa para que eu possa apontar a lanterna em você.

Não havia nada a não ser o som da respiração de Gansey, entrecortada e cheia de medo. Ela varreu o

facho de luz novamente.

— Ou mosquitos. Tem mosquitos por toda parte também — ela disse com a voz animada.

Nenhuma resposta.

— Existem mais de duas dúzias de besouros de caverna — Blue acrescentou. — Li isso antes de virmos para cá hoje.

Gansey sussurrou:

— Marimbondos.

O coração de Blue se contraiu.

Em meio à injeção de adrenalina, ela procurou se acalmar: sim, marimbondos podiam matar Gansey com apenas uma ferroada, mas não, não havia marimbondos naquela caverna. E hoje não era o dia em que Gansey morreria, porque ela tinha *visto* seu espírito quando ele morrera, e aquele espírito estava usando um uniforme da Aglionby salpicado de chuva. E não uma calça cáqui e um blusão de gola v amarelo-claro.

O facho de sua lanterna finalmente o encontrou. Ele estava pendurado solto em seu arnês, a cabeça inclinada para baixo, as mãos sobre os ouvidos. O facho acompanhou seus ombros e sua respiração. Eles estavam salpicados de lama e sujeira, mas não havia insetos.

Blue podia respirar novamente.

— Olhe para mim — ela ordenou. — Não tem marimbondo nenhum.

— Eu sei — ele sussurrou. — É por isso que eu disse que *acho* que estou tendo um ataque de pânico. Eu *sei* que não tem marimbondo nenhum.

O que ele não estava dizendo, mas ambos sabiam, era que Cabeswater era uma ouvinte atenciosa.

O que significava que ele precisava parar de pensar em marimbondos.

— Bom, você está me deixando brava — disse Blue. — O Adam está deitado com a cara na lama por sua causa. O Ronan está indo para casa.

Gansey riu, sem graça.

— Continue falando, Jane.

— Eu não *quero*. Eu só quero que você agarre aquela corda e se puxe aqui para cima, como eu sei que você é perfeitamente capaz de fazer. E que diferença vai fazer se eu *falar*?

Então ele olhou para ela, com o rosto vincado e irreconhecível.

— É que tem alguma coisa sussurrando abaixo de mim, e a sua voz faz essa coisa se calar.

Um arrepio terrível correu pela espinha de Blue.

Cabeswater era uma ouvinte muito boa.

— Ronan — ela chamou baixinho sobre o ombro. — Plano novo: o Adam e eu vamos puxar o Gansey

para fora bem rápido.

— O quê? Que ideia mais idiota — disse Ronan. — Por que o plano agora é esse?

Blue não queria falar alto.

No entanto, Adam estivera ouvindo e disse, baixo e claramente:

— *Est aliquid in foramen.* Não sei. *Apis? Apibus? Forsitan.*

O latim não escondia nada de Cabeswater; eles só queriam poupar Gansey.

— Não — disse Ronan. — Não, não tem. Não é o que está lá embaixo.

Gansey fechou os olhos.

Eu vi, pensou Blue. *Eu vi o espírito dele quando ele morreu, e ele não estava vestido assim. Não é assim que vai acontecer. Não é agora, é mais tarde, é mais tarde...*

Ronan seguiu em frente, sua voz mais alta:

— Não. Está me ouvindo, Cabeswater? Você prometeu me proteger. Quem somos nós para você? Nada? Se você deixar o Gansey morrer, não vai estar me *protegendo*. Entendeu? Se eles morrerem, eu também morro.

Agora Blue conseguia ouvir o ruído, como um zunido do poço.

Adam se pronunciou, a voz um pouco abafada pela lama:

— Eu fiz um trato com você, Cabeswater. Sou suas mãos e seus olhos. O que você acha que eu vou ver se ele morrer?

O sussurro ficou mais alto. Ele soava *numeroso*.

Não são marimbondos, Blue pensou, desejou, ansiou, sonhou. *Quem somos nós para você, Cabeswater? Quem* eu *sou para você?*

Em voz alta, ela disse:

— Nós fortalecemos a linha ley. Nós fortalecemos você. E vamos continuar te ajudando, mas você tem que nos ajudar...

A escuridão sumiu com o facho de sua lanterna, erguendo-se das profundezas. O ruído explodiu. Estava zunindo; eram asas, que preencheram o poço, escondendo Gansey de vista.

— *Gansey!* — gritou Blue, ou talvez fosse Adam, ou talvez fosse Ronan.

Então alguma coisa bateu as asas contra o rosto de Blue, e mais outra. Um corpo passou raspando pela parede. Pelo teto. Os fachos das lanternas em suas cabeças foram cortados em mil pedaços bruxuleantes.

O ruído das asas. O *ruído*.

Não eram marimbondos.

Morcegos?

Não.

Corvos.

Não era ali que os corvos viviam, e não era assim que eles se comportavam. Mas jorravam e jorravam do poço abaixo de Gansey. Parecia que o bando era interminável. Blue teve a estranha sensação de que sempre fora daquela maneira, corvos cruzando em volta dela, as penas raspando suas faces, as garras arranhando seu capacete. Então, subitamente, os corvos começaram a guinchar, de lá para cá, de lá para cá. Os gritos se tornaram cada vez mais monótonos, como uma recitação, e então se transformaram em palavras.

Rex Corvus, parate Regis Corvi.

O rei Corvo, abram caminho para o rei Corvo.

Choveram penas à medida que os pássaros tomaram o caminho da entrada da caverna. O coração de Blue foi arrebatado pela *grandeza* daquele momento, e de nenhum outro.

Então houve silêncio, ou pelo menos nenhum ruído alto o suficiente para ser ouvido acima do coração palpitante de Blue. Penas estremeceram na lama ao lado de Adam.

— Segurem firme — disse Gansey. — Estou saindo.



Adam Parrish era solitário.

Não existe uma boa palavra para o oposto de *solitário.* Você poderia ficar tentado a sugerir *contente* ou *sociável*, mas o fato de essas duas palavras trazerem definições que não se relacionam demonstra perfeitamente por que *solitário* não pode ser apropriadamente refletido. A palavra não significa *solidão*, tampouco *sozinho* nem *só*, embora *solitário* possa conter todas essas palavras em si mesma.

Solitário significa um estado de estar à parte. De ser outro. Um tanto só.

Adam nem sempre estava sozinho, mas sempre estava solitário. Mesmo em grupo, aos poucos ele aperfeiçoava a capacidade de se manter em separado. Era mais fácil do que se poderia esperar; os outros permitiam que ele agisse assim. Ele sabia que estava diferente desde que se aproximara mais da linha ley

naquele verão. Adam era ele mesmo, mas mais poderoso. Ele mesmo, mas menos humano.

Se Adam estivesse na pele deles, também se observaria silenciosamente se afastar.

Era melhor assim. Ele não brigava com ninguém havia já um bom tempo. E não ficava bravo fazia semanas.

Agora, no dia seguinte à excursão pela caverna dos corvos, Adam dirigiu seu carrinho pequeno e barato para longe de Henrietta, a fim de realizar o trabalho de Cabeswater. Através da sola dos sapatos, ele sentia o pulso lento da linha ley. Se ele não se concentrasse ativamente nela, seu batimento cardíaco entraria inconscientemente no mesmo ritmo da linha. Havia algo confortador e angustiante a respeito da maneira como ela se enlaçava através dele agora; ele não conseguia mais dizer se era meramente um amigo poderoso ou se o poder na realidade era agora *ele mesmo*.

Desconfiado, Adam olhou para o marcador do tanque de gasolina. O carro conseguiria voltar, pensou, se ele não precisasse dirigir longe demais montanhas outonais adentro. Ele ainda não sabia ao certo o que deveria fazer para Cabeswater. Suas necessidades chegavam a Adam em noites agitadas e dias que pareciam ferroá-lo, lentamente se tornando visíveis

como algo flutuando até a superfície de um lago. O sentimento atual, uma sensação incômoda de algo por fazer, não era realmente claro ainda, mas as aulas estavam prestes a começar, e Adam desejava que isso se resolvesse antes. Naquela manhã, ele forrara a pia do banheiro com papel laminado, enchera a cuba de água e tentara buscar uma resposta através da divinação. Mas conseguira apenas uma visão rápida de uma vaga localização.

O resto vai vir até mim quando eu me aproximar. Provavelmente.

No entanto, em vez disso, à medida que Adam se aproximava, sua mente continuava derivando de volta para a voz de Gansey na caverna, no dia anterior. A nota trêmula que havia nela. O medo — um medo tão profundo que Gansey não conseguia sair do poço, embora não houvesse nenhum obstáculo físico que o impedisse de fazer isso.

Até então, ele nunca soubera que Richard Gansey III sabia ser um covarde.

Adam se lembrou de ter agachado no chão da cozinha do trailer de seus pais, dizendo a si mesmo para seguir o conselho seguidamente repetido por Gansey para partir. *Só coloque o que você precisa no carro, Adam.*

Mas ele havia ficado. Pairando no poço da fúria de seu pai. Um covarde também.

Adam sentia que precisava reconfigurar cada conversa que já tivera com Gansey à luz desse novo conhecimento.

Quando o acesso para a Skyline Drive apareceu diante dele, seus pensamentos mudaram abruptamente para Cabeswater. Adam não estivera no parque, mas tinha o conhecimento de uma vida inteira em Henrietta de que se tratava de um parque nacional que se estendia ao longo das montanhas Blue Ridge, seguindo a linha ley com uma precisão quase sinistra. Na frente dele, três pistas davam para três cabines marrons baixas. Uma fila curta de carros esperava.

Seu olhar encontrou a placa com o valor das entradas. Ele não havia se dado conta de que precisava pagar para entrar. Quinze dólares.

Embora Adam não tivesse sido capaz de apontar uma localização precisa para a empreitada de Cabeswater, tinha certeza de que ela se encontrava do outro lado daquelas cabines. Não havia outra maneira de entrar ali.

Mas ele também tinha conhecimento do conteúdo de seus bolsos, e não eram quinze dólares.

Eu posso voltar outro dia.

Ele estava tão cansado de fazer as coisas outro dia, de outro jeito, de um jeito mais barato, num dia em que Gansey pudesse aparar as arestas. Aquilo era algo que ele devia fazer sozinho, com *seu* poder como o mago, tirado da linha ley.

Mas a linha ley não conseguia fazê-lo passar pelo guichê de pagamento.

Se Gansey estivesse ali, teria jogado as notas como quem não quer nada pela janela do Camaro. Ele não teria nem pensado a respeito.

Um dia, Adam pensou. *Um dia.*

Enquanto esperava na fila, Adam tirou a carteira e então, quando ela fracassou em produzir dinheiro suficiente, começou a vasculhar debaixo dos assentos procurando algum trocado. Era um momento que teria sido ao mesmo tempo mais fácil e pior se ele estivesse com Gansey, Ronan e Blue. Porque então se criaria uma dívida, e aqueles que *tinham* assegurariam que não era necessário serem pagos de volta, enquanto aqueles que *não tinham* insistiriam que era.

Mas, tendo em vista que se tratava apenas de Adam — Adam, o solitário —, ele só encarou silenciosamente a soma escassa que havia conseguido reunir.

Doze dólares e trinta e oito centavos.

Ele não imploraria na cabine. Adam tinha muito pouco de qualquer coisa, exceto sua maldita dignidade, e não conseguia reunir coragem para passar aquilo pela janela do motorista.

Teria de ser outro dia.

Ele não ficou bravo. Não havia ninguém com quem ficar bravo. Apenas se permitiu um breve momento para recostar a têmpora contra a janela lateral do motorista, e então saiu da fila e deu ré na direção do acostamento para fazer o retorno.

Quando o fez, sua atenção foi atraída para os veículos ainda na fila. Dois dos carros eram exatamente o que Adam imaginava: uma minivan com uma jovem família e um sedã com um casal em idade universitária rindo. Mas havia algo de errado no terceiro carro. Era um carro de aluguel — ele podia ver o adesivo com o código de barras colado no canto do para-brisa. Talvez isso não fosse estranho; um turista poderia vir de avião e visitar o parque. Mas no painel havia um equipamento com que Adam estava muito familiarizado: um leitor de frequência eletromagnética. Outro equipamento estava ao lado, embora ele não tivesse certeza do que era. Um geofone, talvez.

O tipo de ferramenta que Gansey e os outros tinham usado em sua caçada pela linha ley. O tipo que

eles tinham usado para encontrar Cabeswater.

Então ele piscou, e o painel do carro estava vazio. Sempre estivera vazio. Era apenas um carro de aluguel com uma família entediada dentro. Um mês atrás, Adam não teria compreendido por que estava vendo coisas que não eram reais. Mas agora ele conhecia Cabeswater melhor e compreendia que o que acabara de ver *era* real — apenas real em um lugar diferente, ou em uma época diferente.

Alguém mais tinha vindo para Henrietta procurar a linha ley.



— Mapear até o fundo — disse Blue — para ver até onde ele vai.

— Até onde *o quê* vai? — demandou Gansey. Ele repetiu as palavras dela, mas elas continuavam sem fazer sentido. — Lynch, *baixe* o volume.

Já fazia vários dias desde a incursão deles à caverna dos corvos, e agora estavam a caminho do aeroporto para buscar o dr. Roger Malory, especialista internacional na linha ley e mentor de Gansey já avançado em anos. Ronan estava largado no assento do passageiro. Adam, emborcado contra uma janela no banco de trás, a boca entreaberta no sono inconsciente dos exaustos. Blue estava sentada atrás de Gansey, agarrando o encosto de cabeça dele, em um esforço para ser ouvida.

— Esse *carro* — ela se desesperou.

Gansey sabia que seu enorme e confiável Suburban teria sido uma escolha mais lógica para a viagem, mas ele queria que o velho Camaro fosse a primeira coisa que o professor visse, não o SUV novo e caro. O Camaro era um resumo da pessoa que ele havia se tornado, e ele queria, mais do que qualquer coisa, que Malory sentisse que aquela pessoa valera a viagem. O professor não viajava de avião, mas havia viajado cinco mil quilômetros para vê-lo. Gansey não conseguia imaginar como retribuir tal gentileza, especialmente considerando as circunstâncias sob as quais ele havia deixado a Inglaterra.

— Eu disse que talvez a gente deva descer com cordas naquele poço que você achou de maneira tão prestimosa. — A voz de Blue brigava com o motor e a música eletrônica ainda alta demais de Ronan. Parecia impossível que Adam conseguisse dormir com todo aquele barulho.

— Eu simplesmente não... *Ronan.* Meus ouvidos estão sangrando!

Ronan baixou o volume, e Gansey recomeçou:

— Eu simplesmente não consigo imaginar por que os homens de Glendower se dariam o trabalho de baixá-lo naquele buraco. Simplesmente não consigo, Jane.

Só pensar no poço já fazia com que um veneno de há muito zunisse e queimasse em sua garganta; sem nenhum esforço, ele exorcizou a imagem de insetos desavisados andando a esmo sobre a pele fina entre seus dedos. Ele havia quase esquecido quão aterrorizante e constrangedor era reviver o momento.

Olhos na estrada, Gansey.

— Talvez seja um buraco recente — ela sugeriu. — O teto caído de uma caverna mais baixa.

— Se isso for verdade, nós teríamos que *atravessar* o buraco, não *entrar* nele. O Ronan e eu teríamos que escalar as paredes como aranhas. A não ser que você e o Adam tenham experiência em escaladas que eu não saiba.

Do lado de fora do carro, Washington, D.C. se aproximava furtivamente; o céu de um azul profundo ficava menor. A autoestrada cada vez mais larga produzia barreiras de proteção, semáforos, BMWS, táxis de aeroporto. No espelho retrovisor, Gansey viu um canto do rosto de Blue. Seu olhar atento se prendeu a algo na rua, rápido, e ela esticou o pescoço para olhar para fora da janela, como se fosse outro país.

E de certa maneira era. Como sempre, Gansey era um expatriado que retornava relutantemente. Ele sentiu uma pontada, uma vontade de correr, e isso o surpreendeu. Fazia muito tempo.

— O Ronan podia sonhar uma ponte para a gente — disse Blue.

Ronan fez um ruído de glorioso desdém.

— Não faça simplesmente esse barulho! Só me diz por que não. Você é uma criatura mágica. Por que não pode fazer magia?

Com uma precisão acidífera, Ronan respondeu:

— Pra começo de conversa, eu teria que dormir perto do poço, porque preciso tocar em alguma coisa para tirar essa coisa de um sonho. E teria que saber o que tem do outro lado para ter uma ideia de que tipo de ponte fazer. E aí, mesmo se eu conseguisse tudo isso, se eu conseguisse tirar algo tão grande do meu sonho, isso drenaria a linha ley, possivelmente fazendo com que Cabeswater desaparecesse de novo, dessa vez com a gente dentro, mandando todos nós para alguma terra do nunca, de onde talvez jamais conseguíssemos escapar. Achei que, depois dos acontecimentos deste verão, tudo isso estaria absolutamente claro, por isso resumi a questão dessa maneira... — Ronan repetiu o ruído de glorioso desdém.

— Obrigada pelas sugestões alternativas superproveitosas, Ronan Lynch. Sua contribuição no fim do mundo será devidamente computada — disse Blue, voltando a atenção novamente para Gansey e

prosseguindo: — Bom, então o quê? Deve ser importante, ou Cabeswater não teria nos mostrado.

Isso presume que as prioridades de Cabeswater sejam as mesmas que as nossas, pensou Gansey. Em voz alta, ele disse: — Vamos encontrar outra maneira de entrar na caverna. Uma maneira que nos leve para o outro lado daquele buraco. Tendo em vista que não se trata de uma caverna normal, mas absolutamente ligada à linha ley, o Malory pode nos ajudar.

Ele não conseguia acreditar que Malory estivesse realmente ali. Ele tinha passado quase um ano com o professor, o maior tempo que já ficara em qualquer lugar, e havia começado a parecer que nunca existiria um dia em que ele não estivesse buscando. Agora ele olhava para um túmulo cada vez mais estreito, e em algum lugar naquela vasta escuridão estavam Glendower e o fim.

Gansey se sentiu despreparado; o tempo avançava em ritmo rápido, nervoso.

No espelho retrovisor, ele cruzou com os olhos de Blue por acidente. De maneira bastante estranha, viu seus próprios pensamentos refletidos no rosto dela: excitamento e consternação. Casualmente, fora da vista de Ronan, verificando que Adam ainda estava dormindo, Gansey deixou a mão pender entre o

assento do motorista e a porta. Com a palma para cima, os dedos esticados na direção de Blue.

Isso não era permitido.

Ele sabia que não era permitido, por regras que ele mesmo havia estabelecido. Gansey não se permitiria brincar de favoritismo entre Adam e Ronan; ele e Blue não podiam brincar de favoritismo dessa maneira, também. Ela não veria o gesto, de qualquer forma. E o ignoraria se visse. O coração de Gansey batia rápido.

Blue tocou a ponta dos dedos dele.

Apenas isso...

Ele apertou ligeiramente os dedos dela, apenas por um momento, então tirou a mão e a colocou de volta na direção. Seu peito estava aquecido.

Isso não era permitido.

Ronan não tinha visto; Adam ainda estava dormindo. A única vítima era seu pulso.

— A sua saída, idiota! — disparou Ronan.

Gansey virou apressadamente. Adam piscou, desperto. Ronan falou um palavrão. O coração de Gansey retomou os batimentos.

Olhos na estrada, Gansey.

No aeroporto, o professor não estava esperando na área de desembarque, como combinado, tampouco atendeu o telefone. Eles finalmente o encontraram sentado ao lado da esteira de bagagem, próximo de um

grupo de pessoas tagarelando, uma torre de malas e um cão de serviço com uma aparência irritável. Ele parecia precisamente como Gansey se lembrava. Havia algo de tartaruga em sua fisionomia, e ele tinha não apenas um queixo, mas outro esperando na fila atrás. O nariz e as orelhas pareciam estranhamente feitos de borracha. As bolsas redondas abaixo dos olhos espelhavam perfeitamente as linhas arredondadas das sobrancelhas. Sua expressão era perplexa.

— Sr. Malory! — disse Gansey alegremente.

— Ah, meu Deus — disse Ronan baixinho. — Ele é tão *velho*.

Adam socou Ronan, poupando a Gansey o incômodo.

— Gansey — disse Malory, apertando-lhe a mão. — Que alívio.

— Sinto muito por deixar você esperando... Eu liguei!

— Esse maldito celular. A bateria dessas coisas é uma droga. É como uma conspiração para nos vender algo. Medicação para pressão sanguínea, possivelmente. Os aviões são sempre assim? Tão cheios de *gente*?

— Acho que sim — disse Gansey. De canto de olho, notou que Adam estava observando Malory de

maneira não inteiramente típica de *Adam*, a cabeça inclinada, uma concentração pensativa nos olhos. Desconcertado, Gansey se apressou. — Vamos às apresentações. Estes são meus amigos: Ronan, Adam Parrish e Jane.

A expressão de Adam se focou. Tornou-se típica de Adam. Ele piscou para Gansey.

— Blue — ela corrigiu.

— Ah, sim, você é azul — concordou Malory. — Como você é perceptiva. Como era o nome? Jane? É a senhorita com quem falei ao telefone todos aqueles meses atrás, certo? Como ela é pequena. Já parou de crescer?

— *O quê?* — disse Blue.

Gansey sentiu que era o momento de tirar Malory do terminal.

— Qual dessas é a sua mala?

— Todas elas — disse Malory tragicamente.

Ronan estava tentando o seu melhor para capturar significativamente o olhar de Gansey, mas este não permitia. Os adolescentes pegaram as malas. O cão de serviço se levantou.

Blue, amiga de todos caninos, disse:

— Alto lá, amigão. Você fica aqui.

— Ah, não — protestou Malory. — O Cão é meu.

Eles olharam para o Cão. Ele usava um colete azul bacana que alertava para sua utilidade sem fornecer mais detalhes.

— Tudo bem — disse Gansey.

Ele evitou mais um olhar significativo de Ronan. No meio-fio, lá fora, todos pararam para Malory remover o colete do Cão e então o observaram se aliviar na placa dos carros de aluguel.

— Para que serve o Cão? — perguntou Ronan.

A boca de tartaruga de Malory ficou bem pequena.

— Ele é um animal de serviço.

— Que tipo de serviço ele presta?

— Dispensar *você* — respondeu Malory.

Gansey evitou um terceiro olhar significativo tanto de Adam quanto de Malory.

Eles chegaram ao carro, que não havia aumentado de tamanho desde que entraram no terminal. Gansey não gostava de confrontar as consequências de sua insensatez tão diretamente.

Senhoras e senhores, meu truque para vocês hoje será pegar este Camaro 1973...

Gansey tirou o estepe do porta-malas e o abandonou ao lado de um poste de luz. O preço da visita de Malory.

... e acomodar cinco pessoas, um cachorro e um monte de bagagem dentro.

Após realizar esse truque de mágica, ele afundou no assento do motorista. O Cão respirava, ofegante e ansiosamente. Gansey sabia como era isso.

— Posso fazer um carinho nela? Nele? — perguntou Blue.

— Sim — respondeu Malory. — Mas ele não vai gostar. Ele é muito tenso.

Gansey permitiu que Blue trocasse um olhar significativo com ele no espelho retrovisor quando eles voltaram para a autoestrada.

— A comida no avião estava horrorosa; impressionante que a equipe não tenha morrido com úlceras hemorrágicas — disse Malory, batendo no braço de Gansey tão subitamente que tanto Gansey quanto o Cão deram um salto, surpresos. — Você sabe alguma coisa sobre a tapeçaria que foi perdida para os ingleses em Mawddwy?

— Tapeçaria? Ah. *Ah*. Tinha mulheres com mãos vermelhas nela? Achei que eles tinham decidido que era uma bandeira — disse Gansey.

— Sim, sim, essa mesma. Você *é* bom!

Gansey achou que ele não era melhor do que se poderia esperar depois de sete anos de estudos com um propósito praticamente único, mas apreciava o sentimento. Ele levantou a voz a fim de incluir o banco de trás na conversa.

— Na realidade é muito interessante. Os ingleses perseguiram alguns dos homens de Glendower, e, embora eles tenham escapado, os ingleses ficaram com essa tapeçaria antiga. Ou bandeira, tanto faz. As mãos vermelhas são interessantes porque mãos vermelhas são associadas ao Mab Darogan, um título mítico. Ele foi dado a pessoas como o rei Artur e Llewellyn, o Grande, além, é claro, de Owain Lawgoch...

— É claro — ecoou Ronan sarcasticamente. — Owain Lawgoch, claro.

— Não seja tão babaca — murmurou Adam.

— Essa faixa termina — disse Blue.

— Termina mesmo — disse Gansey, entrando no fluxo. — De qualquer maneira, o Mab Darogan era uma espécie de "filho do destino" galês.

Malory intercedeu:

— Culpe os poetas. É mais fácil levar as pessoas à rebelião se elas acreditarem que estão ao lado de um semideus ou alguma figura escolhida. Nunca confie em um poeta. Eles...

Gansey o interrompeu:

— A bandeira foi destruída, certo? Ah, desculpe, eu não queria interromper.

— Está tudo bem — disse Malory, soando como se estivesse mais do que tudo bem. Puxar os fios da

tecedura firme da história era o que eles tinham em comum. Gansey estava aliviado por perceber que a relação deles ainda estava intacta, apenas construída sobre uma fundação muito diferente do que sua relação com as pessoas no banco de trás. Enquanto um Honda passava voando por eles, seus ocupantes mostrando o dedo do meio para Gansey, o professor continuou: — Acreditou-se realmente que ela havia sido destruída. Na realidade, utilizada para um novo fim. Skidmore escreveu que ela foi usada para fazer camisolas de dormir para Henrique IV, embora eu não tenha conseguido encontrar essas fontes.

— Camisolas de dormir! — repetiu Blue. — Por que *camisolas de dormir*?

— Para máxima ignomínia — disse Gansey.

— Ninguém sabe o que *ignomínia* significa, Gansey — Adam murmurou.

— Desonra — ofereceu Malory. — Destruição da dignidade. De maneira muito parecida com viajar de avião. Mas a tapeçaria foi na realidade descoberta pouco tempo atrás, na semana passada.

— Está brincando! — Gansey se virou abruptamente.

— Está em péssimo estado... Tecidos não se preservam muito bem, como você sabe. E levou uma eternidade para eles determinarem do que se tratava.

Agora, agora, pegue esta saída, Gansey, para que eu possa lhe mostrar uma coisa. Por um curioso acidente, a tapeçaria foi encontrada debaixo de um celeiro em Kirtling. A enchente abriu um caminho profundo através da camada superior do solo, o que revelou a ponta de uma fundação mais antiga. Metros e metros de terra foram deslocados.

— Toda essa água não destruiu a bandeira? — Adam perguntou.

O professor se virou para trás.

— Exatamente a questão! Por um truque da física, a água não encheu a fundação, mas em vez disso acabou abrindo um curso separado ligeiramente morro acima! E, em resposta à sua pergunta não feita, sim! O celeiro estava localizado sobre uma linha ley.

— Era exatamente isso que eu ia perguntar — disse Ronan.

— Ronan — disse Blue —, não seja tão babaca.

Gansey pegou um canto da risada de Adam no espelho retrovisor enquanto entrava em uma vaga de estacionamento em um posto de gasolina enlameado. Malory havia tirado uma velha câmera digital de algum lugar em sua pessoa e estava repassando as fotos.

— Agora eles estão dizendo que a enchente foi causada por uma tempestade repentina ou algo assim.

Mas as pessoas que estavam *lá* dizem que as paredes do celeiro estavam chorando.

— Chorando! — exclamou Blue. Era impossível dizer se estava horrorizada ou encantada.

— No que você acredita? — perguntou Gansey.

Em resposta, Malory simplesmente lhe passou a câmera. Gansey olhou para o visor.

— Ah — ele disse.

A foto mostrava um tecido bastante degradado pintado com três mulheres, cada uma em um robe simples de uma época bem anterior a Glendower. Elas estavam paradas em poses idênticas, as mãos erguidas de cada lado da cabeça, as palmas em um tom vermelho-sangue, anunciando o Mab Darogan.

Cada uma delas tinha o rosto de Blue Sargent.

Impossível.

Mas não. Nada era impossível ultimamente. Ele aumentou o zoom da foto para ver melhor. Os olhos grandes de Blue olhavam de volta para ele. Estilizados, sim, mas mesmo assim a semelhança era extraordinária: as sobrancelhas dúbias, a boca curiosa. Gansey pressionou o nó dos dedos contra os lábios enquanto marimbondos zuniam em seus ouvidos.

Ele se sentiu subitamente subjugado, como não se sentia há muito tempo, pela memória da voz em sua cabeça enquanto sua vida era salva. *Você vai viver por*

causa de Glendower. Alguém na linha ley está morrendo quando não deveria, e assim você vai viver quando não deveria. Ele se sentia absolutamente compelido a ver Glendower em pessoa, tocar sua mão, ajoelhar-se diante dele, agradecê-lo, sê-lo.

Mãos se estenderam do banco de trás; Gansey não sabia de quem eram. Ele as deixou pegar a câmera.

Blue murmurou algo que ele não captou, e Adam sussurrou:

— Ela parece com você.

— Qual delas?

— Todas elas.

— Puta merda — disse Ronan, colocando em palavras os pensamentos de todos.

— A foto está muito próxima — disse Gansey finalmente. — A qualidade é excelente.

— Bem, é claro — respondeu Malory. — Você não compreende? Este é o celeiro ao lado da minha casa de campo. Fui eu que vi as lágrimas. Minha equipe encontrou a tapeçaria.

Gansey se esforçou para compreender o que estava ouvindo.

— Como você sabia que devia procurar ali?

— Essa é a questão, Gansey. Eu não estava procurando nada. Estava em um merecido feriado. Após o verão que tive, brigando com aquele

desgraçado do meu vizinho Simmons por causa do maldito esgoto dele, eu estava precisando desesperadamente descansar. Vá por mim, minha presença em Kirtling foi coincidência.

— Coincidência — ecoou Adam, desconfiado.

O que era isso, essa coisa enorme? Gansey se sentia aceso com a expectativa e o temor. A enormidade da questão lembrava o poço negro na caverna — ele não conseguia ver o fundo, tampouco o outro lado.

— Devo dizer, Gansey — disse Malory animadamente —, que estou muito empolgado para conhecer a sua linha ley.



Blue não conseguia dormir aquela noite. Ela não conseguia parar de esperar pelo ruído da porta da frente. Alguma parte boba e entranhada dela não conseguia acreditar que sua mãe não voltaria para casa antes de a escola começar, no dia seguinte. Sua mãe sempre tivera resposta para tudo, mesmo que fosse errada, e Blue dera como certo que ela seguiria inalterável quando todo o resto virasse do avesso.

Blue sentia falta dela.

Ela foi até o corredor e ouviu. Na rua, Orla estava conduzindo uma limpeza de chacra à meia-noite com alguns clientes ardorosos. No andar de baixo, Calla via televisão irritadamente sozinha. No seu andar, ela não ouviu nada, nada — e então uma série de suspiros curtos e intencionais do quarto de Persephone no fim do corredor.

Quando ela bateu, Persephone disse em sua voz pequenina: — Entre, por favor.

Do lado de dentro, a luz da lâmpada chegava somente até uma mesinha barata e à extremidade da cama de solteiro, alta e antiga, de Persephone. Ela estava sentada de pernas cruzadas na cadeira vitoriana da escrivaninha, a enorme nuvem de cabelo crespo iluminada em tons dourados pela única lâmpada. Ela trabalhava em um velho blusão.

Quando Blue subiu no colchão usado, vários rolos de fios rolaram para se aninhar em seus pés descalços. Ela puxou a camiseta extragrande sobre os joelhos e observou Persephone por alguns minutos. Esta parecia acrescentar comprimento às mangas, costurando punhos que não combinavam entre si. De tempos em tempos, Persephone suspirava, como se estivesse incomodada consigo mesma ou com o blusão.

— É seu? — perguntou Blue.

— O que é meu? — Persephone seguiu o olhar dela até o blusão. — Ah. Ah, não. Quer dizer, era. Mas, como você pode ver, estou fazendo mudanças nele.

— Para alguém com braços longos de gigante?

Persephone segurou a peça de roupa à sua frente para verificar se era esse o caso.

— Sim.

Blue lentamente alinhou os fios por cor na cama ao lado dela.

— Você acha que a minha mãe foi procurar o Chuchu?

— O seu pai. Artemus — corrigiu Persephone. Ou esclareceu. *Chuchu* não era realmente o nome do pai de Blue; era um apelido carinhoso que aparentemente Maura havia lhe dado nos velhos tempos. — Acho que isso seria simplificar demais a questão. Mas sim, essa é uma das razões por que ela foi.

— Achei que ela era a fim do sr. Cinzento.

Persephone pensou um pouco.

— O problema com a sua mãe, Blue, é que ela gosta de tocar as coisas. Nós dissemos a ela que Artemus estava no passado. Ele fez as próprias escolhas muito tempo antes de você, eu disse. Mas não, ela tinha que continuar tocando naquilo! Como você pode esperar que algo sare se você não para de *cutucar* a ferida?

— Entãããão... ela... foi... buscar... meu pai?

— Ah, não! — disse Persephone com uma risadinha. — Não acho que ela faria isso, não. Como você disse, ela é a fim do sr. Cinzento. Os jovens realmente dizem isso ainda?

— Eu acabei de dizer. E sou jovem.

— Um pouco.

— Você está me perguntando ou não? Ou você aceita minha autoridade sobre o assunto, ou seguimos em frente.

— Seguimos em frente. Mas é ela quem decide, sabe, se quer procurá-lo. Ela nunca consegue estar realmente sozinha, e essa é a chance dela de tirar um tempo para si.

Blue não achava que Maura era do tipo de pessoa que gostava de tirar *um tempo para si*, mas talvez esse tenha sido o problema.

— Então você está dizendo que a gente não deve continuar procurando por ela?

— Como eu vou saber?

— Você é médium! Você cobra das pessoas para prever o futuro delas! Então faça isso!

Persephone mirou Blue e seus olhos absolutamente negros, até que ela se sentiu um pouco mal por seu acesso de raiva, e então acrescentou: — A Maura foi para Cabeswater. Isso não é o futuro. Além disso, se ela quisesse ajuda, teria pedido. Provavelmente.

— Se eu tivesse te pagado — disse Blue perigosamente —, pediria meu dinheiro de volta agora mesmo.

— Que sorte que você não me pagou, então. Isso parece alinhado para você? — Persephone segurou o

blusão no alto. As duas mangas não pareciam nem um pouco uma com a outra.

Com um *pfiu!* um tanto explosivo, Blue saltou da cama e saiu apressada do quarto. Em seguida ouviu Persephone dizer: — O sono é o alimento do cérebro! — enquanto seguia pelo corredor.

Blue não se sentia confortada. Parecia que não tivera uma conversa significativa com um ser humano.

Em vez de ir para o seu quarto, ela entrou furtivamente no Quarto do Telefone/Costura/Gato no escuro e se sentou ao lado da linha de atendimento mediúnico, dobrando as pernas despidas debaixo de si. A janela, escancarada, deixava entrar o ar gelado. A luz da rua através das folhas lançava sombras familiares e vivas sobre as caixas de materiais de costura. Blue pegou um travesseiro da cadeira e o largou sobre as pernas dobradas como patas de ganso antes de pegar o telefone. Ela ouviu para se certificar de que havia linha e não atividade mediúnica do outro lado.

Então ligou para Gansey.

O telefone tocou duas, três vezes, e então:

— Alô?

Ele soava como um menino qualquer. Blue perguntou: — Te acordei?

Ela ouviu Gansey procurar desajeitadamente e encontrar seus óculos.

— Não — ele mentiu —, eu estava acordado.

— De qualquer maneira, eu te liguei por engano. Eu queria ligar para o Congresso, mas o seu número é muito parecido.

— Ah, é?

— Sim, porque o seu tem 6-6-5. — Ela fez uma pausa. — Sacou?

— Ah, você.

— 6-6-5. Um número diferente. *Sacou?*

— Sim, saquei. — Gansey ficou em silêncio por um minuto, embora ela pudesse ouvi-lo respirando. — Eu não sabia que você podia ligar para o inferno, na realidade.

— Você pode ligar — disse Blue. — A questão é que você não pode *desligar*.

— Mas imagino que você possa enviar cartas.

— Nunca com selos suficientes.

— Não, fax — Gansey se corrigiu. — Finja que eu não disse cartas. *Fax* é mais engraçado.

Blue riu no travesseiro.

— Tudo bem, isso é tudo.

— Tudo o quê?

— Tudo que eu tinha para dizer.

— Aprendi bastante. Que bom que você errou o número.

— Bom. Um erro fácil de cometer — ela disse. — Talvez eu faça isso de novo.

Pausa muito, muito longa. Blue abriu a boca para preenchê-la, então mudou de ideia e não o fez. Ela estava com calafrios de novo, embora não estivesse com frio, com o travesseiro sobre as pernas.

— Não deveria — disse Gansey finalmente. — Mas espero que você faça.



Na manhã seguinte, Gansey e Malory saíram para investigar a linha ley. Adam concordou em se juntar a eles, o que surpreendeu Gansey. A questão não era que os dois vinham brigando. A questão era que eles *não* vinham brigando. Nem conversando. Nem nada. Gansey seguia pela mesma estrada de sempre, e Adam tomara um desvio para uma segunda estrada.

Mas, por um momento, pelo menos, eles estavam indo na mesma direção. Meta: encontrar outra entrada para a caverna dos corvos. Método: refazer os passos de buscas anteriores pela linha ley. Recursos: Roger Malory.

Era uma boa época do ano para mostrar a cidade. Henrietta e seus arredores eram uma caixa de tintas coloridas. Prados verdes, plantações de milho douradas, plátanos amarelos, carvalhos laranja, o tom azul-arroxeado das montanhas, um céu azul-celeste e

sem nuvens. A estrada recém-pavimentada era negra, cheia de curvas e convidativa. O ar estava fresco, respirável e insistindo por ação.

Os três se deslocavam com rapidez até que algo chamou realmente a atenção de Malory na quarta parada da manhã: a montanha Massanutten. Não era dos locais mais místicos. Bairros se destacavam nos flancos e um resort de esqui a coroava. Gansey a achava vulgar, forragem para turistas e estudantes, mas, se ele tivesse dito isso em voz alta, Adam teria cortado sua garganta em um minuto por estar sendo elitista.

Os três pararam ao lado da estrada, evitando os olhares dos motoristas que diminuíam a velocidade. Malory estava todo curvado por detrás do tripé, dissertando algo para Adam ou para si mesmo.

— O procedimento da busca por linhas ley é bastante diferente nos Estados Unidos! Na Inglaterra, uma verdadeira linha ley deve ter pelo menos um elemento alinhado, igreja, túmulo, pedra de pé, a cada três quilômetros, ou será considerada coincidência. Mas, é claro, aqui nas Colônias — os dois garotos sorriram expressando bom humor — tudo é muito mais distante. Além disso, vocês nunca tiveram os romanos para construir coisas para vocês em linhas maravilhosamente retas. Uma pena. Fazem falta.

— Eu *sinto* falta dos romanos — disse Gansey, apenas para ver Adam sorrir desdenhosamente, o que ele fez.

Malory apontou seu telescópio através de um vão nas árvores, na direção do vale que se abria abaixo.

— E, embora sua linha esteja desperta e profunda agora, positivamente *profunda,* com energia, a linha secundária que estamos procurando hoje é n... Maldição! — Ele havia tropeçado no Cão.

O Cão olhou para Malory. Sua expressão dizia: *Maldição!*

— Me passe aquele lápis. — Malory pegou o lápis de Adam e marcou algo no mapa. — Vá se sentar no carro!

— Como? — perguntou Adam, educado e chocado.

— Não você! O Cão!

O Cão se retirou, amuado. Outro carro reduziu a velocidade para encará-los. Malory murmurou para si mesmo. Adam bateu um dedo de maneira ausente contra o próprio punho, um gesto de certo modo vago e desconcertante. Insetos zuniam à volta deles; asas passaram raspando pela face de Gansey.

Uma abelha, talvez; eu posso estar morto em um minuto aqui, talvez, ao lado dessa estrada, antes que

Malory consiga pegar o celular no carro, antes que Adam perceba o que está acontecendo.

Gansey não matou o inseto. Ele voou embora zunindo, mas seu coração ainda assim bateu rápido.

— Me explique o que você está fazendo — disse Gansey. Então corrigiu: — *Nós*. Explique para nós.

Malory adotou sua voz professoral.

— A sua caverna está ligada à linha ley, e não tem uma localização fixa. Portanto, se estamos procurando essa caverna, não faz sentido procurar entradas de cavernas comuns. Apenas uma entrada em uma linha ley vai servir. E, como o mapa da sua caverna sugere que você está se deslocando perpendicularmente à linha ley, em vez de ao longo dela, creio que a malha da caverna em sua totalidade existe em múltiplas linhas. Então nós procuramos uma encruzilhada! Me diga, o que é isso?

Ele indicou algo em um dos mapas que um Gansey mais jovem havia anotado com destaque. O Gansey mais velho levantou o dedo de Malory para olhar debaixo dele.

— Spruce Knob. O pico mais alto da Virgínia Ocidental. Mil e quatrocentos metros ou algo assim.

— O pico mais alto da Virgínia? — ecoou Malory.

— Ocidental — Gansey e Adam disseram ao mesmo tempo.

— Virgínia *Ocidental* — repetiu Gansey, evitando cuidadosamente cruzar com o olhar de outro motorista reduzindo a marcha. — Cem quilômetros a oeste daqui. Cento e vinte, talvez?

Malory arrastou a ponta quadrada do dedo alguns centímetros ao longo de um dos muitos atalhos realçados.

— E o que é isso?

— Montanha Coopers.

Malory bateu com o dedo sobre ela.

— O que é essa anotação? Túmulo do Gigante?

— É outro nome para a montanha.

O professor ergueu as sobrancelhas peludas.

— Nome interessante para o novo mundo.

Gansey lembrou como ficara empolgado ao saber o nome antigo da montanha Coopers. Parecera um trabalho incrível de detetive tropeçar nessa informação em um velho documento de tribunal, e então fora mais emocionante ainda descobrir que a montanha era apropriadamente esquisita: ficava completamente isolada no meio dos campos ondulantes, a três quilômetros do cume principal.

— Por que é interessante? — Adam perguntou.

Gansey explicou:

— Os reis eram frequentemente gigantes na mitologia britânica. Vários locais britânicos

associados a reis têm a palavra *gigante*, ou são de tamanhos gigantescos. Existe uma montanha no País de Gales, como se chama... Idris? Dr. Malory, me ajude.

— Cadair Idris. — Malory estalou os lábios.

— Isso. A tradução é *a cadeira de Idris*, que era um rei, e um gigante, e assim a cadeira na montanha é gigantesca também. Eu consegui permissão para escalar o Túmulo do Gigante. Corriam alguns rumores sobre túmulos de índios norte-americanos ali, mas não consegui encontrar. Nenhuma caverna também.

Malory continuou seguindo a linha realçada.

— E isso?

— Monte Mole. Costumava ser um vulcão. Fica no meio de uma planície. Nenhuma caverna ali também, mas um monte de estudantes de geologia.

Malory bateu com o dedo sobre o último local na linha.

— E aqui estamos nós, não é? Mas-sa-nut-ten. Nossa, essa linha de vocês. Esperei a vida inteira para ver algo assim. Extraordinário! Me digam, deve haver outros por aí vasculhando a linha também, não é?

— Sim — respondeu Adam imediatamente.

Gansey olhou para ele. O *sim* não havia deixado lugar para dúvida; um *sim* não de paranoia, mas de observação.

Com uma voz mais baixa, para Gansey, não para Malory, Adam disse:

— Por causa do sr. Cinzento.

É claro. O sr. Cinzento aparecera procurando um pacote mágico e, quando deixara de entregá-lo para seu empregador, Colin Greenmantle, este havia inundado a cidade com pessoas à procura do sr. Cinzento. Seria insensatez presumir que todos houvessem partido.

Gansey preferia ser insensato.

— Não me causa surpresa! — concluiu Malory, batendo uma mão no ombro de Gansey. — Sorte de vocês dois que este jovem tem um ouvido melhor que a maioria; ele vai ouvir aquele rei bem antes que alguém chegue a pensar em escutá-lo. Agora vamos nos mandar deste lugar ordinário antes que ele nos contamine. Aqui! Ao Spruce Knob! Valendo por esses dois outros caroços.

Por força do hábito, Gansey juntou o telescópio, o GPS e a mira de laser enquanto Malory entrava no Suburban para esperar. Adam se dirigiu mata adentro para fazer xixi, coisa que sempre fazia Gansey desejar não ser tão inibido para fazer o mesmo.

Quando voltou, Adam disse subitamente:

— Ainda bem que não estamos brigando. Foi idiotice que isso tenha continuado por tanto tempo.

— É — respondeu Gansey, tentando não soar aliviado, exaurido, satisfeito. Ele temia dizer demais e destruir aquele momento, que já parecia imaginário.

Adam continuou:

— Aquela coisa com a Blue. Eu devia saber que seria esquisito tentar sair com ela, uma vez que ela fosse uma... Você sabe, com todos nós. Sei lá.

Gansey pensou em seus dedos tocando os de Blue e como o gesto havia sido tolo. O equilíbrio era conquistado com tanto esforço.

Ele preferia ser um tolo, mas não poderia continuar daquele jeito.

Os dois garotos olharam através do espaço vazio entre as árvores na direção do vale. Um trovão retumbava em algum lugar, embora não houvesse nem uma nuvem no céu. Não parecia que ele vinha do céu, de qualquer maneira. Parecia que vinha de debaixo deles, lá da linha ley.

A expressão de Adam era feroz e satisfeita; Gansey se sentia ao mesmo tempo orgulhoso por conhecê-lo e incerto que o conhecesse realmente.

— Não consigo acreditar que estamos fazendo isso — disse Gansey.

— Eu consigo — respondeu Adam.



Aquela não era a vida real de Blue.

Enquanto se recostava contra a parede do lado de fora da sala da orientadora vocacional, ela se perguntou quando começaria a pensar na escola como uma coisa importante de novo. Após um verão extraordinário, repleto de perseguições a reis e mães desaparecidas, era difícil de realmente, verdadeiramente se ver indo para a aula todos os dias. Que importância isso teria em dois anos? Ninguém ali se lembraria dela, e vice-versa. Ela apenas lembraria que aquele fora o outono em que sua mãe desaparecera. Aquele fora o ano de Glendower.

Ela espiou o relógio através do corredor forrado de linóleo. Em uma hora ela caminharia de volta para casa, para sua vida real.

Você vai voltar amanhã, disse Blue para si mesma. *E no dia seguinte.*

Mas parecia mais um sonho do que Cabeswater.

Ela tocou a palma com os dedos da outra mão e pensou sobre aquela bandeira que Malory havia encontrado, pintada com três mulheres de mãos vermelhas e o seu rosto. Blue pensou sobre como os garotos estavam lá fora explorando sem ela.

Então se deu conta da presença de Noah. Em um primeiro momento, ela simplesmente sabia que ele estava ali e, quando ponderou como aquilo acontecia, percebeu que podia vê-lo curvado ao lado dela, em seu uniforme da Aglionby amarrotado.

— *Aqui?* — demandou Blue, embora na realidade estivesse satisfeita. — Aqui e não na caverna dos corvos da morte?

Noah deu de ombros, envergonhado e manchado. Sua proximidade esfriava Blue, à medida que ele tirava energia dela para permanecer visível. Ele piscou para duas garotas que passaram ao lado empurrando um carrinho. Elas não pareceram notá-lo, mas era difícil dizer se isso ocorria porque Noah era invisível para elas ou apenas porque era Noah.

— Acho que sinto falta dessa parte — ele disse. — O início. Este *é* o início, certo?

— Primeiro dia — respondeu Blue.

— Ah, *sim*. — Noah se recostou e inspirou. — Ah, espera, não, é o outro dia. Esqueci. Na realidade,

eu odeio essa parte.

Blue não odiava, porque isso exigiria reconhecer que ela estava realmente acontecendo.

— O que você está fazendo? — perguntou Noah.

Ela passou a ele um folheto, embora se sentisse constrangida compartilhando-o, como se estivesse passando a Noah uma lista para o Papai Noel.

— Vou falar com a orientadora sobre isso.

Ele leu as palavras como se elas estivessem em uma língua estrangeira.

— Ex-pe-ri-men-te di-versos tipos de flo-res-tas na A-ma-zônia. A Es-co-la de Eco-lo-gia pro-por-ciona estu-dos no ex-te-rior... Ah, você não pode *ir a um lugar qualquer*.

Ela sabia que provavelmente ele estava certo.

— Obrigada pelo voto de confiança.

— As pessoas vão te ver falando sozinha e vão pensar que você é esquisita.

Isso divertiu Noah, mas não a divertiu nem a preocupou. Ela passara dezoito anos como a filha da médium da cidade, e agora, no último ano do ensino médio, já tivera todas as conversas possíveis a respeito do fato. Blue fora evitada, acolhida, perseguida e adulada. Ela ia para o inferno, tinha uma linha direta para o nirvana espiritual. Sua mãe era uma picareta, sua mãe era uma bruxa. Blue se vestia como uma

andarilha, Blue se vestia como uma empresária da moda. Ela era incrivelmente engraçada, ela era uma vaca sem amigos. Isso havia desaparecido em um ruído de fundo monótono. O desfecho triste e desalentador era que Blue Sargent era a coisa mais esquisita nos corredores da Escola Mountain View.

Bem, com a exceção de Noah.

— Você vê outras pessoas mortas? — Blue lhe perguntou.

Querendo dizer: *Você vê a minha mãe?*

Ele estremeceu.

Uma voz veio da porta da sala entreaberta:

— Blue? Querida, pode entrar.

Noah entrou furtivamente na sala, na frente dela. Embora parecesse sólido e vivo sob a forte luz do sol que entrava pela janela, a orientadora olhou bem através dele. Sua invisibilidade parecia absolutamente milagrosa enquanto ele se sentava no chão na frente da mesa de metal para ouvir prazerosamente a conversa.

Blue lhe lançou um olhar fulminante.

Havia dois tipos de pessoas: as que conseguiam ver Noah e as que não conseguiam. Blue geralmente só se dava bem com as primeiras.

A orientadora, srta. Shiftlet, era nova na escola, mas não em Henrietta. Blue a reconhecia da agência dos correios. Era uma daquelas mulheres mais velhas

impecavelmente vestidas que gostavam das coisas feitas certas na primeira tentativa. Ela se sentava perfeitamente ereta em uma cadeira projetada para se deixar largar, fora do lugar, atrás de uma mesa barata, compartilhada e atulhada de quinquilharias pessoais que não combinavam entre si.

A srta. Shiftlet conferiu eficientemente o computador.

— Vejo que alguém acabou de fazer aniversário.

— Foi seu *aniversário*? — demandou Noah.

Blue lutou para se dirigir à orientadora em vez de a Noah.

— O quê? Ah, sim.

Fora duas semanas antes. Normalmente, Maura fazia brownies molhadinhos, mas não estava ali para o aniversário. Persephone fizera o seu melhor para recriá-los em sua glória malpassada, mas os brownies saíram acidentalmente belos e precisos, com açúcar de confeiteiro polvilhado em desenhos de padrões rendados sobre eles. Calla parecera preocupada que Blue ficaria brava, o que não fez sentido para a garota. Por que Blue ficaria brava com *elas*? Era Maura que ela queria esbofetear. Ou abraçar.

— Não acredito que você não contou para a gente — sussurrou Noah. — A gente podia ter saído para tomar um sorvete.

Noah não podia comer, mas gostava da sorveteria na cidade por razões que escapavam ao entendimento de Blue.

A srta. Shiftlet inclinou a cabeça para ela, sem perder a postura perfeita.

— Vejo aqui que você falou com o sr. Torres antes da saída dele. Ele fez uma observação aqui a respeito de um incidente em...

— Isso já foi superado — interrompeu Blue, evitando os olhos de Noah e empurrando o folheto para o outro lado da mesa. — Faz de conta que nunca aconteceu. Eu só gostaria de saber se tem alguma maneira de chegar aqui a partir do que estou fazendo agora.

A srta. Shiftlet estava visivelmente ansiosa para abandonar o assunto de qualquer coisa que pudesse ser considerada um *incidente*. Ela consultou o folheto.

— Bem, isso parece um carnaval na floresta, sem brincadeira! Você tem interesse em vida selvagem? Vou buscar informações sobre essa escola.

Noah se inclinou para frente.

— Você devia ver os sapatos dela. Pontudos.

Blue o ignorou.

— Eu *gostaria* de fazer algo com sistemas de rios, ou florestas...

— Ah, essa escola é *muito* competitiva. — A srta. Shiftlet era eficiente demais para deixar Blue terminar a frase. — Aqui, vou lhe mostrar a média das notas dos alunos que são aceitos.

— Grossa — comentou Noah.

A srta. Shiftlet virou o monitor para que Blue pudesse ver um gráfico de certa maneira desmoralizante.

— Veja como são poucos os alunos que são aceitos. Isso significa que a ajuda financeira também seria muito disputada. Você pretende tentar uma bolsa?

Ela disse isso como uma declaração em vez de uma pergunta, mas não estava errada. Aquela era a Escola Mountain View. Ninguém pagava o valor total de uma escola particular. A maioria dos colegas de Blue considerava uma faculdade mais acessível ou do estado, isso quando considerava o grau universitário.

— Eu não sei se o sr. Torres passou pelos tipos de escola que você precisa. — A srta. Shiftlet soava como se suspeitasse que ele não o havia feito, e o julgava por isso. — O que você precisa são três tipos diferentes. Faculdades *distantes*, faculdades *acessíveis* e faculdades *seguras*. Esta aqui é um exemplo maravilhoso de faculdade distante. Mas agora chegou o momento de acrescentar mais algumas à sua lista.

Algumas faculdades que você tenha certeza de que pode entrar e pagar por elas. Estamos falando apenas de bom senso.

A srta. Shiftlet escreveu *distantes*, *acessíveis* e *seguras* em um cartão. Sublinhando *seguras*, ela o deslizou para o outro lado da mesa. Blue não tinha certeza se deveria ficar com ele.

— Você já preencheu o formulário para a dispensa de taxa de inscrição?

— Quatro. Li na internet que posso conseguir quatro dispensas dessas taxas?

Essa demonstração de eficiência agradou visivelmente a srta. Shiftlet.

— Então talvez você já saiba que essa é a sua faculdade *distante*! Agora é chegado o momento de fazer um plano B sensato.

Blue estava tão cansada de concessões. Ela estava cansada do *sensato*.

Noah arranhou as unhas da mão sobre a perna da mesa. O som, confessamente desconfortável, fez a srta. Shiftlet franzir o cenho.

— Eu seria muito mais simpático se fosse orientador — ele disse.

— Se eu *for* admitida — disse Blue —, posso conseguir um empréstimo para cobrir tudo?

— Vou pegar a papelada para você — disse a srta. Shiftlet. — A FAFSA paga uma *porcentagem*, dependendo da sua *necessidade*. O montante varia.

Blue não podia esperar nenhuma ajuda do orçamento apertado na Rua Fox, 300. E pensou na conta bancária que andara enchendo lentamente.

— Quanto faltaria? Você teria um palpite?

A srta. Shiftlet suspirou. Dar *palpites* claramente estava fora do seu âmbito de interesses. Ela virou o monitor de novo para revelar a taxa de matrícula da faculdade.

— Se você for morar na faculdade, provavelmente vai desembolsar dez mil dólares por ano. Seus pais podem fazer um empréstimo, é claro. Eu tenho os papéis para isso, também, se você quiser.

Blue se recostou enquanto seu coração deixava a cavidade do peito. É claro que era impossível. Fora impossível antes e continuaria sendo impossível para sempre. A questão é que o fato de passar tanto tempo com Gansey e os outros a fez pensar que o impossível poderia ser mais possível do que ela pensara antes.

Maura estava sempre lhe dizendo: *Veja todo o potencial que você tem dentro de si!*

Potencial para outras pessoas, no entanto. Não para Blue.

Não valia a pena derramar lágrimas por algo que ela sabia fazia tanto tempo. Era só que *isso*, além de todo o *resto*...

Ela engoliu. *Não vou chorar na frente dessa mulher.*

Subitamente, Noah saiu com dificuldade de debaixo da mesa. Ele se pôs de pé com um salto. Havia algo de errado a respeito da ação que dava a entender que ela era rápida demais, ou vertical demais, ou violenta demais para um garoto vivo realizar. E ele continuou subindo, mesmo após já ter ficado de pé. Quando Noah se estendeu até o teto, o cartão que dizia *distantes*, *acessíveis* e *seguras* levantou voo.

— Hã? — disse a srta. Shiftlet. Sua voz não soava nem surpresa, ainda.

O calor foi sugado da pele de Blue. A água no copo da srta. Shiftlet estalou.

O porta-cartões de visita foi virado. Cartões se espalharam sobre a mesa. Uma caixinha de som do computador caiu de frente. Uma série de papéis se lançou em um redemoinho para o alto. A foto de família de alguém disparou para cima.

Blue se colocou de pé num salto. Ela não tinha nenhum plano imediato a não ser parar Noah, mas, quando se lançou para frente com as mãos estendidas, percebeu que ele não estava ali.

Havia apenas uma explosão arremessada de tecidos, envelopes e cartões de visita, um tornado frenético que perdia propulsão.

O material desabou de volta na mesa.

Blue e a srta. Shiftlet se encararam. O papel farfalhou enquanto pousava completamente. A caixa de som derrubada do computador zunia; um dos cabos havia se soltado.

A temperatura estava lentamente subindo na sala novamente.

— O que acabou de acontecer? — perguntou a srta. Shiftlet.

O pulso de Blue galopou.

Ela respondeu com sinceridade:

— Não faço ideia.



Blue chegou à Indústria Monmouth antes de todos os outros. Ela bateu para ter certeza, e então se deixou entrar. Imediatamente foi envolvida pelo cheiro confortável do lugar: a ligeira fragrância de biblioteca dos livros antigos, o cheiro refrescante de hortelã, o odor de mofo e ferrugem dos tijolos centenários e dos canos antigos, um toque divertido do monte de roupa suja contra a parede.

— Noah? — Sua voz era pequena no espaço enorme. Blue largou a mochila sobre a cadeira de escritório. — Você está aqui? Está tudo bem, não estou chateada. Pode usar minha energia, se precisar.

Não houve resposta. O espaço estava ficando cinza e azul à medida que uma das estranhas tempestades súbitas se formava sobre as montanhas, enchendo as janelas do chão até o teto do armazém com nuvens. As sombras definidas da tarde por trás

das pilhas de livros se transformavam e se disseminavam. O aposento parecia pesado, sonolento.

Blue espiou a região escura que se formava no pico bem acima do teto.

— Noah? Eu só queria falar sobre o que aconteceu.

Ela enfiou a cabeça pela porta do quarto de Noah. As coisas de Malory o ocupavam atualmente, e ele tinha um cheiro masculino e persistente. Uma das malas estava aberta e Blue podia ver que estava inteiramente cheia de livros. Isso lhe pareceu pouco prático e típico de Gansey, e fez com que ela sentisse um pouco mais de simpatia pelo professor.

Noah não estava ali.

Blue conferiu o banheiro, que também era uma espécie de lavanderia e cozinha. As portas abertas davam para uma pequena lavadora e secadora; meias ficavam penduradas da beira do tanque, secando ou largadas. Uma pequena frigideira se escondia perigosamente próxima da privada. Uma extensão de mangueira de borracha dava voltas em torno de uma ducha acima de um ralo sujo; a cortina do chuveiro estava pendurada do teto com linha de pesca. Blue ficou impressionada com a quantidade de sacos de salgadinhos que era possível alcançar da privada. Uma

gravata vermelha escura no chão apontava uma linha pontiaguda na direção da saída.

Algum impulso estranho instou Blue a juntar uma parte da bagunça, qualquer componente em si, para melhorar a situação do desastre.

Mas ela não fez isso.

Blue saiu de lá.

O quarto de Ronan era proibido, mas ela olhou lá dentro de qualquer maneira. A gaiola do corvo dele estava com a portinhola aberta, impecável e incompativelmente limpa. O quarto não tinha tanta sujeira, mas um amontoado de coisas: pás e espadas recostavam nos cantos, alto--falantes e impressoras se empilhavam junto à parede. E objetos bizarros entre elas: uma velha maleta com vinhas saindo para fora, uma árvore em um pote que parecia estar cantarolando para si mesma, uma única bota de caubói no meio do chão. Uma máscara estava pendurada alta na parede, olhos arregalados, boca aberta. Estava escurecida, como se pelo fogo, e as bordas bastante mordidas, como se por uma serra. Algo que parecia suspeitosamente uma marca de pneu passava sobre um dos olhos. A máscara fez Blue pensar em palavras como *sobrevivente* e *destruidor*.

Ela não gostou disso.

Uma batida vinda de trás a fez dar um salto, mas era apenas a porta do apartamento se abrindo. A culpa amplificara o ruído.

Blue disparou para fora do quarto de Ronan. Gansey e Malory entraram caminhando lentamente, um atrás do outro, profundamente absortos na conversa. O Cão seguia cabisbaixo por fim, excluído por não falar inglês.

— É claro que Iolo Goch faria sentido como companheiro — Gansey dizia, livrando-se da jaqueta. — Ele ou Gruffudd Llwyd, imagino. Mas... não, é impossível. Ele morreu no País de Gales.

— Mas temos certeza disso? — perguntou Malory. — Nós sabemos onde ele foi enterrado? Que ele *foi* enterrado?

— Ou se foi simplesmente transformado em camisolas de dormir, você quer dizer? — Gansey então viu Blue e a premiou com seu melhor sorriso. Não seu sorriso mais caprichado, mas sua versão mais tola, que queria dizer que ele estava empolgado. — Olá, Jane. Me diga o que Iolo Goch significa para você.

Blue tirou seus pensamentos da máscara de Ronan, de Noah e da escola.

— Uma gripe?

— O poeta mais próximo de Glendower — corrigiu Gansey. — Também, muito engraçado.

— Vocês encontraram alguma coisa? — ela perguntou.

— Absolutamente nada — ele respondeu, soando animado a respeito disso.

Malory repousou sua massa no sofá de couro. O Cão se aninhou sobre ele. Não parecia uma posição muito confortável; o Cão caíra sobre o professor como uma roupa largada sobre uma cadeira. Mas Malory só fechou os olhos e fez carinho nele, em uma demonstração atípica de afeto.

— Gansey, estou morrendo por uma xícara de chá. Seria possível conseguir isso neste lugar? Não há como ter esperança de sobreviver à mudança de fuso horário sem uma xícara de chá.

— Comprei um chá só para você — disse Gansey. — Vou fazer um.

— Só não faça com água da privada, por favor — disse Malory às suas costas, sem abrir os olhos. O Cão continuou deitado sobre ele.

Por um momento quase insuportável, Blue temeu não ser capaz de evitar perguntar para que servia o Cão. Em vez disso, ela seguiu Gansey até a cozinha-banheiro-lavanderia.

Ele procurava algo nas prateleiras entulhadas.

— Estávamos falando há pouco sobre como Glendower foi trazido para cá. Os livros dizem que ele viajou com magos... Será que foram eles que o colocaram para dormir? Ele *queria* isso? Ele estava dormindo antes de partir ou caiu no sono aqui?

Subitamente pareceu algo solitário ser enterrado a um oceano de distância de sua casa, como ser lançado no espaço.

— Iolo Goch era um dos magos?

— Não, apenas um poeta. Você ouviu o Malory no carro. Eles eram muito poelíticos... poéticos... políticos... — Gansey riu do próprio tropeço. — *Poetas* eram *políticos*. Eu sei que não chegam a ser palavras complicadas de dizer. Estive ouvindo Malory o dia inteiro. P-p-políticos. Poetas. Iolo compôs uns poemas bem elogiosos a respeito da bravura de Glendower, sua casa e suas terras. Sua família e por aí afora. Ah, o que estou procurando aqui mesmo?

Ele fez uma pausa para localizar um pequeno forno de micro-ondas. Gansey examinou o interior da xícara antes de enchê-la. Tirou uma folha de hortelã do bolso para mascar e falou em torno dela enquanto a água esquentava.

— Realmente, se Glendower fosse Robin Hood, Iolo Goch teria sido... aquele outro cara.

— Marian — disse Blue. — João Pequeno.

Gansey apontou para ela.

— Como Batman e Robin. Mas ele morreu no País de Gales. Devemos acreditar que retornou ao País de Gales depois de deixar Glendower aqui? Não. Eu rejeito a ideia.

Blue adorava aquele Gansey ponderado e acadêmico, envolvido demais com os fatos para considerar como parecia para o mundo exterior. Ela perguntou: — Glendower tinha esposa, certo?

— Morreu na Torre de Londres.

— Irmãos?

— Decapitados.

— Filhos?

— Um milhão, mas quase todos presos e mortos, ou simplesmente mortos. Ele perdeu a família inteira no levante.

— Então é o poeta!

— Você já ouviu aquele papo que se ferver água no micro-ondas ela explode quando você a tocar? — perguntou Gansey.

— Tem que ser pura — respondeu Blue. — Água destilada. A água comum não explode, por causa dos minerais. Você não devia acreditar em tudo que lê na internet.

Um ruído trovejante os interrompeu, de maneira súbita e absoluta. Blue levou um susto, mas Gansey

apenas olhou para cima.

— É a chuva no telhado. Deve estar desabando água.

Ele se virou, xícara na mão, e subitamente eles estavam a centímetros de distância. Ela podia sentir o cheiro de hortelã na boca dele. Blue viu sua garganta se mover enquanto ele engolia.

Ela estava furiosa com seu corpo por traí-la, por querer Gansey de um jeito diferente do que qualquer um dos outros garotos, por se recusar a dar ouvidos à sua insistência de que eles eram apenas amigos.

— Como foi seu primeiro dia de escola, Jane? — ele perguntou, a voz diferente de minutos atrás.

Minha mãe desapareceu. O Noah explodiu. Eu não vou para a faculdade. Não quero voltar para casa, onde tudo é estranho, e não quero voltar para a escola, onde tudo é normal.

— Ah, você sabe, escola pública — ela disse, sem encará-lo. Em vez disso, se concentrou no pescoço de Gansey, que estava bem na altura de seus olhos, e em como seu colarinho não ficava bem contra a pele em volta dele, por causa do pomo de adão. — Nós só vimos desenhos o dia inteiro.

Blue quisera ser irônica, mas ficou com a impressão de que não havia realmente conseguido.

— Nós vamos encontrar a sua mãe — disse Gansey, e Blue sentiu uma pontada no peito novamente.

— Não tenho certeza se ela quer ser encontrada.

— É um direito dela. Jane, se... — Ele parou e mexeu o chá. — Espero que o Malory não queira leite. Esqueci completamente.

Ela desejou que ainda pudesse evocar aquela Blue que o desprezava. Ela gostaria de saber se Adam se sentiria terrível a respeito disso. Ela gostaria de saber se lutar contra aquele sentimento faria com que o fim previsto de Gansey a destruísse menos.

Blue fechou o micro-ondas, e Gansey deixou o aposento.

No sofá, Malory olhava para o chá como um homem veria uma sentença de morte.

— O que mais? — perguntou Gansey afavelmente.

Malory empurrou o Cão para o chão.

— Eu gostaria de um quadril novo. E um tempo melhor. Ah... no entanto... Esta é a sua casa e sei que sou um estranho, então longe de mim ditar regras ou não saber o meu lugar. Dito isso, vocês sabiam que tinha alguém debaixo...?

Ele indicou a área escura como uma tempestade debaixo da mesa de sinuca. Se Blue forçasse a vista,

poderia distinguir uma forma no escuro.

— *Noah* — disse Gansey. — Saia daí imediatamente.

— Não — respondeu Noah.

— Bem! Vejo que vocês dois se conhecem e que está tudo bem — disse Malory, na voz de alguém que percebia que o tempo ruim estava vindo e ele não trouxera guarda-chuva. — Vou estar no meu quarto cuidando de me adaptar ao fuso horário.

Após ele se retirar, Blue disse, exasperada:

— Noah! Eu te chamei várias vezes.

Noah permaneceu onde estava, os braços abraçados ao corpo. Ele parecia notadamente menos vivo que antes; havia algo manchado em torno de seus olhos, algo incerto próximo de seus contornos. Era um pouco difícil olhar para o lugar onde Noah parava e a sombra abaixo dele continuava. Algo desagradável aconteceu na garganta de Blue quando ela tentou descobrir o que havia de errado com o rosto dele.

— Estou cansado disso — disse Noah.

— Cansado do quê? — perguntou Gansey, num tom de voz generoso.

— De me decompor.

Ele andara chorando. Era isso que havia de errado com seu rosto, percebeu Blue. Nada sobrenatural.

— Ah, Noah — ela disse, agachando-se.

— O que eu posso fazer? — perguntou Gansey. — Nós. O que nós podemos fazer?

Noah deu de ombros, um tanto desenxabido.

De repente Blue ficou desesperadamente com medo de que Noah pudesse querer realmente morrer. Isso parecia algo que a maioria dos fantasmas queria: descansar. Era uma noção terrível, um adeus para sempre. O egoísmo de Blue travou uma luta ferrenha com cada porção de ética que ela havia aprendido com as mulheres de sua família.

Maldição. Ela tinha de.

— Você quer que a gente encontre uma maneira apropriada de... hum... fazer com que você... — ela perguntou.

Blue não havia nem terminado a frase e Noah começou a balançar a cabeça. Ele abraçou as pernas mais apertado.

— Não. Nãonãonão.

— Você não deve ter vergonha — disse Blue, porque soava como sua mãe teria dito. Ela tinha certeza de que sua mãe teria dito algo confortador a respeito da vida após a morte, mas não conseguiu, dessa vez, soar confortadora quando ela mesma queria ser confortada. Sem jeito, ela terminou: — Você não precisa ter medo.

— Você não sabe! — disse Noah, vagamente histérico. — Você não sabe!

Blue estendeu a mão.

— Está tudo bem, olha...

— Você não sabe! — repetiu Noah.

— Nós podemos conversar sobre isso — disse Gansey, como se uma alma em decomposição fosse algo que pudesse ser solucionado com uma conversa.

— Você não sabe! Você não sabe!

Noah estava de pé. Era impossível, porque não havia espaço suficiente debaixo da mesa de sinuca para ele ficar de pé. Mas ele estava de alguma maneira escapando de cada lado, cercando Gansey e Blue. Os mapas esvoaçavam freneticamente contra a superfície verde. Um monte de tufos de poeira rolou debaixo da mesa e correu rápido pelas ruas do modelo em miniatura de Henrietta de Gansey. A luminária de mesa tremeluziu.

A temperatura caiu.

Blue viu os olhos de Gansey se arregalarem por trás de uma nuvem de sua própria respiração.

— Noah — Blue avisou. Ela sentia a cabeça tonta à medida que Noah roubava sua energia. Ela percebeu, estranhamente, um sopro do cheiro de tapete velho da sala da orientadora, e então o cheiro vivo, fresco, de Cabeswater. — Isso não é você!

O redemoinho de vento estava aumentando, esvoaçando papéis e derrubando pilhas de livros. O Cão estava latindo de detrás da porta fechada do antigo quarto de Noah. Blue sentia a pele arrepiada, e as pernas e braços pesados.

— Noah, *para* — disse Gansey.

Mas ele não parou. A porta do apartamento estremeceu ruidosamente.

— Noah, estou pedindo para você agora — Blue disse.

Ele não estava atendendo, ou não havia o suficiente do verdadeiro Noah para atender.

Blue ficou de pé sobre as pernas trêmulas e começou a usar todas as visualizações protetoras que sua mãe havia lhe ensinado. Ela se imaginou dentro de uma bola de vidro inquebrável; ela podia ver lá fora, mas ninguém podia tocá-la. Ela imaginou uma luz branca rompendo as nuvens de tempestade, o teto, a escuridão de Noah, encontrando Blue, blindando-a.

Então ela desconectou a bateria que era Blue Sargent.

O aposento ficou parado. Os papéis pousaram. A luz tremeluziu uma vez mais e então ficou mais forte. Ela ouviu a ligeira respiração entrecortada de um soluço, e então o silêncio absoluto.

Gansey parecia chocado.

Noah estava sentado no meio do chão, rodeado de papéis, uma planta de hortelã em sua mão derrubando terra. Ele estava todo curvado e sem projetar sombra, sua forma estreita e inconstante praticamente invisível. Ele estava chorando novamente.

Em uma voz bem fina, ele se dirigiu a Blue:

— Você disse que eu podia usar sua energia.

Blue se ajoelhou diante dele. Ela queria abraçá-lo, mas Noah não estava realmente ali. Sem a energia dela, ele era um garoto fino como um papel, ele era um crânio, ele era ar na forma de Noah.

— Não desse jeito.

— Sinto muito — ele sussurrou.

— Eu também.

Noah cobriu o rosto e então desapareceu.

— Isso foi impressionante, Jane — disse Gansey.



Naquela noite, Blue se recostou contra a faia em seu quintal, os olhos voltados para cima, para as estrelas, e os dedos tocando a casca fria e lisa de uma das raízes. A luz da cozinha que passava pela porta de correr parecia distante.

Isso foi impressionante, Jane.

Embora Blue soubesse perfeitamente os efeitos positivos de sua capacidade, ela nunca havia considerado realmente o contrário. E, no entanto, Noah teria destruído a Indústria Monmouth se ela não tivesse se desligado dele.

As estrelas piscavam através das folhas da faia. Ela lera que estrelas novas tendiam a se formar em pares. Estrelas binárias, orbitando próximas, somente se tornando estrelas únicas quando sua parceira fosse destruída por outro par de estrelas novas girando ao acaso. Se ela forçasse a imaginação, podia ver a

profusão de pares se prendendo uns aos outros na gravidade destrutiva e criativa de suas constelações.

Impressionante.

Talvez ela estivesse um pouco impressionada. Não por desconectar um garoto morto — isso parecia triste, nada para se gabar. Mas porque ela aprendera algo a respeito de si mesma naquele momento, quando achara que não havia mais nada a ser descoberto.

As estrelas se moviam lentamente acima de Blue, uma gama de possibilidades, e, pela primeira vez em muito tempo, ela as sentiu refletidas em seu coração.

Calla abriu a porta de correr.

— Blue?

— O quê?

— Se você já terminou de vagabundear por hoje, eu poderia usar o seu corpo — disse Calla. — Eu tenho uma leitura.

Blue ergueu as sobrancelhas. Maura só pedia sua ajuda durante leituras importantes, e Calla jamais pedia, ponto-final. A curiosidade em vez da obediência pôs Blue de pé.

— A essa hora? Agora?

— Estou pedindo agora, não estou?

Uma vez dentro de casa, Calla andou de um lado para o outro na sala de leitura e chamou Persephone tantas vezes que Orla gritou que algumas pessoas

estavam tentando conduzir telefonemas, e Jimi gritou: — Posso ajudar em alguma coisa?

Toda a confusão deixou Blue estranhamente nervosa. Na Rua Fox, 300, as leituras aconteciam com tanta frequência que pareciam ao mesmo tempo mecânicas e pouco mágicas. Mas aquilo parecia um caos. Parecia que qualquer coisa poderia acontecer.

A campainha tocou.

— PERSEPHONE, EU TE DISSE — gritou Calla. — Blue, atenda a porta. Vou estar na sala de leitura. Traga ele aqui.

Quando Blue abriu a porta da frente, encontrou um estudante da Aglionby parado sob o brilho da luz da varanda. Mariposas esvoaçavam em torno de sua cabeça. Ele vestia calças em um tom de salmão e mocassins brancos, e exibia uma pele perfeita e um cabelo desgrenhado.

Então os olhos de Blue se ajustaram à claridade e ela percebeu que ele era velho demais para ser um garoto corvo. Na realidade, bem mais velho; difícil imaginar como ela pensara isso, mesmo que por um momento.

Blue franziu o cenho para os sapatos e então para o rosto dele. Embora tudo a respeito dele tivesse sido cultivado para impressionar, ela o considerou menos impressionante do que poderia alguns meses antes.

— Olá.

— Opa — ele respondeu com um sorriso alegre, cheio de belos dentes, como já era de esperar. — Vim aqui para sondar o meu futuro. Espero que a hora ainda seja boa.

— Você espera certo, marinheiro. Entre.

Na sala de leitura, Calla havia recebido a companhia de Persephone. Elas estavam sentadas de um lado da mesa, como um júri. O homem parou do outro lado delas, batucando preguiçosamente os dedos no encosto de uma cadeira.

— Sente-se — entoou Calla.

— Em qualquer velha cadeira — acrescentou Persephone suavemente.

— Não em qualquer velha cadeira — disse Calla e apontou. — Nesta.

Ele se sentou do outro lado, os olhos brilhantes correndo por todos os cantos do aposento enquanto se ajeitava, o corpo dinâmico. Ele parecia uma pessoa que *fazia as coisas*. Blue não conseguia decidir se ele era bonito ou se o jeito dele a estava fazendo acreditar nisso.

— Bom, como funciona? Eu pago adiantado ou vocês decidem quanto vai sair quando virem como o meu futuro é complicado? — ele perguntou.

— A qualquer momento está bom — disse Persephone.

— Não — disse Calla. — Agora. Cinquenta.

Ele abriu mão das notas sem rancor.

— Poderiam me dar um recibo? Gasto de negócios. Aliás, aquele é um retrato fantástico de Steve Martin, ali do outro lado. Observem como os olhos dele nos seguem pelo aposento.

— Blue, você pegaria o recibo? — perguntou Persephone.

Parada junto à porta, Blue saiu em busca do talão de recibos para escrever o montante. Quando voltou, Persephone estava dizendo para Calla: — Ah, vamos ter que usar só as suas. Não estou com as minhas.

— Não está com as suas! — Calla respondeu incrédula. — O que aconteceu com elas?

— O camiseta da Coca-Cola está com elas.

Bufando irritada, Calla pegou suas cartas de tarô e instruiu o homem a embaralhá-las. Então completou: — Depois você devolve para mim, viradas para baixo, e eu tiro as cartas.

Ele começou.

— Enquanto embaralha, pense no que gostaria de saber — acrescentou Persephone em voz baixa. — Isso vai deixar a leitura bem mais precisa.

— Bom, bom — ele respondeu, embaralhando as cartas mais agressivamente e lançando um olhar de relance para Blue. Então, sem avisar, virou o baralho de maneira que as cartas estivessem voltadas para cima. E as abriu como um leque, os olhos atentos à seleção.

Não fora assim que Calla o havia instruído.

Algo nos nervos de Blue formigou um aviso.

— Então, se a questão é "Como eu posso fazer *isso* acontecer?" — ele tirou uma carta do baralho e a colocou sobre a mesa —, isso seria um bom começo, certo?

Houve um silêncio mortal.

A carta era o três de espadas. Trazia um coração sanguinolento atravessado pelas supracitadas três espadas. Sangue pingava das lâminas. Maura a chamava de "a carta da desilusão".

Blue não precisava de percepção mediúnica para sentir a ameaça que transpirava dela.

As médiuns encararam o homem. Com um frio na barriga, Blue percebeu que elas não esperavam por essa.

— Qual é a sua? — rosnou Calla.

Ele seguiu sorrindo seu sorriso alegre e simpático.

— Eis a questão: Existe outra de vocês? Uma que pareça mais com aquela? — e apontou para Blue, cujo

estômago se revirou desagradavelmente uma vez mais.

Mãe.

— Vá para o inferno — irrompeu Calla.

Ele anuiu.

— Foi o que pensei. Vocês a estão esperando em breve? Eu adoraria bater um papo com ela em particular.

— Inferno — disse Persephone. — Na realidade, eu concordo neste caso. Quanto a ir para lá.

O que esse homem quer com a minha mãe?

Blue memorizou freneticamente tudo sobre ele, de maneira que pudesse descrevê-lo mais tarde.

O homem ficou de pé, juntando o três de espadas.

— Sabem de uma coisa? Vou ficar com isso. Obrigado pela informação.

Quando ele se virou para ir embora, Calla partiu atrás dele, mas Persephone colocou um único dedo sobre o braço dela, o que a fez parar.

— Não — disse Persephone suavemente. A porta da frente se fechou. — Esse aí não deve ser tocado.



Adam estava lendo e relendo o cronograma do primeiro trimestre quando Ronan se jogou na mesa ao lado.

Eles eram os únicos dois na sala de aula com carpete azul-claro; Adam havia chegado bem cedo à Borden House. Parecia errado que o primeiro dia de aulas tivesse o mesmo peso emocional que a tarde ansiosa na caverna dos corvos, mas não havia como negar que a agitação contente e esperançosa em suas veias era agora tão pronunciada quanto aqueles minutos ofegantes em que os pássaros cantavam à sua volta.

Um ano mais e ele a teria terminado.

O primeiro dia foi o mais fácil, é claro. Antes de tudo começar para valer: as tarefas de casa e os esportes, os jantares para toda a escola e o aconselhamento vocacional, as provas e os créditos

extras. Antes de o trabalho noturno de Adam e os estudos até as três da madrugada conspirarem para destruí-lo.

Ele leu seu cronograma de novo. As aulas e as atividades extracurriculares saltavam para fora. Parecia impossível. A Aglionby era uma escola difícil: mais difícil para Adam, no entanto, porque ele tinha de ser o melhor.

No ano passado, Barrington Whelk havia se postado na frente daquela sala e ensinado latim para todos. Agora ele estava morto. Adam sabia que tinha visto Whelk morrer, mas não conseguia lembrar como tudo realmente acontecera — embora pudesse, se tentasse realmente, imaginar a cena toda.

Adam fechou os olhos por um momento. No silêncio da sala de aula vazia, ele podia ouvir o farfalhar das folhas batendo em mais folhas ainda.

— Não consigo mais suportar — disse Ronan.

Adam abriu os olhos.

— Suportar o quê?

Ficar sentado, ao que parecia. Ronan foi até o quadro e começou a escrever. Ele tinha uma caligrafia furiosa.

— O Malory. Ele está sempre reclamando dos quadris, ou dos olhos, ou do governo, ou... ah, e

aquele *cão*. E ele não é cego ou aleijado ou qualquer coisa do tipo.

— Por que ele não pode ter algo normal como um corvo?

Ronan ignorou o comentário.

— E ele levantou três vezes à noite para mijar. Acho que ele tem um tumor.

— Você não dorme de qualquer maneira.

— Não *mais*.

A caneta guinchou em protesto enquanto ele lançava palavras em latim no quadro. Embora Ronan não estivesse sorrindo e Adam não soubesse parte do vocabulário, Adam tinha certeza de que era uma piada suja. Por um momento, observou Ronan e tentou imaginar que ele era um professor em vez de Ronan. Era impossível. Adam não conseguia decidir se fora a maneira como ele puxara suas mangas desajeitadamente para cima ou a maneira apocalíptica como dera o nó na gravata.

— Ele sabe de tudo — disse Ronan de maneira casual.

Adam não respondeu imediatamente, embora soubesse o que Ronan queria dizer, porque também achara a onisciência do professor desconfortável. Quando ele pensou mais atentamente a respeito da fonte de seu aborrecimento — a ideia de Malory

passar um ano com Gansey, de quinze anos —, teve de admitir que não era paranoia, mas inveja.

— Ele é mais velho do que eu esperava — disse Adam.

— Ah, Deus, muito velho — respondeu Ronan imediatamente, como se estivesse esperando que Adam mencionasse isso. — Ele nunca mastiga com a boca fechada.

Eles ouviram o ruído de uma tábua de assoalho. Imediatamente, Ronan largou a caneta. Era impossível abrir a porta da frente da Borden House sem fazer o assoalho ranger duas salas adiante. Então os dois garotos sabiam o que aquele ruído queria dizer: as aulas estavam para começar.

— Bom — disse Ronan, soando rude e infeliz —, lá vamos nós, caubói.

Voltando para sua mesa, ele jogou os pés sobre ela. Isso era proibido, é claro. Ronan cruzou os braços, lançou o queixo para trás e fechou os olhos. Insolência instantânea. Aquela era a versão de si mesmo que ele preparava para a Aglionby, para seu irmão mais velho, Declan, e às vezes para Gansey.

Ronan estava sempre dizendo que nunca mentia, mas ele apresentava o rosto de um mentiroso.

Entraram os estudantes. O ruído era tão familiar — pernas de mesas arranhando o chão, jaquetas

jogadas sobre o encosto das cadeiras, notebooks batendo sobre bancadas — que Adam poderia ter fechado os olhos e ainda ter visto a cena com perfeita clareza. Eles eram tagarelas, odiosos e desatentos. *Para onde você foi nas férias, cara? Cape, sempre, onde mais? Tão chato. Vail. Minha mãe quebrou o tornozelo. Ah, você sabe, fizemos a Europa de mochilão. Meu avô me disse para ganhar uns músculos porque eu estava parecendo meio gay. Não, ele não disse pra valer. Falando nisso, olha lá o Parrish.*

Alguém deu um tapa na nuca de Adam. Ele piscou. Para um lado, então o outro. Seu agressor tinha vindo pelo lado surdo.

— Ah — disse Adam. Era Tad Carruthers, cujo pior defeito era que Adam não gostava dele, e Tad não percebia.

— Ah — imitou Tad de maneira benevolente, como se a pouca sociabilidade de Adam o encantasse. Adam queria de maneira desesperada e masoquista que Tad lhe perguntasse onde ele passara o verão. Em vez disso, Tad se virou para onde Ronan ainda estava reclinado com os olhos fechados. Ele levantou a mão para dar um tapa na cabeça de Ronan, mas perdeu a coragem a um centímetro do golpe. Então apenas tamborilou sobre a mesa de Ronan e seguiu em frente.

Adam podia sentir o pulso da linha ley nas veias das suas mãos.

Os estudantes continuavam entrando. Adam continuava observando. Ele era bom nessa parte, na observação dos outros. Era ele mesmo que ele parecia estudar ou compreender. Como ele os desprezava, como queria ser um deles. Como era sem sentido passar um verão no Maine, como ele queria fazer isso. Quão afetado ele achava o discurso deles, co-mo ansiava ter o tom monótono da fala deles. Ele não conseguia dizer como todas essas coisas podiam ser igualmente verdadeiras.

Gansey apareceu no vão da porta. Ele falava com um professor no corredor, o polegar posicionado sobre o lábio inferior, o cenho belamente franzido, o uniforme usado com uma tranquilidade confiante. Ele entrou na sala de aula, os ombros aprumados, e, apenas por um segundo, era como se ele fosse um estranho de novo — mais uma vez aquele principezinho da Virgínia, incognoscível e majestoso.

A cena atingiu Adam como algo real. Como se de alguma forma ele tivesse deixado de ser amigo de Gansey e tivesse esquecido disso até aquele momento. Como se Gansey fosse sentar do outro lado de Ronan em vez de na cadeira ao lado de Adam. Como se o ano anterior não tivesse acontecido, e mais uma vez seria

apenas Adam contra todo o resto daqueles predadores superalimentados.

Então Gansey se sentou na cadeira na frente de Adam com um suspiro. Ele se virou.

— Meu Deus, não dormi um segundo. — Ele se lembrou das boas maneiras e estendeu o punho. Quando Adam tocou os nós dos dedos com os de Gansey, sentiu uma sensação extraordinária de alívio e afeição. — Ronan, pés no chão.

Ronan colocou os pés no chão.

Gansey se virou novamente para Adam.

— O Ronan te contou tudo sobre o Pig, então.

— O Ronan não me contou nada.

— Eu contei sobre a mijada — disse Ronan.

Adam o ignorou.

— E o que tem o carro?

Gansey olhou à sua volta para a Borden House, como se esperasse ver que ela havia mudado durante o verão. É claro que não havia: carpete azul-claro sobre tudo, aquecedor ligado cedo demais para a época do ano, prateleiras cheias de livros elegantemente esfarrapados em latim, grego e francês. Era como a sua tia favorita que cheirava mal quando você a abraçava.

— Na noite passada a gente saiu para buscar pão, geleia e mais chá no Pig, e a direção hidráulica

desligou. Depois o rádio e as luzes. Jesus. O Ronan estava cantando aquela música péssima sobre o assassinato das abóboras, e não tinha chegado nem na metade de um verso e eu já não tinha mais nada. Foi uma luta para tirar o carro da estrada.

— O alternador de novo — observou Adam.

— Certo, sim, sim — disse Gansey. — Eu abri o capô e vi a correia do alternador pendurada ali, esfarrapada. A gente teve que sair para buscar outra, e foi um *inferno* conseguir uma no estoque, não sei por quê, parecia que tinha tido grande procura por uma justo desse tamanho. É claro, instalar a correia nova no acostamento foi a parte mais rápida.

Ele disse isso da maneira mais natural possível, como se não tivesse sido nada ter instalado uma correia nova, mas, não fazia muito tempo, Richard Gansey III tinha apenas uma habilidade automotiva: chamar o guincho.

— Você foi esperto e descobriu rápido o problema — disse Adam.

— Ah, não sei — respondeu Gansey, mas não restava dúvida de que ele sentia orgulho de si mesmo. Adam sentia como se tivesse ajudado um passarinho a quebrar a casca do ovo.

Graças a Deus não estamos brigando graças a Deus não estamos brigando graças a Deus não

estamos brigando como eu faço para que isso não aconteça de novo...

Ronan disse:

— Continue assim e talvez você seja mecânico depois que se formar. Vão colocar *isso* na revista dos ex-alunos.

— Haha e... — Gansey girou em sua cadeira para observar enquanto o novo professor de latim abria caminho até a frente da sala.

Todos os estudantes o observavam.

No porta-luvas, Adam mantinha um anúncio recortado para inspiração. A foto trazia um carro cinza cheio de estilo feito por alemães felizes. Um jovem se recostava contra o veículo em um casaco longo de lã negra, colarinho virado para cima contra o vento. Ele era confiante e arrogante, como uma criança poderosa, com montes de cabelo escuro e dentes brancos. Seus braços estavam cruzados sobre o peito como um lutador.

Era assim que o novo professor de latim parecia.

Adam não teve uma boa impressão.

O novo professor tirou o casaco escuro enquanto observava a caligrafia de Ronan no quadro. Então voltou o olhar para os estudantes sentados com a mesma confiança que o homem na propaganda do carro.

— Bom, olhem só para vocês — ele disse. Seus olhos se demoraram em Gansey, Adam e Ronan. — A juventude da América. Não consigo decidir se vocês são a melhor ou a pior coisa que eu vi esta semana. Quem escreveu isso?

Todos sabiam, mas ninguém entregou Ronan.

Ele segurou as mãos atrás das costas e fez um exame mais próximo.

— O vocabulário é impressionante. — Depois bateu com o nó do dedo em algumas palavras. Ele era cinético. — Mas o que está acontecendo com a gramática aqui? E aqui? Seria preciso colocar um subjuntivo nessa oração do temor. "Eu temo que eles *possam* acreditar nisso"... Deveria haver um vocativo aqui. *Eu* sei o que está sendo dito aqui porque conheço a piada, mas um nativo da língua apenas encararia vocês sem entender. Não se trata de latim utilizável.

Adam não precisou virar a cabeça para *sentir* Ronan fervendo.

O novo professor de latim se virou, rápido, compacto e entusiástico, e mais uma vez Adam teve aquela sensação ao mesmo tempo de intimidação e admiração.

— Uma coisa boa, também, ou eu perderia o emprego. Bem, seus tampinhas. Cavalheiros. Eu sou o professor de latim deste ano. Não sou realmente um fã

de línguas por si só. Só estou interessado em como podemos usá-las. E não sou realmente professor de latim. Sou um historiador. Isso significa que só estou interessado em latim como um mecanismo para... para... pilhar os papéis de homens mortos. Alguma pergunta?

Os alunos o encararam. Aquela era a primeira aula do primeiro dia de escola, e nada poderia fazer uma aula de latim mais vazia de latim. A energia ardorosa daquele homem se afundava inutilmente em pedras cobertas de musgo.

Adam levantou a mão.

O homem apontou para ele.

— *Miserere nobis* — disse Adam. — *Timeo nos horrendi esse.* Senhor.

Tenha misericórdia de nós — temo que sejamos terríveis.

O sorriso do homem se abriu ao *senhor*. Mas ele devia saber que os alunos tinham a obrigação de se dirigir aos professores como *senhor* ou *senhora* para demonstrar respeito.

— *Nihil timeo* — ele respondeu. — *Solvitur ambulando.*

As nuances de sua primeira frase — *Não temo nada!* — escaparam à maioria da turma, e a segunda

frase — um idioma contando com o mérito da prática — passou completamente despercebida do resto.

Ronan sorriu preguiçosamente. Sem levantar a mão, disse:

— É. *Noli prohicere maccaritas ad porcos*.

Não jogue pérolas aos porcos.

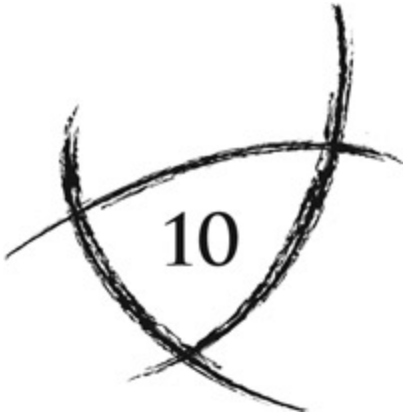
Ele não acrescentou *senhor*.

— Vocês são porcos, então? — perguntou o homem. — Ou são homens?

Adam não estava ansioso para observar Ronan ou seu novo professor de latim ultrapassarem os limites um do outro. E perguntou rapidamente:

— *Quod nomen est tibi*, senhor?

— Meu nome — o homem apagou uma grande faixa da gramática ruim de Ronan com a ponta de um apagador e usou o espaço para substituí-la com letras eficientes de sua própria mão — é Colin Greenmantle.



— Aqui estamos, vivendo em meio aos provincianos! — Colin Greenmantle se inclinou para fora da janela. Lá embaixo, um rebanho de vacas olhou para ele. — Piper, venha dar uma olhada nessas vacas. Essa imbecil está olhando diretamente para mim. "Colin", diz essa vaca, "você está realmente vivendo entre os provincianos agora."

— Estou no banheiro — disse Piper.

Sua voz vinha da cozinha, no entanto. Sua esposa (embora ele não gostasse de usar essa palavra, *esposa*, porque o fazia lembrar que ele tinha mais de trinta anos, o que ele tinha, mas mesmo assim ele não precisava ser lembrado, e, de qualquer maneira, ele ainda tinha sua bela aparência de garoto; na realidade, a caixa no supermercado tinha flertado com ele na noite passada, e, mesmo que talvez isso tenha acontecido porque ele estava arrumado a ponto de ser

intimidante para um pulo no supermercado, provavelmente tinham sido seus olhos azul-claros, pois ela estivera virtualmente nadando neles) tinha assimilado a mudança para Henrietta melhor do que ele imaginara. Até o momento, o único ato de rebelião de Piper fora bater o carro alugado ao dirigir agressivamente através da placa de um centro comercial para demonstrar que não nascera para viver em um lugar onde não podia fazer suas compras a pé. Era possível que ela não o tivesse feito de propósito, mas havia muito pouco que Piper fazia acidentalmente.

— São basicamente monstros — disse Greenmantle, embora agora ele estivesse pensando menos em vacas e mais em seus novos pupilos. — Aceitam tudo de mão beijada o dia inteiro, mas comeriam você em um segundo, se tivessem os dentes certos para isso.

Eles tinham se mudado havia pouco para sua casa alugada "histórica" em uma fazenda de gado. Greenmantle, que havia protagonizado história suficiente, duvidava da reivindicação *histórica* da casa de fazenda, mas ela era suficientemente encantadora. Ele gostava da ideia da produção rural em uma fazenda; no sentido linguístico mais básico, ele era um fazendeiro agora.

— Eles vão estar aqui atrás do seu sangue na sexta — disse Piper.

As vacas mugiram curiosamente. Greenmantle gesticulou para que fossem embora; suas expressões não mudaram.

— Estão aqui agora.

— Não as vacas. Estou fazendo mais um seguro de vida para você, e eles precisam do seu sangue. Na sexta. Esteja aqui.

Ele enfiou a cabeça de volta para dentro e foi até a cozinha rangendo o assoalho. Piper estava no balcão, de calcinha e sutiã rosa, cortando uma manga. Seu cabelo loiro era uma cortina em torno da cabeça. Ela não ergueu o olhar.

— Vou dar aula na sexta — ele disse. — Pense nas *crianças*. Quanto seguro de vida nós precisamos?

— Eu tenho um determinado padrão de vida que quero manter se algo terrível acontecer com você no meio da noite. — Ela tentou acertá--lo com a faca quando Greenmantle roubou um pedaço de manga. Ele só evitou um ferimento porque foi rápido, não pela falta de intenção dela. — Volte direto depois da aula. Não desperdice seu tempo por aí, como anda fazendo.

— Não tenho desperdiçado meu tempo — disse Greenmantle. — Tenho sido bastante focado.

— Sim, eu sei, se vingando, sendo macho e sei lá mais o quê.

— Você pode ajudar, se quiser. Você sabe se orientar muito melhor do que eu e tudo o mais.

Piper não conseguiu dissimular que o apelo ao seu ego a agradou.

— Não posso até domingo. Vou fazer as sobrancelhas na quarta. Virilha na quinta. Não venha para casa no sábado. Vá dar uma volta. Vai vir um pessoal fazer limpeza espiritual da casa.

Greenmantle roubou outro pedaço de manga; a faca chegou um pouco mais perto dessa vez.

— O que isso quer dizer?

— Eu vi um folheto. É se livrar da energia ruim do lugar. Essa casa está cheia de energia ruim.

— Isso é coisa sua.

Ela jogou a faca na pia, onde ela permaneceria até a morte. Piper não era muito chegada em afazeres do lar. Ela tinha um leque de habilidades muito restrito. Então seguiu silenciosamente na direção do quarto, a caminho de um banho, uma sesta ou começar uma guerra.

— Não nos mate.

— Ninguém vai nos matar — disse Greenmantle com certeza. — O Homem Cinzento conhece as

regras. E os outros... — Ele lavou a faca e a recolocou no bloco de madeira.

— Os outros o quê?

Ele não havia se dado conta de que ela ainda estava na cozinha.

— Ah, eu só estava pensando que vi um dos filhos de Niall Lynch hoje.

— Era um canalha também? — perguntou Piper. Niall Lynch havia sido responsável por sete meses moderadamente desagradáveis e quatro extremamente desagradáveis na vida deles.

— Provavelmente. Mas, meu Deus, ele é a cara daquele desgraçado. Mal posso esperar para reprová-lo. Eu me pergunto se ele sabe quem eu sou, e me pergunto se devo contar.

— Você é tão sádico — ela disse descuidadamente.

Greenmantle bateu com os nós dos dedos no balcão.

— Vou lá ver em qual mandíbula essas vacas têm dentes.

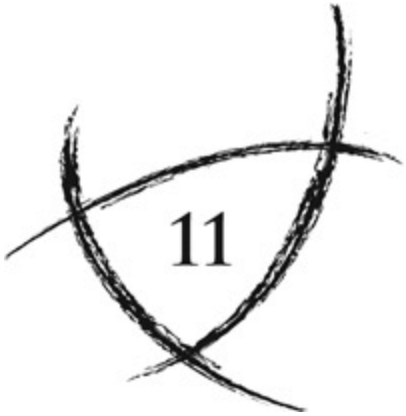
— Na de baixo. Eu vi no Animal Planet.

— Vou ver de qualquer jeito.

Enquanto ele tentava lembrar qual porta levava ao quarto adjacente onde eram deixadas as botas, Greenmantle a ouviu dizer algo, mas não captou o que

era. Ele já havia ligado para o número de um contato na Bélgica que estava pesquisando a respeito de uma fivela de cinto do século XV que provocava pesadelos no usuário. Estava levando uma eternidade para o cara encontrá-lo. Uma pena que ele não pudesse colocar o Homem Cinzento nessa parada; ele fora o melhor. Até trair Greenmantle, é claro.

Ele se perguntou quanto tempo levaria para o Homem Cinzento chegar até ele.



Quando Gansey e Ronan chegaram à Rua Fox, 300 após a escola, Calla estava sendo atacada na sala de estar por um homem vestido inteiramente de cinza. Blue, Persephone e os móveis pairavam ao fundo. O homem exibia uma postura de luta perfeita, as pernas um pouco mais abertas que os ombros, um pé à frente. Ele segurava firmemente uma das mãos dela. Na outra mão, Calla segurava um manhattan, que tentava não derramar.

O Homem Cinzento sorria ligeiramente. Ele tinha dentes extraordinários.

Os garotos tinham entrado sem bater, de um jeito familiar, e agora Gansey largara a bolsa a tiracolo sobre o velho assoalho empenado e estava parado no vão da porta para a sala de estar. Ele não tinha certeza se a situação exigia intervenção. O Homem Cinzento

era um assassino profissional (possivelmente aposentado). Nada para se brincar a respeito.

Mas, mesmo assim, se Calla quisesse ajuda, certamente teria largado seu drinque. E Blue não estaria simplesmente comendo iogurte.

— Me mostra de novo — disse Calla. — Acho que não vi direito.

— Vou fazer um pouco mais forte — respondeu o Homem Cinzento —, mas não quero quebrar o seu braço de verdade.

— Você não chegou nem perto disso — ela assegurou. — Vá em frente.

Ela deu um pequeno gole em seu manhattan. Ele pegou a mão e o punho dela novamente, sua pele clara contra a dela, e rapidamente virou o braço inteiro de Calla. O ombro dela virou bruscamente para baixo; ela agarrou firmemente o drinque e riu.

— Essa deu para sentir.

— Agora faça comigo — disse o sr. Cinzento. — Vou segurar o seu drinque.

Com as mãos nos bolsos, Gansey se recostou no batente da porta e ficou observando. Ele sabia instintivamente que a notícia terrível que trazia era o tipo de fardo que apenas ficaria mais pesado uma vez que ele a compartilhasse. Ele se permitiu deixar, um momento antes da tempestade, que a atmosfera da

casa provocasse o efeito de sempre nele. Diferentemente da Indústria Monmouth, a Rua Fox, 300 estava tomada de pessoas estranhas e objetos excêntricos. Ela tinha um ruído constante de conversa, música, telefones e aparelhos antigos. Era impossível esquecer que todas aquelas mulheres estavam ligadas ao passado e exploravam o futuro, conectadas a tudo no mundo e umas às outras.

Gansey não chegava tanto a visitar, era mais absorvido.

Ele adorava isso. Ele queria fazer parte daquele mundo, embora compreendesse que havia razões intermináveis para nunca fazer parte dele. Blue era o resultado natural de uma casa assim: confiante, estranha, crédula, curiosa. E lá estava *ele*: neurótico, refinado, o produto de algo inteiramente diferente.

— O que mais? — perguntou Calla.

— Se você quiser, posso mostrar como tirar o meu queixo do lugar — disse o sr. Cinzento generosamente.

— Ah, sim, isso... Ora, eis Richard Gansey, o Terceiro — disse Calla, vendo-o de relance. — E a cobra. Onde está o Coca-Cola?

— Trabalho — disse Gansey. — Ele não conseguiu se livrar.

Persephone acenou para ele vagamente de trás de um drinque alto, rosa-claro. Blue não acenou. Ela tinha visto a expressão de Gansey.

— O nome Colin Greenmantle significa alguma coisa para você? — perguntou Gansey ao sr. Cinzento, embora já soubesse a resposta.

O Homem Cinzento passou a Calla o drinque e secou a palma das mãos nas calças. Os dentes excelentes haviam desaparecido.

— Colin Greenmantle era meu empregador.

— Ele é nosso novo professor de latim.

— Ah, querido — disse Persephone. — Você gostaria de um drinque?

Gansey percebeu que ela estava falando com ele.

— Ah, não, obrigado.

— Eu preciso de outro — disse ela. — Estou preparando um para você também, sr. Cinzento.

O Homem Cinzento foi até a janela. Seu carro, um Mitsubishi branco pouco sutil com um enorme aerofólio, estava estacionado na rua, e tanto ele quanto Ronan o estudaram pensativamente. Após um momento muito longo, o Homem Cinzento disse:

— Ele é o homem que me pediu para matar o pai de Ronan.

Gansey sabia que não podia ser atingido pela casualidade da declaração — o sr. Cinzento era um

assassino profissional, Niall Lynch era seu alvo, ele não conhecia Ronan à época e, eticamente, a profissão do sr. Cinzento talvez não fosse pior do que a de um mercenário —, mas isso não mudava o fato de que o pai de Ronan estava morto. Ele lembrou a si mesmo que o Homem Cinzento fora meramente a arma impessoal. Greenmantle fora a mão que a empunhara.

Ronan, calado até aquele momento, disse:

— Vou matar esse cara.

Gansey teve uma súbita e terrível visão do fato: as mãos de Ronan pintadas de sangue, os olhos vazios e impenetráveis, um corpo a seus pés. Era uma imagem selvagem e impossível de esquecer, tornada ainda pior porque Gansey tinha visto muitos fragmentos separadamente para saber bem como eles ficariam quando colocados juntos.

O Homem Cinzento se virou prontamente.

— Você *não* vai — ele disse, com a máxima intensidade com que Gansey já o ouvira falar. — Está me ouvindo? Você não pode.

— Ah, não posso? — perguntou Ronan. Sua voz era baixa e perigosa; infinitamente mais ameaçadora do que se ele tivesse rosnado em resposta.

— Colin Greenmantle é intocável — disse o Homem Cinzento. Ele abriu bem os dedos, a mão parada no ar. — Ele é uma aranha se firmando a uma

teia. Cada perna toca um fio, e, se qualquer coisa acontecer com a aranha, o inferno vai cair sobre a nossa cabeça.

— Eu já passei pelo inferno — disse Ronan.

— Você não faz ideia do que seja o inferno — disse o Homem Cinzento, mas não de maneira agressiva. — Você acha que é o primeiro filho a querer vingança? Você acha que o seu pai foi o primeiro que ele matou? E, no entanto, Greenmantle está vivo e intocado. Porque todos nós sabemos como a coisa funciona. Antes de vir para cá de Boston, ele deve ter firmado dezesseis fiozinhos a pessoas como eu, a programas de computador, a contas bancárias. A aranha morre, a teia estremece, subitamente suas contas são limpas, seu irmão mais novo vira um amputado, seu irmão mais velho morre atrás da direção de um carro em Washington, a campanha da sra. Gansey desmorona por causa de fotos escandalosas falsas, a bolsa do Adam desaparece, a Blue perde um olho...

— Pare — disse Gansey, achando que poderia vomitar. — Meu Deus, por favor, pare.

— Eu só quero que o Ronan compreenda que não pode fazer nada estúpido — disse o Homem Cinzento. — Matar o Greenmantle significa acabar com a nossa vida. E que bem uma vingança traria para você?

— O assassino falando — disse Ronan. Agora seu rosnado estava de volta, sinal de que a conversa o machucava.

— O assassino falando, sim, mas eu sou bom nisso — respondeu o sr. Cinzento. — Mesmo que ele não fosse uma aranha em uma teia estonteante, você estaria disposto a ir para a prisão pela satisfação de matá-lo?

Sem uma palavra, Ronan saiu, batendo a porta atrás de si. Gansey não o seguiu. Ele estava dividido entre o impulso de mitigar a dor de Ronan e a vontade de deixá-lo ferido, mas consciente de que precisava tomar cuidado. A violência era uma doença que Gansey não acreditava que pudesse pegar. Mas, à sua volta, seus amigos estavam lentamente infectados.

Persephone trouxe um drinque para o Homem Cinzento; ela preparara outro para si. Eles tomaram em uníssono, de um gole só.

— Quer? — Blue perguntou a Gansey, virando o pote de iogurte para que ele pudesse ver que tudo que sobrara fora a fruta no fundo. Ele não anuiu, mas ela o trouxe de qualquer maneira, dando-lhe a colher. O gesto teve um efeito de firmá-lo — a viscosidade chocante dos mirtilos, o açúcar atingindo seu estômago, vazio da escola, o conhecimento de que a

boca de Blue havia sido a última coisa que tocara a colher.

Blue o observou dar a primeira colherada e então se virou rapidamente para o sr. Cinzento.

— Foi ele que veio para uma leitura ontem à noite, não foi?

— Sim — disse o sr. Cinzento. — Como eu pensei. E agora ele está ensinando latim para os garotos.

— Por quê? — perguntou Gansey. — Por que nós?

— O negócio não é com vocês — respondeu o sr. Cinzento. — É comigo. Obviamente, ele não acreditou na minha história de fugir com o Greywaren. Ele veio até aqui atrás da Maura, porque acredita que ela é importante para mim. E se infiltrou na escola porque descobriu que vocês e eu nos conhecemos. Ele quer me mostrar que sabe que eu ainda estou aqui e que sabe muito a meu respeito.

— O que vamos fazer? — perguntou Gansey. Ele estava começando a achar que aquele dia fora um erro; aquele não era o primeiro dia de verdade da escola; ele devia ter ficado na cama até o dia seguinte e tentado de novo.

— Ele não é problema seu; é problema meu — o sr. Cinzento disse secamente.

— Ele está na minha escola todos os dias. O Ronan tem que olhar *para a cara dele todos os dias*. Como isso não é problema meu?

— Porque não é você que ele quer. Vou cuidar disso. O seu problema é me deixar cuidar disso.

Gansey se agachou, desanimado. Ele acreditava nas intenções do sr. Cinzento, mas não na declaração. Se ele tinha aprendido algo no último ano, era que tudo naquela cidade estava emaranhado.

Calla pegou o punho do sr. Cinzento e lentamente fingiu quebrar seu braço. Balançando um pouco a cabeça, ele trocou de posição com ela, pegando sua palma com uma mão e o punho com a outra. Ele o virou com lenta precisão. Algumas vezes, para que ela pudesse ver como ele fazia. Havia algo de prazeroso em vê-lo demonstrar de maneira competente aquele ato de violência fingida, algo controlado e belo, como uma dança. Tudo a respeito de sua aparência limpa e musculosa, e do método limpo e intencional, dizia: *Tenho a situação sob controle*. E *situação* queria dizer *tudo*.

Como Gansey desejava que Greenmantle fosse um problema do Homem Cinzento. No entanto, mais uma vez ele viu aquele túnel negro se estreitando e o poço, e no fundo uma cova.

Calla disse um palavrão e segurou o próprio ombro.

— Desculpe — disse o sr. Cinzento. E, para Gansey: — Vou descobrir o que ele quer.

— Não vá morrer — disse Blue imediatamente.

— Não é a minha intenção.

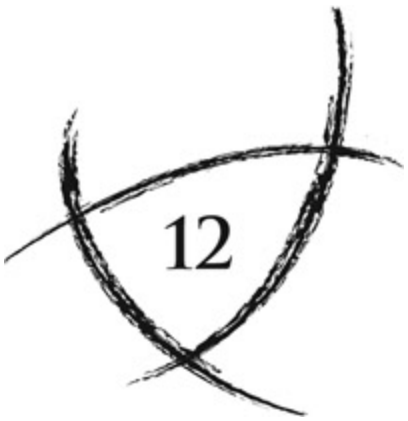
Persephone finalmente se manifestou com sua voz fina:

— Acho que é uma coisa boa que você quase tenha encontrado aquele rei.

Gansey percebeu que ela estava falando com ele.

— Eu quase encontrei?

— Certamente — disse Calla. — Isso já lhe tomou tempo suficiente.



Naquela noite, não muito tempo após ele ter voltado do trabalho, Adam ouviu uma batida na porta do seu apartamento na igreja. Quando a abriu, em um primeiro momento ficou surpreso que a pessoa do outro lado fosse real, e então surpreso que essa pessoa fosse Gansey, e não Ronan.

— Ah — ele disse. — É tarde.

— Eu sei. — Gansey estava de sobretudo e óculos; era óbvio que tinha tentado dormir e fracassara. — Desculpe. Você já fez os exercícios de cálculo? Não consigo entender o número quatro.

Ele não disse a palavra *Greenmantle*. Não havia mais nada a dizer até que ouvisse mais do sr. Cinzento.

— Já. Pode dar uma olhada.

Adam abriu a porta para Gansey, empurrando a carta — *a carta* — para trás da pequena prateleira

junto à porta enquanto o deixava entrar. Diferentemente de Ronan, Gansey parecia deslocado dentro do apartamento. O teto oblíquo fazia com que ele se sentisse mais oprimido; as rachaduras no reboco estavam desenhadas mais claramente; as caixas de plástico utilitárias contendo as coisas de Adam pareciam mais destituídas de charme estético. Gansey pertencia às coisas velhas, e aquele lugar não era somente velho, mas também barato.

A carta estava escondida, sim? Estava. Adam podia sentir o contorno dela brilhando por detrás da prateleira. Gansey teria pena dele e contrataria um advogado e Adam se sentiria um imbecil e eles brigariam...

Nós não vamos brigar.

Gansey tirou o sobretudo — por baixo, estava de camiseta e calça de pijama, o que era possivelmente a vestimenta mais metafórica que Adam poderia imaginar para seu amigo, a não ser que ele conseguisse usar outro sobretudo por baixo da camiseta, e outro conjunto de pijama por baixo desse segundo sobretudo, e assim por diante, uma série interminável de matrioskas de Ganseys — e se largou na ponta da cama.

— Minha mãe ligou — disse Gansey. — Queria saber se eu gostaria de me encontrar com o governador

no fim de semana depois do próximo, porque seria ótimo se eu fosse, e se eu queria levar meus amigos. Não, mãe, na realidade eu não gostaria de fazer isso. A Helen vai estar lá! Sim, mãe, achei que ela estaria mesmo, mas não chego a considerar isso uma vantagem, pois estou preocupado que ela dê um jeito de raptar o Adam. Está bem, está bem, você não precisa ir, eu sei que está ocupado, mas, ah... *etc. etc. etc.* Ah, esqueci, eu trouxe um pagamento pela minha intromissão.

Ele puxou o casaco mais para perto pela manga e retirou dois doces do bolso. Jogou um no colo de Adam e abriu o outro para si.

Adam estava louco para abrir o seu, mas guardou para comer durante sua folga no trabalho na noite seguinte.

— Vai me manter acordado.

Ele gostava da ideia de que a elegante irmã mais velha de Gansey o achava bonito. A impossibilidade dela lhe proporcionava meramente um afago no ego.

— Você vai?

— Não sei. Se eu for, você vai comigo?

Adam sentiu uma sensação instintiva de angústia. Memória muscular, da última vez em que ele havia viajado para um evento político dos Gansey.

— Melhor convidar a Blue também. Ela me cobrou por não ter sido convidada da última vez.

Gansey piscou, sobressaltado por trás dos óculos.

— Porque *eu* não a convidei?

— Não, eu. Mas ela vai querer ir. Confie em mim. Ela chegou a dar medo.

— Eu acredito. Meu Deus, fico imaginando a Blue encontrando o governador. Tenho uma apresentação de slides das perguntas dela passando na minha cabeça.

Adam abriu um largo sorriso.

— Ele merece todas elas.

Gansey passou um lápis sobre sua tarefa de casa, conferindo-a com a de Adam, embora Adam pudesse ver que ele havia feito a de número quatro de maneira bastante adequada. Adam olhou para o doce e esfregou as costas das mãos. No inverno elas ficavam terrivelmente ásperas, apesar de seus melhores esforços, e já haviam começado a ressecar. Ele percebeu que as ligeiras batidas com o lápis haviam cessado, e, quando olhou para frente, viu Gansey franzindo o cenho para o espaço.

— Todo mundo diz: *Apenas encontre Glendower* — disse Gansey subitamente —, mas ao meu redor as paredes da caverna estão desabando.

Não eram as paredes da caverna que estavam desabando. Agora que Adam ouvira a ansiedade que emanava da voz de Gansey dentro da caverna, estava absolutamente atento ao seu reaparecimento. Ele desviou o olhar para dar a Gansey uma chance de se recompor, e então perguntou:

— O que o Malory disse para fazermos em seguida?

— Ele parece entusiasmado com o Túmulo do Gigante, por alguma razão que eu nem imagino.

Gansey havia realmente aproveitado o momento que Adam lhe concedera para controlar cuidadosamente seu tom; a ansiedade se transubstanciara em censura desvirtuada, em um ritual seguidamente praticado.

— Ele fala de pistas visuais e leituras de energia e que todas apontam para lá. E que adora a nossa linha ley. Ele está todo deslumbrado com ela.

— Você já esteve um dia — Adam o lembrou. Ambos haviam estado. Quão ingratos eles haviam se tornado, quão gananciosos por espetáculos melhores.

Gansey bateu ligeiramente com o lápis, concordando sem falar nada.

No silêncio, Adam ouviu sussurros vindos do banheiro. Por experiência, ele sabia que vinham da água que pingava da torneira da pia e que a linguagem

era um tagarelar inarticulado para ele. Ronan talvez tivesse sido capaz de identificar uma palavra ou duas; ele tinha sua caixa mágica que traduzia o que quer que fosse aquela língua antiga. Mas Adam ainda ouvia, esperando para identificar se as vozes ascenderiam ou desapareceriam, esperando para ver se a linha ley estava se intensificando ou se Cabeswater estava tentando se comunicar.

Então ele percebeu Gansey olhando para ele com o cenho franzido. Adam não sabia ao certo qual havia sido sua expressão, ou por quanto tempo estivera concentrado em algo que Gansey não conseguia ouvir. Pelo rosto de Gansey, fazia um tempo.

— O Malory passou o dia trancado na Monmouth? — Adam perguntou rapidamente.

O rosto de Gansey se desanuviou.

— Eu emprestei o Suburban para ele dar uma volta. Pelo amor de Deus, ele dirige do mesmo jeito que anda. Mas não há dúvida de que ele não gosta da Monmouth.

— Traição — disse Adam, porque sabia que isso agradaria Gansey, e viu que agradou. — Onde está o Ronan?

— Falou que ia para a Barns.

— Você acreditou nele?

— Provavelmente. Ele levou a Motosserra — disse Gansey. — Não acho que ele vá se meter com Greenmantle... O sr. Cinzento foi muito persuasivo. E em que mais ele se meteria? O Kavinsky está morto, então... Jesus *Cristo*, olha o que estou dizendo. Jesus Cristo.

As paredes da caverna desmoronaram ainda mais; o ritual fora imperfeito. Gansey se recostou contra a parede e fechou os olhos. Adam o observou se conter.

Mais uma vez ele ouviu a voz de Gansey na caverna.

— Está tudo bem — disse Adam. Ele não se importava que Joseph Kavinsky estivesse morto, mas gostava da ideia de que Gansey se importava. — Eu sei o que você quer dizer.

— Não, não está tudo bem. Isso é revoltante para mim. — Gansey não abriu os olhos. — Tudo ficou tão feio. Não devia ser dessa forma.

Tudo havia *começado* feio para Adam, mas ele sabia o que Gansey queria dizer. Seu amigo nobre, desatento e otimista estava lentamente abrindo os olhos e vendo o mundo pelo que ele era, e ele era sujo e violento e profano e injusto. Adam sempre achara que era isso que ele queria — que Gansey *soubesse*. Mas agora ele não tinha certeza. Gansey não era

qualquer um, e, subitamente, Adam não sabia ao certo se realmente queria que ele fosse.

— Aqui — disse Adam, de pé, pegando seu texto de história. — Leia. Em voz alta. Vou tomar notas.

Uma hora se passou dessa maneira, Gansey lendo em voz alta em sua adorável voz de sempre, e Adam tomando notas com sua caligrafia exagerada, e, quando Gansey chegou ao fim da tarefa, fechou o texto cuidadosamente e o colocou sobre a caixa de plástico virada de cabeça para baixo que Adam usava como mesa ao lado da cama.

Gansey se pôs de pé e vestiu o casaco, dizendo:

— Eu acho que se... *quando* a gente encontrar Glendower, vou pedir a ele pela vida do Noah. Você acha que daria certo?

A mudança de assunto foi tamanha que Adam não respondeu de imediato. Simplesmente olhou para Gansey. Algo havia mudado nele; ele havia mudado enquanto Adam estivera de costas. O vinco entre as sobrancelhas? A maneira como ele recolhia o queixo? A boca mais cerrada, talvez, à medida que a responsabilidade puxava os cantos para baixo.

Adam não entendia como eles haviam conseguido brigar com tanta frequência durante o verão. Gansey, seu melhor amigo, seu idiota e gentil e maravilhoso melhor amigo.

— Não. Mas acho que vale a pena pedir.

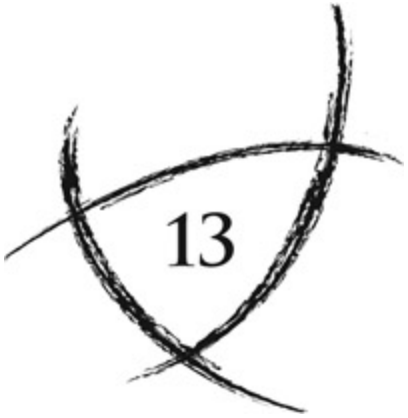
Gansey anuiu uma vez. Duas vezes.

— Desculpe por te deixar acordado até tarde. Nos vemos amanhã?

— Na primeira hora.

Depois que Gansey foi embora, Adam pegou a carta que estava escondida. Nela havia a data para se apresentar ao tribunal, no processo referente a seu pai. Uma parte remota de Adam ficou admirada com como a mera visão das palavras *Robert Parrish* podia revirar seu estômago de maneira nostálgica e confusa.

Olhos à frente, Adam. Logo isso seria passado. Logo aquele ano escolar também. Logo eles encontrariam Glendower, logo todos eles seriam reis. Logo, logo.



No dia seguinte, depois da escola, Blue se sentou à mesa com uma colher em uma mão e *Lisístrata*, a peça que ela havia escolhido analisar para a aula de inglês, na outra. (*A vida das mulheres não é fácil, sabe. Você vive zanzando em torno do marido; cutucando a empregada para ela acordar; pondo o filho para dormir, dando banho ou comida para o garoto.*) Uma chuva fina e cinzenta batia contra as janelas da cozinha apinhada.

Blue não estava pensando em *Lisístrata*. Estava pensando em Gansey e no Homem Cinzento, em Maura e na caverna de corvos.

Subitamente, uma sombra exatamente do tamanho e da forma de sua prima Orla caiu sobre a mesa.

— Não é porque a Maura não está aqui que você precisa andar por aí como uma lesma social — disse Orla, como a cumprimentá-la. — Outra coisa: quando

foi a última vez que você comeu algo que não fosse iogurte?

Às vezes Blue não suportava Orla. Essa era uma das vezes. Ela não ergueu o olhar.

— Não precisa ser grossa.

— A Charity me disse que o T.J. te convidou para sair hoje e você simplesmente encarou o garoto sem dizer nada.

— O quê?

— O T.J. te convidou para sair e você simplesmente ficou olhando para ele. Isso te lembra alguma coisa? — Fazia muito tempo que Orla havia se formado na Escola Mountain View, mas ainda era amiga ou ex-amiga de toda a turma, e o poder coletivo de todas aquelas irmãs mais novas servia para fornecer a Orla uma visão, de certa maneira incompleta, da vida de Blue no período escolar.

Blue ergueu o olhar (acima, acima) para sua prima alta.

— No almoço, o T.J. veio até a minha mesa e desenhou um pênis no unicórnio do meu fichário. É sobre isso que a Charity está falando?

— Não banque a Richard Gansey Terceira comigo — respondeu Orla.

— Porque, se é sobre isso que ela está falando, então, sim, eu só encarei o T.J. Não percebi que era

uma conversa, por causa do *pênis*.

Orla respirou fundo, abrindo visivelmente as narinas.

— Escuta, às vezes as pessoas só querem ser amigáveis. Você não pode esperar que elas sejam profundas o tempo inteiro. Às vezes elas só querem bater um papo.

— Eu *bato papo* — argumentou Blue. O incidente com T.J. não a havia ofendido, embora ela preferisse seu unicórnio sem gênero definido. Ele apenas a fez se sentir cansativamente mais velha que todos na escola. — Dá licença? Estou tentando terminar isso antes que o Gansey chegue. — (*Ó Zeus, que sofrimento palpitante!*)

— Você pode simplesmente ser amiga das pessoas, sabia? — disse Orla. — Acho que é loucura você estar apaixonada por todos aqueles garotos corvos.

Orla não estava errada, é claro. Mas o que ela não tinha percebido a respeito de Blue e seus garotos era que *todos* estavam apaixonados uns pelos outros. Ela não estava menos obcecada por eles do que eles por ela, ou uns pelos outros, analisando cada conversa e gesto, tornando cada piada uma brincadeira interminável cada vez maior, passando cada momento juntos ou pensando em quando se encontrariam de

novo. Blue sabia perfeitamente que era possível existir uma amizade que não tomasse tanto sua vida, que não a cegasse, que não a ensurdecesse, que não a enlouquecesse, que não a excitasse. A questão era que, agora que ela tinha uma desse tipo, não queria a outra.

Orla estalou os dedos entre Blue e o livro.

— Blue. Era disso que eu estava falando.

Blue segurou as páginas com o dedo para não se perder.

— Não pedi nenhum conselho.

— Não, mas deveria — disse Orla. — O que você acha que vai acontecer daqui a um ano? Todos os seus garotos vão para faculdades bacanas, e onde você vai estar? Aqui em Henrietta, com as pessoas com quem você não *bateu papo*.

Blue abriu a boca e fechou, e os olhos de Orla brilharam vitoriosos. Ela sabia que a havia atingido para valer.

Na rua, soou o ronco familiar de um velho Camaro, e Blue se levantou de um salto.

— Minha carona chegou.

— Carona *temporária*.

Blue explodiu, lançando o pote de iogurte no lixo reciclável.

— Que foi, Orla? Está com ciúme? Ou o quê? Você simplesmente não quer que eu goste deles tanto

assim porque... está tentando me poupar de ser magoada? Sabe o que mais é temporário? A *vida*.

— Ah, por favor, você não acha que está levando isso um pouco...

— Então talvez eu devesse ter espalhado meu amor para outras mães também! — Blue pegou a jaqueta e saiu apressada pelo corredor na direção da porta. — Se eu não amasse tanto a *minha* mãe, não me sentiria tão mal quando ela sumisse! Eu poderia ter alguns pais de reserva, cada um com um *pedacinho* do meu afeto, para que, quando um deles fosse embora, eu mal notasse! Ou talvez seja melhor simplesmente não amar nada nem ninguém! Isso facilitaria as coisas, porque assim ninguém nunca ia me deixar na mão! Vou construir uma torre para o meu coração!

— Ah, calma aí — disse Orla, fazendo ruído com seus sapatos plataforma. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Sabe o que eu acho, Orla? Acho que você adora fazer bullying. — Blue esbarrou em Gansey, que havia chegado ao hall de entrada. Por um momento ela sentiu o cheiro da hortelã, a solidez do peito dele, e então voltou para trás.

Gansey desenganchou seu relógio da jaqueta de crochê de Blue.

— Oi. Ah, Orla.

— Ah, *Orla* — ecoou Orla, de maneira pouco agradável. Não era com ele, mas Gansey não sabia disso; ele recuou.

Do andar de cima, Calla gritou:

— CALEM A BOCA!

— Você vai se lembrar dessa conversa mais tarde e me pedir desculpas — Orla disse para Blue. — Você esquece quem você é. — Ela se voltou com a maior elegância possível sobre as longas pernas e os enormes sapatos.

Gansey era educado demais para perguntar sobre a causa da discussão.

— Me tira daqui — disse Blue.



Na rua, estava um dia miserável, abafado e frio, um fim de outono que chegava cedo demais. Malory já estava instalado no assento da frente do Pig; Blue se sentia ao mesmo tempo desapontada e grata com a presença dele. Assim ele evitaria que ela fizesse algo estúpido.

Ela se sentou ao lado do Cão, olhando para fora pela janela do banco de trás, enquanto eles passavam pelo monte Mole a caminho da montanha Coopers,

sentindo seu mau humor melhorar um pouquinho. Aquela era uma parte do mundo muito diferente de Henrietta. Rural, mas menos selvagem. Mais vacas, menos árvores. E muito pobre. As casas ao longo da rodovia eram menores que trailers comuns.

— Não tenho muita esperança quanto a isso — Gansey disse a Malory, dando um safanão no próprio ombro esquerdo; a chuva entrava por sua janela, embora ela estivesse fechada. Também pingava no painel debaixo do espelho retrovisor. Malory espanou a água do mapa em suas mãos. — Eu rastejei por essa montanha inteira um ano atrás e não vi nenhuma caverna. Se existe alguma, é segredo de outra pessoa.

Blue se inclinou para frente, da mesma forma que o Cão. Ela disse:

— Existe um jeito superinteligente que o pessoal do interior usa para descobrir o segredo das pessoas. A gente *pergunta* a elas.

Gansey cruzou o olhar com o dela, e então com o do Cão, no espelho retrovisor.

— O Adam mantém os segredos dele bem guardados.

— Ah, não estou me referindo ao tipo de gente do interior como o *Adam*.

Blue descobrira que havia dois estereótipos distintos para a população rural de sua região na

Virgínia: os vizinhos que emprestavam xícaras de açúcar uns para os outros e que sabiam tudo a respeito de todos, e os caipiras que ficavam em suas varandas com espingardas, gritando palavras racistas quando ficavam bêbados. Por ter crescido tão envolvida no primeiro grupo, Blue só acreditara na existência do segundo já em sua adolescência bem avançada. A escola lhe ensinara que os dois tipos quase nunca nasciam na mesma ninhada.

— Escutem — ela disse. — Quando chegarmos lá, vou mostrar para vocês as casas onde devemos parar.

A montanha Coopers acabou se revelando mais um pequeno monte do que uma montanha de verdade, chamando atenção mais por causa de sua súbita aparição no meio de campos esparsamente povoados. Havia um pequeno bairro de um lado. Casas de fazenda distantes umas das outras pontilhavam o resto da área circundante. Blue desviou Gansey do primeiro bairro em direção às casas de fazenda.

— As pessoas dos bairros só sabem sobre as pessoas dos bairros — ela disse. — Não tem cavernas nos bairros. Aqui, aqui, essa é boa! É melhor você esperar no carro com essa sua cara de bacana.

Gansey era absolutamente consciente de sua cara de bacana para protestar. Ele dirigiu o Camaro

lentamente por um longo acesso de cascalho que terminava em uma casa de fazenda branca. Um cão desmazelado sem raça ou numa mistura de todas elas correu para latir enquanto Blue descia na chuva.

— Ei, você — Blue o cumprimentou, e o cão recuou imediatamente para baixo da varanda. Na porta, uma mulher mais velha segurando uma revista respondeu à sua batida. Ela parecia amigável. Pela experiência de Blue, todos que viviam em casas de fazenda remotas e decadentes geralmente pareciam amigáveis, até que não pareciam mais.

— Posso ajudar?

Blue exagerou seu sotaque, deixando-o o mais lento e local possível.

— Não estou vendendo nada, juro. Meu nome é Blue Sargent, moro em Henrietta e estou fazendo um trabalho de geologia. Ouvi dizer que tem uma caverna aqui perto. Você poderia me indicar o caminho?

Então sorriu, como se a mulher *já* a tivesse ajudado. Se havia uma coisa que Blue havia aprendido como garçonete, levando cães para passear e sendo a filha de Maura Sargent, era que as pessoas geralmente se tornavam o tipo de pessoa que você esperava que elas fossem.

A mulher pensou a respeito.

— Bem, isso parece familiar, mas não creio que... Você perguntou ao Wayne? Bauer? Ele conhece bem a região.

— Quem é ele, mesmo?

A mulher apontou na direção do outro lado da estrada.

Blue ergueu o polegar, agradecendo. A mulher lhe desejou boa sorte.

No fim das contas, Wayne Bauer não estava em casa, mas sua esposa estava, e ela não sabia de nada sobre uma caverna, mas então eles perguntaram ao Jimmy mais adiante, porque ele estava sempre cavando valas, e você sabe que você encontra de tudo em valas. E Jimmy não sabia de nenhuma caverna, mas achava que Gloria Mitchell tinha dito algo a respeito de uma no ano passado. Eles descobriram que Gloria não estava em casa, mas sua irmã mais velha estava, e ela perguntou:

— O quê, você está falando da caverna de Jesse Dittley?

— Não precisa ficar convencida — Gansey disse para Blue enquanto ela colocava o cinto de segurança.

— Claro que preciso — respondeu Blue.

A fazenda Dittley ficava bem na base da montanha Coopers. A casa de estrutura de madeira inclinada estava cercada de carros aos pedaços, sofás inteiros e

grama alta. Os pneus abandonados e os aparelhos de ar-condicionado em janelas quebradas inspiravam o mesmo sentimento em Blue que a cozinha-banheiro-lavanderia bagunçada na Monmouth: a vontade irresistível de arrumar e organizar as coisas.

Enquanto descia do carro, Blue repassava o nome *Jesse Dittley* na cabeça. Algo a respeito dele lhe trazia uma lembrança, mas ela não sabia o que era. Um velho amigo da família? Um tarado de uma reportagem no jornal? Um personagem de história em quadrinhos?

Caso fosse a alternativa do meio, Blue se certificou de que trazia seu canivete rosa no bolso. Ela não acreditava realmente que teria de esfaquear ninguém, mas gostava de estar preparada.

Blue parou na varanda inclinada com catorze jarros de leite vazios e dez gatos e bateu na porta. Levou um bom tempo para a porta se abrir, e, uma vez aberta, uma baforada de cigarro saiu porta afora.

— MAS QUEM DIABOS VOCÊ É?

Blue espiou o homem para cima. Ele a espiou para baixo. Ele devia ter aproximadamente dois metros de altura e usava a maior regata branca que ela já vira na vida (e ela vira muitas). Seu rosto era suave, se um tanto surpreso; a voz alta, concluiu Blue, era por causa da caixa torácica, e não por maldade. Ele encarou a

blusa dela, feita de faixas de tecido e linguetas de latas de refrigerante, e então o rosto.

— Muito contente por conhecê-lo, é quem eu sou.

Blue espiou para dentro da casa. Viu mais cadeiras reclináveis do que já vira na vida (e ela vira muitas). Nada indicava onde ela poderia ter ouvido o nome daquele homem antes.

— Você é Jesse Dittley?

— EU SOU JESSE DITTLEY. VOCÊ NUNCA COMEU FEIJÃO?

Era verdade que Blue mal tinha um metro e meio e também era verdade que não comia feijão, mas ela havia pesquisado e não acreditava que as duas coisas estivessem relacionadas. Ela disse:

— Eu saí perdendo no jogo de dados da genética.

— PODE ESTAR CERTA DISSO.

— Estou aqui porque disseram que você tem uma caverna.

Ele considerou a questão e coçou o peito. Por fim, olhou para onde o Camaro estava parado, encharcado no acesso escavado.

— QUEM SÃO ELES?

— Meus amigos — respondeu Blue —, que também estão interessados na caverna. Se ela existir.

— AH, ELA EXISTE. — Ele soltou um suspiro do tamanho de um furacão. — MELHOR FALAR PARA ELES SAÍREM DA CHUVA.

O Camaro já estava teoricamente fora da chuva — bem, talvez não o ombro esquerdo de Gansey —, mas Blue não discutiu a questão e gesticulou para que os outros se juntassem a ela.

Dentro da casa parecia muito com o lado de fora. Máquinas meio dissecadas, plantas mortas em vasos secos, colchas empoeiradas amontoadas nos cantos, gatos espiando de dentro de pias. Estava cinzento, descorado e escuro na chuva. Havia algo *fora de centro* a respeito da casa, como se os corredores fossem estreitos demais, ou um pouco inclinados, ou apenas ligeiramente equivocados de alguma maneira.

Jesse Dittley. A familiaridade do nome a estava deixando maluca.

Na sala de estar, Malory se sentou em um sofá reclinável sem piscar um olho. Gansey continuou de pé. Ele parecia um pouco tonto.

Blue se sentou em um pufe. Jesse Dittley se postou junto à mesa de cartas, coberta de copos vazios. Ele não lhes ofereceu uma bebida.

— O QUE VOCÊS QUEREM SABER SOBRE A CAVERNA? — Antes que eles pudessem responder, acrescentou sombriamente: — ELA É AMALDIÇOADA.

— Meu Deus — disse Malory.

— Não me importo muito com maldições — disse Gansey, seu sotaque de dinheiro antigo da Virgínia

soando elegante e afetado junto ao de Jesse. — Ela fica aqui perto?

— BEM ALI — relatou Jesse.

— Ah! Você sabe o tamanho dela? — perguntou Gansey, ao mesmo tempo em que Blue perguntava de maneira amigável:

— Que tipo de maldição?

— MEU PAI MORREU DENTRO DELA. E O PAI DO MEU PAI. E O PAI DO PAI DO MEU PAI. — Jesse concluiu, talvez equivocadamente: — ELA PROVAVELMENTE NÃO TEM FIM. VOCÊ É UM DOS GAROTOS DA AGLIONBY, ESTOU CERTO?

— Sim — respondeu Gansey precisamente.

— ESSE CÃO QUER ÁGUA?

Todos olharam para o Cão. Ele parecia um pouco tonto.

— Ah, se não for muito incômodo — disse Malory.

Jesse foi buscar água, e Gansey trocou um olhar com Blue.

— Essa história de repente ficou sinistra.

— Vocês acreditam que existe uma maldição? — ela perguntou.

— É claro que sim — respondeu Malory. — Ela está na linha ley. Aparições e tempestades elétricas, feras negras e lapsos de tempo.

— Para a gente, é apenas a linha ley. Para todos os outros, é uma maldição — completou Gansey, abismado. — É claro.

Jesse voltou com uma tigela de vidro lascada cheia de água. O Cão bebeu ansiosamente. O Camaro tinha um vazamento no escapamento, o que provocava um efeito de desidratação em seus ocupantes.

— O QUE VOCÊS QUEREM NA CAVERNA? IMAGINO QUE EXISTA UM MONTE DE CAVERNAS SEM MALDIÇÃO POR AQUI.

— Estamos explorando outro sistema de cavernas e chegamos a uma parte que está bloqueada. Estamos tentando descobrir outra maneira de entrar nela, e acreditamos que a sua caverna possa ser a solução.

Como a verdade funcionava bem.

Jesse os levou pela porta dos fundos, passando por outra varanda protegida por telas e então para a garoa.

Na rua, ele era ainda maior do que Blue achava que ele era. Ou, possivelmente, agora era mais fácil comparar o tamanho dele com a casa e perceber que ela era insuficiente. Enquanto os guiava através de uma vasta pastagem para vacas, Jesse não baixou a cabeça contra a chuva. Essa falta de preocupação pareceu nobre para Blue, embora ela não conseguisse realmente seguir o exemplo dele à medida que a chuva pingava dos lóbulos de suas orelhas.

— Esse tempo me lembra a escalada terrível que fiz com um sujeito chamado Pelham — murmurou Malory, abrindo um guarda-chuva para si e compartilhando-o com Blue. — Catorze quilômetros na ida e catorze na volta, e tudo por uma rocha vertical que parecia um cachorro dependendo da luz. O homem só falava de futebol e da namorada... Que empreitada terrível.

A passos grandes e curvos, Jesse os levou até uma cerca de arame farpado. Do outro lado, uma estrutura de pedra em ruínas perdida no tempo se sobressaía da encosta pedregosa. Ela não tinha teto e tinha aproximadamente dois metros quadrados. Embora tivesse apenas um pavimento arruinado, algo a respeito dela passava a impressão de altura, como se um dia tivesse sido mais alta. Blue lutou para imaginar qual teria sido o seu propósito original. Algo a respeito do aspecto minúsculo das janelas parecia errado para uma residência. Se ela não estivesse na Virgínia, se ela estivesse em algum lugar mais *antigo*, Blue teria pensado que ela parecia com a ruína de uma torre de pedra.

— É AQUI.

Blue e Gansey trocaram um olhar. O olhar de Gansey dizia: *Nós falamos "caverna", certo?* O olhar de Blue dizia: *Definitivamente.*

Jesse usou um pedaço de pau para empurrar para baixo o arame farpado, para que eles pudessem passar pela cerca — todos exceto o Cão, que ficou irritadamente para trás. Então, com os pés escorregando sobre folhas úmidas, eles escalaram a colina. Do lado de trás da construção, uma porta consideravelmente mais nova havia sido colocada no velho marco. Um cadeado a mantinha fechada. Jesse tirou uma chave e passou para Blue.

— Eu? — ela perguntou.

— EU NÃO VOU ENTRAR.

— Que galante — observou Blue. Ela não estava exatamente nervosa, a questão era que simplesmente não levantara naquela manhã com a intenção de cutucar uma maldição.

— MATA APENAS DITTLEYS — Jesse a acalmou. — A NÃO SER QUE VOCÊ TENHA SANGUE DITTLEY?

— Acho que não — disse Blue.

Ela encaixou a chave no cadeado e abriu a porta.

Dentro havia mudas de árvores, rochas desmoronadas e então, em meio ao entulho, um buraco. Não parecia nem um pouco com a abertura de caverna convidativa que Cabeswater havia lhes proporcionado. Era menor, mais escuro, mais irregular e mais íngreme desde a entrada. Parecia um lugar para segredos.

— Olhe essa caverna, Gansey — disse Malory. — Eu me pergunto quem disse que havia uma caverna aqui.

— Deixe a presunção para a Jane — disse Gansey.

— Não entre aqui — Blue avisou, abrindo caminho em meio aos fragmentos de pedras. — Caso tenha marimbondos ou algo assim.

— PARECE PIOR QUANDO VOCÊ OLHA PARA DENTRO — disse Jesse enquanto Blue espiava no buraco. Era absolutamente negro lá dentro, mais escuro ainda por causa da ausência do sol. — MAS NÃO É ÍNGREME. APENAS AMALDIÇOADO.

— Como você sabe que não é íngreme? — ela perguntou.

— JÁ ESTIVE AÍ ANTES, EM BUSCA DOS OSSOS DO MEU PAI. A MALDIÇÃO NÃO TE LEVA ANTES DA HORA.

Era difícil de argumentar com esse tipo de lógica.

— Você acha que podemos entrar? — perguntou Gansey. — Não agora, mas voltando com o equipamento certo?

Jesse o espiou, e então Malory, e por fim Blue.

— EU FUI COM A CARA DE VOCÊS, ENTÃO... — Ele balançou a cabeça. — NÃO.

— Como? Você disse não? — perguntou Gansey.

— POR UMA QUESTÃO DE CONSCIÊNCIA, EU NÃO POSSO DEIXAR. VAMOS TRANCAR A PORTA DE NOVO.

Ele aceitou a chave dos dedos chocados de Blue.

— Mas nós tomaríamos o máximo de cuidado — ela lhe disse.

Jesse trancou novamente a porta, como se não tivesse ouvido nada.

— E poderíamos pagar as despesas — Gansey sugeriu cuidadosamente, e Blue chutou sua perna com tanta força que deixou uma marca de lama em suas calças. — Meu Deus, Jane!

— NÃO DIGAM O NOME DO SENHOR EM VÃO — disse Jesse. — AGORA DIVIRTAM-SE EXPLORANDO OUTRO LUGAR.

— Ah, mas...

— O ATALHO É PELO CAMPO. TENHAM UM BOM DIA.

Eles haviam sido dispensados. Por incrível que pareça, eles haviam sido dispensados.

— Melhor assim — disse Malory enquanto caminhavam de volta através do campo úmido, os ombros miseravelmente curvados. — Cavernas são lugares terríveis para se morrer.

— E agora? — perguntou Blue.

— Pelo visto precisamos nos apressar. Rápido, rápido — disse Gansey. — Para achar um jeito de fazer o homem mudar de ideia. Ou então invadimos a propriedade dele.

Após ele entrar no carro, Blue percebeu que Gansey estava usando o uniforme da Aglionby, com

os ombros salpicados de chuva, como estivera seu espírito quando ela o vira sobre a linha ley. Ele poderia ter morrido naquele campo, e ela teria sido avisada. Mas Blue só pensara nisso depois.

Viver a vida de trás para frente era algo tão impossível.



— Este aqui diz “cheddar orgânico de gado alimentado em pasto da Nova Zelândia” — disse Greenmantle, fechando a porta atrás de si. A entrada vazia imediatamente caiu no escuro sem a luz da rua. Segurando o pacote próximo do rosto, a fim de ver o rótulo, e falando alto para ser ouvido através da casa, ele continuou: — “Queijo cheddar suave feito de leite orgânico fresco de gado alimentado em pasto. Ingredientes: leite de vaca, sal, culturas”... tipo Dave Brubeck, Warhol, coisas desse tipo... “enzima coagulante”. Ah, isso é comercial demais.

Ele deixou cair o casaco sobre a cadeira junto à porta da frente e então, após um momento de consideração, as calças também. O desejo de Piper era como uma única armadilha de urso em meio à mata selvagem. Era praticamente impossível encontrá-lo se você estivesse procurando, mas era algo para o qual

você gostaria de estar preparado caso pisasse nele por acidente.

— Espero que esse silêncio signifique que você está pegando as bolachas. — Greenmantle entrou na cozinha. A busca por bolachas não era, na realidade, a causa do silêncio de Piper. Ela estava parada na sala de jantar com uma expressão aborrecida no rosto, calças rosa de ioga nas pernas e uma arma apontada para a cabeça.

O ex-empregado de Greenmantle, o Homem Cinzento, era o portador da citada arma. Tanto ele quanto Piper formavam uma silhueta contra a janela que dava para o pasto. O Homem Cinzento parecia bem, saudável, bronzeado, como se Henrietta e um motim combinassem com ele. Piper parecia brava, não com o Homem Cinzento, mas com Greenmantle.

O Homem Cinzento levara mais tempo para aparecer do que Greenmantle imaginara.

Bem, finalmente ele estava aqui.

— Bom, acho que vou eu mesmo pegar as bolachas — disse Greenmantle, largando o pedaço de queijo na ilha no centro da cozinha. — Desculpe não estar vestido para a visita.

— Não se mexa — disse o Homem Cinzento, indicando com o queixo a arma em sua mão. Era preta e tinha uma aparência assustadora, embora

Greenmantle não fizesse ideia de que tipo era. Armas de tom prateado pareciam menos perigosas para ele, embora ele imaginasse que isso era uma falácia que poderia lhe causar problemas. — Não se mexa.

— Ah, *pare* — disse Greenmantle exasperado, virando-se para pegar a tábua de queijos do balcão. — Você não vai atirar na Piper.

— Tem certeza disso?

— Sim, acho que sim. — Greenmantle pegou as bolachas, um prato e uma faca do bloco de facas e os arrumou de maneira razoável. Semicerrou um olho e segurou um pedaço de queijo no alto. — Você acha que esse é o tamanho certo? Ou eu devia cortar mais fino? As bolachas que vão acompanhar são essas.

— Esse pedaço é do tamanho de um úbere inteiro — disse Piper.

— Desculpe, essa faca não é muito afiada. Sr. Cinzento, sério. A arma? Você não acha isso um pouco teatral demais?

O Homem Cinzento não baixou a arma. Ela continuava parecendo perigosa, assim como o Homem Cinzento. Ele era muito bom em parecer assustador, mas a descrição de seu trabalho era para ser o fator mais intimidador no aposento a qualquer momento.

— Por que você está aqui? — perguntou o sr. Cinzento.

Ah, e a dança começou.

— Por que *eu* estou aqui? — disse Greenmantle. — Eu queria saber por que *você* está aqui, tendo em vista que me disse que havia roubado as minhas coisas e fugido para West Palm Springs.

Que dia havia sido aquele, com Laumonier sendo Laumonier e aqueles malditos tapetes peruanos sendo parados na alfândega antes que ele tivesse tempo de vê-los, e então o Homem Cinzento estragando tudo.

— Eu lhe contei a verdade primeiro. E isso não foi o suficiente.

Greenmantle cortou um pedaço de queijo.

— Ah, certo, a... "verdade". Qual era mesmo? É claro. A *verdade* era aquela que você me contou, que o artefato que se dizia que estava nesta região há mais de uma década, e que havia sido rastreado de maneira bastante conclusiva até aquele perdedor do Niall Lynch, *não chegava nem a existir*. Pelo que me lembro, eu rejeitei essa verdade. Estou tentando lembrar por que eu faria tal coisa. Você se lembra, tesouro, por que eu decidi que era mentira?

Piper estalou a língua.

— Porque você não é um idiota completo?

Greenmantle gesticulou com a faca na direção de sua mulher. Esposa. Parceira. Amante.

— Sim, era isso. Agora eu lembro.

— Eu lhe disse que não era um artefato, e continuo afirmando isso. Trata-se de um fenômeno, não de uma coisa.

— Não tente me enganar, sr. Cinzento — disse Greenmantle agradavelmente, colocando uma bolacha com queijo na boca e falando ao mesmo tempo. — Como você acha que eu sabia como ele era chamado? Niall Lynch me contou. Maldito fanfarrão. Ele achou que era invencível. Posso lhe servir um vinho? Trouxe um tinto fantástico comigo. É uma beleza.

O Homem Cinzento lhe lançou um olhar frio. Seu olhar de assassino. Greenmantle sempre gostara da ideia de ser um assassino misterioso, mas esse sonho profissional invariavelmente perdia em comparação ao seu prazer de sair pela cidade e ter a admiração das pessoas em virtude de sua reputação, assim como dirigir seu Audi com placa personalizada (GRNMNTL) e viajar atrás de queijos para países que colocavam pequenos chapéus sobre as vogais, como: ê.

— O que você quer de mim? — perguntou o sr. Cinzento.

— Se nós tivéssemos uma máquina do tempo, eu diria que você poderia voltar correndo e fazer o que eu lhe pedi da primeira vez, mas acho que *esse* barco já partiu para o mar do esquecimento. Você gostaria de abrir o vinho? Eu sempre deixo com a rolha. Não?

Está bem, então. Imagino que você compreenda que terá de ser um exemplo — respondeu Greenmantle.

Ele atravessou a cozinha e colocou uma bolacha com queijo na língua de Piper. Ofereceu uma para o Homem Cinzento, que não aceitou e tampouco baixou a arma. Ele continuou:

— Quer dizer, o que os outros pensariam seu eu deixasse você sair livre dessa? Não seria bom. Então, embora eu tenha curtido nosso tempo juntos, acredito que isso significa que você provavelmente vai precisar ser destruído.

— Então atire em mim — disse o Homem Cinzento, sem medo.

Ele realmente era uma obra de arte, o Homem Cinzento. Um personagem de ação em forma de assassino. Tudo que sua nobreza conseguiu foi provar o que Greenmantle já sabia: havia coisas naquela cidade que o Homem Cinzento considerava mais importantes que sua própria vida.

— Ah, sr. Cinzento. Dean. Você é mais esperto que isso. Ninguém se lembra de um cadáver. Eu sei que você sabe como isso funciona. — Greenmantle cortou outro pedaço de queijo. — Primeiro eu vou ficar por aqui, apenas *observando*. Curtindo a paisagem. Descobrindo os melhores lugares para tomar café da manhã, vendo os pontos turísticos,

observando você dormir, descobrindo tudo que é importante para você, encontrando aquela mulher por quem você se apaixonou, planejando a melhor maneira de fazer a destruição de tudo isso publicamente excruciante para você. Et cetera e por aí afora.

— Me dá mais uma, mas sem tanto queijo — disse Piper.

Ele o fez.

— Se você vai destruir a minha vida de qualquer jeito, não tenho por que simplesmente não matar você e a Piper agora mesmo — disse o Homem Cinzento.

— Me fale safadezas — disse Greenmantle. — Como nos velhos tempos. Na realidade, há outra opção, sr. Cinzento. Você me dá o Greywaren, como eu lhe pedi, e então filmamos um vídeo curto de você cortando o seu dedo do gatilho. Aí estaremos quites.

Ele ergueu as mãos como a deusa da Justiça, segurando o queijo em uma mão e a faca na outra.

— Ou isso, ou aquilo.

— E se não houver Greywaren?

— Então há a destruição pública de tudo o que você ama. Opção: o sonho americano.

O Homem Cinzento parecia estar considerando. Normalmente qualquer outra pessoa pareceria

assustada a essa altura da conversa, mas era possível que o Homem Cinzento não tivesse emoções.

— Vou precisar pensar a respeito.

— Com certeza — disse Greenmantle. — Que tal uma semana? Não, nove dias. Nove é três mais três mais três. Vou continuar olhando por aí enquanto você decide. Obrigado por vir.

O Homem Cinzento se afastou de Piper, a arma ainda apontada para ela, e então desapareceu pela porta atrás de si. O aposento ficou em silêncio.

— Aquela porta não dá para um armário? — perguntou Greenmantle.

— É a porta da garagem, seu imbecil — disse Piper com seu carinho característico. — Agora eu perdi a ioga, e o que vou dizer a eles? *Ah, eu tinha uma arma apontada para a minha cabeça.* Outra coisa, eu disse para você jogar fora essas cuecas há meses. O elástico está todo solto.

— Fui eu — ele disse. — Eu o afrouxei. Entendeu?

A voz de Piper permaneceu, enquanto o resto de si deixava o aposento.

— Estou cansada dos seus passatempos. Essas são as piores férias que eu já tive.



Adam estava sozinho na oficina mecânica.

Na noite ainda chuvosa, ficou prematuramente escuro no interior da oficina, os cantos da garagem consumidos por uma escuridão que as luzes fluorescentes acima não conseguiam alcançar. No entanto, ele havia passado horas incontáveis trabalhando lá, e suas mãos sabiam onde encontrar coisas mesmo quando seus olhos não sabiam.

Agora Adam estava debruçado sobre o motor de um velho Pontiac, o rádio sujo nas prateleiras da oficina lhe fazendo companhia. Boyd havia lhe deixado a tarefa de trocar a junta do cabeçote e fechar a oficina. Jantar, ele disse, era para velhos como ele. A longa monotonia de juntas do cabeçote era para jovens como Adam.

Não era um trabalho difícil, o que era pior, de certa maneira, pois sua mente desocupada girava.

Mesmo enquanto ele repassava mentalmente os detalhes dos acontecimentos mais importantes dos anos 20 na história dos Estados Unidos para uma prova, Adam tinha potência de sobra no cérebro para pensar como suas costas doíam de se esticar sobre o motor, a graxa que ele podia sentir em sua orelha, a frustração desse pino enferrujado, a proximidade do dia de sua audiência e a presença de outras pessoas na linha ley.

Ele se perguntou se Gansey e os outros haviam realmente saído na chuva para explorar a montanha Coopers. Parte dele tinha esperança de que eles não tivessem feito isso, embora ele fizesse o seu melhor para expulsar as emoções mesquinhas em relação aos amigos — se ele as deixasse correr soltas, teria ciúme de Ronan, ciúme de Blue, ciúme de Gansey com qualquer um dos outros dois. Qualquer combinação que não envolvesse Adam provocaria um grau de desconforto, se ele deixasse.

Mas ele não deixaria.

Não brigue com Gansey. Não brigue com Blue. Não brigue com Gansey. Não brigue com Blue.

Não fazia sentido dizer a si mesmo para não brigar com Ronan. Eles brigariam de novo, pois Ronan ainda respirava.

Do lado de fora da oficina, o vento soprava, salpicando a chuva contra as janelas pequenas e raiadas das portas da garagem. Folhas secas farfalhavam contra as paredes e corriam junto a elas para longe. Era aquela época do ano em que podia ser quente ou frio de um dia para o outro; não era nem verão nem outono. Um entre-estações, um tempo transitório. Uma fronteira.

Quando mudou de posição para alcançar melhor o bloco do motor, Adam sentiu uma brisa fria em volta dos tornozelos, passando bem junto à bainha das calças. Suas mãos doíam: estavam mais ressecadas ainda. Quando era garoto, Adam costumava lamber as costas das mãos, sem perceber que isso as deixava mais ressecadas ainda com o passar do tempo. Fora um costume difícil de abandonar. Mesmo agora, quando elas o incomodavam, ele resistia ao impulso de aliviar o desconforto por apenas um segundo.

Na rua, o vento soprava de novo, mais folhas sacudindo as janelas. Dentro, algo se mexia e estalava. Algo se acomodando na lata de lixo, talvez.

Adam esfregou o braço no rosto, e só então se deu conta de que seu braço tinha uma mancha de graxa. No entanto, não fazia sentido limpar o rosto até que tivesse terminado seu turno.

Houve mais um estalido dentro da oficina. Adam parou o trabalho, chave-inglesa pairando sobre o motor, o topo do crânio tocando o capô aberto. Algo parecia diferente, mas ele não conseguia descobrir o que era.

O rádio havia parado de tocar.

Adam olhou desconfiado para o velho rádio. Ele podia vê-lo, duas baias adiante, do outro lado do Pontiac, de uma picape e de um Toyota pequeno. A energia estava desligada; possivelmente a pilha havia finalmente acabado.

Mas, mesmo assim, Adam perguntou à garagem vazia:

— Noah?

Não era do feitio de Noah ser assustador de propósito, mas ele vinha sendo menos *Noah* do que de costume ultimamente. Menos Noah e mais morto.

Algo deu um estouro.

Adam levou um segundo para perceber que era a luz de trabalho portátil pendurada na ponta do capô. Ela havia ficado escura.

— Noah, é você?

Adam subitamente teve o *sentimento* terrível e avultante de que algo estava atrás dele, observando-o por trás. Algo próximo o suficiente para soprar uma aragem fria em torno de seus tornozelos de novo. Algo

grande o suficiente para bloquear parte da luz da lâmpada incandescente junto à porta lateral.

Não era Noah.

Na rua, um raio caiu subitamente. Adam não aguentou e saiu apressadamente de debaixo do capô, virando-se com as costas pressionadas contra o carro.

Não havia nada lá a não ser blocos de concreto, calendários, ferramentas na parede, pôsteres. Mas uma das chaves-inglesas na parede de ferramentas estava balançando. O outro lado da garagem estava escuro de uma maneira que Adam não se lembrava de ter visto.

Vá embora, vá embora...

Algo tocou sua nuca.

Ele fechou os olhos.

Subitamente, Adam compreendeu. Era Cabeswater, tentando se fazer compreender. Persephone estivera trabalhando com ele para melhorar sua comunicação: normalmente, Adam lhe perguntava todas as manhãs o que ela precisava, enquanto abria cartas de tarô ou fazia uma divinação na pia do banheiro. Mas Adam não havia perguntado desde que a escola começara.

Então agora Cabeswater o forçava a ouvi-la.

Cabeswater, dissera Persephone um dia, calma e severa, *não manda em você.*

Algo retiniu sobre a mesa junto à parede oposta.

— Espera! — disse Adam.

Ele mergulhou em busca de sua bolsa a tiracolo enquanto o aposento ficava mais escuro. Seus dedos encontraram cadernos, livros didáticos, envelopes, canetas, o doce esquecido. Algo mais caiu no chão, bem próximo. Por um minuto angustiante ele achou que havia deixado as cartas de tarô no apartamento.

Ela não vai me machucar. Vai ser assustador, mas não vai me machucar...

Mas o medo machuca, também.

Só porque ela tem acessos de fúria, acrescentou Persephone, *isso não a torna mais certa do que você.*

As cartas. Adam se agachou ao lado da bolsa, pegou o saco de veludo e despejou o baralho nas mãos. Persephone andara lhe ensinando todos os tipos de meditação, mas não haveria meditação agora. Tremendo, ele embaralhou as cartas enquanto o óleo na panela debaixo do Pontiac começou a transbordar, um oceano furioso.

Adam abriu três cartas no chão de concreto. *A Morte, a Imperatriz, o Diabo.*

Pense, Adam, pense, entre nela...

A luz fluorescente mais próxima zuniu estridentemente, subitamente brilhante demais, então subitamente muito apagada.

O subconsciente de Adam se esvaiu através da consciência de Cabeswater, ambos emaranhados naquela estranha barganha que ele havia feito.

A Morte, a Imperatriz, o Diabo. Três adormecidos, sim, sim, ele sabia disso, mas só precisava de um, e, de qualquer maneira, que importância Cabeswater dava para quem estava dormindo sobre a linha ley, o que ela *precisava* que Adam fizesse?

Sua mente se concentrou em um pensamento ramificado, viajou ao longo de um galho, até um tronco, descendo para as raízes, em seguida chão adentro. Naquela escuridão e terra e pedra, ele viu a linha ley. Finalmente viu a conexão, onde ela havia sido interrompida, e compreendeu o que Cabeswater estava pedindo para ele reparar. O alívio tomou conta de Adam.

— Entendi — ele disse em voz alta, deitando-se e recuperando as forças sobre o concreto frio. — Vou fazer esta semana.

A oficina imediatamente voltou ao normal. O rádio recomeçara a tocar, e Adam não percebera o momento em que isso acontecera. Embora os meios de comunicação de Cabeswater pudessem ser aterrorizantes — aparições, cães negros, ventos uivantes, rostos em espelhos —, a questão nunca era

intimidar. Ele sabia disso. Mas era difícil se lembrar disso enquanto as paredes se mexiam, a água formava gotículas do lado de dentro de janelas e mulheres imaginárias soluçavam em seu ouvido.

Cabeswater sempre parava tão logo Adam a compreendia. Ela só queria que ele compreendesse.

Adam suspirou fundo junto às cartas de tarô. Hora de voltar ao trabalho.

Mas.

Ele ouviu algo. Não deveria haver mais nada, não mais.

Mas algo estava arranhando a porta da oficina. Era um ruído seco, fino, como um papel sendo rasgado. Uma garra. Uma unha.

Mas ele havia *compreendido*. Ele havia prometido fazer o trabalho.

Adam queria dizer a si mesmo que era apenas uma folha ou um graveto. Algo comum.

Mas Henrietta não era mais um lugar comum. *Ele* não era mais uma pessoa comum.

— Eu disse que compreendi — falou Adam. — *Saquei*. Esta semana. Precisa ser antes?

Não houve resposta do lado de dentro da garagem, mas, do lado de fora, algo leve e inquieto passou por uma das janelas, alto, longe do chão. Havia apenas luz suficiente para ver suas escamas.

Escamas.

O pulso de Adam se acelerou, o coração batendo tão rápido que doía.

Certamente Cabeswater acreditava nele; Adam nunca a deixara na mão antes. Não havia regras, mas havia confiança.

Um ruído veio bem junto à porta do lado de fora: *tck-tck-tck-tck*.

A porta da garagem se escancarou. Soou como um trem de carga enquanto rugia ao longo dos trilhos até o teto.

Na noite sombria, na chuva de um profundo azul-escuro, um monstro pálido se ergueu. Ele tinha unhas como garras e bicos selvagens, asas esfarrapadas e escamas gordurosas. Era tão contrário a tudo o que era real que se tornava difícil vê-lo verdadeiramente.

O terror tomou conta de Adam. O velho terror, aquele que era tanta confusão e traição quanto o próprio medo.

Ele havia feito tudo certo. Por que aquilo ainda estava acontecendo se ele havia feito tudo certo?

O horror de animal deu um passo, arranhando e resvalando sobre o chão na direção de Adam.

— Xô, seu canalha feioso — disse Ronan Lynch.

Ele saiu da chuva e entrou na oficina; estivera escondido no escuro em sua jaqueta e seus jeans

escuros. Motosserra se agarrava em seu ombro. Ronan ergueu uma mão para a besta branca como se estivesse lançando um barco ao mar. A criatura recuou a cabeça, bicos de lado a lado abertos.

— Vá — disse Ronan, sem medo.

Ela levantou voo.

Porque não era apenas um monstro qualquer; era o monstro de Ronan Lynch. Um horror noturno trazido para uma vida corrompida. Ela flutuou no escuro, estranhamente graciosa, uma vez que seu rosto estava fora de vista.

— Droga, Ronan, que merda — disse Adam ofegante, baixando a cabeça. — Meu Deus do céu, você quase me matou de susto.

Ronan sorriu, irônico. Ele não compreendia que o coração de Adam ia realmente explodir. Adam segurou a nuca com as mãos, encolhendo-se como uma bola sobre o concreto, esperando sentir que não ia morrer.

Então ouviu o estrépito da porta da garagem ser fechada novamente. A temperatura subiu imediatamente quando o vento foi bloqueado.

Uma bota cutucou o joelho de Adam.

— Levanta.

— Seu babaca — murmurou Adam, ainda sem erguer a cabeça.

— Levanta. Ela não ia te machucar. Não sei por que você está se mijando de medo.

Adam se desenrolou. Ele estava lentamente se recuperando, se sentindo mais incomodado que temeroso. Então se pôs de pé.

— Tem mais coisas acontecendo no mundo do que apenas você, Lynch.

Ronan virou a cabeça de lado para ler as cartas.

— O que é isso?

— Cabeswater.

— Que merda aconteceu com o seu rosto?

Adam não respondeu.

— Por que ela estava com você?

— Eu estava na Barns. Ela seguiu o carro. — Ronan rondou o Pontiac, espiando o processo dentro com uma falta de compreensão desinteressada. Motosserra bateu asas para pousar sobre o bloco do motor, a cabeça recolhida. — Não — avisou Ronan. — Isso é tóxico.

Adam queria perguntar o que Ronan andara fazendo na Barns todos aqueles últimos dias e noites, mas não o pressionou. A Barns era uma questão de família, e família era um assunto particular.

— Vi a merda do seu carro no estacionamento no caminho de volta — disse Ronan. — E pensei,

qualquer coisa para evitar o Malory por alguns minutos a mais.

— Comovente.

— O que você acha da ideia de pesquisar a teia de aranha do Greenmantle? Possível? Não possível?

— Qualquer coisa é possível.

— Faça, então, por mim — disse Ronan.

Adam riu, descrente.

— Fazer por você! Alguns de nós temos tarefas de casa para fazer, sabia?

— Tarefas de casa! Qual o sentido disso?

— Passar de ano? Se formar?

Ronan praguejou, mostrando um desinteresse maior ainda.

— Você está simplesmente tentando me deixar bravo? — perguntou Adam.

Ronan pegou uma chave na bancada do outro lado do Pontiac. Ele a estudou de um jeito que sugeria que contemplava seu mérito como arma.

— A Aglionby não faz muito sentido para gente como nós.

— O que é "gente como nós"?

— Eu não vou usar a escola — disse Ronan — para conseguir um trabalho de terno e gravata... — Ele fez como se estivesse sendo enforcado, a cabeça de lado. — E você pode encontrar uma maneira de fazer a

linha ley trabalhar para você, uma vez que já barganhou com ela.

— O que você acha que eu estou fazendo agora? Onde estamos mesmo?

— Terrivelmente próximo daquele Toyota é onde *eu* estou.

— Estou trabalhando. Daqui a duas horas, vou para o meu próximo trabalho, por mais quatro horas. Se você está tentando me convencer de que eu não preciso da Aglionby depois de eu ter me *matado* para estudar lá por um ano, está desperdiçando seu fôlego. Se quiser ser um perdedor, que seja, mas não me ponha no meio disso para se sentir melhor.

A expressão de Ronan era fria sobre o teto do Pontiac.

— Bom — ele disse —, vá se foder, Parrish.

Adam apenas olhou para ele, fulminante.

— Faça a sua tarefa de casa.

— Tanto faz. Estou caindo fora.

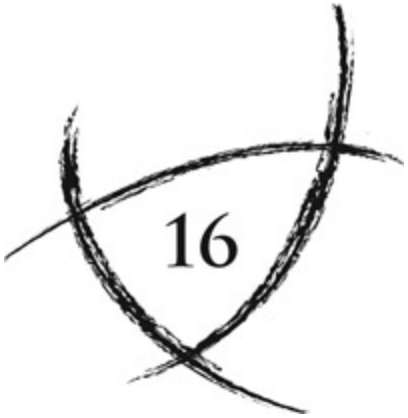
Quando Adam se abaixou para pegar um trapo para tirar a graxa do ouvido, o outro garoto havia desaparecido. Foi como se ele tivesse levado todo o barulho da garagem consigo; o vento morrera, as folhas pararam de farfalhar e a sintonia do rádio mudara, de modo que a transmissão só chiava um

pouquinho. O ambiente parecia mais seguro, mas também mais solitário.

Mais tarde, Adam saiu caminhando pela noite fria e úmida até seu carrinho velho. Quando se deixou afundar no assento do motorista, encontrou algo que já estava ali em cima.

Ele retirou o objeto e o segurou sob a fraca luz interior. Era um pote de plástico, branco e pequeno. Adam girou a tampa e o abriu. Dentro havia uma loção incolor que cheirava a nevoeiro e musgo. Com o cenho franzido, recolocou a tampa e virou o pote, procurando algum traço a mais que o identificasse. No fundo, a caligrafia de Ronan o rotulava meramente: *manibus*.

Para suas mãos.



— Digo isso da maneira mais gentil possível — disse Malory, reclinado na cadeira da escrivaninha de Gansey —, mas vocês não sabem fazer chá nem aqui nem na China.

A noite fora da parede de janelas estava negra e úmida; as luzes de Henrietta pareciam se mover enquanto as árvores escuras balançavam de um lado para o outro diante deles. Gansey estava sentado no chão, ao lado de sua maquete da cidade, trabalhando lentamente nela. Ele não tivera tempo para acrescentar nada novo; em vez disso, havia conseguido uns minutos aqui e outros ali para reparar os danos incorridos naquele verão. A sensação de restaurar era distintamente menos satisfatória do que fora construir.

— Não sei o que estou fazendo de errado — admitiu Gansey. — Parece um processo objetivo.

— Se eu não estivesse aterrorizado de utilizar o banheiro que vocês chamam de cozinha, eu o aconselharia — disse Malory. — Mas temo que um dia entrarei naquele aposento e nunca mais sairei.

Gansey arrumou uma escada minúscula de cartolina com um tubo de cola e ergueu o olhar para descobrir o Cão, que o observava atentamente. O Cão não estava errado; ele havia colocado as escadas um pouco tortas. Gansey as arrumou.

— Melhor? — ele perguntou.

— Não dê atenção — respondeu Malory. — Ele é alerta demais. Estou impressionado, Gansey, pela falta de consideração que você colocou na ação de mandar Glendower dormir por seiscentos anos.

— Eu considerei a questão — disse Gansey. — Bem, *conjeturei*. Não tenho como provar ou desaprovar teorias. E mesmo que seja interessante, em última análise, isso é altamente irrelevante.

— Do ponto de vista de um estudioso, eu discordo. Aliás, você também deveria discordar.

— Ah, deveria?

— Segunda a sua teoria, Glendower viajou até aqui por uma linha ley. Uma linha perfeitamente reta através do mar, não uma coisa fácil de conseguir. Uma confusão e tanto para esconder um príncipe. Por que não escondê-lo em uma linha galesa?

— Os ingleses não descansariam até encontrá-lo — disse Gansey. — O País de Gales é pequeno demais para um segredo desses.

— É mesmo? Você e eu andamos pelo País de Gales. Então me diga que não existem lugares naquelas montanhas que não se prestariam a esconder um rei.

Gansey não tinha como discordar.

— Então por que navegar cinco mil quilômetros em uma viagem sem volta para um novo mundo onde ninguém sabe fazer uma xícara de chá decente? — Malory rolou a cadeira até a mesa de sinuca com os mapas. Quando Gansey se juntou a ele, Malory correu um dedo sobre um mar transbordante, do País de Gales até a minúscula Henrietta. — Por que alguém levaria adiante a tarefa quase impossível de navegar uma linha perfeitamente reta através desse mar?

Gansey não disse nada. O mapa não estava marcado, mas ele não conseguia deixar de ver todos os lugares onde ele estivera. Na rua, o vento ficou mais intenso abruptamente, colando folhas mortas e úmidas contra as venezianas.

— As linhas ley, os caminhos dos corpos, as estradas da morte, Doodwegen, se você acreditar nos holandeses (mas quem acredita), era assim que costumávamos carregar nossos mortos — disse

Malory. — Os carregadores de caixões viajavam ao longo de estradas de funerais a fim de manter as almas intactas. Tomar um caminho torto perturbava a alma e criava uma maldição, ou pior. Então, quando eles viajavam em uma linha reta com Glendower, era porque ele tinha de ser transportado co-mo os mortos.

— Então ele já estava dormindo quando eles partiram — disse Gansey, embora agora *dormindo* soasse como uma palavra suave demais para isso. Ele teve um flash de memória, embora não fosse uma memória de verdade; fora uma visão que ele tivera em Cabeswater. Glendower deitado de costas para cima em seu caixão, os braços dobrados sobre o peito, a espada em uma mão, o copo na outra. Gansey, a mão pairando sobre o capacete, temeroso e extasiado por finalmente olhar para o rosto desse rei após seiscentos anos. — Eles estavam mantendo a alma dele com o corpo.

— Precisamente. E agora que estou aqui, agora que eu vi a sua linha... acho que eles navegaram todo esse trajeto porque estavam procurando este lugar — Malory bateu de leve no mapa.

— Virgínia?

— Cabeswater.

A palavra pairou no ambiente.

— Se não Cabeswater em si, então um lugar como esse — continuou Malory. — Talvez tenham seguido leituras de energia até que pudessem encontrar um lugar com força suficiente para manter uma alma em estase por centenas de anos. Ou pelo menos por mais tempo do que as pessoas que cuidavam daquele corpo acreditavam que viveriam.

Gansey considerou todos os argumentos.

— As médiuns disseram que existem três adormecidos. Não apenas Glendower, mas outros dois. Suponho que o que você está dizendo explicaria por que pode haver outros aqui também. Não necessariamente porque ninguém tentou colocar nenhuma outra pessoa para dormir em qualquer outra parte, mas porque a tentativa fracassou em todos lugares, exceto aqui.

A hipótese inspirou um pensamento desagradável e de dar arrepios, de imaginar que você está sendo levado para dormir e, em vez disso, é enviado cheio de esperança para uma morte acidental.

Os dois encararam o mapa por vários minutos, então Malory disse:

— Vou para a cama. Vamos explorar amanhã, ou posso pegar o carro para ir até aquela outra Virgínia novamente e exercitar um pouco mais minha cartografia?

— Outra...? Ocidental. Virgínia Ocidental. Acho que podemos te acompanhar depois das aulas.

— Excelente.

Malory deixou sua xícara de chá de baixa qualidade sobre a mesa de sinuca e se retirou com o Cão.

Gansey permaneceu imóvel no depósito após a porta se fechar. Ele ficou parado por tanto tempo que se sentiu desorientado; talvez estivesse parado por um minuto, talvez estivesse parado por uma hora. Poderia ser naquele momento, poderia ser um ano atrás. Sua presença era tão forte naquele aposento quanto seu telescópio e suas pilhas de livros. Imutável. Incapaz de mudar.

Gansey não sabia se estava cansado ou cansado de esperar.

Ele se perguntou onde Ronan tinha ido.

Não ligou para Blue.

— Olha, achei isso.

Gansey deu um salto no mesmo instante em que reconheceu a voz de Noah. O garoto morto estava sentado de pernas cruzadas na ponta do colchão de Gansey, no meio do aposento. Gansey se sentiu aliviado ao ver que Noah parecia mais firmemente ele mesmo do que quando ele o vira da última vez. Nas mãos, Noah segurava uma massa de argila cinza-

escura que ele havia moldado em uma imagem negativa, pequena, de um boneco de neve.

— Frosty, o homem de argila — disse Noah, divertindo-se consigo mesmo. — Peguei no quarto do Ronan. Olha, ele derrete.

Gansey o examinou mais de perto enquanto se ajeitava de pernas cruzadas, uma imagem espelhada de Noah.

— Ele tirou isso de um sonho?

— Acho que de um posto de gasolina. A argila tem flocos de metal ou algo assim — disse Noah. — Está vendo? Ele está de pé sobre um ímã. Ele desmorona e cobre o ímã depois de um tempo.

Eles observaram. Observaram bastante. O boneco se movia tão lentamente que Gansey levou um minuto inteiro para acreditar que talvez a massa metalizada engolfasse o ímã.

— Isso é para ser um brinquedo? — perguntou Gansey.

— Seis anos para cima.

— É o pior brinquedo que eu já vi na vida.

Noah abriu um largo sorriso.

— Vai ver se eu estou na esquina — ele disse.

Os dois caíram na risada diante das palavras de Ronan saindo da boca de Noah.

A parte de baixo da figura de argila havia conseguido esconder o ímã sem que Gansey notasse qualquer movimento.

— Como é aquele ditado para a *paciência*? — perguntou Noah. — A paciência, a paciência...

— ... é uma virtude — completou Gansey. — Noah, não vá embora. Vou te fazer uma pergunta, e não quero que você suma, como sempre.

O garoto morto ergueu a cabeça para cruzar o olhar com o de Gansey. Embora não fosse transparente nem tivesse uma aparência incorreta, ele era involuntariamente perturbador naquela luz. Algo a ver com seus olhos imóveis.

Poderia ter sido eu. Deveria ter sido eu.

— Você ouviu? Quando... quando você morreu? — Gansey se arrependeu imediatamente de ter feito a pergunta, mas seguiu em frente. — Você ouviu uma voz também?

Os dedos de Noah tocaram seu rosto manchado, embora ele não parecesse notar. Ele balançou a cabeça.

Se ambos, Gansey e Noah, estiveram morrendo na linha ley ao mesmo tempo, por que Gansey tinha sido escolhido para viver e Noah para morrer? De qualquer ângulo que se visse a situação, a morte de Noah fora a mais equivocada: ele havia sido assassinado sem nenhum motivo. Gansey havia sido picado por uma

morte que estivera em seu encalço por mais de uma década.

— Eu acho... Cabeswater queria ser acordada — disse Noah. — Ela sabia que eu não faria o que era preciso, mas você faria.

— Ela não poderia saber disso.

Noah balançou a cabeça novamente.

— É fácil saber um monte de coisas quando o tempo anda em círculos em vez de em linha reta.

— Mas... — disse Gansey, sem saber contra o que protestar. Realmente era apenas o fato da morte lenta de Noah, e não parecia haver ninguém a quem dirigir aquele protesto. Ele tocou uma das orelhas; Gansey podia sentir fantasmas daqueles marimbondos rastejando sobre ela. — Quando encontrarmos Glendower, vou pedir para ele dar um jeito em você. Como o favor.

Gansey não gostava de dizer isso em voz alta; não porque não fosse sua intenção, mas porque eles ainda não tinham certeza de como o favor funcionava, ou se realmente funcionava, e não gostava de fazer falsas promessas.

Noah cutucou seu homem de argila. Não havia mais muito de um homem nele; apenas porque Gansey o vira antes, ele ainda conseguia ver a sugestão da figura no monte indistinto.

— Eu sei. É... É legal da sua parte.

— Mas...?

— Não tenha medo — disse Noah de repente, estendendo o braço e tirando a mão de Gansey da orelha. Gansey não havia se dado conta de que ainda a tocava de leve. Noah se inclinou para frente e soprou um hálito frio e cadavérico na orelha de Gansey. — Não tem nada aí. Você só está cansado.

Gansey estremeceu um pouco.

Porque era Noah e ninguém mais, Gansey podia admitir.

— Não sei o que vou fazer se o encontrar, Noah. Não sei o que serei se não estiver procurando por ele. Não faço ideia de como ser aquela pessoa novamente.

Noah colocou a argila nas mãos de Gansey.

— É exatamente assim que eu me sinto sobre a ideia de estar vivo novamente.



— Me conte o meu futuro — disse Blue aquela noite, jogando-se na frente de Calla, que havia coberto a mesa da sala de leitura com recibos. Toda a Rua Fox, 300 estava terrivelmente barulhenta; Orla tinha mais um grupo por lá, assim como a mãe de Orla, Jimi. Além disso, Trinity — a irmã de Jimi, ou prima, ou amiga — havia trazido para casa mil priminhos ou algo assim para fazer sabonete. A sala de leitura era o lugar mais silencioso. — Me conte se eu vou ficar órfã.

— Vá embora — disse Calla, apertando botões em uma calculadora. De modo geral, ela e Maura cuidavam das finanças da casa, Calla operando a calculadora como uma adulta e Maura sentada de pernas cruzadas no meio da mesa próxima. Mas agora não havia Maura. — Estou ocupada.

— Acho que na verdade você não sabe — disse Blue. — Acho que é isso. Você e a Persephone estão fingindo ser todas sábias a respeito disso, "Ah, ela precisa encontrar o próprio caminho no mundo" e blá-blá-blá, mas na verdade vocês só dizem isso porque não fazem a menor ideia.

— Estou fazendo trabalho administrativo — disse Calla. — E você é uma peste. Vá embora.

Blue pegou um punhado de recibos e jogou no rosto de Calla.

Calla olhou para ela através das folhas esvoaçantes sem se mexer.

Os papéis pousaram sobre a mesa.

Blue e Calla se encararam.

— Desculpa — disse Blue, se encolhendo. — Desculpa mesmo.

Ela começou a pegar um dos recibos, e Calla agarrou seu punho.

— Não — disse.

Os ombros de Blue se curvaram mais ainda.

Calla disse:

— Escuta. Não é fácil para nenhuma de nós. Você está certa. Nós jamais conseguimos ver Cabeswater, e está mais difícil ver todo o resto agora, quando somos só duas. É mais difícil concordar quando não há uma terceira opinião, especialmente quando a questão é

sobre a terceira opinião... — Seu rosto mudou. — Vou lhe dizer uma coisa: há três adormecidos.

— Você já me disse isso. Todos já me disseram isso.

— Bem, acho que o seu trabalho é despertar um deles, e que o trabalho da Maura é *não* despertar o outro.

— Isso totaliza dois trabalhos, e são três adormecidos.

— Persephone e eu discordamos um pouco sobre a existência de um terceiro trabalho ou não.

— Aliás, de que tipo de trabalho estamos falando aqui? Tipo, um trabalho onde tiramos um salário e no fim temos nosso rosto colado na parede de uma floresta mágica como Funcionário do Mês? — perguntou Blue.

— Um trabalho do tipo em que, no fim, tudo entra em equilíbrio e todos nós vivemos felizes até o fim dos malditos tempos.

— Bom, isso parece bacana, exceto que a) o que fazer com aquele outro adormecido, e b) não dá para realmente terminar um trabalho negativo, isto é, como a minha mãe vai saber que teve sucesso em *não* acordar alguém, e 3) isso ainda envolve o Gansey morrer? Porque f) essa não é a minha ideia de um final feliz.

— Lamento que estejamos tendo esta conversa — disse Calla, e começou a empilhar recibos.

— E também g) eu não quero mais ir para a escola.

— Bom, você não vai largar a escola, então sinto muito.

— Eu não disse que ia largar a escola. Eu só tenho um nível de satisfação muito baixo no momento. A moral está baixa. As tropas não querem ir para uma faculdade comunitária.

Calla apertou outro botão na calculadora. Sua boca assumiu um formato muito pouco impressionado.

— Então as tropas não deveriam reclamar com alguém que trabalhou tão duro para conseguir frequentar uma faculdade comunitária.

— Essa é uma daquelas conversas do tipo "olha-como-eu-me-esforcei-para-conseguir-estudar"? Porque se for...

— É uma daquelas conversas do tipo "você-acha-que-o-mundo-te-deve-alguma-coisa-Blue-Sargent".

Blue se pôs de pé, envergonhada e amuada.

— Tanto faz. Onde está a lista da vigília da igreja?

— Isso não vai tornar o Gansey menos morto.

— Calla.

— Está na caixa em cima da geladeira, eu acho.

Profundamente insatisfeita, Blue saiu correndo da sala, arrastando uma cadeira até a geladeira, através de hordas de crianças que faziam sabonete. De fato, ela encontrou os blocos de anotação da vigília da igreja na caixa no topo. Pegou a coleção inteira, abriu caminho em meio às crianças atarefadas e então saiu pela porta de correr para o quintal escuro.

O ambiente ficou instantaneamente mais silencioso. O jardim estava vazio, exceto por alguns crisântemos esperando para serem plantados, a enorme faia com seu grande dossel amarelo e o Homem Cinzento.

Ele estava sentado tão silencioso em uma das cadeiras no gramado que Blue não o percebeu até se virar para se sentar na outra.

— Ah! Desculpa. Você quer ficar sozinho? Eu posso voltar para dentro.

Sua expressão era pensativa. Ele inclinou sua cerveja ainda bastante cheia na direção da outra cadeira.

— Não, eu sou o intruso aqui. Eu que devia perguntar se você quer o espaço só para você.

Blue acenou uma mão acanhada para ele enquanto se sentava. A noite cheirava a mofo e umidade, toda chuva e montes de folhas queimadas. Por um momento eles ficaram em silêncio, enquanto Blue

folheava os papéis e o Homem Cinzento bebia sua cerveja lentamente, de maneira contemplativa. A brisa era fria, e o Homem Cinzento tirou a jaqueta e a passou sem nenhuma cerimônia para Blue.

Enquanto ela a colocava sobre os ombros, ele perguntou: — Então, o que você tem aí? Sonetos, espero.

Blue tamborilou os dedos sobre as páginas, pensando em como resumir a questão.

— Todo mês de abril, nós fazemos uma vigília e vemos os espíritos das pessoas que vão morrer dentro de um ano. Perguntamos o nome delas e, se são clientes, deixamos que saibam que vimos seus espíritos para que elas possam colocar suas coisas em ordem. Essa é a lista dos nomes.

— Você está bem?

— Ah, sim, é só um... cílio no meu olho ou alguma coisa parecida — disse Blue, passando a mão no olho direito. — Por que essa cara?

— O fascínio das ramificações éticas e espirituais.

— Não é? — Blue ergueu a lista mais recente sobre a cabeça para que a luz da cozinha iluminasse sua escrita. — Vixe.

— O quê?

Ela acabara de encontrar o que estava procurando: "JESSIE DITTLEY".

Escrito errado, mas ali, de qualquer forma.

Blue se recostou.

— O Gansey e eu encontramos alguém, e eu achei que conhecia o nome.

— E ele está na lista.

— Sim. A questão é que eu não sei se ele vai morrer porque nós estamos na vida dele ou porque não estamos, ou se ele vai morrer de qualquer maneira.

O Homem Cinzento repousou o pescoço sobre o encosto da cadeira e mirou as nuvens baixas refletindo a luz de Henrietta.

— Destino *versus* um mero prognóstico? Imagino que você saiba mais sobre como esse negócio mediúnico funciona.

Blue se encolheu ainda mais na jaqueta dele enquanto a brisa farfalhava as folhas da faia.

— Eu só sei o que me contaram.

— E o que te contaram?

Ela gostava da maneira como ele perguntava. Era menos porque precisava da informação e mais porque estava gostando da companhia dela. Parecia estranho que ela se sentisse menos solitária e inquieta sentada ali com o Homem Cinzento, em vez de com Calla ou Persephone.

Blue sentiu mais cílios pinicando seu olho.

— Minha mãe diz que é como uma memória — disse Blue. — Em vez de olhar para trás, você olha para frente. Lembra o futuro. Porque o tempo não é assim — ela traçou uma linha. — É assim — e traçou um círculo. — Então imagino que, se você pensa a respeito dele dessa maneira, não é que a gente não possa mudar o futuro. A questão é que, se você vê o futuro, ele já reflete as mudanças que você poderia ter feito com base no que viu nesse futuro. Não sei. Não sei! Porque a minha mãe sempre diz para as pessoas que as leituras dela são uma promessa, não uma garantia. E uma promessa você pode quebrar.

— Algumas garantias também — observou o Homem Cinzento, com a voz esquisita. Então, subitamente: — A Maura está na lista?

Blue balançou a cabeça.

— Ela nasceu na Virgínia Ocidental. A vigília da igreja mostra somente pessoas que nasceram na região.

Ou, no caso de Richard Gansey III: renasceram.

— Posso ver? — perguntou o sr. Cinzento.

Ela lhe entregou a lista e observou as folhas se movendo lentamente sobre sua cabeça enquanto o Homem Cinzento ia passando os nomes. Como ela adorava aquela faia. Tantas vezes, quando garotinha, ela saíra para pousar as mãos contra a casca suave e

fria da árvore, ou sentar sobre suas raízes retorcidas e expostas. Blue havia escrito uma carta para ela, uma vez, ela se lembrava, e a colocara em um estojo de lápis que enfiara nas raízes. Com o tempo, elas cresceram em torno da caixa, escondendo-a completamente. Agora, Blue gostaria de ler a carta novamente, pois se lembrava somente de sua existência, não do conteúdo.

O sr. Cinzento parara de se mexer. Com a voz cuidadosa, ele disse: — Gansey?

O último de todos os nomes, na última página.

Blue apenas mordeu o lábio inferior.

— Ele sabe?

Ela balançou a cabeça, só um pouco.

— Você sabe quanto tempo?

Ela balançou a cabeça novamente.

Os olhos do Homem Cinzento repousavam pesados sobre ela, e então ele apenas suspirou e anuiu, a solidariedade de ser aquele deixado para trás, aquele que não estava na lista.

Finalmente, ele disse:

— Muitas promessas não são cumpridas, Blue.

E deu um golinho em sua cerveja. Blue dobrou o pedaço de papel para esconder "JESSIE DITTLEY" e então revelá-lo novamente. No escuro, ela perguntou: — Você ama a minha mãe?

Ele olhou de relance para cima, através dos emaranhados mais escuros das folhas. Então anuiu.

— Eu também.

O Homem Cinzento flexionou o dedo indicador. Com um franzido de cenho, disse: — Não era minha intenção colocar sua família em perigo.

— Eu sei que não era. Não acredito que ninguém pense isso.

— Eu tenho uma decisão a tomar — ele disse. — Ou um plano a traçar. Acho que o levarei adiante até domingo.

— O que tem de mágico a respeito de domingo?

— É uma data que costumava ser muito importante para mim — disse o Homem Cinzento. — E parece adequado torná-lo o dia em que vou começar a ser a pessoa que a sua mãe pensa que eu posso ser.

— Espero que a pessoa que a minha mãe pensou que você pode ser seja uma pessoa que encontra mães — respondeu Blue.

Ele se levantou e se espreguiçou.

— *Helm sceal cenum, ond a þæs heanan hyge hord unginnost.*

— Isso significa "Eu vou ser um herói"?

Ele sorriu e disse:

— O coração de um covarde não é um prêmio, mas o homem de valor merece o seu capacete

reluzente.

— Então, foi o que eu disse — ela respondeu.

— Basicamente.



Gansey não estava dormindo.

Como Blue não tinha celular, não havia como ele desobedecer às regras e ligar para ela. Em vez disso, ele começara a se deitar na cama todas as noites, os olhos fechados, a mão pousada sobre o telefone, esperando para ver se ela ligaria para ele do Quarto do Telefone/Costura/Gato na casa dela.

Pare com isso, ele disse a si mesmo. *Pare de querer isso...*

O telefone vibrou.

Gansey o colocou no ouvido.

— Você ainda não está no Congresso, pelo visto.

Ele estava completamente desperto.

Olhando de relance na direção da porta do quarto fechada de Ronan, Gansey pegou seus óculos e seu diário e saiu da cama. Ele se trancou na cozinha-banheiro-lavanderia e se sentou na frente da geladeira.

— Gansey?

— Estou aqui — ele disse em voz baixa. — O que você sabe sobre o marreco-de-asa-azul?

Pausa.

— É isso que vocês discutem no Congresso a portas fechadas?

— Sim.

— É tipo um pato?

— *Ding!* Ponto para a Rua Fox. A audiência do feriado vai à loucura! Sabia que eles não conseguem voar por um mês durante o verão, quando mudam todas as penas de voo ao mesmo tempo?

— Isso não acontece com todos os patos? — perguntou Blue.

— Acontece?

— Esse é o problema com o Congresso.

— Não brinque comigo, Sargent — disse Gansey. — Jane. Sabia que o marreco-de-asa-azul tem que comer cem gramas de proteína para substituir os sessenta gramas de penas do corpo e da cauda trocados nessa época?

— Não sabia.

— Isso dá algo em torno de trinta e um mil invertebrados que eles precisam comer.

— Você está lendo anotações?

— Não. — Gansey fechou o diário.

— Bom, isso foi muito instrutivo.

— Sempre é.

— Tudo bem, então.

Outra pausa, e Gansey percebeu que ela havia desligado. Ele se recostou na geladeira, olhos fechados, culpado, consolado, empolgado, contido. Em vinte e quatro horas, ele estaria esperando por isso de novo.

Você não devia não devia não devia.

— Mas que diabos, cara? — disse Ronan.

Os olhos de Gansey se abriram imediatamente assim que Ronan acendeu as luzes. Ele estava parado no vão da porta, fones de ouvido enrolados em torno do pescoço, Motosserra se assomando como um vigia mafioso sobre seu ombro. Os olhos de Ronan encontraram o telefone junto à perna de Gansey, mas ele não perguntou e Gansey não disse nada. Ronan perceberia a mentira em um segundo, e a verdade não era uma opção. Ciúmes haviam arruinado Ronan durante os primeiros meses em que Adam fora introduzido no grupo, e isso o machucaria mais do que aquilo.

— Não estava conseguindo dormir — disse Gansey com sinceridade. Então, após uma pausa: — Você não vai tentar matar o Greenmantle, vai?

O queixo de Ronan se ergueu. Seu sorriso era aguçado e sem humor.

— Não, pensei em uma opção melhor.

— Será que eu quero saber qual é? Será a aceitação da falta de sentido na vingança?

O sorriso se abriu e se aguçou mais ainda.

— Não é problema seu, Gansey.

Ele era tão mais perigoso quando não estava bravo.

E Gansey estava certo: ele não queria saber.

Ronan abriu a porta da geladeira, empurrando Gansey um bom meio metro sobre o assoalho. Pegou um refrigerante e passou para Motosserra uma salsicha fria. Então encarou Gansey novamente.

— Ei, descobri um som muito legal — ele disse. Gansey tentou não dar ouvidos ao ruído de um corvo devorando uma salsicha. — Quer ouvir?

Gansey e Ronan raramente concordavam sobre música, mas Gansey deu de ombros, anuindo.

Ronan tirou os fones do pescoço e os colocou nos ouvidos de Gansey — eles tinham um cheiro um pouco empoeirado e de pássaro, pela proximidade de Motosserra.

O som veio através dos fones de ouvido: — Abóbora um, abóbora do...

Gansey os tirou com um safanão enquanto Ronan se acabava em um riso maníaco ecoado por Motosserra batendo as asas, ambos terríveis e entretidos.

— Seu imbecil — disse Gansey selvagemente. — Seu *imbecil*. Você traiu a minha confiança.

— Essa é a melhor música já inventada — Ronan lhe disse em meio a risadas ofegantes. Então se recuperou: — Vamos, pássaro, vamos dar ao homem alguma privacidade com sua comida. — Ao sair, ele apagou as luzes, retornando Gansey para o escuro. Gansey o ouviu assoviar o resto da canção de assassinato a caminho do quarto.

Em seguida se pôs de pé, recolheu o telefone e o diário e então voltou para a cama. A culpa e a preocupação já o haviam deixado quando sua cabeça pousou no travesseiro, e tudo o que restava era felicidade.



Gansey havia esquecido como a escola ocupava seu tempo. Talvez porque agora ele tinha mais o que fazer fora dela, ou talvez porque, agora, ele não conseguia parar de pensar na escola mesmo quando estava fora.

Greenmantle.

— Dick! Gansey! Gansey, cara! *Richard Campbell Gansey Terceiro*.

O Gansey em questão seguia a passos largos pela colunata com Ronan e Adam após a escola, rumo à secretaria. Embora ouvisse perfeitamente os gritos, havia ruído demais em sua mente para que as palavras se registrassem. Parte disso era devido a Greenmantle, parte ao desaparecimento de Maura, parte à exploração de Malory da linha ley perpendicular, parte à caverna de corvos, parte ao conhecimento de que em sete horas Blue poderia ligar para ele. E uma parte final, ansiosa — uma parte cada dia maior —, estava ocupada com a

cor do céu de outono, as folhas no chão, o sentimento de que o tempo estava passando, se acabando e se desenrolando até o fim.

Era um dia com uniforme liberado em homenagem à vitória da escola em uma gincana regional, e a falta de uniforme de certa maneira piorava a ansiedade de Gansey. Seus colegas se espalhavam pelo campus histórico com jaquetas sem manga, calças de lã xadrez e pulôveres de marca. Isso o fazia lembrar que ele existia *naquele momento,* e não em outra época. Os outros alunos se marcavam inequivocamente como habitantes deste século, desta década, deste ano, desta temporada, desta faixa de renda. Relógios humanos. Somente quando todos voltavam a seus blusões de gola v azuis idênticos a Aglionby deixava o tempo, e todos os momentos pareciam ser na realidade o mesmo momento.

Às vezes, Gansey sentia que passara os últimos sete anos de sua vida buscando lugares que o fizessem se sentir assim.

Greenmantle.

Todas as manhãs naquela semana haviam começado com Greenmantle parado à frente da sala de latim, eternamente sorrindo. Ronan parara de vir no primeiro período. Não havia como ele se formar se

não passasse em latim, mas como Gansey poderia culpá-lo?

As paredes desmoronavam.

Adam perguntara por que Gansey precisava ir à secretaria. Gansey mentira. Ele estava cansado de brigar com Adam Parrish.

— Ganseeeeeeey!

Na noite anterior, o sr. Cinzento dissera a Ronan:

— Sonhe para mim um Greywaren para dar ao Greenmantle.

E Ronan respondera:

— Você quer que eu dê para aquele canalha as chaves para Cabeswater? É isso que você está pedindo?

Então eles estavam em um impasse.

— Gansey, cara! *DICK!*

Ronan deu um giro e caminhou de volta para encarar o gritão. Ele abriu bem os braços.

— Agora não, Cheng. O rei está um pouco ocupado.

— Eu não estava falando com você, Lynch. Preciso de alguém com alma.

A luz que brilhou do rosnar de Ronan chamou a atenção de Gansey, trazendo-o de volta ao momento presente. Ele deteve o passo e conferiu o relógio, antes de voltar atrás até Henry, que estava sentado em uma

mesa de jogo situada entre colunas. Seu cabelo era escuro como piche.

Os dois garotos trocaram um cumprimento de mão camarada sobre a mesa. Eles tinham algumas coisas em comum: antes de abandoná-la no último outono, Gansey havia sido o capitão da equipe de remo, e Henry uma vez se inscrevera para a equipe no café da manhã, antes de apagar seu nome no jantar. Gansey havia estado no Equador; Henry uma vez havia feito um trabalho de modelo com um cavalo de corrida chamado Equador Apaixonado. Gansey havia sido morto uma vez por marimbondos; o negócio da família de Henry era uma empresa de tecnologia de ponta que projetava abelhas drones robóticas.

Os dois garotos tinham uma relação amigável, mas não eram amigos. Henry andava com a turma de Vancouver, e Gansey com reis galeses mortos.

— O que eu posso fazer por você, sr. Cheng? — perguntou Gansey agradavelmente.

Henry estendeu a mão para ele.

— Está vendo, Ronan? É assim que se fala com um homem. Que. Bom. Que. Perguntou, Gansey. Escuta, preciso da sua ajuda. Assine isso.

Gansey observou *isso*. O texto era bastante oficial, mas parecia uma petição para estabelecer um conselho de estudantes escolhido pelos estudantes.

— Você quer que eu vote pelo direito de votar?

— Você captou o ponto crucial da minha posição muito mais rápido que o resto dos seus pares. Agora eu entendo por que você está sempre no boletim informativo.

Henry lhe ofereceu uma caneta e, quando Gansey não a pegou imediatamente, uma canetinha, depois um lápis.

Em vez de aceitar uma ferramenta de escrita, Gansey ficou pensando se assinar a petição comprometeria alguma parcela de seu tempo.

Rex Corvus, parate Regis Corvi.

— Vamos lá, Gansey — disse Henry. — Eles vão dar ouvidos a você. O seu voto conta duas vezes, porque você é um caucasiano com um cabelo legal. Você é o garoto de ouro da Aglionby. A única maneira de você marcar mais pontos seria se a sua mãe fosse eleita.

Ronan abriu um sorriso irônico para Adam. Gansey passou um polegar sobre o lábio inferior, desagradavelmente consciente de que Henry não dissera nenhuma mentira. Ele jamais saberia quanto do lugar dele ali fora conquistado de maneira justa e quanto fora herdado por seu pedigree dourado. Isso costumava incomodá-lo um pouco.

Agora o incomodava muito.

— Eu vou assinar, mas quero ficar de fora de nomeações. — Gansey aceitou uma caneta. — Estou com a agenda cheia.

Henry esfregou as mãos.

— Pode crer, meu velho. Parrish?

Adam simplesmente balançou a cabeça. E o fez de maneira remota, fria, que não convidou Henry a perguntar novamente.

— Lynch? — disse Henry.

Ronan desviou rapidamente o olhar de Adam para Henry.

— Achei que você disse que eu não tinha alma.

Ele não parecia nem um pouco Aglionby ali naquele momento, com sua cabeça raspada, sua jaqueta de couro preta e seus jeans caros. De maneira geral, ele parecia bastante maduro. Era como se o tempo tivesse levado Ronan um pouco mais rápido que o resto da turma naquele verão, pensou Gansey.

Quem são esses dois?, Gansey se perguntou. *O que estamos fazendo?*

— A questão é que a política já acabou com os meus princípios — disse Henry.

Ronan escolheu um marcador de ponta grossa e se inclinou sobre a petição. Ele escreveu "ANARQUIA" em letras enormes e então lançou o instrumento de guerra no peito de Henry.

— Ei! — exclamou Henry enquanto o marcador rebatia nele. — Seu *maloqueiro*.

— A democracia é uma farsa — disse Ronan, e Adam sorriu ironicamente, um gesto pequeno, privado, inerentemente excludente. Uma expressão, na realidade, que ele poderia muito bem ter aprendido com Ronan.

Gansey poupou Henry de um olhar de pena.

— Desculpa, ele não se exercitou o suficiente hoje. Ou tem algo errado com a dieta dele. Vou levar ele embora agora.

— Quando eu for eleito presidente — disse Henry a Ronan —, vou declarar a sua cara ilegal.

Ronan abriu um sorriso ligeiro e sombrio.

— Disputas judiciais são uma farsa.

Enquanto seguiam pela colunata na sombra, Gansey perguntou:

— Você já considerou a possibilidade de que talvez você esteja se tornando um babaca?

Ronan chutou um cascalho, que passou rasante pelos tijolos à frente deles antes de desaparecer no pátio gramado.

— Dizem que o pai do Henry deu um Fisker para ele de aniversário e ele tem medo de dirigir. Quero ver, se ele tiver mesmo um Fisker. Dizem que ele veio de bicicleta para a escola.

— De Vancouver? — perguntou Adam.

Gansey franziu o cenho enquanto uma dupla de alunos do nono ano impossivelmente jovens corria pelo pátio. Será que um dia ele fora tão pequeno? Ele bateu na porta do diretor. *Estou fazendo isso mesmo?* Ele estava.

— Vocês vão esperar por mim aqui fora?

— Não — disse Ronan. — O Parrish e eu vamos dar uma volta de carro.

— Vamos? — perguntou Adam.

— Que bom — disse Gansey, aliviado com o fato de que eles estariam fazendo algo, sem pensar no diretor, sem se perguntar se Gansey estava, no fim das contas, se comportando como um Gansey. — A gente se vê mais tarde.

E, antes que eles pudessem dizer mais alguma coisa, Gansey entrou na sala do diretor e fechou a porta.



Ronan levou Adam à Barns.

Desde a desastrosa festa do Dia da Independência, Ronan adquirira o hábito de frequentar regularmente a casa de sua família, voltando tarde sem nenhuma explicação. Adam jamais se intrometeria — segredos eram segredos —, mas era inegável que ele estava curioso.

No entanto, parecia que agora ele estava perto de saber.

Ele sempre achara a Barns desconcertante. A propriedade da família Lynch talvez não tivesse a pátina de riqueza opulenta da casa dos Gansey, mas ela mais do que compensava por isso com um sentimento de história claustrofóbica. Os campos cravejados de celeiros eram uma ilha, intocados pelo resto do vale, semeados pela imaginação de Niall Lynch e pastoreados por seus sonhos.

Era um mundo à parte.

Ronan navegou pelo acesso estreito, o cascalho cortando através de um aterro e um emaranhado de árvores retorcidas. Folhas avermelhadas de toxidendro e treliças vermelho-sangue de videiras de framboesa brilhavam entre os troncos. Todo o resto era verde ali: os dosséis das árvores densos o suficiente para bloquear o sol da tarde, a relva alta nas ribanceiras, o musgo se apegando úmido às superfícies.

E então eles tinham passado pela floresta e estavam nos vastos e protegidos campos. Ali o espaço estava ainda mais saturado: pastos verdes e dourados; celeiros vermelhos e brancos; rosas densas e misturadas de outono penduradas sobre arbustos cheios; montanhas púrpuras e sonolentas meio escondidas por trás da linha de árvores. Maçãs amarelas, reluzentes como manteiga, espiavam das árvores de um lado do acesso. Algum tipo de flor azul, improvável, sonhada, crescia descontroladamente pela relva do outro lado. Tudo era selvagem e bruto.

Mas assim eram os Lynch.

Ronan se exibiu com um cavalo de pau ao fim do acesso — Adam estendeu silenciosamente a mão para se segurar na alça no teto —, e o BMW escorregou relaxadamente até a área de estacionamento de cascalho na frente da sede branca da fazenda.

— Um dia você vai destruir uma parede — disse Adam enquanto saía do carro.

— Com certeza — concordou Ronan, descendo do carro e espiando os galhos das ameixeiras ao lado da área do estacionamento. Como sempre, Adam foi lembrado de como Ronan *pertencia* àquele lugar. Algo a respeito da maneira familiar como ele se portava enquanto buscava por uma fruta madura implicava que ele já havia feito isso antes muitas vezes. Era fácil compreender que Ronan havia crescido ali e ficaria velho ali. Fácil perceber como expulsá-lo de lá significava oprimir a sua alma.

Adam se permitiu um momento de meditação para imaginar um Adam Parrish criado naqueles campos em vez de num parque empoeirado na periferia de Henrietta — um Adam Parrish a quem fora autorizado desejar aquela casa só para si. Mas isso era tão impossível quanto tentar imaginar Ronan como um professor da Aglionby.

Ele não conseguia descobrir como Ronan havia aprendido a ser durão naquele lugar protegido.

Ronan encontrou duas ameixas roxo-escuras que ele gostava. Jogou uma para Adam e então inclinou o queixo para indicar ao amigo que ele devia segui-lo.

Por alguma razão, Adam colocara na cabeça que, todas as vezes em que Ronan desaparecera na Barns,

estivera preparando a casa para si e Matthew. Era algo tão convincente que ele ficou surpreso quando Ronan o levou para um dos muitos celeiros que foram construídos na propriedade.

Era um celeiro longo e grande que provavelmente deveria conter cavalos e gado, mas, em vez disso, estava repleto de tralha. Uma inspeção mais atenta revelava que na realidade era uma tralha sonhada, sutilmente datada pelo pó e esmaecida.

Ronan se deslocava pelo espaço largo e escuro com naturalidade, pegando um relógio, uma lanterna, uma peça de um tecido estranho que de certa maneira doía ao olhar de Adam. Ronan encontrou uma espécie de luminária fantasmagórica em uma correia; ele a jogou sobre o ombro para levar consigo. Ele já havia cortado a sua ameixa.

Adam se deixou ficar no vão da porta, observando através dos grãos de poeira, saboreando a ameixa.

— É nisso que você andou trabalhando?

— Não, isso é do meu pai.

Ronan pegou um pequeno instrumento de cordas e o virou para que Adam pudesse ver que suas cordas eram de ouro puro.

— Olha isso.

Adam se juntou a ele. Embora ele tivesse tarefa de casa para fazer e Cabeswater para cuidar, era difícil se

sentir apressado. A atmosfera no celeiro era sonolenta e atemporal, e não havia nada de incômodo em remexer aquelas maravilhas e bobagens. Algumas coisas ali eram máquinas que ainda funcionavam por meios misteriosos. Mas outras eram coisas que Niall Lynch havia sonhado e trazido à vida, pois agora elas dormiam. Eles encontraram pássaros e um gato dormindo em meio à bagunça, assim como um urso empalhado antigo que devia ter sido vivo um dia, também, pois seu peito subia e descia. Com seu criador morto, todos estavam além do despertar — a não ser, assim como a mãe de Ronan, que fossem devolvidos a Cabeswater.

Enquanto caminhavam pelo velho celeiro, Adam sentiu os olhos de Ronan o mirarem de relance e então se desviarem, com um desinteresse treinado, mas incompleto. Adam se perguntou se alguém mais notara aquilo. Parte dele gostaria que sim, e imediatamente ele se sentiu mal, pois era vaidade: *Vejam, Adam Parrish é desejável, vale uma paixão, não da parte de qualquer pessoa, mas de uma pessoa como Ronan, que poderia querer Gansey ou qualquer outro, mas escolheu Adam para seus olhos famintos.*

Talvez ele estivesse errado. Ele poderia estar errado.

Eu sou incognoscível, Ronan Lynch.

— Você quer ver no que eu andei trabalhando? — perguntou Ronan. Todo casual.

— Claro — respondeu Adam. Todo casual.

Pausando apenas para jogar a luz fantasmagórica sobre o poste de uma cerca a fim de buscá-la mais tarde, Ronan levou Adam através do campo úmido até um celeiro que eles já haviam visitado antes. Adam sabia o que encontraria antes de Ronan abrir a grande porta enferrujada, e dito e feito: lá dentro havia um vasto rebanho de gado de todas as cores. Como todas as outras coisas vivas naqueles celeiros, os animais dormiam. Esperavam.

Lá dentro, a luz era opaca e marrom, filtrada através de claraboias cobertas de sujeira no teto distante acima. O ambiente era quente, vivo, familiar, como pelo, bosta e umidade. Quem havia sonhado um rebanho de gado? Não era de espantar que Cabeswater fora incapaz de aparecer até que o pai de Ronan tivesse morrido. Mesmo o sonhar descuidado de Ronan e Kavinsky havia drenado a linha ley de energia o suficiente para fazer a floresta desaparecer. Eram bugigangas, drogas, carros.

Não campos repletos de criaturas vivas. Não um vale inventado.

Essa era a razão por que Greenmantle não poderia ter nem um Greywaren forjado. A feroz Cabeswater

também era estranhamente frágil.

Ronan chegou a uma porta dentro do celeiro; atrás dela havia um escritório andrajoso. Por toda parte havia um pó grosso o suficiente para ser terra. Registros veterinários e receitas de alimentação amarelavam sobre a escrivaninha. Uma lata de lixo continha latas de Coca-Cola antigas. Impressões sem molduras estavam presas com tachinhas nas paredes — um folheto de uma banda típica irlandesa tocando em Nova York; uma impressão antiga de algumas crianças correndo em um píer mais antigo e distante, em um país mais antigo e distante. Era algo tão diferente do que o pai de Adam prendera às paredes do seu local de trabalho que novamente Adam questionou a admiração de Ronan por ele. Alguém como ele tratar alguém como Adam como uma pessoa que valesse...

Ronan falou um palavrão ao tropeçar. Encontrou o interruptor de luz, e uma lâmpada fluorescente benevolente acendeu sobre suas cabeças. Estava cheia de moscas mortas.

Na luz ligeiramente melhor, Adam viu trilhas limpas de pó seguindo da escrivaninha até uma cadeira de escritório junto à parede. Um cobertor — não empoeirado — repousava sobre a cadeira, e não era difícil imaginar a forma de um jovem dormindo

nela. Havia algo inesperadamente solitário a respeito da imagem.

Ronan arrastou uma caixa de ferramentas de metal da parede e abriu a tampa com um barulho tremendo.

— Andei tentando despertar os sonhos do meu pai.

— O quê?

— Eles não morreram. Estão dormindo. Se eu arrastasse todos até Cabeswater, eles se levantariam e sairiam andando. Então comecei a pensar... e se eu trouxesse Cabeswater até eles?

Adam não sabia ao certo o que esperava como revelação, mas não era aquilo.

— Até as vacas.

— Alguns de nós temos família, Parrish.

Aurora estava presa a Cabeswater. É claro que Ronan gostaria que ela pudesse ir e vir. Envergonhado, Adam respondeu: — Desculpa. Entendi.

— Não é só isso. É o Matthew... — Ronan se interrompeu, absolutamente, e Adam compreendeu. Esse era outro segredo, um que Ronan não estava pronto para contar.

Após um momento remexendo na caixa, Ronan se virou com uma esfera de vidro límpido na mão. O ar dentro tremeluzia enevoado. Era bonita, algo que você

penduraria em um jardim ou na cozinha de uma velha senhora. Chamou a atenção de Adam como algo *seguro*. Não combinava muito com Ronan.

Ronan a segurou contra a luz. O ar dentro rolava de um lado para o outro. Talvez não fosse nem ar. Talvez um líquido. Adam podia vê-lo refletido em seus olhos azuis. Ronan disse: — Essa foi minha primeira tentativa.

— Você sonhou isso.

— É claro.

— Hum... E Cabeswater?

Ronan soou ofendido.

— Eu pedi.

Ele pediu. Tão fácil. Como se fosse uma coisa fácil para ele se comunicar com aquela entidade que só conseguia se manifestar para Adam através de gestos grandiosos e violentos.

— No sonho, ela tinha um pouco de Cabeswater dentro de si — continuou Ronan, e entoou: — Se funciona no sonho, funciona na vida real.

— Funciona mesmo? Então me mostra.

— Imbecil. Não. Não funciona. Na realidade, ela não faz merda nenhuma. — Ronan voltou a remexer na caixa de ferramentas e tirou várias outras tentativas fracassadas, todas elas confusas. Uma faixa bruxuleante, um tufo de relva ainda crescendo de um

torrão de terra, um galho bifurcado. Ele deixou Adam segurar alguns deles; todos pareciam estranhos. Pesados demais, como se a gravidade os fizesse pesar mais do que deveriam. E cheiravam vagamente familiares, como Ronan, ou como Cabeswater.

Se Adam pensasse a respeito disso — ou melhor, se *não* pensasse a respeito disso —, podia sentir o pulso da linha ley em cada um.

— Eu tinha uma bolsa de areia, também — disse Ronan —, mas derrubei.

Horas de sonhos. Ele havia dirigido uma hora todos os dias para estacionar seu carro, se enrolar em sua cadeira e dormir sozinho.

— Por que aqui? Por que você vem aqui fazer isso?

Em um tom de voz impessoal, Ronan disse:

— Às vezes eu sonho com vespas.

Então Adam imaginou: Ronan despertando na Indústria Monmouth, um objeto de sonho agarrado em suas mãos, vespas caminhando em seus lençóis, Gansey sem saber no outro quarto.

Não, ele não podia sonhar livremente em Monmouth.

Solitário.

— Você não tem medo de se machucar aqui sozinho? — perguntou Adam.

Ronan desdenhou. Ele, temer por sua própria vida. Mas havia algo em seus olhos, ainda. Ronan estudou as próprias mãos e admitiu: — Eu sonhei para ele uma caixa de seringas de adrenalina. Eu sonho curas para picadas o tempo inteiro. Eu carrego uma. Deixo algumas no Pig. Eu espalhei várias em Monmouth.

Adam sentiu uma esperança feroz e cruel.

— Elas funcionam?

— Não sei. E não tem como descobrir antes de acontecer. Não vai ter uma segunda chance. — Ronan pegou dois objetos da caixa de ferramentas e ficou de pé. — Aqui. Hora de pesquisa de campo. Vamos para o laboratório.

Com um braço, ele agarrou um cobertor de lã polar azul-claro contra o corpo. No outro, pousou uma leiva de musgo, como uma toalha de garçom.

— Quer que eu carregue alguma coisa? — perguntou Adam.

— Claro que não.

Adam segurou a porta para ele.

No ambiente maior do celeiro, Ronan se demorou caminhando entre as vacas, parando para olhar suas caras ou inclinando a cabeça para observar suas marcas. Finalmente, parou perto de uma marrom-chocolate, com uma listra que descia por seu rosto amigável. Ele empurrou sua paleta imóvel com a

ponta da bota e explicou: — Funciona melhor quando elas parecem mais... não sei. Peculiares. Quando parecem com alguma coisa que eu poderia ter sonhado.

Ela parecia uma vaca para Adam.

— Então, e essa aí?

— Parece malditamente amigável. Bovina, a sábia garota. — Ele colocou o cobertor azul sobre o chão. Cuidadosamente. Então ordenou: — Sinta o pulso dela. Não fique só olhando. Pulso. No rosto dela. Ali. Ali, Parrish, meu Deus. Ali.

Adam tateou cuidadosamente o pelo facial curto da vaca, até sentir o pulso lento do animal.

Ronan ergueu a leiva de musgo e a colocou sobre a cernelha da vaca.

— E agora?

Adam não tinha certeza do que deveria ver. Ele não sentiu nada, nada, nada — ah, lá estava. O pulso da vaca havia se acelerado um pouquinho. Novamente, ele imaginou Ronan ali, sozinho, tão esperançoso por uma mudança que teria notado uma diferença muito sutil. Aquilo representava uma dedicação muito maior do que ele achara que Ronan Lynch fosse capaz de ter.

Solitário.

— Isso é o mais próximo que você chegou? — ele perguntou.

Ronan desdenhou.

— Você acha que eu me daria o trabalho de te mostrar só isso? Tem mais uma coisa. Você precisa mijar primeiro?

— Ha, ha.

— Não, sério.

— Estou bem.

Ronan se virou para o outro objeto que ele havia trazido. Não era o cobertor azul, como Adam havia esperado, mas algo enrolado dentro do cobertor. O que quer que estivesse dentro não podia ser maior que uma caixa de sapato ou um livro grande. Não parecia muito pesado.

E, se os olhos de Adam não o estavam enganando, Ronan Lynch estava com medo do objeto.

Ronan respirou fundo.

— Tudo bem, Parrish.

Ele o desenrolou.

Adam olhou.

Então desviou o olhar.

Então olhou de novo.

Era um livro, ele achou. E depois ele não sabia por que achara que era um livro; era um pássaro. Não, um planeta. Um espelho.

Não era nada disso. Era uma palavra. Uma palavra fechada na palma da mão de Ronan, que ele queria dizer em voz alta, mas não queria, mas na realidade queria...

Então Adam desviou o olhar novamente, porque não conseguia mais manter os olhos sobre o objeto. Ele estava ficando maluco tentando dar um nome para aquilo.

— O que é isso? — perguntou.

Ronan olhou para ele, de lado, com o queixo virado para longe. Ele parecia mais jovem que de costume, seu rosto suavizado pela incerteza e pela precaução. Às vezes Gansey contava histórias do Ronan que ele havia conhecido antes de Niall morrer; agora, olhando para esse Ronan falível, Adam achou que poderia acreditar nelas.

— Um pedaço de Cabeswater. Um pedaço de um sonho. É o que eu pedi. E é... é como eu acho que esse pedaço de sonho devia parecer, provavelmente... — disse Ronan.

Adam sentiu a verdade do que ele estava dizendo. Aquele objeto terrível e impossível e adorável era o que um sonho era quando não tinha um lugar para habitar. Quem era essa pessoa que conseguia sonhar um sonho com uma forma concreta? Não era de espantar que a Aglionby entediasse Ronan.

Adam olhou para o pedaço de sonho e desviou o olhar.

— Funciona? — perguntou.

A expressão de Ronan se endureceu. Ele segurou o *objeto* de sonho ao lado do rosto da vaca. Luz, ou algo como luz, se refletiu no queixo e nas faces de Ronan, deixando-o resoluto e belo e aterrorizante e outra pessoa. Então ele o assoprou. Sua respiração passou pela palavra, pelo espelho, pela linha não escrita.

Adam ouviu um sussurro no ouvido. Alguma coisa se moveu e se mexeu dentro dele. Os cílios de Ronan vibraram sombriamente.

O que estamos fazendo...

A vaca se moveu.

Não muito. Mas sua cabeça se inclinou; uma orelha se mexeu rapidamente. Como se ela estivesse espantando sonolentamente uma mosca. Um músculo tremeu perto do lombo.

Os olhos de Ronan estavam abertos; fogos queimavam neles. Ele respirou novamente, e novamente a vaca deu um safanão com a orelha, e os lábios dela ficaram tensos.

Mas ela não despertou nem se levantou.

Ronan deu um passo para trás, escondendo o sonho da visão enlouquecida de Adam.

— Ainda está faltando alguma coisa — disse Ronan. — Me diz o que está faltando.

— Talvez seja simplesmente impossível despertar o sonho de outra pessoa.

Ronan balançou a cabeça. Ele não se importava se aquilo era impossível. Ele o faria de qualquer jeito.

Adam cedeu.

— Energia. É necessária muita energia. O que eu mais faço quando reparo a linha ley é criar conexões melhores para que a energia possa fluir de maneira mais eficiente. Talvez você possa encontrar um jeito de direcionar uma ponta da linha para cá.

— Já pensei nisso. Não estou interessado. Não quero fazer uma gaiola maior. Eu quero abrir a porta.

Eles olharam um para o outro. Adam, claro e cuidadoso; Ronan, escuro e incendiário. Aquele era Ronan em seu momento mais verdadeiro.

— Por quê? Me conta a verdadeira razão — Adam pediu.

— O Matthew... — Ronan começou de novo e parou de novo.

Adam esperou.

— O Matthew é meu. Ele é um dos meus.

Adam não compreendeu.

— Eu *sonhei* o Matthew, Adam! — Ronan estava bravo. Cada uma de suas emoções que não era

felicidade era raiva. — Isso significa que quando... *se* algo acontecer comigo, ele vai ficar que nem eles. Que nem a minha mãe.

Todas as memórias que Adam possuía de Ronan e de seu irmão mais novo assumiram uma moldura renovada. A devoção incansável de Ronan. A semelhança de Matthew com Aurora, ela mesma uma criatura de sonhos. A eterna posição de Declan como um estranho, nem um sonhador, nem um sonho.

Apenas metade da família sobrevivente de Ronan era real.

— O Declan me contou — disse Ronan. — Alguns domingos atrás.

Declan saíra de casa para fazer faculdade em Washington, mas ainda dirigia quatro horas todos os domingos para ir à igreja com os irmãos, um gesto tão extravagante que até Ronan parecia forçado a admitir que era gentil.

— *Você* não sabia?

— Eu tinha três anos. O que eu ia saber?

Ronan se virou, cílios baixos sobre os olhos, expressão escondida, oprimido por ter nascido e não sido feito.

Solitário.

Adam suspirou e sentou ao lado da vaca, recostando-se contra seu corpo quente, deixando que

sua respiração lenta o erguesse. Após um momento, Ronan escorregou ao lado dele e os dois miraram os adormecidos. Adam sentiu Ronan olhar para ele de relance e então desviar o olhar. Seus ombros estavam próximos. No alto, a chuva começou a bater no telhado novamente, mais uma tempestade súbita. Possivelmente culpa deles. Possivelmente não.

— Greenmantle — disse Ronan abruptamente. — A teia dele. Eu quero enrolar em volta do pescoço dele.

— Mas o sr. Cinzento está certo. Você não pode matar o Greenmantle.

— Eu não quero matar o cara. Quero fazer com ele o que ele está ameaçando fazer com o sr. Cinzento. Mostrar que eu posso tornar a vida dele um inferno. Se eu posso sonhar *isso* — Ronan inclinou o queixo na direção do cobertor que continha seu objeto de sonho —, certamente posso sonhar algo para chantageá-lo.

Adam considerou essa opção. Que dificuldade existiria em tramar algo para alguém, se você pudesse criar qualquer tipo de prova de que precisasse? Algo que Greenmantle não pudesse desfazer e vir atrás deles duas vezes mais perigoso.

— Você é mais inteligente do que eu — disse Ronan. — Descubra você.

Adam fez um ruído de descrença.

— Você não acabou de me pedir para investigar o Greenmantle no meu tempo livre?

— Sim, e agora estou dizendo por que te pedi isso.

— Por que eu?

Ronan riu subitamente. Aquele som, tão tortuoso, alegre e terrível quanto o sonho em sua mão, deveria ter despertado aquele gado se nada mais despertasse.

— Ouvi dizer que, se você quer que magia seja feita — ele disse —, deve pedir para um mágico fazer.



Era bastante tarde quando Blue ligou aquela noite, bem depois de Malory ter voltado no Suburban, bem depois de Ronan ter retornado no BMW.

Ninguém mais estava acordado.

— Gansey? — perguntou Blue.

Algo ansioso nele se manifestou.

— Me conta uma história — ela disse. — Sobre a linha ley.

Ele foi imediatamente até a cozinha-banheiro-lavanderia, caminhando o mais silenciosamente possível, pensando em algo para contar a Blue. Enquanto se sentava no chão, ele disse em voz baixa: — Quando estive na Polônia, eu conheci um cara que tinha cantado a viagem toda através da Europa. Ele dizia que, enquanto cantasse, sempre conseguiria encontrar o caminho de volta para a estrada.

A voz de Blue estava baixa também, do outro lado do telefone.

— Acho que você está se referindo a um caminho de corpos, não a uma rodovia.

— Rodovia mística. — Gansey penteou o cabelo com uma mão, lembrando: — Eu fiz trilhas com ele por uns trinta e cinco quilômetros. Eu tinha um GPS. Ele tinha a canção. Ele estava certo, também. Eu podia desviar esse cara um milhão de vezes e levá-lo para longe dois milhões de vezes, e ele sempre conseguia retomar a linha ley. Como se estivesse magnetizado. Desde que continuasse cantando.

— Era sempre a mesma canção? Será que era a do *assassinato da abóbora*?

— Ah, Deus.

As tábuas do assoalho estavam frias para a sola de seus pés descalços. Por alguma razão, a sensação era sensual e perturbadora, um lembrete da pele de Blue. Gansey fechou os olhos: — Era uma época mais simples, antes de essa música ter sido lançada no mundo. Não consigo acreditar como o Ronan e o Noah são obcecados por ela. O Ronan estava falando em conseguir a camiseta. Você consegue imaginar ele com ela?

Blue deu um riso abafado.

— O que aconteceu com o polonês?

— Acho que ele está abrindo caminho pela Rússia cantando agora. Ele estava indo da esquerda para a direita. Oeste para leste, quer dizer.

— Como era a Polônia?

— Mais bonita do que você imagina. Muito bonita.

Ela fez uma pausa.

— Eu gostaria de ir um dia.

Gansey não se concedeu o tempo para duvidar da sabedoria de dizer isto em voz alta antes de responder: — Eu sei como chegar lá, se você quiser companhia.

Após uma longa pausa, Blue disse, com uma voz diferente: — Vou cantar para mim mesma dormir. Até amanhã. Se você quiser companhia.

O telefone ficou em silêncio. Nunca era o suficiente, mas era algo. Gansey abriu os olhos.

Noah estava sentado contra o batente da porta da cozinha-banheiro-lavanderia. Quando Gansey pensou a respeito, achou que o amigo possivelmente estivesse sentado ali por um longo tempo.

Não havia nada inerentemente culposo no momento, só que Gansey queimava de culpa, e emoção, e desejo, e o sentimento nebuloso de ser verdadeiramente descoberto. Estava no seu interior, e o interior era só o que interessava a Noah.

O outro garoto tinha uma expressão compreensiva.

— Não conte para os outros — disse Gansey.

— Sou um morto — respondeu Noah. — Não um idiota.



— Estou muito brava com você — disse Piper, a voz muito próxima. Greenmantle estava deitado em cima do carro alugado, os braços cruzados sobre o peito e os joelhos bem juntos, pensando sobre posições de enterro medievais.

— Eu sei — ele respondeu, abrindo os olhos. O céu acima estava escandalosamente azul. — E agora?

— O pessoal da coleta de sangue esteve aqui hoje e você não estava. Eu lhe *disse* para estar aqui.

— Eu estava aqui.

Ele havia passado a primeira hora após chegar em casa deitado de barriga para baixo. Uma pequena porcentagem dos corpos medievais era enterrada assim; historiadores achavam que se tratava de túmulos de suicidas e bruxas, embora, na realidade, historiadores fossem Adivinhos McPalpiteiros, ele mesmo o maior de todos.

— Você não atendeu quando eu liguei!

— Não muda o fato de que eu estava aqui.

— Eu devia vir te procurar no carro? E por que você está aqui?

— Estou tendo um bloqueio criativo — disse Greenmantle.

— Sobre o quê?

Ele rolou de lado para encará-la. Piper estava ao lado do carro, usando um vestido que dava a impressão de que levaria um número cansativo de passos para tirar. Ela também estava segurando um pequeno animal com uma coleira de pedras. Ele não tinha pelos, exceto um longo tufo sedoso que crescia da cabeça, da mesma tonalidade de loiro que Piper usava.

— O que é isso? — perguntou Greenmantle, suspeitando profundamente de que era a manifestação física do seu mau humor.

— Otho.

Ele se sentou, e o carro de aluguel suspirou com um ruído.

— Isso é um gato? Um roedor? Que espécie, me diga?

— O Otho é um cão de crista chinês.

— Cão de crista o quê?

— Não seja um imbecil.

Uma vez que Greenmantle tinha seres humanos para o bajular e o seguir por toda parte com fidelidade inquestionável, nunca sentira necessidade de ter um cão, mas, quando era mais jovem, às vezes imaginara adquirir um canino com rabo e patas franjados. Do tipo que caçava patos, não importava qual tipo fosse. Em vez disso, Otho parecia ser a presa dos patos.

— Ele vai ficar maior? Ou ter pelos? De onde ele veio?

— Eu encomendei.

— Pela internet?

Piper revirou os olhos com a inocência do marido.

— Por que você está tendo um bloqueio criativo de novo?

— Eu preciso encontrar a namorada médium do sr. Cinzento, mas ninguém sabe onde ela está. Ela desapareceu bem quando ele me sacaneou. — Greenmantle escorregou para fora do carro. Cuidadosamente. Ele estava duro do seu enterro imaginário. — Como eu vou destruir o que ele precisa quando essa coisa já desapareceu? Eles registraram o desaparecimento dela e tudo mais. Eu roubei o registro, que diz que aparentemente ela falou para a família que estava “debaixo da terra”.

Greenmantle não havia roubado o registro. Ele havia pagado alguém para roubá-lo. Mas a história

soava melhor com ele como o herói.

— Debaixo da terra? Médium? Isso é relevante para os meus interesses.

— Por quê?

— Enquanto você estava na rua desperdiçando seu tempo, eu fiz coisas — ela disse. — Vem comigo.

Ela o levou através da garagem, por uma porta que Greenmantle desconhecia que existia, e até a casa em si. Os degraus emergiram no corredor junto ao quarto. Ela perguntou: — Você não leu nenhum dos relatórios do sr. Cinzento?

Ele a encarou para mostrar que não tinha compreendido a pergunta.

Piper disse, lentamente, como se Greenmantle fosse um idiota: — Quando ele esteve aqui procurando aquele negócio idiota para você. Você leu o que ele escreveu? Sobre rastrear a tal coisa?

— Ah, esses relatórios. É claro que não.

— Então por que pediu que ele enviasse? Tinha um milhão deles.

— Eu só queria que ele se sentisse ocupado e observado. Nada como um trabalho burocrático para fazer um homem se sentir oprimido. Por quê?

Piper abriu a porta de um armário para revelar uma coleção de pacotes marcados com carimbos de

correio trazendo o nome dela. Presumivelmente Otho havia chegado em um deles.

— Eu os leio na banheira. Depois leio aqueles outros relatórios dos outros bandidos que mal sabem escrever que você contratou. E depois leio as notícias.

Greenmantle não gostava da ideia de sua mulher lendo as cartas do Homem Cinzento pelada. Ele abriu uma caixa e espiou dentro.

— O que é isso?

— Joelheiras — ela disse e as colocou para demonstrar. Piper estava irritantemente deleitada consigo mesma. — Aquele homem horrível falou sobre essas linhas de energia mediúnicas debaixo da terra que estavam interferindo na busca, porque eram muito fortes. Daí eu pensei: *Quanto mais forte, melhor*. E quis ver o que existe de tão forte, porque estou absolutamente entediada. E não pode ser tão difícil encontrar essas linhas. Então encomendei essas coisas.

— Joelheiras?

— Não quero quebrar uma patela enquanto rastejo debaixo da terra. Não lhe parece, Colin, que a panaca mediúnica maluca do Homem Cinzento pode estar no mesmo lugar que essas linhas mediúnicas malucas? Sorte sua que eu comprei joelheiras para você também.

Greenmantle estava muito impressionado com a engenhosidade dela. E não deveria, realmente, pois Piper era uma criatura muito engenhosa. A questão era apenas que ela normalmente não usava seus poderes para o bem e, quando o fazia, normalmente não eram dirigidos para ele. É que ele não achava que ela realmente gostasse dele.

Como ela parecia tão deliciosamente satisfeita consigo mesma, Greenmantle não teve coragem de dizer que preferia pagar outra pessoa para se embrenhar debaixo da terra e procurar a namorada do Homem Cinzento. E o vestido, no fim das contas, tinha um zíper escondido e saiu com a maior facilidade. Piper ficou com as joelheiras.

Quando acabou, Greenmantle percebeu que havia esquecido que o cão estava ali, o que parecia algo vagamente repugnante.

— Então você vai dar uma de espeleóloga? — ele disse.

— Não sei o que isso significa.

— Mulher das cavernas. No sentido mais básico da língua, você vai ser uma mulher das cavernas.

— Tanto faz. Você vai comigo.



Blue não era tanto uma motorista ruim quanto uma medrosa. Já que ela não havia comido o seu feijão, como Jesse Dittley comentara, precisava ajustar o assento o mais próximo possível dos pedais. Ela agarrava a direção com a graça de um urso de circo. Tudo no painel gritava por sua atenção. Luzes? Velocidade! Ar no rosto? Ar nos pés! Óleo no motor! Estranho símbolo de bacon?

Ela dirigia muito devagar.

A pior parte do seu terror era como dirigir a deixava *brava*. Não havia nada a respeito do processo de dirigir que parecesse confuso ou injusto para Blue. Ela havia tirado nota máxima no teste de direção. Sabia o significado de tudo, exceto o do símbolo de bacon. Placas de trânsito nunca a deixavam perplexa; dar a preferência era algo lógico. Ela era campeã nisso. Concedesse a ela quarenta minutos, e Blue conseguia

estacionar o Ford da Rua Fox em qualquer lugar que você quisesse.

Mas ela nunca podia esquecer que era uma piloto minúscula em uma arma de vários milhares de quilos.

— A questão é só que você não praticou o suficiente — disse Noah generosamente, mas segurando a alça da porta de maneira que parecia redundante para alguém que já estava morto.

É *claro* que ela não havia praticado o suficiente. Havia apenas um carro na Rua Fox, 300, e tinha alta demanda. Blue podia ir de bicicleta para a escola, para o trabalho, para a Indústria Monmouth, de maneira que o carro geralmente ficava com as pessoas que trabalhavam fora ou tinham coisas para fazer na cidade. Em sua atual taxa de aquisição de prática, Blue imaginava que estaria confortável atrás da direção de um carro lá pelos quarenta anos.

Aquela tarde, no entanto, ela conseguira reivindicar seu direito sobre o carro por algumas horas. Noah era sua única companhia naquela viagem de campo: Gansey tinha alguma atividade de garoto corvo. Adam estava trabalhando ou descansando do trabalho, e Ronan havia desaparecido no espaço celeste, como sempre.

Eles estavam se dirigindo à casa de Jesse Dittley.

— Nós estamos indo tão devagar — disse Noah, esticando o pescoço para observar a fila inevitável atrás deles. — Acho que acabei de ver um triciclo passando.

— Grosso.

Após uma demorada jornada, Blue parou o carro no acesso com sulcos abertos na terra de Jesse Dittley. A fazenda parecia menos mística no sol, menos sombria e amaldiçoada, e mais encardida e enferrujada. Puxando o freio de mão — "Não estamos nem em um *morro*!", protestou Noah —, Blue saiu do carro e foi até a varanda. Ela bateu forte na porta.

Foram necessárias algumas tentativas antes de ele abrir. Quando o fez, Blue ficou chocada novamente com sua altura. Ele estava usando outra regata, ou talvez fosse a mesma. A diferença de altura entre eles tornava difícil discernir sua expressão.

— AH, VOCÊ.

— Ãhã — Blue se apresentou. — Eis a minha proposta: você nos deixa explorar a sua caverna e eu limpo o seu jardim. Eu tenho credenciais.

Ele se inclinou, e Blue se esticou, e ele aceitou o cartão de visita que ela havia feito e cortado para si, para convencer as senhoras do bairro a lhe pagar por plantar em seus canteiros. Enquanto ele o lia, Blue estudou seu rosto e seu corpo, buscando sinais de uma

doença subjacente, alguma condição preexistente que pudesse atingi-lo num futuro próximo. Algo além de uma caverna amaldiçoada. Blue não viu nada, fora altura e mais altura.

Finalmente, ele respondeu:

— VOCÊ ESTÁ TENTANDO ME DIZER QUE NÃO GOSTA DO QUE EU FIZ COM O MEU JARDIM?

— Qualquer jardim pode se beneficiar de algumas flores — respondeu Blue.

— PODE TER CERTEZA. — Ele bateu a porta na cara dela.

Noah, que estivera parado ao lado de Blue sem ser visto, disse:

— Era isso que você queria que acontecesse?

Não era, mas, antes que ela tivesse alguma chance de formular seu próximo plano, ele abriu novamente a porta, e dessa vez estava usando botas de borracha com estampa camuflada. Ele saiu para a varanda.

— QUANTO TEMPO VAI LEVAR?

— Hoje.

— HOJE?

— Sou super-rápida.

Ele desceu os degraus e examinou o jardim. Era difícil dizer se estava analisando se Blue conseguiria fazer tudo em uma tarde ou contemplando se sentiria falta daquela ruína quando ela não estivesse mais ali.

— PODE COLOCAR AS COISAS NA CAÇAMBA DAQUELA PICAPE ALI.

Blue seguiu seu olhar até uma picape marrom enferrujada que ela presumira equivocadamente que fosse mais lixo ainda.

— Ótimo — disse ela, e achava isso mesmo, pois pouparia tempo se não tivesse de dirigir lentamente até o aterro quatro vezes. — Então, negócio fechado?

— SE VOCÊ TERMINAR HOJE.

Ela fez um sinal de positivo com o polegar.

— Tudo bem, então. Ao trabalho. O tempo urge.

Jesse pareceu olhar para Noah de certa maneira, mas então seus olhos se desviaram e voltaram para Blue. Ele abriu a boca, e, por um momento, ela achou que ele tinha visto Noah e ia dizer algo sobre ele, mas no fim apenas disse:

— VOU COLOCAR UMA ÁGUA NA VARANDA PARA VOCÊ. CUIDE PARA OS CÃES NÃO BEBEREM.

Não havia cães à volta, mas era possível que estivessem se escondendo atrás de um dos sofás descartados no jardim. De qualquer maneira, ela se sentiu tocada pelo gesto.

— Obrigada — disse. — É gentil da sua parte.

Essa gratidão aparentemente deu a Jesse a confiança de que ele precisava para dizer o que estivera pensando antes. Coçando o peito, ele a

examinou em sua camiseta recortada, seus jeans manchados e seus coturnos.

— VOCÊ É UMA COISINHA TÃO PEQUENA. TEM CERTEZA QUE CONSEGUE FAZER ISSO?

— Trata-se de perspectiva forçada. É porque você comeu o seu feijão. Sou maior do que pareço. Você tem uma motosserra?

Ele piscou.

— VOCÊ VAI CORTAR ÁRVORES?

— Não. Sofás.

Enquanto Jesse procurava uma motosserra dentro da casa, Blue colocava suas luvas e começava a trabalhar. Ela fez as partes mais fáceis primeiro, juntando pedaços de metal refugado do tamanho de cachorrinhos e baldes de plástico quebrados com ervas silvestres crescendo através deles. Então arrastou troncos de madeira com pregos saindo para fora e pias quebradas com uma camada de água da chuva nas bacias. Quando Jesse Dittley apareceu com uma motosserra, Blue pegou seus óculos escuros exagerados e de lentes rosa no carro para servir como proteção e começou a cortar as partes maiores das coisas no jardim em pedaços que fossem fáceis de carregar.

— CUIDADO COM AS COBRAS — avisou Jesse Dittley da varanda enquanto ela fazia uma pausa para

recuperar o fôlego. Blue não compreendeu o que ele queria dizer até que ele apontou na direção do mato crescido em torno da varanda com um gesto sinistro.

— Eu me dou bem com cobras — disse Blue. A maioria dos animais não era perigosa se você soubesse como dar a eles uma margem de segurança. Blue arrastou as costas da mão sobre a testa suada e aceitou o copo de água que ele lhe passou. — Você não precisa ficar cuidando de mim. Eu me viro.

— VOCÊ É UMA TAMPINHA EXÓTICA — decidiu Jesse Dittley. — COMO UMA DAQUELAS FORMIGAS.

Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

— Por que diz isso?

— AQUELAS FORMIGAS QUE ESTAVAM NA TELEVISÃO. NA AMÉRICA DO SUL, OU NA ÁFRICA, OU NA ÍNDIA. CARREGAM DEZ VEZES O PRÓPRIO PESO.

Blue se sentiu lisonjeada, mas disse firmemente:

— Todas as formigas podem carregar dez vezes o próprio peso, não é? Formigas normais?

— ESSAS SE SAÍAM MELHOR QUE AS FORMIGAS NORMAIS. PENA QUE NÃO LEMBRO COMO ELAS FAZIAM, SENÃO EU TE CONTAVA.

— Você está tentando dizer que eu sou um tipo melhor de formiga?

Jesse Dittley a interrompeu:

— BEBA SUA ÁGUA.

E se retirou para dentro de casa. Com um largo sorriso, Blue voltou ao trabalho. Noah se sujava no porta-malas do carro; Blue havia colocado alguns sacos de palha e algumas plantas de canteiro ali, e mais algumas no banco de trás. Ele puxou um saco de palha para fora, mas não completamente, o rasgou e a palha se espalhou pelo acesso.

— Ops.

— Noah — disse Blue.

— Eu sei.

Noah começou a catar a duras penas cada lasca de palha enquanto Blue continuava arrumando o lixo.

Era um trabalho duro, mas satisfatório, um pouco como passar aspirador de pó. Era bacana poder ver o resultado logo em seguida. Blue era boa em suar e ignorar músculos ardendo.

À medida que o sol baixava, o jardim escurecia, e as árvores esparsas pareciam mais próximas. Blue não conseguia deixar de se sentir *observada* na presença delas. A maior razão disso, ela sabia, era por causa de Cabeswater. Ela jamais esqueceria o som de uma árvore falando, ou aquele dia em que ela havia descoberto que criaturas inteligentes, alienígenas, a cercavam completamente. Mas essas árvores eram provavelmente apenas árvores comuns.

Só que ela não tinha mais certeza se havia algo como uma árvore comum. Talvez em Cabeswater elas fossem capazes de ser ouvidas por causa da linha ley. Talvez aqui as árvores fossem roubadas de sua voz.

Mas eu sou uma bateria, ela pensou. Blue considerou como havia tirado Noah da tomada antes. Ela se perguntou se era possível fazer o mesmo ao contrário.

— Parece cansativo — comentou Noah.

Ele não estava errado. Blue se sentira exausta após a vigília na igreja em abril, quando dúzias de espíritos haviam tirado energia dela. Talvez um meio-termo, então.

Então estas árvores estavam falando, ou era apenas o vento?

Blue fez uma pausa em sua lide com a palha e girou sobre os calcanhares. Ergueu o queixo para olhar para as árvores que cercavam a propriedade de Dittley. Carvalhos, espinheiros, algumas olaias, alguns cornisos.

— Vocês estão falando? — ela sussurrou.

Não houve precisamente nada maior ou menor do que ela havia sentido ou ouvido antes: um farfalhar nas folhas, um movimento em seus pés. Como se a própria grama estivesse se movendo. Era difícil dizer precisamente de onde vinha o ruído.

Blue achou que ouviu, baixo e fino...

tua tir e elintes tir e elintes

... mas talvez fosse apenas o vento, alto e impendente entre os ramos dos galhos.

Blue tentou ouvir de novo, mas não teve sorte.

Eles logo perderiam a luz, e Blue não se sentia empolgada com a perspectiva de dirigir lentamente de volta no escuro. Pelo menos eles estavam finalmente fazendo a parte verdadeiramente agradável — o plantio das flores, fazendo o trabalho parecer pronto. Noah tinha força suficiente para ajudar com isso e se ajoelhou ao lado dela simpaticamente, abrindo buracos com as mãos na terra para os fardos de raízes.

Em determinado momento, no entanto, Blue olhou de relance na luz que se punha e viu Noah colocando uma planta inteira no buraco e chutando terra sobre toda ela, incluindo as florações.

— Noah! — ela exclamou.

Ele olhou para Blue, e havia algo bastante vazio em seu rosto. Sua mão direita lançou mais um torrão de terra sobre as pétalas. Fora um gesto automático, como se sua mão estivesse desconectada do resto do corpo.

— Assim não — disse Blue, sem ter certeza do que estava dizendo, apenas tentando soar gentil e não

horrorizada. — Noah, preste atenção no que você está fazendo.

Seus olhos eram tão infinitamente negros e fixos no rosto de Blue que a deixaram com os pelos arrepiados na nuca. A mão dele se moveu novamente, socando mais terra sobre as flores.

Então ele estava mais próximo, ela não o vira se mover. Seus olhos escuros estavam presos nos dela, sua cabeça virada de uma maneira que lembrava muito pouco um garoto. Havia algo completamente não Noah a seu respeito.

As árvores tremeram acima.

O sol havia quase partido; a parte mais visível era o branco morto da pele de Noah. O buraco esmagado em seu rosto, onde ele fora atingido pela primeira vez.

— Blue — ele disse.

Ela se sentiu muito aliviada.

Mas então ele acrescentou:

— Lírio.

— Noah...

— Lírio. Azul.

Blue se pôs de pé muito lentamente. Mas não se distanciara dele. De alguma forma, ele se colocara de pé na mesma hora que ela, espelhando-a perfeitamente, os olhos ainda presos aos dela. A pele de Blue estava congelando.

Jogue sua proteção, disse Blue para si mesma. E ela o fez, imaginando a bolha à sua volta, o muro impenetrável...

Mas era como se ele estivesse dentro da bolha com ela, mais próximo que antes. Nariz com nariz.

Seria mais fácil lidar com uma situação de malícia do que com seus olhos vazios, espelhos negros, refletindo apenas ela.

Subitamente, a luz da varanda se acendeu, jogando luz sobre e através do corpo de Noah. Ele era um objeto obscurecido, enxadrezado.

A porta da frente se escancarou. Jesse Dittley desceu correndo a escada, a varanda trovejando, e avançou enorme sobre eles. Ele lançou a mão à frente — Blue achou que ele fosse bater nela ou em Noah — e então segurou algo plano entre o rosto dela e o de Noah.

Um espelho.

Ela viu a parte de trás incrustrada de ágata; Noah estava olhando para o lado que refletia.

Seus olhos se escureceram, se esvaziaram. Ele jogou as mãos sobre o rosto.

— Não! — gritou, como se tivesse se queimado com água fervendo. — *Não.*

Em seguida cambaleou, afastando-se de Jesse, de Blue e do espelho, as mãos ainda pressionadas sobre

os olhos. Seu lamento era terrível — ainda mais terrível porque agora ele começava a soar como Noah novamente.

Ele tropeçou para trás sobre um dos vasos vazios, caiu duramente e ali ficou, as mãos sobre o rosto, os ombros tremendo.

— *Não*.

Ele não tirou as mãos dos olhos, e Blue, um pouco envergonhada, se deu conta de que havia ficado satisfeita porque ele não o fizera. Ela também tremia. Ela olhou para cima (e para cima e para cima), para Jesse Dittley, que pairava ao lado dela com o espelho, o objeto parecendo pequeno como um brinquedo em sua mão.

— EU NÃO FALEI QUE HAVIA UMA MALDIÇÃO? — ele disse.



Jesse esquentou duas tigelas de macarrão instantâneo na pequena cozinha enquanto Blue se sentava em um móvel antigo que era ao mesmo tempo um banco e uma cadeira. Ele parecia ainda mais gigante naquele aposento pequeno; todos os móveis eram móveis de boneca perto dele. Atrás de si, a escuridão malevolente pressionava a janela acima da pia da cozinha. Blue se sentia bem naquele oásis de tom amarelo. Ela não estava pronta para voltar dirigindo para casa, atravessando aquela noite, especialmente agora que o faria sozinha. Noah havia desaparecido, e Blue não estava absolutamente certa se ela estava preparada para ele reaparecer novamente.

O micro-ondas bipou. Jesse explicou enquanto colocava a tigela na frente dela que não era realmente a caverna que era amaldiçoada; era algo na caverna.

— E essa coisa mata Dittleys — disse Blue — e faz coisas terríveis com o meu amigo.

— O SEU AMIGO MORTO — observou Jesse, sentando-se à frente dela na mesinha de dobrar. O espelho largado entre eles, virado para baixo.

— Não é culpa dele. Por que você não disse que podia ver o Noah?

— EU TAMBÉM NÃO DISSE QUE PODIA TE VER.

— Mas eu não estou morta — destacou Blue.

— MAS É BEM BAIXINHA.

Blue deixou passar essa e comeu o macarrão. Não estava grande coisa, mas era educado comer.

— O que existe na caverna que a torna amaldiçoada?

— ADORMECIDOS — ele respondeu.

Isso era relevante para os interesses de Blue.

— EXISTEM COISAS DORMINDO DEBAIXO DESSAS MONTANHAS. ALGUMAS DELAS VOCÊ GOSTARIA QUE CONTINUASSEM DORMINDO.

— Eu gostaria?

Ele anuiu.

— Por que eu ia querer algo assim?

Jesse comeu o macarrão.

— Não me diga que vou entender quando eu for mais velha. Eu já sou velha.

— VOCÊ NÃO VIU O SEU AMIGO?

Ela vira. Ela vira realmente.

Com um suspiro, ele pegou um livro grande de fotografias — o álbum de família dos Dittley. Era o tipo de experiência que Blue sempre suspeitara que seria encantadora e intrigante, uma espiada secreta e esclarecedora sobre o passado de outra família.

Não era isso. Era muito chato. Mas entre as histórias de nascimentos que haviam passado como você imaginaria e viagens de pesca que aconteciam como viagens de pesca acontecem, apareceu outra história: uma família vivendo na boca de uma caverna onde algo dormia tão agitadamente que espiava através de espelhos, e através de olhos, e distorcia alto-falantes, e às vezes fazia crianças rasgarem o papel de parede ou esposas arrancarem chumaços do próprio cabelo. Esse adormecido agitado ficou cada vez mais ruidoso ao longo de uma geração até que, finalmente, um Dittley entrou na caverna e se jogou na escuridão. Mais tarde, o resto da família buscou seus ossos e gozou algumas décadas a mais de paz e silêncio.

E então havia mais algumas fotos dos Dittley construindo uma cobertura para os carros.

— E você deve ser o próximo? — perguntou Blue. — Quem vai assumir depois de você?

— MEU FILHO, UÉ.

Blue não mencionou que não havia indícios de qualquer outra pessoa na casa, mas ele devia ter percebido, pois acrescentou: — MINHA ESPOSA E FILHOS FORAM EMBORA CINCO ANOS ATRÁS, MAS VÃO VOLTAR APÓS A MALDIÇÃO TER SIDO SATISFEITA.

Ela ficou tão sobressaltada com tudo isso que comeu todo o macarrão sem pensar muito a respeito.

— Nunca tinha conhecido mais alguém com uma maldição.

— QUAL É A SUA?

— Se eu beijar o meu verdadeiro amor, ele morre.

Jesse anuiu, como se dissesse: *Ãhã, essa é boa.*

— Tudo bem, mas por que você simplesmente não se manda? Vende essa casa, deixa outra pessoa lidar com o papel de parede e tudo o mais?

Ele deu de ombros — vindo de Jesse, um gesto impressionante.

— AQUI É MEU LAR.

— Certo, mas o seu lar poderia ser do outro lado de Henrietta — persistiu Blue. — Você poderia passar aqui na frente de carro e dizer: "Olá, casa com paredes que sangram, nos vemos depois!" Resolvido o problema.

Ele pegou a tigela de Blue e a colocou na pia. Não pareceu ofendido, mas também obviamente não

concordou com ela. Jesse não iria comentar mais sobre o assunto.

— Além disso, quando c... — Blue começou, mas foi interrompida por batidas furiosas que vinham de todo lugar. A maldição? Noah? Ela apontou para o espelho de modo questionador.

Jesse balançou a cabeça e disse:

— PORTA DA FRENTE.

Ele secou as mãos em um pano de prato que parecia que precisava ser limpo em outra coisa, antes de seguir em direção à porta. Blue ouviu quando ela se abriu, e então um murmúrio de vozes que aumentava e diminuía.

Duas pessoas apareceram no vão da porta para a cozinha, seguidas de Jesse. Bizarramente, eram Gansey e Calla. Era estranho imaginar os dois viajando juntos para qualquer lugar, e mais estranho ainda conceber a presença dos dois ali na cozinha de Dittley. Eles estavam concentrados em Blue.

Jesse gesticulou para ela, como que para dizer:

— VIU SÓ?

Irrompendo sobre a soleira, Calla lançou uma mão, palma para cima. Ela estava cuspindo ácido.

— As chaves do carro. Agora. Você não vai dirigir aquele carro de novo até estar com oitenta anos e ter o cabelo branco. Passe as chaves para cá.

Blue a encarou.

— O quê? O quê?

— Você acha que pode simplesmente *sair* e não ligar?

— Você me disse que ninguém mais precisava do carro hoje!

— E aí você achou que isso significava que não precisava ligar?

Blue estava prestes a retrucar sobre ser um ser humano responsável e que eles não tinham nenhum motivo para estar preocupados com seu paradeiro, mas então viu a expressão de Gansey logo atrás de Calla. Seus dedos tocavam ligeiramente a têmpora e a maçã do rosto, e seus olhos se perdiam no nada. Blue não saberia interpretar a expressão alguns meses atrás, mas agora ela o conhecia bem o suficiente para perceber que aquilo significava alívio: o relaxamento de uma tensão. Ele parecia verdadeiramente abalado. Ela havia preocupado os dois, terrivelmente.

— ... meia dúzia de pessoas te procurando por toda parte e já começando a achar que você estava morta em uma vala qualquer — Calla estava dizendo.

— Espera aí, o quê? Vocês estavam me *procurando*?

— São dez da noite! Você saiu faz seis horas, e não foi para trabalhar, não é? A gente nem fazia ideia

de onde você tinha se metido! Eu estava prestes a ligar para a polícia de novo.

Ela deixou o *de novo* pesar de maneira significativa. Blue não olhou para Gansey ou Jesse.

— Vou ligar para o Ronan — disse Gansey em voz baixa — e dizer que ele pode voltar para a Monmouth.

Ronan estivera procurando por ela também? Teria sido fofo, se ela estivesse correndo qualquer tipo de perigo.

— Eu... — Blue percebeu antes de terminar a frase que não havia discussão: eles estavam certos, e ela estava errada. De maneira pouco convincente, ela concluiu: — Não achei que alguém fosse perceber.

— Carro — disse Calla —, chaves.

Blue docilmente as entregou.

— Outra coisa: nunca mais quero andar no carro horrível desse garoto — disse Calla. — Você pode voltar de carona com ele, porque estou brava demais para olhar para a sua cara. Vou dizer coisas de que vou me arrepender.

Ela começou a partir com tudo e então parou ao lado de Jesse, o nariz virado. Seus braços haviam se tocado; Calla nitidamente tivera uma impressão psicométrica no mesmo instante.

— Ah, era *você* — ela disse.

Ele virou a cabeça para baixo para observá-la sem malícia. Calla saiu a passos largos sem mais gentilezas ou explicações.

— Hãã... — disse Blue, pondo-se de pé. — Desculpe por isso.

— NÃO TEM PROBLEMA.

— Obrigada pelo macarrão. Então, e a caverna?

— VOCÊ AINDA QUER ENTRAR LÁ DEPOIS DISSO?

— Como você disse, ela só mata Dittleys.

— A *MALDIÇÃO* SÓ MATA DITTLEYS. A CAVERNA PODE MATAR OUTRAS PESSOAS.

— Estou disposta a correr o risco, se você deixar.

Jesse coçou o peito de novo.

— BOM, COMBINADO É COMBINADO.

Eles se cumprimentaram, a mão de Blue parecendo minúscula na dele.

— VOCÊ FEZ UM BOM TRABALHO, FORMIGA — ele disse.

Então Gansey deu um passo à frente, colocou o celular elegantemente no bolso e pegou as chaves. Havia algo de preocupado em seu rosto. Ele parecia, na realidade, como parecera na caverna, o rosto estranho e cheio de vincos. Era tão estranho vê-lo sem sua roupagem de Richard Campbell Gansey III em público que Blue não conseguia parar de olhar para o seu rosto. Não — não era o seu rosto. Era a sua

postura, os ombros caídos, o queixo para dentro, o olhar saindo por baixo de sobrancelhas incertas.

— ELA ESTAVA BEM — Jesse lhe assegurou.

— Minha cabeça sabia disso — disse Gansey. — Mas o resto de mim, não.



— Não acredito que você não está morta em algum lugar — disse Ronan a Blue. — Você devia estar morta em algum lugar.

Talvez fosse um sinal da irritação de Gansey a respeito da situação, porque ele não corrigiu Ronan dessa vez.

— Obrigada pela preocupação — ela respondeu.

A cozinha na Rua Fox, 300 fervilhava de corpos. Malory, Gansey, Ronan e Adam estavam à mesa da cozinha. Persephone flutuava próxima da pia. Calla se inclinava pensativa sobre o balcão. Orla aparecia de vez em quando no vão da porta para espiar Ronan antes de ser expulsa. Aquela noite claustrofóbica e urgente lembrava a Adam uma noite muitos meses atrás, após Gansey ter quebrado o polegar e quase ter levado um tiro, após eles terem descoberto que Noah

estava morto. As coisas tinham começado a mudar havia pouco tempo.

Adam conferiu discretamente o relógio do forno. Ele havia pedido para chegar na fábrica de trailers duas horas mais tarde, para se encontrar com os outros naquela noite, e queria ter certeza de que não se atrasaria.

— Professor Malory, você gostaria de uma xícara de chá? — perguntou Blue.

Malory pareceu aliviado.

— Eu adoraria uma xícara de chá.

— Você prefere, hum, um sabor frutado ou um sabor mais forte? — ela perguntou. — Se fosse beber um ou o outro na forma de chá?

Ele considerou.

— Forte.

— Escolha corajosa — disse Blue. — Alguém mais?

Várias cabeças balançaram. Tanto Adam quanto Gansey haviam sido vitimados pelas bebidas da Rua Fox, 300. Os chás ali eram colhidos do jardim ou pegos no mercado de produtos agrícolas, cortados e misturados à mão, e então colocados em sacos rotulados com o ingrediente predominante ou o efeito pretendido. Alguns deles eram mais fáceis de beber recreativamente do que outros.

— Eu quero bourbon puro — disse Calla.

Ela e Persephone fizeram um brinde.

Enquanto Blue preparava o chá e trazia água para o Cão, Gansey disse: — Tudo bem, eis a questão. Nós encontramos outra caverna, e, parece brincadeira, alguém está dormindo nela. Chegou a hora de decidir o que fazer.

— Não há nenhuma decisão a ser tomada — disse Ronan. — Vamos entrar.

— Você diz isso porque não viu o Noah hoje — Blue lhe disse enquanto colocava a xícara na frente de Malory. — Esse aí não tem nenhum efeito alucinógeno, mas talvez você se sinta um pouco eufórico.

— Nada que eu já tenha bebido aqui me fez sentir qualquer coisa próxima de euforia — disse Gansey.

— Você nunca tomou esse aqui — disse ela. — De qualquer forma, o Noah estava bastante assustador. O Jesse, o homem que é dono da caverna, diz que existe uma maldição. — Ela resumiu a maldição.

— Por que ele simplesmente não se muda? — perguntou Adam.

— Para longe do *lar* da família dele? — perguntou Ronan, soando ao mesmo tempo sincero e incomodado.

— *Lar* é um termo um pouco forte — disse Gansey. — Eu vi o lugar.

— Você. — Blue apontou para ele. — Fique quieto antes que diga alguma coisa ofensiva. Tem algo mais que vocês precisam saber. Uma das mulheres aqui previu a morte do Jesse mais cedo este ano. Ela não o conhecia, mas sabia o nome dele.

A cabeça de Adam se ergueu de um salto. Não porque fosse uma informação chocante, mas porque a voz de Blue havia mudado um pouco, e Persephone e Calla estavam ocupadas virando seus drinques, repentinamente sem se olhar. Adam, um animal dissimulado, era uma pessoa agudamente ligada aos segredos de outras pessoas. Então ele não tinha certeza de por que haveria qualquer coisa obscura a respeito da morte prevista de um estranho, mas sabia que Blue Sargent estava contando uma verdade parcial.

— Espera, espera — disse Gansey. — Então você está me dizendo que não apenas esse Jesse Dittley acredita que existe uma maldição naquele lugar, como na realidade ele está certo e vai morrer?

— *Ou* ele vai morrer por causa de algo que nós fizermos — insistiu Blue. — Foi por isso que eu toquei no assunto. Acho que precisamos tomar decisões de modo responsável.

— Vocês têm uma lista de mortos? — interrompeu Ronan. — Que lance mais sombrio. Eu estou nela?

— Alguns dias eu gostaria que sim — disse Blue.

— Posso ver? — perguntou Adam.

— O quê?

— Posso ver a lista?

Blue se virou para preparar uma xícara de chá para si.

— Não está comigo. Minha mãe levou com ela. Só lembro o nome dele. Quer dizer, eu achei que era uma garota, com *ie* no fim, mas a parte do Dittley eu guardei.

Calla ergueu uma sobrancelha pronunciadamente, mas não disse nada.

Ah, pensou Adam com uma súbita e sinistra convicção. *Eis a questão. Então um de nós está na lista.*

— Isso não importa — disse Gansey. — O tempo urge e o Adam precisa ir logo. A questão é: Nós vamos entrar na caverna amanhã?

Quem de nós?

Malory se animou:

— Agora seria um bom momento para destacar que eu não vou entrar em caverna nenhuma. Fico feliz

em apoiar vocês de um local aonde o sol consiga chegar.

— É claro que vamos entrar — disse Ronan. — Por que não?

— Risco — respondeu Gansey. — Sou completamente contra colocar qualquer pessoa nesta sala em risco.

— Tem outra coisa, seus coelhos: lembrem-se que existe mais de um adormecido — destacou Calla. — Três deles. Um é para vocês despertarem, e um para *não* despertarem.

— E o adormecido do meio? — perguntou Ronan.

Em sua voz pequena, Persephone disse:

— Essas coisas realmente sempre soam melhor em três.

— O Jesse também disse que algumas coisas não devem ser despertadas — acrescentou Blue discretamente, sem permitir que Adam cruzasse o seu olhar. — Então, sim, risco.

Mais de um de nós?

— Nós entramos na caverna em Cabeswater — disse Ronan. — O risco era o mesmo. Talvez pior, porque não fazíamos ideia de onde estávamos nos metendo.

Talvez, pensou Adam, fosse a própria Blue que estivesse na lista. Talvez fosse por isso que ela a

escondia de todos.

— Bom, eu concordo com o Ronan — disse Blue —, mas também sou suspeita, porque quero encontrar minha mãe, e o risco vale a pena para mim.

Adam pensou em suas sessões com Persephone. Ela teria se dado ao trabalho de ensiná-lo se soubesse que ele ia morrer? Ela olhava para ele agora, olhos negros sólidos, como se o desafiasse a gritar os segredos.

— Tem mais uma coisa que precisamos conversar — começou Gansey, hesitante. — O que vamos fazer se *acharmos* Glendower. Se houver um favor quando o despertarmos. Não tenho certeza se há apenas um favor, ou vários, e devemos saber o que dizer em qualquer uma dessas situações. Vocês não precisam responder agora, mas pensem nisso.

Houvera um tempo em que tudo que Adam pensara era a promessa daquele favor. Mas agora ele tinha apenas um ano de escola à sua frente, não estava mais debaixo do teto de seu pai e podia enxergar uma saída sem a ajuda de Glendower. Tudo que sobrara era pedir para se libertar de Cabeswater.

E ele não tinha certeza se queria isso.

Gansey e Ronan murmuravam outra questão, Malory dava sua opinião, mas Adam não conseguia se concentrar mais naquele assunto. Ele sabia que não

estava errado a respeito da cautela de Blue. Ele o sabia da mesma maneira que sabia quando fora Cabeswater que o despertara de seu sono e quando precisava ir reparar a linha ley. Ele sabia disso como uma verdade.

Adam olhou para o relógio.

— Se já decidimos, preciso ir.

Ele não precisava. Ele tinha um pouco mais de tempo. Mas isso não podia esperar. A suposição estava crescendo dentro dele.

— Já? — perguntou Gansey, mas não de maneira descrente. — Que saco.

— É — disse Adam. — Mas eu tenho esse fim de semana e alguns dias de folga depois disso. Blue, você pode me ajudar a tirar uma coisa do carro?

— Que coisa?

Ele mentiu rápida e eficientemente:

— Aquele lance que você queria. Não acredito que você não lembra. O, o... tecido.

Persephone ainda estava olhando para ele.

Blue balançou a cabeça, mas para si mesma, não para ele, pesarosa com sua própria falta de memória. Ela se afastou do balcão enquanto Adam se despedia, tocando o punho de Gansey e assentindo para Malory e Ronan. Ele fez o melhor que pôde durante a despedida para agir casualmente, embora se sentisse sobrecarregado com um segredo indizível. Eles saíram

juntos pela porta da frente e seguiram pela calçada escura até onde o carro dele estava estacionado na calçada, atrás do glorioso Camaro.

A rua estava silenciosa e fria, as folhas secas farfalhando como alguém pedindo silêncio a uma multidão.

— Eu não lemb... — começou Blue, e então parou quando Adam a pegou pelo braço e a puxou para perto.

— Quem de nós, Blue?

— Ei, para...! — Ela livrou o braço, mas Adam não recuou.

— Quem de nós está na lista?

Ela olhou para longe, seus olhos em um carro numa esquina distante. Blue não respondeu, mas também não o insultou dizendo que ele estava errado.

— Blue.

Ela não olhou para ele.

Ele deu a volta em torno dela de maneira que ela não tivesse como *evitar* olhar para ele.

— Blue, quem de nós?

O rosto dela estava estranho, toda a jovialidade levada embora. Blue não estava chorando. No entanto, seus olhos transpareciam algo pior que choro. Ele se perguntou por quanto tempo ela estivera carregando

aquilo consigo. O coração de Adam batia forte. Ele havia acertado. Um deles ia morrer.

Eu não quero morrer, não agora...

— Blue.

— Você não vai conseguir deixar de saber — ela disse.

— Eu preciso saber — disse Adam. — Você não entende? Este será o favor. É isso que eu vou pedir. Eu preciso saber para que a gente faça o pedido, se for apenas um.

Ela só manteve o olhar dele.

— Gansey — disse Adam.

Blue fechou os olhos.

É claro. É claro que ele seria tomado deles.

Sua mente forneceu a imagem: Gansey convulsionando no chão, coberto de sangue, Ronan encolhido ao seu lado, arrasado. Fazia meses que Cabeswater lhe mostrara a visão, mas ele não a havia esquecido. Tampouco havia esquecido como, na visão, a morte de Gansey havia sido sua culpa.

Seu coração era um túmulo.

Se for culpa sua, pensou Adam, *você pode evitar*.



Blue acordou brava.

Ela não se lembrava do que sonhara, apenas que era sobre sua mãe, e, quando acordou, poderia ter batido em algo. Ela se recordou de quando visitara Adam uma tarde naquele verão e ele chutara uma caixa — era esse o nível de raiva que ela sentia. Só que não parecia valer a pena chutar alguma coisa quando não havia ninguém em volta para vê-la fazer isso.

Blue permaneceu deitada e disse a si mesma para voltar a dormir, mas, em vez disso, ficou mais irada ainda. Ela estava cansada de Persephone, Calla e sua mãe esconderem informações porque ela não era médium. De não poder fantasiar a respeito de faculdades bacanas porque não era rica. De não poder segurar a mão de Gansey porque eles não podiam machucar os sentimentos de Adam, e de não poder

beijar a boca de Gansey porque ela não queria matá-lo. Blue estava cansada de saber que ele morreria e de temer que a mãe dela também morresse.

Repetidamente, ela ouvia Adam adivinhar a verdade: *Gansey*.

Ela jogou os cobertores para o lado e se vestiu com raiva, e com raiva correu até a sala do telefone.

Orla estava sentada ali, pintando as unhas à uma da manhã.

Blue congelou no vão da porta, a intenção escrita em seu rosto.

— Que foi? — disse Orla. — Vá em frente.

Blue não se mexeu.

— Ah, por favor. Não vou te impedir. Eu só estava tentando evitar que você tivesse o coração partido, mas como queira, vá em frente — disse Orla.

Blue atravessou a sala e pegou o telefone, olhando de relance para Orla novamente de maneira suspeita. Sua prima havia voltado a pintar minúsculas mandalas nas unhas. Ela não fingiu não estar ouvindo, mas parecia pouco incomodada.

Blue ligou para Gansey.

Ele atendeu imediatamente.

— Eu não estava dormindo.

— Eu sei — ela respondeu. — Vem me buscar.



Havia algo de estranho nele quando chegou no Pig. Algo feroz em seus olhos, um tipo de mordida em seu sorriso tênue. Algo inteiramente febril e inquieto. Blue parou na beira do sorriso de Gansey e olhou.

Aquele não era o Gansey que ela vira na cozinha mais cedo; era o Gansey para quem ela ligava secretamente à noite.

Ele não perguntou aonde ela queria ir. Eles não podiam falar sobre isso, então não disseram nada.

O Camaro estava com o motor ligado em ponto morto na rua silenciosa, tarde da noite. Blue entrou no carro e bateu a porta.

Gansey — o Gansey descuidado, selvagem — engatou outra marcha tão logo eles saíram do bairro. Ele levou o carro ruidosamente de semáforo em semáforo e então, quando chegaram à rodovia vazia, o deixou aumentar a velocidade furiosamente, o punho fechado sobre o câmbio.

Eles seguiam para leste, na direção das montanhas.

Blue ligou o rádio e mexeu com a música de Gansey até encontrar algo que valesse a pena tocar alto. Então brigou com sua janela para baixá-la, e o ar

gritou sobre ela. Estava frio demais para isso, realmente, mas Gansey estendeu o braço para o banco de trás sem tirar os olhos da estrada e arrastou seu sobretudo para a frente. Blue o colocou, tremendo quando o forro de seda gelou suas pernas nuas. O colarinho cheirava a ele.

Eles não conversavam.

O rádio pulava e valsava. O carro rugia. O vento esvoaçante dentro do carro. Blue colocou a mão sobre a de Gansey e a segurou, os nós dos dedos brancos. Não havia outra alma na estrada, exceto eles.

Subiram as montanhas — para cima, para cima e através de um desfiladeiro.

Os picos eram negros e proibitivos à meia-luz dos faróis, e, quando eles alcançaram o ponto mais alto no desfiladeiro, os dedos de Gansey se cerraram mais ainda debaixo dos dedos de Blue enquanto ele reduzia a marcha e fazia o retorno, zunindo de volta pelo mesmo caminho em que tinham vindo.

Eles voltaram em alta velocidade para Henrietta, passando por estacionamentos de lojas sinistramente vazios, casas geminadas silenciosas, Aglionby, o centro da cidade, Henrietta. Do outro lado da cidade, Gansey dobrou deslizando em uma esquina para um novo e inutilizado desvio: quatro pistas novíssimas de

estrada iluminada de lugar nenhum para lugar nenhum.

Ele parou o carro ali, pegou seu casaco de Blue e eles trocaram de lugar. Ela puxou o assento o mais próximo possível da direção e deixou o motor morrer. E mais uma vez. Gansey colocou a mão no joelho de Blue, dedos sobre a pele, a linha da vida tocando o osso, e a impediu de soltar a embreagem rápido demais. O motor subiu de rotação, forte e convicto, e o carro saltou para frente.

Eles não conversavam.

As luzes dos postes passavam em série pelo para-brisa à medida que Blue acelerava em uma direção, então dava a volta e retornava no outro sentido, repetidamente. O carro era temível e disposto — exagerado, rápido demais, tudo ao mesmo tempo. O câmbio trepidava por baixo de seu punho quando eles estavam parados, e o acelerador crescia e se prendia ao pé de Blue quando estavam em movimento. O ar frio que entrava pela ventilação debaixo do painel sussurrava o ar da noite sobre suas pernas nuas; o calor do motor rugindo queimava a parte de cima de seus pés.

O ruído: o mero ruído era um monstro, amplificado quando ela podia senti-lo vibrando no

câmbio, puxando a direção, vociferando através de seus pés.

Blue estava com medo dele até apertar o acelerador, e então seu coração bateu forte demais para lembrar que tinha medo.

O Camaro era como Gansey aquela noite: aterrorizador e emocionante, disposto a fazer o que quer que ela pedisse.

Blue se sentia mais corajosa a cada volta. Apesar de todo seu ruído e sua pose, o Pig era um professor generoso. Ele não se importava que Blue fosse uma garota muito baixinha que nunca dirigira um carro com câmbio manual antes. Ele fazia o que podia.

Blue não podia esquecer a mão de Gansey sobre seu joelho.

Ela encostou o carro.

Blue achara que era uma coisa tão simples evitar beijar alguém quando estava com Adam. Seu corpo nunca soubera o que fazer. Agora ele sabia. Sua boca não se importava que ela fosse amaldiçoada.

Ela se virou para Gansey.

— Blue — ele avisou, mas sua voz era caótica. Próximo assim, sua garganta cheirava a hortelã, suéter de lã e assento de carro de vinil, e Gansey, apenas a Gansey.

— Eu só quero fingir. Só quero fingir que eu poderia — ela disse.

Gansey suspirou.

O que era um beijo sem um beijo?

Era uma toalha puxada em uma mesa posta para festa. Tudo misturado com todo o resto em apenas alguns momentos caóticos. Dedos nos cabelos, mãos segurando nucas, bocas roçando rostos e queixos em perigosa proximidade.

Eles pararam, o nariz de um amassado contra o outro daquela maneira estranha que a proximidade exige. Blue podia sentir a respiração de Gansey em sua boca.

— Talvez não tivesse problema se eu te beijasse — ele sussurrou. — Talvez seja apenas se você me beijar.

Ambos engoliram ao mesmo tempo, e o feitiço se rompeu. Ambos riram, mais uma vez ao mesmo tempo, nervosamente.

— E depois nunca mais falamos sobre isso — disse Gansey, zombando de si mesmo ligeiramente, e Blue ficou tão contente com isso, pois havia ensaiado as palavras daquela noite repetidamente em sua cabeça e queria saber se ele havia também. Suavemente, ele prendeu o cabelo dela atrás das orelhas, o que era perda de tempo, pois seu cabelo nunca estivera atrás

das orelhas para começo de conversa e não ficaria ali. Mas ele o prendeu de novo, e mais uma vez, e então tirou duas folhas de hortelã e colocou uma em sua boca e outra na de Blue.

Ela não sabia dizer se era muito tarde ou se havia ficado muito cedo.

E agora a alegria catastrófica estava passando e a realidade voltava a assumir o seu lugar. Blue podia ver que agora ele estava muito próximo de ser aquele garoto que ela vira no adro da igreja.

Conte para ele.

Blue rolou a folha de hortelã de um lado para o outro sobre a língua. Ela se sentia trêmula de frio ou cansaço.

— Você já pensou em parar antes de encontrar Glendower? — ela perguntou.

Ele pareceu surpreso.

— Não faça essa cara — ela disse. — Eu sei que você precisa encontrá-lo. Não estou pedindo para me dizer por quê. Eu entendo essa parte. Mas, conforme a busca fica mais arriscada, você já pensou em parar?

Gansey manteve o olhar dela, mas seus olhos haviam se distanciado, pensativos. Ele estava ponderando a questão, talvez, o custo da busca *versus* sua necessidade imperecível de ver o rei. Então ele se concentrou em Blue novamente e balançou a cabeça.

Ela se recostou completamente e deu um longo e ruidoso suspiro.

— Bom, tudo bem.

— Você está com medo? É isso que está perguntando?

— Não seja idiota — ela respondeu.

— Não tem problema se estiver — disse Gansey. — Isso é só meu, no fim das contas, e eu não espero que ninguém mais...

— Não. Seja. Idiota.

Era ridículo; ela não fazia nem ideia se era a busca por Glendower que o mataria — qualquer marimbondinho seria suficiente. Ela não podia lhe contar. Maura estava certa — isso simplesmente arruinaria os dias que ele ainda tinha pela frente. Adam estava certo, também. Eles precisavam encontrar Glendower e pedir pela vida de Gansey. Mas como ela podia saber essa questão importantíssima sobre Gansey e *não contar* a ele?

— É melhor a gente voltar.

Ele expirou, mas não discordou. O relógio no Camaro não funcionava, mas devia ser perigosamente próximo da manhã. Eles trocaram de lugar; Blue encolhida novamente no casaco dele, pés sobre o assento. Enquanto ela puxava o colarinho para cima para cobrir a boca e o nariz, se deixou imaginar que

aquele lugar era seu de direito. Que de alguma forma Adam e Ronan já sabiam disso e não se importavam. Que seus lábios não carregavam nenhuma ameaça. Que Gansey não ia morrer, não ia partir para Yale ou Princeton, que tudo que importava era que ele havia lhe emprestado o seu casaco com sua relva e sua hortelã no colarinho.

No caminho de volta para o centro da cidade, eles viram um veículo reluzente, sem dúvida o carro de um garoto corvo, parado no acostamento da estrada. Ele parecia brilhante e astronômico sob as luzes dos postes.

O sentimento desagradável da realidade cutucou Blue novamente.

— O que é isso...? — disse Gansey.

— Um dos seus — ela respondeu.

Ele encostou o carro ao lado do outro e gesticulou para que Blue baixasse o vidro.

Um garoto de cabelos negros igualmente brilhante e astronômico estava sentado atrás da direção do outro carro.

— Você é uma garota — ele disse para ela, perplexo.

— Vinte pontos! — respondeu Blue tensamente. — Quer saber, fica com trinta, porque é tarde e estou me sentindo generosa.

— Cheng. O que aconteceu? — disse Gansey, inclinando-se para frente para enxergar além de Blue. Sua voz havia mudado imediatamente para voz de garoto corvo, o que deixou Blue subitamente incomodada de ser vista em um carro com ele. Era como se a raiva de antes não tivesse sido adequadamente extinta, e agora fosse necessário apenas tomar conhecimento de que ela era uma garota em um carro com um príncipe da Aglionby para trazê-la de volta.

Henry Cheng saltou para fora do carro e se inclinou na janela do passageiro. Blue se sentiu claramente desconfortável por estar tão próxima de suas maçãs do rosto pronunciadas.

— Não sei. Ele parou.

— Parou como? — perguntou Gansey.

— Fez um ruído. Aí eu parei. Ele parecia bravo. Sei lá. Eu não quero morrer. Tenho todo um futuro pela frente. Você sabe alguma coisa sobre carros?

— Não elétricos. Que tipo de barulho você disse que ele fez?

— Um que eu não quero ouvir de novo. Não posso quebrar esse carro. Quebrei o último e meu pai ficou *louco* comigo.

— Quer uma carona de volta?

— Não, quero o seu celular. O meu morreu e não posso andar pela estrada ou vou ser estuprado pelo pessoal da região. — Henry bateu com o joelho na lateral do Camaro e disse: — Cara, é assim que se faz. Músculo americano que dá para ouvir a um quilômetro de distância. Não sou muito bom nesse lance de branco protestante. Você, por outro lado, é campeão... Só acho que você segue na direção contrária. Você devia andar com garotas durante o dia e com garotos à noite. É o que a minha *halmeoni* costumava dizer, pelo menos.

Havia algo terrível a respeito de todo aquele diálogo. Blue não sabia dizer se era porque o diálogo não precisava dela, ou porque era entre dois garotos extremamente ricos, ou porque era um lembrete concreto de que ela havia descumprido uma de suas regras mais importantes. (Ficar longe de garotos da Aglionby.) Ela se sentia como um acessório empoeirado qualquer. Ou pior. Ela simplesmente se sentia... mal.

Ela passou o celular de Gansey para Henry sem dizer uma palavra.

Enquanto o outro garoto voltava para sua aeronave reluzente para fazer a ligação, ela disse para Gansey:

— Para sua informação, eu não gosto quando a sua voz soa daquele jeito.

— De que jeito?

Ela sabia que não era algo legal de se dizer, mas sua boca disse de qualquer maneira:

— Sua voz falsa.

— Como?

— A que você usa com eles — ela disse. — Com os outros imbecis da Aglionby.

— O Henry é legal — disse Gansey.

— Ah, tá, "estuprado pelo pessoal da região".

— Foi uma piada.

— Hahaha. Ha. Ha. Ha. É uma piada quando alguém como ele diz, porque na realidade *ele* não precisa se preocupar com isso. É tão típico.

— Não entendo por que você está agindo desse jeito. Na verdade ele é um pouco como você...

Blue desdenhou.

— Ah, tá bom!

Ela sabia que estava se excedendo, mas não conseguia parar. Era algo a respeito de seus rostos bonitos, de seus cabelos bonitos, de seus carros bonitos e da confiança natural e recíproca entre eles.

— Acho que talvez seja uma coisa boa que a gente não possa realmente... que a gente nunca vai...

— É mesmo? — perguntou Gansey, perigosamente educado. — Por que você acha isso?

— Nós simplesmente não estamos no mesmo nível, só isso. Nós temos prioridades muito diferentes. Estamos distantes demais. Não funcionaria na verdade.

— Dois segundos atrás a gente estava quase se beijando — ele disse —, e agora acabou tudo porque paramos para deixar um cara usar o meu celular?

— Nunca *começou*! — Blue se sentia tão furiosa quanto no momento em que acordara. Mais.

— Tudo isso porque eu não concordei que o Henry é um imbecil? Estou tentando ver as coisas do seu ponto de vista, mas está bem difícil. Algo a respeito da minha voz?

— Não importa. Esquece. Só me leva para casa — disse Blue. Agora ela estava se arrependendo de... de tudo. Ela nem sabia para onde sua argumentação a levara, apenas que não podia voltar atrás. — Depois que ele devolver o seu celular.

Gansey a estudou. Ela esperava ver sua raiva espelhada no rosto dele, mas, em vez disso, a expressão dele havia se desanuviado. Não era uma expressão feliz, exatamente, mas ele não parecia mais confuso. Ele perguntou:

— Quando você vai me contar qual é a razão real disso tudo?

Isso a fez dar um longo e trêmulo suspiro, próximo das lágrimas.

— Nunca.



Gansey despertou com um humor terrível. Ele ainda estava cansado — havia perdido horas de sono passando e repassando os eventos dentro do carro, tentando decidir se estivera certo ou errado ou se isso chegava a importar —, e chovia fino, e Malory assoviava, e Noah batia as bolas de sinuca umas nas outras, e Ronan derramava cereal matinal da caixa direto na boca, e o suéter amarelo favorito de Gansey tinha um cheiro suspeito demais para aguentar mais um dia de uso, e o Pig afogara e não dava partida, então agora eles estavam indo buscar Blue e Adam no Suburban sem alma e em um suéter marrom que parecia exatamente por fora como Gansey se sentia por dentro.

Aquela caverna não seria nada além de uma caverna, como sempre, de maneira que Gansey estaria

bem ficando na Monmouth e dormindo por mais quatro horas, deixando para visitá-la em um outro dia.

— Parece o País de Gales lá fora com toda essa chuva — disse Malory, sem soar muito satisfeito com isso. Ao lado dele, Adam estava em silêncio, a expressão preocupada de um jeito que Gansey não via fazia tempo.

Blue, também, estava taciturnamente silenciosa, com bolsas debaixo dos olhos para combinar com as de Gansey. Na noite passada o colarinho do casaco dele ainda trazia o cheiro do cabelo de Blue; agora, ele continuava virando a cabeça na esperança de senti-lo, mas, como todo o resto no desventurado dia, a fragrância se atenuara e se tornara poeirenta.

Na fazenda de Dittley, Malory, o Cão e Jesse se acomodaram na casa (Malory, sem esperanças: "Imagino que você não tenha nenhum chá por aqui?" Jesse: "VOCÊ QUER EARL GREY OU DARJEELING?" Malory: "Ah, abençoado seja!"), e os adolescentes saíram para caminhar pelo campo molhado até a caverna.

— Você vai realmente levar esse pássaro para dentro de uma caverna? — perguntou Adam.

— Sim, Parrish — respondeu Ronan. — Acho que sim.

Não havia como perguntar a Blue a respeito da noite anterior. Ele só queria *saber*. Eles ainda estavam

brigados?

Gansey continuava de mau humor enquanto eles colocavam seus equipamentos de espeleologia e conferiam novamente suas lanternas. Blue havia adquirido um macacão usado de algum lugar e o simples esforço de não olhar para ela com ele estava lhe tirando a pouca concentração que ele conseguia juntar.

Não era assim que esse dia deveria ser, pensou Gansey. Não era para ele estar afogado entre compromissos da escola e tarefas do Congresso. Não deveria ser um dia de outono sombrio, úmido demais para a estação. Deveria ter sido um dia em que ele dormira o suficiente para *sentir* as coisas de maneira apropriada. O dia não deveria ser nenhuma das coisas que era, mas, em vez disso, era todas elas.

Não era para ser assim, ele pensou, enquanto desciam, nem a caverna deveria parecer assim. É claro que Glendower estava debaixo da terra — é claro que Gansey tinha conhecimento de que ele teria de ser *enterrado* —, mas, de alguma forma, ele imaginara o local mais aberto. Aquele era apenas um buraco no chão como tantos outros. As paredes de terra se pressionavam proximamente, escavadas e abertas com talhadeiras quando ficaram estreitas demais para

receber um caixão. Uma toca de coelho, cada vez mais funda.

O cenário não era como lhe parecera em sua visão, quando Gansey estivera dentro da árvore divinatória de Cabeswater. Mas talvez aquilo não tenha sido a verdade.

Ali estava a verdade. Eles estavam olhando bem para ela.

— Pare com isso, Lynch — disse Adam. Ele estava no fim da fila; Ronan estava bem na frente dele.

— Parar com o quê?

— Ah, fala sério.

Ronan não respondeu, e eles continuaram caminhando. Avançaram apenas mais alguns metros, quando Adam disse: — *Ronan*, por favor!

Eles pararam aos trancos, lentamente. Adam havia parado, e então deu um puxão em Ronan para parar, o que parou Blue e então, finalmente, Gansey. Motosserra saiu voando, as asas passando rente às paredes apertadas da caverna. Em seguida voltou a descansar sobre o ombro de Ronan, a cabeça inclinada para baixo, desconfiada. Ela limpou freneticamente o bico na camiseta dele.

— *O quê*? — demandou Ronan, estalando o polegar na direção do corvo.

— Pare de cantar — disse Adam.

— Não estou fazendo nada.

Adam pressionava os dedos contra um dos ouvidos.

— Agora eu sei... Eu sei que não é você.

— Você *acha*?

— Não — disse Adam, a voz fina. — Eu sei que não é você porque estou ouvindo a canção com o meu ouvido surdo.

Um pequeno calafrio percorreu a pele de Gansey.

— O que ela está dizendo? — perguntou Blue.

O bico de Motosserra se entreabriu. Em uma vozinha de canto, completamente diferente de sua voz de corvo tosca, ela cantou: — Todas as donzelas jovens e lindas, ouçam seus pais...

— Pare com isso — gritou Ronan. Não para Motosserra, mas para a caverna.

Mas aquilo não era Cabeswater, e o que quer que fosse não estava atendendo Ronan Lynch.

Motosserra continuou cantando — um feito tornado ainda mais terrível porque ela nunca fechava o bico. Era como se fosse a porta-voz de alguma canção dentro dela.

— Os homens de toda esta terra, eles ouviam seus pais...

Ronan gritou de novo:

— Quem quer que seja, pare com isso! Ela é *minha*.

Motosserra caiu na risada.

Um riso agudo, dissimulado, tão cantado quanto a canção.

— Meu Deus — disse Gansey, para esconder o ruído de cada pelo de seu corpo se eriçando e ambos os testículos se recolhendo.

— Motosserra — disparou Ronan.

A atenção do pássaro se voltou imediatamente para ele. Motosserra examinou Ronan, a cabeça inclinada. Havia algo de estranho e intenso a respeito dela. Ela crescera em tamanho, as penas cobertas de tinta estufadas em torno da garganta, o bico selvagem e expressivo. Naquele instante, era impossível esquecer que ela era uma criatura de sonho, não um corvo de verdade, e que os mecanismos de sua mente continham o mesmo material misterioso de Ronan Lynch, ou de Cabeswater. Por um segundo pavoroso, rápido demais para Gansey dizer qualquer coisa, ele achou que ela estava prestes a atacar Ronan com seu bico feroz.

Mas ela só estalou o bico e então levantou voo pela passagem à frente deles.

— Motosserra! — chamou Ronan, mas ela desapareceu no escuro. — *Droga*. Me desamarra.

— Não — Adam e Blue disseram ao mesmo tempo.

— Não — concordou Gansey, mais firme. — Não sei nem se devemos seguir em frente. Não estou interessado em alimentar uma caverna com nossos corpos.

A deserção de Motosserra pareceu equivocada, também. Virada de lado, de alguma forma, ou de dentro para fora. Tudo parecia *imprevisível* — o que em si parecia estranho, porque só podia significar que tudo até aquele momento fora previsível. Não: inevitável.

Agora parecia que qualquer coisa podia acontecer.

O olhar de Ronan ainda estava concentrado mais adiante na passagem escura, seus olhos procurando Motosserra e não a encontrando. Ele desdenhou: — Você pode ficar se está se borrando de medo.

Gansey conhecia Ronan bem demais para deixar a farpa doer.

— Não é por mim que estou com medo, Lynch. Volta.

— Acho que ela só está tentando nos assustar — apontou Blue, de maneira bastante sensata. — Se ela quisesse realmente nos machucar, já teria feito isso.

Ele pensou no bico de Motosserra, pairando muito próximo do olho de Ronan.

— Adam? — Gansey chamou em direção ao fim da fila. — Veredito?

Adam ficou quieto enquanto ponderava as opções. Seu rosto parecia estranho e delicado na luz nítida do facho que saía da lanterna de cabeça de Gansey. Rapidamente e sem explicação, ele estendeu o braço para tocar a parede da caverna. Embora *não* fosse uma criatura de sonho, agora ele era um dos objetos de Cabeswater, e era difícil não ver isso na maneira como seus dedos corriam a parede como uma aranha e na escuridão de seus olhos perdidos no meio do nada.

— Ele também está... — disse Blue.

Possuído.

Nenhum deles queria dizer a palavra.

Ronan levou um dedo aos lábios.

Adam parecia *ouvir* as paredes — *quem é essa pessoa, ele ainda é seu amigo, o que ele deu a Cabeswater, o que ele se tornou, por que o terror aumenta com tamanha facilidade quanto mais longe do sol* — e então ele disse, cautelosamente: — Voto para seguirmos em frente. Acho que o medo é um efeito colateral, não a intenção. Acho que Cabeswater queria nos atrair para dentro.

Então eles entraram.

Sempre para baixo, cada vez mais, um caminho mais tortuoso do que a caverna em Cabeswater.

Aquela passagem havia sido claramente gasta pela água, enquanto esta parecia artificial, escavada em vez de formada. À frente deles, Motosserra grasnava. Era um ruído estranho, diurno, para ouvir da escuridão à frente.

— Motosserra? — chamou Ronan, a voz dura.

— *Cráá!* — veio a resposta, não muito distante dali. Esse era o nome especial do pássaro para Ronan.

— Graças a Deus — disse Blue.

Gansey, à frente, a viu primeiro, agarrando-se a um beiral na parede de rocha, arranhando com um pé e batendo um pouco as asas para manter sua posição. Ela não voou quando ele se aproximou e, quando ele estendeu o braço para ela, Motosserra voou na direção dele, pousando pesadamente. Ela não parecia desgastada por sua possessão. Ele disse de lado: — Aqui está o seu pássaro, Lynch.

— E lá está a sua tumba, Gansey — disse Ronan com uma voz esquisita.

Ele estava olhando para além do amigo.

Gansey se virou. Eles estavam parados junto a uma porta de pedra. Poderia ser uma porta para muitas coisas, mas não era. Era a porta entalhada de uma tumba — um cavaleiro de pedra em uma armadura, com as mãos cruzadas sobre o peito. A cabeça repousava sobre dois corvos; os pés, em uma flor-de-

lis. Ele segurava um escudo. O escudo de Glendower, com três corvos.

Mas havia alguma coisa errada.

Não porque não era assim que Gansey havia imaginado que a tumba de Glendower fosse. Estava errado porque não deveria acontecer desta maneira, neste dia, quando seus olhos doíam de sono, e chovia fino na rua, e era uma caverna que eles haviam encontrado somente alguns dias atrás.

Era para ser uma pista, e então outra pista, e então outra pista.

Não era para ser trinta minutos de caminhada e a porta de uma tumba, simples assim.

Mas era.

— Não pode ser — disse Adam finalmente do fim da fila.

— Será que nós... simplesmente a empurramos para abrir? — perguntou Blue. Ela também parecia insegura. Não era assim que funcionava. Era a maneira como procuravam, não o achado em si.

— Estou achando isso esquisito — disse Gansey por fim. — Parece errado não ter um... ritual.

Empolgue-se.

Gansey se voltou para a porta da tumba enquanto os outros se aproximavam. Com o celular, tirou várias

fotos. Então, após uma pausa, digitou algumas notas de localização também.

— Por Deus, Gansey — disse Ronan, fazendo o amigo se sentir um pouco melhor consigo mesmo.

Cuidadosamente, ele tocou a linha em torno da efígie do cavaleiro. A pedra era fria, sólida, real; seus dedos saíram empoeirados. Aquilo estava realmente acontecendo.

— Não acho que ela esteja selada. Acho que está só encaixada. Uma alavanca, talvez?

Adam correu um dedo ao longo da borda.

— Não muito. Ela não está tão hermeticamente fechada.

Ele pensou nos três adormecidos, um que deveria ser despertado, um que deveria permanecer dormindo. Eles saberiam se aquele era o que deveria ficar intocado? Certamente — porque, se fosse responsabilidade de Maura não despertar esse adormecido, haveria sinais dela ali.

Mas ele não sabia. Não havia maneira de saber.

Tudo o que estava acontecendo naquele dia era marcado pela indecisão e pela incerteza.

Subitamente, a parede implodiu.

Enquanto a poeira rodopiava no ar e eles caíam para trás tossindo, Blue disse: — *Ronan Lynch!*

Ronan se reequilibrou no meio de uma nuvem que lentamente se dissipava; ele havia chutado a porta da tumba para dentro.

— Isso — ele disse em voz baixa, para ninguém em particular — foi por ter levado o meu pássaro.

— Ronan, não me diga que eu vou ter que colocar uma coleira em você, porque a minha vontade é essa — disse Gansey. Ronan imediatamente desdenhou, mas Gansey apontou para ele. — Estou falando sério. Esse problema não é só seu. Se isso é uma tumba, alguém foi enterrado aqui, e você vai respeitar essa pessoa. Não. Me faça. Pedir. De novo. Se qualquer um de nós achar que não vai conseguir se controlar daqui em diante, sugiro que a gente vá embora e volte outro dia. Ou então que esse alguém espere aqui.

Ronan fervia.

— Não, Lynch — disse Gansey. — Eu faço isso há sete anos, e essa é a primeira vez que vou ter que deixar um lugar em pior situação porque estive aqui. Não me faça desejar ter vindo sem você.

Essa declaração finalmente passou pelo aço do coração de Ronan, e ele baixou a cabeça.

Eles entraram.

Era como se estivessem caminhando de volta ao passado.

Todo o ambiente era entalhado e pintado. As cores não haviam sido esmaecidas pelo sol: azul-royal, roxo-amora, vermelho-sangue, vivo. Os entalhes estavam secionados em janelas ou arcadas, delimitados por lírios e corvos, colunas e pilares. Santos olhavam para baixo, vigilantes e suntuosos. Mártires atravessados por lanças e tiros, queimados e apaixonados. Cães de caça perseguiam lebres que perseguiam cães de caça novamente. Pendurados na parede, um par de luvas para esgrimir, um capacete e uma armadura peitoral.

Era demais.

— Jesus — suspirou Gansey. Ele estendeu os dedos para tocar a armadura e descobriu que não conseguia. Então puxou a mão de volta.

Ele não estava pronto para concluir a tarefa.

Ele estava pronto para concluir a tarefa.

No meio da tumba havia um caixão de pedra, na altura da cintura, os lados pesadamente entalhados. Uma efígie de pedra de Glendower se encontrava no topo dela, a cabeça com capacete apoiada sobre três corvos entalhados.

Você se lembra de ter salvado a minha vida?

— Vejam todos esses pássaros — disse Blue.

Ela passou a lanterna sobre as paredes e o caixão. Por toda parte, o facho encontrou penas. Asas

adornavam o caixão. Bicos arrancando frutas. Corvos lutando sobre escudos.

A luz pousou sobre o rosto de Adam. Seus olhos estavam estreitos e cautelosos. Ao lado dele, Ronan parecia estranhamente hostil, Motosserra agachada sobre seu ombro. Blue pegou o celular de Gansey do bolso dele e tirou fotos das paredes, do caixão, de Gansey.

Os olhos de Gansey foram arrastados de volta ao caixão. O caixão de Glendower.

Isso está realmente acontecendo?

Tudo estava de lado, espelhado, não exatamente como ele havia imaginado.

— O que estamos fazendo? — ele disse.

— Acho que, se unirmos forças, conseguimos alavancar a tampa — respondeu Adam.

Mas não era isso que Gansey queria dizer. Ele queria dizer: *O que estamos fazendo? Logo nós?*

Com uma risadinha sem graça, Blue disse:

— Minhas mãos estão suadas.

Eles ficaram ombro a ombro. Gansey fez a contagem regressiva, um três-dois-um ofegante, e então eles fizeram força. Sem sucesso. Parecia que tentavam mexer a própria caverna.

— Ela não está nem balançando — disse Gansey.

— Vamos tentar do outro lado.

Quando eles passaram para o outro lado e tentaram levantar a tampa imóvel, os dedos mal conseguindo se firmar, Gansey pensou nos velhos contos de fadas. Imaginou que não era um peso comum segurando a tampa no lugar; em vez disso, era desmerecimento. Eles não haviam provado o valor deles, e assim o acesso a Glendower lhes era barrado.

Gansey se sentiu aliviado, de certo modo. Isso, pelo menos, parecia certo.

— Eles não tinham equipamentos para levantar coisas pesadas — disse Ronan.

— Mas podiam ter cordas e roldanas — observou Blue. — Ou mais pessoas. Vá um pouco para lá, não consigo colocar a outra mão aqui.

— Não sei se isso vai fazer diferença — disse Gansey, mas todos se aproximaram. O corpo de Blue esmagado no dele. O de Ronan no de Adam.

Houve um silêncio, quebrado apenas pela respiração de todos.

— Três, dois... — disse Blue, e eles levantaram a tampa juntos.

Ela saiu, subitamente sem peso. Então se deslocou e escorregou rapidamente para fora.

— Segurem! — disse Blue com a voz entrecortada. Então, quando Gansey avançou: — Não, espera, não!

Houve um ruído doentio, distorcido, enquanto a tampa caía do lado oposto do caixão, arranhando-o diagonalmente. Então ela tombou e repousou com um barulho mais baixo, mas mais destrutivo, como um punho quando acerta um osso.

— Quebrou — disse Adam.

Eles se aproximaram. Um pano grosseiro escondia o interior do caixão.

Tem alguma coisa errada.

Subitamente, Gansey se sentiu mortalmente calmo. Aquele momento era tão oposto a como sua visão o retratara que sua ansiedade desapareceu. Em seu rastro não havia absolutamente nada. Ele puxou rapidamente o tecido.

Nenhum deles se moveu.

Em um primeiro momento, eles não compreenderam o que estavam olhando. A forma do corpo era estranha; Gansey não conseguia delineá-la.

— Ele está com o rosto para baixo? — sugeriu Blue, hesitantemente.

Porque é claro que a disposição era aquela, agora que Blue havia dito. Uma figura em um manto escuro, roxo ou vermelho, omoplatas apontando para fora. Uma massa de cabelo escuro, maior do que Gansey imaginara, mais escuro do que imaginara. As mãos estavam amarradas atrás das costas.

Amarradas?

Amarradas.

Uma inquietude se manifestou dentro de Gansey.

Errado. Errado, errado, errado.

Adam direcionou a lanterna sobre a extensão do caixão. O manto de Glendower estava deslocado, expondo pernas pálidas. Amarrado nos joelhos. Rosto para baixo, mãos amarradas, joelhos amarrados. Era assim que eles enterravam bruxas. Suicidas. Criminosos. Prisioneiros. A mão de Gansey pairou sobre o corpo, então ele a puxou. Não era a coragem que o deixara; era a certeza.

Não era assim que deveria ser.

Adam passou a luz da lanterna sobre o corpo novamente.

— Ah... — disse Blue, e então mudou de opinião.

O cabelo se mexeu.

— Jesus, Maria, *porra* — disse Ronan.

— Ratos? — sugeriu Adam, uma sugestão tão hedionda que tanto Blue quanto Gansey recuaram. Então o cabelo se mexeu de novo, e um ruído terrível foi emitido de dentro do caixão. Um grito?

Uma *risada*.

Os ombros estremeceram, mudando a posição do corpo no caixão, de maneira que a cabeça pudesse virar para vê-los. Quando Gansey viu o rosto de

relance, seu coração se acelerou e então parou. Ele se sentia aliviado e horrorizado.

Não era Glendower.

— É uma mulher — ele disse.



A mulher não esperou que eles a libertassem.

Ela se contorceu trêmula enquanto eles davam um salto para trás, e então caiu com estrondo no chão, mãos e pernas ainda amarradas. Ela caiu bem junto aos pés de Ronan e mordeu seus dedos com um riso selvagem.

Ele e Motosserra bateram asas para trás.

Blue trocou um olhar febril com Adam.

E agora a mulher estava cantando:

Rainhas e reis

Reis e rainhas
Lírio azul, azul lírio
Coroas e pássaros

Espadas e coisas
Lírio azul, azul lírio.

Ela interrompeu a canção com uma risada histérica que casava perfeitamente com aquela que havia saído de Motosserra anteriormente. Rolando sobre as costas, a fim de olhar direto para os traços enojados de Ronan, ela arrulhou: — Me solte, príncipe corvo.

— Meu Deus — ele disse —, o que você é?

Ela riu novamente.

— Ah! Meu salvador veio cavalgando em um corcel branco como leite e disse: bela dama, posso lhe trazer o que você quiser...

Ronan tinha uma expressão quase idêntica à que demonstrara quando eles buscaram Malory.

— Ela é louca.

Gansey disse, muito calmamente:

— Não toque nela.

Antes, quando eles acharam que fosse Glendower, Gansey parecera muito abalado, mas agora recuperara o autocontrole. O coração de Blue ainda batia forte por causa do susto que ela levara ao ver a tampa do caixão caindo e a mulher resvalando para fora. Não que ela quisesse que Gansey a comandasse, mas estava

aliviada que ele comandasse pelo menos aquele momento, enquanto ela convencia seu pulso a baixar.

Ele deu a volta em torno do caixão, para onde a mulher estava deitada.

Agora que ela estava com o rosto virado para cima, Blue podia ver que ela era jovem, uns vinte anos, talvez. O cabelo era enorme, preto e selvagem como um corvo, a pele pálida como a dos mortos. O manto era possivelmente a coisa mais incrível a respeito dela, porque ele era *real*. Não parecia uma fantasia medieval. Parecia uma peça de roupa real, porque *era* uma peça de roupa real.

Gansey se inclinou sobre ela e perguntou, com seu jeito educado e poderoso: — Quem é você?

— Um não era suficiente! — ela guinchou. — Eles mandaram outro! Quantos jovens há em minha câmara? Por favor, digam que são três, o número do divino. Você vai me desamarrar? É uma grosseria deixar uma mulher amarrada por mais que duas ou três ou sete gerações.

A voz de Gansey estava mais calma ainda, ou talvez estivesse inalterada, e parecia mais calma em comparação à sua cadência crescente.

— Foi você que possuiu o corvo do meu amigo?

Ela sorriu para ele e cantou:

— Todas as donzelas jovens e lindas, ouçam seus pais...

— Foi o que pensei — disse Gansey, endireitando-se e olhando de relance para os outros. — Não acho que seja uma boa ideia desamarrá-la.

— Ah! Você está com *medo?* — ela escarneceu. — Você ouviu que sou uma *bruxa*? Eu tenho três seios! E um rabo, e chifres! Sou uma gigante lá embaixo. Ah, eu também teria medo de mim, jovem cavaleiro. Eu poderia engravidá-lo! Corra! Corra!

— Vamos deixar ela aí — disse Ronan.

— Se abandonássemos pessoas em cavernas porque elas estão loucas, você ainda estaria lá em Cabeswater. Me passa a faca.

— Eu perdi — disse Ronan.

— Como você... Não importa.

— Eu tenho uma — disse Blue, se sentindo convencida e útil. Ela sacou seu canivete rosa enquanto os olhos pardos da mulher giravam para cima para segui-la. Blue estava com um pouco de medo que a mulher cantasse para ela, mas ela apenas sorriu, um sorriso largo e compreensivo.

— Achei que esses canivetes fossem proibidos — disse Gansey, ajoelhando-se ao lado da mulher. Ele parecia muito pouco perturbado agora, como se estivesse lidando calmamente com um animal

selvagem. Cortou as tiras em torno dos joelhos da mulher, mas deixou suas mãos amarradas.

— E são — Blue respondeu, sem desviar o olhar dos olhos da mulher, que ainda estava sorrindo, como se estivesse esperando que Blue não suportasse e desviasse o olhar. Mas Blue tinha experiência nisso, graças a Ronan. Então ela apenas fechou a cara de volta. Ela queria perguntar à mulher como ela falava inglês, quem ela era, se estava bem após permanecer em um caixão por tanto tempo, mas a mulher não parecia realmente do tipo que respondia a perguntas.

— Vou te ajudar a se levantar — Gansey disse à mulher —, mas, se você me morder, eu te coloco de volta naquele caixão, entendeu?

— Ah, seu galinho — disse a mulher. — Você me lembra o meu pai. O que é péssimo.

Ronan ainda estava encarando a mulher, horrorizado, então Blue correu para ajudar Gansey. A mulher era ao mesmo tempo mais quente e mais real do que Blue imaginara. Ela era muito alta; provavelmente havia comido o seu feijão. Enquanto Blue a levantava por um cotovelo, seu ninho enormemente vertical de cabelo negro fez cócegas no rosto de Blue, cheirando a terra e metal. Ela cantou uma pequena canção sobre presentes e reis e órgãos internos.

— Tudo bem, Gansey — disse Adam cautelosamente —, qual é o seu plano agora?

— Tirar ela daqui, obviamente — disse Gansey, virando-se para a mulher. — A não ser que prefira ficar.

Ela rolou a cabeça para trás e seu cabelo se comprimiu sobre o ombro de Gansey, o rosto a centímetros do dele.

— O sol ainda existe? — perguntou a mulher.

Gansey usou o cabelo dela para afastar a cabeça da mulher de seu ombro.

— Como algumas horas atrás.

— Então me leve! Me leve!

Adam apenas balançava a cabeça.

— Mal posso esperar — disse Ronan — para ouvir você explicar isso para o Malory.



As nuvens haviam desaparecido quando eles emergiram, substituídas por um céu tão brilhante, azul e crestado pelo vento que todos tiveram de baixar a cabeça contra os grãos de areia lançados no ar. O vento era tão feroz que lançou as mechas de cabelo de Blue dolorosamente contra suas faces. Um bando de gralhas

ou corvos voava alto, jogados e catapultados de um lado para o outro. Ronan segurava Motosserra contra o peito como se ela ainda fosse um corvo jovem, protegendo-a do vento.

Enquanto caminhavam de volta para a casa de Dittley, inclinando-se contra as rajadas, a chuva os salpicava intermitentemente do céu sem nuvens. Adam levou a mão ao rosto para secar a face, e Blue disse: — Adam, o seu rosto...

Ele afastou o dedo; a ponta estava vermelha. Blue estendeu a mão para coletar outra gota perdida. Vermelha.

— Sangue — disse Ronan, soando firme em vez de preocupado.

Blue estremeceu.

— De quem?

Gansey analisou um pingo vermelho sobre o ombro de sua jaqueta, os lábios entreabertos de espanto.

— Gansey — chamou Adam, apontando. — Olha.

Eles pararam no meio da grama castigada para observar o céu brilhante do dia. No horizonte, algo reluzia furiosamente, como o sol refletido em um avião distante. Blue protegeu os olhos e viu que o objeto tinha um rabo flamejante. Ela não conseguia

imaginar bem o que poderia ser, algo tão visível àquela hora clara do dia.

— Um acidente de avião? — perguntou.

— Um cometa — disse Ronan com certeza.

— Um *cometa*? — ecoou Adam.

Blue estava com mais medo agora do que quando eles haviam corrido perigo de verdade na caverna. O que eles estavam *fazendo*?

— Começou! — a mulher gritou. — Começou de novo! Girando e girando e girando!

Ela rodava no campo, as mãos ainda amarradas atrás das costas. À luz do sol, a beleza régia da mulher era mais evidente. Ela tinha o nariz relativamente grande com um formato adorável, faces e testa pronunciadas, sobrancelhas escuras esquisitas e, é claro, aquele cabelo impossivelmente avolumado se enredando acima de seu corpo esguio. O manto roxo-avermelhado era como uma mancha de tinta no campo.

Gansey observou o corpo celestial queimar um rastro lento através do azul do céu. Ele disse: — Sinais e presságios. Um cometa foi visto em 1402, quando Glendower estava começando sua ascensão.

— Ha! — gritou a mulher. — Ascensão, ascensão, ascensão! Haverá sangue suficiente para beber então, sangue suficiente para ser bebido por todos!

A última parte se tornara uma canção mais uma vez.

Adam agarrou o ombro da mulher, parando-a de girar. Ela afastou o corpo como uma dançarina bêbada e depois o mirou com um olhar selvagem.

— Você — ela disse — é de quem eu menos gosto. Você me lembra um homem e um cão de que eu nunca gostei.

— Registrado — ele respondeu. — Temos direito a um favor? Por termos te despertado?

É claro, pensou Blue estupidamente. *É claro que devíamos ter pensado em perguntar isso imediatamente.* Todos os adormecidos supostamente concediam um favor nas lendas, não apenas Glendower. Parecia impossível que isso não tivesse ocorrido a nenhum deles, mas tudo que parecia óbvio na teoria era confuso, ruidoso e assustador na prática.

A mulher guinchou como os corvos acima, e então guinchou de novo, e então Blue percebeu que era uma risada.

— Um favor! Por me despertarem? Pequeno vira-lata, eu nunca *dormi*.

Adam a encarou friamente, sem se mexer. Ele deixara uma única palavra — *vira-lata* — abrir caminho, cortando até a espinha.

Gansey se intrometeu, temivelmente educado.

— Nós fomos absolutamente generosos com você. O nome dele é Adam Parrish, e é assim que você deve chamá-lo.

Ela fez uma mesura exagerada para Gansey, tropeçando até se ajoelhar com as mãos ainda amarradas.

— Perdoe-me — ela zombou —, *meu amo*.

Ele apertou os lábios, desconsiderando o gesto.

— Como assim, você não dormiu?

— Vá dormir, minha filhinha — disse a mulher docemente. — Sonhe com a guerra. Só que eu não dormi. Não consegui. Sempre fui agitada! — Ela fez uma pose dramática, as pernas abertas para se equilibrar. Uma gota de sangue lhe salpicara a face como uma lágrima. Em uma voz aguda, ela gritou: — Me ajudem! Me ajudem! Não estou dormindo! Voltem! Voltem! — E mais baixo: — Vocês ouviram algo? Apenas o som do meu sangue latejando em minha coragem! Vamos embora!

O lábio de Ronan se crispou.

Blue tinha certeza de que ouvira aquele som nos corredores de sua escola. Ela perguntou: — Você quer dizer que passou seiscentos anos acordada?

— Uns duzentos a mais ou a menos — ela cantarolou.

— Não é à toa que ela é maluca feito uma vaca — disse Ronan.

— Ronan — começou Gansey, mas não conseguiu pensar em uma boa reprimenda. — Vamos embora.

Dentro da casa, Jesse Dittley espiou a mulher. Ela era quase tão alta quanto ele.

— O QUE É ISSO?

— A sua maldição — respondeu Gansey.

Jesse pareceu hesitante e perguntou a ela:

— AGORA ME DIGA UMA COISA: VOCÊ JÁ FEZ AS MINHAS PAREDES CHORAREM?

— Apenas três ou cinco vezes — ela disse. — Será que foi o sangue do seu pai que me sufocou, calando a minha voz?

— VOCÊ MATOU O GATO DA MINHA ESPOSA?

— Aquilo — ela cantou — foi um acidente. Era o sangue do seu avô antes disso?

— TIREM ESSA MULHER DA MINHA CASA — disse Jesse. — POR FAVOR.

Enquanto os garotos carregavam a mulher para fora pelo outro lado da casa, Malory e o Cão correndo atrás dela, Blue ficou para trás. Ela ficou ao lado de Jesse enquanto ele abria uma cortina surrada para observar os garotos persuadindo a mulher a entrar no Suburban. Blue viu de relance quando ela deu uma mordida no Cão.

Ela se sentiu um pouco mais aliviada agora que não estava mais parada bem ao lado da mulher, embora não conseguisse parar de ver o bico de Motosserra sinistramente aberto em uma canção falsa, ou esquecer o salto que deu seu coração quando o corpo se moveu pela primeira vez dentro do caixão. Esse encanto tortuoso não parecia em nada com a magia orgânica de Cabeswater.

— ELA NÃO É TUDO QUE TEM ALI.

— Ela ficou acordada por centenas de anos. De alguma forma, quando um Dittley morreu na caverna, isso a deve ter calado por algum tempo. Mas nós estamos com ela agora. Ela era a maldição. Você não precisa mais entrar na caverna e morrer — disse Blue.

Jesse deixou a cortina cair de volta no lugar.

— VOCÊ ACREDITA QUE DÁ PARA SE LIVRAR DE UMA MALDIÇÃO TÃO FÁCIL ASSIM?

— Talvez. É bem capaz! Ela ficou ali por muito tempo — disse Blue. — Por tanto tempo quanto os Dittleys que moraram aqui. Você ouviu ela dizer que fez aquelas coisas.

— MAS O QUE VOCÊS VÃO FAZER COM ELA?

— Não sei. Alguma coisa. — Ela deu um tapinha no braço dele. — Você devia ligar para sua esposa, ou seu cão.

Jesse coçou o peito.

— VOCÊ REALMENTE É UMA FORMIGA DE UM TIPO MUITO BOM.

Eles deram um aperto de mãos.

Blue o viu olhando para fora da janela quando eles partiram.



Eles levaram a mulher para a Rua Fox, 300, é claro, onde encontraram uma Calla extremamente pouco impressionada, e uma Jimi bastante alarmada, e uma Orla fascinada. Persephone deu uma olhada na mulher, anuiu firmemente, e então desapareceu escada acima. Malory bebia seu chá forte na sala de leitura. Adam e Ronan se deixavam ficar furtivamente no corredor, ouvindo a conversa, covardes demais para enfrentar a ira de Calla.

E Calla estava realmente em grande forma. Ela latiu:

— Lembra que eu disse que havia três adormecidos, e o trabalho da Maura era não despertar um deles, e o seu era despertar um dos outros? Lembra que eu não disse nada sobre o outro? *Eu não quis dizer que era para trazê-la para a minha cozinha.*

Blue sentiu ao mesmo tempo alívio e incômodo. No primeiro caso, porque estivera preocupada que a mulher pudesse ser a adormecida que não deveria ser desperta. No segundo, porque eles estavam encrencados.

— Para onde mais a gente ia levar essa mulher? Minha mãe teria dito para trazê-la aqui — Blue argumentou.

— A sua mãe não tem bom senso! Não somos um albergue. — Calla foi até a mulher, que olhava em torno da cozinha com um misto de espanto e insanidade régia. — Qual é o seu nome?

— Meu nome é o de todas as mulheres — respondeu a mulher. — Tristeza.

Uma das sobrancelhas de Calla considerou momentaneamente socar a mulher. Ela disse: — Por que vocês simplesmente não a deixaram lá?

Do corredor, Ronan lançou um olhar superior para Gansey.

— Escuta, eu compreendo que ela não possa ficar aqui — disse Gansey. — Mas está claro que ela é mais parecida com você do que...

A expressão de Calla se tornou vulcânica.

— Do que o quê, senhor? Do que com *você*, Richard Gansey? Era isso que você ia dizer? Você acha que ela vai lançar a maluquice dela sobre vocês,

mas nós somos imunes? Bom, você vai se surpreender, mocinho.

Gansey piscou rapidamente.

Um sorriso lento se espalhou no rosto da mulher.

— Ele não está errado, bruxa.

Lava se derramou das pálpebras de Calla.

— Do *que* você acabou de me chamar?

A mulher riu e cantou:

— Lírio azul, azul lírio, você e eu.

Blue e Calla fizeram cara feia diante das palavras sinistramente familiares. Aquela mulher devia ter possuído Noah, do mesmo jeito que fez com Motosserra. Blue desejou que aquela habilidade não se estendesse além de pássaros de sonho e garotos mortos.

— Não é tarde demais para levar a mulher de volta — disse Ronan.

— VOCÊS DOIS — rugiu Calla, e tanto Adam quanto Ronan se encolheram. — Vão até o mercado e peguem provisões para ela.

Adam e Ronan trocaram um olhar espantado. O olhar de Adam dizia: *O que isso quer dizer?* E o de Ronan dizia: *Não importa, vamos cair fora daqui antes que ela mude de ideia.* Gansey franziu o cenho às suas costas enquanto eles saíam apressados pela porta da frente.

Então Persephone reapareceu, segurando o blusão com mangas que não combinavam. Ela analisou a mulher, e teria parecido rude se não tivesse sido Persephone. A mulher a analisou de volta, com bem mais partes brancas dos olhos à mostra.

Finalmente, Persephone parecia satisfeita. Ela ofereceu o blusão: — Fiz isso para você. Experimente... Ah! Por que ainda não a desamarraram?

— Nós achamos que ela poderia ser... perigosa? — respondeu Gansey sem jeito.

Persephone inclinou a cabeça para ele.

— E você achou que amarrar as mãos dela mudaria alguma coisa?

— Eu... — Ele se virou para Blue em busca de ajuda.

— Ela não é uma testemunha que gosta de cooperar — sugeriu Blue.

— Não é assim que tratamos os convidados — disse Persephone, ralhando ligeiramente.

— *Eu* não fazia ideia de que ela era uma convidada — retrucou Calla.

— Bem, *eu* a estava esperando — disse Persephone. E fez uma pausa. — Eu acho. Vamos ver se o blusão serve.

— Você deveria me desamarrar, pequeno lírio — disse a mulher para Blue. — Com a sua faquinha de lírio. Seria muito adequado e circular.

— Por que seria adequado e circular? — perguntou Blue cautelosamente.

— Porque foi o seu pai que me amarrou da primeira vez. Ah, *homens*.

Blue estava abruptamente desperta. Ela estivera desperta antes, mas agora estava tanto mais do que quando estivera um segundo antes, quando sentia como se estivesse dormindo.

Seu pai.

A mulher estava subitamente em seu rosto, as mãos ainda amarradas atrás das costas.

— Ah, sim. *Punição adequada*, ele disse. Artemusssssssss. — Ela riu diante dos rostos chocados na sala. — Ah, as coisas que eu sei! Vejam a maneira como ela brilha, dentro de um círculo d'água, dentro de um fosso, sobre um lago, tudo em um círculo d'água!

Mais para o começo daquele ano, quando Blue encontrara os garotos pela primeira vez, houvera um momento em que se sentira subitamente alarmada com a maneira como estava sendo atraída para a vida confusa deles. Agora ela havia se dado conta de que nunca havia sido *atraída* para isso. Ela sempre

estivera ali, com aquela mulher e com todas as outras mulheres na Rua Fox, talvez até com Malory e seu Cão. Eles não estavam criando confusão. Apenas iluminavam a forma dela.

Com o cenho franzido, Blue sacou o canivete. Com cuidado para não se cortar ou ferir a pele branca e pálida da mulher, partiu as faixas gastas em seus punhos.

— Tudo bem, comece a falar.

A mulher estendeu os braços para cima e para fora, o rosto extasiado. Ela girou e girou, derrubando copos da mesa e acertando as mãos na complicada luminária pendurada sobre a mesa da cozinha. Tropeçou sobre sapatos e continuou em frente, rindo cada vez mais, cada vez mais histérica.

Quando parou, seus olhos pareciam elétricos e perturbados.

— Meu nome — ela disse — é Gwenllian.

— Ah — disse Gansey, baixinho.

— Sim, pequeno cavaleiro, achei que você sabia.

— Sabia o quê? — perguntou Calla, desconfiada.

Gansey tinha uma expressão perturbada.

— Você é a filha de Owen Glendower.



— Eu nem sei o que pegar. Ração? — perguntou Ronan.

Adam não respondeu. Eles estavam em uma loja grande e reluzente, olhando artigos de higiene. Ele pegou um frasco de xampu e o colocou de volta. Sua roupa ainda estava salpicada de sangue do chuvisco apocalíptico e sua alma ainda doía do comentário do vira-lata. Gwenllian — Gansey tinha enviado a identidade dela por uma mensagem de celular para Ronan — estivera em uma caverna por seiscentos anos e havia percebido quem ele era imediatamente. Como?

Ronan pegou um frasco de xampu e jogou no carrinho que Adam empurrava.

— Aquele ali custa catorze dólares — disse Adam. Ele achava impossível desligar a parte do seu cérebro que somava compras no supermercado. Talvez

fosse isso que Gwenllian pôde ver em seu cenho franzido.

O outro garoto nem se virou.

— O que mais? Coleira contra pulgas?

— Você já fez uma piada de cachorro. Com a "ração".

— Fiz mesmo, Parrish.

Ronan continuou pelo corredor, ombros endireitados, queixo empinado arrogantemente. Não parecia que estava fazendo compras. Parecia que estava cometendo um furto. Ele jogou algumas pastas de dente no cesto.

— Qual escova de dentes? Essa parece rápida. — E a jogou com força sobre as outras mercadorias.

A descoberta de Gwenllian fazia coisas esquisitas com o cérebro de Adam. A descrença não deveria ter sido uma opção depois de todas as coisas que haviam acontecido com a linha ley e Cabeswater, mas Adam percebeu que ele não havia acreditado verdadeiramente que Glendower ainda pudesse estar dormindo sob uma montanha em algum lugar. E, no entanto, ali estava Gwenllian, enterrada da mesma maneira lendária. Seu último ceticismo havia sido tomado dele.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Adam.

— Pegar uma casinha de cachorro. Droga, você está certo. Eu realmente não consigo pensar em outra piada.

— Eu quis dizer agora que encontramos Gwenllian.

Ronan fez um ruído que indicava que ele não achava essa linha de pensamento interessante.

— Vamos fazer o que estávamos fazendo antes. Ela não importa.

— Tudo importa — respondeu Adam, relembrando suas sessões com Persephone. E pensou em acrescentar desodorante às compras do carrinho, mas não tinha certeza se havia algum sentido pegar um para alguém que havia nascido antes de ele ter sido inventado.

— O Gansey quer Glendower. Ela não é Glendower. — Ronan começou a dizer algo, mas parou. Ele lançou um pote de creme de barbear no carrinho, mas nenhuma lâmina. Era possível que fosse para ele, não para Gwenllian. — Não tenho certeza se não devemos parar enquanto estamos na vantagem, de qualquer maneira. Nós temos Cabeswater. Por que precisamos de Glendower?

Adam pensou na visão de Gansey morrendo no chão e disse: — Eu quero o favor.

Ronan parou tão abruptamente no meio do corredor que Adam quase bateu o carrinho atrás dele. Os seis itens no fundo escorregaram para frente.

— Fala sério, Parrish. Você ainda acha que precisa disso?

— Eu não questiono as coisas que moti...

— Blá-blá-blá. Está certo, eu sei. Ei, olha aquilo — disse Ronan.

Os dois observaram uma mulher bonita parada na seção de produtos de jardinagem, sendo atendida por três funcionários da loja. Seu carrinho estava cheio de lonas, aparadores de cercas e várias coisas que poderiam facilmente ser transformadas em armas. Os homens seguravam pás e mastros que não cabiam no carrinho. Eles pareciam muito ansiosos em ajudar.

Era Piper Greenmantle. Adam disse secamente:

— Ela não me parece o seu tipo.

Ronan sibilou:

— É a mulher do Greenmantle.

— Como *você* sabe?

— Ah, por favor. Era *nisso* que a gente devia pensar. Você já o investigou?

— Não — disse Adam, mas era mentira. Era difícil para ele ignorar uma questão uma vez que ela fosse levantada, e Greenmantle era uma questão mais grave que a maioria. Então ele admitiu: — Um pouco.

— Um monte — traduziu Ronan, e ele estava certo, porque, estranhamente, Ronan sabia bastante sobre como Adam funcionava. Era possível que Adam soubesse disso o tempo todo, mas optara por se considerar impenetrável — particularmente suas partes mais indesejáveis.

Com um último olhar de relance para a Greenmantle mais loira, eles foram para a fila do caixa. Ronan passou o cartão sem nem olhar para o total — *um dia, um dia, um dia* — e então eles voltaram para a tarde ensolarada. No meio-fio, Adam percebeu que ainda estava empurrando o carrinho com a única sacola aninhada no canto. Ele se perguntou se eles deviam ter pegado mais coisas, mas não conseguia imaginar o quê.

Ronan apontou para o carrinho.

— Entra aí.

— O quê?

Ele apenas continuou apontando.

— Dá um tempo. Isso aqui é um estacionamento público — disse Adam.

— Não dificulte as coisas, Parrish.

Enquanto uma senhora idosa passava por eles, Adam suspirou e subiu no carrinho de supermercado. Ele encolheu os joelhos para caber lá dentro, sabendo

perfeitamente que aquilo provavelmente terminaria mal.

Ronan agarrou a barra com a concentração caprichosa de um piloto de moto e mirou a linha entre eles e o BMW parado no canto distante do estacionamento.

— Qual você acha que é a inclinação desse estacionamento?

— Ah, não sei. Dez graus? — Adam segurou as laterais do carrinho e então pensou melhor. Era melhor se segurar direito.

Com um sorriso selvagem, Ronan empurrou o carrinho para fora do meio-fio e arrancou na direção do BMW. Enquanto eles ganhavam velocidade, Ronan gritou um palavrão feliz e terrível, e então saltou para dentro dos fundos do carrinho. Enquanto eles voavam em direção ao BMW, Adam percebeu que Ronan, como sempre, não tinha intenção de parar antes que algo ruim acontecesse. Ele colocou a mão sobre o nariz bem quando eles viram a lateral do BMW. O carrinho sem assento balançou uma vez, duas, e então virou catastroficamente de lado. Continuou escorregando, os garotos escorregando com ele.

Os três pararam.

— Ah, meu Deus — disse Adam, tocando o ralado no cotovelo. Não estava tão mal assim, de

verdade. — Meu Deus. Posso sentir meus dentes.

Ronan estava deitado de costas a alguns metros dali. Uma caixa de pasta de dente repousava sobre seu peito e o carrinho jazia virado a seu lado. Ele parecia profundamente feliz.

— Você devia me contar o que descobriu sobre o Greenmantle — disse Ronan —, para que eu possa começar a sonhar.

Adam se levantou antes que fosse atropelado.

— Quando?

Ronan abriu um largo sorriso.



— Essa casa é adorável. Tantas paredes. Tantas, tantas paredes — disse Malory enquanto Blue entrava na sala de estar um pouco depois. As almofadas no sofá o consumiram, agradecidas. O Cão estava deitado obstinadamente no chão ao lado do sofá, cruzando as patas com um olhar crítico para o que via à sua volta.

Atrás da porta fechada da sala de leitura, o murmúrio da voz de Gansey cresceu brevemente antes de ser enterrado pelo de Calla. Eles estavam discutindo com Persephone, ou falando enquanto ela estava na mesma sala que eles. Era difícil dizer a diferença.

— Obrigada — disse Blue.

— Onde está aquela mulher maluca?

Blue tinha acabado de tirar todas as coisas de Neeve do colchão no sótão para que Gwenllian pudesse ficar lá. Suas mãos ainda cheiravam às ervas

que Neeve usara para sua divinação e às que Jimi usara para tentar subjugar aquelas que Neeve usara para sua divinação.

— Acho que ela está lá em cima, no sótão. Você realmente acha que ela é filha de Glendower?

— Não vejo razão para não acreditar — disse Malory. — Ela está com um traje que parece da época. Não é fácil assimilar tudo isso. É uma pena que não se possa publicar sobre isso em um trabalho acadêmico. Bem, suponho que se possa, se a pessoa quiser acabar definitivamente com a própria carreira.

— Eu só gostaria que ela fosse mais direta — disse Blue. — Ela diz que foi meu pai que a amarrou e a colocou para dormir, mas ela mesma disse que nunca dormiu. Isso é impossível, não é? Como você pode estar simplesmente vivo e acordado durante seiscentos anos?

O Cão olhou para Blue de soslaio, um olhar que indicava que era assim que ele acreditava que Gwenllian havia ficado daquele jeito.

— Parece provável que também tenha sido esse Artemus quem colocou Glendower para dormir — observou Malory. — Não quero ser grosseiro, mas a ideia de que ele é seu pai torna a coisa mais improvável ainda.

— Mais ainda — ecoou Blue. Ela não tinha envolvimento emocional com qualquer uma das possibilidades: seu pai sempre fora um estranho para ela, e, se no fim das contas ele era ou não uma pessoa maluca de seiscentos anos, isso não mudava nada. Era interessante que Gwenllian tivesse sido amarrada e colocada para dormir por alguém chamado Artemus, e interessante que esse Artemus aparentemente se parecesse muito com Blue, e interessante que Maura dissesse também que o pai de Blue se chamava Artemus, mas *interessante* não ia fazer com que Maura fosse encontrada.

— No entanto, quando se pensa naquela tapeçaria — disse Malory.

A velha tapeçaria do celeiro inundado. Blue a via novamente: seus três rostos, suas mãos vermelhas.

— O que se pode pensar dela?

— Não se sabe... Ela vai ficar aqui? — perguntou Malory.

— Acho que sim. Por enquanto. Ela provavelmente vai matar todas nós quando estivermos dormindo, não importa o que a Persephone diga.

— Acho que é uma atitude inteligente que ela permaneça aqui — disse Malory. — Ela pertence a este lugar.

Blue piscou para ele. Embora o professor excêntrico tivesse se tornado mais simpático aos olhos de Blue desde que ela o encontrara pela primeira vez, ela certamente não o consideraria o tipo capaz de compreender as outras pessoas o suficiente para oferecer uma reflexão interpessoal.

— Você gostaria de saber que serviço o Cão faz? — ele perguntou.

Isso não parecia ter nenhuma ligação com a sua declaração anterior, mas a curiosidade de Blue a devorava. Ela se conteve e respondeu:

— Ah... Não quero que você se sinta desconfortável.

— Eu me sinto desconfortável o tempo inteiro, Jane — disse Malory. — É para isso que o Cão serve. O Cão é um cão psiquiatra. Ele é treinado para sentir se estou ansioso, e faz algo para melhorar a situação. Como sentar ao meu lado, ou deitar em meu peito, ou colocar minha mão em sua boca.

— Você é muito ansioso?

— É uma palavra terrível, *ansioso*. Nos faz pensar em mãos inquietas, histeria e camisas de força. É mais que eu simplesmente não gosto de pessoas, porque as pessoas... nossa, eles estão discutindo para valer mesmo, não estão?

Isso era porque Calla gritara havia pouco na outra sala:

— NÃO ME VENHA COM ESSE OLHAR VAZIO DE ESTUDANTE ALMOFADINHA.

Blue se sentira satisfeita anteriormente por não estar envolvida na discussão séria na sala de leitura, mas agora estava reconsiderando a questão.

Malory continuou:

— Fui colocado em contato com o Cão diretamente antes desta viagem, e devo dizer que não imaginava que seria tão desafiador viajar com um canino. Não apenas foi um desafio encontrar um lugar para o Cão se aliviar, como ele ficou constantemente tentando deitar no meu peito enquanto eu estava parado naquela fila de segurança pavorosa.

O Cão não parecia arrependido.

— Não é a parte de fora das pessoas que me incomoda, mas a de dentro. Desde criança sou capaz de ver auras, ou como queira chamar. A personalidade. E se a pessoa...

— Espera, você disse que pode ver *auras*?

— Jane, eu não esperava que justo você fosse me julgar...

Blue estava bem familiarizada com a ideia de auras — campos de energia que cercavam todos os objetos vivos. Orla passara por um período na

adolescência em que contava a todas as pessoas o que suas auras diziam a respeito delas. Ela havia contado a Blue que sua aura dizia que ela era baixinha. Ela fora uma adolescente bem difícil.

— Eu não estava julgando! — ela assegurou a Malory. — Estava esclarecendo. Isso tem a ver com o Cão porque...?

— Porque, quando as pessoas estão próximas demais de mim, a aura delas me toca, e, se auras demais me tocam, isso me confunde e faz com que eu fique como os médicos idiotamente chamam de ansioso. Médicos! Idiotas. Não sei se o Gansey já lhe contou que a minha mãe foi assassinada pelo sistema de saúde britânico...

— Ah, sim — Blue mentiu rapidamente. Ela estava muito mais interessada em ouvir como Malory via auras, o que estava firmemente em seu círculo de interesses, e muito menos interessada em ouvir sobre mortes de mães, o que estava decididamente fora de seu círculo de interesses.

— É uma história chocante — disse Malory, com alguma satisfação. Então, por causa do rosto ou da estatura de Blue, ele lhe contou a história. E terminou com: — E pude ver a aura dela lentamente desaparecer. Então é por isso que eu sei que Gwenllian pertence a um lugar como este.

Blue arrastou uma expressão de volta ao rosto.

— Espera. O quê? Perdi algo aqui.

— A aura dela é como a sua: é *azul* — ele disse. — A aura de uma vidente!

— É mesmo? — Ela ficaria extremamente irritada se fosse por isso que tivesse recebido seu nome; seria como chamar um cachorrinho de Peludo.

— Essa cor de aura pertence àqueles que conseguem romper o véu!

Ela decidiu que contar a ele que ela não conseguia, na realidade, romper o véu só prolongaria a conversa.

— É por isso que eu fui originariamente atraído para Gansey — continuou Malory. — Apesar de sua personalidade mercurial, ele tem uma aura muito agradável e neutra. Não sinto que esteja com outra pessoa quando estou com ele. Ele não toma nada de mim. Está um pouco mais ruidoso agora, mas não muito.

Blue tinha uma compreensão muito limitada do que significava "mercurial", e era bem difícil tentar aplicar a Gansey essa compreensão limitada. Ela perguntou:

— Como ele era naquela época?

— Foram dias gloriosos — respondeu Malory. Então, após uma pausa, acrescentou: — Exceto quando não foram. Ele era menor naquela época.

A maneira como ele disse “menor” fez parecer que não estava falando de altura, e Blue achou que entendia o que ele queria dizer.

— Ele ainda estava tentando provar que não tinha tido nenhuma alucinação. Ainda estava bastante obcecado com o evento em si. Mas parece ter se desvencilhado disso, o que é bom para ele.

— O evento... as picadas? A morte, você quer dizer?

— Sim, Jane, a morte. Ele não pensava em outra coisa. Estava sempre desenhando abelhas, marimbondos e coisas do tipo. Tinha pesadelos em que gritava... Ele precisou arrumar um lugar só para ele, porque eu não conseguia dormir com isso, como você pode muito bem imaginar. Às vezes esses acessos aconteciam durante o dia também. Nós estávamos dando uma volta em alguma trilha em Leicestershire e no momento seguinte ele estava no chão, arranhando o rosto como um paciente psiquiátrico. Então eu o deixava, e ele seguia seu curso e ficava bem, como se nada tivesse acontecido.

— Que terrível — sussurrou Blue, imaginando aquele sorriso fácil que Gansey aprendera a lançar sobre seu rosto verdadeiro. Envergonhada, ela lembrou que se perguntara um dia o que teria feito um garoto como ele, um garoto que tinha tudo, aprender

uma habilidade dessas. Que injusta fora ao presumir que amor e dinheiro tornariam impossível sentir a dor e a dureza da vida. Ela pensou na discussão deles no carro na noite anterior com alguma culpa.

Malory não pareceu ouvi-la.

— Mas que pesquisador. Que faro aguçado para mistérios. Você não treina uma coisa assim! Você já nasce com essa capacidade.

Blue ouviu a voz de Gansey na caverna, rouca e repleta de medo: *Marimbondos*.

Ela tremeu.

— É claro, um dia ele simplesmente partiu — Malory pensou alto.

— O quê? — Blue se concentrou de repente.

— Eu não devia ter me surpreendido — disse o professor com tranquilidade. — Eu sabia que ele era um grande viajante. Mas achava que não tínhamos realmente terminado nossas pesquisas. Nós tivemos um breve desentendimento e nos reconciliamos. Mas então, uma manhã, ele simplesmente partiu.

— Partiu como?

O Cão havia subido no peito de Malory e agora lambia o seu queixo. Malory não o afastou.

— Ah, partiu. Suas coisas, suas malas. Ele deixou muita coisa para trás, o que ele não precisava. Mas

nunca mais voltou. Passaram-se meses até ele me ligar novamente, como se nada tivesse acontecido.

Era difícil imaginar Gansey abandonando qualquer coisa desse jeito. Ele estava rodeado de coisas às quais se apegava ferozmente.

— Ele não deixou um bilhete nem nada?

— Simplesmente partiu — disse Malory. — Depois disso, a família dele me ligou algumas vezes, tentando descobrir para onde ele tinha ido.

— A *família* dele? — Ela sentia como se lhe estivessem contando uma história sobre uma pessoa diferente.

— Sim, eu contei a eles o que podia, é claro. Mas eu não sabia realmente. Primeiro foi o México, antes de ele chegar até mim, então a Islândia, eu acho, antes dos Estados Unidos. Duvido que eu saiba metade da história. Ele juntava as coisas dele e simplesmente partia, assim, fácil e rápido. E fez isso muitas vezes antes de ir para a Inglaterra, Jane, já era um hábito.

Antigas conversas lentamente se realinhavam na cabeça de Blue, assumindo novas tonalidades de significados. Ela se lembrou de uma noite carregada na encosta de uma montanha, olhando para Henrietta iluminada como um vilarejo de conto de fadas. *Lar*, ele havia dito, como se isso lhe causasse dor. Como se ele não conseguisse acreditar no que estava vendo.

Não era exatamente que a história que Malory lhe contara havia pouco não batesse com o Gansey que ela conhecia. Era mais que o Gansey que ela via era uma verdade parcial.

— Era covardia e estupidez — disse Gansey do vão da porta, apoiando-se no batente, mãos nos bolsos, como fazia frequentemente. — Não gosto de despedidas, então simplesmente me abstive, sem pensar nas consequências.

Blue e Malory o examinaram. Era impossível dizer há quanto tempo ele estava parado ali.

— Foi muito decente da sua parte — ele continuou — não ter me dito nada sobre isso. É mais do que eu merecia. Mas saiba que me arrependi, e muito.

— Bem — disse Malory, parecendo profundamente desconfortável. O Cão desviou o olhar. — Bem. Qual é o veredito sobre a sua mulher das cavernas?

Gansey colocou uma folha de hortelã na boca; era impossível não pensar na noite anterior, quando ele havia colocado uma na dela.

— Ela fica aqui, por enquanto. Não foi ideia minha, foi da Persephone. Ofereci ajeitar o primeiro andar da Monmouth. Talvez seja isso que vai acabar acontecendo.

— Quem é ela? — perguntou Blue, testando o nome: — Gwenllian. — Ela não estava dizendo direito; a pronúncia do *ll* não chegava nem perto da aparência.

— Glendower teve dez filhos com a esposa, Margaret. E pelo menos quatro... não com ela. — Gansey disse essa parte com desgosto; estava claro que ele não achava isso digno de seu herói. — Gwenllian é uma dos quatro descendentes ilegítimos que sabemos. É um nome patriótico. Houve duas outras Gwenllians famosas, ligadas à liberdade galesa.

Ele pensou em dizer algo mais, mas não disse. Sinal de que era algo desagradável ou feio. Blue o impeliu:

— Fala logo, Gansey. O que é?

— A maneira como ela foi enterrada... A porta da tumba tinha a imagem de Glendower, assim como a tampa do caixão. E não a imagem dela. Podemos perguntar, embora seja bastante difícil arrancar dela uma informação verdadeira, mas me parece provável que ela tenha sido enterrada em um túmulo falso.

— Como assim?

— Às vezes, quando há um túmulo muito rico ou muito importante, eles colocam uma cópia desse túmulo em algum lugar próximo, mas mais fácil de encontrar, para despistar os ladrões.

Blue ficou escandalizada.

— Sua própria filha?

— Ilegítima — afirmou Gansey, mas se sentiu infeliz ao fazê-lo. — Você ouviu o que ela disse. Como punição por algo. É tudo tão repugnante. Estou morrendo de fome. Onde o Parr... o Adam e o Ronan foram?

— Fazer compras para Gwenllian.

Ele olhou para seu enorme e belo relógio com um franzir de cenho enorme e perplexo.

— Faz tempo?

Ela fez uma careta.

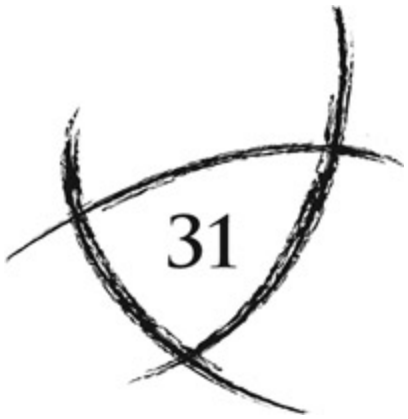
— Um pouco.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Gansey.

Da outra sala, Calla berrou:

— VÁ COMPRAR UMA PIZZA PARA A GENTE. COM *QUEIJO EXTRA*, RIQUINHO.

— Acho que ela está começando a gostar de você — disse Blue.



Ronan dirigiu de volta para Santa Inês. Adam achou que ele queria ir ao seu apartamento, acima do escritório da igreja, mas, quando eles saíram para a rua, Ronan desviou o caminho e seguiu na direção da entrada principal da igreja.

Embora Adam morasse na parte de cima da igreja, não entrara ali desde que se mudara para o apartamento. Os Parrish nunca haviam sido frequentadores de igreja, e, ainda que o próprio Adam suspeitasse que pudesse existir um Deus, também achava que isso não importava.

— Lynch — ele disse enquanto Ronan abria a porta para o santuário na penumbra. — Achei que nós íamos conversar.

Ronan mergulhou os dedos na água benta e tocou a testa.

— Está vazio.

Mas a igreja não parecia vazia. A atmosfera era claustrofóbica com a fragrância de incenso, vasos de lírios exóticos, resmas de tecido branco e o olhar prostrado de um Cristo desolado. Ela sangrava histórias que Adam não conhecia, rituais que ele jamais conheceria, conexões que ele jamais compartilharia. Ela estava carregada com um tipo de história sussurrante que o deixava tonto.

Ronan acertou o braço de Adam com as costas da mão.

— Vamos lá.

Ele caminhou ao longo dos fundos da igreja escura e abriu uma porta para uma escada íngreme. No topo, Adam se deparou com um balcão escondido ocupado por dois bancos de igreja e um órgão. Uma estátua de Maria — provavelmente Maria? — estendia as mãos para ele, mas isso porque não o conhecia. Ela rogava a Ronan, e provavelmente o *conhecia*. Algumas velas pequenas queimavam aos pés da santa.

— O coro fica aqui em cima — disse Ronan, sentando-se no órgão. Sem avisar, ele tocou um fragmento terrivelmente alto e chocantemente sonoro.

— Ronan! — sussurrou Adam. Ele olhou para Maria, mas ela não parecia incomodada.

— Eu disse para você. Não tem ninguém aqui. — Quando Ronan viu que Adam ainda não acreditava,

ele explicou: — É dia de confissão lá em Woodville, e o nosso padre foi para lá. Nesses dias o Matthew costumava ter aulas de órgão, porque não tem ninguém por perto para ser incomodado por sua música terrível.

Adam finalmente se sentou em um dos bancos. Pousando o rosto no encosto liso, olhou para Ronan. De maneira bastante estranha, Ronan também pertencia *àquele lugar*, como havia pertencido à Barns. Essa religião ruidosa e suntuosa o havia criado tanto quanto o mundo de sonhos de seu pai; parecia impossível que Ronan inteiro existisse em uma só pessoa. Adam estava começando a perceber que não conhecia Ronan de verdade. Ou melhor, ele havia conhecido parte dele e presumido que era Ronan inteiro.

O cheiro de Cabeswater, de todas as árvores após a chuva, passou por Adam, e ele percebeu que, enquanto estivera olhando para Ronan, este estivera olhando para ele.

— Então, Greenmantle — ele disse, e Ronan desviou o olhar.

— Filho da puta. Sei.

— Olhei todos os registros públicos naquela primeira noite.

Teria sido bastante fácil para Ronan fazer isso sozinho, mas talvez ele soubesse que Adam gostaria do aspecto enigmático da procura e que isso lhe ocuparia a mente.

— Dois doutorados, casa em Boston, três multas por excesso de velocidade nos últimos dezoito meses, blá-blá-blá.

— E aquele lance da aranha na teia?

— Não importa — respondeu Adam. Ele não precisara de muito tempo para conseguir a versão prontamente disponível da história de vida de Colin Greenmantle. E apenas um pouco mais de tempo para perceber que não era realmente a história de vida que ele precisava. Ele não precisava desfazer a teia — provavelmente não *conseguiria* desfazer a teia. Ele precisava gerar uma nova teia.

— É claro que importa. É tudo que importa.

— Não, Ronan, olha... vem aqui.

Adam começou a escrever na poeira sobre o banco ao lado dele. Ronan se juntou a ele, agachando-se para ler o que ele escrevia.

— O que é isso?

— As coisas que vamos fazer acontecer — disse Adam. Ele havia trabalhado tudo em sua cabeça. Embora fosse mais fácil anotar, ele havia refletido a respeito: melhor não ter uma trilha de papel ou um

registro eletrônico. Apenas Cabeswater poderia entrar no registro da mente de Adam. — Essas são todas as provas que você precisa sonhar e que nós precisamos enterrar.

Algumas dessas coisas precisavam ser literalmente enterradas. O plano era caprichado na concepção, mas não na execução; era um negócio sujo incriminar alguém, e assassinatos exigiam corpos. Ou pelo menos partes de corpos.

— Parece muita coisa — admitiu Adam, porque parecia, uma vez que ele havia escrito tudo na poeira. — Acho que é mesmo. Mas na maioria são detalhes.

Ronan terminou de ler o plano de Adam. Ele tinha o rosto ligeiramente desviado do horror que lia, da mesma maneira que desviara o rosto do seu objeto de sonho. Ele disse:

— Mas... isso não é o que aconteceu. Não foi isso que Greenmantle *fez*.

Ronan não precisou dizer: *Isso é mentira.*

Adam deveria ter sabido que isso seria um problema para ele. Ele lutou para explicar.

— Eu sei que não foi. Mas é difícil demais incriminá-lo por ter encomendado a morte do seu pai. É sutil demais e há detalhes demais que eu não sei. Ele pode refutar uma das nossas evidências com uma evidência real, ou algo real, como a sequência de

tempo real do que ele fez, e isso poderia arruinar o que a gente apresentasse. Mas, se eu inventar o crime, posso controlar todas as variáveis.

Ronan apenas o encarou.

— Escuta, tem que ser algo realmente horrível, algo que ele não iria querer cumprir pena na prisão por causa disso — disse Adam. Agora ele estava se sentindo um pouco sujo; ele não conseguia dizer se o desgosto visível de Ronan era apenas por causa da natureza do crime que Adam havia sugerido, ou por Adam ser capaz de contemplar um crime tão terrível. Mas ele persistiu, pois agora era tarde demais para recuar. — Queremos que ele se sinta ameaçado demais, para nem chegar a pensar em abrir a boca ou contra-atacar. Se ele chegasse a ser acusado disso, estaria arruinado, e ele sabe disso. E, se ele for preso, as pessoas que cometem crimes contra crianças são maltratadas na cadeia, e ele sabe disso também.

Adam podia ver os dois lados de Ronan lutando entre si. Ele podia ver, inacreditavelmente, que a mentira perderia.

— Apenas uma vez — disse Adam rapidamente. — Apenas desta vez. Eu posso refazer isso para realmente ser sobre o seu pai, mas essa opção não seria à prova de balas. E então você teria que lidar com o tribunal. Da mesma maneira o Matthew. — Ele

se sentiu mal a respeito dessa última parte, mesmo que ela fosse verdadeira. Porque ele sabia que ela mexeria com Ronan, e mexeu.

— Tudo bem — disse Ronan, decepcionado. Ele olhou para o plano escrito na poeira e franziu o cenho. — O Gansey odiaria isso.

Porque era o pior tipo de sujeira. Reis não haviam nascido para sujar suas bainhas nisso.

— É por isso que não vamos contar para ele.

Ele esperava que Ronan recuasse nesse ponto também, mas ele apenas anuiu. Eles concordaram a respeito de duas coisas: proteger os sentimentos partidos de Gansey e mentir por omissão.

— Você acha que pode fazer isso? — perguntou Adam. — É um monte de detalhes.

Deveria ser impossível. Ninguém deveria ser capaz de sonhar nenhuma dessas coisas, muito menos todas elas. Mas Adam vira o que Ronan podia fazer. Ele havia lido o testamento sonhado, e andado no Camaro sonhado, e sido aterrorizado pelo terror noturno sonhado.

Era possível que houvesse dois deuses naquela igreja.

Ronan se agachou ao lado do banco novamente, estudando a lista, os dedos correndo preguiçosamente sobre a barba por fazer enquanto pensava. Quando não

estava tentando parecer um imbecil, seu rosto parecia muito diferente, e, por um momento fugaz, Adam sentiu a desigualdade surpreendente de sua relação: Ronan conhecia Adam, mas Adam não tinha certeza de que conhecia Ronan, no fim das contas.

— Vou fazer isso agora — disse Ronan por fim.

— Agora? — perguntou Adam incredulamente. — Aqui? *Agora?*

Ronan abriu um sorriso arrogante, satisfeito por ter conseguido essa reação.

— Não há momento melhor que o presente, Parrish. Agora. Tudo, tirando o telefone. Eu preciso ver que modelo ele tem antes que possa sonhá-lo.

Adam olhou à sua volta para a igreja parada. Ela ainda parecia tão *habitada*. Mesmo que ele acreditasse racionalmente que a igreja permaneceria vazia, em seu coração, ele se sentiu tomado de... possibilidades. Mas o rosto de Ronan transmitia um desafio e Adam não recuaria. Ele disse:

— Eu sei que modelo de telefone ele tem.

— Dizer para mim qual é não basta. Eu preciso *ver* o aparelho — respondeu Ronan.

Adam hesitou e então perguntou:

— E se eu pedisse a Cabeswater para te mostrar o telefone dele no sonho? Eu sei de que modelo é.

Ele esperou que Ronan vacilasse ou questionasse a estranheza de Adam, mas Ronan apenas se endireitou e esfregou as mãos.

— Tudo bem, legal. Beleza. Escuta, talvez você deva ir. Para o apartamento, e a gente se encontra depois que eu terminar.

— Por quê?

— Nem tudo na minha cabeça é uma grande coisa, Parrish, acredite ou não. Eu te disse. E, quando estou trazendo algo de um sonho, às vezes não consigo trazer só uma coisa.

— Vou arriscar.

— Pelo menos me dá espaço.

Adam recuou para se sentar ao lado de Maria enquanto Ronan se deitava em um banco, esfregando o plano encardido com as pernas do jeans. Algo a respeito da sua imobilidade no banco e da qualidade de funeral da luz lembrava a Adam a efígie de Glendower que eles tinham visto na tumba. Um rei, dormindo. Adam não conseguia imaginar, no entanto, o reino estranho e selvagem que Ronan poderia governar.

— Para de me olhar — disse Ronan, embora seus olhos estivessem fechados.

— Como queira. Vou pedir a Cabeswater o telefone.

— A gente se vê do outro lado.

Enquanto Ronan se remexia, Adam piscou sobre as velas aos pés de Maria. Era mais difícil olhar para uma chama do que para uma poça de água escura, mas servia ao mesmo propósito. À medida que sua visão nublava, ele sentia sua mente se soltar e se separar do corpo e, um instante antes de sair de si, Adam pediu a Cabeswater para dar a Ronan o telefone. *Pedir* não era bem a palavra certa. *Mostrar* era melhor, porque ele *mostrou* a Cabeswater o que precisava: a imagem do telefone apresentando-se a Ronan.

Era impossível julgar o tempo quando ele fazia uma divinação.

Próximo dele — o que era próximo? — Adam ouviu um ruído brusco, como um grasnado, e subitamente percebeu que não fazia ideia se estivera encarando a luz por um minuto, uma hora ou um dia. Seu próprio corpo parecia a chama, tremeluzindo e frágil; ele estava se aprofundando demais.

Hora de voltar.

Ele abriu caminho de volta, retornando para seus ossos. Adam sentiu o momento que sua mente se prendeu ao seu corpo mais uma vez. Seus olhos piscaram até se abrir.

Ronan estava tendo uma convulsão à sua frente.

Adam recolheu as pernas, para longe do alcance do desastre à sua frente. Os braços de Ronan estavam manchados de sangue e as mãos estavam marcadas com ferimentos que escorriam, viscerais. Seus jeans estavam escuros, encharcados. O tapete da igreja reluzia de sangue.

Mas o horror era sua espinha, dobrada para trás. Era sua mão, pressionada contra sua garganta. Era sua respiração — uma respiração entrecortada, uma palavra sufocada. Eram seus dedos, tremendo enquanto ele os levava à boca. Eram seus olhos, arregalados demais, reluzentes demais, fixos no teto. Vendo apenas dor.

Adam não queria se mexer. Ele não podia se mexer. Ele não podia fazer isso. Isso não estava acontecendo.

Mas estava, e ele podia.

Ele avançou aos tropeços.

— *Ronan...* Ah, meu Deus.

Porque, agora que estava mais próximo, ele podia ver o estrago que havia se tornado o corpo de Ronan. Além da possibilidade de reparo. Ele estava morrendo.

Eu fiz isso... Foi ideia minha... Ele nem queria fazer...

— Está feliz agora? — perguntou Ronan. — Era isso que você queria?

Adam se sobressaltou violentamente. A voz tinha vindo de algum outro lugar. Ele olhou para cima e encontrou Ronan sentado de pernas cruzadas sobre o banco acima deles, a expressão vigilante. Uma das mãos desse Ronan estava ensanguentada também, mas claramente não era sangue dele. Algo sombrio percorreu seu rosto enquanto ele dirigia o olhar para seu duplo morrendo. O outro Ronan se lamuriou. Era um som horroroso.

— O que... o que está acontecendo? — perguntou Adam, se sentindo tonto. Ele estava desperto; ele estava sonhando.

— Você disse que queria ficar e ver — rosnou Ronan do banco. — Aproveite o show.

Adam compreendia agora. O Ronan real não havia se mexido; ele havia despertado exatamente onde dormira. Aquele Ronan morrendo era uma cópia.

— Por que você sonharia isso? — demandou Adam. Ele queria que o seu cérebro acreditasse que aquele Ronan agonizante não era real, mas a duplicação era perfeita demais. Ele via ao mesmo tempo um Ronan Lynch morrendo violentamente e um Ronan Lynch distante, observando friamente. Ambos eram verdadeiros, embora devessem ser impossíveis.

— Eu tentei algo grande demais de uma só vez — disse Ronan do banco. Suas palavras eram curtas e entrecortadas. Ele estava tentando parecer indiferente, vendo sua própria morte. Talvez ele não se importasse. Talvez isso acontecesse o tempo inteiro. Como Adam fora idiota de pensar que sabia alguma coisa a respeito de Ronan Lynch. — Não era o tipo de coisa... o tipo de coisas que eu normalmente sonho, e tudo ficou confuso. Os horrores noturnos vieram. Depois as vespas. Eu sabia que as traria comigo. Que eu ia acordar *desse jeito*. Então sonhei outro eu para elas e aí... eu despertei. E aqui estou. E aqui estou, de novo. Que truque bacana. Que maldito truque bacana.

O outro Ronan estava morto.

Adam se sentiu da mesma maneira que havia se sentido quando vira o mundo de sonho. A realidade se retorcia sobre si mesma. Ali estava Ronan, morto, impossível de ser pranteado, porque havia outro Ronan, vivo, olhando-o fixamente.

— Aqui — disse Ronan. — Aqui estão as coisas. As mentiras que você queria.

Ele empurrou um envelope de papel pardo enorme para Adam, cheio, presumivelmente, de provas para incriminar Greenmantle. Adam levou muito tempo para perceber que Ronan queria que ele o pegasse, e então um segundo a mais para mudar sua mente para a

mecânica de tomá-lo. Adam disse para sua mão se estender, e relutantemente ela o fez.

Vamos, Adam, coragem.

Havia sangue no envelope, e agora na mão de Adam. Ele perguntou:

— Você conseguiu tudo?

— Está tudo aí.

— Até a...

— *Está tudo aí*.

Que feito impossível, milagroso e horroroso era aquele. Um plano vil, tramado por um garoto vil, tornado uma realidade vil através de um sonho. Quão apropriado que Ronan, deixado com seus próprios recursos, manifestasse belos carros, belos pássaros e um irmão de bom coração, enquanto Adam, quando dado o poder, manifestava uma série doentia de assassinatos perversos. Adam perguntou:

— E agora? O que fazemos com...

— Nada — rosnou Ronan. — Você não faz nada. Não, você faz o que eu pedi antes. Vá.

— O quê?

Ronan estava tremendo. Não de veneno, como o outro Ronan, mas de alguma emoção desencadeada.

— Eu disse que não queria você aqui caso isso acontecesse, e agora aconteceu, e olhe para você.

Adam achou que ele havia suportado toda a situação bastante bem, considerando que Gansey teria desmaiado a essa altura. Ele certamente não conseguia ver como a sua presença havia piorado a situação de alguma maneira. No entanto, ele *podia* ver que Ronan Lynch estava bravo porque queria estar bravo.

— Seja um imbecil se quiser. Isso não foi culpa minha.

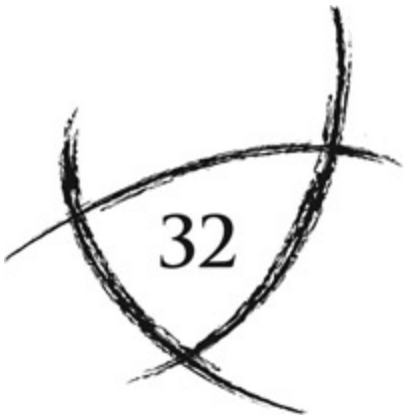
— Eu não disse que foi culpa sua — disse Ronan. — Eu disse *fique longe de mim.*

Os dois garotos se encararam. Insanamente, parecia uma discussão como todas as outras que eles já haviam tido, embora dessa vez houvesse um corpo com a forma de Ronan encolhido entre eles e coberto de sangue. Aquilo era apenas Ronan querendo gritar onde alguém pudesse ouvi-lo, o que começou a minar a calma de Adam, não porque ele acreditasse que Ronan estivesse bravo com *ele*, mas porque estava cansado de Ronan pensar que *aquela* era a única maneira de demonstrar que estava incomodado.

— Ah, vamos lá. O que foi agora? — ele disse.

— Adeus. É isso — Ronan respondeu.

— Como queira — disse Adam, dirigindo-se para a escada. — Da próxima vez você pode morrer sozinho.



De volta ao apartamento, Adam ficou no chuveiro por um longo, longo tempo. Dessa vez, a parte de seu cérebro que calculava quanto poderia custar um banho demorado e quente ficou calada. Ele ficou na água até ela se tornar morna. Após sair do chuveiro e se vestir, ocorreu a Adam, com atraso, que Ronan poderia ter ficado incomodado com o sonho em si, e não por observar a si mesmo morrendo. Ele tinha ido dormir com a intenção de conseguir provas de assassinato, e havia acordado com sangue nas mãos. Adam sabia que os horrores noturnos só vinham a Ronan quando ele tinha um pesadelo. Ronan devia estar ciente do que o esperava, mas mesmo assim havia se entregue à tarefa voluntariamente quando Adam lhe pedira.

Talvez Adam devesse ver se o amigo estava bem. Certamente ele ainda estaria ali.

Mas Adam ficou onde estava, pensando sobre o outro Ronan. O morto. A parte mais estranha foi que o momento havia sido a visão de Adam a partir da árvore em Cabeswater, mas virada ao avesso. Não Gansey morrendo, mas Ronan. Então aquela visão estava errada? Será que ele já havia mudado o seu futuro? Ou havia mais por vir?

Ouviu-se uma batida na porta do apartamento.

Provavelmente Ronan. Embora não fosse do feitio dele ser o primeiro a admitir que estava errado.

A batida veio de novo, mais insistente.

Adam se certificou de que suas mãos não estavam mais ensanguentadas e abriu a porta.

Era o seu pai.

Ele abriu a porta.

Era o seu pai.

Ele abriu a porta.

Era o seu pai.

— Não vai me convidar para entrar? — era o seu pai dizendo.

O corpo de Adam não era dele, e, assim, com um pouco de assombro, ele se observou dar um passo para trás para permitir que Robert Parrish entrasse no apartamento.

Como seus ombros eram estreitos ao lado do outro homem. Era difícil ver de onde ele viera sem um

exame próximo do rosto de ambos. Então se via que Robert Parrish tinha os lábios finos e estreitos de Adam. Então não era difícil ver o mesmo cabelo claro, moldado pela poeira, e a ruga entre as sobrancelhas, formada pela desconfiança. Na realidade, não era algo nem um pouco difícil ver que um havia gerado o outro.

Adam não conseguia lembrar o que estivera pensando antes de abrir a porta.

— Então é aqui que você está se mantendo — disse Robert Parrish. Ele examinou a prateleira de brechó, a luz de cabeceira improvisada, o colchão no chão. Adam era uma coisa saindo do caminho. — Parece que eu e você temos um encontro em breve — acrescentou seu pai. E parou para ficar bem de frente para Adam. — Você vai olhar na minha cara quando eu falo com você, ou vai continuar olhando para aquela prateleira?

Adam ia continuar olhando para aquela prateleira.

— Tudo bem, então. Escuta, eu sei que nós trocamos algumas palavras, mas acho que você podia retirar a queixa. A sua mãe está realmente incomodada, e vai ficar bastante ridículo no dia da audiência.

Adam tinha certeza de que seu pai não poderia estar ali. Ele não se lembrava de tudo que havia

acontecido depois que ele apresentara sua queixa, mas ele achava que a questão envolvia uma ordem judicial temporária para que ele não se aproximasse de Adam. À época, ele achou que se lembrava de ter achado essa decisão confortadora, uma memória que parecia boba agora. Seu pai havia batido nele durante anos antes de ser pego, e um soco era um ato maior do que uma violação de restrição. Ele poderia ligar para a polícia depois, é claro, e denunciar a violação do seu pai; ele não tinha certeza se eles penalizariam o seu pai, mas o lado adulto de Adam achava que parecia uma boa coisa deixar isso registrado. Tudo isso, no entanto, viria depois desses minutos pelos quais ele ainda tinha de passar.

Ele não queria apanhar.

Era uma percepção estranha. Não que Adam tivesse se acostumado a ser espancado. A dor era algo assombroso nesse sentido; ela sempre funcionava. Mas, na época em que ele morava na casa dos pais, havia se acostumado com a *ideia* daquele tipo de violência íntima. Agora, no entanto, dias suficientes haviam se passado para que ele parasse de esperá-la, o que tornava a possibilidade súbita de seu reaparecimento algo de certa maneira mais intolerável.

Ele não queria apanhar.

Ele faria o que fosse necessário para não apanhar.

A antecipação fazia suas mãos tremerem.

Cabeswater não manda em você, a voz de Persephone dissera.

— Adam, estou sendo realmente decente aqui, mas você está acabando com a minha paciência — seu pai lhe disse. — Pelo menos finja que ouviu o que eu disse.

— Eu ouvi — respondeu Adam.

— Bem. Isso aí.

Só porque ele tem uma crise de birra, não quer dizer que esteja mais certo que você.

Para a prateleira, Adam disse:

— Acho que você deve ir.

Ele se sentiu um covarde, como se não tivesse ossos.

— Então é assim que vai ser?

Era assim que ia ser.

— Pois fique sabendo que você vai parecer um idiota naquele tribunal, Adam — disse Robert Parrish. — As pessoas me conhecem e sabem o tipo de homem que eu sou. Nós dois sabemos que isso é apenas para chamar atenção, e todo mundo vai perceber também. Não pense que eu não sei de onde isso vem. Você andando por aí com aquelas bichinhas ricas.

Parte de Adam ainda estava ali com seu pai, mas a maior parte estava recuando. A melhor parte dele. Aquele Adam, o mágico, não estava mais em seu apartamento. Aquele Adam caminhava em meio às árvores, deixando sua mão correr sobre pedras cobertas de musgos.

— O tribunal vai ver isso de cara. E você sabe o que vai acontecer com você então? Você vai estar nos jornais como o garoto que colocou o papai trabalhador na cadeia.

As folhas farfalharam, próximas e protetoras, pressionando-se contra seus ouvidos, enroladas em seus punhos. Elas não queriam assustá-lo. O que elas sempre quiseram foi falar a língua dele e chamar sua atenção. Não era culpa da temível Cabeswater que Adam já fosse um garoto receoso quando fizera a barganha.

— Você acha que eles vão realmente olhar para você e ver um garoto que sofre abusos? Você faz ideia do que isso seja? Aquele juiz já ouviu histórias que você não faz nem ideia. Ele não vai sequer piscar.

Os galhos se inclinaram na direção de Adam, curvando-se em torno dele de um jeito protetor, um ramo com espinhos apontado para fora. Cabeswater havia tentado, antes, apegar-se à sua mente, mas agora sabia cercar seu corpo. Ele havia pedido para ser

separado, e Cabeswater tinha ouvido. *Eu sei que vocês não são a mesma pessoa*, disse Adam. *Mas, na minha cabeça, tudo é sempre tão confuso. Fiquei com tantos defeitos.*

— Então, voltamos para onde a gente começou, você e eu, quando cheguei aqui. Você pode cancelar a audiência tão rápido quanto quiser, e isso tudo termina de uma vez.

A chuva salpicava através das folhas, virando-as de cabeça para baixo, respingando em Adam.

— Olha só para você. Eu estava *conversando* com você. Praticando para o seu dia no tribunal? Pelo menos finja que não estive falando com uma parede. Que *diabos*?

O tom áspero na voz de seu pai trouxe Adam voando de volta para si. Uma mão pairava no ar, como se fosse tocar Adam ou já o tivesse tocado, mas agora recuava.

Na palma de sua mão, um pequeno espinho saía para fora. Um filete de sangue corria trêmulo do ferimento, reluzente como um milagre.

Puxando o espinho da mão, o pai de Adam o observou, essa coisa que ele havia feito. Ele ficou em silêncio por um longo momento, e então algo se registrou em seu rosto. Não era bem medo, mas

incerteza. Seu filho estava diante dele, e ele não o conhecia.

Eu sou incognoscível.

Robert Parrish começou a falar, mas então parou. Agora ele tinha visto algo no rosto ou nos olhos de Adam, ou sentido algo naquele espinho que o espetara, ou talvez, como Adam, podia agora sentir a fragrância de terra úmida de uma floresta no apartamento.

— Você vai fazer papel de idiota naquele tribunal — disse o seu pai finalmente. — Você não vai dizer nada?

Adam não ia dizer nada.

Seu pai bateu a porta atrás de si quando saiu.

Adam ficou parado ali por um longo momento. Ele limpou o olho direito e a face com as costas da mão e as secou nas calças.

Depois deitou de volta na cama e fechou os olhos, as mãos entrelaçadas sobre o peito, cheirando a musgo e cerração.

Quando fechou os olhos, Cabeswater ainda estava esperando por ele.



— O que me deixa impressionado — pensou Greenmantle em voz alta — é que existem pessoas que realmente fazem isso como forma de lazer. Pessoas que trocam dias de férias por essa experiência. Realmente fico pasmo. Não faço a menor ideia de onde estamos. Presumo que você diria algo se estivéssemos perdidos e/ou fôssemos morrer aqui embaixo.

Os Greenmantle estavam em uma caverna: mulher, marido, cão, uma família das cavernas americana. Piper descobrira que Otho, quando deixado sozinho, comia a porta dos banheiros, então agora ele andava com seus passos miúdos à frente dela. A caverna era escura e tinha cheiro de sovaco. Greenmantle tinha pesquisado superficialmente sobre espeleologia antes de partir aquela tarde. Ele havia

descoberto que cavernas deveriam ser caminhos de uma beleza natural intocada.

No fim das contas eram apenas buracos no chão. Ele achava que as cavernas haviam sido exageradamente propagandeadas.

— Não vamos morrer aqui embaixo — disse Piper. — Tenho o clube do livro na terça-feira.

— Clube do livro! Você só está aqui há duas semanas e já faz parte de um clube do livro.

— O que mais eu devia fazer enquanto você está na rua tentando se encontrar? Só ficar em casa engordando, é isso? Não diga "converse com suas amiguinhas no telefone" que eu enfio essa picareta no meio do seu olho.

— Que livro vocês vão discutir?

Piper apontou a lanterna para o teto e então para o chão úmido. Tanto o facho da lanterna quanto o lábio de Piper se crisparam, em sinal de desagrado.

— Não lembro o título. Algo sobre frutas cítricas. É a memória literária de uma jovem crescendo em uma plantação de laranjas com o pano de fundo da guerra e luta de classes subversiva, com possíveis sugestões religiosas ou algo assim. Não diga "Eu prefiro morrer".

— Eu não disse nada — respondeu Greenmantle, embora estivesse realmente considerando "Eu prefiro

morrer" como um candidato para avançar a conversa. Ele preferia aventuras de espionagem que envolviam homens corajosos com mais de trinta anos entrando e saindo voando de abrigos de alta tecnologia enquanto dirigiam carros velozes e fazendo importantes telefonemas. Ele segurou o leitor de frequência eletromagnética na mão para ver se conseguia variar o grau de lampejos no mostrador. Mas não conseguia.

Otho havia parado para se aliviar; Piper pegou um saquinho de plástico.

— Isso não faz sentido. Você acabou de colocar aquela merda na sua sacola?

— Vi um programa na ABC sobre como o ecoturismo está destruindo as cavernas — ela o informou. — Essa cara? A que você está fazendo agora? É parte do problema. Você é parte do problema.

Na opinião de Greenmantle, buracos no chão eram o lugar mais apropriado para se jogar merda de cachorro. Ele passou o leitor de frequência eletromagnética pela parede com uma mão e um geofone com a outra. Ele teria um retorno idêntico se estivesse segurando uma tocha e um uquelele.

— O que eu vou fazer é contratar um milhão de servos para vir procurar essa mulher nas cavernas e, se isso não funcionar, vou simplesmente arrancar as

vísceras da filha dela na frente do Homem Cinzento — disse ele.

— Servos! Eu não quero um milhão deles pisoteando tudo aqui embaixo. Eu quero explorar minhas conexões mediúnicas sem todos aqueles resmungos.

— Suas conexões mediúnicas! — Ele sentiu que ela o encarava; a pele da nuca dele estava derretendo. — Tudo bem, vou dizer para eles terem cuidado.

— Sabe de uma coisa? Você devia me deixar ficar com dois deles, para me ajudar com as minhas metas de vida.

— *O quê?*

— Eu poderia ligar para eles e fingir que sou você. "Olá, capanga, aqui é o Colin, você pode apagar uma pessoa para mim?" — Ela fez uma boa imitação da voz dele, talvez ligeiramente anasalada e apaixonada por si mesma. E parou naquele instante, pernas afastadas, cabelo loiro em desalinho à sua volta, como uma sessão de fotos de uma modelo na caverna.

Por um momento estranho, fugaz, Greenmantle achou que a havia encontrado na caverna e que a estava trazendo de volta à luz, e então se lembrou do saquinho de merda do cachorro e de como eles haviam chegado ali. Ele achou que aquela caverna talvez

estivesse cheia de monóxido de carbono. Provavelmente ele estava morrendo.

— Você ouviu isso? — perguntou Piper.

— O som de você zombando de mim?

Ela não respondeu. Piper franzia o cenho observando a continuação do túnel, o queixo erguido e as sobrancelhas unidas como se estivesse escutando. Ele pensou em alguém dormindo. Ele pensou em acordá-lo.

— O som do meu amor? — ele tentou.

Ela não respondeu. Piper ainda estava ouvindo.

— O som de você me assustando de verdade?

Mas na verdade ele é que estava se assustando de verdade.

Finalmente, Piper se voltou para ele. Ela não parecia que tinha ouvido o som do seu amor. E disse:

— Definitivamente, eu preciso de dois dos seus servos. Vamos voltar para um lugar que tenha sinal de celular.

Greenmantle se sentia muito feliz em obedecer. Ele nunca mais queria ver uma caverna na vida.



Gansey podia ter encontrado Gwenllian, mas Blue tinha de conviver com ela. Todas as mulheres da Rua Fox, 300 tinham de fazê-lo, na realidade. Era como conviver com um desastre natural, ou uma criança selvagem, ou um desastre natural de criança selvagem.

Para começo de conversa, ela não dormia. Ela gritou com Calla que havia dormido por mil vidas e que tinha a intenção de passar o resto desta desperta, e então começou a fazer exatamente isso. De madrugada, Blue acordava e a ouvia, toda atrapalhada pelo sótão acima de seu quarto.

Então havia o seu jeito de se vestir. Sua consciência sobrenatural dentro da tumba havia lhe dado quantidade suficiente de exposição ao mundo exterior em evolução para não ficar chocada com a existência de carros ou confusa com a língua inglesa, mas não o bastante para lhe proporcionar quaisquer

modos sociais. Então ela usava o que queria usar (Blue podia ao menos respeitar a motivação, se não o resultado), que era sempre um vestido, às vezes dois ou três, um em cima do outro, às vezes virados ao contrário. Isso frequentemente envolvia roubar roupa do armário de outras pessoas. Blue só era poupada porque era muito mais baixinha.

Havia problemas com as refeições, também: para Gwenllian, toda hora era hora de comer. Ela parecia não ter o sentido de satisfação, tampouco o de gosto, muitas vezes combinando alimentos de um jeito que parecia problemático para Blue. A garota não acreditava em dizer para as pessoas como viver a vida (bem, talvez um pouco), mas era difícil ficar ali e vê-la passar creme de amendoim sobre uma salsicha fria.

E havia a parte maluca. Quarenta por cento do que saía de sua boca vinha sob a forma de canção, e o resto era uma mistura variada de salmos, gritos, brincadeiras e um sussurro pavoroso. Ela subia no telhado, falava com a árvore no quintal e ficava de pé em cima dos móveis. E frequentemente colocava coisas no cabelo para tirar mais tarde, e então parecia esquecer que elas estavam ali. Em muito pouco tempo, seu enorme emaranhado de cabelo se tornou um depósito vertical de lápis, folhas, tecidos e fósforos.

— A gente podia cortar o cabelo dela — sugeriu Orla em determinado momento.

— Não creio que essa seja uma decisão que um ser humano pode tomar por outro ser humano — disse Persephone.

— Mesmo se o outro ser humano parecer uma mendiga? — perguntou Orla.

Era um ponto sobre o qual tanto Blue quanto Orla concordavam.

A pior parte disso era que Gansey havia se oferecido para levá-la embora — e *continuou* se oferecendo para levá-la embora —, mas Persephone insistiu que Gwenllian ficasse com elas.

— Leva mais que um fim de semana para desfazer séculos de danos — disse Persephone.

— Séculos de danos estão sendo incorridos em apenas um fim de semana — respondeu Calla.

— Ela é uma médium muito talentosa — disse Persephone suavemente. — Com o tempo vai conseguir se sustentar.

— E pagar pela minha terapia — acrescentou Blue.

— Boa — disse Orla. Para recompensar Blue pela excelente resposta, ela havia pintado as unhas da garota para combinar com o Pig, numa cor, ela informou a Blue, chamada Doce Beligerante.

Gansey seguia tentando conversar com Gwenllian, mas ela sempre se portava de maneira ironicamente deferente quando ele chegava na casa.

Além disso, Gansey tinha algum compromisso na escola que guardava com cautela para si, Ronan e Adam viviam sumindo juntos, e Noah não podia ou não queria ir à Rua Fox, 300.

Blue se sentia um pouco como se tivesse sido trancada em um manicômio.

Mãe, está na hora de você voltar para casa.



O Homem Cinzento apareceu um dia no meio da semana, para grande satisfação de Blue.

— Sou eu — ele chamou no corredor enquanto entrava na casa. Blue podia vê-lo de seu lugar de fazer lição de casa, na mesa da cozinha; ele parecia arrumado e perigoso de camisa e calça cinza. Parecia mais otimista que da última vez em que ela o vira.

Gwenllian, que examinava o aspirador de pó rugindo, mas sem usá-lo, o viu também.

— Olá, bela espada! Matou alguém hoje?

— Uma espada conhece a outra — ele lhe disse suavemente, colocando as chaves do carro no bolso.

— *Você* matou alguém hoje?

Ela estava tão encantada que desligou o aspirador de pó para que seu sorriso insano pudesse ser a coisa mais alta no corredor.

— Sr. Cinzento, deixe ela em paz e vem pegar uma xícara de chá — chamou Blue da mesa da cozinha. — Senão ela vai começar a cantar de novo.

O Homem Cinzento olhou de relance sobre o ombro para Gwenllian enquanto ia até a cozinha e atendia ao pedido de Blue, ponderando por alguns minutos para encontrar um chá que tivesse uma chance maior de deixá-lo alerta do que com o intestino solto.

— Seus amigos, o sr. Parrish e o sr. Lynch, me contrataram — ele disse enquanto se sentava de frente para Blue. *Então esse era o caminho que aqueles dois estavam tomando!* Ele bateu com o dedo sobre um problema de álgebra até que Blue o arrastou de volta para si e o retrabalhou corretamente. — Eles têm um plano para Greenmantle, e parece bastante promissor.

— O que é?

— Eu prefiro não contar, porque, quanto menos pessoas souberem, melhor. Também não se trata de uma conversa educada para se ter à mesa — disse o sr. Cinzento. — Eu tenho uma pergunta para você. Sobre a sua caverna amaldiçoada. Você acha que é um lugar

onde se poderia esconder um corpo? Ou pelo menos parte de um?

Blue estreitou os olhos.

— Naquela caverna tinha um monte de lugares para um monte de coisas. Corpo de quem? Qual parte?

No mesmo instante, Gwenllian se manifestou na cozinha, arrastando o aspirador de pó atrás de si como um cão bravo que se leva para passear.

— E a maldição, lírio?

— Achei que *você* era a maldição — respondeu Blue.

— Provavelmente — disse Gwenllian, despreocupada. — O que mais existe lá, além de mim? Sou conhecida dos galeses livres, adorável Gwen, adorável Gwen, de Gower a Anglesey, adorável Gwen, ah, Gwen, a morta!

— Eu disse que ela ia começar a cantar — falou Blue.

Mas o Homem Cinzento apenas ergueu as sobrancelhas.

— Armas e poesia andam lado a lado.

Gwenllian se aprumou.

— Que arma *astuciosa* você é. Um poeta, foi assim que acabei naquela caverna.

— A história é boa? — perguntou o Homem Cinzento.

— Ah, a melhor.

Blue observou o diálogo com um pouco de espanto. Em algum lugar havia uma lição nisso.

O Homem Cinzento deu um golinho no seu chá.

— Você deveria cantá-la para nós.

E, inacreditavelmente, ela cantou.

Ela cantou uma canção̧ozinha furiosa sobre o poeta de Glendower, Iolo Goch, e como ele sussurrara a guerra no ouvido de seu pai (ela sussurrou essa parte no ouvido de Blue), e assim, enquanto o sangue se entranhava no solo do País de Gales, Gwenllian fez o seu melhor para matá-lo com uma facada.

— Ele estava dormindo? — perguntou o Homem Cinzento com interesse profissional.

Gwenllian riu por aproximadamente um minuto, então disse:

— Era um jantar. Que refeição adorável ele teria sido!

Então ela cuspiu no chá do Homem Cinzento, mas isso parecia ter mais a ver com Iolo Goch do que com o sr. Cinzento.

Ele suspirou e empurrou a xícara para longe.

— Então eles condenaram você àquela caverna.

— Era isso ou a forca! E escolhi a forca, de maneira que eles me deram o túmulo falso em vez disso.

Blue olhou para Gwenllian com os olhos semicerrados, tentando imaginar como ela havia sido seis séculos atrás. Uma jovem mulher, da idade de Orla, filha de um nobre, uma bruxa numa era em que bruxas nem sempre eram a melhor coisa para ser. Cercada pela guerra e fazendo o seu melhor para pará-la.

Blue se perguntou se teria coragem de esfaquear alguém, se achasse que isso pouparia vidas.

Gwenllian arrastou o aspirador de pó de volta para o corredor sem nenhum tipo de despedida.

— Gwenllian e aspirador, saída do palco pela direita — disse Blue.

O Homem Cinzento empurrou o chá para mais longe ainda.

— Você acha que teria um tempo para me mostrar essa caverna de onde a tirou? Só para eu saber onde ela fica, como uma opção?

A ideia de deixar a casa era incrivelmente atraente. Não seria ruim ver Jesse de novo, também. E, embora ela estivesse incomodada por Adam e Ronan não terem confiado nela com o que quer que fosse o plano deles para Greenmantle, queria ajudar de alguma maneira.

— Talvez. Você vai me alimentar?

— Não vou nem cuspir na sua comida.

Blue avisou Calla que estava saindo com um assassino de aluguel, e então o sr. Cinzento a levou até a loja de conveniência no centro para um sanduíche de atum (O MELHOR SANDUÍCHE DE ATUM DA CIDADE!) antes de deixar Henrietta para trás. O carro zunia e voava através da escuridão de um jeito que parecia ligeiramente fora do controle do Homem Cinzento.

— Esse carro é mesmo terrível — disse Blue.

Isso era permitido, pois o carro não era realmente do sr. Cinzento. Era um Mitsubishi branco usado, do tipo que rapazes com sonhos e egos grandes normalmente dirigiam. Ele exibia uma placa personalizada em que lia: LADRÃO.

— Ele cresce em você — disse o sr. Cinzento, fazendo uma pausa. — Como um câncer.

— Tu dum *da.*

Os dois riram juntos com satisfação, e então ficaram brevemente em silêncio quando perceberam que fazia tempo demais desde que haviam estado na companhia de alguém com o mesmo senso de humor, i.e., Maura Sargent. Ao fundo, os Kinks tocavam suavemente, o som da alma do sr. Cinzento.

— Eu fico querendo que as coisas voltem ao normal — admitiu Blue. — Mas agora eu sei que isso não vai acontecer, mesmo quando minha mãe voltar. — Ela queria dizer *se*, mas disse *quando*.

— Eu não te vejo como uma fã de coisas normais — disse o Homem Cinzento. Ele diminuiu a marcha ligeiramente à medida que os faróis iluminavam os olhos de três cervos parados ao lado da estrada.

Era reconfortante ser tão *conhecida*. Ela disse: — Não sou, realmente, mas estava acostumada com isso, eu acho. É chato, mas pelo menos não é assustador. Você se assusta às vezes? Ou é durão demais para isso?

Ele parecia divertido, mas também um cara durão, sentado silenciosa e eficientemente atrás da direção do carro.

— Pela minha experiência — disse o Homem Cinzento —, os caras durões são os que mais têm medo. Eu só evito me sentir assustado *sem motivo*.

Blue achou que parecia uma meta razoável. Após uma pausa, ela disse:

— Sabe de uma coisa? Eu gosto de você.

Ele olhou de relance para ela.

— Eu também.

— De mim ou de você? A gramática não deixou claro.

Os dois curtiram mais uma risada e a presença de outra pessoa com exatamente o mesmo senso de humor.

— Ah, aqui está — disse Blue. — Não vá passar.

A fazenda Dittley estava quase totalmente no escuro quando eles estacionaram na entrada, com apenas a janela da cozinha acesa. Por um momento, Blue achou que talvez Jesse tivesse partido para reconquistar sua esposa, o filho e o cão. Mas então ela viu sua grande silhueta abrir a cortina para observar os faróis parando perto da casa.

Ele foi até a porta no mesmo instante.

— Olá — disse Blue. — Vim te importunar e talvez mostrar a sua caverna para o sr. Cinzento, se não tiver problema.

Ele os deixou entrar.

— VOCÊ ESTÁ COM BAFO DE ATUM.

— Eu devia ter trazido um pra você? — ela perguntou.

— EU SÓ COMO MACARRÃO INSTANTÂNEO.

Ele apertou a mão do Homem Cinzento, que se apresentou como sr. Cinzento. Então Jesse se inclinou, Blue ficou na ponta dos pés e eles se abraçaram, porque parecia o certo a fazer.

— ACABEI DE TIRAR UNS BISCOITOS DE BANDEIRANTES DO CONGELADOR.

— Ah, não se preocupe — disse Blue. — Como você mesmo sentiu o cheiro, nós acabamos de comer.

— Vou querer um — o Homem Cinzento interpôs. — Se forem de chocolate com menta.

Jesse os pegou.

— NADA PARA VOCÊ, FORMIGA?

— Que tal um copo de água e uma atualização empolgante sobre como a sua vida é boa agora que tiramos a maluca da sua caverna?

— A VIDA ESTÁ ÓTIMA — admitiu Jesse. — MAS A CAVERNA... VOCÊS ESTÃO DE BOTAS? PORQUE ELA ESTÁ CHEIA DE LAMA.

Blue e o sr. Cinzento lhe asseguraram que estavam bem com seus calçados atuais. Jesse pegou uma lanterna para Blue, um holofote e uma espingarda para si e os guiou pelo campo escuro até a construção que cobria a caverna. À medida que eles se aproximavam, Blue achou que sentia o cheiro de algo familiar. Não era a fragrância de terra do campo molhado ou a fragrância enfumaçada da noite outonal. Era algo metálico e próximo, úmido e estagnado. Era o cheiro, Blue se deu conta, da caverna dos corvos.

— CUIDADO COM ONDE PISAM.

— O que devo cuidar? — perguntou o sr. Cinzento.

— ESSA É A PERGUNTA CERTA.

Jesse caminhou a passos curtos da melhor maneira que um Dittley conseguia até a porta. Ele passou o holofote para Blue enquanto destrancava o cadeado.

— DEEM UM PASSO PARA TRÁS.

Ela deu um passo para trás.

— MAIS PARA TRÁS QUE ISSO.

Ela deu um passo mais para trás ainda. O Homem Cinzento deu um passo na frente de Blue. Apenas o suficiente para bloquear um ataque, não sua visão.

Jesse Dittley abriu a porta com um chute. Foi um chute em câmera lenta, porque sua perna era muito longa — havia um tempo considerável entre o momento em que ele começou a lançar a perna e quando seu pé realmente atingiu a porta. Blue se perguntou como deveria chamar aquilo. Uma perna-aríete, quem sabe.

A porta se abriu.

— UAU — disse Jesse enquanto *algo* voava em sua direção.

Era algo terrível.

Blue era uma pessoa com a mente bastante aberta, ela achava, disposta a aceitar que havia uma boa parte do mundo que estava fora de sua compreensão e de seu entendimento. Ela sabia, academicamente, que, só porque algo parecia assustador, não significava que queria machucá-la.

Mas esse *algo* queria machucá-los.

Não era nem malevolência. Era que às vezes algo estava do seu lado, e às vezes não estava, e esse não

estava. O que quer que os seres humanos fossem, esse era contra.

A sensação de ser *desfeitos* os fustigou, e então alguma coisa avançou pelo vão da porta.

O Homem Cinzento tirou uma arma negra enorme da jaqueta e atirou nela, três vezes em cada uma de suas cabeças. Ela caiu no chão. Não sobrara muito das cabeças.

— ISSO PARECEU EXCESSIVO — disse Jesse.

— Sim — concordou o Homem Cinzento.

Blue se sentiu contente que a coisa havia morrido e então se sentiu mal por se sentir contente que ela havia morrido. Era mais fácil ser generosa agora que aquela coisa não estava tentando desmontar com o cerne de sua existência.

Jesse fechou a porta e trancou novamente.

— ESSA FOI A MINHA SEMANA.

Ela olhou para o corpo estranho e sem articulações, que lembrava vagamente uma minhoca, com escamas em tons de arco-íris reluzindo no facho de sua lanterna. Ela não sabia direito se era algo feio, ou belo, ou apenas diferente de qualquer coisa que já vira antes.

— Há muitos desses por aqui?

— O SUFICIENTE.

— Você já viu algum desses antes? — perguntou o sr. Cinzento.

— NÃO ATÉ AGORA. NEM SEMPRE PARECEM ASSIM, TAMBÉM. ALGUNS DELES NÃO QUEREM MATAR. ALGUNS SÃO APENAS UMAS COISAS VELHAS. MAS ELES ENTRAM NA CASA.

— Por que eles estão saindo? — perguntou Blue.

— EU DISSE QUE A CAVERNA É AMALDIÇOADA.

— Mas nós tiramos ela de lá!

— ACHO QUE ERA ELA QUE OS MANTINHA LÁ EMBAIXO. A CAVERNA ADORA UM SACRIFÍCIO.

Eles consideraram o corpo por vários minutos.

— Vamos enterrar essa coisa? — disse o sr. Cinzento.

— NAH. OS CORVOS COMEM O QUE SOBRAR.

— Isso não é legal — disse Blue. Ela queria oferecer ajuda, mas o que eles poderiam fazer? Colocar Gwenllian de volta na caverna?

O Homem Cinzento guardou sua arma. Ele parecia insatisfeito com tudo que tinha acontecido. Blue se perguntou se ele estava pensando em esconder partes de corpos em uma caverna que já parecia cheia de corpos, e então se ele estava pensando a respeito de Maura em uma caverna com essas criaturas, e, tão logo ela pensou nisso, sua expressão espelhou a do Homem Cinzento.

— NÃO TEM PROBLEMA, FORMIGUINHA — disse Jesse. — ACHO QUE O TEMPO DELA GUARDANDO A CAVERNA JÁ PASSOU. AGORA É A MINHA VEZ.



Naquela noite, a risada de Gwenllian anunciou sua presença no vão da porta do quarto de Blue. Era um momento ruim; Blue estava com um péssimo humor porque era hora de Maura voltar, ou de ela ir encontrar Maura, ou *algo*. Ela iria à caverna dos corvos sozinha. E lutaria com os monstros na caverna de Dittley, e seguiria até o meio da terra procurando por ela. Ela fazia planos, os deixava de lado e os reescrevia, um plano novo a cada segundo.

Gwenllian riu de novo, de maneira significativa. Era sua versão para limpar a garganta. Com um suspiro, Blue rolou para o lado. Ela encontrou a mulher apreciando uma colher de algo que parecia terrivelmente ser maionese.

— Você está fugindo, pequeno lírio azul?

— Ainda não — respondeu Blue, estreitando os olhos para Gwenllian para ver se havia um significado

mais profundo nisso. Ao longe, ela ouvia Calla e Persephone brigando no quarto de Persephone. Bem, na verdade, Calla estava brigando e Persephone não estava dizendo nada. Ela continuou: — Escuta, não existe uma maneira legal de dizer isso, então vou simplesmente colocar para fora: você acha que vai deixar de maluquice logo? Porque eu tenho um monte de perguntas sobre o meu pai, e a minha mãe está desaparecida, e tentar fazer a investigação de um crime através de canções está começando a me cansar.

— Você está começando a soar como o seu principezinho, pequeno lírio — disse Gwenllian. — E não tenho certeza se este é o seu lugar. O que quer dizer: vá em frente. Dou a maior força para mulheres usurpadoras.

Blue deixou essa passar. Gwenllian já provara ser extremamente talentosa em encontrar o ponto fraco de uma pessoa e atingi-lo casualmente.

— Eu só quero a minha mãe de volta. E, por favor, para de me chamar assim. Meu nome é Blue.

— Azul lírio — acrescentou Gwenllian.

— Por favor...

— Lírio.

— ... para.

— Azul — terminou Gwenllian com algum triunfo. Ela comeu o que quer que tivesse sobrado na

colher. Possivelmente era condicionador de cabelo. — Venha até o meu quarto e vou lhe mostrar que somos a mesma coisa, você e eu, eu e você.

Com um suspiro, Blue rolou para fora da cama e seguiu Gwenllian escada acima até o sótão escuro. Mesmo agora, após o sol ter se posto, estava vários graus mais quente que na casa, o que o fazia parecer pequeno e fechado, como uma jaqueta.

Blue havia limpado quase todas as evidências que Neeve deixara para trás, e Persephone e Calla haviam juntado o resto. Os únicos resquícios dignos de nota eram dois espelhos grandes posicionados um de frente para o outro, na parte inclinada do aposento.

Gwenllian levou Blue diretamente até eles, tomando cuidado para não ficar entre os espelhos. Ela acariciou o cabelo de Blue com as duas mãos, como se estivesse alisando uma peruca, e então usou as mãos para virar a cabeça de Blue para o espelho à esquerda.

— Essa sou eu — ela disse. E virou a cabeça de Blue para o espelho à direita. — Essa é *vous*.

— Explique.

— Já fui uma espada e já fui um trovão, e já fui um cometa extinto, e já fui uma palavra, e já fui um espelhoooo!

Blue esperou até que a canção tivesse terminado.

— Então você está dizendo que é um espelho.

— Do azul mais profundo — sussurrou Gwenllian no ouvido de Blue. Ela deu um salto para trás para desenhar a forma de Blue no ar com os dedos. — Blue. Blue. Blue. Azul. Azul. Azul. Por toda parte. E eu. É o que fazemos.

— Ah. Nossas auras? Tudo bem, certo. Mas a Persephone disse que você é médium, e eu definitivamente não sou.

Muito enfastiada, Gwenllian abriu os braços dramaticamente. As duas mãos novamente apontadas para os espelhos.

— Espe*lhos*! Estou lhe dizendo, é isso que nós fazemos.

Algo alfinetou Blue, desconfortavelmente. Ela olhou para os espelhos; Neeve os usara para divinação, disse Calla. Ela ficara entre eles e vira infinitas possibilidades para si mesma se estendendo em qualquer um dos lados, em ambos os espelhos.

Maura estava sempre tirando o pajem de copas do seu baralho de tarô e o mostrando para Blue: *Olha, é você! Veja todo o potencial que ela tem dentro de si!*

— Sim — disse Gwenllian em um trinado. — Você está entendendo. Elas *usam* você, lírio azul? Elas pedem que você segure as mãos delas para que vejam melhor o futuro? Você as faz ver os mortos? Você é

mandada embora do quarto quando as coisas ficam ruidosas demais para elas?

Blue anuiu, emudecida.

— Espelhos — arrulhou Gwenllian. — É isso que nós somos. Quando você segura uma vela na frente de um vidro, isso não deixa o quarto duas vezes mais iluminado? Da mesma forma nós, lírio azul, azul lírio.

Ela saltou sobre o colchão.

— Que útil! Um acréscimo maravilhoso para os estábulos. Como os corcéis de Gwythur e Gwarddur e Cunin e Lieu. — Ela interrompeu sua canção para balançar a cabeça e dizer, com uma voz mais normal: — Não, não de Lieu. Mas dos outros.

Blue não conseguia acreditar que havia finalmente encontrado alguém como ela. Ela achava que isso não seria possível.

— O que é lírio azul, então? De onde vem esse nome?

Gwenllian avançou em direção aos espelhos, parando quase entre eles. Ela deu um giro para se colocar a dois centímetros de Blue.

— *Bruxas*, minha almofadinha floral. É isso que nós somos.

Uma emoção deliciosa e travessa trespassou Blue ao ouvir a palavra. Não que ela tivesse aspirações de ser uma bruxa; mas ela fora um acessório sem nome

por tanto tempo que a ideia de ter um título, ou ser *qualquer coisa*, era deliciosa.

Mas equivocada.

— Talvez você — disse Blue. — Mas o melhor que eu posso fazer é *não* ajudar as pessoas. Às vezes. — Ela pensou em como havia desconectado Noah em Monmouth, mas fora incapaz de fazê-lo na fazenda de Jesse Dittley. Isso, ela se deu conta, havia sido por causa de Gwenllian.

— Pessoas! — Gwenllian riu gloriosamente. — *Pessoas! Homens?* O que a faz pensar que você é amiga de *homens*?

Alguém poderia argumentar, pensou Blue, que ela *só* era amiga de homens, mas ela não achou que seria útil mencionar isso.

— Quem quer que queira falar com as pessoas! — Gwenllian gesticulou grandiosamente para os dois espelhos. — Vá! Fique ali! De pé!

Calla havia deixado bem claro anteriormente que não queria se colocar entre os dois espelhos de Neeve. E também havia deixado implícito que fazer isso poderia ter algo a ver com o desaparecimento de Neeve.

Blue não queria ficar entre eles.

Gwenllian a empurrou.

A garota foi lançada na direção deles, os braços girando. Ela podia ver a luz reluzindo em suas superfícies. Ela oscilou e parou um pouco antes de chegar até eles.

— Tudo bem, eu... — ela disse.

Gwenllian a empurrou de novo.

Blue só deu um passo para trás, mas foi o suficiente para colocá-la bem no meio dos dois espelhos.

Ela esperou ser vaporizada.

Esperou os monstros aparecerem.

Nenhuma das duas coisas aconteceu.

Em vez disso, ela espiou lentamente para a esquerda, então para a direita, depois olhou para suas mãos. Elas ainda eram visíveis, o que era notável, pois seu reflexo não era visível em nenhum dos espelhos. Os espelhos somente refletiam um ao outro, repetidamente. Havia algo um pouco sombrio e perturbador a respeito das imagens dentro deles, mas nada mais.

— Onde estou? — perguntou Blue a Gwenllian.

A mulher riu e saiu dando saltos, batendo palmas alegremente.

— Não lamente a sua estupidez! A magia de espelhos não significa nada para os espelhos.

Blue aproveitou a oportunidade para sair dali rapidamente, de volta para o centro do aposento.

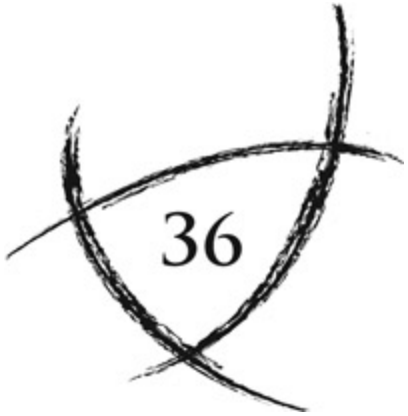
— Não compreendo.

— Nem eu — Gwenllian disse despreocupadamente. — E essa conversa fútil me deixou faminta.

A mulher começou a descer a escada do sótão.

— Espera! — chamou Blue. — Você não vai contar sobre o meu pai?

— Não — respondeu Gwenllian. — Vou pegar maionese.



O primeiríssimo artefato sobrenatural que Greenmantle havia adquirido fora uma boneca amaldiçoada. Ele a havia comprado no eBay por quinhentos dólares (o preço incluía o envio em dois dias). A descrição do produto no leilão havia prometido que a boneca passara as últimas duas semanas no porão do vendedor rosnando e revirando os olhos. Às vezes, dizia o texto, um escorpião saía rastejando dos ouvidos da boneca. Ele também avisava que aquele não era um brinquedo para crianças e realmente estava sendo oferecido somente para incrementar rituais satânicos ou de magia negra.

Greenmantle a comprara com partes iguais de ceticismo e esperança. Para sua contrariedade, mas não surpresa, a boneca não tinha nada de extraordinário quando chegou. Ela não rosnava. Seus

olhos fechavam e abriam somente quando era cutucada. Não havia sinal de inseto algum.

Piper — sua namorada à época — e ele haviam passado a noite comendo sushi encomendado pelo telefone e jogando feijões verdes na boneca, em uma tentativa de provocar alguma atividade demoníaca.

Um tempo depois, Piper disse:

— Se tivéssemos um cachorrinho, ele poderia pegar os feijões para nós.

Greenmantle havia respondido:

— E então poderíamos sacrificá-lo e usar o sangue dele para ativar a boneca.

— Casa comigo? — ela perguntou.

Ele pensou.

— Eu me amo mais, sabe. Tudo bem para você vir sempre em segundo lugar?

— Idem — ela respondeu. Então se cortou e esfregou o sangue na testa da boneca com um nível de envolvimento pessoal que Greenmantle ainda tinha de alcançar.

Mesmo assim, a boneca não rosnou nem mordeu ninguém, mas, naquela noite, Greenmantle a colocou em uma caixa no quarto de visitas, e na manhã seguinte ela estava caída de rosto virado para o chão, perto da porta da frente. Ele sentiu o nível de emoção, medo e prazer apropriado.

— Não me impressionou — disse Piper, passando sobre ela a caminho de sua aula de esgrima para damas ou sua turma de culinária pelada. — Encontre algo melhor.

E ele havia encontrado.

Ou melhor, ele havia contratado pessoas para encontrar algo melhor. Agora, anos mais tarde, ele tinha montes de artefatos sobrenaturais, quase todos eles mais interessantes do que a boneca ocasionalmente móvel. Ele ainda preferia que seus artefatos fossem ligeiramente atmosféricos. Piper gostava deles sombrios.

Algo estava acontecendo com ela ali em Henrietta, e não era apenas sua aula de ioga.

Ele não devia tê-la trazido.

Greenmantle entrou na casa alugada.

— Piper — chamou. Não houve resposta. Ele fez uma pausa na cozinha para pegar um pedaço de queijo e uma uva. — Piper, se você foi pega pelo sr. Cinzento, dê um latido.

Ela não tinha sido pega por nada, exceto o espelho. Estava no banheiro do corredor olhando fixamente para si mesma, e não respondeu quando ele chamou seu nome. Isso não era particularmente incomum, uma vez que Piper ficava facilmente fascinada pelo próprio reflexo. Ele voltou para a

cozinha para pegar uma taça de vinho. Piper havia usado todas as taças de vinho e não as lavara, de maneira que ele serviu um Pugnitello barato em uma xícara da Academia Aglionby.

Então Greenmantle voltou para o banheiro. Ela ainda estava mirando a si mesma atentamente.

— Você está fora do ar — ele disse, puxando-a. Ele notou uma carta de tarô, o três de espadas, pousada na beira da pia. — Hora de olhar para mim agora.

Ela ainda tinha o olhar perdido em lugar nenhum. Greenmantle estalou os dedos rudemente na sua frente por alguns minutos, e então, depois de começar a ficar um pouco amedrontado, mergulhou os dedos dela na xícara e colocou a ponta dos dedos cobertos de vinho na boca de Piper.

Ela voltou.

— O que você quer? Por que meus dedos estão na minha boca? Você é tão pervertido.

— Eu só estava dizendo oi. Oi, querida, cheguei.

— Ótimo. Você chegou. Estou ocupada.

E bateu a porta do banheiro na cara dele. De dentro do banheiro, ele ouviu um cantarolar. Não soava como Piper, embora tivesse de ser.

Greenmantle achou que provavelmente havia chegado a hora de terminar o seu trabalho e cair fora

daquele lugar.

Ou talvez simplesmente cair fora daquele lugar.



Às vezes, Gansey esquecia como gostava da escola e como era *bom* naquilo. Mas ele não conseguia esquecer em manhãs como aquela — o nevoeiro de outono subindo dos campos e erguendo-se à frente das montanhas, o Pig rodando tranquilo e ruidoso, Ronan saindo do banco de passageiro e dando batidinhas com os nós dos dedos no teto, com os dentes reluzindo à mostra, a grama úmida molhando ligeiramente as pontas negras dos seus sapatos, a bolsa jogada sobre o seu blazer, Adam de olhar atento tocando punhos quando eles se encontravam na calçada, garotos à volta deles rindo e chamando uns aos outros, abrindo espaço para os três, pois essa era um rotina antiga: Gansey-Lynch-Parrish. Manhãs como aquela eram algo para se guardar para sempre.

Não haveria nada para arruinar a perfeição revigorante do momento a não ser a presença de

Greenmantle em algum lugar e a não presença de Maura. A não ser as questões relativas a Gwenllian e Blue, e cavernas que se avultavam cheias de promessas e ameaças. A não ser por tudo. Era tão difícil esses dois mundos coexistirem.

Corvos matutinos e trabalhadores em andaimes chamavam uns aos outros sobre o campus enquanto os garotos atravessavam juntos o gramado da escola. O som de martelos ecoava dos prédios; eles estavam substituindo parte do telhado. O andaime estava carregado de telhas de ardósia.

— Olha isso — disse Ronan. Com um movimento brusco do queixo, ele indicou Henry Cheng, parado com uma placa no canto do gramado da escola.

— "Faça a diferença: *depois* de se formar" — Gansey leu enquanto se aproximavam dele. — Jesus, você passou a noite aqui?

Os sapatos de Henry estavam lisos com a condensação, e os ombros, encolhidos contra o frio. O nariz estava extremamente róseo. O cabelo, normalmente gloriosa e enormemente espigado, ainda estava glorioso e espigado; ele claramente tinha suas prioridades. Ele havia plantado outro cartaz em um vaso atrás de si, no qual se lia: "PENSE PROFUNDAMENTE... mas não sobre Aglonby".

— Que nada. Só desde as seis. Eu queria que eles *pensassem* que eu passei a noite toda aqui.

Adam ergueu uma sobrancelha hesitante diante da cena.

— Quem são "eles"?

— Os professores, obviamente — respondeu Henry.

Gansey tirou uma caneta da bolsa e cuidadosamente acrescentou um "i" em "Aglonby".

— Isso ainda é sobre o conselho de estudantes?

— Eles ignoraram totalmente a minha petição — disse Henry. — Fascistas. Eu precisava fazer algo. Vou ficar parado aqui até eles concordarem em começar um.

— Parece que você encontrou uma boa maneira de ser expulso — observou Ronan.

— *Você* deveria saber.

Adam estreitou os olhos. Havia algo diferente a respeito dele. Ou talvez só houvesse alguma diferença entre ele e Henry. Henry era um garoto. Adam era um...

Gansey não sabia.

— Que motivo eles deram para ignorar a petição? — perguntou Adam.

Henry fez uma pausa para gritar através do gramado:

— Cheng Dois, se esse café não for para mim, pega outro! Por favor! Obrigado! Por favor!

O outro Cheng levantou seu copo de café de longe como para saudá-lo e gritou:

— Desculpa! Desculpa! — antes de desaparecer em um dos prédios acadêmicos.

— Um desonrado — sussurrou Henry. Para Adam, falou: — Eles disseram que seria um gasto muito grande dos recursos da administração estabelecer e monitorar o conselho.

— Parece um motivo razoável — respondeu Adam, seus olhos já nos prédios das aulas. — Sobre o que você ia falar no conselho mesmo? O cardápio do almoço?

Ronan abriu um sorriso desagradável.

Cheng teve um calafrio e disse:

— Você, Parrish, é parte do problema.

— Vou pegar um café para você. — Gansey olhou para o relógio. — Eu tenho tempo.

— Gansey — reclamou Ronan.

— Nos encontramos lá.

— Você é um príncipe entre os homens, Dick Gansey — disse Cheng.

— Mais para um homem entre os príncipes — sussurrou Adam. — Você tem sete minutos, Gansey.

Gansey os deixou conversando com Cheng e se dirigiu para a sala dos professores. De maneira geral, os alunos não deveriam circular livremente pela sala dos professores, mas, estreitando a questão, Gansey era isento dessa regra em virtude de seu declarado favoritismo. Ele limpou a grama úmida dos sapatos no capacho da entrada e fechou a porta atrás de si. O velho assoalho junto à porta estava curvado pelo peso da tradição e exigia um empurrão familiar e pesado para fechá-la; Gansey o fez sem pensar.

Dentro, a sala era frugal e arejada, e cheirava a lareira e bagels. Tinha todo o conforto de uma prisão antiga: bancos de madeira nas paredes, mural histórico no reboco, candelabro com teias de aranha acima, uma variedade esparsa de provisões para o café da manhã sobre uma mesa antiga vergada. Gansey parou na frente da cafeteira. Ele estava tendo aquele sentimento de atemporalidade esquisito que o campus muitas vezes lhe provocava: o sentimento de que sempre estivera naquela velha sala naquele velho prédio, ou de que alguém *havia* estado ali, e que todos os momentos e todas as pessoas eram os mesmos. Naquele lugar sem forma, ele se sentiu imensamente grato pelo fato de Ronan e Adam o esperarem lá fora, por Blue e pela família dela, por Noah e por Malory.

Ele se sentia tão grato por ter encontrado a todos, finalmente.

Então pensou sobre aquele poço na caverna dos corvos.

Pelo segundo mais curto possível, Gansey achou que sabia... de algo. A resposta.

Mas ele não havia feito uma pergunta, e então o momento tinha passado, de qualquer maneira, e ele percebeu que estava ouvindo algo. Um grito, uma batida, o nome de Adam...

Gansey não se lembrou da decisão de se mexer, apenas seus pés já corriam até a porta.

Lá fora, o pátio parecia um palco montado para uma peça: duas dúzias de estudantes pontilhavam o gramado, mas nenhum deles se mexia. Uma nuvem lenta e pálida se movia entre eles, assentando-se vagarosamente. A atenção de todos estava voltada para o canto do gramado onde Henry estivera parado.

Mas fora o nome de Adam que ele ouvira.

Ele viu que a área mais alta do andaime estava pendurada de um jeito torto, os trabalhadores olhando fixamente para baixo em suas posições no telhado. Poeira. A nuvem era isso. Do que quer que tenha caído do andaime. As telhas de ardósia.

Adam.

Gansey abriu caminho entre os alunos. Ele viu Henry primeiro, então Ronan, ilesos, mas cobertos de pó como corpos de Pompeia. Ele cruzou o olhar com Ronan — *Está tudo bem?* — e não reconheceu a expressão dele.

Depois Adam.

Ele estava de pé, absolutamente imóvel, as mãos junto ao corpo. O queixo estava voltado de maneira cautelosa e frágil para cima, e os olhos não focavam nada. Diferentemente de Ronan e Henry, ele não tinha nenhum pó sobre si. Gansey viu o sobressalto de seu peito enquanto ele respirava, ofegante.

Em volta dele havia centenas de telhas de ardósia quebradas. Os pedaços haviam explodido por dezenas de metros, enterrados na grama como mísseis.

Mas o chão ao redor de Adam estava limpo, em um círculo perfeito.

Era esse círculo, esse círculo impossível, que os outros alunos encaravam. Alguns deles estavam tirando fotos com seus celulares.

Ninguém estava falando com Adam. Não era difícil compreender isso: Adam não parecia alguém com quem se pudesse conversar, naquele instante. Havia algo mais assustador a respeito dele do que a respeito do círculo. Como o chão limpo, não havia nada inerentemente incomum sobre sua aparência.

Mas no contexto, cercado por aqueles prédios de tijolos, ele não... *pertencia*.

— Parrish — disse Gansey quando ele se aproximou. — Adam. O que aconteceu?

Os olhos de Adam deslizaram até ele, mas sua cabeça não se virou. Era aquela imobilidade que o fazia parecer tão *outro*.

Atrás, ele ouviu Ronan dizer:

— Gosto do jeito que vocês, otários, pensaram no Instagram antes de pensar em ajudar. Caiam fora.

— Não, não caiam fora — corrigiu Henry. — Avisem um professor que tem alguns homens no telhado prestes a ser processados.

— O andaime quebrou — disse Adam em voz baixa. Uma expressão estava surgindo em seu rosto agora, mas ela também era estranha: assombro. — Desmoronou tudo.

— Você é o cara mais sortudo dessa escola — disse Henry. — Como você não morreu, Parrish?

— Foram os seus cartazes de merda — sugeriu Ronan, parecendo muito menos preocupado que Gansey. — Eles criaram um campo de força de merda.

Gansey se inclinou e Adam o puxou ainda mais para perto, segurando seu ombro firmemente. Bem no ouvido de Gansey, ele sussurrou, com a voz marcada pela incredulidade:

— Eu não... Eu só pedi... Só *pensei*...

— Pensou o quê? — perguntou Gansey.

Adam o soltou. Seus olhos estavam pousados sobre o círculo à sua volta.

— Pensei *aquilo*. E aconteceu.

O círculo era absolutamente perfeito: pó do lado de fora, nenhum pó do lado de dentro.

— Sua criatura maravilhosa — disse Gansey, porque não havia mais nada a dizer. Porque ele havia pensado agora há pouco que esses dois mundos não poderiam coexistir e, no entanto, ali estava Adam, os dois ao mesmo tempo. Vivo por causa disso.

Essa *coisa* que eles estavam fazendo. Essa coisa. O coração de Gansey era uma fenda repleta de possibilidades, temeroso, ofegante e assombrado.

Ronan exibia um sorriso duro. Agora Gansey reconhecia a expressão no rosto de Ronan: arrogância. Ele não tivera medo por Adam. Ele soubera que Cabeswater o salvaria. Estivera certo disso.

Gansey pensou como era estranho conhecer aqueles dois rapazes tão bem e, no entanto, não conhecê-los de verdade. Ambos tão mais difíceis e tão melhores do que quando os conhecera pela primeira vez. Teria sido isso que a vida fizera com todos eles? Esculpira-os em versões mais duras, mais verdadeiras de si mesmos?

— Eu disse — falou Ronan. — Mágico.



O dia havia finalmente chegado.

Após todos os adiamentos, após meses de espera, era chegado o dia no tribunal.

Adam se levantou como faria normalmente para ir à escola, mas, em vez de colocar o uniforme, colocou o terno bacana que havia comprado seguindo o conselho de Gansey um ano antes. Ele não permitira que Gansey pagasse por nada, na época. No entanto, a gravata em que ele deu o nó agora fora presente de Natal de Gansey, que Adam aceitou porque já tinha uma gravata quando o amigo a comprou, então não seria caridade.

Parecia um princípio bobo agora, completamente divorciado da realidade. Adam se perguntou se passaria cada ano de sua vida pensando em como havia sido estúpido no ano anterior.

Ele pensou em esperar até depois do café da manhã para se vestir, para evitar derramar qualquer coisa no terno, mas isso era bobagem. Ele não seria capaz de comer nada.

Seu caso era às dez da manhã, horas depois do início das aulas, mas Adam tinha pedido permissão para folgar o dia inteiro. Ele sabia que seria impossível esconder a razão de sua ausência de Gansey e Ronan se tivesse de deixar a escola no meio da manhã, e igualmente difícil de disfarçar onde ele estivera se voltasse logo depois do tribunal.

Parte dele queria não estar fazendo isso sem os outros — um desejo chocante diante do fato de que, apenas algumas semanas antes, a própria ideia de que Gansey pudesse chegar a saber a respeito do julgamento havia perturbado Adam.

Mas agora — não. Ele ainda não queria que eles lembrassem essa parte dele. Ele só queria que vissem o novo Adam. Persephone havia lhe dito que ninguém precisava saber do seu passado se ele não quisesse que soubessem.

Ele não queria.

Então ele esperou, enquanto Gansey, Ronan e Blue partiam para a escola e viviam dias comuns. Ele se sentou na beirada do colchão e trabalhou um plano para chantagear Greenmantle enquanto transcorria o

primeiro período. Olhou fixamente para o texto de biologia e pensou em um círculo sem pó em torno de seus pés para o segundo período. Então foi para o tribunal.

Cabeswater acenou para Adam, mas ele não podia voltar atrás. Ele tinha de estar ali para isso.

Cada passo diante do tribunal era um evento esquecido tão logo acontecia. Havia o estacionamento, um detector de metal, um funcionário, uma escada de fundos em vez de um elevador, outro funcionário, uma sala vista de relance com o teto baixo e bancos como uma igreja de cada lado de um corredor, uma igreja para o mundano, uma missa para aqueles que alegavam inocência.

Adam tentou se acalmar dizendo a si mesmo que as pessoas trabalhavam ali todos os dias, que aquilo não era nada extraordinário para elas, que não havia nada de especial a respeito daquele prédio. Mas o cheiro de prédio antigo, de mofo e cola, a sensação do tapete puído debaixo dos seus pés, a luz das lâmpadas fluorescentes inconstante e insalubre acima — tudo parecia estranho. Tudo era um fardo para seus sentidos, com o peso de como aquele dia não era igual a nenhum outro. Ele passaria mal. Ou desmaiaria.

Será que seu pai já estava no prédio?

Era uma sala de tribunal fechada para casos juvenis, de maneira que as únicas pessoas na sala até o momento eram profissionais: assistentes, advogados, oficiais de justiça.

Adam repassou os resultados possíveis em sua cabeça. Se ele perdesse, sabia academicamente que o tribunal não poderia obrigá-lo a voltar para casa. Ele tinha dezoito anos e era livre para fracassar ou ser bem-sucedido na vida, à parte de sua família. Mas será que isso ficaria marcado em sua história? Um garoto que havia falsamente levado o pai aos tribunais? Como seria feio. Que baixaria. Ele imaginou o pai de Gansey interpretando: disputa familiar das classes mais baixas. É por isso que os mais desfavorecidos continuam desfavorecidos, ele diria. Brigas entre si e bebida, TV o dia inteiro e compras em liquidação no Walmart.

Ele não conseguia se sentir muito imbuído da vitória, também, pois não tinha certeza de como isso pareceria. Era possível que seu pai voltasse para a cadeia. Se isso acontecesse, será que sua mãe teria como pagar as contas?

Ele não devia se preocupar com isso. Mas não conseguia parar de pensar.

Adam sentia como se estivesse fingindo em seu terno novo.

Mas você é apenas um deles, um caipira pobretão usando diamantes.

Lá estava o seu pai.

Ele usava uma jaqueta com o logotipo de alguma empresa local nas costas e a camisa polo de sua empresa. Adam rezou em busca de alguma clareza, para ver o seu pai como todos o viam, em vez de *Pai? É o Adam...*

— Ainda dá tempo de você contar a verdade — disse Robert Parrish.

A mãe de Adam não tinha vindo.

Os dedos de Adam estavam entorpecidos.

Mesmo se eu perder, ele pensou debilmente, *ele não pode me fazer voltar, então não importa. Vai ser só uma hora de humilhação e aí terá terminado.*

Ele gostaria de nunca ter feito isso.

— Muito bem — disse o juiz. Seu rosto era uma memória que desapareceu no instante em que Adam piscou os olhos.

Cabeswater o roubou por um segundo jubiloso, as folhas dobradas em torno de sua garganta, e então o soltou. Com que desespero Adam queria se prender a Cabeswater. Por mais estranho que fosse, era algo familiar, e do seu lado.

Ele errara em ir ali sozinho. Por que ele se importava que Gansey e Ronan vissem isso? Eles já

sabiam. Eles sabiam tudo sobre ele. Que mentira o *incognoscível* era. A única pessoa que não conhecia Adam era ele mesmo.

Que idiota orgulhoso você tem sido, Adam Parrish.

— Há testemunhas para este caso? — perguntou o juiz.

Não havia.

Adam não olhou para o pai.

— Então acho que devemos começar.

Um som sibilante veio do oficial ao lado do juiz: uma voz através do seu rádio. O oficial inclinou a cabeça para ouvir, então sussurrou algo de volta no aparelho. Aproximando-se do juiz, ele disse: — Senhor juiz, o oficial Myley diz que há algumas testemunhas do caso lá fora, se não for tarde demais para elas entrarem.

— A porta já está fechada, não está?

— Está.

O juiz espiou o relógio.

— Elas são certamente para o caso Parrish?

— O oficial Myley acredita que sim.

O juiz sorriu de alguma piada interna deles, alguma graça antiga da qual os outros não participavam.

— Longe de mim duvidar dele. Mande-as entrar, e decido se aceitarei.

Adam se perguntou miseravelmente qual dos vizinhos estava vindo em defesa de seu pai.

Em uma hora, isso terminará. Você nunca mais vai precisar fazer isso. Tudo que você precisa fazer é sobreviver.

A porta se entreabriu. Adam não queria olhar, mas olhou de qualquer maneira.

No corredor estava parado Richard Campbell Gansey III em seu uniforme escolar, sobretudo, cachecol e luvas, parecendo saído de outro mundo. Atrás dele estava Ronan Lynch, a maldita gravata amarrada direito uma vez na vida e a camisa enfiada para dentro das calças.

Humilhação e alegria brigavam furiosamente dentro de Adam.

Gansey avançou a passos largos entre os bancos enquanto o pai de Adam o encarava. Ele seguiu em linha reta até o juiz, direto até ele. Agora que estava bem ao lado de Adam, sem olhar para ele, Adam podia ver que Gansey estava ligeiramente ofegante. Ronan, ao lado dele, também. Eles tinham corrido.

Por ele.

Gansey tirou a luva da mão direita e cumprimentou o juiz.

— Juiz Harris — ele disse calorosamente.

— Sr. Gansey — disse o juiz. — Já encontrou aquele seu rei?

— Falta um pouquinho. E o senhor, já terminou aquele terraço?

— Falta um pouquinho — respondeu Harris. — Qual o seu interesse neste caso?

— Ronan Lynch aqui estava presente no incidente — disse Gansey. — Achei que o lado dele da história valia a pena ser ouvido. E eu sou amigo do Adam desde o primeiro dia aqui em Henrietta, e fico feliz que essa história miserável chegue ao fim. Gostaria de ser testemunha do caráter de Adam, se possível.

— Parece razoável — disse Harris.

— Eu objeto! — exclamou Robert Parrish.

Gansey se virou para Adam, finalmente. Ele ainda projetava sua expressão gloriosamente real, Richard Campbell Gansey III, cavaleiro branco, mas seus olhos estavam em dúvida. *Tudo bem eu fazer isso?*

Tudo bem ele fazer isso? Adam havia rejeitado tantas ofertas de ajuda de Gansey. Dinheiro para a escola, dinheiro para a comida, dinheiro para o aluguel. Pena e caridade, havia pensado Adam. Por tanto tempo, ele quisera que Gansey o visse como um igual, mas era possível que, por todo esse tempo, a única pessoa que precisava ver isso fosse Adam.

Agora ele podia ver que não era caridade que Gansey estava oferecendo. Era apenas *verdade*.

E algo mais: amizade do tipo inabalável. Uma amizade que você podia contar para valer. Que poderia passar pelas maiores dificuldades e voltar mais forte que antes.

Adam estendeu a mão direita, e Gansey o cumprimentou com um aperto de mãos, como se eles fossem homens, porque eles *eram* homens.

— Muito bem — registrou Harris. — Vamos prosseguir com o caso.



Normalmente Adam não trazia ninguém consigo quando fazia um trabalho de Cabeswater. Ele confiava em suas habilidades sozinho. Ele confiava em suas *emoções* sozinho. Ele não podia machucar ninguém em uma sala vazia. Ninguém podia machucá-lo.

Ele era incognoscível.

Só que ele não era.

Então ele pediu a Blue Sargent que viesse com ele quando finalmente partiu para fazer o que Cabeswater havia lhe pedido semanas antes. Ele não contou a Blue, caso não funcionasse, mas Adam achou que, se a levasse, Cabeswater poderia ajudá-los a encontrar Maura.

Agora ele esperava no carro em um posto de gasolina descorado nas cercanias de Henrietta. Ele não sabia dizer se o pulso que sentia na palma das mãos era a batida do seu coração ou a linha ley.

— Eu sei o que você quer dizer — disse Noah do banco de trás. Ele estava caído sobre o encosto do passageiro como um suéter sem um corpo dentro. Adam havia quase esquecido que ele estava ali, pois Noah não havia sido convidado. Não porque fosse indesejado, mas porque ele estava morto, e não se podia contar com os mortos para que eles aparecessem em momentos específicos.

— Você acabou de responder aos meus pensamentos?

— Acho que não.

Adam não conseguia se lembrar se ele havia falado em voz alta. Ele achava que não.

O carro balançou quando um caminhão agrícola passou ruidosamente na rodovia. Tudo a respeito daquela região era gasto. O posto de gasolina era um sobrevivente de décadas passadas, com placas de latão na janela e galinhas à venda atrás. A fazenda do outro lado da estrada era antiga, mas charmosa, como um jornal amarelado.

Ele analisou a chantagem de Greenmantle por todos os ângulos em sua cabeça. Ela tinha de ser à prova de balas. Ele não havia contado a Gansey; não havia contado a Blue. Ele havia convencido Ronan e trazido o Homem Cinzento para o plano, mas, no fim,

a conta ficaria toda com ele se Greenmantle explodisse na cara deles.

— Acho que está pronto — disse Noah.

— Para com isso. Para. É sinistro.

Ele olhou Noah de relance pelo espelho retrovisor e se arrependeu; o garoto morto era mais assustador quando refletido. Muito menos vivo.

Noah sabia disso e se escondeu da vista do espelho.

Do lado de fora do carro, a voz de Blue se ergueu:

— Como você se sentiria se eu reduzisse *você* às suas pernas?

Adam e Noah esticaram o pescoço para olhar pelo vidro de trás.

A voz de Blue soou de novo:

— Não. Não. Que tal você ver a questão do *meu* jeito? Que tal você não me reduzir a uma mercadoria e então, quando eu te pedir para não fazer isso, não dizer que é um elogio e que eu deveria ficar *feliz* por isso?

A boca de Noah assumiu uma forma de *uuuu*.

— É — concordou Adam, saindo do carro.

Blue estava a alguns metros dali. Ela usava uma camisa quadrada grande, shorts azuis, coturnos e meias que iam até acima dos joelhos. Apenas um palmo de pele nua era visível, mas era um palmo realmente bonito.

Um velho usando um boné trançado disse:

— Mocinha, um dia você vai se lembrar com saudade da época em que as pessoas lhe diziam que você tinha belas pernas.

Adam se preparou para a explosão.

Eram pregos e dinamite.

— Saudade? Ah, bem que eu *gostaria* de ser tão ignorante quanto você! Que felicidade! Existem garotas que se *matam* por causa da imagem negativa que têm do próprio corpo, e você...

— Algum problema aqui? — intercedeu Adam.

O homem parecia aliviado. As pessoas sempre ficavam satisfeitas em ver o Adam asseado, calado, a voz respeitosa sulista da razão.

— A sua namorada é esquentadinha.

Adam encarou o homem. Blue encarou Adam.

Ele queria dizer a ela que não valia a pena, que ele havia crescido com esse tipo de homem e sabia que eles não tinham traquejo, mas então ela jogaria a garrafa térmica na cabeça de Adam e provavelmente daria um tapa na boca do sujeito. Era impressionante que Blue e Ronan não se dessem melhor, pois eram marcas diferentes da mesma matéria impossível.

— Senhor — começou Adam, e as sobrancelhas de Blue se levantaram —, acho que talvez a sua mãe não tenha lhe ensinado como falar com mulheres.

O velho balançou a cabeça para Adam, como que com pena.

Adam acrescentou:

— E ela não é minha namorada.

Blue lhe lançou um olhar reluzente de aprovação e então entrou no carro com uma forte e dramática batida de porta que Ronan teria aprovado.

— Escuta, garoto — começou o velho.

— Aliás, o senhor está com a braguilha aberta — Adam interrompeu.

Ele entrou de volta em seu carrinho usado, o que Ronan chamava de Hondayota. Ele se sentia heroico sem motivo. Blue fervia, com toda razão, enquanto eles deixavam o posto de gasolina. Por alguns momentos, não se ouviu nada a não ser o ruído esforçado da respiração do carrinho.

Então Noah disse:

— Mas você *tem* pernas bonitas.

Blue se virou para ele. Adam não conseguiu segurar uma risada, e ela bateu no ombro dele também.

— Você pegou a água, pelo menos? — ele perguntou.

Ela sacudiu a garrafa térmica para demonstrar o sucesso.

— Eu também trouxe um pouco de pulverizador. Dizem que é uma boa proteção quando se está fazendo uma divinação.

— Nós vamos fazer uma divinação? — Noah se endireitou.

Adam teve dificuldade para explicar.

— Cabeswater fala uma língua, e eu falo outra. Consigo ter uma ideia geral ao ler as cartas. Mas é mais difícil de chegar aos detalhes de como consertar o alinhamento. Então vou fazer uma divinação. Eu faço toda hora. É muito eficiente, Noah.

— Uma maneira eficiente de fazer com que a sua alma nua seja roubada por forças *absolutamente más*, talvez — disse Noah.

Blue trocou um olhar com Adam.

— Não acredito no mal absoluto.

— Ele não se importa se você acredita nele — disse Noah.

Ela se virou em seu assento para encará-lo.

— Normalmente eu não gosto de dizer quando você está sendo sinistro. Mas você está.

O garoto morto se afundou ainda mais no banco de trás; o ar se aqueceu marginalmente enquanto ele o fazia.

— *Ele* já me chamou de sinistro hoje.

— Me conta mais sobre a questão do alinhamento — disse Blue a Adam. — Me conta *por que* ela quer que você faça isso.

— Não entendo por que isso importa.

Ela fez um ruído de profunda exasperação.

— Mesmo colocando de lado todas as considerações espirituais possíveis, ou... ou mitológicas, ou qualquer coisa que realmente signifique algo, você está manipulando essa fonte de energia gigantesca que parece se comunicar diretamente na sua cabeça em uma língua diferente, e que, para mim, parece algo sobre o qual eu teria um monte de perguntas se fosse você!

— Não quero falar sobre isso.

— Mas eu quero. Você está dirigindo toda essa distância até aqui, e não quer perguntar nem a razão disso?

Adam não respondeu, porque sua resposta não seria educada.

Seu silêncio, no entanto, pareceu pior. Blue disparou:

— Se você não queria conversar, não sei por que me perguntou se eu queria vir!

— Talvez eu não devesse ter perguntado.

— Certo, quem gosta de ficar ao lado de uma pessoa que *pensa*!

Adam se segurou, com esforço. Com apenas uma farpinha na voz, ele disse: — Eu só quero *terminar* com isso.

— Me deixa aqui. Eu volto *a pé*.

Ele pisou no freio com tudo.

— Não pense que eu não faria isso.

— Vá em frente, então!

Blue já tinha a mão na maçaneta da porta.

— *Pessoal* — lamuriou-se Noah.

O melhor e o pior aspecto de Blue Sargent era que ela realmente faria o que estava dizendo; ela realmente voltaria a pé até Henrietta se ele parasse naquele instante. Ele fez uma careta para ela, e ela fez uma careta de volta.

Não brigue com Blue. Não brigue com Gansey.

Com um suspiro, Adam acelerou de novo.

Blue se recompôs e então ligou o rádio.

Adam não havia nem se dado conta de que o toca-fitas antiquado funcionava, mas, após alguns segundos sibilantes, uma fita que estava dentro desafinou uma canção. Noah começou a cantar junto imediatamente.

— Abóbora um, abóbora dois...

Adam deu um tapa no rádio ao mesmo tempo que Blue. A fita foi ejetada com tanta força que Noah estendeu uma mão para pegá-la.

— Essa *música*. O que você está fazendo com *isso* no seu aparelho? — demandou Blue. — Você ouve isso por diversão? Como essa canção escapou da internet?

Noah riu e lhes mostrou a fita. Ela trazia um rótulo marcado com a caligrafia de Ronan: "MOMENTOS ÍNTIMOS DE PARRISH NO HONDAYOTA". O outro lado trazia: "CANÇÃO DE MERDA PARA CANTAR JUNTO".

— Coloque para tocar! — disse Noah alegremente, acenando com a fita.

— Noah. Noah! Tira isso dele — disse Adam.

À frente deles, a entrada para a Skyline Drive se assomou. Adam estava pronto dessa vez; ele abriu a carteira enquanto se aproximavam lentamente. Dentro aninhavam-se precisamente quinze dólares.

Blue lhe passou uma nota de cinco.

— Minha contribuição.

Houve uma pausa.

Ele a aceitou.

Na janela, Adam trocou seus fundos combinados por um mapa, o qual deu de volta para Blue. Enquanto ia para uma área de estacionamento inclinada além da entrada, Adam examinou duvidosamente seu orgulho em busca de algum dano e ficou surpreso ao não encontrar nenhum.

— Estamos no lugar certo? — ela perguntou. — Você precisa do nosso mapa de quinze dólares?

— Vou saber em um segundo. Podemos sair — disse Adam.

Diante deles, o terreno caía bruscamente em uma ravina sem fundo; atrás, as montanhas ascendiam sombriamente. O ar estava enevoado com a fragrância agradável e perigosa da fumaça de madeira: em algum lugar, uma daquelas montanhas outonais estava em chamas. Adam forçou a vista até encontrar de onde vinha aquela fumaça, que encobria um pico ao longe. Daquela distância, parecia algo mais mágico que ameaçador.

Blue e Noah implicavam um com o outro enquanto Adam pegava as cartas de tarô. Endireitando os pés para sentir melhor o pulso da linha, ele colocou uma carta ao acaso sobre o capô quente. Seus olhos desconcentrados passaram sobre a imagem — um cavaleiro enegrecido montado em um cavalo, carregando um bastão coberto de vinhas — e começaram a transformá-la em algo sem palavras e onírico. A visão foi substituída pela sensação. Um sentimento vertiginoso de viagem, escalada, retidão.

Ele cobriu a imagem com a mão até recuperar a visão, então guardou a carta.

— Cavaleiro de paus? — Blue lhe perguntou.

Adam não se lembrava mais qual era a carta *realmente*.

— Era mesmo?

— Agora me digam quem é sinistro? — perguntou Noah.

Adam colocou a mochila nas costas e partiu na direção do início da trilha.

— Vamos lá. É por aqui.

A trilha estreita e pedregosa estava coberta com folhas amassadas. O terreno tinha um declive abrupto de um lado e subia impetuosamente do outro. Adam estava absolutamente consciente das rochas enormes que se projetavam na trilha. Abaixo de um tapete de líquen verde-menta, eles sentiam as pedras frias e vivas, condutoras selvagens da linha ley. Ele levou Noah e Blue trilha acima até chegarem a uma confusão de rochas. Saindo da trilha, Adam escalou ao lado deles, encontrando apoio para os pés em pedras que se projetavam e em galhos expostos de árvores. As pedras grandes e azuis estavam tombadas umas sobre as outras como o brinquedo de um gigante.

Sim, é isso mesmo.

Ele espiou para dentro de uma fenda do tamanho de um homem.

— Cobras? Ninhos? Ursos? — disse Blue.

— Parque nacional protegido — disse Noah, sombriamente engraçado. E então, com uma valentia inesperada: — Vou entrar primeiro. Eles não podem me machucar.

Ele parecia desfocado e frágil enquanto deslizava para dentro. Houve silêncio, silêncio.

Blue forçou a visão.

— Noah?

De dentro da fenda se ouviu um rugido farfalhado enorme, e, de uma hora para outra, uma grande rajada de folhas de carvalho explodiu da abertura, sobressaltando Blue e Adam.

Noah reapareceu. Ele tirou quatro folhas e meia de carvalho do cabelo espigado de Blue e soprou alguns farelos de folhas do nariz de Adam.

— É seguro.

Adam estava contente por tê-los consigo.

Dentro era sombrio, mas não escuro; a luz vinha da entrada, e também de baixo, onde as pedras estavam empilhadas de qualquer jeito. No meio do espaço pequeno havia uma rocha grande do tamanho de uma mesa ou um altar. A superfície era gasta e côncava.

Ele se lembrou ou a reconheceu de seu insight na garagem.

Depois sentiu um ligeiro tremor dos nervos, ou expectativa. Era estranho fazer isso com plateia. Ele não sabia bem como parecia visto de fora.

— Derrame a água ali, Blue.

Ela correu uma mão sobre a pedra para limpar a sujeira.

— Ah!

Ela tirou uma pedra negra do bolso e a colocou junto à reentrância. Então a encheu lentamente de água.

A poça rasa de água refletiu o teto escuro.

Noah se afastou, certificando-se de que não estava sendo refletido. Seu temor sugou o calor do espaço. Blue estendeu uma mão para ele, mas Noah balançou a cabeça.

Então ela ficou ao lado de Adam, o ombro pressionado contra o dele, e Adam se sentiu agradecido por isso também. Ele não conseguia se lembrar da última vez em que alguém o havia tocado, e o gesto era estranhamente tranquilizante. Após um segundo, Adam percebeu que parte disso se devia provavelmente ao fato da capacidade que Blue tinha de amplificar qualquer parte de Cabeswater à qual ele estivesse ligado.

Eles encararam a água. Ele já havia feito isso antes, mas nunca dessa maneira, cercado por pedras.

Adam tinha a sensação de que havia outra pessoa ali com eles. Ele não queria admitir que já se sentia intimidado pela poça escura mesmo antes de qualquer coisa sobrenatural acontecer. Nenhum dos dois disse nada por alguns minutos.

Finalmente, Blue sussurrou:

— É como se alguém lhe dissesse "Blusão bacana, cara!", quando você estivesse com o uniforme da Aglionby.

— *O quê?*

— Eu queria que você soubesse por que eu fiquei tão brava com aquele velho. Eu estava pensando numa maneira de explicar. Sei que você não entende. Mas o motivo é esse.

Era verdade que ele não tinha compreendido a confusão no posto de gasolina, além do fato de que ela estava incomodada, e Adam não gostava que Blue fosse incomodada. Mas ela estava certa a respeito do blusão, também. As pessoas presumiam coisas baseadas no blusão ou no blazer da Aglionby o tempo inteiro; ele mesmo já fizera isso. E ainda fazia.

— Entendi — ele sussurrou de volta. Adam não sabia ao certo por que eles estavam sussurrando, mas se sentia melhor agora. Mais normal. Eles estavam no controle ali. — É uma simplificação.

— Exatamente. — Blue respirou fundo. — Tudo bem. E agora?

— Vou olhar para dentro disso e me concentrar — disse Adam. — Talvez eu me desligue para valer.

Noah se encolheu.

Blue, no entanto, soou prática:

— O que você quer que a gente faça se você se desligar para valer?

— Acho que nada. Eu realmente não sei como vou parecer por fora. Usem o bom senso se algo parecer errado, eu acho.

Noah se abraçou.

Inclinando-se sobre a poça, Adam viu o seu rosto. Ele não havia notado que não se parecia com ninguém mais até chegar ao segundo grau, quando todos começaram a notar isso. Ele não sabia se tinha uma boa ou uma má aparência — apenas que tinha uma aparência diferente. Cabia a cada um interpretar se a estranheza do rosto dele era bela ou feia.

Adam esperou que seus traços desaparecessem, se confundissem em uma sensação. Mas tudo que ele via era seu rosto sujo de Henrietta, com sua boca fina puxada para baixo. Ele gostaria que não tivesse crescido para parecer com os genes combinados dos seus pais.

— Não acho que esteja funcionando — ele disse.

Mas Blue não respondeu, e, após meia batida de coração, Adam percebeu que sua boca não havia se mexido no reflexo quando ele falou. Seu rosto apenas o encarava de volta, as sobrancelhas franzidas de suspeita e preocupação.

Seus pensamentos se revolviam dentro dele, lodo anuviando uma poça d'água. Seres humanos eram tão circulares; viviam os mesmos ciclos lentos de alegria e miséria repetidamente, sem nunca aprender. Toda lição no universo tinha de ser ensinada bilhões de vezes, e nunca era aprendida. *Como somos arrogantes*, pensou Adam, *por fazer bebês que não conseguem caminhar, falar ou se alimentar. Como estamos certos de que nada vai destruir essas pequenas criaturas antes que elas possam cuidar de si*. Quão frágeis eles eram, quão facilmente abandonados, negligenciados, surrados e odiados. Animais que são presas nascem com medo.

Ele não achava que tivesse nascido com medo, mas havia aprendido.

Talvez fosse bom que o mundo esquecesse todas as lições, todas as memórias boas e ruins, todos os triunfos e fracassos, tudo isso morrendo com cada geração. Talvez essa amnésia cultural poupasse a todos. Talvez, se eles se lembrassem de tudo, a esperança morresse.

Fora de você, a voz de Persephone o lembrou.

Era difícil abandonar a si mesmo; havia um conforto estranho e terrível em vestir as bordas do seu interior.

Com esforço, Adam se lembrou de Cabeswater. Ele tateou ao longo do campo de energia de sua mente. Em algum lugar por ali haveria uma ponta ou dispersão, alguma aflição que ele poderia curar.

Lá estava. Bem no fundo da linha ley, a energia estava fraturada. Se ele se concentrasse, podia até ver a razão para isso: uma rodovia havia sido cortada na montanha, retirando rochas e rompendo a linha natural da ley. Agora ela espirrava instavelmente enquanto saltava por cima e por baixo da rodovia. Se Adam pudesse realinhar algumas das rochas carregadas no topo daquela montanha, isso causaria uma reação em cadeia que eventualmente faria com que a linha escavasse o seu caminho por baixo da terra e abaixo da rodovia, juntando as extremidades soltas novamente.

— Por que você quer que eu faça isso? *Rogo aliquem aliquid*.

Ele não esperava realmente uma resposta, mas ouviu um discurso balbuciado, incompreensível a não ser por uma palavra: *Greywaren*.

Era Ronan que falava a língua de Cabeswater sem esforço algum. Não Adam, que tinha dificuldade.

Mas não no pátio da Aglionby. Ele não tivera dificuldade então. Não *houvera* uma língua. Só ele e Cabeswater.

— Não Ronan — disse Adam. — Eu. Sou eu que estou fazendo isso por você. Me conta. Me mostra.

Imagens se sucederam rapidamente. Conexões voavam, elétricas. Veias. Raízes. Raios bifurcados. Afluentes. Ramos. Vinhas serpenteando em torno de árvores, manadas de animais, pingos d'água correndo juntos.

Não compreendo.

Dedos entrelaçados. Ombro encostado em ombro. Punho batendo em punho. Mão levantando Adam do chão de terra.

Cabeswater folheava loucamente através das próprias memórias de Adam e as apresentava por um instante em sua mente. Lançava imagens de Gansey, Ronan, Noah e Blue tão rápido que Adam mal conseguia acompanhar todas elas.

Então a grade de raios estourou através do mundo, uma grade iluminada de energia.

Adam ainda não compreendia, e então compreendeu.

Havia mais de uma Cabeswater. Ou mais do que quer que fosse.

Quantas? Ele não sabia. Quão vivas elas estavam? Ele não sabia também. Elas *pensavam*, eram estranhas, morriam, eram boas, eram certas? Ele não sabia. Mas sabia que havia mais de uma, e esta estendia os dedos ao máximo para alcançar a outra.

A enormidade do mundo cresceu cada vez mais dentro de Adam, e ele não sabia se podia contê-lo. Ele era apenas um garoto. Seria o seu destino saber disso?

Eles já haviam transformado Henrietta quando despertaram a linha ley e fortaleceram Cabeswater. Como o mundo pareceria com mais florestas despertas por toda parte? Será que ele se partiria ao meio com a eletricidade estática e a magia, ou aquele era um balanço pendular, resultado de centenas de anos de sono?

Quantos reis dormiam?

Não posso fazer isso. É grande demais. Não fui feito para isso.

A dúvida de súbito o transpassou sombriamente. Era uma coisa essa dúvida, ela tinha peso, corpo e pernas...

O quê? Adam achou que havia falado em voz alta, mas não conseguia lembrar bem como *fazer* era

diferente de *imaginar*. Ele havia perambulado longe demais do próprio corpo.

Mais uma vez, ele sentiu aquele algo duvidoso o buscando, falando com ele. Ele não acreditava no poder dele aqui. Ele sabia que Adam era um fingidor.

Adam lutou com as palavras. *Você é Cabeswater? Você é Glendower?* Mas palavras pareciam o meio errado para aquele lugar. Palavras eram para bocas, e ele não tinha mais boca. Ele se estendeu por aquele mundo; Adam parecia não conseguir encontrar seu caminho de volta para a caverna. Ele era um oceano, afundando, sinistramente.

Ele estava sozinho, exceto por essa coisa, e achou que ela o odiava ou o queria, ou ambos. Ele desejava vê-la; vê-la não seria a pior das possibilidades.

Adam se debatia no escuro. Todas as direções pareciam a mesma. Algo subia rastejando em sua pele.

Ele estava em uma caverna. Agachado. O teto era baixo e as estalactites tocavam as suas costas. Quando ele estendeu o braço para tocar a parede, ela pareceu real sob seus dedos. Ou como se fosse real e ele não.

Adam

Ele se virou para a voz, e era de uma mulher que ele reconheceu, mas não conseguia nomear. Ele estava distante demais dos seus pensamentos.

Embora Adam estivesse certo de que havia sido a voz dela, ela não olhou para ele. Ela estava agachada na caverna ao seu lado, sobrancelhas fechadas em concentração, um punho pressionado aos lábios. Um homem se ajoelhava ao lado dela, mas tudo a respeito do seu corpo dobrado e esguio sugeria que ele não estava em comunicação com a mulher. Ambos não se mexiam enquanto encaravam uma porta instalada na pedra.

Adam, vá

A porta lhe dizia para tocá-la. Ela descrevia a satisfação da maçaneta virando debaixo de sua mão. Ela prometia uma compreensão da escuridão dentro dele se Adam a abrisse. Ela pulsava nele, a fome, o desejo crescente.

Ele nunca quisera tanto algo.

Ele estava na frente dela. Adam não se lembrava de atravessar a distância, mas de alguma maneira ele havia feito isso. A porta era vermelho-escura, entalhada com raízes, nós e coroas. A maçaneta tinha um tom negro oleoso.

Ele havia se distanciado tanto do seu corpo que não conseguia imaginar nem como começar a voltar para ele.

A porta precisa de três para abrir

Vá

Adam se agachou, imóvel, os dedos fechados na pedra, temerosos e desejosos.

Em algum lugar muito distante, ele sentiu seu corpo envelhecendo.

Adam, vá

Não posso, ele pensou. *Estou perdido.*

— Adam! *Adam. Adam Parrish.*

Ele voltou com um acesso de dor. O rosto parecia molhado; a mão parecia molhada; as veias pareciam cheias demais de sangue.

A voz de Noah se ergueu:

— Por que você o cortou tão fundo?

— Eu não *medi*! — disse Blue. — Adam, seu idiota, diz alguma coisa.

A dor tornava toda resposta possível mais dura do que teria sido de outra forma. Em vez disso, ele sibilou e se endireitou a duras penas, firmando uma mão com a outra. O ambiente que o cercava estava lentamente se apresentando para ele; Adam havia esquecido que eles rastejaram para passar entre as

rochas. Noah se agachava a poucos centímetros dele, os olhos em Adam. Blue estava um pouquinho atrás.

As coisas começavam a fazer sentido. Ele estava muito consciente de seus dedos, de sua boca, de sua pele, de seus olhos e de si mesmo. Ele não se lembrava de um dia ter se sentido tão feliz assim em ser Adam Parrish.

Seus olhos se concentraram no canivete rosa na mão de Blue.

— Você me cortou? — ele disse.

Os ombros de Noah se curvaram repentinamente de alívio ao ouvir sua voz.

Adam estudou sua mão. Um corte limpo marcava o dorso. Sangrava sem se importar com o que ele pensasse a respeito, mas não doía muito, a não ser que ele mexesse a mão. O canivete devia estar muito afiado.

Noah tocou a borda do ferimento com seus dedos congelados, e Adam o afastou com um tapa. Ele lutava para se lembrar de tudo que a voz acabara de dizer, mas ela já deslizava para fora de sua cabeça como um sonho.

Haviam sido ditas palavras? Por que ele acreditava que haviam sido ditas palavras?

— Eu não sabia mais o que fazer para tentar te trazer de volta — admitiu Blue. — O Noah disse para

eu te cortar.

Ele estava confuso com o canivete. Parecia representar um lado diferente de Blue; um lado que Adam não havia pensado que existisse. Seu cérebro se cansou quando ele tentou encaixar essa parte com o resto dela.

— Por que vocês me *pararam?* O que eu estava fazendo?

Ela disse "nada" ao mesmo tempo em que Noah dizia "morrendo".

— O seu rosto ficou meio vazio — ela continuou. — E aí seus olhos simplesmente... pararam de piscar? De se mover? Tentei te trazer de volta.

— E aí você parou de respirar — disse Noah, desabando até o chão. — Eu avisei. Eu *avisei* que era uma má ideia, mas ninguém nunca me ouve. "Ah, vamos ficar bem, Noah, você está sempre se preocupando", e quando eu vejo você está nas garras da morte. Ninguém nunca diz: "Noah, sabe de uma coisa? Você estava certo. Obrigado por salvar a minha vida, porque estar morto seria um saco". As pessoas sempre...

— Para — interrompeu Adam. — Estou tentando lembrar tudo que aconteceu.

Havia alguém importante... três... uma porta... uma mulher que ele reconheceu...

Estava desaparecendo. Tudo, exceto o terror.

— Da próxima vez vou deixar você morrer — disse Blue. — Enquanto faz o seu truquezinho especial, Adam, você esquece onde eu cresci. Sabe qual é a palavra que as pessoas usam quando alguém te ajuda durante um ritual ou uma leitura? É *obrigado*. Você não devia ter trazido a gente se queria fazer isso sozinho.

Adam se lembrou de uma coisa: ele se perdera.

O que significava que, se tivesse vindo sozinho, estaria morto agora.

— Desculpa — ele disse. — Eu fui um tanto imbecil mesmo.

— Nós não íamos dizer isso — respondeu Noah.

— Eu ia — disse Blue.



Então eles escalaram até o topo da montanha e, enquanto o sol os atingia com tudo do alto, encontraram as pedras que Adam tinha visto na poça de divinação. Foi necessária toda a força deles juntos para empurrar as pedras apenas alguns centímetros. Adam não sabia como teria conseguido essa parte sem ajuda, também. Talvez ele estivesse fazendo errado e

houvesse uma maneira de movê-las mais adequada a um mágico.

Adam deixou impressões digitais com sangue na pedra, mas havia algo nisso que lhe causava satisfação.

Eu estive aqui. Eu existo. Estou vivo, porque sangro.

Ele não deixara de se sentir agradecido por seu corpo. *Olá, mãos outrora ressecadas de Adam Parrish, estou contente em vê-las.*

Eles sabiam o momento preciso em que solucionaram o alinhamento, porque Noah disse "Ah!" e estendeu os dedos para o ar. Por alguns minutos, ficou posicionado contra o céu lívido, e não havia diferença entre ele, Blue e Adam. Não havia o que dizer, a não ser que ele era uma pessoa absolutamente viva.

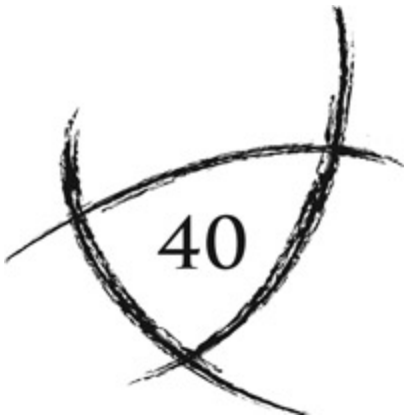
Enquanto o vento os fustigava, Noah lançou um braço camarada em torno dos ombros de Blue e outro em torno dos ombros de Adam, e trouxe os dois para si. Eles seguiram cambaleantes de volta para a trilha. O braço de Blue passava por trás das costas de Noah e seus dedos agarravam a camiseta de Adam, de maneira que eles eram uma única criatura, um animal ébrio de seis pernas. A mão de Adam pulsava com a batida de seu coração. Ele provavelmente sangraria até a morte

no caminho de volta descendo a montanha, mas não se importava com isso.

Subitamente, com Noah ao seu lado e Blue próxima dele, três fortes, Adam se lembrou da mulher que tinha visto na poça.

E soube imediatamente quem era.

— Blue — ele disse. — Eu vi sua mãe.



— Esse é um dos meus lugares favoritos — disse Persephone, empurrando a cadeira de balanço para frente e para trás com os pés no chão. Seu cabelo caía em cascata sobre os braços. — É tão aconchegante.

Adam estava sentado na ponta da cadeira de balanço, ao lado dela. Ele não gostava muito do lugar, mas não falou nada. Persephone tinha pedido para ele se encontrar com ela ali, e ela quase nunca tomava a decisão de onde se encontrar com ele; normalmente a deixava para Adam, o que sempre parecia um teste.

Era um armazém antigo e esquisito, do tipo que não existia mais em nenhum lugar, mas não era incomum na periferia de Henrietta. A parte de fora normalmente parecia com esta: uma varanda baixa e espaçosa alinhada com cadeiras de balanço de frente para a estrada, um estacionamento de cascalho com caminhos sulcados, cartazes de iscas e cigarros nas

janelas. O lado de dentro normalmente tinha comida de marcas que nunca se ouviu falar, camisetas que Adam não usaria, provisões para pesca, brinquedos de outras décadas e a ocasional cabeça de cervo empalhada. Era um lugar que Adam, um caipira, descobrira ser frequentado por pessoas que ele considerava ainda mais caipiras.

No entanto, Gansey provavelmente gostaria dali. Era um daqueles lugares onde o tempo parecia irrelevante, especialmente em um entardecer como este: a luz mosqueada passando inconstante pelas folhas, estorninhos chamando dos fios de telefone amarrados próximos, homens velhos em picapes velhas passando lentamente, tudo parecendo ter saído de vinte anos atrás.

— Três — disse Persephone — é um número muito forte.

Lições com Persephone eram algo imprevisível. Ele nunca sabia para onde estava indo, o que iria aprender. Às vezes, ele não havia nem descoberto alguma coisa ainda, e já não havia mais nada.

Naquele fim de tarde ele queria perguntar sobre Maura, mas era difícil fazer uma pergunta a Persephone e obter uma resposta quando você a queria. Normalmente, funcionava melhor se você

fizesse a pergunta um pouco antes de ela dar a resposta.

— Tipo três adormecidos?

— Certamente — respondeu Persephone. — Ou três cavaleiros.

— Existem três cavaleiros?

Ela apontou, chamando a atenção dele para um corvo ou uma gralha grande que andava aos pulos lentamente do outro lado da estrada. Era difícil dizer se ela achava isso significativo ou simplesmente engraçado.

— Existiram, uma vez. Três Jesuses, também.

Isso fez Adam pensar por um instante.

— Ah, meu Deus. Você quer dizer Deus, Jesus e o Espírito Santo?

Persephone girou uma mãozinha.

— Eu sempre esqueço nomes. Tem um deus que são três mulheres, também. Uma é chamada de Guerra, eu acho, e a outra é um bebê... Não sei, eu esqueço os detalhes. O três é a parte importante.

Adam tinha melhorado sua habilidade de jogar esses jogos e adivinhar as conexões.

— Você, Maura e Calla.

Talvez agora fosse o momento de tocar no assunto...

Ela anuiu, ou se balançou na cadeira, ou as duas coisas.

— Trata-se de um número estável, três. Cinco e sete são bons também, mas três é o melhor. As coisas estão sempre crescendo em três ou diminuindo para três. Melhor começar aí. Dois é um número terrível. Dois é para rivalidade, luta e assassinato.

— Ou casamento — disse Adam, pensativo.

— É a mesma coisa — respondeu Persephone. — Aqui tem três dólares. Vá lá dentro e pegue um refrigerante de cereja para mim.

Ele o fez, tentando pensar, o tempo inteiro, como perguntar sobre usar a sua visão para encontrar Maura. Com Persephone, era possível que fosse a respeito disso que ele estivesse conversando o tempo inteiro.

Quando retornou, ele disse, subitamente:

— Esta é a última vez, não é?

Ela continuou balançando a cadeira, mas anuiu:

— Em um primeiro momento, achei que você talvez substituísse uma de nós se algo acontecesse um dia.

Adam precisou de um longo tempo para entender a frase, e, quando finalmente entendeu, a surpresa fez com que ele não respondesse por mais um minuto.

— Eu?

— Você é um ouvinte muito bom.

— Mas eu... eu... — Adam não conseguia pensar em como terminar a frase, mas finalmente disse: — Estou partindo.

Mesmo enquanto o dizia, ele sabia que não era isso que queria dizer.

Persephone apenas respondeu, em sua vozinha:

— Mas vejo agora que isso jamais poderia acontecer. Você é como eu. Não somos realmente como os outros.

Outros o quê? Humanos?

Você é incognoscível.

Ele pensou naquele momento no topo da montanha, ele, Blue e Noah. Ou no tribunal, ele, Ronan e Gansey.

Adam não tinha mais certeza.

— Na verdade, nós estamos melhor na companhia de nós mesmos — disse Persephone. — Isso torna as coisas difíceis para os outros às vezes, quando não conseguem nos compreender.

Ela estava tentando fazer com que Adam dissesse alguma coisa, fizesse alguma conexão, mas ele não tinha certeza do quê. Ele disse: — Não me diga que a Maura está morta.

Ela balançou e balançou a cadeira. Então Persephone parou e olhou para ele com seus olhos negros, negros. O sol havia caído atrás da linha das

árvores, fazendo uma renda negra das folhas e uma renda branca do seu cabelo.

Adam prendeu a respiração e perguntou em voz baixa:

— Você consegue ver a sua própria morte?

— Todos veem — disse Persephone suavemente. — Mas a maioria das pessoas prefere parar de olhar.

— Eu não vejo a minha própria morte — disse Adam. Mas, mesmo enquanto o dizia, ele sentia o canto do conhecimento a mordiscá-lo. Era agora, estava vindo, já havia acontecido. Em algum lugar, em algum *momento*, ele estava morrendo.

— Ah, você vê — ela disse.

— Mas não é a mesma coisa que saber *como*.

— Você não disse *como*.

O que ele queria dizer, mas não conseguia, porque Persephone não compreenderia, era que ele tinha medo. Não de ver coisas como aquilo. Mas de um dia não ser capaz de ver todo o resto. O real. O mundano. As coisas... *humanas*.

Não somos realmente como os outros.

Mas Adam pensou que ele talvez fosse. Pensou que devia ser, pois ele se preocupava profundamente com o desaparecimento de Maura, e ainda mais profundamente com a morte de Gansey, e, agora que ele sabia dessas coisas, queria fazer algo a respeito

delas. Ele precisava fazer. Ele era Cabeswater, estendendo-se para os outros.

Adam respirou tremulamente:

— Você sabe como o Gansey vai morrer?

Persephone colocou a língua para fora, só um pouco. Ela não parecia notar que estava fazendo isso. Então disse: — Aqui tem mais três dólares. Pegue um refrigerante de cereja para você.

Adam não aceitou o dinheiro. Ele disse:

— Eu quero saber há quanto tempo você sabe sobre o Gansey. Desde o início? Desde o início. Você sabia no momento em que ele entrou pela porta para a leitura! Você ia nos contar um dia?

— Não sei por que eu faria algo tão ridículo. Pegue o seu refrigerante.

Ainda assim ele não pegou as notas. Segurando os braços da cadeira de balanço com as mãos, ele disse: — Quando eu encontrar Glendower, vou pedir a ele pela vida de Gansey. Não vou nem pensar duas vezes.

Persephone só olhou para ele.

Na cabeça de Adam, Gansey se sacudia e chutava, coberto de sangue. Só que agora era o rosto de Ronan — Ronan já havia morrido, Gansey ia morrer; em algum lugar, em algum *momento*, isso estava acontecendo?

Ele não queria saber. Ele queria saber.

— Então me conta! — ele disse. — Me diz o que fazer!

— O que você quer que eu diga?

Adam saltou tão rápido da cadeira que ela balançou furiosamente sem ele.

— Me diz como salvar o Gansey!

— Por quanto tempo? — perguntou Persephone.

— *Para!* — ele disse. — *Para com isso!* Deixe de ser tão... tão... distante! Não posso olhar para tudo o tempo inteiro, senão qual seria o sentido disso? Apenas me diz como posso evitar de matar meu amigo!

Persephone inclinou a cabeça.

— O que o faz pensar que *você* vai matar seu amigo?

Ele a encarou. Então entrou de novo para buscar mais um refrigerante de cereja.

— Com sede? — perguntou a atendente enquanto ele lhe passava o dinheiro.

— O outro foi para a minha amiga — disse Adam, embora não tivesse certeza de que alguma pessoa fosse amiga de Persephone.

— Sua amiga? — perguntou a atendente.

— Provavelmente.

Ele voltou para fora e encontrou a varanda vazia. A cadeira dele ainda balançava um pouco. O outro

refrigerante de cereja estava de pé ao lado dela.

— Persephone?

Com súbita apreensão, ele correu até a cadeira de balanço onde Persephone estivera sentada e colocou a mão sobre o assento. Frio. Em seguida colocou a mão sobre o assento da cadeira dele. Quente.

Adam esticou o pescoço, tentando ver se ela tinha voltado para dentro do carro. Não havia nada. O estacionamento estava deserto; até o pássaro tinha ido embora.

— Não — ele disse, embora não houvesse ninguém para ouvi-lo. Sua mente, uma mente curiosamente refeita por Cabeswater, vasculhou furiosamente tudo que ele sabia e sentia, tudo que Persephone havia dito, cada momento desde que ele havia chegado. O sol caía gradativamente atrás das árvores. — Não — ele disse de novo.

A atendente estava junto à porta, trancando-a para a noite.

— Espera — disse Adam. — Você viu a minha amiga? Ou eu vim aqui sozinho?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Desculpa — ele disse. — Eu sei que parece loucura. Por favor. Eu estava sozinho?

A atendente hesitou, esperando pelo fim da piada. Então anuiu.

Adam sentiu um aperto no coração.

— Eu preciso usar o seu telefone. Por favor, moça. Só um segundo.

— Por quê?

— Algo terrível aconteceu.



— Cheguei — disse Blue, abrindo rapidamente a porta da Rua Fox, 300. Ela estava suada, irritada e nervosa, dividida entre torcer por um falso alarme e esperar que ele fosse importante o suficiente para justificar que ela implorasse uma saída no meio do expediente no Nino's.

Calla a encontrou no corredor, enquanto ela deixava a bolsa ao lado da porta.

— Venha cá e ajude o Adam.

— O que tem de errado com o Adam?

— Nada — disparou Calla. — Fora o de sempre. Ele está procurando a Persephone.

Elas chegaram à porta da sala de leitura. Lá dentro, Adam estava sentado na ponta da mesa da sala. Estava absolutamente imóvel, com os olhos fechados. Na frente dele estava a tigela de divinação escura do quarto de Maura. A única luz vinha das velas

bruxuleantes. Blue sentiu uma sensação desagradável no estômago.

— Não acho que seja uma boa ideia — ela disse. — Da última vez...

— Eu sei. Ele me contou — disse Calla. — Mas ele está disposto a arriscar. E será melhor com nós três.

— Por que ele está procurando a Persephone?

— Ele acha que tem algo errado com ela.

— Onde ela está? Ela disse aonde ia?

Calla lançou um olhar duro para Blue. É claro. Persephone nunca contava nada para ninguém.

— Tudo bem — disse Blue.

Calla fechou as portas da sala de leitura e fez sinal para que Blue se sentasse ao lado de Adam.

Ele abriu os olhos. Ela não tinha certeza do que perguntar a ele, e Adam apenas balançou a cabeça um pouco, como se estivesse bravo consigo mesmo, com Persephone ou com o mundo.

Calla se sentou à sua frente e pegou uma das mãos de Adam. Ela ordenou a Blue: — Você pega a outra. Vou aterrá-lo e você vai amplificá-lo.

Blue e Adam trocaram um olhar. Eles não tinham segurado a mão um do outro desde que terminaram. Ela deslizou a mão sobre a mesa e Adam entrelaçou os

dedos nos dela. Cautelosamente. Sem pressionar. Blue fechou os dedos em torno da mão dele.

Adam disse:

— Eu...

Ele parou e olhou de canto de olho para a tigela de divinação.

— Você o quê? — disse Calla.

Ele terminou:

— Estou confiando em vocês.

Blue segurou a mão dele um pouco mais leve. Calla disse: — Não vamos deixar você cair.

A tigela tremeluzia sombriamente, e Adam olhou para dentro dela.

Ele olhou e olhou, as velas bruxuleando, e Blue sentiu o momento preciso em que o corpo dele soltou a alma, porque as velas ficaram estranhas nos reflexos e os dedos de Adam ficaram soltos nos seus.

Blue olhou bruscamente para Calla, mas esta permaneceu como estava, a mão clara de Adam pousada na mão escura dela, o queixo erguido para cima, os olhos voltados atentamente para Adam.

Os lábios dele se moveram, como se ele estivesse murmurando para si mesmo, mas não saiu nenhum som.

Blue pensou em como ela amplificava a divinação de Adam, forçando-o mais fundo ainda no espaço

celeste. Adam agora perambulava, viajando para fora do corpo, desenrolando o fio que o amarrava a ele. Calla segurava o fio, mas Blue o empurrava mais para o fundo.

As sobrancelhas de Adam se cerraram. Os lábios se abriram. Os olhos eram de um negro absoluto — o negro da tigela de divinação espelhada. De vez em quando, as três chamas torcidas refletidas na tigela apareciam em suas íris. Apenas às vezes havia duas em um olho e só uma no outro, ou três em um e nenhuma no outro, ou três em ambos, e então escuridão.

— Não — sussurrou Adam, com uma voz diferente da sua. Blue se lembrou terrivelmente da noite em que ela encontrara Neeve por acaso realizando uma divinação nas raízes da faia.

Mais uma vez Blue olhou para Calla.

Mais uma vez Calla permaneceu imóvel e atenta.

— Maura? — chamou Adam. — Maura?

Era a voz de Persephone saindo da boca de Adam.

Não posso fazer isso, pensou Blue subitamente. Seu coração não suportaria isso, ter medo.

A outra mão de Calla buscou a mão de Blue sobre a mesa. Eles estavam unidos em um círculo em torno da tigela de divinação.

A respiração de Adam engasgou e diminuiu o ritmo.

De novo não.

Blue sentiu o corpo de Calla se ajeitando enquanto ela segurava a mão de Adam mais firme.

— Não — ele disse novamente, mas com sua própria voz.

As chamas eram enormes em seus olhos.

Então eles ficaram negros novamente.

Adam não respirava.

A sala ficou em silêncio por uma pulsação. Duas pulsações. Três pulsações.

As velas se apagaram na tigela de divinação.

— *PERSEPHONE!* — ele gritou.

— Agora — disse Calla, soltando a mão de Blue. — Largue ele!

Blue soltou a mão, mas nada aconteceu.

— Desconecte ele — rosnou Calla. — Eu sei que você consegue. Vou trazê-lo de volta!

Enquanto Calla usava a mão livre para pressionar um polegar no centro da testa de Adam, Blue tentava imaginar freneticamente o que havia feito para desconectar Noah lá na Monmouth. Uma coisa era fazer isso enquanto Noah jogava coisas para todo lado. Outra era fazer isso enquanto observava o peito parado de Adam e seus olhos vazios. E outra ainda enquanto

os ombros dele caíam e o rosto desabava nas mãos de Calla que o esperavam, um instante antes de ele tombar em cima da tigela de divinação.

Ele está confiando em nós. Ele nunca confia em ninguém, e está confiando em nós.

Ele está confiando em você*, Blue.*

Ela saltou da cadeira e ergueu seus muros. Tentou visualizar a luz branca sendo derramada para fortalecê-los, mas era difícil fazer isso quando via o corpo de Adam esparramado e sem vida na ponta da mesa de leitura. Calla deu um tapa no rosto dele.

— Vamos, seu imbecil! Lembre-se do seu corpo!

Blue virou de costas para a cena.

Fechou os olhos.

E conseguiu.

Houve silêncio.

Então as luzes no teto se acenderam e a voz de Adam disse: — Ela está aqui.

Blue se virou com um giro.

— O que você quer dizer com *aqui*? — demandou Calla.

— Aqui — disse Adam, levantando-se da cadeira com um empurrão. — No andar de cima.

— Mas nós conferimos o quarto dela — disse Calla.

— Não no quarto dela. — Adam gesticulou com uma mão impacientemente. — O lugar mais alto... Onde é o lugar mais alto?

— O sótão — disse Blue. — Por que ela estaria lá em cima? Gwenllian...

— A Gwenllian está na árvore no pátio — disse Calla. — Está cantando para uns pássaros que a odeiam.

— Lá tem espelhos? — perguntou Adam. — Algum lugar aonde ela iria para procurar Maura?

Calla falou um palavrão.

Ela escancarou a porta do sótão e subiu correndo primeiro, com Blue e Adam logo atrás. No alto da escada, ela disse: — Não.

Blue saltou passando por ela.

Entre os dois espelhos de Neeve havia uma pilha de renda, tela e...

Persephone.

Adam avançou rápido, mas Calla o segurou pelo braço.

— Não, seu idiota. Você não pode ficar entre eles! Blue, para!

— Eu posso — respondeu Blue, e deslizou para se ajoelhar ao lado de Persephone. Ela estava caída de joelhos, com os braços dobrados atrás de si e o queixo

virado para cima, espremido ao pé de um dos espelhos. Seus olhos escuros miravam o nada.

— Vamos trazê-la de volta — disse Adam.

Mas Calla já estava chorando.

Blue, indiferente ao que pensassem dela, arrastou Persephone pelas axilas. Ela era leve e não opôs nenhuma resistência.

Eles a trariam de volta, como Adam disse.

Calla caiu de joelhos e cobriu o rosto.

— Para com isso — disparou Blue, a voz quase irrompendo em choro. — Vem até aqui e me ajuda.

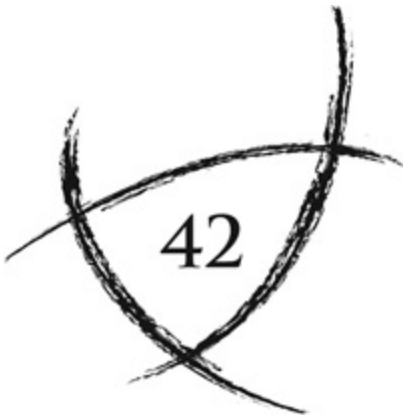
Ela pegou a mão de Persephone. Estava fria como as paredes da caverna.

Adam ficou parado, abraçando a si mesmo, uma pergunta nos olhos.

Blue já sabia a resposta, mas não conseguia dizer.

Calla sim:

— Ela está morta.



Blue jamais acreditara na morte até então.

Não de maneira real.

Era algo que acontecia com outras pessoas, outras famílias, em outros lugares. Acontecia em hospitais, ou em acidentes de carro, ou em zonas de guerra. Acontecia — agora Blue se lembrava das palavras de Gansey do lado de fora da tumba de Gwenllian — com cerimônia. Com algum anúncio de si mesma.

Não acontecia no sótão, em um dia ensolarado, enquanto ela estava sentada na sala de leitura. Não *acontecia* simplesmente, em apenas um momento, um momento irreversível.

Não acontecia com pessoas que ela conhecia desde sempre.

Mas acontecera.

E agora haveria para sempre duas Blues: a Blue de antes e a Blue de depois. A que não acreditava e a que

acreditava.



Gansey chegou à Rua Fox, 300 após a ambulância ter partido, não por falta de pressa, mas por falta de comunicação. Foram necessárias vinte e quatro chamadas de Adam para o celular de Ronan antes que ele atendesse, e depois demorou até que Ronan encontrasse Gansey no campus. Malory ainda perambulava com o Cão, rondando a Virgínia no Suburban, mas estaria bem sem saber da notícia.

Persephone estava morta.

Gansey não conseguia acreditar, não porque não acreditasse na proximidade da morte — ele não *parava* de acreditar na proximidade da morte —, mas porque não teria esperado que *Persephone* fizesse algo tão mortal quanto morrer. Havia algo imutável a respeito das três mulheres na Rua Fox, 300 — Maura, Persephone e Calla eram o tronco do qual saíam todos os galhos.

Precisamos encontrar Maura, ele pensou enquanto deixava o Camaro e subia o acesso que dava para a casa, Ronan seguindo seus passos com as mãos enfiadas nos bolsos, Motosserra batendo as asas sombriamente de galho em galho para acompanhá-los. *Porque, se Persephone pode morrer, não há nada que impeça Maura de morrer também.*

Adam estava sentado na sombra mosqueada do primeiro degrau, os olhos vazios, uma ruga entre as sobrancelhas. A mãe de Gansey costumava pressionar o polegar naquele ponto entre as sobrancelhas de Richard Gansey III e massagear o cenho franzido até fazê-lo desaparecer; ela ainda fazia isso com Gansey II. Ele sentiu a necessidade premente de fazê-lo agora, quando Adam ergueu o rosto.

— Eu a encontrei — disse Adam —, e não ajudou em nada.

Ele precisava que Gansey dissesse que estava tudo bem, e, embora não estivesse tudo bem, Gansey encontrou sua voz e disse: — Você fez o melhor que pôde. Calla me contou ao telefone. Ela está orgulhosa de você. Você não vai se sentir melhor agora, Parrish. Não espere que isso aconteça.

Sentindo-se livre, Adam anuiu miseravelmente e olhou para baixo.

— Onde está a Blue?

Adam piscou. Ele claramente não sabia.

— Vou entrar — disse Gansey enquanto Ronan se sentava no degrau ao lado de Adam. Ao fechar a porta atrás de si, Gansey ouviu Adam dizer: — Não quero conversar.

E a resposta de Ronan:

— E sobre que merda eu iria conversar?

Ele encontrou Calla, Jimi e Orla, e duas outras jovens que não reconheceu, na cozinha. Gansey quisera começar com *Sinto muito por sua perda* ou algo educado, algo que faria sentido do lado de fora dessa cozinha, mas, naquele contexto, tudo parecia mais falso que normal.

Em vez disso, ele disse:

— Vou entrar na caverna. Nós vamos.

Era impossível, mas não importava muito. Tudo era impossível. Ele esperou que Calla dissesse que era uma má ideia, mas ela não disse.

Uma pequena parte dele ainda gostaria que ela tivesse dito: a parte que podia sentir perninhas rastejando em sua nuca.

Covarde.

Gansey havia passado um longo tempo aprendendo a colocar isso longe do alcance de sua mente e, naquele instante, ele o fez.

— Vou com você — disse Calla, os nós dos dedos fechados firmemente em torno do copo. — Chega dessa bobagem de tentar sozinho. Estou tão brava que eu poderia...

Ela jogou o copo no chão da cozinha, e ele se despedaçou aos pés de Orla. Orla encarou os cacos e então Gansey, a expressão dela como a se desculpar, mas Gansey tinha vivido com a dor de Ronan por tempo suficiente para reconhecê-la.

— Pronto! — gritou Calla. — Assim é. Destruído sem nenhum motivo!

— Vou pegar um aspirador — disse Jimi.

— Vou pegar um Valium — disse Orla.

Calla saiu a passos largos para o quintal.

Gansey se retirou e subiu a escada até o Quarto do Telefone/Costura/Gato. Era o único lugar em que ele estivera no segundo andar, e o único outro lugar onde sabia procurar por Blue. Mas ela não estava ali nem no quarto ao lado, que era claramente o dela. Em vez disso, ele a encontrou em um quarto no fundo do corredor que parecia ser o de Persephone; cheirava a ela, e tudo era esquisito e engenhoso nele.

Blue estava sentada ao lado da cama, arrancando agressivamente o esmalte das unhas. Ela ergueu o olhar para ele; a luz da tarde entrou brusca e forte para

pousar do lado do colchão atrás dela, fazendo com que Blue cerrasse os olhos.

— Você levou uma eternidade — ela disse.

— Meu celular estava desligado. Sinto muito.

Ela arrancou mais um pouco de esmalte, deixando-o cair sobre o tapete peludo.

— Acho que não fazia sentido se apressar, de qualquer maneira.

Ah, Blue.

— O sr. Cinzento está aqui? — ela perguntou.

— Eu não vi. Escuta, eu disse para a Calla que vamos entrar na caverna. Para encontrar a Maura. — Ele se corrigiu, mais formalmente: — A sua mãe.

— Ah, fala sério! Não vem dar uma de Richard Gansey pra cima de mim! — disparou Blue, e então, imediatamente, começou a chorar.

Aquilo era contra as regras, mas Gansey se ajoelhou ao lado de Blue, um dos joelhos nas costas dela, outro nas pernas, e a abraçou. Blue se encolheu, as mãos embaralhadas no peito de Gansey. Ele sentiu uma lágrima quente escorrer na depressão de sua clavícula e fechou os olhos contra o sol que passava através da janela, queimando quente em seu blusão. O pé de Gansey estava dormente, o cotovelo imprensado contra a armação de metal da cama, e Blue Sargent pressionada contra ele. E Gansey não se mexeu.

Socorro, ele pensou. Então se lembrou de Gwenllian dizendo que o fim estava começando, e ele podia senti-lo, desenrolando-se cada vez mais rápido, um novelo de linha pego ao vento.

Começando, começando...

Ele não saberia dizer quem estava confortando quem.

— Sou parte da nova geração inútil — disse Blue por fim, as palavras bem junto à pele de Gansey. Desejo e medo estavam lado a lado no coração dele, um afiando o outro. — A geração dos computadores. Eu não paro de pensar que posso apertar a tecla de reiniciar e recomeçar as coisas.

Gansey se afastou, fazendo uma careta pelas pernas que formigavam, e deu a ela uma folha de hortelã antes de se sentar recostado na armação da cama ao seu lado. Quando ergueu o olhar, ele se deu conta de que Gwenllian estava parada no vão da porta. Era impossível dizer há quanto tempo ela estava ali, os braços erguidos no batente, como se estivesse tentando não ser empurrada para dentro do quarto.

Ela esperou até ter certeza de que Gansey estava olhando para ela, e então cantou: Rainhas e reis

Reis e rainhas
Lírio azul, azul lírio
Coroas e pássaros

Espadas e coisas
Lírio azul, azul lírio.

— Você está tentando me deixar bravo? — ele perguntou.

— Você *está* bravo, principezinho? — Gwenllian respondeu docemente. Ela apoiou a face no braço, balançando-se para frente e para trás. — Eu costumava sonhar com morte. Eu cantei todas as canções que conhecia tantas vezes quando estava deitada naquele caixão, virada de bruços. Cada olho! Cada olho que eu podia alcançar, pedi que cuidasse de mim. E o que consegui, senão estupidez e cegueira!

— Como você usou os olhos de outras pessoas se é simplesmente como eu? — perguntou Blue. — Se não tem nenhum poder mediúnico seu?

A boca de Gwenllian assumiu a forma mais desdenhosa possível.

— Que pergunta! É que nem perguntar como bater num prego se você não é um martelo.

— Tanto faz — disse Blue. — Não importa. Não estou nem aí.

— Artemus me ensinou — disse Gwenllian. — Quando ele não estava trabalhando um-dois-três-quatro meu pai. Eis um enigma, meu amor, meu amor, meu amor, o que cresce, meu amor, meu amor, meu

amor, do escuro, meu amor, meu amor, meu amor, para o escuro, meu amor, meu amor, meu amor.

Blue se pôs de pé, cheia de raiva.

— Chega de brincadeira.

— Uma árvore à noite — disse Gansey.

Gwenllian parou de se balançar e o estudou enquanto ele seguia sentado no chão.

— Tem muito do meu pai — ela respondeu. — Muito do meu pai em você. Este é Artemus, a árvore à noite. A sua mãe procura por ele, lírio azul? Bem, então você deveria procurar o meu pai. Artemus estará tão perto dele quanto for capaz, a não ser que algo o impeça. É melhor sussurrar.

Ela cuspiu nas tábuas do assoalho ao lado de Gansey.

— Eu *estou* procurando por ele — disse Gansey. — Nós vamos entrar lá embaixo.

— Me mande fazer algo por você, principezinho — ela disse a Gansey. — Vamos ver a sua têmpera de rei.

— Era assim que o seu pai convencia as pessoas a fazerem coisas para ele? — Gansey perguntou.

— Não — disse Gwenllian, parecendo incomodada com a pergunta. — Ele pedia.

Mesmo com toda a incorreção, toda a impossibilidade, isso acalentou Gansey. Estava certo:

Glendower devia ter governado por meio de pedidos, não de ordens. Esse era o rei que ele buscava.

— Você iria com a gente? — ele perguntou.



Quando Colin Greenmantle saiu para a varanda da fazenda histórica e olhou para baixo, para o campo à sua frente, descobriu um rebanho de vacas paradas ao longe e dois rapazes parados muito próximos.

Eram, na realidade, Adam Parrish e Ronan Lynch.

Ele os encarou.

Nenhum deles disse coisa alguma. Os dois garotos eram perturbadores — Adam Parrish, em particular, tinha um rosto curioso. Não que ele fosse uma pessoa curiosa. Mas havia algo peculiar a respeito dos seus traços faciais. Ele era um espécime estranho, belo, da espécie da Virgínia Ocidental; ossos leves, faces encovadas, sobrancelhas claras e quase invisíveis. Ele era feral e duro como aqueles retratos da Guerra Civil. *Irmão lutando com irmão enquanto suas fazendas viravam ruínas...*

E Ronan Lynch parecia com Niall Lynch, o que significava dizer que parecia um imbecil.

Ah, juventude.

Então Greenmantle quebrou o gelo e os chamou: — Vocês vieram entregar os exercícios?

Eles continuaram parados ali, parecendo uma dupla de gêmeos de filme de terror, um escuro, um claro.

Adam Parrish sorriu um pouco; isso tirou dois anos de sua idade em um segundo. Ele tinha dentes tanto no maxilar superior quanto no inferior.

— Eu sei quem você é.

Isso era interessante.

— E quem eu sou?

— Você não sabe? — perguntou Adam Parrish com afável despreocupação.

Greenmantle estreitou os olhos.

— Nós estamos jogando um jogo, sr. Parrish?

— Possivelmente.

Jogos, pelo menos, eram uma das especialidades de Greenmantle. Ele se recostou na balaustrada.

— Nesse caso, eu também sei quem vocês são.

Ronan Lynch passou para Adam Parrish um envelope pardo extragrande, avolumado.

— Ah, não acho que você saiba — respondeu Adam.

Greenmantle não gostava do destemor em seu rosto. Não era nem destemor: era ausência absoluta de expressão. Ele se perguntou o que havia no envelope. *Confissões de um adolescente sociopata*. Ele disse: — Você sabe o que mantém as pessoas pobres por baixo, sr. Parrish? Não é a falta de renda. É a pobreza de imaginação. Os sonhos dos parques de trailers dos subúrbios, e os sonhos dos subúrbios da cidade, os sonhos da cidade das estrelas, e por aí afora. Os pobres conseguem imaginar o trono, mas não conseguem agir como reis. Pobreza de imaginação. Mas você... você é um tolo que se esgueira para dentro desse ninho. Você é o sr. Adam Parrish, da Alameda Antietam, 21, Henrietta, Virgínia, e tem uma boa imaginação, mas é uma farsa mesmo assim.

O garoto era bom. A pele em torno dos seus olhos se tensionou apenas um pouquinho quando Greenmantle citou o endereço do parque de trailers.

— E seria tão fácil derrubar você desta árvore... — disse Greenmantle, caso ele não estivesse nervoso ainda. — Você sentiria saudades daqueles dias no parque de trailers.

Adam Parrish olhou para ele. Greenmantle percebeu imediatamente que o garoto parecia perturbador, da mesma maneira que Piper parecera quando ele a pegou se olhando no espelho.

Adam virou o envelope avolumado de um lado para o outro, para que Greenmantle visse que dele vazava algo vermelho-amarronzado, o que nunca era um bom sinal. Ele disse: — Se você não se mandar de Henrietta até sexta-feira, tudo que está neste envelope vai acontecer.

Então Ronan Lynch também sorriu, e isso era uma arma.

Eles deixaram o envelope ali.

— Piper! — chamou Greenmantle depois que eles se foram. Mas ela não respondeu. Era impossível saber se ela estava lá, mas em um transe, ou se havia saído, caçar a coisa que ela ouvira cantarolando nos espelhos.

Este lugar. Este maldito lugar. Eles poderiam tê-lo.

Finalmente, Greenmantle desceu os degraus e encontrou uma porta que levava para a rua. Ele abriu o envelope. O líquido que escorria era de uma mão cortada apodrecendo. Era pequena. A mão de uma criança. Por baixo dela havia um saco plástico selado, sujo de sangue ressecado, contendo papéis e fotografias.

Individualmente, eram algo nojento.

Coletivamente, eram algo incriminador.

O conteúdo do envelope contava uma história de Colin Greenmantle, assassino em série intelectual e pervertido habitual. Fornecia provas de onde corpos e partes de corpos podiam ser encontrados. Havia imagens de telas de textos que o incriminavam e fotos tiradas com um celular — e, quando Greenmantle pegou o seu aparelho real, descobriu que, de alguma forma, elas estavam realmente no seu celular, em toda sua glória horripilante. Havia cartas, DVDs caseiros, fotografias, uma montanha de provas.

Nada daquilo era verdade.

Tudo havia sido sonhado.

Mas não importava. *Parecia* verdadeiro. Mais verdadeiro que a própria verdade.

O Greywaren era real, e aqueles dois garotos o tinham, mas isso não importava, pois eles eram intocáveis, e sabiam disso.

Maldita juventude.

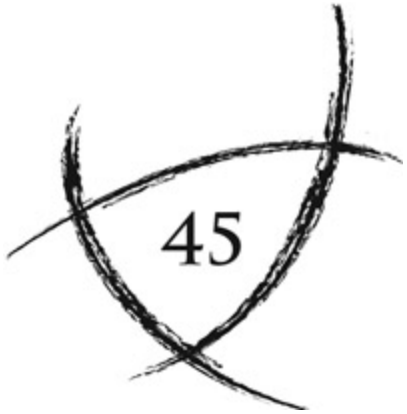
Bem no fundo da pilha de sujeira havia um único pedaço de papel com uma caligrafia similar à de Niall Lynch, e que só poderia pertencer ao seu filho.

Estava escrito:

Qui facit per alium facit per se.

Greenmantle conhecia o provérbio.

Aquele que faz algo por meio da ação de outro o faz ele mesmo.



— Tudo bem, estamos partindo — disse Greenmantle. — Emergência familiar. De volta para Boston. Arrume as malas. Ligue para suas amigas. Você se livrou do clube do livro.

Piper estava pegando a bolsa.

— Não, vou sair com os homens.

— *Os homens!*

— Sim — disse Piper. — Aquele Homem Cinzento horrível dirige um carro branco? Um daqueles carros de corrida de garotos? Você sabe, com a asa atrás. Será que é para demonstrar o membro grande do motorista? Porque acho que um desses tem me seguido. Quer dizer, ha, mais que o normal, porque, por favor... — Ela jogou o cabelo para o lado.

— Não quero falar do Homem Cinzento — disse Greenmantle. — Quero falar da sua bagagem.

— Não vou fazer as malas. Acho que encontrei algo — disse Piper.

Greenmantle lhe mostrou o envelope.

Ela não parecia tão impressionada quanto ele. E disse:

— Ah, por favor. Se eu encontrar o que eu acho que vou encontrar, fazer com que isso suma de vista vai ser brincadeira de criança. Piadas à parte. Ah, foi mal. — Ela riu. — Tudo bem, estou saindo.

Com *os homens*. Greenmantle se levantou.

— Vou com você. Vou te convencer a voltar comigo ao longo do caminho.

Não tinha como Piper encontrar algo que neutralizasse aquele envelope. A única coisa que ela poderia encontrar eram aulas de exercícios da moda e cães sem pelo.

— Como quiser. Coloque umas botas.

O destino de Piper para aquela noite envolvia se encontrar com dois capangas que Greenmantle havia contratado. Na realidade, eles não eram tão durões quanto Greenmantle imaginara. Um dos homens se chamava Morris, e um problema com pensão alimentícia o levara para a vida de crime. O outro atendia pelo nome de Besta, e... bem, na realidade, ele era exatamente tão durão quanto Greenmantle imaginara.

Ambos trataram Piper como se ela soubesse do que estava falando.

— Me mostrem o que conseguiram — Piper lhes disse.

Morris e Besta a levaram a uma fazenda decadente bem na hora do pôr do sol. Mesmo sob os faróis do carro, era fácil dizer que a propriedade vira dias melhores. A varanda estava arqueada. Alguém havia tentado melhorá-la plantando uma fileira de flores alegres na frente.

Besta e Morris os conduziram pela fazenda, através de um campo. Eles tinham toda sorte de equipamentos. Piper tinha toda sorte de equipamentos. Greenmantle tinha botas. Ele se sentia como uma quarta direção em um veículo que não deveria ter, na realidade, quatro direções.

Ele olhou sobre o ombro para se certificar de que o Homem Cinzento, sempre presente sobre seu ombro, não estava, realmente, parado perto dele.

— Não tenho experiência na prática de crimes — disse Greenmantle enquanto eles atravessavam o campo a pé —, mas será que não devíamos ter estacionado em algum lugar mais escondido? — E acrescentou para Besta: — Mais dissimulado?

— Ninguém mora aqui — Besta grunhiu. Greenmantle se sentia ao mesmo tempo horrorizado e

impressionado com a natureza subsônica da sua voz.

Morris, aparentemente bem mais culto, acrescentou:

— Nós estivemos aqui mais cedo, conferindo tudo.

Os dois homens... os capangas... o capanga e Morris os levaram até uma construção de pedra. Greenmantle achou que ela não tinha telhado, mas então, após um segundo, seus olhos se ajustaram e ele viu que era uma torre de pedra que se estendia noite adentro. Ele não tinha certeza por que uma torre como essa existia no meio da Virgínia caipira, mas pelo menos era interessante, e ele gostava de interessante.

— A caverna está aqui — disse Morris. Havia um cadeado na porta, mas ele já havia sido arrombado, presumivelmente pelos molares da Besta.

— E essa caverna parece casar com a descrição que eu lhe passei? — perguntou Piper.

— Por que você tem a descrição de uma caverna? — perguntou Greenmantle.

— Cale-se antes que você se machuque — ela lhe disse carinhosamente.

— Sim — disse Morris. — Eu não vi nenhuma porta do jeito que você descreveu, mas não nos aprofundamos muito nela. — Ele empurrou a porta e a abriu enquanto a Besta ligava um holofote enorme.

A luz iluminou um homem imenso sentado na entrada da caverna. Ele tinha uma espingarda sobre os joelhos.

— ESTOU DIZENDO QUE ESSA CAVERNA É AMALDIÇOADA — o homem lhes disse. — ACHO MELHOR VOCÊS IREM EMBORA DE UMA VEZ. O ATALHO É PELO CAMPO.

Piper olhou para Morris e a Besta.

— Esse cara estava aqui da última vez que vocês vieram?

— Não, senhora — respondeu Morris. — Senhor, nós vamos entrar na caverna, na boa ou na ruim. Certo?

Isso ele disse com um olhar de relance para Piper.

— Certo — ela respondeu. — Mas obrigada pelo aviso.

O cenho enorme do homem se franziu.

— EXISTEM COISAS AÍ DENTRO QUE VOCÊS NÃO DEVEM PERTURBAR.

Greenmantle, temeroso de que o homem o identificasse mais tarde, deu um passo cuidadoso para trás, adentrando as sombras para esconder o rosto.

Ele recuou diretamente no peito de outra pessoa.

— Colin — disse o Homem Cinzento. — Estou desapontado. Você não leu o envelope?

— Ah, pelo amor de Deus — lamentou Greenmantle. — Isso não foi ideia minha.

— *Você* — disse Piper.

— Sim — concordou o Homem Cinzento. Ele estava, estranhamente, tão bem equipado quanto Piper, como se também estivesse prestes a entrar em uma caverna. — Sr. Dittley, como vai?

— TUDO BEM, EU ACHO.

O Homem Cinzento disse:

— Chegou a hora do resto de vocês ir embora.

— Não, quer saber de uma coisa? — demandou Piper. — Estou mais do que cansada de você aparecer e colocar pressão. Eu estava aqui primeiro e tinha planos. Homens, façam coisas de homem.

Greenmantle não fazia a menor ideia do que ela queria dizer, mas Morris e Besta partiram imediatamente para cima do Homem Cinzento enquanto Dittley ficava de pé.

O Homem Cinzento despachou Besta para o túmulo ou a enfermaria em decepcionantes dois segundos. Foi Morris que demonstrou ser um rival mais à altura. Eles lutaram em silêncio, somente respirações machucadas e socos suspirados, enquanto Jesse Dittley largava sua arma e segurava os punhos de Greenmantle como uma criança petulante.

— Todo mundo larga tudo — disse Piper.

Ela apontava uma arma para a cabeça do Homem Cinzento. Uma arma prateada. Greenmantle ainda não

achava que ela parecesse tão perigosa quanto as armas pretas, mas os outros claramente achavam. O Homem Cinzento estreitou os olhos, mas soltou Morris.

Ela parecia bastante presunçosa a respeito disso. Para o Homem Cinzento, Piper disse:

— E aí, como se sente? Ótimo? Lembra quando você colocou uma dessas na minha cabeça? É. Uma babaquice de se fazer.

A expressão do Homem Cinzento não mudou. Era possível que ele não tivesse uma expressão de temor.

— Onde você conseguiu isso? — perguntou Greenmantle à esposa. — Você conseguiu uma para mim?

Piper olhou para ele de maneira fulminante e inclinou bruscamente o queixo.

— Pega aquela.

Ela se referia à espingarda de Jesse Dittley, que ele havia largado para segurar Greenmantle. Ocorreu a Greenmantle que virtude sem sentido era a piedade. Se Jesse Dittley tivesse simplesmente atirado em Greenmantle antes, ele não estaria segurando a sua espingarda agora.

Greenmantle apontou a arma para o peito de Jesse Dittley. Ele detestava tudo isso profundamente. Não gostava de fazer as coisas ele mesmo. Gostava de contratar pessoas para fazer as coisas por ele. Gostava

de manter suas impressões digitais para si mesmo. E não gostava da prisão.

Ele culpou Piper por tudo.

— Sai do meu caminho — ele disse, então desejou que tivesse pensado em uma frase de maior impacto.

— NÃO POSSO DEIXAR VOCÊ FAZER ISSO.

Greenmantle olhou para Jesse Dittley. Ele não conseguia acreditar que era possível que seres humanos crescessem a uma altura dessas.

— Você está realmente criando uma confusão desnecessária.

Jesse Dittley apenas balançou a cabeça, muito lentamente.

— Para o chão! — tentou Greenmantle. Nos filmes, isso funcionava na mesma hora. Você apontava uma arma para alguém e as pessoas sumiam da sua frente. Elas não ficavam simplesmente paradas olhando para você.

— ESSA CAVERNA NÃO É SUA — disse Jesse Dittley.

Piper atirou nele.

Três vezes, rápido, manchas negras aparecendo na camisa e na cabeça.

Quando eles olharam de volta para ela, Piper já tinha a arma apontada de volta para o Homem Cinzento.

Greenmantle não podia acreditar quão incrivelmente morto estava o homem gigante. Ele estava tão, mas tão morto, e perfurado. Havia buracos nele. Greenmantle não conseguia parar de olhar para os buracos. Eles provavelmente o haviam transpassado.

— Piper — ele disse. — Você simplesmente atirou no homem.

— Ninguém estava fazendo nada, fala sério. Toda essa palhaçada de caras durões! — disse Piper. Para o Homem Cinzento, ela disse: — Arraste ele para dentro da caverna.

— Não — disse o Homem Cinzento.

— Não? — Piper estava com sua cara de atirar nas pessoas, ou seja, a cara que tinha o tempo inteiro.

— Ah, não atire nele — disse Greenmantle, com o pulso batendo um tanto nervoso. Tudo que ele conseguia pensar era como os documentos naquele envelope pareceriam mais plausíveis quando colocados lado a lado com os acontecimentos daquela noite. Será que Piper não sabia que um crime envolvia planejamento e limpeza muito cuidadosos? Atirar não era a parte difícil. Escapar impune é que era.

— Não vou mexer em nenhum corpo sem luvas — disse o Homem Cinzento com uma voz fria, demonstrando claramente por que fora bom nisso. —

Eu não teria atirado nele sem luvas, também. Impressões digitais e resíduos de pólvora são maneiras estúpidas de terminar na prisão.

— Obrigada pelo conselho — disse Piper. — Morris? Você está usando luvas. Arraste esse cara e vamos seguir em frente.

— E *ele*? — perguntou Morris, olhando para o Homem Cinzento.

— Amarre-o. Vamos levar ele junto. Colin, por que você não se mexe?

— Na realidade — disse Greenmantle —, acho que vou deixar passar essa.

— Você só pode estar brincando comigo.

Não apenas ele não estava brincando como estava considerando vomitar. Ele devia ter permanecido solteiro. Devia ter permanecido em Boston. Ele estava a meio caminho da porta, e queria de certa forma se certificar de que tivesse um pouco de cobertura caso Piper ficasse puta da vida e decidisse atirar nele também.

— Eu vou apenas... voltar. Não me entenda mal, acho que você parece ótima com a arma, mas...

— Isso é simplesmente. Tão. Típico. Você sempre diz: "Vamos fazer isso juntos, eu e você", e então quem termina fazendo tudo? Eu, enquanto você parte

para algum projeto novo. Tudo bem, pode voltar. Mas não espere que eu volte correndo para você.

Ele cruzou com o olhar do Homem Cinzento, que estava no processo de ter suas mãos amarradas atrás de si por Morris. Eficientemente, com uma braçadeira plástica.

O Homem Cinzento olhou para o corpo de Jesse Dittley e fechou os olhos por um segundo. Inacreditavelmente, ele parecia bravo, então devia possuir emoções, afinal.

Greenmantle hesitou.

— Ou caga ou sai da moita — disparou Piper.

— Vá embora, Colin — disse o Homem Cinzento. — Você teria poupado muito incômodo a nós dois se nunca tivesse vindo.

Greenmantle aproveitou a oportunidade para ir. Ele se perdeu no caminho de volta pelo campo — tinha um péssimo senso de direção —, mas, uma vez no carro, sabia o caminho. Para longe. Todas as direções eram para longe.



Blue Sargent estava com medo.

Existem muitas palavras boas para o oposto de *com medo. Destemida, corajosa, intrépida.*

Alguns poderiam sugerir *audaz* ou *valente*.

Mas Blue Sargent era valente porque *tinha* medo.

Se Persephone podia morrer, qualquer pessoa podia. Maura podia morrer. Gansey podia morrer. Não precisava haver cerimônia ou presságio.

Poderia acontecer em um instante.

Eles foram a Cabeswater mais uma vez. Calla foi junto, mas eles estavam sem Malory, que ainda não havia voltado, sem o sr. Cinzento, que havia desaparecido sem explicação, e sem Noah, que havia aparecido apenas como um breve sussurro no ouvido de Blue naquela manhã.

Mais uma vez, eles estavam preparados com o equipamento de segurança e capacetes, e apenas dessa

vez Adam e Ronan liderariam o caminho até o poço. Isso havia sido ideia de Adam, rapidamente apoiada por Ronan. Cabeswater não deixaria Adam morrer por causa da barganha, e ela protegeria Ronan por razões desconhecidas.

Estava escuro. Os faróis do BMW de Ronan e do Camaro de Gansey venciam apenas alguns metros na cerração que subia do campo úmido nas cercanias de Cabeswater. Parecia impossível que fosse o mesmo dia que Persephone havia morrido. Como alguns dias continham tantas horas?

Do lado de fora dos carros, Blue implorou para Calla: — Por favor, fique aqui e faça companhia para o Matthew.

— De jeito nenhum, sua medrosa. Eu vou com vocês — disse Calla. — Não vou deixar você fazer isso sozinha.

— Por favor — disse Blue novamente. — Eu não estou sozinha. E não vou suportar se você...

Ela não terminou. Ela não conseguia dizer *se você morrer também.*

Calla colocou as mãos nas têmporas de Blue, alisando seu cabelo não alisável. Blue sabia que ela estava sentindo tudo o que a garota não conseguia dizer, mas não se importava com isso. Palavras eram impossíveis.

Calla estudou os olhos de Blue. Seus dedos estudaram a alma de Blue.

Por favor confie em mim por favor fique aqui por favor confie em mim por favor fique aqui por favor não morra Finalmente, Calla disse:

— Aterramento. Eu sou boa em aterramento. Vou ficar aqui e vou aterrar você.

— Obrigada — sussurrou Blue.

Dentro de Cabeswater era cerração e mais cerração. Ronan cumprimentou as árvores enquanto se deslocava em uma redoma de luz estonteante lançada da iluminação de sonho que ele trouxera da Barns. Adam a chamara de luz fantasma, e o nome parecera apropriado.

Ronan pediu respeitosamente por uma travessia segura.

O pedido fez com que Blue se lembrasse de uma reza.

As árvores farfalharam em resposta, folhas invisíveis se movendo na noite.

— O que elas disseram? — perguntou Gansey subitamente. — Elas não acabaram de dizer para termos cuidado?

— O terceiro adormecido. Elas nos avisaram para não acordá-lo — disse Ronan.

Eles entraram na caverna.

No caminho de descida do túnel até o poço, Gwenllian cantou uma canção a respeito de se provar merecedora de um rei.

Eles se aprofundaram mais ainda.

Gwenllian ainda estava cantando, agora sobre deveres, julgamentos e potenciais cavaleiros. As mãos de Adam se fechavam e se abriam nos fachos de luz das lanternas de cabeça em movimento.

— Por favor, cala a boca — disse Blue.

— Chegamos — disse Ronan.

Gwenllian se calou.

Adam se juntou a Ronan na beira do precipício, os dois espiando para dentro como se pudessem ver o fundo. A luz em torno deles era curiosa e dourada, lançada não apenas pelas lanternas de mão e de cabeça, mas também pela luz fantasma.

Adam murmurou algo para Ronan. Ronan balançou a cabeça.

— Ainda sem fundo? — A voz de Gansey veio lá de trás.

Ronan soltou a luz fantasma do seu ombro, onde ela estava pendurada como uma bolsa a tiracolo, e a amarrou em uma das cordas de segurança.

Blue estava com mais medo do que antes. Era mais fácil não ter medo quando era você que fazia as coisas temíveis.

— Baixe isso lá dentro — ordenou Ronan para Adam. — Vamos dar uma olhada lá embaixo, certo?

Os dois garotos ficaram ali por longos minutos, balançando a luz fantasma no poço. Faixas de luz cortavam o espaço desordenadamente de um lado para o outro acima do poço enquanto eles faziam isso. Mas eles pareceram insatisfeitos com os resultados. Adam se inclinou para frente, Ronan agarrou seu braço firmemente, e então os dois se voltaram para onde os outros esperavam.

— Não consigo ver nada — disse Adam. — Não há o que fazer a não ser entrar.

— Por favor... — Gansey começou, então parou. — Tenham cuidado.

Adam e Ronan se entreolharam e então miraram o poço. Eles pareciam encantadores e valentes, confiantes em Cabeswater ou um no outro. Não pareciam temerosos, então Blue estava com medo por eles.

— Diga — Ronan pediu a Gansey.

— Dizer o quê?

— Excelsior.

— Isso é adiante e acima — disse Gansey. — Tem conotação de ascensão. O que vocês vão fazer é o contrário.

— Ah, bem — disse Ronan. — Abóbora um, abóbora dois, abóbora *três* e por aí vai...

Então ele desapareceu no buraco, sua voz ainda audível.

— Não vou cantar junto! — disse Adam, mas seguiu Ronan para dentro do poço.

A voz de Ronan cantava e cantava, e então subitamente foi interrompida.

Houve silêncio.

Um silêncio total, do tipo que você só consegue em um buraco no chão.

Então houve um ruído de escorregão, como pedrinhas quicando sobre a rocha.

E mais silêncio.

— Jesus — disse Gansey. — Não vou suportar isso.

— Preocupação é fraqueza, rei — disse Gwenllian com uma voz fina.

Silêncio.

Então um grito rouco, entrecortado, em uma voz irreconhecível. Adam, ou Ronan, ou totalmente outra coisa.

Gansey emitiu um som terrível e pousou a testa contra a parede. A mão de Blue se lançou no mesmo instante para segurar a mão dele firmemente. Ela não conseguia suportar aquilo também, mas não havia

nada a fazer *a não ser* suportar. Dentro dela, aquele medo novo, sombrio, cresceu, o conhecimento de que a morte acontecia em um instante e para qualquer um. Ronan e Adam podiam estar mortos e não haveria um terremoto. Não haveria fanfarra.

O terror parecia encher seu estômago de sangue.

Eles confiavam em Cabeswater?

Essa era a questão.

Será que aquele poço ia além do alcance de Cabeswater?

Essa era a segunda questão.

— Não vou conseguir viver com isso — disse Gansey. — Se alguma coisa aconteceu.

— Você nunca será um rei — disse Gwenllian. — Você não sabe como a guerra funciona?

Mas seu amargor não era realmente por Gansey; era uma chacota com alguém que a havia enterrado ou sido enterrado com ela fazia muito tempo.

Subitamente, uma voz veio lá de baixo:

— Gansey?

— Adam — gritou Gansey. — Adam?

A voz subiu novamente:

— Estamos voltando para mostrar a vocês o caminho aqui para baixo!



Eles haviam encontrado um vale de esqueletos.

O poço não era sem fundo, embora fosse vasto e profundo. O fundo era inclinado e mais estreito, e os levava para longe de Gansey e dos outros, fazendo-os escorregar surpreendente e abruptamente para longe da superfície. Sob o olhar difuso da luz fantasma, Adam viu de relance ninhos estranhos pendurados na parede. Ele estendeu as mãos para fora, na tentativa de desacelerar. Os buracos dos ninhos se agitavam com algo escuro e nervoso, mas Adam não conseguia ver o que era. Podiam ser ninhos de insetos, mas então ele ouviu Ronan, escorregando à frente dele, falando rapidamente em latim, e, mesmo enquanto Adam deslizava ao lado deles, os viu transmutando-se para ninhos de pássaros em galhinhos.

Esse era o trabalho deles, percebeu Adam. Era isso que eles tinham a oferecer: tornar o poço seguro para

os outros. Era isso que eles haviam prometido: ser os mágicos de Gansey.

Então eles tinham deslizado, e tinham sussurrado e tinham pedido, e juntos haviam convencido Cabeswater a transformar os ninhos em algo inofensivo. Pelo menos por um tempo.

Em seguida foram lançados do fundo do declive para uma caverna.

Agora os outros haviam se juntado a eles, e todos olhavam para o vale debaixo da terra.

Entre eles e a parede oposta distante, havia um rebanho de ossos, uma tragédia de ossos. Havia esqueletos de cavalos e de cervos, esqueletos pequeninos de gatos e esqueletos sinuosos de fuinhas. Todos haviam sido pegos em pleno movimento, todos apontando na direção dos adolescentes parados na entrada do vale.

De certa maneira, o efeito era de assombro, não de terror.

O espaço em si era assombroso também. Era a vasta bacia de uma caverna, duas vezes mais comprida que larga. Raios divinos de luz desciam dos buracos no teto da caverna centenas de metros acima. Diferentemente da caverna que eles haviam deixado para trás havia pouco, esse vale tinha cores:

samambaias e musgos buscavam a luz do sol inalcançável.

— Nuvens — sussurrou Blue.

Era verdade; o teto estava tão distante acima que a umidade ficava presa ali, atravessada pelas estalactites.

Adam sentiu como se tivesse caído em um dos sonhos de Ronan.

Gwenllian começou a rir e bater palmas. A risada, uma canção em si, ecoava nas paredes superiores.

— Alguém faz ela calar a boca — disse Ronan. — Antes que eu mesmo faça.

— O que é este lugar? — perguntou Blue.

Adam foi o primeiro a descer.

— Cuidado... — avisou Gansey.

Gwenllian dançava à frente.

— Do que vocês têm medo? De alguns *ossos*?

Ela chutou um dos esqueletos de gato; ossos voaram. Adam fez uma careta.

— Não faça isso! — disse Blue.

— Os mortos continuam mortos continuam mortos — respondeu Gwenllian, usando um fêmur para quebrar outro esqueleto.

— Nem sempre — avisou Gansey. — Tenha cuidado.

— Sim, pai! — Mas ela se preparou para outro chutão.

— Ronan — disse Gansey bruscamente, e Ronan se mexeu para contê-la, segurando os braços de Gwenllian para trás, sem nenhuma cerimônia.

Adam parou ao lado de uma das feras mais próximas; os ombros dela eram mais altos que ele, seu crânio enorme mais alto ainda, e, acima de tudo, se estendia um conjunto de chifres que pareciam gigantescos até em comparação àquele esqueleto gigante. Era lindo.

A voz de Blue veio bem de perto.

— É um alce irlandês.

Ele se virou e tocou um grande osso branco. Blue correu um dedo ao longo dele de maneira tão carinhosa que parecia até que ele estava vivo.

— Eles estão extintos — ela acrescentou. — Sempre me senti mal porque nunca teria a oportunidade de ver um. Olha quantos deles existem aqui.

Adam olhou; havia muitos. Mas olhar para eles era enxergar além deles, e enxergar além deles era ficar estupefato novamente com aquele espetáculo de ossos. Mil animais, suspensos nos cascos. Isso lhe lembrava algo, embora Adam não conseguisse saber o que era.

Ele esticou o pescoço para olhar para a entrada, então para Ronan e Gwenllian. Gansey caminhava entre os esqueletos como se estivesse sonhando, seu rosto tomado pelo assombro e pela cautela. Ele tocou o pescoço arqueado de uma criatura esquelética com respeito, e Adam se lembrou de Gansey dizendo a Ronan que jamais deixava um lugar em pior situação por ter passado lá. Adam compreendeu, então, que o assombro de Gansey e Blue mudou o lugar. Ronan e Adam talvez tivessem visto aquele lugar como mágico, mas o assombro de Gansey e Blue o tornou *sagrado*. Ele se tornou uma catedral de ossos.

Eles caminharam lentamente através do vale, procurando respostas e pistas. Não havia outra saída para o ambiente. Só aquele vasto espaço, e um regato correndo pelo chão e desaparecendo por baixo de uma parede rochosa.

— Qual o sentido disso?

— Truques e mais truques — rosnou Gwenllian. — Todos valentes, jovens e belos... Todos nobres e verdadeiros...

— Quem quer que venha a tirar esta espada desta pedra — murmurou Gansey. Blue anuiu. — Isso é um teste.

— Nós os despertamos — disse Ronan subitamente, soltando Gwenllian. — Esse é o teste,

não?

— Não é o meu teste, corajoso cavaleiro, senhor — disse Gwenllian. — Sua vez. — Ela imitou um caubói atirando nele.

Os olhos de Blue miravam o alce irlandês; ela estava bastante fascinada com ele.

— Como você desperta ossos?

— Da mesma maneira que despertaria um sonhador — Gwenllian chiou para Ronan. — Se você não consegue despertar esses ossos, como espera fazer com que o meu pai se levante? Mas o que vejo em seus ombros? Ah, fracasso é o que você está usando ultimamente, eu compreendo... Combina com seus olhos. Você tentou isso antes, sonhador fracassado, mas tem mais paixão do que precisão, não é?

— Para — disse Gansey, de tal maneira que todos pararam e olharam para ele.

Não havia raiva em sua voz, não havia injustiça. Ele parou ao lado de uma enorme parelha de esqueletos de cervos machos, seus ombros endireitados e seus olhos sérios. Por um momento, Adam viu o presente, mas também viu o passado e o futuro, estendendo-se como quando Persephone o inspirara a ver sua própria morte. Ele viu Gansey ali naquele instante, mas de certa maneira em todos os

instantes, prestes a deixar aquele momento, ou apenas prestes a entrar nele, ou vivê-lo.

Então seus pensamentos se desviaram e o tempo andou novamente.

— Pare de irritar os outros, Gwenllian — disse Gansey. — Você acha que é a única aqui com o direito de se sentir amargurada? Por que você não usa suas habilidades de enxergar além para encorajar em vez de destruir?

— Eu gostaria de enxergar bastante o que acontece no íntimo de todos os rapazes aqui — disse Gwenllian. — Você poderia ser o primeiro a se candidatar à minha atenção, se quisesse.

Então Gansey revirou os olhos e suspirou de maneira muito pouco digna de um rei.

— Ignorem essa mulher. Adam, me dê uma ideia.

Adam era sempre chamado, mesmo quando não levantava a mão. Ele pensou nos fracassos de Ronan, no momento no alto da montanha, com Blue e Noah, e finalmente se lembrou do que Persephone havia dito a respeito do poder de três. Então disse: — Ronan, você trouxe o seu objeto de sonho?

Ronan gesticulou para a bolsa pendurada abaixo da luz de sonho.

— O *quê*? — perguntou Blue.

Adam fez um gesto com a mão como se não fosse o momento para explicações.

— Lembra da Barns? Tente despertá-los como as vacas, Ronan. Vou ver se posso redirecionar a linha ley para fornecer mais energia para você; a Blue vai amplificar. Gansey, você pode... mover pedras?

Gansey anuiu em aprovação. Ele não compreendia o plano, mas não precisava: ele confiava no julgamento de Adam.

Ronan soltou sua bolsa, desembrulhando com cuidado seu objeto de sonho do cobertor de lã polar, agora bastante sujo. Ele o escondeu quase completamente enquanto Adam se agachava, pressionando os dedos contra a rocha. Ele soube tão logo a tocara que eles não estavam mais realmente em Cabeswater; haviam passado por baixo dela. No entanto, a linha ley ainda estava lá, e, se eles movessem algumas pedras, ele poderia apontá-la para os esqueletos.

— Blue, Gansey, me ajudem — ele pediu.

Gwenllian os observava com os lábios encrespados.

— Você podia ajudar também — ele lhe disse.

— Não — ela respondeu. — Eu não poderia.

Ela não disse que não poderia ajudá-*lo*, mas ficou subentendido. Gansey nem se preocupou em chamar a

atenção dela dessa vez. Simplesmente trabalhou com Blue para mover as pedras que Adam indicava. Então eles voltaram à fera bem à frente do rebanho.

Ronan esperou com o objeto de sonho, olhos desviados. Então, enquanto eles ficavam à sua volta, ele assoprou sobre o topo da palavra de sonho, como havia feito na Barns.

Sua respiração passou através dela e seguiu para os esqueletos.

Houve silêncio.

Mas Adam podia *senti-lo*. Aquele vasto vale subterrâneo estava carregado de energia, pulsando com vida. Ela murmurava contra as paredes. Voava de osso em osso em cada esqueleto, e de um esqueleto a outro. Eles queriam saltar; eles se lembravam da vida. Eles se lembravam de seus corpos.

Mas ainda havia silêncio.

Adam sentiu o poder da linha ley o sacudindo e o puxando, amplificado por Blue. A energia não o estava destruindo, mas estava se dispersando. Adam não era o melhor receptor para essa energia, e ele não seria capaz de mantê-la concentrada por muito mais tempo.

Os lábios de Blue estavam apertados, e Adam sabia que ela também estava sentindo aquilo.

Por que não estava funcionando?

Talvez a questão fosse idêntica àquela da Barns. Eles estavam próximos, mas não o suficiente. Talvez Gwenllian estivesse certa; eles não eram dignos.

Gwenllian estava se afastando deles, recuando com os braços abertos para os lados, os olhos dardejando de fera para fera, como se esperasse que uma delas quebrasse primeiro, e ela quisesse ser testemunha disso.

Gansey franziu o cenho enquanto examinava os rebanhos e bandos, Gwenllian e a luz corrente, seus amigos congelados em uma batalha invisível.

Adam não conseguia deixar de ver seu rei falível, pendurado no poço de corvos.

Gansey tocou o lábio inferior muito delicadamente. Ele baixou a mão e disse: — Acordem.

Ele o disse como havia dito *pare* antes. Ele o disse em uma voz que Adam tinha ouvido incontáveis vezes, uma voz que ele jamais conseguiria *não* ouvir.

As feras acordaram.

Os cervos e os cavalos, os leões e os falcões, as cabras e os unicórnios, e as criaturas que Adam não sabia nomear.

Em um momento eram ossos, e no próximo eram inteiros. Adam perdeu o momento da transformação. Era como Noah, de fantasma manchado para garoto, de impossível para possível. Cada criatura estava viva,

bruxuleante e mais bela que qualquer coisa que Adam poderia ter imaginado.

Eles empinavam, guinchavam, ganiam e saltavam.

Adam podia ver o peito de Gansey arfar em descrença.

Eles tinham conseguido. Tinham conseguido.

— Nós temos que ir! — gritou Blue. — Olhem!

As criaturas estavam indo embora a galope. Não como uma, mas como uma centena de mentes distintas com um objetivo: passar pela abertura de uma caverna que havia surgido do outro lado do vale, que tinha o aspecto de uma boca aberta que lentamente se fechava. Se eles não passassem logo por ela, ela desapareceria.

Mas nenhum ser humano podia correr tão rápido.

— Este! — gritou Blue, se jogando sobre o alce irlandês. Ele balançou os chifres enormes e corcoveou, mas ela seguiu firme.

Adam não conseguia acreditar.

— Sim... — disse Ronan, se esforçando para agarrar um cervo, então outro, antes de pegar os pelos em torno do pescoço de uma criatura primitiva e se jogar sobre ela.

No entanto, fazer isso na teoria era mais fácil que na prática. As feras eram rápidas e ariscas, e Adam se viu segurando punhados de pelo. A alguns metros

dali, ele viu Gansey, frustrado, mostrar-lhe a palma da mão coberta de pelos, também. Gwenllian ria e corria atrás das criaturas, batendo as mãos e as tocando.

— Corram, criaturinhas! Corram! Corram!

Adam subitamente foi lançado para frente, o ombro dolorido, como se alguma criatura tivesse saltado sobre ele e o acertado. Ele rolou, cobrindo a cabeça. Outro casco o acertou. Então ele pensou em seu velho professor de latim pisoteado até a morte em Cabeswater.

A diferença é que Cabeswater não deixaria Adam morrer.

Entretanto, ela o deixaria se machucar. Ele cambaleou para sair do caminho e se pôs de pé.

— Adam — disse Gansey, apontando.

Os olhos de Adam encontraram o que o amigo estava gesticulando para mostrar: as feras de Ronan e Blue saltando através da estreita passagem da caverna, um instante antes de ela desaparecer.



Blue estava em uma caverna estranha, baixa, de dimensões imprecisas. A luz por detrás iluminava o chão à medida que este se afastava em declive até um poço repleto de estalagmites.

Não. Não era o chão. Era o teto, refletido.

Ela viu um imenso lago parado. A água espelhava perfeitamente o teto cravejado, escondendo a verdadeira profundidade do lago morto. Havia algo morto e desconcertante a respeito dele. Do outro lado, havia outro túnel, pouco visível na luz sombria.

Blue sentiu um calafrio. Seu ombro doía, pois ela havia caído sobre ele, assim como seu traseiro.

Ela desviou o olhar do lago com apreensão, pois quem poderia saber o que ele continha, e procurou sinal dos outros. Viu sua fera enorme e branca de pé, parada e distante, como uma parte da caverna. E viu o

caminho que levava de volta até o lugar onde havia se jogado.

— Você está aqui — disse Blue, aliviada porque não estava sozinha: Ronan estava ali. Era sua luz fantasma, jogada sobre o seu ombro ainda, que iluminava a caverna.

Ele parecia tão distante quanto o alce, os olhos cautelosos, sombrios e estranhos, enquanto saía da escuridão. No entanto, não havia sinal da criatura que o levara até ali.

Subitamente, cheia de desconfiança, Blue abriu o canivete.

— Você é o Ronan real?

Ele desdenhou.

— Estou falando sério.

— Claro, sua idiota — disse Ronan, espiando à sua volta do mesmo jeito desconfiado como ela o olhara minutos atrás, o que deixou Blue um pouco mais segura a seu respeito. Era o lago, ou algo embaixo dele, que a estava deixando nervosa.

— Por que você não precisou montar em nada?

— Eu montei. Ele fugiu.

— *Fugiu?* Para onde?

Ronan rastejou até chegar mais perto de Blue, então se inclinou para pegar uma pedra solta do chão. Ele a jogou no lago, a mão na cintura. Houve um

ruído como se alguém soprasse ar no ouvido deles, e então a pedra desapareceu. Blue viu quando ela atingiu a água e desapareceu — não na água, mas no nada.

Não se formaram ondulações.

— Então, sabe de uma coisa? — Ronan perguntou a Blue. — Foda-se a magia. Foda-se isso.

Blue caminhou lentamente até a beira do lago.

— Ei! Você não me ouviu? Não faça nada estúpido. Ele comeu o meu cervo.

— Só estou olhando — disse Blue.

Ela chegou o mais próximo que a coragem lhe permitiu e então olhou para dentro, tentando ver o fundo.

Mais uma vez, viu o reflexo dourado do teto acima, então a escuridão da água e depois o próprio rosto, os olhos vazios e estranhos.

O rosto de Blue parecia ascender através da água em sua direção, cada vez mais próximo, a pele mais pálida e sem vida, até que ela viu que não era realmente o seu rosto.

Era o de sua mãe.

Seus olhos estavam mortos, a boca caída, as faces encovadas e tomadas pela água. Ela flutuava um pouco abaixo da superfície. O rosto mais próximo, o

torso caindo para baixo, as pernas perdidas na escuridão.

Blue sentia que começava a tremer. Era tudo que ela havia sentido após a morte de Persephone. Era a dor ali, naquele momento, queimando-a.

— Não — ela disse em voz alta. — *Não. Não.*

Mas o rosto de sua mãe continuava flutuando, cada vez mais inerte, e Blue emitiu um ruído agudo e terrível.

Seja sensata — Blue não conseguia fazê-lo. *Arraste-a para fora.*

Subitamente, ela sentiu braços em torno dela, arrancando-a da beira do lago. Os braços em torno dela também estavam tremendo, mas a seguravam firmemente e cheiravam a suor e musgo.

— Não é real — Ronan lhe disse com a voz baixa. — Não é real, Blue.

— Eu a *vi* — disse Blue, ouvindo o choro em sua voz. — Minha mãe.

— Eu sei. Eu vi o meu pai — ele disse.

— Mas ela estava *lá*...

— Meu pai está morto e enterrado. E o Adam viu a sua mãe lá adiante, naquela caverna esquecida por Deus. Esse lago é uma *mentira*.

Mas parecia real no coração de Blue, mesmo que sua mente soubesse melhor.

Por um momento, eles permaneceram daquele jeito, Ronan a segurando bem junto de si, como seguraria seu irmão Matthew, seu rosto no ombro de Blue. Toda vez que ela pensava em seguir adiante, via o rosto do cadáver de sua mãe de novo.

Finalmente, Blue se afastou e Ronan se pôs de pé. Ele desviou o olhar, mas não antes de ela ver a lágrima que ele limpou do queixo.

— Foda-se isso — ele disse de novo.

Blue fez um grande esforço para que sua voz soasse normal.

— Por que o lago nos mostraria aquilo? Se não era real, por que Cabeswater nos mostraria algo tão horrível?

— Isso não é mais Cabeswater — respondeu Ronan. — Isso está por baixo. O lago pertence a outra coisa.

Ambos olharam de um lado para o outro, procurando uma maneira de atravessar. Mas não havia nada naquele cenário árido e apocalíptico, exceto a presença deles e da grande fera, tão imóvel quanto uma formação natural da caverna.

— Vou olhar de novo — disse Blue finalmente. — Quero ver se enxergo a profundidade real dele.

Ronan não a impediu, mas também não a acompanhou. Blue caminhou até a margem, tentando

não tremer com o pensamento de ver sua mãe novamente, ou algo pior. Ela se inclinou, pegou outra pedra solta e, quando chegou à beira, deixou que ela caísse imediatamente, sem esperar que um reflexo emergisse.

A pedra desapareceu logo que atingiu a superfície da água.

Mais uma vez, não se formou nem uma ondulação.

E agora, serenamente, a água começou a formar de novo uma visão para ela, deixando-a flutuar das profundezas.

À medida que o horror aumentava, Blue subitamente se lembrou da lição dos espelhos de Gwenllian.

A magia de espelhos não é nada para os espelhos.

Se um lago morto havia mostrado Maura para ela e o pai de Ronan a ele, então ele não estava criando nada — estava usando os pensamentos deles e os refletindo de volta.

Era apenas uma enorme tigela de divinação.

Blue começou a construir os blocos dentro dela, do mesmo jeito que fizera para desconectar Noah e Adam. Enquanto o rosto do cadáver lentamente ascendia na direção dela, ela o ignorou e continuou.

Blue era um espelho.

Seu olhar estava concentrado sobre a água mais uma vez. Não havia um corpo. Não havia um rosto. Não havia reflexo algum, da mesma maneira que não houvera reflexo nos espelhos de Neeve. Havia apenas a superfície de vidro imóvel da água, e então, forçando a visão para além do reflexo do teto, a superfície irregular e lodosa do lago.

Ele tinha apenas alguns centímetros de profundidade. Cinco ou dez. Uma ilusão perfeita.

Blue tocou o lábio. Isso a fez se lembrar de Gansey, e ela parou.

— Vou atravessar o lago — ela disse.

Ronan riu de maneira pouco engraçada.

— Ah, fala sério.

— Estou falando sério — Blue continuou. Então, apressadamente: — Mas você não. Não acho que você pode tocar a água. Você iria se dissolver como aquela pedra.

— *E você não vai?*

Blue olhou para a água. Era inacreditável, realmente, que ela estivesse confiando na sabedoria de uma pessoa maluca.

— Acho que não. Por causa do jeito que eu sou.

— Presumindo que isso seja verdade — disse Ronan —, você vai sozinha?

— Não saia desta margem — disse Blue. — Bem, não para sempre. Mas... prometa que vai ficar aqui por um tempo razoável. Só vou ver como é do outro lado.

— Presumindo que você não desapareça, quer dizer.

Ele não estava melhorando a sua coragem já testada.

— Ronan, *para.*

Ele nivelou um olhar pesado sobre ela, do tipo que normalmente usava para fazer a cabeça de Noah.

— Se ela estiver do outro lado... — começou Blue.

— Sim, eu sei — ele rosnou. — Ótimo. Espera.

Ele baixou a cabeça, pegou sua luz fantasma e a pendurou no ombro de Blue.

Ela não se deu o trabalho de dizer: *Mas você vai ficar esperando no escuro.* Tampouco disse: *Se eu desaparecer imediatamente no lago, você vai ter que encontrar o caminho de volta sem enxergar nada.* Porque ele já sabia das duas coisas quando deu a luz fantasma para ela.

Em vez disso, Blue disse:

— Sabe de uma coisa? Você não é tão imbecil assim.

— Não — respondeu Ronan —, na verdade eu sou.

Ela se virou para a água, se permitiu o breve regalo de fechar os olhos e balançar a cabeça um pouco, com o medo e o horror do que estava prestes a fazer.

Então deu um passo à frente.



O lago era molhado, o que chocou Blue.

De alguma forma, ela havia acreditado que, se o cadáver era falso, talvez a água também fosse. Mas, no fim das contas, pelo menos cinco centímetros da água eram reais e respingavam friamente na sola de seus pés.

Ela não desapareceu.

Blue se virou e viu Ronan agachado alguns metros acima em terra firme, os braços em torno dos joelhos, já esperando que a escuridão o levasse. Quando ele cruzou com o olhar dela, Ronan a saudou sem sorrir, antes que ela se virasse novamente.

Blue abriu caminho com cuidado através do lago, os olhos focados no verdadeiro fundo dele, no teto e nas paredes — ela não confiava em nada naquele lugar, especialmente à medida que o pavor começava a crescer dentro dela, mais e mais.

Blue não gostava da ideia de deixar Ronan para trás na escuridão.

Mas seguiu em frente sozinha, e, quando achou que não conseguia mais assimilar a escuridão em seu coração, chegou à beira do lago e do túnel que vinha depois.

Ela pisou na rocha e, por apenas um segundo, ficou ali e tentou se ver livre do medo.

Por que preciso estar sozinha para fazer isso?

Blue reconheceu a injustiça disso. Então reajustou a luz fantasma e seguiu em frente.

Ela sabia que estava indo na direção certa, pois começou a sentir o puxão sutil do terceiro adormecido. Era como Adam tinha dito — uma voz na cabeça que soava muito como sua própria voz, se você não estivesse prestando atenção.

Mas Blue *estava* prestando atenção.



Não era longe até a câmara que ele havia descrito. Ela se enfiou através do buraco escuro, sentindo uma voz dentro de si dizer: *Aproxime-se aproxime-se aproxime-se*, quando a voz real dentro dela dizia: *Eu gostaria de poder fugir.*

E lá estava ela, como ele havia descrito. Uma pequena câmara, aberta na caverna, tão baixa que Blue teve de se agachar para entrar. Ela não gostou de se agachar; isso a fez se sentir desconfortavelmente vulnerável.

Parece muito com se ajoelhar.

Mas não era a voz real na sua cabeça que havia pensado isso; era a voz imitada do terceiro adormecido.

Ela desejava tanto a presença dos garotos, ou de Calla, ou de sua mãe, ou... Blue tinha tantas pessoas a quem não dava o real valor o tempo inteiro. Ela nunca precisara ter medo de verdade antes. Sempre houvera outra mão para pegá-la, ou pelo menos para segurar a sua enquanto eles caíam juntos.

Blue rastejou para dentro da câmara. A luz fantasma de Ronan iluminou o espaço. Ela se encolheu quando percebeu quão próxima estava de um homem ajoelhado. Ele estava a centímetros dela, esguio e de certa maneira familiar, completamente imóvel.

Não estava dormindo, como uma criatura de sonho, tampouco morto, como o vale dos ossos. Mas com o olhar fixo, absorto, sobre uma porta vermelha enfadonha com uma maçaneta em um tom negro oleoso.

Abra

Blue desviou os olhos dela.

Sou um espelho, ela pensou. *Dê uma olhada em si mesma enquanto dou uma olhada ao redor.*

Ela caminhou em torno do homem imóvel, tentando criar coragem para o que iria ver. Tentando se guardar contra a pior sensação de todas, aquela esperança traiçoeira, pior que os sussurros do terceiro adormecido em sua cabeça.

Mas isso não ajudou. Porque do outro lado do homem estava Maura Sargent.

Ela estava imóvel, as mãos enfiadas nas axilas, mas estava *viva*.

Viva, viva, viva, e era a mãe de Blue, e ela a amava, e a encontrara.

Blue não se importava se Maura podia sentir isso ou não — ela avançou aos tropeços e jogou os braços furiosamente em torno do pescoço da mãe. Ela parecia tão confortadora quanto a sua mãe, porque *era* a sua mãe.

Para sua enorme surpresa, Maura se mexeu ligeiramente por baixo dela e então sussurrou: — Não deixe que eu me mexa!

— *O quê?*

— Não vou conseguir evitar abrir a porta, agora que estamos nós três!

Blue olhou de relance para o homem. Seu cenho estava mais franzido.

— A gente devia simplesmente cair fora — disse Blue. — Como você atravessou o lago?

— Dei a volta — Maura sussurrou. — Por cima.

— Tinha outro caminho?

Agora que Blue sabia que Maura estava viva, tinha espaço em seu coração para outras emoções, como ficar indignada. Ela espiou em torno da caverna e viu uma pequena abertura no topo de uma das paredes baixas. Nesse instante, viu que o homem estava começando a rastejar na direção da porta.

Blue não pensou. Agachada, ela voou até ele e abriu o canivete.

— Ah, não. Vem comigo, cara.

Ele parecia preferir ter uma lâmina enfiada em si a se afastar da porta. Finalmente recuou, trôpego, alguns centímetros. Então alguns centímetros mais. Blue procurou algo para amarrar as mãos dele, mas só tinha a luz fantasma. Ela a passou sobre a cabeça e disse: — Não leve para o lado pessoal, quem quer que você seja, mas não confio em você com essa sua expressão enfeitiçada no rosto.

Então colocou o cabo do canivete entre os dentes, sentindo-se ligeiramente heroica, e usou o cabo flexível da luz para amarrar as mãos do homem atrás

das costas. Ele não protestou, e suas sobrancelhas se suavizaram em uma expressão que parecia ser de gratidão. Agora que ele não conseguia abrir a porta, desabou de joelhos, ombros caídos, e soltou um suspiro trêmulo.

Há quanto tempo Maura e esse homem estavam ali embaixo, resistindo ao chamado de quem quer que estivesse dormindo atrás daquela porta? Esse tempo todo?

— Você é o Artemus? — Blue lhe perguntou.

Ele olhou para ela em um reconhecimento abatido.

Então era por isso que ele parecia familiar. Blue não tinha o rosto alongado ou os pés de galinha profundos, mas a boca e os olhos dele eram os mesmos que ela reconhecera no espelho durante toda sua vida.

Hum. Oi, pai. Então ela pensou: *Realmente, com essa genética, eu devia ser mais alta.*

Ela olhou de volta para a outra abertura, a que estava no topo da parede. Não era o tipo de buraco mais acolhedor, mas, pelo que Blue sabia, sua mãe não tinha nenhuma experiência com escaladas, então não podia ser pior do que o caminho que ela havia tomado.

Blue não tinha tempo para continuar refletindo. Ainda curvada, caminhou com dificuldade na direção

da abertura do túnel por onde havia entrado. E chamou na escuridão: — Ronan?

Sua voz se espalhou e se suavizou no espaço, devorada pela escuridão.

Uma pausa. Em algum lugar, uma água pingava. Então:

— Sargent?

— Eu a encontrei! Tem outra saída! Você consegue sair por onde viemos?

Outra pausa.

— Sim.

— Então vá!

— Mesmo?

— Sim, não faz sentido se você não consegue atravessar!

Era mais perigoso para Ronan ficar naquela escuridão desconhecida, e, além do mais, Blue não seria capaz de levar sua mãe e Artemus de volta por aquele caminho.

Meus pais, ela pensou. *Não posso levar* meus pais *de volta por aquele caminho.*

Isso fez Blue franzir o cenho.

Ela se voltou para Maura.

— Vamos lá. Você pode se mexer sem abrir a porta. Vamos embora.

Mas Maura não parecia mais ouvir. Ela olhava fixamente para a porta de novo, franzindo o cenho.

A voz de Artemus soou no ambiente escurecido, surpreendendo-a: — Como você consegue suportar isso?

Sua voz tinha um... sotaque. Ela não sabia por que isso a surpreendia. Era algo como o inglês britânico, mas entrecortado, como se o inglês não fosse sua língua pátria.

Blue considerou outras opções para amarrar as mãos de sua mãe; ela se perguntou se poderia forçá-la a deixar o lugar. Seria horrível se tivesse de brigar com ela.

— Sou um espelho, eu acho. Apenas o virei para si mesmo.

— Mas isso não é possível — disse Artemus.

— Tudo bem — ela respondeu. — Então provavelmente não seja isso que eu estou fazendo, e você sabe mais das coisas. Agora, se não se importa, estou tentando descobrir como tirar minha mãe dessa caverna.

— Mas ela não pode ser sua mãe.

Blue teve uma primeira impressão de seu pai pior do que imaginara ter por todos aqueles anos.

— Você, meu senhor, supõe um monte de coisas que considera fatos, e, numa outra oportunidade, acho

que deveria ponderar com mais calma sobre tudo o que você julga verdadeiro. Mas, por enquanto, só me diz se eu consigo arrastar ela para fora deste lugar e para cima daquele buraco. Aquela é a saída, certo?

Ele retorceu as mãos e a luz se derramou sobre Blue um pouco mais.

— Na realidade, você parece um pouco com ela.

— Por *Deus*, homem — disse Blue. — Você ainda está nessa? Sabe com quem mais eu pareço um pouco? Com você. Pense nisso enquanto eu descubro uma saída sozinha.

Artemus ficou em silêncio, sentado com os braços amarrados atrás de si, a expressão pensativa. Blue não tinha certeza se ele estava realmente pensando com quem ela parecia, ou se estava caindo de volta nas garras do terceiro adormecido.

Blue pegou o braço de sua mãe e deu um puxão.

— Vamos.

O braço de sua mãe ficou rígido, resistindo não a Blue, mas ao conceito de se mexer. Então, quando Blue a soltou, Maura imediatamente estendeu a mão para a porta.

Blue deu um tapa nela e se virou para a porta.

— Deixe ela em *paz*!

A voz tentou se esgueirar em torno de suas defesas. *Abra a porta e todos estarão livres, e com um*

favor. Certamente você quer salvar a vida daquele garoto.

O terceiro adormecido era bom no que fazia.

Embora Blue soubesse que não havia nenhuma chance de abrir a porta ou aceitar a ajuda oferecida, ela sentiu a oferta abrir caminho até o seu coração.

Ela se perguntou o que aquela voz havia sussurrado para sua mãe.

Blue tirou o suéter. Ela pegou as mãos de Maura — Maura resistiu — e as amarrou tão bem quanto podia, torcendo os braços do suéter em torno delas. Tentou não se importar com o fato de o suéter ter se deformado, mas Persephone o havia feito para ela, e isso parecia tão triste quanto todo o resto. Todas as preocupações e todas as alegrias haviam se tornado iguais, a prioridade apagada pelo terror.

Blue pegou Artemus pelo cotovelo e Maura pelo cotovelo e os arrastou adiante. Pelo menos o máximo que eles podiam ir naquele ambiente pequeno. Empurrando-os um contra o outro e parando bastante para erguê-los de volta, ela começou a afastá-los aos poucos da porta, na direção do buraco da caverna. Ela não se importava que estivessem todos machucados e sangrando quando saíssem dali — desde que saíssem.

Mas então uma massa de corpos subitamente adentrou aos tropeços por onde eles saíam.



A caverna nunca parecera grande para começo de conversa, mas, quando Blue caiu de pernas para o ar sobre o traseiro, pareceu ainda menor. A população do ambiente havia subitamente aumentado em três pessoas. A pessoa na frente tinha um cabelo loiro glorioso e uma arma, e o homem atrás dela tinha narinas pequenas e uma arma, e a pessoa atrás era...

— Sr. Cinzento — exclamou Blue alegremente. Ela se sentia tão grata em vê-lo que não conseguia acreditar que aquilo era real.

— Blue? — perguntou o Homem Cinzento. — Ah, não.

Ah, não?

Um segundo depois, ela viu que as mãos dele estavam amarradas atrás das costas.

— O quê? — perguntou a mulher loira com a arma. Ela mirou uma lanterna no rosto de Blue,

momentaneamente a cegando. — Você é uma pessoa de verdade?

— Sim, eu sou uma pessoa de verdade! — respondeu Blue, indignada.

A mulher apontou a arma para ela.

— Piper, *não*! — disse o Homem Cinzento e se jogou com tanta força contra a mulher que a lanterna dela caiu, bateu na pedra e apagou imediatamente. A única iluminação vinha da luz fantasma que amarrava as mãos de Artemus.

— De primeira, sr. Cinzento — disse Piper, piscando, os olhos mirando de relance a luz fantasma e então voltando para ele. — Eu não ia atirar nela. Mas talvez seja o momento de atirar em *você* agora. O que você acha, Morris? Eu me submeto à sua opinião profissional.

— Por favor, não — disse Blue. — Por favor, realmente, não.

— Nós poderíamos atirar nesta aqui também — respondeu Morris. — Ninguém nunca vai chegar tão longe aqui embaixo para encontrá-los.

Atrás dela, alguns seixos rolaram do teto ou de algum lugar próximo. Blue se perguntou com uma sombria ansiedade se eles haviam perturbado as cavernas ao deixar que um rebanho de animais galopasse através delas.

Piper apontou para Maura e Artemus, finalmente dando atenção a eles.

— Essas pessoas são reais também? Por que elas estão assim?

— Maura — disse o Homem Cinzento, só agora desviando o olhar de Piper e Blue. Havia uma nota ofegante em sua voz normalmente brusca. — Blue... como foi que você... — Ele franziu o cenho, um tipo de franzir familiar, e Blue sabia que ele estava ouvindo o terceiro adormecido sussurrar dúvidas e promessas em sua cabeça.

Outro seixo caiu no chão da caverna.

— Tudo bem, não importa — disse Piper. Seus olhos claros, concentrados e determinados, estavam na porta. Não havia dúvida na mente de Blue de que ela viera despertar o adormecido. — Deixe eu pensar. É tão claustrofóbico aqui. Sabe de uma coisa, você pode ir embora, garota estranha. Não tem problema. Só finja que nunca nos viu.

— Não vou deixar o sr. Cinzento aqui — Blue afirmou. Depois de dizer isso, ela se deu conta de que fora uma declaração corajosa, mas, naquele momento, dissera aquilo apenas porque era a verdade, mesmo que fosse assustadora.

— É um pensamento comovente, mas não — respondeu Piper. — Ele não pode ir. Por favor, não me

faça ser grossa.

O Homem Cinzento estava todo encolhido para caber na caverna, as mãos atadas às costas. Pedras e poeira caíam aos poucos das paredes atrás dele, de maneira agourenta. Para Blue, ele disse:

— Escuta. Pegue os dois e vá embora. Eu fiz por merecer isso. Foi assim que eu vivi e este é o resultado dessa vida. Você não fez nada para merecer isso, nem sua mãe. Agora é a hora de ser uma heroína.

— Ouça o homem — disse Piper. — Quando ele diz que "fez por merecer", quer dizer que apontou uma arma para a minha cabeça na minha própria cozinha, e ele está certo.

Pense, Blue, pense — sua cabeça estava cheia e confusa. Provavelmente era o terceiro adormecido cutucando sua consciência. Talvez fosse o pavor de aquele lago subir aos poucos pelo túnel. Talvez fosse apenas a crescente suposição de que algo terrível estava prestes a acontecer ali. Uma pedra maior rolou livre, vinda do túnel de onde os outros haviam emergido. Aquela caverninha já era tão pequena; não parecia nem um pouco difícil que ela desabasse completamente.

— Desculpe, você poderia acelerar um pouco? — perguntou Piper. — Eu sei que ninguém quer dizer "Ah, olha, essa merda de caverna está desabando",

mas vou chamar atenção para isso, só para agilizar um pouco o processo.

— Você está começando a falar que nem o Colin — disse o Homem Cinzento.

— Diga isso de novo e atiro nas suas bolas. — Piper gesticulou para Blue. — Você vai ou o quê?

Blue mordeu o lábio.

— Posso... posso dar um abraço de despedida nele? Por favor?

Ela encolheu os ombros, os braços em torno de si mesma, parecendo miserável. A última parte não foi difícil.

— Você quer *abraçar* o cara? Que zoológico — disse Piper. — Está bem.

Com enfado, ela apontou a arma na direção deles enquanto Blue se inclinava sobre o Homem Cinzento.

— Ah, Blue — ele disse.

Ela jogou os braços e o apertou firme em um abraço que ele não conseguia retribuir. Inclinando o rosto contra a face barbada dele, ela sussurrou:

— Eu queria lembrar aquela frase sobre heroísmo que você citou em inglês antigo.

O Homem Cinzento a disse.

— Soa como vômito de gato — observou Piper. — O que quer dizer?

— O coração de um covarde não é um prêmio, mas o homem de valor merece o seu capacete reluzente.

— Estou trabalhando nisso — respondeu Blue enquanto usava o canivete que havia escondido na mão para cortar silenciosamente a braçadeira de plástico que amarrava os pulsos dele. Ela deu um passo para trás. O Homem Cinzento seguiu curvado com as mãos atrás das costas, mas ergueu uma sobrancelha incolor para ela.

— Tudo bem, agora cai fora. Se manda. Adeus — disse Piper enquanto mais partes da parede se mexiam inquietamente, a camada mais superficial caindo cheia de poeira no chão. — Vá ser baixinha em outro lugar.

Blue esperava ardorosamente que o Homem Cinzento fizesse algo agora.

O problema era que Maura e Artemus estavam tão imóveis quanto antes, mesmo que Blue estivesse disposta a abandonar absolutamente o Homem Cinzento na caverna. A única coisa que ela podia fazer era voltar à luta para levá-los em direção à saída da caverna. Era como um sonho febril, só que, em vez de saírem dali guiados pelas pernas de Blue, eram as pernas terrivelmente lentas de Maura e Artemus que fariam isso.

Piper permitiu isso por aproximadamente trinta segundos, antes de exclamar:

— Isso é ridículo — e soltar a trava de segurança de sua arma.

— Blue, abaixa! — gritou o Homem Cinzento, já se movendo.

Ele deve ter acertado Piper, ou Morris, pois corpos foram lançados selvagemente contra Artemus e depois Blue. Contava como cair se a pessoa já estava de joelhos?

Uma arma disparou próxima, e, por meio segundo, houve silêncio. Todo ruído havia colidido contra as paredes daquele ambiente minúsculo, e, quando voltou, ele apenas retinia. A poeira se movia através do espaço, onde quer que a bala tenha terminado ou ricocheteado. Mais pedras escorregaram precipitadamente, depois rebateram nos ombros de Blue — era o *teto*.

Blue não sabia dizer quais braços eram de quem, e se deveria se abaixar, socar ou esfaquear. Tudo que sabia era que alguém poderia morrer em um instante ali. Essa ameaça era real no ar obscuro.

Morris estava estrangulando o Homem Cinzento. Blue queria cuidar disso — será que poderia? Mas ela viu Piper se debater entre pernas em movimento em busca da arma que devia ter deixado cair. Blue

procurou pelo chão e viu a arma de *alguém*. Tentou pegá-la sem sucesso, bem quando o Homem Cinzento e Morris passaram cambaleando juntos. Um deles chutou a arma, e ela repicou loucamente pelas pedras e para a escuridão do túnel.

A outra arma disparou na mão de outra pessoa. O ruído tornou impossível pensar. Será que alguém levara um tiro? Quem estava atirando? Será que aconteceria de novo?

Naquele momento de imobilidade, Blue viu que Morris ainda estrangulava o Homem Cinzento. Ela esfaqueou seu braço, bem na parte carnuda. E se sentiu consideravelmente menos mal do que quando esfaqueara Adam.

Morris imediatamente soltou o sr. Cinzento, que o pegou e começou a batê-lo contra o teto.

— Tudo bem, parem — disse Piper. — Ou eu mato ela.

Todos se viraram para olhar. Piper tinha uma arma apontada para a cabeça de Maura. Ela jogou a cabeça para o lado para tirar o cabelo loiro dos olhos, e então assoprou para afastar alguns fios da boca.

— O que você quer, Piper? — perguntou o Homem Cinzento, largando Morris no chão.

— Eu *quero* o que eu pedi — disse Piper. — Lembra quando eu deixei as mulheres e as crianças

irem para que eu pudesse me sentir bem comigo mesma? Era *isso* que eu queria. Acho que ninguém aqui vai ter *isso* agora.

Atrás dela, Artemus piscava, o que era notável, pois ele realmente não piscara antes. Seu ombro sangrava como se tivesse levado um tiro. Toda vez que pingava no chão da caverna, o sangue corria junto e vertia através das pedras caídas na direção da porta vermelha.

Terreno acima.

Todos pararam para observar a cena.

O olhar de Piper seguiu todo o caminho até a porta e a maçaneta, e seus lábios rosa-chiclete se entreabriram.

Então Artemus usou as mãos amarradas para lançar a luz fantasma contra as mãos dela.

A luz se curvou contra a arma, colidindo com um ruído baixo como uma rebatida de taco. A luz fantasma se apagou e todos ficaram na perfeita escuridão da caverna.

Ninguém se mexia, ou, se alguém o fazia, era sem nenhum barulho. Ninguém a não ser Piper sabia se ela ainda estava apontando a arma para a cabeça de Maura.

Houve um silêncio, exceto pelo estrépito dos estalos das pedras no teto. O pior ruído era um que

vinha de cima ou do entorno da caverna: uma espécie de rugido chiado à medida que as pedras se deslocavam em uma caverna acima deles. De um ponto mais próximo, ouviu-se um gemido, que Blue pensou ser Morris.

Ela se sentia estranhamente ofegante, como se a caverna estivesse ficando sem ar. Ela sabia o que era realmente aquele sentimento: pânico.

Então todos começaram a se mexer.

Começou com um ruído de passos vindos da direção de Piper, Artemus ou Maura, talvez do Homem Cinzento, e o barulho ficou tão confuso que era impossível dizer quem era quem. Blue guardou rapidamente a lâmina, pois havia grandes chances de acertar alguém que ela não queria ferir, e começou a tatear o chão em busca da lanterna derrubada. Talvez a tampa só precisasse ser apertada para que ela funcionasse novamente.

A voz de Maura subitamente disse:

— Não abra essa porta! Não abra!

Blue não sabia nem onde estava a porta agora. Havia passos em todas as direções.

Mas ela também podia ouvir o terceiro adormecido. Era como se os sussurros coletivos na cabeça de *todas* as pessoas tivessem se tornado tão altos que se derramassem na própria caverna. Eles não

arrastavam Blue, mas se encapelavam através da escuridão e se condensavam sobre seus braços. Escorrendo de seus dedos.

Blue pensou que sabia como o lago espelhado havia se formado agora.

— *Parem ela!*

Era impossível dizer de quem era aquela voz. Em algum ponto próximo, ela ouviu uma respiração se acelerando.

Seus dedos se fecharam na lanterna. *Vamos, vamos...*

Subitamente, ouviu-se uma batida e então um quase grito.

A lanterna voltou a tempo de iluminar Piper encolhida na frente da porta vermelha, com as mãos na nuca.

— Vamos — disse o sr. Cinzento, largando uma pedra bastante sangrenta no chão. — Agora.

Choviam pedras agora, maiores que antes.

— Vamos cair fora daqui. Já — disse o Homem Cinzento, de modo curto e eficiente. Ele virou a cabeça para Artemus. — Você. Você está sangrando. Posso ver? Ah, você está bem. Blue? Tudo bem?

Ela anuiu.

— E Maura? — o Homem Cinzento se virou para ela. Ela tinha um arranhão feio no queixo e olhava

atentamente para o chão, os braços amarrados atrás de si. Ele tirou delicadamente os cachos sujos de cabelo de sua testa para examinar seu rosto.

— Nós precisamos tirá-la de perto da porta — disse Blue. — E... os outros?

Ela se referia a Piper e Morris. Ambos estavam no chão. Blue não queria pensar demais a respeito.

Não havia bondade no rosto do sr. Cinzento.

— A não ser que você tenha alguma reserva de força escondida que não tenha mostrado até agora, não podemos carregar Piper e Maura, e sei perfeitamente qual das duas eu prefiro. Precisamos ir.

Como se para confirmar a decisão, o túnel pelo qual Blue havia entrado desabou em uma saraivada de pedras e terra.

Eles se deram as mãos. Blue liderava o caminho com sua lanterna, e eles escalaram de volta até o buraco pequeno no topo da caverna. Blue rastejou alguns metros para dentro e então esperou, contando corpos à medida que eles passavam.

Um (Artemus), dois (Maura), três (o Homem Cinzento), quatro...

Quatro

Piper, quase irreconhecível por detrás de toda a sujeira, apareceu na abertura do túnel. Ela não havia passado pelo buraco, mas estava enquadrada na abertura. Em uma mão trêmula estava a arma.

— *Você*... — ela disse e parou, como se não conseguisse imaginar o que dizer em seguida.

— Vai! — gritou o Homem Cinzento. — Vai, Blue, rápido, afaste a luz!

Blue disparou túnel acima.

Atrás de si, um tiro foi disparado novamente. Mas nenhuma parte do túnel foi atingida.

— Continue! — ordenou a voz do Homem Cinzento. — Está tudo bem!

Então houve uma exclamação curta e aguda, rouca demais para um grito, e uma explosão de ruídos à medida que a caverna desabava atrás deles.

Blue queria parar de ouvir aquele grito. Não importava que ele viesse de alguém que havia pouco tentara matar sua mãe. Ela não conseguia se convencer de que isso melhorava a situação.

Mas ela não conseguia parar de ouvir, então simplesmente continuou escalando e os guiando para fora da caverna.

Estava escuro do lado de fora quando eles emergiram, mas nada podia ser tão escuro quanto

aquela caverna, junto à porta vermelha. Nada podia ter um cheiro tão maravilhoso quanto a relva, as árvores e mesmo o asfalto da rodovia próxima.

A entrada ali era apenas um buraco dentado na encosta de uma colina; era impossível dizer onde eles estavam, exceto que era *fora*. Aturdido, Artemus se apoiou na encosta, tocando seu ferimento cuidadosamente.

Blue desamarrou sua mãe; Maura jogou os braços em torno do pescoço de Blue e a apertou.

— Eu sinto muito — disse após alguns minutos. — Sinto muito, muito, muito. Vou comprar um carro para você, e aumentar o seu quarto, e só vamos comer iogurte, e...

Ela deixou a frase inacabada, e finalmente elas se soltaram.

O Homem Cinzento estava parado ao lado de Maura, e, quando ela se virou, fez uma careta e tocou o queixo dele com a barba por fazer.

— Sr. Cinzento — ela disse.

Ele apenas anuiu. Em seguida passou o dedo sobre uma das sobrancelhas dela de maneira eficiente, competente e apaixonada, e então olhou para Blue.

— Vamos encontrar os outros — ela disse.



Adam Parrish estava desperto.

O oposto de *desperto* deveria ser *dormindo*, mas Adam tinha passado grande parte dos últimos dois anos de sua vida sendo ambos ao mesmo tempo, ou nenhum. Em retrospecto, Adam não tinha certeza se sabia como era estar *desperto* realmente até agora.

Ele estava sentado no banco de trás do Camaro, com Ronan e Blue, observando as luzes das ruas de Washington passarem, sentindo o pulso da linha ley diminuir quanto mais eles se afastavam de Henrietta. Uma semana havia se passado desde que eles tinham emergido do vale dos ossos, e as coisas estavam voltando ao normal.

Não, não normal.

Não havia normal.

Maura estava de volta à Rua Fox, 300, mas Persephone não. Os garotos estavam de volta à escola,

mas Greenmantle não. A morte de Jesse Dittley dominou os jornais. Um dos artigos noticiara que o vale estava começando a parecer um lugar perigoso para se morar: Niall Lynch, Joseph Kavinsky, Jesse Dittley, Persephone Poldma.

Todos ficaram surpresos quando descobriram que Persephone tinha sobrenome.

— Foi tudo que você esperava? — Gansey perguntou a Malory.

Malory e o Cão desviaram o olhar de seus cartões de embarque.

— Mais. Muito mais. Demais. Sem querer ofender você e a sua companhia, Gansey, mas ficarei muito aliviado em voltar para a minha linha ley sonolenta por um tempo.

Adam arrancou uma casquinha da mão — o menor dos arranhões que ele tinha feito ao escorregar para dentro do poço de corvos e então escalar de volta para fora. O ferimento mais duradouro era invisível, mas persistente: a consciência da morte de Persephone zunia constantemente através de Adam, como o pulso da linha ley.

Ela lhe dissera que havia três adormecidos. Um para ser despertado, um para não ser despertado. Um entre os dois. Os outros achavam que Gwenllian era o

adormecido entre os dois, mas isso não fazia sentido realmente, pois ela nunca estivera dormindo.

Então Adam não sabia se era verdade ou não, mas meio que gostava de acreditar que o terceiro adormecido fora ele.

— Você precisa vir me visitar — disse Malory. — Pode ver a tapeçaria. Podemos passear pelos velhos caminhos e recordar os bons tempos. O Cão ia gostar se a Jane viesse também.

— Eu gostaria muito — disse Gansey educadamente. Como se fosse, mas ele não iria. Malory provavelmente não conseguia ouvir isso, mas Adam sim. Ele ficaria ali, procurando por Glendower e seu favor.

Na noite anterior, Adam começara incansavelmente um de seus velhos truques para conseguir dormir: ensaiar os vários fraseados do favor, tentando encontrar a maneira certa de pedir, aquela que não desperdiçaria a oportunidade, aquela que consertaria tudo que estava errado. Só que ele descobriu que não conseguia realmente se concentrar no jogo. Adam não se importava tanto em pedir por sucesso; ele sobreviveria a Aglionby, pensou, e acreditava que era bastante provável que conseguisse uma bolsa de estudos para pelo menos um lugar ao qual quisesse ir. Ele costumava pensar que precisaria

usar o pedido para se ver livre de Cabeswater, mas agora isso parecia algo estranho para se pedir. Seria como pedir para se ver livre de Gansey ou Ronan.

Então Adam se deu conta de que a única coisa para a qual ele precisava do favor era salvar a vida de Gansey.

— Aqui estamos — disse Malory, os olhos no terminal do aeroporto. O Cão abanou o rabo pela primeira vez. — Deseje boa sorte à sua mãe na eleição. Política norte-americana! Mais perigosa que a linha ley.

— Direi a ela — disse Gansey.

— Não entre para a política — disse Malory severamente quando eles encostaram no meio-fio.

— Improvável.

Gansey ainda soava ansioso para Adam, embora não houvesse nada inerentemente ansioso a respeito da conversa. Era chegado o momento de encontrar Glendower. Todos eles sabiam.

Gansey pisou no freio e disse:

— Assim que eu embarcar o professor, um de vocês pode vir para frente. Adam? A não ser que ele esteja dormindo.

— Não — disse Adam. — Estou acordado.

EPÍLOGO

A questão não era que Piper ficara inconsciente durante horas. Nos filmes de ação do tipo que Colin sempre odiara e ela sempre amara, os heróis sempre nocauteavam capangas em vez de atirar neles. Era como você podia dizer quem era o herói. Vilões atiravam em detetives; heróis os nocauteavam com um soco na cabeça. Então, algumas horas depois, eles se recuperavam e seguiam a vida. No entanto Piper tinha lido um post em um blog que mostrava que isso não era realmente possível, pois, se você ficasse inconsciente por mais do que um minuto ou dois, era porque havia tido uma lesão cerebral. E o post fora escrito por um médico, ou por alguém que disse que era médico, ou alguém casado com um profissional de medicina, então Piper achou que provavelmente era verdade. Mais verdadeiro que aqueles filmes de ação, de qualquer maneira.

Enquanto seguia deitada ali na caverna, Piper pensou a respeito de todos os bandidos com lesões

cerebrais em Hollywood, poupados por heróis impetuosos que achavam que isso seria mais generoso que matá-los.

Ela não estivera realmente inconsciente durante horas, mas ficou deitada no chão durante horas ou dias. Piper caía e voltava do sono. De tempos em tempos, ouvia outro gemido dentro da caverna. Morris, talvez, ou apenas sua própria voz. Às vezes, ela abria bem os olhos e achava que era chegado o momento de se levantar, provavelmente, mas então parecia trabalhoso demais e continuava deitada.

Finalmente, no entanto, ela parou de apertar o botão de soneca da caverna e se recompôs. Isso era ridículo. Piper se sentou, a cabeça latejando, e deixou que os olhos se ajustassem. Ela não tinha bem certeza de onde vinha a luz. Lembrou subitamente que Colin tinha se mandado, deixando-a para morrer naquela caverna, que fora ideia dele em primeiro lugar. Típico. Ele estava sempre fazendo coisas para si mesmo e fingindo que era para os dois.

Subitamente, Piper percebeu de onde vinha a luz: uma lamparina, do tipo antigo, como as usadas por mineradores. E havia mãos dadas do outro lado dela. Belas mãos, rechonchudas. Ligadas a braços. Ligados a um corpo. Era uma mulher. Ela estava olhando para Piper com o olhar fixo e determinado.

— Você é real? — perguntou Piper.

A mulher anuiu serenamente. No entanto, Piper não considerou o gesto uma garantia de realidade. Aquele não parecia o tipo de lugar onde mulheres apareceriam ao acaso.

— Você está paralisada? — perguntou a mulher gentilmente.

— Não — disse Piper. Então fez uma pausa. — Sim. Não.

Uma das pernas não estava obedecendo, mas isso não contava como paralisia. Ela achava que talvez estivesse quebrada. Piper começava a achar que a situação não era tão boa assim.

— Nós podemos consertar isso — disse a mulher. — Se o despertarmos.

Ambas olharam para a porta da tumba.

— Se o despertarmos, ele nos concederá um favor — acrescentou a mulher. — Nós estamos em três, mas por pouco. Não resta muito tempo.

Ela gesticulou vagamente na direção dos gemidos de Morris.

Piper, que estava interessada em seu próprio bem-estar acima de todas as outras pessoas, suspeitou no mesmo instante.

— Por que você simplesmente não o despertou sozinha, então?

— Seria solitário ser uma rainha sozinha — disse a mulher. — Teria sido melhor com três, mas dois é o suficiente. Dois é menos estável que três, mas melhor que um.

Piper era uma pessoa extremamente desinteressada na matemática de magias. Agora que começava a pensar a respeito, sua perna realmente doía. E também estava vazando. Ela estava ficando brava com tudo ali.

— Ok, tudo bem. Tudo bem.

A mulher ergueu a lamparina e ajudou Piper a ficar de pé, com dificuldade. Piper disse uma palavra que normalmente a fazia se sentir melhor, mas não nesse caso. Pelo menos agora ela acreditava que a outra mulher era real; ela estava comprimindo as costelas de Piper no esforço de ajudá-la a ficar de pé.

— E quem é você, mesmo?

— Meu nome é Neeve.

Enquanto elas avançavam mancando até a porta, Piper observou: — Mas que nome estúpido, não?

— Assim como Piper — respondeu Neeve calmamente.

No fim, não houve realmente nenhuma cerimônia. Elas apenas colocaram as mãos na porta e a empurraram. Ela não parecia mágica, somente um pedaço de madeira.

A tumba já estava iluminada por dentro. Era uma quantidade de luz similar à proporcionada pela lamparina que Neeve tinha a seus pés. Era, na realidade, a mesma quantidade exata de luz, refletida de volta para elas.

As duas entraram caminhando com dificuldade. Havia um caixão erguido, a tampa já aberta.

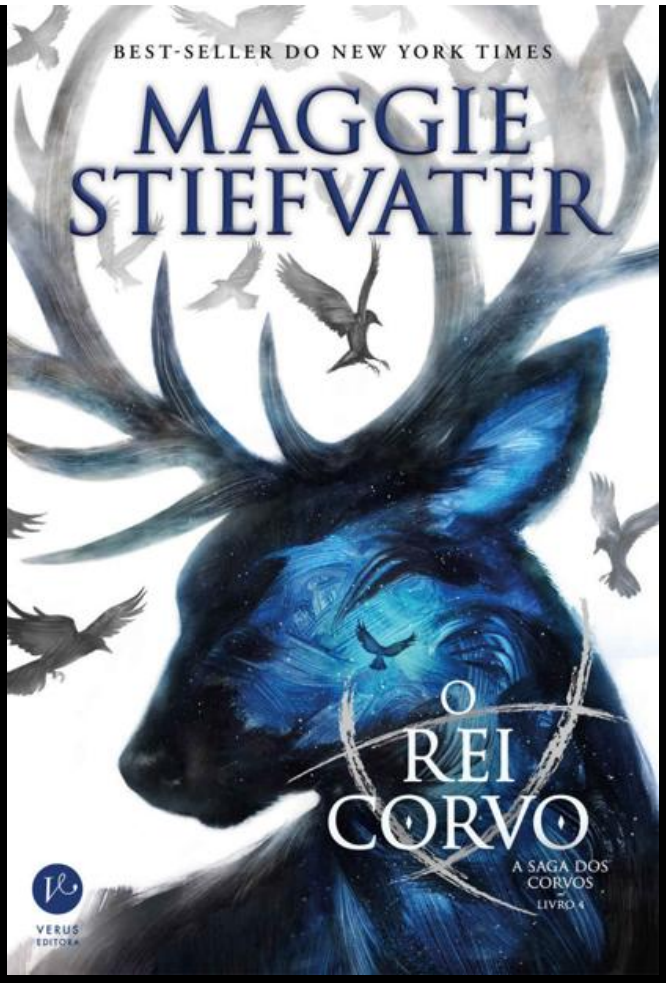
O adormecido não era humano. Piper não sabia por que imaginara que seria. Em vez disso, era pequeno, escuro, reluzente e com mais pernas do que ela havia esperado. Era poderoso.

— Precisamos despertá-lo ao mesmo tempo para conseguir o fa... — disse Neeve.

Piper estendeu o braço e o tocou antes que Neeve pudesse se mexer.

— Acorde.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record
de Serviços de Imprensa S.A.


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
MAGGIE STIEFVATER
O REI CORVO
A SAGA DOS CORVOS
LIVRO 4
VERUS EDITORA

MAGGIE STIEFVATER



O REI CORVO

Tradução
Jorge Ritter



VERUS
EDITORA

Editora executiva: Raïssa Castro **Coordenação editorial:** Ana Paula Gomes **Copidesque:** Maria Lúcia A. Maier **Revisão:** Cleide Salme **Capa:** Adaptação da original (© Christopher Stengel) **Ilustrações da capa:** © Adam S. Doyle, 2016
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva **Título original:** *The Raven King* ISBN: 978-85-7686-574-2

Copyright © Maggie Stiefvater, 2016
Todos os direitos reservados.
Edição publicada mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway, Nova York, NY, 10012, EUA.
Direitos de tradução acordados por Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona – www.uklitag.com.

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S874r

Stiefvater, Maggie, 1981—

O rei Corvo [recurso eletrônico] / Maggie Stiefvater; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.

recurso digital (A saga dos corvos; 4)

Tradução de: The Raven King

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-574-2 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título. III. Série.

16-37355

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Sara,
que bravamente assumiu o Assento Perigoso

Dormir, nadar e sonhar, para sempre.

— Algernon Charles Swinburne,
"A Swimmer's Dream"

Esses sinais imputaram-me extraordinário;
E todos os cursos da minha vida demonstram
Que não estou no rol dos homens comuns.

— William Shakespeare,
Henrique IV

Querida, o compositor arriscou-se para valer.

— Anne Sexton,
"The Kiss"

Sumário

Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
Epílogo
Agradecimentos

PRÓLOGO

Richard Gansey III havia esquecido quantas vezes haviam lhe dito que ele estava destinado à grandeza.

Ele fora criado para ela; nobreza e determinação codificados em ambos os lados de seu pedigree. O pai de sua mãe havia sido diplomata, um arquiteto de fortunas; o pai de seu pai, arquiteto, um diplomata de estilos. A mãe de sua mãe havia sido tutora dos filhos de princesas europeias. A mãe de seu pai construíra uma escola para garotas com a própria herança. Os Gansey eram cortesãos e reis, e, quando não havia um castelo para convidá-los, eles construíam um.

Ele era um rei.

Em eras passadas, o Gansey mais jovem fora picado até a morte por vespas. Em tudo, ele sempre recebera todas as vantagens, e quanto à mortalidade não era diferente. Certa vez uma voz sussurrara em seu ouvido: *Você vai viver por causa de Glendower. Alguém na linha ley está morrendo quando não deveria, e assim você vai viver quando não deveria.*

Ele havia morrido, mas fracassara em continuar morto.

Ele era um rei.

Sua mãe, a realeza em pessoa, lançara a própria sorte na disputa eleitoral para deputada pela Virgínia, e, de maneira pouco surpreendente, ascendera elegantemente até o topo das pesquisas. Algum dia houvera alguma dúvida? Sim, na realidade, sempre, o tempo todo, pois os Gansey não demandavam favores. Muitas vezes não chegavam nem a pedi-los. Eles os faziam para os outros e silenciosamente esperavam que os outros tomassem a iniciativa de fazê-los para eles.

Duvidar, tudo o que um Gansey fazia era duvidar. Um Gansey chegava bravamente aos confins da escuridão, destino incerto, até que o punho da

espada premesse contra uma palma esperançosa.

Contudo, alguns meses antes, esse Gansey alcançara a incerteza sombria do futuro, estendera a mão para a promessa de uma espada, mas, em vez disso, sacara um espelho.

A justiça, de uma maneira avessa, parecia justa.

Era 25 de abril, véspera do Dia de São Marcos. Anos antes, Gansey havia lido *O grande mistério: as linhas ley do mundo,* de Roger Malory. Nele, Malory explicava tediosamente que uma vigília na véspera do Dia de São Marcos sobre a linha ley revelaria os espíritos daqueles que morreriam no ano seguinte. A essa altura, Gansey já tinha visto toda sorte de fenômenos acontecerem próximos ou sobre as linhas ley — uma garota que conseguia ler um livro completamente no escuro desde que estivesse sobre a linha, uma idosa que conseguia levantar uma caixa de frutas com apenas o poder da mente, um trio de trigêmeos tristes nascidos sobre a linha que choravam lágrimas de sangue e sangravam água salgada —, mas nada disso o envolvera. Nada disso dependera dele, ou de sua explicação.

Gansey não sabia por que havia sido salvo.

Ele precisava saber por que havia sido salvo.

Então ele realizou uma vigília de uma noite inteira sobre a linha ley que havia se tornado seu labirinto, tremendo sozinho no estacionamento da Igreja do Sagrado Redentor. Ele não viu nada, não ouviu nada. Na manhã seguinte, ele se agachou ao lado do seu Camaro, cansado a ponto de ficar tonto, e reproduziu o áudio da noite.

Na gravação, sua própria voz sussurrou: “Gansey”. Uma pausa. “Isso é tudo.”

Finalmente, estava acontecendo. Ele não era mais meramente um observador nesse mundo: era um participante.

Mesmo então, uma pequena parte de Gansey suspeitava o que ouvir o seu próprio nome realmente significava. Ele o sabia, provavelmente, quando seus amigos vieram em busca de seu carro uma hora depois. Ele o sabia, provavelmente, quando as médiuns da Rua Fox, 300 leram uma carta de tarô para ele. Ele o sabia, provavelmente, quando recontou a história inteira para Roger Malory em pessoa.

Gansey sabia de quem eram as vozes sussurradas ao longo da linha ley na véspera do Dia de São Marcos. Mas ele havia passado muitos anos

amarrando os seus temores e não estava pronto para soltar suas correntes ainda.

Foi só quando uma das médiuns da Rua Fox, 300 morreu, só quando a morte se tornou novamente um fato real, que Gansey não pôde mais negar a verdade.

Os cães do Clube de Caça de Aglionby tinham uivado aquele outono: *longe, longe, longe.*

Ele era um rei.

Havia chegado o ano em que ele morreria.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito às mulheres da Rua Fox, 300.

As histórias se estendem em todas as direções. Era uma vez uma garota muito boa em brincar com o tempo. Dê um passo para o lado: era uma vez a filha de uma garota muito boa em brincar com o tempo. Agora um passo atrás: era uma vez a filha de um rei que era muito boa em brincar com o tempo.

Inícios e fins até onde a vista alcançava.

Com a notável exceção de Blue Sargent, todas as mulheres da Rua Fox, 300 eram médiuns. Isso poderia sugerir que as ocupantes da casa tinham muito em comum, mas, na prática, tinham tanto em comum quanto um grupo de músicos, ou médicos, ou agentes funerários. Ser *médium* não era bem ter um tipo de personalidade, mas um conjunto de habilidades. Um sistema de crenças. Um entendimento geral de que o tempo, como uma história, não era uma linha, mas um oceano. Se você não conseguia encontrar o momento preciso que estava procurando, talvez não tivesse nadado longe o suficiente. Ou talvez você simplesmente ainda não fosse um nadador bom o bastante. Ou talvez, concordavam as mulheres de má vontade, alguns momentos estivessem escondidos tão longinquamente no tempo que de fato era melhor que fossem deixados para as criaturas do fundo do mar. Como aqueles peixes-pescadores cheios de dentes e lanternas penduradas no rosto. Ou como Persephone Poldma. Mas agora ela estava morta, e talvez esse fosse um mau exemplo.

Era segunda-feira quando as mulheres ainda vivas da Rua Fox, 300 decidiram finalmente avaliar o fim iminente de Richard Gansey e a desintegração da vida delas como conheciam, e o que essas duas coisas tinham a ver uma com a outra, se é que tinham. Jimi fizera uma limpeza de chacra em troca de uma bela garrafa de uísque turfoso e forte, e estava sedenta para terminá-la, acompanhada.

Calla saiu para o frio cortante de um dia de outubro, a fim de virar a tabuleta ao lado da caixa de correio para FECHADO, VOLTO LOGO! Lá dentro, Jimi, uma crente fervorosa na magia das ervas, trouxe vários pequenos travesseiros estufados com artemísia (para incrementar a projeção da alma para outros planos) e colocou alecrim para queimar sobre o carvão (para memória e clarividência, que são a mesma coisa em sentidos diferentes). Orla balançou um ramo fumegante de sálvia sobre os baralhos de tarô. Maura encheu uma tigela de adivinhação de vidro escuro. Gwenllian entoou uma cançãozinha alegre terrível enquanto acendia um círculo de velas e baixava as persianas. Calla retornou para a sala de leitura carregando três estátuas sobre o antebraço dobrado.

— Isso aqui está cheirando como uma porcaria de restaurante italiano — ela disse a Jimi, que não cessou o cantarolar enquanto abanava a fumaça e balançava o traseiro grande. Calla colocou a estátua feroz de Iansã junto à própria cadeira, e a estátua dançante de Oxum ao lado de Maura. Então pegou a terceira estátua: Iemanjá, uma divindade iorubá da água que sempre ficara ao lado do lugar de Persephone, quando não estava de pé sobre a cômoda do quarto de Calla.

— Maura, não sei onde colocar a Iemanjá.

Maura apontou para Gwenllian, que apontou de volta.

— Você disse que não gostaria de fazer isso com Adam, então a imagem fica ao lado dela.

— Eu nunca disse isso — falou Calla. — Eu disse que ele estava próximo demais de tudo isso.

A questão era que todos estavam próximos demais da situação. Eles haviam estado próximos demais da situação durante meses. Estavam tão próximos que era difícil dizer se eles eram ou não a situação em si.

Orla parou de mascar seu chiclete por um instante longo o suficiente para perguntar: — Estamos prontas?

—Hummmmmm... mas a Blue... hummmmmm... — mencionou Jimi, ainda cantarolando e dançando.

Era verdade que a ausência de Blue era notável. Como uma poderosa amplificadora mediúnica, ela teria sido útil em um caso como esse, mas elas haviam concordado na noite anterior que era cruel discutir o destino de Gansey na frente dela mais do que o estritamente necessário. Elas se virariam com Gwenllian, embora ela tivesse a metade do poder e fosse duas vezes mais difícil.

— Mais tarde a gente conta para ela como tudo acabou — disse Maura. — Acho que é melhor tirarmos o Artemus da despensa.

Artemus: ex-amante de Maura, pai biológico de Blue, conselheiro de Glendower, residente do closet da Rua Fox, 300. Ele fora resgatado de uma caverna mágica havia pouco mais de uma semana e naquele meio-tempo não havia conseguido contribuir em absolutamente nada para os recursos emocionais ou intelectuais do grupo. Calla o considerava um covarde (ela não estava errada). Maura o achava um incompreendido (ela não estava errada). Jimi considerava que ele tinha o nariz mais comprido que ela já vira em um homem (ela não estava errada). Orla não acreditava que proteger-se em um armário embutido da despensa era proteção suficiente contra uma médium que odiasse você (ela não estava errada). Gwenllian era, na realidade, a médium que o odiava (ela não estava errada).

Maura levou um bom tempo para persuadi-lo a deixar a despensa, e, mesmo após ter se juntado a elas na mesa, Artemus não parecia nem um pouco à vontade ali. Parte disso se devia ao fato de que era homem, e parte porque era muito mais alto que as outras pessoas ali. Mas a principal razão eram seus olhos escuros, permanentemente preocupados, que indicavam que ele vira o mundo e isso fora demais para ele. Aquele medo intenso não combinava em nada com os diferentes graus de autoconfiança demonstrados pelas médiuns na sala.

Maura e Calla o conheceram antes de Blue nascer, e ambas pensavam que Artemus parecia uma versão bem mais insignificante do ele tinha sido até então. Bom, Maura pensou *bem mais*. Calla meramente pensou *mais*, uma vez que ela nunca tivera uma opinião muito elevada sobre ele, para começo de conversa. Além do mais, homens desengonçados saídos de bosques místicos nunca fizeram seu tipo.

Jimi serviu o uísque.

Orla fechou as portas da sala de leitura.

As mulheres se sentaram.

— Que confusão — disse Calla, abrindo os trabalhos (ela não estava errada).

— Ele não pode ser salvo, não é? — perguntou Jimi. Ela se referia a Gansey. Seus olhos estavam um pouco embaçados. Não que ela gostasse intensamente de Gansey, mas ela era muito sentimental, e a ideia de qualquer jovem ser ceifado na juventude a perturbava.

— Hum — disse Maura.

Todas as mulheres deram um gole. Artemus, não. Ele lançou um olhar nervoso para Gwenllian. Gwenllian, sempre imponente, com um ninho altaneiro de cabelo cheio de lápis e flores, o encarou de volta. O calor em sua expressão poderia incendiar qualquer resquício de álcool que restasse em seu copo de uísque.

— Devemos parar com isso, então? — perguntou Maura.

Orla, a mais jovem e a espalhafatosa na sala, riu jovialmente alto.

— E como exatamente você o pararia?

— Eu disse *isso*, não *ele* — respondeu Maura, de um jeito um tanto aborrecido.

— Eu não teria a pretensão de imaginar possuir qualquer poder para evitar que aquele garoto vasculhe a Virgínia em busca do próprio túmulo. Mas os outros.

Calla largou o copo com força na mesa.

— Ah, eu poderia detê-lo. Mas esse não é o ponto. Já está tudo em seu lugar.

(Já está tudo em seu lugar: o assassino aposentado atualmente dormindo com Maura; seu ex-chefe obcecado pelo sobrenatural atualmente dormindo em Boston; a entidade horripilante enterrada sob rochas, abaixo da linha ley; as criaturas estranhas se arrastando para fora de uma caverna, numa fazenda abandonada; o poder crescente da linha ley; a floresta mágica sensível sobre a linha ley; a barganha de um garoto com a floresta mágica; a capacidade de um garoto de dar vida a coisas por meio dos sonhos; um garoto morto que se recusava a ser sepultado; uma garota que amplificava sobrenaturalmente noventa por cento da lista mencionada acima.) As mulheres deram mais um gole.

— Eles deveriam continuar indo para aquela floresta maluca? — perguntou Orla. Ela não se interessava por Cabeswater. Ela tinha ido com o grupo lá antes e havia chegado perto o suficiente da floresta para... senti-la. Seu tipo de clarividência aparecia melhor em linhas telefônicas ou e-mails; rostos apenas interferiam com a verdade. Cabeswater não tinha rosto, e a linha ley era basicamente a melhor linha telefônica do mundo. Ela fora capaz de senti-la, ao ser questionada sobre coisas. Orla não sabia dizer o que eram, exatamente. E ela não achava necessariamente que fossem coisas ruins. Ela só conseguia sentir a enormidade de seus pedidos, o peso de suas promessas. Capazes de mudar uma vida. Orla estava satisfeita com a sua, muito obrigada, então se despediu educadamente e caiu fora de lá.

— Não há problema com a floresta — disse Artemus.

Todas as mulheres olharam para ele.

— Descreva "problema" — disse Maura.

— Cabeswater os adora. — Artemus segurou as mãos enormes no colo e apontou o enorme nariz para elas. Seu olhar se voltou nervosamente para Gwenllian, como se temesse que ela pudesse saltar sobre si. Gwenllian apagou sugestivamente uma das velas com o copo de uísque; a sala de leitura ficou uma pequena chama mais escura.

— Você se importaria de explicar isso melhor? — perguntou Calla.

Artemus não se importava.

— Levaremos essa opinião em consideração.

As mulheres deram um gole.

— Alguém nessa sala vai morrer? — perguntou Jimi. — Alguém mais que conhecemos apareceu na vigília da igreja?

— Isso não se aplica a nenhum de nós — disse Maura. A vigília da igreja geralmente só previa a morte daqueles que haviam nascido na cidade ou diretamente na estrada do espírito (ou, no caso de Gansey, *re*nascido), e todos que estavam naquela mesa eram uma importação.

— Mas se aplica à Blue — destacou Orla.

Maura empilhou e tornou a empilhar suas cartas agressivamente.

— Mas isso não é uma garantia de segurança. Há destinos piores que a morte.

— Vamos embaralhar, então — disse Jimi.

Cada mulher segurou seu baralho de tarô contra o peito, o embaralhou, e então selecionou uma única carta ao acaso. Cada qual colocou as cartas abertas sobre a mesa.

O tarô é uma coisa muito pessoal, e, como tal, a arte em cada baralho refletia a mulher que a detinha. O baralho de Maura era tomado por linhas escuras e cores simples, ao mesmo tempo descuidado e infantil. O de Calla era luxuoso e supersaturado, as cartas transbordando detalhes. Cada carta no baralho de Orla trazia um casal se beijando ou fazendo amor, não importava se o significado da carta dizia respeito a beijar ou fazer amor. Gwenllian havia feito o seu arranhando símbolos sombrios e desvairados sobre um baralho de cartas comum. Jimi ficou com o baralho de Gatos Sagrados e Mulheres Veneráveis que ela havia encontrado em uma loja de caridade em 1992.

Todas as mulheres haviam virado cinco versões diferentes da Torre. A versão de Calla talvez descrevesse melhor o significado da carta: um castelo rotulado ESTABILIDADE era atingido por um raio, estava em chamas, e era atacado pelo que pareciam ser cobras venenosas. Uma mulher em uma janela vivenciava os efeitos do raio em toda a sua força. No topo da torre, um homem havia sido jogado das muralhas — ou, possivelmente, havia pulado. De qualquer maneira, ele também estava em chamas, e uma cobra voava atrás dele.

— Então todos nós vamos morrer a não ser que façamos algo — disse Calla.

— *Owynus dei gratia Princeps Waliae*, uh la la, *Princeps Waliae*, uh la la... — cantou Gwenllian.

Com uma lamúria, Artemus fez menção de se levantar. Maura pousou a mão firme sobre a dele.

— Nós todos morreremos — disse Maura. — Em algum momento. Não vamos entrar em pânico.

Os olhos de Calla estavam pousados sobre Artemus.

— Apenas um entre nós está em pânico.

Jimi fez a garrafa de uísque dar a volta na mesa.

— Hora de encontrarmos algumas soluções, queridas. Como vamos fazer isso?

Todas as mulheres olharam para a tigela escura de adivinhação. Não havia nada inerentemente extraordinário a respeito dela: era uma tigela de

decoração de vidro barata, daquelas lojas cheias de ração de gato, adubo para canteiros e equipamentos eletrônicos com desconto. O suco de uva-do-monte que a enchia não tinha poderes místicos. Mas, mesmo assim, havia algo sinistro a respeito dele, em como o líquido parecia inquieto. Ele refletia apenas o teto escuro, mas parecia que queria mostrar mais. A tigela de adivinhação contemplava possibilidades, nem todas boas.

(Uma das possibilidades: usar a reflexão para separar sua alma do corpo e acabar morta.) Embora fora Maura quem trouxera a tigela, ela a empurrou para longe nesse momento.

— Vamos fazer uma leitura de vida inteira — disse Orla, estourando o chiclete.

— Ugh, não — disse Calla.

— Para todas nós? — perguntou Maura, como se Calla não tivesse protestado. — Nossa vida como um grupo?

Orla acenou um braço para indicar todos os baralhos; seus braceletes de madeira enormes estalaram uns contra os outros com satisfação.

— Acho uma boa — disse Maura. Calla e Jimi suspiraram.

Normalmente, uma leitura usava somente uma porção das setenta e oito cartas em um baralho. Três, ou dez. Talvez uma ou duas mais, se fosse necessário um esclarecimento. A posição de cada carta fazia uma pergunta: Qual o estado do seu inconsciente? Do que você tem medo? Do que você precisa? Cada carta colocada naquela posição fornecia a resposta.

Setenta e oito cartas era um monte de perguntas e respostas.

Especialmente, vezes cinco.

Calla e Jimi suspiraram de novo, mas começaram a embaralhar. Porque era verdade: elas tinham um monte de perguntas. E precisavam de um monte de respostas.

Simultaneamente, as mulheres pararam de embaralhar, fecharam os olhos e seguraram seus baralhos junto ao peito, concentrando-se somente umas nas outras e em como suas vidas estavam interligadas. As velas tremeluziram. Sombras longas e curtas, e então longas, brincavam por detrás das esculturas das divindades. Gwenllian cantarolava, e, após um momento, Jimi fez o mesmo.

Apenas Artemus se destacava do grupo, o cenho franzido.

Mas as mulheres o incluíram quando começaram a colocar as cartas. Primeiro elas arranjaram uma fileira de cartas em uma sólida linha

principal, sussurrando posições e significados umas para as outras enquanto o faziam. Então colocaram cartas em ramificações que apontavam para Artemus, Jimi e Orla. Em seguida, colocaram cartas com ramificações que apontavam para Calla, Maura e Gwenllian. Elas discutiram a respeito das revelações e colocaram cartas umas sobre as outras, rindo de seus murmúrios e boquiabertas com a ordem das cartas.

E então uma história apareceu. Era sobre as pessoas a quem elas haviam mudado e aquelas pelas quais elas tinham sido mudadas. A leitura incluía todas as partes picantes: quando Maura se apaixonara por Artemus; quando Jimi dera um soco em Calla; quando Orla zerara sigilosamente a conta bancária em favor de um site de negócios que ainda não dera dinheiro algum; quando Blue fugira de casa e fora arrastada de volta por policiais; quando Persephone morrera.

A ramificação que levava a Artemus era sinistra e decadente, repleta de espadas e medo. A escuridão que havia nela levava de volta à linha principal, juntando-se a algo estranho que se desfazia na ramificação que pertencia a Gwenllian. Era óbvio que essa escuridão seria o que mataria a todos se eles não fizessem nada, embora fosse impossível dizer do que se tratava precisamente. A clarividência das mulheres jamais fora capaz de penetrar a área diretamente acima da linha ley, e essa escuridão estava centrada ali.

A solução para a escuridão, entretanto, existia do lado de fora da linha ley. Ela era multifacetada, incerta e difícil. O desfecho era direto, no entanto.

— Eles devem trabalhar juntos? — disse Calla, sem conseguir acreditar.

— É isso que as cartas estão dizendo — disse Maura.

Jimi estendeu a mão para a garrafa de uísque, mas ela estava vazia.

— Não podemos simplesmente cuidar disso sozinhas?

— Nós somos apenas pessoas — respondeu Maura. — Apenas pessoas comuns. Eles são especiais. O Adam está ligado à linha ley. O Ronan é um sonhador. A Blue amplifica tudo isso.

— O Rico Riquinho é apenas uma pessoa — disse Orla.

— Sim, e ele vai morrer.

As mulheres contemplaram a disposição das cartas novamente.

— Isso significa que ela ainda está viva? — perguntou Maura, batendo de leve sobre uma carta em uma das ramificações, a Rainha de Espadas.

— Provavelmente — grunhiu Calla.

— Isso significa que ela vai nos deixar? — perguntou Orla, batendo de leve sobre outra carta e referindo-se a uma ela diferente.

— Provavelmente — suspirou Maura.

— Isso significa que ela está voltando? — demandou Calla, apontando para uma terceira carta e referindo-se a uma terceira ela.

— Provavelmente — gritou Gwenllian, saltando da mesa e girando os braços no ar.

Nenhuma delas conseguia mais ficar parada. Calla afastou sua cadeira.

— Vou pegar outro drinque.

Jimi deu uma risadinha, concordando.

— Se é do fim do mundo que estamos falando, vou querer um também.

Enquanto as outras deixavam a mesa, Maura seguiu sentada, olhando para a ramificação de cartas envenenada de Artemus e para o próprio Artemus, curvado atrás dela. Homens de bosques místicos não eram mais seu tipo. Mas, mesmo assim, ela se lembrava de ter amado Artemus, e esse Artemus parecia bastante diminuído.

— Artemus? — ela perguntou suavemente.

Ele não levantou a cabeça.

Maura tocou seu queixo com um dedo, e ele recuou. Ela inclinou o rosto dele para cima para que se olhassem nos olhos. Artemus nunca fora de se apressar para preencher vazios com palavras, e continuou agindo assim. Ele dava a impressão de que talvez jamais falasse novamente se dependesse dele.

Desde que ambos haviam saído da caverna, Maura não tinha lhe perguntado sobre nada que acontecera anteriormente, desde que ela o vira pela última vez. Mas agora ela perguntou: — O que aconteceu com você para te deixar desse jeito?

Artemus fechou os olhos.



— Onde foi que o Ronan se meteu? — perguntou Gansey, ecoando as palavras que milhares de pessoas haviam pronunciado desde que a humanidade desenvolvera a fala. Enquanto saía do prédio de ciências, ele inclinou a cabeça para trás, como se Ronan Lynch — sonhador de sonhos, lutador de homens, gazeador de aulas — pudesse, de alguma forma, estar voando lá em cima. Mas não estava. Havia apenas um avião traçando silenciosamente o azul profundo acima do campus da Aglionby. Do outro lado da cerca de ferro, a cidade de Henrietta era uma balbúrdia de negócios vespertinos produtivos. Desse lado, os alunos da Aglionby eram uma balbúrdia de adolescentes vespertinos improdutivos.

— Ele estava na aula de tecnologia?

Adam Parrish — mágico e enigmático, estudante e versado em lógica, homem e garoto — trocou sua ambiciosamente carregada bolsa a tiracolo de ombro. Ele não via razão para Gansey acreditar que Ronan estivesse em qualquer lugar próximo ao campus. Adam estava usando toda a sua força de vontade para se concentrar em Aglionby, após a semana de cavernas mágicas e sonhadores misteriosos pela qual eles tinham acabado de passar, e Adam era o aluno mais motivado da escola. Ronan, em contrapartida, tinha aparecido somente nas aulas de latim com certa regularidade, e agora que todos os alunos de latim tinham sido ignominiosamente desviados para uma turma extra de francês, o que restara dele?

— Estava? — repetiu Gansey.

— Achei que era uma pergunta retórica.

Gansey pareceu bravo por aproximadamente o tempo que levou para uma borboleta passar zunindo por eles na brisa outonal.

— Ele não está nem tentando.

Fazia mais de uma semana que eles tinha retirado Maura — a mãe de Blue — e Artemus — o pai de Blue? — do emaranhado de cavernas. Três dias desde que haviam colocado Roger Malory — o venerável amigo britânico de Gansey — em um avião de volta para o Reino Unido. Dois dias de volta à escola essa semana.

Zero dia de comparecimento de Ronan.

Seria um desperdício de faltas? Sim. Seria inteiramente responsabilidade de Ronan Lynch? Sim.

Atrás deles, o sino tocou ruidosamente no prédio de ciências, dois minutos após o período ter realmente terminado. Era um sino apropriado com uma corda apropriada, e deveria ser tocado apropriadamente ao final do período, por um aluno apropriado. A disparidade de dois minutos envelheceu prematuramente Adam Parrish. Ele gostava quando as pessoas sabiam como fazer seus trabalhos.

— Fale alguma coisa — disse Gansey.

— Aquele sino.

— Tudo é terrível — concordou Gansey.

Os dois amigos mudaram o caminho para atravessar o campo de esportes. Era uma dádiva esse deslocamento do prédio de ciências para o Gruber Hall, dez minutos exuberantes sorvendo ar e luz do sol entre as aulas. De modo geral, estar no campus confortava Adam; a rotina previsível o embalava. Estude pra valer. Vá às aulas. Erga a mão. Responda à pergunta. Marche em direção à formatura. Outros colegas reclamavam sobre o trabalho. Trabalho! Trabalho era a ilha para a qual Adam nadava, em um mar revolto.

E o mar estava muito revolto. Monstros se debatiam na linha ley abaixo deles. Uma floresta crescia através das mãos e dos olhos que Adam havia negociado para Cabeswater. E Gansey deveria morrer antes de abril. Esse era o oceano agitado, e Glendower, a ilha. Despertá-lo seria para conseguir um favor, e esse favor *seria* para salvar a vida de Gansey. Esse país encantado precisava de um rei encantado.

Naquele fim de semana, Adam havia sonhado duas vezes que eles já tinham encontrado Glendower e agora o procuravam novamente. A

primeira noite que ele tivera o sonho, fora um pesadelo. A segunda, um alívio.

Ele perguntou com cuidado:

— O que vamos fazer para procurar Glendower?

— A caverna Dittley — disse Gansey.

Essa resposta sobressaltou Adam. Costumeiramente, Gansey preferia uma abordagem cuidadosa, e a caverna Dittley era o oposto disso. Para começo de conversa, após terem retirado a filha de Glendower, Gwenllian, da caverna, animais estranhos haviam começado a rastejar de sua abertura de tempos em tempos. E por fim, Piper Greenmantle havia matado Jesse Dittley com um tiro, naquele mesmo local. Tudo a respeito da caverna exalava à morte, passada e futura.

— Você não acha que Gwenllian teria nos contado se ela achasse que o pai estava mais fundo na caverna, em vez de nos fazer perambular pela caverna dos ossos?

— Eu acho que Gwenllian busca satisfazer as próprias intenções — respondeu Gansey. — E eu ainda tenho que descobrir quais são elas.

— Só não acho que seja um risco razoável. Além disso, é uma cena de crime.

Se Ronan estivesse ali, ele teria dito: *Tudo é cena de crime*.

— Isso quer dizer que você tem ideias diferentes? — disse Gansey.

Ideias, plural? Adam teria ficado feliz em ter uma única ideia. A maneira mais promissora de realizar um avanço, uma caverna em Cabeswater, havia desmoronado durante sua última excursão, e nenhuma nova oportunidade tinha aparecido para substituí-la. Gansey havia observado que ela parecera um teste de merecimento, e Adam não conseguia deixar de concordar. Cabeswater havia lhes designado um teste, eles haviam se colocado nele e, de alguma maneira, tinham deixado a desejar. Parecera muito *certo*, no entanto. Ele e Ronan haviam trabalhado juntos para livrar a caverna de perigos, e então o grupo inteiro reuniu seus talentos para reviver brevemente os esqueletos de um rebanho antigo que havia levado Ronan e Blue a Maura. Todas as noites desde então, Adam repassava aquela lembrança antes de dormir. Os sonhos de Ronan, Adam se concentrando na linha ley, Blue amplificando, Gansey colocando em palavras o plano inteiro em movimento. Adam nunca se sentira tão... *intrínseco* antes. Eles tinham sido uma bela máquina.

Mas isso não os levara a Glendower.

— Falar mais com Artemus? — sugeriu Adam.

Gansey fez um ruído de *hum*. Teria sido algo pessimista de se ouvir vindo de qualquer pessoa, mas soava duplamente assim vindo dele.

— Não acho que vamos ter problema em falar *com* Artemus. É fazer com que ele fale de volta que estou preocupado.

— Achei que você disse que era persuasivo — disse Adam.

— A experiência não provou que esse fosse o caso.

— Gansey Boy! — gritou uma voz através dos campos. Whitman, um dos velhos companheiros da equipe de remo, ergueu três dedos como saudação. Gansey não respondeu, até que Adam tocou levemente seu ombro com as costas da mão. Gansey piscou os olhos, e então seu rosto se transformou no sorriso de Richard Campbell Gansey III. Que tesouro era aquele sorriso, transmitido através de eras de pai para filho, guardado em baús de noivas em gerações sem filhos, polido e exibido orgulhosamente sempre que uma companhia partia.

— Se liga — respondeu Gansey, seu velho sotaque sulista desenrolando-se generosamente através das vogais. — Você deixou a janela aberta!

Rindo, Whitman fechou a braguilha e se pôs ao seu lado com um passo largo. Ele e Gansey começaram a bater papo. Um momento mais tarde, dois garotos mais haviam se juntado a eles, então mais dois novamente. Eles caçoavam alegremente uns com os outros, leves, jovens e sociáveis, anúncios da vida saudável e da boa educação.

Essa era uma matéria específica que Adam nunca dominara, embora tivesse investido meses de intenso estudo. Ele havia analisado os trejeitos de Gansey, dissecado as reações dos outros garotos e catalogado padrões de diálogo. Havia observado como um gesto afável abria um leque de conversação viril, elegante como um truque de mágica. Anotara cuidadosamente a cena de bastidores: como um Gansey miserável se tornava um Gansey hospitaleiro em apenas um segundo. Mas ele jamais conseguia realizar isso na prática. Saudações calorosas gelavam sua boca. Gestos casuais tornavam-se um repúdio. Um contato firme do olhar transformava-se em uma encarada tensa.

Adam retomava a matéria a cada trimestre, mas, incrivelmente, pensou, talvez houvesse algumas habilidades que nem Adam Parrish

conseguisse assimilar.

— Onde está o Parrish? — perguntou Engle.

— Está bem ali — respondeu Gansey.

— Não sei como não percebi o vento soprando da geleira — disse Engle.

— Tudo bem, cara?

Era uma pergunta retórica, passível de ser respondida com um ligeiro sorriso fingido. Os garotos estavam ali por causa de Gansey. Onde estava o Parrish? Em um lugar distante demais para se escalar em um dia.

Em eras passadas, essa dinâmica teria perturbado Adam. Teria o ameaçado. Mas agora ele estava certo de seu lugar como um dos dois favoritos de Gansey, então ele simplesmente colocou as mãos nos bolsos e caminhou silenciosamente com os outros garotos.

Subitamente, Adam *sentiu* Gansey ficar tenso ao seu lado. Os outros ainda falavam agitadamente e riam, mas a expressão de Gansey havia ficado pensativa. Adam seguiu o seu olhar para as grandes colunas que seguravam o telhado do Gruber Hall. O diretor Child estava parado no topo da escada, com um livro didático ou algo parecido na mão. Ele era um homem esquisito, a pele tostada de sol, uma calorosa recomendação para o uso de filtros solares e chapéus de aba larga.

— Muito bem, cavalheiros — ele chamou. — Pude ouvi-los do meu gabinete. Estamos nos comportando como corvos? A aula os espera.

Toques de punhos foram trocados; um cabelo foi ajeitado; ombros se bateram. Os outros garotos se dispersaram; Gansey e Adam ficaram para trás. Child ergueu uma mão para Gansey em uma espécie de aceno antes de se enfiar nos gabinetes do Gruber Hall.

Mais uma vez, Gansey parecia bravo, e então não parecia coisa alguma. Ele retomou sua caminhada para a aula.

— O que foi aquilo? — perguntou Adam.

Gansey fingiu não ter ouvido enquanto eles subiam os degraus sobre os quais Child estivera há pouco.

— Gansey. Que história é essa?

— O quê?

— A mão. Child.

— É amigável.

Não havia nada de extraordinário em ser mais amigo de Gansey do que de Adam, mas isso não combinava com o diretor Child.

— Fala que não vai me contar, mas não me conte uma mentira.

Gansey fez um estardalhaço ao enfiar a camisa do uniforme para dentro da calça e puxar o blusão para baixo. Ele não olhou para Adam.

— Não quero brigar.

Adam deu um palpite sutil.

— Ronan.

Os olhos de Gansey desviaram-se furtivamente até ele e de volta para o blusão.

— Não acredito — disse Adam. — O quê? Não. Você não fez isso.

Ele não sabia exatamente do que estava acusando Gansey. Só sabia o que Gansey queria para Ronan, e como Gansey conseguia as coisas.

— Não quero brigar — repetiu Gansey.

Ele estendeu o braço em direção à porta, e Adam colocou a mão sobre ela, impedindo-o.

— Olhe à sua volta. Está vendo o Ronan? Ele não se importa. Forçar comida goela abaixo não vai fazer com que fique com fome.

— Não quero brigar — repetiu Gansey.

Gansey foi salvo por um zumbido; seu telefone estava tocando. Tecnicamente eles não deveriam aceitar chamadas durante o dia na escola, mas ele tirou o telefone e virou a tela para que Adam pudesse vê-la. Duas coisas chamaram a atenção de Adam: primeiro, a chamada dizia que era da mãe de Gansey, o que provavelmente era, e segundo, o telefone dizia que eram 6h21, o que definitivamente não eram.

A postura de Adam mudou sutilmente, não mais bloqueando Gansey de entrar em Gruber, mas pressionando uma mão contra a porta, como um vigia.

Gansey colocou o telefone junto ao ouvido.

— Alô? Ah. Mãe, estou na escola. Não, o fim de semana foi ontem. Não. É claro. Não, apenas vá rápido.

Enquanto Gansey falava ao telefone, Cabeswater acenava para Adam, dando apoio à sua forma cansada, e, por apenas um minuto, ele o permitiu. Ele respirou algumas vezes sem esforço. Tudo eram folhas e água, troncos e raízes, pedras e musgo. A linha ley zunia dentro dele, moldando e decaindo com seu pulso, ou vice-versa. Adam sabia que a floresta

precisava lhe contar algo, mas ele não conseguia discernir bem o que era. Ele precisava fazer uma adivinhação após a escola ou encontrar tempo para realmente ir à floresta.

Gansey desligou e guardou o telefone.

— Ela queria saber se me agradava a ideia de fazer um evento de última hora de sua campanha aqui no campus, esse fim de semana. Se o Dia do Corvo atrapalharia, se não teria problema de vir conversar com o Child. Eu disse que... Bem, você ouviu o que eu disse.

Na verdade, Adam não tinha ouvido. Ele estivera ouvindo Cabeswater. De fato, ele ainda ouvia tão atentamente que, quando a floresta súbita e inesperadamente balançou, ele balançou também. Nervosamente, Adam agarrou a maçaneta para se firmar.

O zunido da energia havia desaparecido dentro dele.

Adam mal teve tempo para se perguntar o que tinha acontecido e se a energia retornaria quando a linha ley voltou a murmurar dentro dele outra vez. Folhas se abriram no fundo de sua mente. Ele soltou a maçaneta.

— O que foi isso? — perguntou Gansey.

— O quê? — Adam, ligeiramente ofegante, ainda assim imitou o tom anterior de Gansey da maneira quase precisa.

— Não seja idiota. O que foi que aconteceu?

O que acontecera é que alguém havia acabado de cortar o provimento de uma quantidade enorme de energia da linha ley. O suficiente para até Cabeswater acusar o golpe. Na limitada experiência de Adam, apenas algumas coisas podiam fazer isso acontecer.

À medida que a energia retomava aos poucos a velocidade, ele disse a Gansey: — Eu sei exatamente o que o Ronan está fazendo.



Aquela manhã, Ronan Lynch havia acordado cedo, totalmente despreocupado, pensando *casa, casa, casa*.

Ele deixara Gansey ainda dormindo — o telefone agarrado em uma mão, os óculos dobrados e largados sobre o colchão — e descera cuidadosamente a escada com o corvo pressionado contra o peito para mantê-lo calado. Na rua, a grama alta molhava as suas botas de sereno, e a cerração ondulava em torno dos pneus do BMW carvão. O céu sobre a Indústria Monmouth tinha a cor de um lago lodoso. Estava frio, mas o coração de gasolina de Ronan estava empolgado. Ele se ajeitou no carro, deixando que este se tornasse a sua pele. O ar da noite ainda estava enovelado por baixo dos assentos e escondendo-se nos compartimentos das portas; ele tremia enquanto amarrava o corvo ao cinto de segurança no banco do passageiro. Isso ficou longe de ser perfeito, mas se revelou efetivo para evitar que um corvídeo saísse batendo asas dentro de seu esportivo. Motosserra o mordeu, mas não tão duro quanto o frio da manhã que nascia.

— Passa a minha jaqueta, idiota? — ele disse ao pássaro. Motosserra apenas bicou os controles da janela, então Ronan a pegou ele mesmo. Sua jaqueta da Aglionby estava ali atrás também, irremediavelmente amassada debaixo da caixa quebra-cabeça de linguagem, um objeto de sonho que traduzia diversas línguas, incluindo uma imaginária, para o inglês. Quando ele iria para a escola novamente? Um dia? Ele pensou que poderia

abandoná-la oficialmente no dia seguinte. Essa semana. Semana que vem. O que o impedia? Gansey. Declan. A memória de seu pai.

Era um deslocamento de vinte e cinco minutos de carro até Singer's Falls mesmo àquela hora da manhã, mas ainda faltava bastante para o amanhecer quando ele passou pela cidade imaginária e finalmente chegou à Barns. Urzes-brancas, galhos e árvores fecharam-se em torno do carro à medida que ele avançava pelo túnel de acesso de oitocentos metros. Erguida em contrafortes cobertos de mata, acessível apenas pelo caminho de entrada sinuoso através da floresta cerrada, a propriedade estava viva com os ruídos da mata desordenada da Virgínia que a cercava: folhas de carvalho balbuciando umas contra as outras, coiotes ou veados esmagando ruidosamente a vegetação rasteira, relva seca sussurrando, corujas questionando corujas, tudo respirando e passando pelo campo de visão. Estava frio demais para vagalumes, mas mesmo assim uma profusão deles brilhava e desaparecia acima dos campos.

Aqueles eram os seus campos. Fantasiosos, sem sentido, mas adoráveis.

Ronan Lynch adorava sonhar com luz.



Houve uma época em que a Barns era todo o ecossistema para Ronan. Os Lynch raramente a deixavam quando ele era jovem, porque não precisavam, porque dava muito trabalho, porque Niall Lynch não confiava em muita gente para cuidar dela em sua ausência.

Era melhor encontrar os amigos na casa deles, sua mãe, Aurora, explicara, porque o papai tem muitas coisas que quebram pela fazenda.

Uma das coisas que quebravam: Aurora Lynch. A Aurora de cabelos dourados certamente era a rainha de um lugar como a Barns, uma soberana alegre e bondosa de um país secreto e pacífico. Ela era um mecenas das artes extravagantes de seus filhos (embora Declan, o mais velho, raramente demonstrasse ser extravagante). E adorava Niall, é claro — todo mundo adorava o Niall maior que a vida, o poeta fanfarrão, o rei-músico

— mas, diferentemente de todos os outros, ela o preferia em seus humores silenciosos. Aurora adorava a verdade, e era difícil adorar a ambos, verdade e Niall Lynch, quando o segundo falava.

Ela era a única pessoa que ele não conseguia ofuscar, e ele a adorava por isso.

Foi só muitos anos depois que Ronan ficou sabendo que o rei havia sonhado a sua rainha. Mas, pensando bem, fazia sentido. Seu pai adorava sonhar com luz também.



Dentro da casa da fazenda, Ronan ligou algumas lâmpadas para expulsar a escuridão para a rua. Alguns minutos de busca e ele encontrou um balde de blocos do alfabeto, que passou para Motosserra ordenar. Então ele colocou um dos discos da Bothy Band de seu pai e, enquanto o violino e os acordeões estalavam e se distorciam pelos corredores estreitos, foi tirar o pó das prateleiras e reparar uma dobradiça quebrada de um armário na cozinha. À medida que o sol finalmente se derramava dourado no vale estreito protegido, ele continuava o processo de repintar a escada de madeira gasta que levava até o antigo quarto de seus pais.

Ronan inspirava. Ronan expirava.

Ele esquecia como soltar o ar quando não estava em casa.

Ali, o tempo mantinha seu próprio relógio. Um dia em Aglionby era uma apresentação estilhaçada de slides de imagens que não importavam e conversas que ele não guardava. Mas na Barns, o mesmo dia passava com uma desenvoltura preguiçosa, cheia de quatro vezes mais coisas. A leitura na cadeira da janela, os filmes antigos na sala de estar, o reparo vagaroso de uma porta de celeiro que não parava de bater. As horas levavam o tempo que fosse necessário.

Lentamente suas memórias de *antes* — tudo que esse lugar tinha sido para ele quando abrigara toda a família Lynch — se sobrepunham a memórias e esperanças de *depois* — cada minuto que a Barns havia sido

sua, todo o tempo que ele passara ali sozinho ou com Adam, sonhando e planejando.

Casa, casa, casa.

Era hora de dormir. De sonhar. Ronan tinha um objeto específico que ele tentava criar, e ele não era estúpido o suficiente para achar que o conseguiria na primeira tentativa.



Regras para sonhos, entoou Jonah Milo.

Ronan estava na aula de inglês. Milo, o professor, estava postado de pulôver xadrez diante de uma lousa digital resplandecente. Seus dedos eram um metrônomo no quadro, que clicavam com suas palavras: *regras para sonhadores. Regras para sonhados.*

Cabeswater?, Ronan perguntou à sala de aula. O ódio anuviou seus pensamentos. Ele jamais esqueceria o cheiro daquele lugar: borracha e detergente industrial, mofo e molho teriyaki de cafeteria.

Sr. Lynch, tem algo que gostaria de compartilhar?

Certo: não vou ficar nessa maldita aula nem mais um segundo...

Ninguém o está mantendo aqui, sr. Lynch, Aglionby é uma escolha. Milo parecia desapontado. *Vamos nos concentrar. Regras para sonhos. Leia alto, sr. Lynch.*

Ronan não leu. Eles não podiam obrigá-lo.

Sonhos são facilmente destruídos, celebrou Milo. Suas palavras soavam como jingle de anúncio de sabão em pó. *É difícil manter o equilíbrio entre o subconsciente e o consciente. Há um gráfico na página quatro do seu texto.*

A página quatro estava escura. A página quatro não existia mais. Não havia gráfico.

Regras para sonhados, sr. Lynch, quem sabe você não se endireita, ajeita a a camisa e mostra um pouco da concentração da Aglionby? Um anjo da guarda poderia ajudá-lo a despertar os pensamentos. Todos confiram para ver se o seu parceiro de sonho está aqui.

O parceiro de sonho de Ronan não estava ali.

No entanto, Adam estava na última fileira de cadeiras. Atento. Engajado. Este Estudante da Aglionby Representa o Legado da América. Seu livro didático parecia visível na bolha de pensamento acima de sua cabeça, denso com escritas e diagramas.

A barba de Milo estava mais longa do que estivera no início da aula. *Regras para sonhadores. Realmente, estamos falando de arrogância, não é? Sr. Lynch, gostaria de falar sobre como Deus está morto?*

Isso é bobagem, disse Ronan.

Se você sabe mais, pode vir aqui e dar a aula. Só estou tentando entender por que você acredita que não vai acabar morto como o seu pai. Sr. Parrish, regras para o sonhador?

Adam respondeu com uma precisão científica. *Heaney declara explicitamente na página vinte que sonhadores devem ser classificados como armas. Vimos em estudos de nossos pares como isso nasce da realidade. Exemplo A: o pai de Ronan está morto. Exemplo B: K está morto. Exemplo C: Gansey está morto. Exemplo D: eu também estou morto. Exemplo E: Deus está morto, como você mencionou. Eu acrescentaria Matthew e Aurora Lynch à lista, mas eles não são humanos, de acordo com o estudo de 2012 de Glasser. Tenho diagramas aqui.*

Vá se foder, disse Ronan.

Adam parecia murchar. Ele não era mais Adam, e sim Declan. *Faça o seu tema de casa, Ronan, contanto que seja nessa sua maldita vida. Você não faz ideia nem de quem você é?*



Ronan acordou bravo e de mãos vazias. Ele abandonou o sofá para bater as portas de alguns armários pela cozinha. O leite na geladeira havia estragado, e Matthew comera todos os cachorros-quentes da última vez que viera junto. Ronan saiu irado para o terraço, protegido com telas, na luz fina da manhã, e arrancou uma fruta estranha de uma árvore em um vaso. Ela dava pacotes de amendoins cobertos de chocolate. Enquanto ele

caminhava nervosamente de um lado para o outro, Motosserra batia as asas, voando rente ao chão atrás dele, picando pontos escuros que ela esperava que fossem amendoins caídos.

Regras para sonhadores: o Milo do Sonho havia perguntado a ele onde estava a sua companheira de sonho. Boa pergunta. A Garota Órfã havia assombrado o seu sono desde quando ele era capaz de lembrar, uma criaturinha desamparada com um quipá branco pousado sobre o cabelo loiro-claro, curto e repicado. Em tempos passados, Ronan tivera a impressão de que ela era mais velha, mas talvez ele que fosse mais jovem. Ela o ajudara a se esconder nos pesadelos. Agora ela é quem se escondia atrás de Ronan, mas ainda o ajudava a manter a mente dele nas tarefas. Era esquisito que ela não tivesse aparecido quando Milo a mencionara. Todo o sonho havia sido esquisito.

Você não faz ideia nem de quem você é?

Ronan não fazia, exatamente, mas ele achava que estava vivendo melhor com o mistério que se desenrolava de si mesmo. Seu sonho podia se danar.

— *Brek* — disse Motosserra.

Ronan jogou um amendoim para ela e voltou silenciosamente para a casa, em busca de inspiração. Às vezes colocar as mãos em algo real o ajudava quando ele estava com dificuldades para sonhar. Para conseguir trazer de volta um objeto de sonho, ele tinha de saber a sensação que esse objeto passava ao tato, seu cheiro, a maneira que ele se esticava e dobrava, como a gravidade funcionava nele ou não, as coisas que o tornavam físico em vez de efêmero.

No quarto de Matthew, uma bolsa sedosa de rochas magnéticas chamou a atenção de Ronan. Enquanto ele estudava o tecido, Motosserra perambulou suavemente por entre suas pernas, rosnando de forma grave. Ele nunca compreendera por que ela escolhia caminhar e pular na maioria das vezes. Se ele tivesse asas, tudo o que faria seria voar.

— Ele não está aqui — Ronan disse a Motosserra enquanto ela esticava o pescoço longo, numa tentativa de ver sobre o topo da cama. Grunhindo em resposta, Motosserra buscava entretenimento sem muito sucesso. Matthew era um garoto agitado e alegre, mas seu quarto era ordeiro e frugal. Ronan costumava pensar que isso acontecia porque Matthew mantinha toda a sua bagunça dentro da sua cabeça de cabelos

cacheados. Mas agora ele suspeitava que isso acontecia porque Ronan não tivera imaginação suficiente para sonhar um ser humano completamente formado. O Ronan de três anos quisera um irmão cujo amor fosse completo e descomplicado. O Ronan de três anos sonhara Matthew, o oposto de Declan de todas as maneiras. Ele era humano? O Adam de Sonho/Declan não parecia acreditar que sim, mas o Adam de Sonho/Declan também era claramente um mentiroso.

Regras para sonhadores.

Sonhadores devem ser classificados como armas.

Ronan já sabia que ele era uma arma, mas tentava compensar o fato. A meta de hoje era sonhar algo para manter Gansey seguro caso ele fosse picado de novo. Ronan havia sonhado antídotos antes, é claro, autoinjetores de adrenalina e curas, mas o problema é que ele não sabia se eles funcionariam, até que fosse tarde demais caso não funcionassem.

Então por ora, um plano melhor: uma simples armadura de pele. Algo que protegeria Gansey antes que ele chegasse a se machucar.

Ronan não conseguia afastar a ideia de que o tempo de que dispunha estava acabando.

Sim, funcionaria. E seria ótimo.



Na hora do almoço, Ronan abandonou a cama após mais dois fracassos para produzir uma boa armadura. Ele colocou botas sujas de barro e um blusão com gorro encardido e foi para a rua.

A Barns era um conglomerado de anexos, abrigos e grandes celeiros de gado; Ronan parou em um deles para encher cochos e lançar um bloco de sal sobre o topo dos cubinhos de ração, uma variação de sua rotina de infância. Então partiu para o pasto alto, passando pelas massas informes e silenciosas do gado de sonho de seu pai que dormia nos campos. No caminho, desviou para um dos grandes celeiros de equipamentos. Na ponta dos pés, tateou em torno do topo do batente da porta até encontrar a minúscula flor de sonho que deixara ali. Quando a jogou para o ar, a flor

pairou só um pouco acima de sua cabeça, lançando um brilho amarelo fraco e contínuo, suficiente para iluminar seu caminho através do celeiro sem janelas. Ronan seguiu por esse caminho empoeirado, passando pelas máquinas quebradas e não quebradas, até encontrar seu horror noturno albino enroscado sobre o capô de um carro velho e enferrujado, todo ameaça, maltrapilha branca e olhos fechados. Suas garras pálidas e selvagens haviam arranhado o capô até o metal puro; o horror noturno já tinha passado mais do que algumas horas ali. A criatura abriu um olho rosado para o considerar.

— Precisa de alguma coisa, seu pequeno bastardo? — Ronan lhe perguntou.

A criatura fechou o olho de novo.

Ronan a abandonou e continuou seu caminho, com os cochos estrepitando produtivamente, deixando a flor de sonho o seguir, embora ele não precisasse dela à luz do dia. Quando passou pelo maior celeiro de gado, não estava mais sozinho. A relva farfalhava de cada lado do caminho. Marmotas, ratos e criaturas que não existiam avançavam a passos miúdos, saídos da relva para correr em suas pegadas e à frente dele, veados emergiam da beira da mata, a pele escura invisível, até que se movessem.

Alguns dos animais eram reais. A maioria dos veados eram de cauda branca da Virgínia, alimentados e amansados por Ronan, com a única finalidade de o divertir. Sua domesticação recebera a ajuda de um cervo sonhado que vivia entre eles. Ele era claro e adorável, com cílios longos e trêmulos, e orelhas vermelhas de raposa. Agora, ele fora o primeiro a aceitar a oferta de Ronan do bloco de sal, rolando-o para o campo, permitindo que Ronan fizesse carinho no pelo curto e grosso de sua cernelha e tirasse alguns carrapichos do pelo suave atrás de suas orelhas. Um dos veados mordiscou a ração das mãos em concha de Ronan, e o resto esperou pacientemente enquanto ele a jogava na relva. Provavelmente era proibido alimentá-los. Ronan nunca conseguia lembrar quais deles podiam ser alimentados ou caçados na Virgínia.

Os animais menores se aproximaram rastejando, alguns tocando suas botas com as patas, outros alinhando-se na relva perto dele, e mais alguns assustando os veados. Ronan espalhou a ração para eles também e inspecionou se tinham ferimentos e carrapatos.

Ele inspirou. Ele expirou.

Então pensou sobre como queria que a armadura de pele parecesse. Talvez ela não precisasse ser invisível. Talvez pudesse ser prateada. Ou ter luzes.

Ronan abriu um largo sorriso com o pensamento, sentindo-se subitamente bobo, preguiçoso e ridículo. Ele parou, deixando que o fracasso do dia deixasse seus ombros e desabasse no chão. Enquanto se alongava, o cervo branco ergueu a cabeça para observá-lo intensamente. Os outros observaram a atenção do cervo e também focaram o olhar. Eles eram belos como os sonhos de Ronan e como Cabeswater, só que agora ele estava acordado. De alguma maneira, sem que Ronan marcasse o momento, a diferença entre sua vida desperta e sua vida de sonho havia começado a se estreitar. Embora metade desse rebanho esquisito fosse cair no sono se Ronan morresse, enquanto ele estivesse ali, enquanto inspirasse e expirasse, ele seria um rei.

Ronan deixou o mau humor no campo.



De volta à casa, ele sonhou.



A floresta era Ronan.

Ele estava deitado com o rosto voltado para o chão, os braços abertos, os dedos cravados no solo, em busca da energia da linha ley. Ele sentia o cheiro de folhas queimando e caindo, de morte e renascimento. O ar era seu sangue. As vozes que lhe murmuravam dos galhos eram sua própria voz, reproduzida sobre si mesma. Ronan, ela repetia; Ronan, novamente; Ronan, novamente.

— Levante-se — a Garota Órfã disse em latim.

— Não — ele respondeu.

— Você está preso aqui? — ela perguntou.

— Não quero partir.

— Eu quero.

Ronan olhou para ela, embora ainda estivesse todo emaranhado em seus dedos-raízes e nos ramos de tinta que cresciam da tatuagem em suas costas nuas. A Garota Órfã estava parada com um balde de ração nas mãos. Seus olhos eram escuros e desalentados, os olhos dos sempre famintos ou dos sempre desejosos. O solidéu branco estava puxado para trás sobre o cabelo loiro, curto e repicado.

— Você é apenas um pedaço de sonho — ele disse. — Apenas uma bobagem da minha imaginação.

Ela se lamuriou como um cachorrinho chutado, e Ronan se sentiu imediatamente irritado com ela, ou consigo mesmo. Por que ele não podia dizer simplesmente o que ela era?

— Eu estava te procurando — ele disse, assim que se lembrou disso. A presença dela sempre remetia à ideia de que ele estava sonhando.

— Kerah — ela disse, ainda magoada com sua declaração anterior. Ronan se sentiu incomodado de ouvi-la surrupiar o nome de Motosserra para ele.

— Encontre o seu — ele disse, desgostoso de ser firme com ela, mesmo que estivesse sendo apenas sincero. Ela se sentou ao lado dele, recolhendo os joelhos até o peito.

Ronan pressionou a face contra o solo frio e enfiou ainda mais os braços por baixo da terra. As pontas dos dedos roçaram larvas e minhocas, toupeiras e cobras. As larvas se desenroscavam à medida que ele passava por elas. As minhocas se juntavam a ele em sua jornada. O pelo das toupeiras se pressionava contra ele. As cobras se enrolavam em seus braços. Ronan era todas elas.

Ele suspirou.

Na superfície, a Garota Órfã se balançava e cantava um breve lamento para si mesma, olhando ansiosamente para o céu.

— *Periculosum* — ela avisou. — *Suscitat*.

Mas ele não sentia nenhum perigo. Apenas terra, a energia da linha ley e as ramificações de suas veias. Lar, lar.

— Está aqui embaixo — disse Ronan. A terra engoliu suas palavras e mandou brotos novos para cima.

A Garota Órfã apoiou as costas encurvadas contra a perna de Ronan e tremeu.

— *Quid*... — ela começou, então continuou, tropeçando, em inglês. — O que é?

Era uma pele. Tremeluzindo, quase transparente. Uma parte suficiente de seu corpo estava abaixo da superfície da floresta, de maneira que Ronan podia ver a sua forma em meio à terra. Ela tinha o formato de um corpo, como se estivesse germinando abaixo da superfície, querendo ser desenterrada. A textura dela lembrava o tecido da sacola no quarto de Matthew.

— Peguei — disse Ronan, os dedos roçando a superfície. *Me ajude a segurar*. Talvez ele só tivesse pensado isso, não dito alto.

A Garota Órfã começou a chorar.

— Cuidado, cuidado.

Ela mal tinha terminado de dizer, quando ele sentiu...

Algo

Alguém?

Não eram as escamas frias e secas das cobras. Tampouco as rápidas batidas do coração das toupeiras. Não era a suavidade que deslocava a terra das minhocas, ou a carne mole e lenta das larvas.

Era escuro.

Exsudava.

Não era bem uma coisa.

Ronan não esperou. Ele conhecia um pesadelo quando sentia um.

— Garota — ele disse — me puxa para fora.

Ele pegou a pele de sonho em uma de suas mãos-raízes, rapidamente tentando guardar a sensação na memória. O peso, a densidade, a realidade.

A Garota Órfã escavou o solo à volta dele, cavando como um cão e balbuciando pequenos ruídos assustados. Como ela odiava os sonhos de Ronan.

A escuridão que não era escuridão se insinuou terra acima. Ela consumia as coisas que tocava. Ou melhor, elas estavam ali, e então não estavam mais.

— Mais rápido — disparou Ronan, recuando com a pele agarrada em seus dedos-raízes.

Ele podia deixar a pele de sono para trás e despertar.

Mas ele não queria deixá-la. Poderia funcionar.

A Garota Órfã estava com a perna presa, ou o braço, ou um de seus ramos, e ela puxava sem parar, tentando desenterrá-lo.

— Kerah — ela chorou.

A escuridão mordia persistentemente. Se ela prendesse a mão de Ronan, ele poderia acordar sem uma. Ele teria de reduzir suas perdas...

A Garota Órfã caiu para trás, livrando-o do solo. A escuridão irrompeu solo afora atrás de Ronan. Sem pensar, ele se atirou para proteger a garota.

Nada é impossível, disse a floresta, ou a escuridão, ou Ronan.



Ronan acordou. Ele estava imobilizado, como sempre ficava após ter trazido algo de qualquer tamanho de um sonho. Ronan não conseguia sentir as mãos — *por favor*, ele pensou, *por favor, me deixe ter mãos ainda* — nem as pernas — *por favor*, ele pensou, *me deixe ter pernas ainda*. Ronan passou longos minutos encarando o teto. Ele estava na sala de estar, no velho sofá de capa xadrez, olhando para as mesmas três rachaduras que haviam formado a letra M Durante anos. Tudo cheirava a nogueira e a madeira de buxo. Motosserra bateu asas sobre ele, até se ajeitar pesadamente sobre a perna esquerda.

Então ele devia ao menos ter uma perna ainda.

Ronan não conseguia formular bem o que havia tornado a escuridão tão aterrorizadora, agora que ele não estava olhando para ela.

Lentamente, seus dedos começaram a se mover, então ele ainda devia tê-los, também. A pele de sonho tinha vindo com ele e estava meio caída para fora do sofá. Ela parecia transparente e insubstancial, manchada de sujeira e rasgada em tiras. Ronan tinha seus membros, mas suas roupas eram só farrapos. Ele também estava morrendo de fome.

O telefone de Ronan zumbiu, e Motosserra voou para o encosto do sofá. Normalmente, ele não o teria conferido, mas ele estava tão agitado com a lembrança do nada no sonho, que usou os dedos recentemente móveis para tirá-lo do bolso para ter certeza de que não era Matthew.

Era Gansey. *Parrish quer saber se você acabou de se matar sonhando, por favor dê um retorno*

Antes que Ronan tivesse tempo para formular uma emoção a respeito dessa ciência de Adam, Motosserra subitamente enfiou a cabeça para trás do sofá. As penas do pescoço se arrepiaram, cautelosamente atentas.

Ronan ficou de pé e acompanhou para onde a atenção dela se dirigia. Em um primeiro momento, ele não viu nada, exceto a bagunça familiar da sala. A mesa do café, a TV, o armário de jogos, o cesto de bengalas. Então seus olhos perceberam um movimento abaixo da mesa ao fundo.

Congelou.

Lentamente, percebeu o que estava vendo.

— Merda — ele disse.



Blue Sargent havia sido expulsa da escola.

Apenas por um dia. Vinte e quatro horas deveriam curá-la de sua disposição de destruir a propriedade alheia e, *francamente, Blue, uma atitude surpreendentemente equivocada*. Blue não conseguia se sentir realmente culpada como ela sabia que deveria se sentir; nada a respeito da escola parecia particularmente *real* em comparação ao resto da sua vida. Enquanto ela esperava no corredor do lado de fora dos gabinetes da diretoria, ouviu sua mãe explicando como elas haviam tido uma morte recente na família e que o pai biológico de Blue havia acabado de retornar à cidade e tudo era muito traumático. Provavelmente, acrescentou Maura — cheirando a artemísia, o que significava que ela estivera fazendo um ritual com Jimi enquanto Blue estava na escola —, sua filha estava externando isso sem nem perceber.

Ah, Blue percebia, sim.

Agora ela estava sentada debaixo da faia no quintal da Rua Fox, 300, sentindo-se esquisita e mal-humorada. Uma parte muito distante dela percebia que ela estava encrencada — encrencada de uma maneira mais séria do que estivera há muito tempo. Mas uma parte próxima dela estava aliviada que por um dia inteiro ela não precisaria fingir que se preocupava com as aulas. Ela arremessou uma noz de faia comida por insetos, que ricocheteou na cerca com o ruído de um tiro.

— Tudo bem, preste atenção.

A voz veio primeiro, então o arrepio na pele. Um momento mais tarde, Noah Czerny se juntou a ela, vestido como sempre, em seu blusão azul-marinho da Aglionby. *Juntou-se* talvez fosse o verbo errado. *Manifestou-se* era melhor. A expressão *truque de luz* era ainda mais forte. *Truque da mente* era melhor. Porque era raro que Blue notasse o momento em que Noah realmente aparecia, pois a coisa toda acontecia muito rápido e de forma abrupta. De alguma maneira, o cérebro de Blue reescrevia o minuto anterior a isso para fazer de conta que Noah estivera encurvado ao lado dela o tempo inteiro.

Era um pouco horripilante, às vezes, ter um amigo morto.

Noah continuou amigavelmente:

— Então você consegue um trailer. Não um trailer do Adam. Um trailer comercial.

— O quê? *Eu?*

— Você. Você. Como você chama quando se refere a todos, mas você diz *você?* Um lance de gramática.

— Não sei. O Gansey saberia. O que você quer dizer com *trailer do Adam?*

— Você interno? — ele conjecturou, como se Blue não tivesse dito nada. — Como quiser. Quer dizer, tipo, um você geral. Então você apresenta cinco, tipo, super-receitas de frango. Tipo, churrascaria. Aquelas que cozinham para sempre, certo? — Ele estalou os dedos. — Tipo, hum, cozinha mexicana. Molho de curry com mel. Churrasco. Hum. Teriyaki? E... Algo com alho. A outra coisa que você precisa, tipo assim, são bebidas. Bebidas bem viciantes. As pessoas têm que pensar, estou com desejo daquele frango com molho de curry e mel e daquele, hum, chá de limão, sim, ao máximo, sim, frango-frango-frango!

Noah estava mais animado do que Blue jamais o vira. Essa versão tagarela alegre dele era certamente mais próxima de sua versão viva, o aluno skatista da Aglionby com o Mustang vermelho brilhante. Ela se surpreendeu ao se dar conta de que provavelmente jamais teria se tornado amiga desse Noah. Ele não era terrível. Apenas *jovem* de uma maneira que ela jamais havia sido. Era um pensamento desconfortável, oblíquo.

— ... E eu a chamaria... você está pronta?... PEDE UM FRANGO. Entendeu? O que você quer para hoje à noite? Ah, mãe, por favor, PEDE UM FRANGO. — Noah deu um tapa no rabo de cavalo de Blue que acabou

acertando o topo da cabeça dela. — Você poderia usar um chapeuzinho de papel! E ser o rosto do PEDE UM FRANGO.

De uma hora para outra, Blue perdeu a paciência e explodiu: — Tudo bem, Noah, chega, por...

Uma risada cacarejada vinda de cima deles a silenciou. Algumas folhas secas caíram lentamente. Blue e Noah inclinaram a cabeça para trás.

Gwenllian, a filha de Glendower, se espreguiçava nos galhos robustos acima deles, o lânguido corpo recostado no tronco, as pernas presas em um galho liso. Como sempre, ela era uma visão aterradora e maravilhosa. A cascata volumosa de cabelo escuro estava cheia de canetas, chaves e papéis dobrados. Ela usava pelo menos três vestidos, e todos haviam conseguido subir até a cintura, seja escalando ou intencionalmente. Noah a encarou.

— Olá, coisa morta — cantarolou Gwenllian, tirando um cigarro de um lado do cabelo e um isqueiro do outro.

— Há quanto tempo você está aí? Você está fumando? — demandou Blue.

— Não mate minha árvore.

Gwenllian soltou uma baforada com cheiro de cravo-da-índia.

— Você fala como o Artemus.

— Não sei.

Blue tentou não soar ressentida, mas estava. Ela não esperava que Artemus preenchesse um buraco aberto em seu coração, mas também não esperava que ele simplesmente se trancasse em uma despensa.

Soprando um belo anel de fumaça através das folhas secas, Gwenllian empurrou o tronco e se deixou deslizar para um galho mais baixo.

— Seu pequeno inquilino de uma moita de pai não é algo muito fácil de compreender, oh, lírio azul, azul lírio. Mas então, aquela coisa ali não é fácil de compreender também, não é?

— Que coisa... o Noah? O Noah não é uma *coisa!*

— Nós vimos um pássaro em um arbusto, um pássaro em um arbusto, um pássaro em um arbusto — cantou Gwenllian. Em seguida escorregou para baixo, e então mais para baixo novamente, o suficiente para balançar suas botas ao nível dos olhos de Blue. — E trinta dos seus amigos! Você estava se sentindo bem vivo, ah, coisinha morta, entre nós duas, não é?

Azul lírio com seu poder de espelho, e *gwen* lírio com seu poder de espelho, e você no meio, se lembrando da vida?

Incomodava perceber que Gwenllian provavelmente estivesse certa: esse Noah efervescente, lépido, seguramente só teria sido possível por causa da concentração de suas baterias mediúnicas. Também incomodava ver que Gwenllian tinha acabado completamente com o bom humor de Noah. Ele havia enfiado a cabeça nos ombros de maneira que somente a onda de sua franja era visível.

Blue lançou um olhar dardejante para ela.

— Você é horrível.

— Obrigada.

Gwenllian pulou no chão com um salto amplo, como um voo, e apagou o cigarro no tronco da faia, deixando uma marca negra que, para Blue, era o reflexo de sua alma.

Ela fez uma carranca para Gwenllian. Blue era muito baixa e Gwenllian, muito alta, mas Blue queria muito fazer uma carranca para Gwenllian e Gwenllian parecia querer isso. De fato, elas conseguiram que isso funcionasse.

— O que quer que eu diga? Que ele está morto? Qual o sentido de esfregar isso na cara dele?

Gwenllian se inclinou tanto para a frente que o nariz das duas roçou um no outro. As palavras que saíram de sua boca eram um sussurro com cheiro de cravo-da-índia.

— Você já solucionou um enigma que não lhe pediram?

Calla achava que Gwenllian havia começado a cantar e a formular enigmas por ter sido enterrada viva por seiscentos anos. Mas olhando para seus olhos alegremente brilhantes agora, lembrando como ela havia sido enterrada por tentar esfaquear até a morte o poeta de Owen Glendower, Blue também achou que havia uma chance muito crível de que Gwenllian sempre tivesse sido desse jeito.

— Não há como solucionar o Noah — respondeu Blue —, exceto fazendo ele... partir dessa para melhor. E ele não quer isso!

Gwenllian soltou um cacarejo.

— *Querer* e *precisar* são coisas diferentes, meu gatinho. — E cutucou a nuca de Noah com uma bota erguida. — Mostre a ela o que você andou escondendo, coisa morta.

— Você não precisa fazer nada do que ela diz, Noah.

Blue falou isso tão rapidamente que no mesmo instante percebeu que acreditava em Gwenllian e temia a verdade dele.

Todos sabiam que a existência de Noah era frágil, sujeita aos caprichos da linha ley e à localização de seus restos mortais. E Blue e Gansey em particular tinham visto em primeira mão como Noah parecia ter cada dia mais dificuldade em lidar com as esquisitices de estar morto. O que Blue já sabia de Noah era assustador. Se havia algo pior, ela não tinha certeza de que queria saber.

— Eu mereço isso. Só... sinto muito, Blue.

Os nervos de Blue começaram a tropear dentro dela.

— Não tem nada do que se desculpar.

— Sim — ele disse com uma voz fina. — Tem, sim.

— Não... só... tudo bem.

Gwenllian deu um passo para trás para deixar Noah se levantar. Ele o fez, lenta e rigidamente, voltando as costas para Blue. Em seguida endireitou os ombros costumeiramente caídos como se estivesse se preparando para um confronto. Blue sentiu o momento que Noah parou de sugar energia dela. Era como se ela tivesse deixado cair uma mochila no chão.

Então ele se virou para encará-la.

Todos os verões, um parque de diversões itinerante vinha a Henrietta. Eles ficavam nos pavilhões de venda de gado atrás do Walmart, e por algumas noites você tinha bolos de funil, luzes piscando no escuro e relva aplanada. Blue sempre quis gostar deles — ela fora algumas vezes com o pessoal da escola (ela sempre quis gostar deles, também) —, mas, no fim, ela simplesmente sentia que ainda esperava pelo acontecimento real acontecer. Acreditando precisar de adrenalina, ela tentara o elevador, que os içara todos para cima — *ca-glang, ca-glang* — e então, nada. Algum tipo de defeito não permitiu que eles desabassem lá de cima, e eles desceram exatamente da mesma maneira como haviam subido. Embora em momento algum eles tivessem caído no vazio, por um instante, Blue sentira um frio no estômago como se eles *tivessem* realmente desabado, um sentimento ainda mais estranho, levando-se em consideração que o resto do seu corpo não havia movido um centímetro.

Era precisamente o que ela sentira agora.

— Ah — disse Blue.

Eram olhos vazios mortos, uma boca sem dentes e uma alma costurada, em meio a ossos nus. Ele estivera morto havia anos. Era impossível não ver quão decomposta estava sua alma, quão removida de humanidade, quão esmaecida pela longa ausência de um pulso.

Noah Czerny havia morrido.

Isso era tudo que sobrara.

Essa era a verdade.

O corpo de Blue era uma rebelião de calafrios. Ela havia beijado isso. Essa memória tênue e fria de um ser humano.

Como essa memória era apenas energia, ela lia as lembranças de Blue tão facilmente quanto suas palavras. Blue sentiu que ela assombrava seus pensamentos e então passava para o outro lado.

— Eu disse que sentia muito — ele sibilou.

Blue respirou fundo.

— Eu disse que não tem nada que se desculpar.

E ela estava sendo sincera.

Blue não se importava que ele — coisa — Noah — fosse estranho, podre e assustador. Ela sabia que ele — coisa — Noah — era estranho, podre e assustador, e ela sabia que o amava de qualquer jeito.

Ela o abraçou. Ele. Noah. Blue não se importava que ele não fosse mais humano. Ela seguiria chamando o que quer que fosse aquilo de *Noah,* enquanto ele quisesse ser chamado de Noah. E ela se sentia feliz que ele pudesse ler os pensamentos dela naquele momento, pois ela queria que ele soubesse o quão completamente ela acreditava nisso.

Seu corpo ficou gelidamente frio enquanto ela deixava que Noah sugasse energia dela, seus braços abraçando firmemente o pescoço do amigo.

— Não conte para os outros — ele disse. Quando Blue deu um passo para trás, ele havia recuperado seus traços de garoto novamente.

— Você precisa ir? — perguntou Blue. Ela queria dizer *para sempre*, mas não conseguia pronunciar isso em voz alta.

— Ainda não — sussurrou Noah.

Blue secou uma lágrima do rosto com o dorso da mão, e ele fez a mesma coisa com outra lágrima que escorria do outro lado da face da amiga. O queixo de Noah fez uma covinha daquele jeito que acontece

antes de virem as lágrimas, mas Blue colocou os dedos nele e resolveu a questão.

Totalmente conscientes, eles avançaram rápido na direção do fim de algo.

— Bom — disse Gwenllian. — Odeio mentirosos e covardes.

Imediatamente, ela começou a escalar a árvore mais uma vez. Blue se virou de volta para Noah, mas ele tinha desaparecido. Talvez tivesse ido antes que Gwenllian tivesse falado; assim como com a sua chegada, era difícil dizer o momento exato de sua partida. O cérebro de Blue já reescrevera todos os segundos em torno de seu desaparecimento.

O fato de Blue ter sido suspensa da escola parecia um sonho obscuro. O que era real? Isso era real.

A janela da cozinha se abriu com um rangido, e Jimi gritou: — Blue! Seus garotos estão ali na frente, acho que vão enterrar um corpo.

De novo?, pensou Blue.



Quando Blue subiu no Suburban preto de Gansey, descobriu que Ronan já estava instalado no banco de trás, a cabeça recentemente raspada, as botas sobre o assento, trajado para uma briga. Sua presença no banco de trás em vez de em seu trono de sempre no assento do passageiro sugeria que eles teriam problemas pela frente. Era Adam — em uma camiseta branca e um macacão de trabalho desabotoado até a cintura — que ocupava seu lugar. Gansey estava sentado atrás da direção, exibindo o uniforme da Aglionby e uma expressão elétrica que sobressaltou Blue. Uma expressão que parecia absolutamente desperta e reluzente, como um fósforo aceso atrás dos olhos. Blue vira esse Gansey animado antes, mas normalmente somente quando eles estavam a sós.

— Olá, Jane — ele disse, com uma voz tão brilhante e intensa quanto seus olhos. Era difícil não ser capturado por esse Gansey; ele era ao mesmo tempo poderoso e preocupante em sua tensão.

Não encare — tarde demais. Adam a flagrara. Ela evitou seus olhos e se preocupou em puxar as meias altas até as coxas.

— E aí?

— Você tem tempo para dar uma volta com a gente? Ou tem que estudar? Lição de casa? — perguntou Gansey.

— Nada de lição de casa. Fui suspensa — respondeu Blue.

— Não acredito — disse Ronan com admiração. — Sargent, sua babaca.

Ainda que de forma relutante, Blue permitiu que trocassem um cumprimento de punhos cerrados enquanto Gansey a olhava significativamente pelo espelho retrovisor.

Adam girou para o outro lado em seu assento — para a direita, em vez de para a esquerda. Parecia que ele estava se escondendo, mas Blue sabia que era só porque assim ele virava o ouvido com audição na direção deles, em vez do ouvido surdo.

— Pelo quê?

— Esvaziar a mochila de um aluno em cima do carro dele. Não quero falar sobre isso realmente.

— Eu quero — disse Ronan.

— Bem, eu não. Não tenho orgulho disso.

Ronan deu um tapinha na perna de Blue.

— Eu terei orgulho por você.

Blue lançou um olhar fulminante em sua direção, mas ela se sentia confiante pela primeira vez naquele dia. Não que as mulheres da Rua Fox, 300 não fossem sua família — elas estavam onde suas raízes estavam enterradas, e nada diminuía isso. Apenas que havia algo recentemente poderoso a respeito dessa família reunida nesse carro. Todos estavam crescendo e se entremeando como árvores que lutam juntas pelo sol.

— Então, para onde vamos?

— Se você conseguir acreditar nessa — disse Gansey, ainda em seu tom frio e absolutamente educado que significava que ele estava incomodado —, eu estava planejando ir falar com Artemus sobre Glendower. Mas o Ronan decidiu mudar tudo isso. Ele tem ideias *diferentes* para nossa tarde. Usos mais *importantes* para o nosso tempo.

Ronan se inclinou para a frente.

— Diz para mim, papai, você está bravo porque eu fiz bobagem, ou porque eu faltei na escola?

— Acho que as duas situações contam como bobagens, você não acha? — disse Gansey.

— Ah, por favor — replicou Ronan. — Isso só soa vulgar, quando *você* diz.

Enquanto Gansey afastava rapidamente o veículo do meio-fio, Adam lançava a Blue um olhar cúmplice. Sua expressão dizia, *Sim, eles estão nessa há um bom tempo.* Blue se sentiu estranhamente grata por essa troca

não verbal. Após seu rompimento turbulento (eles teriam chegado a sair como namorados?), Blue havia se reconciliado com o fato de Adam estar magoado ou desconfortável demais para serem bons amigos. Mas ele estava tentando. E ela também. E parecia que estava funcionando.

Exceto que ela estava apaixonada por seu melhor amigo e não havia lhe contado.

A tranquilidade de Blue se desfez imediatamente, sendo substituída por exatamente a mesma sensação que ela havia experimentado um momento antes de ter esvaziado a mochila de Holtzclaw sobre o capô do carro dele. Todas as emoções se dissolveram num vazio.

Ela realmente precisava encontrar um jeito de lidar com isso.

— GANSEY BOY!

Todos levaram um susto com o grito que entrou pela janela aberta de Gansey. Eles haviam parado no sinal perto do portão principal da Aglionby; um grupo de alunos estava parado na calçada, segurando cartazes. Relutantemente, Gansey ofereceu uma saudação de três dedos para o grupo, o que provocou mais exclamações de *u-huu, u-huu, u-huu!*

A visão de todos os garotos em seus uniformes provocou imediatamente uma emoção desagradável em Blue. Uma sensação antiga e complexa, formada com base em julgamento, experiência e inveja, mas ela não se importava com isso. Não que ela necessariamente achasse que suas opiniões negativas a respeito dos garotos corvos estivessem *erradas*. Apenas que o fato de ela conhecer Gansey, Adam, Ronan e Noah complicava o que ela fazia com essas opiniões. Era tudo bem mais fácil quando ela simplesmente presumira que podia desprezá-los a partir do ar rarefeito de uma elevação moral.

Blue espichou o pescoço, tentando ver o que os cartazes diziam, mas nenhum dos garotos fazia um trabalho muito bom em direcioná-los para a rua. Ela se perguntou se Blue Sargent, aluna da Aglionby, teria sido Blue Sargent, manifestante com um cartaz.

— Contra o que eles estão protestando?

— Vida — respondeu Adam secamente.

Então ela percebeu que reconhecia um dos alunos de pé na calçada. Ele tinha um tufo inconfundível de cabelo preto estilizado e um par de tênis de cano alto que só pareceriam mais caros se tivessem enrolados em notas de dólares.

Henry Cheng.

Blue havia se encontrado às escondidas com Gansey da última vez que o vira. Ela não se lembrava de todos os detalhes, apenas que o supercarro elétrico de Henry havia tido problemas e estava parado no acostamento da estrada, que ele havia feito uma piada que ela não achara engraçada e que isso a fizera lembrar várias vezes de como Gansey era diferente dela. Não havia sido um bom final para um encontro.

Henry claramente se lembrava dela também, pois abriu um largo sorriso para ela antes de apontar dois dedos para os próprios olhos e então para os dela.

Seus sentimentos já confusos foram acrescidos de sentimentos mais confusos ainda.

— Como você chama quando você diz "você" para se referir a todo mundo de modo geral? — perguntou Blue, inclinando-se para a frente, os olhos ainda em Henry.

— *Você universal* — respondeu Gansey. — Eu acho.

— Sim — disse Adam.

— Que bando de exibidos metidos — disse Ronan. Era difícil dizer se ele se referia a Gansey e Adam com sua maestria gramatical, ou aos alunos da Aglionby, parados na rua com seus cartazes escritos à mão.

— Ah, certo — disse Gansey, ainda indiferente e incomodado. — Deus perdoe os jovens que exibem seus princípios com protestos fúteis, mas públicos, quando eles poderiam faltar às aulas e julgar outros alunos do banco de trás de um veículo motorizado.

— Princípios? Os princípios de Henry Cheng só servem para conseguir uma fonte maior no jornal da escola — disse Ronan, fazendo uma versão vagamente ofensiva da voz de Henry. — *Serif? Sans serif?* Mais negrito, menos itálico.

Blue viu Adam abrir um sorriso e ao mesmo tempo desviar o rosto apressadamente para que Gansey não conseguisse ver, mas foi tarde demais.

— *Et tu, Brute?* — Gansey perguntou a Adam. — Decepcionante.

— Eu não disse nada — respondeu Adam.

O sinal ficou verde, e o Suburban começou a se afastar dos manifestantes.

— Gansey! Gansey! Richard, cara!

Essa voz era de Henry; até Blue a reconhecia. Não havia nenhum carro atrás deles, então Gansey tirou o pé do acelerador e inclinou a cabeça para fora da janela.

— O que posso fazer por você, sr. Cheng?

— Você está... acho que o seu porta-malas está aberto. — A expressão afetada de Henry havia se complicado. O sorriso alegre não tinha desaparecido, mas havia algo atrás dele. Mais uma vez, Blue sentiu o ímpeto da incerteza; ela sabia como Henry era, mas não sabia exatamente como ele era.

Gansey inspecionou o painel, atrás de alguma luz de notificação.

— Não está... ah. — Sua voz havia mudado para combinar com a expressão de Henry. — *Ronan*.

— O quê? — disparou Ronan. Sua inveja de Henry era visível do espaço.

— Nosso *porta-malas* está aberto.

Um carro buzinou atrás deles. Gansey acenou para ele em seu espelho retrovisor, saudou Henry e pisou no acelerador. Blue olhou sobre o ombro a tempo de ver Henry se virar para os outros alunos, a expressão mais uma vez se fundindo no largo sorriso descomplicado que havia exibido antes.

Interessante.

Enquanto isso, Ronan se virou para olhar para o compartimento de carga atrás do banco traseiro e sussurrou: — Fique *abaixada*.

Mas ele *não* estava falando com Blue. Ela estreitou os olhos e perguntou cautelosamente: — Qual exatamente é o objetivo mesmo dessa volta que estamos dando?

Gansey ficou contente em responder:

— O Lynch, em sua sabedoria infinita, decidiu sonhar em vez de ir para a escola, e trouxe de volta mais do que ele tinha pedido.

O encontro com Henry havia deixado um resquício na jovial agressividade de Ronan, e então ele disparou: — Você podia simplesmente ter me dito para cuidar do assunto sozinho. O meu sonho não é da conta de ninguém.

Adam interpôs:

— Ah, não, Ronan. Eu não tomo partido, mas isso é uma bobagem.

— Obrigado — disse Gansey.

— Ei, velho...

— Não — disse Gansey. — O Jesse Dittley morreu por causa das pessoas interessadas nos sonhos da sua família, então não aja como se os outros não fossem afetados se isso permanece em segredo ou não. Ele é seu em primeiro lugar, mas estamos todos na zona de impacto.

Isso silenciou Ronan. Ele se largou de volta no assento, olhou para fora da janela e colocou um de seus braceletes de couro entre os dentes.

Blue já tinha ouvido o suficiente. Ela puxou o cinto de segurança para abrir espaço para se virar, e então colocou o queixo sobre o assento de couro para olhar para o compartimento de carga atrás de si. Ela não viu nada imediatamente. Talvez *tenha* visto, mas não queria reconhecer, pois assim que seus olhos divisaram o sonho de Ronan, era impossível imaginar como ela não o vira imediatamente.

Blue já era calejada demais para se chocar com algo.

Mas ela estava chocada.

E demandou:

— Isso... isso é uma criança?

Havia uma criatura pequena, encolhida ao lado de uma mochila de academia e da bolsa a tiracolo de Gansey. Ela tinha olhos enormes quase eclipsados por um solidéu puxado para baixo. Usava um blusão de pescador esfarrapado, sujo e grande demais, e tinha pernas cinzentas ou usava meias-calças dessa cor. Aquelas coisas na extremidade das pernas eram botas ou cascos. A mente de Blue tentava dar sentido para o que via.

A voz de Ronan soou tediosa:

— Eu costumava chamá-la de Garota Órfã.



Adam havia sugerido Cabeswater, então eles levaram Blue para Cabeswater.

Ele ainda não tinha certeza do que fariam ali; simplesmente fora a primeira coisa em que pensara. Na realidade, fora a segunda, mas o seu primeiro pensamento fora tão vergonhoso que ele imediatamente se arrependeu dele.

Adam dera uma olhada na Garota Órfã e pensara que, se fosse outro horror noturno em seu lugar, eles poderiam simplesmente tê-la matado ou largado em algum lugar.

Um segundo mais tarde — não, não, menos de um segundo, meio segundo —, ele se odiou por pensar isso. Era exatamente o tipo de pensamento que ele esperara do filho de seu pai. *O quê, você quer partir? Você vai partir? Essa é a sua bolsa? Vá por mim, se eu pudesse te deixar partir, eu mesmo teria te jogado em uma vala. Tudo é uma trabalheira com você.*

Ele se odiou, e então odiou seu pai, e depois cedeu a emoção para Cabeswater, e Cabeswater a dispersou para longe.

E agora eles estavam na própria Cabeswater, a Cabeswater em carne e osso, ali, no segundo pensamento de Adam que ele gostaria que tivesse sido o primeiro, levando a Garota Órfã para a mãe de Ronan, Aurora. Esse era o campo que eles tinham visto de cima muito tempo atrás, com um enorme corvo formado de conchas. Gansey não pôde evitar de passar por cima das conchas espalhadas com o carro, mas tomou cuidado para evitar

o corvo em si. Adam apreciava essa parte de Gansey, sua preocupação incessante pelas coisas que ficavam aos seus cuidados.

O veículo parou. Gansey, Blue e Adam saíram. Ronan e sua garotinha estranha, não; parecia que havia um processo de negociação se desenrolando entre eles.

Eles esperaram.

Na rua, o céu estava pesado e cinzento, rasgado pelos picos sobre o marrom-vermelho-negro das árvores de Cabeswater. De onde eles estavam parados, era praticamente possível imaginá-la como uma mata comum, em uma montanha comum da Virgínia. Mas, se você olhasse Cabeswater com atenção por tempo suficiente, do jeito certo, você poderia ver segredos voando entre as árvores. As sombras de animais chifrudos que nunca apareciam. As luzes piscando de vagalumes de outro verão. O som farfalhante de muitas asas, o som de um bando enorme sempre fora de visão.

Mágica.

Tão próximo da floresta, Adam se sentia muito... Adam. Sua cabeça estava cheia com a sensação comum de seu macacão dobrado na altura da cintura, o pensamento comum da prova de literatura no dia seguinte. Parecia que ele deveria se tornar mais estranho, mais outro, quando estava próximo de Cabeswater, mas, na realidade, quanto mais próximo de Cabeswater, mais firmemente presente ele continuava. Sua mente não precisava derivar para longe para se comunicar com Cabeswater quando seu corpo era capaz de erguer uma mão para tocá-la.

Estranho que ele tivesse sentido uma premonição do que esse lugar se tornaria para ele todos aqueles meses atrás. Mas talvez não. Tanto da mágica — do poder, de modo geral — exigia a crença como um pré-requisito.

Gansey atendeu uma ligação. Adam foi urinar. Ronan ficou no Suburban.

Adam se reuniu a Blue do outro lado do veículo. Ele fez um esforço para não olhar nem para os seus seios, nem para os seus lábios. Adam e Blue não estavam mais juntos — se é que haviam estado um dia —, mas o fato de estarem rompidos e conscientes de que isso era bom para ambos não havia diminuído o apelo estético de nenhuma das duas partes de seu corpo. O cabelo de Blue havia ficado mais revolto desde que ele a

encontrara pela primeira vez, menos contido por todos os seus grampos, e sua boca havia ficado mais desalinhada desde que ele a encontrara, mais desejosa de beijos proibidos, e sua postura havia endurecido, sua espinha aguçada pela dor e pelo perigo.

— Acho que nós dois precisamos conversar — ela disse. Blue não terminou a frase, mas seus olhos estavam em Gansey. Ele se perguntou se ela sabia o quão transparente era o seu olhar. Será que ela o mirara tão faminta um dia?

— Sim — respondeu Adam. Tarde demais, ele se deu conta de que ela provavelmente queria discutir a busca pelo favor de Glendower, não confessar sua relação secreta com Gansey. Bem, eles precisavam falar sobre aquilo, também.

— Quando?

— Vou ligar para você hoje à noite. Espera... eu tenho trabalho. Amanhã depois da escola?

Eles anuíram. Era um plano.

Gansey ainda falava ao telefone.

— Não, quase não tem trânsito, a não ser que seja uma noite de bingo. Um transporte? Quantas pessoas você está esperando? Não consigo imaginar... ah. O ônibus do evento poderia ser colocado em serviço, certamente.

— KERAH!

Tanto Blue quanto Gansey tomaram um susto enorme com o guincho selvagem. Reconhecendo o nome de Motosserra para Ronan, Adam procurou no céu.

— Jesus, Maria — rosnou Ronan. — Pare de ser impossível.

Porque não era Motosserra que havia gritado o nome de corvo para Ronan. Era a Garotinha Órfã abandonada. Ela estava dobrada em uma forma impossivelmente pequena na relva descolorida atrás do Suburban, parecendo uma pilha de roupas. Ela balançava de um lado para o outro e se recusava a ficar de pé. Quando Ronan sussurrou algo para ela, ela gritou em seu rosto de novo. Não o grito de uma criança, mas o grito de uma criatura.

Adam tinha visto muitos dos sonhos de Ronan se tornarem realidade a essa altura, e ele sabia o quão selvagens, adoráveis, aterrorizantes e

extravagantes eles podiam ser. Mas essa garota era a mais *Ronan* de qualquer um deles que ele já tinha visto. Que monstro assustador ela era!

— É o apocalipse. Me manda uma mensagem se você pensar em algo mais. — Gansey desligou. — O que há de errado com ela? — Seu tom era hesitante, como se ele não tivesse certeza se algo *estava* errado com a garota, ou se era apenas o jeito que ela estava.

— Ela não quer entrar — disse Ronan. Sem qualquer cerimônia, ele se inclinou, catou a garota e começou a marchar na direção dos limites da floresta. Estava claro agora, com suas pernas de aranha penduradas sobre um dos braços de Ronan, que elas terminavam em delicados cascos.

Do outro lado de Adam, Blue levou os dedos aos lábios e então os deixou cair novamente. Em uma voz bem baixa, ela disse *Ah, Ronan!* da mesma maneira que você sussurraria *Meu Deus*.

Porque era impossível. A criatura de sonho era uma garota; ela não era; ela era uma órfã; eles não eram pais. Adam não era a pessoa mais certa para julgar Ronan por sonhar tão vastamente; Adam também negociava com uma mágica que ele não entendia muito bem. Ultimamente, todos eles tinham as mãos estendidas para o céu, à espera de cometas. A única diferença era que o universo selvagem e em expansão de Ronan Lynch existia dentro da sua própria cabeça.

— *Excelsior* — disse Gansey.



Todos seguiram Ronan floresta adentro.

Dentro da mata, Cabeswater murmurava, vozes sibilavam das velhas árvores de outono, desaparecendo nos velhos penedos cobertos de musgo. Esse lugar significava algo diferente para todos eles. Adam, o zelador da floresta, estava ligado por um pacto para ser suas mãos e olhos. O poder de amplificação de Blue estava de alguma maneira conectado a ela. Ronan, o Greywaren, estivera ali muito tempo antes do restante deles, a ponto de deixar sua escrita rabiscada nas rochas. Gansey — Gansey simplesmente a adorava, temerosamente, espantosamente, reverentemente.

Acima deles, as árvores sussurravam em uma língua secreta, e em latim, e então em uma versão corrompida de ambos, com palavras em inglês lançadas no meio. Elas não haviam falado inglês quando os adolescentes as encontraram pela primeira vez, mas estavam aprendendo. E rápido. Adam não conseguia deixar de pensar que havia algum segredo escondido por trás dessa evolução de linguagem. Será que os adolescentes eram realmente os primeiros falantes de inglês a encontrar as árvores? Se não, por que elas tropeçavam no inglês somente *agora?* E por que o latim?

Adam quase podia ver a verdade escondida por trás desse quebra-cabeça.

— *Salve* — Gansey cumprimentou as árvores, sempre educado. Blue estendeu o braço para tocar um galho; ela não precisava de palavras para cumprimentá-las.

Olá, as árvores farfalharam de volta. As folhas vibravam contra a ponta dos dedos de Blue.

— Adam? — perguntou Gansey.

— Só um segundo.

Eles esperaram até que Adam se orientasse. Como o tempo e o espaço eram negociáveis na linha ley, era inteiramente possível que eles pudessem emergir da floresta em um tempo ou lugar inteiramente diferente do que eles haviam entrado. Esse fenômeno havia parecido caprichoso em um primeiro momento, mas, lentamente, à medida que Adam se sintonizara melhor com a linha ley, ele havia começado a perceber que ela seguia regras, só que não as regras lineares com as quais eles contavam no mundo normal. Era mais como respirar — você podia segurar uma respiração; respirar mais rápido ou mais devagar; corresponder suas respirações com alguém parado perto de você. Deslocar-se através de Cabeswater de uma maneira previsível significava orientar-se pelos padrões de respiração atuais. Deslocar-se com ela, não contra ela, enquanto você tentava encontrar o seu caminho de volta para o tempo e o lugar que você havia deixado para trás.

Adam fechou os olhos e deixou que a linha ley tomasse o seu coração por algumas batidas. Agora ele sabia em qual direção ela corria por baixo dos seus pés, como ela cruzava com outra linha muitos quilômetros dali à sua esquerda, e com duas ainda mais distantes, à sua direita. Inclinando a cabeça para trás, Adam sentiu as estrelas formigando acima, e *como* ele

era orientado em relação a elas. Dentro dele, Cabeswater desenrolou videiras cuidadosas, testando seu humor enquanto o fazia, jamais forçando limites ultimamente, a não ser sob pressão. Ela usava a mente e os olhos de Adam para prospectar o terreno abaixo dele, escavando para encontrar água e rochas, em busca de orientação.

Como Adam praticava muitas coisas, ele era *bom* em muitas coisas, mas isso — como isso chamava mesmo? Adivinhação, percepção, mágica, mágica, mágica. Ele não era só bom nisso, mas ele o desejava, queria, amava de uma maneira que quase o cobria de gratidão. Ele não sabia que podia amar, não realmente. Gansey e ele haviam brigado sobre isso, uma vez — Gansey dissera, com desgosto, *Pare de dizer privilégio. Amor não é privilégio*. Mas Gansey sempre tivera amor, sempre fora capaz de amar. Agora que Adam havia descoberto ele mesmo esse sentimento, ele estava mais convicto do que nunca de que estava certo. *Necessidade* era o parâmetro de Adam, seu pulso em repouso. *Amor* era privilégio. Adam era privilegiado e não queria abrir mão disso. Ele queria sempre se lembrar de como era sentir isso.

Uma vez que Adam havia aberto completamente seus sentidos, Cabeswater tentou desajeitadamente se comunicar com esse ser humano mágico. Ela pegou suas melhores lembranças e as virou do avesso, readaptando-as como uma linguagem hieroglífica de sonhos: um fungo em uma árvore; Blue quase tropeçando em sua pressa para se afastar dele; uma casca de ferida em seu punho; o vinco característico que Adam sabia que o cenho franzido de Ronan produzia; uma cobra desaparecendo por baixo da superfície lodosa de um lago; o polegar de Gansey no lábio inferior; o bico de Motosserra aberto e um verme arrastando-se para fora dele em vez de para dentro.

— Adam? — perguntou Blue.

Ele se afastou de seus pensamentos.

— Ah, sim. Estou pronto.

Eles prosseguiram. Era difícil dizer quanto tempo levaria para que chegassem aonde a mãe de Ronan vivia — às vezes não levava tempo algum, e às vezes levavam eras, um fato que Ronan reclamou amargamente enquanto carregava a Garota Órfã. Ele tentou convencê-la a caminhar sozinha novamente, mas ela se encolheu no mesmo instante, em uma resistência sem ossos sobre o chão da floresta. Ronan resolveu não

perder seu tempo lutando com ela; ele simplesmente a recolheu de novo, com uma expressão irritada.

A Garota Órfã pareceu adivinhar o que estava se passando com Ronan, porque, enquanto ele caminhava, provocando solavancos nela a cada passo, ela pronunciou uma única nota intencional, quicando as pernas com os cascos ao mesmo tempo. Um segundo mais tarde, um pássaro invisível cantou de volta outra nota belamente colocada três tons acima da dela. A Garota Órfã trinou um tom acima do seu anterior, e um pássaro invisível diferente cantou outra nota três tons acima. Uma terceira nota: um terceiro pássaro. Para lá e para cá, todos continuaram, até que uma canção volteou em torno deles, uma ladainha sincopada feita da voz de uma criança e pássaros escondidos que podiam ou não existir realmente.

Ronan olhou carrancudo para a Garota Órfã, mas era óbvio o que aquela carranca queria dizer. Seus braços em torno dela eram protetores.

Não escapou a Adam como eles se conheciam bem. A Garota Órfã não era uma criatura ao acaso, tirada de um sonho qualquer. Eles tinham claras marcas emocionais de família. Ela simplesmente sabia como navegar seus humores tumultuados, e ele parecia simplesmente saber o quão ríspido podia ser com ela. Eles eram amigos, embora mesmo os amigos sonhados de Ronan não fossem fáceis de se relacionar.

A Garota Órfã seguiu grasnando sua parte da ladainha, e ficou claro que a canção desordenada estava melhorando o humor de Gansey, assim como o de Ronan. A discussão no carro havia obviamente deixado seus pensamentos, e, em vez disso, ele ergueu os braços em compasso com a música como um condutor, tentando pegar as folhas de outono quando elas se aproximavam, caindo. Cada folha seca curva que ele conseguia tocar com a ponta dos dedos se transformava em um peixe dourado que nadava pelo ar. Cabeswater ouvia atentamente à sua intenção; mais folhas redemoinhavam para ele, esperando por seu toque. Logo, um bando — um cardume — de peixes os cercou, brilhando, disparando e mudando de cores à medida que suas escamas refletiam a luz.

— São sempre peixes com você — disse Blue, rindo, enquanto eles faziam cócegas em torno de sua garganta e mãos. Gansey olhou de relance para ela e desviou o olhar, estendendo a mão para outra folha, a fim de colocá-la para trabalhar. A alegria cintilava entre os dois; quão pura e simplesmente Blue e Gansey amavam a mágica daquele lugar.

Fácil para eles se sentirem tão leves.

Cabeswater cutucou ternamente os pensamentos de Adam, conclamando uma dezena de memórias felizes no espaço do ano anterior — bem, elas *teriam* de ser apenas do ano passado, pois mesmo Cabeswater teria dificuldade em incitar memórias alegres da época anterior a Gansey e Ronan. Quando Adam teimava em resistir, imagens dele bruxuleavam por sua mente: ele mesmo, como era visto pelos outros. Seu sorriso contido, sua risada surpresa, seus dedos estendidos para o sol. Cabeswater não entendia bem seres humanos, mas ela aprendia. Felicidade, ela insistia. Felicidade.

Adam cedeu. Enquanto eles seguiam caminhando, e a Garota Órfã continuava cantarolando em sua voz aguda, e os peixes continuavam dardejando pelo ar à sua volta, ele lançou sua própria intenção.

O volume do estrondo resultante surpreendeu até a ele; Adam o ouviu em um ouvido e o sentiu em ambos os pés. Os outros tomaram um susto quando outro *bum* pesado e grave soou no início do próximo compasso da canção. Quando veio o terceiro ruído surdo, ficou óbvio que ele ressoava no ritmo da música. Cada uma das árvores pelas quais eles passavam soava com um baque elaborado, até que o som à volta deles era a batida eletrônica pulsante que invariavelmente tocava no carro ou nos fones de ouvido de Ronan.

— Ah, Deus — disse Gansey, mas ele estava rindo. — Nós temos que aguentar isso aqui, também? *Ronan!*

— Não fui eu — disse Ronan. Ele olhou para Blue, que deu de ombros. Ronan cruzou com o olhar de Adam. Quando Adam fez um trejeito com a boca, a expressão de Ronan se imobilizou por um momento antes de se transformar em um sorriso solto que ele reservava normalmente para as bobagens de Matthew. Adam sentiu um ímpeto de realização e nervosismo. Ele patinava em um beiral ali. Fazer Ronan Lynch sorrir passava uma sensação tão carregada quanto barganhar com Cabeswater. Não se devia brincar com essas forças.

Subitamente, a Garota Órfã caiu no silêncio. Em um primeiro momento, Adam pensou que ela estava de alguma forma buscando se conectar com seu humor. Mas não: eles tinham chegado à ravina das roseiras.

Aurora Lynch vivia em uma clareira limitada em três lados por roseiras viçosas e férteis, videiras e árvores. Flores cobriam o chão como um tapete e caíam em cascata sobre o quarto lado — um rochedo escarpado que adentrava a montanha. O ar vinha carregado de sol, como a luz vista através da água, e pétalas suspensas flutuavam como se nadassem. Por toda parte havia tons róseos, brancos suaves, ou amarelos reluzentes.

Toda Cabeswater era um sonho, mas a ravina de roseiras era um sonho dentro dele.

— Talvez a garota vá fazer companhia à Aurora — disse Gansey, observando o último peixe nadar para fora da clareira.

— Não acredito que você simplesmente possa dar uma criança para uma pessoa e esperar que ela se sinta eufórica — retrucou Blue. — Ela não é um gato.

Gansey abriu a boca, e Adam observou que um comentário no limite do ofensivo estava por vir. Ele cruzou com o seu olhar, e Gansey fechou a boca. O momento passou.

Mas Gansey não estava inteiramente errado. Aurora havia sido criada para o amor, e ela amava, de uma maneira específica em relação ao objeto de seu afeto. Então ela abraçava seu filho mais novo, Matthew, perguntava a Gansey sobre pessoas famosas na história, dava flores estranhas a Blue, com quem se havia encontrado durante suas caminhadas, e deixava que Ronan lhe mostrasse o que ele havia sonhado ou feito na semana anterior. Com Adam, no entanto, ela perguntava coisas como: "Como você sabe que vê a cor amarela como eu vejo?". E então ouvia atentamente enquanto ele lhe explicava. Adam tentava que ela mesma explicasse às vezes, mas Aurora não se preocupava muito em pensar, apenas em ouvir outras pessoas, felizes em pensar.

Assim, eles já sabiam que ela adoraria a Garota Órfã. Se estava certo ou não dar a Aurora outra pessoa para amar, isso era outra questão.

— Mãe, você está aqui? — a voz de Ronan era diferente quando ele falava com sua mãe ou com Matthew. Revelava um Ronan sem fingimento.

Não. Um Ronan desprotegido.

Esse tom lembrou a Adam daquele sorriso sem reservas de antes. *Não brinque*, ele disse a si mesmo. *Isso não é um jogo*.

Mas não parecia um jogo, se ele estivesse sendo sincero. A adrenalina sussurrava em seu coração.

Aurora Lynch apareceu.

Ela não havia deixado o lugar onde vivia, tampouco o caminho que eles haviam usado. Em vez disso, ela emergiu da parede de rosas que caía em cascata sobre a rocha. Era impossível para uma mulher caminhar através de uma rocha e uma roseira, mas ela o fez mesmo assim. Seu cabelo dourado pendia em uma lâmina, com botões de rosas presos e trançado com pérolas. Por um breve momento, ela era ao mesmo tempo rosas e uma mulher, e então completamente Aurora. Cabeswater comportava-se diferentemente em relação a Aurora Lynch e ao restante deles; eles eram seres humanos, afinal de contas, e Aurora era algo sonhado. Eles tiravam férias ali. Aurora pertencia ao lugar.

— Ronan — disse Aurora, genuinamente feliz, do jeito que ela sempre estava, genuinamente feliz. — Onde está o meu Matthew?

— Jogo de lacrosse ou algo assim — respondeu Ronan. — Algo cheio de suor.

— E o Declan? — perguntou Aurora.

Houve uma longa pausa, apenas uma respiração longa demais.

— Trabalhando — mentiu Ronan.

Todos na ravina de roseiras olharam para Ronan.

— Ah, bem. Ele sempre foi muito dedicado — disse Aurora, acenando para Adam, Blue e Gansey, que lhe acenaram de volta. — Você já encontrou o seu rei, Gansey?

— Não — ele respondeu.

— Ah, bem — disse Aurora novamente, abraçando o pescoço de Ronan e pressionando sua face pálida na face pálida dele, como se ele estivesse segurando uma braçada de compras em vez de uma garotinha estranha. — O que você trouxe para mim dessa vez?

Ronan colocou a garota no chão, sem nenhuma cerimônia. Ela se encolheu contra as pernas dele, toda blusão, e lamentou em um inglês ligeiramente carregado:

— Eu quero ir!

— E eu quero sentir meu braço direito novamente — disparou Ronan.

— *Amabo te*, Greywaren! — ela disse. *Por favor, Greywaren*.

— Ah, fique de pé. — Ronan pegou sua mão, e a Garota Órfã se pôs de pé, absolutamente ereta ao seu lado, os cascos marrons, delicados e abertos.

Aurora se ajoelhou para ficar na mesma altura da Garota Órfã.

— Como você é bonita!

A garota não olhou para Aurora e permaneceu absolutamente imóvel.

— Aqui... uma linda flor, da cor dos seus olhos... Você gostaria de segurar? — Aurora lhe ofereceu uma rosa. Era realmente da cor dos olhos da garota: de um azul tempestuoso, rude. Rosas não eram dessa cor, mas agora eram.

A garota não chegou nem a virar a cabeça na direção da rosa. Em vez disso, seus olhos estavam fixos em algum ponto um pouco atrás da cabeça de Adam e tinham uma expressão vazia e entediada. Adam sentiu um formigamento de reconhecimento. Não havia petulância ou raiva na expressão da garota. Ela não estava furiosa.

Adam já estivera naquele lugar, agachado ao lado de armários de cozinha, olhando para a luminária do outro lado da sala, seu pai cuspindo em seu ouvido. Ele reconhecia esse tipo de medo quando o via.

Ele mal conseguia reunir coragem para olhar para ela.

Enquanto Adam olhava de relance para os galhos finos de outono, Ronan e sua mãe falavam em voz baixa. Inacreditavelmente, o telefone de Gansey zuniu; ele o tirou do bolso e olhou para a tela. Cabeswater pressionava Adam. Blue alinhou pétalas de rosas caídas ao longo do braço. As árvores grandes fora da ravina seguiam sussurrando para eles em latim.

— Não, mãe — disse Ronan, impaciente, com um novo tom na voz que chamou a atenção dos outros. — Isso não foi como antes. Foi um acidente.

Aurora olhou para Ronan de um jeito terno e tolerante, o que enfureceu seu filho do meio.

— Foi *sim* — ele insistiu, embora ela não tivesse dito nada. — Foi um pesadelo, e havia algo de diferente nele.

Blue o interrompeu no mesmo instante.

— Diferente como?

— Tinha algo estranho pra c... nesse sonho. Algo escuro, esquisito. — Ronan fez uma careta para as árvores, como se elas pudessem lhe dar as palavras para explicar. Por fim, ele acrescentou: — Decomposto.

Essa palavra afetou a todos. Blue e Gansey se entreolharam, como se continuassem uma conversa anterior. Adam se lembrou das imagens perturbadoras que Cabeswater havia lhe mostrado quando ele pisara pela primeira vez na floresta. A expressão dourada de Aurora perdeu o brilho.

— Acho que é melhor mostrar uma coisa para vocês — ela disse.



Para a irritação de Gansey, ele tinha sinal no telefone. Normalmente, algo a respeito de Cabeswater interferia com o sinal do celular, mas hoje seu telefone vibrava com textos sobre eventos de *smoking* para arrecadar fundos em Aglionby, enquanto ele subia e descia uma montanha.

As mensagens de sua mãe pareciam documentos de Estado.

Diretor Child concorda que o tempo será apertado, mas, afortunadamente, minha equipe tem prática suficiente a essa altura para realizá-lo em tempo hábil. Será maravilhoso fazer isso com você e a escola.

As mensagens de seu pai eram joviais, de homem para homem.

O dinheiro não é a questão, será apenas algo a ser "feito". Não chame de um evento para arrecadar fundos, trata-se apenas de um baile animado.

Sua irmã Helen atalhava para os detalhes importantes.

Apenas me diga quanto sarro a imprensa vai tirar de seus melhores amigos para que eu possa começar a dar um jeito nisso agora.

Gansey continuava achando que o sinal cairia, mas ele seguia forte e verdadeiro. Isso significava que ele estava simultaneamente recebendo mensagens sobre a situação dos hotéis em Henrietta para convidados de fora da cidade e também observando uma árvore mágica exsudando algum tipo de líquido escuro que parecia tóxico.

Greywaren, sussurrou uma voz de galhos distantes. *Greywaren*.

O líquido formou gotas da casca da árvore, semelhantes a suor, juntando-se em uma lenta e viscosa cascata. Todos a observaram, exceto a

garota estranha, que pressionou o rosto contra o lado de Ronan. Gansey não a culpava. A árvore era um pouco... difícil de olhar de frente. Ele não havia considerado como poucas coisas na natureza eram puramente negras, até ver a seiva com aquele tom de piche. A escuridão absoluta que borbulhava no tronco parecia venenosa ou artificial.

O telefone de Gansey zuniu novamente.

— Gansey, cara, essa árvore doente está interferindo no seu tempo digital? — perguntou Ronan.

A realidade era que o tempo digital estava interferindo no seu tempo de árvore doente. Cabeswater era um santuário para ele. A presença de mensagens ali parecia tão deslocada quanto a escuridão que exsudava da árvore. Ele desligou o telefone e perguntou:

— Essa é a única árvore desse jeito?

— Que eu tenha encontrado em minhas caminhadas — respondeu Aurora. Sua expressão continuava imperturbável, mas ela seguia passando uma mão sobre o comprimento do cabelo.

— Isso está prejudicando a árvore — disse Blue, espichando a cabeça para trás para olhar para o dossel que definhava.

A árvore escura era o oposto de Cabeswater. Quanto mais tempo Gansey passava em Cabeswater, mais espantado ele ficava com ela. Quanto mais tempo ele passava olhando para a seiva negra, mais perturbado ele ficava com ela.

— Isso faz alguma coisa? — ele perguntou.

Aurora inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer? Fora o que está fazendo?

— Não sei — ele disse. — Não sei o que eu quis dizer. Trata-se apenas de uma doença comum ou é algo mágico?

Aurora deu de ombros. A sua solução de problemas ia somente até encontrar outra pessoa para solucionar o problema. Enquanto Gansey circundava a árvore, ao menos tentando parecer útil, ele viu Adam se agachar na frente da garota órfã com cascos. Ela continuou olhando para algum ponto além dele enquanto Adam tirava seu relógio barato. Ele deu um tapinha sobre a mão dela, levemente, apenas para deixar claro que estava oferecendo seu relógio para ela. Gansey esperava que ela o ignorasse ou rejeitasse o presente, como havia feito com a rosa de Aurora, mas ela o aceitou, sem hesitação. Então, muito concentrada, começou a

dar corda no relógio, enquanto Adam seguia agachado à sua frente, com o cenho franzido, por um momento mais.

Gansey se juntou a Ronan, bem perto da árvore. Assim próximo, a escuridão *zunia* com a ausência de som. Ronan disse algo em latim para a árvore, mas não houve resposta audível.

— Ela não parece ter voz — disse Aurora. — E parece muito esquisita. Sem perceber, estou voltando a ela, mesmo que não queira.

— Ela me faz lembrar o Noah — disse Blue. — Se decompondo.

A voz de Blue soou tão melancólica que Gansey sentiu, de súbito, o que ele e Blue realmente perdiam ao manter sua relação um segredo. Blue irradiava energia mediúnica para os outros, mas era no toque que ela recebia a sua de volta. Ela estava sempre abraçando sua mãe, segurando a mão de Noah, trançando seu cotovelo no de Adam, ou repousando suas botas sobre as pernas de Ronan, enquanto eles se sentavam no sofá. Tocando o pescoço de Gansey, bem entre o cabelo e o colarinho. Essa preocupação em seu espírito demandava dedos tramados juntos, braços sobre ombros, rostos pousados sobre peitos.

Mas como Gansey era covarde demais para contar a Adam sobre apaixonar-se por ela, Blue teve de ficar parada ali, sozinha, com sua tristeza.

Aurora pegou a mão de Blue.

A vergonha difundiu-se por ele, escura como a seiva da árvore.

É realmente assim que você gostaria de passar o resto do seu tempo?

Um movimento súbito entre as árvores chamou a atenção de Gansey.

— Ah — disse Blue.

Três figuras. Familiares, impossíveis.

Eram três mulheres com o rosto de Blue — mais ou menos isso. Não era exatamente o rosto de Blue, mas *lembrava* o rosto de Blue. Talvez a diferença entre as duas coisas não fosse tão óbvia se a própria Blue não estivesse ali com eles. Ela era a realidade; elas eram o sonho.

Elas se aproximaram, como as coisas fazem em um sonho também. Estavam caminhando? Gansey não conseguia lembrar, embora estivesse vendo a cena acontecer. Elas estavam se aproximando. Isso era tudo o que ele sabia. As mãos delas estavam erguidas em ambos os lados do rosto; as palmas, vermelhas.

— Abram caminho — elas disseram juntas.

Os olhos de Ronan dispararam para Gansey.

— Abram caminho para o rei Corvo — elas disseram juntas.

A Garota Órfã começou a chorar.

— Cabeswater está tentando nos contar alguma coisa? — perguntou Gansey em voz baixa.

Elas estavam mais próximas. As sombras eram negras e as samambaias aos seus pés estavam morrendo.

— É um pesadelo — disse Adam. Sua mão direita segurou o punho de sua esquerda, o polegar pressionado no ponto de pulso. — Meu. Não quis pensar elas. Cabeswater, leve as mulheres embora.

As sombras estenderam-se até a escuridão da árvore, um *pedigree* de seiva negra provando sua linhagem. A escuridão borbulhou para fora da árvore um pouco mais rápido, e um galho acima deles gemeu.

— Abram caminho — elas disseram.

— Leve as mulheres embora — lamuriou a Garota Órfã.

— Cabeswater, *dissolvere* — disse Ronan. Aurora havia se colocado à frente dele, como se quisesse proteger o filho. Não havia nada vago a respeito dela agora.

As três mulheres se aproximaram. Mais uma vez, Gansey não percebeu como elas haviam feito isso. Elas estavam distantes, elas estavam próximas. Agora ele sentia o cheiro de putrefação. Não a decomposição muito doce de plantas ou alimento, mas o horror almiscarado da carne.

Blue afastou-se subitamente delas. Gansey achou que ela estivesse com medo, mas ela estava correndo para chegar até ele. Então tomou sua mão.

— Sim — disse Adam, compreendendo o que ela estava fazendo antes que Gansey o fizesse. — Gansey, *diga* as palavras.

Diga as palavras. Eles queriam que ele dissesse para as mulheres irem embora. *Realmente,* que dissesse a elas. Na caverna dos ossos, Gansey havia ordenado que os ossos despertassem, e os ossos despertaram. Ele havia usado a energia de Blue e a sua própria intenção para pronunciar um comando que tinha de ser ouvido. Mas Gansey não compreendia por que ele havia funcionado, e por que fora ele, e como Adam, Ronan ou Blue haviam conseguido dominar suas aptidões mágicas, pois ele certamente não conseguia.

— Abram caminho para o rei Corvo — disseram as mulheres novamente, posicionando-se à frente de Gansey. Três Blues falsas encarando Blue e Gansey.

Para o espanto de Gansey, Blue abriu um canivete com a mão livre. Ele não tinha dúvida de que ela o usaria: afinal, ela acertara Adam uma vez com ele. No entanto, ele duvidava muito de que o canivete seria efetivo contra esses três pesadelos que tinha diante de si.

Gansey encarou os olhos escuros das três mulheres. Empostou a voz com convicção e disse:

— Cabeswater, nos salve.

As três mulheres desapareceram como uma chuva.

Elas respingaram sobre a roupa de Blue e sobre os ombros de Gansey, e então a água se dissolveu no chão. Blue soltou um breve suspiro gemido, os ombros desabando.

As palavras de Gansey haviam funcionado mais uma vez, e ele continuava sem fazer a menor ideia de por que ou como deveria usar essa capacidade. Glendower controlara o tempo com suas palavras e falara com pássaros; Gansey se agarrava à possibilidade de que o seu rei, quando encontrado e desperto, explicaria as complexidades de Gansey *para* Gansey.

— Desculpe — disse Adam. — Foi uma idiotice da minha parte. Eu não tomei cuidado. E essa árvore é... Acho que ela amplificou isso.

— Talvez eu esteja amplificando também — disse Blue, encarando os ombros de Gansey, respingados de chuva, com uma expressão tão desconcertada que ele olhou de relance para o próprio blusão para ter certeza de que o borrifo não havia feito buracos no tecido.

— Podemos... podemos sair de Cabeswater agora?

— Acho que seria inteligente — aconselhou Aurora. Ela não parecia particularmente preocupada, só pragmática, e ocorreu a Gansey que, para um sonho, talvez um pesadelo fosse simplesmente um conhecido desagradável em vez de qualquer coisa sinistra.

— Você deve ficar longe dela — disse Ronan para sua mãe.

— Ela me encontra — Aurora disse.

— *Operae pretium est* — disse a Garota Órfã.

— Não seja esquisita — Ronan lhe disse. — Não estamos mais num sonho. Em inglês.

Mas ela não traduziu, e Aurora estendeu o braço para tocar a cabeça da menina, coberta por um solidéu.

— Ela será minha pequena ajudante. Vamos lá, vou acompanhar vocês até a saída.



De volta à entrada da floresta, Aurora os acompanhou até o Suburban. O carro estava fora dos limites da floresta, mas ela jamais caía no sono direto. Diferentemente das criaturas sonhadas de Kavinsky, que caíram no sono imediatamente após a sua morte, a esposa de Niall Lynch sempre conseguia persistir por um pouco mais de tempo sozinha. Ela ficara acordada por três dias após a sua morte. Uma vez ela ficara acordada por uma hora fora de Cabeswater. Mas, no fim, o sonho precisava do sonhador.

Então agora, enquanto os acompanhava até o Suburban, Aurora parecia mais ainda um sonho. Uma vez fora de Cabeswater, uma visão que perambulou para a vida desperta, trajada em flores e luz.

— Mande um beijo para o Matthew — disse Aurora, e abraçou Ronan. — Foi muito bom ver todos vocês novamente.

— Fique com ela — ordenou Ronan à Garota Órfã, que soltou um palavrão para ele. — Cuidado com o que você diz perto da minha mãe.

A garota disse algo mais, de modo ligeiro e adorável, e ele disparou:

— Não consigo entender isso quando estou acordado. Você tem que usar inglês ou latim. Você queria sair; você está na rua agora. As coisas são diferentes.

Seu tom chamou a atenção tanto de Aurora quanto de Adam.

— Não fique triste, Ronan — disse Aurora, o que o fez desviar os olhos de todos os outros, com uma postura de ombros impassível e furiosa.

Ela girou em um círculo, com as mãos estendidas.

— Vai chover — ela disse, e então se ajoelhou delicadamente.

Parado, sombrio e absolutamente real, Ronan fechou os olhos.

— Eu te ajudo a carregá-la — disse Gansey.



Assim que Blue voltou de Cabeswater, já se meteu em confusão.

Após os garotos a deixarem, ela entrou abruptamente na cozinha da Rua Fox, 300 e começou a interrogar Artemus, que ainda estava atrás da porta fechada da despensa. Quando ele deixou de responder às perguntas dela, razoavelmente formuladas a respeito de mulheres com mãos assassinas e com o rosto de Blue, assim como do possível paradeiro de Glendower, ela começou a falar cada vez mais alto e acrescentou pancadas na porta. Seu coração estava cheio da lembrança dos ombros respingados do blusão da Aglionby de Gansey — precisamente o que o seu espírito estivera usando na vigília da igreja — e sua cabeça estava tomada pela frustração de que Artemus sabia mais a respeito de tudo isso do que estava dizendo.

De uma posição mais elevada sobre o balcão, Gwenllian observava com deleite a ação.

— Blue! — a voz de sua mãe irrompeu de alguma outra parte na casa.

— *Bluuuuuuuuu*. Por que você não dá um pulo aqui para bater um papo com a gente?

Blue sabia que aquele tom pegajoso da voz da mãe era sinal de que ela estava com algum problema. Blue baixou o punho da porta fechada da despensa da cozinha e começou a subir a escada. A voz de sua mãe vinha do único banheiro compartilhado da casa, e, quando Blue chegou lá, encontrou sua mãe, Calla e Orla, todas sentadas dentro de uma banheira cheia, completamente vestidas e igualmente molhadas. Jimi estava sentada

sobre a tampa fechada da privada, com uma vela acesa nas mãos. Todas tinham chorado, mas nenhuma chorava agora.

— O que foi? — demandou Blue. Sua garganta estava um pouco dolorida, o que significava que ela tinha gritado mais alto do que gostaria.

Sua mãe a espiou com mais autoridade do que alguém poderia pensar que uma mulher em sua posição o faria.

— Você gostaria se alguém batesse na porta do seu quarto e ordenasse que você saísse?

— Uma despensa *não* é um quarto — disse Blue. — Para começo de conversa.

— As últimas décadas foram estressantes para ele — disse Maura.

— Os últimos *séculos* foram estressantes para Gwenllian, e ela pelo menos está sentada no balcão!

Da privada, Jimi disse:

— Você não pode comparar a capacidade de uma pessoa em lidar com situações com a de outra, querida.

Calla bufou.

— É por isso que vocês estão juntas numa banheira? — perguntou Blue.

— Não seja maldosa — respondeu Maura. — Nós estamos tentando fazer contato com a Persephone. E não, antes que você pergunte, não funcionou. E aproveitando que estamos falando da insensatez das suas escolhas, onde exatamente você esteve, que desapareceu? Estar suspensa não são férias.

Blue se irritou.

— Eu não estava *de férias!* Ronan sonhou sua criança interior ou algo assim, e tivemos que levar a garotinha para a mãe dele. Enquanto estávamos lá, vimos três mulheres daquela tapeçaria que eu te contei, e uma árvore esquisita, e Gansey poderia ter morrido com a maior facilidade, e eu estaria bem ali, ao lado dele!

As mulheres tinham uma expressão de pena, o que deixou Blue mais irritada ainda.

— Eu quero avisar o Gansey.

Silêncio.

Ela não sabia que diria isso até as palavras saírem de sua boca, mas agora já tinham sido ditas. Ela preencheu o silêncio.

— Eu sei que vocês já disseram antes que ficar sabendo disso apenas arruinaria a vida de uma pessoa, e não a salvaria. Eu entendo isso. Mas dessa vez é diferente. Nós vamos encontrar Glendower, e vamos pedir que ele salve a vida do Gansey. Então precisamos que ele permaneça vivo até lá. E isso significa que ele precisa parar de correr riscos!

Sua tênue esperança não suportaria mais pena àquela altura, mas, felizmente, não foi esse o retorno que ela teve. As mulheres se entreolharam, considerando a questão. Era difícil saber se elas estavam tomando decisões baseadas em meios usuais ou mediúnicos.

Então Maura deu de ombros:

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Sim, claro — disse Maura. Ela olhou de relance novamente para Calla em busca de confirmação, e Calla ergueu as sobrancelhas. — Conte a ele.

— Mesmo?

Blue provavelmente havia esperado que elas a pressionassem mais, pois, quando não o fizeram, ela sentiu como se um tapete tivesse sido puxado debaixo dela. Uma coisa era *informá-las* de que ela contaria a Gansey que ele morreria, e outra era se imaginar contando para ele. Não havia como desfazer isso quando terminasse. Blue cerrou os olhos — *seja sensata, coragem* — e os abriu.

A mãe olhou para a filha. A filha olhou para a mãe. Maura disse:

— Blue.

Blue se permitiu relaxar.

Jimi apagou a vela que ela segurava com um assopro e a colocou ao lado da privada. Então colocou os braços em torno dos quadris de Blue e a trouxe para o seu colo, como fazia quando Blue era pequena. Bem, Blue ainda era pequena. Quando Blue era *jovem*. A privada gemeu debaixo delas.

— Você vai quebrar a privada — disse Blue, mas ela deixou que Jimi a abraçasse e a puxasse para o seu busto largo. Ela suspirou, trêmula, enquanto Jimi fazia carinho em suas costas e ronronava para si mesma. Blue não conseguia entender como esse conforto infantil era ao mesmo tempo calmante e sufocante. Ela estava ao mesmo tempo feliz por isso e

desejando estar em algum outro lugar, com menos ligações a amarrando, a cada desafio ou tristeza em sua vida.

— Blue, você sabe que não é uma coisa ruim que você queira deixar Henrietta, certo? — sua mãe perguntou da banheira. Isso era tão precisamente o que Blue estivera pensando, que ela não sabia dizer se sua mãe havia trazido o assunto à tona porque ela era uma boa médium ou porque a conhecia bem.

Blue se apertou contra Jimi.

— *Pfff*.

— Nem sempre é fugir — disse Jimi, com a voz profunda ribombando através do peito até o ouvido de Blue. — Partir.

— Nós não vamos pensar que você odeia a Rua Fox — acrescentou Calla.

— Eu não odeio a Rua Fox.

Maura afastou a mão de Orla com um tapinha; Orla tentava trançar o cabelo úmido de Maura.

— Eu sei. Porque nós somos ótimas. Mas a diferença entre uma casa bacana e uma prisão bacana é realmente pequena. Nós escolhemos a Rua Fox. Nós a fizemos, Calla, Persephone e eu. Mas ela é apenas a sua história de origem, não o seu destino final.

Essa sabedoria de Maura deixou Blue contrariada por alguma razão.

— Diga alguma coisa — disse Orla.

Blue não sabia bem como dizê-lo; ela não sabia bem *o que* era.

— Isso... Só parece um desperdício muito grande. Apaixonar-se por todas essas pessoas. — Por todas essas pessoas ela se referia realmente a todas elas: os garotos, Jesse Dittley, a Rua Fox, 300. Para uma pessoa sensata, Blue achou que ela talvez tivesse problemas com o amor. Em uma voz perigosa, ela acrescentou:

— Não diga que "é uma boa experiência de vida". Não faça isso.

— Eu amei um monte de gente — disse Orla. — Eu diria que é uma boa experiência de vida. De qualquer maneira, eu disse a você muito tempo atrás que esses caras iam te deixar para trás.

— Orla — disparou Calla, enquanto a respiração seguinte de Blue saiu um pouco irregular. — Às vezes eu fico confusa quando imagino o que você deve dizer aos seus pobres clientes ao telefone.

— Como queira.

Maura lançou um olhar sombrio para Orla sobre o ombro, e então disse:

— *Eu* não ia dizer que é uma boa experiência de vida. Eu ia dizer que partir ajuda, às vezes. E nem sempre é um adeus para sempre. Há partir e há voltar.

Jimi balançou Blue. A tampa da privada rangeu.

— Acho que não vou conseguir ir para nenhuma das faculdades que quero — disse Blue. — O orientador acha que não vai ser possível.

— O que você quer? — perguntou Maura. — Não da faculdade. Da vida.

Blue engoliu a verdade de uma vez, pois ela estava pronta para avançar da crise e do choro para soluções e estabilidade. Então ela disse a verdade lenta e cuidadosamente, de maneira que fosse exequível.

— O que eu sempre quis. Ver o mundo. Tornar o mundo melhor.

Maura parecia escolher cuidadosamente as palavras.

— E você tem certeza que a faculdade é a única maneira de conseguir isso?

Esse era o tipo de resposta impossível que o orientador de Blue daria a ela após examinar sua situação financeira e acadêmica. Sim, ela tinha certeza. De que outra maneira ela poderia mudar o mundo para melhor, sem primeiro encontrar como fazê-lo? Como Blue poderia conseguir um trabalho que lhe pagasse para estar no Haiti, ou na Índia, ou na Eslováquia, se ela não fosse para a faculdade?

Então ela lembrou que não era seu orientador que lhe perguntava; era sua mãe, médium.

— O que devo fazer? — perguntou Blue cautelosamente. — O que vocês me viram fazendo?

— Viajando — respondeu Maura. — Mudando o mundo.

— Árvores em seus olhos — acrescentou Calla, mais delicadamente do que de costume. — Estrelas em seu coração.

— Como? — perguntou Blue.

Maura suspirou.

— Gansey se ofereceu para te ajudar, não foi?

Era um palpite que não exigia capacidade mediúnica, apenas uma compreensão mínima da personalidade de Gansey. Blue tentou se levantar, irada. Jimi não a deixou.

— Não vou pegar o trem de caridade do Gansey.

— Não fique assim — disse Calla.

— Assim como?

— Amarga. — Maura considerou a questão e então acrescentou: — Eu só quero que você olhe para o seu futuro como um mundo onde qualquer coisa é possível.

Blue disparou de volta:

— Tipo o Gansey não morrendo antes de abril? Tipo eu não matando meu amor verdadeiro com um beijo? Alguma dessas possibilidades?

Maura ficou calada por um longo minuto, durante o qual Blue se deu conta de que ela estava desejando ingenuamente que sua mãe lhe dissesse que ambas as previsões poderiam estar erradas e que Gansey ficaria bem. Mas, por fim, sua mãe simplesmente respondeu:

— A vida vai continuar depois que ele morrer. Você tem que pensar no que você vai fazer *depois*.

Blue estivera pensando sobre o que ela faria depois, razão pela qual ela tivera uma crise.

— Não vou beijá-lo, de qualquer forma, então não pode ser assim que ele será levado.

— Não acredito no conceito de amor verdadeiro — disse Orla. — Trata-se de uma construção de uma sociedade monogâmica. Nós somos animais. Fazemos amor nos arbustos.

— Obrigada por sua contribuição — disse Calla. — Vamos ligar para a previsão de Blue e informá-la.

— Você o ama? — perguntou Maura, curiosa.

— Eu preferiria não o amar — respondeu Blue.

— Ele tem milhares de defeitos. Eu posso te ajudar a focar neles — ofereceu sua mãe.

— Já conheço esses defeitos. Muito bem. É uma idiotice, de qualquer maneira. O amor verdadeiro *é* uma construção. O Artemus era o seu amor verdadeiro? O sr. Cinzento? Isso torna o outro *não* verdadeiro? Existe apenas uma chance e então acabou?

Essa última pergunta foi feita com mais impertinência que todas as outras, mas apenas porque era a que mais doía. Se Blue estava longe de assimilar a morte de Gansey, ela *certamente* não estava muito distante de assimilar a ideia de ele estar morto há tempo suficiente para que ela

valsasse alegremente em um relacionamento com uma pessoa que ela não tinha nem encontrado ainda. Ela só queria continuar sendo uma ótima amiga de Gansey, e talvez um dia também conhecê-lo carnalmente. Parecia ser um desejo muito sensato, e Blue, uma pessoa que havia buscado ser sensata durante toda a sua vida, se sentia bastante aborrecida que esse pequeno detalhe lhe estivesse sendo negado.

— Tome meu cartão de mãe — disse Maura. — Tome meu cartão de médium. Eu não sei as respostas para essas perguntas. Gostaria de saber.

— Pobre garota — murmurou Jimi, afagando o cabelo de Blue. — Humm, coisa boa que você não ficou mais alta.

— Por favor — disse Blue.

Calla ficou de pé com um suspiro, segurando o cano do chuveiro para se equilibrar. A água do banho se revolveu abaixo dela. Ela praguejou. Orla baixou a cabeça enquanto a água pingava da blusa de Calla.

— Nem mais um pingo de choro. Vamos fazer umas tortas.



A oitocentos quilômetros dali, Laumonier fumava um cigarro no cômodo principal de uma velha balsa portuária. O cômodo era prático e sem graça — janelas de vidro sujas afixadas no metal bruto, tudo tão frio e cheirando a peixe quanto o porto escuro. As decorações de aniversário eram as mesmas de uma celebração anterior, mas a passagem do tempo e a iluminação fraca as deixaram descoradas e vagamente sinistras enquanto chocalhavam na corrente.

Os olhos de Laumonier repousavam sobre as luzes distantes na linha do horizonte de Boston. Mas sua mente estava em Henrietta, Virgínia.

— Primeiro passo? — perguntou Laumonier.

— Não sei se é uma questão de ação — respondeu Laumonier.

— Eu gostaria de algumas respostas — disse Laumonier.

Os trigêmeos Laumonier eram praticamente idênticos. Havia ligeiras diferenças — um tinha um cabelo mais baixo, por exemplo, e um tinha um queixo visivelmente mais largo. Mas qualquer individualidade que tivessem na aparência, eles haviam destruído pela prática de uma vida inteira de apenas usar seu sobrenome. Uma pessoa de fora saberia que não estava falando com o mesmo Laumonier que ela havia falado em uma visita anterior, mas os irmãos teriam se referido a si mesmos pelo mesmo nome, então ela teria de tratá-los como a mesma pessoa. Não havia realmente trigêmeos Laumonier. Havia apenas Laumonier.

Laumonier soou indeciso.

— Como você espera conseguir essas respostas?

— Um de nós vai até lá — disse Laumonier —, e o questiona.

Até lá significava a casa em Back Bay do seu velho rival Colin Greenmantle e *questionar* significava lhe infligir algo desagradável em troca de meia década de afrontas. Laumonier estivera no comércio de artefatos mágicos desde que chegara a Boston, e havia enfrentado pouca competição até que o novo-rico almofadinha do Greenmantle entrara nele. Os vendedores haviam ficado gananciosos. Os artefatos haviam ficado caros. Capangas haviam se tornado uma necessidade. Laumonier achava que tanto Colin Greenmantle quanto sua esposa, Piper, tinham visto filmes de máfia demais.

Agora, no entanto, Colin havia demonstrado alguma fraqueza ao bater em retirada de seu território há tanto tempo defendido de Henrietta. Sozinho. Não havia sinal de Piper.

Laumonier queria saber qual o significado disso.

— Eu não me oponho — disse Laumonier, soltando uma nuvem de fumaça de cigarro no cômodo fechado. Sua insistência em fumar tornava impossível para os outros dois abandonar o cigarro, uma desculpa que todos eles apreciavam.

— Bem, eu me oponho — respondeu Laumonier. — Não quero criar confusão. E aquele mercenário dele é aterrorizante.

Laumonier bateu a cinza do cigarro e olhou de relance para as bandeirolas como se imaginasse incendiá-las.

— O que se fala por aí é que o Homem Cinzento não está mais trabalhando para ele. E somos perfeitamente capazes de ser discretos.

Laumonier compartilhava nome e metas, mas não metodologia. Um deles pendia para a cautela e outro para o fogo, deixando o último como pacificador e advogado do diabo.

— Certamente há outra maneira de se descobrir a respeito... — começou Laumonier.

— Não diga o nome — os outros dois o interromperam imediatamente.

Laumonier premiu os lábios. Era um gesto dramático, uma vez que todos os irmãos tinham bocas expressivas, um efeito que se tornava um tanto belo em um deles e um tanto obsceno em outro.

— Então vamos até lá conversar... — começou de novo Laumonier.

— Conversar — rosnou Laumonier, brincando com seu isqueiro.

— Pare com isso, por favor. Você fala como um pivete.

Esse Laumonier havia mantido o sotaque para usar em situações exatamente como essa. Acrescentava peso ao seu desdém.

— O advogado disse que eu não deveria cometer outro delito por pelo menos seis meses — disse Laumonier melancolicamente, apagando o cigarro.

Laumonier zumbiu baixo.

Embora fosse perturbador se qualquer um dos irmãos proferisse um zumbido do nada, houve um mal-estar arrepiante que se somou ao ruído que imediatamente gelou o ambiente.

Os outros dois se entreolharam de maneira suspeita — desconfiados não um do outro, mas de tudo que não fosse um ou o outro. Eles examinaram o irmão zumbidor em busca de sinais de uma doença, e então em busca de indícios de um amuleto antigo roubado de uma tumba francesa, um bracelete misterioso comprado no mercado negro do Chile, uma fivela de cinto sinistra furtada da Mongólia, ou um cachecol inescrutável feito de uma mortalha peruana. Qualquer coisa que pudesse produzir efeitos colaterais sobrenaturais.

Não encontraram nada, mas o zumbir não cessava, então eles vasculharam metodicamente o cômodo, tateando debaixo de cadeiras e ao longo de saliências, ocasionalmente olhando um para o outro de relance para ter certeza de que havia apenas um Laumonier zumbidor ainda. Se fosse algo ruim, Greenmantle era o candidato mais provável. Eles tinham outros amigos, é claro, mas Greenmantle era o mais próximo de casa. De todas as maneiras.

Laumonier não encontrou nada sobrenaturalmente interessante, apenas um esconderijo com joaninhas preservadas.

— Ei. Sou eu.

Laumonier voltou sua atenção para o irmão zumbidor, que havia parado de zumbir e largado o cigarro, que brilhava impotentemente sobre o chão de metal estampado. Ele franziu o cenho em direção ao porto de maneira introspectiva, de certa forma contrária à sua natureza costumeira.

— Isso foi ele? — perguntou Laumonier.

Laumonier fechou a cara.

— Não foi a voz dele, foi?

O irmão que estivera zumbindo perguntou:

— Vocês conseguem me ouvir? Sou nova nisso.

Certamente não era sua voz. E certamente não era sua expressão facial. Suas sobrancelhas se moveram de uma maneira que elas sempre foram capazes de fazer, certamente, mas jamais haviam sido solicitadas a fazê-lo. Isso o fez parecer imediatamente mais jovem e mais intenso.

O Laumonier coletivo sentiu uma pontada de possível compreensão.

— Quem está falando? — demandou Laumonier.

— É a Piper.

Aquele era um nome que tinha um efeito imediato e visceral em Laumonier: ira, traição, choque e então de volta para ira e traição. Piper Greenmantle. A esposa de Colin. Seu nome não fora mencionado na conversa antes e, no entanto, ali estava ela, invadindo-a de qualquer maneira.

— Piper! Como assim, é a Piper? Saia dele.

— Ah, é assim que isso funciona? — ela perguntou com curiosidade. — Isso é horripilante? Um telefone de possessão?

— *É* você — disse Laumonier de maneira assombrada.

— Olá, pai — disse Piper.

Embora tivessem se passado anos, Laumonier ainda reconhecia os trejeitos de sua filha muito bem.

— Não acredito. O que você quer? Como tem passado o FDP do seu marido?

— Ele está em Boston sozinho — respondeu Piper. — Provavelmente.

— Eu só estava perguntando para ver o que você iria dizer — respondeu Laumonier. — Eu já sabia disso.

— Você estava certo; eu estava errada. Não quero brigar mais.

O Laumonier que havia apagado o cigarro agora afagava o olho de uma maneira sentimental.

O Laumonier que nunca parava de fumar disparou:

— Dez anos e agora "não quer brigar mais"?

— A vida é curta. Eu gostaria de fazer negócios com vocês.

— Deixe-me ver se estou entendendo bem a situação. Você quase nos mandou para a prisão no ano passado. O seu marido matou um fornecedor por um produto que não existe. Você está nos possuindo. E quer fazer negócios com a gente? Isso não combina com a mulherzinha bonita de Colin Greenmantle.

— Não, certamente não. Por isso estou ligando. Estou virando uma nova página.

— De qual árvore estamos falando? De onde vem a folha dessa página? — perguntou Laumonier, desconfiado.

— Uma bela árvore, com raízes sobrenaturais — respondeu Piper. — Tenho algo incrível para lhes mostrar aqui. Extraordinário. A compra de uma vida. De um século. Preciso que parem com tudo que estão fazendo, tragam todos para cá, para o seu leilão. Vai ser grande.

Laumonier parecia esperançoso.

— Nós...

O único Laumonier que ainda estava fumando o interrompeu:

— Depois de agosto? Não acredito que você espere que simplesmente passemos a trabalhar juntos. Pode me chamar de maluco, amor, mas não confio em você.

— Você simplesmente terá de aceitar a minha palavra.

— Essa é a coisa menos valiosa que você tem para oferecer — respondeu Laumonier friamente. Ele passou o cigarro para o outro irmão para que pudesse enfiar a mão por dentro do casaco e do colarinho do blusão até as contas de seu rosário. — Você a desvalorizou bastante nos últimos dez anos.

— Você é o pior pai que existe — disparou Piper.

— Para ser sincero, você é a pior filha que existe.

Ele pressionou o rosário contra o irmão previamente zumbidor. Imediatamente, ele cuspiu sangue e caiu de joelhos, sua própria expressão transformando-se em seu rosto novamente.

— Isso — disse Laumonier. — Era o que eu suspeitava.

— Não acredito que você cortou a conexão antes que eu pudesse dizer adeus — respondeu Laumonier, magoado.

— Acho que eu estava possuído — disse Laumonier. — Vocês viram alguma coisa?



De volta a Henrietta, a noite seguiu seu curso.

Richard Gansey não estava conseguindo dormir. Quando fechava os olhos: as mãos de Blue, a voz dele, a escuridão sangrando de uma árvore. Estava começando, começando. Não. Estava terminando. Ele estava terminando. Esse era o cenário do seu apocalipse pessoal. O que era empolgação quando ele estava desperto fundia-se em apreensão quando estava cansado.

Gansey abriu os olhos.

Em seguida abriu a porta de Ronan apenas o suficiente para confirmar que o amigo estava lá, dormindo de boca aberta e com os fones de ouvido ligados a todo volume. Motosserra, um monte imóvel em sua gaiola. Então Gansey o deixou e seguiu para a escola de carro.

Ele usou seu velho código de chave para entrar no complexo atlético *indoor* da Aglionby, e então tirou a roupa e nadou na piscina escura, no ambiente mais escuro, todos os ruídos estranhos e abafados à noite. Ele foi e voltou diversas vezes, como costumava fazer quando chegara pela primeira vez à escola, quando fazia parte da equipe de remo, quando às vezes chegava ainda mais cedo que o treino de remo, só para nadar. Gansey tinha quase esquecido como era a sensação de estar na água: era como se o corpo não existisse; ele era apenas uma mente sem fronteiras. Ele se impulsionava de uma parede que mal conseguia distinguir e partia em direção à parede oposta menos visível ainda, sem conseguir mais se ater às suas preocupações concretas. Escola, diretor Child, Glendower. Ele

era apenas esse minuto atual. Por que abrira mão disso? Gansey não conseguia lembrar.

Naquela água escura, ele era apenas Gansey agora. Ele jamais morrera, e não morreria novamente. Ele era apenas Gansey, agora, agora, apenas agora.

Ele não conseguia ver, mas Noah estava parado na beira da piscina e o observava. Ele mesmo fora um nadador, um dia.



Adam Parrish estava trabalhando. Ele tinha um turno tarde aquela noite no armazém, descarregando potes de conserva, produtos eletrônicos e brinquedos de montar baratos. Às vezes, quando ele trabalhava tarde assim, quando estava cansado, sua mente corria de volta para sua vida no parque de trailers. Nem temeroso, tampouco nostálgico, apenas esquecido. De certa maneira, Adam havia deixado de lembrar que as coisas haviam mudado, e suspirava enquanto se imaginava dirigindo de volta para o trailer quando seu turno terminasse. Então haveria um choque de surpresa quando sua mente consciente se realinhava com a realidade do seu apartamento, no piso superior da Igreja de Santa Inês.

Hoje à noite, mais uma vez, ele lembrou equivocadamente de sua vida e deu uma guinada ao relembrar que ele havia melhorado as coisas, e, à medida que o alívio o perpassava lentamente, ele lembrou do rosto assustado da Garota Órfã. Com certeza os sonhos de Ronan eram muitas vezes coisas assustadoras, e, diferentemente deste, ela não tinha esperança de despertar. Quando ele a trouxera de volta para o mundo real, a Garota Órfã deve ter pensado que ela também havia descolado para si uma vida nova. Mas, em vez disso, eles só a levaram para outro pesadelo.

Adam disse a si mesmo que ela não era real.

Mas a culpa o consumia.

Ele pensou sobre como hoje à noite ele retornaria ao lar que ele havia construído para si mesmo. A Garota Órfã, no entanto, permaneceria presa no mundo dos sonhos, usando seu velho relógio e seu velho medo.

Enquanto Adam pegava a prancheta do estoque, pensamentos de Cabeswater não o deixavam, lembrando-o de que ele ainda precisava considerar a origem da árvore escurecida. Ao soltar um suspiro, Aglionby colocou pressão em Adam, lembrando-o de que ele ainda tinha uma dissertação de três páginas sobre a economia dos anos 30 para entregar. Ao subir no carro, o motor de arranque reclamou. Ele precisava dar uma olhada nele antes que apagasse completamente.

Adam não tinha tempo para devotar à garota de sonho de Ronan; ele tinha seus próprios problemas.

Mas não conseguia parar de pensar nela.

Seus pensamentos eram concentrados enquanto os dedos deslizavam pela direção à sua frente. Ele levou um momento para se dar conta do que estava acontecendo, na realidade, apesar de olhar precisamente para a cena que se desenrolava. Sua mão galopava no topo da direção, sentindo a borda, testando a pressão de cada digital contra a superfície.

Adam não havia dito para sua mão se mexer.

Ele fechou aquela mão em punho e a puxou da direção. Em seguida segurou o punho com a outra mão.

Cabeswater?

Mas Cabeswater não parecia mais presente dentro dele do que costumeiramente ocorria quando ele não estava tentando chamar-lhe atenção. Adam estudou sua palma no brilho cavernoso da iluminação de rua, desconcertado com a imagem de seus dedos se mexendo com a rapidez das pernas de um inseto, sem que sua mente estivesse ligada a eles. Agora que Adam olhava direto para sua mão de sempre, as linhas escuras com a poeira do papelão e verniz do metal, ele tinha a impressão de que havia imaginado tudo. Como se Cabeswater tivesse lhe enviado a imagem.

Relutantemente, Adam se lembrou das palavras do pacto que ele havia feito com a floresta: *Eu serei suas mãos. Eu serei seus olhos.*

Ele pousou a mão mais uma vez sobre o centro da direção. Ela ficou ali, parecendo estranha com a faixa pálida de pele onde seu relógio estivera. Ela não se movia.

Cabeswater?, pensou Adam novamente.

Folhas sonolentas desenrolaram-se em seus pensamentos, uma floresta à noite, fria e tardia. Sua mão seguiu onde ele a havia colocado. O coração

de Adam ainda se arrastava dentro dele, como a imagem de seus dedos se movendo, aleatoriamente.

Ele não sabia se aquilo era real. *Real* estava se tornando um termo cada dia menos útil.



De volta a Monmouth, Ronan Lynch sonhava.

O sonho era uma memória. Uma Barns verdejante de verão, viçosa e desordenada de insetos e umidade. Água borrifava de um regador aninhado na relva. Matthew corria através dela de calção de banho. Jovem. Gorducho. Os anéis do cabelo branqueados de sol. Ele ria de uma maneira solta e contagiante. Um segundo mais tarde, outro garoto se lançou contra ele, derrubando-o sem hesitação. Os dois garotos rolaram, cobertos de folhas molhadas de grama.

Esse outro garoto colocou-se de pé. Ele era mais alto, sinuoso, confiante. Seu cabelo era longo, escuro e crespo, chegando quase até o queixo.

Esse era o Ronan, antes.

Agora havia um terceiro garoto, saltando cuidadosamente sobre o regador. *Jack seja ágil, jack seja rápido*.

Rá, você achou que não seria eu, disse Gansey, pousando a palma das mãos sobre os joelhos despidos.

Gansey! Essa era Aurora, já rindo enquanto dizia o nome dele. O mesmo riso desregrado de Matthew. Ela direcionou o regador bem em sua direção, encharcando-o imediatamente.

Ronan, antes, observou Ronan, depois.

Ele percebeu o momento em que se deu conta de que estava sonhando — ele ouviu o som eletrônico em seus ouvidos —, e sabia que poderia despertar. Mas essa memória, essa memória perfeita... ele se tornou aquele Ronan, antes, ou o Ronan antes se tornou o Ronan, depois.

O sol ficava cada vez mais brilhante. Mais brilhante.

Mais brilhante.

Era um olho elétrico, branco de calor. O mundo estava crestado de luz, ou de sombra, e nada mais. Gansey protegeu os olhos. Uma pessoa emergiu da casa.

Declan. Algo em sua mão. Escuro nessa luz berrante.

Uma máscara.

Olhos redondos, sorriso aberto.

Ronan não se lembrava de nada da máscara, exceto horror. Algo a respeito dela era terrível, mas ele não conseguia lembrar o que era agora. Todo pensamento incinerava-se para fora dele, nesse lixo nuclear que sua memória se transformara.

O irmão Lynch mais velho se afastou, decidido, os sapatos fazendo ruído no gramado encharcado.

O sonho estremeceu.

Declan começou a correr, bem na direção de Matthew.

— Garota Órfã! — gritou Ronan, colocando-se de pé com esforço. — Cabeswater! *Tir e e'lintes curralo!*

O sonho estremeceu novamente. Uma aparição de uma floresta se sobrepôs sobre o sonho inteiro, um quadro enfiado no rolo de um filme.

Ronan saiu correndo pela grama branca doentia.

Declan alcançou Matthew primeiro. O irmão Lynch mais novo inclinou a cabeça em sua direção, confiante, e esse era o pesadelo.

Cresce, imbecil, disse Declan para Ronan, e colocou a máscara com um tapa no rosto de Matthew.

Esse era o pesadelo.

Ronan arrancou Matthew de Declan; o sonho arfou novamente. Ele tinha a forma familiar do seu irmão mais novo em seus braços, mas era tarde demais. A máscara primitiva era uma parte integral do rosto de Matthew.

Um corvo voou acima da cabeça deles e desapareceu céu adentro.

Vai ficar tudo bem, disse Ronan a seu irmão. *Você pode viver desse jeito. Só que você nunca vai poder tirá-la do rosto.*

Os olhos de Matthew não transmitiam medo em suas órbitas grandes. Esse era o pesadelo. Esse era o pesadelo. Esse era o...

Declan arrancou a máscara.

Uma árvore atrás de si exsudou um líquido negro.

O rosto de Matthew consistia de linhas e traços. Não estava sangrento; não era horrível; simplesmente não era um rosto, então era terrível. Ele não era uma pessoa, ele era apenas uma coisa desenhada.

O peito de Ronan sacudia em soluços silenciosos e abafados. Ele não chorava assim há muito tempo...

O sonho estremeceu. E agora não era somente Matthew que havia se desfeito; tudo se desfazia. As mãos de Aurora apontavam uma para a outra, todos os dedos dobrados para trás em direção ao peito — linhas, desfeitas. Atrás deles, Gansey estava de joelhos, os olhos mortos.

A garganta de Ronan estava em carne viva. *Eu faço qualquer coisa! Eu faço qualquer coisa! Eu faço qualq...*

O pesadelo desfazia tudo que Ronan amava.

Por favor...



Nos dormitórios da Aglionby, Matthew Lynch despertou. Quando se espreguiçou, sua cabeça bateu na parede; ele havia rolado direto nela durante a noite. Foi só quando seu colega de quarto, Stephen Lee, bufou, que ele percebeu que estava desperto porque seu telefone tocava.

Ele o tateou até o ouvido.

— Hum?

Não houve resposta. Matthew piscou em direção à tela para ver quem estava ligando, então o colocou de volta no ouvido. Sussurrou, sonolento: — Ronan?

— Onde você está? No seu quarto?

— Hã.

— Estou falando sério.

— Ãhã.

— Matthew.

— Sim, sim, estou no meu quarto. O SL te odeia. São duas por aí. O que você quer?

Ronan não respondeu imediatamente. Matthew não podia vê-lo, mas ele estava em sua cama em Monmouth, encolhido, a testa pousada sobre os joelhos, uma mão segurando a própria nuca, o telefone pressionado contra o ouvido.

— Só para saber se você está bem.

— Estou bem.

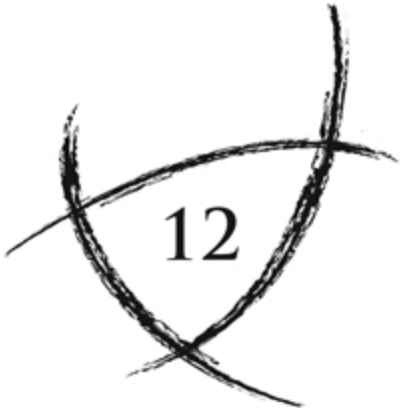
— Vá dormir, então.

— Ainda estou dormindo agora.

Os irmãos desligaram.



Na rua, aninhado à linha ley, algo sombrio observava tudo isso, tudo que se passava na noite de Henrietta. E dizia: *Estou desperto estou desperto estou desperto*.



A manhã seguinte estava exageradamente ensolarada e quente.

Gansey e Adam estavam junto às portas duplas do Teatro Memorial Gladys Francine Mollin Wright, as mãos unidas, solenemente. Eles haviam sido convocados para auxiliar na cerimônia — apenas Adam tinha sido realmente, mas Gansey se voluntariara para assumir o lugar de Brand como o outro auxiliar. Ronan não estava em parte alguma. A contrariedade fervia dentro de Gansey.

— O Dia do Corvo — disse o diretor Child — é mais do que um dia de orgulho da escola. Pois não temos orgulho da escola todos os dias?

Ele estava de pé no palco. Todos suavam de leve, mas ele não. O diretor Child era um caubói magro e durão na condução do gado que era a vida, a pele estriada como a face da parede de um cânion manchada pelo sol. Há muito que Gansey sustentava que Child era um desperdício ali. Colocar um sobrevivente desse naipe em um terno e uma gravata cinza-claros era desperdiçar a oportunidade de colocá-lo no lombo de um cavalo de rodeio e com um chapéu de vaqueiro.

Adam lançou um olhar cúmplice para Gansey. Ele fez com a boca *ihhh-háá.* Então os dois abriram um sorriso e tiveram de desviar o olhar um do outro. O olhar de Gansey pousou bem em Henry Cheng e na turma de Vancouver, todos sentados juntos, próximos do fundo. Como se sentisse sua atenção, Henry olhou sobre o ombro. Suas sobrancelhas ergueram-se imediatamente. Gansey se lembrou desconfortavelmente de como Henry

tinha visto a Garota Órfã no banco de trás do Suburban. Ele exigiria, em algum momento, uma explicação, uma desconversa, ou uma mentira.

—... para *este* Dia do Corvo — insistiu Child.

Normalmente, Gansey ficava encantado com o Dia do Corvo. Nesse dia, tinha tudo que ele gostava: alunos reunidos elegantemente, vestindo camiseta branca e calça cáqui, feito figurantes de um documentário da Primeira Guerra Mundial; hasteamento de bandeiras; equipes se enfrentando com direito a todos os gritos de encorajamento; pompa, circunstância, piadas internas; corvos pintados por toda parte. Essa safra de alunos do segundo ano fizera corvos para todo o corpo discente, a fim de encenar um conflito simulado no refeitório, enquanto os fotógrafos da escola capturavam rostos radiantes para outro ano de materiais promocionais.

Agora tudo em Gansey clamava urgentemente que ele investisse seu tempo buscando. Sua busca era um lobo, e ele estava faminto.

— Hoje é o décimo aniversário do Dia do Corvo — disse Child. — Dez anos atrás, as festividades que celebramos hoje foram propostas por um aluno que frequentava Aglionby há anos. Infelizmente, Noah Czerny não pode estar aqui hoje para festejar, mas, antes que o façamos, temos a sorte de ter uma de suas irmãs mais jovens aqui, para nos contar um pouco mais a respeito de Noah e das origens dessa comemoração.

Gansey teria achado que ouvira mal, se Adam não tivesse olhado de relance para ele e pronunciado: *Noah?*

Sim, Noah, porque ali estava uma das irmãs Czerny, subindo ao palco. Mesmo se Gansey não a tivesse reconhecido do funeral, ele teria reconhecido a boca pequena de Noah, os olhos diminutos com bolsas escuras embaixo, as orelhas grandes escondidas debaixo do cabelo fino. Era esquisito ver os traços de Noah em uma mulher jovem. Era mais esquisito ainda vê-los em qualquer pessoa viva. Ela parecia velha demais para ser a irmã mais nova de Noah, mas isso era só porque Gansey havia esquecido que Noah existia em suspensão. Ele teria vinte e quatro agora, se tivesse sido salvo em vez de Gansey.

Um calouro disse algo que Gansey não pegou, o que lhe rendeu a expulsão do teatro. A irmã de Noah se inclinou na direção do microfone e disse algo também muito baixo para que ele pegasse, e então mais algo,

que foi abafado por um ruído agudo enquanto o engenheiro de som tentava ajustar o volume. Finalmente, ela disse:

— Olá, meu nome é Adele Czerny. Não vou fazer um discurso realmente longo. Quer dizer, já passei por esses eventos quando tinha a idade de vocês, e eles são terrivelmente chatos. Só vou dizer algumas coisas sobre o Noah e o Dia do Corvo. Alguém aqui o conhecia?

Em uníssono, Gansey e Adam começaram a levantar as mãos, mas rapidamente as baixaram. Sim, eles o conheciam. Não, eles não o tinham *conhecido*. Noah, vivo, estivera antes da temporada deles ali. Noah, morto, era um fenômeno, não um conhecido.

— Bem, vocês não sabem o que perderam — ela disse. — Minha mãe sempre dizia que ele era terrível, que sempre era multado por excesso de velocidade, que subia nas mesas nas reuniões de família, coisas desse tipo. Ele sempre tinha muitas ideias. E era muito hiperativo.

Adam e Gansey trocaram um olhar. Eles sempre tiveram a impressão que o Noah que conheciam não era o verdadeiro. Era simplesmente desconcertante ouvir quanta *Noahcidade* a morte havia tirado dele. Era impossível não conjecturar o que Noah teria feito de sua vida se tivesse continuado vivo.

— De qualquer forma, estou aqui porque fui a primeira pessoa a ouvir sobre a sua ideia do Dia do Corvo. Ele me chamou uma noite, acho que ele tinha uns catorze anos, e disse que tinha *sonhado com* corvos lutando. Falou ainda que eles tinham todas as cores, tamanhos e formas, e ele estava dentro deles, e estavam, tipo, girando em volta dele. — Ela girou em torno de si em um redemoinho; ela tinha as mãos de Noah, os cotovelos de Noah. — Ele me falou: "Acho que seria um projeto de arte superlegal". E eu falei: "Aposto que, se todo mundo na escola fizesse um corvo, você teria corvos suficientes".

Gansey sentiu os pelos dos braços se eriçarem.

— Então eles estão voando e fazendo manobras vertiginosas, e não há nada a não ser sonhos por toda parte — disse Adele. Gansey não tinha certeza se ela dissera realmente isso, ou se ele a ouvira errado e estava simplesmente se lembrando pela metade de algo que ela já havia dito. — De qualquer maneira, eu sei que ele gostaria de ver como este dia é celebrado agora. Então, hum, obrigada por lembrarem de um dos sonhos malucos dele.

Ela deixou o palco; Adam cobriu um dos olhos com uma mão; houve a palma dupla respeitosa dos alunos da Aglionby no lugar de um aplauso indisciplinado.

— Vamos, corvos! — disse Child.

Essa era a deixa para que Adam e Gansey abrissem as portas. Alunos verteram para fora. Umidade e calor verteram para dentro. O diretor Child se juntou a eles no vão da porta.

Ele apertou a mão de Gansey, então a de Adam.

— Obrigado por seus serviços, cavalheiros. Sr. Gansey, não achei que sua mãe conseguisse organizar o evento para arrecadar fundos e uma lista de convidados até esse fim de semana, mas estamos quase lá. Ela tem meu voto para governar o país.

Ele e Gansey trocaram um sorriso de camaradas, do tipo que surge após a assinatura de um contrato. Teria sido um bom momento se tivesse terminado ali, mas Child se deixou ficar, puxando um papo cortês com Gansey e Adam — seu melhor aluno e o mais brilhante, respectivamente. Por sete minutos torturantes, eles revisitaram o tempo, falaram dos planos para o feriado do Dia de Ação de Graças, das experiências comuns no Museu Colonial Williamsburg, e então, finalmente, exaustos, seguiram seus caminhos enquanto os alunos do segundo ano apareciam com seus guerreiros corvos.

— Meu Deus — disse Gansey, um pouco ofegante por causa do esforço.

— Achei que ele não iria embora nunca — disse Adam. Ele tocou a parte de baixo da pálpebra esquerda, apertando-a até fechá-la, antes de mirar além de Gansey. — Se... ah. Já volto. Acho que entrou alguma coisa no meu olho.

Ele deixou Gansey, e este se deixou relaxar no Dia do Corvo. Ele se viu ao pé da escada onde os alunos estavam recebendo corvos. O bando era composto de papel, folhas de alumínio, madeira, papel machê e latão. Alguns pássaros flutuavam com barrigas de balão de hélio. Alguns planavam. Outros oscilavam sobre múltiplos suportes, com hastes em separado para controlar asas que batiam.

Noah tinha feito isso. Noah tinha *sonhado* isso.

— Já vou te dar um pássaro — disse um aluno do segundo ano, passando-lhe um corvo negro sem graça feito de jornal, preso a uma

estrutura de madeira.

Gansey se misturou à turma de garotos. A turma de Noah. Em um mundo melhor, Noah estaria dando aquela apresentação de décimo ano.

Ao nível dos olhos, a paisagem estava tomada por varetas, braços e camisetas brancas, mecanismos e engrenagens. Mas se você semicerrasse os olhos em direção ao céu muito brilhante, as varetas e os alunos desapareceriam, e a vastidão se revelava cheia de corvos. Eles davam rasantes e atacavam, desciam e subiam, batiam asas e giravam.

Estava muito quente.

Gansey sentiu o tempo escapar. Só um pouco. A questão era que essa visão era muito estranhamente parecida com algo de sua outra vida, sua vida real; esses pássaros eram objetos de sonho de Ronan. Parecia injusto que Noah devesse ter morrido, e Gansey não. Noah estava *vivendo* quando foi assassinado. Gansey, marcando passo.

— Quais são as regras dessa batalha mesmo? — ele perguntou sobre o ombro.

— Nenhuma regra na guerra, fora permanecer vivo.

Gansey se virou; asas passaram batendo por seu rosto. Ele estava espremido por ombros e costas, sem saber dizer quem havia falado, sem um rosto para olhar, se é que alguém havia realmente falado.

O tempo dava puxões em sua alma.

A orquestra da Aglionby começou a tocar. O primeiríssimo compasso era uma passagem harmoniosa executada por vários instrumentos, mas um dos instrumentos de sopro errou feio a primeira nota da frase seguinte. No mesmo instante, um inseto passou zumbindo pelo rosto de Gansey, tão próximo que ele pôde senti-lo. Subitamente, tudo ficou inclinado de lado. O sol acima queimava branco. Corvos batiam as asas em torno de Gansey enquanto ele se virava, procurando por Adam, Child, ou qualquer coisa que não fosse só uma camiseta branca, uma mão, um pássaro batendo asas. Seus olhos prenderam-se no próprio punho. Seu relógio dizia 6h21.

Estivera quente quando ele morrera.

Ele estava em uma floresta de varetas de madeira, de pássaros. Os instrumentos de sopro murmuravam; as flautas gritavam. Asas zumbiam, sopravam e tremiam à sua volta. Ele podia sentir as vespas em seus ouvidos.

Elas não estão aqui.

Mas aquele grande inseto farfalhava à sua volta novamente, em círculos.

Fazia anos desde que Malory fora forçado a parar no meio do caminho de uma escalada para esperar enquanto Gansey caía de joelhos, as mãos cobrindo os ouvidos, tremendo, morrendo.

Ele havia trabalhado duro para se afastar daquilo.

Elas não estão aqui. Você está no Dia do Corvo. Você vai comer sanduíches depois disso. Você vai fazer uma ligação direta no Camaro no estacionamento depois da escola. Você vai dirigir até a Rua Fox, 300. Você vai contar à Blue sobre o seu dia você vai...

Os insetos provocavam coceira em suas narinas e movimentavam seu cabelo suavemente, coletivamente agitados. O suor corria direto pela espinha. A música tremeluzia. Os alunos haviam se tornado espíritos, passando por ele e à sua volta sem lhe dar atenção. Seus joelhos estavam prestes a ceder; Gansey os deixaria.

Ele não podia recriar sua morte aqui. Não agora, não quando tudo estaria fresco na memória de todos no evento para arrecadar fundos — *Gansey Terceiro pirou no Dia do Corvo, você ficou sabendo?; Sra. Gansey, poderíamos ter uma palavra sobre o seu filho?* — ele não seria o assunto do evento.

Mas o tempo escorria; Gansey escorria. Seu coração pulsava com sangue escuro, escuro.

— GanseyCara.

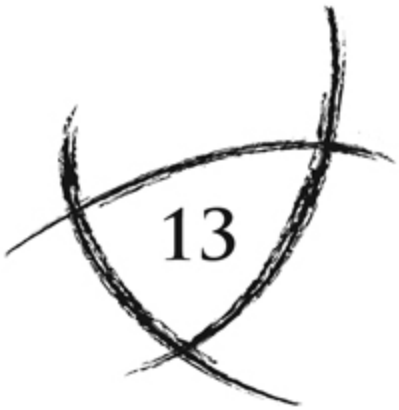
Gansey não conseguia se concentrar bem nas palavras. Henry Cheng estava parado à sua frente, todo cabelo e sorrisos, os olhos intensos. Ele tirou o corvo de Gansey e em seu lugar pressionou algo frio na mão dele. Frio, cada vez mais frio.

— Uma vez você me deu café — disse Henry. — Quando eu estava pirando. Considere retribuído o favor.

Gansey estava segurando um copo plástico de água com gelo, o que não deveria ter lhe provocado nada, mas algo funcionou: a diferença de temperatura chocante, o som ordinário dos cubos de gelo batendo uns contra os outros, o contato do olhar. Os alunos ainda davam voltas em torno deles, mas eram mais uma vez alunos. A música era mais uma vez só uma orquestra de escola, tocando uma nova composição em um dia incrivelmente quente.

— Aqui está ele — disse Henry. — Festa de toga hoje à noite, Richard, na Mansão Litchfield. Traga seus garotos e sua noivinha.

Então ele não estava mais ali, deixando corvos batendo asas onde estivera.



Adam achara que havia algo em seu olho. A sensação começara enquanto ele estava parado no teatro encalorado. Não era nem tanto uma irritação, mas uma fadiga, como se tivesse olhado para uma tela por tempo demais. Ele poderia tê-la suportado até o fim do dia na escola se o olho tivesse ficado daquele jeito, mas sua visão estava se tornando um pouco embaçada agora. Se fosse só isso não haveria tanto problema, mas o fato de ele poder *sentir* o olho, bem... ele precisava dar uma conferida no que estava acontecendo.

Em vez de voltar para um dos prédios acadêmicos, ele desceu rapidamente a escada até a porta lateral do teatro. Havia banheiros na área debaixo do palco, e foi para lá que ele se dirigiu, passando por animais de múltiplas pernas feitos de cadeiras velhas empilhadas, silhuetas estranhas de árvores cenográficas, e oceanos sem fundo de cortina negra pendurada sobre tudo. O corredor era escuro e estreito, as paredes, horrores de tinta verde lascada. Com uma mão cobrindo o olho, Adam se achou distorcido e enervante, e então se lembrou novamente da cena de sua mão movendo-se sozinha.

Ele precisava trabalhar com Cabeswater, pensou, e descobrir o que estava acontecendo com aquela floresta.

A luz do banheiro estava apagada. Isso não era problema — o interruptor ficava logo passando a porta —, mas, mesmo assim, Adam não estava muito entusiasmado em colocar a mão escuridão adentro para

encontrá-lo. Ele ficou parado ali, o coração um pouco rápido demais, até que olhou para trás de si.

O corredor parecia fechado e escuro, impassível sob a luz fluorescente doentia. As sombras eram inseparáveis das cortinas de palco. Grandes faixas negras conectavam tudo.

Acenda a luz, pensou Adam.

Com a mão livre, a que não estava cobrindo o olho, ele adentrou o espaço do banheiro.

Adam o fez rápido, os dedos avançando pelo frio, pelo escuro, tocando algo...

Não, era só uma videira de Cabeswater, apenas em sua cabeça. Ele investiu a mão impetuosamente ao largo dela e acendeu a luz.

O banheiro estava vazio.

É claro que estava vazio. É claro que estava vazio. É claro que estava vazio.

Dois cubículos de madeira compensada pintada de verde, nem de perto de acordo com as leis de acessibilidade, nem de perto de acordo com as leis de higiene. Um mictório. Uma pia com um anel amarelo em torno do dreno. Um espelho.

Adam parou na frente do vidro, a mão sobre o olho, e examinou o rosto emaciado. Sua sobrancelha quase sem cor estava cerrada de preocupação. Baixando a mão, ele se olhou novamente. Não viu nenhum tom rosado em torno do olho esquerdo. Ele não parecia estar lacrimejando. Ele estava...

Semicerrou os olhos. Seria ele ligeiramente estrábico? Era assim que chamava uma pessoa com olhos que não apontavam na mesma direção, certo?

Adam piscou.

Não, estava tudo bem. Era apenas um truque daquela luz, verde e fria. Ele se inclinou mais para perto do espelho para ver se havia alguma vermelhidão no canto.

O olho *era* estrábico.

Adam piscou, e não era. Piscou, e era. Parecia um daqueles sonhos ruins que não são pesadelos, não realmente, que se tratava apenas de colocar um par de meias e descobrir que elas subitamente não servem em seu pé.

Enquanto ele observava, seu olho esquerdo lentamente caiu para olhar para o chão, liberto do olhar de seu olho direito.

A visão de Adam embaçou e então recuperou o foco quando o olho direito retomava as rédeas da situação. Adam respirava, ofegante. Ele já havia perdido a audição em um ouvido. Ele não poderia perder a visão em um olho, também. Seria por causa de seu pai? Seria um efeito retardado das batidas que levara na cabeça?

O olho balançou lentamente, como uma bola de gude escorregando em uma jarra d'água. Ele podia sentir o horror da situação em seu estômago.

No espelho, Adam teve a impressão de que a sombra de um dos cubículos havia mudado.

Ele se virou para olhar: nada. Nada.

Cabeswater, você está comigo?

Ele se virou de volta para o espelho. Agora o olho esquerdo viajava lentamente em torno da órbita, perambulando para lá e para cá, para cima e para baixo.

Adam sentiu um aperto no peito.

O olho olhava para ele.

Adam se afastou tropegamente do espelho, a mão grudada sobre o olho. Sua omoplata se chocou contra a parede oposta, e ele ficou parado ali, buscando ar, assustado, assustado, assustado, afinal que tipo de ajuda ele precisava, e quem poderia ajudá-lo?

A sombra acima do cubículo *estava* mudando. Estava se transformando de um quadrado em um triângulo porque — ah, Deus — a porta de um cubículo estava se abrindo.

O longo caminho de volta para a rua parecia um corredor polonês de horror. A escuridão derramava-se para fora do cubículo.

— Cabeswater, preciso de você — disse Adam.

A escuridão espalhou-se pelo chão.

Adam só tinha um pensamento: ele não podia deixar que ela o tocasse. O pensamento dela em sua pele era pior do que a imagem de seu olho inútil.

— Cabeswater, me ajude. *Cabeswater!*

Houve um ruído como o de um tiro — Adam recuou — enquanto o espelho se dividia. Um sol vindo de algum lugar brilhava do outro lado dele. Folhas pressionavam-se contra o vidro, como se ele fosse uma janela.

A floresta sussurrava e sibilava no ouvido surdo de Adam, instando-o a ajudá-la a encontrar um canal.

A gratidão o consumia, tão difícil de suportar quanto o medo. Se algo acontecesse a ele agora, pelo menos ele não estaria sozinho.

Água, instou Cabeswater. *Águaáguaágua*.

Adam caminhou aos tropeços até a pia e virou a torneira. A água jorrou com uma fragrância de chuva e pedras. Ele enfiou a mão na corrente para fechar o tampão com força. Como uma tinta preta, a escuridão sangrava em sua direção, a centímetros de seus sapatos.

Não deixe que ela te toque...

Adam subiu com dificuldade até a borda da pia enquanto a escuridão alcançava a parte de baixo da parede. Ela subiria, Adam sabia disso. Mas então, a água encheu a bacia tampada e fluiu sobre a beirada até o chão. Ela lavou a escuridão, silenciosa, descolorida, deslizando na direção do dreno e deixando para trás somente o concreto pálido, comum.

Mesmo após a escuridão ter ido embora, Adam deixou a pia derramar água no chão por um minuto inteiro, encharcando seus sapatos. Então se deixou escorregar da beirada da pia. Ele fez uma concha com as mãos para captar a água e jogou o líquido cheirando a terra sobre o rosto e o olho esquerdo. De novo e de novo, de novo e de novo, de novo e de novo, até não sentir mais cansaço no olho. Até não mais *senti-lo* completamente. Era apenas o seu olho novamente, quando ele espiou o espelho. Apenas seu rosto. Não havia nenhum sinal de outro sol ou uma íris preguiçosa. Gotas dos rios de Cabeswater apegavam-se úmidas aos cílios de Adam. Cabeswater murmurava e gemia. Videiras entremeavam-se por Adam, enquanto uma luz mosqueada brilhava por detrás dos seus olhos e pedras pressionavam por baixo da palma de suas mãos.

Cabeswater havia levado muito tempo para vir em sua ajuda. Apenas algumas semanas antes, uma pilha de telhas havia caído sobre ele, e Cabeswater interviera imediatamente para salvá-lo. Se isso acontecesse hoje, ele estaria morto.

A floresta sussurrou para Adam na própria língua, metade imagens, metade palavras, e o fez entender por que ela levara tanto tempo para vir socorrê-lo.

Algo havia atacado a ambos.



Como Maura havia dito, estar suspensa não significava estar de férias. Então Blue seguiu para seu turno no Nino's, como de costume. Embora o sol estivesse exageradamente intenso, o restaurante estava estranhamente escuro, um truque das nuvens de chuva, que escureciam o céu do oeste. As sombras debaixo das mesas de pernas de metal pareciam cinzentas e difusas, e era difícil decidir se estava escuro o suficiente para acender as luzes sobre cada mesa ou não. A decisão poderia esperar; não havia ninguém no restaurante.

Com nada para ocupar a mente, exceto varrer o queijo parmesão nos cantos do salão, Blue se lembrou de Gansey a convidando para uma festa de toga naquela noite. Para sua surpresa, sua mãe havia insistido que ela fosse. Blue havia dito que uma festa de toga em Aglionby ia contra tudo o que ela acreditava, e Maura havia respondido:

— Garotos de uma escola particular? Usando pedaços de tecido como roupa? Parece que isso é exatamente o que você acredita hoje em dia.

Shuf, shuf. Blue varria o chão agressivamente. Ela se sentia lançada na direção de seu autoconhecimento, e não tinha certeza se gostava disso.

Na cozinha, o gerente do turno soltava uma risadinha. Uma música dissonante e de batidas fortes brigava com a guitarra elétrica que tocava acima; ele estava vendo vídeos no celular com os cozinheiros. Um ruído de sino alto soou quando a porta da rua se abriu. Para sua surpresa, Adam entrou no restaurante e avaliou com cuidado as mesas vazias. Seu

uniforme estava estranhamente sujo: as calças amarrotadas e enlameadas, a camisa branca manchada e úmida em alguns pontos.

— O combinado não era que eu ligaria para você mais tarde? — perguntou Blue. Ela olhou para o seu uniforme. Normalmente ele estaria impecável. — Você está bem?

Adam escorregou para uma cadeira e tocou a pálpebra cuidadosamente.

— Lembrei que tinha pesos e descobertas depois da escola e não queria que a gente se desencontrasse. Hum, educação física e um método científico extracurricular.

Blue caminhou a vassoura até a mesa de Adam.

— Você não me respondeu se estava bem.

Ele bateu de leve com os dedos irritadamente contra um dos pontos úmidos em sua manga.

— Cabeswater. Está acontecendo algo com ela. Não sei. Tenho de trabalhar nisso. Acho que vou precisar de alguém que me acompanhe. O que você vai fazer hoje à noite?

— Minha mãe disse para eu ir a uma festa de toga. Você vai?

O desdém escorreu da voz de Adam.

— Não vou a uma festa na casa de Henry Cheng, não mesmo.

Henry Cheng. As coisas faziam marginalmente mais sentido. Em um diagrama de Venn onde um círculo trazia as palavras *festa de toga* e outro as palavras *Henry Cheng*, quem sabe Gansey poderia terminar onde os dois se encontravam. Os sentimentos contraditórios de Blue voltaram com tudo.

— Qual é a real entre você e Henry Cheng? E você quer uma pizza? Alguém fez um pedido errado e temos uma sobrando.

— Você já o viu. Não tenho tempo para isso. E sim, por favor.

Ela buscou a pizza e se sentou do outro lado da mesa enquanto ele a cheirava da maneira mais educada possível. A verdade era que, até Adam entrar porta adentro, Blue havia esquecido que eles tinham combinado de se ligarem para conversar sobre Gansey e Glendower. Ela estava se sentindo bastante desprovida de ideias após discutir a questão com suas familiares na banheira.

— Realmente eu não tenho nenhuma sugestão para dar sobre Gansey fora encontrar Glendower, e não sei o que fazer depois com isso.

— Eu também não tive muito tempo para pensar nisso hoje, por causa... — disse Adam, gesticulando para seu uniforme amarrotado novamente, embora Blue não soubesse dizer se ele se referia à Cabeswater ou à escola. — Então não faço ideia, apenas tenho uma pergunta. Você acha que Gansey poderia *ordenar* que Glendower aparecesse?

Algo a respeito dessa pergunta simplesmente revirou o estômago de Blue. A questão não era que ela não tivesse pensado no poder de comando de Gansey; era só que a voz incomumente autoritária de Gansey andava tão perto de sua voz mandona costumeira, que às vezes era difícil para Blue se convencer de que ela não a imaginara. E então, quando ela admitia que havia algo naquela voz — por exemplo, quando ele dissolvera de maneira mágica as falsas Blues durante sua última visita à Cabeswater —, ainda assim era de certa forma difícil pensar nela em um sentido mágico. No entanto, agora que ela pensava mais profundamente no fenômeno, atendo-se à sua inteireza, ela percebeu que ele era muito parecido com o aparecimento e o desaparecimento de Noah, ou com a lógica de sonho de Aurora aparecer de dentro das rochas. Sua mente estava bastante feliz em deixar que ela acreditasse que não havia nada de mágico a respeito dele; de imprecisamente reescrevê-lo como simplesmente Gansey sendo Gansey.

— Não sei — disse Blue. — Se ele pudesse, será que já não teria tentado?

— Para dizer a verdade... — começou Adam, e então parou. Seu rosto mudou. — Você vai à festa hoje à noite?

— Acho que sim. — Tarde demais, Blue teve a sensação de que a pergunta queria dizer mais do que as palavras que ela tinha ouvido. — Como eu disse, minha mãe falou para eu ir, então...

— Com o Gansey.

— Acho que sim. E o Ronan, se ele for.

— O Ronan não iria à casa do Henry.

Cuidadosamente, Blue disse:

— Então acho que sim, com o Gansey.

Adam franziu o cenho na beira da mesa e olhou para baixo, para a própria mão. Ele estava ponderando algo, medindo as palavras, testando-as antes de dizê-las.

— Sabe, quando conheci o Gansey, eu não conseguia dizer por que ele era amigo de alguém como o Ronan. O Gansey estava sempre na aula, sempre cumprindo seus deveres, sempre o favorito do professor. E então o Ronan, um ataque cardíaco que não cessava nunca. Eu sabia que não podia reclamar, porque eu não tinha chegado primeiro. O Ronan tinha. Mas um dia, ele fez uma bobagem estúpida que agora eu não lembro, e eu simplesmente não *aguentei* aquilo. Então eu perguntei por que o Gansey era amigo dele, se o Ronan era aquele imbecil o tempo todo. E eu lembro que o Gansey me disse que o Ronan sempre dizia a verdade, e a verdade era a coisa mais importante.

Não era difícil imaginar Gansey dizendo algo dessa natureza.

Então Adam olhou para Blue e a prendeu com seu olhar. Na rua, o vento lançava folhas contra o vidro.

— É por isso que eu quero saber por que vocês não me contam a verdade sobre vocês dois.

Agora o estômago de Blue deu uma reviravolta. Vocês dois. Gansey e ela. Ela e Gansey. Blue tinha imaginado essa conversa dezenas de vezes. Permutações infindáveis de como ela a trouxera à tona, como Adam reagira, como ela terminara. Ela podia fazer isso. Ela estava pronta.

Não, ela não estava.

— Sobre nós? — ela disse de maneira pouco convincente.

A expressão de Adam, se é que era possível, se tornou mais desdenhosa do que havia sido em relação a Henry Cheng.

— Você sabe o que mais me machuca? O que isso quer dizer a respeito do que você pensa de mim. Você não chegou nem a me dar uma chance de reagir bem a isso. Você estava simplesmente muito certa de que eu ficaria morrendo de ciúmes. É assim que você me vê?

Ele não estava *errado*. Mas ele havia sido uma versão bem mais frágil de si mesmo quando Blue e Gansey tomaram a decisão de não lhe contar. Dizer isso em voz alta parecia um tanto rude, no entanto, então ela apenas fez uma tentativa.

— Você... as *coisas*... eram diferentes então.

— "Então"? Há quanto tempo isso está rolando?

— *Rolando* não é exatamente o que está acontecendo — disse Blue. Um relacionamento que era espremido em olhares de relance roubados e telefonemas secretos era algo tão drasticamente menor do que ela

desejava, que Blue se recusava a considerar isso um namoro. — E não é exatamente como começar um emprego novo. "O primeiro dia foi *x!*". Não sei precisar exatamente há quanto tempo está rolando.

— Você acabou de dizer "rolando" — disse Adam.

O estado mental de Blue surfava a crista de uma onda que dividia a empatia e a frustração.

— Não seja impossível. Desculpa. Não era para ser algo, e então foi, e então eu não sabia como dizer coisa alguma. Eu não queria arriscar estragar a nossa amizade.

— Então quer dizer que mesmo que eu fosse honesto a respeito disso, alguma parte de você achou que eu estaria competindo tão ridiculamente com o Gansey que você achou melhor simplesmente mentir?

— Eu não *menti*.

— Claro, *Ronan*. Mentir por omissão ainda é mentir — disse Adam. Ele exibia um meio sorriso no rosto, mas daquele jeito que as pessoas sorriam quando estavam incomodadas em vez de quando algo era engraçado.

Na rua, um casal parou junto à porta para ler o cardápio que estava pendurado ali; tanto Blue quanto Adam esperaram em um silêncio irritado até eles seguirem em frente, deixando o restaurante vazio. Adam abriu as mãos como se esperasse que Blue deixasse a gorjeta de uma explicação satisfatória nelas.

A parte justa de Blue estava bem consciente de que ela estava errada, e assim era dela a responsabilidade de apaziguar a mágoa legítima de Adam, mas a sua parte orgulhosa ainda teria preferido salientar quão difícil havia sido essa explicação quando ela e Gansey perceberam pela primeira vez que sentiam algo um pelo outro. Com algum esforço, ela optou pelo caminho do meio.

— Não foi algo calculado, como você faz parecer.

Adam rejeitou o caminho do meio.

— Mas eu *vi* vocês tentando esconder isso. O maluco é que eu... tipo, *eu estou bem aqui*. Eu estou junto com vocês todos os dias. Você acha que eu não vi? Ele é meu melhor amigo. Você acha que eu não o conheço?

— Então por que você não está tendo essa conversa com ele? Ele é metade disso, você sabe.

Ele abriu os braços para o restaurante ainda vazio, como se ele também estivesse impressionado com o rumo que aquela conversa havia tomado.

— Porque eu estava aqui para conversar com você sobre como salvar o Gansey da morte. Daí eu descobri que vocês estavam indo a uma festa juntos, e não pude acreditar como você estava sendo irresponsável.

Agora Blue também abriu os braços. Foi um gesto bem menos elegante do que o de Adam, mais como um punho fechado ao contrário.

— *Irresponsável?* Não entendi.

— Ele sabe da sua maldição?

As faces de Blue esquentaram.

— Ah, não diga isso.

— Você não acha que é um pouco relevante que o cara que supostamente vai morrer no próximo ano esteja *saindo* com a garota que supostamente vai matar seu verdadeiro amor com um beijo?

Ela estava brava demais para fazer qualquer coisa, exceto balançar a cabeça. Ele simplesmente ergueu uma sobrancelha em resposta, uma ação que aqueceu o sangue de Blue em um grau.

— Eu consigo me controlar, obrigada — ela disparou.

— Em qualquer situação? Você não vai se apaixonar por ele, ou ser induzida a isso, ou a mágica vai dar errado em Cabeswater... Você tem como garantir isso? Não acho que possa.

Agora Blue definitivamente descera da crista da onda para uma ira em ebulição.

— Sabe de uma coisa, droga, eu vivo com isso há bem mais tempo que você, e não acho realmente que você possa vir aqui e me dizer como eu deva agir...

— Eu posso quando ele é *meu melhor amigo*.

— Ele é o meu também!

— Se ele realmente fosse isso, você não seria tão malditamente egoísta.

— Se ele realmente fosse *o seu*, você ficaria feliz que ele tivesse alguém.

— Como eu poderia me sentir feliz a respeito disso *quando eu não deveria saber sobre vocês?*

Blue se pôs de pé.

— Incrível, realmente, como isso parece dizer respeito a você e não a ele.

Adam se pôs de pé também.

— Engraçado, porque eu ia dizer a mesma coisa.

Os dois se encararam, furiosos. Blue podia sentir palavras repletas de veneno fervilhando em uma linha escura como a seiva daquela árvore. Ela não iria dizê-las. Não iria. A boca de Adam se comprimiu, como se ele estivesse prestes a retrucar algo, mas, no fim, ele apenas passou a mão nas chaves sobre a mesa e deixou o restaurante.

Na rua, um trovão rosnou. Não havia sinal do sol; o vento havia arrastado as nuvens por todo o céu. Seria uma noite tempestuosa.



Muitos anos antes dessa tarde, uma médium havia contado a Maura Sargent que ela era uma "clarividente crítica demais, mas talentosa, e com um dom para tomar decisões erradas". As duas estavam paradas no acostamento de uma rampa de acesso da I-64, uns trinta quilômetros saindo de Charleston, Virgínia. Ambas levavam sacos de viagem nas costas e expunham os polegares ao ar. Maura viera de carona de lugares mais a oeste. A outra médium viera de carona de lugares ao sul. Elas não se conheciam. Ainda.

— Vou tomar isso como um elogio — disse Maura.

— Chocante — rosnou a outra médium, mas de um jeito que parecia outro elogio. Ela era uma arma mais contundente que Maura, mais impiedosa, já temperada pelo sangue. Maura gostou dela assim que a viu.

— Para onde você está indo? — perguntou Maura. Um carro se aproximou. Ambas estenderam o polegar. O carro desapareceu na interestadual; as duas baixaram o polegar. Elas não desistiriam; estava um dia verdejante e aprazível de verão, do tipo que tornava qualquer coisa possível.

— Para o leste, eu acho. E você?

— Também. Meus pés estão me caminhando até lá.

— Meus pés estão correndo — disse a outra médium fazendo uma careta.

— Até onde?

— Acho que vou saber quando chegar lá — disse Maura, pensativa.

— Nós poderíamos viajar juntas. Abrir um comércio quando chegarmos lá.

A outra médium ergueu uma sobrancelha esperta.

— Fazendo truques?

— Educação continuada.

As duas riram, e assim souberam que se dariam bem. Outro carro veio; elas estenderam o polegar; o carro passou.

A tarde continuou.

— O que é aquilo? — disse a outra médium.

Uma miragem havia aparecido no fim da rampa de acesso. Quando elas olharam um pouco melhor, viram que era uma pessoa real, comportando-se como uma pessoa irreal. Ela estava caminhando diretamente pelo meio do asfalto na direção delas, agarrando um saco cheio demais na forma de uma borboleta em uma mão. Ela calçava botas altas, antiquadas, atadas até bem em cima, além do fim do vestido peculiar. O cabelo era uma nuvem loira como algodão, e a pele, branca como giz. Exceto pelos olhos negros, tudo a seu respeito era tão pálido quanto a médium ao lado de Maura era escura.

Maura e a outra médium observaram essa terceira pessoa subir com esforço a rampa de acesso, aparentemente despreocupada com a possibilidade de veículos motorizados.

Bem quando a jovem pálida quase as alcançava, um Cadillac velho dobrou na rampa de acesso. A mulher tinha todo o tempo do mundo para saltar fora do caminho, mas não o fez. Em vez disso, parou e fechou o zíper do seu saco em forma de borboleta enquanto os freios do Cadillac guinchavam estrondosamente. O carro parou a centímetros de suas pernas.

Persephone espiou Maura e Calla.

— Acho que agora — ela disse às duas — essa dama vai nos dar uma carona.



Vinte anos haviam decorrido desde aquele encontro na Virgínia Ocidental, e Maura ainda era uma clarividente crítica demais, mas talentosa, e com um dom para tomar decisões erradas. Mas nos anos que se passaram, ela havia se acostumado a fazer parte de uma entidade de três cabeças inseparável que compartilhava a tomada de decisões igualmente. Elas haviam se deixado pensar que isso jamais terminaria.

Era muito mais difícil ver as coisas claramente sem Persephone.

— Pegou alguma coisa? — perguntou o sr. Cinzento.

— Dê a volta de novo — respondeu Maura. Eles tomaram o caminho de volta por Henrietta enquanto as luzes das lojas bruxuleavam coincidentemente com uma linha ley invisível. A chuva havia parado, mas a noite havia chegado, e o sr. Cinzento ligou os faróis antes de retrançar seus dedos aos dela. Ele atuava como motorista enquanto Maura tentava consolidar um pressentimento cada vez mais urgente, que começara essa manhã quando ela acordara, um sentimento sinistro como o que se tem após despertar de um sonho ruim. No entanto, em vez de desaparecer à medida que o dia passava, ele ficou mais agudo, concentrando-se em Blue e na Rua Fox, e em uma escuridão arrepiante que lembrava um desmaio.

Seu olho doía.

Mas ela sabia que não tinha nada de errado com ele. Havia algo de errado com o olho de outra pessoa, em algum ponto no tempo, e Maura estava simplesmente sintonizada na estação. Isso a irritava, mas não era caso de agir. Era um pressentimento. O problema de ir ao encalço de sentimentos ruins estava na dificuldade de saber se se estava correndo na direção do problema para resolvê-lo, ou correndo para um problema para criá-lo. Teria sido mais fácil se ainda fossem elas três. Normalmente, Maura começava um projeto, Calla o tornava algo tangível, e Persephone o lançava em um voo espacial. Nada funcionava do mesmo jeito com apenas as duas.

— Dê mais uma volta, quem sabe — disse Maura ao sr. Cinzento. Ela podia senti-lo pensando enquanto dirigia. Poesia e heróis, romance e morte. Algum poema sobre uma fênix. Ele era a pior decisão que ela já havia tomado até aquele momento, mas ela não conseguia deixar de tomá-la sempre de novo.

— Você se importa se eu falar? — ele perguntou. — Isso vai arruinar tudo?

— Não estou com nenhuma sorte. Pode falar. Em que está pensando? Pássaros renascendo das cinzas?

Ele olhou de relance para Maura anuindo de maneira apreciativa, e ela lhe devolveu um sorriso sagaz. Era um truque de salão, uma das coisas mais simples que ela sabia fazer — puxar um pensamento do momento de uma mente desguardada e compreensiva —, mas era legal ser apreciada.

— Eu andei pensando muito sobre Adam Parrish e seu bando de homens alegres — admitiu o sr. Cinzento. — E esse mundo perigoso que eles trilham.

— Essa é uma maneira estranha de colocar a questão. Eu teria dito Richard Gansey e seu bando de homens alegres.

Ele inclinou a cabeça como se pudesse vislumbrar o ponto de vista dela também, embora não compartilhasse dele.

— Eu só estava pensando quanto perigo eles herdaram. Colin Greenmantle deixando Henrietta não a torna mais segura, mas mais perigosa.

— Porque ele mantinha os outros distantes.

— Exatamente.

— E agora você acha que outros vão vir aqui, embora ninguém esteja vendendo nada? Por que eles ainda estariam interessados?

O sr. Cinzento indicou um poste de luz que zunia quando eles passaram pelo tribunal da cidade. Três sombras passavam sobre ele, projetadas por nada que Maura pudesse ver.

— Henrietta é um daqueles lugares que parece sobrenatural mesmo de longe. Vai ser uma parada eterna para pessoas no negócio, xeretando por coisas que possam ser a causa ou o efeito disso.

— Que é perigoso para os homens alegres porque há realmente algo para eles encontrarem? Cabeswater?

O sr. Cinzento inclinou a cabeça novamente.

— Humm. E a propriedade Lynch. Não esqueça minha parte nisso também.

Tampouco Maura a esquecia.

— Você não pode desfazer aquilo.

— Não. Mas... — Sua pausa nesse ponto na conversa era prova de que o Homem Cinzento estava regenerando seu coração. Era uma pena que sua semeadura tinha de nascer na mesma terra crestada que o havia matado em

primeiro lugar. Consequências, como dizia Calla muitas vezes, são uma merda.

— O que você vê para mim? Vou ficar aqui? — Quando Maura não respondeu, ele a pressionou. — Vou morrer?

Ela tirou sua mão da dele.

— Você realmente quer saber?

— *Simle þreora sum þinga gehwylce, ær his tid aga, to tweon weorþeð; adl oþþe yldo oþþe ecghete fægum fromweardum feorh oðþringeð.* — Ele suspirou, o que disse a Maura mais a respeito do seu estado mental do que sua poesia anglo-saxã não traduzida. — Era mais fácil discernir o herói do vilão quando só a vida e a morte estavam em jogo. Todo o resto entre as duas ficava mais difícil.

— Bem-vindo a como a outra metade vive — ela disse. Com súbita clareza, Maura desenhou um símbolo de um laço no ar. — Qual é a empresa com um logo assim?

— Disney.

— HAR.

— Trevon-Bass. Estamos perto.

— Tem uma fazenda produtora de leite perto dela?

— Sim — respondeu o sr. Cinzento. — Sim, lá está.

Ele fez um retorno seguro, mas proibido. Em poucos minutos, eles passaram o monólito de concreto esmaecido da fábrica Trevon-Bass, viraram em uma estrada secundária e finalmente passaram por um acesso limitado por uma cerca de tábuas. Uma sensação de exatidão perpassou Maura, como quando você busca uma memória agradável e a encontra precisamente onde você a deixou.

— Como você sabia que ela ficava aqui? — perguntou Maura.

— Já estive aqui antes — disse o sr. Cinzento com um tom vagamente sinistro.

— Espero que você não tenha matado alguém.

— Não. Mas segurei uma arma na cabeça de uma pessoa, em plena luz do dia. — Uma placa de uma fazenda quase indistinta lhes dava as boas-vindas à propriedade de descanso. O acesso terminava em um estacionamento de cascalho; os faróis iluminaram um celeiro que havia sido claramente convertido em um espaço de moradia com estilo.

— É aqui que os Greenmantle ficavam quando estavam na cidade. A fazenda fica bem do outro lado.

Maura já estava abrindo a porta do carro.

— Você acha que eu posso entrar?

— Só aconselho que seja breve.

A porta lateral estava destrancada. Tanto a clarividência quanto o coração de Maura podiam sentir o sr. Cinzento logo atrás dela enquanto eles adentravam a propriedade, tensos e atentos. Perto dali, algumas vacas mugiam e grunhiam, soando maiores do que deveriam realmente ser.

O interior do espaço para alugar era muito escuro, todo sombras, sem cantos. Maura fechou os olhos, deixando-os se ajustar à ideia da escuridão total. O medo era indigno da sua devoção; a exatidão, sim.

Maura tateou em busca dela agora.

Abriu os olhos e avançou em direção a uma massa informe, provavelmente um sofá. A certeza vibrou através dela mais fortemente quando encontrou uma escada e começou a subi-la. No topo havia uma cozinha de plano aberto, mal iluminada por uma luz cinza-arroxeada que passava por enormes janelas novas e outra azul-esverdeada do relógio de micro-ondas.

Era desagradável. Maura não sabia dizer se era algo a respeito do próprio aposento, ou se eram somente as memórias do sr. Cinzento que pressionavam suas próprias memórias. Seguiu em frente.

Então deparou com um corredor escuro como o breu, sem janelas, sem luz alguma.

Estava mais do que escuro.

Enquanto Maura o adentrava cuidadosamente, a escuridão deixou de ser escuridão e se tornou ausência de luz. As duas condições são similares de muitas maneiras, mas nenhuma delas tinha importância quando se estava parada em uma em vez da outra.

Algo sussurrou *Blue* no ouvido de Maura.

Cada um dos seus sentidos estava absolutamente em estado de alerta; ela não sabia dizer se devia seguir em frente ou não.

O sr. Cinzento tocou as costas dela.

Só que não era ele. Maura só precisou virar a cabeça ligeiramente para a direita para se dar conta de que ele ainda estava no limiar do escuro líquido. Ela levou um instante para visualizar uma casca protetora em

torno de si. Agora ela podia ver que o corredor terminava no vão de uma porta. Embora houvesse outras portas fechadas de cada lado, a que estava situada no fim era obviamente a fonte.

Maura olhou de relance para trás para o interruptor de luz ao lado do sr. Cinzento. Ele o acionou.

As luzes eram como perder uma discussão com a resposta correta. Elas deveriam estar acesas. Elas *estavam* acesas. Quando Maura mirou as lâmpadas, podia afirmar que elas estavam ligadas.

Mas o corredor ainda não estava iluminado.

Maura cruzou o olhar com os olhos estreitados do sr. Cinzento.

Eles avançaram até os metros finais, sem fazer ruído, empurrando a ausência de luz diante deles, e então Maura pairou a mão sobre a maçaneta. Ela parecia comum, que é como as coisas mais comuns parecem. Ela não lançava sombra alguma sobre a porta, pois nenhuma luz a alcançava.

Maura buscou a exatidão e encontrou o terror. Então buscou além dela e encontrou a resposta.

Virando a maçaneta, abriu a porta.

As luzes do corredor passaram sombriamente por ela, revelando um grande banheiro. Uma tigela de adivinhação encontrava-se ao lado da banheira. Três velas incolores haviam pingado por todo o fundo da pia. PIPER PIPER PIPER Estava escrito de trás para frente no espelho, em uma substância que parecia muito com um batom rosa.

Havia algo grande no chão que se movia e arranhava o piso.

Maura disse para sua mão encontrar o interruptor, e ela o encontrou.

A coisa no chão era um corpo — não. Era um ser humano. Ele se retorcia de um jeito que um ser humano não deveria, os ombros se revelando. Dedos se agarravam como garras no ladrilho. Pernas se debatiam, correndo. Um som desumano lhe escapou da boca, e então Maura compreendeu.

Aquela pessoa estava morrendo.

Maura esperou até ele terminar, e então disse:

— Você deve ser o Noah.



Calla também andara tendo um palpite persistentemente negativo aquele dia, mas, diferentemente de Maura, estivera presa em um gabinete da Academia Aglionby, trabalhando em uma papelada, e não tivera a liberdade de tentar descobrir qual era a fonte do mau pressentimento. Mesmo assim, a sensação apenas cresceu, enchendo-lhe a mente como uma dor de cabeça sombria, até que ela desistira e pedira para ir para casa uma hora mais cedo. Calla estava deitada de barriga para baixo no quarto do andar de cima, que dividia com Jimi, quando a porta da frente bateu.

A voz de Maura ressoou claramente da entrada da casa.

— Trouxe gente morta para casa. Desmarquem todas as consultas! Desliguem os telefones! Orla, se você tem um garoto aqui, ele precisa ir!

Calla extraiu-se do seu acolchoado e resgatou os chinelos antes de seguir pelo corredor. Jimi, criatura agitada e bondosa que era, bateu o largo quadril na mesa de costura em sua pressa para ver o que estava acontecendo.

Ambas pararam a meio caminho, descendo a escada.

Para seu crédito, Calla apenas pensou em largar os chinelos quando viu Noah Czerny, parado ao lado de Maura e do sr. Cinzento.

Noah Czerny era um nome humano demais para dar a algo que não parecia muito humano aos olhos de Calla. Ela tinha visto muitos seres humanos vivos em sua vida, e tinha visto muitos espíritos em sua vida, mas jamais vira algo assim. Uma alma tão decaída não deveria ser... bem, não deveria ser nada. Deveria ser um resquício de um fantasma, uma

assombração repetitiva irracional. Uma fragrância de cem anos em um corredor. Um calafrio ao parar perto de determinada janela.

Mas, de alguma forma, ela estava olhando para a ruína de uma alma, e nela ainda havia um garoto morto.

— Ah, querido — disse Jimi, cheia de uma compaixão imediata. — Pobre coitado. Deixe-me pegar algo para você... — Jimi, a eterna herborista, geralmente tinha a sugestão de uma erva para qualquer doença mortal possível.

— Algo o quê? — incitou Calla.

Jimi premiu os lábios e balançou um pouco de um lado para o outro. Ela estava claramente perplexa, mas não podia ficar mal na frente dos outros. Ela tinha um coração tediosamente bom, e não havia dúvida de que a existência de Noah a perturbava.

— Mimosa — terminou Jimi, triunfante, e Calla suspirou, relutantemente apreciativa. Jimi meneou um dedo na direção de Noah. — Flores de mimosa ajudam os espíritos a aparecer, e isso vai fazer com que você se sinta mais forte!

Enquanto ela subia a escada a passos largos, Maura pediu ao sr. Cinzento que levasse Noah à sala de leitura, e então ela e Calla conferenciaram na parte de baixo da escada. Em vez de lhe dizer como eles haviam passado a ter a companhia de Noah, Maura só estendeu o braço e deixou que Calla pressionasse a palma da mão contra a sua pele. A psicometria de Calla — adivinhação através do toque — era muitas vezes pouco específica, mas, nesse caso, o evento era recente e vívido o suficiente para que ela o pegasse facilmente, além de um beijo que Maura compartilhara com o sr. Cinzento anteriormente.

— O sr. Cinzento é talentoso — observou Calla.

Maura pareceu irritada e disse:

— Eis a questão. Acho que estavam me mostrando aquele espelho com o nome da Piper escrito de propósito, mas não acho que tenha sido a intenção de Noah. Ele não lembra como chegou lá ou por que estava fazendo aquilo.

Calla manteve a voz baixa:

— Será que ele era um augúrio?

Augúrios — avisos sobrenaturais de marés ruins que estavam por vir — não eram particularmente interessantes para Calla, principalmente

porque, de modo geral, eram imaginários. As pessoas tendiam a ver augúrios onde não havia nenhum: gatos pretos que traziam azar, corvos que prometiam tristeza. Mas um verdadeiro augúrio — uma insinuação sinistra de uma presença cósmica pouco compreendida — não era algo a ser ignorado.

A voz de Maura também foi sussurrada:

— Pode ser. Não consegui me livrar desse sentimento terrível o dia inteiro. A única coisa é que eu não achava que um ser senciente pudesse ser um augúrio.

— Ele *é* senciente?

— Parte dele, de qualquer maneira. Nós estávamos conversando no carro. Nunca vi nada parecido. Ele está bastante decaído para parecer um augúrio irracional, mas, ao mesmo tempo, ainda há um garoto ali. Quer dizer, nós o tínhamos *dentro do carro*.

As duas mulheres refletiram sobre isso, e Calla disse:

— Ele é o que morreu na linha ley? Talvez Cabeswater o tenha feito forte o suficiente para continuar consciente durante tudo isso, além do ponto que ele deveria estar. Se ele é covarde demais para seguir em frente, aquela floresta maluca pode estar dando energia suficiente para ele seguir até aqui.

Maura lançou outro olhar irritado para Calla.

— Isso se chama *assustado*, Calla Lily Johnson, e ele é apenas um garoto. Meu Deus. Não esqueça que ele foi assassinado. E que é um dos melhores amigos de Blue.

— Então qual é o plano? Você quer que eu faça contato com ele e descubra as coisas? Ou vamos deixar que ele siga o seu caminho?

Sem jeito, Maura disse:

— Não esqueça dos sapos.

Alguns anos atrás, Blue havia pego dois sapinhos enquanto resolvia alguns assuntos no bairro. Ela havia armado triunfantemente um terrário improvisado para eles em uma das maiores jarras de chá gelado de Jimi. Tão logo ela fora para a escola, Maura havia imediatamente adivinhado — através de canais comuns, não mediúnicos — que aqueles sapinhos estavam destinados a uma morte lenta se cuidados por uma jovem Blue Sargent. Ela os havia soltado no quintal e desse modo começara uma das

maiores discussões que ela e sua filha já haviam tido ou tiveram desde então.

— Tudo bem — sibilou Calla. — Não vamos soltar nenhum fantasma enquanto ela estiver na festa.

— Eu não quero ir.

Maura e Calla deram um salto.

É claro que Noah estava parado ao lado delas. Os ombros estavam caídos e as sobrancelhas apontavam para cima. Por baixo de tudo, havia traços e escuridão, poeira e ausência. Suas palavras eram suaves e arrastadas.

— Ainda não.

— Você não tem muito tempo, garoto — Calla disse a ele.

— Ainda não — repetiu Noah. — Por favor.

— Ninguém vai te obrigar a fazer nada que você não queira — disse Maura.

Noah balançou a cabeça tristemente.

— Eles... já fizeram. Eles... vão fazer de novo. Mas isso... eu quero fazer por *mim*.

Ele estendeu a mão para Calla, a palma para cima, como se fosse um mendigo. Era um gesto que lembrava a Calla uma outra pessoa morta em sua vida, uma pessoa que ainda pendurava a tristeza e a culpa em torno do seu pescoço, mesmo após duas décadas. Na realidade, agora que ela considerava a questão, o gesto era perfeitamente preciso demais, o punho molemente similar demais, os dedos delicada e intencionalmente abertos demais, um eco das memórias de Calla...

— Eu sou um espelho — disse Noah friamente, respondendo aos pensamentos dela. Ele olhou fixamente para os próprios pés. — Desculpe.

Então começou a baixar a mão, mas Calla finalmente se deixou levar por um sentimento de compaixão genuíno, mas relutante. Ela pegou seus dedos gelados.

Imediatamente um golpe acertou o rosto dela.

Ela deveria ter esperado, mas, mesmo assim, Calla mal teve tempo de se recuperar quando o golpe seguinte veio. O medo jorrou de dentro dela, então a dor, e então mais um golpe, que Calla agilmente bloqueou. Ela não precisava reviver todo o assassinato de Noah.

Ela andou em torno dele e encontrou... nada. Normalmente, sua psicometria funcionava excepcionalmente bem no passado, cavoucando através dos eventos recentes até quaisquer eventos distantes marcantes. Mas Noah estava tão decaído que o seu passado havia praticamente desaparecido. Tudo que restava eram teias finas de memórias. Havia mais beijos — como foi que o dia de Calla terminou envolvendo viver através de tantas Sargent, com tantas línguas na boca? Havia Ronan, parecendo bem mais legal por meio das memórias de Noah. Havia Gansey, corajoso e firme, como Noah claramente invejava. E Adam — Noah o temia, ou temia por ele. Um temor que se emaranhava através de imagens dele em fios cada vez mais sombrios. Então havia o futuro, estendendo-se em imagens mais tênues, e mais tênues, e...

Calla afastou a mão de Noah e o encarou. Por um momento, ela não tinha nada inteligente a dizer.

— Tudo bem, garoto — ela disse por fim. — Bem-vindo a casa. Pode ficar aqui quanto tempo quiser.



Embora Gansey gostasse de Henry Cheng, concordar em ir a uma festa dele parecia um estranho deslocamento de poder. Não que ele se sentisse ameaçado por Henry — tanto Henry quanto Gansey eram reis em seus respectivos territórios —, mas a carga era maior ao encontrar Henry em sua própria casa do que no terreno neutro da Academia Aglionby. Os quatro garotos de Vancouver viviam todos fora do campus, na Mansão Litchfield, e jamais se ouvia falar de festas por lá. Era um clube exclusivo. Inegavelmente de Henry. Jantar na terra da fantasia significava ser forçado a ficar por lá para sempre ou ansiar por ela assim que você a deixasse, e tudo o que isso envolvia.

Gansey não tinha certeza se estava em condições de fazer novos amigos.

A Mansão Litchfield era um antigo prédio vitoriano do outro lado do centro da cidade em relação à Monmouth. Na noite fria e úmida, ela se erguia em meio a rolos de névoa, torreões, telhas de madeira e varandas, todas as janelas iluminadas com pequenas velas elétricas. O acesso estava tomado por quatro carros de luxo estacionados em fila dupla. O Fisker prateado de Henry era um fantasma elegante junto ao meio-fio na frente, logo atrás de um velho sedã de aparência respeitosa.

Blue estava com um mau humor terrível. Algo havia claramente acontecido enquanto ela estava em seu turno de trabalho, e as tentativas de Gansey de arrancar essa informação dela só diziam que não era algo que tivesse a ver com a festa, tampouco com ele. Agora, era ela quem dirigia o

Pig, o que trazia um triplo benefício. Para começo de conversa, Gansey não conseguia imaginar ninguém cujo humor não melhorasse terrivelmente ao dirigir um Camaro. Segundo, Blue dissera que nunca tivera chance de dirigir o carro coletivo da Rua Fox. E terceiro, e mais importante, Gansey ficava extraordinária e eternamente louco pela imagem de Blue atrás da direção do seu carro. Ronan e Adam não estavam com eles, então não havia ninguém para pegá-los no que parecia ser um ato incrivelmente indecente.

Ele precisava lhes contar.

Gansey não tinha certeza se estava em condições de se apaixonar, mas havia se apaixonado de qualquer maneira. Ele não compreendia bem a mecânica do sentimento. Ele compreendia sua amizade com Ronan e Adam — ambos representavam qualidades que ele não tinha e admirava, e eles gostavam das versões do próprio Gansey que ele também gostava. Isso também era verdade em relação a sua amizade com Blue, mas era mais do que isso. Quanto melhor ele a conhecia, mais a sensação se parecia com aqueles momentos em que ele nadava sozinho. A existência de versões dissonantes dele mesmo cessava, e havia apenas Gansey, agora, agora e agora.

Blue parou o Pig no pequeno sinal de pare, do lado oposto da esquina da Mansão Litchfield, e avaliou a situação do estacionamento.

— Argh — ela disse desagradavelmente, olhando para os carros finos.

— O que foi?

— Eu tinha esquecido como ele era Aglionby.

— Nós realmente não precisamos ir — disse Gansey. — Quer dizer, só preciso enfiar a cabeça na porta para agradecer, mas é só isso.

Ambos espiaram a casa do outro lado da rua. Gansey pensou em como era estranho que ele se sentisse desconfortável fazendo isso, uma visita sem sentido com uma turma que ele quase certamente conhecia em sua totalidade. Ele estava prestes a admitir isso em voz alta quando a porta da frente se abriu. O ato criou um quadrado de amarelo, como um portal para outra dimensão, e Júlio César saiu para a varanda toda enfeitada com fitas de papel. Júlio acenou para o Camaro e gritou:

— Ei, ei, Dick Gansey!

Porque não era Júlio César; era Henry em uma toga.

As sobrancelhas de Blue desapareceram por entre as mechas de cabelo em sua testa.

— Você vai usar uma daquelas?

Isso seria terrível.

— É claro que não — Gansey lhe disse. A toga parecia mais real do que ele teria gostado, agora que olhava diretamente para ela. — Não vamos ficar muito.

Blue deu a volta na quadra, evitando atropelar um gato branco, e fez uma manobra lenta, mas digna de crédito, ao estacionar em paralelo, mesmo com Gansey a observando proximamente, mesmo com a correia da direção hidráulica gemendo um protesto.

Embora Henry soubesse que eles não demorariam para chegar, ele havia retornado para dentro de casa, a fim de poder atender a porta de maneira grandiosa quando eles tocassem a campainha. Então ele os fez entrar, fechando-os em um bolsão ligeiramente quente demais, cheirando a alho e rosas. Gansey esperara encontrar alunos se balançando de candelabros e esquiando em álcool, e, embora não tivesse necessariamente *desejado* isso, a discrepância era desconcertante. O interior estava exageradamente arrumado; um corredor escuro com espelhos entalhados e tomado de móveis antigos frágeis estendia-se obscuramente, invadindo as entranhas da casa. Não parecia nem remotamente um lugar onde se daria uma festa. Parecia um lugar onde senhoras idosas escolheriam para morrer, sem serem descobertas até os vizinhos notarem um cheiro estranho. Um lugar absolutamente contrário ao que Gansey esperaria de Henry.

Também era muito sossegado.

Gansey teve um pensamento súbito, terrível, de que era possível que a festa pudesse ser simplesmente Henry e os dois de toga em uma sala de estar elegante.

— Bem-vindos, bem-vindos — Henry lhes disse, como se não tivesse visto Gansey apenas um instante atrás. — Você acertou o gato?

Ele havia tomado um enorme cuidado com a aparência. Sua toga estava amarrada com mais cuidado do que qualquer gravata que Gansey já tivesse dado nó, e Gansey já tinha dado nó em muitas. Ele usava o relógio mais cromado que Gansey já vira, e ele já vira muitas coisas cromadas. Seu cabelo preto espigado se esforçava freneticamente para cima, e

Gansey já tinha visto muitas coisas esforçando-se freneticamente para cima.

— Nós fomos para lá — disse Blue concisamente. — Ele foi para cá.

— A garota esperta veio! — exclamou Henry, como se só agora a tivesse visto. — Pesquisei na internet por togas para damas, caso você viesse. Belo trabalho com o gato. A sra. Woo nos envenenaria dormindo se você o tivesse esmagado. Como é mesmo o seu nome?

— Blue — disse Gansey. — Blue Sargent. Blue, você se lembra do Henry?

Eles se encararam. Em seu breve encontro anterior, Henry conseguira ofender Blue por completo, zoando casualmente de si mesmo. Gansey compreendia meio por alto que Henry tirava sarro de maneira ofensiva e revoltante de si mesmo porque a alternativa seria invadir uma sala de jogos e virar as mesas dos cambistas. Blue, no entanto, havia claramente pensado que ele não passava de um principezinho imaturo da Aglionby. E em seu humor atual...

— Lembro — disse Blue friamente.

— Não foi meu melhor momento — disse Henry. — Meu carro e eu fizemos as pazes desde então.

— Seu carro elétrico — colocou Gansey com sutileza, caso Blue tivesse perdido as ramificações ambientais.

Blue estreitou os olhos na direção de Gansey, e então chamou atenção para um ponto:

— Você poderia ir de bicicleta para Aglionby daqui.

Henry meneou um dedo.

— Verdade, verdade. Mas é importante praticar o ciclismo seguro, e eles ainda não fizeram um capacete para acomodar o meu cabelo. — Para Gansey, ele disse: — Você viu o Cheng Dois por aí?

Gansey não conhecia realmente o Cheng2 — Henry Broadway, na realidade, confusamente apelidado não por ser o segundo de dois Chengs em Aglionby, mas por ser o segundo de dois Henrys —, exceto o que todos sabiam: que ele participava de rachas em alta velocidade, com bebidas energéticas bombeando uma voltagem contínua às suas extremidades.

— Não, a não ser que ele tenha pego um carrinho japonês enquanto eu não estava olhando.

Isso fez Henry rir alegremente, como se Gansey tivesse tocado em alguma conversa anterior.

— Aquele carrinho é da sra. Woo. Nossa minúscula senhoria. Ela está por aqui em algum lugar. Confiram seus bolsos. Ela pode estar aí. Às vezes ela cai entre as fendas no assoalho... Esse é o problema dessas casas grandes antigas. Onde estão o Lynch e o Parrish?

— Infelizmente, ambos ocupados.

— Isso é incrível. Eu sabia que o presidente nem sempre tinha de agir de comum acordo com o Congresso e a Suprema Corte; só achei que jamais viveria para ver o dia.

— Quem mais vem? — perguntou Gansey.

— Apenas os suspeitos de sempre — disse Henry. — Ninguém quer ver um conhecido qualquer enrolado num lençol.

— Você não me conhece — salientou Blue. Era impossível dizer o que a expressão facial dela queria dizer. Nada de bom.

— Richard Gansey Terceiro dá testemunho a seu favor, então você é conhecida o suficiente.

Uma porta se abriu no fim do corredor e uma mulher asiática muito pequena de qualquer idade avançou, pisando firme com uma braçada de lençóis dobrados.

— Olá, titia — disse Henry docemente. Ela o encarou antes de seguir marchando por outra porta afora. — A sra. Woo foi expulsa da Coreia por seu gênio difícil, pobrezinha; rá, ela tem o charme de uma arma química.

Gansey havia suposto vagamente que algum tipo de figura de autoridade vivia na Mansão Litchfield, mas ele não pensara muito mais no assunto. A educação ditava que ele trouxesse flores ou comida, no caso de um encontro mais íntimo.

— Eu deveria ter trazido algo para ela?

— Quem?

— Sua tia.

— Não, ela é tia do Ryang — disse Henry. — Cheguem mais, vamos entrar. O Koh está no andar de cima, catalogando as bebidas. Você não precisa ficar bêbado, mas eu vou. Já me disseram que não fico muito gritão, mas às vezes posso me deixar levar por meu lado filantropo. Quem avisa amigo é.

Agora Blue assumira uma expressão completamente crítica, o que se situava a dois graus de sua expressão comum e a um grau da expressão de Ronan. Gansey estava começando a suspeitar que esses dois mundos não fossem combinar.

Um estrondo ressoou quando Cheng2 e Logan Rutherford apareceram por outra porta, com sacolas plásticas nas mãos. Rutherford tinha o bom senso que Deus havia lhe dado para manter a boca fechada, mas Cheng2 jamais aprendera essa habilidade.

— Caraca, temos garotas? — ele disse.

Ao lado de Gansey, Blue cresceu quatro vezes em altura; todo o ruído sugado do ambiente preparado para a explosão.

Aquilo seria terrível.



Eram 6h21.

Não, eram 8h31. Ronan tinha lido errado o relógio do carro. O céu estava escuro, as árvores estavam escuras, a estrada estava escura. Ele estacionou junto ao meio-fio, na frente do prédio de Adam. Era em um apartamento que Adam vivia, no andar de cima do escritório da Igreja Católica de Santa Inês, uma combinação fortuita que concentrava a maioria dos objetos de adoração de Ronan, em uma quadra central. Como sempre, Ronan andara negligenciando seu celular e perdera uma ligação de Adam, de várias horas atrás. O correio de voz havia sido breve: "Se você não for ao Cheng com o Gansey hoje à noite, pode me ajudar com Cabeswater?"

Ronan não iria à casa de Henry Cheng sob hipótese alguma. Todo aquele sorriso e militância o deixavam com brotoejas.

Ele certamente iria até a casa de Adam.

Então desceu do BMW, cacarejando para Motosserra para que ela parasse de mexer em uma costura solta no assento do passageiro, e varreu com os olhos o estacionamento ao lado da igreja em busca do Hondayota tricolor. Ele o viu, os faróis ainda acesos, o motor desligado. Adam estava agachado na frente dele, olhando fixamente para o brilho dos faróis. Seus dedos estavam abertos sobre o asfalto, e os pés na posição de um corredor esperando pelo tiro da largada. Três cartas de tarô estavam abertas na sua frente. Ele havia pego um dos tapetes do assoalho do carro para se agachar, para evitar sujar as calças do uniforme. Se você combinasse essas

duas coisas — o insondável e o prático —, você estava próximo de compreender Adam Parrish.

— Parrish — disse Ronan. Adam não respondeu. Suas pupilas eram câmeras com a abertura de um buraco de alfinete para outro mundo. — *Parrish*.

Uma das mãos de Adam se ergueu na direção da perna de Ronan. Seus dedos se contraíram como se dissessem *não me incomode,* com o menor movimento possível.

Ronan cruzou os braços para esperar, e apenas olhou. Para as maçãs do rosto delicadas de Adam, suas sobrancelhas claras franzidas, suas belas mãos, tudo banhado pela furiosa luz. Ele havia memorizado o formato das mãos de Adam em particular: a maneira como o polegar se projetava desajeitada e puerilmente; os caminhos das veias proeminentes; as articulações grandes que pontuavam seus dedos longos. Em sonhos, Ronan os colocava em sua boca.

Seus sentimentos por Adam eram um derramamento de petróleo; ele os deixara transbordar, e agora não havia um maldito lugar no oceano que não pegasse fogo se ele deixasse cair um fósforo.

Motosserra bateu asas até onde estavam dispostas as cartas de tarô, o bico entreaberto curiosamente, e, quando Ronan silenciosamente apontou para ela, Motosserra se amuou debaixo do carro. Ronan virou a cabeça de lado para ler as cartas. Algo com chamas, algo com uma espada. O Diabo. Mil imagens foram disparadas por aquela única palavra, *diabo*. A pele vermelha, os óculos escuros com aros brancos, os olhos aterrorizados de seu irmão Matthew no porta-malas de um carro. Pavor e vergonha juntos, espessos o suficiente para vomitá-los. Ronan se lembrou com apreensão de seus recentes pesadelos.

Os dedos de Adam se tensionaram, e ele se inclinou para trás. Ele piscou, e então piscou de novo, rapidamente, tocando o canto do olho apenas com a ponta do dedo anular. Isso não foi o suficiente, então ele esfregou a palma das mãos sobre os olhos, até que eles lacrimejaram. Finalmente, inclinou o queixo na direção de Ronan.

— Faróis? Isso é demais, Parrish. — Ronan estendeu a mão; Adam a pegou. Ronan o levantou, a mente toda concentrada naquela palma contra palma, naquele polegar cruzado sobre polegar, naqueles dedos

pressionados contra ossos do punho — e então Adam o encarou, e ele soltou sua mão.

O oceano em chamas.

— Que merda está acontecendo com os seus olhos? — perguntou Ronan.

As pupilas de Adam ainda estavam minúsculas.

— Eu levo um tempo para voltar.

— Maldito horripilante. Qual é o esquema com o Diabo?

Adam olhou para cima, para o vidro escurecido da igreja. Ele ainda estava meio preso ao reino dos faróis.

— Não consigo entender o que ela está me dizendo. Parece que me mantém a um metro de distância. Preciso encontrar uma maneira de aprofundar minha vidência, mas não posso fazer isso sem alguém me cuidando, caso eu me afaste demais de mim mesmo.

Alguém nesse caso era Ronan.

— O que você está tentando descobrir?

Adam descreveu as circunstâncias cercando o olho e a mão com o mesmo tom uniforme que ele usaria para responder a uma pergunta na sala de aula. Ele deixou que Ronan se aproximasse para comparar os seus olhos — próximo o suficiente para Ronan sentir sua respiração no rosto — e deixou que Ronan estudasse a palma de sua mão. Essa ação não era estritamente necessária, e ambos o sabiam, mas Adam observou Ronan proximamente enquanto ele passava levemente o indicador sobre as suas linhas.

Isso era como caminhar sobre o limite entre o sonho e o sono. O equilíbrio distinto noturno de se estar dormindo o suficiente para sonhar e desperto o suficiente para se lembrar do que ele queria.

Ele sabia que Adam havia descoberto como ele se sentia. Mas Ronan não sabia se podia deixar esse caminho tênue como o fio de uma navalha, sem destruir o que ele tinha.

Adam manteve o olhar de Ronan enquanto ele soltava sua mão.

— Estou tentando descobrir o que está atacando Cabeswater. Só posso presumir que é a mesma coisa que estava atacando aquela árvore escura.

— Está na minha cabeça também — admitiu Ronan. Seu dia na Barns havia sido marcado por sonhos que ele havia tentado apressadamente despertar para si mesmo.

— Está? É por isso que você está com essa cara terrível?

— Obrigado, Parrish. Gosto da sua cara também. — Ele descreveu brevemente como a degeneração da árvore de sonho parecia idêntica à degeneração dos seus sonhos, escondendo seu relativo incômodo com o conteúdo dos sonhos e o fato de que isso era prova de um segredo maior em meio a um excesso de palavrões. — Então, simplesmente nunca mais vou dormir.

Antes que Adam pudesse responder a isso, um movimento no alto chamou a atenção dos dois. Algo leve e estranho batia asas entre as árvores escuras que alinhavam as ruas do bairro. Um monstro.

O monstro de Ronan.

Seu horror noturno albino raramente deixava os campos seguros da Barns, e, quando o fazia, era apenas para seguir Ronan. Não de uma maneira fiel, canina, mas de uma maneira descuidada, como enormes voltas de um gato. E agora ele voava pela rua, direta e intencionalmente. No espaço negro purpúreo, ele era tão visível quanto a fumaça, arrastando asas com as pontas esfarrapadas e a roupa do seu corpo. O som das suas asas era mais proeminente do que todo o resto: *zum, zum, zum*. Quando ele abria o par de bicos, eles tremiam com um guincho feroz, inaudível para os ouvidos humanos.

Ronan e Adam inclinaram a cabeça para trás. Ronan gritou: — Ei! Aonde você está indo?

Mas ele planou sobre eles, sem sequer fazer uma pausa. Direto na direção das montanhas. Esse desgraçado feioso ainda levaria um tiro de algum fazendeiro aterrorizado.

Ronan não sabia dizer por que se importava. Provavelmente por ter salvo a sua vida aquela vez, ele achava.

— Maldito horripilante — disse Ronan de novo.

Adam franziu o cenho após ouvi-lo, e então perguntou:

— Que horas são?

— São 6h21 — respondeu Ronan, e Adam franziu o cenho. — Não, 8h40. Me enganei.

— Ainda tem tempo se não for longe, então.

Adam Parrish estava sempre pensando sobre seus recursos: dinheiro, tempo, sono. Em uma noite normal de escola, mesmo com ameaças

sobrenaturais fungando em seu colarinho, Ronan sabia que Adam estaria preocupado com tudo isso; era assim que ele continuava vivo.

— Aonde estamos indo?

— Não sei. Quero descobrir onde está esse diabo... Estou pensando se consigo fazer minha divinação enquanto você dirige. Gostaria de poder dirigir e adivinhar ao mesmo tempo, mas isso é impossível. Realmente, tudo o que eu quero é mover meu corpo para onde minha mente diz para ele ir.

Lá no alto, um poste de luz zuniu e então se apagou. Não chovia havia várias horas, mas o ar ainda estava carregado como em uma tempestade. Ronan se perguntou para onde estava indo seu horror noturno. Ele disse: — Tudo bem, mágico, se eu estiver dirigindo enquanto você está pirando, como vou saber para onde ir?

— Acho que vou tentar continuar presente o suficiente para te dizer aonde ir.

— Isso é possível?

Adam deu de ombros; as definições de *possível* e *impossível* eram negociáveis ultimamente. Ele se abaixou para oferecer o braço a Motosserra. Ela saltou sobre ele, batendo as asas para se equilibrar, enquanto a manga de Adam se torcia sob o seu peso, e inclinou a cabeça enquanto Adam acariciava cuidadosamente as penas finas perto do bico. E disse: — Nunca vamos saber se não tentarmos. Vamos?

Ronan chacoalhou as chaves do carro. Como se jamais estivesse com vontade de dirigir. Ele acenou com o queixo para o Hondayota.

— Você não vai trancar a sua lata-velha?

— Tanto faz. Vagabundos já entraram nela de qualquer jeito.

O vagabundo em questão sorriu timidamente.

Eles partiram.



Adam acordou sobressaltado com o ruído de uma porta de carro se fechando.

Ele estava em seu carrinho terrível — e era para ele estar ali?

Persephone se ajeitou no assento do passageiro, sua nuvem de cabelo loiro caindo como uma cascata sobre o console e o assento do motorista. Ela colocou cuidadosamente a caixa de ferramentas que estivera no assento no chão, entre seus pés.

Adam estreitou os olhos contra o novo amanhecer incolor — era para ser dia? —, seus olhos ainda contraídos de exaustão. Parecia que tinham se passado apenas alguns minutos desde que ele emergira de seu turno noturno na fábrica. O trajeto até em casa parecera um empreendimento enorme demais sem alguns minutos de sono, e ele parecia mais viável agora.

Adam não conseguia compreender se Persephone estava realmente ali ou não. Devia estar; o cabelo dela fazia cócegas em seu braço nu.

— Pegue as cartas — ela ordenou em sua voz fina.

— O quê?

— Chegou a hora de aprender — disse Persephone suavemente.

O cérebro cansado de Adam escorregou por debaixo dele; algo a respeito de tudo isso lhe parecia inteiramente *verdadeiro*.

— Persephone... eu... estou cansado demais para pensar.

A luz fina da manhã iluminou o sorriso reservado de Persephone.

— É com isso que estou contando.

Quando Adam estendeu a mão para pegar as cartas, tateando o compartimento da porta onde ele costumava deixá-las, ele se deu conta: — Você está morta.

Ela anuiu em concordância.

— Isso é uma lembrança — ele disse.

Ela anuiu novamente. Agora fazia sentido. Adam estava perambulando em uma memória de uma de suas primeiras lições com Persephone. As metas dessas sessões eram sempre as mesmas: escapar de sua mente consciente. Descobrir seu inconsciente. Expandir para o inconsciente coletivo. Buscar os fios que conectavam todas as coisas. E repetir. No começo, ele nunca passara das duas primeiras. Todas as sessões haviam sido usadas para atraí-lo para fora de seus próprios pensamentos concretos.

Os dedos de Adam rasparam o fundo vazio do compartimento da porta. A verdade de onde as cartas haviam estado em sua memória conflitava com o conhecimento de onde ele as havia guardado no presente. Aquela janela havia começado a vazar após a morte de Persephone, e ele passara a guardar as cartas no porta-luvas para evitar danificá-las.

— Por que você está aqui? Isso é um sonho? — ele perguntou, corrigindo-se. — Não. Estou fazendo uma divinação. Estou procurando algo.

E, de uma hora para outra, ele estava sozinho no carro.

Não só sozinho, como no assento do passageiro onde ela estivera, segurando uma única carta de tarô na mão. O desenho na carta era incompleto e rabiscado, e parecia um pouco com uma pilha de vespas. O que ele estava procurando? Era difícil navegar entre o consciente e o inconsciente. Foco demais, e ele perderia a meditação. Foco de menos, e ele perderia a finalidade.

Ele deixou a mente perambular ligeiramente para perto do seu momento presente.

Música eletrônica derramou-se sobre sua consciência, lembrando-lhe que seu corpo estava na realidade no carro de Ronan. Nesse outro lugar, era fácil dizer que a música era o som da alma de Ronan. Faminta e piedosa, ela sussurrava a respeito de lugares sombrios, lugares antigos, fogo e sexo.

Adam foi chamado à realidade pela batida pulsante e pela memória da proximidade de Ronan. O Diabo. Não, um demônio. O conhecimento não estava ali, e então estava.

Norte, ele disse.

Um anel branco incandescente cercava tudo. Era tão brilhante que cegava sua visão se o mirasse diretamente; Adam tinha de manter seu olhar focado à frente. Uma parte muito distante dele, uma parte que pulsava com a batida eletrônica, lembrou-se subitamente de que aquilo era a luz do carregador do seu celular. Essa era a parte do seu cérebro que ainda estava presente para sussurrar direções a Ronan.

Vire à direita.

Cabeswater murmurou em seu ouvido surdo. Ela sussurrou destruição, repúdio, violência, nada. Um passo atrás de incerteza, uma promessa mentirosa que o prejudicaria mais tarde, um conhecimento de que você se machucaria e provavelmente merecia. Demônio, demônio, demônio.

Vamos vamos vamos

Em algum lugar, um carro escuro corria por uma estrada noturna. Uma mão segurava a direção, pulseiras de couro davam voltas sobre os ossos do punho. O Greywaren. Ronan. Nesse lugar de sonho, todos os momentos eram o mesmo momento, e assim Adam teve um estranho e lúcido estalo de reviver o instante em que Ronan havia lhe oferecido a mão para erguê-lo do asfalto. Fora do contexto, as sensações explodiram: o choque surpreendente de calor daquele aperto pele com pele; o sussurro suave dos braceletes contra o punho de Adam; a mordida súbita da possibilidade...

Tudo em sua mente era envolto por uma luz branca abrasadora.

Quanto mais fundo Adam se movia através da música e da escuridão circundada de branco, mais próximo chegava de algum tipo de verdade escondida a respeito de Ronan. Ela estava escondida em coisas que Adam já sabia, meio vislumbradas por detrás de uma floresta feita de pensamentos. Por um breve momento, Adam achou que quase compreendia algo sobre Ronan e Cabeswater — sobre Ronan-e-Cabeswater —, mas a ideia lhe escapou. Adam se lançou atrás dela, cada vez mais fundo no que quer que fossem feitos os pensamentos de Cabeswater. Então Cabeswater jogou imagens em sua direção: uma hera estrangulando uma árvore, um tumor canceroso, uma putrefação rastejante.

Adam percebeu como um raio que o demônio estava ali *dentro*.

Ele podia sentir o demônio o observando.

Parrish.

Ele o estava vendo.

PARRISH.

Alguém roçou sua mão.

Ele piscou. Tudo era aquele círculo reluzente, e então ele piscou de novo, e o círculo se reduziu à íris brilhante do carregador do celular, conectado ao acendedor de cigarros.

O carro não estava se mexendo, embora só tivesse parado havia pouco. A poeira ainda redemoinhava junto aos faróis. Ronan estava absolutamente silencioso e parado. Uma mão em punho fechado repousava sobre o câmbio. A música havia sido desligada.

Quando Adam virou para ele, Ronan continuava olhando o para-brisa, premindo o maxilar cerrado.

A poeira baixou e Adam finalmente viu aonde ele os havia trazido.

Suspirou.

Porque a direção em montanha-russa através da noite fria e do subconsciente de Adam os havia trazido não para algum desastre em Cabeswater, não para alguma fenda nas rochas ao longo da linha ley, não para qualquer ameaça que fosse que Adam tinha visto nos faróis reluzentes do seu carro. Em vez disso, Adam — liberto da razão e deixado solto em sua própria mente, instigado a dedicar-se à tarefa de encontrar um demônio — os conduzira de volta ao parque de trailers, onde seus pais ainda viviam.

Nenhum deles disse uma palavra sequer. As luzes focavam o trailer, mas não havia silhuetas nas janelas. Ronan não havia desligado os faróis, então elas brilhavam diretamente na frente do trailer.

— Por que estamos aqui? — ele perguntou.

— Diabo errado — respondeu Adam em voz baixa.

Não fazia tanto tempo assim que o caso contra o seu pai havia sido julgado. Ele sabia que Ronan continuava furioso com o resultado: Robert Parrish, réu primário aos olhos do tribunal, havia voltado para casa com uma multa e em liberdade condicional. O que Ronan não percebera era que a vitória não havia sido na punição. Adam não precisava que o seu pai fosse para a cadeia. Ele só precisava que alguém de fora da situação olhasse para ela e confirmasse que sim, que um crime havia sido cometido. Adam não o inventara, não o incitara, não o merecera. Isso estava dito na papelada do tribunal. Robert Parrish, culpado. Adam Parrish, livre.

Bem, quase. Ele ainda olhava para o trailer, o pulso batendo submissamente em seu estômago.

— Por que estamos aqui? — repetiu Ronan.

Adam balançou a cabeça, com os olhos ainda no trailer. Ronan não havia desligado os faróis ainda, e Adam sabia que parte dele desejava que Robert Parrish viesse até a porta para ver quem era. Parte de Adam também, mas do jeito trêmulo da espera pelo dentista para simplesmente arrancar o seu dente e terminar com aquilo.

Ele sentiu os olhos de Ronan sobre si.

— Por que estamos neste maldito lugar? — disse Ronan uma terceira vez.

Mas Adam não respondeu, porque a porta se abriu.

Robert Parrish estava parado nos degraus da entrada, os detalhes mais precisos de sua expressão perdidos pelos faróis. Mas Adam não precisava ver o seu rosto, porque muito do que o seu pai sentia era transmitido pelo seu corpo. A força de seus ombros, a inclinação de seu pescoço, a curvatura de seus braços, até as armadilhas insensíveis de suas mãos. Então Adam sabia que seu pai reconhecera o carro, e ele sabia precisamente como ele se sentia a respeito disso. Adam sentiu uma emoção curiosa de medo, completamente distinto dos seus pensamentos conscientes. A ponta dos dedos havia ficado insensível com um choque de adrenalina doente que sua mente jamais ordenara que seu corpo produzisse. Espinhos trespassavam seu coração.

O pai de Adam ficou ali, observando. E eles continuaram ali, observando de volta. Ronan se segurava, fervilhando, uma mão pousada sobre a porta.

— Não — disse Adam.

Mas Ronan acionou o botão da janela. O vidro escurecido sibilou, baixando. Ronan enfiou o cotovelo na beira da porta e continuou olhando para fora da janela. Adam sabia que Ronan tinha plena consciência de quão malévolo ele podia parecer, e não suavizou sua aparência enquanto mirava fixamente através da grama escura desigual para Robert Parrish. O olhar de Ronan Lynch era a cobra na calçada onde você queria caminhar. Era o fósforo deixado sobre o seu travesseiro. Era premir os lábios e sentir o próprio sangue.

Adam olhou para o seu pai também, mas de maneira vazia. Adam estava ali, e ele estava em Cabeswater e dentro do trailer ao mesmo tempo. Ele observou com uma remota curiosidade que não processava a situação corretamente, mas mesmo enquanto percebia isso, continuava a existir em três telas diferentes.

Robert Parrish não se mexeu.

Ronan cuspiu na grama — um gesto indolente, sem prenúncio. Então ele desviou o queixo lentamente, o desprezo se derramando e transbordando do carro, e silenciosamente subiu a janela de novo.

O interior do BMW ficou inteiramente em silêncio. Estava tão silencioso que, quando uma brisa soprou, o som das folhas secas se juntando nos pneus era audível.

Adam tocou o pulso onde normalmente ficava seu relógio.

— Quero ver a Garota Órfã — ele disse.

Ronan finalmente olhou para ele. Adam esperava ver paus e pedras em seus olhos, mas ele exibia uma expressão que Adam não tinha certeza se já vira um dia em seu rosto: algo pensativo e agradecido, uma versão mais deliberada, sofisticada, de Ronan. Ronan mais maduro. Isso fez com que Adam se sentisse... ele não sabia. Ele não tinha informação suficiente para saber como ele se sentia.

O BMW deu ré, em um show de terra e ameaça. Ronan disse: — Tudo bem.



A festa de toga não foi nem um pouco terrível.

Na realidade, foi maravilhosa.

Era isto: encontrar toda a turma de Vancouver recostando-se em móveis cobertos por lençóis, eles mesmos todos vestidos com lençóis, tudo preto e branco, cabelo preto, dentes brancos, sombras escuras, pele branca, chão negro, algodão branco. Eles eram garotos que Gansey conhecia: Henry, Cheng2, Ryang, Lee-ao-Quadrado, Koh, Rutherford, Steve Maluco. Mas aqui eram diferentes. Na escola, eles eram focados, quietos, invisíveis, estudantes-modelo, os onze-por-cento-do-nosso-corpo-discente-é-diverso-clique-no-link-para-saber-mais-sobre-o-programa-de-intercâmbio-internacional-da-Academia-Aglionby. Aqui, eles *relaxavam*. Eles não relaxariam na escola. Aqui, eram bravos. Eles não podiam se permitir ser bravos na escola. Aqui, eram barulhentos. Eles não confiavam em si mesmos para serem barulhentos na escola.

Era isto: Henry levando Gansey e Blue para um tour na Mansão Litchfield enquanto os outros garotos os seguiam em suas togas. Uma das coisas a respeito da Aglionby que sempre atraiu Gansey era o sentimento de uniformidade, de continuidade, de tradição, de imutabilidade. O tempo não existia ali... ou, se existia, era irrelevante. A escola havia sido povoada por alunos desde sempre, e sempre seria povoada por alunos; eles formavam uma parte de algo maior. Mas, na Mansão Litchfield, era o oposto. Era impossível não ver que cada um desses garotos tinha vindo de um lugar que não era Aglionby e seguiria para uma vida que também não

era Aglionby. A mansão era uma bagunça de livros e revistas que não eram para a escola; laptops estavam abertos tanto em jogos quanto em sites de notícias. Ternos se penduravam como corpos nos vãos das portas, para um fácil acesso. Capacetes de motocicletas jogados contra bilhetes aéreos usados e caixas de revistas de agricultura. Os garotos da Mansão Litchfield já tinham vida. Tinham um passado e se lançavam além dele. Gansey se sentiu esquisito: parecia que olhava para um espelho de parque de diversões. Os detalhes errados, as cores, as mesmas.

Era isto: Blue, à beira da ofensa, falando: *Não entendo por que você vive dizendo coisas terríveis sobre os coreanos. Sobre si mesmo.* E Henry dizendo: *Eu faço isso antes que alguém faça. É a única maneira de não ficar com raiva o tempo inteiro.* E, subitamente, Blue era amiga dos garotos de Vancouver. Parecia impossível que eles a tivessem aceito tão facilmente e que ela tivesse deixado de lado sua verve irritadiça tão facilmente quanto, mas assim foi: Gansey viu o momento em que isso aconteceu. No papel, Blue não tinha nada a ver com eles. Na prática, ela tinha tudo a ver com eles. A turma de Vancouver não era como o resto do mundo, e era assim que eles queriam que fosse. Olhos famintos, sorrisos famintos, futuros famintos.

Era isto: Koh demonstrando como fazer uma toga de lençol e mandando Blue e Gansey para um quarto apinhado de coisas para se trocarem. Era Gansey educadamente virando as costas enquanto Blue se despia, e Blue virando as suas — talvez virando as suas. Era o seu ombro, e a sua clavícula, e as suas pernas, e a sua garganta, e a *sua risada, a sua risada, a sua risada*. Gansey não conseguia parar de olhar para ela, e ali isso não tinha importância, pois ali ninguém se importava que eles estivessem juntos. Ali ele podia brincar com seus dedos sobre os dedos dela enquanto eles paravam próximos, ela podia encostar o rosto no ombro nu de Gansey, ele podia enganchar o seu tornozelo divertidamente no tornozelo dela, ela podia se pegar com um braço em torno da cintura de Gansey. Ali ele era incrivelmente ganancioso por aquela risada.

Era isto: pop coreano, e ópera, e hip-hop, e baladas cheias de energia dos anos 80, saindo a todo o volume de um alto-falante ao lado do computador de Henry. Era Cheng2 ficando impossivelmente chapado e falando sobre seu plano de melhorar a economia nos estados do sul. Era Henry ficando bêbado, mas não espalhafatoso, e deixando que Ryang o

convencesse a jogar sinuca no chão, com tacos de lacrosse e bolas de golfe. Era Steve Maluco colocando filmes em um projetor com o volume desligado para permitir que pudessem dublá-los melhor.

Era isto: o futuro começando a pairar denso no ar, e Henry começando uma conversa ébria, tranquila, sobre se Blue gostaria ou não de viajar com ele. Blue respondendo suavemente que ela gostaria, que ela gostaria muito, e Gansey ouvindo o desejo na voz dela como se ele estivesse se desmanchando, como se os seus próprios sentimentos estivessem sendo insuportavelmente espelhados. *Não posso ir junto?*, perguntou Gansey. *Sim, você pode se encontrar com a gente em um avião vistoso*, disse Henry. *Não se deixe enganar pelo penteado bacana dele*, interrompeu Blue, *Gansey viria de carona.* E o calor encheu as cavernas vazias no coração de Gansey. Ele se sentiu *conhecido*.

Era isto: Gansey descendo a escada para a cozinha, Blue subindo, os dois se encontrando na metade do caminho. Era Gansey dando um passo para o lado para deixá-la passar, mas mudando de ideia. Ele pegou o braço dela, e então o resto. Ela estava quente, viva, vibrante por baixo do algodão fino; ele estava quente, vivo, vibrante por baixo do seu. Blue escorregou a mão sobre o ombro nu de Gansey, e então desceu até o peito, a palma da mão aberta sobre o esterno dele, os dedos pressionados curiosamente contra a sua pele.

Achei que você fosse mais peludo, ela sussurrou.

Desculpe te desapontar. As pernas têm um pouco mais de pelos.

As minhas também.

Era isto: rindo frouxamente contra a pele um do outro, brincando, até que abruptamente não era mais uma brincadeira, e Gansey se deteve com a sua boca perigosamente próxima à dela, e Blue se deteve com sua barriga bem junto à dele.

Era isto: Gansey dizendo, *Gosto muito de você, Blue Sargent.*

Era isto: o sorriso de Blue — curvo, retorcido, ridículo, aturdido. Havia muita felicidade escondida no canto daquele sorriso, e, embora seu rosto estivesse a centímetros do rosto de Gansey, um pouco dela se derramou e chegou até ele. Blue colocou o dedo no rosto dele, onde ele sabia que o seu próprio sorriso fazia uma covinha, e então eles deram as mãos e subiram de volta juntos.

Era isto: esse momento e nenhum outro, e pela primeira vez, até onde Gansey se lembrava, ele sabia como seria se sentir presente em sua própria vida.



Ronan podia dizer sem dúvida alguma que algo não estava certo.

Quando eles entraram em Cabeswater, Adam disse: — Dia.

Ao mesmo tempo em que Ronan disse:

— *Fiat lux.*

Normalmente a floresta se harmonizava com os desejos de seus ocupantes humanos, particularmente quando esses ocupantes eram seu mágico ou seu Greywaren. Mas, nesse caso, a escuridão em torno das árvores seguia teimosamente presente.

— Eu disse, *fiat lux* — disparou Ronan, então, a contragosto — *Amabo te*.

Lentamente, a escuridão começou a ceder, como água exsudando através do papel. No entanto, em nenhum momento a floresta chegou a ficar completamente de dia, e o que eles conseguiam ver não estava... certo. Eles estavam parados em meio a árvores escuras, cobertas de líquens cinzentos e sombrios. A atmosfera era esverdeada e melancólica. Embora não restassem folhas nas árvores, o céu parecia baixo, um teto musgoso. As árvores ainda não tinham dito nada; era como o sussurro monótono antes de uma tempestade.

— Hum — disse Adam em voz alta, claramente inquieto. Ele não estava errado.

— Você ainda quer seguir em frente? — perguntou Ronan. Tudo o fazia lembrar-se de seus sonhos. Toda a noite o fazia lembrar-se disto: a corrida até o trailer, o espectro de Robert Parrish, essa escuridão doentia.

A essa altura, Motosserra normalmente já teria partido em um voo exploratório, mas, em vez disso, ela estava encolhida sobre o ombro de Ronan, as garras cravadas em sua jaqueta.

E, como em um dos sonhos de Ronan, ele teve a sensação de que sabia o que aconteceria antes que acontecesse.

Adam hesitou. Então ele anuiu.

Era sempre impossível dizer nos sonhos se Ronan sabia o que aconteceria antes que acontecesse, ou se as coisas apenas aconteciam porque ele pensava nelas primeiro. Isso tinha alguma importância? Tinha quando você estava desperto.

Eles permaneceram um momento à beira da floresta para saber onde estavam. Para Ronan, a questão era apenas se mover por ali para que as árvores vissem que ele estava entre elas; elas fariam o possível para atender aos seus desejos, o que incluía não deixar que nada sobrenatural o assassinasse. Para Adam, isso significava conectar-se com a linha ley que pulsava por baixo da floresta, abrir-se e deixar o padrão maior apoderar-se dele. Era um processo ao mesmo tempo sinistro e extraordinário de se observar de fora. Adam; então Adam, vazio; então Adam, mais.

Ronan pensou a respeito da história do olho perambulante e da mão com vida própria de Adam. *Eu serei suas mãos. Eu serei seus olhos.*

Ele fatiou o pensamento para fora da cabeça. A memória de Adam negociando parte de si mesmo já era um visitante frequente demais em seus sonhos; ele não precisava relembrar isso de novo, intencionalmente.

— Você já terminou com o seu lance de mágico? — perguntou Ronan.

Adam anuiu.

— Hora?

Ronan lhe passou o telefone, contente por se livrar dele. Adam o estudou.

— 6h21 — ele disse, franzindo o cenho. Ronan franziu o cenho também. Não era algo enigmático por ser inesperado ali. A hora na linha ley era sempre incerta, pulando para frente e para trás, minutos levando horas, e vice-versa. O que era surpreendente era que a hora 6h21 já havia acontecido um número suficiente de vezes fora da linha ley para levantar suspeitas. Algo estava acontecendo, mas ele não sabia o quê.

— Você já terminou com o seu lance de Greywaren? — perguntou Adam.

— Ainda não — respondeu Ronan. Fechando as mãos em concha junto à boca, ele gritou para o silêncio: — Garota Órfã!

Bem ao longe, através da atmosfera esverdeada parada, um corvo guinchou de volta. *Ha ha ha.*

Motosserra sibilou.

— Está bem assim para mim — disse Ronan, e abriu caminho pelas árvores verdes. Ele não estava feliz com a escuridão, mas não se podia dizer que ele era um estranho ao trabalho em meio a pesadelos. A chave era aprender o mais rápido possível quais regras e medos estavam em jogo, e apoiar-se neles. O pânico era como você se machucava em pesadelos. Lembrar ao sonho que você era algo estranho a ele era uma boa maneira de ser expulso ou destruído.

Ronan era bom em ser uma coisa de sonho, especialmente em Cabeswater.

Eles seguiram em frente, e, durante o tempo todo, a floresta continuou *errada* em torno deles. Era como se caminhassem em um terreno inclinado, embora o chão estivesse bem nivelado.

— Fala de novo — disse Adam cuidadosamente, o alcançando — como os seus sonhos estavam equivocados. Use menos palavrões e mais informações específicas.

— Sem mudar Cabeswater à nossa volta?

Embora Cabeswater tivesse sido lenta em responder ao seu pedido por luz, isso não queria dizer que ela seria lenta em responder a uma incitação de um pesadelo. Não, quando tudo já parecia assim, um meio mundo cinzento-esverdeado de troncos sombrios.

— Obviamente.

— Eles estavam equivocados assim mesmo.

— Assim como?

— Bem assim — disse Ronan.

Ele não disse nada mais, e gritou:

— Garota Órfã!

Caw caw caw!

Dessa vez os guinchos soaram mais como uma garota e menos como um pássaro. Ronan acelerou um pouco o passo; agora eles estavam escalando. À sua direita, uma superfície de rocha exposta inclinava-se agudamente para baixo com apenas algumas árvores pequenas irrompendo

das fendas na superfície nua. Eles abriram caminho cuidadosamente ao longo dessa borda precária; um passo em falso os arrastaria muitos metros abaixo, sem um meio rápido para escalar de volta.

Ronan olhou de relance para trás para se certificar de que Adam o seguia; ele o seguia e mirava Ronan com olhos estreitados.

— Você acha que o seu sonho está equivocado porque Cabeswater está equivocada? — perguntou Adam.

— Provavelmente.

— Então, se consertarmos Cabeswater, consertaríamos os seus sonhos.

— Provavelmente.

Adam ainda processava a questão, pensando com tamanho esforço que Ronan imaginou que podia senti-lo. Na realidade, em Cabeswater, com Adam tão próximo dele, era possível que ele realmente sentisse.

— Você conseguia tornar seus sonhos realidade antes de encontrarmos Cabeswater, certo? Você consegue fazer isso sem ela?

Ronan parou e semicerrou os olhos através da escuridão. A uns quinze metros abaixo, a descida rochosa inclinada na qual eles caminhavam terminava em uma pequena lagoa de água absolutamente translúcida. Ronan conseguia ver através dela até o seu fundo pedregoso. Ela era muito mais profunda do que larga, uma fenda cheia de água. Isso prendeu sua atenção.

— Por quê?

— Se você se desligar de Cabeswater até eu consertar tudo isso, os seus sonhos seriam normais?

Eis a questão. Adam estava fazendo as perguntas certas; as perguntas que significavam que ele provavelmente já sabia a resposta. Quanto mais tempo eles passavam em Cabeswater, mais eles trabalhavam juntos com os sonhos de Ronan, mais os pesadelos de Cabeswater eram refletidos nele, e vice-versa. Além de tudo, as evidências só aumentavam.

Mas agora que eles estavam nessa, Ronan não tinha certeza se ele queria estar do outro lado. Tantos dias em um banco de igreja com os nós dos dedos pressionados contra a testa, silenciosamente perguntando *o que eu sou, sou o único, o que isso quer dizer...*

— Eu consigo sonhar *melhor* com Cabeswater. Com a Garota Órfã também. Mas...

Ele parou e olhou para o chão.

— Pergunte — ele disse. — Vá em frente. Vamos...

— Pergunte o quê?

Ronan não respondeu, apenas olhou para o chão. A atmosfera verde moveu-se em torno dele, manchando sua pele pálida, e as árvores curvaram-se sombrias e reais à sua volta, tudo nesse lugar parecendo com os seus sonhos, ou tudo em seus sonhos parecendo com esse lugar.

Adam premiu os lábios, e então perguntou:

— Você sonhou Cabeswater?

Os olhos azuis de Ronan viraram-se rapidamente para Adam.



Eram 6h21.

— Quando? — perguntou Adam. — Quando você percebeu que tinha sonhado Cabeswater? Agora?

Eles se encararam no topo da face inclinada da rocha, o lago translúcido bem abaixo. O coração de Adam disparava, pela adrenalina ou pela simples proximidade da linha ley.

— Sempre.

Isso não deveria mudar a maneira como ele via Ronan. O seu sonhar sempre fora impressionante, incomum, um imprevisto de Deus, um truque da linha ley que permitia que um jovem transformasse seus pensamentos em objetos concretos. Mágica, mas uma mágica razoável. Mas isso — não apenas sonhar a realidade de uma floresta inteira, mas criar um espaço de sonho além da própria mente... Adam estava parado dentro dos sonhos de Ronan; era isso que essa compreensão significava.

Ronan se corrigiu:

— Mais ou menos sempre. A questão... no momento em que chegamos aqui, eu me dei conta. Minha caligrafia naquela rocha. Acho que percebi imediatamente. Só levei mais tempo para acreditar nisso.

Cada memória daquelas primeiras incursões na floresta estava lentamente se movendo dentro dele. Partes caindo em seus devidos lugares.

— É por isso que ela chama você de o Greywaren. É por isso que você é diferente para ela.

Ronan deu de ombros, mas foi um gesto por se preocupar demais e não de menos.

— É por isso que a gramática do latim dela é terrível. É a *sua* gramática.

Ronan deu de ombros novamente. Perguntas surgiam aos borbotões na cabeça de Adam, difíceis demais para dizer em voz alta. Ronan era humano mesmo? Meio sonhador, meio sonho, criador de corvos, garotas com cascos e terras inteiras. Não era de espantar que o uniforme da Aglionby o sufocasse, não era de espantar que seu pai o fizera jurar sigilo, não era de espantar que ele não conseguisse se concentrar na sala de aula. Adam havia se dado conta disso antes, mas agora ele o percebia novamente, de maneira mais absoluta, vigorosa, o ridículo que era Ronan Lynch em uma sala de aula para aspirantes políticos.

Adam se sentiu um pouco histérico.

— É por isso que ela fala latim, e não português ou galês. Meu Deus. Será que eu...

Ele havia feito uma barganha com essa floresta. Quando ele caiu no sono e Cabeswater estava em seus pensamentos, emaranhado em seus sonhos, era *Ronan*...

— Não — disse Ronan, rápido e em um tom espontâneo. — Não, eu não a *inventei*. Eu perguntei às árvores depois de ter percebido, por que diabos... como diabos isso aconteceu. Cabeswater existia, de certa maneira, antes de mim. Eu apenas a sonhei. Quer dizer, eu a fiz parecer desse jeito. Escolhi essas árvores, essa linguagem e toda aquela merda para ela, sem saber. Onde quer que ela tivesse existido na linha ley antes, ela foi destruída, e então ela não tinha um corpo, uma forma... Quando eu a sonhei, eu a trouxe de volta para uma forma física, só isso. Como elas chamam isso mesmo? Eu a *manifestei*. Eu só a manifestei do maldito plano onde ela estava. Não sou eu.

Os pensamentos de Adam giraram na lama, e ele não fez nenhum progresso.

— Cabeswater não sou eu — repetiu Ronan. — Você ainda é apenas você.

Uma coisa era dizer isso e outra coisa era ver Ronan Lynch parado em meio às árvores que ele havia sonhado como reais, parecendo fazer parte delas porque ele *era* parte delas. Mágico — não era de espantar que Ronan

não tivesse problemas com a estranheza de Adam. Não era de espantar que ele *precisasse* que ele fosse.

— Não sei por que diabos eu te contei isso — disse Ronan. — Eu devia ter mentido.

— Só me dê um segundo com essa informação, tá? — pediu Adam.

— Tudo bem.

— Você não pode ficar bravo por eu refletir sobre isso.

— Eu disse tudo bem.

— Quanto tempo levou para você acreditar nisso? — demandou Adam.

— Ainda estou tentando — respondeu Ronan.

— Então você não pode... — Adam se calou. Subitamente sentiu como se tivesse despencado de um penhasco. Era a mesma sensação que ele tinha quando sabia que Ronan sonhava algo grande. Ele só teve tempo para se perguntar se fora verdadeiramente a linha ley, ou só o choque da revelação de Ronan quando aconteceu de novo. Dessa vez, a luz em torno deles caiu concomitantemente.

A expressão de Ronan se aguçou.

— A linha ley... — Adam começou e então se calou, incerto de como terminar seu pensamento. — Está acontecendo alguma coisa com a linha ley. Parece como quando você está sonhando algo grande.

Ronan abriu bem os braços, deixando claro: *não sou eu*.

— O que você quer fazer?

— Não sei se deveríamos permanecer aqui enquanto ela está desse jeito — disse Adam. — Definitivamente não acho que a gente deve tentar chegar à ravina das rosas. Só vamos chamar mais algumas vezes.

Ronan encarou Adam, avaliando suas condições. Vendo que Adam precisava ficar sozinho para refletir sobre o que acabara de ouvir, ele disse: — Que tal só mais uma vez?

Juntos, eles gritaram:

— *Garota Órfã!*

A intenção cortou através das palavras compartilhadas de ambos, mais aguçada que a escuridão.

A floresta ouviu.

A Garota Órfã apareceu, o solidéu puxado baixo sobre os olhos enormes, mais suado e mais sujo do que antes. Ela não conseguia evitar

parecer deslocada e diferente nessa mata verde-cinzenta, deslizando entre árvores escuras. Parecia pertencer a fotos antigas que Adam vira na Barns, uma criança imigrante, perdida, de um país destruído.

— Aqui está você, sua garotinha de rua — disse Ronan, enquanto Motosserra chilreava nervosamente. — Finalmente.

A garota ofereceu o relógio de Adam de volta para ele, relutantemente. A pulseira havia adquirido algumas marcas de dentes desde que ele a vira pela última vez. O mostrador dizia 6h21. Estava bastante encardido.

— Pode ficar com ele — disse Adam —, por enquanto. — Ele não podia realmente abrir mão do relógio, mas ela não tinha nada, nem mesmo um nome.

Ela começou a dizer algo na língua estranha e complicada que Adam sabia que era a língua antiga de qualquer que fosse aquele lugar — a língua que o jovem Ronan acreditara que fosse latim em seus sonhos distantes — e então se conteve. Por fim, disse: — Cuidado.

— Com o quê? — perguntou Ronan.

A Garota Órfã gritou.

A luz obscureceu.

Adam sentiu no peito essa energia que o afundava. Era como se cada artéria em seu coração tivesse sido aberta com uma tesoura.

As árvores uivaram; o chão tremeu.

Adam se agachou, pressionando as mãos contra o chão em busca de ar, em busca de ajuda, para que Cabeswater lhe desse de volta o seu batimento cardíaco.

A Garota Órfã partira.

Não, não partira. Ela despencava pela face inclinada da rocha, os dedos como garras tentando se segurar, os cascos arranhando surdamente, pedrinhas caindo junto com ela. Ela não gritou socorro — apenas tentou se salvar. Eles a observaram escorregar direto no lago translúcido e, por ser tão transparente, viram quão fundo foi seu mergulho.

Sem hesitar, Ronan saltou atrás dela.



Eram 6h21.

Ronan acertou a água com tamanha força que viu estrelas. O lago era quente como sangue, e, quando pensou nisso, percebeu que se lembrava desse lago. Ele o havia sonhado antes.

Era ácido.

Ele sentia o calor porque o lago o devorava. Ao fim desse sonho, não sobrava nada dele, a não ser ossos, palitos brancos em um uniforme, como Noah.

Imediatamente, Ronan lançou toda a sua intenção na direção de Cabeswater.

Não ácido, ele pensou. *Torne esse lago não ácido.*

Ainda assim, sua pele esquentou.

— Não ácido — ele disse em voz alta para o lago enquanto seus olhos ardiam. O líquido fluiu para dentro de sua boca, sugado para dentro de suas narinas. Ele podia senti-lo borbulhando debaixo de suas unhas. Em algum lugar abaixo dele estava a Garota Órfã, em um mar esquisito por alguns segundos a mais que ele. Quanto tempo ela tinha? Ronan não conseguia se lembrar do sonho bem o suficiente para saber. Então expirou as palavras diretamente no ácido.

— *Torne o lago seguro.*

Cabeswater arfou à sua volta, estremecendo, encolhendo, tentando atender ao seu apelo. Agora ele podia ver a Garota Órfã afundando lentamente abaixo dele. Ela cobrira os olhos; não sabia que Ronan viera

atrás dela. Provavelmente não esperava nenhuma ajuda. Garota órfã, garoto órfão.

Ronan lutou na direção dela — ele era um nadador razoável, mas não sem ar, não através do ácido.

O líquido resmungou contra a sua pele.

Ronan agarrou o enorme blusão da garota, e os olhos dela se arregalaram, estranhos e sobressaltados. Sua boca formou *Kerah?,* e então ela pegou o braço de Ronan. Por um momento ambos afundaram, mas ela não era estúpida, e começou a remar com a mão livre e a empurrar-se com os cascos contra as paredes rochosas.

Parecia que eles tinham afundado quilômetros abaixo da superfície.

— Cabeswater — disse Ronan, bolhas enormes escapando de sua boca. Seu cérebro não o ajudava a solucionar o problema. — Cabeswater, *ar*.

Normalmente, Cabeswater o manteria seguro. Normalmente, Cabeswater sabia o quão frágil era o seu corpo humano. Mas ela não o ouvia agora, ou, se o ouvia, não podia fazer nada a respeito.

O lago fervilhou à volta deles.

Ele morreria, e tudo em que conseguia pensar era que, se morresse, a vida de Matthew terminaria também.

Subitamente, algo acertou seus pés. Pressionou suas mãos. Esmagou seu peito. Sua respiração — ele só teve tempo de agarrar a Garota Órfã antes de tudo ficar escuro.

E então Ronan irrompeu para fora da água, arremessado por uma força vinda de baixo. Ele foi vomitado sobre a beira rochosa do lago. A Garota Órfã rolou de seus braços. Ambos tossiram e expeliram o líquido; ele estava rosado, das bolhas em sua língua. Havia folhas grudadas por toda parte nos braços de Ronan, por toda parte nos braços da Garota Órfã. Eram muitas folhas.

Ronan olhou confusamente sobre o ombro e percebeu que todo o lago estava cheio de videiras e arbustos. Gavinhas ainda cresciam lentamente para fora do lago. As partes submersas das plantas já estavam sendo comidas pelo ácido.

Fora isso que os salvara do afogamento. Eles haviam sido erguidos pelos galhos.

Adam estava agachado do outro lado do lago, a cabeça caída baixa, como se estivesse prestes a dar um *sprint* ou rezar, as mãos pressionadas

de cada lado dele, com os nós dos dedos brancos sobre a rocha. Ele havia colocado algumas pedrinhas entre as mãos, em um padrão que deve ter feito sentido para ele. Uma das gavinhas que ainda crescia havia se enrolado em torno de seus tornozelos e punhos.

A verdade atingiu Ronan: as plantas não haviam salvo a vida deles. Adam Parrish havia salvo a vida deles.

— Parrish — disse Ronan.

A Garota Órfã caminhou com dificuldade em torno do lago, mantendo-se seguramente distante da beira, até o lado de Adam. Apressadamente, ela arremessou as pedrinhas para dentro do lago. Imediatamente, as videiras pararam de crescer. Adam se recostou com um calafrio, a expressão ainda distante e doente. Sua mão direita tremia de um jeito nem um pouco agradável de ver. A Garota Órfã pegou a mão esquerda dele e lhe beijou a palma — ele só fechou os olhos — e então ela virou seu olhar urgente para Ronan.

— Para fora! Nós precisamos que ele saia! — ela disse.

— De onde? — perguntou Ronan, escolhendo um caminho em torno do lago até eles. Ele examinou a parede rochosa, a encosta da montanha à sua volta, tentando encontrar um caminho para longe dali.

— Cabeswater — disse a Garota Órfã. — Algo está acontecendo. Ah!

Entre as folhas danificadas e submersas no lago, o líquido estava assumindo uma coloração negra. Era um pesadelo.

— Levanta, Parrish — disse Ronan, agarrando o braço de Adam. — Vamos sair daqui.

Adam abriu os olhos; uma pálpebra caindo.

— Não esquece que ela está vindo com a gente.



Eram 6h21.

Ninguém respondia ao telefone na Rua Fox há horas. Blue havia obedientemente usado o telefone de Gansey para ligar para casa a cada quarenta e cinco minutos, como sua mãe pedira, mas ninguém o atendia. Isso não lhe pareceu estranho da primeira vez; se a linha estava ocupada com uma consulta mediúnica de longa distância, chamadas de fora caíam no correio de voz. No entanto, era estranho que isso *continuasse* acontecendo. Blue tentou novamente depois de passados quarenta e cinco minutos, e aconteceu outra vez.

— Nós precisamos ir — ela disse para Gansey.

Gansey não questionou. Para o crédito de Henry Cheng, este também não o fez, embora estivesse bastante filantropicamente bêbado e preferisse que eles dormissem por lá. Em vez disso, Henry pareceu adivinhar no mesmo minuto que se tratava de uma questão particular e não se envolveu mais no assunto. Aceitou seus lençóis e se despediu deles, implorando mais uma vez que Blue o acompanhasse em sua viagem para a Venezuela.

No carro, eles se deram conta de que o relógio de Gansey seguia repetindo 6h21.

Algo estava errado.

Na Rua Fox, 300, Blue tentou a porta da frente. Embora fosse tarde — era tarde? Eram 6h20, agora 6h21, sempre 6h20, então 6h21 —, a porta não estava trancada. Ao lado dela, Gansey parecia ao mesmo tempo cauteloso e elétrico.

Fecharam a porta da frente atrás de si.

Algo estava errado.

Na casa escura, Blue não sabia dizer o que estava fora do lugar, mas tinha absoluta certeza de que algo estava errado. Congelou com a sensação, incapaz de se mover, até saber o que a incomodava. *É assim que deve ser viver como uma médium,* ela pensou.

Suas mãos tremeram.

O que estava errado? Estava mais escuro, talvez, do que de costume, e a luz ambiente da cozinha não conseguia penetrar a noite. Estava mais frio, talvez, do que era ordinariamente, mas isso podia ser a sua ansiedade. Estava mais silencioso, sem o tagarelar da televisão ou o retinir de xícaras de chá, mas isso podia ser simplesmente por causa da hora tardia. Uma lâmpada tremeluziu — não, eram apenas as luzes de um carro refletidas no visor de vidro do relógio do corredor. O relógio marcava 6h21.

Blue não conseguia se mexer.

Parecia impossível ficar ali, paralisada pelo medo e nada mais, mas ela estava. Blue disse a si mesma que ela havia rastejado através de cavernas misteriosas, suportado fagulhas de um dragão de pesadelo e que estivera na presença de um homem desesperado com uma arma, e então o mero fato de estar em sua própria casa, sem nada que a ameaçasse claramente, não deveria paralisá-la.

Mas ela não conseguia se mover, e Gansey também não se mexia. Um dedo pressionado de maneira ausente contra seu ouvido esquerdo. Seus olhos traziam o olhar vidrado que ela lembrava que seu ataque de pânico na caverna não fazia muito tempo.

Ela cogitou de relance que eles seriam as últimas duas pessoas vivas no mundo. Ela entraria na sala de estar e não encontraria nada, a não ser corpos.

Antes que pudesse se conter, uma única lamúria se lhe escapou: *Seja sensata!*

Gansey pegou sua mão desajeitadamente. A palma dele estava suada, mas isso não importava — a dela também estava. Ambos estavam aterrorizados.

Agora que Blue pensou a respeito da situação, a casa não estava nem um pouco silenciosa. Sob o silêncio, ela ouviu algo crepitando e zunindo, como equipamentos eletrônicos desajustados.

Os olhos de Gansey viraram imediatamente para ela. Blue apertou os dedos dele firme e agradecidamente. Então, ao mesmo tempo, eles soltaram as mãos um do outro. Eles não tinham certeza se precisariam de ambas as mãos para se defender.

Mexa-se, Blue.

Eles começaram a caminhar devagar, com medo de que as tábuas do assoalho rangessem, até que tivessem certeza do que haviam encontrado.

Apenas: medo.

Na base da escada, Blue repousou a mão sobre a maçaneta do corrimão e prestou atenção. O zunido que ela tinha ouvido antes estava mais alto agora, mais dissonante e vivo. Era uma canção sem palavras, sussurrante, que entoava sinistramente uma nota antes de modular para outra, mais alta, em sua estranha escala.

Um baque surdo diretamente atrás deles sobressaltou Gansey. Mas Blue gostou de ouvir *esse* ruído, pois ela o conhecia. Era a batida do roçar dos tamancos gigantes de sua prima no assoalho irregular. Com alívio, ela se virou para encontrar Orla, agradavelmente familiar e boba em suas calças boca de sino de sempre. Seu olhar estava fixo em algum ponto acima da cabeça de Blue.

— Orla — disse Blue, e os olhos de sua prima se baixaram para encontrar os seus.

Orla deu um grito.

As mãos de Blue agiram sem o auxílio de sua mente, tapando os ouvidos como uma criança, e seus pés seguiram o exemplo, tropeçando para trás sobre Gansey. Orla pressionou as mãos sobre o coração e gritou novamente, o som estridente atingindo um tom mais agudo. Não era nada que Blue pensasse que ouvira um dia de sua prima. Alguma parte de Blue fugiu imediatamente dele, para que não fosse o rosto de Orla gritando, não fosse o corpo dela mesma observando, e que fosse um sonho em vez da realidade.

Orla ficou em silêncio.

Seus olhos, no entanto... ela ainda olhava para o nada além de Blue. Para algo dentro dela mesma. Seus ombros arfaram com horror.

E, atrás de tudo, aquele zunido continuava de alguma parte na casa.

— Orla — sussurrou Gansey. — Orla, você consegue me ouvir?

Orla não respondeu. Ela estava olhando para um mundo que Blue não conseguia ver.

Blue não queria dizer a verdade, mas ela o fez de qualquer forma.

— Acho que temos de encontrar o ruído.

Gansey anuiu sinistramente. Deixando Orla chorando em seu mundo invisível, eles avançaram lentamente casa adentro. Ao fim do corredor da frente, a luz da cozinha parecia prometer segurança e certeza. Mas entre eles e a cozinha havia a escuridão do vão da porta da sala de leitura. Embora o coração de Blue lhe dissesse que o interior da sala estava completamente escuro, seus olhos lhe mostravam que havia três velas na mesa. Elas estavam acesas. Mas isso não importava. Elas não afetavam a escuridão.

O zumbido estranho e multidirecional derramava-se para fora da sala de leitura.

Havia também um ruído de arrastar surdo, como se alguém estivesse passando uma vassoura sobre as tábuas do assoalho.

Os nós dos dedos de Gansey tocaram tentativamente a mão de Blue.

Dê um passo.

Ela deu um passo.

Entre.

Eles entraram.

No chão da sala de leitura, Noah se retorcia e tremia, seu corpo impossível. Em algum lugar, ele estava morrendo. Sempre morrendo. Embora Blue já o tivesse visto reencenar sua morte antes, ela nunca ficava mais fácil de ver. O rosto voltado para o teto, a boca aberta em uma dor irracional.

A respiração de Gansey se prendeu audivelmente.

Acima de Noah, Calla estava sentada na grande mesa de leitura, os olhos focados no vazio. As mãos repousavam sobre as cartas de tarô, espalhadas. Um telefone estava ao lado deles; ela estivera no meio de uma leitura a longa distância.

O zunido dissonante ressoava mais alto do que qualquer coisa.

Estava vindo de Calla.

— Você está com medo? — sussurrou Noah.

Tanto Blue quanto Gansey se sobressaltaram. Eles não haviam percebido que Noah havia parado de se contorcer, mas ele havia, e agora

estava deitado de costas, os joelhos recolhidos, olhando para eles. Havia subitamente algo escarnecedor em sua expressão, algo que não combinava com ele. Os dentes de sua caveira sorriram através dos lábios.

Blue e Gansey olharam de relance um para o outro.

A coisa que era Noah subitamente olhou intensamente para cima, como se ouvisse algo se aproximando. Ele começou a zumbir também. Não era algo musical.

Cada célula no corpo de Blue lhe inflamava um aviso.

Então Noah se duplicou e se tornou um só.

Blue não tinha certeza de que outra forma colocar a questão. Havia um Noah, então outro bem ao lado dele, olhando para o outro lado, e então o único Noah novamente. Ela não conseguia decidir se havia um erro nele, ou um erro em como ela o via.

— Todos devemos temer — disse Noah, a voz fina através do zumbido. — Quando se brinca com o tempo.

Ele estava subitamente próximo deles, olho no olho, de pé, ou pelo menos só o seu rosto, e, num piscar de olhos, longe novamente. Ele havia jogado algo de sua *Noahcidade* — sua forma exterior de garoto — sobre si novamente. Trazia as mãos sobre os joelhos como um corredor, e toda vez que expirava, ofegante, o zumbido escapava dele relutantemente.

A respiração de Blue e de Gansey pairava em uma nuvem à frente deles, bruxuleando, como se *eles* fossem os mortos. Noah estava sugando energia deles. Muita energia.

— Blue, vá — disse Noah. Sua voz soava tensa, mas ele havia controlado o zumbido horroroso. — Gansey... vá. Não sou eu!

Ele deslizou para a direita e então para trás novamente, de um jeito diferente de como uma matéria deveria se comportar. Um sorriso invertido esgueirou-se em sua boca, completamente em desacordo ao seu cenho franzido, e desapareceu. Havia um ar desafiador em seu rosto, e então não havia mais.

— Nós não vamos embora — disse Blue, começando a lançar toda a sua proteção em torno de si. Ela não podia evitar que o que quer que estivesse possuindo Noah sugasse a energia de Gansey e Calla, mas podia isolar sua própria bateria, por sinal, bastante considerável.

— Por favor — sibilou Noah. — Desfazedor, desfazedor.

— Noah — disse Gansey —, você é mais forte que isso.

O rosto de Noah ficou negro. Do crânio ao borrão de um batimento cardíaco. Apenas os dentes reluziam. Ele se engasgou ou riu.

— VOCÊS TODOS VÃO MORRER.

— Saia dele! — rosnou Blue.

Gansey tremeu intensamente com o frio.

— Noah, você consegue.

Noah ergueu as mãos diante de si, as palmas e os dedos de frente uns para os outros, como uma dança de tenazes. Elas não eram as mãos de Noah, e então eram linhas rabiscadas.

— Nada é impossível — disse Noah, com uma voz grave e uniforme. As linhas rápidas desenhadas assumiram o lugar de suas mãos novamente, depravadas e inúteis. Blue conseguia ver dentro da cavidade do seu peito, e não havia nada ali, exceto escuridão. — Nada é impossível. Estou vindo buscá-lo. Estou vindo buscá-lo. Estou vindo buscá-lo.

A única coisa que mantinha Blue de pé, a única coisa que a mantinha tão próxima dessa criatura, era a consciência de que ela estava testemunhando um crime. Aquilo não era Noah sendo intencionalmente aterrorizador. Aquilo era algo *em* Noah, *através* de Noah, sem permissão. A voz zunida seguiu em frente: — Estou vindo buscá-lo... *Blue!* Estou vindo buscá-lo... *Por favor! Vá!* Estou vindo buscá-lo...

— Não vou abandoná-lo — disse Blue. — Não tenho medo.

Noah soltou uma risada desregrada, como o deleite de um duende. Em um tom de voz agudo, de canto, chilreou: — Você que pediu!

E então ele se lançou contra ela.

Blue viu de relance Gansey tentando agarrá-lo, bem no momento em que as garras de Noah se cravaram no rosto dela.

A sala de leitura ficou tão iluminada quanto estivera escura. Dor e luminosidade, frio e calor...

Ele estava arrancando o olho de Blue.

Ela gritou, desesperada:

— *Noah!*

Tudo eram linhas retorcidas.

Ela levou as mãos ao rosto, mas nada mudou. Blue se sentia fisgada em garras, os dedos de Noah cravados em sua carne. O olho esquerdo de Blue via apenas branco; seu olho direito via apenas negro. Ela sentia os dedos suados; o rosto quente.

A luz explodia de Noah como uma labareda de sol.

Subitamente, mãos agarraram seus ombros, arrancando-a dele. Blue estava cercada por calor e menta. Gansey a segurava tão firmemente que ela podia senti-lo tremendo contra si. O zumbido estava por toda parte. Ela podia senti-lo em seu rosto, que queimava enquanto Gansey se torcia para se colocar entre ela e a fúria zumbidora que era Noah.

— Ah, Deus. Blue, preciso da sua energia — Gansey disse para ela, bem em seu ouvido, e ela ouviu o medo entrelaçado em suas palavras. — Agora.

A dor explodia a cada batida do coração de Blue, mas ela deixou que ele tomasse seus dedos suados.

Gansey agarrou a mão de Blue, e ela derrubou todas as barreiras em torno de sua energia.

Seco, convicto e alto, ele disse à coisa:

— *Seja. Noah*.

A sala ficou em silêncio.



Eram 6h21.

Um pouco menos de mil quilômetros linha ley adiante, um milhão de luzinhas piscavam sobre as pequenas ondulações frias e escuras do rio Charles. O ar cortante de novembro invadiu porta adentro pela sacada da casa de Colin Greenmantle, no bairro central de Back Bay. Ele não havia deixado a porta aberta, mas ela estava aberta mesmo assim. Apenas uma fresta.

Elas entraram rastejando.

O próprio Colin Greenmantle estava no andar térreo da casa, na sala sem janelas marrom-dourada, que ele havia reservado para a sua coleção. As caixas em si eram belas, vidro e ferro, trama e ouro, exibições adequadamente luxuosas para objetos adequadamente luxuosos. O assoalho debaixo das caixas era feito de carvalho retirado de uma velha fazenda na Pensilvânia; os Greenmantle sempre preferiam possuir coisas que costumavam ser de outras pessoas. Era impossível dizer qual o tamanho realmente da sala, pois as únicas luzes eram as luminárias que iluminavam individualmente cada artefato incomum. As lâmpadas brilhavam através da escuridão em cada direção, feito navios em um mar noturno.

Greenmantle parou em frente a um espelho antigo. A borda era toda entalhada com folhas de acanto e cisnes se deleitando sobre outros cisnes, e um relógio com um aro de bronze estava embutido na moldura mais alta. O mostrador do relógio lia 6h21 da tarde. Supostamente, o espelho

moldurava lágrimas nos reflexos dos observadores se eles tivessem passado por uma morte recente na família. O reflexo dele mostrava olhos secos, mas Greenmantle achou que sua aparência era lamentável, de qualquer forma. Em uma mão, ele segurava uma garrafa de cabernet sauvignon, cujo rótulo prometia notas de cereja e grafite. Na outra, um par de brincos que obtivera da esposa, Piper. Ele usava um paletó com um belo corte e cuecas samba-canção. Greenmantle não esperava companhia.

Elas vieram de qualquer maneira, encontrando seu caminho através do friso em copa da biblioteca do segundo andar, engatinhando uma sobre o corpo da outra.

Ele deu um gole diretamente da garrafa — quando a escolhera da cozinha, pensara que isso pareceria mais esteticamente patético e desesperado do que carregar uma taça solitária, e parecia mesmo. Desejou que tivesse alguém ali para ver o quão esteticamente patético e desesperado ele parecia.

— Notas de pólvora negra e abandono — ele disse para o seu reflexo. Depois deu mais um gole; e esse bocado o engasgou. Um pouco de pólvora negra e abandono demais de uma só vez.

O seu reflexo arregalou os olhos; sua esposa estava ao seu lado, os dedos fechados em torno da garganta de Greenmantle. Alguns fios do cabelo loiro dela se perderam de seu penteado de outra forma arrumado, e as luminárias da coleção atrás dela criaram um efeito platinado flamejante nos fios. Seus olhos estavam escuros. Uma de suas sobrancelhas estava erguida, mas ela parecia pouco surpresa enquanto as pontas dos seus dedos pressionavam a pele do marido. O pescoço de Greenmantle arroxeou.

Ele piscou.

Ela não estava ali.

Ela jamais estivera ali. Ela o havia deixado para trás. Bem, para ser sincero, ele a havia deixado para trás, mas ela que havia começado. Fora ela quem havia escolhido perpetuar uma quantidade considerável de crimes violentos nas matas da Virgínia, bem quando ele decidira que estava pronto para pegar os seus brinquedos e partir.

— Estou sozinho — disse Greenmantle para o espelho.

Mas não estava. Elas zuniram escada abaixo, pousando sobre as molduras das fotos, e ricochetearam cozinha adentro.

Greenmantle se virou do espelho para mirar sua coleção. Uma armadura completa, um unicórnio empalhado do tamanho de uma cabra pigmeu, uma lâmina que continuamente pingava sangue no piso da sua caixa de vidro. Ela representava o que havia de melhor em quase duas décadas de coleção. Não realmente o melhor, ponderou Greenmantle, meramente os objetos que ele havia achado que teriam a maior chance de chamar a atenção de Piper.

Ele achou que tinha ouvido algo no corredor que dava para a sala. Um zumbido. Ou arranhado. Não bem um arranhado — era muito suave para isso.

— Após numerosas traições pessoais, Colin Greenmantle teve uma crise nervosa próximo dos quarenta anos — narrou Greenmantle, ignorando o ruído —, levando muitos a acreditar que ele desapareceria para sempre.

Ele considerou os brincos em sua mão. Ele havia tomado a iniciativa de adquiri-los mais de dois anos antes, mas levara todo esse tempo para que seus fornecedores os cortassem da cabeça de uma mulher na Gâmbia. Os rumores diziam que quem os usasse poderia ver através de paredes. Determinados tipos de parede, de qualquer maneira. Não tijolos. Não pedras. Mas adobe. Eles conseguiam ver através de adobe. Greenmantle não tinha orelhas furadas, então ele não colocara isso à prova. E com Piper buscando uma nova vida de crime, pelo visto ele jamais descobriria.

— Mas os espectadores haviam subestimado a resistência à adversidade pessoal de Colin — ele disse. — A sua capacidade de se recuperar de um colapso emocional.

Ele se virou para a porta bem quando as visitantes explodiram através dela.

Piscou.

Elas não desapareceram.

Piscou e piscou novamente, e algo ainda entrava pela porta, algo que não era nem a sua imaginação, tampouco uma imagem de espelho amaldiçoada. Foi necessário um momento para que sua mente processasse o ruído e a visão para se dar conta de que não era uma única visitante: eram muitas. Elas jorravam, tropeçavam e se debatiam.

Só quando uma se liberou da horda e voou em sua direção erraticamente que Greenmantle percebeu que eram insetos. Quando a

vespa negra pousou em seu punho, ele disse a si mesmo para não lhe dar um tapa. Ela o picou.

— Cadela! — ele disse, e tentou acertá-la com a garrafa de vinho.

Outra vespa se juntou à primeira. Greenmantle balançou o braço e a desalojou, mas uma terceira voou em sua direção. Uma quarta, uma quinta, um corredor cheio delas. Elas estavam em toda a sua volta. Ele trajava um belo paletó, cuecas samba-canção e vespas.

Os brincos caíram no chão enquanto ele girava. No espelho, seu reflexo derramava lágrimas, e ele não via vespas, e sim Piper, seus braços e seu sorriso o abraçando.

— Terminamos — sua boca disse.

As luzes se apagaram.

Eram 6h22.



Você poderia dizer o que quisesse de Piper Greenmantle, mas ela não era uma pessoa que desistia fácil das coisas, mesmo quando não terminavam exatamente como ela havia imaginado. Ela seguiu indo ao Pilates muito tempo depois de o exercício lhe parecer fisicamente satisfatório, continuou comparecendo ao clube do livro após ter descoberto que era uma leitora muito mais rápida do que suas colegas, e persistiu em colocar cílios postiços *mink* costurados aos seus a cada duas semanas, mesmo após o salão mais próximo de onde ela morava ter fechado por violações sanitárias.

Então, quando saiu em busca de uma entidade adormecida mágica supostamente enterrada perto de sua casa alugada, ela não desistiu até encontrá-la.

Desfazedor.

Essa fora a primeira coisa que a entidade dissera quando a encontrara. Piper precisou de um momento mais para se dar conta de que estava respondendo à sua pergunta (“Mas que diabos?”).

Em defesa de Piper, a adormecida era perturbadora. Ela estava esperando um ser humano, e, em vez disso, encontrara uma criatura de seis pernas, sombria como um assassinato que ela teria chamado de vespa se, em primeiro lugar, Piper não achasse vespas repulsivas e, em segundo, não visse nenhum sentido em uma vespa ter trinta centímetros de comprimento.

— Isso é um demônio — Neeve dissera. Neeve era a terceira perna do desconfortável tripé ali reunido. Ela era uma mulher atarracada, de voz suave, com belas mãos e um cabelo feio; Piper achava que ela era uma médium televisiva, mas não conseguia se lembrar como ela havia chegado a essa informação.

Neeve não parecera feliz de ter descoberto um demônio, mas Piper estava morrendo à época e era pouco exigente na hora de escolher seus amigos. Ela pulou todas as outras delicadezas sociais e disse para o demônio:

— Eu o despertei. Tenho direito a um favor? Conserte meu corpo.

Vou lhe conceder um favor.

E ele havia mesmo. O ar na tumba escurecida havia ficado um pouco agitado, e então Piper havia parado de sangrar até a morte. Ela achara que isso seria um ponto-final em sua relação com a entidade. Afinal, aquele favor fora um gesto único, mas a boa vontade seria para sempre.

Agora olhe para ela. Elas haviam saído da caverna, o sol brilhava em meio às nuvens, e Piper havia acabado de matar seu marido covardemente imbecil. A mágica revolvia através dela e, para falar a verdade, ela estava se sentindo bem durona. Ao seu lado, uma cascata caía para cima, às avessas, a água borrifando céu adentro, em grandes golfadas. A árvore mais próxima de Piper vertia sua casca em feixes úmidos.

— Por que o ar está desse jeito? — perguntou Piper. — É como se estivesse me arranhando. Ele vai nos beliscar assim o tempo inteiro?

— Acredito que esteja se acalmando — disse Neeve em sua voz fraca. — Quanto mais nos afastarmos do momento da morte do seu marido. São choques secundários. A floresta está tentando se livrar do demônio, que parece usar a mesma fonte de energia, focada através da floresta. Ela está reagindo ao seu uso para matar. Posso sentir que esse lugar tem a ver com a criação, e assim, qualquer passo que você der que vá contra isso, vai causar esse tipo de terremoto espiritual.

— Todos fazemos coisas que não queremos — disse Piper. — Não quer dizer que vamos matar um monte de gente. Isso foi apenas para provar para o meu pai que eu estava falando sério em fazer as pazes com ele.

O demônio perguntou: *E agora, o que você deseja?*

Ele estava se segurando à velha casca raiada de uma árvore, as costas curvas do jeito que as vespas ficam quando estão no frio, na umidade ou brisa de uma cascata. As antenas vibravam na direção de Piper, e ele ainda zumbia no mesmo compasso de um enxame que parecia não existir mais. No alto, o sol balançou; ocorreu a Piper que talvez nem fosse dia. Outro pedaço da casca se desprendeu da árvore.

— Você faz mal para o meio ambiente?

Piper sempre fora atenta à sua pegada de carbono. Parecia sem sentido que ela passasse duas décadas reciclando, se ela iria destruir um ecossistema inteiro.

Eu sou um produto natural desse meio ambiente.

Um galho se dobrou até o chão, ao lado de Piper. Suas folhas eram negras e delas escorria um líquido amarelo e grosso. O ar continuava a estremecer.

— Piper. — Neeve pegou a mão de Piper com carinho, parecendo tão serena quanto alguém poderia ser ao vestir trapos rasgados ao lado de uma cascata que escorria ao contrário. — Eu sei que quando você se jogou na tumba da entidade adormecida, me tirando do caminho, se assegurando que você e somente você teria o favor dela, você tinha a esperança de me tirar da jogada e continuar em um futuro onde você e somente você controlasse as suas próprias escolhas e gozasse do favor do demônio, provavelmente me deixando na caverna para perambular, na melhor das hipóteses, e morrer, na pior delas. Na época, admito que fiquei muito incomodada com você, e os sentimentos que eu tinha então não são sentimentos dos quais sinto orgulho agora. Vejo que você não só tem dificuldade em confiar nos outros, como não me conhecia. Mas se você quiser...

Piper perdeu grande parte do discurso enquanto observava as unhas bem formadas de Neeve. Elas eram moedinhas invejavelmente perfeitas de queratina. As unhas de Piper estavam comidas do esforço de arrastar-se para fora da caverna desabada.

— ... existem maneiras melhores de atingir as suas metas. Realmente, é fundamental que você aprenda a contar com a minha considerável experiência em mágica.

Piper concentrou sua atenção.

— Tudo bem. Eu perdi a cabeça lá dentro, mas e daí? Pule a parte dos sentimentos.

— Não acho que seja sábio se unir a um demônio. Eles são inerentemente negativos em vez de positivos. E tomam mais do que doam.

Piper se virou para o demônio; era difícil dizer o quão atento ele era. Vespas não tinham pálpebras, então era possível que ele estivesse dormindo.

— Quanto dessa floresta terá de morrer para que eu recupere a minha vida?

Agora que estou desperto, vou desfazer toda ela, de qualquer maneira.

— Tudo bem, então — disse Piper. Ela tinha a sensação de alívio que vinha de uma decisão ruim ter sido tomada por si. — Está decidido. Melhor aproveitar a oportunidade. Ei... aonde você está indo? Você não quer ficar... — Piper deu ouvidos, e o demônio atentou para os seus pensamentos. — ... famosa?

Neeve piscou.

— Respeitada.

— Mesmo lance — disse Piper. — Bem, não vá ainda. Eu meio que dei uma curva em você antes porque eu estava morrendo e tipo brava. Só um pouquinho? Mas vou dar um jeito nisso.

Neeve pareceu menos entusiasmada do que Piper havia esperado, mas pelo menos ela não tentou fugir novamente. Isso era positivo; Piper não queria realmente ficar sozinha com o demônio. Não porque ela estivesse com medo, mas porque ela se sentia mais energizada com uma plateia. Ela havia preenchido um questionário online que disse que ela era um tipo especial de pessoa extrovertida e que era provável que ela fosse desse jeito para o resto da vida.

— Isso vai ser um novo recomeço para nós duas — Piper assegurou a Neeve.

O demônio inclinou a cabeça, suas antenas ondulando novamente. Olhos de vespas não eram para ser tão grandes, pensou Piper. Eles pareciam aqueles óculos de sol marrom-escuros de aviadores. Possibilidades de vida e morte se moviam sombriamente neles.

E agora?

— Hora de ligar para o papai de novo — disse Piper.



Não eram 6h21.

Era tarde da noite ou cedo de manhã.

Quando Adam e Ronan chegaram ao Pronto-Socorro Mountain View, encontraram uma pequena sala de espera vazia, exceto por Gansey. Uma música desafinava no ambiente; as luzes fluorescentes brilhavam, indiferentes e inocentes. As calças cáqui de Gansey estavam ensanguentadas, e ele estava sentado em uma cadeira com a cabeça nas mãos, dormindo ou pranteando. Uma pintura de Henrietta estava pendurada na parede à frente dele, e água pingava dela, pois aparentemente era esse o mundo onde eles viviam agora. Em outro momento, Adam teria tentado compreender o que um sinal dessa natureza queria dizer; hoje à noite, sua mente já estava transbordando de pormenores de dados. Sua mão havia parado de se contrair, agora que Cabeswater havia recuperado parte de sua força, mas Adam não se iludia que isso quisesse dizer que o perigo havia passado.

— Ei, bostão — disse Ronan para Gansey. — Você está chorando? — Ele chutou o canto do sapato de Gansey. — Esfíncter. Você está dormindo?

Gansey tirou o rosto das mãos e ergueu o olhar para Adam e Ronan. Havia uma pequena mancha de sangue na linha do seu queixo. Sua expressão era mais dura do que Adam imaginara, e ficou ainda mais dura quando ele viu as roupas sujas de Ronan.

— Onde vocês estavam?

— Cabeswater — disse Ronan.

— Cabeswa... O que *ela* está fazendo aqui? — Gansey acabara de perceber a presença da Garota Órfã enquanto ela passava aos tropeços pela porta atrás de Adam. Ela parecia desajeitada em um par de botas enlameadas que Ronan havia tirado do porta-malas do BMW. Elas eram grandes demais para suas pernas e, é claro, inteiramente do formato errado para seus cascos, mas esse era o efeito desejado, de certa forma. — Qual o *sentido* de usarmos uma tarde inteira para levar essa garota até lá se você simplesmente ia trazer ela de novo?

— Como quiser, cara — disse Ronan, uma sobrancelha erguida diante da fúria de Gansey. — Foram duas horas.

— Talvez duas horas não signifiquem nada para você, mas tem gente que vai à escola, e duas horas é o que temos para nós mesmos — disse Gansey.

— Como quiser, papai.

— Sabe de uma coisa? — disse Gansey, pondo-se de pé. Havia algo estranho em seu tom de voz, uma corda de arco retesada. — Se você me chamar disso mais uma vez...

— Como está a Blue? — interrompeu Adam. Ele já havia presumido que ela não estava morta, ou Gansey não teria condições de estar discutindo com Ronan. Ele presumiu, na verdade, que a situação parecera pior do que fora na realidade, ou Gansey teria feito um relatório da situação.

A expressão de Gansey ainda era desafiadora e faiscante.

— Ela vai ficar com o olho.

— *Ficar com o olho* — ecoou Adam.

— Ela está recebendo pontos agora.

— *Pontos* — ecoou Ronan.

— Você acha que eu estava entrando em pânico por nada? Eu disse para você: o Noah estava possuído.

Possuído, como por um demônio. Possuído, como a mão de Adam. Entre aquela escuridão fervilhante em Cabeswater e esse resultado violento da possessão de Noah, Adam estava começando a ter noção do que sua própria mão seria capaz se Cabeswater não pudesse protegê-lo. Parte dele queria contar a Gansey a respeito disso, mas a outra jamais esquecera o grito agonizante de Gansey quando Adam celebrara a barganha com Cabeswater. Ele não acreditava realmente que Gansey diria

Eu disse para você, mas Adam saberia que ele estava em seu direito de fazê-lo, o que era pior. Adam sempre fora a voz mais negativa em sua própria cabeça.

Incrivelmente, Ronan e Gansey ainda estavam brigando. Adam voltou a lhes dar atenção, enquanto Ronan dizia:

— Ah, por *favor*... e eu me importaria com um convite para uma festa vindo de Henry Cheng?

— A questão é que *eu* te convidei — disse Gansey. — E não o Henry. Ele não estava nem aí; eu estava.

— Ah — disse Ronan, mas não de um jeito atencioso.

Gansey deu um tapa em suas calças manchadas de sangue.

— E, em vez disso, você foi para Cabeswater. Você poderia ter morrido lá, e eu não iria saber onde você estava porque você não atendia o telefone. Você lembra daquela tapeçaria que o Malory e eu conversamos a respeito quando ele esteve aqui? A que trazia o rosto da Blue? Ah, é claro que você lembra, Adam, porque você dragou para a superfície aquelas Blues de pesadelo em Cabeswater. Quando o lance com o Noah terminou, a Blue estava daquele jeito. — Ele ergueu as mãos, as palmas expostas. — As mãos dela estavam todas vermelhas. Com o próprio sangue. Foi *você* que me disse, Ronan, que algo estava começando, todos esses meses atrás. Agora não é o momento de agir sozinho. Alguém vai morrer. Sem mais brincadeiras. Não há tempo para mais nada a não ser a verdade. Nós deveríamos estar nessa juntos, o que quer que *isso* seja.

Não havia nenhum motivo para protestar em relação a qualquer uma dessas colocações; era tudo inquestionavelmente verdadeiro. Adam poderia ter dito que ele havia estado em Cabeswater inúmeras vezes para fazer seu trabalho junto à linha ley e que ele havia achado que essa vez seria como qualquer outra, mas ele tinha plena consciência de que havia percebido que havia algo estranho a respeito da floresta e seguiu em frente.

A Garota Órfã derrubou o cabide para casacos atrás da porta da sala de estar e deslizou para longe do acidente.

— Pare de fazer bobagem por aí — disparou Ronan. De maneira contraintuitiva, o fato de Ronan perder a paciência significava que a discussão havia terminado. — Coloque as mãos nos bolsos.

Ela sibilou de volta algo para ele em uma língua que não era inglês nem latim. Ali, naquela sala de estar mundana, ficava especialmente claro que ela havia sido montada de acordo com regras de algum outro mundo. Aquele blusão fora de moda, aqueles olhos negros enormes, as pernas delgadas com os cascos escondidos em botas. Era impossível acreditar que Ronan a tivesse tirado dos seus sonhos, mas fora impossível acreditar em seus outros objetos de sonho bizarros também. Parecia óbvio agora que por algum tempo eles vinham andando rapidamente em direção a um mundo onde a existência de um demônio era algo plausível.

Todos viraram o olhar bruscamente quando a porta dos fundos se abriu. Blue e Maura entraram na sala de estar enquanto uma enfermeira começou a se inquietar atrás do balcão. Toda a atenção imediatamente se voltou para Blue.

Ela tinha dois pontos visíveis na sobrancelha direita, prendendo as bordas limpas de um corte que descia pelo rosto. Arranhões leves de cada lado do ferimento mais profundo contavam a história de dedos se cravando como garras na pele. Adam podia dizer que ela sentia dor.

Ele sabia que se importava com ela porque seu estômago formigava desconfortavelmente apenas de olhar para aquele ferimento, a sugestão de violência o arranhando como dedos em um quadro-negro. *Noah* tinha feito aquilo. Adam cerrou a mão em punhos, lembrando-se de como fora a sensação de tê-la se mexendo involuntariamente.

Gansey estava certo: qualquer um deles poderia ter morrido hoje à noite. Era chegada a hora de pararem de brincar.

Por um estranho segundo, nenhum deles falou.

Finalmente, Ronan disse:

— Meu Deus, Sargent. Você está com pontos no *rosto?* Dura. Na queda. Toca aqui, imbecil.

Com algum alívio, Blue ergueu o punho e tocou o dele.

— Abrasão da córnea — disse Maura. O tom sério, destituído de humor, traiu sua preocupação mais do que qualquer choro o teria. — Gotas antibióticas. Deve sarar.

Ela encarou a Garota Órfã, e esta a encarou de volta. Assim como Ronan, seu olhar atento ficava em algum lugar entre o taciturno e o agressivo, mas o efeito era ligeiramente mais estranho quando apresentado por uma garota abandonada usando botas enlameadas. Maura deu a

impressão de que estava prestes a perguntar algo, mas, em vez disso, ela se retirou para o balcão para pagar pela consulta.

— Escuta — disse Gansey em uma voz baixa. — Preciso dizer uma coisa. É um momento estranho para dizer, mas eu... eu continuo esperando pelo momento certo e não consigo parar de pensar sobre como fazer isso. Se hoje à noite tivesse terminado pior, talvez eu nunca teria essa oportunidade de novo. Então, a verdade é esta: não posso pedir para vocês que sejam sinceros, se eu mesmo não fui.

Gansey se aprumou na cadeira. Adam viu o seu olhar pousar em Blue. Julgando, talvez, se ela sabia ou não o que ele estava prestes a dizer, ou se ele deveria dizer. Ele tocou o polegar no lábio inferior, percebeu o gesto e baixou a mão.

— A Blue e eu estamos saindo — ele disse. — Não quero magoar ninguém, mas quero continuar saindo com ela. Não quero mais esconder isso. Está acabando comigo, e noites como esta, tendo que ficar aqui, olhar para a Blue com o rosto desse jeito e fingir que... — Gansey parou de falar, um silêncio tão intenso que ninguém ousou lhe acrescentar outro ruído. Então terminou o que estava dizendo, repetindo: — Não posso pedir para vocês que façam coisas que eu mesmo não fiz. Sinto muito por ter sido hipócrita.

Adam jamais acreditara realmente que Gansey reconheceria a relação de uma maneira tão direta, e agora que a confissão pairava no ar, ela era intensamente desagradável. Não havia alegria em ver Gansey parecendo tão miserável, nem satisfação em ver Gansey e Blue essencialmente pedindo permissão para continuarem a sair juntos. Adam gostaria de que eles tivessem simplesmente contado a verdade desde o início; se isso tivesse acontecido, eles jamais teriam chegado a esse ponto.

Ronan ergueu uma sobrancelha.

Blue recolheu os dedos em punhos pequenos e cerrados junto ao corpo.

Gansey não acrescentou mais nada, simplesmente esperou pelo julgamento, o olhar incerto focado em Adam em particular. Ele era uma versão muito maltrapilha da pessoa que Adam havia encontrado pela primeira vez, e Adam não sabia dizer se Gansey estava se tornando uma pessoa diferente, ou se ele estava voltando a ser alguém que ele já fora muito tempo atrás. Adam revolveu dentro de si em busca de alguma coisa que ele ainda desejasse ouvir de Gansey, mas nada se destacou. Respeito

era tudo que ele quisera todo esse tempo, e respeito era o que ele estava encarando, mesmo que de forma tardia.

— Obrigado — disse Adam. — Por finalmente nos contar. — Ele queria dizer *por me contar*. Gansey sabia disso, e anuiu ligeiramente. Blue e Adam trocaram um olhar. Ela mordeu o lábio; ele ergueu um ombro. Ambos lamentavam.

— Bom. Fico feliz que todos saibam — disse Gansey em um tom de voz altivo. Muito tempo atrás, Adam acharia essa reação animada insuportável, petulante até. Agora ele sabia que era o oposto. Quando pressionado por algo muito importante e pessoal, Gansey se esquivava para uma cordialidade jovial. Era algo tão fora do contexto nessa unidade de pronto-socorro, nessa noite tumultuosa, que era verdadeiramente perturbador, particularmente ao lado de sua expressão ainda perturbada.

Blue pegou a mão de Gansey.

Adam apreciou o gesto.

— Que nojo — disse Ronan, numa resposta infantil.

Mas Gansey disse:

— Obrigado pela opinião, Ronan — com uma expressão respeitável no rosto novamente, e Adam percebeu o quão inteligentemente Ronan havia aliviado a tensão do momento. Todos podiam respirar de novo.

Maura voltou do balcão até onde eles estavam. Adam teve a clara impressão de que ela se demorara por lá intencionalmente, dando espaço para todos eles. Então ela tirou as chaves do carro do bolso e disse:

— Vamos embora daqui. Esses lugares me deixam nervosa.

Adam se inclinou para bater os nós dos dedos contra o punho de Gansey.

Não havia mais tempo para brincadeiras. Só havia tempo para a verdade.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Declan Lynch.

Embora fosse difícil de acreditar, ele não havia nascido paranoico.

E, realmente, era paranoia quando não se estava necessariamente errado?

Ter cautela. Era assim que se dizia quando as pessoas queriam realmente matá-lo. Ele havia aprendido a ser cauteloso, não paranoico.

Declan havia nascido dócil e confiante, mas havia aprendido. Havia aprendido a suspeitar de pessoas que lhe perguntavam onde você morava. Havia aprendido a falar com seu pai apenas em telefones celulares descartáveis comprados em postos de gasolina. Havia aprendido a não confiar em ninguém que lhe dissesse que não era louvável desejar uma casa histórica no centro de uma cidade devassa, uma suíte master com um tapete de pele de tigre, uma caixa cheia de conhaques belamente cintilantes e um carro alemão que sabia mais a respeito do mundo que você. Havia aprendido que mentiras só eram perigosas se você às vezes contasse a verdade.

O mais velho e mais natural filho de Niall Lynch estava em sua casa na região central de Alexandria, Virgínia, e encostou a testa contra o vidro naquela manhã, mirando a rua tranquila abaixo. O tráfego de Washington, D.C., estava apenas começando a rugir para a vida, e esse bairro ainda precisava sair da cama.

Declan segurava um telefone. Ele estava tocando.

O aparelho era mais desajeitado que o telefone de trabalho que ele usava para seu estágio com Mark Randall, animal político e grande golfista. Ele havia escolhido intencionalmente um modelo com um formato decididamente diferente para o trabalho do seu pai. Declan não queria passar a mão na bolsa a tiracolo e pegar o telefone errado. Não queria tatear a mesinha ao lado da cama no meio da noite e falar casualmente com a pessoa errada. Não queria dar o telefone errado para Ashley segurar para ele. Qualquer coisa que ele pudesse fazer para se lembrar de ser paranoico — cauteloso — enquanto tocava os negócios de Niall Lynch ajudava.

Esse telefone não tocava havia semanas. Declan achou que finalmente se livrara daquilo.

Mas tocou.

Declan debateu por um longo tempo se era mais perigoso atendê-lo ou ignorá-lo.

Ele se reajustou. Ele não era mais Declan Lynch, insinuante fedelho político. Ele era Declan Lynch, o filho durão de Niall Lynch.

Tocou de novo.

Declan o atendeu.

— Lynch.

— Considere isso um telefonema de cortesia — disse a pessoa do outro lado da linha. Uma música tocava ao fundo; algum instrumento de corda queixoso.

Um filete fino e viscoso de suor frio escoou por seu pescoço.

— Não é possível que você espere que eu acredite que seja só isso — ele disse.

— De maneira alguma — respondeu a voz na outra linha. Ela era cortada, com sotaque, e invariavelmente acompanhada por alguma música. Declan a conhecia somente como Seondeok. Ela não comprava muitos artefatos, mas, quando comprava, não havia drama. O entendimento era claro: Declan apresentava um objeto mágico, Seondeok fazia uma oferta, Declan o entregava a ela, e cada um seguia o seu caminho até a próxima vez. Em momento algum, Declan achava que poderia ser caprichosamente enfiado no porta-malas do carro do seu pai enquanto era agredido, ou imobilizado com algemas e forçado a ver o celeiro de seus pais ser

revirado, ou espancado cruelmente e deixado meio morto no quarto de seu dormitório em Aglionby.

Declan apreciava os pequenos gestos.

Mas nenhuma dessas pessoas era confiável.

Cautela, não paranoia.

— A situação está muito volátil lá em Henrietta — disse Seondeok. — Ouvi dizer que não é mais a loja de Greenmantle.

Volátil, sim. Essa era uma palavra. Em outros tempos, Niall Lynch vendia seus "artefatos" para negociantes mundo afora. De certo modo, isso havia sido reduzido a Colin Greenmantle, Laumonier e Seondeok. Declan presumiu que era uma questão de segurança, mas talvez ele estivesse dando crédito demais para o seu pai. Talvez ele simplesmente tivesse esquecido todos os outros.

— O que mais você ficou sabendo? — perguntou Declan, nem confirmando, nem negando.

— Bom saber que você não confia em mim — respondeu Seondeok. — O seu pai falava demais.

— Não aprecio o tom — disse Declan. Seu pai *havia* falado demais. Mas isso cabia a Lynch dizer, não a alguma negociante coreana de antiguidades mágicas ilegais.

A música ao fundo parecia lamentar, pedindo desculpas.

— Sim, foi rude de minha parte. O que ouvi por aí é que alguém talvez esteja vendendo algo especial em Henrietta — disse Seondeok.

O suor frio escorreu pelo colarinho de Declan.

— Não sou eu.

— Não achei que era. Como eu disse: telefonema de cortesia. Achei que você talvez quisesse saber se os lobos estavam vindo bater em sua porta.

— Quantos lobos?

A música parou e recomeçou.

— Podem ser matilhas e mais matilhas.

Talvez eles tivessem descoberto a respeito de Ronan. Os dedos de Declan apertaram o aparelho.

— Você sabe o que eles estão uivando, *seonsaengnim?*

— Hum — disse Seondeok, com um ruído evocativo que transmitia que ela sabia que tinha os ouvidos de Declan e que o aceitava mesmo

assim. — Esse segredo ainda é muito novo. Eu te liguei com a esperança de que eu pudesse te dar tempo suficiente para agir.

— E como você acha que eu devo agir?

— Não cabe a mim dizer. Não sou sua mãe.

— Você sabe que eu não tenho pais — disse Declan.

A música sussurrou e suspirou atrás dela. Por fim, ela repetiu: — Não sou sua mãe. Sou apenas outra loba. Não se esqueça disso.

Ele se afastou da janela.

— Desculpe. Agora fui eu que fui rude. Obrigado pela ligação.

Sua mente já estava analisando os piores cenários possíveis. Ele precisava tirar Ronan e Matthew de Henrietta — só isso importava.

— Sinto falta dos achados do seu pai, eles são muito belos. Ele era um homem com problemas, mas acho que tinha uma mente linda — disse Seondeok.

Ela estava imaginando Niall Lynch repassando armários embutidos, coleções e porões, fazendo uma curadoria cuidadosa dos objetos que ele havia encontrado. Declan imaginava algo mais próximo da verdade: seu pai sonhando na Barns, em quartos de hotel, em sofás, no banco de trás do BMW que agora era de Ronan.

— Sim — disse Declan. — Sim, eu penso assim também.



Sono, ligeiro. Café da manhã, pulado. Escola, presente.

Gansey não sabia dizer o quão próximo o momento tinha de estar do fim do mundo — o seu mundo — para que ele pudesse justificar faltar à escola para caçar Glendower, e assim ele continuava indo às aulas. Adam foi, porque Adam se agarraria aos seus sonhos de uma universidade prestigiosa, mesmo se eles estivessem sendo arrancados do chão pelas mandíbulas do Godzilla. E, para a surpresa de Gansey, Ronan também, quase atrasando aos dois enquanto vasculhava na bagunça do seu quarto por um uniforme completo. Gansey suspeitou que Ronan só estivesse indo à escola para compensar pela briga no pronto-socorro na noite anterior, mas ele não se importava. Gansey só queria que Ronan somasse horas-aula.

Henry alcançou Gansey no corredor do Prédio Borden quando deixava sua aula (francês, para substituir seus estudos de latim abandonados — Gansey preferia latim, mas era terrível em francês, então *n'y a pas de quoi fouetter un chat*). Henry se apressou até estar no mesmo passo que Gansey.

— Ei, calouro. Só alegria no mundo depois de ontem à noite?

— Dois graus abaixo da alegria. Nos divertimos muito ontem à noite em Litchfield. Foi uma indelicadeza da nossa parte cair fora àquela hora.

— Só ficamos vendo vídeo no celular depois que vocês foram embora. Baixou o astral. Enfiei as crianças na cama e li histórias para elas, mas não paravam de perguntar por vocês.

Isso fez Gansey rir.

— Estávamos nos aventurando por aí.

— Foi o que achei. Disse isso a elas.

Cuidadosamente, Gansey acrescentou:

— Um velho amigo não estava se sentindo bem.

Não era mentira. Apenas não era completamente verdade. Era uma parte da verdade.

Henry ergueu uma sobrancelha para demonstrar que ele claramente percebera essa parte, mas não a puxou.

— Vai ficar tudo bem?

O rosto de Noah assumiu um tom negro escuro. A irmã de Noah estava parada no palco do auditório. Ossos amarelecidos por baixo de um blusão da Aglionby.

— Nós continuamos otimistas — disse Gansey.

Ele achou que não tinha transmitido nada fora do comum em seu tom de voz, mas o olhar de Henry desviou-se rapidamente sobre ele. O cacoete naquela sobrancelha apareceu de novo.

— Otimistas. Sim, você é uma pessoa otimista, Gansey Boy. Você gostaria de ver algo interessante antes do almoço?

Um olhar de relance para o seu relógio disse a Gansey que Adam, pelo menos, o procuraria no refeitório. Henry rapidamente interpretou esse olhar.

— É bem aqui. No Borden. É bacana. Combina com o Gansey.

Isso soou como absurdo completo para Gansey. Ninguém sabia o que combinava com Gansey, nem mesmo ele. Professores e amigos da família estavam sempre juntando artigos e histórias que eles achavam que poderiam capturar a atenção dele, coisas que eles achavam que combinavam com Gansey. Os itens sempre abordavam as partes mais óbvias dele. Reis galeses, Camaros antigos ou outros jovens que tinham viajado o mundo por razões bizarras que ninguém mais compreendia. Ninguém explorava além disso, e ele não encorajava muito que o fizessem. Havia noite demais atrás de si naqueles dias, e Gansey preferia voltar seu rosto para o sol. Combinava com Gansey. O que combinava com Gansey?

— Esse sorriso quer dizer sim? Sim, bom, então me siga — disse Henry, imediatamente dobrando à esquerda por uma porta estreita com uma placa onde se lia USO EXCLUSIVO PARA FUNCIONÁRIOS. O

Prédio Borden havia sido originalmente um dormitório, não um prédio acadêmico, e a porta se abria para uma escada estreita. Um castiçal exagerado iluminava o caminho, e a luz era engolida por um papel de parede excessivamente desenhado. Eles começaram a descer os degraus.

— Esse prédio é muito antigo, Dick Terceiro. Mil setecentos e cinquenta e um. Imagine as coisas que ele viu. Ou ouviu, tendo em vista que casas não têm olhos.

— Lei da Moeda — disse Gansey.

— O quê?

— Foi aprovada em 1751 — disse Gansey. — Banindo a emissão de moeda pela Nova Inglaterra. E George, o Terceiro, se tornou príncipe de Gales em 1751, se me lembro bem.

— E também — Henry estendeu a mão para um interruptor de luz, que mal iluminava um porão de teto baixo com um chão de terra. Um espaço para engatinhar bem arrumado, com nada, exceto caixas de papelão enfiadas contra uma das paredes da fundação — "a primeira apresentação de circo com um macaco nos Estados Unidos". — Ele havia abaixado a cabeça para evitar prender o cabelo nas vigas de madeira expostas que davam suporte ao assoalho acima deles. O ar cheirava a uma versão concentrada dos andares superiores do Prédio Borden — o que significava dizer, a mofo e tapete azul-marinho —, mas com a umidade adicional, a fragrância viva, peculiar às cavernas e aos porões muito antigos.

— Mesmo? — perguntou Gansey.

— Talvez — disse Henry. — Tentei encontrar fontes primárias, mas você conhece a internet, cara. Chegamos.

Eles haviam chegado ao canto mais distante do porão, e a única lâmpada junto à base da escada não iluminava bem para o que Henry apontava. Gansey levou um momento para perceber o que era o quadrado mais escuro no chão de terra já escuro.

— Será um túnel? — ele perguntou.

— Não.

— Um buraco para esconderijo? — perguntou Gansey, e se agachou. Parecia que era. O buraco não tinha mais do que um metro quadrado com as bordas gastas pelos séculos. Gansey tocou uma ranhura em uma borda. — Acho que já teve uma porta aqui um dia. Eles os chamavam de buracos

de padres na Inglaterra. Devem ter sido para escravos, ou para... estocar bebidas durante a proibição, quem sabe?

— Algo por aí. Interessante, não é?

— Hum — disse Gansey. Era histórico, e ele supôs que combinava com Gansey. Ele estava vagamente desapontado, o que devia significar que ele esperava algo mais, mesmo que não soubesse o que fosse esse algo mais.

— Não, a parte que combina com o Gansey está dentro — disse Henry. Para sua surpresa, Henry escorregou para dentro do buraco, pousando no fundo com um baque surdo. — Venha conferir.

— Presumo que você tenha um plano para nos tirar daqui se eu for.

— Tem alças. — Quando Gansey não se mexeu, Henry explicou: — Isso é um teste também.

— Do quê?

— Mérito. Não. Ma... não. Tem uma palavra com c para bravura, mas não consigo lembrar. Meu lobo frontal ainda está bêbado da noite passada.

— Caráter.

— Sim, sim, é isso. É um teste de caráter. Essa é a parte que combina com o Gansey.

Gansey sabia que Henry estava certo pelo *vigor* de sentimento em seu coração. Era muito similar à sensação que ele tivera na festa de toga. Aquele sentimento de ser conhecido. Não de uma maneira superficial, mas por algo mais profundo, mais verdadeiro. E perguntou: — Qual é o meu prêmio se eu passar?

— Qual é o prêmio que sempre se dá a um teste de caráter? A sua honra, sr. Gansey.

Duplamente conhecido. Triplamente conhecido.

Gansey não tinha bem certeza de como lidar com a situação de ser tão precisamente compreendido por uma pessoa que era, afinal de contas, apenas um conhecido recente.

Então não havia nada mais a fazer a não ser entrar naquele buraco.

Ele estava quase completamente escuro, e as paredes confinavam o espaço. Gansey estava próximo o suficiente de Henry para sentir o cheiro forte de seu produto para cabelo, como para ouvir sua respiração ligeiramente acelerada.

— História, essa cadela complicada — disse Henry. — Você é claustrofóbico?

— Não, eu tenho outros vícios. — Se fosse Cabeswater, ela estaria rapidamente trabalhando com o medo de Gansey para produzir insetos com ferrões. Gansey se sentia grato pelo fato de que a intenção não era algo tão poderoso fora de Cabeswater. Esse buraco no chão podia continuar sendo simplesmente um buraco no chão. Nesse mundo, ele tinha de se preocupar somente em disciplinar o seu exterior, não o seu interior. — Você já imaginou ter que se esconder em um desses buracos? Passei no teste?

Henry arranhou a parede ou algo similar; o arranhão fez um ruído abafado, como um assovio, enquanto a terra caía no chão.

— Você já foi raptado alguma vez, Richard Gansey?

— Não. Estou sendo raptado agora?

— Não em uma noite com aulas. Eu fui raptado uma vez — disse Henry. Seu tom era tão leve e casual que Gansey não tinha certeza se ele estava brincando ou não. — Por um resgate. Meus pais não estavam no mesmo país, então a comunicação não era a melhor. Eles me colocaram em um buraco assim. Talvez um pouco menor.

Ele não estava brincando.

— Meu Deus — disse Gansey. Ele não conseguia ver o rosto de Henry na escuridão para saber como ele se sentia a respeito da história que ele estava contando; sua voz ainda soava leve.

— Deus não estava lá, infelizmente — disse Henry. — Ou talvez felizmente. Eu mal cabia no buraco.

Gansey podia ouvir Henry esfregando os dedos uns contra os outros, ou abrindo e fechando as mãos em punhos; cada ruído era amplificado nessa câmara poeirenta. E agora ele podia sentir aquela fragrância peculiar que vinha com o medo: o corpo produzindo químicos que exalavam ansiedade. Ele não sabia dizer, no entanto, se era a sua ou a de Henry. Porque a mente de Gansey sabia que aquele buraco não produziria um enxame súbito de abelhas para matá-lo. Mas o coração de Gansey se lembrava de estar pendurado na caverna em Cabeswater, ouvindo os enxames se desenvolvendo abaixo dele.

— Isso combina com o Gansey também, não é? — perguntou Henry.

— Qual parte?

— Segredos.

— É verdade — admitiu Gansey, porque admitir que você tinha segredos não era o mesmo que contá-los. — O que aconteceu?

— O que aconteceu, ele pergunta. Minha mãe sabia que pagar o resgate na mesma hora apenas encorajaria os outros a raptar os filhos dela enquanto ela não estivesse por perto, e assim ela pechinchou com meus captores. Eles não gostaram disso, como você pode imaginar, então me obrigaram a dizer para ela no telefone o que eles fariam comigo todos os dias em que ela não os pagava.

— Eles *te* obrigavam a dizer para ela?

— Sim, sim. Veja bem, isso faz parte da pechincha. Se os pais sabem que o filho está com medo, isso vai fazer com que paguem mais rápido, e mais, essa é a sabedoria.

— Não fazia ideia.

— Quem faz? Agora você faz. — As paredes pareciam mais próximas. Henry seguiu em frente com uma risadinha, uma *risada*. — Ela disse: "Não pago por bens danificados". E eles disseram que ela só receberia isso, e assim por diante. Mas minha mãe era muito boa com negociações. E assim, depois de cinco dias, fui devolvido para ela, ainda com todos os meus dedos e ambos os olhos. Por um bom preço, eles dizem. Eu estava um pouco rouco, mas isso foi culpa minha.

Gansey não sabia como ele se sentia a respeito disso. Ele havia recebido seu segredo, mas não fazia ideia por quê. Ele não sabia o que Henry queria dele. Ele tinha muitas reações em mãos para empregar — empatia, conselho, preocupação, apoio, indignação, tristeza —, mas ele não sabia qual combinação a situação pedia. Ele estava acostumado a saber. Ele não achava que Henry *precisasse* de qualquer coisa dele. Isso era uma paisagem sem mapa. Finalmente, ele disse: — E agora estamos parados em um buraco igual àquele, e você parece muito calmo.

— Sim. Essa é a questão. Passei... passei muitos anos em busca de ser capaz de fazer isso — disse Henry. Ele inspirou curto, pouco, e Gansey tinha certeza de que seu rosto contava uma história bem diferente do que sua voz ainda relaxada.

— Em vez de me esconder, enfrentar o meu medo.

— Há quantos anos? Quantos anos você tinha?

— Dez. — O blusão de Henry fez um ruído amarfanhado; Gansey sentiu que ele se mexia. Sua voz soou um pouco diferente. — Quantos anos você tinha, *Whoop Whoop* Gansey Boy, quando você foi picado por aquelas abelhas?

Gansey sabia a resposta fatual, mas não tinha certeza se essa era a resposta que Henry queria. Ele ainda não fazia ideia do motivo pelo qual essa conversa estava acontecendo.

— Eu também tinha dez anos.

— E como esses anos passados te trataram?

Ele hesitou.

— Alguns melhores do que os outros. Acho que você viu.

— Você confia em mim? — perguntou Henry.

Era uma questão carregada ali no escuro e na escuridão maior que se estendia adiante. Ali no teste de caráter. Ele confiava? A confiança de Gansey sempre fora baseada no instinto. O seu subconsciente rapidamente reunindo todos os marcadores em um quadro que ele compreendia sem saber por que o fazia. Por que ele estava naquele buraco? Ele já sabia a resposta a essa pergunta.

— Sim.

—Me dê sua mão — disse Henry. Com uma das mãos, ele encontrou a palma de Gansey na escuridão. E, com a outra, colocou um inseto nela.



Gansey não respirou.

Em um primeiro momento, ele não achou que realmente fosse um inseto. No escuro, nessa proximidade, ele o estava imaginando. Mas então sentiu o inseto se acomodar na palma da mão. Familiar. Pernas finas dando apoio a um corpo mais vasto.

— Richard Man — disse Henry.

Gansey não respirou.

Ele não podia tirar a mão dali: era uma jogada perdida que ele já havia tentado antes. Então, terrivelmente, o inseto zuniu uma vez, sem levantar voo. Era um ruído que havia muito tempo Gansey parara de interpretar como tal. Era uma arma. Uma crise na qual aquele que recuasse primeiro morria primeiro.

— Dick.

Gansey não respirou.

Na realidade, a chance de ser picado por um inseto era incrivelmente baixa. *Pense nisso*, Gansey havia dito para um amigo preocupado da família enquanto os dois conversavam na rua com insetos brilhando no anoitecer. *Quando foi a última vez que você foi picado?* Ele não conseguia processar por que Henry havia feito isso. Ele não sabia dizer o que ele deveria estar pensando. Será que ele estava pensando em tudo o que aconteceu com ele? Toda a parte boa e a ruim também? Porque, se fosse isso, o gravador estava travado, tocando apenas esse momento.

— Gansey — disse Henry. — *Respire*.

Luzes minúsculas moviam-se no canto da visão de Gansey. Ele estava respirando, só que não o suficiente. Ele não podia arriscar se mover.

Henry tocou o dorso da mão de Gansey, e então tapou a mão de Gansey com a sua. O inseto ficou preso contra as mãos de Gansey e Henry, dentro de um globo de dedos.

— Eis o que aprendi — disse Henry. — Se você não consegue não ter medo...

Havia um lugar onde o terror terminava e se tornava nada. Mas hoje, nesse buraco, com um inseto na sua pele, com uma promessa de que ele morreria logo, o nada jamais veio.

Henry terminou:

— ... tenha medo *e* seja feliz. Pense na sua noivinha, Gansey, e nos momentos divertidos que passamos ontem à noite. Pense no que você tem medo. Aquele peso que diz para você que é uma abelha? Ele precisa ser algo que te mata? Não. É apenas uma coisinha. Poderia ser qualquer coisa. Poderia ser algo bonito em vez disso.

Gansey não conseguia mais segurar a respiração; ele tinha de desmaiar ou respirar direito. Então soltou um fluxo áspero de ar sem valor e sugou outro de volta. O escuro tornou-se apenas o escuro novamente; as luzes dançantes tinham desaparecido. Seu coração ainda fazia uma algazarra em seu peito, mas estava desacelerando.

— Aqui está — disse Henry, como havia dito no Dia do Corvo. — É uma coisa terrível ver outra pessoa assustada, não é?

— O que tem na minha mão?

— Um segredo. Vou confiar a você esse segredo — disse Henry. Agora ele soava um pouco indeciso. — Porque eu quero que você confie em mim. Mas para que isso aconteça, se for para nos tornarmos amigos, você precisa saber da verdade.

Henry respirou fundo, então tirou a mão de cima da palma de Gansey para revelar uma abelha enorme.

Gansey mal teve tempo de reagir quando Henry tocou seus dedos de novo.

— Calma, sr. Gansey. Olhe de novo.

Agora que Gansey havia se acalmado, ele podia ver que não se tratava de maneira alguma de uma abelha comum; era um belo inseto robótico. *Belo* talvez não fosse a melhor palavra, mas Gansey não conseguia pensar

em outra. As asas, antenas e pernas eram feitas de metal, com juntas articuladas perfeitas e asas de arame finas, mas era tão delicado e elegantemente colorido quanto uma pétala de flor em qualquer outra parte. Ele não estava vivo, mas parecia vital. Ele podia vê-lo na escuridão, pois tinha um coração minúsculo que emitia um brilho âmbar.

Gansey sabia que a família de Henry estava no negócio de abelhas robóticas, mas ele não havia pensado *nisso* quando ele considerara abelhas robóticas. Ele tinha praticamente certeza de que já vira imagens de abelhas robóticas, e, embora elas fossem exemplares impressionantes de nanorrobótica, elas não eram nem um pouco parecidas com abelhas de verdade, tendo mais em comum com helicópteros minúsculos do que com insetos vivos. A abelha de Henry, no entanto, era temerosa e incrivelmente construída. Ela o fazia lembrar-se tão fortemente dos objetos de sonho de Ronan que era difícil se livrar da ideia, uma vez que ela lhe tivesse ocorrido.

Henry tirou subitamente o telefone do bolso. Digitando rapidamente, abriu uma tela coberta por um arco-íris que de certa forma era tão difícil de olhar quanto a abelha robótica.

— A AbelhaRobô usa esse aplicativo para fazer a interface com o ChengFone. Ela reconhece a sua digital, então veja bem, eu pressiono meu dedo aqui e digo a ela o que eu quero encontrar... AbelhaRobô, encontre cabelo volumoso!... E olhe, lá vai ela.

Gansey se sobressaltou violentamente enquanto a abelha levantava voo com o mesmo ruído que antes, erguendo-se no ar e alinhando-se sobre o seu cabelo. O peso dela ali era pior ainda do que tê-la em sua palma. Rigidamente, ele disse: — Você poderia tirar isso daqui? Ela me deixa muito desconfortável.

Henry pressionou o dedo contra a tela novamente, e a abelha levantou voo de novo, zunindo até o seu ombro.

— Você não falou nada dessa vez — disse Gansey.

— Não, não preciso dizer nada. Ela lê meus pensamentos através da minha digital — disse Henry. Ele não tirou os olhos da tela enquanto dizia isso, mas Gansey podia ver na luz que ele avaliava a sua reação. — Então eu apenas digo a ela o que fazer e... *whoosh!*... lá vai ela, obrigado, obrigado, abelhinha.

Henry estendeu a mão e a abelha zumbiu até ela como uma floração móvel; a luz se apagou. Ele a enfiou de volta no bolso. Era impossível, é claro, e Henry estava esperando que Gansey dissesse que era impossível. Essa era a razão por que era um segredo: ela não podia existir.

A rede caiu ao redor de Gansey; ele a sentiu.

— Os seus pais fazem abelhas robóticas — ele começou cuidadosamente.

— Meu pai. A empresa do meu pai, sim.

Havia uma linha traçada aqui, embora Gansey não a compreendesse.

— E ela produz abelhas como esta.

Gansey não se esforçou para soar como se acreditasse nisso.

— Gansey Boy, acho que temos de decidir se podemos confiar um no outro ou não — disse Henry. — Acho que esse é o momento em nossa amizade recente.

Gansey considerou suas palavras.

— Mas acreditar em uma pessoa e confiar em alguém não é a mesma coisa.

Henry riu de maneira aprovadora.

— Não. Mas já acreditei e já confiei em você. Mantive o segredo a respeito do que você tinha no porta-malas do seu Suburban e de como Adam Parrish não morreu por causa daquelas telhas. Isso é acreditar em alguém. E confiei em você: eu lhe mostrei a AbelhaRobô.

Tudo isso era verdade. Mas Gansey conhecia gente suficiente com segredos que não se deixavam deslumbrar em usá-los facilmente como moeda. E muito do que Gansey vivia colocava a vida de outras pessoas em risco, não somente a sua. Isso era muita confiança para uma festa de toga e um buraco no chão. Ele disse: — Existe um princípio psicológico que os vendedores de carros usam. Eles compram uma Coca-Cola de uma máquina automática para você com o seu próprio dinheiro, e então você se sente obrigado a comprar um carro deles.

Havia humor na voz de Henry.

— Você está dizendo que os seus segredos estão para os meus segredos como um automóvel está para um refrigerante carbonado?

Agora havia humor na voz de Gansey.

— A empresa do seu pai não produziu aquela abelha, não é?

— Não.

Era melhor terminar com isso de uma vez.

— O que você quer que eu diga? A palavra *mágica?*

— Você já viu mágica como a minha AbelhaRobô antes — disse Henry. — Não é o mesmo tipo de mágica que observar Parrish desviar uma tonelada de ardósia. Onde você viu esse tipo de mágica?

Gansey não podia responder.

— Não se trata de um segredo meu.

— Vou lhe poupar a agonia — disse Henry. — Eu sei. Declan Lynch. Ele vendeu duas dessas para a minha mãe.

Isso era tão inesperado que Gansey se sentiu grato por eles estarem na escuridão absoluta novamente; ele tinha certeza de que o choque se revelara em seu rosto. E lutou para digerir essa informação. Declan — então essa abelha era uma criação de Niall. Se a mãe de Henry era uma cliente, isso queria dizer que Declan estava vendendo para pessoas na escola? Certamente Declan não era tão estúpido.

— Como a sua mãe sabia como comprar essas abelhas? Você contou para ela?

— Você entendeu a situação de trás para frente. Ela não sabe por que eu estou aqui. Eu estou aqui porque ela sabe. Você não percebe? Eu sou a desculpa dela. Ela me visita. Compra algo de Declan Lynch. Volta para casa. Sem que ninguém perceba. Ah! Eu queria dizer isso em voz alta por dois anos. Segredos apodrecem.

— A sua mãe mandou você para Aglionby só para que ela pudesse ter cobertura para fazer negócios com Declan? — perguntou Gansey.

— Artefatos mágicos, cara. Um grande negócio. Um negócio assustador. Uma boa maneira de ter os seus joelhos estourados. Ou ser morto como o nosso amigo Kavinsky.

Gansey se sufocava com tantas revelações.

— Ela negociava com ele?

— De jeito nenhum. Ele apenas vendia drogas, mas ela disse que eram mágicas, também. E vamos lá. Você estava na festa da Independência esse ano. Explique os dragões.

— Não posso — disse Gansey. — Nós dois sabemos.

— Sim, sabemos — disse Henry, satisfeito. — Uma vez ele quase matou o Cheng Dois apenas para se divertir. Ele era terrível.

Gansey se recostou contra a parede empoeirada.

— Você está caindo? Você está bem? Achei que estávamos conversando.

Eles *estavam* conversando, apenas não como Gansey havia antecipado. Ele havia falado com um número suficiente de pessoas estranhas em sua busca por Glendower. De muitas maneiras, suas viagens não eram definidas por cidades ou países pelos quais ele havia passado, mas por pessoas e fenômenos. A diferença era que Gansey tinha ido atrás dessas pessoas e fenômenos. Eles jamais tinham vindo atrás dele. Gansey jamais encontrara alguém realmente como ele mesmo, e, embora Henry estivesse longe de ser seu irmão gêmeo, ele era o mais próximo que Gansey havia encontrado disso.

Ele não havia percebido a solidão dessa crença até ela ser testada. E perguntou: — Existem outras pessoas mágicas em Aglionby sobre as quais eu deva saber?

— Tirando as que andam com você? Ninguém que eu saiba. Faz um ano que tento sacar o seu número.

— Está no diretório estudantil.

— Não, seu idiota. Idiomaticamente. Sacar qual é a sua. Saber se você era um verme como o K ou não. Sacar o seu número. Quem aqui fala o inglês como segunda língua? Dica: não é você.

Gansey riu, então riu mais um pouco, sentindo como se tivesse passado por todas as emoções conhecidas pelo homem nos últimos dias.

— Eu não sou um verme — ele disse. — Sou apenas um cara procurando um rei. Você disse que a sua mãe comprou duas dessas coisas. Onde está a outra?

Henry puxou o inseto adornado para fora do bolso. Seu coração âmbar aqueceu o poço com sua luz novamente.

— Lá no laboratório, é claro, enquanto meu querido pai tenta copiá-la com partes não mágicas. Minha mãe disse para eu ficar com esta, para que eu me lembre de quem sou.

— E o que é isso?

A abelha iluminou a si mesma e a Henry: as asas translúcidas e as sobrancelhas travessamente cortadas de Henry.

— Algo mais.

Gansey olhou para ele bruscamente. Em algum lugar ao longo do caminho, durante essa caçada por Glendower, ele havia deixado de

perceber quanta mágica havia no mundo. Quanta mágica que não estava simplesmente enterrada em uma tumba. Ele o sentia agora.

— Eis a questão que eu preciso te contar antes que sejamos amigos — disse Henry. — Minha mãe vende mágica. Ela me disse para observar você para descobrir os seus segredos. Não pretendo te usar agora, mas era isso que eu deveria fazer. Não comecei esse jogo em busca de um amigo.

— O que você quer que eu diga?

— Nada ainda — disse Henry. — Eu quero que você pense a respeito disso. E então espero que você escolha confiar em mim. Porque estou lotado de segredos e faminto de amigos.

Ele segurou a abelha entre eles de maneira que Gansey o olhou através do brilho do magnífico corpo do inseto. Os olhos de Henry pareciam ferozes e cheios de vida. Ele jogou a abelha para cima.

— Vamos sair deste buraco.



O mundo não tinha palavras para mensurar o ódio. Havia toneladas, jardas, anos. Volts, nós, watts. Ronan podia explicar o quão rápido o seu carro ia. Podia explicar exatamente o calor que fazia no dia. Podia transmitir especificamente o seu ritmo cardíaco. Mas não havia como contar a ninguém mais como exatamente ele odiava a Academia Aglionby.

Qualquer unidade de medida teria de incluir tanto o volume quanto o peso do ódio. E teria também de incluir um componente de tempo. Os dias passados na sala de aula, desperdiçados, inúteis, habilidades de aprendizado para uma vida que ele não queria. Não havia uma única palavra, provavelmente, para conter o conceito. *Todo*, talvez. Ele tinha todo o ódio pela Academia Aglionby.

Ladra? Aglionby era a ladra. A vida de Ronan era o sonho, pilhado.

Ele havia dito a si mesmo que se permitiria abandonar a escola: esse era o seu presente de aniversário de dezoito anos para si mesmo.

E, no entanto, ali estava ele.

Abandonar. Simplesmente abandonar. Ele acreditava que podia fazê-lo ou não.

Ronan podia ouvir a voz de Gansey: *aguente só até a formatura; só faltam mais alguns meses. Certamente você consegue isso.*

Então agora ele tentava.

O dia na escola era como um travesseiro sobre sua cabeça. Ele sufocaria antes da sineta final. O único oxigênio era a faixa pálida de pele

no punho de Adam onde seu relógio estivera e o olhar de relance para o céu entre as aulas.

Quatro meses mais.

Declan não parava de enviar mensagens. *Quando você tiver um minuto, mande um alô.* Ronan simplesmente não mandava alôs para as pessoas. *Ei, eu sei que você está na escola, mas, quem sabe entre as aulas, me dê um toque.* Isso era uma mentira, o superpoder de Declan. Ele presumia que Ronan não estivesse na escola. *Ei, estou na cidade, preciso falar com você.*

Isso chamou a atenção de Ronan. Agora que Declan tinha se formado, ele estava em segurança a duas horas dali, em Washington, D.C., uma distância que havia, na estimativa de Ronan, melhorado a relação deles de todas as maneiras possíveis. Ele vinha somente para a missa de domingo, uma extravagante viagem de ida e volta de quatro horas, que Matthew dava como certa sem questionamentos, e que Ronan só compreendia parcialmente. Certamente Declan tinha coisas melhores para fazer na D.eclan C.ity do que passar metade do dia em uma cidade que ele odiava, com uma família da qual nunca quisera fazer parte.

Ronan não se importava com nada disso. Isso lhe provocava uma sensação de que não conquistara nada no verão. De volta a Aglionby, com seus sonhos-coisas-temerosas, ele tentava evitar Declan.

Três horas mais para passar.

— Lynch — disse Jiang, passando por ele no refeitório. — Achei que você tinha morrido.

Ronan o encarou friamente. Ele não queria ver o rosto de Jiang a não ser que fosse atrás da direção de um carro.

Duas horas mais para passar.

Declan ligou durante a apresentação de um convidado. O telefone, no modo silencioso, zumbiu sozinho. O céu na rua tinha um tom azul rasgado por nuvens; Ronan desejava ardentemente estar lá fora. Sua espécie havia morrido no cativeiro.

Uma hora mais.

— Achei que eu estava tendo uma alucinação — disse Adam, junto aos armários, um anúncio transmitido em voz metálica, nos alto-falantes do corredor. — Ronan Lynch, na entrada da Aglionby.

Ronan bateu a porta do armário. Ele não tinha colocado nada dentro dele e não havia nenhum motivo para abri-lo ou fechá-lo, mas ele gostava

do ruído da batida do metal no corredor, a maneira como abafava as chamadas. E o fez de novo para não deixar dúvidas.

— Essa conversa é real, Parrish?

Adam não perdeu tempo respondendo. Ele simplesmente trocou três livros por seu blusão de ginástica. Ronan soltou o nó da gravata.

— Você vai trabalhar depois da escola?

— Com um sonhador.

Ele manteve o olhar de Ronan sobre a porta do seu armário.

A escola havia melhorado.

Adam fechou seu armário suavemente.

— Vou estar pronto às quatro e meia. Se você quiser discutir umas ideias sobre como reparar a sua floresta de sonhos... a não ser que tenha lição para fazer.

— Imbecil — disse Ronan.

Adam sorriu alegremente. Ronan começaria guerras e queimaria cidades por aquele sorriso verdadeiro, franco e amigável.



O bom humor de Ronan durou apenas a distância do corredor e o lance de escada ao final dele, pois, na rua, o Volvo polido de Declan estava estacionado no meio-fio. O próprio Declan estava parado ao lado dele, conversando com Gansey. Gansey tinha sujeira nos cotovelos da camisa de seu uniforme — como ele havia conseguido sujá-la tanto durante o curso do dia na escola era algo que Ronan não sabia explicar. Declan trajava um terno, mas nunca parecia uma ocasião especial quando o fazia. Ele usava um terno do jeito que outras pessoas usavam calças de pijama.

Não havia palavras para mensurar o ódio de Ronan por seu irmão mais velho, ou vice-versa. Não havia uma unidade de medida para uma emoção que era igualmente ódio e traição, julgamento e costume.

Ronan cerrou as mãos em punhos.

Uma das janelas do banco de trás baixou, revelando os anéis dourados de Matthew e seu sorriso patologicamente ensolarado. Ele acenou contente

uma única vez para Ronan.

Haviam se passado meses desde a última vez que os três haviam estado juntos no mesmo lugar, do lado de fora de uma igreja.

— Ronan — disse Declan. A palavra era carregada com um significado adicional: *vejo que você acabou de sair da escola e seu uniforme já está um horror; nada que me choque aqui.* Ele gesticulou para o Volvo. — Vamos conversar em meu escritório.

Ronan não queria conversar com ele em seu escritório. Ele queria parar de se sentir como se tivesse bebido ácido de bateria.

— O que você precisa conversar com o Ronan? — perguntou Gansey. O seu "Ronan" era carregado com um significado adicional também: *isso foi planejado, me diga o que está acontecendo e... você precisa da minha intervenção?*

— Apenas um papo de família — disse Declan.

Ronan olhou para Gansey de maneira suplicante.

— Um papo de família que poderia acontecer a caminho da Rua Fox? — perguntou Gansey, poderosa e educadamente. — Porque nós dois estamos indo para lá.

Normalmente, Declan teria se esquivado ao perceber a menor pressão de Gansey, mas ele disse:

— Ah, posso deixar meu irmão lá depois que terminarmos. Só vou levar uns minutos.

— Ronan! — Matthew estendeu a mão para fora da janela na direção de Ronan. Seu "Ronan" entusiasmado era outra versão de *por favor*.

Preso em uma armadilha.

— *Miseria fortes viros*, Ronan — disse Adam.

Quando ele disse "Ronan", ele queria dizer: *Ronan.*

— Imbecil — disse Ronan de novo, se sentindo um pouco melhor. E entrou no carro.

Assim que ambos entraram, Declan não dirigiu longe, apenas para o outro lado do estacionamento, fora do caminho dos carros e ônibus que partiam. Ele se reclinou em seu assento, os olhos em Aglionby, não lembrando em nada sua mãe, apenas um pouco como seu pai. Seus olhos tinham bolsas de cansaço.

Matthew tinha voltado a jogar em seu celular, a boca curvada em um sorriso desatento.

— Precisamos conversar sobre o seu futuro — começou Declan.

— Não — disse Ronan. — Não, não precisamos.

Ele já tinha metade do corpo fora do carro, as folhas estalando secas debaixo de seus sapatos.

— Ronan, espere!

Ronan não esperou.

— Ronan! Antes de ele morrer, quando nós dois estávamos juntos, o pai me contou uma história sobre você.

Era perversamente injusto.

Era perversamente injusto porque nada mais teria impedido Ronan de ir embora.

Era perversamente injusto porque Declan sabia disso, e, caso Ronan tentasse ir embora, ele teria a frase pronta, uma refeição rara de uma despensa vazia.

Os pés de Ronan queimaram no asfalto. A eletricidade na atmosfera crepitou debaixo de sua pele. Ele não sabia se estava mais furioso com seu irmão, por saber precisamente como passar a corda em torno do seu pescoço, ou consigo mesmo, por sua incapacidade de se esquivar do nó.

— Sobre mim — ecoou Ronan finalmente, com a voz tão indiferente quanto conseguia emitir.

Declan não respondeu. Apenas esperou.

Ronan entrou de volta no carro e bateu a porta com força. Depois a abriu e bateu com força de novo. Ele a abriu uma terceira vez e a bateu com força mais uma vez antes de lançar a base do crânio contra o apoio de cabeça e mirar as nuvens turbulentas através do para-brisa.

— Terminou? — perguntou Declan. Ele olhou de relance para Matthew, mas o Lynch mais novo ainda estava jogando alegremente no celular.

— Eu terminei meses atrás — respondeu Ronan. — Se for mentira...

— Eu estava bravo demais para contar para você antes. — Em um tom inteiramente diferente, Declan acrescentou: — Você vai ficar quieto?

Esse também era um golpe baixo, pois era o que o pai deles costumava dizer quando ia lhes contar uma história. Ronan já ia ouvir; isso o fez recostar a cabeça contra a janela e fechar os olhos.

Declan era diferente do pai de muitas maneiras, mas, assim como Niall Lynch, ele sabia contar uma história. Uma história, afinal de contas, é muito como uma mentira, e Declan era um excelente mentiroso. Ele começou:

— Era uma vez um antigo herói irlandês, muito tempo atrás, quando a Irlanda não era tanto um lugar de homens e cidades, e mais uma ilha de magia. O herói tinha um nome, mas só vou contar no fim. Ele era um deus-herói, aterrorizante, sábio e impetuoso. Ele ganhou uma lança, a história é sobre essa lança, que era sedenta por sangue e nada mais. Quem quer que tivesse essa lança dominava o campo de batalha, pois não havia nada que pudesse enfrentar a sua mágica mortal. Ela era tão vorazmente sedenta de sangue que tinha que ser coberta e esconder os olhos para parar com a matança. Só sossegava quando a cobriam.

Então Declan fez uma pausa, como se o peso da história fosse algo tangível e ele precisasse de um momento para recuperar a força. Era verdade que a memória do ritual era pesada. Ronan se sentia todo enredado em imagens mal formadas de seu pai sentado na ponta da cama de Matthew, os irmãos amontoados na cabeceira, sua mãe empoleirada naquela cadeira de escrivaninha andrajosa que ninguém mais usava. Ela também adorava essas histórias, especialmente as que fossem sobre ela.

Um ruído de unhas tamborilando soou no teto do carro, e, um segundo mais tarde, um floco de folhas secas escorregou pelo para-brisa. Elas lembravam as garras dos horrores noturnos para Ronan, e ele se perguntou se eles já haviam voltado para a Barns. Declan seguiu em frente:

— Quando a lança fosse descoberta, não importava se o verdadeiro amor do herói ou se sua família estivesse no aposento, a lança os mataria de qualquer maneira. Matar era o que ela fazia bem, e matar era o que ela fazia.

No banco de trás, Matthew inspirou dramaticamente para aliviar a tensão. Assim como Motosserra, ele não podia ver Ronan nervoso.

— Era uma bela arma, talhada para lutar e nada mais — disse Declan. — O herói, defensor da ilha, tentou usar a lança para o bem. Mas ela cortava inimigos e amigos, vilãos e amantes, e o herói viu que a lança com seu único propósito devia ficar isolada.

Ronan remexeu irritadamente suas pulseiras de couro. Ele se lembrou precisamente do sonho que tivera havia poucos dias.

— Achei que você tinha dito que a história era sobre mim.

— A lança, o pai me contou, era ele. — Declan olhou para Ronan. — Ele disse para eu me certificar que Ronan fosse o nome do herói, e não o nome de apenas outra lança.

Então deixou que as palavras surtissem efeito.

Da rua, os três irmãos Lynch pareciam extraordinariamente diferentes: Declan, um político vaselina; Ronan, um touro em um mundo de porcelanas; Matthew, um garoto ensolarado.

Por dentro, os irmãos Lynch eram extraordinariamente parecidos: todos amavam carros, a si mesmos e uns aos outros.

— Eu sei que você é um sonhador como ele — disse Declan com a voz baixa. — Eu sei que você é bom nisso. Sei que não faz sentido pedir que você pare. Mas o pai não queria que você fosse solitário como ele foi. Como ele escolheu ser.

Ronan puxou as faixas de couro cada vez mais apertadas.

— Ah, entendi — disse Matthew por fim, rindo suavemente de si mesmo.

— Dã.

— Por que você está me contando isso agora? — perguntou Ronan, finalmente.

— Fiquei sabendo que algo de grandes proporções está prestes a acontecer aqui em Henrietta — disse Declan.

— Quem?

— Quem o quê?

— De onde veio essa informação?

Declan o encarou intensamente.

— Como eles saberiam de ligar para você?

Declan respondeu:

— Você realmente acreditava que o pai tocava esse negócio sozinho?

Ronan acreditava, mas não disse nada.

— Você faz ideia por que eu fui para Washington?

Ronan achava que Declan estava lá para entrar para a política, mas essa hipótese era tão obviamente a resposta errada que ele manteve a boca fechada.

— Matthew, coloque seus fones de ouvido — disse Declan.

— Não estou com eles aqui.

— Finja que está com fones de ouvido — disse Ronan, e ligou o rádio para fazer um pouco de ruído de fundo.

— Quero que você me responda sem rodeios — disse Declan. — Você pensa em ir para a faculdade?

— Não.

Era algo que causava satisfação e também terrível de dizer em voz alta, um gatilho puxado, uma explosão de um segundo. Ronan olhou à sua volta em busca de corpos.

Declan balançou; a bala havia raspado o seu corpo, próximo de um órgão vital. Com esforço, ele controlou o fluxo arterial.

— Sim. Foi o que pensei. Então o objetivo é fazer disso uma carreira para você, não é?

Isso não era, na realidade, o que Ronan queria. Embora ele quisesse ser livre para sonhar e para viver na Barns, ele não queria sonhar para poder viver na Barns. Ele queria ficar sozinho para consertar todas as construções, acordar o gado do seu pai de seu sono sobrenatural, popular os campos com novos animais para abate e transformar o terreno mais ao fundo em uma enorme pista circular de lama, própria para dirigir carros. Para Ronan, isso representava um ideal romântico que ele faria muito para alcançar. Mas ele não sabia bem como contar isso ao irmão de uma maneira persuasiva e não embaraçosa, então ele disse, de forma hostil:

— Na verdade eu estava pensando em virar fazendeiro.

— Vá se foder, Ronan — disse Declan. — Será que poderíamos conversar a sério uma vez que fosse?

Ronan exibiu o dedo médio para ele com uma proficiência exemplar.

— Como quiser — disse Declan. — Pode parecer que Henrietta não está quente agora, mas a situação só está calma porque estou trabalhando duro para manter vocês distantes da cidade. Estou cuidando das vendas do pai já faz um tempo, então eu disse a todos que estaria atuando a partir de Washington.

— Se o pai não estava sonhando coisas novas para você, o que você estava vendendo?

— Você já viu a Barns. É só uma questão de parcelar as coisas antigas de maneira lenta o suficiente para que pareça que eu as estou conseguindo de outras fontes em vez de apenas as buscando no meu quintal. É por isso que o pai viajava o tempo inteiro, para fazer de conta que elas vinham de toda parte.

— Se o pai não estava sonhando coisas novas para você, *por que* você continuou vendendo?

Declan correu a mão sobre a direção.

— O pai cavou um túmulo para todos nós. Ele prometeu às pessoas coisas que ele não havia sonhado ainda. Ele fez negócios com pessoas que não se preocupavam sempre em pagar e que sabiam onde nós vivíamos. Ele mentia que tinha encontrado esse objeto, o Greywaren, que possibilitava que as pessoas tirassem coisas dos sonhos. Soa familiar? Quando as pessoas vinham até ele para comprá-lo, ele empurrava outro objeto para elas em vez disso. Isso se tornou lendário. Então, é claro que ele teve de jogar uns contra os outros e brincar com aquele psicopata do Greenmantle e terminar morto. E agora aqui estamos nós.

No início daquele ano, esse tipo de declaração teria sido suficiente para provocar uma briga, mas agora a dor amarga na voz de Declan se sobrepujava à raiva. Ronan podia dar um passo atrás para ponderar essas declarações contra o que ele sabia a respeito de seu pai. Ele poderia ponderá-las contra o que ele sabia a respeito de Declan.

Ele não gostava delas. Ele acreditava nelas, mas não gostava. Fora mais fácil simplesmente brigar com Declan.

— Por que você não me contou isso antes? — ele perguntou.

Declan fechou os olhos.

— Eu tentei.

— O diabo que você tentou.

— Eu tentei te contar que ele não era a pessoa que você acreditava que fosse.

Mas isso não era totalmente verdadeiro. Niall Lynch era exatamente o que Ronan acreditara, mas era também aquilo que Declan conhecera.

— Quer dizer, por que você não me contou que estava enfrentando todas essas pessoas?

Declan abriu os olhos. Eles eram brilhantemente azuis, como os de todos os irmãos Lynch.

— Eu estava tentando te proteger, seu bastardinho.

— Bom, seria muito mais fácil se eu soubesse mais — disparou Ronan. — Em vez disso, o Adam e eu tivemos que chutar o Greenmantle para fora da cidade sozinhos, enquanto você brincava de capa e espada.

Seu irmão o olhou de maneira aprovadora.

— Foi você? Como... ah!

Ronan gozou de um minuto inteiro do apreço de seu irmão.

— O Parrish sempre foi um filho da puta espertinho — observou Declan, soando um pouco como seu pai, a despeito de sua vontade. — Olha, o que rolou foi isso. Essa compradora me ligou esta manhã e me disse que alguém estava vendendo algo importante aqui, como eu disse. As pessoas vão vir de toda parte para conferir, o que quer que isso seja. Não vai ser preciso muito esforço para encontrar você, Matthew, a Barns e a floresta aqui.

— Quem é que está vendendo algo?

—Não sei. Não quero saber. Pouco importa. Você não compreende? Mesmo depois que esse negócio for fechado, eles vão aparecer porque Henrietta é esse farol sobrenatural gigantesco. E porque vai saber quais negócios do pai eu não resolvi ainda. Além do mais, se eles descobrirem que você pode sonhar... Deus te proteja, porque isso será o fim. Eu só... — Declan parou de falar e fechou os olhos; quando o fez, Ronan pôde ver o irmão com quem havia crescido junto e não o irmão de quem havia se tornado distante. — Estou cansado, Ronan.

O carro ficou em absoluto silêncio.

— Por favor... — começou Declan. — Apenas venha comigo, tudo bem? Você pode abandonar a Aglionby e o Matthew pode se transferir para uma escola em Washington. Eu vou jogar gasolina sobre tudo o que o pai construiu e podemos simplesmente deixar a Barns para trás. Vamos.

Aquilo não era nem de perto o que Ronan havia esperado que ele dissesse, e ele se viu sem resposta. Largar Aglionby; deixar Henrietta; largar Adam; deixar Gansey.

Uma vez, quando Ronan era bem novo, novo o suficiente para ir às aulas de domingo na igreja, ele havia acordado segurando uma espada de verdade em chamas. Seu pijama, que estava de acordo com rigorosos

códigos de segurança que até então haviam parecido teoricamente interessantes, haviam-no fundido e salvo, mas seus cobertores e a maior parte de suas cortinas haviam sido inteiramente destruídos em um pequeno inferno. Fora Declan que arrastara Ronan do seu quarto e despertara seus pais; ele jamais dissera nada a respeito disso e Ronan jamais lhe agradecera.

Àquela altura, não havia outra opção. Se fosse preciso, os Lynch sempre salvariam a vida uns dos outros.

— Leva o Matthew — disse Ronan.

— O quê?

— Leva o Matthew para Washington e o mantenha seguro — repetiu Ronan.

— Mesmo? E você?

Eles se encararam, imagens refletidas distorcidas um do outro.

— A minha casa é aqui — disse Ronan.



O clima de tempestade espelhava perfeitamente a alma de Blue Sargent. Seu primeiro dia de volta à escola depois da suspensão havia sido interminável. Uma pequena parte disso se devia ao fato de que o tempo longe das aulas fora extraordinário: o oposto absoluto da experiência mundana na Escola Mountain View. Mas a parte muito mais significativa disso se devia à memória do elemento menos mágico da sua suspensão: a festa de toga de Henry Cheng. O encanto daquela experiência era mais impressionante pelo fato de que ele na realidade não continha nenhuma mágica. E sua afinidade instantânea com os estudantes ali apenas sublinhou como ela tinha fracassado absolutamente em viver qualquer coisa parecida com isso em seus anos na Mountain View. O que a fazia se sentir tão instantaneamente confortável com a turma de Vancouver? E por que aquela afinidade tinha de acontecer com pessoas que pertenciam a um mundo diferente? Na realidade, ela sabia a resposta para essa questão. A turma de Vancouver tinha os olhos nas estrelas, não treinados sobre o chão. Eles não sabiam de tudo, mas queriam saber. Em um mundo diferente, Blue poderia ser amiga de garotos como Henry durante toda a sua adolescência. Mas, neste mundo, ela continuava em Henrietta e observava essas pessoas seguirem em frente. Ela não estava indo para a Venezuela.

Blue se sentia extremamente frustrada por sua vida ser tão claramente demarcada.

Coisas que *não eram o suficiente*, mas que ela poderia ter.

Coisas que eram *algo mais*, que ela não poderia ser.

Então ela assumiu a postura de uma senhora birrenta — encolhida no blusão com capuz longo que ela transformara em vestido —, esperando que os ônibus partissem e liberassem sua bicicleta. Blue desejou ter um celular ou uma bíblia para poder fingir que estava muito ocupada como o punhado de adolescentes tímidos parados na fila do ônibus à sua frente. Quatro colegas de aula estavam parados perigosamente próximos dela, conversando sobre se a sequência daquela cena de roubo a banco naquele filme que todos tinham visto era realmente incrível ou não, e Blue temia que eles perguntassem a sua opinião a respeito dela. Ela sabia que não havia nada de errado com aquele assunto, mas também sabia que não havia como conversar sobre aquele filme sem soar como uma fedelha condescendente. Ela se sentia com mil anos de idade. E que talvez *fosse* uma fedelha condescendente. Ela queria sua bicicleta. Queria seus amigos, que também eram fedelhos de mil anos de idade. Queria viver em um mundo onde estivesse cercada por fedelhos condescendentes de mil anos de idade.

Ela queria ir para a Venezuela.

— Ei, ei, garota! Quer dar a volta de carro da sua vida?

Blue não percebeu imediatamente que as palavras estavam sendo dirigidas para ela. A ficha só caiu quando ela se deu conta de que todos os rostos à sua volta estavam apontados em sua direção. Ela girou lentamente e descobriu que havia um carro muito prateado e caro estacionado na pista exclusiva dos bombeiros.

Blue tinha conseguido passar meses ao lado de garotos da Aglionby sem *parecer* que estava saindo com garotos da Aglionby, mas ali estava o garoto corvo mais garoto corvo de todos, estacionado na pista exclusiva dos bombeiros, perto dela. O motorista usava um relógio que até Gansey teria considerado exagerado. Tinha o cabelo alto o suficiente para tocar o teto do carro. Usava grandes óculos escuros com aros negros, apesar da notável falta de sol. Era Henry Cheng.

— Uauuu — disse Burton, um dos garotos do roubo a banco, virando-se lentamente. — Não Sou sua Cadela tem um encontro? Foi ele quem bateu em você?

Cody, o segundo dos ladrões de banco, deu um passo na direção do meio-fio para olhar embasbacado para o carro esportivo. Ele perguntou a

Henry:

— É uma Ferrari?

— Não, é um Bugatti, cara — disse Henry através da janela aberta do passageiro. — Ha-ha, estou brincando, cara. É totalmente uma Ferrari. Sargent! Não me deixe esperando!

Metade da fila do ônibus estava olhando para ela. Até aquele momento, Blue jamais havia empilhado realmente todas as suas declarações públicas contra o comercialismo gratuito, os namorados ofensivos e os estudantes da Aglionby em um único lugar. Agora que todos olhavam para Henry e então para ela, ela via a pilha e a achava enorme. Ela também via como cada aluno lentamente rotulava essa pilha de *BLUE SARGENTE É UMA HIPÓCRITA*.

Não havia uma maneira fácil de mostrar que Henry não era seu namorado, e, ademais, isso parecia de certo modo sem sentido diante do fato de que seu namorado secreto era apenas ligeiramente menos esmagadoramente Aglionby do que o espécime na sua frente nesse instante.

Blue estava tomada pela certeza desconfortável de que provavelmente ela precisava rotular a pilha *BLUE SARGENT É UMA HIPÓCRITA* Com a própria caligrafia.

Ela avançou a passos largos até a janela do passageiro.

— Não chupe ele aqui, Sargent! — alguém gritou. — Faça ele pagar seu filé primeiro!

Henry sorriu descontraidamente.

— Ho! Os nativos estão agitados. Olá, meu povo! Não se preocupem, vou estabelecer um salário mínimo mais alto para todos vocês! — Olhando de volta para Blue, ou pelo menos virando os óculos escuros para ela, ele disse: — Oi, oi, Sargent.

— O que você está fazendo aqui? — demandou Blue. Ela estava se sentindo... ela não tinha certeza. Ela estava sentindo *muito*.

— Vim para conversar sobre os homens na sua vida. Para conversar sobre os homens na minha vida. Aliás, gostei do vestido. Bem chique boêmio, ou o que quer que seja. Eu estava a caminho de casa, e queria saber se você se divertiu na festa de toga e também me certificar de que os nossos planos para o Zimbábue ainda estão valendo. Vejo que você tentou arrancar o seu olho; está meio pendurado.

— Pensei... acho... que era a Venezuela.

— Ah, certo, a gente faz isso a caminho.

— Meu Deus — ela disse.

Henry inclinou a cabeça em um gesto de humilde reconhecimento.

— A formatura bafeja sobre nós, senhorita caipira — ele disse. — Agora é o momento de verificar se estamos com os barbantes para todos os balões que queremos ficar antes que eles voem.

Blue o encarou cautelosamente. Teria sido fácil responder que ela não voaria a parte alguma, que esse balão lentamente perderia o seu hélio e afundaria no chão no mesmo lugar em que havia nascido, mas pensou nas previsões de sua mãe para ela e não respondeu. Em vez disso, pensou em como queria viajar para a Venezuela, assim como Henry Cheng, e isso significava algo nesse minuto, mesmo que não o significasse na semana que vem. Um pensamento lhe ocorreu.

— Não preciso te lembrar que estou com o Gansey, certo?

— É claro que não. Eu sou Henrysexual, de qualquer maneira. Posso te levar em casa?

Fique longe dos garotos da Aglionby, porque eles são uns canalhas.

— Não posso entrar nesse carro. Você não está vendo o que está acontecendo atrás de mim? Não quero nem olhar — disse Blue.

— Que tal você me mostrar seu dedo médio, gritar comigo agora e se retirar com seus princípios? — disse Henry. Ele sorriu, vencedor, e ergueu três dedos. Em seguida mudou para dois, fazendo um chifre do diabo com a mão.

— Isso é incrivelmente desnecessário — Blue lhe disse, mas podia se sentir sorrindo.

— A vida é um show — ele respondeu. E contou um com o dedo médio, e então seu rosto se fundiu em uma expressão de choque exagerado.

— Vê se cai morto, filho da puta! — gritou Blue.

— ESTÁ BEM! — gritou Henry de volta, com um pouco mais de histeria do que o papel exigia. Ele tentou deixar o estacionamento guinchando os pneus, parou para soltar o freio de mão, e então arrancou aos trancos mais tranquilamente.

Ela nem tivera tempo para se virar para ver os resultados da sua peça em três atos antes de ouvir um ronco muito familiar. *Ah, não*...

Mas, com certeza, antes que Blue pudesse se reabilitar de seu último visitante, um Camaro laranja brilhante estacionou junto ao meio-fio na sua frente. O motor estava falhando um pouco; ele não estava tão feliz em estar vivo quanto o veículo que havia ocupado anteriormente a faixa exclusiva dos bombeiros, mas estava fazendo o melhor que podia. Ele também era, da mesma forma, obviamente um carro da Aglionby, contendo um garoto da Aglionby, exatamente como aquele que havia acabado de partir.

Antes, Blue tivera metade da atenção da fila do ônibus. Agora ela tinha toda ela.

Gansey se inclinou sobre o assento do passageiro. Diferentemente de Henry, pelo menos ele tivera as boas maneiras de reconhecer a atenção da escola com um largo sorriso.

— Jane, desculpe pela pressa. Mas o Ronan acabou de me ligar.

— Ele *ligou* para você?

— Sim. Ele quer falar com a gente. Você pode vir?

As letras BLUE SARGENT É UMA HIPÓCRITA estavam certamente rabiscadas com sua própria caligrafia. Ela achou que tinha um tanto de autoanálise para fazer depois.

Houve um silêncio relativo.

A autoanálise estava acontecendo agora.

— Garotos corvos estúpidos — ela disse, e entrou no carro.



Ninguém conseguia realmente acreditar que Ronan tinha usado seu celular.

Ronan Lynch tinha muitos hábitos que irritavam seus amigos e quem o amava — falar palavrões, beber, correr de carro nas ruas —, mas o que mais enlouquecia os seus conhecidos era a sua incapacidade de atender ligações ou mandar mensagens. Quando Adam conhecera Ronan, ele achara a aversão de Ronan ao seu aparelho moderno tão completa que presumira que devia haver uma história por trás disso. Devia haver alguma razão para isso, porque, mesmo diante de uma emergência, a primeira resposta de Ronan era passar o telefone para outra pessoa. Agora que Adam o conhecia melhor, ele se dera conta de que isso tinha mais a ver com o fato de que o telefone não permitia nenhum trejeito. Noventa por cento de como Ronan transmitia os seus sentimentos era através de sua linguagem corporal, e um telefone simplesmente não se importava com isso.

E, no entanto, ele o havia usado. Enquanto esperava que Declan terminasse o seu assunto com Ronan, Adam tinha ido à Boyd's se livrar de algumas trocas de óleo que tinha para fazer. Ele já estava lá havia algumas horas, quando Ronan ligou. Então Ronan mandara uma mensagem para Gansey e ligara para a Rua Fox. Disse a mesma coisa para cada um deles: *Venha à Barns*. *Precisamos conversar.*

E porque Ronan jamais havia realmente lhes pedido para fazer qualquer coisa pelo telefone, todos largaram o que estavam fazendo para atendê-lo.

Quando Adam chegou à Barns, os outros já tinham chegado — ou pelo menos o Camaro estava lá, e Adam presumiu que Gansey tinha trazido Blue, especialmente agora que o segredo deles havia sido revelado. O BMW De Ronan estava estacionado de lado, com as rodas viradas de tal forma que sugeriam que ele havia deslizado até a sua posição atual. E, para o espanto de Adam, o Volvo de Declan já estava estacionado ali, encostado de ré, pronto para partir.

Adam desceu do carro.

A Barns exercia um estranho efeito sobre Adam. Ele não soubera diagnosticar esse sentimento das primeiras vezes em que a visitara, porque não acreditava verdadeiramente à época nos dois componentes dos quais a Barns era feita: mágica e amor. Agora que ele tinha pelo menos uma relação passageira com ambos, ela o afetava de uma maneira diferente. Ele costumava se perguntar o que teria sido dele se tivesse crescido em um lugar assim. Agora Adam pensava como — se assim o quisesse — ele poderia um dia viver em um lugar assim. Ele não compreendia bem o que havia mudado.

Lá dentro, encontrou os outros em vários estados de celebração. Precisou de um momento para se dar conta de que se tratava do aniversário de Ronan: a grelha soltava fumaça nos fundos e havia cupcakes comprados na mesa da cozinha, assim como alguns balões inflados rolando pelos cantos da sala. Blue estava sentada sobre os ladrilhos, amarrando barbantes aos balões, seu olho ruim fechado com o inchaço, enquanto Gansey e Declan estavam ao lado do balcão, cabisbaixos, falando em tons graves e sussurrados que os faziam parecer mais velhos do que eram. Ronan e Matthew entraram na cozinha se empurrando, vindos do quintal. Os dois eram barulhentos e camaradas, brincando um com o outro, impossivelmente físicos. Era assim que era ter irmãos?

Ronan ergueu a cabeça e cruzou com o olhar de Adam.

— Tira os sapatos antes de sair andando por aí, cabeçudo — disse Ronan.

Adam parou onde estava e se inclinou para desamarrar os cadarços.

— Você não... eu estava falando para o Matthew.

Ronan manteve o olhar de Adam um momento mais e então observou Matthew tirar os sapatos. Enquanto observava atentamente Matthew

deslizando para a sala de jantar de meias, Adam compreendeu: tratava-se de uma festa para Matthew.

Blue pôs-se de pé para se juntar a Adam. Em voz baixa, ela explicou:

— O Matthew vai morar com o Declan. Ele está saindo da Aglionby.

O quadro ficou mais claro: era uma festa de despedida.

Lentamente, durante a hora seguinte, a história saiu aos solavancos, entregue em fragmentos por cada uma das pessoas ali. A conclusão era esta: a Barns estava mudando de comando por meio de uma revolução pacífica, a coroa passando do pai para o filho do meio à medida que o filho mais velho abdicara. E, se você acreditasse em Declan, estados rivais salivavam a um passo da fronteira.

Tratava-se ao mesmo tempo de uma festa de adeus e um conselho de guerra.

Adam não acreditava no que via; ele não sabia dizer se algum dia presenciara Ronan e Declan juntos no mesmo lugar sem brigar. Mas era verdade: Declan parecia aliviado e exausto; Ronan, intenso e poderoso, determinado e alegre; Matthew, inalterável e ebuliente como o sonho feliz que era.

Algo a respeito de tudo isso deixava Adam fora de prumo. Ele não compreendia bem a situação. Sentia a fragrância de madeira de buxo da janela aberta na cozinha, e isso o fazia pensar na divinação no carro de Ronan. Viu a Garota Órfã de relance, escondendo-se com Motosserra debaixo da mesa de jantar, com uma caixa de brinquedos de montar, e mais uma vez se lembrou do choque ao descobrir que Ronan havia sonhado Cabeswater. Ele havia mergulhado no sonho de Ronan Lynch; e Ronan refizera tudo nesse reino, como bem ditara a sua imaginação.

— Por que isso não está *aqui?*

A voz de Ronan veio da cozinha, exasperada.

Matthew resmungou uma resposta.

Um momento mais tarde, Ronan enganchou os dedos no vão da porta da sala de jantar e olhou para fora.

— Parrish. Parrish. Vê se encontra um maldito rolo de papel-alumínio em algum lugar! Talvez no quarto do Matthew.

Adam não se lembrava bem de onde ficava o quarto de Matthew, mas ficou contente de ter uma desculpa para dar uma volta. Enquanto a conversa continuava na cozinha, ele seguiu em frente pelos corredores,

subiu escadas escondidas e entrou em outros corredores e outras escadas. Lá embaixo, Ronan disse alguma coisa e Matthew soltou uma risada tão sacana que deve ter sido algo terrível. Para a surpresa de Adam, ele também ouviu a risada de Ronan, algo real, do tipo sincero.

Então se viu no que talvez fosse o quarto de Niall e Aurora. A luz através da janela derramava-se sobre a colcha branca, delicada e sonolenta. *Desprenda-se, ó criança humana* dizia uma citação emoldurada ao lado da cama. Havia uma foto acima do roupeiro: Aurora, a boca aberta em um largo, surpreso e ingênuo sorriso, semelhante ao de Matthew. Niall a abraçando, belo e bem-vestido, o cabelo comprido até o queixo, enfiado atrás das orelhas. Seu rosto era o de Ronan.

Adam ficou parado, olhando para a foto por um longo tempo, sem saber ao certo por que ela chamava tanto sua atenção. Talvez pela surpresa, ele pensou, pois ele simplesmente presumira que Aurora era como uma paleta branca, meiga e calada como em Cabeswater. Ocorreu-lhe que talvez ela fosse feliz e irrequieta, para que Ronan acreditasse por tanto tempo que ela era real, e não um sonho.

O que era real?

Era possível que o motivo que o prendesse fosse Niall Lynch, aquela versão mais velha de Ronan. A semelhança não era perfeita, é claro, mas era próxima o suficiente para ver os maneirismos de Ronan nela. Esse pai insensato e feroz; essa mãe feliz e insensata. Algo dentro de Adam doía.

Ele não compreendia nada.

Então encontrou o quarto de Ronan. Ele sabia que era o quarto de Ronan pela bagunça e extravagância, um primo mais reluzente de seu quarto na Monmouth. Pequenos objetos estranhos estavam jogados por todos os cantos e enfiados debaixo da cama: os sonhos de um Ronan mais jovem, ou talvez os presentes de um pai. Havia coisas comuns também — um skate, uma mala com rodinhas toda arranhada, um instrumento de aparência complicada que devia ser uma gaita de foles largada, empoeirada em uma caixa aberta. Adam ergueu um carrinho polido da estante, que então começou a tocar uma canção esquisita e adorável.

Adam teve de se sentar.

Ele o fez na beirada da colcha branca felpuda, um quadrado de luz branca e pura derramado sobre seus joelhos. Ele se sentiu bêbado. Tudo naquela casa parecia tão certo da sua identidade, tão certo do seu lugar...

Tão certo que era desejado. Ele ainda segurou o carrinho equilibrado sobre os joelhos, embora ele tivesse ficado em silêncio. Não era um tipo qualquer de carro — era todo-o-carro-esportivo-já-sonhado em uma forma que-nada-tinha-de-um-carro-esportivo —, mas que lembrava a Adam a primeira coisa que ele comprara para si na vida. Uma memória odiosa, o tipo de memória que às vezes costeava sua consciência quando ele estava caindo no sono, seus pensamentos rolando próximos dele e então recuando, queimados. Adam não conseguia se lembrar de quantos anos ele tinha; quando sua avó lhe enviara um cartão com dez dólares, na época em que ela ainda mandava cartões. Ele comprara um carrinho com o dinheiro, mais ou menos desse tamanho, um Pontiac. Ele não se lembrava de nenhum detalhe de onde comprara o modelo, ou do porquê daquele modelo, ou por que havia recebido o cartão. Tudo o que se lembrava era de estar deitado no chão do seu quarto, deixando marcas de pneu no tapete e ouvindo seu pai falar do outro quarto...

Os pensamentos de Adam revolveram próximos da memória e levaram um choque.

Ele tocou o capô do modelo de sonho e se lembrou do momento de qualquer forma. A antecipação temerosa de se lembrar da memória era pior do que ela em si, pois ela continuaria enquanto Adam lhe opusesse resistência. Às vezes era melhor simplesmente ceder de uma vez.

Eu me arrependo do instante em que esguichei ele em você, o pai de Adam havia dito. Ele não gritara isso. Ele não estava bravo. Era apenas um fato.

Adam se lembrou do momento em que percebera que *ele* era Adam. Ele não lembrava exatamente o que sua mãe havia dito depois, apenas o sentimento da resposta dela — algo como *Eu também não imaginava isso,* ou *Isso não é o que eu queria*. A única coisa que ele se lembrava com precisão era daquele carro, e da palavra *esguichei*.

Adam suspirou. Era incrível como algumas memórias jamais se apagavam. Antigamente — talvez mesmo alguns meses atrás — Adam teria se lembrado dessa memória sempre de novo, girando obsessiva e miseravelmente em sua cabeça. Assim que cedesse, ele não saberia como parar. Mas agora, pelo menos, ele podia simplesmente senti-la ferroar uma vez e então deixá-la de lado para outro dia qualquer. Ele sempre deixava aquele trailer, muito lentamente.

Uma tábua do assoalho rangeu; nós de dedos bateram uma vez na porta aberta. Adam ergueu o olhar para ver Niall Lynch parado no vão. Não, era Ronan, o rosto bem iluminado de um lado, na completa escuridão do outro, parecendo poderoso e à vontade com os polegares enfiados nos bolsos do seu jeans, pulseiras de couro dando voltas em seu punho, os pés descalços.

Sem dizer uma palavra, ele atravessou o quarto e se sentou ao lado de Adam sobre o colchão. Quando estendeu a mão, Adam colocou o carrinho nela.

— Este ferro-velho — disse Ronan. Ele girou o pneu da frente, e mais uma vez a música tocou do carrinho. Eles ficaram sentados assim por alguns minutos, enquanto Ronan examinava o carro e girava cada roda para tocar uma canção diferente. Adam observou o quão atentamente Ronan estudava as linhas de junção, os cílios baixos sobre os olhos claros. Ronan expirou, colocou o carrinho na cama ao lado dele e beijou Adam.

Uma vez, quando Adam ainda vivia no parque de trailers, ele empurrara o cortador de grama pelo jardim lateral estreito quando percebeu que estava chovendo a dois quilômetros dali. Ele podia cheirá-la, a fragrância de terra molhada sobre o campo, mas também o cheiro elétrico e agitado de ozônio. E ele podia vê-lo: um lençol cinzento brumoso de água bloqueando a sua visão das montanhas. Ele podia rastrear a linha de chuva se deslocando através do vasto campo seco em sua direção. Ela era pesada e escura, e Adam sabia que ele ficaria encharcado se ficasse na rua. Ela vinha de tão longe que ele tinha tempo suficiente para guardar o cortador e buscar abrigo. Em vez disso, no entanto, ele apenas ficou parado ali, observando-a se aproximar. Mesmo no último minuto, enquanto ouvia a chuva batendo no gramado, ele ficou ali. Adam fechou os olhos e deixou que a tempestade o encharcasse.

Assim foi esse beijo.

Eles se beijaram de novo. Adam sentiu esse beijo mais do que os próprios lábios.

Ronan se afastou, os olhos fechados, engolindo. Adam observou seu peito subir e descer, o cenho franzir. Ele se sentia tão reluzente, sonhador e imaginário quanto a luz através da janela.

Ele não compreendia nada.

Passou um longo momento antes que Ronan abrisse os olhos, e, quando o fez, sua expressão era confusa. Ele se levantou. Ainda olhava para Adam, e este o olhava de volta, mas nenhum dos dois disse nada. Provavelmente Ronan queria algo dele, mas Adam não sabia o que dizer. Ele era um mágico, Persephone havia dito, e sua mágica fazia conexões entre coisas distintas. Agora ele se sentia repleto de uma luz branca e etérea, para fazer qualquer tipo de conexão lógica. Adam sabia que de todas as opções no mundo, Ronan Lynch era a versão mais difícil de qualquer uma delas. Ele sabia que Ronan não era algo para ser experimentado junto. Ele sabia que a sua boca ainda estava quente. Ele sabia que ele havia começado o seu período inteiro na Aglionby, certo de que tudo o que ele queria fazer era se afastar ao máximo desse estado e de tudo o que isso implicava.

Ele tinha certeza de que aquele era o primeiro beijo de Ronan.

— Vou descer — disse Ronan.



Havia uma história que Niall contara certa vez a Ronan de que ele não conseguia se lembrar bem, mas da qual sempre gostara. Era algo a respeito de um garoto — que se parecia muito com Ronan, como acontecia muitas vezes com os garotos nas histórias de Niall — e de um velho — que se parecia muito com Niall, como acontecia muitas vezes com os homens nas histórias de Niall. O velho poderia ter sido um mago, na realidade, e o garoto poderia ter sido o seu aprendiz, embora Ronan talvez tivesse combinado a história com um filme que vira certa vez. Na história, havia um salmão mágico que conferiria felicidade à pessoa que o comesse. Ou talvez fosse sabedoria, não felicidade. De qualquer maneira, o velho andava preguiçoso, ocupado demais ou em uma viagem de negócios para desperdiçar o seu tempo tentando pescar o salmão, e assim havia mandado o garoto pescá-lo para ele. Quando o garoto o pescasse, ele deveria cozinhá-lo e trazê-lo para o velho. O garoto cumpriu o combinado, pois era tão esperto quanto o velho mago, mas, enquanto cozinhava o salmão, ele se queimara. Sem refletir a respeito, ele colocou o dedo queimado na boca e assim ficou com a mágica do salmão para si.

Ronan achou que havia conseguido a felicidade sem querer.

Ele podia fazer qualquer coisa.

— Ronan, cara, o que você está fazendo aí em cima? — chamou Declan. — O jantar está pronto!

Ronan estava no telhado de um dos pequenos galpões para equipamentos. Era o mais alto que ele podia chegar em um curto espaço de

tempo sem asas. Ele não baixou os braços. Vagalumes, quinquilharias e sua flor de sonho reluziam e redemoinhavam à sua volta, e continuaram passando por seu campo de visão enquanto ele mirava o céu estriado com uma tonalidade rósea.

Após um momento, o telhado gemeu e Declan também, e então seu irmão mais velho se puxou para cima, ao lado de Ronan. Ele ficou olhando não para o céu, mas para as coisas que flutuavam à volta do irmão mais novo.

Suspirou.

— Com certeza você fez muitas coisas com esse lugar. — Estendeu a mão para pegar um vagalume. — Meu Deus, Ronan, não tem sequer mosquitos por aqui.

Ronan baixou os braços e olhou para a luz que Declan havia apanhado. Em seguida deu de ombros.

Declan soltou o vagalume de volta no ar. Ele flutuou bem à sua frente, iluminando os traços duros de um Lynch, o nó de preocupação entre suas sobrancelhas, o premir de desapontamento em sua boca.

— Ele quer ir com você — disse Ronan.

— Não posso levar uma bola reluzente comigo.

— Aqui — disse Ronan. — Espera.

Ele deslocou o peso do corpo para tirar algo do bolso e o ofertou a Declan, pousando-o na palma de sua mão. Parecia uma arruela de metal tosca para equipamentos pesados. Tinha aproximadamente quatro centímetros, um peso de papel de um filme de ficção científica, tirado de uma máquina esquisita.

— Você está certo, isso tem bem menos chance de chamar atenção — disse Declan, de esguelha.

Ronan deu um tapa brusco no objeto, e uma pequena nuvem de esferas flamejantes se espalhou com um sibilar cintilante.

— Uau, Ronan!

Declan desviou o queixo abruptamente.

— Fala sério, você acha que eu ia explodir o seu rosto?

Ele o demonstrou de novo, aquele tapa rápido, aquele estouro de esferas brilhantes. Depois largou o objeto na mão de Declan e, antes que Declan pudesse dizer alguma coisa, o acertou para ativá-lo mais uma vez.

Esferas expeliram-se no ar. Por um momento, ele viu como seu irmão ficou preso dentro delas, observando-as pairar furiosamente em torno de seu rosto, cada sol dourado disparando luzes douradas e brancas, e, quando viu o vasto desejo no rosto de Declan, percebeu quanto ele havia perdido ao não crescer, nem como sonhador, nem como objeto sonhado. Aquele jamais fora o seu lar. Os Lynch jamais haviam feito esforço algum para que isso acontecesse.

— Declan? — chamou Ronan.

O rosto de Declan se desanuviou.

— Essa é a coisa mais útil que você já sonhou na vida. Você deveria dar um nome para ela.

— Já dei. ORBMASTER. Tudo em letras maiúsculas.

— Mas tecnicamente você é o mestre, certo? E isso é só uma esfera.

— Qualquer pessoa que a segurar se torna um ORBMASTER. Você é um ORBMASTER Agora mesmo. Toma, fique com ela, coloque-a no bolso. ORBMASTER WASHINGTON.

Declan estendeu a mão e bagunçou a cabeça raspada de Ronan.

— Você é um fedelho de primeira.

A última vez que eles haviam estado nesse telhado juntos, seus pais ainda estavam vivos, o gado pastava lentamente, e o mundo era um lugar menor. Aquela época havia passado, mas, por uma vez que fosse, estava tudo bem.

Os irmãos olharam para trás, para o lugar que os havia feito e, juntos, desceram do telhado.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Neeve Mullen.

Neeve tinha o tipo de carreira que a maioria das médiuns desejava ter. Parte disso ocorria porque ela tinha uma variedade de clarividência que era muito fácil de transformar em dinheiro: ela era boa com números específicos, letras específicas, tirar números de telefone das carteiras das pessoas, aniversários da cabeça das pessoas, apontando precisamente os momentos de eventos futuros. E parte disso era porque ela era obstinadamente ambiciosa. Nada jamais era suficiente. Sua carreira era um copo que nunca parecia ficar cheio. Ela começou com uma linha telefônica, e então publicou alguns livros e conseguiu um programa na televisão, exibido de manhã bem cedo. Ela tinha respeito dentro da comunidade.

Mas.

Fora da comunidade, ela seria sempre só uma médium. Ultimamente, neste século, mesmo a melhor médium tinha o estigma que provocava o torcer de nariz de uma bruxa e nada da admiração.

Neeve podia colocar as mãos sobre o futuro, o passado e outros mundos, mas *ninguém se importava*. E assim ela fizera os feitiços, sonhara os sonhos e pedira aos seus guias espirituais por um caminho. *Me digam como me tornar poderosa de um jeito que as pessoas não ignorem.*

Henrietta, sussurrou um de seus guias. A tela de sua televisão se cobriu de mapas do tempo na Virgínia. Ela sonhava com a linha ley. Sua

meia-irmã a chamou: “Venha a Henrietta e me ajude!”. Espelhos lhe mostravam um futuro com todos os olhos nela. O universo apontava o caminho.

E ali estava ela, em uma floresta escurecida, com Piper Greenmantle e um demônio.

Neeve deveria ter adivinhado que sua fixação com o poder lhe proporcionaria a oportunidade de barganhar com um demônio, mas ela não fizera isso. Ela não era cem por cento eticamente correta, mas não era idiota: ela sabia que não havia um final feliz para uma barganha dessas. Então, era um beco sem saída. Literalmente.

A moral estava baixa.

Piper, em contrapartida, seguia entusiasmada. Havia trocado seus trapos rasgados por um vestido azul-celeste perfeito, com sapatos de salto para combinar; era um choque de cor em uma paisagem cada vez mais incolor. Ela disse a Neeve:

— Ninguém compra um objeto de luxo de uma mendiga pedindo carona.

— O que você está vendendo? — perguntou Neeve.

— O demônio — respondeu Piper.

Neeve não tinha certeza se isso fora uma falha de imaginação ou uma percepção mediúnica de sua parte, mas ela não havia antecipado isso *também*. Uma súbita sensação ruim acompanhou a resposta de Piper. Neeve tentou articulá-la.

— Tenho a impressão de que o demônio está ligado a essa localização geográfica e existe para um fim específico, isto é, desfazer todos os artefatos de energia associados a este lugar, no caso, e assim me parece improvável que você consiga movê-lo sem causar um dano consi...

— O tempo é esquisito aqui, não? — interrompeu Piper. — Não sei dizer se estamos aqui há alguns minutos ou não.

Neeve tinha bastante certeza de que elas haviam estado ali por bem mais tempo, mas aquela floresta manipulava o seu sentido de tempo para atrasar Piper. Mas Neeve não queria dizer isso em voz alta, pois temia que Piper usasse aquela informação de uma maneira terrível. Neeve se perguntou se ela poderia matar Piper — *o quê*? Não, ela não havia se perguntado. Era o demônio sussurrando em seus pensamentos, como sempre fazia.

Ela se perguntou o que ele estaria sussurrando para Piper.

Neeve olhou para o demônio. Ele a olhou de volta. Ele estava começando a parecer mais em casa ali, em meio à floresta, o que provavelmente era um mau sinal para as árvores. Em uma voz baixa, ela disse:

— Não vejo como você espera vender esse demônio. Isso é um exercício em arrogância. Você não pode controlá-lo.

A voz mais baixa não fazia sentido, à medida que o demônio estava bem ali, mas Neeve não conseguia deixar de usá-la.

— Ele está me concedendo um favor — disse Piper. — É isso que ele disse.

— Sim, mas no fim das contas, o demônio tem a sua própria agenda. Você só é uma ferramenta.

Os pensamentos do demônio sussurraram através das árvores, e elas estremeceram. Um pássaro cantou, mas era um som ao contrário. A alguns metros de Neeve, uma boca se abriu no chão. Ela se abria e fechava lentamente, de um jeito faminto e desatento. Não era possível, mas o demônio não se importava com *possível*. A floresta vivia agora segundo regras de pesadelo. Piper não parecia incomodada.

— E você é uma pessimista. Demônio, faça-me uma casa. Caverna casa. O que quer que você consiga fazer rápido por aqui. Desde que eu possa tomar um banho, estou nessa. Que assim seja, ou sei lá.

Assim foi, ou sei lá, de acordo com as palavras de Piper.

A mágica do demônio não lembrava em nada algo que Neeve já tivesse usado um dia. Ela era negativa, um cartão de débito mágico; uma prova mediúnica de energia não era nem criada, tampouco destruída. Se elas quisessem fazer um prédio, o demônio teria de desfazer parte da floresta. E não era um processo fácil de observar. Se tivesse sido um simples apagamento, Neeve talvez não tivesse tanta dificuldade com ele. Mas era uma corrupção. Videiras não paravam de crescer, florescendo e brotando com um crescimento incessante até que se estrangulavam e apodreciam. De espinheiros delicados cresciam lâminas e espinhos que se dobravam e se retorciam até cortarem o galho de onde pendiam. Pássaros vomitavam seus aparelhos digestivos, que se transformavam em cobras, que comiam os pássaros e então se devoravam, debatendo-se em agonia.

O pior eram as árvores grandes. Elas eram sagradas — Neeve *sabia* que elas eram sagradas — e resistiam à mudança mais que qualquer outra coisa viva na floresta. Primeiro elas sangravam uma seiva negra. Então, lentamente, suas folhas murchavam. Os galhos caíam uns contra os outros, desabando como um adubo escuro. A casca se soltava em lâminas, desprendendo-se como uma pele apodrecida. As árvores começaram a gemer. Não era um ruído que um ser humano poderia produzir. Não era uma *voz*. Era uma versão tonal do ruído que um ramo faz, lamentando-se ao vento. Uma canção vinda de uma árvore caindo em uma tempestade.

Aquilo ia contra tudo o que Neeve defendia.

Ela se obrigou a observar, no entanto. Ela devia isso àquela floresta antiga e sagrada. Observá-la morrer. Neeve se perguntou se ela havia sido trazida para esta floresta para salvá-la.

Tudo era um pesadelo.

A casa nova de Piper preencheu uma fenda enorme e profunda nas rochas, suspensa e assegurada por meios mágicos. A estrutura era um casamento estranho dos desejos de Piper e da sensibilidade de ninho-de-vespa-de-estuque do demônio. Bem no centro da sala maior havia uma banheira profunda no formato de uma lágrima.

Como em qualquer bom acordo, ambas as partes ficaram vagamente insatisfeitas, mas não disseram nada a respeito. Piper deu uma risadinha zombeteira e disse simplesmente:

— Ótimo. Hora de falar com o meu pai.

— Em vez da possessão, você poderia usar a banheira para uma divinação e se comunicar com o seu pai — sugeriu Neeve rapidamente. O que ela não disse é que ela achava que a divinação usaria muito menos energia do que a possessão. Poderia não salvar uma árvore, mas poderia preservá-la por mais algum tempo.

O demônio contraiu as antenas na direção de Neeve. Ele sabia o que estava fazendo. Um segundo mais tarde, Piper olhou para a banheira de forma avaliadora; era claro que o demônio havia tagarelado diretamente em sua cabeça. Neeve esperou por uma réplica, mas Piper apenas correu os dedos em torno da borda da banheira, pensativa. Ela disse:

— Eles vão se emocionar mais se virem o meu rosto. Demônio, conecte o meu pai nessa coisa. Que assim seja, ou sei lá.

E assim foi, ou sei lá.

Laumonier estava em um banheiro público. Ele estava parado na frente do espelho, e também na frente da porta para o banheiro masculino para se certificar de que ninguém entrasse.

Piper estreitou os olhos, mirando a banheira.

— Vocês estão na Frutos do Mar da Hora? Não posso acreditar. Odeio tudo.

— Sim, nós queríamos ostras — disse Laumonier, sua voz emanando do demônio em vez da banheira. Seus olhos estavam estreitados, tentando conseguir uma visão melhor de onde quer que sua filha estivesse.

— Você está no ninho de uma vespa?

— É um santuário — disse Piper.

— Para o quê?

— Para mim. Ah, que bom que você perguntou desse jeito. Deixou bem apropriado para eu responder. Olha, vou apressar isso aqui, pois estou morrendo de vontade de tomar um banho. O que vocês fizeram aí do seu lado?

— Programamos uma exposição para o seu objeto — disse Laumonier, saindo de um dos cubículos. — Programamos para acontecer um dia depois de um evento para arrecadar fundos para uma congressista em uma escola para garotos aqui, para permitir que convidados de fora da cidade participem. O que estamos vendendo?

Piper descreveu o demônio, que levantou voo e deu uma volta na banheira. Pela expressão de Laumonier, Neeve sabia que o demônio *também* estava se descrevendo. Eles ficaram claramente impressionados com a desorientação de seus pensamentos.

— Belo achado — disse Laumonier. — Mantemos contato.

E desapareceram da banheira de divinação.

— Hora do banho — disse Piper triunfantemente. Ela não pediu que Neeve a deixasse sozinha, mas ela a deixou do mesmo jeito. Ela precisava sair. Ela precisava ficar só. Ela precisava ficar calma, para que pudesse ver as coisas com clareza.

Ela não sabia ao certo se um dia se sentiria calma novamente.

Na rua, no topo das escadas de vespa, Neeve agarrou os cabelos. Em retrospectiva, ela sabia que havia usado o poder do universo somente para o seu ganho pessoal. Fora assim que ela chegara ali. Ela não podia ficar brava com essa lição. Ela precisava tentar salvar a floresta. Era isso.

Neeve não conseguiria viver consigo mesma, sabendo que deixara que um lugar sagrado fosse destruído.

Então começou a correr.

Normalmente, Neeve não corria, mas, assim que começou a correr, não pôde acreditar que tivesse demorado tanto para tomar essa atitude. Ela poderia ter feito isso no momento em que viu o demônio, até que ele estivesse longe demais para ser ouvido em sua cabeça. O medo e a revulsão subitamente a alcançaram, e, enquanto Neeve respirava ofegante pela floresta, o choro veio aos soluços. *Demônio, demônio, demônio.* Ela estava com muito medo. As folhas secas debaixo de seus pés se transformaram em cartas de tarô com seu rosto nelas. Neeve escorregou sobre as superfícies, mas tão logo elas deixavam a sola de seus sapatos, viravam folhas novamente.

Água, ela pensou para a floresta. *Eu preciso de um espelho se eu for ajudá-la.*

Folhas se mexeram indiferentemente sobre ela. Uma gota de chuva respingou sobre o seu rosto, misturando-se a suas lágrimas.

Chuva, não. Água para um espelho, pensou. Ela olhou sobre o ombro enquanto corria. Tropeçou. Ela se sentia observada, mas é claro que ela se sentiria observada. O lugar todo a observava. Escorregando por uma lomba, as mãos pegando apenas folhas secas que só a empurravam para mais longe, ela se viu olhando para o toco oco de uma árvore.

Água, água. Enquanto observava, a água borbotou e o encheu. Neeve mergulhou a mão e rezou para algumas deusas escolhidas, e então manteve as mãos sobre o toco para realizar a divinação. Sua mente se encheu com as imagens da Rua Fox. O sótão no qual ela tinha ficado, os rituais que fizera ali. Os espelhos que ela colocara para a impelir através de possibilidades que eventualmente a haviam trazido para ali.

Neeve queria muito olhar por sobre o ombro.

Mas não podia interromper sua concentração.

Então sentiu o momento em que a conexão se firmou. Ela não reconheceu o rosto, mas não importava. Se era uma mulher na Rua Fox, 300, a informação chegaria às pessoas que desejavam fazer algo a respeito disso. Neeve sussurrou:

— Você consegue me ouvir? Tem um demônio. Ele está desfazendo a floresta e tudo que está ligado a ela. Estou tentando...

— Sabe de uma coisa? — Piper perguntou. — Se você tinha um problema comigo, podia ter vindo até mim primeiro.

A conexão de Neeve se rompeu. A água no toco se agitou, apenas água, e então a casca escura e dura do demônio irrompeu pela superfície. Com um ligeiro balançar de antenas, ele rastejou até o braço dela. Pesado. Malevolente. Sussurrando possibilidades terríveis, cada vez mais terríveis probabilidades. Piper entrou no foco do outro lado do toco, caminhando pelas folhas até eles. Seu cabelo ainda estava úmido do banho.

Neeve não perdeu seu tempo implorando.

— Por favor, Neeve. Esses tipos da Nova Era como você são os piores. — Piper gesticulou para o demônio. — Desfaça-a.



Havia algo de *vivo* a respeito da noite.

Declan e Matthew tinham ido embora. Gansey, Blue, Ronan e Adam seguiram na Barns, sentados em um círculo na sala de estar que cheirava a madeira de nogueira. As únicas luzes eram as coisas que Ronan havia sonhado. Elas flutuavam sobre sua cabeça e dançavam na lareira. Parecia que a mágica pairava entre todos eles, mesmo nos lugares onde a luz não tocava. Gansey tinha consciência de que estavam todos mais felizes do que haviam estado em muito tempo, o que parecia estranho diante dos eventos assustadores da noite anterior e das notícias sinistras que haviam acabado de receber de Declan.

— Esta é uma noite para a verdade — disse Gansey, e, em outra ocasião, talvez eles tivessem rido dele por isso. Mas não hoje à noite. Hoje à noite, todos podiam perceber que faziam parte de uma máquina lenta que rodava, e a enormidade disso os desconcertava. — Vamos colocar isso no papel.

Lentamente, eles descreveram o que lhes havia acontecido no dia anterior, pausando apenas para que Gansey anotasse tudo em seu diário. Enquanto tomava nota dos fatos — a linha ley emperrando às 6h21, o ataque de Noah, a árvore que exsudava uma seiva negra, o olho de Adam se movendo sozinho —, ele começou a se dar conta dos papéis que eles representavam. Gansey praticamente podia ver o fim se se concentrasse bastante.

Eles discutiram se tinham responsabilidade de proteger Cabeswater e a linha ley — todos achavam que sim. Se Artemus sabia mais do que estava dizendo — todos achavam que sim. Se um dia ele abriria o jogo a respeito de tudo — todos pareciam pouco convencidos de que sim.

Em meio a essa discussão, Ronan se pôs a caminhar de um lado para o outro. Adam foi à cozinha e voltou com um café. Blue fez um ninho de almofadas do sofá ao lado de Gansey e pousou a cabeça no colo dele.

Isso não era permitido.

Mas era. A verdade deslizava para a luz.

Também falaram sobre a cidade. Se era mais sensato se esconderem dos forasteiros ou lutar com eles quando chegassem a Henrietta para escavar relíquias sobrenaturais. Enquanto lançavam ideias para defender sonhos e aliados perigosos, monstros armados e fossos ácidos, Gansey tocou o cabelo acima da orelha de Blue suavemente, cuidando para não tocar a pele próxima de sua sobrancelha por causa de seu ferimento e para não cruzar com os olhos de Ronan e Adam por causa da inibição.

Era permitido. Era permitido que ele quisesse isso.

Então conversaram sobre Henry. Gansey tinha consciência de que estava contando os segredos de Henry mantidos a sete chaves, mas também havia decidido ao final do dia na escola que contar algo para si era o mesmo que contar a Adam, Ronan e Blue. Eles eram um pacote; não se poderia esperar conquistar Gansey sem conquistar os outros também. Adam e Ronan fizeram piadas infantis à custa de Henry (“Ele é meio chinês”, “Qual metade?”) e riram baixinho, como conspiradores; Blue chamou a atenção deles (“Muita inveja”?); Gansey disse para colocarem de lado seus preconceitos e que pensassem nele.

Ninguém havia dito a palavra *demônio* ainda.

Ela pairava ali, sem ser dita, definida pelo formato da conversa à volta dela. A coisa que Adam e Ronan haviam perseguido de carro, a coisa que habitara Noah, a coisa que possivelmente estava atacando Cabeswater. Era bastante possível que eles tivessem passado a noite inteira sem abordar o assunto se Maura não tivesse ligado da Rua Fox, 300. Gwenllian tinha visto algo nos espelhos do sótão, ela disse. Levara todo esse tempo para descobrir o que ela tinha visto realmente, mas parecia que havia sido Neeve com um aviso.

Demônio.

Desfazedor.

Desfazendo a floresta e tudo que está ligado a ela.

Essa revelação fez Ronan parar de andar de um lado para o outro e Adam ficou absolutamente calado. Nem Blue nem Gansey interromperam esse silêncio curioso, e então, ao cabo dele, Adam disse:

— Ronan, acho que você precisa contar para *eles* também.

A expressão de Ronan, se era alguma coisa, era traída. Que cansativo; Gansey podia ver precisamente a discussão que isso provocaria. Adam lançaria algo frio e verdadeiro pelo arco, Ronan dispararia um canhão de palavrões de volta, Adam jogaria gasolina na trajetória do projétil, e então tudo estaria em chamas por horas.

Mas Adam simplesmente disse, no tom mais sério:

— Não vai mudar nada, Ronan. Estamos aqui com luzes de sonho à nossa volta, e posso ver uma garota com cascos que você sonhou comendo isopor no corredor. Nós andamos em um carro que você tirou dos seus sonhos. É surpreendente, mas isso não vai mudar a maneira que eles veem você.

E Ronan retrucou:

— *Você* não lidou bem com a revelação.

Em seu tom magoado, Gansey achou que ele finalmente compreendia algo a respeito de Ronan.

— Eu tinha outras coisas acontecendo na minha vida — respondeu Adam.

— Isso complicou um pouco mais as coisas.

Gansey achou que *definitivamente* ele compreendia algo a respeito de Ronan.

Blue e Gansey trocaram olhares. Blue tinha uma sobrancelha adentrando as mechas de seu cabelo; seu outro olho ainda estava fechado do inchaço. Isso a fazia parecer mais curiosa ainda do que ela pareceria normalmente. Ronan puxou as pulseiras de couro.

— Como quiser. Eu sonhei Cabeswater.

Mais uma vez a sala ficou absolutamente silenciosa.

Em um determinado nível, Gansey percebeu por que Ronan hesitara em lhes contar: a capacidade de tirar uma floresta mágica de sua cabeça acrescentava uma aparência de outro mundo à sua persona. Mas em todos os outros níveis, Gansey se sentia ligeiramente confuso, como se lhe

contassem um segredo que já ouvira antes. Ele não sabia dizer se isso ocorria porque a própria Cabeswater talvez já tivesse sussurrado essa verdade para eles em uma de suas caminhadas por lá, ou se a questão era meramente que o peso da evidência já era tão conclusivo que o seu subconsciente aceitara a propriedade do segredo antes de o pacote ter sido oficialmente entregue.

— E pensar que você poderia sonhar a cura para o câncer — disse Blue.

— Escuta, Sargent — retrucou Ronan. — Eu ia sonhar para você um creme oftálmico uma noite dessas, já que pelo visto a medicina moderna não está fazendo merda nenhuma por você, mas eu quase fui morto por uma cobra assassina saída do quarto círculo do inferno dos sonhos, então de nada.

Blue pareceu apropriadamente tocada.

— Ah, obrigada, cara.

— Sem problemas, colega.

Gansey deu um piparote com a caneta em seu diário.

— Enquanto estamos sendo francos, você sonhou alguma outra locação geográfica que valha a pena nos contar? Montanhas? Lugares com água?

— Não — disse Ronan. — Mas eu sonhei o Matthew.

— Meu Deus — disse Gansey, em um estado contínuo de impossibilidade, ocasionalmente se agitando para um estado mais elevado, de mais impossibilidade ainda. Tudo isso era difícil de acreditar, mas havia meses as coisas vinham sendo difíceis de acreditar. Ele já havia chegado à conclusão de que Ronan era diferente de qualquer outra pessoa; e essa era apenas mais uma prova para corroborar sua opinião. — Isso significa que você sabe o que as visões naquela árvore querem dizer?

Ele se referia à árvore oca que proporcionava visões a quem quer que estivesse dentro dela; eles a haviam descoberto da primeira vez em que exploraram Cabeswater. Gansey havia tido duas visões nela: uma, onde ele parecera muito próximo de beijar Blue Sargent, e outra, onde ele parecera muito próximo de encontrar Owen Glendower. Ele tinha um ávido interesse em ambas as situações. Ambas haviam parecido muito reais.

— Pesadelos — respondeu Ronan como a encerrar a questão.

Blue e Adam piscaram. Blue ecoou:

— Pesadelos? Isso é tudo? Não são visões do futuro?

— Quando eu sonhei aquela árvore, foi o que ela fez. Os piores cenários possíveis. O que quer que ela achou que teria a maior chance de foder com a mente de vocês no dia seguinte — disse Ronan.

Gansey não tinha certeza de que ele teria classificado qualquer uma de suas visões como *pior cenário possível*, mas a verdade é que ambas haviam lhe proporcionado certa medida de fodeção em sua mente. A expressão estupidificada de Blue sugeriu que ela concordava. Adam, em contrapartida, soltou uma respiração tão grande que parecia que a estivera segurando durante meses. Isso não causava surpresa. A vida real de Adam já vinha sendo um pesadelo quando ele pisara naquela árvore. Uma fodeção acima e além da verdade em sua mente deve ter sido verdadeiramente terrível.

— Você conseguiria — começou Gansey e então parou, pensativo. — Você conseguiria sonhar alguma proteção para Cabeswater?

Ronan deu de ombros.

— Lances sombrios em Cabeswater significam lances sombrios nos meus sonhos. Eu já disse, não consegui tirar nem um cremezinho para o olho da Sargent na noite passada, e isso é o básico do básico. Uma criança poderia manifestar isso. Não consegui nada.

— Posso tentar te ajudar — disse Adam. — Eu poderia adivinhar enquanto você sonha. Eu poderia limpar a energia para você conseguir algo útil.

— Isso parece muito insubstancial — disse Gansey, realmente querendo dizer *o monstro parece enorme*.

Blue se endireitou e gemeu, segurando o olho.

— Não tenho problemas com *insubstancial*. Acho que não devemos fazer nada *substancial* até conversarmos com a minha mãe. E quero saber mais sobre o que a Gwenllian viu. *Ugh*. Acho que você precisa me levar para casa, Gansey. Meu olho está me deixando maluca e me dando uma sensação de cansaço maior do que estou na verdade. Desculpa, garotos.

Como não havia como surgirem mais ideias sem mais informações, os outros usaram a deixa como desculpa para se levantarem e se alongarem também. Blue se dirigiu para a cozinha e Ronan deu uma corridinha à sua frente, tirando-a do caminho intencionalmente com o quadril.

— *Idiota* — ela disse, e ele riu alegremente.

Gansey se sentiu profundamente emocionado com o som daquela risada, aqui de todos os lugares, aqui na Barns, aqui na sala que ficava a apenas cinquenta metros de onde Ronan havia encontrado seu pai morto e sua vida em pedaços. Era um som tão descartável agora, aquela risada. Um riso fácil que dizia que ele podia ser gasto facilmente porque havia mais de onde ele tinha vindo. O ferimento estava se curando contra todas as probabilidades; a vítima sobreviveria no fim das contas.

Ele e Adam continuaram na sala de estar, de pé, pensando. Uma janela dava para a área de estacionamento escura onde o BMW, o calhambeque de Adam e o glorioso Camaro estavam estacionados. O Pig parecia uma nave espacial na luz da entrada; o coração de Gansey ainda se sentia cheio de promessas e mágicas, ao mesmo tempo sombrias e triviais.

— Você sabe da maldição da Blue, não é? — perguntou Adam em voz baixa.

Se você beijar o seu verdadeiro amor, ele vai morrer.

Sim, ele sabia. Ele também sabia por que Adam estava lhe perguntando aquilo, e podia sentir a tentação de brincar e se esquivar com uma piada, porque era estranhamente embaraçoso falar dele e de Blue. Blue e ele. Gansey se transformou em um aluno da sétima série de novo. Mas essa era a noite da verdade, e a voz de Adam era séria, então ele disse:

— Sei.

— Você acha que ela se aplica a você? — perguntou Adam.

Cuidadosamente, Gansey respondeu:

— Acho que sim.

Adam olhou de relance para ver se Ronan e Blue ainda estavam na cozinha; estavam.

— E você?

— Eu o quê?

— A maldição diz que você é o amor verdadeiro *dela*. E você? *Você* a ama? — Adam pronunciou "ama" muito cuidadosamente, como se a palavra fosse um elemento estranho na tabela periódica. Gansey *estava* preparado para rebater essa resposta, mas um olhar de Adam lhe disse que seu amigo estava bastante interessado nela e que, provavelmente, na verdade, a pergunta dizia respeito a uma questão completamente diferente.

— Sim — respondeu Gansey simplesmente.

Agora Adam se virou para ele, intenso.

— O que isso *quer dizer?* Como você sabia que isso era diferente de ser apenas o amigo dela?

Agora ficara *realmente* óbvio que Adam estava pensando a respeito de uma coisa completamente diferente, e assim Gansey não tinha certeza de como responder. Isso o fez lembrar de estar no buraco com Henry mais cedo naquele dia, quando Henry não precisara de nada dele, a não ser que ele o ouvisse. A situação não era a mesma agora. Adam precisava de algo. Então ele procurou uma maneira de articulá-lo.

— Acho que... ela me tranquiliza. Como Henrietta.

Anteriormente, ele havia contado isso a Adam; que assim que ele encontrara a cidade, algo dentro dele havia parado — algo que sempre se agitara dentro dele e ele nem se dera conta. Adam não havia compreendido, mas então, novamente, Henrietta sempre significara algo diferente para ele.

— Só isso? Tão simples assim?

— Não *sei*, Adam! Você está me pedindo para definir um conceito abstrato que ninguém conseguiu explicar desde o início dos tempos. Você parece que jogou isso na minha cara — disse Gansey. — Por que nós respiramos ar? Por que nós amamos ar? Porque não queremos sufocar. Por que nós comemos? Porque não queremos morrer de fome. Como eu sei que eu a amo? Porque eu consigo dormir depois que converso com ela. Por quê?

— Por nada — disse Adam, uma mentira tão descarada que ambos olharam para o pátio na rua, em silêncio de novo. Ele tamborilou os dedos de uma mão na palma da outra.

Normalmente, Gansey teria dado espaço para Adam vagar; sempre fora duvidosamente produtivo pressionar Adam ou Ronan a falar antes de eles estarem prontos. Mas, nesse caso, era tarde, e Gansey não tinha meses para esperar que Adam voltasse ao tópico da discussão. Ele disse:

— Achei que esta noite era uma ocasião para a verdade.

— O Ronan me beijou — disse Adam imediatamente, as palavras em uma fila de espera. Então mirou atentamente o pátio da frente. Quando Gansey não disse nada, ele acrescentou: — Eu também o beijei.

— Jesus — disse Gansey. — Cristo.

— Você está surpreso?

Ele estava sobretudo surpreso que Adam tivesse lhe *contado*. *Gansey* levara vários meses de encontros furtivos com Blue para que fosse capaz de reunir coragem de contar aos outros, e mesmo assim apenas sob circunstâncias extremas.

— Não. Sim. Não sei. Encarei umas mil surpresas hoje, e então não sei mais dizer. *Você* ficou surpreso?

— Não. Sim. Não sei.

Agora que Gansey tivera mais de um segundo para pensar a respeito da situação, ele considerou todas as maneiras que uma situação dessas poderia implicar. Ele imaginou Adam, sempre o cientista. Ronan, feroz, leal e frágil.

— Não magoe ele, Adam.

Adam continuou espiando para fora da janela. O único detalhe que entregava o funcionamento furioso de sua mente era o lento torcer de seus dedos juntos.

— Não sou nenhum idiota, Gansey.

— Estou falando sério. — Agora a imaginação de Gansey havia disparado à frente para imaginar um futuro em que Ronan talvez tivesse de existir sem ele, sem Declan, sem Matthew, e com um coração partido. — Ele não é tão durão quanto parece.

— *Não sou nenhum idiota*, Gansey.

Gansey não achava que Adam fosse um idiota. Mas muitas vezes ele tivera seus sentimentos machucados por Adam, mesmo quando Adam não tivera essa intenção. Alguns dos piores estragos haviam surgido *porque* Adam não se dera conta de que os causara.

— Acho que você é o contrário de idiota — disse Gansey. — Não quero deixar subentendido de outra forma. Só queria dizer...

Tudo que Ronan já dissera um dia a respeito de Adam se reestruturou na mente de Gansey. Que constelação estranha eles formavam.

— Não vou detonar com a cabeça dele. Por que você acha que eu estou conversando com você? Nem sei como eu... — Adam não terminou a frase. Era uma noite para a verdade, mas ambos haviam encerrado seu estoque de coisas sobre as quais tinham certeza.

Olharam para fora da janela de novo. Gansey tirou uma folha de menta do bolso e a colocou na boca. A sensação de mágica que ele havia sentido

no início da noite parecia mais pronunciada ainda. Tudo era possível, bom e ruim.

— Eu acho — disse Gansey lentamente — que a questão diz respeito a ser sincero consigo mesmo. Isso é tudo que você pode fazer.

Adam soltou uma mão da outra.

— Acho que era isso que eu precisava ouvir.

— Eu faço o melhor que posso.

— Eu sei.

No silêncio, eles ouviram Blue e Ronan conversando com a Garota Órfã na cozinha. Havia algo bastante reconfortante a respeito do murmúrio familiar e afetuoso da voz deles, e Gansey sentiu aquele puxão estranho do tempo. Que ele tinha vivido esse momento antes, ou o viveria no futuro. De desejar e ter, ambos ao mesmo tempo. Ele se sobressaltou ao perceber que desejava encerrar sua busca por Glendower. Ele queria o resto de sua vida. Até esta noite, Gansey não havia pensado realmente que *havia* qualquer coisa além disso para sua vida.

— Acho que chegou a hora de encontrarmos Glendower — ele disse.

— Acho que você está certo — disse Adam.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Henry Cheng.

Henry nunca fora bom com palavras. Caso em questão: no primeiro mês em que estivera em Aglionby, ele havia tentado explicar isso a Jonah Milo, o professor de inglês, e ouvira que ele estava sendo exigente demais consigo mesmo. *Você tem um ótimo vocabulário*, Milo dissera. Henry sabia que tinha um ótimo vocabulário. Não era a mesma coisa que ter as palavras necessárias para se expressar. *Você fala muito bem para um garoto da sua idade*, havia acrescentado Milo. *Diabos, ha, mesmo para um cara da minha idade.* Mas soar como se você estivesse dizendo o que sentia não era o mesmo que realmente consegui-lo. *Muitos estrangeiros quando falam uma segunda língua se sentem assim*, havia terminado Milo. *Minha mãe disse que ela jamais se sentia ela mesma em inglês.*

Mas a questão não era que Henry perdia um pouco de sua personalidade em inglês. Ele perdia um pouco de si mesmo *em voz alta*. Sua língua nativa era o *pensamento*.

Então ele não tinha como explicar para valer como ele se sentia quando tentava fazer amizade com Richard Gansey e com os membros da família real de Gansey. Ele não tinha palavras para articular suas razões para oferecer seu segredo mais rigorosamente guardado no porão do Prédio Borden. Não havia uma descrição possível para o quão difícil era esperar para ver se sua oferta de paz havia sido aceita.

O que significava que ele simplesmente tinha de matar o tempo.

Henry se manteve ocupado.

Ele impressionou Murs em história com seu estudo aprofundado sobre a disseminação de equipamentos eletrônicos pessoais através do primeiro mundo; ele incomodou Adler na administração com seu estudo aprofundado sobre a disparidade entre o orçamento de publicidade da Aglionby *versus* seu orçamento para bolsas de estudo. Ele gritou até ficar rouco na beira do campo do jogo de futebol de Koh (eles perderam). Ele grafitou as palavras *PAZ*, *CADELAS* no lixão ao lado da sorveteria.

Não havia muito dia mais sobrando. Ele estava esperando que Gansey ligasse? Henry não tinha palavras para o que estava esperando. Um evento no tempo. Não. Mudança climática. Uma diferença permanente na maneira como as safras eram cultivadas no noroeste.

O sol se pôs. A turma de Vancouver retornou para Litchfield para se recolher e obedecer à ordem-unida de Henry. Ele se sentia vinte por cento culpado por desejar tornar-se amigo de Gansey, Sargent, Lynch e Parrish. A turma de Vancouver era ótima. Eles só não eram o suficiente, mas lhe faltavam as palavras para dizer por quê. Por que eles sempre o admiravam? Por que eles não conheciam os seus segredos? Por que ele não queria mais seguidores, mas amigos? Não. Era algo mais.

— Leve o lixo para a rua — disse a sra. Woo para Henry.

— Estou muito ocupado, tia — respondeu Henry, embora estivesse assistindo de cuecas à abertura de um videogame.

Então ele se viu saindo pela porta dos fundos da Mansão Litchfield para o estacionamento de cascalho apenas com uma camiseta da Madonna e seus tênis pretos favoritos. O céu acima assumira um tom róseo-cinzento. Próximo dali, uma rolinha lamentosa chilreou sonhadoramente. Os sentimentos que não tinham palavras dentro de Henry subiram à sua cabeça de qualquer forma.

Sua mãe era a única que sabia o que Henry queria dizer quando ele dizia que não era bom com palavras. Ela sempre tentava explicar as coisas para o seu pai, especialmente quando ela havia decidido se tornar Seondeok em vez de sua esposa. *É isso*, ela sempre dizia, *mas também algo mais*. A frase passara a viver na cabeça de Henry. *Algo mais* explicava perfeitamente por que ele nunca conseguia dizer o que queria — *algo mais*, por sua definição, sempre seria algo diferente do que você já tinha na mão.

Ele deixou seus sentimentos saírem expirando através dos dentes e então avançou com cuidado pelo cascalho até as latas de lixo.

Quando se virou, viu um homem parado na porta pela qual acabara de passar.

Henry parou de caminhar. Ele não sabia o nome desse homem — magro, porém vigoroso, branco, confiante —, mas teve a sensação de que sabia que tipo de homem era. Mais cedo aquele dia, ele havia contado a Richard Gansey sobre a carreira de sua mãe, e agora, horas mais tarde, ele encarava uma pessoa que sem dúvida alguma estava ali por causa da carreira de sua mãe.

— Você acha que poderíamos bater um papo? — disse o homem.

— Não — respondeu Henry. — Acho que não.

Ele buscou o telefone no bolso de trás antes de se lembrar, no meio do caminho, que não estava usando calças. Em seguida olhou de relance para as janelas da casa. Não estava procurando ajuda — ninguém dentro dela sabia o suficiente a respeito de sua mãe para chegar a suspeitar do tipo de perigo que ele estava correndo, mesmo que olhasse diretamente a situação —, mas por qualquer janela com uma fresta que pudesse deixar a AbelhaRobô vir até ele.

O homem exibiu a palma das mãos para Henry em um gesto exagerado para que o garoto visse que ele não estava armado. Como se isso fizesse alguma diferença.

— Te garanto que temos os mesmos objetivos.

— Meu objetivo era terminar de assistir à introdução do *EndWarden II*. Não acredito que finalmente encontrei alguém que compartilha da mesma visão.

O homem o avaliou, parecendo considerar suas opções.

— Fiquei sabendo que está sendo negociado algo aqui em Henrietta. Não gosto de pessoas negociando coisas em Henrietta. E presumi que você também não gosta de pessoas se intrometendo na sua vida.

— E, no entanto — disse Henry alegremente —, eis você.

— Vamos fazer isso do jeito mais fácil? Me poupe o incômodo.

Henry balançou a cabeça.

O homem suspirou. Antes que Henry tivesse tempo de reagir, ele fechou a distância entre os dois, abraçou Henry de um jeito nem um pouco amigável e negligentemente aplicou um golpe que fez Henry emitir um

gemido suave e tropeçar para trás segurando o ombro. Algumas pessoas teriam gritado, mas Henry era tão determinado quanto o homem a manter segredos.

— Não desperdice o meu tempo — disse o homem —, afinal eu comecei isso de uma maneira muito civilizada.

AbelhaRobô, pensou Henry. *Apareça*.

Tinha de haver uma janela com uma fresta aberta em alguma parte da casa; a sra. Woo sempre ligava o aquecimento quente demais.

— Se está tentando tirar um segredo de mim — respondeu Henry, tocando o ombro cautelosamente —, está desperdiçando o seu tempo.

— Pelo amor de Deus — disse o homem, inclinando-se para tirar a pistola do coldre em seu tornozelo. — Em outra situação eu teria achado isso muito honroso. Mas agora simplesmente entre no meu carro antes que eu atire em você.

A arma venceu, como normalmente acontece. Henry lançou um último olhar para a casa antes de seguir em direção ao carro do outro lado da rua. Ele reconheceu o carro branco, embora não compreendesse o que isso queria dizer. Henry fez menção de entrar no banco de trás.

— No assento do passageiro é melhor — disse o homem. — Já te disse, é só um bate-papo.

Henry obedeceu, olhando de relance para trás para a casa uma terceira vez enquanto o homem se ajeitava atrás da direção e se afastava do meio-fio. O homem baixou o volume do rádio (estava tocando "Yes, I'm a Lover Not a Fighter") e disse:

— Só quero saber quem eu devo esperar e se eles vão trazer problemas. Não tenho nenhum interesse de interagir com você de novo.

No assento do passageiro, Henry olhou para fora da janela antes de colocar o cinto de segurança. Puxou os joelhos e abraçou as pernas nuas. Estava começando a tremer um pouco. O homem aumentou o nível de aquecimento.

— Para onde você está me levando? — perguntou Henry.

— Estamos dando uma volta no quarteirão como pessoas razoáveis fazem quando estão querendo conversar.

Henry pensou a respeito de um buraco no chão.

— Nunca tive uma conversa razoável com uma pessoa segurando uma pistola.

Ele olhou para fora da janela novamente, esticando o pescoço para olhar atrás de si. Tirando as luzes da rua, estava escuro. Henry logo estaria longe demais da AbelhaRobô para se comunicar com ela. Mesmo assim, enviou um último apelo: *Conte para alguém que possa fazer isso parar.*

Não era um pedido que fazia sentido em palavras, mas que fazia sentido nos pensamentos de Henry, e isso era tudo que importava para a abelha.

— Escute — disse o homem. — Lamento pelo seu ombro. Foi puro hábito.

Um *clinc* metálico soou no topo do para-brisa. Enquanto o homem esticava o pescoço para ver o que havia batido no carro, Henry se endireitou atentamente. Inclinando-se para frente, ele viu três linhas negras delgadas na beirada da janela.

Um telefone tocou.

O homem fez um ruído antes de abrir o telefone sobre o console central. Quem quer que fosse, havia ganhado sua atenção, pois ele o pegou e o ajeitou no ombro para deixar a mão livre para trocar as marchas. Ao telefone, disse:

— É uma pergunta muito estranha de fazer.

Henry aproveitou a oportunidade para baixar minimamente a janela. A AbelhaRobô imediatamente deixou o para-brisa zunindo e entrou pela fresta.

— Ei... — disse o homem.

Ela voou para a palma de Henry. Ele a levou com cuidado, contente, ao peito. O peso dela transmitia segurança.

O homem franziu o cenho para ele, e então disse ao telefone:

— Não raptei ninguém durante anos, mas tenho um aluno no meu carro neste exato momento. — Uma pausa. — As duas declarações são precisas. Eu estava tentando esclarecer alguns rumores. Você gostaria de falar com ele?

As sobrancelhas de Henry dispararam para cima.

O homem passou o telefone para ele.

— Alô? — disse Henry.

— Bom — disse Gansey do outro lado do telefone —, pelo visto você foi apresentado ao sr. Cinzento.



Henry estava usando calças quando Blue e Gansey se encontraram com ele e o Homem Cinzento no Águia Nova. O supermercado estava quase vazio e tinha aquela atemporalidade reluzente que esses lugares começavam a assumir após determinada hora da noite. O som ambiente tocava uma canção sobre deixar os sonhos de outra pessoa e entrar em seu carro. Havia apenas uma moça no caixa, e ela não ergueu o olhar quando eles passaram pelas portas automáticas. Eles encontraram Henry parado no corredor de cereais olhando para o seu telefone, enquanto o sr. Cinzento permanecia parado no fim do corredor, lendo convincentemente a parte de trás de uma lata de aveia granulada. Nenhum dos dois chamava atenção. O sr. Cinzento se fundia ao ambiente porque a sua profissão o havia ensinado a fazer isso. Henry *não* se fundia ao ambiente — ele exalava a dinheiro, da jaqueta cheia de estilo à camiseta da Madonna, passando pelos tênis pretos —, e mesmo assim ele não conseguia chamar a atenção de nenhuma maneira extraordinária: Henrietta não era estranha a esse tipo de dinheiro jovem da Aglionby.

Henry estivera segurando uma caixa de cereal do tipo ruim para você, mas bom para marshmallows, e a colocou de volta na prateleira quando os viu. Parecia bem mais agitado do que estivera na festa de toga. Provavelmente, refletiu Blue, um efeito colateral de ter sido mantido refém com uma arma apontada para si.

— O que eu me pergunto — disse Gansey — é o que estou fazendo no supermercado Águia Nova às onze da noite.

— O que *eu* me pergunto — respondeu Henry — é por que eu estava no carro de um bandido às nem-sei-que-horas da noite. Sargent, me fala que você não faz parte dessa quadrilha sórdida de ladrões.

Com as mãos nos bolsos de seu blusão com capuz, Blue deu de ombros como que se desculpando e gesticulou com o queixo para o Homem Cinzento.

— Ele tá tipo... saindo com a minha mãe.

— Que rede emaranhada nós tecemos — disse Gansey de um jeito animado, recortado. Ele estava excitado após a noite na Barns, e a presença de Henry apenas encorajava isso. — No entanto, esse não era o próximo passo que eu queria dar na nossa amizade. Sr. Cinzento?

Ele teve de repetir o nome do sr. Cinzento, pois na realidade o Homem Cinzento não estivera fingindo olhar para a lata de aveia; ele estivera realmente lendo a parte de trás dela.

O sr. Cinzento se juntou a eles. Ele e Blue trocaram um abraço de lado e em seguida ele a virou pelos ombros para examinar os pontos acima de sua sobrancelha.

— Foram bem dados.

— Mesmo?

— Você provavelmente não vai ficar com cicatriz.

— Droga — disse Blue.

— O Águia Nova foi ideia sua ou do Henry?

— Achei que poderia ser reconfortante. É bem iluminado, tem câmeras, mas o áudio não é gravado. Protegido e seguro — respondeu o sr. Cinzento.

Blue jamais havia pensado no supermercado dessa maneira.

— Desculpe sobre o susto — acrescentou o sr. Cinzento cordialmente.

Henry acompanhava atentamente todo o diálogo.

— Você estava fazendo o seu trabalho. Eu estava fazendo o meu.

Era verdade. Enquanto Blue crescera aprendendo os princípios da energia interna e ouvindo histórias de ninar, Henry Cheng crescera contemplando quão longe ele suportaria para proteger os segredos de sua mãe. A ideia de que eles haviam tido alguma participação nisso a deixou tão desconfortável, que ela disse:

— Agora vamos parar de fazer suposições e começar a pensar em soluções. Podemos conversar sobre quem está vindo para cá e por quê?

Não era esse todo o sentido dessa troca? Alguém está vindo de algum lugar para conseguir algo, e está todo mundo enlouquecendo com isso?

— Você é uma dama de ação. Agora eu sei por que R. Gansey incluiu você ao gabinete dele. Venha comigo, presidente — disse Henry.

Eles o seguiram. Seguiram pelo corredor de cereais, o corredor da padaria e o corredor dos enlatados. Enquanto o faziam, Henry descrevia o que lhe haviam dito sobre a venda que estava para acontecer, com todo o entusiasmo de um aluno que faz uma apresentação escolar sobre um desastre natural. O encontro dos vendedores de artefatos era para acontecer no dia após o evento para arrecadar fundos em Aglionby, a fim de disfarçar melhor a chegada de carros e pessoas estranhas a Henrietta. Vários grupos desceriam para inspecionar o objeto à venda — uma entidade mágica —, para que os potenciais compradores pudessem confirmar por si mesmos o caráter sobrenatural do produto. Então um leilão seria feito — pagamento e entrega de mercadoria, como sempre, a serem realizados em uma locação em separado, fora do alcance de olhos curiosos; afinal, ninguém queria ter sua carteira proverbial roubada por um colega comprador. Outros artigos talvez fossem disponibilizados para venda; informações, pessoalmente.

— Uma entidade mágica? — Blue e Gansey ecoaram ao mais tempo em que o Homem Cinzento disse: — Outros artigos?

— Entidade mágica. Essa era toda a descrição. A ideia é que seja um grande segredo. Vale a viagem! Eles falaram. — Henry traçou com o dedo um rosto sorridente sobre o exterior de uma caixa de macarrão e queijo para micro-ondas. O logotipo era um urso minúsculo com um monte de dentes; era difícil dizer se ele estava sorrindo ou fazendo uma careta. — Falaram para eu me manter ocupado e não aceitar doces de nenhum estranho.

— Entidade mágica. Será que é o Ronan? — perguntou Gansey ansiosamente.

— Nós acabamos de ver o Ronan; eles não tentariam vendê-lo sem que o tivessem em mãos, certo? Poderia ser um demônio? — disse Blue.

Gansey franziu o cenho.

— Certamente ninguém tentaria vender um demônio.

— Laumonier poderia — disse o sr. Cinzento, não soando afetuoso. — Não gosto do som de “outros artigos”. Não quando estamos falando de

Laumonier.

— O que isso parece? — perguntou Gansey.

— Pilhagem — respondeu Henry por ele. — O que você quer dizer com o Ronan sendo uma entidade mágica? *Ele* é um demônio? Porque, se ele for, isso faz todo sentido.

Nem Blue nem Gansey se apressaram para responder a essa questão; a verdade de Ronan era um segredo tão enorme e perigoso que nenhum dos dois estava disposto a brincar com isso, mesmo com alguém que ambos gostavam tanto quanto Henry.

— Não exatamente — disse Gansey. — Sr. Cinzento, o que acha de todas essas pessoas vindo para cá? O Declan parecia preocupado.

— Não posso dizer que sejam as pessoas mais inocentes do mundo — disse o Homem Cinzento. — Elas vêm de todas as partes, e a única coisa que têm em comum é um determinado oportunismo e uma moral flexível. Imprevisíveis sozinhas, mas coloque-as juntas em um lugar com algo que elas realmente desejam, e é difícil dizer o que pode acontecer. Há uma razão para que tenham sido orientadas a não trazer dinheiro consigo. E se o Greenmantle decide partir para cima do Laumonier? A briga é feia entre eles e os Lynch.

— Colin Greenmantle está morto — disse Henry de maneira absolutamente precisa. — Ele não vai partir para cima de ninguém tão cedo, mas, se o fizer, vamos ter problemas maiores para considerar.

— Ele está morto? — disse o Homem Cinzento bruscamente. — Quem dis... espere.

Os olhos do Homem Cinzento viraram-se abruptamente para cima. Foi necessário um momento para que Blue percebesse que ele estava olhando para um espelho convexo colocado ali para evitar o roubo de produtos. O que quer que ele tenha visto no espelho instantaneamente o transformou em algo abrupto e poderoso.

— Blue — ele disse em voz baixa —, você tem a sua faca?

O pulso de Blue lentamente subiu o conta-giros; ela o sentiu em seus pontos.

— Sim.

— Dê a volta com os garotos até o próximo corredor. Não por ali. O outro. Sem fazer barulho. Não lembro se a entrada para a sala dos fundos é

naquela parede, mas, se for, saiam por ali. Não saiam por uma porta que possa disparar um alarme.

O que quer que ele tenha visto no espelho havia desaparecido agora, mas eles não hesitaram. Blue seguiu na frente rapidamente até o fim do corredor dos enlatados, olhou de relance para ambos os lados e entrou no outro corredor. Sabão em pó. Caixas e mais caixas, em uma reunião agressiva de cores. Do outro lado deles havia uma grande caixa de manteiga e ovos. Nenhuma saída para um depósito. A parte da frente da loja parecia distante.

Do outro lado do corredor, eles ouviram a voz do Homem Cinzento, baixa, equilibrada e perigosa. Um tom mais frio do que havia usado há pouco com eles. Outra voz respondeu, e Henry ficou absolutamente imóvel ao lado deles. Seus dedos tocaram a borda de uma das prateleiras — *Desconto incrível de 3,99 dólares!* —, e ele virou a cabeça, ouvindo.

— É — ele sussurrou. — É o Laumonier.

Laumonier. Um nome que carregava mais emoção do que um fato. Blue o ouvira em conversas sussurradas sobre Greenmantle. *Laumonier.* Perigo.

Eles ouviram Laumonier dizer em sua voz, cheia de sotaque:

— Que surpresa vê-lo aqui em Henrietta! Onde está o seu dono, sabujo?

— Acho que nós dois sabemos a resposta a essa pergunta — disse o sr. Cinzento, com a voz tão equilibrada que nem parecia que ele ficara sabendo da notícia sobre Colin Greenmantle apenas poucos minutos atrás. — De qualquer maneira, andei trabalhando sozinho desde o verão. Achei que era do conhecimento de todos. Para mim, é mais interessante ver *você* aqui em Henrietta.

— Bem, a cidade não pertence a ninguém agora — disse Laumonier —, então estamos em um país livre, como dizem.

— Não tão livre — disse o Homem Cinzento. — Pelo que eu sei, você tem algo para vender aqui. Gostaria de te ver chegando e indo embora de novo: Henrietta é o meu lar agora, e não sou fã de hóspedes.

Havia certa graça na situação.

— Essa é a parte onde eu digo "ou o quê"? Porque parece que deveria ser assim.

Suas vozes se calaram por um momento — parecia que a situação estava ficando desagradável —, e Gansey começou a digitar furiosamente. Ele virou o telefone para Blue e Henry.

Ele está enrolando para dar tempo de a gente sair daqui. Henry a abelharobô consegue encontrar uma porta?

Henry pegou o telefone de Gansey e acrescentou ao texto:

Vou ter que esconder a abelharobô pq eles sempre a quiseram essa é uma das razões pq me pegaram

Blue arrancou o telefone dele e digitou mais lentamente, porque ela tinha bem menos prática do que eles:

Quem o sr Cinzento está tentando esconder deles? Todos nós ou só você Henry

Henry tocou o peito suavemente.

Blue digitou:

Vão assim q puderem. A gte se vê depois

Em seguida passou o telefone de Gansey de volta para ele, tirou rapidamente várias etiquetas de preços das prateleiras até ficar com um buquê delas, e deu a volta no fim do corredor. Blue levou um susto ao descobrir que não havia um homem com o sr. Cinzento, mas dois. Ela levou um bom tempo para perceber que a sensação desconcertante que tivera ao olhar para os estranhos se devia ao fato de eles parecerem esquisitamente parecidos um com o outro. Irmãos. Gêmeos, talvez. Ambos tinham uma aparência que ela passara a desprezar durante seu tempo trabalhando no Nino's. Clientes que não aceitavam um não como resposta, com os quais era difícil de negociar, que sempre terminavam tirando parte do seu pedido da conta. Além disso, eles tinham um jeito lento, mandão, que de certa maneira cheirava a uma vida inteira de traumas bruscos.

Eram ligeiramente aterrorizantes.

O sr. Cinzento piscou para Blue de um jeito vago, nenhum reconhecimento em seu rosto.

Os outros dois homens miraram o blusão com capuz de Blue primeiro — não parecia muito profissional — e então seu punhado de etiquetas de preços. Ela passou o polegar sobre as extremidades delas de um jeito entediado e casual, e disse:

— Senhores? Olá? Sinto muito pela inconveniência, mas vou precisar que vocês tirem seus carros.

— Desculpe, por quê? — perguntou o primeiro. Agora que ela podia ouvi-los melhor, seu sotaque era mais pronunciado. Francês? Talvez.

— Nós estamos fazendo compras — disse o outro, vagamente entretido.

Blue carregou em seu sotaque de Henrietta; ela havia aprendido de outros tempos que isso a tornava inofensiva e invisível para pessoas de fora da cidade.

— Eu sei. Sinto muito. Nós temos um varredor de rua para limpar o estacionamento, e ele quer a área toda liberada. Ele vai ficar possesso se ainda tiver carros quando chegar.

O sr. Cinzento procurou de maneira tão exagerada suas chaves, que levantou a perna de uma calça, revelando uma arma. Os irmãos resmungaram e trocaram olhares entre si.

— Sinto muito de novo — disse Blue. — Vocês podem levar os carros para o estacionamento da lavanderia se não tiverem terminado aqui.

— Varredor de rua — disse Laumonier, como se tivesse acabado de ouvir a frase.

— A empresa nos obriga a fazer isso para manter a franquia — disse Blue.

— Eu não faço as regras.

— Vamos manter a decência — disse o sr. Cinzento, com um sorriso fino para os outros dois. Ele não olhou para Blue. Ela continuou parecendo entediada e sitiada, correndo os polegares sobre as etiquetas de preços sempre que sentia o coração bater mais forte. — Nos falamos mais tarde.

Os três seguiram na direção da porta da frente, a formação inquieta de ímãs opostos se ampliando, e, quando partiram, Blue deslizou apressadamente pelo corredor, através das portas dos fundos, passando por banheiros sujos, entrando em um depósito cheio de caixas e latas, e saindo para a rua onde Gansey e Henry tinham acabado de chegar, repleta de latas de lixo, entupidas de papelões atrás da loja.

Sua sombra os alcançou primeiro, lançada fixa na parte de trás do supermercado, e ambos se encolheram diante do movimento antes de perceber a quem ela pertencia.

— Sua coisa mágica — disse Gansey, e abraçou a cabeça de Blue, livrando grande parte de seu cabelo dos prendedores. Os dois estavam tremendo no frio. Tudo parecia falso e inflexível sob o céu negro, com os

dois rostos de Laumonier ainda na memória de Blue. Ela ouviu portas de carros se fechando, talvez do estacionamento da frente, cada som ao mesmo tempo distante e próximo na noite.

— Aquilo foi genial.

Henry estendeu a mão acima da cabeça, a palma aberta para o céu. Um inseto redemoinhou de sua mão, por um momento mal iluminado pelas luzes da rua, e então se perdeu na escuridão. Ele o observou ir e então buscou o telefone.

Blue perguntou:

— O que eles queriam? Por que o sr. Cinzento acha que eles estariam interessados em você?

Henry observou uma página de texto passar pela tela.

— A AbelhaRobô... o Gansey Boy te contou o que era? Bom... a AbelhaRobô foi uma das primeiras coisas que o Laumonier e o Greenmantle disputaram. O Lynch estava falando em vendê-la para um deles, mas ele a vendeu para a minha mãe, porque ela a queria para mim; ela nunca esqueceu isso; é por isso que eles a odeiam e ela os odeia.

— Mas o Laumonier não está aqui por sua causa, não é? — perguntou Gansey. Ele também estava lendo a tela do telefone de Henry. Ela parecia reportar de volta sobre o paradeiro de Laumonier.

— Não, não — disse Henry. — Eu aposto que eles reconheceram o carro do seu cara Cinzento dos velhos tempos e vieram conferir se tinha alguma coisa para conseguir de Kavinsky enquanto estavam por aqui. Não posso dizer que conheço o jeito dos franceses. Não sei se eles ainda me reconheceriam daquele buraco no chão; estou mais velho agora. Mas mesmo assim... Parece que o cara assassino de vocês achou que tinha uma chance de isso acontecer. Ele me fez um favor. Jamais vou esquecer.

Ele virou o telefone para que Blue visse a reportagem ao vivo das ações de Laumonier. O texto vinha aos trancos, era estranhamente coloquial, e descrevia o lento progresso de Laumonier saindo do estacionamento da mesma maneira que Henry havia descrito a venda de artefatos que estava para acontecer. Os pensamentos de Henry, na tela. Era uma mágica esquisita e específica.

Enquanto eles a observavam juntos, Gansey abriu o sobretudo e enfiou Blue dentro dele, de costas para si. Isso também era uma mágica esquisita e específica, o desembaraço dela, o calor de Gansey à sua volta, a batida

do coração dele nas costas dela. Ele fechou uma mão em concha sobre o olho machucado dela como se para protegê-lo de algo, mas era apenas uma desculpa para as pontas de seus dedos a tocarem.

Henry não parecia afetado por essa exibição pública de proximidade. Ele pressionou os dedos contra a tela do celular; ela piscou algumas vezes e reportou algo para ele em hangul.

— Você gostaria... — Blue começou, e hesitou. — Você quer ficar com a gente hoje à noite?

A surpresa iluminou o sorriso de Henry, mas ele balançou a cabeça.

— Não, não posso. Preciso voltar para Litchfield, um capitão para o seu barco. Eu não me perdoaria se eles viessem atrás de mim e encontrassem Cheng Dois e os outros. Vou deixar a AbelhaRobô de vigília até que a gente possa... — Ele fez um círculo com um dedo em um gesto que significava algo como uma reunião em um local combinado.

— Amanhã? — perguntou Gansey. — Vou encontrar minha irmã no almoço. Apareçam, por favor.

Nem Henry nem Blue precisaram dizer qualquer coisa em voz alta; Gansey certamente devia saber que, só pelo convite, ele assegurara que ambos viessem.

— Acho que somos amigos agora — disse Henry.

— Certamente — respondeu Gansey. — A Jane diz que deve ser assim.

— Deve ser assim — concordou Blue.

Algo mais iluminou o sorriso de Henry nesse instante. Era algo genuíno e satisfeito, mas também *mais do que isso*, e não havia palavras que o descrevessem precisamente. Ele guardou o telefone no bolso.

— Bom, bom. O caminho está liberado; vou indo nessa. Até amanhã.



Aquela noite, Ronan não sonhou.

Após Gansey e Blue terem deixado a Barns, ele se recostou contra um dos pilares do terraço da frente e olhou para a rua, para os vagalumes piscando na escuridão fria. Ronan se sentia tão cru e elétrico que era difícil acreditar que ele estivesse acordado. Normalmente era preciso o sono para despi-lo para essa energia nua. Mas isso não era um sonho. Era sua vida, sua casa, sua noite.

Após alguns momentos, ele ouviu a porta se abrir devagar às suas costas, e Adam se juntou a ele. Silenciosamente, eles miraram as luzes dançantes nos campos. Não era difícil perceber que Adam lidava intensamente com seus próprios pensamentos. Palavras seguiam borbulhando dentro de Ronan e estourando antes de lhe escapar. Ele sentia que já havia feito a pergunta, e não poderia também dar a resposta.

Três cervos apareceram na linha das árvores, bem no limite do alcance das luzes do terraço. Um deles era um belo macho claro, os chifres como galhos ou raízes. Ele os observou, eles o observaram, e então Ronan não suportou mais.

— Adam?

Quando Adam o beijou, a sensação foi como se Ronan tivesse passado do limite de velocidade. Como cada direção noturna com as janelas abertas, os braços arrepiados e os dentes rilhando. Eram as costelas de Adam por baixo das mãos de Ronan, e a boca de Adam na sua boca, de novo, de novo, e de novo. Era o raspar da barba nos lábios, e Ronan tendo

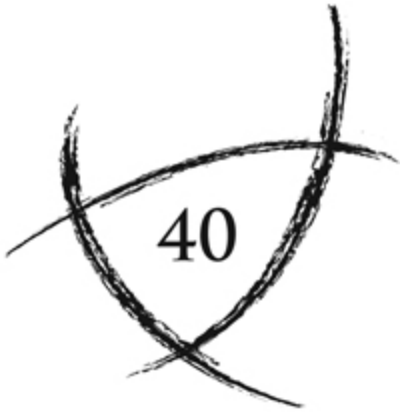
de parar para recuperar a respiração, para reiniciar o seu coração. Os dois eram animais famintos, mas Adam estivera faminto por mais tempo.

Por dentro, eles fingiram que sonhariam, mas não o fizeram. Eles se jogaram sobre o sofá da sala de estar, e Adam estudou a tatuagem que cobria as costas de Ronan: todas as bordas afiadas que se enganchavam, assombrosa e temerosamente, umas nas outras.

— *Unguibus et rostro* — disse Adam.

Ronan colocou os dedos de Adam na boca.

Ele jamais dormiria de novo.



Aquela noite, o demônio não dormiu.

Enquanto Piper Greenmantle dormia agitadamente, sonhando com a venda vindoura e sua ascensão à fama na comunidade de artefatos mágicos, o demônio desfez.

Ele desfez as armadilhas físicas de Cabeswater — as árvores, as criaturas, as samambaias, os rios, as pedras —, mas também desfez as ideias sonhadoras da floresta. As memórias presas em bosques, as canções inventadas somente à noite, a euforia rastejante que fluía e refluía em torno das cascatas. Tudo que havia sido sonhado nesse lugar ele dessonhou.

O sonhador, ele desfaria por último.

Ele lutaria.

Eles sempre lutavam.

Enquanto o demônio desemaranhava e desfazia, ele seguia encontrando fios da própria história entremeados à vegetação rasteira. A sua história de origem. Esse lugar fértil, rico com a energia da linha ley, não era bom apenas para cultivar árvores e reis. Também era bom para cultivar demônios, se houvesse sangue ruim suficiente derramado nele.

Havia mais do que sangue ruim suficiente empoçado nessa floresta para se fazer um demônio.

Quase nada impedia o seu trabalho. Ele era o inimigo natural da floresta, e a única coisa que impediria o avanço do demônio não havia ocorrido a ninguém ainda. Apenas as árvores mais antigas resistiram,

porque elas eram as únicas coisas que se lembravam de como fazer isso. Lenta e metodicamente, o demônio as desalinhou em seu interior. A escuridão exsudava dos seus ramos, em decomposição; elas caíam à medida que suas raízes apodreciam até o nada.

Uma árvore resistiu mais do que as outras. Ela era a mais velha e já tinha visto um demônio antes. Ela sabia que a questão às vezes não dizia respeito a salvar a si mesma, mas resistir por tempo suficiente até que alguém mais a salvasse. Então ela resistiu e se estirou na direção das estrelas, mesmo enquanto suas raízes estavam sendo arrancadas, e resistiu e cantou para as outras árvores, mesmo enquanto seu tronco se decompunha, e resistiu e sonhou com o céu, mesmo enquanto se desfazia.

As outras árvores lamentaram; se ela se desfizera, quem resistiria?

O demônio não dormiu.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Gwenllian.

Ela acordou com um grito aquela manhã, de madrugada. “Levante-se!”, bradou para si mesma enquanto saltava da cama. Seu cabelo bateu no teto inclinado do sótão, e então seu crânio; ela pressionou a mão contra a cabeça. A luz na rua ainda tinha uma tonalidade cinza enfadonha, cedo de manhã, mas ela acionou interruptores, virou botões e puxou cordas até que toda luz se acendesse no lugar. Sombras projetavam-se nessa direção e naquela.

— Levante-se! — ela disse novamente. — Mãe, mãe!

Seus sonhos ainda se prendiam a ela, árvores fundindo-se escurecidas e demônios sibilando de destruição; Gwenllian acenou com as mãos em torno de si para afastar as teias de seu cabelo e ouvidos. Ela enfiou um vestido sobre a cabeça, e então enfiou outra saia, e suas botas, e seu blusão; ela precisava de sua armadura. Então avançou em meio às cartas que ela havia deixado espalhadas no chão e às plantas que ela havia queimado para meditação, e se dirigiu até os dois espelhos que sua predecessora havia deixado ali no sótão. Neeve, Neeve, adorável Neeve. Gwenllian saberia o seu nome mesmo se as outras não tivessem lhe contado, pois os espelhos o sussurravam, o cantavam e o sibilavam o tempo inteiro. Como eles a adoravam e a odiavam. Eles a julgavam e a admiravam. Eles a erguiam aos céus e a derrubavam com tudo. Neeve, Neeve, odiosa Neeve, quisera o respeito do mundo inteiro e fizera tudo

para consegui-lo. Era Neeve, Neeve, adorável Neeve, que não se respeitara no fim.

Os espelhos de corpo inteiro estavam colocados um de frente para o outro, eternamente refletindo um reflexo. Neeve realizara um ritual complicado para assegurar que eles estivessem cheios de todas as possibilidades que ela poderia imaginar para si mesma e mais um pouco, e no fim um deles a devorara. Uma feitiçaria respeitável, diriam as mulheres de Sycarth. Elas teriam sido todas mandadas para a mata.

Gwenllian se posicionou entre os espelhos. A mágica deles a puxava e uivava. O vidro não era feito para mostrar tantas vezes ao mesmo tempo; a maioria das pessoas não era constituída para processar tantas possibilidades ao mesmo tempo. No entanto, Gwenllian era apenas outro espelho, e assim a mágica se desviou dela inofensivamente, enquanto ela pressionava a palma da mão contra qualquer um dos espelhos. Ela buscou todas as possibilidades e olhou à sua volta, voando de uma falsa verdade a outra.

— Mãe, mãe — disse Gwenllian em voz alta. Seus pensamentos desordenados se transmutariam se ela não os dissesse em voz alta imediatamente.

E lá estava a sua mãe: nesse presente real, nessa possibilidade atual, essa realidade onde a própria Neeve estava morta. Uma floresta se desfazendo, e a mãe de Gwenllian se desfazendo com elas.

Se desfazendo

Se desfazendo

Se des

Com um grito, Gwenllian jogou os espelhos no chão. Um chamado veio do andar de baixo; a casa estava despertando. Gritando novamente, Gwenllian olhou à volta de seu quarto em busca de uma ferramenta, uma arma. Havia pouco nesse sótão que pudesse fazer alguma diferença — ah. Ela arrancou uma luminária, o fio batendo na parede ao ser puxado, e desceu a escada com estardalhaço. *Tum tum tum tum,* cada pé nos degraus, duas vezes.

— Artemusssssssss! — ela arrulhou, sua voz estalando a meio caminho. Ela deslizou até a cozinha obscurecida, iluminada apenas por uma lâmpada sobre o forno e a luz cinza difusa que entrava pela janela acima da pia. Era apenas névoa, e nada de sol. —Artemusssss!

Ele estava desperto; provavelmente tivera o mesmo sonho que ela. Afinal de contas, eles tinham o mesmo material estrelado nas veias. Sua voz foi ouvida através da porta:

— Vá embora.

— Abra a porta, Artemussss! — disse Gwenllian, esbaforida, tremendo. A floresta estava desfeita, sua mãe estava desfeita. Esse mágico covarde estava se escondendo nessa despensa, tendo matado a todos com sua inatividade. Ela tentou a porta; ele a havia prendido com algo por dentro.

— Hoje não! — disse Artemus. — Não, obrigado! Aconteceu muita coisa nesses dez anos. Talvez mais tarde! Não tenho como resistir ao choque! Obrigado por seu tempo.

Ele fora um conselheiro de *reis*.

Gwenllian bateu com a luminária na porta. A lâmpada se partiu com um ruído argênteo; a extremidade da luminária abriu a lâmina fina da porta. Ela cantarolou:

— Coelhinho, coelhinho no buraco/ Raposinha, raposinha no buraco/ Sabujinho, sabujinho no buraco! Sai daí, coelhinho, eu tenho perguntas a fazer. Sobre *demônios*.

— Eu sou uma criatura que se desenvolve lentamente! — lamentou Artemus. — Não consigo me adaptar tão rápido!

— Se alguém está nos roubando, favor voltar depois do expediente! — ouviu-se a voz de Calla no andar de cima.

— Você sabe o que aconteceu com a minha mãe, galho podre? — Gwenllian livrou a lamparina da porta de maneira que ela pudesse quebrá-la contra a superfície mais uma vez. A fenda se alargou. — Vou te dizer o que eu vi no meu espelho espelhos!

— Vá embora, Gwenllian — disse Artemus. — Não posso fazer nada por você! Me deixe sozinho!

— Você poderia me dizer onde está o meu pai, arbustinho? Em que buraco você o jogou?

Bluum

A porta se rachou em dois pedaços; Artemus se recolheu na escuridão. Ele estava encolhido em meio aos potes plásticos, às sacolas de supermercado e aos sacos de farinha. Protegeu seu rosto longo do alcance de Gwenllian enquanto ela empunhava a lamparina.

— Gwenllian! — disse Blue. — O que você está *fazendo?* Portas custam *dinheiro*.

Ali estava a filhinha de Artemus — ele não a merecia, de qualquer maneira — vindo ao socorro dele. Blue tinha segurado o braço de Gwenllian para evitar que ela rachasse o crânio de covarde dele com a lamparina.

— Você não quer decifrá-lo, lírio azul? — gritou Gwenllian. — Não sou a única que quer respostas. Você ouviu o grito da minha mãe, Artemussss?

— Gwenllian, vamos lá, é cedo, estamos dormindo. Ou *estávamos* — disse Blue.

Gwenllian largou a lamparina, livrou o braço e pegou Artemus por uma mão e pelo cabelo. Ela o arrastou para fora da despensa enquanto ele se queixava como um cachorro.

— Mãe! — gritou Blue, uma mão protegendo o olho. Artemus se esparramou entre elas, espiando-as do chão.

— Me diga o quão forte é esse demônio, Artemus — sibilou Gwenllian. — Me diga onde está o meu pai. Me diga, me diga.

Subitamente, ele estava de pé e correndo, enquanto Gwenllian tentava agarrá-lo e segurá-lo, escorregando e deslizando no vidro estilhaçado da lâmpada. Ela caiu de lado, duramente, e levantou-se com esforço. Artemus já tinha passado pela porta de correr para o pátio dos fundos antes que Gwenllian tivesse se recuperado completamente, e, quando ela entrou no pátio enevoado, ele já tinha alcançado o primeiro galho da faia.

— Ela não vai te aceitar, seu covarde! — gritou Gwenllian, embora temesse que ela o aceitasse. Gwenllian se lançou atrás dele e começou a escalar a árvore. Ela não era uma estranha às árvores e aos seus galhos, e Gwenllian era mais rápida do que Artemus. Ela rosnou: — Seu malandro, seu sonhador, seu...

O vestido de Gwenllian se prendeu em um galho, salvando-o por meio segundo. Artemus lançou as mãos para cima, encontrou um galho e subiu

um nível. Quando ela começou a escalar novamente, as folhas farfalharam dramaticamente e ramos menores se quebraram.

— Socorro — disse Artemus, de um jeito estranho. E completou: — *Auxiril!* — A palavra saiu rápida e cheia de terror, aflita e desesperada.

— Minha mãe — disse Gwenllian. Pensamentos para palavras sem pausa. — Minha mãe, minha mãe, minha mãe.

As folhas mortas da faia estremeceram acima deles, chovendo à sua volta.

Gwenllian saltou até onde Artemus estava.

— *Auxiril!* — ele implorou novamente.

— Isso não vai te salvar!

— *Auxiril!* — ele sussurrou, e se abraçou à árvore.

O restante das folhas de outono caiu com estrépito. Galhos desabaram. O chão vergou enquanto as raízes crispavam-se dramaticamente no solo. O galho abaixo de Gwenllian se encolheu e corcoveou com uma rajada violenta. A terra sussurrava lá embaixo enquanto as raízes arfavam — eles estavam distantes demais do caminho dos mortos para isso, e Artemus seguiria em frente de qualquer jeito, típico, típico, típico — e então Gwenllian desabou em queda livre quando o galho abaixo dela se partiu.

Ela caiu com tudo sobre o ombro, toda a respiração lhe escapando. Olhou para cima e encontrou Blue e seu amigo morto a encarando. Outras pessoas estavam paradas no vão da porta para a casa, mas Gwenllian estava confusa demais por causa da queda para identificá-las.

— O quê? — demandou Blue. — O que acabou de acontecer? Ele está...?

— Na árvore? — terminou Noah.

— Minha mãe está em uma árvore e está morta — disparou Gwenllian. — O seu pai está em uma árvore e é um covarde. Você é o azarado. Vou simplesmente matá-lo quando você sair daí, seu galho envenenado!

Isso foi dito em direção à árvore. Artemus podia ouvi-la, ela sabia disso, sua alma encolhida dentro daquela árvore que nem ele, maldita luz de árvore, maldito mágico. Saber que ele podia se esconder ali enquanto a faia sobrevivesse enfurecia Gwenllian. Não havia razão para o demônio se interessar por uma árvore tão longe de Cabeswater, e assim, após todo o mundo e todo o resto ter morrido, ele mais uma vez emergiria incólume.

Ah, a *fúria*.

Blue olhou para a faia, com a boca ligeiramente aberta.

— Ele está... ele está *dentro* dela?

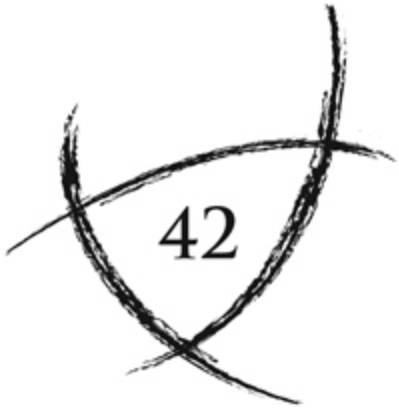
— É claro! — disse Gwenllian. Ela se pôs de pé e agarrou grandes punhados da saia com as mãos para que não tropeçasse de novo. — É isso que ele é? Isso é o seu sangue. Você não sentiu raízes em suas veias? *Maldições!* Maldições.

Gwenllian voltou para casa pisando firme, tirando Maura e Calla do caminho aos empurrões.

— Gwenllian — disse Maura —, *o que* está acontecendo?

Gwenllian fez uma pausa no corredor.

— O demônio está vindo! Todo mundo vai morrer. Exceto o pai inútil dela. Ele viverá para sempre.



No sábado, Adam acordou diante de um perfeito silêncio. Ele havia esquecido como era isso. A névoa movia-se ligeiramente do lado de fora das janelas do quarto de Declan, emudecendo todos os pássaros. A fazenda ficava muito distante da estrada para ouvir qualquer ruído de carro que a alcançasse. Não havia nenhum escritório de administração da igreja funcionando a vapor atrás dele, ninguém levando cachorros para caminhar na calçada, nenhuma criança gritando estridente para entrar em um ônibus escolar. Havia apenas um silêncio tão profundo que parecia pressionar seus ouvidos.

Então Cabeswater arfou de volta sua existência dentro dele, e Adam sentou na cama. Se ela havia voltado, isso queria dizer que ela tinha ido.

Você está aí?

Ele sentiu os próprios pensamentos, e mais dos próprios pensamentos, e então, quase imperceptivelmente, Cabeswater. Algo não estava certo.

Mas Adam se deixou ficar por um momento após se livrar das cobertas e levantar. Ali estava ele, despertando na casa da família Lynch, usando as roupas da noite passada que ainda cheiravam a fumaça de grelha, tendo dormido além do horário da aula de peso que ele tinha aquela manhã por uma magnitude de horas. Sua boca lembrava a boca de Ronan Lynch.

O que ele estava fazendo? Ronan não era algo para se levar na brincadeira. Ele não achava que estava brincando.

Você está deixando essa propriedade, disse a si mesmo.

Mas há muito tempo ele não se sentia pressionado. Não havia mais a segunda metade da declaração subentendida: *e jamais voltará aqui.*

Ele desceu para o andar térreo e espiou em cada quarto pelo qual passava, mas parecia que estava sozinho. Por um breve momento viajante, imaginou que estava sonhando, caminhando por essa fazenda vazia em seu sonho. Então seu estômago roncou e ele encontrou a cozinha. Comeu dois pães de hambúrguer que haviam sobrado sem nada mais, pois não conseguiu encontrar a manteiga, e então bebeu o resto do leite diretamente da caixa. Tomou emprestada uma jaqueta de um cabide de casacos e saiu porta afora.

Na rua, a névoa e o orvalho sopravam nos campos. Folhas de outono grudavam em suas botas enquanto ele seguia pelo caminho entre os pastos. Prestou atenção se ouvia qualquer ruído em algum dos celeiros, mas, essencialmente, ele estava bem com o silêncio. Essa calma, essa calma absoluta, exceto o céu cinzento baixo e seus pensamentos.

Ele se sentia muito tranquilo por dentro.

O silêncio foi interrompido quando uma criatura se lançou em sua direção. Ela deslizava de maneira tão rápida e esquisita sobre seus cascos que só quando sua mão se enfiara na mão de Adam que ele percebeu que se tratava da Garota Órfã. Ela segurava um galho escuro e úmido, e, quando Adam olhou para baixo, percebeu que ela tinha pedaços de casca de árvore presos nos dentes.

— Você deveria comer isso? — ele lhe perguntou. — Onde está o Ronan?

A Garota Órfã pressionou a face contra o dorso da mão dele com afeição.

— *Savende e'lintes i firen...*

— Inglês ou latim — ele disse.

— Por aqui!

Mas, em vez de o guiar em qualquer direção em particular, ela soltou a mão de Adam e galopou em torno dele em círculos, batendo os braços como um pássaro. Ele seguiu caminhando, ela seguiu dando voltas, e, ao alto, um pássaro conteve seu avanço em pleno voo. Motosserra percebera o movimento da Garota Órfã, e agora ela grasnou, deu uma volta e retomou seu voo para os campos mais acima. Foi onde Adam encontrou Ronan, uma mancha escura no campo lavado pela névoa. Ele estivera

observando outra coisa, mas Motosserra o havia alertado, e então ele se virou, as mãos nos bolsos da jaqueta escura, e observou Adam se aproximar.

— Parrish — disse Ronan, observando Adam. Ele não estava dando nada como certo.

— Lynch — disse Adam.

A Garota Órfã trotou no meio deles e cutucou Ronan com a ponta do galho.

— Remelinha — Ronan lhe disse.

— Ela deveria estar comendo isso?

— Não faço ideia. Não sei nem se ela tem órgãos internos.

Adam riu da resposta, do ridículo de tudo isso.

— Você comeu? — perguntou Ronan.

— Fora salgadinhos? Sim. Perdi a aula de pesos.

— Ah, por favor. Você quer carregar alguns fardos de feno? Isso vai fazer crescer pelos no seu peito. Ei. Se você me cutucar com isso mais uma vez... — Isso era para a Garota Órfã.

Enquanto eles brincavam de luta na relva, Adam fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Ele quase podia fazer uma divinação desse jeito. A tranquilidade e a brisa fria em sua garganta o levariam embora, e a umidade dos dedos do pé em suas botas e a fragrância das criaturas vivas o manteriam ali. Dentro e fora. Adam não sabia dizer se estava se deixando idealizar aquele lugar ou Ronan, e não tinha certeza se havia diferença nisso.

Quando abriu os olhos, viu que Ronan estava olhando para ele, como ele estivera olhando para Ronan durante meses. Adam olhou de volta, como ele estivera olhando de volta durante meses.

— Preciso sonhar — disse Ronan.

Adam pegou a mão da Garota Órfã e corrigiu:

— *Nós* precisamos sonhar.



A vinte e cinco minutos dali, Gansey estava absolutamente desperto, metido em alguma encrenca.

Ele não sabia ainda por que isso tinha acontecido, e, conhecendo a família Gansey, talvez jamais soubesse. Ele podia sentir, no entanto, com a mesma certeza de que podia sentir a rede da história de Glendower baixando sobre si. Uma contrariedade no lar Gansey era como uma delicada essência de baunilha. Usada com moderação, raramente sozinha, e geralmente identificável somente em retrospectiva. Com prática, podia-se aprender a identificar o gosto dela, mas com que finalidade? *Há um quê de raiva nesse bolo de aveia, você não acha? Ah, sim, acho que um pouco de...*

Helen estava brava com Gansey. A conclusão era essa.

A família Gansey tinha se reunido na sua escola, um dos investimentos imobiliários dos Gansey. Era uma antiga escola de pedra, comodamente decadente, localizada nas colinas verdejantes e remotas entre Washington, D.C., e Henrietta, que rendia a própria manutenção com o aluguel de curtas temporadas. O restante da família havia passado a noite ali — eles haviam tentado convencer Gansey a vir passar a noite com eles, um pedido que ele poderia ter atendido se não fosse por Ronan e por Henry. Talvez fosse essa a razão por que Helen estava incomodada com ele.

De qualquer maneira, certamente ele tinha compensado sua ausência ao trazer amigos interessantes para interagir. Os Gansey adoravam

encantar outras pessoas. Convidados significavam mais pessoas para eles exibirem suas elaboradas habilidades culinárias.

Mas ele ainda estava encrencado. Não com seus pais. Eles estavam encantados em vê-lo — *Como você está bronzeado, Dick* — e, como previsto, ainda mais encantados em ver Henry e Blue. Henry imediatamente passou em uma espécie de teste amigo-colega na qual Adam e Ronan sempre pareceram ter dificuldade, e Blue era — bem, o que quer que tenha sido o encanto que a expressão vivamente curiosa de Blue havia exercido sobre Gansey mais jovem claramente também havia atraído os Gansey mais velhos. Eles imediatamente começaram a questionar Blue sobre a profissão da sua família enquanto picavam uma beringela.

Blue descreveu um dia comum na Rua Fox, 300 com bem menos assombro e espanto do que acabara de usar no carro para contar a Gansey sobre a experiência incomum de seu pai desaparecer dentro de uma árvore. Ela listou a linha mediúnica especial, a limpeza das casas, os círculos de meditação e a colocação de cartas. Seu jeito descuidado de descrever apenas agradou mais ainda aos pais de Gansey; se ela tivesse tentado convencê-los de algo, jamais teria funcionado. Mas ela estava apenas lhes contando como era, e não pedindo nada em troca, e eles adoraram isso.

Com Blue ali, Gansey sentia-se dolorosamente consciente de como eles todos deviam parecer aos olhos de Blue — a velha Mercedes no acesso, as calças alinhadas, a pele lisa, os dentes alinhados, os óculos escuros Burberry, os cachecóis Hermes. Ele podia até ver a escola através das lentes dela agora. No passado, ele não teria achado que ela parecesse uma propriedade particularmente cara — ela era esparsamente decorada, e Gansey teria presumido que ela passava um ar austero. Mas agora que ele havia passado um tempo com Blue, ele podia ver que esse caráter esparso era exatamente o que a *fazia* parecer cara. Os Gansey não precisavam ter muitas coisas na casa porque cada objeto que eles *tinham* era exatamente a coisa certa para a sua finalidade. Não havia uma estante barata colocada em serviço para servir de depósito de louças extras. Não havia uma escrivaninha para guardar papelada, material de costura e brinquedos. Não havia potes e panelas empilhados em gabinetes ou desentupidores de privadas largados em baldes de plástico baratos. Em vez disso, mesmo nessa escola caindo aos pedaços, tudo era estético. Era isso que o dinheiro fazia: colocava desentupidores em potes de cobre, louças extras atrás de

portas de vidro e brinquedos em baús entalhados. Ele pendurava frigideiras em armações para panelas de ferro.

Ele se sentia um tanto embaraçado com isso.

Gansey seguia tentando captar os olhares de Blue e Henry para ver se eles estavam bem, mas a dificuldade em tentar ser sutil em um ambiente cheio de Ganseys era que a sutileza era uma língua que todos eles falavam. Não havia como perguntar discretamente se o socorro era necessário; todas as mensagens seriam interceptadas. E assim o bate-papo prosseguiu até que o almoço fosse levado para a varanda dos fundos. Henry e Blue estavam sentados em cadeiras muito distantes para que ele enviasse ajuda aérea para eles.

Helen fez questão de se sentar ao seu lado. Ele experimentava baunilha de uma vasilha.

— O diretor Child disse que você se atrasou um pouco com o envio dos seus pedidos de admissão para as faculdades — disse o sr. Gansey, inclinando-se para frente para servir a quinoa com uma colher nos pratos.

Gansey estava ocupado tirando um mosquito do seu chá gelado. A sra. Gansey afastou um mosquito invisível com a mão, em solidariedade.

— Achei que estava frio demais para ter insetos. Deve haver alguma água parada por aqui.

Gansey tirou com cuidado o inseto morto da beira da mesa.

— Atualmente ainda mantenho contato com Dromand — disse o sr. Gansey. — Ele ainda tem influência em todo o departamento de história de Harvard, se é nisso que você está pensando.

— Jesus, não — disse a sra. Gansey. — Yale, certamente.

— O quê? Como o Ehrlich? — o sr. Gansey riu suavemente de alguma piada particular. — Que isso sirva de lição para *todos* nós.

— O Ehrlich é um dissidente — respondeu a sra. Gansey. E brindaram os copos em um brinde misterioso.

— Quais universidades você já contatou? — perguntou Helen. Havia perigo em sua voz. Imperceptível para não Gansey, mas suficiente para que seu pai lhe franzisse o cenho.

— Nenhuma, ainda — entreolhou Gansey.

— Não lembro as datas para essas coisas — disse a sra. Gansey. — Logo, no entanto, certo?

— Eu me perdi no tempo.

Era a versão mais simples possível de *teoricamente vou morrer antes que isso tenha importância, então usei minhas noites para outras coisas*.

— Li um estudo sobre períodos sabáticos — disse Henry. Ele sorriu para o prato quando a sra. Gansey o colocou na sua frente, e naquele sorriso havia uma compreensão de que ele era fluente nessa linguagem de sutileza. — Supostamente é algo bom para pessoas como nós.

— O que são pessoas como nós? — perguntou a mãe de Gansey, de uma maneira que sugeria que ela gostava da ideia de comunidade entre eles.

— Ah, você sabe, jovens excessivamente cultos que se provocam crises nervosas em busca da excelência — disse Henry. Os pais de Gansey riram. Blue pegou o seu guardanapo. Gansey havia sido socorrido; Blue havia sido pressionada.

Mas o sr. Gansey percebeu e pegou a bola antes que ela tocasse o chão.

— Eu adoraria ler algo escrito por você, Blue, sobre crescer em uma casa de médiuns. Você poderia escrever um texto acadêmico ou no estilo de uma memória, que seria fascinante do mesmo jeito. Você tem uma voz tão distinta, mesmo quando está falando.

— Ah, sim, eu notei isso também, a cadência de Henrietta — disse a sra. Gansey carinhosamente; eles eram excelentes jogadores de equipe. Boa defesa, ponto para os Gansey, vitória para a Equipe Alto-Astral.

— Eu quase esqueci a bruschetta; ela vai queimar. *Dick*, você me ajudaria a trazê-la?

A Equipe Alto-Astral se dispersou abruptamente. Gansey estava prestes a descobrir por que estava encrencado.

— Claro, certo — ele disse. — Alguém precisa de alguma coisa lá de dentro?

— Na verdade, se você puder trazer o meu cronograma em cima da escrivaninha da Ellie, seria ótimo, obrigada — disse a sua mãe. — Preciso ligar para a Martina para me certificar de que ela vai estar lá a tempo.

Os irmãos Gansey dirigiram-se para dentro da casa, onde Helen primeiro removeu os pães torrados e então se virou para o irmão. Ela demandou:

— Você lembra quando eu disse: “me conta que tipo de sujeira eu vou encontrar sobre os seus amiguinhos para que eu dê um tratamento no assunto antes que a nossa mãe apareça por aqui”?

— Acho que se trata de uma pergunta retórica — disse Gansey, enfeitando a bruschetta.

— Você não me retornou informação alguma a esse respeito — disse Helen.

— Eu mandei recortes das pegadinhas da Semana Turca para você.

— E, no entanto, você deixou de mencionar que tinha *subornado o diretor*.

Gansey parou de enfeitar a bruschetta.

— Você fez isso mesmo — disse Helen, lendo-o sem fazer esforço. Os irmãos Gansey estavam sintonizados na mesma frequência de rádio. — Para quem você fez isso? Que amigo? O garoto do parque de trailers.

— Não seja desrespeitosa — respondeu Gansey secamente. — Quem contou para você?

— Os papéis me contaram. Sabe, você ainda não tem dezoito anos. Como conseguiu mesmo convencer o Brulio a escrever aquele documento para você? Achei que ele deveria ser o advogado do papai.

— Isso não tem nada a ver com o papai. Não gastei o dinheiro dele.

— Você tem dezessete anos. Que outro dinheiro você tem?

Gansey olhou para ela.

— Então, pelo visto, você leu só a primeira página do documento.

— Isso é tudo que abriria no meu celular — disse Helen. — Por quê? O que diz a segunda página? *Meu Deus*. Você deu ao Child aquele seu armazém, não é?

A questão soava muito clara quando ela a colocava desse jeito. Gansey supunha que era mesmo. Um diploma da Aglionby em troca da Fábrica Monmouth.

Provavelmente você não estará aí para sentir a sua falta, ele disse a si mesmo.

— Em primeiro lugar, o que ele *pode* ter feito para merecer algo desse gênero? — demandou Helen. — Você está dormindo com ele?

A indignação gelou a voz de Gansey.

— Por que a amizade não tem valor suficiente?

— Dick, vejo que você está fazendo o possível para se manter por cima, mas vá por mim, você não está conseguindo. Você não precisa apenas de uma escada de moralidade para chegar lá, você precisa de uma cadeirinha de bebê para colocar a escada em cima. Você compreende que

posição incrivelmente ruim você coloca a mamãe se essa sua estupidez for descoberta?

— Não é a mamãe. Sou eu.

Helen inclinou a cabeça de lado. Normalmente Gansey não notava a diferença de idade entre eles, mas, bem naquele instante, ela parecia muito obviamente uma adulta refinada, e ele... o que quer que ele fosse.

— Você acredita que a imprensa se importaria? Você tem dezessete anos. Era o advogado da família, pelo amor de Deus. Exemplo da corrupção de uma família, *et cetera, et cetera.* Não acredito que você não pode esperar ao menos a eleição passar para fazer isso.

Mas Gansey não sabia quanto tempo ele tinha. Ele não sabia se podia esperar a eleição passar. Isso lhe provocou um aperto no peito e sua respiração encurtou no mesmo instante. Então afastou o pensamento o mais rápido que pôde.

— Não pensei nas consequências — ele disse. — Para a campanha.

— Obviamente! Não faço a menor ideia no que você estava pensando. Eu vim o caminho todo até aqui tentando dar um sentido para isso, e simplesmente não consegui.

Gansey brincou com um pedaço de tomate sobre a tábua de corte. Seu coração ainda batia rápido no peito. Com uma voz muito menor, ele disse:

— Eu não queria que ele jogasse tudo fora porque o pai dele tinha morrido. Ele não quer agora, mas eu queria que ele tivesse o diploma mais tarde, quando ele percebesse que queria.

Helen não disse nada, e ele sabia que a sua irmã o estudava e o lia de novo. Ele apenas seguiu brincando com aquele pedaço de tomate, pensando sobre como realmente ele não tinha nem certeza de que Ronan precisasse do diploma no fim das contas, e como ele se arrependia de ter feito o acordo com Child mesmo que não conseguisse dormir até tê-lo feito. Ele estivera errado a respeito de muitas coisas, e agora era tarde demais para consertá-las. O tempo estava se esgotando. Fora um segredo solitário e cheio de culpa de manter.

Para sua surpresa, Helen o abraçou.

— Irmãozinho — ela sussurrou —, o que há de errado com você?

Os Gansey não eram dados a abraços, e Helen normalmente não arriscaria amassar a sua blusa, e seus braceletes de ouro finos pressionariam linhas em seu braço, e algo a respeito de todas essas coisas

combinadas fizeram com que Gansey se sentisse perigosamente próximo das lágrimas.

— E se eu não o encontrar — disse Gansey por fim. — Glendower.

Helen soltou um suspiro e o soltou.

— Você e aquele rei. Quando isso vai terminar?

— Quando eu o encontrar.

— E então? E se você *realmente* o encontrar?

— Isso é tudo.

Não era uma boa resposta, e Helen não gostou dela, então só estreitou os olhos e desamassou uma e outra dobra de sua blusa.

— Sinto muito ter arruinado a campanha da mamãe — ele disse.

— Você não arruinou. Só vou ter que... não sei. Vou encontrar alguns esqueletos no armário do Child para me certificar de que ele seguirá na linha. — Helen não parecia inteiramente descontente com a tarefa. Ela gostava de organizar fatos. — Meu Deus. E pensar que eu achei que teria de lidar com questões envolvendo *bullying* e posse de maconha. Aliás, quem é aquela garota lá fora? Você a beijou?

— Não — respondeu Gansey verdadeiramente.

— Você deveria — ela disse.

— Você gosta dela?

— Ela é esquisita. Você é esquisito.

Os irmãos Gansey trocaram um sorriso.

— Vamos levar essa bruschetta daqui — disse Helen. — Para sobrevivermos a esse fim de semana.



Foi um erro.

Adam tinha certeza disso assim que caiu para dentro da boca negra da tigela de adivinhação, mas não havia como deixar Ronan ali em seu sonho sozinho.

O seu corpo físico estava sentado de pernas cruzadas na Barns, um prato de cerâmica para alimentar os cães servindo como sua tigela de adivinhação. O corpo de Ronan estava encolhido no sofá. A Garota Órfã estava sentada próxima de Adam, espiando a tigela junto com ele.

Aquilo era real.

Mas isto também era real: a sinfonia doentia que era Cabeswater. A floresta vomitava negro à volta dele. Árvores fundiam-se na escuridão, mas ao contrário — longos feixes negros de gosma pingando para cima em direção ao céu. O ar estremecia e voava. A mente de Adam não compreendia como processar o que via. Era o horror da árvore que sangrava um líquido negro que eles tinham visto antes, só que ele havia se espalhado para a floresta inteira, incluindo a atmosfera. Se não tivesse restado mais nada da verdadeira Cabeswater, teria sido menos assustador — algo mais fácil de descartar como um pesadelo —, mas ele ainda podia ver a floresta que ele passara a conhecer lutando para se manter.

Cabeswater?

Não houve resposta.

Ele não sabia o que aconteceria com ele se Cabeswater morresse.

— Ronan! — gritou Adam. — Você está aqui?

Talvez Ronan só estivesse dormindo, não sonhando. Talvez estivesse sonhando em outra parte. Talvez tivesse chegado antes de Adam e já tivesse sido morto em seus sonhos.

— *Ronan!*

— Kerah — lamuriou-se a Garota Órfã.

Quando ele a procurou, no entanto, ela não estava em parte alguma. Será que ela tinha vindo com ele, adivinhando tigela adentro atrás dele? Será que Ronan poderia sonhar outra como ela para dentro dos seus sonhos? Adam sabia a resposta para isso: sim. Ele havia observado um Ronan sonhado morrer na frente do Ronan real. Poderia haver infinitas Garotas Órfãs aqui nessa floresta. *Maldição.* Ele não sabia como chamar por ela. Tentou: — Garota Órfã!

Tão logo havia gritado o nome dela, ele se arrependeu. As coisas eram o que você as chamava nesse lugar. De qualquer forma, não houve resposta.

Ele começou a se movimentar pela floresta, tomando o cuidado de não se desligar de seu corpo lá na Barns. Suas mãos sobre a tigela de adivinhação fria. Os ossos do quadril contra o assoalho de madeira. O cheiro da lareira atrás dele. *Lembre-se de onde você está, Adam.*

Ele não queria chamar Ronan de novo; ele não queria que esse pesadelo forjasse uma duplicata. Tudo que ele via era terrível. Aqui uma cobra dissolvendo-se viva, ali um cervo macho caído no chão, lentamente quicando as patas, videiras crescendo através da carne ainda com vida. E então uma criatura que não era Adam, mas, mesmo assim, de alguma forma, se vestia como ele. Adam recuou, mas o garoto estranho não lhe deu atenção. Em vez disso, estava lentamente comendo as próprias mãos.

Adam estremeceu.

— *Cabeswater*, onde ele está?

Sua voz destoou, e Cabeswater arfou, tentando acalmar o seu mágico. Uma rocha havia se manifestado na frente de Adam. Ou melhor, ela sempre estivera ali, do jeito dos sonhos, do jeito que Noah aparecia e desaparecia. Adam já vira esse rochedo antes; sua superfície estriada estava coberta com as letras púrpuro-negras na caligrafia de Ronan.

Adam passou por ela enquanto algo gritava atrás dele.

Ali estava Ronan. Finalmente. Finalmente.

Ronan estava dando voltas em torno de algo na relva queimada entre árvores arruinadas; quando Adam se aproximou, ele viu que era uma carcaça. Era difícil dizer como era sua aparência originalmente. Ela parecia ter uma pele branca como giz, mas cortes profundos rasgavam a carne; as bordas dos cortes dobravam-se sobre si mesmas em um tom róseo. Uma confusão de intestinos pendurava-se para fora sob uma aba cinzenta gordurosa e se enganchava em uma garra de ponta avermelhada. Cogumelos irrompiam por toda parte na carcaça, e havia algo terrivelmente errado a respeito deles; era difícil de mirá-los.

— Não — disse Ronan. — Ah, não. Seu imbecil.

— O que é isso? — perguntou Adam.

As mãos de Ronan correram sobre dois bicos abertos, lado a lado, ambos orlados em negro e algo rubro-púrpura que Adam não queria considerar muito profundamente.

— Meu horror noturno. Meu Deus. Merda.

— Por que ele estaria aqui?

— Não sei. Ele se importa com o que eu me importo — disse Ronan, erguendo o olhar para Adam. — Isso é um pesadelo, ou é real?

Adam manteve o olhar. Esta era a situação em que eles se encontravam agora: pesadelos *eram* reais. Não havia diferença entre os sonhos e a realidade quando eles estavam juntos ali em Cabeswater.

— O que está fazendo isso? — perguntou Ronan. — Não consigo ouvir as árvores. Ninguém está falando comigo.

Adam manteve o olhar. Ele não queria dizer *demônio* em voz alta.

— Eu quero acordar. Podemos? Não quero trazer nada disso de volta. E não consigo controlar meus pensamentos... Não consigo... — disse Ronan.

— Sim — interrompeu Adam. Ele não conseguia também. — Precisamos falar com os outros. Vamos...

— Kerah!

O chamado agudo da Garota Órfã imediatamente chamou a atenção de Ronan; ele esticou o pescoço para ver entre os galhos escuros e os pequenos lagos.

— Deixa a Garota Órfã — disse Adam. — Ela está com a gente na vida real.

Mas Ronan hesitou.

— *Kerah!* — ela se lamuriou novamente, e dessa vez Adam ouviu a dor em sua voz. Ela era fraca, como de uma criança, inspirava pena, e tudo que havia nela fora codificado para responder a isso. — *Kerah, succurro!*

Era impossível dizer se aquela era a Garota Órfã que eles tinham lá na Barns, se era uma cópia, ou um pássaro diabólico monstruoso com a voz dela. Ronan não se importava. Ele correu de qualquer forma. Adam seguiu logo atrás dele. Tudo que ele passava era hediondo: uma floresta de salgueiros vergada, uma árvore sobre a outra, um pássaro cantando uma nota de trás para frente, um punhado de insetos negros rastejando sobre a ponta de uma carcaça de coelho.

A voz não pertencia a um pássaro diabólico monstruoso. Era a Garota Órfã, ou algo com uma aparência idêntica à dela. Ela estava ajoelhada em um tufo de relva seca. Não estivera chorando, mas caiu no choro quando viu Ronan. Quando ele a alcançou, ofegante, ela estendeu os braços para ele, suplicantemente. Adam não achou que ela era uma cópia; ela usava o seu relógio com suas marcas de mordida na pulseira, e, de qualquer modo, essa Cabeswater enferma não tinha a força para produzir uma versão tão íntegra dela.

— *Succurro, succurro* — ela chorou. — *Socorro, socorro...*

Os braços que ela estendeu para Ronan estavam cobertos e respingados de sangue até o cotovelo.

Ronan se largou de joelhos, os braços em torno dela, e machucou Adam, de certa forma, ver quão ferozmente ele abraçava a sua pequena e estranha criatura de sonho, e como ela enterrava o rosto no ombro dele. Ele se levantou com ela nos braços, a segurou proximamente, e ele a ouviu dizer: — Não, você agiu bem, vai ficar tudo bem, nós estamos acordando.

Então Adam *o* viu. Ele o viu antes de Ronan, porque Ronan ainda não havia olhado além da Garota Órfã. *Não, não*. A Garota Órfã não havia parado ali por ser o lugar mais distante que havia conseguido chegar correndo. Ela havia se ajoelhado ali porque fora a maior distância através da qual conseguira arrastar o corpo. *Corpo* era uma palavra branda para aquilo. Longos fios de cabelo prendiam-se aos pedaços maiores que se ligavam como um colar de pérolas viscosas. Fora assim que os braços da Garota Órfã haviam ficado tingidos de sangue; esse esforço de socorro fútil.

— Ronan — avisou Adam, enquanto o horror tomava conta dele.

Ao ouvir o tom da voz de Adam, Ronan se virou.

Houve um breve momento em que ele olhou apenas para Adam, e Adam desejou que ele pudesse manter a sua atenção para sempre. *Acorda*, ele pensou, mas ele sabia que Ronan não faria isso.

O olhar de Ronan baixou.

— Mãe?



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito ao Homem Cinzento.

O Homem Cinzento gostava de reis.

Ele gostava de reis oficiais, do tipo que tinha o título, a coroa e tudo o mais, mas também gostava de reis não oficiais, que governavam, lideravam e administravam sem nenhuma descendência nobre ou trono de verdade. Ele gostava de reis que viviam no passado e reis que viviam no futuro. Reis que haviam se tornado lendas somente depois da sua morte, reis que haviam se tornado lendas durante a sua vida, e reis que haviam se tornado lendas sem nem ter vivido. Seus favoritos eram os reis que usavam o seu poder na busca do conhecimento e da paz em vez do status e da propriedade, que usavam a violência somente para criar um país que não precisava viver pela violência. Alfred, o rei que o Homem Cinzento mais idealizava, representou o epítome disso, tendo conquistado os reinos querelantes menores da Inglaterra anglo-saxônica para criar um país unificado. Quão intensamente o Homem Cinzento admirava um homem desses, mesmo tendo se tornado um assassino em vez de um rei.

Não deixava de ser interessante que ele não conseguisse lembrar bem a respeito de sua decisão de se tornar um assassino.

O Homem Cinzento se lembrava das porções acadêmicas de sua vida como um historiador lá em Boston: as palestras, as dissertações, as festas, os arquivos. Reis e guerreiros, honra e *wergild*.* Ele se lembrava dos Greenmantle, é claro. Mas todo o resto era difícil de recordar. Era difícil

discernir o que era uma memória verdadeira e o que era meramente um sonho. Na época, ele havia enfileirado um dia cinzento no outro, e parecia provável que ele tivesse perdido semanas, meses ou anos a essa dissociação brumosa. Em algum lugar por aqueles tempos, alguém havia sussurrado a palavra *mercenário*, e, em algum lugar por aqueles tempos, alguém havia descartado a sua identidade e se tornado o Homem Cinzento.

— O que nós queremos encontrar aqui? — Maura lhe perguntou.

Eles estavam no carro juntos, dirigindo-se para Singer's Falls. A presença de apenas duas partes de Laumonier no supermercado estivera corroendo o Homem Cinzento por dentro desde que ele os havia deixado, e ele passara boa parte da noite em uma busca dedicada pelo terceiro e mais desagradável irmão. Agora, embora tivessem perdido de vista o seu carro de aluguel, eles continuavam na direção da Barns.

— Não *queremos* encontrar nada — disse o Homem Cinzento. — Mas temos esperança de encontrar Laumonier revirando os armários de Niall Lynch.

A parte do Homem Cinzento que costumava ser um assassino não se entusiasmava com a ideia de Maura insistir em acompanhá-lo; a parte dele que estava bastante apaixonada por ela sentia-se profundamente satisfeita.

— Ainda nenhuma resposta do Ronan — disse Maura, espiando o telefone do Homem Cinzento. Blue havia dito a eles naquela manhã que Ronan Lynch e Adam Parrish estavam trabalhando na Barns.

— É possível que ele não atendesse o meu número — contestou o Homem Cinzento. Também era possível que ele estivesse morto. Laumonier podia ser muito difícil quando pressionado.

— É possível — ecoou Maura, franzindo o cenho.

Eles encontraram a Barns parecendo idílica como sempre, com apenas dois carros na área de cascalho — o BMW Lynch e o calhambeque tricolor Parrish. Não havia sinal do carro alugado de Laumonier, mas isso não significava que ele não estivesse estacionado próximo e tivesse chegado a pé.

— Não me fala para ficar no carro — disse Maura.

— Não sonharia isso — ele respondeu, abrindo a porta lentamente para evitar prendê-la em uma ameixeira ainda dando ameixas bem à vista. — Um carro estacionado é um local vulnerável.

Ele trouxe a arma consigo e Maura colocou o telefone no bolso de trás. Eles tentaram a porta da frente — destrancada. Levou muito pouco tempo para descobrirem Adam e Ronan na sala de estar.

Eles não estavam mortos.

Mas também não estavam bem vivos. Ronan Lynch estava desacordado no sofá de couro esmaecido, e Adam Parrish estava desmaiado ao lado da lareira. Uma garota jovem estava sentada absolutamente ereta na frente de uma tigela de cachorro, sem piscar. Ela tinha cascos. Nenhum dos ocupantes da sala respondeu à voz de Maura.

O Homem Cinzento percebeu-se estranhamente afetado pela visão deles nesse estado, o que parecia contraditório, levando-se em consideração que ele havia matado o pai de Ronan. Mas era precisamente *por* ter matado Niall que ele agora sentia a responsabilidade e a culpa uivando nos corredores do seu coração. Ele era o seu próprio homem agora, e, em sua posição como a ferramenta de outra pessoa, ele havia deixado Ronan e a Barns sem um protetor.

— Isso é mágica ou veneno? — perguntou o Homem Cinzento a Maura. — Laumonier adora venenos.

Maura se inclinou sobre a tigela de adivinhação antes de se encolher para longe dela.

— Acho que é mágica. Não que eu saiba mexer em qualquer tipo de mágica em que eles estejam envolvidos.

— Será que devemos sacudir esses dois? — ele perguntou.

— Adam, Adam, volte. — Ela tocou o rosto dele. — Não quero despertar o Ronan, caso ele esteja mantendo a alma do Adam por perto. Acho que... Vou entrar e buscar o Adam. Segure a minha mão. Não me deixe ir por mais do que, vamos ver, noventa segundos.

— É perigoso?

— É como a Persephone morreu. O corpo não pode viver com a alma muito distante dele. Não pretendo perambular por aí. Se ele não estiver próximo, vou voltar.

O Homem Cinzento confiava que Maura conhecesse seus próprios limites, assim como ele presumia que ela confiasse nele. Ele colocou a arma no chão ao lado do pé — fora do alcance fácil da garota, se é que ela era isso — e pegou a mão de Maura.

Ela se inclinou para dentro da tigela de adivinhação, e, quando seus olhos ficaram vazios, ele começou a contar. *Um, dois, três...*

Adam arfava e se contorcia. Uma mão se estendeu agitada para cima, tentando agarrar um apoio que não estava ali, as unhas arranhando contra o reboco em um ataque insuficiente. Seu olhar se direcionou para o Homem Cinzento com um esforço evidente.

— Acorde-o — ele disse em uma voz arrastada. — Não deixe que ele fique por lá sozinho! — A garota com cascos saltou de sua posição sem preguiça alguma. (Talvez, pensou o Homem Cinzento em retrospectiva, na realidade ela não estivesse adivinhando nada, e, em vez disso, permanecera absolutamente imóvel como uma camuflagem quando Maura e o Homem Cinzento chegaram a casa, um pensamento sombrio, mas perfeitamente plausível). Ela lançou os braços em torno de Ronan, onde ele estava esparramado, então começou a agitá-lo, as mãos abertas contra as suas faces, batendo em seu peito e falando o tempo inteiro em algo que soava como latim, mas não era.

Então algo peculiar aconteceu. Em princípio, o Homem Cinzento sabia o que estava acontecendo, mas era uma situação muito diferente ver o fato ocorrer diante de seus olhos.

Ronan Lynch trouxe algo de volta dos seus sonhos.

Nesse caso: sangue.

Em um momento, ele estava adormecido, e no seguinte, desperto, as mãos banhadas de sangue ressecado. O cérebro do Homem Cinzento se deslocou com dificuldade entre esses momentos, e ele sentiu que havia removido a imagem mais difícil, a que ficava no meio.

Adam havia se colocado cambaleante de pé.

— *Traga a Maura de volta!* Você não faz ideia...

Sim, noventa segundos, tinham se passado noventa segundos. O Homem Cinzento usou a mão de Maura para puxá-la para longe da tigela de adivinhação, e, como havia feito apenas uma imersão superficial, ela retornou para ele imediatamente.

— Ah, não — ela disse. — É terrível. É tão terrível! O demônio... ah, não.

Ela olhou imediatamente para Ronan sobre o sofá. Ele não havia se movido nem um milímetro, embora suas sobrancelhas tivessem assumido uma expressão mais intencional sobre seus olhos fechados. Não havia

muito sangue em seu exterior, em comparação com a quantidade de sangue que um ser humano geralmente carregava dentro de si, mas, mesmo assim, havia algo de fatal a respeito dessa exibição. Era a combinação de sangue e lama, pedaços de ossos e vísceras grudados nos punhos das mãos.

— *Puta merda* — disse Adam veementemente. Ele tinha começado a tremer, embora seu rosto não tivesse mudado.

— O Ronan está machucado? — perguntou Maura.

— Ele não se mexe logo em seguida — disse Adam. — Quando ele traz algo de volta. Dê um segundo para ele. *Puta merda!* A mãe dele está morta.

— Olha! — gritou a garota. E foi isso, e somente isso, que evitou que o Homem Cinzento morresse quando Laumonier apareceu em um canto com uma arma.

Laumonier não hesitou nem por um segundo quando viu o Homem Cinzento: vê-lo nesse contexto era atirar nele.

O som foi maior do que a sala.

A garota soltou um guincho que não tinha nada a ver com o som que uma garota humana faria e tudo com o som que um corvo faria.

O Homem Cinzento tinha se lançado ao chão imediatamente, levando Maura consigo. Ele percebeu, naquele mero segundo sobre as tábuas desgastadas do assoalho, que estava diante de uma escolha.

Ele poderia tentar desarmar essa parte do Laumonier, tornando a área segura, e agora que Greenmantle estava morto, não deveria haver disputa alguma entre os dois. Não era algo tão impossível quanto soava: o Homem Cinzento tinha uma arma bem à mão também, e Adam Parrish já havia provado ser um sujeito extremamente frio e engenhoso. Uma negociação como essa deixaria a Barns aberta ao interesse de Laumonier, é claro, e assim que ele colocasse os olhos na garota com os cascos, esse interesse seria imorredouro. Essa parte do mundo — e com ela a Rua Fox, 300, Maura e Blue — estaria para sempre vulnerável à ameaça, a não ser que eles fugissem como Declan e Matthew haviam fugido. Se escolhesse esse caminho, ele seria obrigado a andar constantemente vigilante para protegê-las das partes interessadas. Constantemente na defensiva.

Ou o Homem Cinzento poderia atirar em Laumonier.

Seria uma declaração de guerra. As outras duas partes de Laumonier não deixariam que isso passasse incólume. Mas talvez uma guerra fosse o que esse negócio desvirtuado precisava. Ele vinha se degenerando em uma perigosa anarquia de becos, porões, raptos e assassinos desde há algum tempo antes dele, e havia se tornado somente mais ingovernável. Talvez o negócio precisasse de alguém para impor algumas regras de cima para baixo, para colocar esses reis enxovalhados na linha. Mas não seria fácil, levaria anos e não havia uma versão que permitisse que o Homem Cinzento ficasse com Maura e a sua família. Ele teria de levar o perigo para outra parte, e mais uma vez teria de se jogar naquele mundo.

Ele queria muito ficar nesse lugar onde ele havia começado a colocar a violência de lado. No lugar onde ele havia aprendido a sentir novamente. Nesse lugar que ele amava.

Apenas um segundo havia se passado.

Maura suspirou.

O Homem Cinzento atirou em Laumonier.

Ele era um rei.

Nota

* Dinheiro que era pago na Inglaterra anglo-saxã e outros países germânicos aos parentes de uma vítima de assassinato como forma de compensação e para evitar a violência de represálias. (N. da T.)



Não era nem um pouco impossível para Blue acreditar que um demônio havia matado a mãe de Ronan e estava matando Cabeswater também. Quando eles voltaram do almoço na escola dos Gansey — tendo recebido dezenas de chamadas tanto do celular de Ronan quanto da Rua Fox, 300 —, parecia o fim do mundo. Nós de nuvens emaranhavam-se sobre a cidade e dentro da casa, onde o Homem Cinzento colocava em uma mala os poucos pertences que ele havia deixado para ali.

— Matem o demônio — ele disse a todas elas. — Vou fazer o meu melhor para cuidar do resto. Será que um dia eu vou voltar?

Maura simplesmente colocou a mão no rosto dele.

O Homem Cinzento a beijou, abraçou Blue, e não estava mais ali.

Jimi e Orla, surpreendentemente, não estavam mais ali também. Elas não mereciam estar na linha de fogo, disse Maura, e haviam partido para ficar com velhas amigas na Virgínia Ocidental até que tivessem certeza do que aconteceria a Henrietta e às médiuns na cidade.

Todas as consultas haviam sido canceladas, então não havia clientes, e a linha especial de atendimento estava configurada para mandar todas as pessoas que ligassem direto para o correio de voz.

Apenas Maura, Calla e Gwenllian permaneceram ali.

Parecia o fim de tudo.

— Onde o Ronan está? — Blue perguntou a Adam.

Adam tirou Blue e Gansey da Rua Fox para o dia frio, movendo-se cuidadosamente para evitar derrubar Motosserra, que havia se

empoleirado de cabeça baixa em seu ombro. O carro de Ronan estava estacionado junto ao meio-fio, a algumas casas dali.

Ronan estava sentado imóvel atrás da direção do BMW, os olhos fixos em algum ponto mais adiante na estrada atrás deles. Parecia haver um truque de luz no assento do passageiro — não, não era um truque. Noah estava sentado ali, quase ausente, também imóvel. Ele já estava se encurvando, mas, quando viu os pontos de Blue, se encurvou ainda mais.

Blue e Gansey caminharam até o lado do motorista e esperaram. Ronan não baixou a janela nem olhou para eles, então Gansey tentou a porta, encontrou-a destrancada e a abriu.

— Ronan — ele disse. A maneira carinhosa como ele o disse quase fez Blue chorar.

Ronan não virou a cabeça. Seus pés repousavam sobre os pedais; suas mãos repousavam sobre a parte de baixo da direção. Seu rosto parecia bastante contido.

Quão miserável era imaginar que ele era o último Lynch que restava na cidade.

Ao lado de Blue, Adam estremeceu violentamente. Blue o enlaçou com um braço. Era terrível imaginar que, enquanto Gansey e ela almoçavam, Ronan e Adam perambulavam juntos através de uma paisagem infernal. Os mágicos galantes de Gansey, ambos derrubados pelo horror.

Adam tremeu novamente.

— Ronan — disse Gansey de novo.

Em uma voz muito baixa, Ronan respondeu:

— Estou esperando que você me diga o que fazer, Gansey. Para onde eu devo ir.

— Não podemos desfazer isso — disse Gansey. — Não consigo desfazer.

Isso não fez a menor diferença na expressão de Ronan. Era terrível vê-lo sem fogo ou ácido nos olhos.

— Vem para a minha casa — disse Blue.

Ronan pareceu não tê-la ouvido.

— Eu sei que não posso desfazer. Não sou burro. Eu quero *matá-lo.*

Um carro passou zunindo por eles, tomando cuidado para passar ao largo de onde eles estavam parados, ao lado da porta aberta de Ronan. O

bairro parecia próximo, atento e presente. Dentro do carro, Noah se inclinou para frente para olhá-los nos olhos. Seu rosto parecia miserável; ele tocou a própria sobrancelha, onde a de Blue estava esfolada.

Não foi sua culpa, Blue lhe dirigiu o pensamento. *Não estou brava com você. Por favor, pare de se esconder de mim.*

— Não vou deixar que ele pegue o Matthew — disse Ronan, inspirando pela boca e expirando pelas narinas, de maneira lenta e intencional. Tudo era lento e intencional, nivelado para um estado de tênue controle. — Eu podia senti-lo no sonho. Eu podia sentir o que ele queria. Ele está desfazendo tudo que eu já sonhei. Não vou deixar que isso aconteça. Não vou perder mais ninguém. Você sabe como matar essa coisa.

— Não sei como encontrar Glendower — disse Gansey.

— Você sabe, Gansey — respondeu Ronan, a voz instável pela primeira vez. — Eu sei que você sabe. E, quando você estiver pronto para pegá-lo, vou estar bem aqui, esperando para ir aonde você me disser.

Ah, Ronan.

Os olhos de Ronan ainda estavam focados na estrada à frente deles. Uma lágrima correu por seu nariz e se prendeu ao queixo, mas ele não chegou nem a piscar. Quando Gansey não disse mais nada, Ronan estendeu a mão para a maçaneta da porta sem olhar, o gesto impensado da familiaridade. Ele livrou a porta da mão de Gansey. Ela se fechou com uma batida menor do que Blue achava que Ronan era capaz.

Eles ficaram ali, parados do lado de fora do carro do amigo, sem dizer uma palavra ou se mover. A brisa embaralhava folhas secas pela rua na direção da linha de visão de Ronan. Em alguma parte lá fora, havia um monstro comendo o seu coração. Blue não conseguia se concentrar nas árvores de Cabeswater sendo atacadas, ou se sentia agitada demais para ficar parada.

— Aquilo ali no banco de trás é a caixa quebra-cabeça de línguas? Vou precisar dela. Vou falar com Artemus.

— Ele não está em uma árvore? — perguntou Adam.

— Sim — disse Blue. — Mas já faz um tempo que conversamos com árvores.



Alguns minutos mais tarde, Blue abria caminho pelas raízes expostas da faia até o seu tronco. Gansey e Adam haviam se juntado a ela, mas haviam recebido ordens estritas para ficarem no pátio do lado de fora da porta dos fundos e não se aproximarem. Isso dizia respeito a ela, seu pai e a sua árvore.

Assim Blue esperava.

Ela não sabia dizer quantas vezes havia se sentado debaixo daquela faia. Onde outros tinham um blusão favorito, uma canção favorita, uma cadeira favorita ou uma comida favorita, Blue sempre tivera a faia no quintal. Não era apenas essa árvore, é claro — ela adorava todas as árvores —, mas essa árvore fora uma constante durante toda a sua vida. Ela conhecia as cavidades da sua casca, quanto ela crescia a cada ano e até o cheiro particular das suas folhas quando elas começavam a florescer nos primeiros dias de primavera. Blue a conhecia tão bem quanto qualquer pessoa na Rua Fox, 300.

Agora ela estava sentada de pernas cruzadas em meio às raízes arrancadas da árvore com a caixa quebra-cabeça repousando sobre as panturrilhas e um notebook repousando sobre a caixa. O chão remexido estava úmido e frio contra suas coxas; provavelmente, se ela estivesse sendo *realmente* prática, ela teria trazido algo para se sentar.

Ou talvez fosse melhor sentir o mesmo chão que a árvore.

— Artemus — ela disse —, você consegue me ouvir? É a Blue. Sua filha. — Assim que disse isso, ela achou que talvez tivesse sido um engano. Talvez fosse melhor não lembrá-lo desse fato. Ela corrigiu. — A filha da Maura. Peço desculpas pela minha pronúncia, mas eles realmente não dão livros para isso.

Ela começara a ter a ideia de usar a caixa quebra-cabeça do Ronan pela primeira vez mais cedo naquele dia enquanto conversava com Henry. Ele havia lhe explicado como a abelha traduzia os seus pensamentos mais puramente do que as palavras, como a abelha era mais essencialmente *Henry* do que qualquer coisa que realmente saía de sua boca. Isso a fez pensar como as árvores de Cabeswater haviam sempre lutado para se

comunicar com os seres humanos, primeiro em latim, então em inglês, e como elas tinham outra língua que elas pareciam usar para conversar umas com as outras — a língua de sonhos trazida nessa caixa de tradução de Ronan. Artemus não parecia remotamente capaz de se expressar. Talvez isso ajudasse. Pelo menos poderia parecer que Blue estava se esforçando.

Então ela girou a roda para traduzir as coisas que ela queria dizer para a língua de sonhos, e anotou as palavras que apareciam. Leu as frases escritas em voz alta, lentamente e com convicção. Ela tinha consciência da presença de Adam e Gansey, mas isso era reconfortante, não embaraçoso. Ela já fizera rituais mais ridículos na frente deles. Em voz alta, as frases soavam um pouco como latim. Na cabeça de Blue, elas queriam dizer: — A minha mãe sempre me disse que você se interessava pelo mundo, pela natureza, e pela maneira como as pessoas interagiam com ela, igual a mim. Achei que poderíamos conversar sobre isso, na sua língua.

Ela queria perguntar sobre o demônio direto, mas vira como isso dera errado com Gwenllian. Então simplesmente esperou. O quintal parecia o mesmo de sempre. Suas mãos estavam frias e úmidas. Ela não tinha inteiramente certeza do que esperava que acontecesse.

Lentamente, moveu o disco sobre a caixa quebra-cabeça para traduzir outra frase do inglês. Tocando a casca suave da faia, perguntou em voz alta: — Por favor, você poderia ao menos dizer se está me ouvindo?

Não se ouvia nem um farfalhar das folhas secas restantes.

Quando Blue era bem mais nova, ela passara horas montando versões elaboradas dos rituais mediúnicos que vira sua família realizar. Ela lera incontáveis livros sobre tarô; observara vídeos na internet sobre quiromancia; estudara folhas de chá; conduzira sessões espíritas no banheiro no meio da noite. Enquanto suas primas conversavam sem esforço algum com os mortos e sua mãe via o futuro, Blue lutava por ao menos um indício do sobrenatural. Ela passava horas forçando os ouvidos para uma voz de outro mundo. Tentando prever qual carta de tarô estava prestes a abrir. Esperando para sentir algo morto tocar sua mão.

O momento era exatamente isso.

A única coisa que era ligeiramente diferente era que Blue havia começado esse processo de certa forma otimista. Já se passara um longo tempo desde que ela se enganara em pensar que tinha alguma conexão com

o outro mundo. Se ela não estava sendo amarga a respeito disso, era porque ela não acreditava que isso tivesse algo a ver com o outro mundo.

— Eu adoro essa árvore — disse Blue por fim, em inglês. — Você não tem nenhum direito em relação a ela. Se alguém tinha o direito de viver dentro dela, essa pessoa deveria ser *eu*. Eu a amei há muito mais tempo do que você.

Com um suspiro, ela se pôs de pé, limpando o lodo da parte de trás de suas pernas. Em seguida lançou um olhar pesaroso para Gansey e Adam.

— Espere.

Blue congelou. Gansey e Adam olharam bruscamente atrás dela.

— Diga o que você acabou de dizer.

A voz de Artemus emanava da árvore. Não como a voz de Deus, mas como uma voz que vinha de algum ponto logo atrás do tronco.

— O quê? — perguntou Blue.

— Diga o que você acabou de dizer.

— Que eu adorava essa árvore?

Artemus saiu da árvore. Exatamente como quando Aurora saíra da rocha em Cabeswater. Havia uma árvore, então um homem-e-árvore, e por fim só um homem. Ele se deixou cair no chão com a caixa no colo, dobrando as longas pernas e braços em torno dela, virando os discos lentamente e olhando para ambos os lados. Observando seu longo rosto, a boca cansada e os ombros caídos, Blue ficou impressionada em quão diferentemente Artemus e Gwenllian portavam a sua idade. Gwenllian havia ficado jovem e irada com seiscentos anos de marcação. Artemus parecia derrotado. Ela se perguntava se isso se devia pelos seiscentos anos no total, ou apenas pelos últimos dezessete.

— Você parece cansado — ela disse simplesmente.

Ele a espiou, os olhos pequenos brilhantes em seu longo rosto, as rugas profundas em torno deles.

— Estou cansado.

Blue se sentou de frente para ele. Ela não disse nada enquanto ele continuava testando a caixa. Era estranho identificar a origem de suas mãos nas mãos dele, embora seus dedos fossem mais longos e nodosos.

— Eu sou uma das *tir e e'lintes* — disse Artemus por fim. — Essa é a minha língua.

Ele virou os discos do lado da língua desconhecida para soletrar *tir e e'lintes*. A tradução apareceu no lado inglês, que ele mostrou para Blue.

— Luzes de árvores — ela leu. — Por que você consegue se esconder em árvores?

— Elas são nossas... — Ele gaguejou. Então girou os discos e lhe mostrou a caixa novamente. *Casa-pele*.

— Você vive em árvores?

— Em? Com. — Artemus considerou a questão. — Eu era uma árvore quando a Maura e as outras duas mulheres me tiraram dela muitos anos atrás.

— Não compreendo — disse Blue, carinhosamente. Ela não se sentia desconfortável por causa da verdade dele. Ela se sentia desconfortável porque a verdade dele sugeria uma verdade nela. — Você era uma árvore ou estava em uma árvore?

Ele olhou para ela, melancólico, cansado, estranho, então abriu sua mão para ela. Com os dedos da outra mão, traçou as linhas na própria palma.

— Elas lembram as minhas raízes.

Artemus pegou a mão de Blue e a colocou aberta sobre a superfície da faia. Seus dedos longos e nodosos eclipsaram inteiramente a pequena mão de Blue.

— Minhas raízes são as suas raízes também. Você sente saudades de casa?

Ela fechou os olhos. Podia sentir a casca fria familiar por baixo de sua pele, e sentiu mais uma vez o conforto de estar debaixo dos seus galhos, sobre as suas raízes, pressionada contra o seu tronco.

— Você amava essa árvore — disse Artemus. — Você já me disse isso.

Blue abriu os olhos e anuiu.

— Às vezes nós, *tir e e'lintes*, usamos isso — ele continuou, deixando cair a mão de Blue para que pudesse gesticular para si mesmo. Então ele tocou a árvore novamente. — Às vezes nós usamos isso.

— Eu gostaria — disse Blue, então parou. Ela não precisava terminar a frase.

Ele anuiu uma vez, então disse:

— Foi assim que a história começou.

Ele contou exatamente como uma árvore cresce, começando com uma semente. Então cavoucou as raízes finas para dar suporte a ela enquanto o tronco principal começava a se desenvolver para cima.

— Quando o País de Gales era jovem — contou Artemus para Blue —, havia árvores. O país não é mais tomado somente por árvores, ou não era quando eu parti. Em um primeiro momento, não havia problemas. Havia mais árvores do que *tir e e'lintes*. Algumas árvores não podem conter uma *tir e e'lintes*. Você conhece essas árvores; até o homem mais ignorante conhece essas árvores. Elas são... — Ele olhou de relance à sua volta. Seus olhos encontraram as alfarrobeiras de crescimento rápido como ervas daninhas do outro lado da cerca, assim como a ameixeira decorativa no jardim do vizinho. — Elas não têm alma própria, e não são feitas para conter a alma de ninguém mais.

Blue correu os dedos sobre uma raiz exposta da faia próxima da sua perna. Sim, ela sabia.

Artemus espalhou mais raízes para a sua história:

— Havia árvores suficientes para nos alojar no País de Gales. Mas, à medida que os anos se passavam, o País de Gales se transformou de um lugar de florestas em um lugar de fogos, arados, barcos e casas; ele se tornou um lugar para todas as coisas que as árvores poderiam ser, exceto vivas.

As raízes foram cavoucadas, e ele começou a trabalhar o tronco.

— Os *amae vias* estavam falhando. As *tir e e'lintes* só podem existir nas árvores próximas a elas, mas nós alimentamos os *amae vias* também. Nós somos *oce iteres*. Como o céu e a água. Espelhos.

Apesar do calor, Blue colocou os braços em torno de si, tão gelada quanto estaria com a presença de Noah.

Artemus olhou pensativamente para a faia, ou para algo além dela, algo mais velho.

— Uma floresta de *tir e e'lintes* é algo, realmente, espelhos apontados para espelhos apontados para espelhos, os *amae vias* se revolvendo abaixo de nós, sonhos guardados entre nós.

— E que tal um deles? O que é um deles? — perguntou Blue.

Ele analisou suas mãos pesarosamente.

— Cansado. — Então analisou as mãos de Blue. — Outra coisa.

— E o demônio?

Isso era pular à frente. Artemus balançou a cabeça e recuou.

— Owain não era como os homens comuns — ele disse. — Ele podia conversar com os pássaros. Ele podia conversar conosco. Ele queria que o seu país fosse um lugar selvagem de mágica, um lugar de sonhos e canções, cruzado por *amae vias* poderosos. Então nós lutamos por ele. Todos nós perdemos tudo. Ele perdeu tudo.

— Toda a família dele morreu — disse Blue. — Fiquei sabendo.

Artemus anuiu.

— É perigoso derramar sangue em um *ama via*. Mesmo um pouco pode semear coisas sombrias.

Blue arregalou os olhos.

— Um demônio.

As sobrancelhas de Artemus inclinaram-se bem mais na direção do lado triste das coisas. Seu rosto era um retrato chamado *preocupação*.

— O País de Gales foi desfeito. Nós fomos desfeitos. As *tir e e'lintes* que sobraram deveriam esconder Owain Glyndŵr até o momento em que ele pudesse ascender novamente. Nós deveríamos escondê-lo por um tempo. Torná-lo lento como somos lentos nas árvores. Mas não restavam lugares suficientes de poder nos *amae vias* galeses após o trabalho do demônio. Então fugimos para cá; nós morremos aqui. É uma dura jornada.

— Como você encontrou a minha mãe?

— Ela foi até o caminho dos espíritos com a intenção de se comunicar com as árvores, e foi isso que ela fez.

Blue se sobressaltou, então parou, para se sobressaltar de novo.

— Eu sou humana?

— A Maura é humana. — Ele não disse *e eu também*. Ele não era um mago, um ser humano que podia estar em árvores. Ele era algo mais.

— Me diga uma coisa — sussurrou Artemus. — Quando você sonha, você sonha com as estrelas?

Era demais: o demônio, o luto de Ronan, o episódio das árvores. Para sua surpresa, uma lágrima brotou em seu olho e escapou; outra estava na fila atrás dela.

Artemus a acompanhou cair de seu queixo, e então disse:

— Todas as *tir e e'lintes* são cheias de potencial, sempre se movendo, sempre agitadas, sempre procurando por possibilidades para se lançar e estar em outra parte, ser algo mais. Essa árvore, aquela árvore, essa

floresta, aquela floresta. Porém, mais do que qualquer outra coisa, nós adoramos as estrelas. — Ele focou os olhos para cima, como se as pudesse ver durante o dia. — Se pudéssemos alcançá-las, talvez pudéssemos sê-las. Qualquer uma delas poderia ser a nossa casa-pele.

Blue suspirou.

Artemus olhou para as próprias mãos de novo; elas sempre o faziam parecer ansioso.

— Essa não é a forma mais fácil para nós. Eu gostaria... eu só quero voltar para uma floresta no caminho dos espíritos. Mas o demônio a desfaz.

— Como nos livramos dele?

Muito relutantemente, Artemus disse:

— Alguém deve morrer voluntariamente no caminho dos corpos.

A escuridão caiu tão rapidamente nos pensamentos de Blue que ela estendeu um braço para se equilibrar na faia. Então, em sua mente, viu o espírito de Gansey caminhando na linha ley. E se lembrou abruptamente que Adam e Gansey estavam ao alcance da voz deles; ela havia esquecido completamente que não eram somente Artemus e ela.

— Existe outra maneira? — perguntou Blue.

A voz de Artemus ficou mais baixa ainda.

— A morte voluntária para pagar pela morte involuntária. Esse é o caminho.

Houve silêncio, então mais silêncio, e finalmente Gansey perguntou, sua voz elevada de um local próximo da casa.

— E quanto a despertar Glendower e usar esse favor?

Mas Artemus não respondeu. Blue tinha perdido o momento de sua partida: ele estava na árvore e a caixa quebra-cabeça de lado nas raízes. Blue foi deixada com essa verdade terrível e nada mais, nem mesmo uma sobra de heroísmo.

— Por favor, volte! — ela disse.

Mas havia apenas a agitação de folhas secas acima de sua cabeça.

— Bem — disse Adam, com a voz tão cansada quanto a de Artemus. — Isso é tudo.



A noite caiu; com isso, pelo menos, ainda se podia contar.

Adam abriu a porta do passageiro do BMW. Ronan ainda não tinha se movido um centímetro desde que ele o vira pela última vez; ele ainda mirava adiante, os pés nos pedais, as mãos repousando sobre a direção. Pronto para partir. Esperando por Gansey. Não era luto; era um lugar mais seguro, mais vazio além dele. Adam disse a Ronan:

— Você não pode dormir aqui.

— Não — concordou Ronan.

Adam estava parado na rua escura, tremendo no frio, pisando de um pé a outro, procurando por qualquer evidência de que Ronan pudesse ceder. Era tarde. Adam havia ligado para Boyd havia uma hora para dizer que não cuidaria do Chevelle com vazamento no escapamento que ele prometera ver. Mesmo se ele pudesse se forçar ficar acordado — Adam quase sempre conseguia isso —, ele não seria capaz de seguir trabalhando na garagem sabendo que Cabeswater estava sendo atacada, Laumonier estava conspirando, e Ronan, de luto.

— Você vai entrar e pelo menos comer algo?

— Não — disse Ronan.

Ele era impossível e terrível.

Adam fechou a porta e bateu levemente com o punho três vezes sobre o teto. Então seguiu para o outro lado do carro, abriu a porta, certificou-se de que Noah não estava ali, e entrou.

Enquanto Ronan o observava, Adam se atrapalhou com os controles do assento até encontrar aquele que o fazia reclinar completamente, e então buscou com a mão o blusão da Aglionby de Ronan. Tanto o blusão quanto a Garota Órfã estavam irremediavelmente enrolados entre as outras coisas no banco de trás — a Garota Órfã fungou e empurrou o blusão na direção da sua mão. Ele o enfiou por baixo do pescoço como um travesseiro, largando a manga sobre os olhos para bloquear a luz da rua.

— Me acorde se precisar — ele disse, e fechou os olhos.



Na Rua Fox, 300, Blue observou Gansey se deixar convencer a ficar ali em vez de retornar à Monmouth à noite. Embora houvesse um número mais do que suficiente de camas vazias na casa agora, ele escolheu o sofá, aceitando apenas uma colcha e um travesseiro com uma fronha rosa-clara. Seus olhos não estavam fechados quando ela subiu para o andar de cima e foi para a cama em seu próprio quarto. Tudo parecia silencioso demais dentro da casa, com todo mundo fora, e ruidoso demais lá fora, com tudo ameaçador.

Blue não dormiu. Ela pensou em seu pai se tornando um com uma árvore, e em Gansey sentado no Camaro de cabeça baixa, e a voz sussurrada do sonhador sombrio que ela encontrara na caverna. As coisas pareciam se desenrolar para o fim.

Durma, disse a si mesma.

Gansey dormia em uma sala a quatro metros abaixo dela. Não deveria ter nenhuma importância — não tinha importância. Mas ela não conseguia parar de pensar na proximidade dele, na impossibilidade dele. A promessa de sua morte.

Blue estava sonhando. Estava escuro. Seus olhos não se acostumaram com a escuridão; seu coração, sim. Não havia luz em parte alguma. Estava tão completamente escuro que os olhos não tinham importância. Agora que ela pensava a respeito disso, e não tinha certeza se possuía olhos. Era uma ideia estranha. O que ela tinha?

Umidade fria em seus pés. Não. Suas raízes. Estrelas pressionando acima dela, tão próximas que elas certamente seriam alcançáveis se ela crescesse apenas alguns centímetros. Uma pele de casca quente, vital.

Aquela não era a forma da sua alma. Era do que estivera sentindo falta. Era como se sentia em sua pele humana, sentimentos na forma de uma árvore em um corpo humano. Que alegria lenta, ampliando-se.

Jane?

Gansey estava ali. Ele deveria estar ali o tempo inteiro, porque, agora que pensava a respeito, ela não conseguia parar de senti-lo ali. Ela era algo mais; ele ainda era humano. Ele era um rei roubado de longe para essa árvore, pela *tir e e'lint* que era Blue. Ela estava por toda a volta dele. A alegria de sua revelação anterior se sobrepôs lentamente nessa alegria. Gansey ainda estava vivo, Blue o tinha consigo. Ela estava tão próxima dele quanto poderia estar.

Onde estamos?

Estamos em uma árvore. Eu sou uma árvore. Você... haha. Não posso dizer. Seria sujo.

Você está rindo?

Sim, porque estou feliz.

Lentamente, a alegria de Blue se arrefeceu, enquanto ela sentia o pulso rápido de Gansey contra ela. Ele estava com medo.

Do que você tem medo?

Não quero morrer.

Isso parecia verdade, mas era difícil reunir pensamentos. Essa árvore era tão inadequada para sua Blueacidade essencial quanto o seu corpo humano. Ela seguia metade uma, metade a outra.

Você consegue ver se o Ronan deixou o carro e entrou em casa?

Posso tentar. Não tenho olhos realmente.

Ela se estendeu com todos os sentidos disponíveis para ela. Eles eram sempre tão melhores quanto os seus sentidos humanos, mas estavam interessados em coisas muito diferentes. Era excepcionalmente difícil concentrar-se nas questões dos humanos em torno da base do tronco. Blue não havia apreciado adequadamente quanto esforço fora exigido das árvores para atender às necessidades deles até agora.

Não sei. Blue o segurou firmemente, amando-o e guardando-o. *Podemos simplesmente ficar aqui.*

Eu te amo, Blue, mas sei o que preciso fazer. Eu não quero. Mas sei o que preciso fazer.



Todos os ruídos e cheiros da Rua Fox eram ampliados após o cair da noite, quando todos os seus ocupantes humanos estavam em silêncio. Todos os chás, velas e condimentos fragrantes se tornavam mais distintos, cada um declarando sua origem, quando durante o dia eles se misturavam em algo que Gansey só havia identificado como *Rua Fox*. Agora essa atmosfera lhe passava a impressão de algo poderoso e caseiro, secreto e deliberado. Essa casa era um lugar de mágica, como Cabeswater, mas era preciso lhe dar mais atenção. Gansey deitou no sofá e se cobriu com uma colcha, os olhos fechados no escuro, os ouvidos atentos ao estrepitar de uma brisa que soprava de alguma fresta, ao arranhar de folhas ou unhas de alguma janela, ao baque surdo de galhos se quebrando ou de passos em outro aposento.

Abriu os olhos, e lá estava Noah.

Noah sem nenhuma luz do dia para anuviar o que ele realmente havia se tornado. Ele estava muito próximo, porque havia esquecido que os vivos não conseguiam focar bem coisas que estivessem mais próximas do que um palmo de distância. Ele estava muito frio, pois agora precisava de quantidades enormes de energia para continuar visível. Ele estava com muito medo, e porque Gansey também estava com medo, seus pensamentos se emaranhavam.

Gansey afastou a colcha com um chute. Amarrou os cadarços dos sapatos e colocou seu blusão. Silenciosamente, tomando todo cuidado para pisar de leve nas tábuas velhas, Gansey seguiu Noah para fora da sala de estar. Ele não acendeu nenhuma luz, pois sua mente ainda estava

embrulhada com a de Noah, e ele usava os olhos de Noah, que não se importavam mais se estava escuro ou não. O garoto morto não o levou para rua, como ele imaginara, mas escada acima, até o segundo andar. Nos primeiros degraus da escada, Gansey achou que estava sendo levado para a ronda habitual de Noah pela casa, e nos últimos achou que estava sendo levado para Blue. Mas Noah passou pela porta do quarto dela e esperou na base da escada do sótão.

O sótão era um lugar carregado, que fora ocupado primeiramente por Neeve e então por Gwenllian, duas pessoas difíceis de diferentes maneiras. Gansey não teria considerado nenhuma delas como possíveis caminhos que representassem um avanço, mas Noah o levara até ali, e assim Gansey hesitou com a mão sobre a maçaneta. Ele não queria bater, pois despertaria o restante da casa.

Noah empurrou a porta.

Ela se abriu sem nenhuma resistência — não havia sido trancada —, e Noah seguiu escada acima. Uma luz descorada veio de cima deles, acompanhada por um frio cortante cheirando a carvalho. Parecia que havia uma janela aberta.

Gansey seguiu Noah.

Uma janela *estava* aberta.

Gwenllian havia transformado o aposento em uma bagunça enfeitiçada, e ele estava cheio de toda sorte de objetos estranhos fora ela mesma. Sua cama estava vazia. O ar frio da noite entrava por uma portinhola redonda.

Quando Gansey passara escalando por ela, Noah havia desaparecido.

— Olá, reizinho — cumprimentou Gwenllian. Ela estava distante, sentada em um dos ângulos de telhado pequenos e desproporcionais da casa, as botas apoiadas contra as telhas, uma silhueta escura e estranha na luz ambiente e bruxuleante dos postes da rua assombrada abaixo. No entanto, havia algo nobre a respeito dela, uma inclinação brava e arrogante de seu queixo. Ela deu um tapinha no telhado, bem ao seu lado.

— É seguro?

Ela aprumou a cabeça.

— É assim que você vai morrer?

Gansey se juntou a ela, escolhendo seu caminho cuidadosamente, terra e folhas decompostas das árvores esmigalhando-se debaixo dos sapatos, e

então se sentou ao lado dela. Desse ponto alto, havia árvores e mais árvores. Os carvalhos, meramente troncos indistintos ao nível do chão, transformavam-se em mundos complicados de galhos em ascensão ao nível do telhado, seus padrões mais complexos pelas sombras jogadas pelo brilho laranja abaixo.

— Hi ho hi ho — cantarolou Gwenllian em uma voz baixa e desdenhosa.

— Você está *me* procurando em busca de sabedoria?

Gansey balançou a cabeça.

— Coragem.

Ela o avaliou.

— Você tentou parar a guerra do seu pai — disse Gansey. — Esfaqueando o poeta dele na mesa do jantar. Você tinha certeza de que isso não terminaria bem para você. Por que continuou?

Seu ato de bravura havia acontecido centenas de anos atrás. Glendower já não combatia em solo galês há séculos agora, e o homem que Gwenllian tentara matar estivera morto por gerações. Ela estivera tentando salvar uma família que não existia mais; Gwenllian perdera tudo para sentar-se sobre esse telhado da Rua Fox, 300, em um mundo inteiramente diferente.

— Você não aprendeu ainda? Um rei age para que os outros ajam. Nada vem do nada vem do nada. Mas *algo* faz *algo*. — Ela desenhou no ar com seus dedos longos, mas Gansey não achou que ela estivesse desenhando algo com a intenção de chamar a atenção do olhar de alguém, exceto o seu. — Eu sou Gwenllian Glen Dŵr, filha de um rei e irmã de uma luz de árvore, e fiz *algo* para que os outros fizessem *algo*. Isso é nobre.

— Mas como? — perguntou Gansey. — Como você conseguiu isso?

Ela fingiu esfaqueá-lo nas costelas. Então, quando Gansey olhou para ela pesarosamente, Gwenllian riu de maneira livre e selvagem. Após a alegria de um minuto inteiro, ela disse: — Eu parei de perguntar como. Eu simplesmente *fiz*. A cabeça é sábia demais. O coração é todo fogo.

Ela não disse mais nada, e Gansey não perguntou mais nada. Eles estavam sentados um ao lado do outro no telhado, Gwenllian dançando os dedos pelo ar, ele observando as luzes de Henrietta dançarem similarmente no ritmo de alguma linha ley escondida e intermitente. Finalmente, ele disse: — Você tomaria a minha mão?

Os dedos de Gwenllian pararam de se mover, e ela olhou para ele astutamente, segurando o seu olhar por um longo minuto, como se apostasse com ele para desviar o olhar ou mudar de ideia. Gansey não o fez.

Gwenllian se inclinou para perto, cheirando a cigarros de cravo-da-índia e café, e, para sua grande surpresa, o beijou no rosto.

— Vá com Deus, rei — ela disse, e tomou a sua mão.

No fim das contas, era uma questão muito ínfima e simples. Ele não sentira flashes disso antes na vida, a certeza absoluta. A verdade é que ele seguira se afastando dela. Era uma ideia muito mais aterrorizante imaginar quanto controle ele realmente tinha sobre sua vida. Era mais fácil acreditar que ele era um barco vistoso jogado pelo destino do que capitaneá-lo em pessoa.

Ele o conduziria agora, e, se houvesse rochas próximas da margem, que assim fosse.

— Me diz onde está Owen Glendower — ele disse para a escuridão. Seco e certo, com o mesmo poder que havia usado para comandar Noah e os esqueletos na caverna. — Me mostre onde está o rei corvo.



A noite começou a se lamentar.

O som vinha de todas as partes — um grito selvagem. Um grito primal. Um brado de batalha.

Ele ficou cada vez mais alto, e Gansey se pôs de pé, as mãos cobrindo parcialmente os ouvidos. Gwenllian gritou algo de prazer e fervor, mas o som abafou sua voz. Abafou o estrepitar das folhas de carvalho secas que restavam nas árvores, assim como o ruído do arrastar dos sapatos de Gansey sobre o telhado enquanto ele andava cuidadosamente até a beirada para ter uma visão melhor. Abafou as luzes, e a rua mergulhou na escuridão. O grito abafou tudo e, quando parou e as luzes retornaram, uma fera sombria e de chifres brancos estava parada de lado, no meio da rua abaixo, os cascos desajeitados sobre o asfalto.

Em alguma parte por ali havia o mundo ordinário, um mundo de semáforos e centros comerciais, de luzes fluorescentes em postos de gasolina e tapetes azul-claros em uma casa suburbana. Mas aqui, agora, havia apenas o momento antes e depois do grito.

Os ouvidos de Gansey retiniam.

A criatura ergueu a cabeça para olhar para ele com olhos brilhantes. Era o tipo de animal que todos achavam que sabiam o seu nome até o verem, e então o nome os fugia e deixava para trás somente a sensação de tê-lo visto. Ele era mais velho do que qualquer coisa, mais adorável do que qualquer coisa, mais terrível do que qualquer coisa.

Algo decisivo e assustado se manifestou no peito de Gansey; era exatamente o mesmo sentimento que havia lhe ocorrido da primeira vez que vira Cabeswater. Gansey percebeu que já tinha visto algo como essa criatura antes: a manada de feras brancas que havia estourado através de Cabeswater. No entanto, agora que olhava para essa fera, ele se deu conta de que aquelas eram cópias dessa, descendentes dessa, memórias sonhadas dessa.

A fera contraiu uma orelha. Então mergulhou na noite.

— Bem, você não vai segui-la? — perguntou Gwenllian a Gansey.

Sim.

Ela apontou para os galhos do carvalho, e ele não a questionou. Gansey se dirigiu rapidamente para onde um grande galho pairava sobre o telhado, subiu nele, segurando-se aqui e ali em esporões verticais. Escorregou para baixo de galho em galho e então saltou os dois ou três metros até o chão, sentindo o choque do pouso dos calcanhares até os dentes.

A fera tinha desaparecido.

Não houve nem tempo para Gansey registrar o seu desapontamento, por causa dos pássaros.

Eles estavam por toda parte: a atmosfera bruxuleava e fascinava com penas e penugens de animais. Os pássaros redemoinhavam, mergulhavam e precipitavam-se em torno da rua, as luzes pegando asas, bicos, garras. A maioria deles eram corvos, mas havia outros também. Pequenos chapins, rolinhas lamentosas aerodinâmicas, gaios compactos. Esses pássaros menores pareciam mais caóticos que os corvos, como se tivessem sido pegos no espírito da noite sem compreender o propósito. Alguns deles soltavam pequenos guinchos ou lamentos, mas, na maior parte, o som era de *asas*. O sopro zunido, esvoaçado, do voo frenético.

Gansey pisou no jardim e, imediatamente, o bando denso voou em sua direção. Eles redemoinhavam à sua volta, asas raspando nele, penas tocando seu rosto. Ele não podia ver nada a não ser pássaros, de todas as formas e cores. Seu próprio coração parecia ter asas. Gansey não conseguia respirar.

Ele estava com muito medo.

Se você não consegue não ter medo, disse Henry, *tenha medo e seja feliz*.

O bando mergulhou e se foi. Eles queriam ser seguidos, e eles queriam sê-lo *agora*. Redemoinharam em uma grande coluna sobre o Camaro.

— *Abram caminho!* — gritaram. — *Abram caminho para o rei corvo!*

O grito era tão alto agora que as luzes começaram a se acender nas casas. Gansey entrou no carro e virou a chave — *vamos, Pig, vamos*. Ele ligou aos resmungos. Gansey era tudo isso ao mesmo tempo: entusiasmado, aterrorizado, dominado, saciado.

Com um guinchar de pneus, saiu em busca do seu rei.



Ronan operava com a energia da bateria de emergência. Navegando em velocidade de cruzeiro. Ele era como uma gota d'água parada sobre um para-brisa. O menor choque seria o suficiente para mandá-lo ladeira abaixo.

Como ele estava praticando um ato de equilíbrio tão delicado entre o estado desperto e o sono, foi só quando a porta do lado do motorista do BMW Foi escancarada que ele percebeu que algo havia acontecido. O ruído foi terrível, particularmente porque Motosserra voou para dentro do carro tão logo a porta fora aberta. A Garota Órfã deu um grito agudo no banco de trás e Adam despertou, sobressaltado.

— Eu não *sei* — disse Blue.

Ronan não sabia ao certo o que isso queria dizer, até que percebeu que ela não se dirigia a ele, mas às pessoas atrás dela. Maura, Calla e Gwenllian estavam paradas na estrada, em vários estados de desarranjo noturno.

— Eu disse, eu disse — guinchou Gwenllian. Seu cabelo era um emaranhado de penas e folhas de carvalho.

— Você estava dormindo? — Blue perguntou a Ronan. Ele não estivera dormindo. Mas também não estivera desperto, não realmente. Ele a encarou. Ronan havia se esquecido do ferimento dela até o encarar novamente; era uma assinatura muito violenta, escrita em sua pele. Tão contra tudo que Noah ordinariamente faria. Tudo de trás para frente. *Demônio, demônio*.

— Ronan. Você viu aonde o Gansey foi?

Agora ele estava acordado.

— Ele está na caçada! — Gwenllian esganiçou alegremente.

— Cala a *boca* — disse Blue, com inesperada rispidez. — O Gansey saiu em busca de Glendower. O Pig não está aí. A Gwenllian disse que ele seguiu uns pássaros. Você viu para onde ele foi? Ele não está atendendo o telefone!

Ela acenou dramaticamente para trás de si a fim de demonstrar essa verdade. O meio-fio vazio na frente da Rua Fox, 300, a rua tomada de penas de todas as cores, as portas dos vizinhos se abrindo e fechando de curiosidade.

— Ele não pode ir sozinho — disse Adam. — Ele vai fazer alguma coisa idiota.

— Tenho certeza disso — respondeu Blue. — Eu liguei para ele. Eu liguei para o Henry, para ver se poderíamos usar a AbelhaRobô. Ninguém está atendendo o telefone. Eu nem sei se o celular dele está funcionando.

— Você tem como localizá-lo? — Adam perguntou à Maura e à Calla.

— Ele está amarrado à linha ley — disse Maura. — De alguma maneira. Em algum lugar. Então não consigo vê-lo. É tudo que eu sei.

A mente de Ronan oscilava enquanto a realidade começava a acotovelá-lo. O horror de todos os pesadelos tornando-se verdade deixava seus dedos irrequietos na direção.

— Talvez eu possa fazer uma divinação — disse Adam. — Mas não sei dizer se vou saber onde ele está. Se ele estiver em alguma parte que eu nunca estive, não vou reconhecer o lugar e vamos ter que montar um quebra-cabeça de pistas.

Blue rodopiou em um círculo irado.

— Isso vai levar uma eternidade.

As penas espalhadas pela rua atingiram Ronan. Cada borda fina delas parecia afiada, real e importante quando comparada aos eventos obscuros dos dias anteriores. Gansey partira atrás de Glendower. Gansey partira sem eles. Gansey partira sem *ele*.

— Vou sonhar uma coisa — disse ele. Ninguém o ouviu da primeira vez, então Ronan repetiu.

— O quê? — perguntou Blue, ao mesmo tempo em que Maura disse: — Que tipo de coisa? — e Adam disse: — Menos o *demônio.*

A mente de Ronan ainda trazia a imagem fresca do horror de ver o corpo de sua mãe. A memória recente mesclava-se sem nenhum esforço com a memória mais antiga de encontrar o corpo de seu pai, criando uma flor tóxica e em expansão. Ele não queria voltar para sua cabeça nesse instante. Mas ele faria isso.

— Algo para encontrar o Gansey. Como a AbelhaRobô do Henry Cheng. Ele só precisa ter uma finalidade. Algo pequeno. Posso fazer isso rápido.

— Você poderia ser morto rápido, você quer dizer — disse Adam.

Ronan não respondeu. Ele já estava tentando pensar em qual forma ele poderia investir agilmente uma habilidade dessas. O que ele poderia criar de maneira mais confiável, mesmo com o furacão do demônio o distraindo? O que ele tinha certeza de que o demônio não corromperia mesmo se o manifestasse?

— Cabeswater não pode ajudar — pressionou Adam. — Ela só pode atrasar. Você teria que tentar criar algo que não fosse terrível em meio a tudo isso, o que parece impossível para começo de conversa, e então você teria que trazer isso de volta, *e apenas isso*, do sonho, o que parece ainda *mais* impossível.

Ronan foi para trás do volante.

— Eu sei como funcionam os meus sonhos, Parrish.

Ele não disse *Não consigo suportar a ideia de encontrar o corpo do Gansey também.* Ele não disse *Se eu não posso salvar a minha antiga família, eu posso salvar a minha nova família.* Ele não disse *Não vou deixar o demônio ficar com tudo.*

Ele não disse que o único verdadeiro pesadelo era não ser capaz de fazer algo e que isso, ao menos, era *algo*.

Ele apenas disse:

— Vou tentar — e desejou que Adam já soubesse de todo o resto.

Adam sabia. Assim como os outros.

Maura disse:

— Vamos fazer o possível para sustentar sua energia e segurar alguma coisa do pior.

Adam colocou o assento de volta em sua posição totalmente ereta e travada. Ele disse:

— Vou adivinhar — ele disse.

— Blue — disse Ronan —, acho melhor você segurar a mão dele.



O Camaro quebrou.

Ele estava *sempre* quebrando e revivendo, mas hoje à noite — hoje à noite, Gansey precisava dele.

Mas quebrou de qualquer forma. Gansey só tinha conseguido chegar às cercanias da cidade quando ele tossiu, e as luzes dentro do carro obscureceram. Antes que Gansey tivesse tempo de reagir, o carro havia morrido. O freio e a direção desapareceram, e ele teve de lutar para pará-lo no acostamento. Gansey tentou a chave, olhou no espelho, tentou ver se os pássaros estavam esperando. Não estavam.

— *Abram caminho para o rei corvo!* — eles gritaram, seguindo em frente.

— *Abram caminho!*

Maldito seja este carro!

Não fazia muito tempo, o carro tinha morrido exatamente da mesma maneira em uma noite escura como o breu, deixando-o preso no acostamento da estrada, quase o matando. A adrenalina o atingiu da mesma maneira que aquela noite, imediata e completa, como se o tempo jamais tivesse avançado.

Ele bombeou a gasolina, deixou-a repousar, bombeou a gasolina, deixou-a repousar.

Os pássaros estavam se afastando. Ele não tinha como segui-los.

— Por favor — ele suplicou. — *Por favor*.

O Camaro não *fez o favor*. Os corvos guincharam furiosamente; eles pareciam não querer deixá-lo, mas também pareciam ser puxados por uma força além de sua vontade. Com um praguejar suave, Gansey saiu com dificuldade do carro e bateu a porta com força. Ele não sabia o que fazer. Talvez continuasse a perseguição à pé, até perdê-los. Ele...

— Gansey.

Henry Cheng. Ele estava parado diante de Gansey, seu Fisker estacionado de lado na rua atrás dele, a porta deixada aberta.

— O que está acontecendo?

A impossibilidade da presença de Henry atingiu Gansey mais duramente do que qualquer coisa aquela noite, embora, na realidade, fosse o fato menos impossível. Eles não estavam longe do lado de Litchfield da cidade, e Henry havia chegado a esse lugar por meios automotivos, em vez de mágicos. Mas, mesmo assim, a oportunidade estava claramente do lado de Gansey, e Henry, diferentemente dos corvos, não poderia ter aparecido somente porque Gansey o havia solicitado.

— Como você está aqui? — demandou Gansey.

Henry apontou para o céu. Não para os pássaros, mas para o corpo minúsculo e piscante da AbelhaRobô.

— A AbelhaRobô recebeu ordens de me dizer se você precisasse de mim. Então pergunto novamente à Vossa Excelência: o que está acontecendo?

Os corvos ainda guinchavam para que Gansey os seguisse. Eles estavam se distanciando ainda mais; logo ele não seria capaz de vê-los. Seu pulso agitava-se em seu peito. Com grande esforço, Gansey forçou-se a se concentrar na pergunta de Henry.

— O Camaro não dá partida. Aqueles pássaros. Eles estão me levando para Glendower. Eu preciso *ir*, eu preciso segui-los ou eles serão...

— Pare. Pare. Entre no meu carro. Sabe de uma coisa? Você dirige. Eu morro de medo dessa coisa.

Henry jogou as chaves para ele.

Ele entrou.

Havia uma correção doentia em relação à situação, como se, de alguma forma, Gansey sempre soubera que seria assim que a perseguição continuaria. Enquanto eles deixavam o Camaro para trás, o tempo se esvaía e ele estava dentro dele. Ao alto, os corvos irrompiam e se

revolviam através da escuridão. Às vezes contrastavam contra os prédios, às vezes tornavam-se invisíveis contra as árvores. Eles brilhavam e tremeluziam antes das últimas luzes de rua da cidade, como pás de ventilador. Gansey e Henry dirigiam através dos últimos vestígios da civilização campo adentro. Henrietta era tão grande na mente de Gansey que ele se sentia de certa forma surpreso em ver, quando não estava dando atenção a isso, quão rapidamente as luzes da pequena cidade desapareciam em seu espelho retrovisor.

Fora de Henrietta, os corvos fluíam e emergiam subitamente para o norte. Eles voavam mais rápido do que Gansey achou que seriam capazes de voar, esquivando-se de árvores e vales. Segui-los não era uma tarefa fácil; os corvos voavam absolutamente certeiros de sua direção, enquanto o Fisker tinha de se ater às estradas. Seu coração gritava para ele: *Não os perca. Não os perca. Não agora*.

Gansey não conseguia se livrar da ideia de que essa era a sua única chance.

Sua cabeça não pensava. Seu coração pensava.

— Vamos, vamos, vamos — disse Henry. — Eu cuido da polícia. *Vamos, vamos, vamos.*

Ele digitou algo no telefone e então enfiou a cabeça na janela para olhar para fora do carro e observar a AbelhaRobô partir rodopiando para cumprir a sua ordem.

Gansey foi foi foi.

A nordeste, através de estradas emaranhadas que Gansey provavelmente já estivera, mas não se lembrava. Ele não havia rastejado por todo esse estado? Os corvos os levaram até as montanhas, em estradas que serpenteavam, levantavam pó e voltavam para o asfalto. Em determinado ponto, o Fisker se aferrou à beira de uma montanha e olhou para baixo, para uma queda abrupta com nenhuma barreira de segurança à vista. Então a estrada voltou para o asfalto e as árvores esconderam o céu.

Os corvos ficaram instantaneamente invisíveis por trás dos galhos escuros como a noite, voando em alguma direção sem eles.

Gansey pisou com tudo nos freios e baixou a janela. Sem fazer nenhuma pergunta, Henry fez o mesmo. Os dois garotos inclinaram a cabeça e ouviram. Árvores de inverno estalavam na brisa; caminhões

distantes rodavam na autoestrada abaixo; corvos chamavam um ao outro com urgência.

— Lá — disse Henry. — À direita.

O Fisker se lançou à frente. Eles se dirigiam ao longo da linha ley, pensou Gansey. Até onde os corvos voariam? Washington? Boston? Por todo o Atlântico? Ele precisava acreditar que eles não seguiriam para um lugar onde ele não pudesse segui-los. Isso terminava hoje à noite, porque Gansey havia dito que terminava hoje à noite, e ele falara sério.

Os pássaros seguiram em frente, sem desvios. O sinal de uma estrada interestadual pairava no escuro.

— O sinal ali diz 66? — disse Gansey. — Aquele é o acesso para a 66?

— Não sei, cara. Os números me confundem.

Era a I-66. Os pássaros se precipitaram em frente; Gansey entrou na interestadual. Ela era mais rápida, mas um pouco arriscada. Não havia opções para seguir se os corvos alterassem o seu caminho.

Os pássaros não hesitaram. Gansey acelerou mais e mais.

Os pássaros se dirigiam ao longo da linha ley, levando Gansey de volta para Washington, D.C., e a casa de sua infância. Ocorreu-lhe um pensamento súbito, terrível, que esse era precisamente o destino para o qual eles o estavam levando. De volta para a casa de Gansey, em Georgetown, onde ele aprendera que o seu fim era o seu início, e ele finalmente aceitou que tinha de crescer para ser apenas outro Gansey com tudo o que isso acarretava.

— O que você disse que isso era? A I-66? — perguntou Henry, digitando em seu celular de novo enquanto outro sinal passava voando por eles proclamando que era realmente a I-66.

— Como quiser. Você dirige?

— Não. Você dirige. Marcador de quilometragem?

— Onze.

Henry estudou o celular, seu rosto azul pela luz do aparelho.

— Ei. Ei. Mais devagar. Policial daqui a um quilômetro.

Gansey deixou o Fisker planar, reduzindo a velocidade para algo próximo do limite permitido. Com certeza, a pintura escura de um carro de polícia sem marcações brilhou na faixa central um pouco menos de um quilômetro de onde Henry o notara. Henry o saudou ao passarem por ele.

— Obrigado por seu serviço, AbelhaRobô.

Gansey soltou uma risada ofegante.

— Tudo bem, agora você... espera. A AbelhaRobô pode encontrar uma saída para a gente?

Os corvos se afastavam ligeiramente da interestadual a cada quilômetro percorrido, e agora ficava bastante claro que se desviavam de uma maneira permanente. Henry consultou seu celular.

— Três quilômetros. Saída 23.

Três quilômetros em um triângulo cada vez mais amplo colocaria um espaço enorme entre os corvos e o carro.

— A AbelhaRobô consegue acompanhar os pássaros?

— Vou descobrir.

Então eles seguiram acelerando em frente enquanto o bando ficava cada vez mais difícil de ver na escuridão, até desaparecer. O pulso de Gansey disparou. Ele tinha de confiar em Henry; Henry tinha de confiar na AbelhaRobô. Na saída, Gansey deixou a interestadual com o Fisker a toda a velocidade. Não havia nenhum sinal dos corvos: apenas a noite ordinária da Virgínia à volta deles. Gansey se sentiu estranho quando reconheceu onde eles estavam, próximos de Delaplane, bastante distantes de Henrietta agora. Esse era um mundo de dinheiro antigo, fazendas de cavalos, políticos e bilionários de companhias de pneus. Não era um lugar para a mágica extraordinária arcaica. Durante o dia a cidade se revelaria um lugar de encanto refinado, há tanto tempo amado e cultivado que era impossível imaginá-lo saindo de controle.

— Para onde agora? — perguntou Gansey. Eles estavam dirigindo para lugar nenhum, para o de sempre, para uma vida que Gansey já vivera.

Henry não respondeu imediatamente, a cabeça inclinada sobre o telefone. Gansey queria pisar no acelerador, mas não fazia sentido se eles estivessem seguindo na direção errada.

— Henry.

— Desculpe, desculpe. Achei! Pé na tábua, vire à direita assim que puder.

Gansey obedeceu com tanta eficiência que Henry colocou uma mão no teto para se segurar.

— Uau — disse Henry. — Ho-ho também.

E então, subitamente, lá estavam os corvos novamente, o bando redemoinhando e se formando de novo acima da linha das árvores, um tom

negro perfeito contra a cor púrpura profunda do céu. Henry soqueou o teto em uma comemoração silenciosa. O Fisker entrou em uma autoestrada larga de quatro faixas, vazia nas duas direções. Gansey havia acabado de começar a acelerar de novo quando os corvos se redemoinharam em um tornado de pássaros, lançados ao ar por uma corrente ascendente invisível, mudando o curso abruptamente. Os faróis do Fisker encontraram a propaganda de uma imobiliária ao final de um acesso.

— Lá. Lá! — disse Henry. — Pare!

Ele estava certo. Os pássaros tinham saído da formação no acesso. Gansey já passara por ele. Ele perscrutou a estrada à frente; não havia um retorno imediatamente à vista. Ele não perderia os pássaros. Ele *não* os perderia. Baixando a janela, Gansey esticou a cabeça para fora para se certificar de que a estrada noturna atrás dele ainda estava escura, então deu ré, a transmissão chiando de empolgação.

— Argh — disse Henry.

O Fisker subiu o acesso íngreme. Gansey não chegou nem a fazer uma pausa enquanto considerava que alguém poderia estar em casa. Era tarde, ele parecia estranho e notável nesse carro vistoso, e tratava-se de um canto privado de um mundo antiquado. Não tinha importância. Ele pensaria em algo para dizer para os proprietários da casa se fosse esse o caso. Ele não deixaria os corvos. Não dessa vez.

Os faróis iluminaram um esplendor malconservado: os dentes grandes demais de pedras de paisagismo correndo ao longo do acesso, a relva crescendo entre elas; uma cerca de quatro tábuas com uma pendurada solta; o asfalto com fendas cuspindo ervas daninhas mortas.

A sensação do tempo se esvaindo era ainda maior agora. Ele estivera ali antes. Ele fizera isso, ou vivera essa vida antes.

— Esse lugar, cara — disse Henry, esticando o pescoço, tentando vê-lo. — É um museu.

O acesso subia até passar da linha das árvores e chegava a um cimo. Havia um grande círculo ao final dele, e, atrás, pairava uma casa escura. Não, não era uma casa. Gansey, que havia crescido em uma mansão, conhecia uma mansão quando via uma. Essa era muito maior do que a casa atual de seus pais, adornada com colunas, terraços com vista panorâmica, pórticos e estufas, uma entidade derramando-se de tijolos e cor creme. Diferentemente da casa de seus pais, no entanto, os buxos dessa mansão

estavam tomados por alfarrobeiras altas e ervas daninhas, e a hera havia avançado das paredes de tijolos para a escada que levava à porta da frente. As roseiras tinham crescido desiguais e feias.

— De fora não parece muito legal — observou Henry. — Está meio caída. Mas serviria para umas boas festas de zumbis em cima do telhado, não é?

Enquanto o Fisker estacionava lentamente em torno do círculo, os corvos os observavam do telhado e das balaustradas das varandas. A sensação de já ter vivido aquilo passou pela mente de Gansey, como olhar para Noah e ver ambas as versões dele, a viva e a morta.

Gansey tocou o lábio inferior, pensativo.

— Eu já estive aqui.

Henry espiou os corvos, que o espiaram de volta, sem se mexer. Esperando.

— Quando?

— Foi aqui que eu morri.



Ronan soubera antes de cair no sono que Cabeswater seria insuportável, mas ele não havia percebido ainda o quão insuportável.

O pior não eram as visões; eram as emoções. O demônio ainda estava trabalhando nas árvores, no chão e no céu, mas também corrompia o sentimento da floresta, as coisas que fazem um sonho um sonho, mesmo que não exista um cenário nele. Agora era toda a inspiração culpada feita após alguma mentira. Era o aperto no estômago após descobrir um corpo. Era a suspeita angustiante de que você era descartável, que incomodava demais, que era melhor que estivesse morto. Era a vergonha de querer algo que você não deveria; a emoção vil de quase estar morto. Eram todas essas coisas ao mesmo tempo.

Os pesadelos de Ronan costumavam ser uma ou duas dessas coisas. Apenas raramente eram todas. Isso era na época em que o queriam morto.

A diferença é que ele estivera sozinho naqueles. Agora Maura e Calla o apoiavam no mundo desperto — Calla sentada no capô, e Maura no banco de trás. Ele podia sentir a energia delas como mãos em torno de sua cabeça, bloqueando algum ruído pavoroso. E ele tinha a mente de Adam aqui no sonho com ele. No mundo real, ele estava adivinhando no assento do passageiro de novo, e, nesse mundo, estava parado nessa floresta arruinada, os ombros caídos, o rosto inseguro.

Não. Ronan tinha de admitir para si mesmo que, embora eles tivessem tornado a situação mais fácil, sua presença não era a diferença real entre

os seus antigos pesadelos e este. A diferença real era que, à época, os pesadelos o queriam morto, e da mesma forma Ronan.

Ele olhou à sua volta em busca de algum lugar seguro no sonho, algum lugar que a sua criação tivesse alguma chance de se desenvolver em segurança. Não havia um lugar assim. As únicas coisas não corrompidas no sonho eram Adam e ele mesmo.

Então ele o seguraria em suas próprias mãos. Ronan pressionou as palmas juntas, imaginando uma bola minúscula de luz se formando ali. O demônio não se importava com isso. Em seu ouvido, ele ouviu um arfar. Sem dúvida, o seu pai. Sem dúvida, com dor. Morrendo sozinho.

Culpa sua.

Ronan empurrou o pensamento para longe e seguiu imaginando o objeto minúsculo brilhante que estava formando para encontrar Gansey. Imaginou o seu peso, o seu tamanho, o padrão das suas asas em miniatura.

— Você realmente achou que eu ficaria nesse lugar para você? — disse Adam em seu outro ouvido, todo repúdio frio.

O Adam real estava parado com a cabeça virada para o lado enquanto um fac-símile irracional de seu pai gritava em seu rosto, a cadência de sua voz casando perfeita e sinistramente com o Robert Parrish real. Havia uma expressão firme na boca de Adam que denotava menos medo e mais teimosia. Ele estivera lentamente se desvencilhando de seu pai real durante semanas; essa duplicata era mais fácil de resistir.

Abandonável.

Não vou pedir que ele fique, pensou Ronan. *Apenas que volte*. Ele queria muito conferir se o objeto em suas mãos era o que ele intencionava que fosse, mas Ronan podia sentir como o demônio desejava corromper o objeto, virá-lo do avesso, torná-lo vil e o oposto. Melhor mantê-lo escondido de vista por ora, confiando apenas que ele estava criando algo positivo. Ele tinha de se ater à ideia do que o objeto deveria fazer quando ele o trouxesse de volta à sua vida acordado, e não à ideia do que o demônio queria que o objeto fizesse quando fosse trazido de volta.

Algo arranhava o pescoço de Ronan. Leve, inofensiva, repetida e incansavelmente, até que ele trabalhou o seu caminho através da camada mais superior de sua pele e encontrou sangue.

Ronan o ignorou e sentiu o objeto em sua mão se agitar para a vida contra os seus dedos.

O sonho cuspiu um corpo na sua frente. Escuro e virado, rasgado e corrompido. Gansey. Os olhos ainda vivos, a boca se movendo. Arruinado e indefeso. Uma garra de um dos horrores noturnos de Ronan ainda estava enganchada no canto de sua boca, atravessando o seu rosto.

Impotente.

Não. Ronan não achava isso. Ele sentia o sonho vibrando contra a palma das mãos.

Adam cruzou com o olhar de Ronan, mesmo enquanto a versão duplicada do seu pai seguia gritando com ele. A tensão de qualquer que fosse o equilíbrio de energia que ele estava conseguindo era visível em seu rosto.

— Você está pronto?

Ronan esperava que sim. A verdade era que eles não saberiam realmente quem vencera esse round até ele abrir os olhos no BMW. E disse:

— Me acorda.



Gansey já estivera ali antes — sete anos e pouco. Por incrível que pareça, para outro evento para arrecadar fundos de campanha. Gansey lembrou que estivera empolgado para ir. Washington no verão era abafado e opressivo, seus habitantes, reféns relutantes, sacos enfiados na cabeça. Embora os Gansey tivessem acabado de voltar de uma viagem para o exterior para visitar fazendas produtoras de menta em Punjab (uma viagem política que Gansey ainda não havia compreendido completamente a sua finalidade), ela só servira para deixar o Gansey mais novo mais inquieto. O único pátio que a sua casa em Georgetown tinha estava cheio de parede a parede com flores mais velhas do que Gansey, e ele estava proibido de entrar nele durante o auge do verão, pois o pátio dormitava com abelhas. E, embora os seus pais o levassem para exposições de antiguidades e museus, corridas de cavalos e eventos artísticos, Gansey se sentia cada dia mais ansioso. Ele já vira todas essas coisas. E se sentia ávido por novas curiosidades e assombros, por coisas que ele nunca vira antes e que não podia compreender. Ele queria partir.

Então embora a política não o entusiasmasse, ele se sentia entusiasmado com a ideia de partir.

— Vai ser divertido — seu pai havia dito. — Vai ter outras crianças lá.

— Os filhos de Martin — sua mãe havia acrescentado, e os dois trocaram um risinho privado sobre um pequeno deslize de tempos atrás.

Gansey levara um momento para perceber que eles estavam oferecendo isso como um incentivo em vez de meramente reportar o fato

como uma atualização do tempo. Gansey nunca achara crianças divertidas, incluindo a criança que ele fora. Ele sempre ansiara por um futuro onde pudesse mudar o próprio endereço conforme sua vontade.

Agora, anos mais tarde, Gansey estava postado na escada coberta pela hera e olhava para uma placa junto à porta. A CASA VERDE, lia-se nela. EST. 1824. De perto, era difícil dizer precisamente por que a propriedade parecia grotesca em vez de tomada pela vegetação. A presença dos corvos sobre cada superfície horizontal da casa também não prejudicava. Ele tentou a porta da frente: trancada. Ligou a função de lanterna do seu telefone e se inclinou contra as janelas laterais para tentar ver dentro da casa. Ele não sabia o que estava procurando. Talvez soubesse quando visse. Talvez uma porta dos fundos estivesse destrancada, ou uma janela pudesse ser aberta. Embora não houvesse uma razão em particular pela qual o interior da casa negligenciada devesse conter algum segredo relevante a Gansey, a parte dele que era boa em encontrar coisas batia silenciosamente contra o vidro, querendo entrar.

— Olhe para isso — chamou Henry a alguns metros dele. Sua voz soava teatralmente chocada. — Descobri que algum tempo atrás essa porta lateral foi arrombada por um vândalo adolescente coreano.

Gansey teve de abrir caminho por um canteiro de lírios mortos para se juntar a ele em uma entrada lateral menos elaborada. Henry havia terminado o trabalho de uma vidraça rachada para enfiar a mão e abrir a fechadura.

— Os garotos de hoje em dia. “Cheng” não é coreano, é?

— Meu pai não é — disse Henry. — Eu sou. Herdei isso e a parte do vândalo da minha mãe. Vamos entrar, Dick, eu já arrombei a porta.

Mas Gansey hesitou, do lado de fora.

— Você deixou que a AbelhaRobô cuidasse de mim.

— Era algo amigável. Coisa de amigo.

Ele parecia ansioso que Gansey acreditasse que os seus motivos eram puros, então Gansey disse rapidamente:

— Eu sei disso. Só que... eu não encontro muitas pessoas que fazem amigos como eu faço. Tão... rápido.

Henry fez diabinhos malucos com as mãos para ele.

— *Jeong*, cara.

— O que isso quer dizer?

— Vá saber — disse Henry. — Significa ser Henry. Significa ser Richard Man. *Jeong*. *Você* nunca diz a palavra, mas você a vive, de qualquer forma. Vou ser sincero, eu nunca esperava encontrar isso em um cara como você. É como se tivéssemos nos encontrado antes. Não, não realmente. Nós ficamos amigos imediatamente, e faríamos instantaneamente o que amigos fazem uns pelos outros. Não apenas camaradas. Amigos. Irmãos de sangue. Você simplesmente sente isso. *Nós* em vez de *você* e *eu*. Isso é *jeong*.

Gansey tinha consciência de que a descrição era melodramática, exagerada, ilógica. Mas, em um nível mais profundo, ela soava verdadeira e familiar, e parecia que explicava grande parte da vida de Gansey. Era como ele se sentia a respeito de Ronan, Adam, Noah e Blue. Com cada um deles, a sua relação parecera instantaneamente certa: como um alívio. Finalmente, ele tinha pensado, ele os tinha encontrado. *Nós* em vez de *você* e *eu*.

— Tudo bem — ele disse.

Henry sorriu brilhantemente, e então abriu a porta que tinha acabado de arrombar.

— Então, o que estamos procurando?

— Não tenho certeza — admitiu Gansey. Ele foi capturado pela fragrância familiar da casa: o que quer que fizesse todas essas antigas casas coloniais errantes terem esse cheiro. Mofo, buxo e algum produto velho para polir o assoalho. Ele foi atingido não por uma memória precisa, mas por uma era mais livre.

— Suponho que algo incomum. Acho que é óbvio.

— Devemos nos dividir, ou isso é um filme de terror?

— Grite se algo comer você — disse Gansey, aliviado que Henry tenha sugerido que se dividissem. Ele queria estar sozinho com os seus pensamentos. Gansey desligou a lanterna ao mesmo tempo em que Henry ligava a sua. Henry parecia que estava prestes a perguntar por quê, e então Gansey seria forçado a dizer *Deixa meus instintos mais aguçados*, mas Henry simplesmente deu de ombros e cada um partiu para um lado.

No silêncio, Gansey perambulou pelos corredores obscuros da Casa Verde, os fantasmas o seguindo logo atrás. Aqui houvera um bufê; ali um piano; aqui um grupo de políticos estagiários que pareciam muito viajados. Ele parou exatamente no centro do que fora o salão de baile.

Uma luz de movimento foi acionada na rua enquanto Gansey avançava pelo salão, sobressaltando-o. Havia uma larga lareira com uma fornalha obsoleta, ameaçadora, e uma boca negra sinistra. Moscas mortas enchiam os peitoris das janelas. Gansey tinha a sensação de ser o último homem vivo.

O salão parecera enorme antes. Se semicerrasse os olhos, ele ainda podia ver a festa. Ela estava sempre acontecendo em algum ponto no tempo. Se isso fosse Cabeswater, talvez ele pudesse repassar aquela festa, pulando de volta no tempo para observá-la de novo. O pensamento era ao mesmo tempo melancólico e desagradável: ele fora mais jovem e mais acessível então, liberto de qualquer coisa como responsabilidade ou sabedoria. Mas ele tinha feito muita coisa entre agora e então. A ideia de viver tudo isso de novo, de aprender todas as duras lições de novo, de lutar para mais uma vez assegurar que ele encontrasse Ronan, Adam, Noah e Blue — era exaustivo e esgotante.

Deixando o salão de baile, ele seguiu por corredores, esquivando-se por baixo de braços que não estavam mais ali, pedindo licença enquanto passava através de conversas que há muito tempo haviam terminado. Havia champanhe; havia música; havia o cheiro penetrante de colônia. *Como você está, Dick?* Ele estava ótimo, excelente, muito bem, as únicas respostas possíveis àquela pergunta. O sol sempre brilhava sobre ele.

Ele entrou em uma varanda protegida por telas e olhou para fora, para o novembro escuro. A grama mal cortada parecia cinzenta na luz de movimento; as árvores sem folhas pareciam negras; o céu tinha um tom sombriamente arroxeado da ameaça distante de Washington. Tudo estava morto.

Será que ele ainda conhecia alguma das crianças com as quais havia brincado naquela festa? Esconde-esconde: Gansey havia se escondido tão bem que o deram como morto, e, mesmo quando fora ressuscitado, ele ainda fora ocultado deles. Ele havia tropeçado por acaso em uma estrada diferente.

Ele abriu a porta de tela e pisou sobre a grama morta e úmida do quintal. A festa havia ocorrido ali também, as crianças mais velhas jogando um jogo frustrado de *croquet*, os arcos enganchados nos dedos dos pés dos jogadores.

A luz de movimento cinzenta que Gansey havia acionado antes brilhava através do quintal. Ele cruzou o gramado até a beira das árvores. A luz da varanda se infiltrava por todo o terreno até ali e penetrava mais longe do que ele teria esperado. As árvores não eram tão desarranjadas quanto ele se lembrava, embora ele não soubesse dizer se isso ocorria por ele ser mais velho e ter vagueado por mais matas, ou simplesmente por ser uma época do ano com menos folhagem. Não parecia um lugar onde se pudesse se esconder agora.

Quando Gansey fora ao País de Gales procurar por Glendower, ele ficara à beira de muitos campos como esse, lugares onde batalhas haviam sido combatidas. Ele tentara imaginar como fora estar ali naquele momento, espada na mão, cavalo debaixo dele, homens suando e sangrando. Como fora ser Owen Glendower, sabendo que eles lutavam porque ele os havia convocado.

Enquanto Malory se demorava no caminho ou passava ao largo de carro, Gansey havia caminhado a passos largos para o meio dos campos, o mais longe possível que pudesse chegar de qualquer coisa moderna. Ele havia fechado os olhos, se desligado do ruído de aviões distantes, tentado ouvir os sons de seiscentos anos atrás. A versão mais jovem dele carregava uma pequena esperança de que ele pudesse ser assombrado; de que o campo pudesse ser assombrado; de que ele pudesse abrir os olhos e ver algo mais do que vira antes.

Mas Gansey não tinha a menor inclinação mediúnica, e o minuto que começou com Gansey sozinho no campo de batalha terminou com Gansey sozinho no campo de batalha.

Agora ele estava parado à beira de uma mata na Virgínia por talvez um minuto, até que o próprio ato de estar de pé parecia esquisito, como se suas pernas tremessem, embora não fosse o caso. Então ele a adentrou.

Os galhos desfolhados acima estalavam na brisa, mas as folhas abaixo de seus pés estavam úmidas e silenciosas.

Sete anos antes ele havia pisado nas vespas ali. Sete anos antes ele havia morrido. Sete anos antes ele havia nascido de novo.

Gansey tivera muito medo.

Por que eles o haviam trazido de volta?

Ramos se prenderam às mangas do seu blusão. Ele ainda não estava no lugar onde o ataque havia acontecido. Gansey disse a si mesmo que o

enxame não estaria mais ali; a árvore caída onde ele havia desmaiado ao lado teria se decomposto; estava escuro demais nessa luz fantasma; ele não a reconheceria.

Mas ele a reconheceu.

A árvore não havia apodrecido. Ela estava inalterada, tão robusta como antes, mas escura com a umidade e a noite.

Fora ali que ele sentira a primeira picada. Gansey estendeu o braço, examinando o dorso da própria mão, em um gesto de assombro chocado. Deu mais um passo trôpego. Fora ali que ele as sentira na nuca, rastejando ao longo da linha de seu cabelo. Ele não deu um tapa na sensação; isso nunca o ajudara a espaná-las. Seus dedos, no entanto, crisparam-se para cima, resistindo.

Gansey deu mais um passo incerto. Ele estava a meio metro daquela velha e inalterada árvore escura. Aquele Gansey de vários anos atrás havia tropeçado e caído de joelhos. Elas haviam rastejado sobre o seu rosto, sobre suas pálpebras fechadas, ao longo dos lábios trêmulos.

Ele não havia corrido. Não havia como correr delas, e, de qualquer forma, a arma já havia feito o seu trabalho. Ele se lembrou de ter pensado que o seu ressurgimento coberto de vespas apenas arruinaria a festa.

Gansey aparou a queda com as mãos, apenas por um momento, e então rolou sobre o cotovelo. O veneno destruía suas veias. Ele estava de lado. Encolhido. Folhas molhadas contra o seu rosto enquanto todas as partes do seu corpo pareciam sufocar. Ele estava tremendo e acabado, e com medo, muito medo.

Por quê?, ele se perguntou. *Por que eu? Qual o sentido disso?*

Abriu os olhos.

Ele estava de pé, os punhos fechados, olhando para o lugar onde o ataque havia acontecido. Ele deve ter sido salvo para encontrar Glendower. Ele deve ter sido salvo para matar esse demônio.

— Dick! Gansey! Dick! Gansey! — a voz de Henry atravessou o jardim. — Você vai querer ver isso.



Havia uma abertura de caverna debaixo da casa. Não uma abertura grande, acima do nível do chão, como a caverna onde eles haviam entrado em Cabeswater. E não a entrada protegida como um buraco no chão que eles haviam usado para entrar na caverna onde Gwenllian havia sido enterrada. Essa era uma abertura voraz, úmida, com rampas desmoronadas de terra espalhadas sobre ossos de concreto e pedaços de móveis, o chão abrindo-se e parte de um porão caindo dentro do poço resultante. O frescor dela fez com que Gansey suspeitasse desconfiadamente de que ela tivesse sido aberta como resultado de seu comando para Motosserra, lá na Rua Fox.

Ele havia pedido para ver o rei corvo. Estavam lhe mostrando o caminho até ele, não importa quanto céu e terra precisassem ser movidos para que isso acontecesse.

— Ela realmente está meio caída mesmo — disse Henry, porque alguém precisava dizer isso. — Acho que deveriam fazer uma reforma nesse porão se quiserem conseguir um bom preço de venda. Assoalhos com madeira de lei, trocar as maçanetas, *talvez colocar a parede de volta*.

Gansey se juntou a ele na beirada da fenda e espiou para dentro. Os dois focaram as lanternas dos telefones no poço. Diferentemente do ferimento fresco da abertura, a caverna abaixo parecia usada, seca e empoeirada, como se sempre tivesse existido debaixo da casa. Era meramente essa entrada que havia sido inventada em resposta ao seu pedido.

Gansey olhou para fora, para o Fisker estacionado na frente, mentalmente se alinhando com a autoestrada, com Henrietta, com a linha ley. É claro, ele já sabia que essa casa estava sobre a linha ley. Não havia sido dito bem no início que ele somente sobrevivera à sua morte sobre a linha ley porque outra pessoa estava morrendo em outra parte nela?

Ele se perguntou se já existira um dia uma maneira mais fácil de chegar a essa caverna. Haveria outra abertura natural em outra parte ao longo da linha, ou ela estivera esperando por sua ordem esse tempo todo para que ela se revelasse?

— Bem — disse Gansey por fim. — Vou entrar.

Henry riu, e então percebeu que ele estava falando sério.

— Você não deveria ter um capacete e um acompanhante para expedições desse tipo?

— Provavelmente. Mas acho que não tenho tempo de voltar à Henrietta e buscar meu equipamento. Terei de ir devagar.

Ele não pediu para Henry ir junto, pois não queria que Henry passasse pelo constrangimento de dizer que não iria acompanhá-lo. Ele não queria que Henry tivesse a impressão de que Gansey sempre esperara que ele o acompanhasse em uma jornada dessas, entrando em um buraco no chão quando a única coisa que Henry realmente temia eram buracos no chão.

Gansey tirou o relógio e o colocou no bolso para que ele não se prendesse em nada se ele tivesse de escalar. Então enfiou as calças nas meias e avaliou a entrada mais uma vez. Não era uma queda tão terrível assim, mas ele queria se certificar de que conseguiria sair dela se retornasse e não houvesse mais ninguém para ajudá-lo. Franzindo o cenho, Gansey buscou uma das cadeiras que não havia sido destruída no desmoronamento. Ele a baixou na escuridão; assim que ele a endireitasse, ela lhe proporcionaria os poucos centímetros a mais de que precisaria para escalar para fora do buraco. Henry observou tudo e então disse:

— Espere. Você vai estragar o seu belo casaco, homem branco. Pegue isso.

Ele pegou o seu blusão da Aglionby que carregava nos ombros e o ofereceu.

— Então você está literalmente me dando a sua própria camisa — disse Gansey, passando-lhe em troca o seu casaco. Ele se sentiu agradecido. Gansey ergueu o olhar para Henry.

— Vejo você do outro lado. *Excelsior*.



Enquanto Gansey caminhava pelo túnel, ele sentia uma espécie de alegria e tristeza insana crescendo dentro de si, cada vez mais intensas. Não havia nada à sua volta, a não ser um caminho de pedras desinteressante, mas, mesmo assim, ele não conseguia se livrar do sentimento de integridade em relação a isso. Ele havia imaginado esse momento tantas vezes e, agora que estava nele, não conseguia se lembrar da diferença entre imaginá-lo e vivê-lo. Não havia dissonância entre a expectativa e a realidade, como sempre houvera antes. Ele quisera encontrar Glendower, e agora estava encontrando Glendower.

Alegria e tristeza, grandes demais para o seu corpo conter.

Ele podia sentir a sensação de esvaimento do tempo novamente. Ali embaixo, ela era palpável, como uma corrente de água correndo por seus pensamentos. Gansey pensou que não era apenas o tempo que se esvaía à sua volta, mas a distância também. Era possível que esse túnel estivesse dobrando-se sobre si mesmo e levando-o para um ponto inteiramente diferente ao longo da linha ley. Gansey mantinha um olho na bateria do seu telefone celular enquanto caminhava; ela drenava rapidamente com a função da lanterna. Toda vez que olhava de relance para a tela, a hora havia mudado de alguma maneira impossível: às vezes adiantando-se a uma velocidade duas vezes mais rápida, às vezes dando um salto para trás, às vezes parando no mesmo minuto por quatrocentos passos. Às vezes a tela bruxuleava e se apagava completamente, levando a lanterna consigo e deixando-o em um segundo de escuridão, dois segundos, quatro.

Gansey não sabia ao certo o que fazer, uma vez deixado na escuridão. Ele já havia descoberto em missões em cavernas anteriores que era muito fácil cair em um buraco, mesmo com uma lanterna. Embora a caverna agora parecesse mais com um corredor do que com uma caverna, não havia como dizer onde ela terminaria.

Ele não tinha nada em que confiar, fora os corvos e o sentimento de integridade. Todos os seus passos o haviam levado para esse momento, não havia dúvida quanto a isso.

Ele tinha de acreditar que a luz não se apagaria antes que ele saísse dali. Essa era a noite, essa era a hora; todo esse tempo ele deveria estar sozinho para isso.

Então Gansey caminhou e caminhou, enquanto sua bateria piscava, ligando e desligando. Na maior parte do tempo desligando.

Quando restava apenas um traço de aviso vermelho, hesitou. Gansey poderia voltar agora e ter luz por um pouco mais de tempo. O resto da caminhada seria na escuridão, mas pelo menos ele sabia que não havia armadilhas no caminho até ali. Ou poderia seguir em frente até o último resquício de luz ter desaparecido, na esperança de encontrar algo. Esperando que precisasse dela quando chegasse seja lá onde fosse.

— Jesus — Gansey suspirou em voz alta. Ele era um livro, segurando as páginas finais. Ele queria chegar ao fim para descobrir como terminava, apesar de não querer que ele terminasse.

Gansey seguiu caminhando.

Em algum momento mais tarde, a luz se apagou. Seu telefone tinha morrido. Ele estava na escuridão absoluta.

Agora que estava parado imóvel, ele percebeu que também estava com frio. Uma gota fria de água pingou bem no topo de sua cabeça, e outra escorregou pelo colarinho de sua camiseta. Ele podia sentir os ombros do blusão emprestado de Henry ficando molhados. A escuridão era como um fato real a comprimi-lo.

Ele não sabia o que fazer. Será que forçava seu caminho para frente? Agora que estava na escuridão absoluta, ele se lembrava bem da sensação do chão ser roubado dele na caverna dos corvos. Não havia Adam para evitar que ele escorregasse mais para longe ainda. Não havia Ronan para dizer aos enxames zumbidores que fossem corvos em vez de vespas. Não

havia Blue para lhe sussurrar até que ele estivesse bravo o suficiente novamente para conseguir se salvar.

A escuridão não era somente no túnel; ela estava dentro dele.

— Você não quer que eu te encontre? — ele sussurrou. — Você está aqui?

O túnel ficou em silêncio, exceto pela batida ligeira da água pingando do teto até o chão de pedra.

O medo cresceu dentro dele. O medo, quando se tratava de Gansey, tinha uma forma muito específica. E, diferentemente do buraco debaixo do Prédio Borden, o medo tinha poder em um lugar assim.

Ele percebeu que o túnel não estava mais em silêncio. Em vez disso, um ruído havia começado a tomar forma ao longe: uma nota intensamente familiar.

Um enxame.

Não era um único inseto deslocando-se pelo corredor. Não era a AbelhaRobô. Era o lamento de centenas de corpos rebatendo nas paredes enquanto se aproximavam.

E, embora estivesse escuro no túnel, Gansey podia sentir a escuridão que havia sangrado daquela árvore em Cabeswater.

Gansey podia ver a história inteira abrir-se em sua cabeça: como ele havia sido salvo de uma morte por picadas havia pouco mais de sete anos, enquanto Noah morria. E agora, enquanto o espírito de Noah se decompunha, Gansey morreria por picadas novamente. Talvez nunca houvera um propósito para tudo isso, exceto retornar para o *status quo*.

O zumbido se aproximou. Agora as falhas no zumbido eram pontuadas por batidas quase inaudíveis, insetos ricocheteando através do escuro em sua direção.

Ele se lembrou do que Henry havia dito quando colocou a abelha em sua mão. Ele havia lhe dito para não pensar nela como algo que poderia matá-lo, mas como algo que poderia ser belo.

Ele podia fazer isso. Ele achou que podia fazer isso.

Algo belo, disse a si mesmo. *Algo nobre.*

O zumbido e o ricochetear contra as paredes perto dele. O ruído era terrivelmente alto.

Elas estavam ali.

— Algo que não vai me machucar — ele disse em voz alta.

Sua visão ficou vermelha, e então escura.

Vermelha, então escura.

Então apenas escura.

— Folhas — disse a voz de Ronan Lynch, cheia de intenção.

— Poeira — disse Adam Parrish.

— Vento — disse Blue Sargent.

— Merda — acrescentou Henry Cheng.

Uma luz passou por Gansey e se distanciou, vermelha, e então escura novamente. Uma lanterna.

No primeiro varrer da luz, Gansey achou que as paredes tremiam com vespas, mas, no segundo, viu que eram apenas folhas, poeira e uma brisa que as tinha precipitado pelo túnel. E, nessa nova luz, Gansey viu seus amigos tremendo no túnel onde as folhas haviam estado.

— Seu bosta — disse Ronan. Sua camisa estava encardida e o lado do seu rosto exibia sangue ressecado, embora fosse impossível dizer se era dele mesmo.

Gansey não conseguiu encontrar imediatamente sua voz e, quando a encontrou, disse:

— Achei que você ficaria para trás.

— Pois é, eu também — disse Henry. — Então pensei: não posso deixar o Gansey Três perambular pelo poço misterioso sozinho. Nos restam tão poucos tesouros antigos; seria um descuido muito grande deixá-los serem destruídos. Além disso, alguém tinha que trazer o restante da sua corte.

— Por que você iria sozinho? — perguntou Blue. Ela jogou os braços em torno dele, e Gansey sentiu que ela tremia.

— Eu estava tentando ser heroico — disse Gansey, segurando-a firme. Ela era real. Todos eles eram reais. Todos tinham vindo ali por ele, no meio da noite. A inteireza do seu choque dizia a Gansey que nenhuma parte dele realmente acreditara que eles fariam algo dessa natureza por ele. — Eu não queria que vocês se machucassem mais.

— Seu bosta — disse Adam.

Eles riram inquieta e apreensivamente, porque precisavam. Gansey pressionou o rosto contra o topo da cabeça de Blue.

— Como vocês me encontraram?

— O Ronan quase morreu tentando fazer algo para rastrear você — disse Adam. Ele apontou, e Ronan abriu a mão para mostrar um vagalume aninhado em sua palma. Quando seus dedos deixaram de ser uma gaiola para ele, o vagalume voou para Gansey e se prendeu sobre o seu blusão.

Gansey o puxou cuidadosamente do tecido e o aninhou na própria mão. Ele olhou de relance para Ronan. Ele não disse *sinto muito*, mas ele sentia, e Ronan sabia. Em vez disso, ele disse:

— E agora?

— Me diga para pedir à AbelhaRobô para encontrar o seu rei — respondeu Henry imediatamente.

Mas Gansey só atuara até hoje no ramo de dar ordens a magias e nunca no ramo de dar ordens a pessoas. Não era o jeito Gansey de *comandar* ninguém a fazer coisa alguma. Eles pediam, e esperavam. Faziam aos outros e silenciosamente esperavam que os outros o fizessem para eles.

Eles tinham vindo aqui por ele. Eles tinham vindo aqui por ele.

Eles tinham vindo aqui por ele.

— Por favor — disse Gansey. — Por favor, me ajude.

Henry jogou a abelha para o alto.

— Achei que você jamais pediria.



Gansey não tinha certeza de há quanto tempo estivera caminhando quando finalmente o encontrou.

No fim, era isto que eles viam: uma porta de pedra com um corvo entalhado e uma abelha sonhada rastejando sobre a hera. O túnel atrás deles viera de uma casa da juventude pouco mágica de Gansey, e não do seu presente extraordinário. Não lembrava em nada o que ele havia sonhado acordado.

Parecia exatamente certo.

Ele ficou parado diante da figura entalhada, sentindo o tempo se esvaindo à sua volta enquanto seguia imóvel em meio à sua correnteza.

— Vocês estão sentindo? — ele perguntou aos outros. *Ou sou só eu?*

— Chegue mais perto com a lanterna — disse Blue.

Henry se deixara ficar um pouco para trás, um recém-chegado a essa busca, esperando educadamente. Em vez de se aglomerar em torno deles, ele passou a lanterna para ela. Blue a segurou perto da pedra, iluminando os detalhes delicados. Diferentemente da tumba anterior que eles haviam encontrado, que era entalhada com a figura de um cavaleiro, esta era entalhada com corvos sobre corvos. Ronan havia arrombado com um chute a tumba anterior que eles haviam descoberto, mas tocou essa cuidadosamente. Adam apenas olhou para ela de maneira distante, as mãos juntas como se estivesse com frio. Gansey procurou o telefone para tirar a foto de sempre a fim de documentar a busca, lembrou-se de que o telefone

estava sem bateria, e então se perguntou se havia algum sentido nisso se aquela fosse realmente a tumba de Glendower.

Não. Esse momento era para ele, não para o público.

Ele colocou a mão na porta, aberta, os dedos bem separados, tateando. Seu balançar fácil indicava que ela se abriria com facilidade.

— Existe alguma chance de esse cara ser diabólico? — perguntou Henry. — Eu sou jovem demais mesmo para morrer. Jovem demais mesmo.

Gansey tivera tempo suficiente em sete anos para contemplar toda opção possível para o rei atrás daquela porta. Ele lera os relatos da vida de Glendower o suficiente para saber que ele podia ser herói ou vilão, dependendo do ponto de vista. Gansey tirara a filha de Glendower da tumba e descobrira que ele a havia deixado maluca. Ele lera lendas que prometiam favores e lendas que prometiam a morte. Algumas histórias tinham Glendower sozinho; outras o tinham cercado por dezenas de cavaleiros adormecidos que acordavam com ele.

Algumas histórias — a história deles — tinham um demônio nelas.

— Você pode esperar lá fora se está preocupado, Cheng — disse Ronan, mas a sua advertência era tão fina quanto uma teia de aranha, e Henry a afastou tão facilmente quanto uma.

— Não posso garantir nada sobre o que está do outro lado disso. Estamos todos de acordo que o favor é matar o demônio, certo? — disse Gansey.

Eles estavam.

Gansey pressionou as mãos contra a pedra fria como a morte. Ela se deslocou facilmente debaixo do seu peso, algum mecanismo inteligente que permitia que a pedra pesada virasse. Ou talvez nenhum mecanismo, pensou Gansey. Talvez algo sonhado, alguma criação elaborada que não tinha de seguir as regras da física.

A lanterna iluminou o interior da tumba.

Gansey a adentrou.

As paredes da tumba de Gwenllian haviam sido ricamente pintadas, pássaros sobre pássaros perseguindo mais pássaros, em tons vermelhos e azuis não esmaecidos pela luz. Armaduras e espadas estavam penduradas nas paredes, esperando que o sonhador fosse acordado. O caixão havia sido

elevado e coberto com uma tampa intricadamente entalhada, exibindo uma efígie de Glendower. Toda a tumba havia sido adequada à realeza.

Essa tumba, em contrapartida, era simplesmente um aposento.

O teto era baixo e talhado na rocha: Gansey tinha de baixar a cabeça um pouco; Ronan tinha de baixar a cabeça bastante. As paredes eram pura rocha. O feixe de luz da lanterna encontrou uma tigela larga e escura sobre o chão; havia um círculo mais escuro no fundo dela. Gansey sabia o suficiente a essa altura para reconhecer uma tigela de adivinhação. Blue iluminou mais adiante com a lanterna. Bem no meio do aposento havia uma laje quadrada; um cavaleiro de armadura estava deitado sobre ela, descoberto e não enterrado. Havia uma espada ao lado da sua mão esquerda, um copo ao lado da direita.

Era Glendower.

Gansey vira esse momento.

O tempo se esvaiu mais generosamente à sua volta. Ele podia senti-lo redemoinhando em torno dos tornozelos, pesando as pernas. Não havia ruído. Não havia nada para fazer ruído, exceto os cinco adolescentes atentos no aposento.

Ele não parecia particularmente real.

— Gansey — sussurrou Adam. O aposento engoliu o som.

A lanterna de Blue apontou além da figura de armadura para o chão mais adiante. Era um segundo corpo. Todos trocaram um olhar sombrio antes de começar a avançar lentamente em sua direção. Gansey tinha ciência absoluta do ruído de raspar seco de seus passos. Todos fizeram uma pausa e olharam para trás, para a porta da tumba. Em um mundo normal, seria fácil se convencerem da irracionalidade do medo de a porta se fechar. Mas eles não viviam em um mundo normal há muito tempo.

Blue continuava iluminando o corpo com a lanterna. Ele era composto de botas, ossos e algum tipo de tecido que se desintegrava em uma cor indeterminada. Estava parcialmente estatelado contra a parede, o crânio apoiado como se mirasse os próprios pés.

O que eu estou fazendo?, pensou Gansey.

— Eles morreram tentando fazer o que nós estamos fazendo? — perguntou Adam.

— Se despertar reis fosse um passatempo histórico — respondeu Henry —, porque esse cara estava bem armado.

Gansey e Ronan se ajoelharam ao lado dos ossos. O corpo carregava uma espada. Bem, *carregava* era um verbo inadequado para descrever a situação. As costelas carregavam a espada, que haviam sido perfuradas. A ponta dela ficara presa evocativamente em uma omoplata.

— Típico para a época de Glendower — disse Gansey, mais para se sentir como si mesmo.

Houve um silêncio pesado. Todos observavam Gansey. Ele se sentia como se estivesse prestes a dar um discurso para uma multidão.

— Tudo bem — ele disse. — Vou fazer isso.

— Rápido — sugeriu Blue. — Estou virada em um calafrio só.

Esse era o momento, então. Gansey se aproximou do corpo de Glendower, em sua armadura.

Suas mãos pairaram apenas sobre o capacete. Seu coração disparava de tal forma que ele não conseguia respirar.

Gansey fechou os olhos.

Estou pronto.

Em seguida abriu suavemente o fecho de couro no queixo do metal frio, e então tirou cuidadosamente o capacete.

Adam inspirou.

Gansey não. Ele simplesmente não respirava. Só ficou parado, congelado, as mãos cerradas em torno do capacete do rei. Ele disse a si mesmo para inspirar, e inspirou. Ele disse a si mesmo para expirar, e expirou. No entanto ele não se movia, nem falava.

Glendower estava morto.



Ossos.

Poeira.

— É assim... é assim que ele deveria parecer?

Gansey não respondeu.

Não era como Glendower deveria parecer e, no entanto, não parecia inverossímil. Tudo naquele dia parecia que tinha sido vivido antes, sonhado, refeito. Quantas vezes Gansey temera que encontraria Glendower, apenas para descobri-lo morto? O único detalhe era que Gansey sempre temera que encontraria Glendower apenas um pouco tarde demais. Minutos, dias, meses após a morte. Mas esse homem estava morto há séculos. O capacete e o crânio eram somente metal e osso. O acolchoado de couro por baixo da cota de malha virara farrapos e poeira.

— Nós vamos... — Adam começou e então parou, incerto. Colocou a mão na parede da tumba.

Gansey cobriu a boca com a mão; ele achou que sua respiração jogaria o restante de Glendower para longe. Os outros ainda estavam parados em círculo, chocados. Ninguém sabia o que dizer. A busca fora mais longa para Gansey, mas eles haviam se sentido tão esperançosos quanto.

— Será que devemos despertar os seus ossos? — perguntou Blue. — Como os esqueletos na caverna de ossos?

— Era isso que eu ia dizer, mas... — disse Adam.

Ele não terminou a frase novamente, e Gansey sabia por quê. A caverna de ossos estivera cheia de esqueletos, mas mesmo assim parecera

inerentemente *vital*. A mágica e a possibilidade crepitavam no ar. A ideia de despertar aqueles ossos parecera incrível, mas não impossível.

— Não tenho meu amplificador de sonhos — disse Ronan.

— Despertar. Os seus. Ossos — ecoou Henry. — Eu realmente não quero soar como o estraga-prazeres aqui, já que vocês são claramente os especialistas, mas...

Mas.

— Então vamos em frente. Vamos rápido. Eu odeio este lugar. Parece que está consumindo a minha vida — disse Ronan.

Essa veemência serviu para focar os pensamentos toldados de Gansey.

— Sim — ele disse, embora não se sentisse remotamente certo disso. — Vamos em frente. Talvez a caverna dos ossos tenha sido um treino para agora, e é por essa razão que Cabeswater nos levou para lá.

Os ossos não haviam permanecido vivos muito tempo naquela caverna, mas isso não importava, ele supôs. Eles só precisavam que Gansey ficasse desperto por tempo suficiente para conceder um favor.

O coração de Gansey dava saltos dentro dele diante da ideia de tentar extrair um favor e um propósito para sua existência antes que Glendower virasse poeira.

Melhor do que nada.

Então os adolescentes tentaram se reunir como haviam feito na caverna dos ossos, com Henry ficando de fora, curioso ou cauteloso. Adam alargou os dedos contra as paredes da tumba, tentando sentir alguma semelhança de energia para projetar. Deu voltas e mais voltas na tumba, claramente infeliz com o que estava encontrando. Então parou onde havia começado e colocou a mão na parede.

— Aqui é tão bom quanto qualquer lugar — ele disse, sem soar esperançoso. Blue pegou a mão dele. Ronan cruzou os braços. Gansey pôs a mão cuidadosamente sobre o peito de Glendower.

Parecia pretencioso. Ridículo. Gansey tentou concentrar sua intenção, mas ele se sentia vazio. Seus joelhos batiam, não de medo ou raiva, mas alguma emoção mais vasta que ele se recusava a reconhecer como luto.

Luto significava que ele desistira.

— Acorde — ele disse. Então, novamente, com um pouco mais de veemência. — Acorde.

Mas eram apenas palavras.

— Vamos — disse Gansey novamente. — Acorde.

Uma voz e nada mais. *Vox et praeterea nihil.*

O primeiro momento de percepção deu lugar a um segundo e terceiro, e cada novo minuto revelava alguma faceta que Gansey ainda não se deixara considerar. Não haveria o despertar de Glendower, então não haveria favor. Não haveria uma súplica pela vida de Noah, o demônio não seria negociado para longe. Talvez nunca tivesse havido mágica envolvida com Glendower; talvez seu corpo tivesse sido trazido para o Novo Mundo apenas para ser enterrado fora do alcance dos ingleses; era possível que Gansey precisasse notificar a comunidade historiadora desse achado, se ele fosse mesmo encontrável através de meios normais. Se Glendower sempre estivera morto, não poderia ter sido ele quem poupara Gansey.

Se Glendower não salvara a vida de Gansey, ele não sabia a quem agradecer, como viver ou como se definir.

Ninguém disse nada.

Gansey tocou o crânio, a maçã do rosto pronunciada, a face do seu rei prometido e arruinado. Tudo era seco e cinzento.

Estava acabado.

Esse homem jamais seria coisa alguma para Gansey.

— Gansey? — chamou Blue.

Cada minuto cedia espaço para outro e então outro, e lentamente o desfecho se entranhou em seu coração, até o centro dele: *Acabou.*



Gansey havia esquecido quantas vezes haviam lhe dito que ele estava destinado à grandeza.

Isso era tudo?

Eles tinham saído para o sol. A linha ley traiçoeira havia roubado horas deles sem que de fato sentissem isso, e agora eles estavam sentados na decadente Casa Verde a apenas algumas centenas de metros de onde Gansey havia morrido. Gansey estava sentado no salão de bailes, encostado na parede, todo ele contido em um quadrado de luz do sol que entrava pelas janelas empoeiradas e de múltiplos caixilhos. Ele passou uma mão sobre a testa, embora não estivesse cansado — ele se sentia tão desperto que era certo que a linha ley havia provocado isso de alguma forma também.

Estava acabado.

Glendower estava morto.

Destinado para a grandeza, os médiuns haviam dito. Uma em Stuttgart. Uma em Chicago. Uma em Guadalajara. Duas em Londres. Onde ela estava, então? Talvez ele a tivesse consumido completamente. Talvez a grandeza se referia somente à sua capacidade de encontrar quinquilharias históricas. Talvez a grandeza estivesse somente no que ele poderia ser para os outros.

— Vamos embora daqui — disse Gansey.



Eles partiram de volta para Henrietta, os dois carros viajando juntos.

Foram necessários apenas alguns minutos para o telefone de Gansey recuperar a carga após ter sido conectado ao acendedor de cigarros, e foram necessários apenas alguns segundos para as mensagens começarem a entrar como um dilúvio — todas que haviam entrado enquanto eles estavam debaixo da terra. Um zunido soou para cada uma delas; o telefone não parava de zunir.

Eles tinham perdido o evento para arrecadar fundos.

A linha ley não havia tomado horas deles. Ela havia tomado um *dia* deles.

Gansey pediu que Blue lesse as mensagens para ele até ele não conseguir mais ouvi-las. Elas começavam com questionamentos educados, perguntando se ele estava alguns minutos atrasado. Passavam para a preocupação, contemplando por que ele não estava atendendo o telefone. Desciam para a irritação, incertos da razão que ele teria para considerar apropriado chegar tarde a um evento na escola. E então pulavam direto à ira e caíam na mágoa.

Eu sei que você tem a sua vida, disse sua mãe para o correio de voz. *Eu só queria fazer parte dela por algumas horas.*

Gansey sentiu a espada passar bem no meio de suas costas e sair do outro lado.

Antes, ele estivera repassando o fracasso de despertar Glendower. Agora ele não conseguia parar de repassar a imagem da sua família esperando por ele em Aglionby. Sua mãe pensando que ele estava simplesmente atrasado. Seu pai pensando que ele estava machucado. Helen... Helen sabendo que ele estaria fazendo algo para si mesmo, em vez disso. A única mensagem dela viera no fim da noite: *Suponho que o rei sempre vai vencer, não é?*

Ele teria de ligar para eles. Mas o que diria?

A culpa crescia em seu peito, garganta e atrás dos olhos.

— Sabe de uma coisa? — disse Henry por fim. — Pare o carro. Ali.

Gansey silenciosamente encostou o Fisker na área de repouso que Henry havia indicado; o BMW encostou atrás dele. Eles estacionaram na única fileira de vagas na frente do prédio de tijolos elegante com banheiros; eram os únicos carros ali. O sol tinha dado lugar às nuvens; parecia que vinha chuva.

— Agora sai — disse Henry.

Gansey olhou para ele.

— Como?

— Para de dirigir — ele disse. — Eu sei que você está precisando. Você estava precisando desde que partimos. Sai. Do. Carro.

Gansey estava prestes a protestar, mas descobriu que suas palavras pareciam um tanto vacilantes em sua boca. Era como os seus joelhos trêmulos na tumba; sorrateiramente, a instabilidade havia tomado conta dele.

Então ele não disse nada e saiu do carro. Muito tranquilamente. Gansey pensou em caminhar até os banheiros, mas no último momento se desviou para o canto de piquenique, ao lado da área de repouso. Fora da vista dos carros. Muito calmamente. Foi até um dos bancos de piquenique, mas não se sentou nele. Em vez disso, lentamente se sentou logo à frente dele e trançou as mãos sobre a cabeça. Ele se curvou tanto para baixo que sua testa raspou a grama.

Gansey não conseguia se lembrar da última vez em que havia chorado.

Não era apenas Glendower que ele lamentava. Eram todas as versões de Gansey que ele fora nos últimos sete anos. Era o Gansey que o havia perseguido com um otimismo e um propósito joviais. Era o Gansey que o havia perseguido cada vez mais preocupado. E era esse Gansey que teria de morrer. Porque fazia uma espécie de sentido fatal. Eles exigiam uma morte para salvar Ronan e Adam. O beijo de Blue deveria ser mortal para o seu verdadeiro amor. A morte de Gansey havia sido prevista para este ano. Seria sempre ele.

Glendower estava morto. Ele sempre estivera morto.

E Gansey queria tipo viver.

Finalmente, Gansey ouviu passos se aproximando nas folhas. Isso era terrível também. Ele não queria se levantar e mostrar a eles seu rosto com lágrimas e receber piedade de todos; a ideia dessa amabilidade bem-intencionada era um pensamento quase tão insuportável quanto sua morte,

que se avizinhava. Pela primeira vez, Gansey compreendeu Adam Parrish perfeitamente.

Ele se endireitou e pôs-se de pé com a maior dignidade possível. Mas era só a Blue, e de certa maneira não havia humilhação no fato de ela ver que ele fora arrasado. Ela apenas o observou enquanto ele tirava as agulhas de pinheiro das calças, e então, após ele se sentar em cima da mesa de piquenique, ela se sentou ao seu lado até que os outros deixaram os carros para ver o que eles estavam fazendo.

Eles se postaram em um meio círculo, em torno do seu trono de mesa de piquenique.

— Sobre o sacrifício — disse Gansey.

Ninguém disse nada. Ele não sabia dizer nem se havia falado em voz alta.

— Eu falei alguma coisa? — perguntou Gansey.

— Sim — respondeu Blue. — Mas não queríamos falar a respeito disso.

— Desculpa se essa for uma pergunta elementar — interpôs Henry —, considerando que cheguei atrasado à aula. Mas acho que o seu pai-árvore não te passou outro conselho sobre como matar um demônio, não é?

— Não, apenas o sacrifício — disse Blue. Cautelosamente, ela acrescentou: — Acho... que ele talvez soubesse sobre Glendower. Não o tempo inteiro, quem sabe. Talvez ele tenha ficado sabendo dele enquanto perambulava lá por baixo, depois de ficar com a minha mãe, ou talvez desde o início. Mas acho que ele era um dos mágicos de Glendower. Talvez também aquele... outro cara.

Ela se referia ao outro corpo na tumba. Não era difícil seguir a história que Blue imaginava, de Artemus tentando colocar Glendower para dormir e fazendo algo errado.

— Então nos sobrou o sacrifício — pressionou Gansey. — A não ser que você tenha alguma ideia melhor, Adam?

Adam estivera observando os pinheiros esparsos que cercavam a área de piquenique com o cenho franzido. Ele disse: — Estou tentando pensar o que mais satisfaria a mágica da linha ley, mas a *morte voluntária pela morte involuntária* não sugere substituições.

Gansey sentiu um comichão de pavor no estômago.

— Bem, então...

— Não — disse Ronan. Ele não disse isso como se estivesse protestando, bravo ou incomodado. Ele simplesmente disse *não*. Factual.

— Ronan...

— Não. — *Factual*. — Eu não vim te tirar desse buraco simplesmente para você morrer de propósito.

Gansey correspondeu ao seu tom.

— A Blue viu o meu espírito na linha ley, então eu já sei que vou morrer este ano. A navalha de Occam sugere que a explicação mais simples é a certa: decidimos que sou eu.

— A Blue fez *o quê?* — demandou Ronan. — Quando você ia me contar isso?

— Nunca — disse Blue. Ela não disse isso como se estivesse protestando, brava ou incomodada. Apenas *nunca*. Factual.

— Não me olhem desse jeito — disse Gansey. — Eu não *quero* morrer. Na verdade, estou aterrorizado. Mas não vejo outra opção. E o fato é que eu quero fazer algo antes de morrer, e achei que seria algo a respeito de Glendower. Obviamente não é. Então por que não fazer algo significativo? E... nobre. — A última parte foi um pouco melodramática, mas se tratava de uma situação melodramática.

— Acho que você está confundindo *nobre* com *mártir* — disse Henry.

— Estou aberto a outras opções — disse Gansey. — Na realidade, eu as prefiro.

— Nós somos os seus mágicos, certo? — disse Blue abruptamente.

Sim, seus mágicos, sua corte, e ele seu rei sem sentido, sem nada para oferecer a não ser o próprio pulso. Como parecera *certo* cada momento que ele encontrara todos eles. Quão indubitável que eles se lançavam na direção de algo maior até aquele momento.

— Sim — ele disse.

— Eu só... eu sinto que deve ter algo que nós todos possamos fazer, como na caverna dos ossos — ela disse. — Estava errado na tumba porque não havia vida ali, pra começo de conversa. Ou alguma coisa. Não havia energia. Mas e se tivéssemos mais peças certas?

— Não entendo o suficiente de mágica — disse Gansey.

— O Parrish entende — disse Ronan.

— Não — protestou Adam. — Acho que não.

— Melhor do que qualquer um de nós aqui — disse Ronan. — Nos dê uma ideia.

Adam deu de ombros. Ele segurava as mãos tão firmemente que os nós dos dedos estavam brancos.

— Talvez — ele começou, então parou. — Talvez você pudesse morrer e então voltar. Se nós usássemos Cabeswater para matar você de alguma maneira que não ferisse o seu corpo, então isso provocaria a parada no tempo como 6h21. Um minuto sendo repassado sempre de novo, de maneira que você não teria como, não sei, se afastar demais do seu corpo. Ficar morto por tempo demais. E então... — Gansey podia sentir que Adam formulava a sua ideia enquanto falava, delineando um conto de fadas plausível para Ronan. — Teria de ocorrer em Cabeswater. Eu poderia fazer uma divinação no espaço de sonho enquanto a Blue a amplificava, e durante um dos espasmos de tempo nós poderíamos dizer para a sua alma retornar para o seu corpo antes que você estivesse realmente morto. Então você cumpriria as exigências do sacrifício para morrer. Em nenhum lugar está dito que você precisa continuar morto.

Houve uma longa pausa.

— Sim — disse Gansey. Factual. — Parece correto. Isso seria nobre o suficiente para você, Ronan? Não um martírio, Henry?

Eles não pareciam empolgados, mas pareciam dispostos, o que era a única coisa que importava. Eles só precisavam querer acreditar naquilo, não realmente acreditar.

— Vamos para Cabeswater — disse Gansey.

Eles haviam apenas começado a retornar na direção dos carros quando Adam atacou Ronan.



Ronan levou um tempo para se dar conta de que Adam o estava matando.

As mãos de Adam estavam em torno do pescoço de Ronan, os polegares pressionados contra suas artérias até deixar os nós dos dedos brancos, os olhos revirados para trás. A visão de Ronan produzia flashes de luz; seu corpo estava há apenas um minuto sem ar e ele já sentia falta dele. Ele podia sentir o pulso na órbita dos olhos.

— *Adam?* — demandou Blue.

Parte de Ronan ainda achava que houvera um erro.

Sua respiração voltou aos solavancos quando os dois tropeçaram para trás através dos pinheiros em torno da área de piquenique. Os outros os rodeavam, mas Ronan não conseguia se concentrar no que eles estavam fazendo.

— Lute — rosnou Adam para Ronan, uma voz fina, desesperada, um animal arrastado pelo pescoço. Ao mesmo tempo em que sua voz protestava, seu corpo comprimia as costas de Ronan contra o tronco de um pinheiro. — Me acerte. Me derrube!

O demônio. O demônio havia possuído suas mãos.

Cada batida do coração de Ronan era uma parte articulada em um trem que desmoronava. Ele agarrou os punhos de Adam. Eles pareciam frágeis, quebráveis, frios. A escolha era morrer ou machucar Adam, o que não era realmente uma escolha.

Adam subitamente perdeu o controle que tinha sobre Ronan, caindo de joelhos antes de se pôr de pé rapidamente de novo. Henry deu um salto

para trás quando Adam tentou agarrar o seu rosto de um jeito aterrorizante em seu erro. Nenhum ser humano lutaria desse jeito, mas a coisa que possuía suas mãos e olhos não era humana.

— Me façam parar! — implorou Adam.

Gansey segurou os dedos de Adam, mas ele os livrou com facilidade. Então ele enfiou os dedos na orelha de Ronan e a arrancou, e, com a outra mão, agarrou o queixo de Ronan e o puxou para o outro lado. Seus olhos miravam fixamente para a esquerda, esperando que intrusos o parassem.

— Me parem...

A dor era um pedaço de papel rasgado. Ronan pensou sobre como isso doía, e então se permitiu uma medida mais profunda de dor. Ele se livrou do domínio de Adam. Sentindo a oportunidade, Blue se lançou para frente e agarrou um punhado de cabelo de Adam. No mesmo instante, Adam deu um giro e, com a precisão de uma navalha, arrancou os pontos dela.

Blue expirou em choque enquanto o sangue começava a pingar escuro sobre a sua pálpebra de novo. Gansey a arrastou para trás antes que Adam pudesse arranhá-la de novo.

— Batam em mim — disse Adam miseravelmente. — Não me deixem fazer isso.

Parecia algo simples de fazer: eles eram quatro, Adam um. Mas nenhum deles queria ferir Adam Parrish, não importa o quão violento ele havia se tornado. E o demônio que operava os membros de Adam tinha um poder extraordinário: ele não se importava com as limitações do ser humano a que eles pertenciam. Ele não se importava com a dor. Ele não se importava com a longevidade. Então os nós dos dedos de Adam erravam Ronan e se chocavam contra o tronco de um pinheiro sem a menor hesitação, mesmo enquanto Adam arfava. A respiração de todos soprava branca por toda a sua volta, feito nuvens de poeira.

— Ele vai quebrar as malditas mãos do Adam — disse Ronan.

Blue agarrou um dos punhos de Adam. Houve um estalo terrível quando Adam girou na direção oposta e pegou o canivete dela do bolso solto de seu blusão. A lâmina abriu com um clique.

Ele tinha toda a atenção deles.

Seus olhos revirados, controlados pelo demônio, concentraram-se em Ronan.

Mas Adam — o Adam real — também estava prestando atenção. Ele soergueu o corpo para longe do grupo, jogando-se contra o banco de piquenique, então se jogando novamente, tentando abalar o braço que segurava a faca. Quando conseguiu prendê-lo debaixo do próprio peso, sua outra mão assumiu a forma de uma garra. Rápida como um gato, ela arranhou-arranhou-arranhou o próprio rosto. O sangue exsudou no mesmo instante. Ela estava escalavrando mais fundo. Punindo.

— *Não* — disse Gansey. Ele não podia suportar, e correu até Adam. Enquanto deslizava até ele, agarrando aquela mão irada, Henry se lançou logo atrás dele. Então, quando Adam ergueu o canivete sobre Gansey, Henry estava ali para aparar os punhos de Adam em suas mãos, pressionando todo o seu peso contra a força do braço direito de Adam. Os olhos de Adam dardejavam furiosamente, ponderando o seu próximo passo. O próximo passo do demônio.

Adam desejava recuperar sua autonomia.

Quando Adam livrou o punho do aperto de Henry — Pare, seu idiota, você vai quebrar o meu pulso! — e acertou os dentes de Gansey — Está tudo bem, Adam, nós sabemos que é você! —, Ronan abraçou Adam, prendendo-lhe os braços.

Ele estava contido.

— *Forsan et haec olim meminisse juvabit* — disse Ronan no ouvido bom de Adam, e o corpo dele se largou contra o de Ronan, o peito arfando. Suas mãos ainda tinham espasmos e se contraíam violentamente. Ele respirou, ofegante:

— Seu imbecil — mas Ronan podia ouvir o quão próximo ele estava das lágrimas.

— Vamos amarrar as mãos dele enquanto vemos o que podemos fazer — disse Blue. — Você poderia... ah, como você é inteligente.

Isso porque a Garota Órfã já tinha antecipado como isso poderia terminar e havia conseguido uma longa faixa vermelha de origem desconhecida. Blue a aceitou e então se apertou entre Henry e Gansey.

— Me deem um espaço... Juntem os punhos dele.

— Não, presidente — disse Henry, ofegante —, cruze eles assim. Você nunca viu um filme policial?

Blue trançou os dedos de Adam, o que exigiu algum esforço uma vez que eles ainda tinham vida própria, e então amarrou seus punhos ainda

rebeldes. Os ombros de Adam ainda tinham espasmos, mas ele não conseguia soltar os dedos, porque eles estavam trançados e amarrados.

Finalmente, silêncio.

Com um grande suspiro, ele deu um passo para trás. Gansey tocou a testa ensanguentada de Blue com cuidado e então olhou para os nós dos dedos de Henry, que haviam ficado esfolados na briga.

As mãos de Adam pararam de ter espasmos, já que o demônio percebeu que elas estavam bem presas. Sua cabeça repousava miseravelmente sobre o ombro de Ronan, todo o seu corpo tremia, de pé somente porque Ronan não permitia que ele desmoronasse. O horror da situação seguia crescendo dentro dele. A permanência desse horror, a corrupção de Adam Parrish, a morte de Glendower.

A Garota Órfã rastejou até eles. Ela tirou cuidadosamente o relógio sujo do seu punho e o prendeu em um dos braços de Adam, com folga, acima de onde ele estava amarrado. Então beijou o seu braço.

— Obrigado — ele disse, desanimadamente. Então, para Gansey, em voz baixa: — *Eu* bem que poderia ser o sacrifício. Estou arruinado.

— *Não* — Blue, Gansey e Ronan disseram ao mesmo tempo.

— Não vamos perder a cabeça só porque você acabou de tentar matar alguém — esclareceu Henry, sugando um de seus nós dos dedos ensanguentados.

Adam finalmente ergueu a cabeça.

— Então é melhor que vocês cubram os meus olhos.

Gansey pareceu não entender.

— O quê?

— Porque senão eles vão trair vocês — disse Adam amargamente.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Seondeok.

Ela não quisera ser uma negociante de arte internacional ou uma líder criminosa de menor importância. A história começara como um mero desejo por *algo mais*, e então uma lenta percepção de que esse *algo mais* jamais seria alcançado em sua trajetória atual. Ela estava casada com um homem inteligente que encontrara em Hong Kong e tivera várias crianças brilhantes que seguiram o exemplo do pai, exceto por um, e assim ela vira como a sua vida se desenrolaria.

E daí ela enlouquecera.

Não fora uma loucura de longa duração. Um ano, talvez, de crises, visões e perambulações pelas ruas. E, quando saíra do outro lado, descobrira que tinha os olhos de uma médium e o toque de um xamã, e que faria uma carreira disso. Ela se renomeou Seondeok, e a lenda nascera.

Ela lidava com o assombro todos os dias.

A abelha robótica foi o momento em que ela percebeu que estava em um caminho predestinado. Henry, seu filho do meio, brilhava intensamente, mas ele jamais parecia capaz de direcionar a luz para fora de si mesmo. E então, quando Niall Lynch se ofereceu para encontrar para ela uma quinquilharia, uma lembrança, um brinquedo mágico que ajudaria o garoto, Seondeok lhe deu ouvidos. A bela abelha chamou sua atenção no momento em que ela a viu. É claro que ele também a mostrara para Laumonier, Greenmantle, Valquez, Mackey e Xi, mas isso era de se

esperar, pois ele era um patife e não tinha como evitar. No entanto, quando conhecera Henry, ele deixara Seondeok ficar com a abelha por quase nada, e ela não esqueceria isso.

É claro, fora um presente e uma penalidade, pois, mais tarde, Laumonier raptara Henry por causa dela.

E ela se vingaria por isso.

Ela não se arrependia do caminho que escolhera. Ela não conseguia se arrepender dele, mesmo quando ele ameaçava os seus filhos, mesmo quando era difícil.

Quando Seondeok se viu ao lado do Homem Cinzento, o velho capanga de Greenmantle, em um estacionamento do lado de fora do campus da Aglionby, e descobriu que o sangue nos seus sapatos era de Laumonier, ela ficou instantaneamente interessada no que ele tinha para dizer.

— Um jeito novo, corajoso, de fazer negócios — disse o Homem Cinzento em voz baixa, à medida que o estacionamento começava a encher-se rapidamente com um número pequeno, mas poderoso, de pessoas com aparência ameaçadora. Não que elas parecessem perigosas, necessariamente. Apenas esquisitas de um jeito que sugeria que elas viam o mundo de uma maneira bem diferente da sua. Elas formavam um grupo bem diferente das pessoas que tinham vindo para a escola na noite anterior. Tecnicamente, ambos os encontros tinham muito a ver com política. — Um jeito ético. Não há guardas armados do lado de fora de lojas de móveis para evitar que as pessoas ameacem os empregados e saíam carregando sofás. Esse é o negócio que eu quero.

— Não vai ser algo fácil — disse Seondeok, com a voz também baixa. Ela mantinha os olhos nos carros que estacionavam, e também no seu telefone. Ela sabia que Henry recebera ordens para ficar longe dali, e ela confiava que ele mantivesse a cabeça baixa, mas também não confiava nem um pouco em Laumonier. Não fazia sentido tentá-los mostrando que Henry — e, por extensão, sua abelha — estava bem próximo deles. — As pessoas se acostumaram a sair carregando sofás, e ninguém gosta de parar de roubar sofás quando os outros ainda não concordaram com isso.

— A persuasão pode ser necessária no início — admitiu o Homem Cinzento.

— Você está falando de anos.

— Estou determinado — ele respondeu. — Desde que eu consiga um número decente de pessoas que estejam interessadas nessa visão. Pessoas que eu gosto.

Ali estava Laumonier, finalmente, um deles ao telefone. Seu rosto sugeria que ele estava tentando contatar o terceiro, mas o terceiro não estava em condições de responder. O Homem Cinzento discutiria isso com eles depois de terminada a venda. De maneira persuasiva, ajudado por algumas armas verdadeiramente fantásticas que encontrara na fazenda Lynch.

— Eu não sou uma pessoa que você gosta — disse Seondeok.

— Você é uma pessoa que eu respeito, o que é quase o mesmo.

O sorriso dela mostrava que ela sabia que o Homem Cinzento a estava bajulando, e ela o aceitava mesmo assim.

— Talvez, sr. Cinzento. Isso está de acordo com os meus interesses.

Foi quando Piper Greenmantle chegou.

Bem, não era ela, em um primeiro momento. Foi o terror primeiro, então Piper. O sentimento os atingiu como uma onda de náusea, sacudindo-os dos pés à cabeça, mandando mãos, gargantas e joelhos para o chão. Era início da tarde, mas o céu subitamente parecia mais escuro. Era o primeiro sinal de que essa venda seria algo extraordinário.

Assim, primeiro o medo, então Piper. Ela havia chegado voando, o que era o segundo sinal de que as coisas seriam de certa forma incomuns.

Quando pousou, ficou claro que ela havia chegado em um tapete de minúsculas vespas que se dissolveram quando tocaram o asfalto.

Ela parecia bem.

Isso era surpreendente por várias razões: primeiro porque os rumores diziam que ela havia morrido antes de o seu marido puxa-saco ter sido morto por vespas em seu apartamento, e ela claramente não estava morta. E, em segundo, porque ela estava segurando uma vespa negra que tinha quase meio metro de comprimento, e a maioria das pessoas não parecia tão serena e composta quanto ela segurando um inseto venenoso de qualquer tamanho.

Ela caminhou a passos largos até Laumonier, com a intenção de cumprimentá-los com um beijo no rosto, mas ambos se inclinaram para trás do inseto. Esse foi o terceiro sinal de que as coisas seriam de certa

forma incomuns, porque Laumonier normalmente fazia questão de jamais parecer alarmado.

— Isso não é bom — sussurrou o Homem Cinzento.

Porque agora era óbvio que o terror estava vindo ou de Piper ou da vespa. A sensação seguia atingindo Seondeok em ondas doentias, lembrando-lhe dolorosamente do ano em que enlouquecera. Foi preciso um momento para que ela percebesse que estava sendo *verbalmente* lembrada daquele fatídico ano — ela podia ouvir as palavras em sua cabeça. Em coreano.

— Obrigada a todos por terem vindo — disse Piper grandiosamente. Ela inclinou a cabeça, os olhos estreitados, e Seondeok sabia que algo estava sendo sussurrado para ela também. — Agora que estou solteira, pretendo atuar de forma independente no negócio de objetos mágicos de luxo, com a curadoria de somente as merdas malucas mais extraordinárias e sobrenaturais. Espero que todos vocês comecem a confiar em mim como sendo uma fonte de qualidade. E a nossa peça que vai dar início aos trabalhos... a coisa que vocês vieram até aqui para ver... é isto. — Ela ergueu o braço, e a vespa avançou um pouco mais em direção à sua mão. As pessoas tiveram calafrios ao mesmo tempo; havia algo muito errado a respeito dela. O terror, mais o tamanho, o peso real dela movendo o tecido da manga de Piper. — Um demônio.

Sim. Seondeok acreditava nisso.

— Ele me concedeu favores, como vocês podem ver, pelo meu cabelo e minha pele incríveis, mas estou pronta para passá-lo adiante para o próximo usuário, para que eu possa encontrar o grande objeto seguinte! O que importa é a jornada, certo? Certo!

— Ele é... — começou um dos homens no grupo. Rodney, Seondeok achava que esse era o nome dele. Ele não parecia saber como terminar a sua pergunta.

— Como ele funciona? — perguntou Seondeok.

— Na maioria das vezes eu simplesmente peço as coisas — disse Piper —, e ele as busca. Não sou realmente religiosa, mas acho que alguém com alguma formação religiosa poderia realmente fazê-lo realizar alguns truques bacanas. Ele me fez uma casa e essas sapatilhas. O que ele poderia fazer para vocês? Coisas. Vamos começar com as ofertas, pai?

Laumonier ainda não havia se recuperado bem. A questão era que a proximidade da presença do demônio se tornava mais desagradável em vez de melhorar. O oposto de se acostumar a ela — essa era a sensação. Um ferimento que aumentava da dor contínua para a punhalada. Os sussurros eram difíceis de suportar, pois não eram realmente sussurros. Eram pensamentos que se misturavam irremediavelmente com seus próprios pensamentos, difícil de estabelecer uma prioridade. Mas Seondeok havia sobrevivido a um ano de loucura, e ela podia suportar isso. Não era impossível de dizer quais pensamentos eram do demônio: só que eram os mais sombrios, os mais às avessas, aqueles que desfariam o pensador.

Alguns dos compradores estavam indo embora, retirando-se sem dizer uma palavra, em direção aos seus carros antes que as coisas ficassem feias. Mais feias. As mais feias.

— Ei! — disse Piper. — Não me *deixem*. Demônio!

A vespa contorceu as antenas e as pessoas se contorceram com ela. Elas deram um rodopio, os olhos arregalados.

— Estão vendo? — disse Piper entre os dentes cerrados. — Ele é realmente bastante prático.

— Eu acho — disse Laumonier cuidadosamente, olhando para os compradores congelados, então para o rosto dos seus pares e em seguida para a sua filha — que esse talvez não seja o melhor método para exibir esse produto em particular.

O que ele queria dizer era que o demônio estava apavorando a todos, e era difícil se livrar da ideia de que todos ali poderiam morrer a qualquer momento, o que era ruim para os negócios presentes e futuros.

— Não use esse tom passivo-agressivo comigo — disse Piper. — Eu li um artigo sobre como você tem basicamente minado a minha personalidade durante a minha vida inteira, e isso é um exemplo *perfeito*.

— Isso é um exemplo perfeito de você passando por cima do seu conhecimento — disse Laumonier. — A sua ambição está constantemente atropelando a sua educação! Você não faz nem ideia de como transferir um demônio.

— Vou *desejar* a sua transferência, você não está entendendo? — disse Piper. — Ele tem que fazer o que eu digo.

Mas Seondeok não tinha certeza de que isso era a mesma coisa.

— Você pensa? — perguntou Laumonier. — Você o controla, ou ele a controla?

— Ah, por favor — disse Piper. — Demônio, descongele aquelas pessoas! Demônio, torne o dia ensolarado! Demônio, mude todas as minhas roupas para o branco! Demônio, faça o que eu disse, faça o que eu disse!

As pessoas descongelaram; o céu assumiu um tom bem claro e brilhante por apenas um segundo; as roupas dela branquearam; o demônio zumbiu para o ar. O sussurro na cabeça de Seondeok havia se tornado furioso.

Laumonier atirou em sua filha.

O disparo fez um ligeiro ruído *oonff* por causa do silenciador. Laumonier parecia chocado. Os dois ficaram calados, apenas olhando fixamente para o corpo de Piper, então para cima, para o demônio que havia sussurrado para eles.

E então todos fugiram. Se Laumonier atirara em sua filha, qualquer coisa podia acontecer.

O demônio havia pousado sobre o ferimento no pescoço de Piper, as pernas afundando no sangue, a cabeça baixada no buraco.

Ele estava mudando. Ela estava mudando. Tudo estava se desfazendo. Tudo era violência e perversão.

— Me liga — disse Seondeok para o Homem Cinzento —, e cai fora daqui.

O grito de Piper soou de trás para frente. Seondeok não havia percebido que ela ainda estava viva.

O sangue em torno do seu pescoço era negro.

Ambição ganância ódio violência desdém ambição ganância ódio violência desdém

Ela estava morta.

O demônio começou a se levantar.

Desfazedor, desfazedor, eu ressuscito, eu ressuscito, eu ressuscito



Adam não conseguia decidir se essa fora a pior coisa que havia lhe acontecido, ou se ele se sentia assim porque estivera tão recente e insensatamente feliz que a comparação lhe causava essa impressão.

Ele estava no banco de trás do BMW, as mãos ainda amarradas, os olhos cobertos, um ouvido surdo. Ele não se sentia real. Sentia-se cansado, mas não sonolento, debilitado pelo esforço de ser incapaz de comandar seus sentidos. E, ainda assim, o demônio trabalhava contra a faixa — como sua pele chiava de dor — e revirava os olhos contra a sua vontade. Blue estava sentada ao seu lado, e a Garota Órfã do outro, a pedido seu. Adam não sabia se conseguiria escapar da faixa, mas sabia que o demônio só machucaria Blue, em um esforço para chegar até Ronan ou a Garota Órfã. Então pelo menos eles teriam um aviso se isso acontecesse de novo.

Deus, Deus. Ele quase matara Ronan. Ele o *teria* matado. Não fazia muito ele beijara Ronan, e suas mãos mesmo assim o teriam assassinado enquanto Adam observava.

Como ele iria para a escola? Como ele faria *qualquer coisa*...

Sua respiração o traiu, pois Blue recostou contra o seu ombro.

— Não... — ele avisou.

Ela ergueu a cabeça, mas então Adam sentiu os dedos dela em seu cabelo, acariciando-o suavemente e tocando a pele do seu rosto onde ele havia se ferido. Blue não disse nada.

Adam fechou os olhos por trás da venda, ouvindo ao lento bater da chuva no para-brisa, o varrer dos limpadores. Ele não fazia ideia de quão

próximos eles estavam de Cabeswater.

Por que ele não conseguia pensar em outra maneira sobre o sacrifício? Gansey só estava se apressando para fazer isso por causa dele, por causa de como essa barganha havia transformado isso em uma emergência. No fim das contas, Adam o estava matando do mesmo jeito, bem como em sua visão. Uma versão às avessas, oblíqua da culpa, mas com Adam dirigindo o timão do mesmo jeito. Contudo, era inegável que fora Adam que transformara isso tudo em uma emergência.

Um mau pressentimento sibilava dentro de Adam, mas ele não sabia dizer se era culpa ou aviso de Cabeswater.

— O que é aquilo? — ouviu-se a voz de Gansey do banco de passageiros. — Na estrada?

Blue se afastou de Adam; ele a ouviu se posicionar entre os assentos do motorista e do passageiro. Ela parecia em dúvida.

— Será que é... sangue?

— Do quê? — perguntou Ronan.

— Talvez de nada — disse Gansey. — Será que é real?

— A chuva está caindo em cima dele — disse Ronan.

— Será que devemos... passar por cima? — perguntou Gansey. — Blue, qual a expressão no rosto do Henry? Você consegue ver?

Adam sentiu o corpo de Blue o abalroar enquanto ela se virava para olhar para o Fisker atrás deles. As mãos de Adam se crispavam e tinham espasmos, eternamente famintas. O demônio parecia... próximo.

— Me passa seu telefone. Vou ligar para a minha mãe — disse Blue.

— O que está acontecendo? — perguntou Adam.

— A estrada está alagada — disse Blue. — Mas parece sangue... E tem alguma coisa flutuando nele. O que é aquilo, Gansey? São... pétalas? Pétalas azuis?

Houve um silêncio pesado no carro.

— Vocês não acham que as coisas estão voltando ao ponto de partida? — disse Ronan em voz baixa. — Vocês...

Ele não terminou a frase. O carro estava em silêncio novamente, parado — aparentemente ele não havia decidido se deveria passar ou não pelo trecho alagado. A chuva salpicava. Os limpadores suspiraram com ruído mais uma ida e vinda.

— Acho que nós... Jesus — interrompeu Gansey. — *Jesus*. Ronan?

O terror revestia suas palavras.

— *Ronan*? — repetiu Gansey. Houve uma batida metálica. O ranger de um assento. Confusão. O carro balançou debaixo deles com a ferocidade do deslocamento do peso de Gansey. Ronan ainda não havia respondido. Um rugido ressoava grave por trás de suas palavras. O motor: Ronan estava apertando o acelerador com o carro no ponto morto.

O aviso doentio em Adam havia se transformado em alarme.

O rugir cessou subitamente; o carro havia sido desligado.

— Ah, não — disse Blue. — Ah, não, a garota também!

Ela se afastou de Adam, rápido; ele a ouviu abrir a porta do outro lado do carro. O ar frio e úmido foi sugado para dentro do BMW. Outra porta se abriu, e mais outra. Todas elas, exceto a de Adam. A voz de Henry chegou da rua, grave, séria e completamente destituída de humor.

— O que está acontecendo? — demandou Adam.

— Será que podemos... — A voz de Blue estava a meio caminho do choro, vindo do lado de fora da porta do motorista. — Será que podemos o recolher?

— Não — arfou Ronan. — Não toque nele... não...

O assento do motorista bateu de volta com tanta força que atingiu os joelhos de Adam. Ele ouviu um som que era inequivocamente Ronan inspirando com dificuldade.

— Ah, Jesus — disse Gansey de novo. — Me diga o que eu devo fazer.

Mais uma vez o assento corcoveou. As mãos de Adam cerraram-se como garras contra o assento atrás dele, absolutamente contra a sua vontade. O que quer que estivesse acontecendo, eles queriam fazer com que acontecesse mais rápido. Do assento da frente, o telefone de Ronan começou a tocar e tocar e tocar. Um toque baixo, monótono, que Ronan havia programado para quando o número de Declan ligava.

O pior era que Adam sabia o que isso queria dizer: algo estava acontecendo com Matthew. Não, o pior era que Adam *não podia fazer nada a respeito de nada.*

— Ronan, Ronan, não feche os olhos — disse Blue, agora chorando. — Estou ligando... estou ligando para a minha mãe.

— Uau, se afastem! — gritou Gansey.

O carro todo balançou.

— O que foi *isso?* — demandou Henry.

— Ele o trouxe de volta dos seus sonhos — disse Gansey. — Quando ele apagou. Não vai nos machucar.

— *O que está acontecendo?* — demandou Adam.

A voz de Gansey soou baixa e miserável. Ficou muito aguda e se fendeu.

— Ele está se desfazendo.



Era impossível acreditar que Adam havia pensado que o momento anterior fora o pior.

Isto era o pior: estar vendado e amarrado no banco de trás de um carro, sabendo que o ruído arfado e suave era Ronan Lynch tentando respirar, sufocado, toda vez que ele vadeava de volta à consciência.

Tanto de Ronan era bravura, e não sobrara nada dela.

E Adam não passava de uma arma para matá-lo mais rápido.

Parecia que fazia anos que ele tinha feito essa barganha com Cabeswater. *Serei suas mãos*. *Serei seus olhos*. Quão horrorizado Gansey ficara, e talvez ele estivesse certo. Porque ali estava Adam despido de todas as opções. Tornado tão fácil e simplesmente impotente.

Seus pensamentos eram um campo de batalha agora, e Adam fugiu para a escuridão da venda. Era um jogo perigoso fazer uma divinação quando Cabeswater corria tamanho perigo, quando todos os outros estariam ocupados demais se ele também começasse a morrer no banco de trás, mas essa era a única maneira que ele tinha para sobreviver estando tão próximo do arfar dolorido de Ronan.

Ele rodou para longe e rápido, lançando seu inconsciente para bem distante de seus pensamentos conscientes, o mais longe que ele poderia chegar da verdade do carro o mais rápido possível. Restava muito, muito pouco de Cabeswater. Na maior parte, escuridão. Talvez ele pudesse encontrar seu caminho de volta para seu corpo corrompido. Talvez ele se perderia, como Persephone

Persephone

Tão logo Adam pensou o seu nome, percebeu que ela estava com ele. Adam não sabia dizer como ele sabia disso, tendo em vista que ele não podia vê-la. Na realidade, ele não conseguia ver nada. Na realidade, ele descobriu que estava mais uma vez intensamente ciente do tecido da venda em seus olhos, assim como da dor surda de seus dedos entrelaçados e presos uns nos outros. Mais uma vez intensamente ciente de sua realidade física; mais uma vez encarcerado dentro de seu corpo inútil.

— Você me empurrou de volta para cá — ele a acusou.

Psss, ela respondeu. *Foi você que se deixou ser empurrado.*

Adam não sabia o que lhe dizer. Ele estava dolorosamente contente de sentir sua presença novamente. Não era que Persephone, a vaga Persephone, fosse uma criatura dada a proporcionar conforto. Mas sua sensibilidade, sabedoria e regras o haviam confortado enormemente quando ele era um caos, e, embora ela não tivesse dito nada realmente para ele, a mera lembrança daquele conforto lhe causara um impulso de felicidade desmedida.

— Estou arruinado.

Humm.

— A culpa é minha.

Humm.

— Gansey estava certo.

Humm.

— Pare com esse *humm!*

Então talvez você devesse parar de dizer coisas que cansou de dizer para mim semanas atrás.

— Minhas mãos, no entanto. Meus olhos.

Quando ele os nomeou, Adam os sentiu. As mãos em garras. Os olhos revirados. Eles estavam empolgados com a destruição de Ronan. Esse era o seu propósito. Como eles desejavam ajudar naquela tarefa pavorosa.

Com quem você fez aquele trato?

— Cabeswater.

Quem está usando as suas mãos?

— O demônio.

Isso não é a mesma coisa.

Adam não respondeu. Mais uma vez Persephone estava lhe dando um conselho que soava bom, mas era impossível de usar no mundo real. Era sabedoria. Não um item leiloável.

Você fez o seu trato com Cabeswater, não com um demônio. Embora eles pareçam a mesma coisa e você os sinta da mesma maneira, eles não são a mesma coisa.

— Eu os sinto da mesma maneira.

Eles não são a mesma coisa. O demônio não tem direito algum sobre você. Você não escolheu o demônio. Você escolheu Cabeswater.

— Não sei o que fazer — disse Adam.

Sim, você sabe. Você tem que continuar fazendo suas escolhas.

Mas Cabeswater estava morrendo. Talvez em breve não houvesse Cabeswater para escolher. Talvez em breve só restasse a mente de Adam, o corpo de Adam e o demônio. Ele não disse isso em voz alta. Não tinha importância. Nesse lugar, seus pensamentos e suas palavras eram a mesma coisa.

Isso não o torna um demônio. Você será um daqueles deuses sem poderes mágicos. Como eles são chamados?

— Não creio que exista uma palavra.

Rei. Provavelmente. Estou indo agora.

— Persephone, por favor... Eu... — *sinto sua falta.*

Ele estava sozinho; ela havia partido. Adam fora deixado, como sempre, com partes iguais de conforto e incerteza. O sentimento de que ele sabia como avançar; a dúvida de que ele fosse capaz de executá-lo. Mas, dessa vez, ela fizera um esforço enorme para lhe dar a sua lição. Adam não tinha certeza se ela ainda podia vê-lo agora, mas ele não queria decepcioná-la.

E a verdade era que, se pensasse a respeito das coisas que ele adorava sobre Cabeswater, não havia a menor dificuldade em dizer a diferença entre ela e o demônio. Eles cresciam do mesmo solo, mas não tinham nada a ver um com o outro.

Esses olhos e essas mãos são meus, pensou Adam.

E eram. Ele não precisava provar isso. Era um fato tão logo ele acreditasse nele.

Adam virou a cabeça e se livrou da venda, esfregando-a.

Então viu o fim do mundo.



O demônio trabalhava lentamente as fibras do sonhador.

Eles eram coisas difíceis de desfazer, os sonhadores. Muito de um sonhador não existia dentro de um corpo físico. Muitas partes complicadas deles se emaranhavam nas estrelas e se prendiam nas raízes das árvores. Muito deles fugia pela correnteza dos rios e explodia através do ar, entre gotas de chuva.

Esse sonhador lutava.

O demônio dizia respeito ao desfazer e ao nada, e sonhadores diziam respeito ao fazer e à plenitude. Esse sonhador era tudo isso até um extremo, um novo rei em seu reino inventado.

Ele lutou.

O demônio continuava deixando-o inconsciente, e, naquelas breves rupturas de escuridão, o sonhador arrebatava a luz e, quando nadava de volta à consciência, impelia o sonho sobre a realidade. Ele lhes atribuía o formato de criaturas com asas, estrelas presas à terra, coroas flamejantes, notas douradas que cantarolavam por si mesmas, folhas de menta dispersas através do pavimento estriado de sangue e de pedaços de papel escritos com uma caligrafia entalhada: *Unguibus et rostro*.

Mas ele estava morrendo.



Querer viver, mas aceitar a morte para salvar os outros: isso era coragem. Essa era a grandeza de Gansey.

— Tem que acontecer agora — ele disse. — Tenho que fazer o sacrifício agora.

Agora que o momento tinha chegado, havia certa glória em relação a ele. Gansey não queria morrer, mas pelo menos estava fazendo isso por essas pessoas, sua família encontrada. Pelo menos estava fazendo isso por pessoas que ele sabia que realmente *viveriam*. Pelo menos ele não estava morrendo inutilmente, picado por vespas. Pelo menos dessa vez importaria.

Ali era onde ele morreria: em um campo inclinado, salpicado de folhas de carvalho. O gado escuro pastava colina acima, longe deles, os rabos batendo e balançando enquanto a chuva caía em trovoadas esparsas. A relva estava extraordinariamente verde para outubro, e o choque da cor contra as folhas brilhantes da estação fazia a paisagem parecer uma foto de calendário. Não havia mais ninguém há quilômetros dali. A única coisa fora do lugar era o rio de sangue polvilhado de flores através da estrada sinuosa, e o rapaz morrendo em seu carro.

— Mas não estamos nem perto de Cabeswater! — disse Blue.

O telefone de Ronan tocava de novo: *Declan, Declan, Declan*. Tudo ruía por toda parte.

Ronan oscilou brevemente de volta à consciência, seus olhos tomados de escuridão, uma chuva de seixos bruxuleantes espalhando-se de sua mão

e deslizando até uma parada sórdida sobre o chão ensanguentado. Terrivelmente, a Garota Órfã só observava com uma expressão vazia do banco de trás, a escuridão lentamente escorrendo de seu ouvido mais próximo. Quando ela percebeu que Gansey a olhava, simplesmente fez *Kerah* com a boca, sem emitir nenhum som.

— Nós estamos na linha ley?

Tudo que importava era que eles estivessem na linha, para que o sacrifício contasse para matar o demônio.

— Sim, mas não estamos nem perto de *Cabeswater*. Você simplesmente vai *morrer*.

Uma grande coisa a respeito de Blue Sargent era que ela jamais realmente desistira. Ele teria dito isso a ela, mas sabia que isso só a deixaria mais incomodada. Então ele falou:

— Não posso ver o Ronan morrer, Blue. E Adam... e Matthew... e tudo isso? Não temos mais nada. Você já viu o meu espírito. Você já sabe o que nós escolhemos!

Blue fechou os olhos e duas lágrimas correram deles. Ela não chorou ruidosamente, ou de uma maneira que lhe pedia para dizer qualquer coisa diferente. Ela era uma criatura esperançosa, mas também sensível.

— Me desamarrem — disse Adam do banco de trás. — Se vocês forem fazer isso agora, pelo amor de Deus, me desamarrem.

Adam não tinha mais a venda nos olhos e olhava para Gansey, seus olhos mesmo em vez dos olhos do demônio. O peito se movia rápido. Se tivesse outro jeito, Gansey sabia que Adam o diria.

— É seguro? — perguntou Gansey.

— Tão seguro quanto a vida — respondeu Adam. — *Me desamarrem*.

Henry só estivera esperando por algo para fazer — ele claramente não sabia como processar essa situação sem ter uma tarefa para realizar —, então deu um salto para desamarrar Adam. Balançando os punhos avermelhados livres da faixa, Adam tocou primeiro o topo da cabeça da Garota Órfã e sussurrou:

— Vai ficar tudo bem.

E então saiu do carro e parou na frente de Gansey. O que eles poderiam dizer?

Gansey tocou seu punho fechado contra o de Adam e eles anuíram um para o outro. Era estúpido, inadequado.

Com esforço, Ronan voltou brevemente à consciência; flores transbordavam do carro em tons de azul que Gansey jamais vira. Ronan estava congelado no mesmo lugar, como ele sempre ficava após um sonho, e a escuridão exsudava de uma de suas narinas.

Gansey jamais compreendera realmente o que significava para Ronan ter de viver com seus pesadelos.

Agora ele compreendia.

Não havia mais tempo.

— Obrigado por tudo, Henry — disse Gansey. — Você é um príncipe entre os homens.

O rosto de Henry estava vazio.

— Eu odeio isso — disse Blue.

Estava certo, no entanto. Gansey sentiu que o tempo se esvaía — uma última vez. Sentiu que já fizera isso antes. Encostou suavemente o dorso das mãos nas faces de Blue e sussurrou:

— Vai ficar tudo bem. Estou pronto. Blue, me beije.

A chuva salpicava à volta deles, levantando borrifos de um líquido rubro-negro e fazendo com que as pétalas em torno deles se contorcessem. Objetos de sonho da recentemente curada imaginação de Ronan se empilhavam aos seus pés. Na chuva, tudo cheirava a essas montanhas no outono: folhas de carvalho e campos de feno, ozônio e terra revirada. Era bonito aqui, e Gansey adorava o lugar. Levara um longo tempo, mas ele terminara onde quisera, afinal.

Blue o beijou.

Ele havia sonhado muitas vezes com esse beijo, e ei-lo, de desejado para a vida. Em outro mundo, seria apenas isto: uma garota pressionando suavemente seus lábios contra os lábios de um garoto. Mas, neste mundo, Gansey sentiu os efeitos imediatamente. Blue, um espelho, uma amplificadora, uma alma estranha, metade árvore, com a mágica da linha ley correndo por ela. E Gansey, revigorado imediatamente pelo poder da linha ley, tendo recebido um coração de linha ley, outro tipo de espelho. E, quando eles apontaram um para o outro, o mais fraco cedeu.

O coração de linha ley de Gansey fora doado, não desenvolvido.

Ele se afastou dela.

Em voz alta, com intenção, com a voz que não deixava espaço para dúvidas, Gansey disse:

— Que seja para matar o demônio.

Assim que ele disse isso, Blue jogou os braços apertadamente em torno de seu pescoço. Assim que ele disse isso, ela pressionou o rosto contra a face de Gansey. Assim que ele disse isso, ela o segurou como uma palavra gritada. *Amor, amor, amor.*

Ele desabou silenciosamente de seus braços.

Ele era um rei.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a Noah Czerny.

O problema de estar morto era que suas histórias paravam de ser linhas e começavam a ser círculos. Elas passavam a iniciar e terminar no mesmo momento: o momento da morte. Era difícil se concentrar em outras maneiras de contar histórias e lembrar que os vivos estavam interessados na ordem de especificados eventos. *Cronologia*. Essa era a palavra. Noah estava mais interessado no peso espiritual de um minuto. Ser morto. Havia uma história. Ele jamais parava de notar aquele momento. Toda vez que ele o via, ia mais devagar e o observava, lembrando-se precisamente de cada sensação física que experimentara durante o assassinato.

Assassinato.

Às vezes Noah era pego em uma volta em que compreendia constantemente que fora assassinado, e a ira o fazia quebrar coisas no quarto de Ronan, chutar o pote de menta de cima da escrivaninha de Gansey, ou dar um soco em uma vidraça na escada que conduzia ao apartamento.

Às vezes ele era pego *nesse* momento. A morte de Gansey. Observando Gansey morrer, sempre de novo. Perguntando-se se ele teria demonstrado essa bravura na floresta, se Whelk tivesse lhe pedido para morrer em vez de forçá-lo a morrer. Ele não acreditava que Whelk faria isso. Noah não tinha certeza se eles haviam compartilhado esse tipo de amizade. Às

vezes, quando ele voltava para ver o Gansey ainda vivo, ele esquecia se esse Gansey já sabia ou não que ele iria morrer. Era fácil saber de tudo quando o tempo era circular, mas difícil lembrar como o usar.

— Gansey — ele disse. — Isso é tudo.

Esse não era o momento certo. Noah fora sugado para a vida espiritual de Gansey, o que era uma linha inteiramente diferente. Ele se afastou dela. Não era uma consideração espacial, mas de tempo. Era um pouco como pular corda de três — Noah não conseguia mais lembrar com quem ele fizera tal coisa, apenas que devia tê-la feito em algum ponto para se lembrar dela —, você tinha de esperar pelo momento certo para avançar ou seria repelido pela corda.

Ele nem sempre se lembrava de por que estava fazendo isso, mas se lembrava do que estava fazendo: olhando para a primeira vez em que Gansey morrera.

Noah não se lembrava da primeira vez em que ele havia feito essa escolha. Era difícil, agora, distinguir o que era uma lembrança e o que na realidade estava se repetindo. Nem agora ele tinha certeza de qual das duas ele estava fazendo.

Noah só sabia que ele seguia em frente até aquele momento. Ele só tinha de permanecer firme por tempo suficiente para se certificar de que ocorreria.

Ali estava ele: Gansey, muito jovem, contorcendo-se e morrendo nas folhas de uma mata no mesmo momento em que Noah, a quilômetros dali, se contorcera, morrendo nas folhas de uma mata diferente.

Todas as vezes eram as mesmas. Tão logo Noah morrera, seu espírito, cheio da linha ley, favorecido por Cabeswater, se sentira espalhado sobre cada momento que ele experimentara e experimentaria. Era fácil parecer sábio quando o tempo era um círculo.

Noah se agachou sobre o corpo de Gansey e disse, pela última vez:

— Você vai viver por causa de Glendower. Alguém na linha ley está morrendo quando não deveria, e assim você vai viver quando não deveria.

Gansey morreu.

— Adeus — disse Noah. — Não desperdice essa chance.

E deslizou silenciosamente através do tempo.



Blue Sargent havia esquecido quantas vezes lhe disseram que ela mataria o seu verdadeiro amor.

A sua família atuava no ramo de previsões. Elas liam cartas, promoviam sessões espíritas e viravam xícaras de chá sobre pires. Blue jamais fizera parte disso, exceto de uma maneira importante: ela era a pessoa com a previsão mais longeva na casa.

Se você beijar o seu verdadeiro amor, ele morrerá.

Durante a maior parte de sua vida, ela havia considerado como isso aconteceria. Ela fora avisada por toda sorte de clarividentes. Mesmo sem um pingo de habilidade mediúnica, ela vivera emaranhada em um mundo metade presente, metade futuro, sempre sabendo para onde estava indo.

Mas não mais.

Agora Blue olhava para o corpo morto de Gansey em seu blusão de gola V salpicado de chuva, pensando: *não faço ideia do que vai acontecer agora*.

O sangue drenava para fora da autoestrada, e corvos haviam pousado a alguns metros para bicá-lo. Todos os sinais de atividade demoníaca haviam desaparecido de uma vez.

— Tira ele — começou Ronan, e então, endireitando-se para terminar, em um rosnado: — Tira ele da estrada. Ele não é um *animal*.

Eles arrastaram o corpo de Gansey para a grama verde no acostamento da estrada estreita. Ele ainda parecia inteiramente vivo; só estivera morto

por um minuto ou dois, e simplesmente não havia muita diferença entre estar morto e dormindo até as coisas começarem a se decompor.

Ronan se agachou ao lado dele, o líquido negro ainda lambuzado em seu rosto debaixo do nariz e em torno das orelhas. Seu vagalume sonhado repousava sobre o coração de Gansey.

— Acorda, seu bastardo — ele disse. — Seu filho da puta. Não acredito que você...

E começou a chorar.

Ao lado de Blue e Henry, Adam tinha as faces do rosto secas e os olhos mortos, mas a Garota Órfã abraçou seu braço, confortando uma pessoa chorosa enquanto encarava o nada, ao longe. O relógio de Adam se movia espasmodicamente no mesmo minuto sempre de novo.

Blue tinha parado de chorar. Ela já usara todas as suas lágrimas antes.

Os sons de Henrietta encontraram seu caminho até eles; uma ambulância ou um carro dos bombeiros acionava a sirene em alguma parte. Motores aceleravam. Um alto-falante estava ligado. Em uma árvore próxima, pássaros pequenos cantarolavam. As vacas haviam começado a se deslocar colina abaixo na direção deles, curiosas a respeito do tempo em que estavam parados ali.

— Realmente não sei o que fazer — confessou Henry. — Não era assim que eu achava que as coisas terminariam. Achei que iríamos todos para a Venezuela.

Ele soava irônico e pragmático, e Blue percebeu que essa era a única maneira que ele conseguia lidar com o fato do cadáver de Richard Gansey estar deitado no chão.

— Não consigo pensar assim — disse Blue verdadeiramente. Ela não conseguia pensar realmente em nada. Tudo havia chegado ao fim. Cada parte do seu futuro não estava escrita pela primeira vez em sua vida. Será que eles deveriam ligar para a polícia? Questões práticas de amores verdadeiros mortos, caídos à sua frente, e Blue percebia que não conseguia se concentrar em nenhuma delas claramente. — Não consigo realmente... pensar em nada. É como se eu tivesse um abajur sobre a minha cabeça. Vou continuar esperando... não sei.

Adam subitamente se sentou. Ele não disse nada, apenas cobriu o rosto com as mãos. Henry inspirou nervosamente.

— Nós deveríamos tirar os carros da estrada — ele disse. — Agora que as coisas não estão sangrando, o tráfego vai... — Ele se interrompeu. — Isso não está certo.

Blue balançou a cabeça.

— Eu simplesmente não entendo — disse Henry. — Eu tinha tanta certeza de que isso iria... mudar tudo. Não achei que fosse terminar assim.

— Eu sempre soube que terminaria assim — ela disse —, mas mesmo assim não parece certo. Será que um dia vai parecer certo?

Henry deslocou o peso do corpo de um pé para o outro, prestando atenção se não vinham outros carros, mas não tomando iniciativa alguma em relação aos carros deles, apesar de sua preocupação anterior com o tráfego. Ele olhou para o relógio — assim como o de Adam, ele ainda estava tentando incansavelmente os mesmos poucos minutos, embora não tão violentamente como antes — e repetiu:

— Eu simplesmente não entendo. Qual o sentido da mágica, senão por isso?

— Para o quê?

Henry estendeu uma mão sobre o corpo de Gansey.

— Para ele morrer. Você disse que vocês eram os mágicos de Gansey. *Façam alguma coisa.*

— *Eu* não sou mágica.

— Você acabou de *matar* o Gansey com a sua *boca*. — Henry apontou para Ronan. — Aquele ali acabou de sonhar aquela pilha de bagulhos ao lado do carro! E aquele outro salvou a própria vida quando as coisas caíram de um telhado!

A atenção de Adam se concentrou bruscamente nisso. A dor afiou o seu tom para o fio de uma faca.

— Isso é diferente.

— Diferente como? Desrespeita as regras também!

— Por que uma coisa é desrespeitar as regras da física com mágica — disparou Adam. — E outra é trazer alguém de volta à vida.

Mas Henry não cedia.

— Por quê? Ele já voltou uma vez.

Era impossível argumentar com isso. Blue disse:

— Mas aquilo exigiu um sacrifício. A morte do Noah.

— Então encontrem outro sacrifício — disse Henry.

Adam rosnou:

— *Você* está se oferecendo?

Blue compreendia a sua raiva, no entanto. Qualquer grau de esperança era impossível de suportar nessa situação.

Houve um silêncio. Henry olhou para baixo, para a estrada de novo. Finalmente, disse:

— *Sejam mágicos.*

— Cala a *boca* — disparou Ronan subitamente. — Cala a *boca!* Não suporto isso. *Esquece*.

Henry deu um passo para trás, tão feroz era a dor de Ronan. Todos caíram no silêncio. Blue não conseguia parar de olhar para o tempo marcando passo no relógio de Henry. O tremor era cada vez menos frenético à medida que eles se distanciavam do beijo, e Blue não conseguia deixar de temer quando o tempo retornasse inteiramente ao normal. Parecia que Gansey estaria realmente, verdadeiramente morto, quando isso acontecesse.

O ponteiro dos minutos estremeceu. E de novo.

Blue já estava cansada de uma linha do tempo sem Gansey nela.

Adam ergueu o olhar de onde estava curvado na grama. Sua voz soou pequena.

— E Cabeswater?

— O que tem ela? — perguntou Ronan. — Ela não tem mais poder para fazer nada.

— Eu sei — respondeu Adam. — Mas se você pedisse... ela poderia morrer por ele.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito à Cabeswater.

Cabeswater não era uma floresta. Cabeswater era uma coisa que parecia uma floresta agora. Tratava-se de uma mágica peculiar, segundo a qual era sempre muito antiga e muito nova ao mesmo tempo. Ela sempre fora e, no entanto, estava sempre se conhecendo. Ela sempre estivera viva e querendo estar viva novamente.

Ela jamais havia morrido de propósito antes.

Mas jamais haviam lhe pedido isso.

Por favor, o Greywaren disse. *Amabo te*.

Não era possível. Não como ele havia pensado. Uma vida por uma vida era um bom sacrifício, uma base brilhante para uma mágica fantástica e peculiar, mas Cabeswater não era bem mortal, e o garoto que os humanos queriam salvar era. Não era tão simples quanto Cabeswater morrendo, e ele ressurgindo. Se fosse para ser, teria de ser com Cabeswater fazendo com que alguma parte essencial dela assumisse a forma humana, e mesmo Cabeswater não tinha certeza se isso era possível.

A mente do garoto mágico se movia através dos pensamentos andrajosos de Cabeswater, tentando compreender o que *era* possível, projetando imagens pessoais para ajudar Cabeswater a compreender a meta da ressurreição. Ele não havia se dado conta de que se tratava de um conceito muito mais difícil para ele entender do que para Cabeswater; Cabeswater estava sempre morrendo e ressurgindo novamente; quando

todos os momentos eram os mesmos, a ressurreição era meramente uma questão de mover a consciência de um minuto a outro. Viver para sempre não era algo difícil para Cabeswater imaginar; reanimar um corpo humano com uma linha de tempo finita era.

Cabeswater fez o melhor que pôde para demonstrar a ele a realidade disso, embora a nuance fosse difícil com a linha ley tão desgastada como estava. A pouca comunicação que eles conseguiam reunir só era possível porque a filha da médium estava ali com ele, como sempre estivera de alguma forma, amplificando tanto Cabeswater quanto o mágico.

O que Cabeswater estava tentando fazê-los compreender era que ela dizia respeito à criação. Fazer. Construir. Ela não poderia desfazer a si mesma para esse sacrifício, porque isso ia contra a sua natureza. Ela não poderia realmente *morrer* para trazer um humano de volta como ele era antes. Teria sido mais fácil fazer uma cópia do humano que acabara de morrer, mas eles não queriam uma cópia. Eles queriam aquele que eles haviam acabado de perder. Era impossível trazê-lo de volta inalterado; aquele seu corpo estava irreversivelmente morto.

Mas talvez fosse possível refazê-lo em algo novo.

Cabeswater só precisava se lembrar de como eram os humanos.

Imagens eram transmitidas de Cabeswater para o mágico, e ele as sussurrava para a filha da médium. Ela começou a direcionar sua mágica de espelho para as árvores que restavam em Cabeswater, e sussurrou *por favor* enquanto o fazia, e as *tir e e'lintes* reconheceram Blue como uma delas.

Então Cabeswater começou a trabalhar.

Seres humanos eram coisas muito engenhosas e complicadas.

À medida que ela começou a gerar vida e ser do seu estoque de sonhos, as árvores restantes começaram a zunir e a cantarolar juntas. Em eras passadas, suas canções haviam soado diferentes, mas dessa vez elas cantarolavam as canções que o Greywaren havia dado para elas. Era uma canção que se elevava, um lamento cheio de dor e alegria ao mesmo tempo. E, à medida que Cabeswater destilava a sua mágica, essas árvores começaram a cair, uma a uma.

A tristeza da filha da médium irrompeu através da floresta, e Cabeswater aceitou isso também, e a colocou na vida que ela estava construindo.

Outra árvore caiu, e outra, e Cabeswater seguia voltando sempre de novo para os humanos que tinham feito o pedido. Ela tinha de se lembrar de como eles se sentiam. Ela tinha de se lembrar de se fazer suficientemente pequena.

À medida que a floresta diminuía, o desespero e o assombro do Greywaren se avolumavam através de Cabeswater. As árvores cantarolavam docemente de volta para ele, uma canção de possibilidade, poder e sonhos, e então Cabeswater coletava o seu assombro e o colocava na vida que ela estava construindo.

E, por fim, o arrependimento melancólico do mágico se insinuou através do que restava das árvores. Sem isso, o que era ele? Simplesmente humano, humano, humano. Cabeswater pressionou folhas contra o seu rosto uma última vez, e então eles levaram essa humanidade para a vida que ela estava construindo.

Ela quase tinha uma forma humana. Serviria bem. Nada era perfeito.

Abram caminho para o rei corvo.

A última árvore caiu, a floresta desapareceu, e tudo estava absolutamente silencioso.

Blue tocou o rosto de Gansey e sussurrou:

— Acorde.

EPÍLOGO

As noites de junho em Singer's Falls eram belos acontecimentos. Exuberantes e escuras, o mundo pintado em complexos tons de verde. Árvores: por toda parte, árvores. Adam dirigiu pela estrada sinuosa de volta à Henrietta em um BMW pequeno e elegante que cheirava a Ronan. O rádio tocava um tecno terrível, típico de Ronan, mas Adam não o desligou. O mundo parecia enorme.

Ele estava voltando para o parque de trailers.

Era chegado o momento.

Um deslocamento de trinta minutos da Barns até o parque de trailers, então Adam tinha tempo suficiente para mudar de ideia, voltar à Santa Inês ou à Fábrica Monmouth.

Ele passou por Henrietta em direção ao parque de trailers, e então seguiu em frente pelo longo e esburacado caminho até os trailers, os pneus gerando uma nuvem de poeira atrás dele. Cachorros saltavam para perseguir o carro, desaparecendo quando ele chegava na frente da sua antiga casa.

Ele não precisava perguntar se estava realmente fazendo isso.

Ele estava, não estava?

Adam subiu os degraus inseguros. Esses degraus, um dia pintados, agora descascados e rachados, furados com as marcas perfeitamente redondas das abelhas-do-pau, não eram muito diferentes das escadas até o seu apartamento no andar de cima da Santa Inês. À diferença que aqui havia menos deles.

No topo da escada, ele estudou a porta, tentando decidir se deveria bater ou não. Não fazia tantos meses desde que ele vivera ali, indo e vindo sem avisar, mas parecia que haviam sido anos. Adam se sentia mais alto

do que quando estivera pela última vez ali, embora certamente não pudesse ter crescido tanto desde o verão anterior.

Este não era mais o seu lar de verdade, então ele bateu.

Esperou, as mãos nos bolsos das calças cáqui passadas, olhando para a ponta limpa dos seus sapatos e então para cima novamente, para a porta empoeirada.

A porta se abriu e seu pai estava parado ali, o encarando. Adam se sentiu um pouco mais generoso em relação à versão passada dele mesmo, a que tinha medo de vir a ser parecida com esse homem. Porque, embora Robert Parrish e Adam Parrish não fossem parecidos à primeira vista, havia algo introspectivo a respeito do olhar de Robert Parrish que lembrava Adam de si mesmo. Algo a respeito do cenho franzido era similar também; o formato do franzir entre as sobrancelhas tinha precisamente o formato da continuada diferença entre o que a vida deveria ser e o que ela era na realidade.

Adam não era Robert, mas poderia ter sido, e ele perdoou aquele Adam passado por ter medo da possibilidade.

Robert Parrish encarou o filho. Atrás dele, no aposento obscurecido, Adam viu sua mãe, que olhava além de Adam, para o BMW.

— Me convide para entrar — disse Adam.

Seu pai ficou ali, uma narina se alargando, e em seguida recuou para dentro da casa. Virou uma mão em uma espécie de convite zombeteiro, um gesto de lealdade simulada a um falso rei.

Adam entrou. Ele havia esquecido como suas vidas eram comprimidas ali. Como a cozinha era o mesmo que a sala de estar, que era o mesmo que o quarto do casal, e do outro lado da sala principal, o minúsculo quarto de Adam. Ele não podia culpá-los por ressentidamente buscar aquele espaço; não havia outro lugar para estar naquela casa que não olhasse um para o outro. Ele havia esquecido como a claustrofobia o impelira para fora, tanto quanto o medo.

— Que bom que você ligou — sua mãe disse.

Ele sempre esquecia como ela costumava expulsá-lo também. Suas palavras eram um tipo de agressão mais escorregadio, resvalando para fora de sua memória mais facilmente que os golpes reais de seu pai, resvalando entre as costelas daquele Adam mais jovem quando ele não prestava

atenção. Havia uma razão por que ele havia aprendido a se esconder sozinho, não com ela.

— Senti sua falta na formatura hoje — respondeu Adam tranquilamente.

— Não me senti bem-vinda — ela disse.

— Eu te convidei.

— Você fez isso ficar feio.

— Não fui eu que fiz isso ficar feio.

Os olhos dela se desviaram de Adam, a maior parte dela desaparecendo ao primeiro sinal de conflito.

— O que você quer, Adam? — seu pai perguntou. Ele ainda encarava as roupas de Adam, como se achasse que era isso o que tinha mudado. — Não creio que seja porque você está implorando para se mudar de volta para cá, agora que você se formou bacana e está dirigindo o carrinho do seu namorado.

— Vim para ver se existe alguma possibilidade de ter uma relação normal com meus pais antes de partir para a faculdade — respondeu ele.

A boca do seu pai se contorceu. Era difícil dizer se ele estava chocado com a declaração de Adam, ou apenas pelo fato de simplesmente ouvir a voz do filho. Aquilo não era algo que costumava se ouvir naquela sala. Era chocante para Adam ver como ele considerara aquilo normal por tanto tempo. Ele se lembrou de como os vizinhos viravam a cara para seu rosto machucado; ele costumava pensar, estupidamente, que eles não diziam nada porque achavam que ele de alguma maneira o merecia. Agora, no entanto, ele se perguntava quantos deles haviam se encolhido no chão na frente dos seus sofás, ou se escondido em seus quartos, ou chorado debaixo da varanda pequena na chuva forte. Ele sentiu uma urgência súbita de salvar todos esses outros Adams escondidos à vista de todos, embora não soubesse se eles o ouviriam. Isso lhe pareceu como um impulso de Gansey ou de Blue, e, enquanto sustentava essa heroica e minúscula fagulha na mente, Adam percebeu que somente porque acreditava ter salvo a si mesmo que ele podia imaginar salvar outra pessoa.

— Foi você que tornou isso impossível — disse o seu pai. — Foi você que fez isso ficar feio, como sua mãe disse.

Ele parecia petulante para Adam agora, não temível. Tudo a respeito da sua linguagem corporal, os ombros curvados como uma samambaia, o

queixo para dentro, indicava que ele estava tão prestes a socar Adam quanto socaria o seu chefe. A última vez em que ele erguera uma mão para o seu filho, ele tivera de puxar um espinho sangrento dela, e Adam podia ver a incredulidade daquele momento ainda se registrando nele. Adam era outro. Mesmo sem a força de Cabeswater, ele podia senti-la reluzindo friamente em seus olhos, e ele não fazia nada para disfarçá-lo. Mágico.

— Era feio bem antes disso, pai — respondeu Adam. — Você sabe que não consigo ouvir desse ouvido? Você estava falando ao mesmo tempo em que eu no tribunal quando eu disse isso antes.

O pai de Adam fez um ruído desdenhoso, mas Adam o interrompeu.

— O Gansey me levou para o hospital. Deveria ter sido você, pai. Quer dizer, jamais deveria ter acontecido, mas, se realmente tivesse sido um acidente, deveria ser você na sala comigo.

Mesmo enquanto dizia as palavras que queria, Adam não conseguia acreditar que estava fazendo isso. Será que algum dia ele já respondera para o seu pai e estivera convicto de que estava certo? E fora capaz de encará-lo de frente? Adam não conseguia realmente acreditar que ele não estava com medo: seu pai não era assustador, a não ser que você já estivesse com medo.

Robert Parrish esbravejou e colocou as mãos nos bolsos.

— Eu sou surdo desse ouvido, pai, e foi você quem fez isso.

Agora seu pai olhou para o chão, e Adam percebeu que ele acreditava nele. Talvez isso fosse a única coisa que Adam realmente precisava extrair desse encontro: os olhos de Robert evitando o olhar de Adam. A certeza de que seu pai sabia o que ele tinha feito.

— O que você quer de nós? — ele perguntou.

A caminho dali, Adam havia considerado essa questão. O que ele verdadeiramente queria era ser deixado em paz. Não por seu pai real, que não podia mais verdadeiramente se intrometer em sua vida, mas pela ideia do seu pai, algo mais poderoso de todas as maneiras. Ele respondeu:

— Toda vez que eu não sei dizer de onde uma pessoa está me chamando em uma sala, toda vez que eu bato a cabeça no canto do chuveiro e toda vez que eu coloco acidentalmente meus fones nos dois ouvidos, eu me lembro de você. Você acha que pode haver um futuro em que esses não sejam os únicos momentos em que eu penso em você?

Ele podia dizer pelas expressões deles que a resposta para isso provavelmente não seria tão cedo um sim, mas não havia problema quanto a isso. Adam não viera com nenhuma expectativa, então ele não se sentia desapontado.

— Reconheço que não sei — seu pai respondeu por fim. — Você se tornou uma pessoa que eu não gosto muito, e não tenho medo de dizer isso.

— É justo — disse Adam. Ele não se importava muito com seu pai também. Gansey teria dito *Gosto da sua honestidade*, e Adam tomou emprestado daquela lembrança de poder educado. — Gosto da sua honestidade.

O rosto do seu pai indicou que Adam havia ilustrado o seu ponto de maneira absolutamente perfeita. Sua mãe se manifestou.

— Eu gostaria que você ligasse. Eu gostaria de saber o que você anda fazendo.

Ela ergueu a cabeça e a luz através da janela formou um quadrado perfeito de luz sobre os seus óculos. E, do nada, os pensamentos de Adam se projetaram através do tempo, sua lógica seguindo os mesmos canais que o seu sentido mediúnico usava. Ele podia se ver batendo na porta, ela parada do outro lado, não respondendo. Ele podia se ver batendo na porta, ela parada atrás do trailer, segurando a respiração até ele ter partido. Ele podia se ver ligando e o telefone tocando enquanto ela o segurava nas mãos. Mas ele também podia vê-la abrindo o folheto da faculdade. Ele podia vê-la recortando o seu nome de um jornal. Colocando uma foto dele na geladeira, em seu terno bacana, em suas calças elegantes e com o sorriso fácil.

Em algum momento sua mãe o largara e não o queria de volta. Ela só queria saber o que estava acontecendo.

Mas assim estava bem também. Era algo. Ele podia fazer isso. Na realidade, isso provavelmente era tudo o que ele podia fazer.

Adam bateu com os nós dos dedos no armário ao lado dele, uma vez, pensativo, e então tirou as chaves do BMW.

— Vou fazer isso — ele disse.

Ele esperou só um momento mais, dando-lhes a oportunidade de preencher o espaço, exceder a expectativa.

Mas eles não o fizeram. Adam colocara a barra precisamente à altura que eles podiam saltar, e não mais alta.

— Eu saio sozinho — ele disse.

E saiu.



Do outro lado de Henrietta, Gansey, Blue e Henry estavam acabando de sair do Pig. Henry foi o último a sair, já que fora no banco de trás, e se apertou por detrás do assento do passageiro como se estivesse sendo parido. Fechou a porta e então franziu o cenho para ela.

— Você tem que bater a porta — disse Gansey.

Henry a fechou.

— Bate ela — repetiu Gansey.

Henry a bateu.

— Bem forte — ele disse.

Eles estavam nesse local remoto por causa de Ronan. Ele lhes havia passado instruções vagas aquela tarde — aparentemente, estavam em uma caçada necrófaga pelo presente de formatura de Blue. Ela terminara a escola havia semanas, e Ronan deixara entendido que um presente a esperava, mas ele havia se recusado a dar pistas até que Gansey e Henry também tivessem se formado. *Vocês devem usar isso juntos*, ele havia dito, sinistramente. Eles o tinham convidado para vir junto — tanto na formatura quanto nessa caçada necrófaga —, mas Ronan simplesmente respondera que ambos os locais estavam cheios de memórias ruins para ele, e ele os veria do outro lado.

Então agora eles caminhavam por um acesso de terra em direção a uma densa linha de árvores que escondia tudo de sua vista além dela. Estava agradavelmente quente. Insetos aninhavam-se em suas camisetas e em torno de seus tornozelos. Gansey tinha a sensação de que já tinha feito isso antes, mas não sabia dizer se isso realmente acontecera ou não. Agora ele sabia que o sentimento do tempo se esvaindo com o qual convivera por tanto tempo não era um produto da sua primeira morte, mas da sua

segunda. Um subproduto da miscelânea que Cabeswater tinha juntado para lhe dar a vida novamente. Seres humanos não deveriam experimentar todas as coisas ao mesmo tempo, mas Gansey tinha de fazê-lo de qualquer forma.

Blue estendeu a mão para pegar a mão dele enquanto eles caminhavam, e eles balançaram esse laço de dedos alegremente. Eles eram livres, livres, livres. A escola tinha terminado e o verão se estendia à sua frente. Gansey havia pedido um ano sabático e vencido; Henry já havia planejado um. Era tudo conveniente, à medida que Blue havia passado meses planejando como viajar barato de carona pelo país depois de se formar. Destino: vida. Era melhor com companhia. Era melhor com três. Três, Persephone sempre dissera, era o número mais forte.

Agora eles haviam irrompido a linha de árvores e se encontravam em um enorme campo de relva crescida, bastante comum nessa região da Virgínia. As orelhas dos cordeiros felpudos já despontavam em meio à relva; os cardos ainda estavam pequenos e escondidos.

— Ah, Ronan — disse Gansey, embora Ronan não estivesse ali para ouvir, porque ele acabara de se dar conta para onde Ronan os havia levado.

O campo estava cheio de carros, quase todos idênticos, quase todos um pouco estranhos, de um jeito ou de outro. Eram quase todos Mitsubishis brancos. A relva que crescia à volta deles e o pólen que anuviava os para-brisas faziam a cena parecer um tanto apocalíptica.

— Não quero nenhum desses para a nossa grande viagem de carro americana — disse Henry com desgosto. — Não me importo que sejam de graça nem mágicos.

— Concordo — disse Gansey.

Blue, no entanto, parecia despreocupada.

— Ele disse que havia um aqui que saberíamos que era para nós.

— Você sabia que era um carro? — demandou Gansey. Ele fora incapaz de arrancar a menor pista de Ronan.

— Eu não seguiria as pistas dele sem nenhuma informação — retrucou Blue.

Eles vadearam pela relva, gafanhotos zunindo à frente deles. Blue e Henry procuravam atentamente, comparando os veículos. Gansey perambulava, sentindo a noite de verão encher seus pulmões. Foi esse giro

cada vez mais amplo do seu caminho que o levou até o presente de formatura.

— Pessoal, encontrei!

Era o óbvio estranho no ninho: um Camaro antigo furiosamente laranja, estacionado no meio de todos os Mitsubishis novos. Era tão obviamente idêntico ao Pig que Ronan deve tê-lo sonhado.

— O Ronan se acha muito engraçado — disse Gansey enquanto Blue e Henry abriam caminho até ele.

Henry arrancou um carrapato do braço e o jogou no mato para que sugasse outra pessoa.

— Ele quer que vocês dirijam carros que combinam? Isso parece romântico para um homem sem alma.

— Ele *me* disse que o carro tinha algo que eu vou adorar debaixo do capô — disse Blue. Ela deu a volta até a frente e procurou a alça para abrir o capô. Em seguida o levantou e começou a rir.

Todos espiaram dentro, e Gansey riu também. Porque dentro do compartimento do motor desse Camaro não havia *nada*. Não havia motor. Não havia nenhum mecanismo interno. Apenas o espaço vazio, até a relva que crescia junto aos pneus.

— Um carro ecológico — disse Gansey, ao mesmo tempo em que Henry falou:

— Você acha que ele realmente funciona?

Blue bateu palmas e pulou; Henry tirou uma foto dela pulando, mas ela estava alegre demais para fazer uma pose para ele. Pulando para o lado do motorista, Blue entrou no carro. Mal dava para vê-la atrás do painel. Seu sorriso ainda era enorme. Ronan lamentaria de ter perdido essa, mas Gansey compreendia suas razões.

Um segundo mais tarde, o motor rugiu para a vida. Ou melhor, o carro rugiu para a vida. Vá saber o que estava fazendo aquele barulho. Blue deu um grito ridículo de prazer.

O ano estendia-se à frente deles, mágico, enorme e inteiramente branco.

Era maravilhoso.

— Será que ele quebra? — gritou Gansey sobre o ruído do não motor.

Henry começou a rir.

— Vai ser uma grande viagem — ele disse.



Dependendo por onde você começasse a história, ela dizia respeito a esse lugar: a longa extensão de montanhas que encilhava um segmento particularmente potente da linha ley. Meses antes, fora Cabeswater, povoada por sonhos e florescendo com mágica. Agora não passava de uma floresta comum da Virgínia, com espinheiros verdes, plátanos suaves, carvalhos e coníferas, todos esguios do esforço de crescer através da rocha.

Ronan achava que ela era bela o suficiente, mas não era Cabeswater.

Ao longe, em um dos barrancos, uma garota magricela com cascos tropeçou divertidamente na relva alta, cantarolando e fazendo ruídos de mastigação nojentos. Tudo na floresta era interessante para ela, e interessante significava prová-lo. Adam disse que ela parecia muito com Ronan. Ronan preferia tomar isso como um elogio.

— Opala — ele disparou, e ela cuspiu um bocado de cogumelo. — Pare de xeretar por aí!

A garota galopou para alcançá-lo, mas não parou quando chegou até onde Ronan estava. Preferiu formar uma roda assimétrica de atividade frenética em torno dele. Qualquer outra coisa poderia dar a aparência de obediência voluntária, e ela faria o possível para evitar isso.

Mais à frente, Motosserra guinchou: *Kerah!*

Ela seguiu gritando até que Ronan a alcançou. Com certeza, ela havia encontrado algo fora do lugar. Ele chutou em meio às folhas. Era um artefato de metal que parecia ter séculos de vida. Era a roda de um Camaro 1973. Ela casava com a roda antiga, impossível, que eles haviam encontrado na linha ley meses antes. À época, Ronan interpretara que aquilo significava que, em algum lugar no futuro, eles bateriam o Camaro na busca por Glendower e a deformação do tempo da linha ley os enviaria de volta no tempo e para o futuro novamente. Todos os tempos sendo os mesmos na linha ley.

Mas parecia que eles não haviam chegado a esse lugar ainda: eles tinham aventuras futuras esperando por eles na linha ley.

Era uma perspectiva emocionante e aterrorizadora.

— Belo achado, fedelha — ele disse à Motosserra. — Vamos para casa.



De volta à Barns, Ronan pensou em todas as coisas que ele gostava e não gostava a respeito de Cabeswater, e o que ele faria diferente se fosse manifestá-la agora. O que daria mais proteção a ela contra uma ameaça no futuro, o que a faria mais capaz de se conectar com outros lugares como ela própria na linha, o que a faria um reflexo mais verdadeiro dele mesmo.

Então, pensando nessas coisas, ele subiu no telhado e mirou o céu.

Fechou os olhos e começou a sonhar.

AGRADECIMENTOS

A Saga dos Corvos vem sendo escrita há mais de dez anos, e várias pessoas me ajudaram de muitas maneiras. Por isso, essa seção, embora necessária, não faz juz a todos que estiveram ao meu lado nessa jornada.

Primeiro, preciso agradecer às nobres: Tessa Gratton e Brenna Yovanoff, sempre dispostas a lutar com meus dragões. Sarah Batista-Pereira, você matou dragões que eu nem havia percebido. Court Stevens, obrigada por me passar uma espada no fim do dia.

À corte reluzente: Laura Rennert, minha apaixonada agente, e Barry Eisler, seu consorte. David Levithan, meu editor, que me deu o melhor presente que um autor poderia pedir: tempo. Rachel Coun, Lizette Serrano, Tracy van Straaten, um trio encantado de clarividentes profissionais. Becky Amsel, cacau para sempre.

À família: particularmente aos meus pais, que construíram um castelo de livros para mim. Também Erin, que me mostrou como fazer uma armadura.

Ao verdadeiro amor: Ed, sinto muito que sempre seja uma batalha. Mas nem tanto. Sinto e não sinto. Olhe, você sabia onde estava se metendo quando tirou aquela espada daquela pedra. Serei eternamente grata por tê-lo ao meu lado.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record
de Serviços de Imprensa S.A.

Metadados – O rei Corvo

Site da autora:
http://www.maggiestiefvater.com/

Wikipédia da autora:
https://en.wikipedia.org/wiki/Maggie_Stiefvater

Facebook da autora:
https://www.facebook.com/MaggieStiefvaterAuthorPage

Twitter da autora:
https://twitter.com/mstiefvater

Instagram da autora:
https://www.instagram.com/maggie_stiefvater/

Tumblr da autora:
http://maggiestiefvater.tumblr.com/

Goodreads da autora:
http://www.goodreads.com/author/show/1330292.Maggie_Stiefvater

Goodreads do livro:
http://www.goodreads.com/book/show/32060805-o-rei-corvo

Skoob da autora:

https://www.skoob.com.br/autor/185-maggie-stiefvater

Skoob do livro:
https://www.skoob.com.br/o-rei-corvo-612369ed612818.html

Perfil da autora no site da Record: http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6610

Livros da autora publicados pela Record: http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6610


MAGGIE
STIEFVATER
OPALA
UMA HISTÓRIA DA
SAGA DOS CORVOS
VERUS
EDITORA
A SAGA DOS CORVOS

LIVROS DA AUTORA

PUBLICADOS PELA VERUS

A corrida de escorpião Os garotos corvos A SAGA DOS CORVOS, LIVRO 1

Ladrões de sonhos A SAGA DOS CORVOS, LIVRO 2

Lírio azul, azul lírio A SAGA DOS CORVOS, LIVRO 3

O rei corvo
A SAGA DOS CORVOS, LIVRO 4

Todos os santos malditos

MAGGIE STIEFVATER

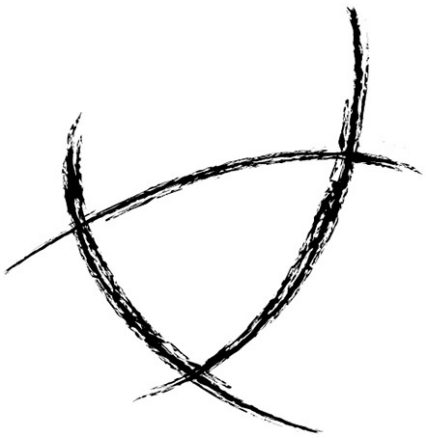
OPALA

UMA HISTÓRIA DA SAGA DOS CORVOS

Tradução
Jorge Ritter

VERUS
EDITORA

Para Sarah,
que bravamente assumiu o Assento Perigoso



Estas eram as regras. Alguns visitantes podiam vê-la, se Ronan dissesse que não havia problema, e alguns não podiam, se Ronan dissesse para ela dar uma sumida, e nenhum visitante tinha permissão para ver seus cascos.

Ela não deveria comer nada que estivesse dentro da casa a não ser que lhe fosse dado, mesmo que fosse algo que parecesse bom enquanto ela mastigava, como caixas de papelão ou utensílios de plástico. Especialmente, ela não deveria comer nada dos quartos de Adam ou Aurora, e se o fizesse seria punida. Ela não deveria chamar Ronan de *Kerah*, porque ele tinha nome e ela era perfeitamente capaz de pronunciar qualquer palavra que quisesse, diferentemente de Motosserra, que só tinha bico. Ela podia escalar quase qualquer coisa, exceto os carros, porque cascos não eram bons para o metal e também porque suas mãos estavam sempre muito sujas. Ela não precisava tomar banho, a não ser que quisesse entrar na casa, e não podia mentir sobre ter se lavado se quisesse ter permissão para subir no sofá, porque *Meu Deus, Opala, suas pernas cheiram a cachorro molhado*. Ela não podia roubar. Esconder objetos de outras pessoas contava como roubo, a não ser que fossem presentes, que

você escondia e depois ria a respeito. Coisas mortas não deveriam ser comidas na varanda, o que era uma regra dura, pois coisas vivas também não deveriam ser comidas na varanda. Ela não deveria correr na estrada ou tentar retornar à linha ley sem alguém junto, o que era uma regra boba, pois a linha ley se parecia com um sonho e em circunstância alguma ela retornaria por vontade própria a um deles. Opala deveria dizer sempre a verdade, porque Ronan sempre dizia a verdade, mas ela sentia que essa era a regra mais injusta de todas, pois Ronan podia sonhar uma nova verdade para si se quisesse, e ela tinha que se ater à verdade que estava vivendo atualmente. Ela deveria se lembrar de que era um segredo.

Na maior parte do tempo não havia problema, no entanto, e Opala podia fazer o que quisesse na Barns. Sua única punição recente havia sido por causa do homem da UPS. Tinha lhe sido permitido correr para recebê-lo, desde que ela se lembrasse de fingir que seu nome era *minha priminha de Syracuse* e também de jamais esquecer de usar as botas altas e desajeitadas que Ronan tinha feito para ela. O homem da UPS tinha dentes muito brilhantes e deixava o cabelo crescer bem em cima do rosto, quase cobrindo a boca, fios mais compridos que aqueles na cabeça de Ronan e quase tão longos quanto aqueles nas pernas de Opala. Ela havia perguntado a ele uma vez como deixar um cabelo daquele crescer em seu rosto e ele havia dito para "simplesmente continuar tentando", o que Opala achou bastante gentil e encorajador da parte dele. Ela ainda gostava muito dele, mas não tinha mais permissão para recebê-lo desde que subira na cabine de sua caminhonete para pegar a caixa de biscoitos de cachorro debaixo do banco do passageiro e a foto da esposa dele colada ao lado do câmbio. Ela havia comido os primeiros até o fim e arrancado com uma mordida os olhos da segunda.

Bom, agora ferrou — Ronan havia dito, descobrindo a fotografia após o homem da UPS ter ido embora. — Não tem como devolver para o cara. Ela teve um ataque de selvageria.

Ela nunca foi domesticada — respondeu Adam. — Só estava com medo.

Adam não morava na Barns, para decepção de Opala. Ele era sempre carinhoso com ela e às vezes mostrava como as coisas funcionavam, e também ela gostaria de sentar no quarto escuro e observá-lo dormir.

Mas em vez disso ele ia e voltava de acordo com uma agenda que ela não conseguia entender. Nas ocasiões em que ele dormia na Barns, a maior parte das vezes era durante o dia, quando Opala tinha certeza de que seria pega espiando. Ela tinha de se contentar com cenas roubadas de relance através de portas entreabertas, visões estreitas de alguns centímetros de colchas e lençóis empilhados como nuvens de tempestade, Adam e às vezes Ronan deitados no meio deles.

Desde que o tempo esquentara, o carro de Adam estava parado na frente da casa. Diferentemente do carro de Ronan, ele repousava sobre blocos em vez de rodas, e Adam passava bastante tempo debaixo dele ou debruçado sobre o capô. Opala compreendeu que o carro de Adam deveria ser mais como o de Ronan, mas havia algo errado com ele que se chamava *calhambeque.* Ronan seguia oferecendo sonhar uma cura para o calhambeque, mas Adam insistia que consertaria "do jeito certo". Parecia um longo processo, de maneira que o carro de Ronan estava sempre ausente, pois Adam o usava em suas idas e vindas misteriosas. Às vezes Ronan partia com Adam, e eles não diziam para Opala quando voltariam porque não sabiam, eles voltariam quando fosse a hora, só estavam indo dar uma volta, não toque em nada no celeiro grande e tente pelo amor de Deus não cavar mais buracos no jardim da frente.

O celeiro grande não era o maior celeiro nos campos ondulantes secretos que se estendiam em torno da velha casa da fazenda, mas era o maior na largura. Ele era cercado por um matagal rasteiro tão áspero quanto os pelos que cobriam as pernas de Opala, e também por vacas que estavam sempre deitadas, mas nunca mortas. (Às vezes ela subia em seus lombos largos e quentes e fingia estar cavalgando em direção a uma batalha, mas elas eram tão divertidas quanto as pedras que irrompiam no campo mais próximo da mata.) Era ali que Ronan mantinha todo o seu *trabalho do momento* — que era a maneira como ele chamava dormir quando não deixava ninguém se aproximar. Ronan estava sempre dizendo para Opala não interferir nas coisas que havia dentro do celeiro grande, mas não havia perigo de ela fazer isso. Ela podia ouvir que o celeiro grande estava cheio de coisas de sonho e tinha medo.

Coisas de sonho sempre soavam como um sonho, que soava como a linha ley, que soava um pouco como o murmúrio elétrico que se ouvia

debaixo de cabos de alta tensão, que soava como quando você entrava em um quarto e a televisão estava ligada, mas sem som. Era também um pouco como o zunido dentro dela que Opala podia meio que ouvir-sentir quando estava deitada tranquilamente na grama sem dormir. Coisas de sonho podiam ser objetos, como aqueles deixados para trás pelo pai de Ronan nos galpões, mas também podiam ser coisas vivas, como o veado que Ronan tinha sonhado, ou como a própria Opala.

Ronan também soava um pouco com uma coisa de sonho, mas não era exatamente o mesmo que as criaturas de sonho. Ele tinha uma animalidade em si, como Adam e o homem da UPS e as mulheres que vinham e comiam pão na mesa da sala de jantar enquanto deslizavam cartas de tarô em círculos, e o homem que uma vez dirigiu até a entrada de carros enquanto Adam e Ronan não estavam em casa, mas então deu ré e foi embora. Ronan era a única pessoa que Opala já conhecera que tinha tanto a animalidade quanto o ruído indistinto das coisas de sonho. Em um primeiro momento ela achou que isso era só porque ela não conhecia muita gente, porém mais tarde Opala percebeu que essa era parte da razão de Ronan também ser um segredo de certa forma. Opala tinha achado que esse ruído de coisa de sonho dele chamaria a atenção das pessoas, mas ninguém exceto ela e Adam parecia ouvi-lo. Adam era só animalidade, nada de sonho, mas mesmo assim parecia sintonizá-lo.

Eu ainda consigo sentir a linha ley — Adam havia explicado para as mulheres com o pão quando elas vieram uma noite. Opala estava brincando de um jogo chamado “esconda os cascos” e estava vencendo, ao ficar de pé dentro de um pote de farinha vazio posicionado no vão da porta da cozinha. — Eu achava que não seria mais capaz de senti-la, agora que não estou mais preso à linha.

Eu nunca estive presa a ela — respondeu uma das mulheres — e sempre a senti.

Mas você é médium.

Exatamente.

Adam disse estas palavras tão cuidadosamente quanto elas arrumavam as cartas na mesa:

E *eu* sou?

É claro — uma delas retrucou. — Você achou que tinha perdido tudo quando Cabeswater morreu?

Sim — Adam sussurrou, e Opala sentiu um ímpeto de amor por ele. Ela o amava mais quando ele estava triste ou muito sério ou muito alegre. Algo a respeito de sua voz embargada a enchia de sentimento, e algo a respeito do vazio na expressão de Adam quando ele estava pensando profundamente dava a Opala a sensação de estar olhando para um sonho sem nada de ruim, e algo sobre quando Ronan o fazia rir tanto que ele não conseguia parar a levava a amá-lo tanto que Opala se sentia triste porque um dia ele ficaria velho e morreria, pois era isso que as coisas com animalidade faziam.

Às vezes Adam ia junto quando ela estava mexendo nos celeiros e abrigos, e os dois examinavam ancinhos e motores enferrujados e sacos antigos de ração para o gado. Opala procurava tesouros que fossem bons para comer ou bons para olhar, mas Adam procurava coisas de sonho. Opala se sentia ao mesmo tempo fascinada e aterrorizada por essas caçadas. Ela não conseguia parar de remexer as pilhas de tralhas, sabendo que poderia encontrar uma coisa de sonho por acaso. Quando encontrava, ela se afastava com uma emoção deliciosa de medo a impulsionar seu coração. Não é que essas coisas fossem perigosas. Embora às vezes fossem — Opala havia encontrado uma chaminha ardendo eternamente debaixo de um trator velho em um dos celeiros, e descobriu da pior maneira possível que aquilo era bem quente se você apertasse com força. A questão é que aquele zunido de sonho era certo demais. Parecido demais com ela, de alguma forma, verdadeiro demais, grande demais. Ele lembrava Opala tanto dos sonhos de onde ela tinha vindo quanto dos pesadelos que quase haviam matado Ronan. Ele a lembrava de ter sido quase desfeita, um desfazimento negro escoando de seus ouvidos.

Mas o ruído chamava por Opala. As coisas no celeiro grande especialmente, onde Ronan fazia novas coisas de sonho. O zunido desses projetos a atraía de maneira mais persuasiva que qualquer uma das coisas que o pai dele havia sonhado. Ela não gostava desse desejo-medo dúbio. A maior parte de Opala não queria ter *nada* a ver com sonhos, e ela se ressentia daquela outra parte, muito menor, a parte que se lembrava de onde ela tinha vindo e parecia querer ter *tudo* a ver com sonhos.

Ronan havia dito a ela em que estava trabalhando no celeiro grande. Ele estava criando um novo lugar de sonho, como Cabeswater, como o lugar de onde ela tinha vindo, ela se lembrava? Sim, Opala se lembrava das árvores, as árvores temerosas, e se lembrava dos horrores noturnos, e se lembrava do chão negro e sangrento.

Não como era no fim — ele disse irritado, como se Cabeswater tivesse sido melhor antes de seus momentos finais. Ele sempre estava morrendo em seus sonhos, ou tendo pedaços de si arrancados, ou encarando bandidos sem rosto armados. Bombas nucleares explodiam em suas mãos e peixes irrompiam de janelas para arruinar sofás e uma miríade de corpos aparecia em uma miríade de garagens. Nem todos os sonhos de Ronan eram terríveis, mas isso os tornava coletivamente piores, não melhores. Opala nunca estava preparada para quando as coisas dessem errado. Ela tinha simplesmente de temer o tempo todo.

Ah, não faça essa cara, tampinha. Não vou fazer você viver lá. De qualquer forma, talvez você goste — disse Ronan.

Opala não iria gostar. Ela não iria para lá.

Ronan e Adam passavam mais tempo do que Opala gostaria discutindo essa nova Cabeswater. Era difícil ser um sonhador sem esse lugar, ao que parecia, pois a velha Cabeswater havia focado os sonhos de Ronan e melhorado o controle e o poder da linha ley, garantindo que ele sonhasse o que queria sonhar, em vez de algo que ele chamava de *observação noturna inútil de umbigo*. A linha ley era a parte que mais interessava a Adam, fazendo-o usar palavras com arestas, como *condutores* e *eficiência* e *análogos*. Ronan estava mais interessado em fazer chover. Ele estava muito preocupado com o conceito de ter uma área na nova Cabeswater onde sempre houvesse aquele tipo de chuva que faz você se sentir feliz e triste ao mesmo tempo, e também estava interessado em ter uma área que não fosse uma merda. Ele parecia considerar isso seu dever fundamental: sonhar algo que não fosse uma merda. Embora Opala achasse que Ronan era bom em sonhar — afinal de contas ele havia sonhado Opala, e ela era incrível —, ele reclamava muito disso.

Não consigo ter tudo na cabeça ao mesmo tempo — ele tinha dito uma vez. — Como eu quero que seja. Não consigo criar um lugar novo sem o velho para ajudar a me concentrar. Qual é a expressão para isso?

Autossabotagem — Adam respondeu.

Vai se foder. Beco sem saída. É isso que eu quero dizer.

Você sonhou com a primeira Cabeswater sem uma Cabeswater.

Eu só preciso que não seja uma merda.

Eu acho que existem parâmetros mais úteis. Como a quantidade de carga de sonho que o lugar pode concentrar para você *versus* a quantidade de atenção que ele atrai.

Bem pensado, Parrish. Nós precisamos sonhar um carro novo para você, afinal de contas.

Opala, ouvindo escondida, não estava seguindo bem a ideia central da conversa — ela ainda era melhor na velha linguagem de sonho que o Ronan desperto jamais falava —, mas podia dizer que Adam gostava quando Ronan falava daquele jeito. Às vezes eles paravam de falar e começavam a se beijar, e Opala espiava isso também. Sua capacidade para o voyeurismo era ilimitada e incorrigível. Eles sempre se juntavam em momentos surpreendentes, indo do relaxado ao urgente no espaço de umas poucas respirações. Ela os observava se beijando loucamente dentro do carro e se agarrando na lavanderia e Adam abrindo o cinto de Ronan e deslizando a mão na pele dele. Com curiosidade intelectual, Opala observava costelas e quadris e braços e pernas e costas. Não sentia desejo, pois Ronan não sonhara nada disso para ela, mas também não sentia vergonha, pois ele tampouco havia sonhado isso para ela.

A única coisa que a havia feito desviar o olhar foi quando Adam encontrou Ronan uma vez no corredor do segundo andar. Ronan estava parado na frente do antigo quarto de seus pais, em uma mão uma fita cassete, a outra cerrada em punho, e ele estava lá fazia já alguns minutos quando Adam subiu a escada. Adam pegou a fita da mão de Ronan, soltando os dedos de Ronan e colocando os seus entre os dele. Por um momento Opala, escondida, achou que os dois fossem se beijar. Mas, em vez disso, Ronan pressionou o rosto no pescoço de Adam, e Adam colocou a cabeça sobre a de Ronan, e eles não se mexeram por um longo tempo. Algo a respeito disso fez Opala arder tão furiosamente que não conseguiu olhar para a cena por nem mais um segundo. Ela os deixou ali com um ruído de maneira que eles soubessem que ela estava observando. Então saiu para explorar a mata.

Opala vinha fazendo isso cada vez mais desde que fora tirada dos sonhos. Ela chamava esses dias de exploração de dias animais. Dias animais em um mundo animal. Diferentemente de um sonho, o mundo animal era estrito. Ela gostava disso. O mundo animal tinha regras rígidas, e, uma vez que você aprendesse essas regras, ele era muito menos surpreendente que um sonho, que podia mudar a qualquer momento. No mundo animal, as pessoas não podiam subitamente voar. Rostos não giravam para trás de crânios sem aviso. Os campos em torno da Barns jamais mudavam para uma pradaria estranha ou um shopping antes que você pudesse chegar à garagem. Carros nunca viravam bicicletas. Arco-íris não saíam de caixas de cereal, e torneiras nunca jorravam lava. Coisas mortas jamais ressuscitavam. O tempo seguia em uma linha reta tediosa e agradável. Essas eram as regras que mantinham o mundo animal pequeno e administrável.

Isso deveria ter tornado o mundo animal mais enfadonho, só que, em vez disso, Opala se sentia mais corajosa dentro dele. Ela ia cada vez mais longe da casa da fazenda semana após semana. Nem sempre voltava quando o sol se punha. Não; ela cavava buracos nos campos e se deitava neles ou fazia para si ninhos de almofadas roubadas de móveis do jardim. Dessa maneira, Opala expandia continuamente seu território sem se perder, às vezes chegando ao limite mais distante da mata, onde havia um lugar que cheirava a gasolina. Ela gostava bastante desse lugar. Gostava de observar o que as pessoas faziam quando achavam que não estavam sendo observadas. Às vezes elas apertavam o botão da gasolina premium e observavam a contagem dos números na tela. Às vezes limpavam o para-brisa com um líquido cheiroso que ela tinha vontade de beber. Às vezes ficavam sentadas em seus carros chorando baixinho. Era o que ela mais gostava de ver, pois era algo raro, e Opala se deu conta de que adorava coisas raras.

Às vezes, tarde da noite, quando ela se arriscava a roubar um gole das latas de sabão de para-brisas, uma pessoa ia até a porta do prédio e gritava "O que, o que é aquilo?", e ela tinha de se mandar para trás do prédio, rastejando e saltando em meio às latas de lixo. Em noites como essas, Opala corria todo o caminho de volta até a Barns com o coração batendo desordenado, pois ela deveria ser um segredo e se tornava um pouco menos secreta do que era apenas instantes antes.

Ser vista desse jeito também a lembrava de que ela havia quebrado as regras do mundo animal. Fora dos sonhos, não havia garotas com pernas peludas e cascos (embora Opala achasse que deveria haver, pois ambos eram muito práticos para andar na vegetação rasteira). Por causa disso ela era um segredo, e para sempre deveria ser um segredo.

Ela se amuou com isso. Opala rasgou uma pilha de revistas antigas sobre carros na sala de estar e sentou sobre a ruína delas, e, quando Ronan chegou em casa e perguntou *que diabos há de errado com você, sério*, ela disse que estava cansada de ser um segredo.

Não estamos todos?! — ele disse.

Então Ronan a fez limpar todo o papel úmido e grudento e em seguida a obrigou a passar um pano no chão, pois parte da tinta de impressão havia passado para a madeira por causa do cuspe dela, e então a fez levar o lixo para fora *mais* o lixo da cozinha sem nem deixá-la remexer nele primeiro. Quando Opala finalmente terminou e estava brava em vez de entediada, ele disse:

Eu sei que você está entediada. Quando eu sonhar a nova Cabeswater, vai ser um lugar bem maior e mais legal para você brincar. Não vai ser como simplesmente ficar por aqui.

O coração de Opala saiu como um sapo pela garganta e escapou pelo corredor. Ela balançou a cabeça e depois de novo, e então, como ele não disse nada, balançou um pouco mais.

Talvez você mude de ideia — disse Ronan. Opala balançou a cabeça ainda mais.

A sua cabeça vai acabar caindo do pescoço e a culpa vai ser só sua.

Isso fez o coração de Opala correr para ainda mais longe antes que ela se lembrasse de que, pelas regras do mundo animal, a cabeça dela não poderia simplesmente cair do pescoço.

As coisas só vão ficar mais chatas. Nós nem sempre vamos estar por aqui, especialmente no fim do ano — acrescentou Ronan. — Não fique aí me encarando. Sabe de uma coisa? Vá lá para fora e cave um buraco ou algo assim. E fique longe do celeiro grande.

Opala não ia entrar no celeiro grande. E não ia mudar de ideia. E nem sempre era chato na Barns.

Na realidade, teve um dia que não foi nem um pouco chato. Ronan e Adam saíram juntos no carro de Ronan, e uma mulher que

Opala nunca tinha visto apareceu na casa. Ela tinha cabelos escuros e pele clara com olhos azul-claros furiosos que Opala em um primeiro momento achou que fossem brancos, exceto pelas pupilas. Ronan não estava lá para dizer a Opala que não havia problema se a visitante a visse, então ela se escondeu e observou a mulher caminhar furtivamente pela névoa até a porta dos fundos. A estranha forçou a maçaneta, que balançou a cabeça dizendo não, mas então ela abriu a bolsa e fez outra coisa com a maçaneta e a porta disse sim e se abriu para ela.

A mulher entrou na casa e Opala se apressou em segui-la. Ela não conseguia caminhar tão rápido quanto queria, pois cascos faziam barulho no chão de madeira, então teve de se ajoelhar e engatinhar. Para sua surpresa, assim que se aproximou, ela pôde sentir que tinha algo de sonho na mulher. Ela não era completamente de sonho — na realidade, parecia ser bem pouco. Na maior parte ela era animal. Era a primeira pessoa que Opala havia encontrado, além de Ronan, que compartilhava dos dois.

A mulher se demorou caminhando pelos corredores, olhando as fotografias nas paredes e abrindo gavetas. Parou na frente do computador em que Ronan vinha fazendo grande parte de seu trabalho ultimamente, quando não estava dirigindo o carro em círculos amplos enlameados no campo nos fundos da fazenda. A mulher clicou o mouse várias vezes e então folheou o caderno cheio da escrita de Ronan que ele usava como apoio para o mouse. Opala não sabia o que estava escrito ali, pois não havia aprendido a ler e não estava interessada, mas a mulher parecia muito interessada. Ela se demorou ali antes de seguir para o quarto ao lado.

Opala estava tomada da ansiedade de sentir que deveria impedir a mulher de andar por ali, mas também da ansiedade de saber que não devia ser vista. Ela desejou que Ronan e Adam voltassem, mas eles não voltaram. A mulher foi até o quarto de Aurora, onde Opala não tinha permissão para comer nada, e abriu todas as gavetas e olhou em todas as caixas. Para alívio de Opala, a mulher não comeu nada, só sentou na beira da cama e olhou para o retrato emoldurado dos pais de Ronan por um longo tempo. O rosto dela não parecia exibir expressão alguma, mas por fim ela disse para o retrato:

Malditos sejam.

Esse era um xingamento que Opala não devia dizer (mas às vezes dizia para as vacas adormecidas, em um sussurro, para ver se o choque as despertava). Então a mulher deixou a casa da fazenda e começou a explorar a garagem e os outros galpões.

À medida que ela se aproximava do celeiro grande, a ansiedade de Opala rosnava cada vez mais alto. Ronan não estava em casa para impedir que a mulher tocasse ou pegasse ou comesse o que quer que ele tivesse feito no celeiro grande, e, mesmo que Opala fosse forte o suficiente para detê-la, ela deveria ser um segredo. A mulher avançou a passos largos pela relva úmida até o celeiro grande, zunindo com suas próprias coisas de sonho, e Opala arrancou nervosamente punhados de grama do chão, em guerra consigo mesma. Ela sussurrou para Ronan e Adam voltarem, mas nenhum dos dois voltou.

Pela primeira vez na vida, Opala estava furiosa por estar no mundo animal em vez de no mundo de sonho. Nos sonhos, Ronan estava sempre se metendo em encrencas, e, embora ele morresse frequentemente, tão frequentemente quanto Opala o salvava, porque ela era uma coisa de sonho incrível e um psicopompo (que é o nome adequado para uma coisa de sonho incrível). Como psicopompo, às vezes ela podia modificar o sonho, ou convencer Cabeswater a intervir em favor de Ronan. Mesmo se o sonho ruim fosse intenso demais para Opala modificar, ela ainda podia resgatar Ronan do perigo obrigando as coisas nos sonhos a fazerem coisas que elas não teriam pensado em fazer sozinhas. Ela podia transformar uma pedra em cobra e jogá-la em um monstro, ou tirar uma espada de um punhado de terra, ou fazer uma jangada da tristeza de Ronan quando ele estivesse se afogando na areia movediça. Não havia regras nos sonhos, então você podia tentar qualquer coisa.

Mas o mundo animal era cheio de regras, e todas elas tornavam as coisas menores e mais previsíveis. Opala não tinha poder aqui.

A mulher tentou convencer a maçaneta do celeiro grande a dizer sim para ela, mas essa porta não concordou com ela tão facilmente quanto a da casa da fazenda. Ronan havia projetado um objeto de sonho do outro lado para que a porta dissesse não para o maior número possível de pessoas, não importava o que elas trouxessem na bolsa. Mas essa mulher tinha em si tanto uma coisa de sonho quanto um traço animal, bem como Ronan, e

Opala não sabia se isso significava que ela conseguiria entrar uma hora ou outra.

Se pelo menos fosse um sonho, ela poderia puxar a ponta do campo e sacudi-lo como um tapete. Ela poderia gritar para a mulher ficar cega. Ela poderia bater palmas até que um buraco aparecesse para ela cair dentro.

Mas as *regras*. Mas espere.

Em um momento de súbita inspiração, Opala se deu conta de que tinha uma maneira de mudar os sonhos de Ronan no mundo animal. Ela correu para a mata e pegou todos os veados, corças, texugos e raposas de Ronan, todos eles zunindo e cantando como a linha ley aos ouvidos de Opala, e então os guiou pelo campo. Eles galoparam, corcovearam e desceram até o celeiro grande. Não era fácil guiá-los. Quando eles saíam da fila, Opala tinha de morder os tornozelos dos animais maiores e chutar as raposas e os coelhos. Todos faziam um enorme alarido. A mulher ergueu a cabeça a tempo de ver que seria morta — Opala não tinha a intenção de matá-la, é claro, embora a caminho ela tivesse se dado conta de que era uma possibilidade, e, se acontecesse, Opala já havia decidido onde enterrar a mulher de maneira que as flores selvagens cobrissem o buraco. Com uma corrida desajeitada e sem prática, a mulher voltou para a entrada da casa e bateu a porta do carro bem a tempo para que os animais menores se jogassem sobre o capô e se dispersassem.

Opala se sentiu um tanto ofegante à medida que a ansiedade a deixava, lentamente substituída por uma sensação de vitória. Ela tinha conseguido. Ela realmente tinha conseguido.

Mas então, terrivelmente, a mulher ergueu o olhar atrás do volante do carro.

Aquele não era um dia de sonho. Era um dia animal. Isso significava que ninguém acordava quando a vitória era conquistada. O sonho não desaparecia, o cenário não mudava, a cortina não caía. A mulher ainda estava ali, e as criaturas ainda estavam ali, e Opala ainda estava ali, e assim, quando a mulher ergueu o olhar, foi bem a tempo de mirar Opala nos olhos enquanto ela estava parada em meio ao rebanho. Havia começado a chover um pouco, o tipo de chuva que fazia você se sentir feliz e triste ao mesmo tempo, um misto de garoa rápida e luz prateada em movimento. Opala havia perdido uma das botas na correria, e, embora suas

pernas peludas estivessem na maior parte escondidas pela relva e pela bota restante, mesmo assim ela sentiu a alfinetada de que a mulher estava olhando para ela e vendo as coisas de sonho dentro dela também. Isso era tão contra a regra, a regra de ser um segredo, que Opala não conseguiu se mexer, apenas mostrar os dentes maldosamente para a mulher.

A mulher arrancou com o carro e foi embora.

Opala jamais contou a Ronan e Adam sobre ela. Era humilhação demais admitir que tinha sido vista. Já fazia bastante tempo desde a última vez que havia sido punida.



Por superstição, Opala começou a sair para explorar nos dias em que Ronan e Adam não estavam na fazenda. Se não ficasse em casa para ver, ela achava, nenhuma mulher estranha voltaria, e ela não teria de decidir se deveria ou não intervir. Tão logo as portas do carro se fechavam e o som do motor morria, ela saía. Às vezes Opala saía para explorar mesmo com Ronan em casa, se ele estivesse trancado no celeiro grande, onde ela não conseguia vê-lo.

Ela saiu para explorar primeiro o lugar com cheiro de gasolina, mas, depois de um tempo, Opala percebeu que o apelo passou assim que ela aprendeu as regras de lá. Toda a mesmice se tornou chata, e assim ela começou a ir cada vez mais longe, perto do limite da mata. Lá ela encontrou uma nova coisa favorita para observar, que era um banco junto a um córrego. Era um bom córrego, com margens agudas, água escura e uma corrente interessante. A relva e o musgo cresciam até juntinho da água, e às vezes aparecia um peixe ou uma sacola plástica flutuando de um jeito pitoresco no córrego, e o banco havia sido colocado em uma curva, onde a água às vezes corria branca e espumosa. O banco era ocupado por pessoas diferentes em momentos diferentes e eram todas legais. Mas a favorita mesmo de Opala era uma pessoa que voltava repetidas vezes, sempre no mesmo horário do dia, exceto quando chovia. Era uma mulher fofa em forma de nuvem com um cabelo fofo cor de nuvem, e ela sempre vinha para o banco trazendo um livro e comida. Nunca era o mesmo livro. Eram

sempre grossos e com o formato de tijolo, e as capas sempre traziam a imagem de homens que pareciam não ter camisa ou outras posses. Às vezes tudo que eles pareciam ter era outro homem, ou às vezes uma moça, ou às vezes ambos, que eles abraçavam bem forte. A comida também nunca era a mesma. Às vezes eram coisas que faziam um ruído crocante, curto e rápido, e às vezes o ruído lembrava um cacarejar suave, e às vezes eram coisas que não faziam ruído algum, fora o "ahh" satisfeito da mulher nuvem após ela ter terminado de comer. Opala gostava de observar as comidas e os livros e a satisfação da mulher nuvem com ambos. Lembrava um pouco um sonho, na maneira como a felicidade dela era tão grande que o sentimento atravessava todo o caminho entre o córrego e onde Opala estava escondida. Era agradável. Era uma cena para onde ela gostava de voltar muitas vezes. Além disso, o banco era perto o suficiente para ela poder retornar à Barns todas as noites sem ter de fazer um ninho, o que era útil, pois chovia quase todas as noites.

Em um dos trajetos de volta após observar a mulher nuvem, Opala encontrou Adam. De maneira chocante, brilhante, ele parecia estar chegando à Barns a pé. As pessoas não chegavam à Barns a pé. Elas chegavam em carros que a deixariam esmagada no chão e não se sentiriam culpadas por isso, então era melhor sair do caminho, de acordo com Ronan. Mas ali estava Adam apenas com suas pernas, aparecendo lentamente através da névoa que descia ondulante pelo túnel escuro de árvores até a estrada. Opala ficou encantada ao vê-lo se deslocar do mesmo jeito que ela. Ela o encontrou a meio caminho da longa entrada de carros e brincou ao seu redor enquanto ele punha um pé na frente do outro e a última luz do entardecer os coloria. Ele não disse nada quando Opala segurou sua mão e então dançou em volta dele para pegar a outra mão.

Ronan pareceu menos empolgado ao descobrir a maneira inventiva de se deslocar de Adam.

Que diabos, Parrish? Eu estava quase saindo para te buscar.

Quem deu carona para você?

Eu vim andando.

Ha ha. — A risada de verdade de Ronan não soava como um *ha ha*, mas essa não era sua risada de verdade. Quando Adam não explicou a piada, ele disse: — Andando. De onde?

Do trabalho. — Adam tinha parado de brincar e em vez disso tirou os sapatos e então as meias antes de sentar à mesa redonda na cozinha.

Do *trabalho*. Que. Diabos. Eu falei que ia te buscar.

Eu precisava andar. — Adam apoiou a cabeça na mesa.

Enquanto Ronan colocava água da pia em um copo e o punha na mesa como se fosse abrir um buraco na madeira, Opala entrou embaixo da mesa para cutucar os pés descalços de Adam. Pernas que terminavam em pés eram estranhas e interessantes para ela. Os pés de Adam eram longos e sem pelos e pareciam vulneráveis. O osso de seus tornozelos se projetava como os ossos do punho, como se seus pés fossem mãos muito estranhas. Ele tinha fiapos da meia escura grudados na pele, e eles saíram como um único fio quando Opala os esfregou.

Não foi o único lugar que você tentou — disse Ronan, continuando uma conversa anterior.

Mas era o que eu mais queria. Opala, *para*.

Ronan enfiou a cabeça debaixo da mesa e cruzou o olhar com o dela.

Pelo amor de Deus. Arrume um pote e vá lá fora pegar vinte vaga-lumes. Não volte até ter pegado os vinte.

Ela foi lá para fora. Havia um monte de vaga-lumes na luz que caía, mas Opala não era boa em mantê-los no pote enquanto pegava novos vaga-lumes, então levou um bom tempo. Não voltou para dentro quando terminou, pois, a essa altura, Adam e Ronan tinham saído da casa — Adam primeiro, de cabeça baixa, caminhando rápido, as mãos enfiadas nos bolsos, os pés ainda descalços, sem olhar para trás, e então Ronan, parando para vestir a jaqueta apressadamente antes de segui-lo. Ronan chamou o nome de Adam duas vezes, mas Adam não se virou nem respondeu, nem mesmo quando Ronan o alcançou.

Os dois subiram em silêncio o caminho de terra na direção de um dos celeiros nos campos mais acima. Mal podiam ser vistos no escuro. As árvores que cercavam o vale já estavam mais escuras que a escuridão.

Talvez eu não consiga ser admitido em nenhuma delas — disse Adam. — Talvez não tenha servido para nada.

Pode ser. Nesse caso você faz uma lista nova.

Você não entende. Eu perderia um semestre, a não ser que eu tentasse entrar ao longo do ano, e isso atrapalharia completamente o auxílio

financeiro. Olha, eu não espero que *você* se importe com isso.

Logo depois de dizer isso, Adam falou em uma voz diferente: — Estou sendo um babaca.

Está. E um reclamão também. Onde estão seus sapatos?

Ainda debaixo da mesa.

Opala, você poderia ir pegar para ele?

Opala não poderia, pois era chato demais voltar para a casa quando eles estavam ali fora emocionantes no escuro. O que ela *poderia* pegar para eles era aquele pote com vinte vaga-lumes, que ela soltou na cara de Adam conforme galopava passando por ele. Ele recuou enquanto Ronan apreciava a cena.

Ela é tão útil — disse Adam. Opala se envaideceu.

Eu sei. Espere um pouco. — Ronan parou para tirar os próprios sapatos e enfiar as meias dentro deles. Deixando-os no caminho, ele continuou ao lado de Adam, os pés descalços combinando. Todas as suas criaturas de sonho estavam lentamente começando a se reunir nos campos, mais som do que algo para ver na escuridão. Opala achava esses animais cada vez mais idiotas. Eram criaturas simples, não tão incríveis quanto ela. Mas, seja como for, Ronan parecia gostar deles. Opala estava um pouco preocupada com o que eles contariam a Ronan sobre a mulher que tinham perseguido, mas então lembrou que as coisas não funcionavam desse jeito no mundo animal. De qualquer forma, quando as criaturas viram que Ronan não tinha balde algum na mão e que Opala estava próxima, se mantiveram distantes, pastando a relva ou remexendo a terra.

Adam e Ronan só pararam de caminhar quando chegaram ao campo bem nos fundos da propriedade. Adam nunca estava lá quando Ronan saía para dirigir em círculos ali e pareceu surpreso ao ver o que Ronan tinha feito com a paisagem. Ele olhou fixamente para a relva amassada e as marcas de pneus enlameadas por um longo tempo, sem dizer nada. Possivelmente estava se sentindo excluído. Opala havia ido com Ronan uma vez quando ele dirigiu no campo, não porque quisesse andar no carro, mas porque não gostava de ser deixada de fora das coisas. A experiência tinha sido turbulenta e ruidosa. O carro reclamou o tempo inteiro, e o aparelho de som cantava junto em chilreios eletrônicos. Ronan havia dito para Opala que ela não tinha mais permissão de ir com ele depois que ela

passara mal atrás do banco do passageiro, mas ela percebeu que não se importava. Preferia ser deixada de fora.

Você vai ser admitido em uma das outras — Ronan disse para Adam finalmente. — Não vai precisar fazer outra lista. Não vai ser o que você imaginou, mas vai ser tão bom quanto.

Me lembre disso depois.

Pode deixar.

Adam parecia um pouco menos chateado. Ele cutucou um torrão de barro com um dos dedos do pé.

A nova Cabeswater vai ter um lugar para fazer isso?

Adam não estava olhando para Ronan, por isso não viu a expressão complicada que passou pelo rosto dele, mas Opala viu.

Vai ter de tudo um pouco — disse Ronan. — Estou vivendo o sonho.

Isso fez Adam rir, e então ele expirou longamente. Parecia bem menos chateado agora. Os dois deram as mãos e tudo ficou menos interessante. Opala esperou para ver se haveria mais vozes elevadas ou discussões sobre a utilidade dela, mas eles seguiram quietos até virar as costas para retornar à casa da fazenda. Então a única coisa que disseram foi como seus pés estavam doloridos e sujos, o que não teria sido um problema se eles tivessem sido feitos com cascos.



O verão chegou. O verão deixava as coisas quentes, e tanto Adam quanto Ronan fediam mais, embora não parecessem notar ou se importar. Ronan começou um incêndio acidental em um dos galpões menores, e, apesar de ter começado com gritos, terminou cheio de alegria e frenesi, com os dois jogando coisas no fogo enquanto a música galopava ao fundo. O carro de Adam deixou os blocos e quase imediatamente retornou a eles. Havia muitos camundongos, que Opala gostava de pegar e ocasionalmente comer. A mulher nuvem continuou a trazer livros e comida para o banco junto ao córrego, e também trouxe uma maleta com tubos que entravam em seu nariz, o que era interessante e fez Opala enfiar coisas no nariz por alguns dias depois que viu aquilo pela primeira vez. Adam pôs para

funcionar de novo uma das velhas escavadeiras da família Lynch e cavou um buraco estrategicamente posicionado em um dos campos. Uma fonte natural começou lentamente a enchê-lo, e uma mangueira artificial terminou o trabalho; os garotos tiravam as roupas e pulavam no corpo d'água nos dias mais quentes. Opala não queria nadar, mas Adam lhe ensinou até ela perder o medo, e então Ronan jogava objetos que boiavam para ela ir buscar, até que ele cansou de ficar à margem. Ele havia sonhado para si um par de asas negras esfarrapadas que não o sustentavam direito e agora as usava como trampolim temporário, deixando-as levantá-lo uns dois metros acima da água antes de largá-lo com um estrondo enlameado. Opala flutuava de costas e batia as pernas, como Adam havia ensinado, enquanto os garotos se seguravam um no outro na água e então se separavam. O calor no ar fazia tudo cheirar e se parecer mais consigo mesmo. Tudo era muito bom.

O verão tinha uma animalidade em si, no entanto, como os seres humanos, e assim ele também morreria um dia.

O fim do verão foi bom e ruim. Bom: Adam inventou um jogo com bola que usava tacos de críquete mas era melhor que críquete, e Ronan jogava com ela às vezes enquanto a fumaça da grelha flutuava e fazia as roupas dele terem um cheiro delicioso. Ruim: Ronan e Adam tinham mais e mais conversas sobre se encontrariam ou não uma cura para o calhambeque antes que Adam partisse no outono e se Adam deveria ou não simplesmente pegar o carro de Ronan. Embora a própria Opala desse sempre suas voltas, ela não gostava da ideia de Adam ir para algum lugar, porque ele poderia ficar velho e morrer antes de voltar. Bom: Ronan passou menos tempo no celeiro grande fazendo coisas de sonho e mais tempo reparando outros galpões, limpando a casa e digitando no computador que a mulher tinha olhado, o que significava que Opala muitas vezes tinha dias inteiros em sua companhia, tendo de compartilhá-lo apenas com a Motosserra, de quem ela se ressentia enormemente e às vezes sonhava acordada em comê-la. Ruim: duas vezes Ronan recebeu uma ligação do seu amigo Gansey e em ambas não disse uma palavra ao telefone, apenas ouviu a tagarelice exaltada do outro lado e soltou rosnados em resposta. Nas duas ocasiões, depois Ronan foi se deitar, uma vez em seu quarto e outra no quarto de Aurora. Da primeira vez ele ficou calado por um longo tempo, e da segunda segurou a fotografia dos pais e

chorou um pouco sem fazer ruído algum. No fim do verão, Opala não conseguia se lembrar da última vez que Ronan estivera no celeiro grande. O ruído das coisas de sonho nele soava diferente, mais arranhado, como ela tinha ouvido havia muito tempo, quando ainda era um sonho.

Uma vez Adam perguntou:

Você vai fazê-lo antes de eu ir embora? E Ronan respondeu:

Não se eu não conseguir chuva.

Adam começou a dizer algo, então apenas falou "Que seja" e deixou o assunto de lado.

Eles saíam mais para longos passeios de carro e Adam ficava na Barns mais do que nunca, mas Opala sabia que isso era somente porque ele estava prestes a ir embora por um longo, longo tempo. Ela andava enfurecida e roubou tudo dos armários da cozinha e enterrou no campo de cima, onde pretendia colocar o corpo da mulher de sonho se fosse necessário. Quando Ronan e Adam voltaram e disseram que aquilo era inaceitável, Opala mordeu Adam e fugiu correndo.

Ela estava tomada por um sentimento tão ruim que não sabia o que fazer. Queria que Ronan e Adam se sentissem tão mal quanto ela. Queria quebrar as regras. Queria quebrar *qualquer coisa*.

O celeiro grande apareceu diante dela, escuro e pesado à noite. Quando foi se desviar dele, Opala se sentiu, como sempre, ao mesmo tempo atraída e repelida pelo que ele continha. Todas as noites antes desta, a repulsão tinha vencido. Esta noite, no entanto, ela pensou na regra de não entrar no celeiro grande e pensou que era uma regra antiga e enorme, e seria uma satisfação e um barulho tremendos desobedecê-la.

Ocorreu a Opala que ela poderia quebrar tudo que encontrasse lá dentro também.

A porta do celeiro grande não diria sim para ela, mas uma janela pequena que não deixaria passar um humano disse, então ela deslizou para dentro.

Ela esperava que estivesse escuro ali, zunindo com a energia de sonhos, mas o ambiente ofuscava com pequenas surpresas de luz enfiadas nos cantos e pairando perto do teto, e qualquer zunido de energia de sonhos era abafado pelos urros de seus pulmões ansiosos e as batidas de cascos de seu coração ansioso.

O chão era de terra. As mesas estavam tomadas de papéis, vidros e instrumentos musicais. Uma obra de arte de que ela não gostou estava encostada contra a parede. Uma porta bem no meio do assoalho se abria para revelar outra porta. Um alçapão fora deixado aberto em pleno ar, e do outro lado havia o céu azul. Metade de um laptop estava amontoada em cima de um telefone do tamanho de um bloco de concreto. Opala não encostou em nada. Agora que as batidas do seu coração estavam um pouco mais tranquilas, o zunido das coisas de sonho se elevou para assumir seu lugar. O medo oscilava dentro dela enquanto Opala andava furtivamente e examinava o celeiro com as mãos nas costas e os cascos se arrastando na terra. Aquilo lembrava demais estar dentro da cabeça de Ronan de novo. Crua, sem forma e sem regras. Caminhar em meio àquelas coisas de sonho era como caminhar por uma lembrança, recordando-se do país conturbado em que ela crescera.

Ela podia dizer que fazia bastante tempo que Ronan não sonhava. Todos aqueles objetos estavam ali havia semanas e semanas. Nada tinha o zunido alto e persistente dos objetos recentemente sonhados. Havia apenas o silêncio monótono de um velho celeiro e, ao fundo, o barulho de água pingando. Ele a atraiu mais que qualquer coisa, e assim Opala abriu caminho silenciosamente em meio às coisas até encontrar sua origem.

Era uma grande caixa de plástico. Ela podia dizer que a caixa em si não era uma coisa de sonho. O conteúdo, sim. Mesmo de longe, o conteúdo parecia feliz e triste, enorme e pequeno, cheio e vazio. Era como o sentimento de felicidade da mulher nuvem no banco, mas multiplicado muitas vezes, e ela sabia que os sentimentos em si eram coisas de sonho. Opala tinha esquecido a intensidade das coisas de sonho. Ela lembrava que elas não se importavam com as regras animais. Mas tinha esquecido quanto elas não se importavam.

Ela não tinha certeza do motivo de ter levantado a tampa. Ela teria pensado que tinha medo demais. Depois pensou que talvez o tivesse feito *por* ter medo demais. Às vezes as ideias ruins eram tão ruins que davam a volta toda até se tornarem boas ideias.

Os dedos de Opala tremiam enquanto ela colocava a tampa de lado. Dentro da caixa estava chovendo.

O gotejar que ela tinha ouvido era o som da chuva se formando sem parar ali dentro, se juntando em grandes gotas nas paredes de plástico da caixa. Ocasionalmente um trovão rugia, grave e distante. A felicidade e a tristeza que Ronan tinha sonhado na chuva passaram sobre ela, e Opala começou a chorar sem nem pensar a respeito. Aquela era a chuva para a nova Cabeswater e estava ali fazia tempo suficiente para que a tampa estivesse recoberta de pó. Ele a possuíra esse tempo todo, portanto a chuva jamais fora a questão que o impedia de sonhar sua nova Cabeswater. Algo mais devia estar impedindo-o. Esse conhecimento deixou Opala mais feliz e mais triste ainda. O sentimento não parou de crescer dentro dela, a tristeza lentamente a deixando para sobrar apenas a felicidade.

Talvez tenha sido isso, além do zunido das coisas de sonho, que a fez sussurrar:

Ori! Si ori!

Fazia bastante tempo que ela não falava a linguagem de sonho e esperava uma resposta.

E o sonho na caixa respondeu. O trovão sussurrou e a chuva sibilou, e toda a água que caía se elevou da caixa. Chovia para dentro da caixa meio metro acima dela, depois um metro, depois dois. Então Opala ergueu as mãos e não disse mais nada na linguagem de sonho, apenas pegou a chuva e a juntou em uma bola porque achou que isso funcionaria. Funcionou. A chuva formou um chumaço como se grudasse, virando um tufo escuro que parecia uma nuvem de temporal.

Opala riu e o jogou para cima e pegou de volta. Quando o tufo bateu contra o teto, expeliu uma rajada de raios que jamais deixaram a nuvem. Ela o pegou com uma ligeira sensação de felicidade e tristeza, então o largou de volta na caixa. Após uma pausa, arrancou um pedacinho do chumaço e guardou no suéter. Não havia problema em roubar um pouco, Opala pensou, pois a maior parte ainda estava lá, e ninguém ficaria sabendo, porque ela não ia contar para ninguém que havia desobedecido à regra de não entrar ali. Ela não ia quebrar as coisas ali. Ia deixar tudo como encontrara.

Seja chuva, está bem? — ela sussurrou para o tufo. A nuvem se dissolveu de volta na chuva feliz e triste de Ronan, e Opala fechou a tampa

sobre ela. Fazia tanto tempo que ela não brincava com nenhuma coisa de sonho.

Opala bateu palmas e virou, os cascos chutando a terra, e então chamou as outras coisas de sonho no celeiro grande.

Papéis bateram asas até ela como se fossem pássaros, e ela pinçou suas asas até eles pegarem fogo, e então pinçou o fogo até ele se tornar papel de novo. Espatifou lâmpadas no chão e varreu os cacos até virarem pães inteiros e então abriu os pães e tirou lâmpadas intactas de dentro deles. Flutuou sobre livros e cantou até que as coisas de sonho cantassem de volta para ela. Brincou e brincou com todas aquelas coisas de sonho, sabendo como levar todas elas a fazerem coisas estranhas, pois ela mesma era uma incrível coisa de sonho e havia esquecido como era maravilhoso um sonho sem nada ruim.

Mais tarde, Adam a encontrou sentada no limite da floresta. Acima deles o sol havia escorregado atrás das árvores e deixado para trás nuvens róseas com a forma de facas. Ele se sentou ao lado dela e juntos os dois olharam para a Barns. Os campos estavam pontilhados com o gado adormecido do pai de Ronan e o gado desperto de Ronan. Os telhados de metal reluziam com frescor, todos eles substituídos pelo esforço renovado de Ronan.

Você acha que está pronta para me dizer onde foi parar toda a louça? — ele perguntou.

Opala tinha punhados de relva em cada mão, mas, não importava o que fizesse com eles, a relva continuava a ser relva. Era isso o que significava estar no mundo animal. Regras eram regras. Ela se sentiu bastante desconfortável, como se todo o medo que não sentira no celeiro grande enquanto estava brincando a houvesse alcançado.

Eu vou voltar — ele disse.

Opala arrancou mais relva, mas se sentiu um pouco menos desconfortável ao ouvi-lo dizer isso.

Eu não quero ir, mas quero... Faz sentido? — ele perguntou. Fazia, especialmente se ela pensasse em como parte da alegria-tristeza das coisas de sonho dela poderia ter passado para Adam por estarem sentados tão próximos. — É que está finalmente começando. Você sabe. A vida.

Opala se recostou nele e ele se recostou nela, então Adam disse:

Meu Deus, que ano. — Ele disse isso com tanta humanidade que o amor de Opala por ele foi demais para ela, e então ela finalmente cedeu e o levou até onde havia enterrado toda a louça.

Que buraco grande — ele disse enquanto olhava para dentro. Era mesmo. Grande o suficiente para enterrar uma pessoa que invadisse a propriedade ou um aparelho de jantar para doze pessoas. — Sabe de uma coisa? Eu pensava que você ficaria maior. Mas acho que você já parou de crescer, não é? É assim que você é.

Sim — Opala respondeu em inglês.

Às vezes o jeito que você é dói pra valer — ele acrescentou, mas ela podia dizer que Adam tinha falado com carinho.

Parecia que tudo ficaria bem.



Mas nada estava bem.

A primeira coisa que deu errado foi a mulher nuvem.

Opala não fora ao banco por vários dias, porque tanto Adam quanto Ronan estavam em casa e ela não queria desperdiçar um minuto quando eles estavam em casa. Mas então Adam foi para o *não acredito que ele não consegue simplesmente fazer o trabalho sozinho tudo bem volto logo* e Ronan começou a trabalhar tediosamente no computador, de maneira que Opala saiu para explorar.

Era a hora errada do dia para a mulher nuvem, tarde demais, mas Opala foi para lá de qualquer forma, pois sentia falta de observá-la. Quando havia trilhado as árvores e chegado ao banco, o ar parecia sombrio e o córrego estava completamente negro, sem traço algum de branco, e soava mais alto que durante o dia. Toda a relva parecia cinza e negra e o musgo também parecia cinza e negro e o banco também parecia cinza e negro. A única coisa que não era cinza e negra estava no chão ao lado do banco. Era branca e nebulosa.

Quando Opala se deu conta de que era a mulher nuvem, gritou na linguagem de sonho antes que pudesse evitar. É que a imagem diante dela

era tão errada que parecia um pesadelo.

Mas não era um pesadelo, era o mundo animal.

Opala hesitou do outro lado da margem por longos minutos, esperando para ver se a mulher nuvem deixaria de ser uma bolha branca ao lado do banco, lembrando a si mesma que ela era um segredo e tinha de permanecer um segredo.

Mas a mulher nuvem seguiu sendo uma bolha branca. Opala chutou o chão com os cascos e então rosnou um pouco. Finalmente saltou sobre o córrego. Avançou lentamente até a mulher nuvem, mas já sabia que não havia motivo para se preocupar em não fazer barulho. Não havia mais animalidade alguma na mulher. Havia só um pouquinho de um cheiro ruim e uma caixa de biscoitos caída ao lado. Opala conferiu se ainda havia biscoitos, mas eles haviam sido todos comidos, embora ela não pudesse dizer se a mulher nuvem os havia comido ou se teriam sido os esquilos.

Ela tocou o cabelo da mulher nuvem, algo que sempre quis fazer, e então tocou os tubos que entravam em seu nariz, e então tocou seu corpo de nuvem. Não era tão macio quanto parecia ao longe. Era bem sólido. Bem real.

Opala começou a chorar, balançando para a frente e para trás ao lado do corpo da mulher nuvem. Ela agarrou o chapéu, puxando-o para baixo sobre os ouvidos e os olhos, e soltou os guinchos penetrantes e estridentes que Ronan havia dito para ela não soltar agora que estava fora dos sonhos. Adam havia dito uma vez que eles eram tão altos que poderiam acordar os mortos, mas eles não conseguiam fazer isso, não quando testados. Este era o mundo animal, e coisas mortas não podiam voltar a viver aqui. Não era como quando Ronan era morto sem parar nos sonhos. A mulher nuvem não iria se reiniciar e reaparecer no banco da próxima vez que Opala viesse.

Opala odiava este pequeno mundo animal e todas as suas regras pequenas e limitantes.

Ela chorou e chorou até que ouviu vozes na mata, vozes se elevando, outros humanos, ainda cheios de animalidade. Atravessou de volta o córrego até seu esconderijo. Opala queria esperar para ver o que aconteceria com o corpo da mulher nuvem, mas sabia que seria mais difícil escapar dali quando os outros estivessem próximos. Não que houvesse muitas opções para o que aconteceria a seguir. Eles talvez

comessem a mulher nuvem ou talvez a levassem embora, mas não fariam o que Opala queria, que era fazer da mulher nuvem um animal de novo.

Então ela se esquivou pelas árvores, chorando e se lamentando em sua cabeça, até estar de volta à Barns. Vaga-lumes passaram piscando enquanto ela abria caminho em meio à relva, mas ela não teve vontade de pegar nenhum deles. Em vez disso, foi direto para a varanda dos fundos e, para sua surpresa, Ronan já estava lá.

Ele não havia acendido a luz e assim parecia simplesmente outro pilar segurando o telhado até ela chegar perto dele. A coisa de sonho nele estava produzindo a mesma estática desagradável das últimas semanas, e seu rosto resplandecia uma luz noturna cinzenta, e Opala não gostava de como ele não se parecia exatamente consigo mesmo, mas não se importou a ponto de não caminhar até ele e abraçar sua perna.

Ronan deixou-a se prender a ele por um minuto, sua mão sobre a cabeça dela, e então disse em uma voz grave:

Opala, você poderia buscar o Adam? Ele está trabalhando no carro dele.

Quando ela não se mexeu, porque o carro de Adam estava logo ali na frente da casa e assim Ronan podia ir ele mesmo buscá-lo, ele repetiu em latim o que tinha dito. Foi estranho, pois ele soou como uma espécie de versão antiga de si mesmo, o tipo dele com quem ela conversaria em um sonho, onde havia coisas que poderiam matar ambos. Mas aquilo não era um sonho; era a varanda dos fundos, com sua tinta carcomida, na casa da fazenda real.

Adam foi buscado. Quando apareceu no canto do jardim, ele disse para Ronan:

Opala não parou de falar na minha cabeça, ou seja lá como você chame isso. Ela não desiste. Você realmente a mandou?

— Parrish — disse Ronan. — Tem... — Ele ergueu os dedos para revelar que estavam manchados de preto, como uma tinta preta. Não, não como uma tinta preta. Como o oposto de uma tinta branca.

O que... — disse Adam.

Opala ouviu o barulho da coisa um segundo depois de vê-la. Era um som que não era um som, um som que sugava o som preciso da linha ley e o cancelava. Era nada e desfazimento, e ela se lembrava dele do pesadelo no outono passado. Era a coisa que quase havia destruído ela e Ronan, um

monstro sem nome real. O medo começou a disparar de seus cascos até suas faces, todo o corpo dela ficando frio e trêmulo.

Você sonhou isso? — perguntou Adam.

Ronan balançou a cabeça, e, quando fez isso, uma baba fina daquele mesmo preto escapou de uma de suas narinas.

Estava saindo dele. A última vez que isso acontecera, havia saído e saído e saído dele enquanto Ronan se retorcia em um carro, e havia saído de Opala enquanto ela se encolhia no mesmo carro. Aquilo estava matando Ronan, de maneira impossível e terrível, como em um sonho, embora ele estivesse acordado. O não som daquilo combinava na mente de Opala com o cheiro do corpo da mulher nuvem. Aquilo era demais e paralisou qualquer pensamento racional dentro dela.

Opala começou a guinchar alto. Motosserra batia as asas e começou a gritar também. Suas vozes se misturaram, inseparáveis e idênticas, e a verdade veio tristemente à tona: que eram ambas coisas de sonho não importava quão animais se sentissem, eram ambas coisas de sonho de Ronan, e a maior parte do que as fazia diferentes não passava de detalhe, e a maior parte do que as fazia iguais morreria se Ronan morresse. Isso era apavorante e grande demais para se conceber como sempre fora, e assim ela não conseguia parar de gritar.

O grito e o medo de Opala eram tão altos que ela não conseguia enxergar ao mesmo tempo, e, assim, foi com confusão que ela se viu do lado de fora sozinha. Foi só quando considerou a memória em retrospecto que ela se lembrou de Adam pegando Ronan bruscamente pelo braço e fechando a porta entre ela e eles.

Motosserra havia sido exilada também e ainda estava choramingando e batendo as asas ridiculamente. Opala foi dar um chute nela (Motosserra sibilou de volta) e então girou a maçaneta.

Opala não havia sido trancada para fora, mas não sabia se queria entrar. Ela não sabia se tinha mais medo *por* ele ou *dele*.

Após uma discussão consigo mesma, ela entrou engatinhando na casa, do mesmo jeito que havia feito quando a mulher invadira o lugar, sobre as mãos e os joelhos, sem fazer barulho, avançando furtivamente pelo corredor. Se estivesse em um sonho, ela teria buscado ficar de certa forma invisível. Opala conseguia fazer isso às vezes. Não havia razão para a

escuridão saindo de Ronan se importar por ela estar visível ou não, mas parecia mais seguro se manter o mais em segredo possível. Motosserra se apressou atrás de Opala, não muito à vontade, mas preferindo ela à solidão e à incerteza. Opala prestou atenção para ouvir as vozes deles até descobrir que estavam na cozinha, então ela e Motosserra se agacharam bem na frente da porta, os dedos dela enganchados como nós no velho assoalho de madeira. Ela podia ouvir claramente a estática no ruído de sonho de Ronan.

Eu não vou se isso não parar — disse Adam, e o coração de Opala explodiu de gratidão. Ela imaginou um outono em que o carro de Adam ficaria sobre os blocos e nada jamais mudaria.

Nem fodendo — respondeu Ronan. — Você vai.

Você deve realmente achar que eu sou um monstro.

Nem comece. Merda. Você poderia...

Meu Deus.

Deus não vai pegar uma toalha para mim.

Adam passou apressado por Opala e Motosserra sem parecer notar as duas encolhidas junto à porta, então passou apressado de volta do mesmo jeito. O ruído de sonho de Ronan aumentou subitamente. Motosserra abriu e fechou o bico e Opala mirou o punho em sua direção para fazê-la ficar quieta.

Por que isso está acontecendo? — perguntou Adam.

Eu estava esperando que você me contasse. — O ruído de sonho de Ronan se distorceu e queimou Opala.

Como *eu* saberia?

Você sabe de tudo.

Não sei... Talvez eu deva ligar para a Rua Fox. — Mas Adam parecia estar em dúvida.

Sim, isso funcionou superbem da última vez.

A felicidade e a tristeza estavam crescendo em Opala, ambas ao mesmo tempo. Agora que não estava gritando, ela sabia o que estava causando o reaparecimento do desfazimento negro. Porque, apesar de preferir no momento ser uma criatura propriamente animal, ela ainda era feita de coisas de sonho. Além disso, ela não era apenas uma coisa de sonho, era uma coisa de sonho incrível, um psicopompo projetado para

salvar Ronan de novo e de novo, desde que ele era um garotinho. Ela sabia como ela própria soava, enquanto coisa de sonho, e sabia como a linha ley soava, enquanto fonte de sonhos, e sabia como Ronan deveria soar enquanto sonhador. Opala sabia essas coisas do jeito que sabia o tempo inteiro que era uma parte dele, a manifestação de uma parte dele. Era essa verdade terrível que a havia atraído para outras coisas como ela e ao mesmo tempo a afastado delas.

Então ela podia salvá-lo agora.

Mas, se ela parasse o presente do derramamento preto, teria um futuro sem Adam. Ele havia dito: se aquilo não parasse, ele não iria embora. Ronan de repente passou a passos largos por ela e Motosserra, tomado por tamanho propósito apressado que tanto ela quanto o pássaro recuaram. Mas ele não parou, apenas abriu a porta da frente e saiu da casa. Adam, Opala e Motosserra, todos se apressaram em segui-lo. Os três pararam sob a luz obscura e amigável da varanda e observaram Ronan. Ele não estava na varanda. Estava ao lado de seu carro, que estava sobre as quatro rodas ao lado do carro de Adam, que estava sobre os blocos. Ronan tinha todas as portas do carro abertas. A luzinha interior parecia um único olho brilhante de algum tipo de criatura, e ela piscava às vezes enquanto Ronan passava de lá para cá na frente dela. Ele estava colhendo o lixo do carro, o que fazia muito raramente — com mais frequência era Opala quem tinha de fazer isso como punição —, e colocando os papéis e embalagens em uma sacola. Opala não compreendia por que ele estava fazendo isso com tamanha determinação. Ele jamais comia a colheita de lixo. Certamente ele não podia acreditar de fato que a colheita de lixo o ajudaria com o desfazimento. Mas ele continuava a puxar grandes punhados de papel pelas raízes antes de enfiá-los em uma sacola de supermercado.

Por favor, Lynch — disse Adam.

Ronan capturou um recibo que dançava e girava pela entrada de carros. Eles eram deliciosos, mas às vezes as bordas cortavam os cantos dos lábios de Opala se ela os colocasse na boca do jeito errado. Ele o enfiou na sacola.

Às vezes eu nem sei se sou uma coisa real. Por que não existe mais ninguém como eu?

O seu pai. Kavinsky.

Estou falando de pessoas vivas. A não ser que a moral da história seja que somos todos bons em estar mortos.

Ronan. Que diabos você está fazendo?

Ronan colocou uma garrafa de refrigerante na sacola.

O que você acha? Limpando o carro antes de você o pegar. Eu só quero que você vá, hoje à noite.

Adam riu, mas era uma risada que soava como socar o ar.

Parece que você quer isso. É como se uma parte de você sempre quisesse isso.

Ronan passou a remexer no porta-malas, que era uma parte do carro em que Opala havia sido proibida de colher qualquer coisa. Ela havia tentado adivinhar o que poderia haver lá dentro, se empolgando com as opções mais aterrorizantes e terríveis (a sua favorita era que havia outra Opala ali dentro). Ela não conseguia ver o que havia no porta-malas agora, mas o que quer que fosse estava fazendo um ruído como um tagarelar metálico.

Isso não é verdade.

É como se você não se importasse se acontecesse, então. É como se você nunca tivesse medo.

O ruído no porta-malas parou. Ronan disse:

Você já sabia que aquela parte de mim foi pro espaço há muito tempo, Parrish, e isso não vai mudar tão cedo.

Adam cruzou os braços. Ele estava ficando muito incomodado, e o coração de Opala estava explodindo de amor por ele, e, quando ela se segurou nele, ele não a afastou.

Bom, eu não concordo com isso.

Sorte sua que pelo visto isso não vai ter importância. — Ronan jogou as chaves do carro na direção da varanda da frente. Elas bateram com estrépito contra o degrau mais alto, onde ficaram. Ronan estava frequentemente perdendo as chaves do carro ao colocá-las em lugares idiotas, e Opala pensou que esse era mais um lugar idiota, pois ninguém pensaria em procurar as chaves na escada da varanda da frente.

Adam deu as costas e ficou olhando para a porta da frente como se fosse a coisa mais interessante. Não era, então Opala virou para Ronan, que afundou no banco do passageiro do carro e deixou a sacola da colheita no chão. O líquido preto escorria de seus ouvidos e encharcava o

colarinho, e entre os lábios entreabertos seus dentes estavam cobertos dele.

Ambos cheiravam a muito medo, mas nenhum dos dois disse mais nada. O carro estava ecoando a primeira nota de uma canção, sem jamais seguir adiante.

Opala não conseguia suportar isso. Ela gritou:

Kerah! Kerah! Kerah!

Ela foi até ele ruidosamente, os cascos chutando o cascalho. Ronan virou o rosto para o outro lado, mas Opala já vira todo o desfazimento que ele estava tentando esconder dela.

Agora não — Ronan disse a ela. — Por favor.

Mas havia apenas o agora. Aquilo não era um sonho em que Ronan reiniciaria e sonharia de novo, não importava o que acontecesse. Aquele era o mundo animal, onde a mulher nuvem morreu e continuou morta. E Adam, que conseguia solucionar muitas coisas com soluções animais, jamais consertaria essa. Era um problema de sonho.

O que significava que tinha de ser Opala.

Sonhe — ela disse para ele. Ela não gostava de olhar para ele do jeito que ele estava agora, com um líquido preto nos dentes e saindo dos olhos e ouvidos, mas já o tinha visto em situação pior em um sonho antes. Opala se sentou na entrada de carros de frente para Ronan.

Ele ainda não olhava para ela.

Sonhe — ela disse de novo.

Quando ele não respondeu, Opala enfiou a mão no suéter. Ela não gostava de fazer isso, porque não queria ser punida. Ela seria punida por entrar no celeiro grande quando não deveria, mas, se tivesse de escolher — e Opala estava sendo forçada a isso —, preferiria ser punida a ver Ronan morrer para sempre e depois ela mesma.

Ela tirou o chumacinho da nuvem de chuva que tinha roubado do celeiro grande. Opala o apertou algumas vezes até que ele virou chuva de novo, então ergueu a palma da mão aberta na frente dele para que as gotas escorressem por sua pele.

Felicidade e tristeza os lavaram enquanto um trovão ressoava em seus ouvidos.

Os degraus rangeram quando Adam veio se juntar a eles. Ele se agachou ao lado de Opala.

Achei que você tinha dito que não conseguia fazer chuva. Achei que essa era a razão pela qual você não tinha feito o lugar ainda.

Eu consigo — respondeu Ronan, taciturno.

Não entendo, então.

Sonhe — disse Opala com urgência. Ela estava incomodada que eles não estivessem aceitando instantaneamente sua solução.

Ronan secou o rosto no ombro. Isso só deixou os dois sujos.

Não consigo fazer uma Cabeswater tão boa quanto a outra.

Opala estava tão brava que pegou a sacola da colheita de Ronan e a jogou longe. Metade do conteúdo escapou agradecidamente e voou pelo jardim antes de ser parado pela relva. Ele jamais tentava conversar enquanto morria nos sonhos.

Sonhe!

Foi por isso que você parou? — Então Adam parecia ter juntado as peças, do jeito que ele sempre parecia saber quando algo era uma coisa de sonho, e virou para Opala. — Essa é a razão para isso estar acontecendo, não é?

Vos pot... — ela começou, então se corrigiu: — Você não pode parar de sonhar. Sonhadores *sonham*. Ou então isso.

Não — disse Ronan. — Não, eu já parei antes.

Por tanto tempo? De propósito? Nada sonhado acidentalmente? Está acontecendo o verão inteiro, não é? Quando foi a última vez que você sonhou algo? — perguntou Adam.

Era um pensamento complicado demais para transmitir em inglês, mas Opala pensou consigo mesma que não importava por quanto tempo, de qualquer maneira. O tempo de sonho não funcionava do mesmo jeito que o tempo animal, ela havia descoberto, e então, diferentemente do tempo animal, com suas regras absolutas e marcha de soldados em frente, o tempo de sonho podia simplesmente terminar se parecesse que era isso que ele deveria fazer.

Tudo isso porque você estava tentando fazer a nova Cabeswater perfeita? — perguntou Adam.

Ronan se inclinou sobre o console do carro e pegou a porta do motorista. Ele a fechou com uma batida e o ruído do carro finalmente parou.

Qual o sentido de fazer de outra forma?

Lembra o que você me disse perto do seu lamaçal? Eu pedi para você me lembrar. “Não vai ser o que você imaginou, mas vai ser tão bom quanto.”

Ronan suspirou. Ele fechou os olhos.

Gostei mais disso na hora em que falei.

Aposto que sim.

Eu devo sonhar algo neste instante?

Opala ficou contente por ver que ele estava lentamente virando seu barco na direção da costa de soluções. Ela pegou a mão de Ronan e a agitou.

Sim.

Sem abrir os olhos, Ronan perguntou:

O que eu vou sonhar?

O alívio de Adam choveu da nuvem de sua voz:

Sonhe um conserto para o calhambeque, para que eu possa ir e para que eu possa voltar. E depois sonhe uma nova Cabeswater. Não precisa ser como a outra. Apenas tão boa quanto você conseguir.

A felicidade e a tristeza aumentaram em Opala, embora ela tivesse esquecido onde colocara o pedacinho de chuva que havia roubado. Talvez tenha sido apenas sua própria felicidade e tristeza a respeito de as coisas estarem indo bem e mal ao mesmo tempo, a respeito de

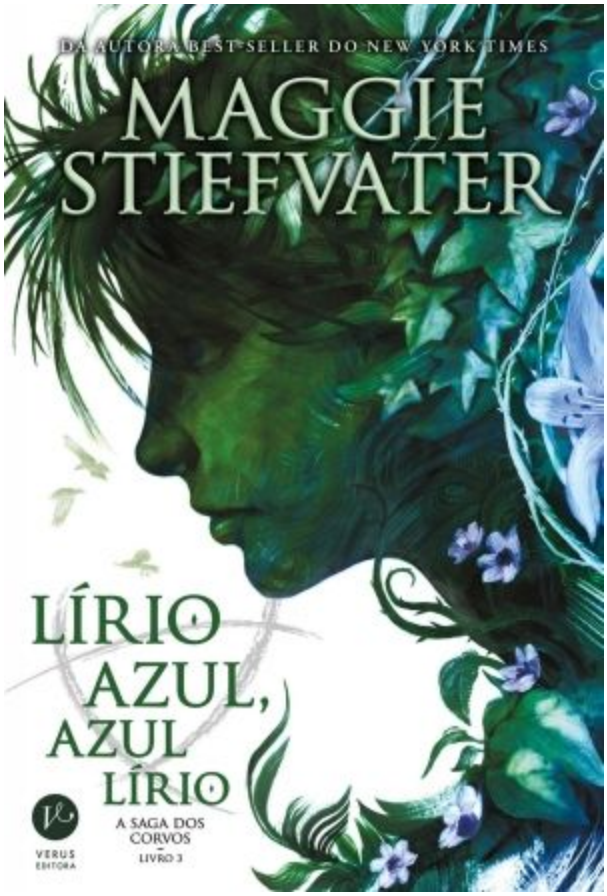
Adam ir embora e Ronan ser salvo e Adam voltar de novo. Era engraçado como um sonho continha realmente apenas as partes absolutamente melhores e piores do mundo animal. Opala andara com tanto medo do absolutamente pior que esquecera como sentia falta do absolutamente melhor.

Ela não tinha mais medo da promessa de uma nova Cabeswater.

Sempre quando estava em um sonho, se sentia tão mais incrível.

Sim — disse Opala. — Porque eu quero ir para casa.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.


DA AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
MAGGIE STIEFVATER
LÍRIO AZUL, AZUL LÍRIO
A SAGA DOS CORVOS
LIVRO 3
VERUS EDITORA

Lírio azul, azul lírio - A saga dos corvos - vol. 3

Stiefvater, Maggie 9788576864394
350 páginas Compre agora e leia

Blue Sargent encontrou coisas. Pela primeira vez na vida, ela tem amigos em quem pode confiar e um grupo ao qual pertencer. Os garotos corvos a acolheram como se ela fosse um deles. Os infortúnios deles tornaram-se dela e vice-versa.
O problema de coisas encontradas, porém, é a facilidade com que podem se perder.
Amigos podem trair.
Mães podem desaparecer.
Visões podem iludir.
Certezas podem se desfazer.
A Saga dos Corvos apresenta uma complexa teia de intrigas, magia e ação vertiginosa. Agora, com *Lírio Azul, Azul Lírio*, a teia torna-se ainda mais enigmática, capturando o leitor a cada reviravolta.
No terceiro volume da Saga dos Corvos você vai descobrir para onde Blue, Gansey, Adam, Ronan e Noah serão levados em sua jornada para encontrar o lendário Rei galês Glendower. Prepare-se para perigos e reviravoltas bizarras, no estilo sempre original de Maggie Stiefvater.

Compre agora e leia


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
SABAA TAHIR
UM
ASSASSINO
NOS
PORTÕES
LIVRO 3
UMA CHAMA ENTRE AS CINZAS
VERUS
EDITORA

Um assassino nos portões (Vol. 3 Uma chama entre as cinzas)

Tahir, Sabaa
9788576868453
434 páginas

Compre agora e leia

Um assassino nos portões é o terceiro volume da série de sucesso *Uma Chama entre as Cinzas*.

Dentro e fora do Império Marcial, a ameaça de guerra é cada vez maior...

Helene Aquilla, a Águia de Sangue, está sendo atacada de todos os lados. Enquanto procura uma maneira de conter a escuridão que se aproxima, a vida de sua irmã — assim como a de todos os cidadãos — corre risco. Assombrado pelo passado, o imperador Marcus se torna cada vez mais instável e violento, e a comandante Keris Veturia aproveita a loucura dele para aumentar o próprio poder, deixando uma carnificina em seu caminho.

Longe do Império, Laia de Serra sabe que o destino do mundo não depende das conspirações da corte marcial, e sim de alguém que consiga deter o Portador da Noite. Mas, enquanto procura um jeito de derrubá-lo, Laia enfrenta ameaças inesperadas e é atraída para uma batalha que nunca imaginou que precisaria lutar.

Enquanto isso, na terra entre os vivos e os mortos, Elias Veturius abriu mão da liberdade para servir como Apanhador de Almas. Mas, ao fazer isso, se entregou a um poder ancestral disposto a qualquer coisa para

garantir sua devoção — mesmo que isso signifique abandonar a mulher que ele ama.

Um assassino nos portões vai deixar os leitores implorando pelo desfecho desta série ágil e cheia de reviravoltas arrepiantes.

"Perfeito para fãs de *A corrida de Escorpião*, de Maggie Stiefvater, e da série *Trono de Vidro*, de Sarah J. Maas." — *Teen Vogue*

"Emocionante e difícil de largar; os leitores vão devorar este volume." — *BuzzFeed*

"O livro trata com habilidade de questões sérias, como os custos do genocídio e da guerra. Cheio de ação e emocionalmente envolvente, *Um assassino nos portões* é a leitura perfeita." — *The Washington Post*

"Tahir criou mais uma história irresistível, que desafia os leitores a parar de virar as páginas." — *Booklist*

"Os fãs da série não vão querer perder este volume eletrizante." — *Bookish*

Compre agora e leia


BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
SABAA TAHIR
VERUS EDITORA
UM CÉU ALÉM DA TEMPESTADE
LIVRO 4
UMA CHAMA ENTRE AS CINZAS

Um céu além da tempestade (Vol. 4 Uma chama entre as cinzas)

Tahir, Sabaa
9786559240272
490 páginas

Compre agora e leia

Quem vai sobreviver à tempestade?

***Um céu além da tempestade* é o devastador volume final da aclamada série *Uma chama entre as cinzas*. A pré-venda acompanha um conjunto de marcadores da série, um pôster da personagem Laia e um saquinho porta-livros exclusivo.**

Em *Um céu além da tempestade*, após ficarem mil anos aprisionados, os djinns partem para o ataque, dizimando vilarejos e cidades. Mas, para o Portador da Noite, a vingança contra os humanos é apenas o começo.

Ao seu lado, Keris Veturia se declara imperatriz e ameaça de morte todos aqueles que a desafiarem. No topo da lista estão a Águia de Sangue e o que resta de sua família.

Laia de Serra, agora aliada da Águia de Sangue, luta para se recuperar da perda das duas pessoas mais importantes de sua vida. Determinada a impedir o apocalipse que se aproxima, ela se lança à destruição do Portador da Noite. No processo, desperta um poder ancestral que pode levá-la à vitória — ou a uma tragédia inimaginável.

E, nas profundezas do Lugar de Espera, o Apanhador de Almas busca apenas esquecer a vida — e o amor — que deixou para trás. No entanto, fazer isso significa ignorar a trilha de assassinatos deixada pelo Portador da Noite e seus djinns. Para manter seu juramento e proteger o mundo humano do sobrenatural, o Apanhador de Almas deve olhar para além das fronteiras de sua terra. E assumir uma missão que pode salvar — ou destruir — tudo o que ele conhece.

"Uma das melhores séries de fantasia da década." - *Buzzfeed*

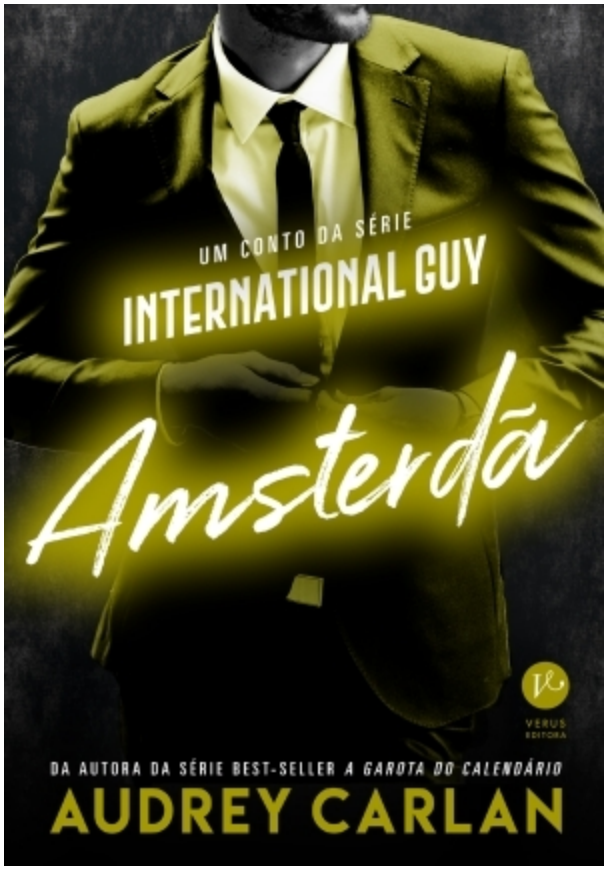
"Esta série mistura *Jogos vorazes* com *Game of Thrones*... e adiciona uma pitada de *Romeu e Julieta*." - *The Hollywood Reporter*

"A narrativa refinada de Tahir nunca perde o ritmo... Esta série é uma jornada do herói épica, com amor, aventura e magia entrelaçados." - *School Library Journal*

"Um lembrete inquietante do que significa ser humano." - *The Washington Post*

"Sabaa Tahir atrai tão habilmente o leitor para a vida e os pensamentos de seus personagens que todas as emoções deles — raiva, dor, amor, desejo — percorrem o seu coração a cada página virada. Uma conclusão de tirar o fôlego a esta série de fantasia incrivelmente rica e gratificante." - *Amazon Book Review*

Compre agora e leia


UM CONTO DA SÉRIE
INTERNATIONAL GUY
Amsterdã
VÊRUS EDITORA
DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO
AUDREY CARLAN

Amsterdã: Um conto da série International Guy

Carlan, Audrey 9788576868439
30 páginas

Compre agora e leia

Amsterdã é um conto divertido, sexy e doce. Para quem leu a série International Guy, será um prazer rever Parker Ellis e o amor da vida dele, Skyler Paige. Para aqueles que nunca leram, esta é uma ótima introdução a esse universo.

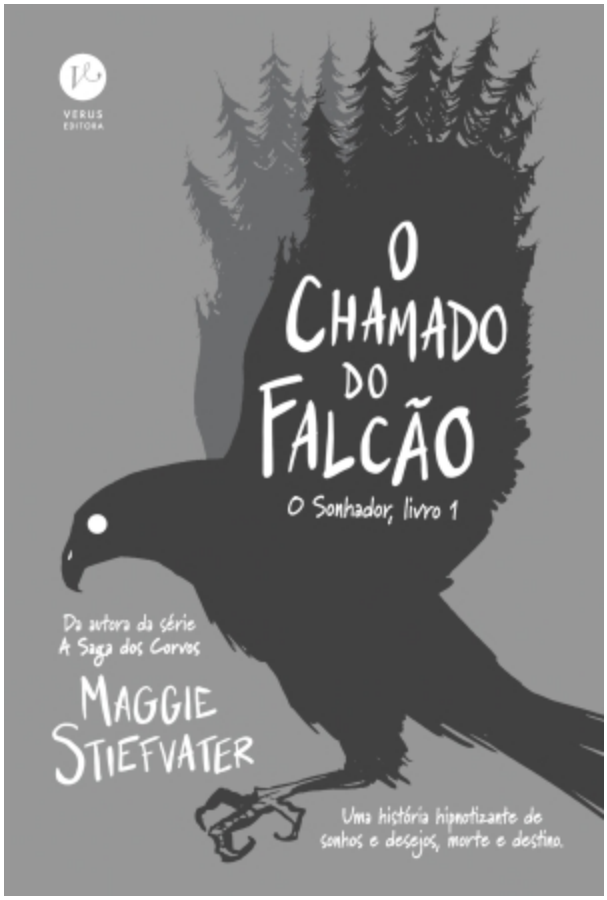
Em *Amsterdã*, Parker e Skyler planejam a escapada romântica perfeita: um fim de semana secreto na capital holandesa, sem ninguém para incomodar e longe dos olhares do público e da imprensa. Porém, quando se trata da mundialmente famosa estrela de cinema Skyler Paige, nada permanece em segredo por muito tempo.

Logo ao desembarcar, eles se deparam com uma horda de repórteres, fotógrafos e fãs que foram ao aeroporto em busca de um pedaço da atriz. Parker precisa usar toda a sua desenvoltura para encontrar um meio de fugir de tanto assédio.

É aí que entra um motorista holandês extremamente ágil e bem informado, que por acaso também atua como guia de turismo e professor de inglês e vai fazer de tudo para proporcionar ao casal famoso o fim de semana dos sonhos.

Entre barcos, tulipas e refeições inusitadas, Parker e Skyler terão um tempo precioso para se conectar e provar mais uma vez que a química entre os dois é explosiva.

Compre agora e leia


VERUS
EDITORA
O CHAMADO DO FALCÃO
O Sonhador, livro 1
Da autora da série
A Saga dos Corvos
MAGGIE STIEFVATER
Uma história hipnotizante de
sonhos e desejos, morte e destino.

O chamado do falcão (Vol. 1 O Sonhador)

Stiefvater, Maggie
9786559240227
476 páginas

Compre agora e leia

Da autora best-seller do *New York Times* e criadora da *Saga dos Corvos*, Maggie Stiefvater, *O chamado do falcão* é o primeiro livro da série *O Sonhador.*

Os sonhadores caminham entre nós… e o mesmo acontece com os sonhados. Aqueles que sonham não conseguem parar de sonhar — só podem tentar controlar o fenômeno. Aqueles que são sonhados não podem ter vida própria — eles dormirão para sempre se seus sonhadores morrerem.

E depois há aqueles que são atraídos pelos sonhadores. Para usá-los. Para prendê-los. Para matá-los antes que seus sonhos destruam todos nós.

Ronan Lynch é um sonhador. Ele pode extrair tanto curiosidades quanto catástrofes de seus sonhos e colocá-las em sua realidade comprometida.

Jordan Hennessy é uma ladra. Quanto mais ela se aproxima do objeto dos sonhos que procura, mais inextricavelmente se torna ligada a ele.

Carmen Farooq-Lane é uma caçadora. Seu irmão era um sonhador… e um assassino. Ela viu o que os sonhos podem fazer com uma pessoa. E viu o dano que os sonhadores podem causar.

Mas isso não é nada comparado à destruição que está para ser desencadeada…

O chamado do falcão é uma história hipnotizante de sonhos e desejo, morte e destino.

"Para escrever sobre magia, é melhor que você escreva como um anjo, na verdade como Maggie Stiefvater, que evoca uma América onde os sonhos se tornam realidade e as terríveis consequências aparecem de um jeito mais do que nítido." — *The Daily Mail*

"Esta nova série existe independentemente da anterior, o que é surpreendente para uma história com tantas camadas. É uma criatura totalmente diferente, que gira em torno das complexidades da família e das alegrias e pavores da criação. No entanto, mesmo tudo sendo novo, Ronan permanece o mesmo, uma estrela-guia que os leitores que já conhecem a história vão ficar felizes em rever e os que ainda não conhecem vão ficar alegres (ou nervosos) por descobrir." — *Booklist*

"Stiefvater é mestre em criar mundos verossímeis, ainda que inacreditavelmente complexos, e ela faz isso mais uma vez nesta obra... O livro se torna difícil de largar conforme o leitor espera para descobrir o destino do mundo. Fãs dos outros livros de Stiefvater ficarão ansiosos para começar a ler esta nova série em que vão poder se maravilhar com o mundo complicado que ela criou." — *School Library Connection*

"Os personagens primorosamente criados e a prosa inventiva impulsionam o enredo, repleto de reviravoltas satisfatórias. Apesar do escopo amplo, a narrativa permanece focada, chegando a uma conclusão dramática... Excepcional." — *Kirkus Reviews*

Compre agora e leia